



DIANA  
GABALDON

Um sopro  
de neve  
e cinzas

VOLUME ÚNICO

FABRICA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

DIANA  
GABALDON



# Um Sopro de Neve e Cinzas

OUTLANDER # 6 VOLUME ÚNICO

A BREATH OF SNOW AND ASHES  
2005

Tradução GENI HIRATA  
Rocco, 2010

DIANA GABALDON

Um Sopro de Neve e Cinzas

Tradução de GENI HIRATA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia.

Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Todos os direitos reservados

Copyright © 2005 by Diana Gabaldon

Edição brasileira publicada mediante acordo com a autora, a/c Baror International, Inc., Armonk, Nova York, EUA.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA. Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 — Rio de Janeiro — RJ Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-

2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais: MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Gills Gabaldon, Diana v. 1 Um sopro de neve e cinzas, 1ª parte / Diana Gabaldon; tradução de Geni Hirata. — Rio de Janeiro: Rocco, 2010. — (Outlander; v. 6)

Tradução de: A breath of snow and ashes

ISBN 978-85-325-2566-6 1.

Viagens no tempo — Ficção. 2. Carolina do Norte (Estados Unidos) — História — Período colonial, ca. 1600-1775 — Ficção. 3.

Ficção histórica. 4. Ficção americana. I. Hirata, Geni. II. Título. III. Série.

10-1893 CDD-813 CDU-821.111 (73)

# Sinopse



O ano é 1772, às vésperas da Revolução Americana, e o longo pavio da rebelião já corre aceso: em Boston as ruas estão coalhadas de mortos; na Carolina do Norte cabanas queimam na escuridão. E uma sombra se projeta sobre a casa em Fraser's Ridge onde moram o guerreiro escocês Jamie Fraser e sua família.

A colônia está em efervescência. O governador Josiah Martin precisa de alguém para unir as terras do interior, pacificar os ressentimentos entre colonos e índios e manter as montanhas a salvo para a Coroa Inglesa. Todos concordam que Jamie Fraser é o homem à altura da tarefa. Mas graças à mulher, Claire Randall, uma viajante do tempo, ele sabe que será fatal ficar do lado britânico. Dali a três anos as 13 colônias conseguirão sua independência, constituindo uma nova nação.

*Este livro é dedicado a*



*Charles Dickens,  
Robert Louis Stevenson,  
Dorothy L. Sayers,  
John D. MacDonald e  
P. G. Wodehouse*

# Agradecimentos



Agradeço imensamente a...

... meus dois maravilhosos editores, Jackie Cantor e Bill Massey, pela visão, pelo apoio, pelas valiosas sugestões quanto a Marsali e reações entusiásticas ("Opa") e por me comparar (favoravelmente, apresso-me a acrescentar) a Charles Dickens.

... meus excelentes e admiráveis agentes literários, Russell Galen e Danny Baror, que tanto fazem para chamar a atenção do mundo para estes livros — e assim garantir a faculdade de todos os meus filhos.

... Bill McCrea, curador do Museu de História da Carolina do Norte, e sua equipe, pelos mapas, registros biográficos, informações gerais e um delicioso café da manhã no museu. Adorei o cheese grits!

...equipe do Centro de Visitantes do campo de batalha de Moore's Creek Bridge, por sua atenção e por me fornecer cerca de vinte quilos de livros novos e interessantes — particularmente obras fascinantes como Roster of the Patriots in the Battle of Moore's Creek Bridge e Roster of the Loyalists in the Battle of Moore's Creek Bridge. Agradeço ainda por me explicarem o que é uma tempestade de granizo, porque tinham acabado de passar por uma. Não temos tempestades de granizo no Arizona.

... Linda Grimes, por apostar comigo que eu não conseguiria escrever uma cena interessante sobre o hábito de futucar o nariz. A culpa por isso é inteiramente dela.

... impressionante e extraordinária Barbara Schnell, que traduzia o livro para o alemão conforme eu o escrevia, quase emparelhada comigo, a fim de terminar a tempo para o lançamento na Alemanha.

... Silvia Kuttny-Walser e Petra Zimmerman, que moveram céus e terra para viabilizar a *première* alemã.

... Dr. Amarilis Iscold, pela abundância de detalhes e conselhos — e às vezes rolar no chão às gargalhadas — relativos às cenas médicas.

Quaisquer liberdades tomadas ou erros cometidos são inteiramente meus.

... Dr. Doug Hamilton, pelas informações especializadas de odontologia e do que seria ou não possível fazer com um par de fórceps, uma garrafa de uísque e uma lima de dentes de cavalo. ... Dr. David Blacklidge, pelas proveitosas informações sobre a fabricação, a utilização e os perigos do éter.

... Dr. William Reed e Dr. Amy Silverthorn, por me manterem respirando durante a estação do pólen para que eu pudesse terminar este livro.

... Laura Bailey, pelos comentários abalizados — e ainda ilustrados — sobre trajes de época e, em particular, pela valiosa sugestão de se golpear alguém com um suporte de espartilho.

... Christiane Schreiter, a cujas habilidades de detetive (e à boa vontade dos bibliotecários da Braunschweig Library) devemos a versão alemã da cavalgada de Paul Revere.

... Reverendo Jay McMillan, pela profusão de informações úteis e fascinantes relativas à igreja presbiteriana na América colonial —, bem como a Becky Morgan, por ter me apresentado ao reverendo Jay, e Amy Jones, pelas informações sobre a doutrina presbiteriana.

... Rafe Steinberg, pelas informações sobre horários, marés e questões gerais de navegação marítima — em particular, a valiosa



informação de que a maré muda a cada doze horas. Quaisquer erros a este respeito são definitivamente meus. E se a maré não mudou às 5:00 horas da manhã em 10 de julho de 1776, eu não quero saber.

... minha assistente Susan Butler, por lidar com dez milhões de anotações ininteligíveis, fazer três cópias de um original de 2.500 páginas e remeter tudo através do país de maneira competente e em tempo hábil.

... incansável e diligente Kathy Lord, que editou todo o original em um prazo inacreditavelmente exíguo, e nem ficou cega, nem perdeu o senso de humor.

... Virgínia Norey, a Deusa do Design Gráfico, que mais uma vez conseguiu comprimir todo o tijolo entre duas capas e torná-lo não só compreensível, mas elegante.

... Steven Lopata, pela inestimável assistência técnica em explosões e incêndios.

... Arnold Wagner, Lisa Harrison, Kateri van Huystee, Luz, Suzann Shepherd e Jo Bourne, pelas informações técnicas sobre a moagem de pigmentos, armazenamento de tinta e outros detalhes pitorescos como o fato de o "marrom egípcio" ser feito de múmias trituradas. Eu não sabia como inserir esse dado no livro, mas era bom demais para não ser compartilhado.

... Karen Watson, pela notável citação de seu ex-cunhado sobre as sensações de uma vítima de hemorroidas.

Pamela Patchet, pela excelente e instigante descrição de ter uma farpa enfiada embaixo da unha.

... Margaret Campbell, pelo maravilhoso exemplar de Piedmont Plantation.

... Janet McConnaughey, por sua visão de Jamie e Brianna jogando brag.

... Marte Brengle, Julie Kentner, Joanne Cutting, Carol Spradling, Beth Shope, Cindy R., Kathy Burdette, Sherry e Kathleen

Eschenburg, por informações úteis e comentários divertidos sobre Hinos Sombrios.

... Lauri Klobas, Becky Morgan, Linda Allen, Nikki Rowe e Lori Benton, pela assistência técnica em fabricação de papel.

... Kim Laird, Joel Altman, Cara Stockton, Carol Isler, Jo Murphey, Elise Skidmore, Ron Kenner e muitos, muitos (muitos, muitos) outros participantes do Compuserve Literary Fórum, agora renomeado como Books and Writers Community (<http://community.compuserve.com/books>), mas ainda a mesma reunião de excentricidade eclética, encontro de erudição e fonte de Fatos Realmente Estranhos, por sua contribuição em links, fatos e artigos que consideraram que pudessem ser úteis para mim. Sempre são.

... Chris Stuart e Backcountry, pelos maravilhosos CDs com que me presentearam, Saints and Strangers e Mohave River, ao som dos quais escrevi grande parte deste livro.

... Ewan MacColl, cuja interpretação de "Eppie Morrie" inspirou o Capítulo 85.

... Gabi Eleby, pelas meias, biscoitos e apoio moral — e às Ladies of Lallybroch, por sua ilimitada boa vontade, manifestada na forma de caixas de alimentos, cartas e enormes quantidades de sabonete, tanto industriais quanto artesanais ("Jack Randall Lavender" é agradável e também gosto muito do chamado "Breath of Snow". No entanto, o denominado "Lick Jamie Ali Over" era tão adocicado que o cachorro o comeu).

... Bev LaFrance, Carol Krenz, Gilbert Sureau, Laura Bradbury, Julianne, Julie e diversas outras pessoas amáveis, cujos nomes eu infelizmente esqueci de anotar, pela ajuda com as questões francesas.

... Monika Berrisch, por permitir que eu me apropriasse de sua persona.

... e a meu marido, Doug Watkins, que desta vez me deu as linhas de abertura do Prólogo.

# PRÓLOGO



O Tempo é quase tudo aquilo que se atribui a Deus. Há sempre o pré-existente e o infindável. Há a ideia de ser todo-poderoso — porque nada pode resistir ao tempo, pode? Nem montanhas, nem exércitos.

E o tempo, é claro, tudo pode curar. Dê bastante tempo ao tempo e tudo se resolverá: toda dor será contida, toda dificuldade eliminada, toda perda absorvida.

Das cinzas às cinzas, do pó ao pó. Lembre-se, "tu és pó e ao pó voltarás".

E, se o Tempo é de alguma forma semelhante a Deus, imagino que a Memória deva ser o Diabo.

# PARTE UM



*RUMORES DE GUERRA*



## CONVERSA INTERROMPIDA

O cachorro foi o primeiro a notá-los. Escuro como estava, Ian Murray sentiu, mais do que viu, a cabeça de Rollo se levantar repentinamente perto de sua coxa, as orelhas em pé. Ele colocou a mão no pescoço do cachorro e sentiu os pelos arrepiados em sinal de alerta.

Eram tão sintonizados um com o outro que ele nem pensou conscientemente "homens", mas colocou a outra mão na sua faca e permaneceu imóvel, respirando. Ouvindo.

A floresta estava silenciosa. Ainda faltavam horas para o amanhecer e o ar estava parado como em uma igreja, com uma névoa semelhante a incenso elevando-se lentamente do chão. Ele havia se estendido no resto do tronco caído de uma tulipeira gigantesca, preferindo a cócega dos cupins à umidade penetrante. Manteve a mão no cachorro, à espera.

Rollo rosnava, um rugido baixo e constante, que Ian mal conseguia ouvir, mas sentia com facilidade a vibração do rosnado viajando pelo seu braço, incitando todos os nervos do seu corpo. Ele não estivera adormecido — ele agora raramente dormia à noite —, mas ficara imóvel, em silêncio, fitando a abóbada do céu, absorto em sua habitual discussão com Deus. A tranquilidade desaparecera com o movimento de Rollo.

Sentou-se devagar, lançando as pernas para fora do tronco parcialmente apodrecido, o coração acelerado agora.

O aviso de Rollo não mudara, mas sua grande cabeça girou, seguindo algo invisível. Era uma noite sem lua; Ian podia ver as vagas silhuetas das árvores e as sombras móveis da noite, porém nada mais.

Então, ele os ouviu. Sons de passagem. A uma boa distância, mas se aproximando cada vez mais. Levantou-se e moveu-se silenciosamente para dentro de uma poça de escuridão sob um abeto balsâmico. Um estalo da língua e Rollo parou seu rosnado e o seguiu, silencioso como o lobo que fora seu pai.

O lugar de repouso de Ian dava vista para uma trilha de animais de caça. Os homens que a seguiam não estavam caçando.

Homens brancos. Isso era estranho, mais do que estranho. Ele não podia vê-los, mas não precisava; o ruído que faziam era inconfundível.

Os índios, quando viajavam, não eram silenciosos e muitos dos escoceses das Highlands entre os quais vivia podiam se mover como fantasmas na floresta — mas ele não tinha absolutamente nenhuma dúvida. Metal, era isso. Ele estava ouvindo o tinido de arreios, o clique de botões e fivelas — e canos de armas de fogo.

Muitos deles. Tão perto que começou a sentir seu cheiro. Inclinou-se um pouco para frente, os olhos cerrados, para melhor farejar alguma pista.

Carregavam peles de animais; ele captou o odor de sangue seco em pelo animal que provavelmente acordara Rollo — mas certamente não eram caçadores que usam armadilhas; o número deles era grande demais.

Esse tipo de caçador anda sozinho ou em duplas.

Homens pobres e sujos. Não montadores de armadilhas e não caçadores. A caça era fácil nesta época do ano, mas eles cheiravam a fome. E a suor de bebida barata.

Bem perto agora, talvez a uns três metros de onde ele estava. Rollo emitiu um ínfimo ronco e Ian novamente fechou a mão no pescoço do cachorro, mas os homens faziam barulho demais para ouvi-lo. Ele contou os passos conforme passavam, as batidas de cantis e caixas de balas, os grunhidos de dores nos pés e suspiros de cansaço.

Vinte e três homens, ele concluiu, e havia uma mula — não, duas mulas com eles; podia ouvir o atrito das cangalhas pesadas e aquela respiração arrastada e queixosa, própria de uma mula sobrecarregada, à beira da reclamação.

Os homens jamais os teriam detectado, mas um capricho do vento levou o cheiro de Rollo até as mulas. Um zurro ensurdecedor estilhaçou a escuridão e a floresta eclodiu diante dele com uma azáfama de colisões e gritos assustados. Ian já fugia em disparada quando tiros de pistola espocaram atrás dele.

— A Dhia! — Algo o atingiu na cabeça e ele se precipitou no chão.

Estaria morto? Não. Rollo enfiava um focinho molhado e preocupado em seu ouvido. Sua cabeça zumbia como uma colmeia e ele viu ofuscantes lampejos de luz diante de seus olhos.

— Corra! Ruith! — ele disse arquejante, empurrando o cachorro. — Vá embora! Corra! — O cachorro hesitou, choramingando no fundo da garganta. Ele não podia ver, mas sentiu o corpo grande do animal arremessar-se para a frente e virar-se, retornar, indeciso.

— Ruith! — Ergueu-se sobre as mãos e os joelhos, instigando, e o cachorro finalmente obedeceu, correndo como havia sido treinado a fazer.

Não havia tempo para ele mesmo correr, ainda que conseguisse ficar de pé. Estatelou-se no chão, enfiou os pés e as mãos o mais fundo possível na camada de folhas mortas e contorceu-se desesperadamente, enterrando-se.



Um pé pisou entre suas omoplatas, mas o ar que arrancou de seus pulmões foi abafado pelas folhas úmidas. Não tinha importância, eles estavam fazendo muito barulho. Quem quer que tenha pisado nele não percebeu; foi um golpe de raspão quando homens passaram correndo por cima dele em pânico, sem dúvida considerando-o um tronco apodrecido.



Os tiros cessaram. A gritaria não, mas ele não conseguia distinguir nada do que estava sendo gritado. Ele sabia que estava estendido de cara no chão, a umidade fria em suas faces e o cheiro forte de folhas mortas em seu nariz — mas sentia-se como se estivesse bêbado, o mundo girando devagar à sua volta. Sua cabeça não doía muito, depois da primeira explosão de dor, mas ele não se sentia capaz de levantá-la.

Teve o vago pensamento de que, se morresse ali, ninguém ficaria sabendo. Sua mãe se preocuparia, pensou, sem saber o que havia acontecido a ele.

Os barulhos tornaram-se mais fracos, mais ordenados. Alguém ainda gritava, mas era um som de comando. Estavam partindo. Ocorreu-lhe indistintamente que ele poderia chamá-los. Se soubessem que ele era branco, poderiam ajudá-lo. Mas talvez não.

Permaneceu quieto. Ou ele estava morrendo ou não estava. Se estivesse, não havia ajuda possível. Se não estivesse, nenhuma ajuda seria necessária.

Bem, eu lhe perguntei antes, não foi?, ele pensou, retomando sua conversa com Deus, calmo como se ainda estivesse estendido no tronco da tulipeira, fitando as profundezas do céu acima. Um sinal, eu disse.

Mas eu não esperava uma resposta tão imediata.

*CABANA DE MADEIRA**Março de 1773*

Ninguém sabia que havia uma cabana ali até que Kenny Lindsay viu as chamas, a caminho do riacho.

— Eu não teria visto de maneira alguma — ele disse, talvez pela sexta vez. — Foi somente porque começava a escurecer. Se fosse plena luz do dia, eu jamais saberia, jamais. — Passou a mão trêmula pelo rosto, incapaz de desviar os olhos da fileira de corpos estendida na margem da floresta. — Foram os selvagens, Mac Dubh? Não estão escalpelados, mas talvez...

— Não. — Jamie recolocou o lenço sujo de fuligem delicadamente sobre o rosto azul, de olhos arregalados, de uma menina. — Nenhum deles está ferido. Certamente você notou isso quando os trouxe para fora, não? Lindsay sacudiu a cabeça, os olhos fechados, tremendo convulsivamente. Era começo da noite de um frio dia de primavera, mas todos os homens suavam.

— Não olhei — ele disse simplesmente.

Minhas próprias mãos pareciam de gelo; tão dormentes e insensíveis quanto a carne macilenta da mulher morta que eu examinava. Estavam mortos há mais de um dia; a rigidez cadavérica já havia passado, deixando-os flácidos e gelados, mas o tempo frio

da primavera nas montanhas os preservara até agora das indignidades mais repulsivas da putrefação.

Ainda assim, eu respirava superficialmente; o ar tinha um cheiro penetrante de queimado. Filetes de vapor erguiam-se de vez em quando das ruínas carbonizadas da minúscula cabana de toras de madeira. Pelo canto do olho, vi Roger chutar uma tora próxima, depois se inclinar e pegar alguma coisa do chão.

Kenny batera estrondosamente em nossa porta muito antes do amanhecer, tirando-nos de nossas camas quentes. Acorremos apressadamente, mesmo sabendo que era tarde demais para servir de ajuda. Alguns colonos das pequenas fazendas de Fraser's Ridge também vieram; o irmão de Kenny, Evan, estava reunido em um pequeno círculo com Fergus e Ronnie Sinclair sob as árvores, conversando em voz baixa, em gaélico. — Você sabe o que aconteceu com eles, Sassenach? — Jamie agachou-se ao meu lado, a expressão transtornada. — Quero dizer, com aqueles embaixo das árvores. — Sacudiu a cabeça indicando o corpo à minha frente. — Eu sei o que matou esta pobre mulher.

A longa saia da mulher agitou-se com o vento, exibindo pés compridos e delgados, calçados com tamancos de couro. As longas mãos semelhantes aos pés jaziam imóveis ao lado do corpo. Ela era alta — embora não tanto quanto Brianna, pensei, e olhei automaticamente para os cabelos luminosos de minha filha, agitando-se entre os galhos de árvores do outro lado da clareira.

Eu virei o avental da mulher para cima para cobrir sua cabeça e a parte de cima do corpo. Suas mãos eram vermelhas e ásperas do trabalho pesado, as palmas calejadas, mas pela firmeza de suas coxas e pelo corpo esguio eu achava que não deveria ter mais de trinta anos — provavelmente bem mais jovem. Ninguém podia dizer se ela foi bonita.

Sacudi a cabeça diante da observação de Jamie.

— Não acho que ela morreu da queimadura — eu disse. — Veja, suas pernas e pés estão intocados. Ela deve ter caído dentro da lareira.

Seus cabelos pegaram fogo, que se espalhou pelos ombros de seu vestido. Ela deve ter se inclinado muito perto da parede ou da chaminé e tocado nas chamas; elas se alastraram e depois todo o lugar se incendiou.

Jamie balançou a cabeça devagar, os olhos na mulher morta.

— Sim, faz sentido. Mas o que foi que os matou, Sassenach? Os outros estão um pouco chamuscados, mas nenhum queimado como esta mulher. Mas já deviam estar mortos quando a cabana pegou fogo, porque nenhum deles saiu correndo para fora. Seria uma doença mortal, talvez? — Acho que não. Deixe-me ver os outros novamente.

Caminhei devagar pela fileira de corpos imóveis com seus rostos cobertos, inclinando-me sobre cada um para espreitar outra vez por baixo das mortalhas improvisadas. Havia inúmeras doenças que poderiam ser rapidamente fatais nesta época — sem nenhum antibiótico à mão e nenhum modo de administrar líquidos, a não ser pela boca ou pelo reto, um simples caso de diarreia podia matar em vinte e quatro horas.

Eu já vira casos assim com frequência suficiente para reconhecê-los com facilidade; qualquer médico reconhece, e eu era médica há mais de vinte anos. De vez em quando eu via casos neste século que nunca encontrara na minha própria época — particularmente horríveis doenças parasitárias, trazidas com o tráfico de escravos dos trópicos —, mas não fora nenhum parasita que matara aquelas pobres almas, e nenhuma doença que eu conhecesse, para deixar tais vestígios nas vítimas. Todos os corpos — a mulher queimada, uma mulher muito mais velha e três crianças — foram encontrados dentro da cabana em chamas.

Kenny as puxara para fora, pouco antes de o telhado ruir, depois cavalgara em busca de ajuda. Todos mortos antes de o incêndio começar; todos mortos praticamente ao mesmo tempo, portanto, pois seguramente o fogo começara a arder logo depois que a mulher caiu morta dentro da lareira.

As vítimas haviam sido cuidadosamente enfileiradas sob os galhos de um gigantesco abeto, enquanto os homens começavam a cavar uma sepultura nas proximidades. Brianna estava parada junto à menina menor, a cabeça abaixada. Eu me aproximei e me ajoelhei junto ao pequeno corpo, e ela se ajoelhou do outro lado, à minha frente.

— O que foi? — ela perguntou serenamente. — Veneno? Ergui os olhos, surpresa.

— Creio que sim. O que lhe deu essa ideia? Ela indicou com a cabeça o rosto azulado abaixo de nós. Ela havia tentado fechar os olhos, mas eles esbugalhavam-se por baixo das pálpebras, dando à menina um ar de surpresa horrorizada. As feições pequenas e rudes estavam contorcidas em um ricto de agonia e havia vestígios de vômito nos cantos da boca.

— Manual dos escoteiros — Brianna disse. Relanceou os olhos para os homens, mas nenhum estava bastante perto para ouvir. Sua boca torceu-se e ela desviou os olhos do corpo, estendendo a mão aberta. — "Nunca coma cogumelos desconhecidos" — citou. — "Há muitas variedades venenosas e somente um especialista sabe distingui-las." Roger encontrou isso, crescendo perto daquela tora ali.

Chapéus carnudos, úmidos, um marrom-claro com pontos brancos semelhantes a verrugas, os píleos abertos e os caules delgados tão pálidos que quase pareciam fosforescentes à sombra dos abetos. Sua aparência agradável, simples, contradizia sua letalidade.

— Cogumelo pantera — eu disse, quase para mim mesma, e peguei um cuidadosamente da palma de sua mão. — *Agaricus pantherinus*, ou assim serão chamados, quando alguém conseguir nomeá-los adequadamente. *Pantherinus* porque matam tão depressa como o ataque de um felino.

Pude ver a pele do braço de Brianna se arrepiar, levantando os pelos macios e dourados. Ela virou a mão e despejou o resto dos cogumelos venenosos no chão.

— Quem em seu perfeito juízo comeria esses cogumelos? — ela perguntou, limpando a mão na saia com um leve estremecimento.

— Pessoas que desconhecem o perigo. Pessoas que têm fome, talvez — respondi suavemente. Peguei a mãozinha da menina e percorri os ossos delicados de seu antebraço. A pequena barriga mostrava sinais de inchaço, se de desnutrição ou alterações post mortem eu não saberia dizer, mas as clavículas eram proeminentes como lâminas de foices.

Todos os corpos eram magros, embora não ao ponto da emaciação.

Ergui os olhos para as sombras azul-escuras da encosta da montanha acima da cabana. Ainda era cedo para sair em busca de provisões para estocar, mas havia alimentos em abundância na floresta — para os que sabiam reconhecê-los.

Jamie veio ajoelhar-se ao meu lado, a mão grande pousada de leve em minhas costas. Apesar do frio, um filete de suor escorria pelo seu pescoço e sua farta cabeleira ruiva estava escura nas têmporas.

— A cova está pronta — ele disse, falando baixo, como se pudesse assustar a criança. — Foi isso que matou a criança? — Indicou com a cabeça os cogumelos espalhados.

— Acho que sim, e os outros também. Deu uma olhada por aí? Alguém sabe quem eles são? Ele sacudiu a cabeça.

— Não são ingleses; as roupas não combinam. Alemães teriam ido para Salem, certamente; parecem pertencer a um clã, e essa gente não costuma se estabelecer sozinha num lugar. Talvez sejam holandeses. — Ele indicou os tamancos de madeira nos pés da mulher idosa, rachados e manchados pelo longo uso. — Não restou nenhum livro, nada escrito, se é que havia algum. Nada que pudesse indicar seus nomes. Mas...

— Não estavam aqui há muito tempo. — Uma voz baixa, rouca, me fez erguer os olhos. Roger se aproximara; agachou-se ao lado de Brianna, balançando a cabeça na direção dos restos fumegantes da cabana. Um pequeno canteiro de horta fora escavado na terra perto da casa, mas as poucas plantas que se viam não passavam de brotos, as folhas tenras murchas e enegrecidas com a geada tardia. Não havia barracões, nenhum sinal de animais domésticos, nenhuma mula ou porco.

— Novos emigrantes — Roger disse à meia-voz. — Não eram trabalhadores escravos, eram uma família. Também não estavam acostumados ao trabalho no campo; as mãos das mulheres têm bolhas e cicatrizes recentes. — Esfregou a própria mão grande inconscientemente sobre o joelho coberto com tecido rústico; suas palmas agora estavam tão uniformemente calejadas quanto as de Jamie, mas um dia ele fora um acadêmico de pele delicada; lembrou-se de sua dolorosa adaptação.

— Imagino se deixaram parentes para trás... na Europa — Brianna murmurou. Ela afastou delicadamente os cabelos louros da testa da menina e recolocou o lenço sobre seu rosto. Vi sua garganta mover-se quando engoliu em seco. — Nunca saberão o que aconteceu a eles.

— Não. — Jamie levantou-se abruptamente. — Dizem que Deus protege os tolos, mas acho que até o Todo-Poderoso perde a paciência de vez em quando.

Virou-se, fazendo sinal para Lindsay e Sinclair.



— Procurem o homem — disse. Todas as cabeças voltaram-se bruscamente para ele.

— Homem? — perguntou Roger, e depois olhou incisivamente para os restos queimados da cabana, finalmente compreendendo. — Sim...

quem construiu a cabana para elas? — As mulheres podem ter feito isso — disse Bri, levantando o queixo.

— Você poderia, sim — retrucou ele, a boca torcendo-se ligeiramente enquanto lançava um olhar de esguelha a sua mulher.

Brianna parecia-se com Jamie mais do que na coloração; tinha um metro e oitenta e três só de meias e os membros esbeltos e vigorosos de seu pai.

— Talvez pudessem, mas não foram elas — Jamie afirmou concisamente. Balançou a cabeça indicando a carcaça da cabana onde algumas peças de mobília ainda conservavam suas frágeis formas.

Enquanto eu olhava, o vento da noite desceu, varrendo os destroços, e o vulto de um banco desmoronou silenciosamente, desfazendo-se em cinzas, lufadas de fuligem e fragmentos carbonizados movendo-se como fantasmas pelo chão.

— O que quer dizer? — Levantei-me e fiquei ao lado dele, examinando os destroços da casa. Praticamente não sobrara nada em seu interior, embora a chaminé da lareira ainda estivesse de pé e restassem pedaços irregulares das paredes, suas toras caídas como em um jogo de varetas.

— Não há nenhum metal — ele disse, indicando a lareira enegrecida, onde se viam os restos de um caldeirão, rachado em dois pela ação do calor, o conteúdo evaporado. — Nenhuma panela, a não ser aquela, que é pesada demais para levar. Nenhuma ferramenta. Nem uma faca, nem um machado. E você pode ver que quem quer que tenha construído a cabana possuía ferramentas.

Era verdade; as toras não haviam sido descascadas, mas as pontas e encaixes tinham as marcas evidentes de um machado.

Franzindo o cenho, Roger pegou um galho comprido de pinheiro e começou a remexer nas pilhas de cinzas e escombros, para se certificar.

Kenny Lindsay e Sinclair não se deram ao trabalho; Jamie dissera-lhes para procurar um homem e eles prontamente o fizeram, desaparecendo no interior da floresta. Fergus acompanhou-os; Evan Lindsay, seu irmão Murdo e os McGillivray iniciaram a tarefa de coletar pedras para a pilha fúnebre sobre o túmulo.

— Se houvesse um homem... ele as teria deixado? — Brianna murmurou para mim, olhando de seu pai para a fileira de corpos. — Será que esta mulher achou que não conseguiriam sobreviver sozinhas? E assim tirado a própria vida, e de seus filhos, para evitar uma morte lenta de fome e frio? — Teria ido embora e levado as ferramentas? Meu Deus, espero que não. — Fiz o sinal da cruz diante da ideia, embora no mesmo instante eu duvidasse disso. — Elas não teriam partido em busca de ajuda? Mesmo com crianças... a neve praticamente já se foi. — Somente os caminhos mais altos nas montanhas ainda estavam cobertos de neve e, apesar de as trilhas e encostas estarem encharcadas e lamacentas com o derretimento da neve, há pelo menos um mês já estavam transitáveis.

— Encontrei o homem — Roger disse, interrompendo meus pensamentos. Ele falou com muita calma, mas parou para limpar a garganta. — Bem... bem aqui.

A luz do dia começava a desaparecer, mas pude notar que ele empalidecera. Não era de admirar; a forma curvada que ele desencavara de baixo das toras carbonizadas de uma parede desmoronada era suficientemente repulsiva para fazer qualquer um perder a fala.

Completamente carbonizado, as mãos erguidas na pose de um boxeador tão comum nos mortos pelo fogo, era difícil até mesmo ter certeza de que realmente se tratava de um homem — embora eu achasse que era, pelo que podia ver.

As especulações sobre esse novo corpo foram interrompidas por um grito vindo da mata.

— Nós os encontramos, milorde! Todos levantaram os olhos da contemplação deste novo cadáver para ver Fergus acenando da beirada do bosque.

Na verdade, dois homens desta vez. Esparramados no solo na sombra das árvores, encontrados não juntos, mas não muito longe um do outro, a uma curta distância da casa. E ambos, até onde eu podia saber, provavelmente mortos por envenenamento com os cogumelos.

— Esse não é nenhum holandês...

Sinclair disse, provavelmente pela quarta vez, sacudindo a cabeça enquanto fitava um dos corpos.

— Talvez seja — Fergus disse, em dúvida. Ele coçou o nariz com a ponta do gancho que usava no lugar da mão esquerda. — Das Antilhas, no? Um dos corpos desconhecidos era de fato de um homem negro. O outro era branco e ambos usavam roupas simples e gastas, de tecido rústico, sem nenhuma característica distinta — camisas e calças; nenhum casaco, apesar do tempo frio. E ambos estavam descalços.

— Não. — Jamie sacudiu a cabeça, esfregando uma das mãos inconscientemente em suas próprias calças, como se quisesse se livrar do toque no cadáver. — Os holandeses mantêm escravos em Barbuda, sim... mas estes estão mais bem alimentados do que o pessoal da cabana.

— Ergueu o queixo na direção da fileira silenciosa de mulheres e crianças. — Não moravam aqui. Além do mais... — Vi seus olhos se fixarem nos pés do morto.

Os pés estavam sujos ao redor dos tornozelos e cheios de calos, mas basicamente limpos. As solas dos pés do negro mostravam-se de um rosa amarelado, sem manchas de lama ou fragmentos de folhas presos entre os dedos. Esses homens não estavam andando pela floresta lamacenta a pé, quanto a isto não havia dúvida.

— Então, talvez houvesse mais homens? E quando estes morreram os companheiros levaram seus sapatos, e qualquer outra coisa de valor — Fergus acrescentou de maneira prática, gesticulando da cabana incendiada para os corpos semidespidos e fugiram.

— Sim, talvez. — Jamie franziu os lábios, o olhar viajando devagar pelo terreno do pátio, mas a terra estava remexida com pegadas, tufos de capim arrancados e inteiramente coberta de cinzas e fragmentos de madeira carbonizada. Parecia que o lugar havia sido assolado por hipopótamos enlouquecidos.

— Gostaria que o Jovem Ian estivesse aqui. Ele é o melhor dos rastreadores, talvez pudesse ao menos dizer o que aconteceu lá. — Ele balançou a cabeça na direção das árvores, onde os homens foram encontrados.

O próprio Jamie não era mau rastreador. Mas a luz do dia desaparecia rapidamente agora; mesmo na clareira onde estava a cabana destruída pelo fogo, a escuridão crescia, concentrando-se sob as árvores, rastejando como óleo pela terra devastada.

Seus olhos dirigiram-se para o horizonte, onde nuvens esgarçadas começavam a resplandecer em ouro e rosa conforme o sol declinava por trás delas, e ele sacudiu a cabeça.

— Enterre-os. Depois, vamos embora.

Ainda restava mais uma descoberta lúgubre. O homem carbonizado fora o único entre os mortos que não morrera do fogo ou do veneno.

Quando ergueram o corpo das cinzas para levá-lo à sepultura, algo se desprende, caindo com um pequeno baque surdo no chão. Brianna pegou-o e esfregou-o com a ponta de seu avental.

— Acho que não viram isso — ela disse, um pouco desoladamente, exibindo o objeto. Era uma faca, ou a lâmina de uma. O cabo de madeira fora inteiramente consumido pelo fogo e a própria lâmina estava torta pelo calor.

Revestindo-me de coragem contra o odor forte e cáustico de carne e gordura queimadas, debrucei-me sobre o corpo, cutucando com cuidado a região do diafragma. O fogo destrói quase tudo, mas preserva as coisas mais estranhas. O ferimento triangular estava perfeitamente nítido, cauterizado na cavidade sob as costelas. — Ele foi esfaqueado — eu disse, limpando minhas mãos suadas em meu próprio avental.

— Eles o mataram — Bri disse, observando meu rosto. — E depois sua esposa. — Olhou para a jovem mulher no chão, o avental ocultando sua cabeça. — Ela fez um ensopado com os cogumelos e todos o comeram. As crianças também.

A clareira ficou em silêncio, a não ser pelos chamados distantes de pássaros na montanha. Eu podia ouvir meu próprio coração, batendo dolorosamente no peito. Vingança? Ou simples desespero? — Sim, talvez — Jamie disse baixinho. Abaixou-se para pegar uma ponta do pano rústico e grosso com que haviam coberto o corpo. — Vamos considerar um acidente.

O holandês e sua família foram enterrados juntos em uma única sepultura, os dois estranhos em outra.

Um vento frio começou a soprar quando o sol se pôs; o avental voou de cima do rosto da mulher quando a levantaram. Sinclair deu um grito estrangulado de choque e quase a deixou cair.

Ela já não tinha rosto, nem cabelos; a cintura fina estreitava-se abruptamente nos restos carbonizados. A carne da cabeça fora

completamente devorada pelo fogo, deixando um crânio enegrecido, estranhamente minúsculo, de onde os dentes exibiam-se com uma desconcertante frivolidade.

Abaixaram-na apressadamente para dentro da cova rasa, as crianças e a mãe ao seu lado, e deixaram a mim e Brianna a tarefa de construir um pequeno monumento de pedras empilhadas sobre a sepultura, à maneira antiga dos escoceses, para marcar o lugar e proteger contra animais selvagens; enquanto isso, um lugar de repouso mais rudimentar era cavado para os dois homens descalços.

Uma vez terminado o trabalho, todos se reuniram, pálidos e em silêncio, ao redor das pilhas de pedras. Vi Roger postar-se ao lado de Brianna, o braço protetoramente ao redor de sua cintura. Um pequeno tremor a percorreu, que eu achei que nada tinha a ver com o frio. Seu filho, Jemmy, era um ou dois anos mais novo do que a menina menor.

— Vai dizer algumas palavras, Mac Dubh? — Kenny Lindsay olhou interrogativamente para Jamie, puxando seu gorro de tricô sobre as orelhas para se proteger do frio crescente.

Já era quase noite e ninguém queria se demorar por ali. Teríamos que acampar em algum lugar bem longe do cheiro de queimado, e isso já seria bastante difícil de ser feito naquela escuridão. Mas Kenny tinha razão; não podíamos partir sem ao menos uma cerimônia simbólica, uma despedida para os estranhos.

Jamie sacudiu a cabeça. — Não, que Roger Mac o faça. Se eles eram holandeses, provavelmente eram protestantes.

Apesar da luz fraca, vi o olhar incisivo que Brianna lançou a seu pai.

Era verdade que Roger era presbiteriano; assim como Tom Christie, um homem muito mais velho cujo semblante austero refletia sua opinião sobre os procedimentos. A questão da religião,

entretanto, não passava de um pretexto, e todos sabiam disso, inclusive Roger.

Roger clareou a garganta com um ruído semelhante a um pano de morim sendo rasgado. Era sempre um som doloroso; agora, havia raiva nele também. Mas ele não protestou e fitou Jamie diretamente nos olhos, enquanto assumia seu lugar na cabeceira da sepultura.

Pensei que ele fosse simplesmente rezar o pai-nosso ou talvez recitar um dos salmos mais ligeiros. Entretanto, outras palavras lhe ocorreram.

— Clamo contra a violência e ninguém me responde; levanto minha voz e não há quem me faça justiça. Ele fechou meu caminho para que eu não possa passar e espalha trevas nas minhas veredas.

Sua voz um dia fora potente, e bela. Era estrangulada agora, não mais do que uma sombra rascante de sua antiga beleza, mas havia força suficiente na paixão com que ele falava para fazer todos que o ouviam abaixar a cabeça, os rostos imersos nas sombras.

— Despojou-me de minha honra e tirou-me a coroa da cabeça.

Destruiu-me por inteiro, e pereço; desenraizou minha esperança como uma árvore. — Seu rosto estava composto, mas seus olhos pousaram por uma fração de segundo no toco carbonizado que servira à família de holandeses para cortar lenha.

— Meus irmãos foram para longe de mim, meus amigos de mim se afastaram. Meus parentes desapareceram e meus amigos se esqueceram de mim. — Vi os três irmãos Lindsay trocar olhares e todos se aconchegaram mais, contra o vento crescente.

— Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós, que sois meus amigos, pois a mão de Deus me tocou.

Brianna fez um leve movimento ao seu lado e ele limpou a garganta outra vez, explosivamente, distendendo o pescoço de modo que pude vislumbrar a cicatriz da corda que a desfigurava.

— Oh, se minhas palavras pudessem ser escritas! Oh, se pudessem ser consignadas num livro, gravadas por estilete de ferro e com chumbo para sempre numa rocha! Ele olhou lentamente ao redor, de um rosto ao outro, o seu próprio impassível, em seguida respirou fundo para continuar, as palavras entrecortadas.

— Eu sei que meu redentor vive, e aparecerá, finalmente, sobre a terra. E depois de consumida esta minha pele — Brianna estremeceu convulsivamente e desviou o olhar do tosco montículo de terra. — fora da minha própria carne, verei Deus. Eu mesmo o contemplarei, meus olhos o verão. Ele parou e ouviu-se um leve suspiro coletivo, quando todos soltaram o ar que estavam prendendo. Mas ele ainda não havia acabado.

Ele procurara, quase inconscientemente, a mão de Bri, e segurava-a com força. Proferiu as últimas palavras quase que para si mesmo, eu pensei, alheio a seus ouvintes.

— Temei o gume da espada, pois a cólera traz o castigo da espada, para saberes que há justiça.

Estremeci e a mão de Jamie dobrou-se sobre a minha, fria, mas forte. Ele olhou para mim e nossos olhos se encontraram. Eu sabia o que ele estava pensando.

Ele pensava, como eu, não no presente, mas no futuro. Em uma pequena nota que apareceria em três anos, nas páginas do *Wilmington Gazette*, datada de 13 de fevereiro de 1776.

*É com pesar que recebemos a notícia da morte de James MacKenzie e de sua mulher, Claire Fraser, num incêndio de grandes proporções que destruiu sua casa no assentamento de Fraser's Ridge, na noite de 21 de janeiro passado. O sr. Fraser, sobrinho do falecido Hector Cameron, de River Run Plantation, nasceu em Broch Tuarach, na Escócia. Ele era conhecido por todos na Colônia e profundamente respeitado; não deixam filhos.*

Tinha sido fácil, até agora, não pensar muito nisso. Tão longe no futuro, e certamente não em um futuro inexorável —



afinal, o prevenido vale por dois... certo? Olhei para a sepultura rasa e um calafrio mais profundo me percorreu. Aproximei-me mais de Jamie e coloquei a outra mão em seu braço. Ele a cobriu com a sua e apertou-a levemente, tranquilizando-me.

Não, ele me dizia silenciosamente. Não, eu não deixarei isso acontecer.

Mas quando deixávamos a melancólica clareira não pude livrar minha mente de uma imagem vívida. Não da cabana incendiada, dos lamentáveis corpos, da patética horta morta. A imagem que me assombrava era a que eu vira alguns anos antes — uma lápide nas ruínas do Priorado de Beauuly, no alto das montanhas escocesas.

Era o túmulo de uma nobre dama, seu nome encimado pela escultura de uma caveira — muito parecida com aquela sob o avental da holandesa. Abaixo do crânio, lia-se seu lema: *Hodie mihi eras tibi — sic transit gloria mundi*.

Minha vez hoje, a sua amanhã. Assim transcorre a glória do mundo.



### *MANTENHA OS AMIGOS POR PERTO*

Chegamos de volta a Fraser's Ridge pouco antes do pôr do sol do dia seguinte e encontramos uma visita nos aguardando. O major Donald MacDonald, ex-integrante do exército de Sua Majestade e mais recentemente membro da guarda montada do governador Tryon, estava sentado na varanda da frente, meu gato no colo e uma caneca de cerveja a seu lado.

— Sra. Fraser! Seu criado, madame — ele chamou alegremente, vendo me aproximar. Tentou se levantar, mas soltou uma arfada quando Adso, opondo-se à perda de seu ninho aconchegante, enfiou as garras nas coxas do major.

— Por favor, fique sentado, major — eu disse, abanando a mão para que permanecesse onde estava. Ele deixou-se cair sentado outra vez com uma careta de dor, mas heroicamente absteve-se de atirar Adso no meio dos arbustos. Subi à varanda e sentei-me ao seu lado, suspirando de alívio.

— Meu marido só está cuidando dos cavalos; virá direto para cá.

Vejo que alguém o recebeu. — Fiz um sinal com a cabeça indicando a cerveja, que ele prontamente me ofereceu com um gesto cavalheiresco, limpando a boca da caneca na manga do casaco.

— Oh, sim, madame — assegurou-me. — A sra. Bug foi muito diligente com o meu bem-estar.

Para não parecer indelicada, aceitei a cerveja, que na verdade caiu muito bem. Jamie estava ansioso para voltar e estávamos na sela desde o amanhecer, com apenas um breve intervalo para um lanche ao meio-dia.

— E uma excelente cerveja — o major disse, sorrindo quando soltei a respiração depois de um gole, meus olhos semicerrados. — Foi a senhora mesma quem fez? Sacudi a cabeça e tomei mais um gole, antes de lhe devolver a caneca.

— Não, foi Lizzie. Lizzie Wemyss.

— Oh, sua criada; sim, claro. Poderia transmitir-lhe minhas congratulações? — Ela não está aqui? — Relanceei o olhar para a porta aberta atrás dele, um pouco surpresa. A esta hora do dia, eu esperava que Lizzie estivesse na cozinha, preparando o jantar, mas ela, sem dúvida, teria nos ouvido chegar e saído. Não havia nenhum cheiro de comida, agora que eu prestava atenção. Ela não saberia quando nós deveríamos estar de volta, é claro, mas...

— Humm, não. Ela está... — O major franziu as sobrancelhas no esforço de se lembrar e eu me perguntei até que ponto a caneca estaria cheia quando ele começou a beber; não restavam mais do que uns três ou quatro centímetros agora. — Ah, sim. Ela foi à casa dos McGillivray com seu pai, segundo a sra. Bug. Visitar o noivo, eu creio.

— Sim, ela está noiva de Manfred McGillivray. Mas a sra. Bug...

— Está na casa de refrigeração — ele disse, com um sinal da cabeça na direção da colina que levava à casinhola na fonte. — Qualquer coisa a respeito de queijo, acho que foi o que ela disse. Uma omelete me foi amavelmente oferecida para o jantar.

— Ah... — Relaxei um pouco mais, a poeira da cavalgada assentando-se com a cerveja. Era maravilhoso voltar para casa, embora minha sensação de paz estivesse abalada, conspurcada pela lembrança da cabana incendiada.

Eu imaginava que a sra. Bug tivesse lhe contado nossa missão, mas ele não fez nenhuma referência a isso — nem a nada que o tivesse levado até Ridge. É claro que não; todas as questões de negócios aguardariam apropriadamente por Jamie. Nesse ínterim, sendo mulher, eu seria alvo apenas de um cavalheirismo impecável e de pequenos mexericos sociais.

Eu podia lidar com bisbilhotices sociais, mas precisava estar preparada para isso; eu não possuía um jeito natural.

— Ah... Seu relacionamento com meu gato parece ter melhorado — arrisquei. Olhei involuntariamente para sua cabeça, mas sua peruca parecia ter sido habilidosamente ajeitada.

— E um princípio tácito na política, eu creio — ele disse, passando os dedos entre os pelos prateados e espessos da barriga de Adso. — Mantenha os amigos por perto... e os inimigos mais ainda.

— Muito sábio — eu disse, sorrindo. — Hã... espero que não tenha esperado muito.

Ele deu de ombros, insinuando que qualquer espera era irrelevante, o que geralmente era. As montanhas tinham seu próprio tempo, e um homem sensato não tentava apressá-las. MacDonald era um soldado experiente, e viajado, mas ele nascera em Pitlochry, suficientemente perto dos picos das Highlands para conhecer seus costumes.

— Eu cheguei hoje de manhã — ele disse. — De New Bern. Sininhos de aviso começaram a tilintar no fundo da minha mente.

Ele levaria bem uns dez dias para viajar de New Bern até ali, se tivesse vindo direto — e o estado de seu uniforme amarrotado e sujo de lama sugeria que ele o fizera. New Bern era onde o novo governador real da colônia, Josiah Martin, fixara residência. E para MacDonald ter dito "De New Bern", em vez de mencionar a última parada de sua jornada, deixava razoavelmente claro para mim que,

qualquer que fosse o assunto que motivara esta visita, tivera origem em New Bern. Eu desconfiava de governadores.

Olhei na direção do caminho que levava ao curral, mas ainda não havia sinal de Jamie. Mas sim da sra. Bug, emergindo do caminho da casinhola de refrigeração; acenei para ela e ela gesticulou entusiasticamente em sinal de boas-vindas, embora atrapalhada por um balde de leite em uma das mãos, um cesto de ovos na outra, uma vasilha de barro de manteiga embaixo de um dos braços e um grande pedaço de queijo cuidadosamente preso embaixo do queixo. Ela conseguiu descer a ladeira íngreme com sucesso e desapareceu atrás da casa, na direção da cozinha.

— Omeletes por todos os lados, ao que parece — observei, voltando-me novamente para o major. — Por acaso, o senhor atravessou Cross Creek? — De fato, madame. A tia de seu marido envia suas lembranças, e uma boa quantidade de livros e jornais, que eu trouxe comigo.

Ultimamente, eu também desconfiava dos jornais, embora os acontecimentos que noticiavam houvessem indubitavelmente ocorrido várias semanas, ou meses, atrás. Ainda assim, fiz alguns sons de agradecimento, desejando que Jamie se apressasse, para que eu pudesse me ausentar. Meus cabelos cheiravam a queimado e minhas mãos ainda se lembravam do toque em carne fria; eu queria muito tomar um banho.

— Desculpe-me, o que disse? — Eu havia perdido alguma coisa que MacDonald dizia. Ele inclinou-se educadamente para repetir, depois deu um salto brusco, os olhos arregalando-se.

— Maldito gato! Adso, que estivera fazendo uma excelente imitação de um pano de prato largado no colo do major, ficara ereto de repente, os olhos brilhando e a cauda reta como uma escovinha de garrafa, sibilando como uma chaleira, enquanto flexionava e enfiava as garras com força nas pernas do major. Não tive tempo de reagir antes de Adso saltar por cima do ombro de MacDonald e

arremessar-se pela janela aberta do consultório atrás dele, rasgando o babado da roupa do major e entortando a sua peruca.

MacDonald praguejava abertamente, mas eu não podia lhe dar atenção. Rollo vinha correndo pelo caminho na direção da casa, sinistro e parecendo um lobo no crepúsculo, mas agindo tão estranhamente que eu já estava de pé antes que um pensamento consciente pudesse atravessar minha mente e me fazer levantar.

O cachorro corria na direção da casa, girava uma ou duas vezes como se não conseguisse decidir o que fazer em seguida, depois corria de volta para a floresta, virava e corria novamente na direção da casa, o tempo todo ganindo de agitação, a cauda baixa e balançando.

— Meu Deus! — exclamei. — O maldito Timmy caiu no poço! — eu disse, lembrando-me do seriado Lassie. Desci correndo os degraus da varanda e corri pelo caminho, mal registrando a imprecação alarmada do major às minhas costas.

Encontrei Ian a algumas centenas de metros abaixo do caminho, consciente, mas zozzo. Ele estava sentado no chão, os olhos fechados e as duas mãos segurando a cabeça, como se quisesse impedir que os ossos de seu crânio se soltassem. Ele abriu os olhos quando caí de joelhos ao seu lado e me deu um sorriso desfocado.

— Tia — ele disse, com voz rouca. Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas não conseguia decidir o quê; sua boca abria-se, mas em seguida simplesmente pendia aberta, a língua movendo-se pensativamente de um lado para outro.

— Olhe para mim, Ian — eu disse, com toda calma que consegui reunir. Ele obedeceu, bom sinal. Estava escuro demais para ver se suas pupilas estavam anormalmente dilatadas, porém, mesmo na escuridão da noite sob os pinheiros que ladeavam o caminho, eu podia ver a lividez de seu rosto e o rasto escuro das manchas de sangue pela sua camisa.

Passos velozes vinham atrás de mim pela trilha; Jamie, seguido de perto por MacDonald.

— Como está, rapaz? Jamie agarrou-o pelo braço e Ian oscilou devagar na direção dele, depois deixou as mãos caírem, fechou os olhos e relaxou nos braços de Jamie com um suspiro.

— Ele está muito mal? — Jamie falou ansiosamente por cima do ombro de Ian, segurando-o sentado, enquanto eu o examinava rapidamente à procura de ferimentos. As costas de sua camisa estavam saturadas de sangue seco, mas estava seco. Seus cabelos compridos, presos na nuca, também estavam rígidos de sangue seco e eu logo encontrei o ferimento na cabeça.

— Acho que não. Algo o atingiu com força na cabeça e arrancou um naco de seu couro cabeludo, mas...

— Acha que foi um tacape? MacDonald inclinou-se sobre nós, solícito.

— Não — Ian disse sonolentemente, o rosto abafado contra a camisa de Jamie. — Uma bala.

— Saia daqui, cachorro — Jamie disse secamente a Rollo, que enfiara o focinho no ouvido de Ian, provocando um grito sufocado do paciente e fazendo-o levantar os ombros involuntariamente. — Darei uma olhada na luz, mas talvez não seja muito grave — eu disse, observando sua reação. — Afinal, ele conseguiu caminhar uma boa distância. Vamos levá-lo para casa.

Os homens se arranjaram da melhor maneira possível para carregá-lo pela trilha acima, os braços de Ian sobre seus ombros, e em poucos minutos ele já estava deitado de barriga para baixo na mesa do meu consultório. Ali, ele nos contou a história de suas aventuras, de uma maneira desconexa, pontuada de pequenos guinchos conforme eu limpava o ferimento, cortava pequenos nódulos de cabelo e sangue coagulado e dava cinco ou seis pontos em seu couro cabeludo.

— Achei que tinha morrido — Ian disse, sugando ar através dos dentes conforme eu passava o fio áspero pelas bordas do ferimento irregular. — Santo Deus, tia Claire! Mas acordei de manhã e, afinal, não estava morto, embora eu achasse que minha cabeça tinha rachado e meu cérebro escorria pelo pescoço.

— Foi quase isso — murmurei, concentrando-me em meu trabalho.

— Mas não acho que tenha sido uma bala.

Isso despertou a atenção de todos.

— Não levei um tiro? — Ian souou ligeiramente indignado. A mão grande ergueu-se e vagou na direção da parte de trás da cabeça; eu dei-lhe um tapa de leve para afastá-la.

— Fique quieto. Não, você não levou um tiro, não se vanglorie.

Havia um pouco de terra no ferimento e farpas de madeira e casca de árvore. Se eu tivesse que adivinhar, um dos tiros derrubou um galho morto de uma árvore e ele o atingiu na cabeça ao cair.

— Tem absoluta certeza de que não foi um tacape? — O major também parecia desapontado.

Dei o último nó e cortei o fio, sacudindo a cabeça.

— Acho que nunca vi um ferimento de tacape, mas não creio que este seja. Estão vendo como as bordas são irregulares? E o couro cabeludo foi dilacerado, mas acho que o osso não foi fraturado.

— Estava escuro como breu, o rapaz disse — Jamie interpôs com lógica. — Nenhuma pessoa sensata iria atirar um tacape numa floresta escura em alguma coisa que não conseguia ver. — Ele segurava a lamparina a álcool para eu poder trabalhar; ele aproximou-a, para que pudéssemos ver não só a linha irregular dos pontos, mas a região machucada ao redor, revelada pelos cabelos que eu havia cortado.



— Sim, está vendo? — Jamie afastou delicadamente com os dedos os curtos fios de cabelo que restaram, mostrando vários arranhões profundos que marcavam a região arroxeadada. — Sua tia tem razão, Ian.

Você foi atacado por uma árvore. Ian abriu uma fenda em um dos olhos.

— Alguém já lhe disse como você é engraçado, tio Jamie? — Não.

Ian fechou o olho.

— Tudo bem, porque você não é.

Jamie sorriu e apertou o ombro do rapaz.

— Está se sentindo um pouco melhor, hein? — Não.

— Sim, bem, a questão é — o major MacDonald interrompeu — que o rapaz realmente se deparou com algum tipo de bandido, não é? Teve algum motivo para achar que eram índios? — Não — Ian afirmou mais uma vez, mas desta vez abriu completamente o olho. Estava injetado. — Não eram índios.

MacDonald não pareceu satisfeito com a resposta.

— Como pode ter certeza, rapaz? — ele perguntou, um pouco incisivamente. — Se estava escuro, como você diz...

Vi Jamie olhar com um ar inquisitivo para o major, mas ele não interrompeu. Ian gemeu um pouco, depois suspirou e respondeu.

— Eu senti o cheiro deles — ele disse, acrescentando quase imediatamente —, acho que vou vomitar.

Ergueu-se sobre um dos cotovelos e prontamente o fez. Isso definitivamente colocou um ponto final em mais perguntas e Jamie levou o major MacDonald para a cozinha, deixando-me o encargo de limpar Ian e acomodá-lo da maneira mais confortável possível.

— Consegue abrir os dois olhos? — perguntei, depois de arrumá-lo e deitá-lo de lado, com um travesseiro sob a cabeça.

Ele conseguiu, piscando um pouco com a luz. A pequena chama azul da lamparina refletiu-se duas vezes na escuridão de seus olhos, mas as pupilas encolheram-se imediatamente — e juntas.

— Isso é bom — eu disse, recolocando a lamparina sobre a mesa.

— Deixe isso aí, cachorro — eu disse a Rollo, que farejava o estranho cheiro da lamparina, que queimava uma mistura de conhaque de baixa qualidade e terebintina. — Segure meus dedos, Ian.

Estendi meus dedos indicadores e ele lentamente envolveu as mãos grandes e ossudas ao redor de cada um. Eu o fiz passar pelos testes de danos neurológicos, fazendo-o apertar, puxar, empurrar e terminei auscultando seu coração, que batia regularmente.

— Uma leve concussão — anunciei, endireitando-me e sorrindo para ele.

— Oh, é mesmo? — ele perguntou, estreitando os olhos para mim.

— Significa que sua cabeça dói e você sente náuseas. Estará melhor em alguns dias. — Eu poderia ter lhe dito isso — ele murmurou, acomodando-se.

— É verdade — concordei. — Mas "concussão" soa bem mais importante do que "cabeça rachada", não é? Ele não riu, mas esboçou um ligeiro sorriso em resposta.

— Pode dar comida a Rollo, tia? Ele se recusava a me deixar sozinho no caminho; deve estar com muita fome.

Rollo empinou as orelhas à menção de seu nome e enfiou o focinho na mão tateante de Ian, choramingando baixinho.

— Ele está bem — eu disse ao cachorro. — Não se preocupe. E, sim — acrescentei para Ian —, trarei alguma coisa. Acha que você mesmo consegue comer um pouco de pão e leite? — Não — ele

disse com firmeza. — Uma dose de uísque, talvez? — Não — eu disse, com a mesma firmeza, e soprei a lamparina.

— Tia — ele disse, quando me virei para a porta.

— Sim? — Eu havia deixado uma única vela acesa para ele e, à luz bruxuleante e amarela da vela, ele parecia muito jovem e pálido.

— Por que acha que o major MacDonald quer que tenham sido índios que eu encontrei na floresta? — Não sei. Mas acho que Jamie sabe. Ou deve saber, a esta altura.

*SERPENTE NO ÉDEN*

Brianna empurrou devagar a porta de sua cabana, cautelosamente tentando escutar alguma disparada de patinhas de roedores ou o sussurro seco de escamas pelo assoalho. Certa vez, ela entrara em casa no escuro e pisara a poucos centímetros de uma pequena cascavel; embora a cobra tenha ficado quase tão assustada quanto ela e tivesse se arrastado desesperadamente para o meio das pedras da lareira, ela aprendera sua lição.

Não houve nenhum ruído de ratos ou ratazanas em fuga desta vez, mas algo maior havia entrado e saído, forçando a passagem através da pele de animal oleada que cobria a janela. O sol começava a se pôr e restava luz do dia suficiente para lhe mostrar o cesto de palha trançada em que guardava amendoins torrados, derrubado de sua prateleira e o conteúdo quebrado e comido, uma desordem de cascas espalhadas por todo o chão.

Um ruído alto e sussurrante paralisou-a momentaneamente. O barulho repetiu-se, seguido de uma pancada estrondosa quando algo caiu ao chão do outro lado da parede dos fundos.

— Seu miserável filho da mãe — ela disse. — Você está na minha despensa! Impulsionada por uma justa indignação, ela agarrou a vassoura e arremeteu-se para a meia-água com um grito digno de uma banshee. Um enorme guaxinim, mastigando tranquilamente uma truta defumada, largou sua presa, passou em disparada pelo meio de suas pernas e escafedeu-se como um gordo

banqueiro fugindo de seus credores, enquanto emitia um zumbido alto de pavor.

Com os nervos pulsando de adrenalina, ela deixou de lado a vassoura e abaixou-se para salvar o que fosse possível da bagunça, praguejando entre dentes. Guaxinins eram menos destrutivos do que esquilos, que mastigavam e trituravam com uma maldita desinibição — mas eles tinham um apetite maior.

Só Deus saberia quanto tempo ele ficara ali, ela pensou. O suficiente para lamber toda a manteiga para fora de seu pote, puxar para baixo uma fileira de peixes defumados de seu caibro — e como algo tão gordo conseguira a façanha acrobática necessária para isso... Felizmente, o favo de mel fora armazenado em três jarras separadas e apenas um fora estragado. Mas as batatas haviam sido derrubadas no chão, um queijo fresco quase inteiramente devorado e o precioso jarro de xarope de bordo entornado, formando uma poça grudenta no chão de terra batida.

A visão dessa perda a enfureceu novamente e ela apertou a batata que acabara de pegar do chão com tanta força que suas unhas se fincaram em sua casca.

— Animal maldito, desgraçado, miserável, miserável! — Quem? — disse uma voz atrás dela. Assustada, ela girou nos calcanhares e arremessou a batata no intruso, que não era outro senão Roger. Atingiu-o em cheio na testa e ele cambaleou, agarrando-se ao batente da porta.

— Ai! Santo Deus! O que diabos está acontecendo aqui? — Guaxinim — ela disse sucintamente, e recuou um passo, deixando a luz evanescente da porta iluminar os danos.

— Ele derrubou o xarope de bordo? Filho da mãe! Pegou o desgraçado? — Com a mão pressionada contra a testa, Roger abaixou a cabeça para entrar na meia-água da despensa, olhando à volta à cata de corpos peludos.

Ver que seu marido compartilhava tanto as suas prioridades quanto sua indignação acalmou-a um pouco.

— Não — ela disse. — Ele fugiu. Você está sangrando? E onde está Jem? — Acho que não — ele disse, retirando a mão cautelosamente da testa e examinando-a. — Ai! Você tem um braço cruel, menina. Jem está na casa dos McGillivray. Lizzie e o sr. Wemyss levaram-no para a comemoração do noivado de Senga.

— É mesmo? Quem ela escolheu? — Tanto a raiva quanto o remorso foram imediatamente sobrepujados pelo interesse. Ute McGillivray, com eficácia alemã, selecionara cuidadosamente os companheiros para seu filho e três filhas segundo seus próprios critérios — terras, dinheiro e respeitabilidade com a classificação mais alta, enquanto idade, aparência pessoal e sedução apareciam bem no final da lista. Como era de se esperar, seus filhos pensavam de forma diferente — embora tal era a força da personalidade de Frau Ute que tanto Inga quanto Hilda haviam se casado com homens que sua mãe aprovara.

Senga, entretanto, não negava que era filha de sua mãe — significando que ela possuía opiniões igualmente fortes e uma falta de inibição semelhante para expressá-las. Durante meses, ela pairou entre dois pretendentes: Heinrich Strasse, um jovem fascinante, mas pobre — e luterano! — de Bethania, e Ronnie Sinclair, o tanoeiro. Um homem próspero, pelos padrões de Ridge, e para Ute, o fato de Ronnie ser trinta anos mais velho do que Senga não era nenhum empecilho.

A questão do casamento de Senga McGillivray fora tema de intensa especulação em Ridge nos últimos meses, e Brianna sabia de várias apostas substanciais sendo feitas sobre o resultado. — Então, quem é o sortudo? — ela repetiu.

— A sra. Bug não sabe e isso a está deixando louca — Roger respondeu, exibindo um largo sorriso. — Manfred McGillivray veio buscá-los ontem de manhã, mas a sra. Bug ainda não tinha descido

para a casa grande, de modo que Lizzie deixou um bilhete pregado na porta dos fundos dizendo onde tinham ido, mas não pensou em dizer quem é o noivo felizardo.

Brianna olhou para o sol poente; o globo em si já estava fora de vista, embora a luz flamejante que atravessava as castanheiras ainda iluminasse o pátio, fazendo a grama da primavera parecer macia e verdejante como veludo esmeralda.

— Acho que vamos ter que esperar até amanhã para descobrir — ela disse, com pesar. A casa dos McGillivray ficava a cerca de oito quilômetros de distância; já estaria bem escuro quando a alcançassem e, mesmo depois do degelo, ninguém vagava pelas montanhas à noite sem uma boa razão, ou ao menos uma razão melhor do que mera curiosidade.

— Sim. Quer subir para a casa grande para o jantar? O major MacDonald está aqui.

— Oh, ele. — Ela pensou por um instante. Gostaria de ouvir qualquer notícia que o major tivesse trazido, sem falar que era a sra. Bug quem prepararia o jantar. Por outro lado, não estava com nenhuma disposição para ser sociável, depois de três dias sombrios, uma longa cavalgada e a profanação de sua despensa.

Ela notou que Roger se abstinha cuidadosamente de contribuir com uma opinião. Com um braço apoiado na prateleira onde o mingunte estoque de maçãs do inverno se espalhava, ele preguiçosamente afagou uma das frutas, um dedo indicador acariciando lentamente a superfície redonda e amarela. Vibrações leves e familiares emanavam dele, sugerindo silenciosamente que podia haver vantagens em uma noite em casa, sem pais, conhecidos — ou bebê.

Ela sorriu para Roger.

— Como está sua pobre cabeça? Ele olhou para ela rapidamente, os raios evanescentes do sol dourando o cavalete do

seu nariz e acendendo um lampejo verde em um de seus olhos. Ele limpou a garganta.

— Acho que você deveria beijá-la — ele sugeriu timidamente. — Se quiser.

Ela solicitamente ergueu-se na ponta dos pés e beijou sua testa, afastando os cabelos espessos e negros de sua fronte. Havia um galo perceptível, embora ainda não tivesse começado a ficar roxo.

— Está melhor? — Ainda não. É melhor tentar de novo. Talvez um pouco mais para baixo? Suas mãos pousaram nos quadris de Brianna, puxando-a para si. Ela era quase tão alta quanto ele; ela já havia notado a vantagem que isso representava quando seus corpos se uniam, mas a sensação atingiu-a com força novamente. Contorceu-se ligeiramente, satisfeita, e Roger inspirou profunda e ruidosamente.

— Não tão baixo — ele disse. — Ainda não, pelo menos.

— Manhoso, hein? — ela disse tolerantemente, e beijou-o na boca.

Os lábios dele estavam quentes, mas o cheiro acre de cinzas e terra molhada aderira a ele, como a ela, e Brianna estremeceu um pouco, afastando-se.

Ele manteve a mão delicadamente pousada em suas costas, mas inclinou-se por cima dela, correndo um dedo pela borda da prateleira onde o jarro de xarope de bordo fora entornado. Ele passou o dedo de leve no lábio inferior dela, depois no seu próprio, e inclinou-se outra vez para beijá-la, uma doce ternura envolvendo-os.

— Não me lembro há quanto tempo eu a vi nua.

Ela fechou um dos olhos e lançou-lhe um olhar cético.

— Há três dias. Acho que não foi uma visão inesquecível. — Fora um grande alívio tirar as roupas que usara nos últimos três dias e três noites. Mesmo nua e depois de se lavar rapidamente,



entretanto, ela ainda sentia cheiro de poeira nos cabelos e a sujeira da viagem entre os dedos dos pés.

— Oh, bem, sim. Mas não foi isso que eu quis dizer. Quero dizer, já faz muito tempo que fizemos amor à luz do dia. — Ele estava deitado de lado, de frente para ela, e sorriu enquanto passava a mão de leve sobre a curva funda de sua cintura e o volume de sua nádega. — Você não faz ideia de como está bonita, completamente nua, com o sol por trás de você. Toda dourada, como se tivesse sido banhada em ouro.

Ele fechou um dos olhos, como se a visão o ofuscasse. Ela se moveu, e o sol iluminou o rosto dele, fazendo o olho aberto brilhar como uma esmeralda na fração de segundo antes que ele piscasse.

— Humm. — Ela estendeu a mão langorosamente e puxou a cabeça dele para si, para beijá-lo.

Ela, na verdade, sabia o que ele queria dizer. Era estranho — quase perverso, de uma forma agradável. Em geral, faziam amor à noite, depois que Jem dormia, sussurrando um para o outro nas sombras do fogo da lareira, encontrando-se entre as camadas farfalhantes, secretas, de cobertores e colchas. E, embora Jem normalmente dormisse como se tivesse sido nocauteado, eles sempre estavam conscientes do montículo de respiração pesada sob a colcha da caminha ao lado. Estranhamente, ela continuava consciente de Jem agora, em sua ausência. Era uma sensação estranha estar longe dele; não saber o tempo todo onde ele estava, não sentir seu corpo como uma pequena e muito ativa extensão do seu próprio. A liberdade era revigorante, mas a deixava inquieta, como se tivesse perdido algo de valor.

Haviam deixado a porta aberta, a fim de melhor desfrutar o dilúvio de luz e ar em suas peles. Mas o sol já estava quase se pondo e, embora o ar ainda resplandecesse como mel, havia uma aragem fria.

Uma lufada repentina de vento agitou o couro preso à janela e varreu o aposento, batendo a porta e deixando-os repentinamente no escuro.

Brianna ofegou. Roger soltou um grunhido de surpresa e saiu da cama, para abrir a porta. Escancarou-a, e ela trouxe a inundação de ar e de luz do sol, somente então percebendo que havia prendido a respiração quando a porta se fechou, sentindo-se momentaneamente sepultada.

Roger pareceu ter sentido o mesmo. Ficou parado no vão da porta, revigorando-se, apoiado nos batentes, deixando o vento agitar os pelos escuros, encaracolados, de seu corpo. Seus cabelos ainda estavam amarrados em um rabo de cavalo; não se dera ao trabalho de soltá-los e ela sentiu um súbito desejo de ir por trás dele, desfazer o laço da tira de couro e deslizar seus dedos pelos cabelos negros, lustrosos e macios, o legado de algum antigo espanhol, naufragado entre os celtas.

Já estava de pé e fazendo isso antes que tivesse tomado uma decisão consciente, retirando minúsculos amentilhos amarelos e fragmentos e galhinhos das mechas com os dedos. Ele estremeceu, pelo toque de Brianna ou do vento, mas seu corpo estava aquecido.

— Você está com o bronzeado de um fazendeiro — ela disse, erguendo os cabelos de seu pescoço e beijando-o na base da nuca.

— Bem, e eu não sou um fazendeiro? — Sua pele se eriçou sob seus lábios, como a de um cavalo. Seu rosto, pescoço e antebraços haviam empalidecido no inverno, mas ainda estavam mais escuros do que as costas e os ombros, e ainda se via uma linha fraca ao redor da cintura, demarcando o suave tom de camurça de seu torso da surpreendente palidez de seu traseiro.

Ela segurou suas nádegas com as duas mãos, apreciando a solidez redonda e alta, e ele respirou fundo, inclinando-se um pouco para trás na direção dela, de modo que seus seios

pressionaram-se contra suas costas e o queixo em seu ombro, olhando para fora.

Ainda estava claro, mas o crepúsculo já se instalara. Os últimos e longos raios do sol poente irrompiam através das castanheiras, de modo que o delicado verde primaveril de suas folhas ardia com um fogo frio, brilhantes acima das sombras cada vez mais estendidas. Era quase noite, mas era primavera; os pássaros ainda chilreavam e faziam a corte. Um tordo cantava na floresta próxima, numa miscelânea de trinados, gorjeios e estranhos miados, que achou que ele devia ter aprendido com o gato de sua mãe.

A friagem aumentava e seus braços e coxas arrepiaram-se — mas o corpo de Roger contra o seu estava bastante quente. Ela envolveu os braços ao redor de sua cintura, os dedos de uma das mãos brincando langorosamente com seus pelos púbicos.

— O que você está olhando? — ela perguntou num sussurro, pois os olhos dele estavam fixos na extremidade oposta do pátio, onde a trilha saía da floresta. A cabeceira do caminho estava às escuras, ensombreada por um aglomerado de pinheiros escuros, mas vazia.

— Estou procurando uma cobra com maçãs — ele disse, e riu, depois limpou a garganta. — Está com fome, Eva? — Ele abaixou a mão e entrelaçou-a nas de Brianna.

— Um pouco. E você? — Ele devia estar faminto; haviam feito apenas um lanche apressado ao meio-dia.

— Sim, estou, mas... — interrompeu-se, hesitando, e seus dedos apertaram os dela. — Você vai achar que sou maluco, mas... você se importaria se eu fosse buscar Jem esta noite, em vez de esperar pela manhã? É que eu me sentiria melhor com ele aqui de volta.

Ela apertou a mão dele em resposta, seu coração se alegrando.

— Vamos juntos. É uma ótima ideia.

— Talvez, mas são oito quilômetros até a casa dos McGillivray. Já estará completamente escuro muito antes de chegarmos lá. — No entanto, ele sorria, e seu corpo roçou em seus seios quando ele se virou de frente para ela.

Algo se moveu junto ao seu rosto e ela recuou bruscamente. Uma minúscula lagarta verde como as folhas com que se alimentava, e vibrante contra os cabelos escuros de Roger, empinou-se na forma de um S, buscando em vão um santuário.

— O que foi? — Roger virou os olhos para o lado, tentando ver o que ela estava olhando.

— Encontrei a sua cobra. Espero que ela também esteja procurando uma maçã. — Brianna atraiu a lagarta para cima de seu dedo, saiu e agachou-se no chão para deixar que ela rastejasse para cima de uma folha de capim que combinava com o seu verde vívido. Mas o capim estava na sombra. Em apenas um segundo o sol desaparecera, a floresta perdera as cores vivas.

Um fio de fumaça alcançou seu nariz; fumaça da chaminé da casa grande, mas sua garganta se fechou ao cheiro de queimado. De repente, sua ansiedade aumentou. A luz desaparecia, a noite sobrevinha. O tordo silenciara e a floresta parecia repleta de mistério e ameaça. Levantou-se, passando a mão pelos cabelos.

— Vamos, então.

— Não quer jantar primeiro? — Roger olhou para ela interrogativamente, as calças na mão.

Ela sacudiu a cabeça, a friagem começando a subir pelas suas pernas.

— Não. Vamos logo. — Nada mais parecia importar, a não ser pegar Jem e ficarem juntos outra vez, uma família.

— Está bem — Roger disse docilmente, analisando-a. — Mas eu acho que seria melhor você vestir sua roupa de folhas de figo. Só para o caso de encontrarmos um anjo com uma espada flamejante.



## AS SOMBRAS QUE O FOGO LANÇA

Abandonei Ian e Rollo à força esmagadora da benevolência da sra. Bug — Ian que tentasse dizer a ela que não queria pão e leite — e sentei-me para o meu próprio e tardio jantar: uma omelete quente e fresca, não só de queijo, mas com pedacinhos de toucinho salgado, aspargos e cogumelos silvestres, temperada com cebolinha.

Jamie e o major já haviam terminado sua refeição e sentavam-se sociavelmente junto ao fogo sob uma nuvem estagnada de fumaça do cachimbo de barro do major. Evidentemente, Jamie acabara de contar ao major MacDonald a respeito da horrível tragédia, pois MacDonald tinha o cenho franzido e sacudia a cabeça com compaixão.

— Pobre gente! — ele disse. — Você acha que foram os mesmos bandidos, talvez, que atacaram seu sobrinho? — Acho — Jamie respondeu. — Não gostaria de pensar que houvesse dois bandos como esse rondando pelas montanhas. — Ele olhou na direção da janela, fechada de maneira aconchegante para a noite, e eu notei repentinamente que ele havia retirado sua espingarda de caça de cima da lareira e distraidamente limpava o cano imaculado com um trapo com óleo. — Por acaso, a charaid, você ouviu algum relato de casos semelhantes? — Três outros. Pelo menos. — O cachimbo do major ameaçava se apagar e ele tragou com força,

fazendo o tabaco no forninho brilhar e crepitar com um vermelho repentino.

Uma pequena vertigem de náusea me fez parar, um pedaço de cogumelo quente em minha boca. A possibilidade de que um bando misterioso de homens armados pudesse estar vagando à solta, atacando fazendas a esmo, não me ocorrera até aquele instante.

Obviamente, ocorrera a Jamie; ele levantou-se, colocou a arma de volta nos seus ganchos, tocou no rifle pendurado acima da espingarda para se tranquilizar, depois se dirigiu ao aparador, onde as armas de fogo menores e o estojo com o elegante par de pistolas de duelo ficavam guardados.

MacDonald observou com ar de aprovação, soltando baforadas de uma suave fumaça azulada, enquanto Jamie metodicamente enfileirava armas, bolsas de munição, moldes de bala, buchas, varetas e todos os demais apetrechos de seu arsenal particular.

— Mmmhum — MacDonald resmungou. — Uma bela peça, esta aí, coronel. — Indicou uma das pistolas, elegante, de cano longo, com coronha ornada com espirais e montagens de prata dourada.

Jamie lançou um olhar apertado a MacDonald ao ouvir o "coronel", mas respondeu calmamente.

— Sim, é muito bonita. Mas não mira com precisão a nada além de dois passos. Ganhei numa corrida de cavalos — ele acrescentou, com um pequeno gesto defensivo para a arma, por receio de que MacDonald o julgasse tolo o suficiente para ter pago um bom dinheiro por ela.

Ainda assim, ele verificou a pederneira, recolocou-a e deixou a arma de lado.

— Onde? — Jamie perguntou com um jeito descontraído, estendendo a mão para o molde de bala.

Eu retomara a minha mastigação, mas também olhei inquisitivamente para o major.

— Veja bem, eu apenas ouvi dizer — MacDonald advertiu, tirando o cachimbo da boca por um instante, depois apressadamente o recolocando de volta para outra baforada. — Uma pequena fazenda perto de Salem, destruída por um incêndio. O pessoal se chamava Zinzer, alemães. — Ele tragou profundamente, as faces encovando-se.

— Isso foi em fevereiro, no final do mês. Então, três semanas depois, uma estação de barcas, no rio Yadkin, ao norte do Ancoradouro de Woram, a casa foi roubada e o barqueiro assassinado. O terceiro... — Nesse ponto, ele parou, soltando baforadas furiosamente, lançou-me um olhar de esguelha e voltou-o mais uma vez para Jamie.

— Pode falar, amigo — Jamie disse em gaélico, com ar resignado.

— Ela já viu coisas muito mais terríveis do que você.

Balancei a cabeça, confirmando, espetando outro pedaço de ovo com meu garfo, e o major tossiu.

— Sim. Bem, com sua licença, madame, eu por acaso estava num, hã, estabelecimento em Edenton...

— Um bordel? — interpus. — Sim, perfeitamente. Por favor, continue, major.

Ele continuou, um pouco afobado, o rosto ficando roxo sob a peruca.

— Ah... claro. Bem, veja, uma das, hã, raparigas do lugar me disse que fora raptada de sua casa por bandidos que um dia invadiram o local, sem aviso prévio. Ela não tinha ninguém além de uma velha tia com quem vivia e disse que mataram a velha senhora e incendiaram o teto sob o qual morava. — E quem ela disse que fez isso? — Jamie virara seu banco para ficar de frente para a lareira e

derretia raspa de chumbo em uma concha de cabo comprido para o molde de balas.

— Ah, mmmhum. — O rubor de MacDonald intensificou-se e seu cachimbo fumegou com tal ferocidade que eu mal conseguia distinguir suas feições por trás das espirais de fumaça.

Ficou evidente, depois de muita tosse e circunlóquios, que o major não acreditara realmente na jovem na ocasião — ou estava interessado demais em se aproveitar de seus favores para prestar muita atenção.

Reduzindo a história simplesmente a uma dessas mentiras que as prostitutas contam para obter compaixão e um eventual copo extra de bebida, ele não se dera ao trabalho de perguntar por mais detalhes.

— Mas quando por acaso eu mais tarde ouvi sobre os outros incêndios... bem, sabe, tive a sorte de ser encarregado pelo governador de colar o ouvido no chão, como se costuma dizer, no interior da colônia, para detectar qualquer sinal de rebelião. E eu comecei a pensar que esta ocorrência em particular talvez não fosse apenas uma coincidência como poderia parecer à primeira vista.

Eu e Jamie trocamos olhares, Jamie com um ar divertido, o meu resignado. Ele apostara comigo que MacDonald — um oficial da cavalaria a meio-soldo que sobrevivia com serviços prestados — não só sobreviveria à renúncia do governador Tryon, como conseguiria se insinuar prontamente em algum cargo no novo governo, agora que Tryon se demitira para assumir uma posição superior, como governador de Nova York. Ele é um cavalheiro de sorte, nosso Donald, ele dissera na ocasião.

O cheiro belicoso de chumbo derretido começou a permear o aposento, competindo com a fumaça do cachimbo do major e sobrepujando completamente os agradáveis aromas domésticos de pão fermentando, comida, ervas secas, cavalinha — usada como



esfregão de panelas — e sabão de lixívia, que normalmente enchiam uma cozinha.

O chumbo derrete repentinamente; em um momento, uma bala deformada ou um botão amassado está na concha, inteiro e distinto; no seguinte, desaparece, dando lugar a uma minúscula poça de metal tremulando de forma opaca. Jamie despejou o chumbo derretido cuidadosamente no molde, desviando o rosto dos vapores.

— Por que índios? — Ah. Bem, foi o que a prostituta em Edenton disse. Ela afirmou que alguns dos que incendiaram sua casa e a raptaram eram índios. Mas, como eu disse, na ocasião não dei muita atenção à sua história.

Jamie fez um ruído escocês indicando que ele aceitava a explicação, mas com ceticismo. — E quando foi que você encontrou essa jovem, Donald, e ouviu sua história? — Perto do Natal. — O major cutucou o forninho do seu cachimbo com um indicador manchado de fumo, sem erguer os olhos. — Quer dizer, quando a casa dela foi atacada? Ela não disse, mas eu acho... talvez não muito tempo antes. Ela ainda estava... bastante, hã, viçosa. — Ele tossiu, fitou-me, prendeu a respiração, tossiu outra vez, com força, ficando com o rosto vermelho.

Jamie pressionou os lábios com força e abaixou os olhos, abrindo o molde para colocar uma nova bala na lareira.

Larguei o garfo, o restante do meu apetite evaporado.

— Como? — eu perguntei. — Como essa jovem acabou num bordel? — Ora, eles a venderam, madame. — A vermelhidão ainda manchava as faces de MacDonald, mas se recobrou o suficiente para olhar para mim. — Os bandidos. Eles a venderam para um mercador do rio, ela disse, alguns dias depois de a raptarem. Ele a manteve em seu barco por algum tempo, mas uma noite um homem veio fazer negócios, gostou dela e comprou-a. Ele a trouxe para a costa, mas imagino que tivesse se cansado dela a essa

altura... — Suas palavras foram desaparecendo e ele enfiou o cachimbo de novo na boca, tragando com força.

— Compreendo. — Eu compreendia, e a metade da omelete que eu comera permaneceu como uma bola indigesta no fundo do meu estômago.

Ainda bastante viçosa. Quanto tempo seria necessário, eu me perguntei.

Quanto tempo uma mulher duraria, passada despreocupadamente de mão em mão, das tábuas cheias de farpas do convés de uma barca do rio ao colchão em frangalhos de um quarto alugado, recebendo apenas o suficiente para manter-se viva? Era mais do que provável que o bordel em Edenton tivesse parecido uma espécie de paraíso quando ela chegou lá. Mas a ideia não me fez sentir nem um pouco mais benevolente com MacDonald.

— Lembra-se ao menos do nome dela, major? — perguntei, educadamente, mas com frieza.

Creio ter visto, pelo canto do olho, o canto da boca de Jamie se torcer, mas mantive o olhar fixo em MacDonald.

Ele tirou o cachimbo da boca, exalou uma longa baforada de fumaça, depois ergueu o olhar para o meu rosto, os olhos azul-claros e muito francos.

— Na verdade, madame — ele disse —, eu chamo todas elas de Polly.

Facilita, sabe? Fui salva de uma resposta — ou algo pior — pela chegada da sra. Bug, portando uma tigela vazia.

— O menino comeu e agora vai dormir — ela anunciou. Seus olhos penetrantes saltaram do meu rosto para meu prato inacabado. Ela abriu a boca, franzindo o cenho, mas depois olhou para Jamie e, parecendo captar alguma ordem não proferida, fechou a boca outra vez, pegando o prato com um breve "hum!" — Sra. Bug — Jamie disse serenamente. — Poderia ir pedir ao Arch para vir aqui falar comigo? E, se não for muito trabalho para a

senhora, poderia falar com Roger Mac também? Seus pequenos olhos negros se arregalaram, depois se estreitaram quando olhou para MacDonald, obviamente suspeitando de que, se havia encrenca em ação, ele estava por trás disso.

— Eu vou — ela disse, e, sacudindo a cabeça para mim em sinal de desaprovação pela falta de apetite, deixou os pratos e saiu, trancando a porta.

— Ancoradouro de Woram — Jamie disse a MacDonald, retomando sua conversa como se não tivesse sido interrompida. — E Salem. E, se forem os mesmos homens, o Jovem Ian os encontrou na floresta, a um dia de viagem a oeste daqui. Bem perto.

— Perto o suficiente para serem os mesmos? Sim, é verdade.

— É começo de primavera. — Jamie relanceou os olhos para a janela enquanto falava; estava escuro agora e as persianas fechadas, mas uma brisa fresca infiltrava-se pelas frestas e agitava os fios onde eu pendurara cogumelos para secar, formas escuras e murchas que oscilavam como minúsculos dançarinos, enregelados contra a madeira clara.

Eu sabia o que ele queria dizer com isso. O terreno nas montanhas era intransponível durante o inverno; as passagens altas ainda retinham a neve e as encostas mais baixas apenas começaram a verdejar e florescer nas últimas semanas. Se havia um bando organizado de saqueadores, somente agora deveriam estar se locomovendo para o interior, após um inverno escondido no sopé da montanha.

— Sim — MacDonald concordou. — Muito cedo, talvez, para as pessoas ficarem de guarda. Mas, antes que seus homens cheguem, será que podíamos conversar sobre o que me trouxe aqui? — Sim? — Jamie disse, estreitando os olhos cautelosamente, enquanto entornava um brilhante fio de chumbo. — Claro, Donald. Eu devia saber que você não viria aqui por uma questão

insignificante. O que foi? MacDonald sorriu como um tubarão; agora íamos chegar ao ponto principal.

— Você se saiu muito bem com a sua propriedade aqui, coronel.

Quantas famílias o senhor tem aqui agora? — Trinta e quatro — Jamie disse. Ele não ergueu os olhos, mas deixou cair uma nova bala nas cinzas.

— Espaço para mais algumas, talvez? — MacDonald ainda sorria.

Nós estávamos cercados por milhares de quilômetros de território selvagem; o punhado de pequenas fazendas em Fraser's Ridge não passava de um minúsculo entalhe na vastidão deserta, e podia desaparecer como fumaça. Por um momento pensei na cabana dos holandeses e estremeci, apesar do fogo. Eu ainda sentia o cheiro pungente, nauseante de carne humana queimada, fechando a minha garganta, espreitando por trás dos sabores mais amenos da omelete.

— Talvez — Jamie retrucou no mesmo tom. — Os novos imigrantes escoceses, não? Das proximidades de Thurso? O major MacDonald e eu olhamos para ele, espantados.

— Como você sabe disso? — MacDonald perguntou. — Eu mesmo só soube há dez dias! — Encontrei um homem no engenho ontem — Jamie respondeu, pegando a concha outra vez. — Um cavalheiro da Filadélfia que veio às montanhas coletar plantas. Ele vinha de Cross Creek e os viu. — Um músculo se torceu no canto de sua boca. — Aparentemente, eles causaram uma certa confusão em Brunswick e não se sentiram muito bem-vindos, então subiram o rio em chatas.

— Uma certa confusão? O que fizeram? — perguntei.

— Bem, veja, madame — o major explicou —, há levas de pessoas descendo dos navios hoje em dia, diretamente das Highlands. Vilarejos inteiros, comprimidos nas entranhas dos

navios, sujos e fedendo quando desembarcam. Mas não há nada para eles na costa e o pessoal das cidades tende a apontar e escarnecer deles, vendo-os em seus trajes bizarros. Assim, a maioria entra direto numa barca ou numa chata e dirige-se a Cape Fear. Em Campbelton e Cross Creek, ao menos há pessoas que podem falar com eles.

Abriu um largo sorriso para mim, limpando uma mancha de terra da barra do casaco de seu uniforme.

— O pessoal de Brunswick não está acostumado com esses magrelas das Highlands, conhecendo apenas escoceses civilizados como o seu marido e a senhora.

Indicou Jamie com um sinal de cabeça, o qual fez uma pequena e irônica mesura para ele em retribuição.

— Bem, relativamente civilizados — murmurei. Eu não estava pronta para desculpar MacDonald pela prostituta em Edenton. — Mas...

— Não sabem uma palavra de inglês, pelo que me disseram — MacDonald apressou-se a acrescentar. — Farquard Campbell foi falar com eles e os levou para o norte, para Campbelton, ou sem dúvida ainda estariam vagando pela costa, sem absolutamente nenhuma ideia para onde ir ou o que fazer em seguida.

— O que Campbell fez com eles? — Jamie perguntou.

— Ah, foram distribuídos entre conhecidos dele em Campbelton, mas não é uma solução a longo prazo, você sabe, é claro. — MacDonald estremeceu. Campbelton era um pequeno povoado perto de Cross Creek, desenvolvido ao redor da bem-sucedida loja comercial de Farquard Campbell, e as terras nos arredores já estavam completamente povoadas, a maioria por parentes de Campbell. Farquard tinha oito filhos, muitos dos quais eram casados, e tão férteis quanto o pai.

— Claro — Jamie disse, parecendo desconfiado. — Mas eles são da costa norte. Devem ser pescadores, Donald, não lavradores.

— Sim, mas estão dispostos a fazer uma mudança, não? — MacDonald gesticulou na direção da porta e da floresta mais além.  
— Não lhes resta mais nada na Escócia. Vieram para cá e agora têm que se adaptar da melhor forma possível. Um homem pode aprender a cultivar a terra, não? Jamie pareceu em dúvida, mas MacDonald estava em pleno arroubo de seu entusiasmo.

— Eu vi muitos jovens do campo e lavradores se transformarem em soldados, e você também, aposto. Cuidar de uma fazenda não é mais difícil do que ser soldado, não é? Jamie sorriu levemente diante do comentário; ele deixara a fazenda aos dezenove anos e lutara como mercenário na França por vários anos antes de voltar à Escócia.

— Sim, bem, talvez seja verdade, Donald. Mas a questão é que ser soldado significa que há alguém lhe dizendo o que fazer, do momento em que você acorda de manhã até cair na cama à noite.

Quem vai dizer a esses pobres coitados que lado da vaca ordenhar?

— Seria você, eu imagino — eu disse a ele. Espreguicei-me, relaxando as costas, rígidas da cavalgada, e olhei para MacDonald.

— Ou ao menos é onde eu acho que você quer chegar, não é, major?

— Seu encanto só é sobrepujado pela sua rapidez de raciocínio, madame — MacDonald disse, inclinando-se elegantemente com uma mesura. — Sim, é isso mesmo. Toda a sua gente é das Highlands, senhor, e lavradores; eles podem falar com esses recém-chegados em sua própria língua, ensinar-lhes o que precisarão aprender, ajudá-los a se estabelecer.

— Há muitas outras pessoas na colônia que têm o Gaidhlig — Jamie objetou. — E a maioria bem mais conveniente em relação a Campbelton.

— Sim, mas você possui terras vagas que precisam de desmatamento e elas não. — Obviamente achando que havia vencido a discussão, MacDonald recostou-se para trás e pegou sua esquecida caneca de cerveja.

Jamie olhou para mim, uma das sobrancelhas erguidas. Era perfeitamente verdade que tínhamos terras vagas: dez mil acres, mas menos de vinte sendo cultivados. Também era verdade que a falta de mão de obra era aguda em toda a colônia, porém ainda mais nas montanhas, onde a terra não era adequada ao cultivo de tabaco ou arroz — os tipos de cultura apropriados ao trabalho escravo.

Ao mesmo tempo, porém...

— A dificuldade, Donald, é como acomodá-los. — Jamie inclinou-se para virar mais uma bala na lareira, em seguida endireitou-se, afastando para trás da orelha uma mecha de cabelos ruivos. — Tenho terras, sim, porém pouco mais. Não se pode soltar pessoas vindas diretamente da Escócia em terras selvagens e esperar que arranquem um meio de subsistência dali. Eu não poderia lhes dar nem os sapatos e as roupas que um trabalhador escravo receberia, quanto mais implementos.

E como alimentá-los, e às suas mulheres e crianças, durante todo o inverno? Como oferecer-lhes proteção? — Levantou a concha para ilustrar, depois sacudiu a cabeça e colocou outro pedaço de chumbo dentro da concha.

— Ah, proteção. Bem, já que mencionou isso, deixe-me prosseguir para outro assunto de interesse. — MacDonald inclinou-se para a frente, abaixando a voz confidencialmente, embora não houvesse ninguém para ouvir.

— Eu lhe disse que sou o homem do governador, não disse? Ele me incumbiu de viajar pela região oeste da colônia e manter o ouvido colado ao chão. Há Reguladores ainda sem perdão e — olhou cautelosamente de um lado para o outro, como se esperasse que uma dessas pessoas saltasse de dentro da lareira — já ouviu falar dos Comitês de Segurança? — Um pouco.

— Você ainda não tem um deles estabelecido aqui no interior? — Que eu saiba, não. — O chumbo para derreter se

acabara e Jamie abaixou-se para recolher as balas recém-produzidas das cinzas aos seus pés, a luz quente do fogo brilhando vermelha no topo de sua cabeça.

Sentei-me ao seu lado no banco comprido, de braços e encosto, pegando a bolsa de munição da mesa e estendendo-a aberta para ele.

— Ah! — exclamou MacDonald, satisfeito. — Vejo que vim em boa hora, então.

No rastro da revolta civil que rodeara a Guerra da Regulamentação um ano antes, surgiram diversos grupos informais de cidadãos como esses, inspirados por grupos semelhantes em outras colônias. Se a Coroa já não era capaz de assegurar a segurança de seus colonos, argumentavam, então tinham que tomar o problema em suas próprias mãos.

Já não se podia contar com os xerifes para manter a ordem; os escândalos que inspiraram o movimento dos Reguladores garantiram isso. A dificuldade, obviamente, é que, por serem os comitês nomeados pelos próprios integrantes, não havia razão para confiar mais neles do que nos xerifes.

Havia, ainda, outros comitês. Os Comitês de Correspondência, associações informais de homens que escreviam cartas uns para os outros, espalhando notícias e boatos entre as colônias. E foi desses diversos comitês que as sementes da rebelião surgiriam — já estavam germinando, em algum lugar lá fora na fria noite de primavera.

Como eu fazia de vez em quando — e agora com muito mais frequência —, calculei o tempo restante. Era quase abril de 1773 e no dia dezoito de abril, em setenta e cinco... como Longfellow tão estranhamente coloca...

Dois anos. Mas a guerra possui um pavio longo, e um fósforo lento.



Este fora aceso em Alamance, e as linhas ardentes, brilhantes, do fogo se alastrando na Carolina do Norte já eram visíveis — para os que sabiam ver.

As balas de chumbo na sacola de munição que eu segurava rolaram e bateram umas nas outras; meus dedos haviam se fechado sobre o couro. Jamie viu e tocou em meu joelho, um toque rápido e leve, para me tranquilizar, em seguida pegou a bolsa e enrolou-a, guardando na caixa de cartuchos.

— Boa hora — ele repetiu, olhando para MacDonald. — O que quer dizer com isso, Donald? — Ora, quem devia liderar tal comitê senão você mesmo, coronel? Foi o que sugeri ao governador. — MacDonald tentou parecer desprezioso, mas não conseguiu.

— Muito gentil de sua parte, major — Jamie disse secamente. Ele ergueu uma das sobrancelhas para mim. O estado do governo da colônia devia estar pior do que imaginara para o governador Martin estar não só tolerando a existência de tais comitês, mas os sancionando clandestinamente.

O longo queixume do bocejo de um cachorro alcançou-me de leve vindo do corredor e eu pedi licença para ir ver como Ian estava.

Perguntei-me se o governador Martin tinha a mais vaga ideia do que ele estava perdendo. Achava que tinha, e estava fazendo o melhor possível de uma tarefa inglória, tentando assegurar que ao menos alguns dos Comitês de Segurança fossem dirigidos por homens que haviam apoiado a Coroa durante a Guerra da Regulamentação. Mas restava o fato de que ele não podia controlar — ou nem mesmo conhecer — muitos de tais comitês. Mas a colônia começava a ferver e sacudir como uma chaleira de água fervente, e Martin não possuía tropas oficiais em seu comando, apenas irregulares como MacDonald — e a milícia.

E era por isso que MacDonald estava chamando Jamie de "coronel", é claro. O governador anterior, William Tryon, designara

Jamie — muito contra sua vontade — coronel de milícia para o interior acima do rio Yadkin.

— Humm — disse a mim mesma. Nem MacDonald nem Martin eram bobos. Convidar Jamie para formar um Comitê de Segurança significava que ele convocaria aqueles homens que serviram sob seu comando na milícia, mas não comprometeria o governador com nada, em termos de pagá-los ou equipá-los, e o governador estaria livre de qualquer responsabilidade pelos atos do Comitê, uma vez que um Comitê de Segurança não era um órgão oficial.

O perigo para Jamie — e todos nós — em aceitar tal proposta era, no entanto, considerável.

Estava escuro no corredor, sem nenhuma luz além do vazamento da luz da cozinha às minhas costas e a débil claridade de uma única vela no consultório. Ian dormia, mas irrequieto, uma ligeira ruga de desconforto franzindo a pele macia entre as sobrancelhas. Rollo ergueu a cabeça, a cauda peluda balançando de um lado para o outro pelo chão numa saudação.

Ian não reagiu quando chamei seu nome, nem quando coloquei a mão em seu ombro. Sacudi-o delicadamente, depois com mais força. Eu podia vê-lo travando uma luta, em algum lugar sob as camadas de inconsciência, como um homem sendo levado por correntes submarinas, cedendo às profundezas sedutoras, depois perturbado por um anzol inesperado, uma pontada de dor na carne fria e entorpecida.

Seus olhos abriram-se repentinamente, escuros e perdidos, e ele olhou fixamente para mim sem compreender.

— Olá — eu disse suavemente, aliviada de vê-lo acordar. — Qual é o seu nome? Pude ver que a pergunta não fez nenhum sentido para ele de imediato, e a repeti, pacientemente. A consciência despertou em algum lugar nas profundezas de suas pupilas dilatadas.

— Quem sou eu? — ele disse em gaélico. Disse mais alguma coisa, ininteligível, em mohawk, e suas pálpebras tremeram, cerrando-se.

— Acorde, Ian — eu disse com firmeza, recomeçando a sacudi-lo.

— Diga-me quem você é.

Seus olhos abriram-se outra vez e ele estreitou-os para mim, confuso.

— Vamos tentar algo mais fácil — sugeri, erguendo dois dedos. — Quantos dedos está vendo? Uma vibração de consciência surgiu em seus olhos.

— Não deixe Arch Bug ver você fazendo isso, tia — ele disse sonolentemente, com um esboço de um sorriso no rosto. — Isso é muito grosseiro, sabe.

Bem, ao menos ele me reconheceu, assim como o sinal "V"; já era alguma coisa. E ele devia saber quem ele era, se estava me chamando de tia.

— Qual é seu nome completo? — perguntei outra vez.

— Ian James FitzGibbons Fraser Murray — ele disse, um pouco mal-humorado. — Por que você fica perguntando meu nome? — FitzGibbons? — eu disse. — Onde é que você foi arranjar esse nome? Ele gemeu e colocou dois dedos contra as pálpebras, contraindo-se conforme as pressionava delicadamente. — Foi o tio Jamie quem me deu, a culpa é dele — disse. — É pelo seu velho padrinho, ele disse. Murtagh FitzGibbons Fraser, ele se chamava assim, mas minha mãe não queria que eu me chamasse Murtagh. Acho que vou vomitar de novo — acrescentou, afastando a mão.

O que de fato se passou foi que ele teve ânsias de vômito sobre uma bacia, mas não vomitou realmente, o que era um bom sinal. Ajudei-o a deitar-se de novo, de lado, pálido e pegajoso de suor, e Rollo ficou em pé sobre as patas traseiras, as dianteiras apoiadas na mesa, para lambe o rosto de Ian, o que o fez sacudir-se

entre risadinhas e gemidos, tentando debilmente afastar o cachorro.

— Theirig dhachaigh, Okwaho — ele disse. "Theirig dhachaigh" significava "vá para casa", Theirig dhachaigh em gaélico, e Okwaho era evidentemente o nome mohawk de Rollo. Ian parecia estar tendo alguma dificuldade em escolher qual das três línguas em que era fluente, mas era óbvio que estava lúcido, apesar disso. Depois que o fiz responder mais algumas perguntas sem sentido e irritantes, limpei seu rosto com um pano úmido, deixei que enxaguasse a boca com vinho bem diluído em água e acomodei-o de novo.

— Tia? — ele disse com voz arrastada quando eu me virava para a porta. — Acha que algum dia verei minha mãe de novo? Parei, sem saber como responder a isso. Na realidade, não era necessário; ele caíra novamente no sono com a rapidez que os pacientes de concussão costumam cair, e já respirava profundamente antes que eu pudesse encontrar o que dizer.

*EMBOSCADA*

Ian acordou abruptamente, a mão fechando-se em torno de seu tacape.

Ou o que deveria ser seu tacape, mas na verdade era um amontoado de pano das suas calças. Por um instante, ele não teve absolutamente nenhuma ideia de onde estava e sentou-se bruscamente, tentando decifrar as sombras na escuridão.

Uma dor lancinante atravessou sua cabeça como um raio fumegante, fazendo-o arfar silenciosamente e segurá-la com as mãos. Em algum lugar na escuridão abaixo dele, Rollo deu um ganido sobressaltado.

Jesus. Os cheiros pungentes do consultório de sua tia penetraram no fundo de seu nariz: álcool, pavio queimado, folhas medicinais secas e as fermentações nojentas que ela chamava de penicilina. Fechou os olhos, colocou a cabeça nos joelhos puxados para cima e respirou devagar pela boca.

O que ele estava sonhando? Algum sonho de perigo, algo violento — mas nenhuma imagem clara veio à sua mente, somente a sensação de estar sendo perseguido, de haver alguma coisa no seu encalço pela floresta.

Precisava urinar, e muito. Tateando em busca da borda da mesa onde estava, pôs-se lenta e cautelosamente de pé, apertando os olhos para ver através dos lampejos de dor em sua cabeça.

A sra. Bug deixara um urinol para ele, lembrava-se de tê-la ouvido dizer, mas a vela se apagara e ele não pretendia se arrastar pelo chão à procura dele. Uma luz fraca indicava-lhe onde estava a porta; ela a deixara escancarada e uma claridade vinda da lareira da cozinha se espalhava pelo corredor. Com ela como referência, ele se dirigiu à janela, abriu-a, soltou a presilha da persiana e ficou parado na corrente de ar fresco da noite de primavera, os olhos fechados de alívio enquanto desafogava a bexiga.

Sentiu-se melhor, mas com o alívio veio uma nova percepção da náusea em seu estômago e do latejamento em sua cabeça. Sentou-se, colocando os braços nos joelhos e a cabeça nos braços, esperando até se sentir melhor.

Havia vozes na cozinha; podia ouvi-las claramente, agora que prestava atenção.

Eram tio Jamie e MacDonald, o velho Arch Bug também, com tia Claire de vez em quando interpondo alguma palavra, sua voz inglesa distinta, em contraste com o murmúrio rouco do escocês e do gaélico. — Você gostaria talvez de ser um agente indigenista? — MacDonald dizia.

O que era aquilo?, ele se perguntou — então, compreendeu. Sim, claro; era um representante do governo junto aos índios; a Coroa empregava homens para irem às tribos, oferecer presentes, tabaco, facas e coisas assim. Contar-lhes tolices sobre Jorge III, como se o rei fosse vir e sentar-se junto às fogueiras dos conselhos na próxima Lua do Coelho e falar como um homem.

Sorriu com um sentimento de raiva. A ideia era bastante simples; persuadir os índios a lutar pelos ingleses, quando fosse preciso. Mas por que pensariam que seria necessário agora? Os franceses haviam capitulado e se retirado para sua base ao norte, no Canadá.

Oh. Lembrou-se então do que Brianna lhe contara sobre a nova guerra que se aproximava. Ele não sabia se podia acreditar

nela — mas talvez ela tivesse razão... e nesse caso... não queria pensar nisso. Não queria pensar em nada.

Rollo aproximou-se, sentou-se e apoiou-se pesadamente contra ele.

Ele recostou-se para trás, descansando a cabeça no pelo espesso.

Um agente indigenista fora à aldeia uma vez, quando ele vivia em Snaketown. Um sujeitinho gordo, com olhos evasivos e um tremor na voz. Achou o homem — Deus, qual era o nome dele? Os mohawk o chamavam de Suor Estragado, o que era adequado; ele fedia como se tivesse uma doença mortal — achou que o sujeito não estava familiarizado com os kahnyen'kehaka; não conhecia bem a língua e obviamente esperava que fossem tirar o seu escalpo a qualquer momento, algo que os índios acharam hilário — e um ou dois teriam feito isso, de brincadeira, se Tewaktenyonh não tivesse dito para tratarem-no com respeito. Ian fora pressionado a servir de intérprete para ele, uma tarefa que realizou a contragosto. Ele preferia considerar-se um mohawk do que reconhecer qualquer ligação com Suor Estragado.

Tio Jamie, entretanto... ele faria um trabalho infinitamente melhor.

Ele aceitaria? Ian prestou atenção às vozes com uma vaga sensação de interesse, mas ficou claro que tio Jamie não se deixaria pressionar para uma decisão. Era mais fácil MacDonald conseguir agarrar uma rã numa fonte, pensou, ao ouvir seu tio esquivar-se do compromisso.

Suspirou, passou o braço ao redor de Rollo e soltou seu peso ainda mais sobre o cachorro. Sentia-se muito mal. Acharia que estava prestes a morrer, se sua tia Claire não tivesse dito que ele iria se sentir mal por vários dias. Tinha certeza de que ela teria permanecido ao seu lado se ele estivesse morrendo, e não o teria deixado apenas na companhia de Rollo.

As persianas ainda estavam abertas e o ar frio derramava-se sobre ele, ao mesmo tempo suave e cortante, como as noites de primavera costumavam ser. Sentiu Rollo erguer o focinho, farejando, e emitir um queixume baixo e ansioso. Um gambá, talvez, ou um guaxinim.

— Está bem, vá — ele disse, endireitando-se e dando um pequeno empurrão no cachorro. — Estou bem.

O cachorro cheirou-o, desconfiado, e tentou lambe-la parte de trás de sua cabeça, onde estavam os pontos, mas afastou-se quando Ian deu um grito esganiçado e cobriu-os com as mãos.

— Vá, eu já disse! — Afagou o cachorro levemente e Rollo resfolegou, deu uma volta, depois se arremeteu por cima de sua cabeça e através da janela, aterrissando no chão lá fora com um baque surdo. Um berro horripilante rasgou o ar e ouviu-se o ruído de patinhas em fuga e corpos pesados irrompendo pelo meio dos arbustos.

Vozes assustadas vieram da direção da cozinha e ele ouviu os passos de seu tio Jamie no corredor, um instante antes de sua figura surgir no vão da porta.

— Ian? — seu tio chamou num sussurro. — Onde você está, rapaz? O que houve? Ele levantou-se, mas uma cortina de um branco ofuscante desceu por trás de seus olhos e ele cambaleou. Tio Jamie segurou-o pelo braço e o fez sentar-se em um banco.

— O que foi, rapaz? — Com a visão clareando, ele pôde ver seu tio na claridade que entrava pela porta, o rifle em uma das mãos, o rosto parecendo preocupado, mas esboçando um sorriso ao olhar na direção da janela aberta. Inspirou fundo, cheirando o ar. — Não foi um gambá, eu acho.

— Sim, bem, imagino que tenha sido algo assim — Ian disse, tocando a cabeça com extremo cuidado. — Ou Rollo saiu correndo atrás de uma pantera ou fez o gato de tia Claire subir numa árvore.



— Oh, sim. Ele se sairia melhor com a pantera. — Seu tio deixou de lado o rifle e dirigiu-se à janela. — Quer que eu feche a persiana ou precisa de ar, rapaz? Você está um pouco zozzo.

— Eu me sinto zozzo — Ian admitiu. — Sim, deixe aberta, por favor, tio.

— Quer se deitar, Ian? Ele hesitou. Seu estômago ainda dava voltas com ânsia de vômito e ele queria muito se deitar outra vez — mas o consultório o deixava inquieto, com seus cheiros fortes e as cintilações aqui e ali de minúsculas lâminas e outros objetos misteriosos e agourentos. Tio Jamie pareceu adivinhar o problema, pois se inclinou e colocou a mão embaixo do cotovelo de Ian.

— Venha, rapaz. Pode dormir lá em cima, numa cama adequada, se não se incomodar com o major MacDonald na outra.

— Não me importo, mas acho que vou ficar aqui mesmo. — Gesticulou na direção da janela, não querendo sacudir a cabeça e perturbá-la de novo. — Rollo provavelmente vai voltar logo. Tio Jamie não discutiu com ele, algo pelo qual ele lhe agradecia. As mulheres faziam mais estardalhaço, preocupavam-se mais. Os homens apenas seguiam em frente.

Seu tio levantou-o de volta para sua cama sem nenhuma cerimônia, cobriu-o, depois começou a esquadrinhar o aposento no escuro, em busca do rifle que havia deixado de lado. Ian começou a sentir que, afinal, talvez gostasse de um pouco de preocupação exagerada.

— Poderia me dar um copo d'água, tio Jamie? — Hein? Oh, claro.

Tia Claire deixara uma jarra de água à mão. Lá estava o som confortável de líquido gorgolejante; em seguida, a borda de um copo de barro levado à sua boca, a mão de seu tio em suas costas, para mantê-lo erguido. Isso não era necessário, mas não objetou; o toque de sua mão era quente e reconfortante. Não havia percebido

o quanto seu corpo se resfriara com o ar da noite, e estremeceu levemente.

— Tudo bem, rapaz? — Jamie murmurou, a mão apertando o ombro de Ian.

— Sim, tudo bem. Tio Jamie? -Hum? — Tia Claire lhe contou sobre... uma guerra? Uma que está para acontecer, quero dizer. Com a Inglaterra.

Houve um momento de silêncio, a enorme figura de seu tio repentinamente imóvel contra a claridade da porta.

— Contou — ele disse, retirando a mão. — Ela contou a você? — Não, foi prima Brianna quem me contou. — Ele deitou-se de lado, tomando cuidado com sua cabeça sensível. — Acredita nelas? Dessa vez, não houve nenhuma hesitação.

— Sim, acredito. — Isso foi dito com o costumeiro tom prático e seco de seu tio, mas algo em sua voz fez os cabelos da nuca de Ian se arrepiarem.

— Oh, certo.

Sentiu a maciez do travesseiro de penugem de ganso sob sua face e sentiu o cheiro de lavanda. A mão de seu tio tocou sua cabeça, alisou os cabelos desganhados para trás, afastando-os de seu rosto.

— Não se preocupe com isso, Ian — ele disse brandamente. — Ainda falta algum tempo.

Ele pegou a arma e saiu. De onde estava deitado, Ian podia ver do outro lado do pátio e acima das árvores onde elas ultrapassavam o cume da montanha, para além da encosta de Black Mountain, para dentro do céu negro, cravejado de estrelas.

Ele ouviu a porta dos fundos se abrir e a voz da sra. Bug erguendo-se acima das outras. — Eles não estão em casa, senhor — ela dizia, arquejante. — E a casa está às escuras, não há fogo na lareira. Onde será que foram, a esta hora da noite? Perguntou-se vagamente de quem ela falava, mas não parecia muito importante.

Se fosse algum problema, tio Jamie o resolveria. O pensamento era reconfortante; sentiu-se como um menino, seguro em sua cama, ouvindo a voz de seu pai lá fora, falando com um colono na escuridão fria de um alvorecer nas Highlands.

O calor espalhou-se devagar pelo seu corpo embaixo da coberta e ele adormeceu.

A lua começava a subir quando eles partiram, o que era bom, Brianna pensou. Mesmo com o grande globo dourado assimétrico erguendo-se do meio de um berço de estrelas e lançando seu brilho emprestado pelo céu, a trilha sob seus pés era invisível. Assim como seus pés, mergulhados na escuridão absoluta da floresta à noite.

Escura como breu, mas não inteiramente. As árvores gigantes farfalhavam acima, pequenos seres guinchavam e fungavam na escuridão e, de vez em quando, o adejar silencioso de um morcego passava tão perto que a assustava, como se parte da noite houvesse se soltado repentinamente e voado para longe bem embaixo de seu nariz.

— O Gato do Ministro é um gato apreensivo? — Roger perguntou, lembrando o jogo de salão, quando ela arquejou e agarrou-se a ele no rastro de uma dessas aparições de asas de couro.

— O Gato do Ministro é um gato... apreensivo — ela respondeu, apertando sua mão. — Obrigada. — Provavelmente, iriam acabar dormindo em suas capas diante da lareira dos McGillivray, em vez de aconchegados no conforto de suas próprias camas — mas ao menos teriam Jemmy.

Ele devolveu o aperto, sua mão maior e mais forte do que a dela, muito tranquilizadora no escuro.

— Está tudo bem — ele disse. — Eu também o quero. É uma noite para ter sua família reunida, a salvo em um só lugar.

Ela fez um pequeno ruído no fundo da garganta, em reconhecimento e apreço, mas queria continuar a conversa, tanto para manter a sensação de comunhão com ele quanto para manter a escuridão ao largo.

— O Gato do Ministro foi um gato muito eloquente — ela disse delicadamente. — No... no funeral, quero dizer. Para aquelas pobres pessoas.

Roger resfolegou com ironia; ela viu a breve espiral de seu hálito, branca no ar. — O Gato do Ministro era um gato extremamente embaraçado — ele disse. — Seu pai! Ela sorriu, já que ele não podia vê-lo.

— Você se saiu muito bem — ela disse, brandamente.

— Mmmhum — ele disse, bufando outra vez. — Quanto à eloquência... se houve alguma, não foi minha. Tudo que fiz foi citar trechos de um salmo, nem sei lhe dizer qual era.

— Não importa. Mas por que você escolheu... o que disse? — ela perguntou, curiosa. — Eu esperava que você fosse dizer o Pai-Nosso ou talvez o Salmo 23. Todos conhecem este.

— Também pensei nisso — ele admitiu. — Era o que eu pretendia fazer. Mas quando comecei... — Hesitou, e ela viu mentalmente aqueles montículos frios e toscos, e estremeceu, sentindo cheiro de fuligem. Ele apertou novamente sua mão e puxou-a para mais perto, enfiando a mão dela na dobra do seu braço.

— Não sei — ele disse com a voz rouca. — Apenas me pareceu... mais adequado, por alguma razão.

— E foi — ela disse suavemente, mas não insistiu no assunto, preferindo mudar a conversa para uma discussão sobre seu mais recente projeto de engenharia, uma bomba manual para tirar água do poço.

— Se eu tivesse alguma coisa para usar como cano, eu poderia levar água para dentro de casa, facilmente! Já consegui a

maior parte da madeira de que preciso para uma boa cisterna. Se eu conseguisse que Ronnie fizesse o cobreamento para mim, pelo menos poderíamos tomar banho de chuveiro com água da chuva. Mas para fazer canos com galhos de árvores ocos, o método empregado na pequena quantidade de canos usada para bombear água, eu levaria meses para conseguir apenas o suficiente para levar a água do poço até a casa, quanto mais do rio. E não há a menor chance de conseguir qualquer chapa de cobre. Ainda que pudéssemos comprar, o que não podemos, trazê-la de Wilmington seria...

— Ela ergueu a mão livre, num gesto de frustração diante da natureza monumental do empreendimento.

Ele considerou a questão por alguns instantes, o ruído de seus sapatos na trilha pedregosa um ritmo reconfortante.

— Bem, os antigos romanos usavam concreto. Plínio fala disso.

— Eu sei. Mas é necessário um tipo específico de areia, que nós não temos. E também cal virgem, que nós não temos. E...

— Sim, mas e quanto ao barro? — ele interrompeu. — Você viu aquela travessa no casamento de Hilda? Uma grande, vermelha e marrom, com lindos desenhos? — Sim — ela disse. — Por quê? — Ute McGillivray disse que alguém a trouxera de Salem. Não me lembro do nome, mas ela disse que ele era o maioral em cerâmica.

— Aposto o dinheiro que você quiser que ela não disse isso! — Bem, talvez não exatamente com essas palavras — ele prosseguiu, sem se deixar desanimar. — A questão é que ele fez isso aqui; não foi algo que trouxe da Alemanha. Portanto, há barro por aí adequado para a queima, hein? — Ah, isso é. Humm. Bem, ora, é uma ideia, não é? Era, e bastante atraente. A questão ocupou-os pela maior parte do restante da caminhada.

Haviam descido de Ridge e estavam a cerca de meio quilômetro da fazenda dos McGillivray quando ela começou a sentir algo a incomodando na nuca. Podia ser apenas imaginação; depois do que haviam visto naquele vale deserto, o ar escuro da floresta parecia repleto de ameaças, e ela imaginara emboscadas a cada curva cega, tensa com a expectativa de um ataque.

Então, ela ouviu um estalido nas árvores à sua direita — um pequeno galho seco se quebrando, de uma forma que nem o vento, nem um animal o quebraria. O verdadeiro perigo tinha seu próprio gosto, intenso como suco de limão, em contraste com a fraca limonada da imaginação.

Sua mão apertou o braço de Roger e ele parou imediatamente.

— O que foi? — sussurrou, a mão em sua faca. — Onde? — Ele não ouvira.

Droga, por que ela não trouxera a arma, ou ao menos sua própria adaga? Tudo que levava consigo era seu velho canivete suíço, sempre no bolso — e quaisquer armas que a natureza lhe oferecesse.

Apoiou-se em Roger, apontando, a mão junto ao corpo dele para ter certeza de que ele seguia a direção de seu gesto. Então, ela parou, tateando ao redor à cata de uma pedra ou de um pedaço de pau para usar como porrete.

— Continue falando — ela sussurrou.

— A Gata do Ministro é uma gata medrosa? — ele disse, o tom irônico de voz bastante convincente.

— A Gata do Ministro é uma gata feroz — ela retrucou, tentando igualar seu tom provocante e, enquanto isso, tateando o bolso com uma única mão. A outra se fechou sobre uma pedra, fria e pesada, que ela soltou da terra onde estava agarrada. Levantou-se,

todos os sentidos concentrados na escuridão à sua direita. — Ela vai estripar qualquer coisa que...

— Oh, é você — disse uma voz no meio das árvores, às suas costas.

Ela soltou um pequeno grito agudo e Roger deu um salto num reflexo, girou nos calcanhares para encarar a ameaça, agarrou Brianna e atirou-a para trás dele, tudo em um único movimento.

O empurrão a fez cambalear para trás. O salto de sua bota prendeu-se numa raiz oculta na escuridão e ela caiu, aterrissando com força sobre o traseiro, de cuja posição tinha uma excelente visão de Roger ao luar, a faca na mão, arremessando-se no meio das árvores com um rugido incoerente.

Tardiamente, ela registrou o que a voz dissera, assim como o tom inconfundível de decepção. Uma voz muito similar, esganiçada com o susto, falou da floresta à direita.

— Jo? — disse. — O que foi? Jo, o que foi?

Uma profusão de batidas e gritos vinham no meio do mato à esquerda. Roger pusera as mãos em alguém.

— Roger! — ela gritou. — Roger, pare! São os Beardsley! Ela largara a pedra ao cair e agora se levantava, removendo a terra da mão em sua saia. Seu coração ainda batia com força, sua nádega esquerda estava machucada e sua vontade de rir matizada com um forte desejo de estrangular um ou ambos os gêmeos Beardsley.

— Kezzie Beardsley, saia já daí! — ela berrou, e em seguida repetiu ainda mais alto. A audição de Kezzie melhorara depois que sua mãe removeu suas amídalas e adenoides cronicamente infeccionadas, mas ele ainda era um pouco surdo.

Um barulhento farfalhar no mato produziu a figura delgada de Keziah Beardsley, cabelos escuros, rosto pálido, e armado com um grande porrete, que ele tirou do ombro e tentou, de um jeito envergonhado, esconder atrás do corpo ao vê-la.

Enquanto isso, um farfalhar muito mais alto e uma certa quantidade de improperios atrás dela anunciaram o surgimento de Roger, agarrando o pescoço magro de Josiah Beardsley, irmão gêmeo de Kezzie.

— O que em nome de Deus vocês dois moleques pensam que estão fazendo? — Roger disse, empurrando Jo para que ficasse ao lado do irmão numa área mais iluminada pelo luar. — Sabe que eu quase o matei? A claridade era suficiente apenas para Brianna divisar a expressão um pouco cínica que atravessou o rosto de Jo. Diante disso, antes de ser apagada e substituída por outra de ansiosas desculpas.

— Sinto muito, sr. Mac. Ouvimos alguém se aproximar e achamos que poderiam ser os bandoleiros.

— Bandoleiros — Brianna repetiu, sentindo crescer a vontade de rir, mas reprimindo-a com firmeza. — Onde diabos você foi arranjar essa palavra? — Oh. — Jo olhou para os pés, as mãos entrelaçadas atrás das costas. — A srta. Lizzie estava lendo para nós, daquele livro que o sr. Jamie trouxe. — Estava lá. Sobre bandoleiros.

— Sei. — Ela relanceou os olhos para Roger, seus olhos se encontraram, a contrariedade dele obviamente também se desfazendo em humor. — The Pirate Gow — ela explicou. — Defoe. — Oh, sim. — Roger recolocou sua adaga na bainha. — E por que exatamente vocês acharam que poderia haver bandoleiros por aqui? Kezzie, com as excentricidades de sua audição deficiente, entendeu a pergunta e respondeu, tão ansiosamente quanto seu irmão, embora sua voz fosse mais alta e ligeiramente desafinada, consequência de sua antiga surdez.

— Encontramos o sr. Lindsay, senhor, a caminho de casa, e ele nos contou o que aconteceu com os holandeses, lá em Dutchman's Creek. É verdade, então, o que ele disse? Todos eles viraram cinzas? — Todos foram mortos. — A voz de Roger perdera



qualquer nuance de humor. — O que isso tem a ver com vocês dois espreitando no mato com porretes? — Bem, veja, senhor, a fazenda dos McGillivray é um lugar bonito, grande, com a loja do tanoeiro, a casa nova e tudo o mais, e bem na estrada. Ora, se eu fosse um bandoleiro, senhor, seria o tipo de lugar que eu escolheria — Jo retrucou.

— E a srta. Lizzie está lá com seu pai. E seu filho, sr. Mac — Kezzie acrescentou enfaticamente. — Não ia querer que alguma coisa acontecesse com eles.

— Sei. — Roger deu um sorriso um pouco enviesado. — Bem, muito obrigado, então, pela sua atenção. Mas duvido que os bandoleiros estejam por perto. Dutchman's Creek fica muito longe daqui.

— Sim, senhor — Jo concordou. — Mas bandoleiros podem estar em qualquer lugar, não é? Isso era inegável e verdade o bastante para fazer Brianna sentir uma nova sensação de calafrio na boca do estômago.

— Podem, mas não estão — Roger assegurou-lhes. — Venham para a casa conosco, sim? Viemos pegar Jem. Tenho certeza de que Frau Ute lhes dará uma cama junto ao fogo.

Os Beardsley trocaram olhares enigmáticos. Eram quase idênticos — pequenos e ágeis, com cabelos grossos e pretos, distintos um do outro apenas pela surdez de Kezzie e a cicatriz redonda no polegar de Jo — e ver as duas faces bem delineadas exibindo precisamente a mesma expressão era um pouco desconcertante.

Quaisquer informações que tivessem sido trocadas por aquele olhar haviam evidentemente incluído toda a consulta necessária, pois Kezzie assentiu com um ligeiro movimento de cabeça, acatando a opinião do irmão.

— Ah, não, senhor — Josiah disse educadamente. — Acho que vamos nos despedir. — E, sem mais conversa, os dois viraram-

se e desapareceram na escuridão, triturando galhinhos e remexendo folhas e pedras conforme avançavam.

— Jo! Espere! — Brianna gritou atrás deles, sua mão tendo encontrado mais alguma coisa no fundo de seu bolso. — Sim, madame? — Josiah estava de volta, surgindo junto ao seu cotovelo com uma rapidez perturbadora. Seu irmão não era um bom espreitador, mas Jo era.

— Oh! Quero dizer, oh, aí está você. — Ela respirou fundo para acalmar seu coração e entregou-lhe o apito esculpido em madeira que ela fizera para Germain. — Tome. Se vocês vão montar guarda, isto pode ser útil. Para pedir ajuda, se alguém aparecer.

Era óbvio que Jo Beardsley nunca vira um apito antes, mas não quis admitir. Revirou o pequeno objeto na mão, tentando não demonstrar grande curiosidade.

Roger estendeu a mão, pegou o apito e soprou-o com tanta força que o som cortou o silêncio da noite. Vários pássaros, arrancados de seu repouso com um sobressalto, bateram em retirada das árvores mais próximas, gritando, seguidos de perto por Kezzie Beardsley, os olhos arregalados de espanto.

— Sobre nesta ponta — Roger disse, dando umas pancadinhas no lado apropriado do apito antes de devolvê-lo. — Aperte um pouco os lábios.

— Muito obrigado, senhor — Jo murmurou. Sua fachada normalmente estoica se estilhaçara com o silêncio e ele pegou o apito com o olhar arregalado de um menino na manhã de Natal, virando-se imediatamente para mostrar o prêmio a seu irmão. Subitamente ocorreu a Brianna que provavelmente nenhum dos dois garotos já tivera uma manhã de Natal, ou ganhara qualquer outro tipo de presente.

— Farei outro para você — ela disse a Kezzie. — Assim, vocês dois poderão enviar sinal um para o outro. Se virem algum bandoleiro — ela acrescentou, sorrindo.

— Oh, sim, senhora. Faremos isso, faremos isso! — assegurou-lhe, mal olhando para ela em sua ansiedade de examinar o apito que seu irmão colocara em suas mãos.

— Apite três vezes, se precisar de ajuda — Roger gritou às suas costas, segurando o braço de Brianna.

— Sim, senhor! — veio a resposta da escuridão, seguida por um tardio e fraco: — Obrigado, senhora! — Isso, por sua vez, seguido imediatamente por uma fuzilaria de arfadas, sopros, tagarelices arquejantes, pontuados por silvos brevemente bem-sucedidos.

— Vejo que Lizzie andou lhes ensinando boas maneiras — Roger disse. — Assim como as primeiras letras. Mas você acha que algum dia eles serão realmente civilizados? — Não — ela disse, com um traço de pesar.

— É mesmo? — Ela não podia ver seu rosto no escuro, mas ouviu a surpresa em sua voz. — Eu só estava brincando. Você acha realmente que não? — Acho, e não é de admirar, considerando-se a maneira como cresceram. Você viu como ficaram com aquele apito? Ninguém nunca lhes deu um presente, ou um brinquedo.

— Creio que não. Acha que é isso que torna os garotos civilizados? Se assim for, imagino que o pequeno Jem será um filósofo, um artista ou algo assim. A sra. Bug o mima demais.

— Oh, como se você não o fizesse — ela disse, tolerantemente. — E papai, Lizzie, mamãe e todo mundo à vista.

— Oh, bem — Roger disse, sem se deixar embarçar com a acusação. — Espere até ele ter um pouco de concorrência. Germain não corre nenhum perigo de ficar mimado, não é? Germain, o filho mais velho de Fergus e Marsali, era atormentado por duas irmãs menores, conhecidas por todos como as gatinhas infernais, que seguiam o irmão por toda parte, implicando com ele e importunando-o.

Ela riu, mas sentiu uma leve inquietação. A ideia de outro filho sempre a fazia sentir-se como se estivesse empoleirada no topo de uma montanha-russa, sem ar e com o estômago crispado, equilibrada em algum ponto entre animação e terror. Particularmente agora, com a lembrança do ato de amor ainda forte e recente, movendo-se como mercúrio em seu ventre.

Roger pareceu sentir sua ambivalência, pois não insistiu no assunto, mas procurou sua mão e segurou-a, a sua própria quente e grande. O ar estava frio, os últimos vestígios de inverno demorando-se nos vales.

— E quanto a Fergus, então? — ele perguntou, retomando uma linha de conversa anterior. — Pelo que soube, ele também não teve infância, mas parece bastante civilizado.

— Minha tia Jenny o criou desde os dez anos — ela retrucou. — Você não conheceu minha tia Jenny, ela poderia ter civilizado Adolf Hitler, se quisesse. Além do mais, Fergus cresceu em Paris, não no meio do mato, ainda que tivesse sido em um bordel. E parece que era um bordel de classe alta, pelo que Marsali me disse.

— Ah, é? O que ela lhe contou? — Oh, só histórias que ele lhe contou, uma vez ou outra. Sobre os clientes e as... hã... meninas.

— Você não consegue dizer "prostitutas"? — ele perguntou, achando graça. Ela sentiu o sangue subir às suas faces e ficou feliz por estar escuro; ele implicava ainda mais quando ela enrubescia.

— Não tenho culpa de ter frequentado uma escola católica — ela disse, na defensiva. — Condicionamento precoce. — Era verdade; ela não conseguia dizer certas palavras, a não ser quando tomada pela fúria ou mentalmente preparada. — Mas por que você consegue? É de se esperar que o filho de um pastor tivesse o mesmo problema. Ele riu, de maneira um pouco irônica.

— Não exatamente o mesmo problema. Era mais uma questão de se sentir obrigado a praguejar e me comportar mal na

frente dos colegas, só para provar que eu podia.

— Que tipo de mau comportamento? — ela perguntou, farejando uma história. Ele não falava muito de sua adolescência em Inverness, adotado pelo tio-avô, um ministro presbiteriano, mas ela adorava ouvir os detalhes saborosos que ele às vezes deixava escapar.

— Oh. Fumar, beber cerveja e escrever palavrões nas paredes do banheiro dos meninos — ele disse, o sorriso evidente na voz. — Virar latas de lixo. Esvaziar pneus dos carros. Roubar balas da agência dos Correios. Fui um pestinha, durante algum tempo.

— O terror de Inverness, hein? Você tinha uma gangue? — ela provocou.

— Eu tinha — ele disse, e riu. — Gerry MacMillan, Bobby Cawdor e Dougie Buchanan. Eu era o intruso, não só por ser filho do pastor, mas por ter pai inglês e um nome inglês. Sendo assim, eu sempre me esforçava para lhes mostrar que eu era durão. Isso significava que geralmente era eu quem estava metido em confusão.

— Eu não sabia que você foi um delinquente juvenil — ela disse, encantada com a ideia.

— Bem, não por muito tempo — ele assegurou-lhe, ironicamente.

— No verão em que fiz quinze anos, o reverendo me inscreveu num barco de pesca e me enviou para o mar com a frota de pesca de arenque.

Não sei se ele fez isso para melhorar meu caráter, manter-me fora da cadeia ou somente porque não me aguentava mais por perto, mas funcionou. Se quiser conhecer homens fortes algum dia, vá para o mar com um bando de pescadores gaélicos.

— Vou me lembrar disso — ela disse, tentando não caçar, mas sem conseguir sufocar o riso. — E seus amigos acabaram na cadeia, então, ou se endireitaram, sem você para levá-los para o mau caminho? — Dougie se alistou no exército — ele disse, um tom

nostálgico na voz. — Gerry assumiu a loja de seu pai, era uma tabacaria. Bobby... sim, bem, Bobby morreu. Afogado, naquele mesmo verão, quando saiu para pegar lagosta com seu primo ao largo de Oban.

— Sinto muito — ela disse, depois parou. — Só que... ele não está morto, não é? Ainda não. Não agora.

Roger sacudiu a cabeça, com um pequeno som de humor e consternação.

— Isso é um consolo? — ela perguntou. — Ou é algo horrível de se pensar? Ela queria mantê-lo conversando; ele não havia falado tanto de uma só vez desde o enforcamento que inutilizara sua voz como cantor. Ser forçado a falar em público o deixava constrangido e sua garganta se fechava. Sua voz ainda era rouca e áspera, mas, relaxado como ele estava agora, não engasgava, nem tossia.

— As duas coisas — ele disse, repetindo o som. — Eu nunca mais vou vê-lo, de qualquer modo. — Deu ligeiramente de ombros, afastando o pensamento. — Você pensa muito nos seus antigos amigos? — Não, não muito — ela disse brandamente. A trilha se estreitava naquele ponto; ela deu o braço a ele, aconchegando-se, quando alcançavam a última curva, de onde já poderiam ser vistos pelos McGillivray. — Já há muito em que pensar aqui. — Mas ela não queria conversar sobre o que não havia ali.

— Você acha que Jo e Kezzie só estão brincando? — ela perguntou.

— Ou estão tramando alguma coisa? — O que poderiam estar tramando? — ele perguntou, aceitando sua mudança de assunto sem comentários. — Não posso imaginar que estejam à espreita para assaltar alguém, não a esta hora da noite.

— Oh, acredito que estejam montando guarda — ela disse. — Eles fariam qualquer coisa para proteger Lizzie. É só que... — Parou. Haviam saído da floresta e entrado na estrada de carroças; a

borda do outro lado desaparecia abruptamente em um barranco íngreme, olhando para a noite como um lago insondável de veludo negro, à luz do dia, era um emaranhado de galhos e troncos caídos, moitas de rododendros, patas-de-vaca e cornisos, tomados por trepadeiras e ervas daninhas. A estrada fazia um zigue-zague mais adiante e curvava-se sobre si mesma, chegando suavemente à casa dos McGillivray, trinta metros abaixo.

— As luzes ainda estão acesas — ela disse com alguma surpresa. O pequeno conglomerado de construções, a casa antiga, a casa nova, a tanoaria de Ronnie Sinclair, a cabana e a forja de ferreiro de Dai Jones, estava, em sua maior parte, às escuras, mas as janelas inferiores da nova casa dos McGillivray estavam listradas de luz, que atravessava as frestas das persianas, e uma fogueira em frente à casa formava uma brilhante mancha de luz contra a escuridão.

— Kenny Lindsay — Roger disse tranquilamente. — Os Beardsley disseram que o haviam encontrado. Ele deve ter parado para saber as novidades.

— Humm. Então, é melhor termos cuidado. Se estiverem alertas contra bandidos também, podem atirar em qualquer cova que se mexa.

— Não esta noite; é uma festa, lembra-se? Mas o que você estava dizendo sobre os garotos protegerem Lizzie? — Oh. — Ela bateu a ponta do pé em algum obstáculo oculto e agarrou o braço dele para não cair. — Ufl Só que não sei ao certo de quem eles acham que a estão protegendo.

Roger segurou seu braço com mais força, em reflexo.

— O que quer dizer com isso? — Só que, se eu fosse Manfred McGillivray, tomaria o cuidado de tratar Lizzie muito bem. Mamãe disse que os Beardsley a seguem como cachorros, mas não é assim. Eles a seguem como lobos domesticados.

— Achei que Ian tivesse dito que não é possível domesticar lobos.

— E não é — ela disse, laconicamente. — Venha, vamos nos apressar, antes que apaguem a fogueira.

A enorme casa de toras de madeira estava literalmente transbordando de gente. A luz derramava-se da porta aberta e brilhava na fileira de minúsculas seteiras que se alinhavam na frente da casa, e figuras escuras iam e vinham diante da luz da fogueira. O som de um violino chegou até eles, delicado e melódico, pela escuridão, levado pelo vento com o cheiro de churrasco.

— Acho que Senga realmente fez sua escolha — Roger disse, segurando o braço de Brianna para a íngreme descida final até a encruzilhada. — Quem você acha que ela escolheu? Ronnie Sinclair ou o rapaz alemão? — Oh, uma aposta? O que está em jogo? Epa! — Ela tropeçou em uma pedra parcialmente enterrada no caminho, mas Roger segurou-a com mais força, mantendo-a em pé.

— Quem perder arruma a despensa — ele sugeriu.

— Combinado — ela disse prontamente. — Acho que ela escolheu Heinrich.

— É mesmo? Bem, você pode estar certa — ele disse, achando graça. Mas tenho que lhe dizer, estava cinco a três a favor de Ronnie, da última vez que ouvi. Frau Ute é uma força que não pode ser menosprezada.

— É verdade — Brianna admitiu. — E se fosse Hilda ou Inga eu diria que não haveria competição. Mas Senga tem a personalidade da mãe; ninguém vai lhe dizer o que fazer, nem mesmo Frau Ute.

— Aliás, onde foi que eles arranjam esse nome "Senga"? — ela acrescentou. — Há muitas Ingas e Hildas na direção de Salem, mas nunca ouvi falar de nenhuma outra Senga.



— Ah, bem, não ouviria mesmo, não em Salem. Não é um nome alemão, é escocês.

— Escocês? — ela disse, surpresa.

— Oh, sim — ele disse, um sorriso no rosto. — Quer dizer Agnes, de trás para frente. Uma garota com este nome está destinada a ser "do contra", não é? — Está brincando! Agnes, de trás para frente? — Eu não diria exatamente que é comum, mas sem dúvida conheci uma ou duas Sengas na Escócia.

Ela riu.

— Os escoceses fazem isso com algum outro nome? — Soletrar de trás para frente? — Ele parou para pensar. — Bem, eu tinha uma colega na escola que se chamava Adnil e havia o filho do dono de uma mercearia que levava os pedidos das senhoras idosas da vizinhança; seu nome era pronunciado "Kirry", mas soletrava-se "C-i-r-e".

Ela olhou incisivamente para ele, para ver se estava caçoando dela, mas não estava. Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que mamãe tem razão a respeito dos escoceses. Então, o seu, de trás para frente, seria...

— Regor — ele confirmou. — Soa como algo saído de um filme de Godzilla, não é? Uma enguia gigante, talvez, ou um besouro com olhos que lançam raios mortais. — Ele pareceu gostar da ideia.

— Você andou pensando nisso, não foi? — ela disse, rindo. — Qual você preferia ser? — Bem, quando eu era criança, achava que o besouro com olhos que emitiam raios seria melhor — ele admitiu. — Depois, fui para o mar e comecei a pegar uma ou outra moreia na minha rede. Não é o tipo de coisa que você gostaria de encontrar numa viela escura, acredite.

— Ao menos, mais ágil do que Godzilla — ela disse, estremecendo ligeiramente diante da lembrança da única moreia que vira na vida. Um metro e vinte de comprimento de mola de aço

e borracha, rápida como um raio e com uma boca cheia de lâminas cortantes; saíra do porão de um barco de pesca que ela estava vendo descarregar em uma pequena cidade portuária chamada MacDuff. Ela e Roger estavam recostados em uma mureta de pedra, preguiçosamente observando as gaivotas flutuando ao vento, quando um grito de alarme vindo do barco de pesca logo abaixo os fez olhar naquela direção, a tempo de ver os pescadores fugindo atabalhoadamente de alguma coisa no convés.

Uma escura onda senoidal faiscara no meio do cardume prateado no convés. Fugiu como um raio por baixo do parapeito e aterrissou nas pedras molhadas do cais, onde causou igual pânico entre os pescadores que lavavam seus equipamentos, contorcendo-se e debatendo-se como um fio de alta-tensão desvairado, até que um homem de botas de borracha, reunindo sua coragem, correu e chutou-a de volta para a água.

— Bem, as enguias não são de fato ruins — Roger disse criteriosamente, sem dúvida lembrando-se da mesma ocasião. — Afinal, não se pode culpá-las; sendo arrastadas do fundo do mar sem aviso prévio, qualquer um faria o mesmo.

— É verdade — ela disse, pensando neles mesmos. Tomou sua mão, entrelaçando os dedos com os dele e sentindo conforto em sua mão grande e firme. Já estavam bastante perto agora para captar trechos de risos e conversa, subindo em ondas pela noite fria com a fumaça da fogueira.

Crianças corriam pelo terreiro; ela viu duas figuras pequenas passar correndo pelo meio das pernas do grupo ao redor da fogueira, escuras e magras como duendes do Halloween.

Aquele não era Jem, era? Não, ele era menor, e certamente Lizzie não...

— Mej — Roger disse.

— O quê? -Jem, de trás para frente — ele explicou. — Eu estava pensando que seria muito divertido ver filmes de Godzilla

com ele. Talvez ele preferisse ser o besouro com olhos que emitiam raios. Seria divertido, não? Ele soou tão desejoso que ela sentiu um nó na garganta e apertou sua mão com força, depois engoliu em seco.

— Conte-lhe histórias de Godzilla — ela disse com firmeza.  
— É faz de conta, de qualquer forma. Eu desenharei figuras para ele.

Ele riu.

— Santo Deus, faça isso e vão apedrejá-la por associação com o demônio, Bri. Godzilla parece algo que saiu diretamente do Apocalipse, ou assim me disseram.

— Quem lhe disse isso? — Eigger.

— Quem... oh — ela disse, revertendo a palavra. — Reggie? Quem é Reggie? — O reverendo. — Seu tio-avô, seu pai adotivo. Ainda havia um sorriso em seu rosto, mas velado de tristeza. — Quando fomos assistir a filmes de monstros em um sábado. Eigger e Regor, e você devia ter visto a expressão no rosto das mulheres presentes na reunião da Altar and Tea Society, quando a sra. Graham as deixou entrar sem anunciá-las e elas se depararam conosco no gabinete do reverendo, correndo e rugindo, fazendo o maior estardalhaço em uma Tóquio construída de blocos de brinquedo e latas de sopa.

Ela riu, mas sentiu os olhos marejarem de lágrimas.

— Gostaria de ter conhecido o reverendo — ela disse, apertando sua mão.

— Eu também gostaria — ele disse suavemente. — Ele teria gostado muito de você, Bri.

Em poucos instantes, enquanto ele falava, a floresta escura e a fogueira flamejante lá embaixo desapareceram; eles estavam em Inverness, instalados confortavelmente no gabinete do reverendo, com a chuva nas janelas e o ruído do tráfego passando na rua. Acontecia frequentemente, quando conversavam assim, os dois

sozinhos. Então, algum pequeno incidente quebraria o momento — agora, fora um grito vindo da fogueira quando as pessoas começaram a bater palmas e dançar — e o mundo de sua própria época desapareceu por um instante. E se ele tivesse ido embora?, ela pensou repentinamente. Eu poderia trazer todas essas recordações de volta, sozinha? Um espasmo de pânico apoderou-se dela, apenas por um instante, diante da ideia. Sem Roger como sua pedra de toque, sem nada além de suas próprias lembranças para servir de âncora para o futuro, aquela época se perderia. Desapareceria gradualmente em sonhos indistintos, deixando-a sem um chão firme de realidade onde pisar.

Respirou fundo o ar frio da noite, penetrante com a fumaça da lenha, e cravou os calcanhares com força no chão enquanto caminhavam, tentando se sentir sólida.

— MamãeMamãeMAMAE! — Uma pequena mancha destacou-se da confusão em torno da fogueira e disparou em sua direção, colidindo com seus joelhos com tanta força que ela teve que se apoiar no braço de Roger.

— Jem! Você está aqui! — Pegou-o no colo e enterrou o rosto em seus cabelos, que cheiravam deliciosamente a cabras, feno e linguiça temperada. Ele era pesado e mais do que sólido.

Então, Ute McGillivray virou-se e os viu. Seu rosto largo estava franzido de preocupação, mas iluminou-se de prazer ao vê-los. As pessoas viraram-se quando ela gritou uma saudação e eles foram imediatamente engolfados pelos presentes, todos fazendo perguntas, expressando uma alegre surpresa com a chegada deles.

Foram feitas algumas perguntas sobre a família de holandeses, mas Kenny Lindsay já havia levado a notícia do incêndio mais cedo; Brianna ficou aliviada com isso. As pessoas demonstravam sua desaprovação muxoxando e sacudindo a cabeça, mas a esta altura já haviam esgotado a maior parte de suas especulações horrorizadas e voltavam-se para outros assuntos. O

frio das sepulturas sob os abetos ainda permanecia como uma leve friagem em seu coração; não queria tornar essa experiência real outra vez voltando a discuti-la.

O casal que comemorava o noivado estava sentado sobre um par de baldes virados, de mãos dadas, a expressão feliz no clarão da fogueira.

— Ganhei — Brianna disse, sorrindo ao vê-los. — Não parecem felizes? — Sim, parecem — Roger concordou. — Duvido que Ronnie Sinclair esteja. Ele está aqui? — Olhou à volta, e ela também, mas não se via o tanoeiro em lugar algum.

— Espere, ele está na loja dele — ela disse, colocando a mão no pulso de Roger e indicando com a cabeça a pequena construção do outro lado da estrada. Não havia janelas deste lado da loja do tanoeiro, mas via-se uma leve claridade ao redor da porta fechada.

Roger olhou às escuras da loja para o ajuntamento festivo ao redor da fogueira; muitos parentes de Ute tinham vindo com o feliz noivo e seus amigos de Salem, trazendo com eles um enorme barril de cerveja preta, que ajudava a animar a festa. O ar fermentava com o cheiro pungente de lúpulo.

Em contraste, a loja do tanoeiro tinha um ar desolado e hostil. Ela se perguntou se alguém ao redor da fogueira já dera pela ausência de Ronnie Sinclair.

— Vou até lá dar uma palavrinha com ele, sim? — Roger tocou suas costas afetuosamente. — Talvez ele esteja precisando de um ouvido disponível.

— E de uma bebida forte? — Balançou a cabeça na direção da casa, onde se podia ver Robin McGillivray através da porta aberta, servindo o que ela presumiu ser uísque a um seleto círculo de amigos.

— Imagino que ele tenha arranjado isso por conta própria — Roger retrucou secamente. Deixou-a, desviando-se do grupo alegre junto à fogueira. Desapareceu na escuridão, mas depois ela

viu a porta da loja do tanoeiro se abrir e a rápida silhueta de Roger contra a claridade do interior, sua figura alta bloqueando a luz antes de desaparecer lá dentro.

— Com sede, mamãe! — Jemmy contorcia-se como um girino, tentando descer. Ela colocou-o no chão e ele disparou, quase derrubando uma senhora corpulenta com uma travessa de bolinhos de milho fritos.

O aroma dos bolinhos fumegantes a fez lembrar que ainda não havia jantado e seguiu Jemmy até a mesa das comidas, onde Lizzie, em seu papel de quase-filha-da-casa serviu-lhe uma generosa porção de sauerkraut, salsichas, ovos defumados e algo feito de milho e abóbora.

— Onde está o seu amado, Lizzie? — ela perguntou, provocando-a.

— Vocês não deveriam estar namorando? — Oh, ele? — Lizzie pareceu se lembrar de algo de vago interesse geral, mas nenhuma importância imediata. — Manfred? Ele está... lá. — Ela apertou os olhos contra a luminosidade da fogueira, depois apontou com sua colher. Manfred McGillivray, seu próprio noivo, estava na companhia de três ou quatro rapazes, todos de braços dados, oscilando de um lado para o outro, enquanto cantavam algo em alemão. Pareciam ter dificuldades em lembrar da letra da música, já que cada verso dissolvia-se em risadinhas e empurrões de acusação.

— Tome, Schätzchen. Significa "querido" em alemão — Lizzie explicou, abaixando-se para dar um pedaço de linguiça a Jemmy. Ele agarrou o petisco como uma foca faminta e mastigou com empenho, depois balbuciou "com sede" e afastou-se na noite.

— Jem! — Brianna fez menção de ir atrás dele, mas foi atrapalhada por uma multidão que se dirigia para a mesa.

— Ah, não se preocupe com ele — Lizzie assegurou-lhe. — Todo mundo o conhece. Nada de mau vai lhe acontecer. Ela ainda

teria ido atrás dele, mas viu uma cabecinha loura surgir ao lado de Jem. Germain, o melhor amigo de Jem. Germain era dois anos mais velho e tinha muito mais conhecimento do mundo do que a média das crianças de cinco anos, graças, em grande parte, à tutela de seu pai.

Ela esperava que ele não estivesse batendo carteiras na multidão e fez uma anotação mental de revistá-lo por contrabando, mais tarde.

Germain segurava Jem firmemente pela mão, de modo que ela deixou-se persuadir a sentar-se com Lizzie, Inga e Hilda, nos fardos de feno que haviam sido colocados a uma certa distância da fogueira.

— Und onde está o seu amado? — Hilda provocou. — Seu diabo moreno e grande? — Oh, ele? — Brianna disse, imitando Lizzie, e todas deram gargalhadas escandalosas. Pelo visto, a cerveja era servida a rodo há algum tempo.

— Ele está consolando Ronnie — ela disse, indicando com um sinal da cabeça a tanoaria às escuras. — Sua mãe está aborrecida com a escolha de Senga? — Oh, sim — disse Inga, revirando os olhos com grande expressividade. — Devia ter ouvido as duas discutindo, ela e Senga. Cada qual defendendo a sua posição com unhas e dentes. Papai saiu para pescar e ficou fora uns três dias.

Brianna abaixou a cabeça para ocultar uma risada. Robin McGillivray gostava de uma vida pacata, algo de que provavelmente jamais iria desfrutar na companhia de sua mulher e filhas.

— Ah, bem — Hilda disse com um ar filosófico, inclinándose um pouco para trás para reduzir o desconforto de sua primeira gravidez, já bem adiantada. — Ela não podia dizer muita coisa, na verdade, meine Mutter. Afinal, Heinrich é filho de sua própria prima. Mesmo que de fato seja pobre.

— Mas jovem — Inga acrescentou de modo prático. — Papai diz que Heinrich terá tempo de ficar rico.

Ronnie Sinclair não era exatamente rico — e na verdade era trinta anos mais velho do que Senga. Por outro lado, ele possuía a tanoaria e metade da casa em que ele e os McGillivray moravam. E Ute, tendo arranjado para as duas filhas mais velhas casamentos sólidos com homens de posses, obviamente vira as vantagens de um casamento entre Senga e Ronnie.

— Dá para saber que pode vir a ser um pouco estranho — Brianna disse com tato. — Ronnie continuando a morar com sua família, depois... — Ela balançou a cabeça indicando o casal de noivos, que davam pequenos pedaços de bolo na boca um do outro.

— Iih! — Hilda exclamou, revirando os olhos. — Não imaginam como fico feliz de não estar morando aqui! Inga balançou a cabeça enfaticamente, concordando, mas acrescentou: — Sim mas Utti não é o tipo de pessoa que fica chorando sobre o leite derramado. Ela está de olho em uma mulher para Ronnie. Espiem só.

Fez um sinal com a cabeça na direção da mesa, onde Ute sorria e conversava com um grupo de mulheres alemãs.

— Quem você acha que ela escolheu? — Inga perguntou a sua irmã, os olhos estreitados enquanto observava sua mãe colocar suas ideias em prática. — A pequena Gretchen? Ou talvez a prima de Archie? A vesga, Seona? Hilda, casada com um escocês do condado de Surry, sacudiu a cabeça.

— Ela vai querer uma jovem alemã — objetou. — Pois ela estará pensando no que acontecerá se Ronnie morrer e a mulher se casar de novo. Se for uma jovem alemã, mamãe poderá levá-la a um novo casamento com um de seus sobrinhos ou primos, manter a propriedade na família, sabe? Brianna ouvia fascinada as jovens discutirem a situação, com absoluto senso prático — e se perguntou se Ronnie Sinclair teria a mais leve ideia de que seu destino estava



sendo decidido de forma tão pragmática. Mas ele morava com os McGillivray há mais de um ano, considerou; ele deve ter alguma noção dos métodos de Ute.

Agradecendo silenciosamente a Deus por ela mesma não ter que morar na mesma casa com a temível Frau McGillivray, olhou ao redor à procura de Lizzie, sentindo uma pontada de compaixão por sua ex-criada. Lizzie iria viver com Ute, quando se casasse com Manfred no próximo ano.

Ao ouvir o nome "Wemyss", ela retornou à conversa próxima, descobrindo que as jovens não estavam se referindo a Lizzie, mas a seu pai.

— Tia Gertrud — declarou Hilda, arrotando baixinho, o punho fechado sobre a boca. — Ela mesma é uma viúva; seria a melhor para ele.

— Tia Gertrud mataria o pobre e franzino sr. Wemyss em um ano — Inga objetou, rindo. — Ela tem o dobro do tamanho dele. Se não o matasse de exaustão, ela rolaria na cama durante o sono e o esmagaria como uma tábua.

Hilda tampou a boca com as duas mãos, porém menos por estar chocada do que para conter suas risadinhas. Brianna achou que ela também já tivera sua quota de cerveja; sua touca estava torta e o rosto pálido parecia afogueado, mesmo à luz da fogueira.

— Sim, bem, acho que ele não se importa muito com a ideia. Estão vendo-o? — Hilda balançou a cabeça indicando além dos bebedores de cerveja e Brianna não teve dificuldade em identificar a cabeça do sr. Wemyss, os cabelos sem vida, finos e esvoaçantes como os de sua filha.

Ele estava em uma animada conversa com uma mulher robusta de avental e touca, que cutucava-o com intimidade nas costelas, e ria.

No entanto, enquanto ela observava, Ute McGillivray dirigiu-se até eles, seguida por uma mulher alta e loura, que hesitou um

pouco, as mãos entrelaçadas sob o avental. — Oh, quem é aquela?  
— Inga esticou o pescoço como um ganso e sua irmã cutucou-a, escandalizada.

— Lass das, du alte Ziege! Mutti está olhando para cá.

Lizzie se levantara um pouco, espreitando.

— Quem? — ela disse, soando como uma coruja. Sua atenção foi momentaneamente desviada para Manfred, que se deixou cair ao seu lado na palha, sorrindo amavelmente.

— Como vai indo, Herzchen? — ele disse, passando o braço pela sua cintura e tentando beijá-la.

— Quem é aquela, Freddie? — ela disse, se esquivando habilmente de seu abraço e apontando com discrição para a loura, que sorria timidamente enquanto Frau Ute a apresentava ao sr. Wemyss.

Manfred pestanejou, cambaleando um pouco, mas respondeu prontamente.

— Oh. É Fraulein Berrisch. Irmã do pastor Berrisch.

Inga e Hilda fizeram arrulhos de interesse. Lizzie franziu um pouco a testa, mas depois relaxou, vendo seu pai inclinar a cabeça para trás para se dirigir à recém-chegada; Fraulein Berrisch era quase tão alta quanto a própria Brianna.

Bem, isso explica por que ela ainda é uma "Fraulein", Brianna pensou com solidariedade. Os cabelos da mulher eram entremeados de mechas grisalhas, onde apareciam por baixo de sua touca, e suas feições eram sem graça, embora seus olhos tivessem uma calma doçura.

— Oh, protestante, então — Lizzie disse, em um tom de indiferença que deixou claro que a Fraulein mal poderia ser considerada uma parceira em potencial para seu pai.

— Sim, mas ela é uma boa mulher, apesar disso. Vamos dançar, Elizabeth. — Manfred havia obviamente perdido qualquer interesse no sr. Wemyss e na Fraulein; ele puxou Lizzie,

contrariada, e colocou-a de pé, conduzindo-a para a roda de dançarinos. Ela relutou, mas Brianna viu que, quando chegaram à dança, Lizzie ria de algo que Manfred lhe dissera e ele sorria para ela, a luz da fogueira brilhando nos traços bonitos de seu rosto. Formavam um bonito casal, ela pensou, melhor em aparência do que Senga e seu Heinrich, que era alto, mas muito magro e de feições angulosas demais.

Inga e Hilda começaram a discutir em alemão, permitindo que Brianna se dedicasse ao consumo entusiástico do excelente jantar.

Faminta como estava, ela teria apreciado qualquer coisa, mas o sauerkraut ácido e picante, e as salsichas, suculentas e temperadas, eram um regalo.

Somente depois que limpou os últimos vestígios de molho e gordura de seu prato de madeira com um pedaço de pão de milho, é que lançou um olhar para a tanoaria, pensando com culpa que deveria talvez ter guardado um pouco para Roger. Ele era tão gentil, preocupando-se com os sentimentos do pobre Ronnie. Sentiu uma onda de prazer e afeto por ele. Talvez devesse ir lá resgatá-lo.

Deixou o prato na mesa e arrumava suas saias e anáguas, preparando-se para pôr seu plano em ação, quando foi interrompida por um par de figuras pequenas que saiu cambaleando da escuridão.

— Jem? — ela disse, assustada. — O que aconteceu? As chamas brilhavam nos cabelos de Jemmy como cobre recém-derretido, mas o rosto sob eles estava branco, os olhos enormes poças escuras, fixos e arregalados.

— Jemmy? Ele virou um rosto sem expressão para ela, disse "Mamãe?" com uma voz fina e instável, em seguida sentou-se abruptamente, as pernas desmoronando-se sob ele como se fossem de borracha.

Ela estava vagamente consciente da presença de Germain, oscilando como uma muda de planta sob uma brisa forte, mas não podia lhe dar atenção. Agarrou Jemmy, erguendo sua cabeça e sacudindo-o de leve.

— Jemmy! Acorde! O que houve? — O menino está completamente bêbado, a nighean — disse uma voz acima dela, achando graça. — O que andou dando a ele? — Robin McGillivray, obviamente ele mesmo em más condições, inclinou-se e cutucou Jemmy delicadamente, obtendo em resposta não mais do que um suave gorgolejo. Ergueu um dos braços de Jemmy e soltou-o; ele caiu, mole como um fio de macarrão cozido.

— Eu não lhe dei nada — ela retrucou, o pânico dando lugar a um crescente aborrecimento, ao ver que Jemmy estava na verdade apenas adormecido, o peito pequenino subindo e descendo em um ritmo tranquilizador. — Germain! Germain desmoronara-se em um montículo e cantava "Alouette" para si mesmo de maneira vaga e sonhadora. Brianna ensinara a ele; era sua canção favorita.

— Germain! O que você deu para Jemmy beber?

— ...j'te plumerai la tete...

— Germain! — Agarrou-o pelo braço e ele parou de cantar, parecendo surpreso ao vê-la.

— O que deu a Jemmy, Germain?

— Ele estava com sede, madame — Germain disse, com um sorriso de irresistível doçura. — Ele queria beber alguma coisa. — Em seguida, seus olhos reviraram-se para trás e ele caiu de costas, frouxo como um peixe morto. — Oh, Minha Nossa Senhora das Trapalhadas! Inga e Hilda pareceram chocadas, mas ela não estava com nenhuma disposição de se preocupar com suas sensibilidades.

— Onde, afinal de contas, está Marsali?

— Ela não está aqui — Inga disse, inclinando-se para frente para inspecionar Germain. — Ficou em casa com a pequena

maedchen. Fergus está... — Endireitou-se, olhando vagamente ao redor. — Bem, eu o vi há pouco...

— O que foi? — A voz rouca junto ao seu ombro surpreendeu-a e ela virou-se, deparando-se com Roger, com um ar indagador, o rosto relaxado de sua costumeira severidade.

— Seu filho é um bêbado — ela informou-o. Então, sentiu um bafo do hálito de Roger. — Seguindo os passos do pai, pelo que vejo — acrescentou friamente.

Sem dar atenção ao comentário, Roger sentou-se ao seu lado e colocou Jemmy no colo. Segurando o menino apoiado contra seus joelhos, deu com delicadeza uns tapinhas na bochecha de Jemmy, com insistência.

— Ei, Mej — ele disse, com serenidade. — Ei, rapaz. Você está bem, não está? Como por mágica, as pálpebras de Jemmy deslizaram pesadamente para cima. Abriu um sorriso sonhador para Roger.

— Olá, papai. — Ainda sorrindo num estado de beatitude, seus olhos se fecharam e ele relaxou, a bochecha amassada contra o joelho do pai.

— Ele está bem — Roger disse a ela.

— Ótimo — ela disse, não particularmente acalmada. — O que acha que andaram bebendo? Cerveja? Roger inclinou-se para a frente e cheirou os lábios manchados de vermelho de seu rebento.

— Licor de cereja, eu acho. Há um barril dessa bebida perto do celeiro.

— Santo Deus! — Ela nunca bebera licor de cereja, mas a sra. Bug a ensinara a fazê-lo: "Tire o suco de aproximadamente quarenta litros de cerejas, dissolva nele doze quilos de açúcar, depois coloque a mistura num barril de quarenta galões e encha-o de uísque." — Ele está bem. — Roger deu batidinhas em seu braço para acalmá-lo. — Aquele é Germain? — É. — Ela inclinou-se para

inspecioná-lo, mas Germain dormia pacificamente, também sorrindo. — Esse licor de cereja deve ser bom.

Roger riu.

— É terrível. Como xarope para tosse extremamente forte. Mas eu diria que o deixa muito alegre.

— Andou bebendo isso também? — Olhou-o com os olhos estreitados, mas seus lábios pareciam estar em sua cor natural. — Claro que não. — Inclinou-se e beijou-a, para provar. — Você não acha que um escocês como Ronnie iria lidar com a decepção bebendo licor de cereja, não é? Quando existe uísque de boa qualidade à mão? — É verdade — ela disse. Ela relanceou os olhos para a tanoaria. A leve claridade da lareira havia diminuído e o contorno da porta desaparecera, deixando o prédio como um fraco retângulo preto contra a massa escura de floresta mais além. — E como Ronnie está lidando com isso? — Olhou ao redor, mas Inga e Hilda haviam se afastado para ajudar Frau Ute; todas estavam ao redor da mesa, ajudando a retirar os pratos.

— Oh, Ronnie está bem. — Roger tirou Jemmy do colo, deitando-o delicadamente de lado na palha, perto de Germain. — Afinal de contas, ele não estava apaixonado por Senga. Ele está sofrendo de frustração sexual, não de coração partido.

— Oh, bem, se é só isso — ela disse secamente. — Ele não vai ter que sofrer muito mais; fui informado de que Frau Ute está cuidando do caso.

— Sim, ela disse a ele que vai encontrar uma mulher para ele. Ele está, como se poderia dizer, filosófico sobre a questão. Embora ainda fedendo a desejo — ele acrescentou, torcendo o nariz.

— Uuh! Quer alguma coisa para comer? — Ela olhou para os meninos, colocando-se de pé. — É melhor eu lhe arranjar alguma coisa antes que Ute e as meninas limpem tudo.

Roger bocejou, um bocejo grande e repentino.

— Não, estou bem. — Piscou, sorrindo sonolentemente para ela. — Vou dizer a Fergus onde Germain está, talvez comer alguma coisa no caminho. — Deu um tapinha em seu ombro, em seguida levantou-se, cambaleando um pouco, e saiu na direção da fogueira.

Ela verificou outra vez como estavam os meninos; ambos respiravam profunda e regularmente, alheios ao mundo. Com um suspiro, juntou os dois, empilhando o feno ao redor, e cobriu-os com sua capa. Estava esfriando, mas o inverno já se fora; não havia sensação de geada no ar.

A festa continuava, mas reduzira a marcha. A dança parara e a multidão se dispersara em grupos menores, os homens reunidos em uma roda perto do fogo, acendendo seus cachimbos, os rapazes desaparecendo para algum lugar. Por toda a volta, as famílias se preparavam para passar a noite, fazendo ninhos para si mesmas no feno.

Algumas estavam na casa, outras mais no celeiro; ela podia ouvir o som de um violão de algum lugar atrás da casa e uma única voz, cantando algo lento e nostálgico. Lembrou-se com tristeza do som da voz de Roger como fora um dia, grave e aveludada.

Pensando nisso, entretanto, ela percebeu algo; sua voz estava muito melhor quando ele voltou da tanoaria onde fora consolar Ronnie. Ainda rouca e com apenas a sombra de sua antiga ressonância — mas fluindo naturalmente, sem aquele tom entrecortado. Será que o álcool relaxava as cordas vocais? O mais provável, ela pensou, é que simplesmente relaxasse Roger; removesse algumas de suas inibições sobre o som de sua voz. Era bom saber. Sua mãe dissera que sua voz iria melhorar se ele a forcesse, a exercitasse, mas ele mostrava-se acanhado em usá-la, com medo da dor — ou da sensação real de falar ou do contraste com sua antiga voz.

— Então, talvez eu faça um pouco de licor de cereja — ela disse em voz alta. Em seguida, olhou para as duas formas dormindo

pesadamente no feno e contemplou a possibilidade de acordar ao lado de três ressacas, pela manhã. — Bem, talvez não.

Amontoou um bocado de feno para formar um travesseiro, estendeu seu lenço sobre ele — iriam passar a maior parte do dia seguinte tirando feno das roupas — e deitou-se, dobrando o corpo em volta do corpo de Jem. Se algum dos meninos se mexesse ou vomitasse durante a noite, ela sentiria e acordaria.

A fogueira se consumira completamente; somente uma orla irregular de chamas tremeluzia agora sobre um leito de brasas incandescentes, e todas as lanternas espalhadas pelo pátio já haviam se apagado ou foram extintas por economia. Violão e cantor silenciaram. Sem luz e barulho para mantê-la a distância, a noite entrou, abrindo suas asas de frio silêncio sobre a montanha. As estrelas cintilavam no alto, mas não passavam de cabeças de alfinete, a milênios de distância. Fechou os olhos contra a imensidão da noite, inclinando a cabeça para pousar os lábios na cabeça de Jem, represando seu calor.

Tentou preparar a mente para dormir, mas, sem as distrações da companhia e com o cheiro forte no ar de madeira queimando, as lembranças retornaram de mansinho, e suas orações normais tornaram-se súplicas por misericórdia e proteção.

"Meus irmãos foram para longe de mim, meus amigos de mim se afastaram. Meus parentes desapareceram e meus amigos se esqueceram de mim." Não me esquecerei de vocês, ela disse silenciosamente para os mortos. Parecia algo tão patético para se dizer — tão inútil e insignificante. E, no entanto, o único que estava em seu poder.

Estremeceu brevemente, apertando Jemmy contra si.

Um farfalhar repentino no feno, e Roger se deitou ao seu lado. Ele remexeu-se um pouco e estendeu sua própria capa sobre ela, depois suspirou de alívio, o corpo relaxando-se pesadamente contra o dela conforme passava o braço ao redor de sua cintura.



— Foi um longo dia, hein? Ela respondeu com um gemido baixinho. Agora que tudo estava em silêncio, sem mais nenhuma necessidade de conversar, observar, prestar atenção, cada fibra de seus músculos parecia prestes a se desfazer de fadiga.

Não havia mais do que uma fina camada de feno entre ela e o chão duro e frio, mas sentia o sono batendo como as ondas da maré subindo pela areia de uma praia, calmantes e inexoráveis.

— Você comeu alguma coisa? — Ela colocou a mão sobre a perna de Roger e seu braço apertou-se ao redor de sua cintura, puxando-a para mais perto ainda.

— Sim, se você achar que cerveja é comida. Muita gente acha. — Ele riu, um vapor quente de lúpulo em seu hálito. — Estou bem. — O calor de seu corpo começava a se infiltrar pelas camadas de roupas que os separavam, dispersando o frio da noite.

Jem sempre emitia calor quando dormia; mantê-lo assim enroscado contra ela era como segurar uma panela de barro. Roger desprendia ainda mais calor. Bem, sua mãe sempre dizia que um lampião a álcool fornecia mais calor do que um a óleo.

Ela suspirou e aninhou-se mais contra ele, sentindo-se aquecida e protegida. A fria imensidão da noite se dissipara, agora que tinha sua família perto dela, juntos outra vez, e a salvo.

Roger cantarolava, zumbindo com os lábios cerrados. Percebeu isso repentinamente. Não havia nenhuma melodia, mas ela sentiu a vibração do seu peito contra as suas costas. Não quis correr o risco de fazê-lo parar; sem dúvida, isso era bom para suas cordas vocais. Mas ele parou por conta própria, após alguns instantes. Esperando fazê-lo continuar, estendeu a mão para trás para acariciar sua perna, ensaiando um zumbido próprio.

— Hummm-mmmm? As mãos dele agarraram suas nádegas com força.

— Mmm-hummm — ele disse, no que pareceu uma combinação de convite e satisfação.

Ela não respondeu, mas fez um leve movimento discordante com o traseiro. Em circunstâncias normais, ele teria desistido. Ele de fato soltou, mas apenas uma das mãos, e isso a fim de deslizá-la por sua perna, evidentemente pretendendo segurar sua saia e puxá-la para cima.

Ela estendeu o braço para trás apressadamente e agarrou a mão errante, trazendo-a para a frente e colocando-a sobre seu seio, como indicação de que, apesar de gostar da ideia e, em outras circunstâncias, ter concordado com prazer, naquele momento ela achava que...

Roger, em geral, era muito bom em ler sua linguagem corporal, mas evidentemente essa habilidade se dissolvera no uísque. Isso ou — a ideia ocorreu-lhe de repente — ele simplesmente não se importava se ela queria...

— Roger! — sibilou. Ele recomeçara a cantarolar, o som agora entremeado com os ruídos baixos e saltitantes que uma chaleira faz, logo antes de ferver. A mão descera por sua perna e subira por baixo de suas saias, quente na pele de sua coxa, tateando rapidamente para cima — e para dentro. Jemmy tossiu, sacudindo-se em seus braços, e ela fez uma tentativa de chutar Roger na perna, como um sinal para desencorajá-lo.

— Meu Deus, você é linda — ele murmurou na curva de seu pescoço. — Oh, meu Deus, tão linda. Tão linda... tão... hummm... — As palavras seguintes foram um murmúrio contra sua pele, mas ela achou que ele havia dito "escorregadia". Seus dedos haviam alcançado seu objetivo e ela curvou-se para trás, tentando esgueirar-se.

— Roger — ela disse, mantendo a voz baixa. — Roger, há pessoas por aqui! — E uma criança roncando enfiou-se sob ela como um calço de porta.

Ele murmurou alguma coisa em que as palavras "escuro" e "ninguém vai ver" puderam ser distinguidas, e então a mão retirou-

se — apenas para agarrar suas saias e começar a tirá-las do caminho.

Ele retomara o zumbido, parando momentaneamente para murmurar: — Eu te amo, eu te amo tanto...

— Eu também te amo — ela disse, estendendo o braço para trás e tentando segurar a mão dele. — Roger, pare com isso! Ele parou, mas imediatamente passou o braço por cima dela e segurou-a pelo ombro. Um movimento rápido e ela estava de costas, fitando as estrelas distantes, que foram imediatamente apagadas pela cabeça e pelos ombros de Roger, conforme ele rolou o corpo para cima dela num tremendo farfalhar de feno e roupas.

— Jem. — Ela lançou uma das mãos na direção de Jemmy, que não pareceu perturbado com o súbito desaparecimento de seu encosto, continuando curvado no feno como um ouriço hibernando.

Agora, Roger estava, por incrível que pareça, cantando, se assim fosse possível denominar aquele som. Ou, ao menos, dizendo a letra de uma canção escocesa muito obscena, sobre um moleiro que é perturbado por uma jovem que pede a ele para moer seu milho. O que ele faz.

— Ele a jogou sobre as sacas e lá ela teve seu milho moído, seu milho moído... — Roger entoava fervorosamente em seu ouvido, todo o seu peso prendendo-a ao solo e as estrelas girando loucamente no alto.

Ela achara sua descrição de Ronnie como "fedendo a desejo" meramente uma forma de expressão em sentido figurado, mas evidentemente não. Carne contra carne, e muito mais. Ela arquejou.

Roger também.

— Oh, meu Deus! — ele exclamou. Parou, congelado contra o céu acima dela, depois suspirou em um êxtase de vapores de uísque e começou a se mover junto com ela, zumbindo sua canção. Estava realmente escuro, graças a Deus, embora não o suficiente. Os restos da fogueira lançavam uma claridade estranha sobre o

rosto dele e por um instante ele pareceu o diabo grande e moreno como Inga o denominara.

Relaxe e goze, ela pensou. O feno fazia um barulhento rugeruge — mas havia outros ruídos semelhantes nas proximidades, e o zumbido do vento sussurrando entre as árvores da floresta era quase suficiente para abafar todos os demais.

Ela conseguira eliminar seu acanhamento e estava, na verdade, começando a sentir prazer, quando Roger enfiou as mãos sob seu corpo, erguendo-o.

— Passe suas pernas à minha volta — ele murmurou, mordiscando o lóbulo de sua orelha. — Envolve as minhas costas e martele meu traseiro com os calcanhares.

Movida, em parte, por uma libertinagem correspondente à dele e, em parte, por um desejo de retirar o ar de seus pulmões como de um fole, ela atirou as pernas para o ar e prendeu-as com força, em tesoura, nas costas que subiam e desciam. Ele deu um gemido extático e redobrou os esforços. A luxúria estava vencendo; ela quase se esquecera de onde estavam.

Agarrada a ele com todas as forças e entusiasmada com a cavalgada, ela arqueou as costas e deu um solavanco, estremecendo contra o calor do corpo dele, o toque frio e elétrico do vento da noite em suas coxas e nádegas, nuas para a escuridão. Tremendo e gemendo, ela dissolveu-se para trás em meio ao feno, as pernas ainda trançadas ao redor dos quadris de Roger. Completamente sem forças, deixou a cabeça rolar para o lado, e devagar, languidamente, abriu os olhos.

Havia alguém lá; viu movimento na escuridão e ficou paralisada. Era Fergus, que vinha buscar o filho. Ela ouviu o murmúrio de sua voz, falando em francês para Germain, e seus passos silenciosos no feno, afastando-se.

Permaneceu imóvel, o coração disparado, as pernas ainda trançadas no mesmo lugar. Roger, nesse meio-tempo, alcançara seu

próprio momento de repouso. Com a cabeça pendendo, de modo que seus cabelos roçavam no rosto dela como teias de aranha na escuridão, ele murmurou, abaixando-se, devagar e delicadamente.

— Eu te amo... Deus, eu te amo.

Então, sussurrou em seu ouvido: — Obrigado.

Em seguida, deixou-se cair sobre ela em um estado de semiconsciência, respirando pesadamente.

— Oh — ela disse, erguendo os olhos para as tranquilas estrelas. — De nada. — Ela retirou as pernas entorpecidas e, com alguma dificuldade, conseguiu desembaraçar seus corpos, mais ou menos cobertos e devolvidos a uma abençoada anonimidade em seu ninho forrado de palha, Jemmy alojado com segurança entre os dois.

— Ei — ela disse de repente, e Roger mexeu-se.

— Hum? — Que tipo de monstro era Eigger? Ele riu, e o som era baixo e claro.

— Oh, Eigger era um pão de ló gigante. Com cobertura de chocolate. Ele caía sobre os outros monstros e os sufocava com doçura.

— Ele riu outra vez, deu um soluço e deixou-se afundar no feno.

— Roger? — ela disse baixinho, um momento depois. Não houve resposta e ela estendeu o braço por cima do corpo profundamente adormecido de seu filho, pousando-o de leve no braço de Roger.

— Cante para mim — ela sussurrou, embora soubesse que ele já estava dormindo.



*JAMES FRASER, AGENTE INDIGENISTA*

"James Fraser, Agente Indigenista" — eu disse, fechando um olho, como se lesse de uma tela. — Parece seriado de faroeste da televisão.

Jamie parou no meio do ato de retirar suas meias e olhou-me cautelosamente.

— Parece? É tão bom assim?

— Considerando que os heróis dos seriados de TV nunca morrem, sim.

— Neste caso, sou a favor — ele disse, examinando a meia que acabara de tirar. Cheirou-a com desconfiança, esfregou o polegar numa área desgastada do calcanhar, sacudiu a cabeça e atirou-a no cesto de roupas sujas.

— Tenho que cantar?

— Can... oh — eu disse, lembrando-me de que, na última vez em que tentei lhe explicar o que era televisão, minhas descrições haviam se concentrado principalmente no The Ed Sullivan Show. — Não, acho que não. Nem se balançar no trapézio.

— Bem, isso é reconfortante. Já não sou tão novo como antes, sabe.

— Levantou-se e espreguiçou-se com um gemido. A casa fora construída com pé-direito de dois metros e meio, para acomodá-lo, mas mesmo assim seus punhos roçavam as vigas do teto. — Santo Deus, foi um longo dia!

— Bem, está quase terminado — eu disse, por minha vez cheirando o corpete do vestido que acabara de tirar. Tinha um cheiro forte, embora não desagradável, de cavalo e lenha queimada. Arejá-lo um pouco, decidi, e ver se ainda poderia ser usado antes de lavar. — Eu não poderia ter balançado no trapézio nem quando era nova.

— Eu pagaria para vê-la tentar — ele disse, rindo.

— O que é de fato um agente indigenista? — perguntei. — MacDonald parecia achar que estava lhe fazendo um favor extraordinário ao indicá-lo para o cargo.

Ele deu de ombros, abrindo a fivela de seu kilt.

— Ele sem dúvida acha que está. — Sacudiu a roupa e uma nuvem fina de poeira e pelos de cavalo surgiu no assoalho. Ele dirigiu-se à janela, abriu as persianas e, lançando o kilt para fora, sacudiu-o com mais força. — Ele estaria — sua voz veio fracamente da noite do lado de fora, depois mais forte, quando ele se virou para dentro do quarto outra vez — se não fosse por essa sua guerra.

— Minha?! — exclamei, indignada. — Você fala como se achasse que eu estou propondo que ela seja deflagrada.

Ele fez um pequeno gesto de repúdio.

— Sabe o que estou querendo dizer. Um agente indigenista, Sassenach, é o que parece ser: um sujeito que vai e negocia com os índios locais, dando-lhes presentes e persuadindo-os, na esperança de que fiquem propensos a se alinhar com os interesses da Coroa, quaisquer que venham a ser.

— Oh? E o que é esse Departamento do Sul que MacDonald mencionou? — Olhei involuntariamente na direção da porta fechada de nosso quarto, mas um ronco abafado vindo do outro lado do corredor indicava que nosso hóspede já desmoronara nos braços de Morfeu.

— Mmhummm. Há um Departamento do Sul e um Departamento do Norte que lidam com as questões indígenas nas

colônias. O Departamento do Sul é chefiado por John Stuart, que é de Inverness.

— Vire-se, eu faço isso.

Virei-me de costas, agradecida. Com uma habilidade proveniente de longa experiência, ele desfez os cadarços do meu espartilho em questão de segundos. Suspirei profundamente quando ele se soltou e caiu. Jamie afastou minha combinação do corpo, massageando minhas costelas onde as barbatanas haviam pressionado o tecido úmido contra a pele.

— Obrigada. — Suspirei, aliviada, e recostei-me contra ele.

— E, sendo um homem de Inverness, MacDonald acha que esse Stuart terá uma predisposição natural para contratar outros escoceses das Highlands? — Isso vai depender se Stuart já conheceu algum dos meus parentes — Jamie disse secamente. — Mas MacDonald acha que sim. — Ele beijou o topo de minha cabeça afetuosamente e distraidamente, depois retirou as mãos e começou a desfazer o laço que prendia seus cabelos.

— Sente-se — eu disse, dando um passo para fora do meu espartilho caído no chão. — Eu solto.

Ele sentou-se no banquinho, de camisa, fechando os olhos em um relaxamento momentâneo, enquanto eu desfazia sua trança. Nos últimos três dias, ele usara os cabelos presos numa trança apartada para cavalgar; corri as mãos pelo meio da cabeleira quente e flamejante, desfazendo a trança, e as ondas soltas derramaram-se como canela, ouro e prata à luz da lareira, enquanto eu massageava delicadamente seu couro cabeludo com as pontas dos dedos.

— Presentes, você disse. A Coroa fornece esses presentes?

— A Coroa, eu já observara, tinha o mau hábito de "premiar" homens de posses com cargos que exigiam que eles empregassem grandes somas de seu próprio dinheiro.

— Teoricamente. — Ele bocejou alto, os ombros largos relaxando confortavelmente quando eu peguei minha escova e



comecei a arrumar seus cabelos. — Ah, como isso é bom. É por isso que MacDonald considera isso um favor. Pode-se fazer um bom comércio.

— Além de excelentes oportunidades de corrupção. Sim, entendi.

— Continuei escovando por alguns minutos antes de perguntar: — Vai aceitar?

— Não sei. Tenho que pensar um pouco. Você mencionou o faroeste; Brianna me falou sobre isso, sobre os vaqueiros...

— Caubóis.

Ele abanou a mão, descartando a correção.

— E sobre os índios. É verdade mesmo o que ela diz a respeito dos índios? — Se o que ela diz é que eles serão quase exterminados ao longo do próximo século... sim, ela tem razão. — Alisei seus cabelos, depois me sentei na cama de frente para ele e comecei a escovar meus próprios cabelos. — Isso o perturba? Ele franziu um pouco as sobrancelhas enquanto pensava e coçou o peito distraidamente, onde os pelos ruivo-dourados e encaracolados apareciam pela gola aberta da camisa.

— Não — ele disse devagar. — Não exatamente. Não é como se eu os estivesse matando com minhas próprias mãos. Mas... vamos chegar a isso, não é? A época em que terei que pisar com cuidado, se tiver que caminhar entre os dois fogos.

— Receio que sim — eu disse, uma tensão desconfortável pairando entre minhas omoplatas. Eu entendia perfeitamente o que ele queria dizer. As linhas de combate ainda não estavam definidas, mas estavam sendo traçadas. Tornar-se um agente indigenista para a Coroa era parecer um legalista, um antisseparatista, o que não apresentava problemas no momento, quando o movimento rebelde não passava de uma ala radical à margem, com bolsões de descontentamento. Mas muito, muito perigoso, à medida que nos

aproximássemos do ponto em que os descontentes tomassem o poder e a independência fosse declarada.

Conhecendo o resultado final, Jamie não ousava demorar muito para se aliar ao lado rebelde, mas fazer isso cedo demais era se arriscar a ser preso por traição. Uma perspectiva nada boa para um homem que já era um traidor perdoado.

— Claro — eu disse, timidamente se você viesse a ser um agente indigenista, imagino que pudesse de fato persuadir algumas das tribos indígenas a apoiar o lado americano ou ao menos a ficarem neutras.

— É verdade — ele concordou, com um claro tom desolado na voz.

— Mas, deixando de lado qualquer questão quanto à honra de tal curso de ação, isso também ajudaria a condená-los, não? Você acha que o mesmo aconteceria a eles no fim, se os ingleses viessem a vencer?

— Não vencerão — eu disse, com uma certa contundência.

Ele lançou um olhar incisivo para mim.

— Eu realmente acredito em você — disse, com igual contundência. — Tenho razão para isso, não?

Balancei a cabeça, os lábios apertados com força. Eu não queria falar sobre o antigo Levante. Também não queria falar sobre a Revolução que se aproximava, mas não havia muita escolha.

— Não sei — eu disse, respirando fundo. — Ninguém pode dizer, já que não aconteceu, mas se eu fosse conjecturar... então acho que os índios provavelmente se dariam melhor sob o governo britânico. — Sorri para ele, um pouco melancolicamente.

— Acredite ou não, o Império Britânico conseguiu, ou conseguirá, devo dizer, de um modo geral, administrar suas colônias sem exterminar completamente os povos nativos.

— Exceto o povo de Hieland — ele disse, muito secamente.

— Sim, vou acreditar em você, Sassenach.

Levantou-se, passando a mão pelos cabelos para trás, e eu vislumbrei uma minúscula mecha branca, legado de um ferimento à bala.

— Você devia falar com Roger a respeito disso — eu disse.  
— Ele sabe muito mais do que eu.

Ele assentiu, mas não respondeu, além de mostrar um semblante levemente carregado.

— Por falar em Roger, onde acha que Roger e Bri foram?

— À casa dos McGillivray, imagino — ele respondeu, surpreso. — Buscar o pequeno Jem.

— Como sabe disso? — perguntei, igualmente surpresa.

— Quando há coisas ruins acontecendo por perto, um homem quer sua família segura sob seus olhos, não é? — Ergueu uma das sobrancelhas para mim e, alcançando a parte de cima do armário, retirou dali sua espada. Desembainhou-a até a metade, depois a devolveu ao mesmo lugar, a espada solta, o punho à mão.

Ele levara para cima uma pistola carregada; foi colocada sobre o lavatório junto à janela. O rifle e a espingarda de caça também foram deixados carregados e prontos para uso, pendurados em seus ganchos acima da lareira no andar térreo. E, com um pequeno floreio irônico, ele retirou a adaga de sua bainha no cinto e colocou-a cuidadosamente embaixo do travesseiro.

— Às vezes eu me esqueço — eu disse um pouco nostalgicamente, observando seus movimentos. Havia uma adaga sob o travesseiro em nosso leito de núpcias, e sob muitos outros desde então.

— É mesmo? — Ele sorriu; um sorriso um pouco enviesado, mas sorriu.

— Você não? Nunca?

Ele sacudiu a cabeça, ainda sorrindo, embora com um ar desolado.

— Às vezes, quisera esquecer.

Esse colóquio foi interrompido por um urro confuso do outro lado do corredor, seguido imediatamente por uma movimentação de cobertas, imprecações violentas e uma pancada brusca quando algo — como um sapato — atingiu a parede.

— Maldito gato! — berrou o major MacDonald. Sentei-me, a mão pressionada contra a boca, enquanto o barulho de pés descalços reverberava pelas tábuas do assoalho, rapidamente seguido do estrondo da porta do major, escancarada com um safanão e logo fechada com uma violenta pancada.

Jamie também ficara paralisado por um instante. Em seguida, moveu-se devagar e abriu nossa própria porta sem fazer barulho. Adso, a cauda arrogantemente em forma de S, caminhou calmamente para dentro. Ignorando-nos solenemente, atravessou o quarto, saltou com grande leveza para cima do lavatório e sentou-se na bacia, onde levantou uma perna traseira no ar e começou a lambar os testículos.

— Uma vez, vi um homem em Paris que conseguia fazer isso — Jamie comentou, observando a performance com interesse.

— Há pessoas dispostas a pagar para ver coisas assim? — Presumi que provavelmente ninguém iria se empenhar numa exibição pública desse tipo meramente por diversão. Não em Paris, de qualquer modo.

— Bem, não era tanto pelo homem. Era mais por sua companheira, igualmente flexível. Riu para mim, os olhos azuis brilhando à luz da vela.

— Como ver minhocas se acasalarem, sabe? — Que fascinante — murmurei. Olhei para o lavatório, onde Adso agora prosseguia com algo ainda mais grosseiro. — Você tem sorte de o

major não dormir armado, gato. Você podia ter acabado como uma lebre em panela de barro.

— Oh, duvido. Nosso Donald dorme com um prego, mas ele sabe muito bem o que lhe convém. Você provavelmente não lhe serviria café da manhã se ele tivesse espetado seu gato.

Olhei na direção da porta. Os barulhos de colchão e imprecações abafadas no outro lado do corredor haviam silenciado; o major, com a facilidade exercitada de um soldado profissional, já estava de volta à terra dos sonhos.

— Imagino que não. Você estava certo a respeito de ele se insinuar junto ao novo governador para obter um cargo. Que é a verdadeira razão para ele querer o seu progresso político, não? Jamie balançou a cabeça, mas obviamente havia perdido o interesse em discutir as maquinações de MacDonald. — Eu tinha razão, não é? Isso significa que você me deve uma prenda, Sassenach.

Olhou-me com um ar de especulação, que eu esperava que não tivesse sido muito inspirada pelas lembranças dos contorcionistas parisienses.

— Ah, é? — Olhei-o com desconfiança. — E, hum, o que precisamente...? — Bem, eu ainda não calculei todos os detalhes, mas acho que você deveria talvez se deitar na cama, para começar.

Parecia um começo razoável da questão. Empilhei os travesseiros na cabeceira da cama — parando para retirar a adaga — depois comecei a recostar-me neles. Mas parei outra vez e, antes de recostar-me, inclinei-me para girar a peça que aperta as amarras do estrado, esticando as cordas que apoiam o colchão até que o estrado estalou e as cordas rangeram.

— Muito esperta, Sassenach — Jamie disse atrás de mim, achando graça.

— Experiência — eu o informei, subindo de quatro na cama agora reforçada. — Já acordei muitas vezes depois de uma noite

com você, com o colchão dobrado ao redor dos meus ouvidos e meu traseiro a três centímetros do assoalho.

— Oh, acho que seu traseiro vai acabar um pouco mais alto do que isso — assegurou-me.

— Oh, vai me deixar ficar por cima? — Eu tinha sentimentos contraditórios a respeito disso. Estava extremamente cansada e, embora gostasse de cavalgar Jamie, eu andara cavalgando um cavalo de verdade por mais de dez horas e os músculos das minhas coxas necessários para ambas as atividades tremiam em espasmos.

— Talvez mais tarde — ele disse, os olhos apertados, pensativos. — Deite-se, Sassenach, e tire sua combinação. Depois abra suas pernas para mim, como uma boa garota, não, um pouco mais, sim? — Ele começou, com deliberada lentidão, a tirar a camisa.

Suspirei e remexi um pouco minhas nádegas, buscando uma posição que não me desse câibras se tivesse que mantê-la por muito tempo.

— Se você tem em mente o que acho que tem, vai se arrepender. Eu nem sequer tomei um banho adequado — eu disse, em tom de reprovação. — Estou extremamente imunda e cheirando a cavalo.

Nu, ele ergueu um dos braços e cheirou, avaliando.

— Ah, é? Bem, eu também. Não tem importância, eu gosto de cavalos. — Ele abandonara qualquer pretensão de demora, mas parou para inspecionar seus arranjos, examinando-me com aprovação.

— Sim, muito bem. Agora, por favor, coloque as mãos acima da cabeça e segure a cabeceira...

— Não, você não faria isso! — eu disse, abaixando a voz em seguida, com um olhar involuntário na direção da porta. — Não com MacDonald do outro lado do corredor! — Oh, faria sim — garantiu-me —, e para o diabo com MacDonald e todos iguais a ele.

— Parou, estudando-me pensativamente, e após alguns instantes suspirou e sacudiu a cabeça.

— Não — disse à meia-voz. — Esta noite, não. Você ainda está pensando naquele pobre holandês e sua família, não é? — Sim. Você não está? Ele sentou-se ao meu lado na cama com um suspiro.

— Tenho tentado muito não pensar — disse com franqueza. — Mas os que acabaram de morrer não sossegam em suas sepulturas, não é? Coloquei a mão em seu braço, aliviada por ele se sentir como eu. O ar noturno parecia agitado com a passagem de espíritos e eu sentira a deprimente melancolia daquela horta abandonada, daquela fileira de sepulturas, durante todos os acontecimentos e sinais de alerta daquela noite.

Era realmente uma noite para se ficar trancado dentro de casa, com um bom fogo na lareira e pessoas ao redor. A casa se agitava, as persianas rangendo ao vento.

— Eu a desejo muito, Claire — Jamie disse baixinho. — Eu preciso... se você quiser? E eles teriam passado sua última noite juntos assim?, eu me perguntei. Tranquilos e aconchegados entre suas paredes, marido e mulher sussurrando um para o outro, abraçados em sua cama, sem fazer ideia do que o futuro lhes reservava. Vi na lembrança suas longas coxas brancas quando o vento soprou suas saias e o rápido vislumbre do pequeno tapete encaracolado entre elas, a genitália sob seu nimbo de pelos castanhos, pálida como mármore esculpido, a fenda fechada como a estátua de uma virgem.

— Eu também preciso — eu disse, igualmente baixinho. — Venha cá.

Ele inclinou-se sobre mim e puxou os cordões da gola de minha combinação, de modo que o linho gasto deslizou de meus ombros. Fiz menção de segurar o tecido, mas ele agarrou minha mão e prendeu-a ao lado do meu corpo. Com apenas um dedo, ele afastou a combinação ainda mais para baixo, em seguida apagou a

vela e, em uma escuridão que cheirava a cera e mel e suor de cavalos, beijou minha testa, meus olhos, os lados das minhas faces, meus lábios e queixo, e continuou, lentamente, com lábios macios, até os arcos dos meus pés.

Em seguida, ergueu-se e sugou meus seios por um longo tempo e eu corri as mãos pelas suas costas e agarrei suas nádegas, nuas e vulneráveis na escuridão.

Depois, ficamos deitados, agradavelmente enroscados como duas minhocas, a única luz no quarto uma débil claridade da lareira abafada.

Eu estava tão cansada que podia sentir meu corpo afundando no colchão, e não desejava nada além de continuar afundando, afundando, em um bem-vindo e escuro esquecimento.

— Sassenach? -Hum? Uma ligeira hesitação, depois sua mão encontrou a minha, envolvendo-a.

— Você não faria o que ela fez, não é? — Quem? — Ela. A holandesa.

Arrancada do limiar do sono, sentia-me zozna e confusa, a ponto de a imagem da mulher morta, com o avental como mortalha, parecer irreal, não mais perturbadora do que os fragmentos aleatórios de realidade que meu cérebro atirava ao mar, no esforço vão de me manter flutuando enquanto eu afundava nas profundezas do sono.

— O quê? Cair dentro do fogo? Vou tentar não fazer isso — assegurei-lhe, bocejando. — Boa-noite.

— Não. Acorde. — Ele sacudiu meu braço delicadamente. — Fale comigo, Sassenach.

— O que... — Era um esforço considerável, mas empurrei os braços sedutores de Morfeu e virei-me de lado, de frente para ele.

— Hum. Falar com você. Sobre...? — A holandesa — ele repetiu, pacientemente. — Se eu fosse assassinado, você não mataria a família inteira, não é? — O quê? — Esfreguei a mão livre no rosto,



tentando dar algum sentido àquilo, entre os resquícios errantes do sono. — Família de quem... oh. Acha que ela fez de propósito? Envenenou-os? — Creio que sim.

Suas palavras não passavam de um sussurro, mas me fizeram despertar completamente. Continuei em silêncio por alguns instantes, depois estendi a mão, querendo me certificar de que ele estava realmente ali.

Estava; um objeto grande e sólido, o osso liso de seu quadril quente e vivo sob minha mão.

— Também pode ter sido um acidente — eu disse, a voz baixa. — Você não pode saber ao certo.

— Não — ele admitiu. — Mas não consigo parar de ver a cena. — Ele deitou-se de costas, agitado.

— Os homens vieram — ele disse baixinho, para as vigas no alto.

— Ele lutou com eles e eles o mataram ali, na soleira de sua própria casa.

E quando ela viu que seu homem morrera, acho que disse aos homens que precisava dar comida às crianças primeiro, antes de... e então ela colocou cogumelos venenosos no ensopado e serviu-o às crianças e a sua mãe. Ela levou os dois homens com ela, mas acho que isso é que foi o acidente. Ela só pretendia seguir o marido. Ela não o deixaria lá, sozinho.

Quis dizer a ele que essa era uma interpretação um pouco dramática do que havíamos visto. Mas também não podia dizer que ele estava errado. Ouvindo-o descrever o que ele via mentalmente, eu também vi, muito claramente.

— Você não sabe — eu disse por fim, baixinho. — Não pode saber.

— A menos que encontre os outros homens, pensei repentinamente, e pergunte a eles. Mas não disse isso.

Nenhum de nós dois falou por alguns instantes. Eu sabia o que ele ainda estava pensando, mas a areia movediça do sono novamente me puxava para baixo, envolvente e sedutora.

— E se eu não puder mantê-la a salvo? — ele murmurou finalmente. Sua cabeça moveu-se de repente sobre o travesseiro, virando-se para mim. — Você e todos os outros? Vou tentar com todas as minhas forças, Sassenach, e não me importo se morrer tentando, mas e se eu morrer cedo demais e... fracassar? E que resposta havia para isso? — Não vai morrer — sussurrei. Ele suspirou e inclinou a cabeça, de modo que sua testa recostou-se na minha. Eu podia sentir o cheiro de ovos e uísque em seu hálito quente.

— Vou tentar — ele disse, e eu selei seus lábios com os meus, macios contra os meus, reconhecimento e conforto na escuridão.

Recostei a cabeça na curva de seu ombro, envolvi a mão em seu braço e inspirei o cheiro de sua pele, fumaça e sal, como se ele tivesse sido curado no fogo.

— Você está cheirando a presunto defumado — murmurei, e ele fez um som grave, achando graça, enfiando a mão em seu lugar de costume, presa entre minhas coxas.

Relaxe, então, deixando as areias pesadas do sono me engolfarem.

Talvez ele tenha dito isso, conforme eu resvalava na escuridão, ou talvez eu tenha apenas sonhado.

— Se eu morrer — ele sussurrou no escuro —, não me siga. As crianças precisam de você. Fique, por elas. Eu posso esperar.

# PARTE DOIS



*ACÚMULO DE SOMBRAS*



## VÍTIMA DE UM MASSACRE

*De lorde John Grey  
Ao sr. James Fraser, esq.  
14 de abril de 1773*

*Caro amigo,  
Escrevo-lhe desfrutando de boa saúde e espero encontrá-lo, e à sua família, na mesma condição.*

*Meu filho retornou à Inglaterra para completar seus estudos. Ele me escreve encantado com suas experiências (anexo uma cópia de sua carta mais recente) e me tranquiliza quanto ao seu bem-estar. Mais importante ainda, minha mãe também me escreve para me assegurar de que ele desabrocha, embora eu creia — mais pelo que ela não diz do que pelo que diz — que ele introduz um elemento de confusão e agitação em seu ambiente doméstico, ao qual ela não está acostumada.*

*Confesso sentir falta desse elemento em meu próprio ambiente doméstico. Você ficaria espantado de ver como minha vida está tão ordenada e organizada ultimamente. Essa tranquilidade me parece opressiva e, embora gozando de boa saúde em termos físicos, vejo que meu espírito anda um pouco debilitado. Receio que esteja sentindo uma enorme falta de William.*

*Para me distrair de minha solitária condição, tenho me dedicado ultimamente a um novo empreendimento, o de produzir vinho. Apesar de*

*admitir que o produto não tem o poder de suas próprias destilações, congratulo-me por não ser uma bebida intragável e, se envelhecer por um ou dois anos, poderá, por fim, ser um vinho apreciável. Eu lhe enviarei uma dúzia de garrafas no final do mês, pelo meu criado, sr. Higgins, cuja história deverá achar interessante.*

*Já deve ter ouvido falar de uma briga turbulenta ocorrida em Boston, em março, há três anos, à qual frequentemente vejo os jornais e panfletos se referirem, de maneira muito irresponsável, como um "massacre" — e muito incorreta, para alguém que compartilha o que realmente aconteceu.*

*Eu não estava presente pessoalmente, mas tenho falado com muitos dos oficiais e soldados que estiveram. Se falam a verdade, e acredito que o façam, a visão dada pela imprensa de Boston à questão tem sido monstruosa. Boston é, segundo a opinião geral, um perfeito poço de sentimentos republicanos, com associações de protesto à solta, em passeatas pelas ruas com quaisquer condições do tempo, as quais não passam de desculpa para a reunião de bandos de arruaceiros, cuja principal ocupação é atormentar as tropas aquarteladas aqui.*

*Higgins me diz que nenhum homem ousaria sair sozinho de uniforme, por medo dessa gente, e que, mesmo em maior número, o assédio do público logo os conduz de volta aos quartéis, salvo quando compelidos pelo dever.*

*Certa noite, uma patrulha de cinco soldados foi vilmente acoçada, não só atacados com insultos da mais grosseira natureza, como também com pedras, torrões de terra e de esterco, e outras imundícies. Foi tal a pressão da turba em torno deles que os homens temeram por sua segurança e assim puxaram suas armas, na esperança de desencorajar as atenções beligerantes que recaíam sobre eles. Longe de alcançar esse objetivo, a ação provocou reações ainda mais violentas da multidão e, em determinado momento, uma arma foi disparada. Ninguém sabe dizer ao certo se o tiro foi deflagrado pela multidão ou por um dos soldados, muito menos se acidental ou deliberadamente, mas o resultado... bem, deve ter*

*conhecimento suficiente dessa questão para imaginar a confusão dos acontecimentos subsequentes.*

*Por fim, cinco elementos da turba foram mortos e, embora os soldados tenham sido surrados, escaparam com vida, apenas para se tornarem bodes expiatórios dos mal-intencionados protestos dos líderes das manifestações na imprensa. Os artigos fizeram o episódio parecer um desumano e gratuito massacre de inocentes, em vez de uma questão de legítima defesa contra uma turba de baderneiros inflamada pela bebida e pelas incitações de seus líderes.*

*Confesso que me solidarizo inteiramente com os soldados; tenho certeza de que isso é óbvio para você. Eles foram levados a julgamento, no qual o juiz considerou três deles inocentes, mas sem dúvida sentiu que seria perigoso para sua própria situação libertar todos eles.*

*Higgins, juntamente com outro, foi condenado por homicídio, mas apelou ao clero e foi solto depois de ser estigmatizado. O exército, naturalmente, o dispensou e, sem ter como ganhar a vida e sujeito ao opróbrio do povo, viu-se numa triste situação. Ele me contou que foi surrado numa taverna logo depois de sua libertação e que os ferimentos sofridos no episódio privaram um de seus olhos da visão; na verdade, sua vida foi ameaçada em mais de uma ocasião. Assim, em busca de segurança, ele embarcou em uma corveta comandada por meu amigo, capitão Gill, como marinheiro, mas eu o vi velejar e asseguro-lhe que ele não é um navegador.*

*Tais circunstâncias logo ficaram evidentes para o capitão Gill, que encerrou seu contrato assim que chegaram ao primeiro porto. Eu estava na cidade a negócios e encontrei o capitão Gill, que me falou da situação desesperadora de Higgins.*

*Concordei em me encontrar com o sujeito, sentindo pena de um soldado que me parecia ter cumprido seu dever honradamente e não merecer sofrer por isso. Descobrindo que ele era inteligente e de personalidade de um modo geral agradável, eu o contratei, e ele tem se mostrado muito fiel e dedicado.*

*Eu o envio com o vinho, na esperança de que sua mulher tenha a bondade de examiná-lo. O médico local, um tal dr. Potts, o examinou e declarou irreversível o dano causado a seu olho, como realmente deve ser. Entretanto, tendo alguma experiência pessoal das habilidades de sua mulher, imagino se ela poderia sugerir tratamento para os outros males que o afligem; o dr. Potts não foi de muita ajuda. Diga a ela, por favor, que sou seu humilde servo e eternamente grato por sua bondade e habilidade.*

*Minhas mais sinceras lembranças a sua filha, a quem envio um pequeno presente, a ser entregue juntamente com o vinho. Acredito que seu marido não se ofenderá com a minha falta de cerimônia, em consideração à minha longa amizade com sua família, e permitirá que ela o aceite.*

*Subscrevo-me, como sempre seu humilde criado,  
John Grey*





## O LIMIAR DA GUERRA

*Abril de 1773*

Robert Higgins era um jovem frágil, tão magro que seus ossos pareciam ser mantidos juntos pelas roupas, e tão pálido que seria fácil imaginar ser possível enxergar através dele. Era, no entanto, agraciado com grandes e cândidos olhos azuis, uma espessa cabeleira castanha e ondeada e um modo tímido, que fizeram a sra. Bug adotá-lo imediatamente embaixo de suas asas e declarar sua firme intenção de "alimentá-lo", antes que ele partisse de volta para a Virgínia.

Eu mesma gostei muito do sr. Higgins; era um rapaz de boa índole, com o sotaque suave de sua Dorset natal. No entanto, eu me perguntei se a generosidade de lorde John Grey para com ele seria de fato tão desprendida quanto parecia.

Eu passara, com certa relutância, a gostar de John Grey também, após nossa compartilhada experiência com sarampo há alguns anos e por sua amizade com Brianna enquanto Roger era mantido em cativeiro pelos iroqueses. Ainda assim, eu continuava plenamente cônica do fato de que lorde John gostava de homens — especificamente de Jamie, mas sem dúvida de outros homens também.



— Beauchamp — eu disse a mim mesma, espalhando raízes de lírio-do-bosque para secar —, você tem uma mente muito desconfiada.

— Tem, sim — disse uma voz atrás de mim, parecendo achar graça.

— De quem você desconfia que está fazendo o quê? Tive um sobressalto de susto, lançando lírios-do-bosque em todas as direções.

— Oh, é você — eu disse, aborrecida. — Por que tem que se aproximar de mim sorrateiramente desse jeito? — Prática — Jamie disse, beijando-me na testa. — Eu não gostaria de perder minha habilidade de me aproximar da caça sem ser notado.

Por que você fala sozinha? — Quando quero ter certeza de que vou ter um bom ouvinte — eu disse irritada, e ele riu, abaixando-se para pegar as raízes do chão. — De quem você desconfia, Sassenach? Hesitei, mas não consegui imaginar nada para dizer senão a verdade.

— Eu estava imaginando se John Grey anda sodomizando nosso sr. Higgins — eu disse, sem rodeios. — Ou pretende.

Ele piscou ligeiramente, mas não pareceu chocado — o que, por si mesmo, me sugeria que ele havia considerado a mesma possibilidade.

— O que a faz pensar assim? — Ele é um jovem muito bonito, para começar — eu disse, pegando um punhado de raízes das mãos dele e começando a espalhá-las num pedaço de gaze. — E, em segundo lugar, ele tem o pior caso de hemorroidas que eu já vi em um homem da idade dele.

— Ele deixou você vê-las? — Jamie ficara vermelho à menção de sodomia. Ele não gostava que eu fosse indelicada, mas, afinal de contas, ele perguntara.

— Bem, foi necessária muita persuasão — eu disse. — Ele logo me falou delas, mas não estava disposto a me deixar examiná-

las.

— Eu também não iria gostar da ideia, e sou casado com você. Por que você iria querer olhar tal coisa, além de uma mórbida curiosidade? — Ele lançou um olhar desconfiado para meu enorme e preto livro de casos médicos, aberto sobre a mesa. — Não está fazendo desenhos do traseiro do pobre Bobby Higgins no seu livro, está? — Não é preciso. Não posso imaginar um médico em nenhuma época que não saiba como são as hemorroidas. Afinal, os antigos israelitas e egípcios as tinham.

— Tinham? — Está na Bíblia. Pergunte ao sr. Christie — aconselhei.

Ele me lançou um olhar de esguelha.

— Andou discutindo a Bíblia com Tom Christie? Você é um homem mais corajoso do que eu, Sassenach. — Christie era um presbiteriano devoto e nunca se sentia mais feliz do que golpeando alguém na cabeça com um trecho da Sagrada Escritura.

— Eu, não. Germain me perguntou na semana passada o que eram "hemorroidas".

— Por quê? — Então disseram: Qual é a expiação da culpa que lhe havemos de enviar? E disseram: Segundo o número dos príncipes dos filisteus, cinco hemorroidas de ouro e cinco ratos de ouro; porquanto a praga é uma mesma sobre todos vós e sobre todos os vossos príncipes — eu disse, citando a Bíblia —, ou algo assim. É o que consigo lembrar de cabeça. O sr. Christie fez Germain escrever um verso da Bíblia como castigo e, tendo uma mente curiosa, Germain se perguntou o que ele estava escrevendo. — E ele não quis perguntar ao sr. Christie, é claro. — Jamie franziu a testa, esfregando um dedo pelo cavalete do nariz. — Devo saber o que foi que Germain fez? — E muito provável que não. — Tom Christie obteve a isenção de impostos territoriais ao trabalhar como professor local e parecia capaz de manter a disciplina nos seus

próprios termos. Minha opinião era que ter Germain como aluno provavelmente valia todos os impostos, em termos de trabalho.

— Hemorroidas de ouro — Jamie murmurou. — Bem, é uma ideia.

— Ele assumiu aquele ar levemente sonhador que sempre exibia antes de apresentar alguma ideia extravagante envolvendo a possibilidade de mutilação, morte ou prisão perpétua. Eu achava aquela expressão ligeiramente alarmante, mas, qualquer que tenha sido a linha de pensamento deflagrada por hemorroidas de ouro, ele abandonou-a por um instante, sacudindo a cabeça.

— Bem. Falávamos do traseiro de Bobby? — Oh, sim. Sobre por que eu queria ver as hemorroidas do sr. Higgins — eu disse, retornando ao ponto anterior da conversa. — Eu queria ver se o melhor tratamento seria a redução ou a remoção.

As sobrancelhas de Jamie ergueram-se abruptamente diante disso.

— Removê-las? Como? Com a sua faquinha? — Relanceou o olhar para o estojo onde eu guardava meus instrumentos cirúrgicos e arqueou os ombros, de repugnância.

— Eu poderia, sim, embora imagine que seria doloroso sem anestesia. Mas havia um método muito mais simples começando a ser usado em larga escala quando eu... parti. — Por um breve instante, senti uma pontada aguda de saudade do meu hospital. Quase pude sentir o cheiro de desinfetante, ouvir o murmúrio e a movimentação de enfermeiras e serventes, tocar as capas lustrosas dos periódicos de pesquisa, repletos de ideias e informações.

Então, o sentimento passou e eu já estava avaliando a conveniência de usar sanguessugas ou um fio, com referência à obtenção da saúde anal ideal do sr. Higgins.

— O dr. Rawlings aconselha o uso de sanguessugas — expliquei. — Vinte ou trinta, segundo ele, para um caso grave.

Jamie balançou a cabeça, sem demonstrar nenhuma repulsa em particular pela ideia. Claro, ele próprio já fora tratado com sanguessugas algumas vezes e assegurou-me que não doíam.

— Sim. Você não tem tantas à mão, não é? Quer que eu colete algumas? Jemmy e Germain adorariam uma desculpa para se atolar no lodaçal pelos riachos com seu avô, voltando para casa adornados de sanguessugas e lama até a raiz dos cabelos, mas eu sacudi a cabeça.

— Não. Ou melhor, sim — corriji. — Quando você puder, não preciso delas imediatamente. O uso de sanguessugas aliviaria a situação temporariamente, mas as hemorroidas de Bobby apresentam trombose em alto grau, isto é, têm coágulos de sangue, e eu acho que seria melhor para ele se eu as removesse completamente. Creio que posso amarrá-las, atar um fio bem apertado em torno da base de cada hemorroida, quero dizer. Isso as priva de sangue e, por fim, elas simplesmente secam e caem. Perfeito.

— Perfeito — Jamie murmurou, fazendo eco. Ele parecia ligeiramente apreensivo. — Já fez isso antes? — Sim, uma ou duas vezes.

— Ah. — Ele franziu os lábios, aparentemente visualizando o processo. — Como... hã, quero dizer... ele pode defecar, você acha, enquanto isso acontece? Deve levar algum tempo, sem dúvida.

Franzi o cenho, tamborilando o dedo no tampo da bancada.

— Sua principal dificuldade é que ele não defeca — eu disse. — Não com a frequência necessária, quero dizer, e não com a consistência adequada. Dieta terrível — eu disse, apontando um dedo acusador para ele. — Ele me contou. Pão, carne e cerveja. Nenhum legume, nenhuma verdura, nenhuma fruta. A prisão de ventre é absolutamente predominante no exército britânico, não tenho dúvida. Eu não ficaria surpresa se cada homem ali tivesse

hemorroidas penduradas de seus traseiros como cachos de uva! Jamie balançou a cabeça, uma das sobranceiras erguidas.

— Há muitas coisas que admiro em você, Sassenach. Especialmente, a natureza delicada de sua conversa. — Tossiu, olhando para baixo. — Mas se você diz que é a constipação que causa hemorroidas...

— É, sim.

— Sim, bem. É somente que... o que você estava dizendo sobre John Grey. Quero dizer, você não acha que o estado do traseiro de Bobby tenha a ver com... mmhum.

— Oh. Bem, não, não diretamente. — Parei. — É que lorde John disse em sua carta que ele queria que eu... como foi que ele colocou?... que eu deveria sugerir tratamento para seus outros males. Quero dizer, ele pode saber sobre o problema de Bobby sem... hã... uma inspeção pessoal, digamos assim. Mas, como eu digo, as hemorroidas são um mal tão comum, por que ele deveria ficar preocupado a ponto de me pedir para fazer alguma coisa a respeito, a menos que achasse que elas poderiam atrapalhar seu próprio... hã... progresso? O rosto de Jamie retomara seu tom normal durante a discussão sobre sanguessugas e prisão de ventre, mas neste ponto voltou a ficar vermelho.

— Seu...

— Quero dizer — expliquei, cruzando os braços no peito —, só estou um pouco contrariada... pela ideia de que ele tenha enviado o sr. Higgins até aqui para ser consertado, por assim dizer. — Eu andara experimentando uma sensação incômoda em relação ao problema do traseiro de Bobby Higgins, mas ainda não havia colocado a ideia em palavras. Agora que o fizera, compreendia exatamente o que estava me incomodando.

— A ideia de que devo consertar o pobre Bobby e depois enviá-lo de volta para ser... — Pressionei os lábios e virei-me

bruscamente para as minhas raízes, revirando-as desnecessariamente.

— Não gosto da ideia — eu disse, para a porta do armário.

— Farei tudo que for possível pelo sr. Higgins, veja bem. Bobby Higgins não tem muitas perspectivas; sem dúvida, ele faria... qualquer coisa que seu patrão quisesse. Mas talvez eu esteja sendo injusta aqui. Em relação a lorde John, quero dizer.

— Talvez esteja.

Virei-me, deparando-me com Jamie sentado em meu banquinho, manuseando um jarro de gordura de ganso que parecia absorver toda a sua atenção.

— Bem — eu disse, de modo incerto. — Você o conhece melhor do que eu. Se acha que ele não está... — Minhas palavras definharam. Lá fora, ouviu-se o baque suave e repentino quando um cone de abeto caiu na varanda de madeira.

— Sei mais a respeito de John Grey do que gostaria de saber — Jamie disse finalmente, e olhou para mim, um sorriso melancólico no canto da boca. — E ele sabe mais a meu respeito do que eu gostaria que soubesse. Mas — inclinou-se para frente, recolocando o jarro na bancada, depois colocou as mãos nos joelhos e olhou para mim — sei de uma coisa sem qualquer sombra de dúvida. Ele é um homem honrado.

Não se aproveitaria de Higgins, nem de nenhum outro homem sob sua proteção.

Ele soou muito categórico a respeito disso e eu me senti tranquilizada. Eu de fato gostava de John Grey. Ainda assim... a chegada de suas cartas, regulares como um relógio, sempre me davam uma leve sensação de desconforto, como o ruído de trovões distantes. Não havia nada nas próprias cartas para evocar tal reação; eram como o próprio autor — eruditas, espirituosas e sinceras. E ele tinha motivo para escrever, é claro. Mais de um.

— Ele ainda o ama, você sabe — eu disse serenamente.

Ele concordou, mas não olhou para mim, o olhar ainda fixo em algum lugar além das árvores que margeavam o pátio de entrada.

— Preferiria que não o amasse? Ele parou, depois concordou novamente. Desta vez, entretanto, virou-se para olhar para mim.

— Preferiria, sim. Por mim. Por ele mesmo, é claro. Mas por William? — Ele sacudiu a cabeça, em dúvida. — Oh, ele pode ter assumido a guarda de William por sua causa — eu disse, recostando-me na bancada. — Mas eu vi os dois juntos, lembre-se. Não tenho a menor dúvida que ele agora ama Willie por ele mesmo.

— Não, eu também não duvido disso. — Ele levantou-se, irrequieto, e bateu uma poeira imaginária das pregas do seu kilt. Seu rosto estava impenetrável, olhando para dentro, para algo que ele não queria compartilhar comigo.

— Você — comecei, mas parei quando ele ergueu os olhos para mim. — Não. Não tem importância.

— O que foi? — Ele inclinou a cabeça para o lado, os olhos estreitando-se.

— Nada.

Ele não se moveu, apenas intensificou o olhar.

— Posso ver pelo seu rosto que não é verdade, Sassenach. O que foi? Respirei fundo pelo nariz, os punhos cerrados em meu avental.

— É só que... e tenho certeza de que não é verdade, foi somente um pensamento passageiro...

Ele emitiu um som escocês grave, indicando que era melhor eu parar de dizer bobagens e revelar logo o que pretendia. Tendo bastante experiência para saber que ele não abandonaria a questão até que eu falasse, confessei.

— Você algum dia pensou se lorde John poderia ter ficado com ele porque... bem, William se parece demais com você e evidentemente desde pequeno. Como lorde John acha você

fisicamente... atraente... — As palavras definharam e eu tive vontade de cortar minha garganta por tê-las pronunciado, ao ver a expressão em seu rosto.

Ele fechou os olhos por um instante, para me impedir de fitá-los.

Seus punhos estavam cerrados com tanta força que as veias sobressaíam-se dos nós dos dedos ao antebraço. Bem devagar, ele relaxou as mãos.

Abriu os olhos.

— Não — ele disse, com absoluta convicção na voz. Lançou-me um olhar implacável, direto. — E também não é porque eu não suporte a ideia. Eu sei.

— Claro — eu disse, apressadamente, ansiosa para encerrar o assunto.

— Eu sei — ele repetiu com mais contundência. Os dois dedos rígidos de sua mão tamborilaram, uma vez, contra a perna, e em seguida ficaram imóveis. — Eu também pensei nisso. Quando ele me disse pela primeira vez que pretendia se casar com Isobel Dunsany.

Ele virou-se, olhando fixamente pela janela. Adso estava no pátio, caçando alguma coisa na grama.

— Eu ofereci meu corpo a ele — Jamie disse abruptamente, sem se virar. As palavras eram firmes, mas eu podia ver pelos ombros contraídos o quanto era difícil para ele falar sobre isso. — Em agradecimento, eu disse. Mas foi... Fez um estranho movimento convulsivo, como se tentasse se libertar de alguma coação. — Eu pretendia ver que tipo de homem ele era, sem dúvida. Aquele homem que adotaria meu filho como se fosse dele. Sua voz tremeu, quase imperceptivelmente, quando ele disse "adotar meu filho" e eu me aproximei dele por instinto, querendo de algum modo consertar a ferida aberta sob aquelas palavras.



Ele estava rígido quando o toquei, sem querer ser abraçado, mas segurou minha mão e apertou-a.

— Você pôde... saber realmente, você acha? — Eu não estava chocada. John Grey me falara dessa oferta, há anos, na Jamaica. Mas eu não achava que ele tivesse compreendido a verdadeira natureza da intenção.

A mão de Jamie apertou a minha com mais força e seu polegar traçou o contorno do meu, esfregando a unha de leve. Olhou para mim e eu senti seus olhos examinarem meu rosto — não com uma indagação, mas da maneira como alguém faz ao ver de um ângulo novo algum objeto que se tornara familiar —, vendo com os olhos o que durante muito tempo foi visto apenas com o coração.

Sua mão livre ergueu-se e traçou o contorno de minhas sobrancelhas, dois dedos pousando por um instante no osso da minha face, depois se movendo para cima, para trás, frios no calor dos meus cabelos.

— Não se pode ser tão íntimo de alguém — ele disse finalmente. — Estar dentro um do outro, sentir seu suor, esfregar os pelos de seu corpo nos da outra pessoa e não ver nada de sua alma. Ou se você pode fazer isso... — Hesitou, e eu me perguntei se ele estaria pensando em Black Jack Randall, ou em Laoghaire, a mulher com quem se casara, pensando que eu estava morta. — Bem... isso é terrível em si mesmo — ele terminou suavemente, deixando cair a mão.

Fez-se silêncio entre nós. Um farfalhar repentino veio do gramado lá fora quando Adso arremeteu-se para a frente e desapareceu, e um tordo começou a dar gritos estridentes de alarme, em um enorme abeto próximo. Na cozinha, alguma coisa caiu com estardalhaço e, em seguida, o ruído rítmico de uma vassoura começou. Todos os sons domésticos da vida que havíamos criado para nós.

Eu já fizera isso? Deitar-me com um homem e não ver nada de sua alma? Sim, de fato, já, e ele tinha razão. Senti uma aragem fria e meus pelos se eriçaram, silenciosos em minha pele.

Ele soltou um suspiro que parecia ter vindo de seus pés e passou a mão pelos cabelos presos.

— Mas ele recusou minha oferta. John. — Ele ergueu os olhos e me deu um sorriso enviesado. — Ele me amava, ele disse. E se eu não podia lhe retribuir, e ele sabia que eu não poderia, então ele não aceitaria uma cópia falsa em lugar da moeda verdadeira.

Estremeceu com força, como um cachorro ao sair da água. — Não. Um homem que diz algo assim não é alguém que iria abusar de uma criança pelos belos olhos azuis de seu pai, posso lhe garantir, Sassenach.

— Sim — concordei. — Diga-me... — Hesitei, e ele olhou para mim, uma das sobrancelhas erguidas. — Se... se ele tivesse... hã... aceitado sua oferta e você descobrisse que ele... — tateei em busca de palavras adequadas — era, hum, menos honrado do que você gostaria...

— Eu teria quebrado seu pescoço ali mesmo perto do lago — ele disse. Não me importaria se me enforcassem, eu não o deixaria ficar com o menino. Mas ele não fez isso e eu deixei", acrescentou, dando ligeiramente de ombros. "E, se o pequeno Bobby vai para a cama de seu patrão, acho que é por vontade própria." Nenhum homem está realmente em seu melhor estado com a mão de outro alguém em seu traseiro. Eu já notara isso e Robert Higgins não era nenhuma exceção à regra geral.

— Bem, não vai doer muito — eu disse, de forma tão tranquilizadora quanto possível. — Tudo que você tem que fazer é ficar absolutamente imóvel.

— Oh, farei isso, dona, farei exatamente isso — assegurou-me fervorosamente.

Ele estava sobre a mesa de cirurgia, apenas de camisa, e de quatro, sobre as mãos e os joelhos, o que trazia a área de operação convenientemente ao nível dos meus olhos. Os fórceps e as ligaduras de que eu iria precisar estavam sobre a mesinha à minha direita, com uma tigela de sanguessugas frescas ao lado, caso houvesse necessidade.

Ele emitiu um pequeno grito quando apliquei um pano embebido em terebintina na região, a fim de limpá-la perfeitamente, mas cumpriu sua palavra e não se mexeu.

— Agora, vamos obter um efeito muito bom aqui — assegurei-lhe, pegando um par de fórceps compridos. — Mas, se quisermos que o alívio seja permanente, você terá que fazer uma mudança drástica em sua dieta. Está me entendendo? Ele arquejou profundamente, quando eu peguei uma das hemorroidas e puxei-a na minha direção. Havia três, uma apresentação clássica, em nove, duas e cinco horas. Bulbosas como framboesas e exatamente da mesma cor.

— Oh! S-sim, senhora.

— Aveia — eu disse com firmeza, transferindo o fórceps para a outra mão sem perder minha presa e pegando uma agulha com fio de seda à minha direita. — Mingau todo dia de manhã, sem falta. Você notou uma mudança para melhor na sua evacuação desde que a sra. Bug começou a lhe dar mingau de manhã? Passei o fio frouxamente na base da hemorroida, em seguida empurrei a agulha delicadamente para cima por baixo do laço, dando um pequeno nó, e puxei com força.

— Ahhhh... oh! Hã... para lhe dizer a verdade, dona, é como cagar um tijolo coberto com pele de porco-espinho, não importa o que eu coma.

— Bem, mas você vai notar — assegurei-lhe, finalizando a ligadura com um nó. Soltei a hemorroida e ele respirou

profundamente. — Agora, uvas. Gosta de uvas, não gosta? — Não, senhora. Me dá aflição nos dentes mastigá-las.

— É mesmo? — Seus dentes não pareciam gravemente cariados; eu teria que dar uma olhada mais de perto em sua boca; ele podia estar sofrendo de um leve escorbuto. — Bem, vamos pedir à sra. Bug para fazer uma deliciosa torta de passas para você; poderá comê-la sem nenhuma dificuldade. Lorde John tem um bom cozinheiro? — Direcionei o fórceps e preendi a próxima. Agora acostumado à sensação, ele apenas gemeu um pouco.

— Sim, senhora. É um índio, chama-se Manoke.

— Humm. — Em volta, para cima, apertar, amarrar. — Vou escrever a receita da torta de passas para você levar para ele. Ele faz batata-doce ou feijão? Feijões são muito bons para esse fim.

— Acho que ele faz, sim, dona, mas o patrão...

Eu deixara as janelas abertas para ventilação — Bobby não era mais imundo do que a média, mas certamente não era mais limpo — e nesse momento ouvi sons na cabeceira da trilha; vozes e o tinido de arreios.

Bobby ouviu-os também e olhou freneticamente para a janela, retesando o traseiro como se fosse saltar da mesa como um gafanhoto.

Agarrei-o por uma das pernas, mas depois pensei melhor. Não havia como cobrir a janela, a não ser fechando as persianas, e eu precisava da luz.

— Tudo bem, fique em pé — eu lhe disse, soltando-o e pegando uma toalha. — Vou ver quem é. — Ele seguiu prontamente a instrução, saindo às pressas da mesa e pegando suas calças atabalhoadamente.

Saí para a varanda, a tempo de cumprimentar os dois homens que conduziam suas mulas pela última e árdua ladeira, e entravam no pátio.

Richard Brown e seu irmão, Lionel, do povoado de mesmo nome, Brownsville.

Eu estava surpresa de vê-los; era uma viagem de pelo menos três dias de Ridge a Brownsville, e havia pouco comércio entre os dois povoados. A distância de Ridge a Salem, na direção oposta, era no mínimo a mesma, mas os moradores de Ridge iam a Salem com muito mais frequência; os irmãos morávios eram tanto trabalhadores quanto grandes comerciantes, aceitando mel, óleo, peixe salgado e peles de animais em troca de queijo, cerâmica, galinhas e outros animais domésticos pequenos. Até onde eu sabia, os habitantes de Brownsville lidavam apenas com mercadorias baratas para os cherokees e com a produção de uma cerveja de tipo muito inferior, não valia a viagem.

— Bom-dia, dona. — Richard, o menor e mais velho dos irmãos, tocou a aba do chapéu, mas não o tirou. — Seu marido está em casa? — Está perto do celeiro de feno, raspando peles. — Limpei as mãos cuidadosamente na toalha que estava segurando. — Deem a volta até a cozinha; vou levar sidra.

— Não se preocupe. — Sem mais delongas, ele virou-se e partiu decididamente para trás da casa. Lionel Brown, um pouco mais alto do que o irmão, embora com a mesma compleição delgada, quase magra, e os mesmos cabelos cor de tabaco, cumprimentou-me brevemente com um sinal de cabeça e seguiu-o.

Haviam deixado suas mulas, as rédeas pendentes, evidentemente para eu cuidar delas. Os animais começavam a se afastar devagar pelo pátio, parando para podar o longo capim que margeava o caminho.

— Hum! — exclamei, olhando com raiva os irmãos Brown se afastarem.

— Quem são? — perguntou uma voz baixa atrás de mim. Bobby Higgins saíra e espreitava pela quina da varanda com seu olho bom.

Bobby tendia a desconfiar de estranhos, e não era de admirar, considerando-se suas experiências em Boston.

— São vizinhos. — Estiquei-me para fora da varanda e segurei uma das mulas pela brida quando ela se preparava para abocanhar a muda de pessegueiro que eu plantara perto da varanda. Contrariada com essa interferência em suas atividades, ela zurrou de modo ensurdecedor no meu rosto e tentou me morder.

— Hum, deixe comigo. — Bobby, já segurando as rédeas da outra mula, inclinou-se e pegou o cabresto da minha mão. — Fique quieta! — ele disse para a mula estridente. — Pare com esse barulho, ou lhe dou uma varada! Bobby fora soldado da infantaria, e não da cavalaria, ficou claro para mim. As palavras eram bastante enérgicas, mas não combinavam com seus modos hesitantes. Ele deu um puxão superficial nas rédeas da mula.

Esta prontamente abaixou as orelhas para trás e mordeu-o no braço.

Ele gritou e imediatamente largou as duas rédeas. Clarence, minha própria mula, ao ouvir a algazarra, emitiu um sonoro zurro de saudação de seu curral e as duas mulas estranhas partiram imediatamente naquela direção, as tiras de couro dos estribos balançando.

Bobby não foi gravemente ferido, embora os dentes da mula tivessem rompido sua pele; pontos de sangue atravessavam a manga de sua camisa. Quando eu virava sua manga para dar uma olhada no ferimento, ouvi passos na varanda e ergui os olhos, deparando-me com Lizzie, uma grande colher e madeira na mão, parecendo assustada. — Bobby! O que aconteceu?

Ele endireitou-se imediatamente ao vê-la, assumindo um ar descontraído, e afastou da testa uma mecha de cabelos castanhos.

— Ah, oh. Nada, senhorita. Um pouco de dificuldade com aqueles filhos do demônio. Não se preocupe, estou bem.

Em seguida, ele revirou os olhos para trás e caiu com um fulminante desmaio.

— Oh! — Lizzie desceu voando os degraus e ajoelhou-se ao lado dele, dando tapinhas ansiosos em seu rosto. — Ele está bem, sra. Fraser? — Só Deus sabe — eu disse com franqueza. — Mas acho que sim.

— Bobby parecia estar respirando normalmente e seu pulso era razoável.

— Devemos carregá-lo para dentro? Ou devo ir buscar uma pena queimada? O que acha? Ou a amônia no consultório? Ou um pouco de conhaque? — Lizzie pairava como um abelhão ansioso, pronta para disparar em várias direções diferentes.

— Não, acho que ele está voltando a si. — A maioria dos desmaios duram apenas alguns segundos e eu podia ver seu peito levantar-se conforme sua respiração se tornava mais profunda.

— Um pouco de conhaque não faria mal — ele murmurou, as pálpebras começando a adejar.

Balancei a cabeça para Lizzie, que desapareceu para dentro de casa, deixando sua colher na grama.

— Está se sentindo um pouco mal, não é? — perguntei solidariamente. O ferimento no braço não passava de um arranhão e eu certamente não havia feito nada que pudesse lhe causar um grande abalo, bem, ao menos não um abalo físico. Qual era o problema ali? — Não sei, dona. — Ele tentava se sentar e, embora estivesse branco como um lençol, parecia bem de um modo geral, e então deixei que se sentasse. — É só que de vez em quando surgem esses pontos pretos, ficam girando ao redor de minha cabeça como um enxame de abelhas, e em seguida tudo escurece.

— De vez em quando? Já aconteceu isso antes? — perguntei incisivamente.

— Sim, senhora. — Sua cabeça oscilava como um girassol na brisa e eu coloquei a mão sob seu braço, com receio de que fosse

cair novamente. — O patrão esperava que a senhora soubesse alguma coisa que parasse com isso.

— O pa... oh, ele sabia sobre os desmaios? — Bem, claro que sabia, se Bobby costumava cair na sua frente.

Ele balançou a cabeça e respirou fundo, arquejante.

— O dr. Potts me sangrava regularmente, duas vezes por semana, mas não parecia ajudar. — Creio que não. Espero que ele tenha sido de mais ajuda com suas hemorroidas — observei secamente.

Um leve tom rosado — o pobre rapaz quase não tinha sangue suficiente para um rubor decente — subiu às suas faces e ele desviou o olhar, fixando-o na colher.

— Hã... eu, hum, não mencionei isso a ninguém.

— Não? — Fiquei surpresa com aquilo. — Mas...

— Sabe, foi apenas a cavalgada desde a Virginia. — O tom rosado se intensificou. — Eu não teria dito nada, só falei porque estava em tão grande agonia depois de uma semana sobre o maldito cavalo, se me permite, senhora, que não tinha como esconder.

— Então, lorde John também não sabia sobre isso? Ele sacudiu a cabeça vigorosamente, fazendo as mechas castanhas descabeladas caírem de novo na testa. Fiquei um pouco aborrecida — comigo mesma, por ter evidentemente julgado mal as motivações de John Grey, e com John Grey, por me fazer sentir uma tola.

— Bem... está se sentindo um pouco melhor agora? — Lizzie não aparecia com o conhaque e me perguntei por um instante onde ela estaria. Bobby ainda estava muito pálido, mas balançou a cabeça heroicamente e esforçou-se para se pôr em pé, quando então ficou oscilando e piscando, tentando manter o equilíbrio. O "A" de "assassino" gravado em seu rosto destacava-se, vermelho, contra a pele pálida.



Distraída com o desmaio de Bobby, eu ignorara os sons que vinham do outro lado da casa. Agora, entretanto, percebi vozes, e passos que se aproximavam.

Jamie e os dois Brown surgiram de trás da casa, depois pararam ao nos ver. Jamie tinha o cenho ligeiramente franzido; o olhar carrancudo se acentuou. Os Brown, ao contrário, pareciam estranhamente exultantes, embora de uma maneira sombria.

— Então, é verdade. — Richard Brown olhou ferozmente para Bobby Higgins, depois se virou para Jamie. — Você tem um assassino em sua propriedade!

— Tenho? — Jamie disse, friamente educado. — Não fazia a menor ideia. — Fez uma reverência para Bobby Higgins no seu melhor estilo francês, depois se empertigou, gesticulando para os Brown. — Sr. Higgins, permita-me apresentar-lhe o sr. Richard Brown e o sr. Lionel Brown. Cavalheiros, meu hóspede, sr. Higgins. — As palavras "meu hóspede" foram ditas com uma ênfase especial que fez a boca fina de Richard Brown comprimir-se até se tornar quase invisível. — Tenha cuidado, Fraser — ele disse, olhando fixamente para Bobby, como se quisesse fazê-lo evaporar. — Ficar em más companhias pode ser perigoso hoje em dia.

— Escolho minhas companhias como me apraz, senhor. — Jamie falou calmamente, mas pronunciando cada palavra entredentes. — E não escolho as suas, Joseph! O pai de Lizzie, Joseph Wemyss, apareceu de trás da casa, conduzindo as duas mulas desertoras, agora parecendo dóceis como gatinhos, apesar de ambas serem muito maiores que o sr. Wemyss.

Bobby Higgins, estupefato com os acontecimentos, olhava desesperadamente para mim em busca de uma explicação. Dei ligeiramente de ombros e permaneci em silêncio, enquanto os dois Brown montavam e abandonavam a clareira, empertigados de raiva.

Jamie esperou até que tivessem desaparecido de vista, depois soltou a respiração ruidosamente, esfregando a mão

vigorosamente pelos cabelos e murmurando alguma coisa em gaélico. Não entendi todos os pormenores, mas compreendi que ele estava comparando o caráter de nossos recentes visitantes com as hemorroidas do sr. Higgins — em detrimento dos primeiros.

— O que disse, senhor? — Higgins parecia confuso, mas ansioso para agradar.

Jamie olhou para ele.

— Deixe que morram de raiva — ele disse, descartando os Brown com um gesto brusco da mão. Nossos olhos se encontraram e ele virou-se para a casa. — Venha Bobby. Tenho uma ou duas coisas para lhe dizer.

Segui-os para dentro, tanto por curiosidade quanto para o caso de o sr. Higgins desmaiar outra vez; ele parecia bastante estável, mas ainda muito pálido. Em contraste com Bobby Higgins, o sr. Wemyss — louro e frágil como sua filha — parecia a imagem da saúde. Qual seria o problema de Bobby?, eu me perguntei. Lancei um olhar discreto à parte de trás de suas calças enquanto o seguia, mas estava tudo bem; nenhum sangramento.

Jamie seguiu na frente e entrou no seu gabinete, indicando a diversificada coleção de bancos e caixas que ele usava para as visitas, mas tanto Bobby quanto o sr. Wemyss preferiram ficar em pé — Bobby por razões óbvias, o sr. Wemyss por respeito; ele nunca se sentia à vontade de se sentar na presença de Jamie, a não ser durante as refeições.

Sem me deixar tolher por restrições físicas ou sociais, instalei-me no melhor banco e ergui uma sobrancelha para Jamie, que havia ele próprio se sentado sobre a mesa que usava como escrivaninha. — Acontece o seguinte — ele disse sem preâmbulos. — Brown e seu irmão declararam-se chefes de um Comitê de Segurança, e vieram me alistar e aos meus colonos como membros. — Olhou para mim, o canto da boca curvando-se ligeiramente. — Eu recusei a oferta, como certamente vocês perceberam.

Meu estômago contraiu-se um pouco, pensando no que o major MacDonald dissera — e no que eu sabia. Estava começando, então.

— Comitê de Segurança? — O sr. Wemyss pareceu confuso e olhou para Bobby Higgins, que parecia estar começando a compreender.

— Então é assim, hein? — Bobby disse suavemente. Fios de cabelos castanhos cacheados haviam escapado do laço que os prendia; ele ajustou alguns para trás da orelha.

— Já ouviu falar desses comitês antes, sr. Higgins? — Jamie perguntou, erguendo uma das sobancelhas.

— Já me deparei com um, senhor. De perto. — Bobby tocou de leve com o dedo embaixo do olho cego. Ainda estava pálido, mas começava a recuperar a calma. — São desordeiros, senhor. Como suas mulas, mas piores... e mais cruéis. — Deu um sorriso enviesado, alisando a manga da camisa sobre a mordida em seu braço.

A menção de mulas me fez lembrar abruptamente, e eu me levantei com um salto, dando um fim repentino à conversa.

— Lizzie! Onde está Lizzie! Sem esperar uma resposta a essa pergunta retórica, fui à porta do gabinete e gritei seu nome — obtendo apenas o silêncio em resposta. Ela entrara para pegar o conhaque; havia bastante, em um jarro na cozinha, e ela sabia disso — eu a vira pegando-o para a sra. Bug na noite anterior.

Ela deve estar na casa. Certamente, ela não teria ido...

— Elizabeth? Elizabeth, onde você está? — O sr. Wemyss veio logo atrás de mim, chamando, enquanto eu descia apressadamente o corredor na direção da cozinha.

Lizzie estava desmaiada perto da lareira, um monte frouxo de roupas, uma das mãos frágeis atirada para fora, como se ela tivesse tentado se salvar ao cair.

— Srta. Wemyss! — Bobby Higgins abriu caminho passando por mim, parecendo desesperado, e segurou-a nos braços.

— Elizabeth! — O sr. Wemyss também passou por mim, o rosto quase tão Pálido quanto o da filha.

— Por favor, deixem-me examiná-la, sim? — eu disse, abrindo caminho com igual firmeza. — Deite-a no banco grande, Bobby.

Ele se levantou cuidadosamente com Lizzie nos braços, depois se sentou no banco, ainda segurando-a, contraindo-se ligeiramente ao fazê-lo. Bem, Se ele queria ser um herói, eu não tinha tempo de argumentar com ele. Ajoelhei-me e segurei seu punho em busca de um pulso, afastando os cabelos claros de seu rosto com a outra mão.

Bastou um olhar para eu saber qual era o problema. Ela estava suada e pegajosa ao toque, e a palidez de seu rosto com um tom acinzentado.

Eu podia sentir o tremor de calafrios eminentes que percorria seu corpo, ainda que inconsciente.

— A febre está de volta, não é? — Jamie perguntou. Ele surgira ao meu lado e segurava o sr. Wemyss pelo ombro, ao mesmo tempo confortando-o e restringindo-o.

— Sim — eu disse sucintamente. Lizzie tinha malária, contraída no litoral há alguns anos, e era sujeita a recaídas de tempos em tempos, embora não tivesse tido nenhuma em mais de um ano.

O sr. Wemyss deu um suspiro profundo e sonoro, um pouco de cor retornando ao seu rosto. Ele estava familiarizado com a malária e confiava em mim para lidar com isso. Eu já o fizera, várias vezes.

Eu esperava poder ajudá-la também desta vez. O pulso de Lizzie estava rápido e fraco sob meus dedos, mas regular, e ela começava a se mexer. Ainda assim, a rapidez e o caráter repentino

com que o ataque sobreviera eram assustadores. Ela teria tido algum indício? Eu esperava que a preocupação que eu sentia não transparecesse em meu rosto.

— Leve-a para cima, para a cama dela, cubra-a, arranje uma pedra quente para seus pés — eu disse, levantando e me dirigindo energicamente primeiro a Bobby, depois ao sr. Wemyss. — Vou começar a preparar um remédio.

Jamie seguiu-me até o consultório, olhando para trás por cima do ombro para ter certeza de que os outros não poderiam ouvir antes de começar a falar.

— Eu pensei que seu estoque de casca de quina tivesse acabado — ele disse, em voz baixa.

— Acabou. Droga. — A malária era uma doença crônica, mas em sua maior parte eu tinha conseguido mantê-la sob controle com doses pequenas e regulares de casca de cinchona durante o inverno, e ninguém ainda conseguira viajar até a costa para trazer mais.

— E agora? — Estou pensando.

Abri a porta do armário e fitei as fileiras de frascos de vidro nas prateleiras — muitos dos quais vazios ou contendo não mais do que alguns farelos de folhas ou raízes. Tudo estava depauperado, após um inverno rigoroso e úmido, de resfriados, gripes, frieiras e acidentes de caça.

Febrífugos. Eu possuía diversos remédios para uma febre normal; mas a malária era diferente. Ao menos, havia raízes e cascas de corniso em abundância; eu coletara enormes quantidades no outono, prevendo a necessidade.

Tirei-o da prateleira e, após considerar por um momento, acrescentei o frasco contendo uma espécie de genciana conhecida localmente como "erva-da-febre".

— Coloque a chaleira no fogo, sim? — pedi a Jamie, franzindo a testa comigo mesma enquanto esfarelava raízes, cascas

e ervas em meu almofariz. Tudo que eu podia fazer era tratar os sintomas superficiais da febre e dos calafrios. E choque, pensei, melhor tratar disso também.

— E me traga um pouco de mel também, por favor! — gritei quando ele saía, já tendo atravessado a porta. Ele balançou a cabeça e dirigiu-se apressadamente à cozinha, seus passos rápidos e decididos nas tábuas de carvalho do assoalho.

Comecei a triturar a mistura, ainda remoendo algumas possibilidades adicionais. Uma pequena parte da minha mente estava satisfeita com a emergência; eu podia adiar por algum tempo a necessidade de ouvir falar dos Brown e de seu abominável comitê.

Eu tinha uma sensação muito desagradável. O que quer que quisessem, não anunciava nada de bom, eu tinha certeza; certamente não foram embora amistosamente. Quanto ao que Jamie poderia sentir-se obrigado a fazer em reação a eles...

Castanha-da-índia. Às vezes, era usada para febre terçã, como o dr. Rawlings a chamava. Eu ainda teria um pouco? Verificando rapidamente os potes e frascos na caixa de remédios, parei ao ver um com alguns centímetros de glóbulos pretos e secos. "Gallberries", dizia o rótulo. Não era meu; era um dos potes de Rawlings. Eu nunca o usara para nada. Mas alguma coisa despontou no fundo da minha mente. Eu ouvira ou lera alguma coisa sobre gallberries. O que seria? De maneira quase inconsciente, peguei o recipiente e o abri, cheirando seu conteúdo. Um cheiro adstringente e penetrante elevou-se das bagas, ligeiramente amargo. E ligeiramente familiar.

Ainda segurando o pote, dirigi-me à mesa onde estava meu enorme livro preto de referências médicas e folheei rapidamente para as primeiras páginas, aquelas anotações deixadas pelo homem a quem primeiro pertenceram tanto o livro quanto a caixa de remédios, Daniel Rawlings. Onde estaria? Eu ainda folheava as páginas, buscando uma anotação de que me lembrava, quando

Jamie voltou, um jarro de água quente e uma vasilha de mel na mão e os gêmeos Beardsley seguindo-o nos calcanhares.

Olhei para eles, mas não disse nada; eles tinham o costume de surgir de repente, como um par de bonecos que sai de uma caixa de surpresas.

— A srta. Lizzie está gravemente doente? — Jo perguntou ansiosamente, espreitando por trás de Jamie para ver o que eu estava fazendo. — Sim — eu disse laconicamente, prestando atenção a ele apenas em parte. — Mas não se preocupe, estou preparando um remédio para ela.

Lá estava. Uma breve anotação, obviamente acrescentada posteriormente, como uma reflexão tardia, ao relato de tratamento de um paciente, cujos sintomas pareciam claramente de malária — e que havia, notei com uma desagradável pontada de dor, morrido.

Fui informado pelo comerciante a quem encomendei a casca da árvore quina que os índios usam uma planta chamada gallberry, comparável à casca da árvore cinchona por seu amargor e considerada excelente na utilização em febres terçãs e quartãs. Coletei algumas para fazer uma experiência e pretendo tentar a infusão assim que surgir uma oportunidade.

Peguei uma das frutinhas secas e a mordi. O sabor pungente de quinino imediatamente inundou minha boca — acompanhado por um copioso fluxo de saliva, conforme minha boca se contraía e meus olhos lacrimejavam com o amargor. De fato, parecia fel.

Lancei-me para a janela aberta, cuspi no canteiro de ervas embaixo e continuei cuspindo, ao acompanhamento de risadinhas e resfolegadas dos Beardsley, que se divertiam muito com a cena inesperada.

— Você está bem, Sassenach? — O riso lutava com a preocupação no rosto de Jamie. Ele serviu um pouco de água da jarra em uma caneca de barro, resolveu acrescentar um pouco de mel, e me entregou a mistura.

— Ótima — grasnei. — Não deixe isso cair! — Kezzie Beardsley pegara o pote de gallberries e o cheirava cautelosamente. Ele assentiu diante da minha admoestação, mas não recolocou o pote na bancada, entregando-o, em vez disso, a seu irmão.

Enchi a boca com um bom gole de água quente adoçada com mel e engoli.

— Elas... estas frutinhas contêm algo parecido com quinino.

O rosto de Jamie mudou no mesmo instante, a preocupação diminuindo.

— Então, ajudarão a menina? — Espero que sim. Mas não há muitas.

— Quer dizer que precisa de mais delas para Lizzie, sra. Fraser? — Jo ergueu os olhos para mim, incisivos e escuros por cima do pequeno pote.

— Sim — eu disse, surpresa. — Você está dizendo que sabe onde conseguir mais? — Sim, senhora — Kezzie disse, a voz um pouco alta, como sempre. — Os índios têm muitas.

— Que índios? — Jamie perguntou, o olhar mais contundente.

— Os cherokees — Jo disse, abanando a mão vagamente por cima do ombro. — Perto da montanha. Essa descrição poderia se aplicar a meia dúzia de aldeias, mas evidentemente eles tinham uma aldeia específica em mente, pois os dois se viraram ao mesmo tempo, obviamente pretendendo ir de imediato buscar as gallberries.

— Esperem um pouco, meninos — Jamie disse, agarrando Kezzie pela gola. — Eu vou com vocês. Afinal, vão precisar de alguma coisa para dar em troca.

— Oh, temos muitas peles, senhor — Jo assegurou-lhe. — Foi uma boa temporada.

Jo era um exímio caçador e, apesar de Kezzie ainda não ter uma audição boa para caçar bem, seu irmão o ensinara a preparar



séries de armadilhas. Ian me dissera que o barraco dos Beardsley estava empilhado até quase o teto de peles de castor, marta, cervo e arminho. O cheiro das peles nunca os abandonava, um leve miasma de sangue seco, almíscar e pelos.

— É mesmo? Bem, é muita generosidade sua, Jo, sem dúvida. Mas eu vou assim mesmo. — Jamie olhou para mim, mostrando que havia tomado uma decisão, mas pedindo a minha aprovação, ainda assim.

Engoli em seco, sentindo um gosto amargo.

— Sim — eu disse, e limpei a garganta. — Já que você vai, deixe-me mandar algumas coisas e dizer-lhe o que pedir em troca. Vocês não vão partir antes de amanhecer, não é? Os Beardsley vibravam de impaciência para partir, mas Jamie permaneceu imóvel, olhando para mim, e eu o senti me tocar, sem palavras ou gestos.

— Não — ele disse suavemente —, esperaremos até amanhecer. — Virou-se então para os Beardsley. — Vá lá em cima, Jo, por favor, e peça a Bobby Higgins para descer. Preciso falar com ele.

— Ele está lá em cima com a srta. Lizzie? — Jo Beardsley pareceu contrariado com isso e o rosto de seu irmão refletiu sua expressão de desconfiança, com os olhos semicerrados.

— O que ele está fazendo no quarto dela, então? Ele não sabe que ela é comprometida? — Kezzie perguntou, indignado.

— O pai dela está lá também — Jamie assegurou-lhes. — A reputação dela está a salvo, hein? Jo escarneceu com um risinho abafado, mas os irmãos trocaram olhares, depois saíram juntos, os ombros magros determinados a eliminar essa ameaça à virtude de Lizzie.

— Então, vai aceitar? — eu disse, largando o almofariz. — Ser um agente indigenista? — Acho que devo. Se eu não o fizer, Richard Brown certamente o fará. Acho que não posso correr esse

risco. — Ele hesitou, depois se aproximou e tocou-me de leve, os dedos no meu cotovelo. — Mandarei os garotos de volta imediatamente com as bagas que você precisa. Talvez eu tenha que ficar um ou dois dias. Para as conversas, sabe? — Contar aos cherokees que ele agora era um agente da Coroa Britânica, é o que ele queria dizer, e providenciar para que a notícia fosse espalhada de que os chefes das aldeias da montanha deveriam descer mais tarde para uma reunião de negociações e presentes.

Assenti, sentindo uma pequena bolha de medo avolumar-se na boca do meu estômago. Estava começando. Não importa o quanto se saiba que algo terrível acontecerá no futuro, nunca se imagina que será hoje.

— Não... não fique fora muito tempo, sim? — falei repentinamente, não querendo sobrecarregá-lo com meus temores, mas sem conseguir permanecer calada.

— Não — ele disse suavemente, e sua mão repousou por um instante na base da minha coluna. — Não se preocupe, eu não vou demorar.

O barulho de passos descendo as escadas ecoou pelo corredor.

Imaginei que o sr. Wemyss tivesse enxotado os Beardsley para fora do quarto, juntamente com Bobby. Eles não pararam, apenas saíram sem falar, lançando olhares de velado desagrado a Bobby, que parecia completamente alheio a eles.

— O garoto disse que o senhor queria falar comigo? — Ele recuperara um pouco da cor, fiquei satisfeita de ver, e parecia bastante firme nos pés. Olhou nervosamente para a mesa, ainda coberta com o lençol que eu estendera para ele, depois para mim, mas eu simplesmente sacudi a cabeça. Eu terminaria de lidar com suas hemorroidas mais tarde.

— Sim, Bobby. — Jamie indicou um banquinho com um ligeiro gesto, como se convidasse Bobby a se sentar, mas eu limpei

a garganta significativamente e ele parou, depois se apoiou na mesa, em vez de ele mesmo se sentar.

— Aqueles dois que estiveram aqui chamam-se Brown. Têm um assentamento um pouco longe daqui. Você disse que já ouviu falar dos Comitês de Segurança, não é? Então, deve ter alguma ideia do que pretendem.

— Sim, senhor. Os Brown, senhor... eles vieram atrás de mim? — Ele falou com bastante calma, mas eu o vi engolir em seco, o pomo de adão subindo e descendo na garganta magra.

Jamie suspirou e passou a mão pelos cabelos. O sol entrava obliquamente pela janela agora, incidindo diretamente sobre ele, fazendo seus cabelos ruivos brilharem, flamejantes — e fazendo cintilar aqui e ali os fios prateados que começavam a aparecer entre as mechas cor de cobre.

— Sim, vieram. Sabiam que você estava aqui. Ouviram falar de você provavelmente por meio de alguém que você encontrou no caminho.

Você disse às pessoas para onde estava vindo, não disse? Bobby balançou a cabeça confirmando, sem pronunciar nenhuma palavra.

— O que queriam com ele? — perguntei, despejando as bagas e cascas de raízes moídas em uma vasilha e entornando água quente sobre elas para pôr em infusão. — Não deixaram isso muito claro — Jamie disse secamente. — Mas, por outro lado, eu não lhes dei chance. Eu só disse a eles que levariam um hóspede da minha casa somente por cima do meu cadáver, e do deles.

— Agradeço-lhe por isso, senhor. — Bobby respirou fundo. — Eles... sabiam, imagino? Sobre Boston? Certamente eu não falei com ninguém a respeito disso.

Jamie franziu o cenho um pouco mais.

— Sim, sabiam. Fingiram achar que eu não sabia; disseram-me que eu estava abrigando um assassino sem saber, e uma ameaça

ao bem-estar da população.

— Bem, a primeira parte é verdadeira — Bobby disse, tocando delicadamente a marca estigmatizante em seu rosto, como se ainda queimasse. Exibiu um sorriso melancólico. — Mas certamente não sou uma ameaça para ninguém ultimamente.

— O problema, Bobby, é que eles sabem que você está aqui. Acho que não virão e o arrastarão daqui. Mas eu lhe peço que fique alerta ao andar por aí. Tomarei providências para que volte a lorde John em segurança, quando chegar a hora, com uma escolta. Você ainda não terminou com ele, não é? — ele perguntou, virando-se para mim.

— Ainda não — respondi, serenamente. Bobby pareceu apreensivo.

— Muito bem, então. — Jamie enfiou a mão na cintura de suas calças e tirou uma pistola, que estava escondida pelas dobras de sua camisa. Era, eu vi, elegantemente decorada com prata dourada.

— Carregue-a consigo — Jamie disse, entregando-a a Bobby. — Há pólvora e munição no aparador. Pode tomar conta da minha mulher e da minha família enquanto eu estiver fora, então? — Oh! — Bobby pareceu surpreso, mas depois assentiu, enfiando a pistola em suas próprias calças. — Farei isso, senhor. Pode contar comigo! Jamie sorriu para ele, o olhar enternecido.

— É um sossego para mim, Bobby. Você poderia ir procurar meu genro? Preciso falar com ele antes de partir.

— Sim, senhor. Agora mesmo! — Aprumou os ombros e saiu, uma expressão de determinação no rosto de poeta.

— O que acha que teriam feito com ele? — perguntei-lhe em voz baixa quando a porta da entrada se fechou atrás dele. — Os Brown.

Jamie sacudiu a cabeça.

— Só Deus sabe. Eles o enforcariam numa encruzilhada, eu acho. Ou talvez apenas lhe dessem uma surra e o expulsassem das montanhas. Eles querem dar uma demonstração de que são capazes de proteger as pessoas, entendeu? De criminosos perigosos e outras ameaças — acrescentou, com o esboço de um sorriso. — O poder dos governos deriva do consentimento dos governados — citei, balançando a cabeça. — Para um Comitê de Segurança ter qualquer legitimidade, é preciso que haja alguma ameaça óbvia à segurança pública. Foi muita astúcia dos Brown terem deduzido isso.

Ele lançou-me um olhar, erguendo uma das sobrancelhas castanho- avermelhadas.

— Quem disse isso? O consentimento dos governados.

— Thomas Jefferson — respondi, sentindo-me presunçosa.  
— Ou melhor, ele vai dizer isso daqui a dois anos.

— Ele vai roubar isso de um cavalheiro chamado Locke daqui a dois anos — ele me corrigiu. — Imagino que Richard Brown deva ter sido muito bem-educado.

— Ao contrário de mim, você quer dizer? — eu disse, sem me deixar perturbar. — Mas, se você espera problemas com os Brown, deveria ter dado a Bobby aquela pistola em particular? Ele deu de ombros.

— Vou precisar das boas. E duvido muito que ele venha a disparar aquela.

— Está contando com seu efeito dissuasor? — Eu estava cética, mas ele provavelmente tinha razão.

— Sim, isso mesmo. Porém mais com Bobby — Como assim? — Duvido que ele disparasse uma arma outra vez para salvar a própria vida, mas o faria, talvez, para salvar a sua. E, se isso vier a acontecer, eles estarão perto demais para ele errar o alvo. — Ele falava em tom desapaixonado, mas eu senti os cabelos na minha nuca se arrepiarem.

— Bem, isso é um grande consolo — eu disse. — E como é que você sabe o que ele faria? — Conversei com ele — disse sucintamente. — O homem em quem ele atirou em Boston foi o primeiro que ele matou. Não quer fazer isso de novo.

— Endireitou-se e dirigiu-se agitado para a bancada, onde passou a arrumar uma confusão de pequenos instrumentos que eu havia despejado ali para esterilizar.

Aproximei-me dele, observando. Havia um punhado de bisturis e instrumentos de cauterização de molho em uma vasilha com terebintina.

Ele os retirou, um por um, secou-os e recolocou-os de volta em seu estojo, cuidadosamente, lado a lado. As pontas de metal no formato de uma pá dos instrumentos estavam enegrecidas do uso; as lâminas dos bisturis haviam adquirido um brilho embaçado com o tempo, mas os gumes afiados cintilavam, um fio de prata brilhante.

— Nós vamos ficar bem — eu disse serenamente. Eu queria que soasse como uma declaração tranquilizadora, mas soou com um tom de dúvida. — Sim, eu sei — ele disse. Arrumou o último instrumento no estojo, mas não recolocou a tampa. Em vez disso, ficou parado, as mãos espalmadas sobre a bancada, olhando diretamente para a frente.

— Eu não quero ir — ele disse, baixinho. — Não quero fazer isso.

Eu não tinha certeza se ele estava falando comigo ou consigo mesmo — mas achei que ele não se referia apenas à sua viagem à aldeia cherokee.

— Nem eu — sussurrei, e aproximei-me um pouco mais, de modo a sentir sua respiração. Ele ergueu as mãos e virou-se para mim, tomando-me em seus braços, e ficamos ali abraçados com força, ouvindo a respiração um do outro, o cheiro amargo do chá

infiltrando-se nos cheiros familiares de linho, pó e corpos aquecidos pelo sol.

Ainda havia escolhas a serem feitas, decisões a serem tomadas, ações a serem deflagradas. Muitas. Mas em um único dia, uma única hora, uma única declaração de intenção, nós havíamos cruzado o limiar da guerra.

*O DEVER CHAMA*

Jamie enviara Bobby atrás de Roger Mac, mas estava impaciente demais para esperar e ele mesmo resolveu sair, deixando Claire entregue à sua infusão.

Tudo parecia plácido e belo do lado de fora. Uma ovelha marrom com um par de cordeiros vagava indolentemente em seu cercado, as mandíbulas movendo-se em um lento estupor de satisfação, os cordeiros saltitando, desengonçados, de um lado para o outro, como gafanhotos peludos atrás dela. O canteiro de ervas de Claire estava verde, repleto de brotos de flores e folhas.

A tampa do poço estava aberta; inclinou-se para recolocá-la no lugar e descobriu que as tábuas haviam empenado. Acrescentou o conserto à lista permanente de tarefas e reparos que carregava na mente, desejando ardorosamente que pudesse dedicar os próximos dias a cavar, transportar estrume, consertar o telhado e coisas assim, em vez do que estava prestes a fazer.

Ele preferia aterrar a fossa velha ou castrar porcos do que ir perguntar a Roger Mac o que ele sabia sobre índios e revoluções. Ele achava levemente arrepiante discutir o futuro com seu genro e tentava nunca o fazer.

O que Claire lhe contava de sua própria época geralmente lhe parecia fantástico, com a agradável sensação de irreabilidade dos contos de fadas, e às vezes macabro, mas sempre interessante, pelo que ele aprendia de sua mulher com a narração. Brianna tendia a



compartilhar com ele pequenos detalhes domésticos de maquinário, que eram interessantes, ou histórias extravagantes de homens andando na Lua, que eram imensamente divertidas, mas nenhuma ameaça à sua paz de espírito.

Roger Mac, entretanto, tinha uma maneira fria de falar que o fazia lembrar com desconforto das obras dos historiadores que ele lera, tendo, portanto, uma noção concreta de catástrofe. Conversar com Roger Mac fazia parecer muito provável que qualquer acontecimento aterrador não só realmente iria acontecer como teria consequências diretas e pessoais.

Era como conversar com um adivinho particularmente maldoso, pensou, alguém a quem você não pagara o suficiente para ouvir algo agradável. A ideia fez uma lembrança repentina surgir na superfície de sua mente, balançando como uma bolha de cortiça. Em Paris, ele estivera com amigos, outros estudantes, bebendo nas tavernas fedidas a mijo, próximas à université. Ele próprio já estava bastante bêbado quando alguém resolveu mandar ler a palma da mão e ele e os demais se amontoaram no canto onde a mulher que fazia isso sempre ficava sentada, quase invisível em meio à penumbra e às nuvens de fumaça de cachimbo.

Ele próprio não pretendia mandar ler a mão. Tinha apenas alguns trocados no bolso e não pretendia desperdiçá-los com bobagens profanas. E disse isso em voz alta.

No mesmo instante, uma garra descarnada projetou-se como um raio da escuridão e agarrou sua mão, enfiando unhas longas e imundas em sua carne. Ele soltou um grito de surpresa e todos os seus amigos riram. Riram ainda mais quando ela cuspiu na palma de sua mão.

Ela esfregou o cuspe em sua pele de maneira prática, inclinou-se suficientemente perto para ele sentir seu cheiro de suor rançoso e ver os piolhos rastejando pelos cabelos grisalhos que espreitavam da borda de seu xale preto e marrom. Ela examinou sua

palma e uma unha suja traçou suas linhas, pinicando. Ele tentou retirar a mão, mas a velha segurou seu pulso com mais força e ele descobriu, para sua surpresa, que não conseguia se libertar.

— T'es un chat, toi — a mulher dissera, em tons de malicioso interesse. — Você é um gato, você. Um pequeno gato ruivo.

Dubois — era esse seu nome, Dubois — imediatamente começara a miar e uivar, para diversão dos demais. Ele próprio se recusou a engolir a isca e, dizendo apenas "Merci, madame", tentou novamente se libertar.

— Neuf — ela disse, dando pancadinhas rápidas, aleatoriamente, em diversos pontos de sua palma, depois segurando um de seus dedos e sacudindo-o como se quisesse dar ênfase ao que dizia. — Você possui um nove em sua mão. É morte — ela acrescentou, precipitadamente. — Você morrerá nove vezes antes de descansar em sua sepultura.

Ela o soltou, então, em meio a um coro de sarcásticos "u-la-lás!" dos estudantes franceses e risadas dos outros.

Ele resfolegou sarcasticamente, mandando a lembrança de volta para onde estivera, e já vai tarde, pensou. Mas a velha recusou-se a partir tão facilmente e continuou a assombrá-lo através dos anos, gritando-lhe como gritara roucamente através do ar denso de cerveja da taverna: — As vezes, morrer não dói, mon p'tit chat — ela dissera, zombeteiramente. — Mas quase sempre dói.

— Não, não dói — ele murmurou, e parou, estarrecido, ao ouvir a própria voz. Santo Deus. Não era a si mesmo que ouvia, mas seu padrinho.

— Não tenha medo, rapaz. Não dói nem um pouco morrer.

Ele perdeu o passo e cambaleou, recuperou o equilíbrio e permaneceu parado, imóvel, um gosto de metal no fundo da garganta. Seu coração batia com força, repentinamente, sem nenhum motivo, como se tivesse corrido muitos quilômetros. Ele

via a cabana, sem dúvida, e ouvia os gritos dos gaios nas castanheiras já parcialmente cobertas de folhas novas. Mas via ainda com mais clareza o rosto de Murtagh, as rugas sombrias relaxando em paz e os olhos negros e fundos fixos nos seus, focalizando-se e perdendo o foco, como se seu padrinho ao mesmo tempo olhasse para ele e para alguma coisa muito além. Sentiu o peso do corpo de Murtagh em seus braços, cada vez mais pesado conforme ele morria.

A visão desapareceu, tão repentinamente quanto surgira, e ele se viu parado junto a uma poça de água da chuva, fitando um pato de madeira parcialmente atolado na lama.

Ele fez o sinal da cruz, com uma rápida palavra pelo repouso da alma de Murtagh, depois se abaixou e pegou o pato, lavando-o na poça para retirar a lama. Suas mãos tremiam, e não era de se admirar. Suas lembranças de Culloden eram poucas e fragmentadas, mas começavam a voltar.

Até agora, essas lembranças haviam lhe ocorrido em lampejos, quando estava prestes a adormecer. Ele já vira Murtagh lá antes, e nos sonhos que se seguiram.

Não contara a Claire sobre eles. Ainda não.

Abriu a porta da cabana, mas ela estava vazia, a lareira apagada, a roca e o tear parados. Brianna provavelmente estava na casa de Fergus, visitando Marsali. Onde Roger Mac estaria agora? Ele saiu de novo e ficou ouvindo.

O baque regular de um machado vinha fracamente de algum lugar na floresta atrás da cabana. O barulho parou, então, e ele ouviu vozes masculinas, erguidas em saudações. Virou-se e dirigiu-se para a trilha que levava encosta acima, parcialmente tomada pelo capim, mas exibindo as marcas escuras de pegadas recentes.

O que a mulher teria lhe dito se ele tivesse pago?, perguntou-se. Ela teria mentido de maldade para castigá-lo por sua

avareza — ou lhe dito a verdade, pela mesma razão? Uma das coisas mais desagradáveis a respeito de conversar com Roger Mac era que Jamie tinha certeza de que ele sempre dizia a verdade.

Ele se esquecera de deixar o pato na cabana. Limpando-o nas calças, seguiu em frente resolutamente, abrindo caminho pelo mato crescente da primavera, para saber que destino o aguardava.

*EXAMES DE SANGUE*

Empurrei o microscópio na direção de Bobby Higgins, que voltara de sua missão, seus próprios desconfortos esquecidos em sua preocupação com Lizzie.

— Está vendo umas bolinhas rosadas? — perguntei. — São as células do sangue de Lizzie. Todo mundo tem células sanguíneas — acrescentei. — São elas que dão a cor vermelha ao sangue.

— Nossa! — ele murmurou, estarecido. — Nunca poderia imaginar! — Bem, agora pode — eu disse. — Vê que algumas das células sanguíneas estão quebradas? E que algumas têm uns pontinhos dentro? — Sim, senhora — ele disse, franzindo o rosto e espreitando atentamente. — E o que são? — Parasitas. Bichinhos que entram em seu sangue se um certo tipo de mosquito o pica — expliquei. — São chamados Plasmodium. Uma vez que você os adquire, eles ficam vivendo em seu sangue, mas de vez em quando eles começam a... hã... procriar. Quando há uma quantidade grande demais, eles explodem as células e é isso que causa um ataque de malária, a febre. As partículas das células rompidas como que se depositam nos órgãos, fazendo-os se sentir terrivelmente mal.

— Oh. — Ele endireitou-se, fazendo uma expressão de profunda aversão ao microscópio. — Isso é... é simplesmente repugnante! — Sim, é — eu disse, conseguindo manter uma expressão impassível. — Mas o quinino, o pó-dos-jesuítas, você conhece?, pode ajudar a estancar uma crise.

— Oh, isso é bom, dona, muito bom — ele disse, o rosto iluminando-se. — Seja lá como consegue saber disso — ele disse, sacudindo a cabeça. — É fantástico! — Oh, eu sei muita coisa sobre parasitas — eu disse descontraidamente, tirando a tampa da vasilha onde eu preparava a mistura de casca de corniso e gallberries. O líquido lustroso, preto- arroxeadado, parecia ligeiramente viscoso, agora que esfriara. Também tinha um cheiro letal, de onde concluí que devia estar pronto.

— Diga-me, Bobby... você já ouviu falar em ancilóstomos? Ele olhou para mim com ar perplexo.

— Não, senhora.

— Humm. Poderia segurar isso para mim, por favor? — Coloquei um pedaço de gaze dobrada sobre o gargalo de um frasco e entreguei a ele para segurar, enquanto eu despejava a mistura púrpura dentro dele.

— Esses seus desmaios — eu disse, os olhos no fluxo do líquido. — Há quanto tempo você os tem? — Oh... seis meses, mais ou menos.

— Sei. Você por acaso notou algum tipo de irritação, digamos, uma comichão? Ou uma erupção? Há talvez uns seis meses? Mais provavelmente nos seus pés.

Ele olhou fixamente para mim, os olhos azul-claros estarecidos, como se eu tivesse lido sua mente em um passe de mágica.

— Ora, tive, sim, senhora. No outono passado.

— Ah! — exclamei. — Muito bem, então. Acho, Bobby, que você provavelmente está com ancilóstomos.

Ele olhou para baixo, para seu próprio corpo, horrorizado.

— Onde? — Por dentro. — Peguei a garrafa de sua mão e tampei-a com uma rolha de cortiça. — Os ancilóstomos são parasitas que penetram na pele, em geral através das solas dos pés, e depois migram pelo corpo até atingirem seus intestinos... suas,

hã, vísceras — acrescentei, vendo a perplexidade atravessar seu rosto. — Os vermes adultos têm um minúsculo bico curvo, assim — curvei o dedo indicador para ilustrar —, e eles perfuram a parede intestinal e sugam seu sangue. É por isso que, se você os tem, sente-se fraco e desmaia com frequência.

Por sua aparência repentinamente suada e pálida, tive a impressão de que ele fosse desmaiar ali mesmo outra vez, e o conduzi apressadamente para um banquinho e empurrei sua cabeça para baixo, entre os joelhos.

— Não tenho certeza se o problema é esse — eu disse, abaixando-me para me dirigir a ele. — Mas eu estava olhando as lâminas de sangue de Lizzie e pensando em parasitas e... bem, me ocorreu de repente que um diagnóstico de ancilóstomos se encaixaria muito bem em seus sintomas.

— Oh? — ele disse, debilmente. — O grosso rabo de cavalo de cabelos ondeados caíra para frente, deixando exposta sua nuca, de pele clara e fina, como a de uma criança.

— Qual é a sua idade, Bobby? — perguntei, percebendo de repente que eu não fazia a menor ideia.

— Vinte e três, dona — ele disse. — Madame? Acho que preciso vomitar.

Peguei um balde do canto e passei-o para ele bem a tempo. — Eu me livrei deles? — ele perguntou debilmente, endireitando-se e limpando a boca na manga, enquanto espreitava dentro do balde. — Posso vomitar mais.

— Receio que não — eu disse, com compaixão. — Presumindo que você tenha ancilóstomos, eles estão bem arraigados e muito internamente para que o vômito os arranque do lugar. Mas a única maneira de ter certeza é procurar os ovos que eles põem.

Bobby olhou-me apreensivamente.

— Não é que eu seja terrivelmente envergonhado, dona — ele disse, remexendo-se com cuidado. — A senhora sabe. Mas o dr. Potts realmente me deu enormes clísteres de água de mostarda. Isso não teria acabado de uma vez com os vermes? Se eu fosse um verme, eu desistiria na mesma hora, se alguém me encharcasse de água de mostarda.

— Bem, é o que se deveria esperar, não é? — eu disse. — Infelizmente, não. Mas eu não vou lhe dar um enema — assegurei-lhe.

— Para começar, precisamos ver se você realmente tem esses vermes. Se tiver, há um remédio que posso preparar para você que vai matá-los diretamente.

— Oh. — Ele pareceu um pouco mais contente. — Como pretende vê-los, então, dona? — Olhou disfarçadamente para a bancada, onde a coleção de potes de suturas e grampos ainda estava disposta.

— Não poderia ser mais simples — afirmei. — Faço um processo chamado de sedimentação fecal para concentrar as fezes, depois procuro por ovos no microscópio.

Ele balançou a cabeça, obviamente sem compreender. Sorri amavelmente para ele.

— Tudo que você precisa fazer, Bobby, é defecar.

Seu rosto era a imagem da dúvida e apreensão.

— Se a senhora não se importar, dona — ele disse —, acho que vou continuar com os vermes.





## *MAIS MISTÉRIOS DA CIÊNCIA*

No final da tarde, Roger Mackenzie voltou da loja do tanoeiro e encontrou sua mulher em profunda contemplação de um objeto assentado na mesa de jantar.

— O que é isso? Algum tipo de conserva pré-histórica de guloseimas de Natal? — Roger estendeu o indicador cautelosamente na direção de um vaso baixo de vidro esverdeado e tampado com uma rolha de cortiça, esta coberta com uma grossa camada de cera vermelha.

Dentro, via-se um naco de alguma coisa, sem forma definida e evidentemente mergulhada em líquido.

— Rá-rá — sua mulher disse, tolerantemente, retirando o vaso de seu alcance. — Você acha que está sendo engraçado. É fósforo branco, um presente de lorde John.

Ele olhou para ela; Brianna parecia animada, a ponta de seu nariz estava cor-de-rosa e fiapos de cabelos ruivos estavam soltos, ondulando ao vento; como seu pai, Brianna tinha o costume de passar as mãos pelos cabelos quando estava pensando.

— E você pretende fazer... o quê com isso? — ele perguntou, tentando manter a voz sem qualquer tom de mau presságio. Ele tinha uma lembrança muito vaga de ouvir falar das propriedades do fósforo nos distantes dias de colégio; achava que a substância ou fazia brilhar no escuro ou explodia. Nenhuma das duas perspectivas era tranquilizadora.

— Bemmm... fazer fósforos. Talvez. — Seus dentes superiores fincaram-se momentaneamente na carne do lábio inferior enquanto ela observava o vaso. — Eu sei como, em teoria. Mas pode ser um pouco complicado, na prática.

— Por quê? — ele perguntou, cuidadoso.

— Bem, ele explode em chamas se você o expõe ao ar — ela explicou. — É por isso que está guardado em água. Não toque nisso, Jem! É venenoso. — Agarrando Jemmy pela cintura, ela o tirou da mesa, onde ele andara observando o vaso com gananciosa curiosidade.

— Oh, bem, por que se preocupar com isso? Vai explodir em seu rosto antes que ele tenha a chance de levá-lo à boca. — Roger pegou o vaso para colocá-lo em lugar seguro, transportando-o como se fosse explodir em suas mãos. Ele queria perguntar se ela estava louca, mas estava casado há tempo suficiente para saber o preço de insensatas perguntas retóricas.

— Onde pretende guardar isso? — Lançou um olhar eloquente pelos limites da cabana que dispunha de uma arca para guardar roupas de cama, uma pequena prateleira para livros e documentos, outra para pentes, escovas de dente e uma pequena caixa dos pertences pessoais de Brianna, e um guarda-louça. Jemmy conseguia abrir o guarda-louça desde os sete meses aproximadamente.

— Estou achando melhor guardar no consultório da mamãe — ela respondeu, distraidamente, continuando a segurar Jem, que lutava com obstinada energia para conseguir alcançar o vaso bonito. — Ninguém toca em nada lá dentro.

Isso era verdade; as pessoas que não tinham medo de Claire Fraser pessoalmente, em geral, tinham pavor do conteúdo do consultório, com destaque para seus implementos de aspecto tenebroso, misteriosas infusões escuras e remédios de cheiro

insuportável. Além disso, o consultório tinha armários altos demais até mesmo para um alpinista determinado como Jem alcançar.

— Boa ideia — Roger disse, ansioso para colocar o vaso fora das proximidades de Jem. — Vou levá-lo agora, está bem? Antes que Brianna pudesse responder, ouviu-se uma batida na porta, seguida imediatamente de Jamie Fraser. Jem, no mesmo instante, parou de tentar alcançar o vaso e lançou-se sobre o avô com gritinhos de alegria.

— Como vai, a bhailach? — Jamie perguntou com bom humor, habilmente virando Jem de cabeça para baixo e segurando-o pelos tornozelos. — Uma palavrinha, Roger Mac? — Claro. Não quer se sentar? — Ele contara a Jamie anteriormente o que ele sabia, lamentavelmente pouco, em relação ao papel dos cherokees na Revolução que se avizinhava. Ele teria vindo fazer mais perguntas? Relutantemente recolocando o vaso sobre a mesa, Roger puxou um banquinho e empurrou-o na direção de seu sogro. Jamie aceitou-o com um sinal da cabeça, com destreza transferindo Jemmy para uma posição sobre seu ombro e sentando-se.

Jemmy desfazia-se em risadinhas, contorcendo-se até que seu avô deu um tapinha no seu traseiro, quando então ele sossegou, dependurando-se alegremente de cabeça para baixo como um bicho-preguiça, seus cabelos brilhantes espalhando-se pelas costas da camisa de Jamie.

— É o seguinte, a charaid — Jamie disse. — Devo ir pela manhã às aldeias cherokees e há uma coisa que eu lhe pediria para fazer em meu lugar.

— Oh, sim. Quer que eu cuide da colheita da cevada, não? — Os primeiros grãos ainda estavam amadurecendo. Todos tinham os dedos cruzados para que o tempo continuasse bom por mais algumas semanas, mas as perspectivas eram boas.

— Não, Brianna pode fazer isso... pode fazer isso, menina? — Sorriu para sua filha, que ergueu as espessas sobrancelhas

ruivas, semelhantes às suas.

— Posso, sim — ela concordou. — Mas o que está planejando fazer com Ian, Roger e Arch Bug? — Arch Bug era o feitor de Jamie, e portanto a pessoa certa para supervisionar a colheita na ausência de Jamie.

— Bem, levarei o Jovem Ian comigo. Os cherokees o conhecem bem e ele está familiarizado com a língua deles. Levarei os garotos Beardsley também, para que possam trazer de volta imediatamente as frutinhas e outras coisas que sua mãe quer para Lizzie.

— Eu vou também? — Jemmy perguntou esperançosamente.

— Não desta vez, a bhailach. No outono, talvez. — Deu uns tapinhas no traseiro de Jemmy, depois retornou sua atenção a Roger.

— Assim sendo — ele disse —, preciso que vá a Cross Creek, por favor, e traga os novos colonos. — Roger sentiu uma pequena onda de empolgação e alarme diante da perspectiva, mas apenas limpou a garganta e balançou a cabeça.

— Sim. Claro. Eles...

— Você vai levar Arch Bug com você, e Tom Christie.

Um momento de silêncio incrédulo seguiu-se a essa declaração.

— Tom Christie? — Bri disse, trocando um olhar de perplexidade com Roger. — E por quê? — O professor era um tipo notoriamente austero e não seria jamais uma agradável companhia de viagem.

A boca de seu pai torceu-se ironicamente.

— Sim, bem. Há um pequeno detalhe que MacDonald não me contou, quando perguntou se eu os aceitaria. São protestantes, todos eles.

— Ah — Roger disse. — Compreendo. — Jamie fitou-o diretamente nos olhos e balançou a cabeça, aliviado por ser tão prontamente compreendido.

— Eu não compreendo. — Brianna ajeitou os cabelos, franzindo o cenho, depois tirou a fita e começou a pentear os cabelos com os dedos, devagar, desfazendo as mechas embaraçadas, como uma preliminar antes de escová-los. — Que diferença faz? Roger e Jamie trocaram um olhar rápido, mas eloquente. Jamie encolheu os ombros e puxou Jem para baixo, sentando-o em seu colo.

— Bem. — Roger esfregou o queixo, tentando pensar em como explicar dois séculos de intolerância religiosa escocesa de um modo que fizesse sentido para uma norte-americana do século XX. — Ahh... você se lembra da questão dos direitos civis nos Estados Unidos, integração no Sul, tudo isso? — Claro que sim. — Ela estreitou os olhos para ele. — Ok. Então, de que lado estão os negros? — O quê? — Jamie parecia totalmente perplexo. — Onde é que entram os negros nesta história? — Não é tão simples — Roger afirmou a Brianna. — Apenas uma indicação da profundidade dos sentimentos envolvidos. Digamos que a ideia de ter um patrão católico é capaz de causar grave apreensão aos nossos arrendatários, e vice-versa? — ele perguntou, olhando para Jamie.

— O que são "negros"? — Jemmy perguntou, interessado.

— Hã... pessoas de pele escura — Roger respondeu, repentinamente consciente do atoleiro aberto por essa pergunta. Era verdade que o termo "negro" não significava invariavelmente também "escravo", mas havia bem pouca diferença. — Não se lembra deles, da fazenda de sua tia-avó Jocasta? Jemmy franziu a testa, adotando por um desconcertante momento a exata expressão do rosto de seu avô.

— Não.

— Bem, de qualquer modo — Bri disse, colocando ordem na reunião com um forte tamborilar de sua escova na mesa —, a questão é que o sr. Christie é bastante protestante para deixar os novos colonos mais à vontade? — Mais ou menos isso — seu pai concordou, um dos cantos de sua boca curvando-se para cima.

— Com o seu marido aqui e Tom Christie, juntos, pelo menos eles não vão pensar que estão definitivamente entrando no reino do demônio.

— Compreendo — Roger repetiu, com um tom ligeiramente diferente. Então, não se tratava apenas de sua posição como filho da casa e o braço direito do senhor das terras de um modo geral, mas o fato de que ele era presbiteriano, ao menos em tese. Ergueu uma das sobrancelhas para Jamie, que encolheu os ombros, em agradecimento.

— Mmmhmm — Roger disse, resignado.

— Mmmhmm — Jamie disse, satisfeito.

— Parem com isso — Brianna disse, irritada. — Muito bem. Então você e Tom Christie vão a Cross Creek. Por que Arch Bug também vai? Roger percebeu que no fundo sua mulher estava aborrecida com a ideia de ser deixada para trás para organizar a colheita — uma tarefa exaustiva e imunda na melhor época do ano — enquanto ele se divertia com um grupo de seus correligionários na romanticamente esfuziante metrópole de Cross Creek, população duzentos habitantes.

— Será Arch, principalmente, quem vai ajudá-los a se estabelecer e construir suas próprias casas antes do frio chegar — Jamie disse, sensatamente.

— Não pretende sugerir, espero, que eu o envie sozinho para falar com eles, não é? Brianna sorriu involuntariamente diante disso; Arch Bug, casado há décadas com a tagarela sra. Bug, era famoso por ser extremamente calado. Ele raramente falava,

limitando suas contribuições à conversa com um "Mhum" esporádico.

— Bem, provavelmente nunca ficarão sabendo que Arch é católico — Roger disse, esfregando o lábio superior com o indicador. — E, aliás, será que é mesmo? Nunca perguntei a ele.

— É, sim — Jamie disse, secamente. — Mas ele já viveu tempo suficiente para saber quando deve permanecer calado.

— Bem, posso ver que vai ser uma alegre excursão — Brianna disse, erguendo uma das sobrancelhas. — Quando acha que vai retornar? — Diabos, não sei — Roger disse, sentindo uma pontada de culpa com a distraída blasfêmia. Iria ter que rever seus hábitos, e depressa. — Um mês? Seis semanas? — No mínimo — seu sogro disse alegremente. — Lembre-se de que eles estarão a pé.

Roger respirou fundo, antevendo uma marcha lenta, en masse, de Cross Creek às montanhas, com Arch Bug de um lado e Tom Christie do outro, dois pilares da taciturnidade. Seus olhos demoraram-se aneladamente em sua mulher, visualizando seis semanas dormindo na beira da estrada, sozinho.

— Sim, bem — ele disse. — Eu... hum... vou falar com Tom e Arch hoje à noite, então.

— Papai vai? — Captando o ponto principal da conversa, Jem desceu do joelho de seu avô e precipitou-se para Roger, agarrando-o pela perna. — Vai com você, papai! — Oh. Bem, não acho — ele viu a expressão no rosto de Bri, resignada, e depois o vaso verde e vermelho na mesa, atrás dela. — Por que não? — ele disse repentinamente, e sorriu para Jem. — Tia-avó Jocasta vai adorar ver você. E mamãe pode explodir tudo que ela quiser sem ter que se preocupar por onde você anda, não é? — Ela pode fazer isso? — Jamie pareceu espantado.

— Isso não explode — Brianna disse, levantando o vaso de fósforo e segurando-o possessivamente. — Apenas queima. Tem

certeza? — Essa última pergunta foi endereçada a Roger e acompanhada de um olhar indagador.

— Sim, claro — ele disse, fingindo confiança. Olhou para Jemmy, que cantava "Vai! Vai! Vai!", saltitando pelo aposento como um milho de pipoca desmiolado. — Pelo menos, terei alguém com quem conversar no caminho.



*MÃOS SEGURAS*

Já estava quase escuro quando Jamie entrou e me encontrou sentada à mesa da cozinha, a cabeça nos braços. Endireitei-me com um sobressalto ao som de seus passos, piscando.

— Você está bem, Sassenach? — Ele sentou-se no banco em frente, examinando-me. — Você parece ter sido arrastada por uma cerca viva de trás para frente.

— Oh. — Dei uns tapinhas distraídos nos meus cabelos, que realmente pareciam estar um pouco arrepiados. — Hum. Bem. Está com fome? — Claro que estou. Você já comeu? Apertei os olhos e esfreguei o rosto, tentando pensar.

— Não — decidi, finalmente. — Estava esperando por você, mas acho que adormeci. Temos ensopado. A sra. Bug deixou na panela.

Ele levantou-se e espreitou dentro do caldeirão, depois empurrou o gancho móvel para trás para levar o caldeirão sobre o fogo e esquentar a comida.

— O que andou fazendo, Sassenach? — ele perguntou, voltando. — E como vai a menina? — Cuidar da menina é o que andei fazendo — eu disse, reprimindo um bocejo. — A maior parte do tempo. — Levantei-me, devagar, sentindo minhas juntas protestarem, e cambaleei até o aparador para cortar um pouco de pão.

— Ela não conseguiu reter o remédio — eu disse. — O de gallberries. E não posso culpá-la — acrescentei, passando a língua pelo meu lábio inferior cautelosamente. — Depois que ela vomitou pela primeira vez, eu mesma o provei. Minhas papilas gustativas ainda estão em estado de repugnância; "bagas de fel", nunca encontrei uma planta com o nome mais apropriado e, transformada em xarope, só concentrou o sabor.

Jamie cheirou profundamente quando me virei.

— Ela vomitou em você? — Não, esse foi Bobby Higgins — eu disse. — Ele tem ancilostomose.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Vou querer ouvir falar disso enquanto estou comendo? — Definitivamente, não — eu disse, sentando-me com o pão, uma faca e um pote de manteiga cremosa. Cortei um pedaço, untei fartamente de manteiga e entreguei-o a ele, depois cortei outro para mim. Minhas papilas gustativas hesitaram, mas acabaram me perdoando pelo xarope de gallberry.

— E o que você andou fazendo? — perguntei, começando a acordar o suficiente para prestar atenção. Ele parecia cansado, porém mais alegre do que ao sair de casa pela manhã.

— Conversando com Roger Mac sobre índios e protestantes. — Ele franziu a testa para o pedaço de pão parcialmente comido em sua mão.

— Tem alguma coisa errada com este pão, Sassenach? Está com um gosto estranho.

Abanei a mão em um gesto de desculpas.

— Desculpe, fui eu. Lavei as mãos várias vezes, mas não consegui remover completamente. Talvez seja melhor você passar a manteiga. — Empurrei o pão em sua direção com o cotovelo, gesticulando para o pote.

— Não consegui remover o quê? — Bem, nós tentamos diversas vezes com o xarope, mas em vão; Lizzie simplesmente não

conseguia mantê-lo no estômago, a pobrezinha.

Mas eu me lembrei que quinino pode ser absorvido pela pele. Assim, misturei o xarope com um pouco de gordura de ganso e esfreguei em seu corpo todo. Oh, sim, obrigada. — Inclinei-me para frente e dei uma mordida delicada no pedaço de pão com manteiga que ele me ofereceu.

Minhas papilas gustativas renderam-se educadamente e eu percebi que não havia comido nada o dia inteiro.

— E funcionou? — Ele ergueu os olhos para o teto. O sr. Wemyss e Lizzie compartilhavam o quarto menor em cima, mas estava tudo quieto no andar superior.

— Acho que sim — eu disse, engolindo. — A febre finalmente cedeu e ela adormeceu. Vamos continuar usando o remédio assim; se a febre não retornar em dois dias, saberemos que funciona.

— Isso é bom.

— Bem, e depois havia Bobby e seus ancilóstomos. Felizmente, eu tenho um pouco de ipecacuanha e terebintina.

— Felizmente para Bobby ou para os vermes? — Bem, na verdade, para nenhum dos dois — eu disse, e bocejei.

— Mas provavelmente funcionará.

Ele esboçou um sorriso e destampou uma garrafa de cerveja, passando-a automaticamente sob o nariz. Considerando-a boa, serviu um pouco para mim.

— Sim, bem, é reconfortante saber que estou deixando as coisas em suas mãos capazes, Sassenach. Fedidas — ele acrescentou, torcendo o nariz comprido em minha direção —, mas capazes. — Muito obrigada. — A cerveja estava mais do que boa; devia ser de um dos lotes da sra. Bug. Bebericamos a cerveja juntos por algum tempo, ambos cansados demais para nos levantar e servir o ensopado.

Observei-o por baixo das minhas pestanas; eu sempre fazia isso, quando ele estava prestes a partir em uma jornada, armazenando pequenas lembranças dele até seu retorno.

Parecia cansado, e havia duas rugas pequenas entre suas grossas sobrancelhas, revelando uma leve preocupação. Mas a luz de vela brilhava nos ossos largos de seu rosto e lançava sua sombra nítida na parede de argamassa atrás dele, forte e confiante. Observei a sombra erguer seu copo de cerveja espectral, a luz produzindo um brilho âmbar no copo da sombra.

— Sassenach — ele disse repentinamente, abaixando o copo —, quantas vezes você diria que eu já estive perto da morte? Fitei-o por um instante, depois dei de ombros e comecei a calcular, convocando minhas sinapses a uma atividade relutante.

— Bem... eu não sei que coisas terríveis aconteceram a você antes de eu conhecê-lo, mas depois... bem, você esteve à beira da morte na abadia. — Olhei dissimuladamente para ele, mas ele não pareceu incomodado com a lembrança da prisão de Wentworth e o que havia sido feito a ele lá que causara a doença. — Humm. E depois de Culloden; você disse que teve uma febre terrível na época, por causa dos ferimentos, e achou que ia morrer, mas que Jenny forçou-o, quero dizer, cuidou de você até vencer a morte.

— E depois Laoghaire atirou em mim — ele disse, com ironia. — E você me forçou a vencer a morte. Igualmente, quando a cobra me mordeu. — Parou um instante, pensativo.

— Tive sarampo quando era pequeno, mas acho que não corri risco de vida. Disseram que foi um caso leve. Portanto, então, apenas quatro vezes.

— E no dia em que eu o conheci? — retruquei. — Você quase sangrou até a morte.

— Oh, não, não — ele protestou. — Aquilo foi só um pequeno arranhão.

Ergui uma das sobrancelhas para ele e, inclinando-me sobre a lareira, servi uma concha do aromático ensopado em uma tigela. Era saboroso com os sucos de coelho e carne de cervo, nadando em um molho grosso e condimentado com alecrim, alho e cebola. No que dizia respeito às minhas papilas gustativas, tudo estava perdoado.

— Você é quem sabe — eu disse. — Mas, espere, e quanto à sua cabeça? Quando Dougal tentou matá-lo com um machado. Sem dúvida, com isso são cinco vezes, não? Ele franziu a testa, aceitando a tigela.

— Sim, acho que tem razão — ele disse, parecendo contrariado. — Cinco, então. Olhei-o com ternura por cima da minha própria tigela de ensopado.

Ele era muito grande, sólido e maravilhosamente bem torneado. E, se estava um pouco enxovalhado pelas circunstâncias, isso só aumentava seu charme.

— Você é duro de matar, eu acho — eu disse. — Isso é um grande conforto para mim.

Ele sorriu, relutante, mas depois estendeu a mão e ergueu seu copo em um brinde, tocando-o primeiro em seus próprios lábios, depois nos meus.

— Então, vamos beber a isso, Sassenach?



## PÁSSAROS DA NEVE

— ARMAS — Pássaro-que-canta-de-manhã disse. — Diga a seu rei que queremos armas.

Jamie reprimiu por um instante a vontade de dizer "Quem não quer?", mas depois cedeu, surpreendendo o chefe, que pestanejou, surpreso, e em seguida exibiu um largo sorriso.

— Quem não, realmente? — Pássaro era um homem baixo, com forma de barril, e jovem para seu posto, mas astuto, e sua afabilidade não escondia sua inteligência.

— Todos lhe dizem isso, todos os chefes das aldeias, não é? É claro que sim. O que você diz a eles?

— O que posso dizer. — Jamie ergueu um dos ombros, deixou-o cair. — Mercadorias para comércio são certas, facas e coisas assim; armas de fogo são possíveis, mas ainda não posso prometê-las.

Falavam um dialeto cherokee pouco conhecido e ele esperava ter usado a forma correta de transmitir probabilidade. Ele se saía bastante bem com a língua comum em assuntos corriqueiros de comércio e caça, mas as questões com que lidava ali não seriam corriqueiras. Olhou de relance para Ian, que ouvia com atenção, mas evidentemente o que ele dissera estava certo. Ian visitava as aldeias próximas a Ridge com frequência e caçava com os jovens; ele

passava à língua dos tsalagi com a mesma facilidade com que passava ao seu gaélico materno.

— Bem, está certo. — Pássaro se acomodou mais confortavelmente. O distintivo de estanho que Jamie lhe dera de presente brilhava em seu peito, a luz do fogo tremeluzindo sobre os ossos largos e planos de seu rosto amável. — Fale com seu rei sobre as armas e diga a ele por que nós precisamos delas, sim? — Quer que eu lhe diga isso, hein? Acha que ele vai querer lhe enviar armas para matar seu próprio povo? — Jamie perguntou secamente. A incursão de colonos brancos ao outro lado da Linha do Tratado, em território cherokee, era um tema delicado e ele se arriscava ao aludir diretamente à questão, em vez de se referir às outras necessidades de armas que Pássaro tinha: defender sua aldeia de saqueadores, ou eles mesmos saírem em incursões de ataque. Pássaro deu de ombros em resposta.

— Podemos matá-los sem armas, se quisermos. — Uma das sobancelhas ergueu-se um pouco e Pássaro franziu os lábios, esperando para ver como Jamie reagia à sua declaração.

Ele imaginou que Pássaro pretendia chocá-lo. Ele apenas balançou a cabeça.

— Claro que sim. Mas é bastante inteligente para não fazer isso.

— Ainda não. — Os lábios de Pássaro relaxaram em um sorriso sedutor. — Diga isso ao rei: ainda não.

— Sua Majestade ficará satisfeito em saber que você valoriza tanto a amizade dele.

Com isso, Pássaro desatou a rir, balançando-se para frente e para trás, e seu irmão Água Serena, sentado ao seu lado, abriu um largo sorriso.

— Gosto de você, Matador-de-Urso — ele disse, recobrandose. — Você é engraçado.

— Talvez seja — Jamie disse em inglês, sorrindo. — Dê tempo ao tempo.

Ian resfolegou com uma pequena risada, fazendo Pássaro olhar incisivamente para ele, depois desviar o olhar, limpando a garganta.

Jamie ergueu uma das sobrancelhas para o sobrinho, que respondeu com um sorriso inocente.

Ainda assim, Água Serena ficou observando Ian atentamente. Os cherokees receberam ambos com respeito e cordialidade, mas Jamie notara imediatamente uma certa aresta na reação deles a Ian. Eles consideravam Ian como um mohawk — e isso os deixava desconfiados.

Com toda honestidade, ele próprio, às vezes, achava que havia uma parte de Ian que não voltara de Snaketown, e talvez jamais voltasse.

Pássaro, entretanto, lhe dera uma brecha para perguntar sobre outro assunto.

— Vocês têm sido muito importunados por pessoas que entram em suas terras para ocupá-las — ele disse, balançando a cabeça em solidariedade. — Você, sem dúvida, não mata essas pessoas, sendo bem sensato. Mas nem todo mundo é sensato, não é?

Os olhos de Pássaro estreitaram-se por um breve instante.

— O que quer dizer, Matador-de-Urso? — Ouvi falar de incêndios, Tsisqua. — Ele manteve o olhar nos olhos de Pássaro, tomando o cuidado de não demonstrar nenhuma insinuação de acusação. — O rei ouviu falar de casas incendiadas, homens mortos e mulheres tomadas. Isso não lhe agrada nem um pouco.

— Hum — Pássaro disse, pressionando os lábios. No entanto, ele não disse que não ouvira falar de tais incidentes, o que era interessante.



— Se a situação piorar, o rei pode enviar soldados para proteger as pessoas. Se ele fizer isso, não vai querer enfrentar armas que ele próprio deu — Jamie ressaltou, com lógica.

— E o que deveríamos fazer, então? — Água Serena interrompeu, indignado. — Eles atravessam a Linha do Tratado, constroem casas, fazem plantações e tomam a caça. Se o seu rei não consegue manter seu povo onde deve ficar, como pode protestar se defendermos nossas terras?

Pássaro fez um pequeno gesto de calma com uma das mãos, sem olhar para seu irmão, e Água Serena acalmou-se, embora de má vontade.

— Então, Matador-de-Urso. Você dirá tudo isso ao rei, não é?

Jamie inclinou a cabeça, circunspecto.

— Essa é a minha função. Eu falo do rei a você e levo suas palavras ao rei.

Pássaro balançou a cabeça pensativamente, em seguida abanou a mão para que servissem comida e cerveja, e a conversa mudou decididamente para questões neutras. Naquela noite não se falaria mais de negócios.

Era bem tarde quando deixaram a casa de Tsisqua para a casa de hóspedes. Ele achava que já passara bastante do nascimento da lua, mas não se via lua alguma; o céu estava carregado de nuvens e sentia-se o cheiro contundente de chuva no vento.

— Oh, meu Deus — Ian disse, bocejando e tropeçando —, meu traseiro está dormente.

Jamie bocejou também, contagiado, mas depois pestanejou e riu.

— Sim, bem. Não se dê ao trabalho de despertá-lo, o resto de você pode se juntar a ele.

Ian fez um barulho zombeteiro com os lábios.

— Só porque Pássaro diz que você é engraçado, tio Jamie, eu não acreditaria. Ele só está sendo educado, sabe? Jamie ignorou a observação, murmurando um agradecimento em tsalagi para a jovem que os acompanhara até seus aposentos. Ela lhe entregou um pequeno cesto — com pão de milho e maçãs secas, a julgar pelo cheiro —, em seguida desejou-lhes, suavemente, "Boa-noite, durma bem", antes de desaparecer na noite úmida e agitada.

A pequena cabana parecia abafada após o ar frio e fresco da noite e ele ficou parado na porta por um instante, apreciando o movimento do vento pelas árvores, observando-o contorcer-se pelos galhos dos pinheiros como uma enorme e invisível serpente. Um grosso pingo de chuva espatifou-se em seu rosto e ele experimentou o enorme prazer de um homem que sabe que vai chover e que não vai ter que passar a noite ao relento. — Indague, Ian, amanhã, quando estiver conversando por aí — ele disse, agachando-se para entrar na cabana. — Deixe que saibam, com tato, que o rei ficaria satisfeito em saber exatamente quem está incendiando casas, e que ele poderia ficar bastante satisfeito a ponto de mandar algumas armas em recompensa. Se forem eles que andam fazendo isso, não dirão nada a você... mas, se for outro bando, talvez digam.

Ian balançou a cabeça, bocejando também. Uma pequena fogueira ardia em um círculo de pedras, a fumaça subindo em espirais na direção do buraco para fumaça no teto acima e, à luz do fogo, via-se uma plataforma de dormir, forrada de peles de animais, do outro lado da cabana, com outra pilha de peles e cobertores no chão.

— Cara ou coroa pela cama, tio Jamie — ele disse, enfiando a mão na pequena bolsa em sua cintura e retirando dali uma moeda surrada. — Escolha.

— Coroa — Jamie disse, colocando o cesto no chão e desafivelando o cinto que prendia seu xale de xadrez. Ele caiu em um amontoado quente de tecido ao redor de suas pernas e Jamie sacudiu-se, tirando a camisa. O linho estava amarrotado e sujo contra sua pele e ele podia sentir o cheiro do próprio corpo; ainda bem que aquela era a última das aldeias. Mais uma noite, talvez, duas no máximo, e poderiam voltar para casa.

Ian praguejou, pegando a moeda.

— Como é que você faz isso? Toda noite você disse coroa e toda noite deu coroa! — Bem, a moeda é sua, Ian. Não me culpe. — Sentou-se na plataforma que servia de cama e espreguiçou-se com prazer, depois se abrandou. — Olhe para o nariz do rei.

Ian virou a moeda nos dedos e segurou-a à luz do fogo, estreitando os olhos, depois praguejou outra vez. Uma gotícula de cera de abelha, tão fina que era invisível, a menos que você procurasse por ela, ornamentava o nariz aristocraticamente proeminente de Jorge III, Rex Britannia.

— Como isso foi parar aqui? — Ian estreitou os olhos com desconfiança para seu tio, mas Jamie apenas riu e deitou-se.

— Quando você estava ensinando Jem a fazer uma moeda rodopiar.

Lembre-se, ele derrubou a vela; respingou cera quente para todo lado.

— Oh. — Ian ficou sentado olhando para a moeda em sua mão por alguns instantes, depois sacudiu a cabeça, raspou a cera com a unha do polegar e guardou a moeda.

— Boa-noite, tio Jamie — ele disse, deslizando para dentro das peles no chão com um suspiro.

— Boa-noite, Ian.

Ele andara ignorando seu cansaço, resistindo como Gideão, em rédea curta. Agora, soltou as rédeas e se deixou levar, o corpo relaxando-se no conforto da cama. MacDonald, refletiu com

cinismo, ficaria encantado. Jamie planejara visitas apenas às duas aldeias cherokees mais próximas à Linha do Tratado. O propósito era anunciar seu novo cargo, distribuir presentes modestos de uísque e tabaco — este apressadamente pedido emprestado a Tom Christie, que felizmente acabara de adquirir meia pipa da erva em uma viagem a Cross Creek para a compra de sementes — e informar aos cherokees que mais doações poderiam ser esperadas quando ele levasse sua função de embaixador às aldeias mais distantes no outono.

Ele fora recebido com muita cordialidade nas duas aldeias — mas na segunda, Pigtown, havia vários estranhos em visita; rapazes em busca de esposas. Pertenciam a uma ala separada de Cherokees, chamada Pássaros da Neve, cuja grande aldeia ficava mais no alto das montanhas.

Um dos rapazes, sobrinho de Pássaro-que-canta-de-manhã e chefe do grupo Pássaros da Neve, insistira com Jamie para que voltasse com ele e seus companheiros à sua aldeia natal. Fazendo um inventário apressado do que lhe restava de tabaco e uísque, Jamie concordara, e ele e Ian foram recebidos com todas as honras, como agentes de Sua Majestade. Os Pássaros da Neve nunca haviam recebido a visita de um agente indigenista e pareciam muito satisfeitos com a honra — e prontos para ver que vantagens poderiam auferir com isso.

Mas ele achava que Pássaro era o tipo de homem com quem ele podia fazer negócios — em várias frentes.

Esse pensamento levou-o à tardia lembrança de Roger Mac e dos novos arrendatários. Ele não tivera nenhum tempo nos últimos dias para se preocupar muito com eles — mas duvidava de que houvesse algum motivo de preocupação. Roger Mac era bastante capaz, apesar de sua voz entrecortada torná-lo menos seguro do que deveria ser. No entanto, com Christie e Arch Bug...

Fechou os olhos, a bênção da absoluta fadiga dominando-o à medida que seus pensamentos tornavam-se mais desconexos.

Mais um dia, talvez, depois para casa, a tempo de preparar o feno.

Outra maltagem, duas talvez, antes de o frio chegar. Abater animais... será que finalmente já estava na hora de abater a maldita porca branca? Não... aquela criatura infeliz era inacreditavelmente fecunda. Que tipo de varrão tinha coragem de cruzar com ela?, ele se perguntou sonolentemente, e será que ela o devorava depois? Porco selvagem... presuntos defumados, torta de chouriço...

Ele estava justamente resvalando pelas primeiras camadas do sono quando sentiu a mão de alguém em suas partes íntimas. Arrancado da sonolência como um salmão de uma enseada, ele estalou a mão sobre a do intruso, segurando-a com força. E provocou uma leve risadinha do visitante. Dedos femininos torceram-se delicadamente dentro da sua palma e a companheira da mão feminina prontamente assumiu as operações no lugar da outra. Seu primeiro pensamento coerente foi de que a rapariga seria uma excelente padeira, tão boa ela era em amassar.

Outros pensamentos seguiram-se rapidamente nos calcanhares desse absurdo e ele tentou agarrar a segunda mão. Como se fosse uma brincadeira, ela evadia-se dele no escuro, cutucando e beliscando.

Ele tateou em busca de um protesto educado em cherokee, mas não conseguiu se lembrar de nada além de um punhado de expressões aleatórias em inglês e gaélico, nenhuma delas nem de longe adequadas à ocasião.

A primeira mão tentava decididamente desvencilhar-se da sua, contorcendo-se como uma enguia. Relutante em esmagar seus dedos, ele soltou-a por um instante, conseguindo agarrá-la pelo pulso.

— Ian! — sibilou, desesperado. — Ian, você está aí? — Ele não conseguia ver o sobrinho na escuridão que enchia a cabana, nem saber se ele dormia. Não havia janelas e somente uma claridade muito fraca se desprendia dos carvões quase extintos.

— Ian! Houve um rebuliço no assoalho, corpos se mexendo, e ele ouviu Rollo espirrar.

— O que foi, tio? — Ele falara em gaélico e Ian respondeu na mesma língua. O rapaz parecia calmo e não como se tivesse acabado de acordar.

— Ian, tem uma mulher na minha cama — ele disse em gaélico, tentando igualar o mesmo tom calmo do sobrinho.

— São duas, tio Jamie. — Ian parecia achar graça, desgraçado! — A outra deve estar junto aos seus pés. Esperando a vez dela.

Isso o amedrontou e ele quase deixou escapar a mão que segurava.

— Duas! O que acham que eu sou? A jovem deu outra risadinha, inclinou-se sobre ele e mordeu-o de leve no peito.

— Santo Deus! — Bem, não, tio, elas não acham que você seja Deus — Ian disse, obviamente reprimindo o próprio riso. — Acham que você é o rei. Por assim dizer. Você é agente dele, portanto estão prestando homenagens a Sua Majestade enviando-lhe suas mulheres, entendeu? A segunda mulher descobrira os pés de Jamie e lentamente acariciava as solas de seus pés com um dedo. Ele sentia cócegas e teria achado aquilo uma amolação, não estivesse tão ocupado com a primeira mulher, com quem se via obrigado a participar de um jogo ultrajante de esconder-a-salsicha.

— Fale com elas, Ian — ele disse entre os dentes, agitando atrapalhadamente a mão livre, enquanto tentava afastar os dedos insistentes da mão cativa, que languidamente acariciavam sua orelha, e mexia os pés em um esforço frenético de desencorajar as atenções da segunda mulher, cada vez mais ousadas.

— Hã... o que quer que eu diga? — Ian perguntou, retornando ao inglês. Sua voz estremeceu ligeiramente.

— Diga-lhes que fico profundamente agradecido pela honra, mas...! — Novas evasões diplomáticas foram interrompidas pela súbita intrusão da língua de alguém em sua boca, com forte gosto de cebolas e cerveja.

Em meio à luta subsequente, ele percebeu vagamente que Ian havia perdido qualquer senso de autocontrole e estava deitado no chão rindo sem parar. Era filicídio matar o próprio filho, ele pensou soturnamente; qual seria a palavra para o assassinato de um sobrinho?

— Minha senhora! — ele exclamou, desprendendo-se da boca com dificuldade. Segurou a mulher pelos ombros e rolou-a para fora de seu corpo com tanta força que ela deu um gritinho de surpresa, as pernas nuas voando. Santo Deus, ela estava nua? Estava. Ambas estavam; seus olhos adaptaram-se à fraca claridade das brasas e ele captou o reflexo da luz em ombros, seios e coxas arredondadas.

Sentou-se direito na cama, enrolando peles e cobertas ao seu redor, em uma espécie de reduto improvisado.

— Parem, vocês duas! — disse severamente em cherokee. — Vocês são muito bonitas, mas não posso me deitar com vocês.

— Não? — uma delas indagou, parecendo perplexa.

— Por que não? — perguntou a outra.

— Ah... porque estou sob juramento — ele disse, a necessidade produzindo inspiração. — Eu jurei... jurei... — Tateou em busca da palavra certa, mas não a encontrou. Felizmente, Ian entrou na conversa nesse ponto, com um fluxo de tsalagi fluente, rápido demais para ele seguir.

— Oooh! — exclamou uma das jovens, impressionada. Jamie sentiu uma súbita apreensão.

— O que, em nome de Deus, você disse a elas, Ian?

— Eu disse a elas que o Grande Espírito lhe apareceu em um sonho, tio, e lhe disse que não deve se deitar com nenhuma mulher até trazer armas para todos os tsalagis.

— Até eu o quê? — Bem, foi o melhor que pude fazer com a pressa, tio — Ian disse, defendendo-se.

Por mais assustadora que fosse a ideia, ele teve que admitir que foi eficaz; as duas mulheres estavam reunidas, sussurrando em tons de reverência, e haviam deixado de infernizá-lo. — Sim, bem — ele disse, de má vontade. — Imagino que poderia ser pior.

— Afinal, mesmo que a Coroa pudesse ser persuadida a fornecer armas, havia muitos tsalagis.

— De nada, tio Jamie. — O riso gorgolejava logo abaixo da superfície na voz de seu sobrinho e emergiu com uma arfada reprimida.

— O quê? — ele disse, mal-humorado.

— Uma das mulheres está dizendo que foi uma decepção para ela, tio, porque você é muito bem-dotado. A outra, no entanto, é mais filosófica a respeito do assunto. Ela disse que poderiam engravidar e que as crianças poderiam nascer com cabelos ruivos.

— A voz de seu sobrinho estremeceu com a risada reprimida.

— O que há de errado em ter cabelos ruivos, pelo amor de Deus?

— Eu não sei exatamente, mas acho que não é algo que gostariam que seus filhos tivessem, se puderem evitar.

— Bem, está certo — ele retrucou. — Não há nenhum perigo disso acontecer, não é? Será que elas não podem ir para casa agora?

— Está chovendo, tio Jamie — Ian salientou, com razão.

Inicialmente, o vento trouxera um chuvisco e agora a chuvarada começara, tamborilando no telhado com uma batida rítmica, os pingos sibilando nas brasas ao cair pelo buraco da fumaça. — Não vai mandá-las embora nesta chuva, não é? Além do



mais, você acabou de dizer que não poderia se deitar com elas, não que queria que fossem embora.

Ele parou e fez uma pergunta às mulheres, que responderam com ansiosa confiança. Jamie achava que tinham dito que... De fato.

Levantando-se com a graciosidade de jovens garças, as duas subiram, completamente nuas, de volta à cama dele, e tocando e acariciando-o com murmúrios de admiração — embora diligentemente evitando suas partes íntimas, enfiaram-se no meio das peles e aninharam-se junto a ele, uma de cada lado, a pele nua e quente pressionada de modo aconchegante contra a dele.

Jamie abriu a boca, em seguida fechou-a outra vez, não encontrando nada para dizer em nenhuma das línguas que conhecia.

Ficou deitado de costas, rígido e respirando superficialmente. Seu pênis latejava de maneira indigna, obviamente pretendendo manter-se ereto e atormentá-lo a noite inteira, como vingança pela forma como fora tratado. Pequenos ruídos e risadinhas vinham da pilha de peles no chão, entremeados de soluços arfados. Ele pensou que talvez aquela fosse a primeira vez que ouvia Ian realmente rir desde a sua volta.

Rezando para que Deus lhe desse força moral, ele inspirou longa e profundamente, depois fechou os olhos, as mãos entrelaçadas com firmeza sobre o peito, os cotovelos pressionados com força contra as costelas.



## EXECUÇÃO POR AFOGAMENTO

Roger saiu para o terraço em River Run, sentindo-se agradavelmente exausto. Após três semanas de trabalho árduo, ele conseguira reunir os novos arrendatários das estradas e dos caminhos pouco frequentados de Cross Creek e Campbelton; passara a conhecer todos os chefes de família, conseguira equipá-los ao menos minimamente para a jornada, com alimentos, cobertores e sapatos — e conseguira juntar todos eles em um único lugar, superando com firmeza sua tendência a entrar em pânico e se desgarrar. Partiriam pela manhã para Fraser's Ridge, e já não era sem tempo.

Olhou a vista do terraço com satisfação, na direção da campina que se estendia além dos estábulos de Jocasta Cameron Innes. Estavam todos reunidos em um acampamento temporário lá: vinte e duas famílias, com setenta e seis indivíduos, quatro mulas, dois pôneis, quatorze cachorros, três porcos e só Deus sabe quantas galinhas, gatinhos e pássaros de estimação, amontoados em gaiolas de vime para o transporte. Ele tinha todos os nomes em uma lista — animais excluídos — amarrotada e dobrada em seu bolso. Também tinha diversas outras listas ali, rabiscadas, riscadas e emendadas a ponto de se tornarem ilegíveis. Sentia-se como um Livro de Deuterônômio ambulante. Também gostaria de uma boa bebida.

Felizmente, já estava próxima; Duncan Innes, marido de Jocasta, retornara de seu próprio dia de trabalho e estava sentado no terraço, na companhia de uma garrafa de cristal lapidado, de onde os raios do sol poente extraíam uma suave claridade âmbar.

— Como vai, então, a charaid? — Duncan cumprimentou-o alegremente, indicando uma das cadeiras de vime. — Aceita um trago? — Sim, obrigado.

Deixou-se afundar agradecidamente na cadeira, que estalou amavelmente sob seu peso. Aceitou o copo que Duncan lhe ofereceu e virou-o com um rápido "Slàinte".

O uísque queimou sua garganta, fazendo-o tossir, mas repentinamente abriu caminho e a constante sensação de estrangulamento começou a desaparecer. Tomou um pequeno gole, agradecido. — Eles estão prontos para partir? — Duncan balançou a cabeça, indicando a campina, onde a fumaça dos acampamentos pairava em uma névoa baixa e dourada.

— Até onde é possível. Pobre gente — Roger acrescentou com certa compaixão.

Duncan ergueu uma sobrancelha cabeluda.

— Peixes fora d'água — Roger explicou melhor, estendendo o copo para aceitar o reabastecimento oferecido. — As mulheres estão apavoradas, e os homens também, mas eles disfarçam melhor. Parece que estou levando todos eles para serem escravos numa plantação de cana-de-açúcar.

Duncan balançou a cabeça.

— Ou vendê-los a Roma para limpar os sapatos do papa — ele disse, ironicamente. — Duvido que algum deles já tenha sentido o cheiro de um católico antes de embarcar. E, pelos narizes torcidos, não gostam muito do cheiro, eu acho. Eles não bebem nem de vez em quando, sabia? — Só como remédio e se estiverem realmente correndo risco de morte, eu acho. — Roger engoliu lentamente um gole da bebida âmbar e fechou os olhos, sentindo o

uísque aquecer sua garganta e acomodar-se em seu peito como um gato ronronando. — Já conheceu Hiram? Hiram Crombie, o chefe desse grupo? — O baixinho rabugento e empertigado como um cabo de vassoura? Sim, eu o conheci. — Duncan riu, o bigode caído erguendo-se nas pontas. — Ele vai jantar conosco. É melhor tomar outra dose.

— Aceito, obrigado — Roger disse, estendendo o copo. — Embora nenhum deles seja afeito a prazeres hedonistas, até onde eu saiba. Todos eles ainda parecem ferrenhos partidários da reforma protestante na Escócia, até os ossos. Os puritanos, hein? Duncan soltou uma gargalhada.

— Bem, não é como na época do meu avô — ele disse, recobrando-se e estendendo a mão para a garrafa. — E graças a Deus por isso. — Revirou os olhos, fazendo uma careta.

— Então, seu avô era um desses partidários?

— Santo Deus, sim. — Sacudindo a cabeça, Duncan serviu uma boa dose, primeiro para Roger, depois para si mesmo. — Um velho filho da mãe fanático. Não que não tivesse razão para isso. A irmã dele foi afogada, sabe?

— Afogada? Com mil demônios... — Ele mordeu a língua em penitência, mas estava interessado demais para dar muita importância a sua blasfêmia. — Quer dizer... executada por afogamento?

Duncan assentiu, os olhos fixos no seu copo, depois tomou um grande gole e manteve o líquido na boca por alguns instantes antes de engolir. — Margaret — ele disse. — O nome era Margaret. Tinha dezoito anos na época. O pai e o irmão, meu avô, haviam fugido após a batalha em Dunbar e esconderam-se nas montanhas. As tropas foram caçá-los, mas ela se recusou a dizer para onde eles tinham ido. Ela segurava uma Bíblia. Eles tentaram fazê-la abjurar, mas ela também se recusou. As mulheres desse lado da família... puxa, era o mesmo que falar com uma pedra — ele disse, sacudindo

a cabeça. — Não há como demovê-las. Então eles a arrastaram até a praia, ela e uma velha partidária do reformismo da aldeia foram despidas e amarradas em postes dentro da água. E ficaram esperando, todos eles, que a maré subisse.

Ele tomou outro gole, sem esperar para sentir o gosto.

— A velha submergiu primeiro. Margaret fora amarrada mais perto da praia. Eles achavam, imagino, que Margaret cederia se visse a mulher morrer. — Resmungou, sacudindo a cabeça. — Mas não, de jeito nenhum. A maré subiu e as ondas começaram a bater nela. Margaret engasgava, tossia, os cabelos soltos, caídos sobre o rosto, grudados na sua pele como algas, quando a água escorria.

"Minha mãe viu tudo", ele explicou, erguendo o copo. "Tinha apenas sete anos na época, mas nunca esqueceu. Após a primeira onda, ela disse, houve o espaço de três respirações e a onda cobriu Margaret outra vez. Depois desceu... três respirações... e outra vez. Depois não se podia ver mais nada, só o movimento de seus cabelos flutuando na água." Levantou o copo mais alguns centímetros e Roger também ergueu o seu em saudação involuntária.

— Santo Deus! — exclamou, e não era nenhuma blasfêmia.

O uísque queimou sua garganta conforme descia, e ele respirou fundo, dando graças a Deus pela dádiva do ar. Três respirações. Era o malte puro de Islay e sentiu o gosto de algas e iodo do mar, forte e fumegante em seus pulmões.

— Que Deus a tenha na santa paz — ele disse, a voz rouca.

Duncan balançou a cabeça e estendeu a mão para a garrafa outra vez.

— Imagino que ela mereça — ele disse. — Embora eles — apontou com o queixo para a campina —, eles dissessem que aquilo não teve nada a ver com ela. Deus a escolheu para a salvação e escolheu os ingleses para serem amaldiçoados; nada mais havia a ser dito sobre o assunto.

A luz desaparecia gradualmente e as fogueiras começaram a brilhar no ar turvo da campina além dos estábulos. A fumaça das fogueiras atingiu o nariz de Roger, o cheiro caseiro e reconfortante, mas ainda assim aumentando a sensação de ardor em sua garganta.

— Eu mesmo nunca encontrei uma causa pela qual valesse a pena morrer — Duncan disse pensativamente, depois deu um de seus rápidos e raros sorrisos. — Mas meu avô, ele costumava dizer que isso só significava que eu fora escolhido para ser amaldiçoado. "Pela vontade de Deus, por Sua glória infinita, alguns homens e anjos estão predestinados à vida eterna, e outros fadados à morte eterna." Ele sempre dizia isso quando alguém falava de Margaret.

Roger assentiu, reconhecendo a declaração da Confissão de Westminster. Quando foi isso... 1646? 1647? Uma ou duas gerações antes do avô de Duncan.

— Imagino que fosse mais fácil para ele achar que a morte de Margaret tenha sido vontade de Deus e nada tivesse a ver com ele — Roger disse, não sem compaixão. — Você mesmo não acredita nisso, então? Predestinação, quero dizer.

Ele perguntou com verdadeira curiosidade. Os presbiterianos de sua própria época ainda acreditavam na predestinação como uma doutrina, porém, um pouco mais flexíveis nas atitudes, tendiam a abrandar a noção de maldição predestinada e a não pensar muito na ideia de que cada detalhe da vida já estivesse escrito. Ele próprio? Só Deus sabia.

Duncan ergueu os ombros, o direito mais alto, deixando-o momentaneamente torto.

— Só Deus sabe — ele disse, e riu. Ele sacudiu a cabeça e esvaziou o copo outra vez.

— Não, acho que não. Mas eu não diria isso diante de Hiram Crombie, nem de Christie. — Duncan ergueu o queixo na direção da campina, onde podia ver duas figuras escuras, andando lado a lado na direção da casa. A constituição física alta e curvada de Arch

Bug era fácil de reconhecer, assim como a compleição mais baixa, corpulenta, de Tom Christie. Ele parecia belicoso mesmo em silhueta, Roger pensou, fazendo gestos curtos, bruscos, conforme andava, obviamente argumentando algo com Arch.

— As vezes, havia brigas bem feias por causa disso, em Ardsmuir — Duncan disse, observando a aproximação das duas figuras. — Os católicos não gostavam que lhes dissessem que eram amaldiçoados. E Christie e seu pequeno grupo tinham uma grande satisfação em lhes dizer isso. — Seus ombros sacudiram-se um pouco com o riso reprimido e Roger se perguntou quanto uísque Duncan já teria tomado antes de Roger sair para o terraço. Nunca vira Duncan tão jovial.

— Mac Dubh acabou com isso, finalmente, quando fez todos nós sermos maçons — ele acrescentou, inclinando-se para frente para servir um novo copo. — Mas alguns homens quase foram mortos, antes disso.

— Levantou a garrafa na direção de Roger, oferecendo-lhe a bebida.

Vislumbrando um jantar que incluía Tom Christie e Hiram Crombie, Roger aceitou. Quando Duncan inclinou-se para ele para servir o uísque, ainda sorrindo, os últimos raios de sol iluminaram seu rosto castigado pelo tempo. Roger viu de relance uma fraca linha branca no lábio superior de Duncan, parcialmente escondida sob os pelos, e percebeu repentinamente por que Duncan usava um bigode grande — um adorno incomum, numa época em que a maioria dos homens se barbeava completamente.

Ele não teria mencionado o fato, provavelmente, se não fosse pelo uísque e a atmosfera de estranha aliança entre eles — dois protestantes, surpreendentemente ligados a católicos e perplexos com as estranhas marés do destino que os atingiam; dois homens deixados absolutamente sós pelos infortúnios da vida e

agora surpresos de se verem chefes de família, com a vida de estranhos nas mãos.

— Seu lábio, Duncan. — Tocou de leve sua própria boca. — O que aconteceu com ele?

— Oh, isso? — Duncan tocou o próprio lábio, surpreso. — Não, eu nasci com lábio leporino, ou assim dizem. Eu mesmo não me lembro; foi consertado quando eu não tinha mais do que uma semana de vida.

Foi a vez de Roger ficar surpreso.

— Quem o consertou? Duncan encolheu apenas um ombro desta vez.

— Um peregrino curandeiro, minha mãe disse. Ela já havia se resignado a me perder, ela disse, porque eu não conseguia mamar, é claro. Ela e minhas tias revezavam-se gotejando leite de um pedaço de pano em minha boca, mas ela disse que eu havia emagrecido até ficar quase um esqueleto, quando esse feiticeiro apareceu no vilarejo.

Esfregou ajunta de um dedo acanhadamente sobre o lábio, alisando os pelos grossos e grisalhos de seu bigode.

— Meu pai lhe deu seis arenques e uma caixa de rapé, e ele costurou meu lábio e deu a minha mãe um pouco de uma pomada para passar na ferida. Bem, e assim... — Deu de ombros outra vez, com um sorriso enviesado.

— Talvez eu estivesse destinado a viver, afinal de contas. Meu avô dizia que Deus havia me escolhido, embora só Deus saiba para quê.

Roger sentiu um leve estremeamento de inquietação, apesar de embotado pelo uísque.

Um curandeiro das Highlands que sabia consertar lábio leporino? Tomou outro gole, tentando não ficar olhando fixamente, mas dissimuladamente examinando o rosto de Duncan. Imaginava que fosse possível; a cicatriz mal era visível — se você procurasse —



sob o bigode de Duncan, mas não se estendia até a narina. Deve ter sido um caso bem simples de lábio leporino, portanto, não um dos casos horríveis sobre o qual ele lera — incapaz de desviar os olhos da página de horror — no enorme livro preto de medicina de Claire, onde o dr. Rawlings descrevera uma criança nascida não só com o lábio fendido, mas sem o céu da boca e a maior parte do centro de seu rosto, também.

Não havia nenhum desenho, graças a Deus, mas a visão evocada pela breve descrição de Rawlings fora suficientemente ruim. Ele fechou os olhos e respirou fundo, inalando o aroma do uísque através dos poros.

Seria possível? Talvez. As pessoas faziam operações agora, por mais toscas, sanguinolentas e aflitivas que fossem. Ele vira Murray MacLeod, o boticário de Campbelton, costurar habilmente a face de um homem, rasgada quando ele foi pisoteado por um carneiro. Seria mais difícil costurar a boca de uma criança? Ele pensou na boca de Jemmy, macia como um botão de flor, perfurada por agulha e linha preta, e estremeceu.

— Está com frio, a charaid? Vamos entrar? — Duncan preparou-se para levantar, mas Roger gesticulou para que ele ficasse onde estava.

— Ah, não. Foi um calafrio. — Sorriu e aceitou outra dose para afastar o frio imaginário da noite. Entretanto, sentiu os pelos de seu braço se arrepiarem, de leve. Poderia haver outro, outros, como nós? Tinha havido, ele sabia. Seu próprio antepassado, Geillis, para começar. O homem cujo crânio Claire encontrara, com dentes obturados com platina, também. Mas Duncan teria encontrado um outro, em algum remoto vilarejo escocês meio século atrás? Meu Deus, pensou, novamente amedrontado. Com que frequência isso acontece? E o que acontece a eles? Antes que tivessem chegado completamente ao fundo da garrafa, ele ouviu passos atrás dele e o ruge-ruge de seda.

— Sra. Cameron. — Levantou-se imediatamente, o mundo inclinando-se um pouco, e tomou a mão de sua anfitriã, inclinando-se sobre ela.

Sua mão longa tocou seu rosto, como era seu costume, as sensíveis pontas de seus dedos confirmando sua identidade.

— Oh, aí está você, Jo. Teve um bom dia com o menino? — Duncan esforçou-se para levantar, prejudicado pelo uísque e seu braço único, mas Ulysses, o mordomo de Jocasta, materializara-se silenciosamente do meio do crepúsculo por trás de sua patroa a tempo de posicionar a cadeira de vime para ela. Ela deixou-se afundar na cadeira sem sequer estender a mão para verificar se estava no lugar certo, Roger percebeu; ela simplesmente sabia que estaria.

Roger olhou para o mordomo com interesse, perguntando-se quem Jocasta teria subornado para tê-lo de volta. Acusado — e muito provavelmente culpado — da morte de um oficial da Marinha Britânica na propriedade de Jocasta, Ulysses fora forçado a fugir da colônia. Mas o tenente Wolff não foi considerado uma grande perda para a Marinha — e Ulysses era indispensável para Jocasta Cameron. Nem tudo poderia ser possível com ouro — mas estava disposto a apostar que Jocasta Cameron ainda não se deparara com uma circunstância que não pudesse reparar com dinheiro, conexões políticas ou malícia.

— Oh, sim — ela respondeu a seu marido, sorrindo e estendendo a mão para ele. — Foi tão divertido experi-lo, querido! Tivemos um maravilhoso almoço com a velha sra. Forbes e sua filha, e o menino cantou uma canção e encantou todas elas. A sra. Forbes também trouxe as jovens Montgomery e a srta. Ogilvie, e nós comemos costeletas de cordeiro com molho de framboesas e maçãs fritas e... oh, é você, sr. Christie? Venha, junte-se a nós! — Ela ergueu um pouco a voz e o rosto, parecendo olhar com expectativa para a escuridão, por cima do ombro de Roger.

— Sra. Cameron. Seu criado, madame. — Christie subiu ao terraço, fazendo uma medida cortês, não menos minuciosa pelo fato de sua beneficiária ser cega. Arch Bug seguiu-o, por sua vez inclinando-se sobre a mão de Jocasta e fazendo um ruído afável na garganta como forma de cumprimento.

Cadeiras foram trazidas, mais uísque, uma travessa de antepasto apareceu como por encanto, velas foram acesas — e de repente era uma festa, reproduzindo em um plano mais alto a ideia ligeiramente nervosa de festividade que ocorria na campina embaixo. Havia música ao longe; o som de um assobio de estanho, tocando uma jiga.

Roger deixou-se envolver por tudo aquilo, apreciando a breve sensação de relaxamento e irresponsabilidade. Apenas por esta noite, não havia com que se preocupar; todos estavam reunidos, seguros, alimentados e preparados para a jornada do dia seguinte.

Ele nem precisava se preocupar em manter sua parte na conversa; Tom Christie e Jocasta discutiam entusiasticamente a cena literária em Edimburgo e um livro do qual ele nunca ouvira falar, com Duncan, tão amolecido que parecia prestes a escorregar de sua cadeira a qualquer momento, contribuindo com uma ou outra observação, e o velho Arch — onde estava Arch? Oh, lá; voltando para a campina, sem dúvida tendo se lembrado de uma última recomendação que devia fazer a alguém.

Abençoou Jamie Fraser por sua previsão em enviar Arch e Tom com ele. Os dois, juntos, haviam-no salvado de inúmeras gafes, providenciaram as dez mil minúcias necessárias e amenizaram os temores dos novos arrendatários com relação a este último salto no desconhecido.

Respirou fundo, satisfeito, o ar perfumado de aromas caseiros de fogueiras de acampamentos a distância e assados para o jantar, bem próximos — e só então se lembrou do único detalhe

cujo bem-estar ainda era exclusivamente de sua responsabilidade. Pedindo licença, dirigiu-se para dentro de casa e descobriu Jem embaixo, na cozinha principal, comodamente instalado no canto de um banco comprido, de braços e encosto, comendo pudim de pão, coberto com manteiga derretida e xarope de bordo.

— Isso não é seu jantar, é? — ele perguntou, sentando-se ao lado de seu filho.

— Hum-hum. Quer um pouco, papai? — Jem estendeu uma colher gotejante para cima, em sua direção, e ele inclinou-se depressa para abocanhar o bocado oferecido antes que caísse. Estava delicioso, doce e cremoso na língua.

— Humm — ele disse, engolindo. — Bem, não vamos contar à mamãe nem à vovó, está bem? Elas têm um estranho preconceito com relação a carne e vegetais.

Jem balançou a cabeça, concordando, e ofereceu-lhe mais uma colherada. Consumiram a tigela juntos em um silêncio camarada, e depois Jem arrastou-se para seu colo e, apoiando o rostinho pegajoso em seu peito, adormeceu profundamente.

Criados corriam de um lado para o outro ao redor deles, sorrindo amavelmente de vez em quando. Ele devia, pensou vagamente, levantar-se. Logo o jantar estaria sendo servido — ele viu as travessas de pato e carneiro assados sendo arrumadas com destreza, tigelas com montes de arroz fumegante e soltinho, banhados em molho, e uma enorme saladeira de verduras sendo temperadas com vinagre.

Entretanto, repleto de uísque, pudim de pão e satisfação, ele demorava-se, adiando a cada momento a necessidade de se separar de Jem e pôr fim à doce paz de segurar seu filho adormecido.

— Sr. Roger? Eu o levo, está bem? — disse uma voz suave. Ele ergueu os olhos que examinavam os cabelos de Jem cheios de pedacinhos de pudim de pão grudados nos fios, e viu Phaedre, a

criada pessoal de Jocasta, inclinando-se à sua frente, os braços estendidos para receber o menino.

— Eu o limpo e coloco para dormir, senhor — ela disse, o rosto oval tão suave quanto a voz, enquanto olhava para Jem.

— Oh. Oh, claro. Obrigado. — Roger sentou-se direito, Jem nos braços, e levantou-se cuidadosamente, segurando o peso considerável de Jem. — Deixe, eu o carrego para cima para você.

Ele seguiu a escrava pelas escadas estreitas que saíam da cozinha, admirando — de uma maneira puramente abstrata e estética — a graciosidade de seu porte. Quantos anos ela teria?, ele se perguntou.

Vinte? Vinte e dois? Jocasta deixaria que ela se casasse? Ela, sem dúvida, devia ter admiradores. Mas ele também sabia o quanto ela era valiosa para Jocasta — quase nunca longe da presença de sua patroa. Não seria fácil conciliar isso com uma casa e uma família próprias. No topo das escadas, ela parou e virou-se para pegar Jem do seu colo; entregou a trouxinha flácida com relutância, mas também com certo alívio. Estava muito quente lá embaixo e sua camisa estava úmida de suor onde Jem estivera pressionado contra ele.

— Sr. Roger? — A voz de Phaedre o fez parar quando ele estava prestes a ir embora. Ela olhava para ele por cima do ombro de Jem, os olhos hesitantes sob a curva branca do seu lenço de cabelo.

— Sim? A batida de pés subindo as escadas o fez se mover, por pouco se desviando de Oscar, que subia correndo com uma travessa vazia embaixo do braço, evidentemente se dirigindo à cozinha de verão, onde os peixes estavam sendo fritos. Oscar riu para Roger ao passar e jogou um beijo para Phaedre, cujos lábios cerraram-se diante do gesto.

Ela fez um leve movimento com a cabeça e Roger seguiu-a pelo corredor, para longe da azáfama da cozinha. Ela parou perto

da porta que dava para os estábulos, olhando ao redor para se certificar de que não eram ouvidos.

— Talvez eu não devesse dizer nada, senhor... talvez não seja nada.

Mas achei que devia lhe contar, de qualquer forma.

Ele balançou a cabeça, afastando os cabelos úmidos de suas têmporas. A porta estava aberta e havia uma ligeira brisa ali, graças a Deus.

— Nós estávamos na cidade hoje de manhã, senhor, no armazém do sr. Benjamin, conhece? Perto do rio.

Ele balançou a cabeça outra vez e ela umedeceu os lábios.

— O menino Jem, ele ficou inquieto e começou a bisbilhotar pela loja, enquanto a patroa conversava com o sr. Benjamin. Eu o segui, para evitar que ele se metesse em confusão, e eu estava bem lá quando o homem entrou.

— Sim? E quem era o homem? Ela sacudiu a cabeça, os olhos escuros graves.

— Não sei, senhor. Era um homem grande, tão alto quanto o senhor. De cabelos claros; não usava peruca. Mas era um cavalheiro.

— Com o que, ele presumiu, ela queria dizer que o homem estava bem vestido.

— É? — Ele olhou à volta, viu o sr. Benjamin conversando com a sra. Jo e deu um passo para o lado, como se não quisesse que alguém o visse ali.

Então, ele viu o Jem e lançou um olhar fixo e esquisito para o rosto do menino.

Ela apertou Jem um pouco mais, lembrando.

— Não gostei daquele olhar, senhor, para lhe dizer a verdade. Eu o vi andar na direção de Jemmy e eu fui depressa e peguei o menino no colo, assim como estou agora. O homem pareceu surpreso, depois pareceu achar alguma coisa engraçada. Ele sorriu para Jem e perguntou a ele quem era seu pai.

Ela deu um sorriso rápido, batendo de leve nas costas de Jem. — As pessoas perguntam isso a ele o tempo todo, senhor, na cidade, e ele respondeu prontamente, disse que o pai dele era Roger Mackenzie, como ele sempre faz. Então o homem riu e afagou os cabelos de Jem... todo mundo faz isso, senhor, ele tem cabelos tão bonitos. Depois ele disse: "É você, então, meu homenzinho, você mesmo?" Phaedre era uma imitadora inata. Ela repetiu o sotaque irlandês perfeitamente e o suor ficou frio na pele de Roger.

— E o que aconteceu? — ele perguntou. — O que ele fez? — Inconscientemente, ele olhou por cima do ombro da escrava, através da porta aberta, vasculhando a noite lá fora em busca de sinais de perigo.

Phaedre deu de ombros, estremecendo ligeiramente.

— Ele não fez nada, senhor. Mas olhou muito atentamente para Jem, depois para mim, e sorriu, diretamente nos meus olhos. Não gostei daquele sorriso, senhor, nem um pouco. — Ela sacudiu a cabeça. — Então, ouvi a voz do sr. Benjamin chamando atrás de mim, perguntando se o cavalheiro queria alguma ajuda. O homem girou rapidamente nos calcanhares e saiu pela porta assim. — Ela segurou Jem com um único braço e estalou dois dedos de sua mão livre.

— Sei. — O pudim de pão transformara-se num bolo sólido que pesava como ferro em seu estômago. — Falou alguma coisa à sua patroa sobre esse homem? Ela sacudiu a cabeça, solene.

— Não, senhor. Como eu disse, ele na verdade não fez nada. Mas ele me perturbou, senhor, e então eu fiquei pensando nisso no caminho de volta para casa, e finalmente concluí, bem, que seria melhor lhe contar, senhor, se tivesse a oportunidade.

— Você agiu certo — ele disse. — Obrigado, Phaedre. — Reprimiu a vontade de pegar Jem de volta e abraçá-lo com força. — Você poderia... depois de colocá-lo na cama, poderia ficar com ele?

Só até eu subir. Eu direi à sua patroa que eu lhe pedi para fazer isso.

Seus olhos escuros fitaram os dele com perfeita compreensão e ela assentiu.

— Sim, senhor. Eu vigio o menino. — Ela balançou a cabeça em um arremedo de reverência e subiu as escadas para o quarto que ele dividia com Jem, cantarolando algo suave e rítmico para Jem.

Ele respirou devagar, tentando dominar a vontade urgente de pegar um cavalo dos estábulos, cavalgar a Cross Creek e dar uma busca no local, indo de casa em casa na escuridão, até encontrar Stephen Bonnet.

— Certo — disse em voz alta. — E depois? — Seus punhos cerraram-se involuntariamente, sabendo muito bem o que fazer, ao mesmo tempo que sua mente reconhecia a inutilidade de tal medida. Lutou contra a raiva e a sensação de impotência, o restante do uísque inflamando seu sangue, latejando em suas têmporas. Saiu atabalhoadamente pela porta aberta para dentro da noite, pois agora já estava completamente escuro. Deste lado da casa, a campina era invisível, mas ele ainda podia sentir o cheiro da fumaça das fogueiras e captar a fraca vibração da música no ar.

Ele sabia que Bonnet voltaria um dia. Mais abaixo, no gramado, o volume branco do mausoléu de Hector Cameron era uma mancha pálida na noite. E bem seguro lá dentro, escondido no caixão que aguardava a mulher de Hector, Jocasta, jazia uma fortuna em ouro dos jacobitas, o antigo segredo de River Run.

Bonnet sabia que o ouro existia, suspeitava que estivesse na fazenda.

Ele tentara apoderar-se dele certa vez, e fracassara. Ele não era um homem cuidadoso, Bonnet — mas era persistente.

Roger sentiu seus ossos se retesarem na carne, ardendo de vontade de caçar e matar o homem que estuprara sua mulher,



ameaçara sua família. Mas havia setenta e seis pessoas dependendo dele — não, setenta e sete. A vingança se digladiava com a responsabilidade — e, com muita relutância, ele cedeu.

Respirou lenta e profundamente, sentindo o nó da cicatriz da corda apertar-se em sua garganta. Não. Ele precisava ir, conduzir os arrendatários em segurança. A ideia de enviá-los com Arch e Tom, enquanto ele ficava para trás para procurar Bonnet, era tentadora — mas a tarefa era sua; não podia abandoná-la por causa de uma busca pessoal que demandava tempo e que provavelmente seria em vão.

Nem podia deixar Jem desprotegido.

Entretanto, devia contar isso a Duncan. Ele poderia tomar providências para proteger River Run, mandar avisar as autoridades em Cross Creek, fazer suas próprias investigações.

E Roger iria garantir que Jem também ficasse a salvo longe dali, assim que amanhecesse, levando-o na sela à sua frente, sob suas vistas a cada passo do caminho até o santuário nas montanhas.

— Quem é seu pai? — murmurou, e uma nova onda de ódio pulsou em suas veias. — Droga, sou eu, seu filho da mãe!

# PARTE TRÊS



*TUDO TEM SEU TEMPO CERTO*

*LE MOT JUSTE**Agosto de 1773*

— Você está sorrindo consigo mesma — Jamie disse em meu ouvido. — Bom, não foi? — Bom — eu disse pensativamente, traçando o contorno de seu largo lábio inferior com a ponta do dedo. — Está sendo propositadamente modesto ou espera me inspirar a arroubos extasiados de elogios por meio da clássica subestimação? A boca alargou-se ainda mais e seus dentes fecharam-se delicadamente em meu dedo investigador por um instante antes de soltá-lo.

— Ah, modesto, sem dúvida — ele disse. — Se eu tivesse esperanças de inspirá-la a arroubos extasiados, não seria com minhas palavras, seria? Sua mão percorreu minhas costas de leve, para ilustrar.

— Bem, as palavras realmente ajudam — eu disse.

— Ajudam? — Sim. Agora mesmo, eu estava na verdade tentando decidir quais as melhores: "Eu a amo, eu gosto de você, eu a adoro, eu preciso ter meu pau dentro de você", em termos de sua sinceridade relativa.

— Eu disse isso? — ele perguntou, parecendo ligeiramente surpreso.

— Sim. Não estava ouvindo? — Não — ele admitiu. — Mas cada palavra foi sincera. — Sua mão segurou minha nádega,

avaliando-a. — Ainda é, aliás.

— O quê? Mesmo a última? — Ri e esfreguei minha testa delicadamente contra seu peito, sentindo seu queixo aninhar-se no topo da minha cabeça.

— Oh, sim — ele disse, apertando-me com firmeza contra seu corpo, com um suspiro. — Eu diria que a carne requer um pouco de comida e um pequeno descanso antes de eu pensar em fazer isso outra vez, mas o espírito está sempre disposto. Meu Deus, você tem o mais lindo traseiro gordinho. Só de vê-lo me dá vontade de recomeçar diretamente. Você tem sorte de estar casada com um velho decrépito, Sassenach, ou estaria de joelhos com o traseiro no ar agora mesmo. Ele cheirava deliciosamente a poeira de estrada e suor seco, e o almíscar forte de um homem que acaba de se satisfazer plenamente.

— Que bom que senti minha falta — eu disse alegremente no pequeno espaço sob seu braço. — Eu também senti sua falta.

Meu hálito fez cócegas nele e sua pele estremeceu repentinamente, como um cavalo tentando afastar moscas. Ele remexeu-se um pouco, virando-me de modo que minha cabeça se encaixasse em seu ombro, e suspirou com igual contentamento.

— Sim. Vejo que o lugar ainda está em pé.

Estava. Era final de tarde, as janelas estavam abertas e o sol baixo vinha pelo meio das árvores criando desenhos móveis nas paredes e nos lençóis de linho, de modo que flutuávamos em um caramanchão de sussurrantes sombras de folhas.

— A casa está de pé, a cevada está quase toda armazenada e nada morreu — eu disse, instalando-me confortavelmente para fazer o relatório. Agora que havíamos cuidado do mais importante, ele iria querer saber como Ridge se saíra em sua ausência.

— Quase toda? — ele disse, pegando a deixa com precisão.  
— O que aconteceu? Choveu, sim, mas a cevada já estaria toda guardada há uma semana.

— Não foi chuva. Gafanhotos. — Estremeci ao me lembrar. Uma nuvem dos horríveis insetos de olhos esbugalhados chegara num turbilhão, bem no final da colheita da cevada. Eu subira à minha horta para colher verduras e me deparei com as tais verduras fervilhando com corpos em formato de cunha e patinhas agitadas, em forma de garra, minhas alfaces e repolhos esfarrapados, roídos até o toco, e a trepadeira ipomeia na paliçada caída em frangalhos.

"Eu corri e chamei a sra. Bug e Lizzie, e nós os espantamos com vassouras, mas eles se levantaram numa grande nuvem e partiram pela floresta para a lavoura depois de Green Spring. Desceram sobre a cevada; era possível ouvir a mastigação por quilômetros. Soava como gigantes caminhando sobre arroz." Meus ombros ficaram arrepiados de repugnância e Jamie esfregou minha pele distraidamente, a mão grande e quente.

— Mmmhum. Essa foi a única lavoura que eles atingiram, então? -Oh, sim. — Respirei fundo, ainda sentindo o cheiro da fumaça. — Nós pusemos fogo na lavoura e os queimamos vivos.

Seu corpo fez um movimento brusco de surpresa e ele olhou para mim.

— O quê? Quem teve essa ideia? — Eu — disse, não sem orgulho. Pensando friamente em retrospecto, era a atitude sensata a tomar; havia outras lavouras em risco, não apenas a de cevada, mas de milho, trigo, batatas e feno, para não falar dos canteiros de hortas de que muitas famílias dependiam. Na realidade, fora uma decisão tomada no auge da raiva — pura vingança pela destruição da minha horta. Eu teria alegremente arrancado as asas de cada inseto e pisoteado o restante — mas queimá-los fora quase tão bom.

Era a lavoura de Murdo Lindsay; lento tanto em pensamento quanto em ação, Murdo não tivera tempo de reagir adequadamente à minha declaração de que pretendia incendiar a cevada, e ainda estava parado na varanda de sua cabana, boquiaberto, enquanto Brianna, Lizzie, Marsali, a sra. Bug e eu corríamos ao redor do

campo com os braços cheios de gravetos, acendendo-os com archotes e lançando os galhinhos em chamas o mais longe possível dentro do oceano de grãos secos e maduros.

O capim seco pegou fogo com um estalido, depois ardeu com um rugido, quando o fogo se alastrou. Confusos com o calor e a fumaça de dezenas de pontos de incêndio, os gafanhotos levantavam voo como faíscas, inflamando-se conforme suas asas queimavam e desaparecendo na coluna cada vez mais alta de fumaça e cinzas em redemoinho.

— E, é claro, tinha que ser justamente essa a hora que Roger escolheu para chegar com os novos arrendatários — eu disse, reprimindo uma vontade inadequada de rir diante da lembrança. — Coitados. Começava a escurecer e ali estavam todos eles, parados no bosque com suas trouxas e crianças, observando a cena: essa maldita conflagração em andamento e todas nós dançando ao redor, descalças, com nossas saias amarradas para cima, enxotando e saltando como gibões e cobertas de fuligem.

Jamie cobriu os olhos com uma das mãos, obviamente visualizando a cena. Seu peito sacudiu-se ligeiramente e um largo sorriso abriu-se sob sua mão.

— Oh, meu Deus. Devem ter pensado que Roger Mac os trouxe para o inferno. Ou, no mínimo, para um encontro de bruxas.

Uma bolha de riso culpado formava-se embaixo de minhas costelas.

— Foi o que pensaram. Oh, Jamie, precisava ver a cara deles!  
— Perdi o controle e enterrei o rosto em seu peito. Ficamos nos sacudindo por alguns instantes, rindo quase silenciosamente.

— Eu bem que me esforcei para lhes dar as boas-vindas — eu disse, ainda rindo. — Servimos um jantar para eles e arranjamos lugar para todos dormirem; colocamos o maior número possível na casa e o resto espalhado entre a cabana de Brianna, o estábulo e o celeiro. Mas eu desci bem tarde da noite, não conseguia dormir com

toda a agitação do dia, e encontrei uma dúzia deles rezando na cozinha.

Formavam um círculo perto da lareira, de mãos dadas e de cabeça baixa, em reverência. Todas as cabeças se levantaram repentinamente com a minha chegada, os olhos arregalados nos rostos descarnados e pálidos. Ficaram olhando fixamente para mim em absoluto silêncio, e uma das mulheres soltou a mão do homem ao seu lado para esconder a própria mão sob o avental. Em outro lugar e época, eu pensaria que ela estava pegando uma arma — e, aliás, talvez estivesse; eu tenho absoluta certeza de que ela fazia o sinal de chifres por baixo do avental maltrapilho.

Eu já descobrira que somente alguns deles falavam inglês. Perguntei em meu gaélico claudicante se precisavam de alguma coisa. Continuaram olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças. Depois, após alguns instantes, um dos homens, uma criatura ressequida, de boca fina, sacudiu a cabeça muito de leve.

— Então, voltaram imediatamente às suas orações, deixando que eu escapasse furtivamente de volta para a cama.

— Você desceu de camisola? — Bem... sim. Não esperava que houvesse alguém acordado àquela hora.

— Mmmhum. — Os nós de seus dedos roçaram em meus seios e eu soube exatamente o que ele estava pensando. Minha camisola de verão era de linho fino e surrada, e sim, tudo bem, droga, imagino que fosse possível ver um pouco através dela na luz, mas a cozinha só estava iluminada pela claridade avermelhada da lareira abafada.

— Imagino que não tenha descido com uma touca de dormir adequada, não é, Sassenach? — Jamie perguntou, passando a mão pensativamente pela minha cabeça. Eu os soltara para ir para a cama com ele e os cachos contorciam-se alegremente em todas as direções, como uma Medusa.

— Claro que não. Mas meus cabelos estavam trançados — protestei. Muito respeitáveis! — Oh, muito — ele concordou, rindo, e enfiou os dedos na minha cabeleira desgrenhada, segurando minha cabeça nas mãos e beijando-me.

Seus lábios estavam secos e rachados do vento e do sol, mas agradavelmente macios. Ele não se barbeara desde a sua partida e sua barba estava curta e encaracolada, flexível ao toque.

— Muito bem, então. E imagino que já foram identificados e separados, não? Os colonos? — Seus lábios roçaram minha face e mordiscaram delicadamente minha orelha. Inspirei profundamente.

— Ah. Oh. Sim. Arch Bug levou-os pela manhã; alojou-os com famílias em toda a Ridge, e já estão trabalhando... — Minha linha de raciocínio perdeu-se temporariamente e eu fechei os dedos por reflexo no músculo de seu peito.

— E você disse a Murdo que eu acertaria com ele, é claro. Sobre a cevada? — Sim, claro. — Minha atenção à deriva desconcentrou-se momentaneamente e eu ri. — Ele só ficou me olhando com os olhos arregalados, depois balançou a cabeça meio atordoado e disse: "Oh, como o patrão quiser, claro." Não sei se ele sequer percebeu por que eu havia queimado sua plantação; talvez tenha achado que eu tive um capricho de incendiar sua cevada. Jamie riu, também — uma sensação desconcertante, já que ele prendia o lóbulo da minha orelha com os dentes.

— Hum — eu disse, debilmente, sentindo a cócega da barba vermelha em meu pescoço e seu músculo firme, muito quente, sob a palma da minha mão. — Os índios. Como você se saiu com os cherokees? — Muito bem.

Ele moveu-se repentinamente, rolando para cima de mim. Seu corpo era muito grande e muito quente, e ele cheirava a desejo, um cheiro forte e pungente. As sombras das folhas moviam-se pelo



seu rosto e ombros, salpicavam a cama e a pele branca de minhas coxas, amplamente abertas.

— Gosto muito de você, Sassenach. Posso vê-la na cozinha, seminua em sua camisola, com os cabelos soltos, encaracolados sobre seus seios... Eu a amo. Eu a ado...

— O que foi mesmo que você disse sobre descansar e jantar? Suas mãos contorciam-se sob mim, segurando minhas nádegas, apertando, seu hálito suave e quente em meu pescoço.

— Eu preciso ter meu...

— Mas...

— Agora, Sassenach. — Levantou-se abruptamente, ajoelhando-se na cama diante de mim. Havia um leve sorriso em seu rosto, mas seus olhos estavam azul-escuros e intensos. Ele segurou seus pesados testículos em uma das mãos, o polegar movendo-se para cima e para baixo de seu exigente membro de uma maneira lenta e grave.

— De joelhos, a nighean — ele disse suavemente. — Agora.



## OS LIMITES DO PODER

*De James Fraser, esq.,  
Fraser's Ridge  
Para lorde John Grey, de Mount Josiah Plantation  
14 de agosto de 1773*

*Milorde,*

*Escrevo para informá-lo do meu novo cargo, a saber, o de Agente Indigenista para a Coroa, por designação do Departamento do Sul sob a direção de John Stuart.*

*Inicialmente, eu tinha dúvidas em aceitar essa função, mas minha decisão foi simplificada pela visita do sr. Richard Brown, um vizinho distante, e seu irmão. Imagino que o sr. Higgins já tenha lhe feito um relato do chamado Comitê de Segurança e de seu objetivo imediato de prendê-lo.*

*Tem conhecimento de tais organizações ad hoc na Virgínia? Creio que talvez sua situação não seja tão instável quanto a nossa, ou a de Boston, onde o sr. Higgins também relata sua presença. Espero que não seja.*

*Creio que uma pessoa de bom-senso deve deplorar a existência desses comitês por princípio. Seu objetivo declarado é dar proteção contra vagabundos e bandidos e prender criminosos nas áreas em que não haja xerife ou polícia. Entretanto, sem nenhuma lei para regular seu*

*comportamento, a não ser seus próprios interesses, obviamente nada impedirá que uma milícia irregular se torne mais uma ameaça aos cidadãos do que os perigos dos quais se oferecem para resguardá-los.*

*No entanto, a atração é óbvia, particularmente na situação em que nos encontramos, tão remotamente localizados. O Tribunal de Justiça mais próximo fica — ou ficava — a três dias de cavalgada, e, no estado de permanente agitação que se seguiu à Regulação, essa condição insatisfatória se deteriorou ainda mais. O Governador e seu Conselho estão em permanente conflito com a Assembleia, o Tribunal Itinerante praticamente deixou de existir, os juízes já não são designados e não há nenhum xerife no condado de Surry atualmente, o último ocupante desse cargo tendo se demitido sob a ameaça de ter sua casa incendiada. Os xerifes dos condados de Orange e Rowan ainda ocupam seus cargos, mas sua corrupção é tão conhecida que ninguém pode contar com eles, a não ser aqueles de cujos interesses eles estão investidos.*

*Ultimamente, são frequentes os relatos de incêndios de casas, ataques e horrores semelhantes, no rastro da recente Guerra da Regulação. O governador Tryon oficialmente perdoou alguns dos envolvidos no conflito, mas nada fez para evitar a retaliação local contra eles; seu sucessor é ainda menos capaz de lidar com tais acontecimentos — os quais estão, de qualquer modo, ocorrendo no interior, longe de seu palácio em New Bem, podendo assim ser mais facilmente ignorados.*

*(Com toda justiça, o governador, sem dúvida, tem problemas mais imediatos para resolver.) Ainda assim, enquanto os colonos aqui estão acostumados a se defender sozinhos das agruras normais de uma região selvagem, a ocorrência de ataques aleatórios desse tipo — e a possibilidade de incursões violentas dos índios, tão perto da Linha do Tratado é suficiente para deixá-los apreensivos e fazer com que recebam com alívio o surgimento de qualquer grupo disposto a assumir o papel de proteção pública. É por isso que os vigilantes dos comitês são bem recebidos — ao menos, no começo.*

*Dou-lhe tantos detalhes afim de explicar minhas ideias com relação ao cargo para o qual fui designado. Meu amigo major MacDonald (ex- membro do 32º Batalhão de Cavalaria) disse-me que, se eu viesse porfim a recusar o cargo de Agente Indigenista, ele abordaria o sr. Richard Brown, estando Brown acostumado a realizar um comércio vultoso com os cherokees e, portanto, em posição de conhecimento e suposta confiança, o que predisporia sua aceitação pelos índios.*

*O meu conhecimento do sr. Brown e seu irmão me levam a considerar essa perspectiva com inquietação. Com o aumento de influência que tal cargo traria, o prestígio de Brown nesta região instável poderia se tornar tão grande em tão curto espaço de tempo que ninguém poderia se opor a ele em qualquer iniciativa — e isso, eu creio, é perigoso.*

*Meu genro astutamente observa que o senso de moralidade de um homem tende a diminuir conforme seu poder aumenta, e suspeito que os irmãos Brown já possuam relativamente pouco do primeiro para começar. Pode ser mera arrogância de minha parte presumir que eu tenha mais. Eu já vi os efeitos corrosivos do poder sobre o espírito de um homem — e experimentei seu fardo, como pode compreender, tendo você mesmo o experimentado tantas vezes. De qualquer modo, se for uma escolha entre mim mesmo e Richard Brown, creio que decidi recorrer ao antigo adágio escocês de que o diabo que você conhece é melhor do que o diabo que não conhece.*

*Estou igualmente inquieto com a ideia dos longos períodos de ausência de casa que os meus novos deveres devem exigir. No entanto, não posso, em sã consciência, permitir que as pessoas sob minha responsabilidade fiquem sujeitas aos caprichos e possíveis danos do comitê de Brown.*

*Eu poderia, é claro, formar meu próprio comitê — creio que você me instaria a seguir esse caminho — mas não o farei. Além da inconveniência e das despesas de tal iniciativa, seria o mesmo que declarar guerra aberta aos Brown, e não creio que isso seja prudente, não se devo ficar constantemente longe de casa, deixando minha família sem proteção.*

*Essa nova incumbência, entretanto, ampliará minha própria influência e — acredito — colocará algum limite às ambições dos Brown.*

*Assim, tendo tomado tal decisão, enviei imediatamente um comunicado aceitando o cargo e, no mês passado, fiz minha primeira visita aos cherokees como Agente Indigenista. Minha recepção inicial foi muito cordial e espero que minhas relações com as aldeias permaneçam assim.*

*Devo visitar os cherokees outra vez no outono. Se você tiver questões de negócios em que minha nova função possa ajudá-lo, transmita-as a mim e pode ficar seguro de que farei tudo que estiver ao meu alcance para atendê-lo.*

*Com relação a questões mais domésticas. Nossa pequena população quase dobrou, em consequência de um influxo de colonos recém-chegados da Escócia. Embora bastante desejável, essa incursão não causou pouco tumulto, sendo os novos imigrantes pescadores da costa.*

*Para eles, as regiões selvagens das montanhas são repletas de ameaça e mistério, tais ameaças e mistérios sendo personificados por porcos e arados.*

*(Com relação a porcos, não tenho certeza se não compartilho de sua opinião. A porca branca ultimamente instalou residência sob os alicerces da minha casa e lá se entrega a tal devassidão que nosso jantar é perturbado diariamente por ruídos infernais que mais parecem os sons de almas em tormento. Essas almas, aparentemente, tendo cada membro arrancado e devorado por demônios sob nossos pés.) Já que estou falando de assuntos infernais, devo observar que nossos recém-chegados são também, ai de mim!, severos filhos da Convenção da igreja escocesa, para quem um papista como eu apresenta-se como alguém completamente dotado de chifres e cauda. Lembra-se de um Thomas Christie, de Ardsmuir? Em comparação com esses empertigados cavaleiros, o sr. Christie parece o espírito da generosidade piedosa.*

*Eu não havia pensado em agradecer à Providência Divina o fato de meu genro ser presbiteriano, mas vejo agora como é verdade que o Todo-Poderoso de fato possui desígnios além do conhecimento dos pobres*

mortais. Apesar de até mesmo Roger MacKenzie ser um libertino tristemente depravado à luz dessa gente, os novos colonos são ao menos capazes de conversar com ele sem a necessidade de pequenos gestos e sinais destinados a afastar o Mal, que constantemente acompanham suas conversas comigo.

Quanto ao comportamento deles em relação à minha mulher, você imaginaria que ela é a Bruxa de Endor ou a Grande Prostituta da Babilônia. Isso porque consideram os apetrechos de seu consultório como "feitiços" e ficaram estarrecidos ao presenciarem a entrada ali de um grupo de cherokees, alegremente paramentados para a visita, pois vieram para comercializar remédios secretos, como presas de serpentes e vesículas biliares de ursos. Minha mulher pede-me que eu transmita sua satisfação com seus gentis elogios relativos à melhoria das condições de saúde do sr. Higgins — e mais ainda, com sua oferta de obter substâncias medicinais para ela através de seu amigo da Filadélfia. Ela me pede que lhe envie a lista em anexo. Lançando um olhar à referida lista, imagino que o seu atendimento aos pedidos nada fará para amenizar as suspeitas dos pescadores, mas, por favor, não desista por causa disso, pois acredito que nada, a não ser o tempo e o hábito, poderá diminuir o medo que têm dela.

Minha filha, igualmente, pede-me que expresse sua gratidão pelo seu presente de fósforo. Não estou bem certo se compartilho desse sentimento, uma vez que as experiências dela com a substância até agora se mostram assustadoramente incendiárias. Felizmente, nenhum dos novos colonos observou tais experiências ou não lhes restaria a menor dúvida de que Satã é realmente um grande amigo meu e da minha família.

Com uma veia mais alegre, eu o felicito por sua mais recente vintage, que é de fato bastante bom. Envio, em troca, um jarro da melhor sidra da sra. Bug e uma garrafa do uísque envelhecido três anos no barril, o que tenho a vaidade de dizer que achará menos corrosivo para o esôfago do que o último lote.

Seu humilde criado,

*J. Fraser*

*Postscriptum: Recebi a informação da presença de um homem que, pela descrição, se parece com Stephen Bonnet, tendo o sujeito aparecido rapidamente em Cross Creek no mês passado. Se tiver sido realmente o cavalheiro, nada se sabe sobre o que o levou lá, e ele parece ter desaparecido sem deixar vestígios; meu tio, Duncan Innes, fez investigações na área, mas me escreveu dizendo que foram em vão. Se souber de alguma coisa a esse respeito, rogo-lhe que me avise imediatamente.*





*VRUUUM!*

### *Do Livro dos Sonhos*

Ontem à noite, eu sonhei com água corrente. Em geral, isso significa que bebi água demais antes de ir dormir, mas esse foi diferente.

A água vinha da torneira da pia de casa; eu ajudava mamãe a lavar a louça; ela jogava água quente nos pratos com o chuveirinho da pia e os passava para mim para enxugar; eu podia sentir a louça quente através do pano de prato e o vapor da água em meu rosto.

Os cabelos de mamãe encaracolavam-se de forma desgrenhada por causa da umidade e o desenho nos pratos eram as rosas em alto-relevo do aparelho de jantar de casamento. Mamãe só me deixou lavá-los quando eu tinha mais de dez anos, com medo de que deixasse alguma peça cair. E eu fiquei muito orgulhosa quando finalmente pude lavá-los! Ainda posso ver tudo que existia na cristaleira na sala de estar: o suporte para bolo, pintado à mão pelo bisavô de mamãe (ele era um artista, segundo ela, e ganhou um concurso com aquele suporte para bolo, cem anos antes), os doze copos de cristal que a mãe de papai deixara para ele, juntamente com a travessa verde-oliva de vidro lapidado e a xícara com pires pintados à mão com violetas e bordas douradas.

Eu estava parada diante dela, guardando a louça — mas não guardávamos o aparelho de jantar na cristaleira; nós o guardávamos



na prateleira acima do aquecedor —, e a água transbordava da pia da cozinha, correndo pelo chão, empoçando aos meus pés. Então, ela começou a subir, e eu ficava chapinhando na água, indo e vindo da cozinha, chutando a água de modo que ela faiscava como a travessa verde-oliva de vidro lapidado. A água ficava cada vez mais funda, mas ninguém parecia estar preocupado; eu não estava.

A água estava morna, quente, na verdade eu podia ver o vapor elevando-se.

Esse foi todo o sonho — mas, quando acordei hoje de manhã, a água na bacia estava tão fria que eu tive que aquecer água em uma panela no fogo antes para dar banho em Jemmy. O tempo todo em que eu estava verificando a temperatura da água no fogo, eu me lembrava do sonho, e em todos aqueles galões e galões de água quente, corrente.

O que me espanta é que esses sonhos que eu tenho sobre aquela época — eles parecem tão vívidos e detalhados; mais do que os sonhos que tenho sobre agora. Por que eu vejo coisas que não existem em lugar nenhum, a não ser dentro do meu cérebro? O que eu me pergunto sobre os sonhos é — de todas as novas invenções que surgem — quantas são feitas por pessoas como eu — como nós? Quantas "invenções" não são na realidade "lembranças" daquilo que conhecemos um dia? E quantos de nós haverá? Na verdade, não é tão difícil ter água quente corrente. Em tese.

— Não? Imagino que não. — Roger ouviu apenas parcialmente, concentrado como estava no objeto que tomava forma sob sua faca.

— Quero dizer, seria um trabalho enorme, terrível de executar. Mas é simples no conceito. Cavar valas ou construir eclusas, e, por aqui, provavelmente seriam eclusas...

— Seriam? — Aquela era a parte mais difícil. Ele prendeu a respiração, talhando lascas delicadas, minúsculas, uma de cada vez.

— Não há metal — Bri disse pacientemente. — Se houvesse metal, seria possível fazer tubulações de superfície. Mas aposto como não há metal suficiente em toda a colônia da Carolina do Norte para fazer a canalização necessária para trazer água do rio até à casa grande. Quanto mais um aquecedor! E, se houvesse, custaria uma fortuna.

— Hummm. — Sentindo que aquela provavelmente não seria uma resposta adequada, Roger acrescentou apressadamente: — Mas há algum metal disponível. O alambique de Jamie, por exemplo.

Sua mulher fez um muxoxo.

— Sim. Eu perguntei a ele onde o conseguiu e ele respondeu que ganhou num jogo de cartas com um capitão de navio em Charleston.

Acha que eu poderia viajar seiscentos e cinquenta quilômetros para apostar meu bracelete de prata contra alguns metros de folha de cobre? Mais uma lasca... duas... uma raspagem mínima com a ponta da faca... ah. O minúsculo círculo libertou-se da matriz. Girou! — Hã... claro — ele disse, mal percebendo que ela havia feito uma pergunta a ele. — Por que não? Ela desatou numa gargalhada.

— Você não ouviu uma única palavra do que eu disse, não é? — Oh, claro que ouvi — ele protestou. — "Canal", você disse. E "água". Tenho certeza de que me lembro dessa.

Ela fez um muxoxo outra vez, embora sem muita convicção.

— Bem, de qualquer modo, você é quem teria de fazer isso.

— Fazer o quê? — Seu polegar buscou a pequena roda e a fez girar. — Jogar. Ninguém vai deixar que eu entre em um jogo altamente arriscado.

— Graças a Deus — ele disse, em reflexo.

— Que Deus tenha piedade de seu coraçãozinho presbiteriano — ela disse tolerantemente, sacudindo a cabeça. —

Você não é um bom jogador, Roger, não é? — Oh, e você é, suponho. — Ele disse de brincadeira, perguntando-se ao mesmo tempo por que deveria se sentir levemente censurado pela observação dela.

Ela apenas sorriu diante disso, a boca larga curvando-se de uma forma que sugeria incontáveis quantidades de iniciativas ousadas e perigosas. Ele sentiu uma leve inquietação. Ela era uma jogadora, embora até o momento... Olhou involuntariamente para a mancha grande chamuscada, no meio da mesa.

— Isso foi um acidente — ela disse, na defensiva.

— Oh, sim. Ao menos, suas sobrancelhas cresceram novamente.

— Humm. Estou quase conseguindo. Mais um lote...

— Foi isso que você disse da última vez. — Ele tinha consciência de que estava pisando em terreno perigoso, mas não conseguia parar.

Ela respirou fundo, devagar, olhando para ele através de olhos ligeiramente apertados, como alguém fazendo mira antes de disparar alguma grande peça de artilharia. Em seguida, ela pareceu pensar melhor sobre o que quer que pensara em dizer; suas feições relaxaram e ela estendeu a mão para o objeto que ele estava segurando.

— O que é que você está fazendo? — Só um brinquedinho para Jem. — Ele deixou que ela o segurasse, sentindo o agradável calor do orgulho modesto. — Todas as rodas giram.

— Meu, papai? — Jemmy andara rolando pelo chão com Adso, o gato, que era tolerante com crianças pequenas. Entretanto, ao ouvir seu nome, ele abandonou o gato, que prontamente escapou pela janela, e subitamente se manifestou para ver o novo brinquedo.

— Oh, veja só! — Brianna rodou o carrinho na palma da mão e ergueu-o, deixando todas as quatro rodinhas girarem

livremente. Jem agarrou-o ansiosamente, puxando as rodas.

— Cuidado, cuidado! Você vai arrancá-las! Venha cá, deixe-me mostrar-lhe. — Agachando-se, Roger pegou o carrinho e rolou-o ao longo das pedras da soleira da lareira. — Está vendo? Vruuum! Vruuum-vruuum! — Bruuum! — Jemmy repetiu. — Deixe eu fazer, papai, deixa eu!

Roger entregou o brinquedo para Jemmy, sorrindo.

— Bruuum! Bruuum-bruum! — O menino empurrou o carrinho entusiasticamente e, em seguida, perdendo o controle sobre ele, observou, boquiaberto, o carro correr sozinho até o final da soleira da lareira, bater na borda e capotar. Com gritinhos de alegria, arrastou-se atabalhoadamente atrás do novo brinquedo.

Ainda sorrindo, Roger ergueu os olhos, deparando-se com Brianna fitando Jem atentamente, uma expressão estranha em seu rosto. Ela sentiu seus olhos sobre ela e olhou para ele.

— Vruuum? — ela disse, à meia-voz, e ele sentiu um pequeno solavanco interno, como um soco no estômago.

— O que é isso, papai, o que é isso? — Jemmy recuperara o brinquedo e corraera para ele, o carrinho agarrado junto ao peito.

— É um... um... — ele começou, desamparado. Era, na verdade, uma réplica bruta de um Morris Minor, mas até mesmo a palavra "carro", quanto mais "automóvel", não fazia nenhum sentido ali. E o motor de combustão interna, com seus agradáveis ruídos evocativos, estava a pelo menos um século de distância.

— Acho que é um "vruuum", querido — Bri disse, um tom evidente de compaixão na voz. Ele sentiu o delicado peso de sua mão, pousada em sua cabeça.

— Hã... sim, isso mesmo — ele disse, limpando um nó na garganta.

— É um vruuum.

— Bruuum — Jemmy repetiu alegremente, ajoelhando-se para fazer o carrinho percorrer a soleira de pedra da lareira outra

vez. — Bruuum- Bruuum! VAPOR. Teria que ser a vapor — ou pela ação do vento; um moinho de vento funcionaria, talvez, para bombear a água no sistema, mas, se eu quiser água quente, haveria vapor, de qualquer forma — por que não usá-lo? Contenção é o problema; madeira queima e vaza, barro não resistirá à pressão. Preciso de metal, é a única maneira. O que será que a sra. Bug faria se eu usasse o caldeirão de ferver roupa? Bem, eu sei o que ela faria, e uma explosão de vapor nem se compara; além do mais, nós temos que lavar roupa. Vou ter que pensar em outra coisa.

*FAZENDO FENO E AMIGOS*

O major MacDonald retornou no último dia de produção do feno.

Eu estava acabando de percorrer o caminho lateral da casa com um enorme cesto de pães, quando o vi na cabeceira da trilha, amarrando o cavalo a uma árvore. Ele ergueu o chapéu para mim e fez uma reverência, depois atravessou o pátio em frente à casa, olhando curiosamente ao redor, para os preparativos em andamento.

Nós havíamos armado cavaletes sob as castanheiras, com tábuas estendidas entre eles formando mesas, e um fluxo permanente de mulheres corria de um lado para o outro como formigas entre a casa e o pátio, buscando comida. O sol estava se pondo e os homens logo chegariam para uma festa de comemoração; imundos, exaustos, famintos — e exultantes com o término de seu trabalho.

Cumprimentei o major com um movimento de cabeça e aceitei com alívio sua oferta de carregar o pão para as mesas para mim.

— Preparando o feno, não é? — ele disse, em resposta à minha explicação. Um sorriso nostálgico se espalhou pelo rosto castigado pelo tempo. — Eu me lembro da produção do feno, de quando eu era garoto.

Mas isso foi na Escócia, sabe? Raramente tínhamos um tempo tão bom quanto este para isso. — Ergueu os olhos para a flamejante abóbada azul-escura do céu de agosto acima de nós. Era realmente o perfeito clima para a produção de feno, quente e seco.

— É maravilhoso — eu disse, cheirando o ar com satisfação. O aroma de feno fresco estava por toda parte, assim como o feno; havia montes dele cintilando em cada barracão, todos levavam pedacinhos de feno nas roupas e viam-se pequenos rastos de palha espalhada por toda parte. Agora, o cheiro de feno seco, cortado, misturava-se com o delicioso aroma de churrasco que ficara em fogo brando sob o chão de um dia para o outro, o pão fresco e o cheiro pungente e estonteante da sidra da sra. Bug. Marsali e Bri traziam jarras da sidra da casinhola na fonte, onde ficara sob refrigeração, juntamente com a coalhada e a cerveja.

— Já vi que escolhi o dia certo para vir — o major comentou, observando todo aquele esforço com aprovação. — Se veio comer, sim — eu disse, achando graça. — Se veio falar com Jamie, acho que vai ter que esperar até amanhã.

Ele olhou para mim, intrigado, mas não teve chance de fazer mais perguntas; eu havia detectado outro movimento na cabeceira da trilha. O major virou-se, vendo a direção do meu olhar, e franziu ligeiramente a testa.

— Ora, é aquele sujeito com o rosto marcado — ele disse, com uma desaprovação desconfiada na voz. — Eu o vi em Coopersville, mas ele me viu primeiro e deu a volta, afastando-se imediatamente. Quer que eu o expulse daqui, madame? — Ele colocou o cesto no chão e já estava ajeitando o cinto de sua espada no quadril quando eu segurei seu braço.

— Não faça isso, major — eu disse ríspidamente. — O sr. Higgins é um amigo.

Ele lançou-me um olhar insípido, depois abaixou o braço.

— Como quiser, sra. Fraser, é claro — disse friamente, e, pegando o pão novamente, dirigiu-se para as mesas.

Revirando os olhos de exasperação, fui cumprimentar o recém-chegado. Obviamente, Bobby Higgins podia ter se unido ao major no trajeto para Ridge; também obviamente, preferira não o fazer. Ele se tornara um pouco mais familiarizado com mulas, como pude constatar; ele estava montado em uma e conduzia outra, carregada com uma promissora exibição de sacas e caixas.

— Com os cumprimentos de lorde John Grey, senhora — ele disse, saudando-me com uma rápida continência enquanto apeava. Pelo canto do olho, vi MacDonald observando, e seu pequeno sobressalto de reconhecimento do gesto militar. Portanto, ele agora sabia que Bobby era um soldado e, sem dúvida, iria arrancar seu passado assim que pudesse.

Contive um suspiro; eu não podia consertar a situação; teriam que se acertar sozinhos; teriam que resolver suas diferenças entre eles mesmos, se houvesse diferenças.

— Você está com boa aparência, Bobby — eu disse, sorrindo enquanto afastava minha preocupação. — Espero que não tenha tido dificuldade com a cavalgada.

— Oh, nenhuma, dona! — Abriu um largo sorriso. — E não caí nem uma vez desde que saí daqui! — "Caí" significava "desmaiei", e eu o felicitei pelo seu estado de saúde, examinando-o enquanto ele descarregava a mula de carga com ágil eficiência. Ele realmente parecia muito melhor; a pele rosada e com o frescor de uma criança, salvo a feia marca em sua face.

— Aquele "casaco vermelho" lá — ele disse, afetando indiferença enquanto colocava uma caixa no chão. — É um conhecido seu, senhora? — Aquele é o major MacDonald — eu disse, tendo o cuidado de evitar olhar na direção do major; eu podia sentir seu olhar fixo nas minhas costas. — Sim. Ele... faz serviços



para o governador, eu acho. Não é do exército regular, quero dizer; é um oficial a meio-soldo.

Essa pequena informação pareceu aliviar um pouco a mente de Bobby. Ele inspirou, como se fosse dizer alguma coisa, mas depois desistiu. Em vez disso, enfiou a mão dentro da camisa e retirou uma carta selada, que me entregou.

— É para a senhora — ele explicou. — De lordes John Grey. A srta.

Lizzie está por aí? — Seus olhos já buscavam Lizzie no bando de moças e senhoras que aprontavam as mesas.

— Sim, na última vez que a vi, ela estava na cozinha — respondi, uma pequena sensação de inquietação percorrendo minha espinha dorsal.

— Ela vai sair daqui a pouco. Mas... você sabe que ela está noiva, não sabe, Bobby? O noivo dela virá com os outros homens para o jantar.

Ele olhou-me nos olhos e sorriu com sua meiguice particular.

— Oh, sim, senhora, sei disso muito bem. Só pensei em lhe agradecer por sua gentileza quando estive aqui da outra vez.

— Oh — eu disse, não confiando nem um pouco naquele sorriso.

Bobby era um rapaz muito bonito, com ou sem um olho cego, e ele havia sido um soldado. — Bem... ótimo.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ouvi o som de vozes masculinas vindo do meio das árvores. Não era propriamente uma cantoria; era uma espécie de recitação rítmica. Não sabia ao certo do que se tratava — havia uma série de exclamações em gaélico, mas todas elas pareciam estar sendo gritadas de uma maneira cordial.

A produção de feno era um conceito novo para os novos arrendatários, que estavam muito mais acostumados a usar o

ancinho para juntar algas do que a foice para cortar capim. No entanto, Jamie, Arch e Roger os orientaram no processo e eu só fui chamada para costurar alguns cortes de pouca importância. Assim sendo, concluí que a operação fora um sucesso — nenhum pé ou mão decepado, algumas trocas de palavras ásperas, mas nenhuma briga de socos, e não mais do que a quantidade habitual de feno pisoteado ou estragado.

Todos pareciam de bom humor, conforme entravam em bando no pátio, sujos, encharcados de suor e sedentos como esponjas. Jamie estava no meio deles, rindo e cambaleando quando alguém o empurrou. Ele me viu e um enorme sorriso se abriu em seu rosto queimado de sol. Com passos largos, ele me alcançou e me ergueu num abraço exuberante, recendendo a feno, cavalos e suor.

— Acabamos, Graças a Deus! — ele disse, beijando-me sonoramente. — Santo Deus, eu preciso de uma bebida. E não, isso não é nenhuma blasfêmia, Roger — acrescentou, olhando de relance para trás. — É gratidão sincera e necessidade desesperadora, sabe? — Sim. Mas não vamos colocar a carroça na frente dos bois, hein? — Roger surgira atrás de Jamie, a voz tão rouca que era quase inaudível no meio da baderna geral. Ele engoliu em seco, fazendo uma careta.

— Oh, sim. — Jamie lançou um rápido olhar a Roger, avaliando-o, depois deu de ombros e, a passos largos, postou-se no meio do pátio.

— Eisd ris! Eisd ris! — berrou Kenny Lindsay, ao vê-lo. Evan e Murdo uniram-se a ele, batendo palmas e gritando: "Vamos ouvi-lo!", suficientemente alto para a multidão começar a silenciar e prestar atenção.

Faço a oração com minha boca, Faço a oração com meu coração, Faço a oração para Ti, Senhor, Oh, Mão que Cura, Oh, Filho de Deus da salvação.

Ele não ergueu a voz muito acima do seu nível normal, mas todos silenciaram imediatamente, de modo que as palavras ecoavam com clareza.

Oh, Senhor Deus dos anjos, Estende sobre mim Teu manto de linho; Resguarda-me da fome, Liberta-me de toda sombra espectral.

Fortalece em mim todo bem, Protege-me em toda dificuldade, Salvaguarda-me em toda doença E de toda animosidade impede-me.

Houve um leve rebuliço de aprovação na multidão; eu vi alguns dos pescadores abaixarem a cabeça, embora seus olhos permanecessem fixos nele.

Está entre mim e tudo que for sinistro Está entre mim e toda mesquinhez Está entre mim e todos os horrores Que venham das sombras em minha direção.

Oh, Deus dos fracos Oh, Deus dos humildes, Oh, Deus dos justos, Oh, escudo das fazendas: O Senhor nos conclama Na voz da glória, Com a boca da misericórdia De Teu Filho bem-amado.

Lancei um olhar a Roger, que também balançava ligeiramente a cabeça em aprovação. Evidentemente, haviam combinado aquilo.

Sensato; seria uma oração familiar na forma dos pescadores, sem nada especificamente católico a respeito.

Jamie abriu os braços, de forma totalmente inconsciente, e a brisa agitou o linho surrado e suado de sua camisa quando ele inclinou a cabeça para trás e ergueu o rosto para o céu, radiante de alegria.

Oh, que eu encontre o repouso eterno Na casa de Tua Trindade, No Paraíso dos devotos, No jardim ensolarado do Teu amor! — Amém! — Roger disse, o mais alto que pôde, e ouviram-se murmúrios satisfeitos de "amém" ao redor do pátio. Então, o major

MacDonald ergueu a caneca de sidra que segurava, bradou "Slàinte!" e virou-a.

Depois disso, as festividades se iniciaram. Eu me vi sentada em um barril, Jamie na grama aos meus pés, com um prato de comida e uma caneca de sidra constantemente renovada.

— Bobby Higgins está aqui — eu lhe disse, detectando Bobby no centro de um pequeno grupo de jovens admiradoras. — Você está vendo Lizzie em algum lugar? — Não — ele disse, reprimindo um bocejo. — Por quê? — Ele perguntou especificamente por ela.

— Então, tenho certeza de que a encontrará. Tem um pedaço de carne aí, Sassenach? — Estendeu um enorme osso de costela, a sobancelha arqueada interrogativamente.

— Tenho um pouco — assegurei-lhe, e ele imediatamente atacou o pedaço de carne de churrasco temperada com vinagre como se não comesse há uma semana.

— O major MacDonald já falou com você? — Não — ele disse, a boca cheia, e engoliu. — Ele vai se manter discreto. Lá está Lizzie, com os McGillivray.

Senti-me tranquilizada com isso. Os McGillivray — particularmente Frau Ute — certamente iriam desencorajar quaisquer atenções inadequadas à sua nova nora prometida. Lizzie conversava e ria com Robin McGillivray, que sorria para ela de maneira paternal, enquanto seu filho Manfred comia e bebia com um apetite voraz. Frau Ute, eu vi, mantinha um olho vivo e interessado no pai de Lizzie, sentado na varanda ali perto, aconchegadamente lado a lado com uma senhora alemã alta, de feições um pouco sem graça.

— Quem é aquela com Joseph Wemyss? — perguntei, cutucando Jamie com o joelho para direcionar sua atenção.

Ele estreitou os olhos contra a claridade do sol, olhando, depois deu de ombros.

— Não sei. É alemã; deve ter vindo com Ute McGillivray. Ela está arranjando casamento, não é? — Você acha? — Olhei com interesse para a estranha mulher. Ela, sem dúvida, parecia estar se dando bem com Joseph, e ele com ela. Seu rosto fino parecia animado, enquanto gesticulava, explicando alguma coisa à mulher, e a cabeça dela, cuidadosamente coberta com uma touca, estava inclinada na direção dele, um sorriso nos lábios.

Eu nem sempre aprovava os métodos de Ute McGillivray, que tendiam para um rolo compressor, mas tinha que admirar a escrupulosa complexidade de seus planos. Lizzie e Manfred se casariam na próxima primavera e eu me perguntava como Joseph ficaria depois disso; Lizzie era toda a sua vida.

Ele poderia, é claro, ir com ela quando ela se casasse. Ela e Manfred iriam morar na enorme casa dos McGillivray e imagino que encontrariam lugar para Joseph também. Ainda assim, ele ficaria dividido, não querendo nos deixar — e, embora qualquer homem capaz sempre pudesse ser útil em uma fazenda, ele não era de modo algum um fazendeiro inato, muito menos um armeiro, como Manfred e seu pai.

Mas se ele próprio se casasse...

Dei uma olhada em Ute McGillivray e a vi observando o sr. Wemyss e sua namorada com a expressão satisfeita de um titereiro cujas marionetes estão dançando precisamente conforme sua música.

Alguém deixara um jarro de sidra ao nosso lado. Enchi novamente a caneca de Jamie, depois a minha própria. Era excelente, escura, de um âmbar embaciado, doce e pungente e com um travo particularmente sutil. Deixei o líquido fresco descer lentamente pela minha garganta e desabrochar dentro de minha cabeça como uma flor silenciosa.

Havia muita conversa e risadas, e eu notei que, enquanto os novos colonos ainda se mantinham fechados em seus próprios

grupos familiares, agora já havia um pouco mais de mistura, conforme os homens que trabalharam lado a lado nas últimas duas semanas mantinham suas relações cordiais, essas cortesias sociais alimentadas pela sidra. Os novos arrendatários, em sua maioria, consideravam o vinho uma falsificação, as bebidas fortes — uísque, rum ou conhaque —, avassaladoras, mas todos bebiam sidra e cerveja. A sidra era salutar, uma das mulheres me dissera, dando uma caneca a seu filho pequeno. Eu dava meia hora, pensei, enquanto bebericava minha sidra, para começarem a cair como moscas.

Jamie fez um pequeno ruído, achando graça, e eu olhei para ele. Fez um movimento com a cabeça indicando o outro lado do pátio de entrada e eu olhei naquela direção, vendo que Bobby Higgins havia se desvencilhado de suas admiradoras e, por alguma prestidigitação alquimista, havia conseguido retirar Lizzie do meio dos McGillivray.

Estavam parados na sombra das castanheiras, conversando.

Olhei novamente para os McGillivray. Manfred estava recostado na parede da casa, balançando a cabeça sobre seu prato de comida. Seu pai enroscara-se no chão a seu lado e roncava pacificamente. As meninas tagarelavam ao redor deles, passando comida de uma para a outra, por cima das cabeças pendentes de seus maridos, todos em estágios diversos de iminente sonolência. Ute deslocara-se para a varanda e conversava com Joseph e sua companheira. Olhei novamente para o outro lado.

Lizzie e Bobby estavam apenas conversando e havia uma distância respeitável entre eles. Mas havia algo na maneira como Bobby se inclinava para ela, e na maneira como Lizzie se virava, afastando-se dele, depois voltava, balançando uma prega de sua saia com uma das mãos...

— Ai, ai, ai — eu disse. Remexi-me um pouco em minha posição, fazendo menção de me levantar, mas sem saber se

realmente deveria interrompê-los. Afinal, estavam à vista de todos e...

— Três coisas me estarrecem, não, quatro, diz o profeta. — A mão de Jamie apertou minha coxa e eu abaixei os olhos para ele, vendo que ele também observava o casal sob as castanheiras, os olhos semicerrados.

— O jeito de uma águia no ar. O jeito de uma serpente na rocha, o jeito de um navio no meio do oceano... e o jeito de um homem com uma moça.

— Oh, então não é imaginação minha — eu disse secamente. — Acha que seria melhor eu fazer alguma coisa? — Mmmhum. — Ele respirou fundo e endireitou-se, sacudindo vigorosamente a cabeça para despertar. — Ah. Não, Sassenach. Se Manfred não se dá ao trabalho de tomar conta de sua mulher, não cabe a você fazer isso por ele.

— Sim, concordo plenamente. Só estou pensando... e se Ute os vir... ou Joseph? — Eu não sabia ao certo o que o sr. Wemyss faria; achei que Ute provavelmente faria um escândalo.

— Oh. — Ele pestanejou, oscilando um pouco. — Sim, acho que você tem razão. — Virou a cabeça, procurando, depois localizou Ian, ergueu o queixo, convocando-o.

Ian estava sonolentemente esparramado na grama a alguns passos de distância, junto a uma pilha de gordurosos ossos de costela, mas rolou sobre o corpo e engatinhou obedientemente até nós. — Hum? — disse. Os fartos cabelos castanhos haviam se soltado parcialmente do laço que os prendiam e vários tufoes espetavam-se para cima, o resto caindo vergonhosamente sobre um dos olhos.

Jamie indicou as castanheiras com um gesto da cabeça.

— Vá e peça a Lizzie para fazer um curativo em sua mão, Ian.

Ian olhou para a mão sem compreender; havia um arranhão nas costas da mão, embora já houvesse parado de sangrar há muito tempo.

Em seguida, ele olhou na direção que Jamie indicara.

— Oh — disse. Continuou de joelhos, os olhos apertados pensativamente, depois se levantou devagar e retirou o laço dos cabelos.

Descontraidamente, alisando-os para trás com uma das mãos, partiu na direção das castanheiras.

Eles estavam muito longe de nós para que pudéssemos ouvir alguma coisa, mas podíamos ver. Bobby e Lizzie afastaram-se como as ondas do mar Vermelho quando a figura alta e magra de Ian surgiu propositalmente entre eles. Os três pareceram conversar amistosamente por alguns segundos, em seguida Lizzie e Ian partiram na direção da casa, Lizzie despedindo-se de Bobby com um leve aceno de mão — e um breve olhar para trás. Bobby ficou parado por alguns instantes olhando-a se afastar, balançando-se pensativamente nos calcanhares, depois sacudiu a cabeça e dirigiu-se para onde estava a sidra.

A sidra estava cobrando seu tributo. Eu esperava que todos os homens estivessem apagados antes do cair da noite; durante a produção de feno, os homens geralmente adormeciam sobre seus pratos de comida de pura exaustão. Aparentemente, ainda havia muito riso e conversas, mas a branda claridade do crepúsculo que começava a cobrir o pátio mostrava um número crescente de corpos espalhados pela grama.

Rollo roía animadamente os ossos de costela descartados por Ian.

Brianna estava sentada a uma pequena distância dali; Roger deitara-se com a cabeça em seu colo e dormia profundamente. A gola de sua camisa estava aberta, a cicatriz irregular da corda ainda vívida em seu pescoço. Bri sorriu para mim, a mão afagando



delicadamente os cabelos negros e lustrosos de Roger, catando pedacinhos de feno do meio deles.

Não se via Jemmy em lugar algum — nem Germain, como constatei com um rápido olhar ao redor. Felizmente, o fósforo estava trancado a sete chaves, na prateleira mais alta do meu armário.

Jamie recostou a própria cabeça em minha perna, quente e pesada, e eu coloquei a mão em seus cabelos, sorrindo também para Bri. Eu o ouvi resfolegar levemente e olhei na direção do seu olhar.

— Para uma jovem tão pequenininha, Lizzie realmente causa muita confusão — ele disse.

Bobby Higgins estava parado ao lado de uma das mesas, bebendo sidra, evidentemente sem perceber que os gêmeos Beardsley o espreitavam. Os dois esgueiravam-se como raposas pelo bosque, não inteiramente fora de vista, convergindo sobre ele de direções opostas.

Um deles — Jo, provavelmente — saiu das sombras repentinamente ao lado de Bobby, assustando-o a ponto de fazê-lo entornar um pouco sua bebida. Ele franziu o cenho, limpando a mancha molhada em sua camisa, enquanto Jo inclinava-se para perto dele, obviamente murmurando ameaças e avisos. Parecendo ofendido, Bobby desviou-se dele, apenas para se defrontar com Kezzie do outro lado.

— Não sei se é Lizzie quem está causando confusão — eu disse, na defensiva. — Afinal, ela só estava conversando com ele. — O rosto de Bobby estava ficando visivelmente vermelho. Ele colocou na mesa a caneca da qual estivera bebendo e endireitou-se um pouco, uma das mãos fechando-se em um punho cerrado.

Os Beardsley fecharam ainda mais o cerco, com a evidente intenção de forçá-lo a entrar no bosque. Olhando cautelosamente

de um gêmeo para o outro, ele recuou um passo, colocando um sólido tronco de árvore às suas costas.

Olhei para baixo; Jamie observava a cena com as pálpebras semicerradas e uma expressão sonhadora de distanciamento. Ele suspirou profundamente, os olhos se fecharam de vez e ele repentina e completamente abandonou o corpo, soltando todo o peso contra minha coxa.

A razão de sua repentina fuga evidenciou-se um segundo mais tarde: MacDonald, afogueado de comida e sidra, o casaco vermelho brilhando como uma brasa à luz do pôr do sol. Ele olhou para Jamie, tranquilamente dormindo apoiado em minha perna, e sacudiu a cabeça.

Virou-se lentamente, analisando a cena.

— Nossa! — ele disse, suavemente. — Vou lhe dizer, madame, já vi campos de batalha com muito menos carnificina.

— Oh, é mesmo? — Sua aparição me distraíra, mas, à menção de "carnificina", olhei para trás. Bobby e os gêmeos Beardsley haviam sumido, desapareceram como filetes de névoa no crepúsculo. Bem, se estavam se socando no bosque, eu tinha certeza de que logo ficaria sabendo.

Com um leve gesto dos ombros, MacDonald inclinou-se, segurou Jamie pelos ombros e afastou-o de cima de mim, deitando-o na grama com surpreendente delicadeza.

— Me permite? — ele perguntou educadamente e, com meu sinal de assentimento, sentou-se ao meu lado, os braços informalmente ao redor dos joelhos.

Ele estava muito bem-vestido, como sempre, com peruca e tudo o mais, mas a gola de sua camisa estava suja e a barra de seu casaco esfiapada na bainha e salpicada de lama. — Anda viajando muito ultimamente, major? — perguntei, puxando conversa. — Parece um pouco cansado, se me permite dizer.

Eu o surpreendera no meio de um bocejo; ele o engoliu, piscando, depois riu.

— Sim, senhora. Estive sobre a sela o último mês inteiro e vi uma cama provavelmente em uma a cada três noites.

Ele realmente parecia exausto, mesmo à suave luz do pôr do sol; as rugas em seu rosto estavam fundas de fadiga, havia bolsas e olheiras sob seus olhos. Ele não era um homem bonito, mas normalmente ostentava uma autoconfiança ousada que lhe emprestava um ar atraente. Agora, parecia o que realmente era: um soldado a meio-soldo beirando os cinquenta anos, sem um regimento ou encargo regular, lutando por qualquer pequena ligação que pudesse abrigar alguma esperança de progresso.

Normalmente, eu não conversaria com ele sobre seus negócios, mas a compaixão levou-me a perguntar: — Tem trabalhado muito a serviço do governador ultimamente? Ele balançou a cabeça e tomou outro gole de sidra, respirando fundo depois disso.

— Sim, senhora. O governador tem sido muito gentil, encarregando-me de levar-lhe notícias das condições no interior da colônia, e tem me concedido o notável favor de aceitar meus conselhos de vez em quando. — Olhou para Jamie, que havia se enroscado como um ouriço e começado a roncar, e sorriu.

— Com relação à indicação do meu marido para o cargo de agente indigenista, quer dizer? Nós lhe agradecemos muito, major.

Ele abanou a mão displicentemente, dispensando meus agradecimentos.

— Ah, não, madame. Isso nada teve a ver com o governador, a não ser indiretamente. Tais indicações são da alçada do superintendente do Departamento do Sul. Embora, é claro, seja uma questão do interesse do governador — ele acrescentou, tomando mais um gole — ter notícias dos índios.

— Tenho certeza de que ele lhe contará tudo sobre isso pela manhã — afirmei, com um sinal de cabeça na direção de Jamie.

— Sem dúvida, madame. — Ele hesitou por um instante. — A senhora saberia... o sr. Fraser por acaso mencionou, em suas conversas pelas aldeias... houve alguma menção a... incêndios? Empertiguei-me com um salto, o zumbido da sidra desaparecendo de minha cabeça.

— O que aconteceu? Houve mais incêndios? Ele balançou a cabeça, confirmando, e passou a mão com um gesto de cansaço pelo rosto, coçando a barba por fazer. — Sim, dois... um deles, no entanto, foi o incêndio de um celeiro, abaixo de Salem. De um dos irmãos morávios. E, de tudo que pude apurar do assunto, é provável que tenham sido alguns dos presbiterianos escoceses e irlandeses que se estabeleceram no condado de Surry. Há um pastorzinho intolerante que os insuflou contra os irmãos morávios, pagãos como são... — Ele abriu um largo sorriso com isso, mas logo ficou sério outra vez.

— Há problemas latentes no condado de Surry há meses. A ponto de os irmãos morávios entrarem com um pedido ao governador para redefinir a demarcação das fronteiras, de modo a colocar todos eles no condado de Rowan. A linha que separa Surry e Rowan passa bem no meio das terras deles, sabe? E o xerife em Surry é... — Ele abanou a mão.

— Não muito preparado para o seu trabalho como deveria ser? — sugeri.

— E o que isso tem a ver com os irmãos morávios?

— Ele é primo do pastorzinho — MacDonald disse, esvaziando a caneca. — E, por falar nisso, não teve nenhum problema com seus novos colonos? — acrescentou, abaixando a caneca. Deu um sorriso torto, olhando ao redor do pátio para os pequenos grupos de mulheres, conversando animadamente enquanto seus homens dormiam a seus pés.

— Parece que os fez se sentirem à vontade.

— Bem, eles são presbiterianos e bastante ferrenhos quanto a isso, mas ao menos até agora não tentaram incendiar a casa.

Lancei um rápido olhar à varanda, onde o sr. Wemyss e sua companheira ainda estavam sentados, as cabeças próximas, absortos em sua conversa. Pensei que o sr. Wemyss devia ser o único homem ainda consciente, salvo o próprio major. A mulher era obviamente alemã, mas não, pensei, morávia; os irmãos morávios raramente se casavam fora de sua comunidade, nem as mulheres costumavam viajar para longe.

— A menos que você ache que os presbiterianos formaram uma quadrilha com o propósito de livrar o interior de papistas e luteranos; e você não pensa assim, não é?

Ele sorriu brevemente, embora sem muito humor.

— Não. Mas, por outro lado, eu mesmo fui criado como presbiteriano, madame.

— Oh — eu disse. — Hã... mais um pouco de sidra, major?

Ele estendeu a caneca sem mais delongas.

— O outro incêndio... esse se pareceu mais com os primeiros — ele disse, preferindo educadamente não comentar minha observação. — Uma pequena fazenda isolada. Um homem vivendo sozinho. Mas esse foi logo depois da Linha do Tratado.

Esse último comentário foi dito com um olhar significativo, e eu olhei involuntariamente para Jamie. Ele havia me dito que os cherokees estavam P aborrecidos com o fato de colonos estarem ultrapassando a linha e invadindo seu território.

— Perguntarei sobre isso a seu marido pela manhã, é claro, madame — MacDonald disse, interpretando corretamente o meu olhar. — Mas talvez a senhora tenha ouvido alguma referência...?

— Ameaças veladas do chefe dos Pássaros da Neve — admiti. — Ele escreveu para John Stuart a respeito disso. Mas nada específico. Quando ocorreu esse último incêndio?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Eu soube do ocorrido há três semanas, mas o homem que me contou ouvira a história um mês antes, e ele não havia presenciado o incidente, apenas ouvira de outra pessoa.

Ele coçou o queixo pensativamente.

— Talvez alguém devesse ir lá inspecionar o lugar.

— Humm — eu disse, sem tentar disfarçar o ceticismo em minha voz. — E você acha que isso é uma tarefa para Jamie, não é?

— Eu não seria tão presunçoso a ponto de instruir o sr. Fraser em seus deveres, madame — ele disse, esboçando um sorriso. — Mas vou sugerir a ele que a situação pode ser de interesse, hein?

— Sim, faça isso — murmurei. Jamie havia planejado outra viagem rápida às aldeias dos Pássaros da Neve, espremida entre a colheita e o começo do tempo frio. A ideia de entrar em uma aldeia e interrogar Pássaro-que-canta-de-manhã sobre uma fazenda incendiada parecia mais do que levemente arriscada, visto da minha perspectiva.

Um leve calafrio me fez estremecer e eu tomei de um só gole o resto da minha sidra, repentinamente desejando que estivesse quente. O sol já desaparecera inteiramente agora e o ar ficara frio, mas não era isso que estava esfriando o meu sangue.

E se as suspeitas de MacDonald estivessem certas? Se os cherokees andaram incendiando fazendas? E se Jamie aparecesse por lá, fazendo perguntas inconvenientes...

Olhei para a casa, sólida e tranquila, as janelas brilhando com a luz de velas, um pálido baluarte contra os bosques escuros mais além.

É com pesar que recebemos a notícia da morte de James MacKenzie e de sua mulher, Claire Fraser, num incêndio de grandes proporções que destruiu sua casa...

Os vaga-lumes começavam a surgir, vagando como frias faíscas verdes nas sombras, e eu olhei para cima involuntariamente, para ver um jato de faíscas vermelhas e amarelas lançar-se da chaminé. Sempre que eu me lembrava daquele macabro recorte de jornal — e eu tentava não lembrar, nem contar os dias entre agora e 21 de janeiro de 1776 —, eu pensava no incêndio como tendo ocorrido acidentalmente. Tais acidentes eram mais do que comuns, abrangendo desde o fogo da lareira que fugiu do controle e castiçais virados até incêndios causados pelos raios de tempestades de verão. Não me ocorrera conscientemente antes que pudesse ser um ato deliberado — um assassinato.

Movi meu pé o suficiente para cutucar Jamie. Ele remexeu-se em seu sono, estendeu uma das mãos e agarrou carinhosamente meu tornozelo, depois se deixou levar ainda mais fundo em seu sono, com um grunhido satisfeito.

— "Está entre mim e tudo que for sinistro" — eu disse, à meia-voz.

— Slàinte — disse o major, e esvaziou sua caneca outra vez.

*PRESENTES PERIGOSOS*

Impulsionados pelas notícias do major MacDonald, Jamie e Ian partiram dois dias depois para uma rápida visita a Pássaro-que-canta-de-manhã, e o major partiu em suas outras missões misteriosas, deixando-me sob a proteção de Bobby Higgins.

Eu estava morrendo de vontade de vasculhar os pacotes e caixotes que Bobby trouxera, mas com uma coisa e outra — a tentativa tresloucada da porca branca de comer Adso, uma cabra com as tetas inflamadas, um estranho mofo verde que se alojara no último lote de queijo, o término de uma mais que necessária cozinha de verão e uma severa conversa com os Beardsley a respeito do tratamento dado aos hóspedes, entre outras coisas — passou-se mais de uma semana antes que eu pudesse encontrar tempo livre para desfazer os presentes de lorde John e ler sua carta.



*4 de setembro de 1773*  
*De lorde John Grey,*  
*Mount Josiah Plantation*  
*A sra. James Fraser*  
*Cara senhora,*



*Espero que o material que pediu tenha chegado intacto. O sr. Higgins está um pouco apreensivo de carregar o ácido sulfúrico, pois parece-me que teve uma experiência ruim com a substância, mas embalamos a garrafa com bastante cuidado, deixando-a selada como veio da Inglaterra.*

*Após examinar os extraordinários desenhos que enviou — eu detecto a mão elegante de sua filha neles? — viajei a Williamsburg, a fim de consultar um famoso vidraceiro que atende lá pelo cognome (sem dúvida fabuloso) de Blogweather. O sr. Blogweather admitiu que a retorta pelicana seria simples de fazer, não chegando a ser um desafio às suas habilidades, mas ficou encantado com os requisitos do equipamento de destilação, particularmente a serpentina destacável. Ele compreendeu imediatamente a necessidade de tal dispositivo no caso de quebra e fez três deles. Por favor, considere isto como um presente meu — uma demonstração muito insignificante de minha eterna gratidão por suas inúmeras gentilezas, tanto em relação a mim mesmo quanto ao sr. Higgins.*

*Seu humilde e obediente criado,*

*John Grey*

*Postscriptum: Até aqui, contive minha noção de curiosidade vulgar, mas eu ousei esperar que, em alguma ocasião futura, você possa satisfazer minha vontade me explicando o propósito para o qual pretende destinar esse material.*



Eles haviam empacotado tudo com muito cuidado. Uma vez abertas, verificou-se que as embalagens estavam cheias de uma enorme quantidade de palha, as peças de vidro e garrafas fechadas brilhando lá dentro, embaladas como ovos de um pássaro sagrado.

— Tenha muito cuidado com isso, sim, dona? — Bobby disse ansiosamente, quando eu levantei uma garrafa de vidro marrom, pesada e achatada, a rolha de cortiça selada com cera vermelha. — É terrivelmente nociva, essa substância.

— Sim, eu sei. — Na ponta dos pés, empurrei a garrafa para o fundo de uma prateleira alta, a salvo do ataque de crianças ou gatos. — Já viu isto ser usado, Bobby? Ele cerrou os lábios com força e sacudiu a cabeça.

— Usado, não, madame. Mas vi o que faz. Foi uma... uma rapariga em Londres, que eu conheci um pouco, enquanto esperávamos o navio que nos traria à América. Metade de seu rosto liso e bonito como uma pétala de flor, mas o outro lado estava tão marcado que mal se podia olhar para ele. Como se tivesse sido derretido no fogo, mas ela disse que tinha sido ácido sulfúrico. — Ele ergueu os olhos para a garrafa, depois engoliu em seco visivelmente. — Uma outra prostituta o atirou nela, ela disse, "por inveja".

Ele sacudiu a cabeça outra vez, suspirando, e pegou a vassoura para varrer a palha espalhada.

— Bem, não precisa se preocupar — assegurei-lhe. — Não pretendo jogar isso em ninguém.

— Oh, não, dona! — Ele ficou absolutamente chocado. — Eu jamais pensaria isso! Não dei atenção aos seus protestos, envolvida em cavar mais tesouros.

— Oh, veja — eu disse, encantada. Eu segurava nas mãos o fruto da habilidade artística do sr. Blogweather: um globo de vidro, do tamanho da minha cabeça, soprado com perfeita simetria e sem sequer o vestígio de uma bolha. O vidro possuía um leve tom azulado e eu podia ver nele meu próprio reflexo distorcido, o nariz alargado e os olhos esbugalhados, como uma sereia espreitando de dentro da garrafa.

— Sim, madame — Bobby disse, obedientemente olhando o destilador. — É... há... grande, não? — É perfeito. Absolutamente perfeito! — Em vez de ter sido simplesmente cortado do tubo soldador, o gargalo do balão fora estendido em um cilindro de paredes grossas, de cerca de cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de diâmetro. As bordas e a superfície interna haviam sido... tratadas com jato de areia? Esmerilados? Eu não fazia a menor ideia do que o sr. Blogweather havia feito, mas o resultado era uma superfície opaca e sedosa, que formaria uma adorável tampa quando uma peça com o mesmo acabamento fosse inserida no cilindro.

Minhas mãos estavam úmidas de empolgação e nervosismo, por medo de deixar cair objeto tão precioso. Envolvi a ponta do meu avental ao seu redor e o virei de um lado para o outro, considerando qual o melhor lugar para colocá-lo. Eu não esperava um tão grande; eu precisaria que Bri ou um dos homens fizessem um suporte adequado para ele.

— Ele tem que ir sobre uma chama branda — expliquei, franzindo o cenho para o pequeno braseiro que eu usava para infusões. — Mas a temperatura é importante; uma camada de carvão pode ser difícil demais de manter a uma temperatura estável. — Coloquei o enorme balão no meu armário, em lugar seguro, atrás de uma fileira de garrafas. — Acho que terá que ser uma lamparina a álcool... mas é maior do que eu imaginava, vou precisar de uma lamparina grande para aquecê-lo...

Percebi que Bobby não estava ouvindo a minha conversa, sua atenção tendo sido distraída por algo lá fora. Ele franzia o cenho para alguma coisa e eu aproximei-me por trás dele, espreitando através da janela para ver do que se tratava.

Eu deveria ter imaginado: Lizzie Wemyss estava no gramado, batendo manteiga sob as castanheiras, e Manfred McGillivray estava com ela.

Olhei para o casal, absortos numa animada conversa, em seguida para o semblante sombrio de Bobby. Limpei a garganta.

— Poderia abrir o outro caixote para mim, Bobby? — Hein?  
— Sua atenção ainda estava fixa no casal lá fora.

— Caixote — repeti pacientemente. — Aquele. — Cutuquei-o com a ponta do pé.

— Caixote... oh! Oh, sim, senhora, claro. — Afastando o olhar da janela, começou a executar a tarefa, com ar aborrecido.

Retirei os demais objetos de vidro do caixote aberto, sacudindo a palha e colocando balões, retortas, frascos e serpentinas cuidadosamente em um armário alto — mas eu mantinha um olho em Bobby enquanto o fazia, analisando essa nova situação revelada. Eu não achava que os sentimentos dele por Lizzie fossem mais do que uma atração passageira.

E talvez não fossem mais do que isso, lembrei a mim mesma. Mas se fossem...

Contra a vontade, olhei pela janela e descobri que a dupla se transformara em um trio.

— Ian! — exclamei. Bobby ergueu os olhos, espantado, mas eu já me dirigia para a porta, retirando apressadamente a palha das minhas roupas.

Se Ian estava de volta, Jamie estava...

Ele entrou pela porta da frente no momento exato em que eu me precipitava pelo corredor, agarrou-me pela cintura, beijando-me com entusiasmo quente do sol e empoeirado, e barba como uma lixa.

— Você chegou — eu disse, um tanto tolamente.

— Sim, e há índios vindo logo atrás de mim — ele disse, agarrando meu traseiro com as duas mãos e raspando o bigode fervorosamente contra minha face. — Meu Deus, o que eu não daria por quinze minutos sozinho com você, Sassenach! Minhas bolas estão explodindo... Ah. Sr. Higgins. Eu, hum, não o tinha visto aí.

Soltou-me e empertigou-se abruptamente, arrancando o chapéu e batendo-o contra a coxa em uma pantomima exagerada de descontração.

— Não, senhor — Bobby disse, ressentido. — O sr. Ian também está de volta, não é? — Não parecia que isso fosse exatamente uma boa notícia; se a chegada de Ian distraíra Lizzie de Manfred, como acontecera, nada fez para redirecionar a atenção dela para Bobby.

Lizzie deixara a desnatadeira a cargo do pobre Manfred, que girava a manivela com ar de óbvio ressentimento, e se afastara, rindo, na direção do estábulo com Ian, provavelmente para lhe mostrar o novo bezerro que chegara em sua ausência.

— Índios — eu disse, compreendendo tardiamente o que Jamie dissera. — Que índios? — Meia dúzia de cherokees — ele respondeu. — O que é isto? — Balançou a cabeça, indicando a trilha de palha solta que vinha do consultório.

— Oh, isso. Isso — eu disse, alegremente — é éter. Ou vai ser.

Vamos alimentar os índios, imagino? — Sim. Vou dizer à sra. Bug. Mas há uma jovem com eles que foi trazida para que você cuidasse dela.

— Oh? — Ele já se afastava a passos largos pelo corredor, na direção da cozinha, e eu me apressei para acompanhá-lo. — O que ela tem? — Dor de dente — ele disse laconicamente, abrindo a porta da cozinha. — Sra. Bug! Éter, Sassenach? Não está falando de flogisto, está? — Acho que não — eu disse, tentando me lembrar do que diabos flogisto significava. — Mas eu já lhe falei sobre anestesia, eu sei; é isso que é o éter, uma espécie de anestésico; faz as pessoas dormirem para que você possa realizar uma operação sem que sintam dor.

— Muito útil no caso da dor de dente — Jamie observou. — Onde a mulher se meteu? Sra. Bug? — De fato, seria, mas será

necessário algum tempo para prepará-lo.

Teremos que nos arranjar com uísque por enquanto. A sra. Bug está na cozinha de verão, eu creio; é dia de fazer pão. E por falar em álcool... — Ele já estava na porta dos fundos e eu saí correndo pela varanda atrás dele. — Vou precisar de bastante álcool de alta qualidade, para o éter.

Pode me trazer um barril do novo amanhã? — Um barril? Santo Deus, Sassenach, o que pretende fazer, banhar-se com ele? — Bem, na verdade, sim. Ou melhor, não eu, mas o óleo de vitríolo, ou ácido sulfúrico. Você o despeja delicadamente num banho de álcool quente e ele...

— Oh, sr. Fraser! Bem que eu achei ter ouvido alguém chamando.

— A sra. Bug apareceu repentinamente com um cesto de ovos no braço e um amplo sorriso. — Fico contente de vê-lo em casa outra vez, são e salvo! — Eu também, sra. Bug — ele lhe assegurou. — Podemos servir jantar para meia dúzia de hóspedes? Os olhos da sra. Bug se arregalaram por um instante, depois estreitaram-se, calculando.

— Linguença — declarou. — E nabos. Venha cá, Bobby, e seja útil.

— Entregando-me os ovos, ela agarrou Bobby, que saíra de casa atrás de nós, pela manga e arrastou-o na direção do canteiro de nabos.

Eu tive a sensação de ter sido apanhada no meio de um carrossel girando rapidamente e segurei o braço de Jamie para me firmar.

— Você sabia que Bobby Higgins está apaixonado por Lizzie? — perguntei.

— Não, mas de nada vai lhe adiantar se estiver — Jamie retrucou severamente. Tomando minha mão em seu braço como um convite, ele pegou o cesto de ovos de mim e o colocou no chão,

depois me puxou para si e me beijou novamente, mais devagar, porém com a mesma intensidade.

Soltou-me com um profundo suspiro de satisfação e olhou para a nova cozinha de verão que havíamos construído em sua ausência: uma pequena estrutura consistindo de paredes de lona rusticamente tecida e um telhado de galhos de pinheiro, erguida ao redor de um fogão de pedras e chaminé, mas com uma enorme mesa dentro. Tentadores aromas de massas fermentando, pão recém-assado, panquecas de aveia e pãezinhos de canela flutuavam no ar. — Agora, a respeito daqueles quinze minutos, Sassenach... acho que eu poderia me virar com um pouco menos, se necessário...

— Bem, eu não poderia... — eu disse com firmeza, embora tenha deixado minha mão acariciá-lo um pouco por um instante de reflexão.

Meu rosto queimava do contato com sua barba. — E, quando finalmente tivermos tempo, você poderá me contar o que andou fazendo para estar assim.

— Sonhando — ele disse.

— O quê? — Eu sempre tinha esses sonhos obscenos com você, a noite inteira — ele explicou, ajustando melhor as calças. — Todas as vezes que eu me virava, deitava em cima do meu pau e acordava. Era horrível.

Desatei a rir e ele fingiu ter ficado magoado, embora eu pudesse notar que no fundo ele estava achando graça.

— Bem, você pode rir, Sassenach — ele disse. — Não tem um para incomodá-la.

— Sim, e é um grande alívio — afirmei. — Hã... que tipo de sonhos obscenos? Eu pude ver um brilho azul-escuro de especulação no fundo de seus olhos quando ele olhou para mim. Ele estendeu a mão e muito delicadamente correu um dedo pelo lado do meu pescoço, pela curva do meu seio onde desaparecia para dentro do meu corpete e pelo tecido fino que cobria meu mamilo —

que prontamente inflou como um cogumelo em resposta à sua atenção.

— Do tipo que me faz querer levá-la agora mesmo para dentro da floresta, bem longe para que ninguém ouça quando eu a deitar no chão, levantar suas saias e abri-la como um pêssigo maduro — ele disse suavemente. — Sim? Engoli, audivelmente.

Nesse delicado momento, gritos entusiásticos de saudação vieram da cabeceira da trilha do outro lado da casa.

— O dever me chama — eu disse, um pouco ofegante.

Jamie respirou fundo, endireitou os ombros e balançou a cabeça.

— Bem, eu ainda não morri de desejo não correspondido; imagino que não vou morrer agora.

— Acho que não — eu disse. — Além do mais, você não me disse uma vez que a abstinência torna... hã... as coisas... mais firmes? Ele me lançou um olhar desolado.

— Se ficar mais firme do que isso, vou desmaiar por falta de sangue no cérebro. Não se esqueça dos ovos, Sassenach.

Era final de tarde, mas restava luz suficiente para o trabalho, ainda bem. Embora meu consultório ficasse em uma posição para aproveitar a luz da manhã para cirurgias, ele ficava escuro à tarde, de modo que tive de improvisar uma sala de cirurgia no pátio.

Isso era uma vantagem, na medida em que todo mundo queria observar. Os índios sempre consideravam o tratamento médico — e praticamente tudo o mais — uma questão comunitária. Eram particularmente entusiastas de operações, já que possuíam um alto grau de valor de entretenimento. Todos se amontoavam ansiosamente ao redor, comentando meus preparativos, discutindo uns com os outros e conversando com a paciente, a qual eu tinha a maior dificuldade de desencorajar a responder.

Seu nome era Rata, e eu só poderia presumir que ela recebera esse nome por alguma razão metafísica, já que sem dúvida



não se adequava nem à sua aparência, nem à sua personalidade. Ela possuía um rosto redondo, com um nariz arrebitado incomum para uma cherokee e, se não era exatamente bonita, possuía uma força de caráter que, em geral, é mais atraente do que a simples beleza.

Sem dúvida, isso funcionava nos homens presentes; era a única mulher no grupo de índios, os demais sendo seu irmão, Barro Vermelho Wilson, e quatro amigos que os acompanharam, ou para fazer companhia aos Wilson, oferecer proteção na viagem — ou para disputar as atenções da srta. Ratinha, que me parecia a explicação mais plausível para a presença deles.

Apesar do nome escocês Wilson, nenhum dos cherokees falava inglês além de algumas poucas palavras básicas como "não", "sim", "bom" e "uísque"! Como de cherokee eu só conhecia quase as mesmas palavras, eu pouco participava da conversa.

No momento, esperávamos pelo uísque na verdade, assim como pelos intérpretes. Um colono chamado Wolverhampton, de um vale sem nome a leste, havia amputado acidentalmente um dedo e meio de seu pé há uma semana, quando cortava lenha. Considerando esse inconveniente, ele próprio tentara remover a metade restante do segundo dedo com um enxó.

Digam o que quiser de ferramentas utilitárias em geral; um enxó não é um instrumento de precisão. Entretanto, é afiado.

O sr. Wolverhampton, um sujeito brigão com temperamento irascível, vivia sozinho a uns doze quilômetros do vizinho mais próximo.

Quando ele finalmente conseguiu chegar à casa desse vizinho a pé, ou com o que restava do pé — e o vizinho o colocara sobre uma mula para transportá-lo a Fraser's Ridge, quase vinte e quatro horas haviam se passado e o pé ferido já assumira as dimensões e a aparência de um desfigurado racum.

A limpeza do ferimento, as múltiplas raspagens subsequentes para controlar a infecção e o fato de o sr.

Wolverhampton recusar-se a largar a garrafa de bebida quase exauriram meus suprimentos cirúrgicos comuns. Como eu precisava de um pequeno barril da bebida não refinada para minha produção de éter de qualquer modo, Ian e Jamie foram buscar mais na destilaria, que ficava a quase dois quilômetros da casa. Eu esperava que retornassem enquanto ainda havia luz suficiente para eu ver o que estava fazendo.

Interrompi os ruidosos protestos da srta. Ratinha contra um dos cavalheiros, que evidentemente estava zombando dela e indiquei, por meio de uma linguagem de sinais, que ela deveria abrir a boca para mim.

Ela o fez, mas continuou reclamando por meio de sinais manuais bastante explícitos, que pareciam indicar vários atos que ela esperava que o cavalheiro em questão praticasse em si mesmo, a julgar pelo seu rosto ruborizado e pela maneira como seus companheiros dobravam-se em gargalhadas.

Um dos lados de seu rosto estava inchado e obviamente dolorido.

Entretanto, ela não pestanejou nem tentou se esquivar, mesmo quando virei seu rosto ainda mais na direção da luz para enxergar melhor.

— Dor de dentes, de fato! — eu disse, involuntariamente.

— Ato? — disse a srta. Rata, erguendo uma das sobrelhas para mim.

— Mau — expliquei, apontando para sua bochecha. — Uyoi.

— Mau — ela concordou. Seguiu-se uma loquaz exposição, interrompida apenas quando eu enfiava os dedos em sua boca de vez em quando, que eu entendi como sendo a explicação do que lhe ocorreria.

Um trauma brusco, ao que parecia. Um dos dentes, um canino inferior, havia sido completamente arrancado e o bicúspide ao lado estava tão quebrado que eu teria que extraí-lo. O seguinte,

eu achava, poderia ser salvo. O interior de sua boca estava bastante machucado pelas pontas afiadas, mas a gengiva não estava inflamada. Isso era animador.

Bobby Higgins veio do estábulo, atraído pela falação, e foi imediatamente enviado de volta para me trazer uma lima. A srta. Ratinha deu-lhe um sorriso torto quando ele a trouxe e ele fez uma reverência extravagante para ela, fazendo todos eles rirem.

— Esse povo é cherokee, não é, senhora? — Ele sorriu para Barro Vermelho e fez um sinal com a mão, que pareceu divertir os índios, embora correspondessem com o mesmo sinal. — Nunca conheci nenhum cherokee antes. São outras tribos perto da propriedade de lorde John na Virgínia.

Fiquei satisfeita de ver que ele estava familiarizado com índios e que fosse sociável com eles. Hiram Crombie, que surgiu nesse momento, não era.

Ele parou bruscamente na borda da clareira, ao ver o ajuntamento.

Acenei alegremente para ele e — com evidente relutância — ele se aproximou.

Roger me contara a descrição de Duncan de Hiram como "o baixinho rabugento empertigado como um cabo de vassoura". Era uma descrição adequada. Ele era baixinho e vigoroso, com cabelos finos e grisalhos que usava puxados para trás numa trança tão apertada que eu achava que ele devia ter dificuldade para piscar. Com o rosto profundamente enrugado pelos rigores da vida de um pescador, ele parecia ter uns sessenta anos, mas provavelmente era bem mais novo — e sua boca estava habitualmente curvada para baixo, na expressão de alguém que não só chupou um limão, mas um limão estragado.

— Eu estava à procura do sr. Fraser — ele disse, com um olhar desconfiado para os indígenas. — Ouvi dizer que ele tinha

voltado. — Ele carregava uma machadinha na cintura e segurava-a com firmeza com uma das mãos.

— Ele vai chegar agora mesmo. Já conhece o sr. Higgins, não? — Evidentemente, conhecia e ficara desfavoravelmente impressionado com a experiência. Com os olhos fixos na cicatriz de Bobby, cumprimentou-o com um quase imperceptível movimento da cabeça. Sem me deixar intimidar nem um pouco, abanei a mão na direção dos índios, que examinavam Hiram com muito mais interesse do que ele demonstrava por eles. — Posso apresentar-lhe a srta. Wilson, seu irmão sr. Wilson e... hã... seus amigos? Hiram empertigou-se ainda mais, se tal coisa fosse possível.

— Wilson? — ele perguntou, em tom pouco amistoso.

— Wilson — confirmou a srta. Rata alegremente.

— E o nome de família da minha mulher — ele disse, em um tom de voz que deixava claro que ele considerava ultrajante o uso do nome pelos índios.

— Oh — eu disse. — Que interessante. Acha que eles possam ser parentes de sua mulher, talvez? Seus olhos esbugalharam-se diante disso e eu ouvi um gorgolejo reprimido de Bobby.

— Bem, eles obviamente adquiriram o nome de um pai ou avô escocês — resaltei. — Talvez...

O rosto de Hiram movia-se como um quebra-nozes, emoções de fúria, a consternação passando por ele em rápida sucessão. Sua mão direita curvou-se, o dedo indicador e o dedo mínimo projetando-se como chifres, o sinal contra o Mal.

— Tio-avô Efraim — ele sussurrou. — Que Jesus nos salve. — E, sem mais uma palavra, girou nos calcanhares e saiu tropegamente.

— Adeus! — disse a srta. Ratinha em inglês, acenando. Ele lançou um único e assombrado olhar por cima do ombro para ela, depois fugiu como se estivesse sendo perseguido por demônios.

O uísque finalmente chegou e, depois que uma boa quantidade foi servida tanto aos espectadores quanto à paciente, a operação finalmente teve início.

A lima era normalmente usada em dentes de cavalos e, assim, um pouco maior do que eu teria gostado, mas funcionou razoavelmente bem. A srta. Ratinha tendia a ser escandalosa com o desconforto envolvido, mas suas queixas diminuíram com a crescente ingestão de uísque. Quando eu finalmente tivesse que arrancar o dente quebrado, pensei, ela não sentiria mais nada.

Bobby, enquanto isso, divertia Jamie e Ian com imitações da reação de Hiram Crombie à descoberta de que ele pudesse compartilhar alguma relação familiar com os Wilson. Ian, entre uma gargalhada e outra, traduzia a questão para os índios, que rolavam na grama em estertores de riso.

— Eles realmente têm um Efraim Wilson na árvore genealógica? — perguntei, segurando com firmeza o queixo da srta. Ratinha.

— Bem, eles não têm certeza do "Efraim", mas sim, têm. — Jamie abriu um largo sorriso. — O avô deles era um nómade escocês. Ficou o tempo suficiente para engravidar a avó deles, depois caiu de um penhasco e foi enterrado junto a um monte de rochas desmoronadas com uma avalanche. Ela casou outra vez, é claro, mas gostava do nome.

— O que será que fez o tio-avô Efraim deixar a Escócia? — Ian sentou-se, limpando lágrimas dos olhos.

— A proximidade de pessoas como Hiram, imagino — eu disse, apertando os olhos para ver o que eu estava fazendo. — Você acha... — Percebi repentinamente que todos haviam parado de falar e rir, a atenção focalizada em alguém que atravessava a clareira.

Esse alguém era outro índio, carregando algo em uma trouxa sobre o ombro.

O índio era um senhor chamado Sequoyah, um pouco mais velho do que os jovens Wilson e seus amigos. Ele cumprimentou Jamie com solene reverência e, retirando a trouxa do ombro, colocou-a no chão aos pés de Jamie, dizendo algo em cherokee.

O rosto de Jamie mudou, os vestígios de riso remanescentes desaparecendo, substituídos por interesse — e cautela. Ele se ajoelhou e, abrindo cuidadosamente a lona esfarrapada, ela revelou um monte de ossos envelhecidos pelo tempo, um crânio com as órbitas vazias fitando-o do meio deles.

— Quem é este? — Eu parara de trabalhar e, como todos os demais, inclusive a srta. Ratinha, ficara olhando para esse mais recente visitante.

— Ele diz que é o velho proprietário da fazenda sobre a qual MacDonald falou, a que foi incendiada dentro da Linha do Tratado. — Jamie abaixou-se e pegou o crânio, virando-o delicadamente nas mãos.

Ele ouviu quando prenda a respiração, pois olhou para mim, depois virou o crânio, segurando-o para que eu o visse. Faltava-lhe a maioria dos dentes, e já faltavam há muito tempo, pois o osso do maxilar já havia se fechado sobre as cavidades vazias. Mas os dois molares restantes não mostravam nada além de manchas e rachaduras — nenhum brilho de obturações de platina, nenhum espaço vazio onde tais obturações pudessem ter estado.

Soltei a respiração devagar, sem saber ao certo se estava aliviada ou decepcionada.

— O que aconteceu com ele? E por que ele está aqui? Jamie ajoelhou-se e recolocou o crânio delicadamente na lona, depois revirou alguns dos ossos, examinando-os. Ele ergueu os olhos e, com um pequeno movimento da cabeça, convidou-me a me unir a ele.

Os ossos não tinham nenhum sinal de terem sido queimados, mas vários deles realmente tinham sinais de terem sido

roídos por animais.

Um ou dois dos ossos maiores haviam sido rachados ou lascados, sem dúvida para chegarem ao tutano, e faltavam muitos dos ossos menores das mãos e dos pés. Todos tinham o aspecto frágil, acinzentado, de ossos que haviam ficado sujeitos às intempéries por um bom período.

Ian transmitiu minha pergunta a Sequoyah, que se agachou ao lado de Jamie, explicando, enquanto tocava aqui e ali no meio dos ossos com um dedo.

— Ele diz — Ian traduziu, franzindo o cenho — que conhecia o homem há muito tempo. Não eram exatamente amigos, mas de vez em quando, quando ele estava por perto da cabana do sujeito, ele parava e o homem o convidava a comer com ele. Então, ele também levava alguns suprimentos quando ia lá: uma lebre para um ensopado, um pouco de sal.

Certo dia, há alguns meses, ele encontrou o corpo do homem no bosque, embaixo de uma árvore, a alguma distância da casa.

— Ninguém o matou, ele afirma — Ian disse, franzindo o cenho em concentração diante da rápida torrente de palavras. — Ele simplesmente... morreu. Ele acha que o sujeito estava caçando, tinha uma faca com ele e uma arma ao lado, quando seu espírito o deixou, e ele simplesmente caiu. — Ele repetiu o gesto de Sequoya, encolhendo os ombros.

Não vendo nenhuma razão para fazer alguma coisa com o corpo, Sequoyah o deixou lá, juntamente com a faca, caso o espírito pudesse precisar dela, no lugar para onde fora; ele não sabia para onde o espírito dos homens brancos ia, nem se caçavam lá. Ele apontou: havia uma faca velha, a lâmina quase consumida pela ferrugem, embaixo dos ossos.

Ele levara a arma, que parecia boa demais para abandonar ali, e, como estava em seu caminho, parou na cabana. O velho

homem não possuía quase nada e a maior parte não tinha nenhum valor. Sequoyah pegara uma panela de ferro, uma chaleira e uma jarra de fubá, que levou de volta para sua aldeia.

— Ele não é de Anidonau Nuya, é? — Jamie perguntou, depois repetiu a Pergunta em cherokee. Sequoyah sacudiu a cabeça, os pequenos enfeites trançados em seus cabelos produzindo um pequeno som tilintante. Ele era de uma aldeia a alguns quilômetros a oeste de Anidonau Nuya — Pedra em Pé. Pássaro-que-canta mandara perguntar nas aldeias vizinhas, no rastro da visita de Jamie, se havia alguém que conhecesse o velho e seu destino. Ouvindo o relato de Sequoyah, Pássaro o enviara para coletar o que quer que tivesse sobrado do sujeito e levar os restos mortais a Jamie, para provar que ninguém o matara.

Ian fez uma pergunta, na qual eu captei a palavra em cherokee para "incêndio". Sequoyah sacudiu a cabeça outra vez e respondeu com uma torrente de palavras.

Ele não incendiara a cabana — por que faria isso? Ele achava que ninguém havia feito isso. Após reunir os ossos do sujeito — a expressão do seu rosto mostrou sua repugnância com o procedimento —, ele fora olhar a cabana outra vez. De fato, estava queimada — mas ficou claro para ele que uma árvore próxima fora atingida por um raio e incendiara uma boa parte da floresta ao redor. A cabana queimara apenas em parte.

Ele levantou-se com um ar de decisão.

— Ele não quer ficar para o jantar? — perguntei, vendo que ele se preparava para partir.

Jamie transmitiu o convite, mas Sequoyah sacudiu a cabeça. Ele fizera o que haviam lhe dito para fazer; agora tinha outros afazeres. Ele acenou para os outros índios, depois virou-se para ir embora.

No entanto, algo lhe ocorreu e ele parou, virando-se.



— Tsisqua mandou dizer — ele disse, na maneira cuidadosa de alguém que decorou um discurso em uma língua estranha, para você não esquecer das armas. — Então, balançou a cabeça decididamente e partiu.

A sepultura estava assinalada com um pequeno monte de pedras e uma pequena cruz de madeira feita de galhos finos de pinheiro.

Sequoyah não sabia o nome de seu conhecido e nós não tínhamos nenhuma ideia de sua idade, muito menos das datas de nascimento ou de morte. Também não sabíamos se era cristão, mas a cruz nos pareceu uma boa ideia.

Foi uma cerimônia fúnebre muito pequena, com a presença apenas de eu mesma, Jamie, Ian, Bri e Roger, Lizzie e seu pai, os Bug e Bobby Higgins — que eu tinha certeza de que só comparecera por causa de Lizzie. Seu pai parecia pensar assim também, a julgar pelos ocasionais olhares desconfiados que ele lançava a Bobby.

Roger leu um breve salmo junto à sepultura, depois fez uma pausa.

Limpou a garganta e disse simplesmente: — Senhor, nós encomendamos aos Vossos cuidados a alma deste nosso irmão... — Efraim — Brianna murmurou, os olhos modestamente abaixados.

Uma sensação reprimida de riso perpassou o grupo, embora ninguém tenha realmente rido. Roger lançou um olhar furibundo a Bri, mas vi o canto de sua boca torcer-se também.

— ...de nosso irmão, cujo nome deves saber — Roger concluiu com dignidade, fechando o Livro de Salmos que pedira emprestado a Hiram Crombie, que recusara o convite de comparecer ao funeral.

A luz do sol já havia desaparecido quando Sequoyah terminou suas revelações no dia anterior, de modo que fui obrigada a adiar para a manhã seguinte o trabalho odontológico na boca da srta. Rata. Bêbada até não poder mais, ela não fez nenhuma objeção

e foi prestativamente amparada até uma cama no chão da cozinha por Bobby Higgins — que podia ou não estar apaixonado por Lizzie, mas que ainda assim parecia apreciar muito os encantos da srta. Rata.

Uma vez terminada a extração de dente, eu sugeri que ela e seus amigos ficassem mais algum tempo, mas eles, como Sequoyah, tinham afazeres em outro lugar e, com muitos agradecimentos e pequenos presentes, partiram por volta de meio-dia, cheirando fortemente a uísque e deixando a nosso cargo dispor dos restos mortais do falecido Efraim.

Todos voltaram para casa descendo a colina depois da cerimônia, mas Jamie e eu nos deixamos ficar para trás, buscando uma oportunidade de ficarmos sozinhos por alguns minutos. A casa esteve cheia de índios na noite anterior, com muita conversa e narração de histórias junto ao fogo e, quando finalmente fomos para a cama, simplesmente nos enroscamos nos braços um do outro e adormecemos, mal trocando um breve "boa-noite" de civilidade.

O cemitério situava-se numa colina, a alguma distância da casa, e era um lugar bonito e tranquilo. Cercado de pinheiros cujas agulhas douradas forravam o solo e cujos ramos murmurantes forneciam um sussurro suave e constante, parecia um lugar consolador.

— Pobre criatura — eu disse, colocando uma última pedra no marco da sepultura de Efraim. — Como você acha que ele veio parar em tal lugar? — Só Deus sabe. — Jamie sacudiu a cabeça. — Sempre há eremitas, homens que não gostam da companhia de seus semelhantes. Talvez ele fosse um desses. Ou talvez algum infortúnio o tenha trazido a uma região selvagem e ele... ficou. — Encolheu um pouco os ombros e esboçou um sorriso.

— Eu às vezes me pergunto como qualquer um de nós veio parar onde estamos, Sassenach. Você não? — Eu costumava me

perguntar — eu disse. — Mas depois de algum tempo, como não parecia haver nenhuma possibilidade de uma resposta, eu parei.

Ele abaixou os olhos para mim, distraído. — É mesmo, então? — Ele estendeu o braço e arrumou para trás uma mecha de cabelo levantada pelo vento. — Talvez eu não devesse perguntar, mas o farei, de qualquer modo. Você se importa, Sassenach? Que esteja aqui, quero dizer. Você às vezes deseja que estivesse... de volta? Sacudi a cabeça.

— Não, nunca.

E isso era verdade. Mas às vezes eu acordava no meio da noite, pensando, Isso agora é um sonho? Eu iria acordar novamente para o cheiro quente e abafado do aquecimento central e do Old Spice de Frank? E quando eu adormecesse outra vez com o aroma de madeira queimada e o almíscar da pele de Jamie, sentiria um leve e inesperado arrependimento? Se ele viu o pensamento em meu rosto, não deu nenhuma demonstração disso, mas inclinou-se e beijou-me delicadamente na testa.

Segurei meu braço e caminhamos um pouco para dentro da floresta, nos afastando da casa e da clareira lá embaixo.

— As vezes, sinto o cheiro de pinheiros — ele disse, inspirando devagar e profundamente o ar pungente. — E penso por um instante que estou na Escócia. Mas depois me recobro e vejo; não há nenhum dos bonitos fetos aqui, nem grandiosas montanhas áridas; não são as terras desertas que eu conheço, mas apenas terras selvagens que não conheço.

Achei que havia um tom de nostalgia em sua voz, mas não de tristeza. Mas, como ele perguntara, eu também o faria.

— E você alguma vez deseja estar... de volta? — Oh, sim — ele disse, surpreendendo-me, e depois riu com a expressão do meu rosto. — Mas não o suficiente para não querer mais ainda estar aqui, Sassenach.

Ele olhou por cima do ombro para o minúsculo cemitério, com sua pequena coleção de montículos de pedras e cruzes, aqui e ali com uma pedra maior assinalando uma determinada sepultura.

— Você sabia, Sassenach, que algumas pessoas acreditam que a última pessoa a ser enterrada em um cemitério se torna seu guardião? Ela deve ficar de guarda até a chegada do próximo a morrer e assumir seu lugar. Somente então ela poderá descansar.

— Imagino que nosso misterioso Efraim deva estar um pouco surpreso de se ver em tal posição, quando aqui ele deveria ficar sob uma árvore completamente sozinho — eu disse, sorrindo um pouco. — Mas eu fico me perguntando: o que o guardião de um cemitério está defendendo... e de quem? Ele riu.

— Oh... de vândalos, talvez. Profanadores. Ou feiticeiros.

— Feiticeiros? — Fiquei surpresa; eu imaginara que a palavra "feiticeiro" fosse sinônimo de "curandeiro". — Há feitiços que requerem ossos, Sassenach — ele disse. — Ou as cinzas de um corpo queimado. Ou solo de uma sepultura. — Ele falava de forma descontraída, mas sem nenhum tom de zombaria. — Sim, até mesmo os mortos podem precisar de defesa.

— E quem melhor para isso do que um fantasma residente? — eu disse. — Sem dúvida.

Subimos por um bosque de álamos, cuja luz nos manchava de verde e prata, e eu parei para raspar uma bolha da resina vermelho-escura de um tronco branco como papel. Que estranho, pensei, perguntando-me por que a visão daquilo me fizera parar — e então me lembrei, e virei-me abruptamente para olhar outra vez para o cemitério.

Não uma lembrança, mas um sonho — ou uma visão. Um homem, espancado e ferido, pondo-se de pé no meio de um bosque de álamos, levantando-se pelo que sabia ser a última vez, sua última batalha, exibindo dentes estilhaçados, manchados de sangue da cor

da resina do álamo. Seu rosto estava pintado de preto para a morte — e eu sabia que havia obturações de platina em seus dentes.

Mas a pedra de granito erguia-se silenciosa e tranquila, cercada por agulhas amarelas de pinheiro, marcando o repouso do homem que um dia chamara a si mesmo de Dente de Lontra.

O momento passou, e desapareceu. Saímos do meio dos álamos para dentro de outra clareira, esta mais alta do que a elevação onde estava o cemitério.

Fiquei surpresa ao ver que alguém andara cortando madeira ali e limpando o terreno. Uma pilha considerável de troncos de árvore derrubadas erguia-se de um lado e, perto dali, um emaranhado de tocos arrancados pela raiz, embora vários outros, ainda enraizados no solo, se projetassem do meio de azedinhas e uma trepadeira de pequenas flores azuis.

— Olhe, Sassenach. — Jamie me fez virar colocando a mão em meu cotovelo.

— Oh. Nossa! O lugar em que estávamos era suficientemente elevado para permitir uma vista deslumbrante. As árvores desciam pela encosta abaixo de nós e Podíamos ver além da nossa montanha, e além da seguinte, e da seguinte, até um horizonte azul ao longe, enevoadado com o hálito das montanhas, as nuvens subindo de seus vales.

— Gosta? — O tom de orgulho de proprietário em sua voz era palpável.

— É claro que gosto. O que...? — Virei-me, gesticulando para as toras de madeira, os tocos de árvores.

— A próxima casa será erguida aqui, Sassenach — ele disse, simplesmente. — A próxima casa? Vamos construir outra? — Bem, não sei se seremos nós ou talvez nossos filhos... ou netos — acrescentou, a boca curvando-se um pouco. — Mas eu pensei, se alguma coisa vier a acontecer... e não acho que acontecerá, veja

bem, mas se acontecesse... bem, eu ficaria feliz de ter começado a construção. Só para garantir.

Fitei-o por um instante, tentando dar sentido a tudo aquilo.

— Caso alguma coisa aconteça — eu disse devagar, e virei-me para olhar para o leste, onde a nossa casa era quase invisível entre as árvores, a fumaça da chaminé uma nuvem branca em meio ao verde suave das castanheiras e abetos. — Caso ela seja realmente... incendiada, você quer dizer. — Só o fato de colocar o pensamento em palavras fez meu estômago se revirar e formar um bolo.

Então, olhei novamente para ele e vi que a ideia também o assustava. Mas, como era próprio de Jamie, ele simplesmente começara a agir, fazendo o que podia contra o dia do desastre.

— Gosta? — ele repetiu, os olhos atentos. — Do lugar, quero dizer.

Se não, posso escolher outro.

— É lindo — eu disse, sentindo as lágrimas aflorarem aos meus olhos. — Simplesmente lindo, Jamie.

Acalorados após a subida, sentamo-nos à sombra de uma cicuta gigante, para admirar nossa futura vista. E, uma vez quebrado o silêncio referente à terrível possibilidade do futuro, vimos que podíamos discuti-lo.

— Não é tanto a ideia de morrermos — eu disse. — Ou, ao menos, não inteiramente. É aquele "não deixam filhos" que me dá arrepios.

— Bem, entendo o que quer dizer, Sassenach. Embora eu também não seja a favor da nossa morte e pretendo fazer com que não sejamos mortos — afirmou. — Mas, pense bem. Pode não significar que estejam mortos. Eles podem simplesmente... ir.

Inspirei fundo, tentando aceitar essa suposição sem entrar em pânico.

— Ir. Voltar, você quer dizer. Roger e Bri... e Jemmy, imagino.

Estamos presumindo que ele possa... possa viajar através das pedras.

Ele balançou a cabeça gravemente, os braços enlaçando com força os joelhos.

— Depois do que ele fez com aquela opala? Sim, acho que devemos presumir que ele possa. — Assenti, lembrando-me do que ele fizera à opala: ele a segurara, reclamando que a pedra estava cada vez mais quente em sua mão, até que ela explodiu, estilhaçando-se em centenas de fragmentos pontiagudos como agulhas. Sim, acho que devíamos presumir que ele também podia viajar pelo tempo. Mas, e se Brianna tivesse outro filho? Era óbvio para mim que ela e Roger queriam outro, ou ao menos que Roger queria e ela concordava.

A ideia de perdê-los era extremamente dolorosa, mas a possibilidade tinha que ser encarada.

— O que deixa uma escolha, imagino — eu disse, tentando ser corajosa e objetiva. — Se nós estivermos mortos, eles iriam, porque sem nós não teriam nenhuma razão verdadeira para permanecer aqui. Mas, se não estivermos mortos... eles irão, de qualquer forma? Quero dizer, nós os mandaremos de volta? Por causa da guerra. Não haverá segurança aqui.

— Não — ele disse, suavemente. Sua cabeça estava abaixada, fios desgarrados de cabelos castanho-avermelhados erguendo-se do topo de sua cabeça, dos tufos que ele legara tanto a Bri quanto a Jemmy.

— Não sei — ele disse finalmente, e ergueu a cabeça, os olhos na distância de terra e céu. — Ninguém sabe, Sassenach. Temos que enfrentar o que vier como pudermos.

Ele virou-se e colocou a mão sobre a minha, com um sorriso que mesclava tristeza e alegria.

— Nós dois já temos fantasmas suficientes, Sassenach. Se os males do passado não podem nos estorvar, também qualquer medo do futuro não deve fazê-lo. Temos apenas que esquecer tudo que ficou para trás e seguir em frente. Sim? Pousei a mão de leve em seu peito, não como um convite, mas apenas porque eu queria senti-lo. Sua pele estava fria de suor, mas ele havia ajudado a cavar a sepultura; o calor do trabalho irradiava-se pelo músculo sob a pele.

— Você era um dos meus fantasmas — eu disse. — Durante muito tempo. E durante muito tempo eu tentei esquecê-lo.

— É mesmo? — Sua própria mão pousou de leve em minhas costas, movendo-se inconscientemente. Eu conhecia aquele toque, a necessidade de tocar apenas para se certificar de que outro estava realmente ali, presente em carne e osso.

— Eu achava que não poderia viver olhando para trás, não suportaria. — Minha garganta se fechava com a lembrança.

— Eu sei — ele disse, brandamente, a mão se erguendo para tocar meus cabelos. — Mas você tinha a criança... tinha um marido. Não era direito dar as costas a eles.

— Não era direito dar as costas a você. — Pestanejei, mas as lágrimas escorriam dos cantos dos meus olhos. Ele puxou minha cabeça para junto de si e delicadamente lambeu minhas lágrimas, o que me surpreendeu tanto que eu ri no meio de um soluço, e quase me engasguei. — Eu realmente a amo, como a carne ama o sal — ele citou, e riu, também, levemente. — Não chore, Sassenach. Você está aqui; e eu também. Nada mais importa, além disso.

Recostei a testa contra seu peito e o envolvi com meus braços.

Minhas mãos espalmaram-se na larga extensão de suas costas e eu o afaguei da omoplata de seu ombro até a base mais delgada de sua coluna, de leve, sempre de leve, traçando os



contornos de seus músculos, sua forma, e não as cicatrizes que marcavam sua pele.

Ele me apertou em seus braços e suspirou profundamente.

— Sabe que estamos casados desta vez quase o dobro do tempo do que da última vez? Afastei-me um pouco e franzi a testa, em dúvida, aceitando a distração.

— Não estávamos casados nesse meio-tempo?

Isso o pegou de surpresa; franziu o cenho, também, e correu um dedo, lentamente, pelo cavalete queimado de sol de seu nariz, pensativo.

— Bem, isso é uma pergunta para um padre, sem dúvida — ele disse. — Acho que estávamos... mas, se assim for, não somos ambos bígamos?

— Éramos, não somos — eu o corriji, sentindo-me levemente inquieta. — Mas não éramos, na verdade. O padre Anselmo disse isso.

— Anselmo?

— Padre Anselmo, um padre franciscano na Abadia de St. Anne. Mas talvez você não se lembre dele; você estava muito doente na época.

— Oh, eu me lembro dele — ele disse. — Ele ia se sentar ao meu lado à noite, quando eu não conseguia dormir. — Sorriu, um sorriso pouco enviesado; aquela época não era algo de que ele quisesse se lembrar. — Ele gostava muito de você, Sassenach.

— Oh? E você? — perguntei, tentando distraí-lo das lembranças de St. Anne. — Você não gostava de mim?

— Oh, eu gostava muito de você — assegurou-me. — Mas talvez eu goste ainda mais agora.

— Oh, então é assim, hein? — Endireitei-me um pouco, envaidecida. — O que mudou?

Ele inclinou a cabeça para o lado, os olhos estreitando-se um pouco de maneira avaliadora.

— Bem, você peida menos durante o sono — ele começou, judiciosamente, depois se agachou, rindo, quando um cone de pinheiro passou zunindo pela sua orelha esquerda. Agarrei um pedaço de madeira, mas, antes que eu pudesse bater com ele em sua cabeça, ele arremeteu-se para frente e me segurou pelos braços. Empurrou-me estendida na grama e deixou-se cair em cima de mim, prendendo-me sem nenhum esforço.

— Saia de cima de mim, seu imbecil! Eu não peido enquanto durmo!

— Ah, como você poderia saber, Sassenach? Você dorme tão profundamente, você não acordaria, nem com o som do seu próprio ronco.

— Oh, quer falar de ronco, não é? Você...

— Você é orgulhosa como Lúcifer — ele disse, interrompendo-me.

Ainda sorria, mas as palavras eram mais sérias. — E você é corajosa. Você sempre foi mais ousada do que devia para sua própria segurança; agora, é feroz como um pequeno texugo.

— Então, sou arrogante e feroz. Não soa muito como um catálogo de virtudes femininas — eu disse, arquejando um pouco, enquanto me contorcia, esforçando-me para sair de baixo dele.

— Bem, você também é amável — ele disse, avaliando. — Muuuito gentil. Embora tenha a tendência de fazer isso em seus próprios termos. Não que isso seja ruim, veja bem — acrescentou, recapturando primorosamente o braço que eu havia conseguido desvencilhar. Ele prendeu meu pulso no chão, acima da minha cabeça.

— Femininas — ele murmurou, as sobrancelhas cerradas em concentração. — Virtudes femininas... — Sua mão livre enfiara-se entre nós e fechou-se sobre meu seio.

— Além dessas!

— Você é muito limpa — ele disse, com aprovação. Soltou meu pulso e passou a mão pelos meus cabelos, que de fato estavam limpos, cheirando a girassol e calêndula.

— Nunca vi uma mulher se lavar tanto quanto você... a não ser Brianna, talvez. Você não é uma grande cozinheira — ele continuou, estreitando os olhos pensativamente. — Embora nunca tenha envenenado ninguém, a não ser de propósito. E eu diria que você sabe fazer uma costura com perfeição, embora você prefira que seja na carne de alguém.

— Muito obrigada!

— Conte-me mais algumas virtudes — ele sugeriu. — Talvez eu tenha esquecido alguma.

— Humm! Delicadeza, paciência... — titubeei.

— Delicada? Santo Deus. — Ele sacudiu a cabeça. — Você é a mais implacável, sanguinária...

Lancei a cabeça para cima e quase consegui mordê-lo na garganta.

Ele deu um solavanco para trás, rindo.

— Não, você também não é muito paciente.

Desisti de lutar por enquanto e deixei-me cair completamente de costas, os cabelos desgrenhados espalhados na grama.

— Então, qual é meu traço mais cativante? — perguntei.

— Você acha que eu sou engraçado — ele disse, rindo.

— Eu... não... — grunhi, debatendo-me furiosamente. Ele meramente continuou sobre mim, tranquilamente alheio aos meus golpes e socos, até eu ficar exausta e abandonar-me, arquejante, sob ele.

— E — ele disse ponderadamente — você gosta muito quando eu a levo para a cama. Não?

— Hã... — Eu queria contradizê-lo, mas a honestidade me impedia.

Além do mais, ele sabia muito bem a resposta.

— Você está me esmagando — eu disse com dignidade. —  
Por favor, saia de cima de mim.

— Não? — ele repetiu, sem se mexer.

— Sim! Tudo bem! Sim! Pode sair de cima?

Ele não saiu, mas inclinou a cabeça e me beijou. Eu mantive os lábios cerrados, determinada a não ceder, mas ele também estava decidido e, pensando bem... a pele de seu rosto estava quente, os pelos curtos de sua barba ligeiramente ásperos e sua boca larga e doce...

Minhas pernas estavam abertas em completo abandono e eu o sentia sólido entre elas, o peito nu cheirando a almíscar e suor e serragem presa nos pelos encaracolados, castanho-avermelhados... Eu ainda estava afogueada do esforço, mas a grama estava úmida e fria ao nosso redor...

Bem, muito bem; mais um minuto e ele podia me possuir ali mesmo, se quisesse.

Ele sentiu que eu cedia e suspirou, deixando seu próprio corpo relaxar; ele já não me mantinha prisioneira, apenas me prendia. Então, ele levantou a cabeça e segurou meu rosto com uma das mãos.

— Quer realmente saber do que se trata? — ele perguntou, e eu pude ver pelo azul-escuro de seus olhos o que ele queria dizer. Assenti, muda.

— Acima de todas as criaturas na Terra — ele sussurrou —, você é leal.

Pensei em dizer alguma coisa sobre os cães São Bernardo, mas havia tanta ternura em seu rosto que eu não disse nada, meramente fitei-o, piscando contra a luz verde que se filtrava através dos galhos acima.

— Bem — eu disse, finalmente, com um suspiro próprio —, você também é. E isso é realmente uma boa coisa. Não é?

*TEMOS IGNIÇÃO*

A sra. Bug fizera fricassée de frango para o jantar, mas isso não era suficiente para explicar o ar de empolgação contida que Bri e Roger trouxeram com eles quando entraram. Ambos sorriam, as faces de Bri estavam afogueadas e os olhos dele tão brilhantes quanto os dela.

Assim, quando Roger anunciou que tinham grandes notícias, provavelmente foi apenas compreensível que a sra. Bug apressadamente tirasse a conclusão óbvia.

— Você está grávida outra vez! — ela gritou, deixando cair uma colher em sua empolgação. Ela bateu palmas, inflando-se como um balão de aniversário. — Oh, que alegria! E já não era sem tempo — acrescentou, soltando as mãos para sacudir um dedo de repreensão para Roger. — E aqui estava eu pensando se deveria acrescentar um pouco de gengibre e enxofre ao seu mingau, meu jovem, para deixá-lo em forma! Mas estou vendo que no final das contas você conhece o seu serviço. E você, a bhailach, o que acha? Um irmãozinho para você! Jemmy, ouvindo-a se dirigir a ele, fitou-a espantado, boquiaberto.

— Hã... — Roger disse, enrubescendo.

— Oh, claro, pode ser uma irmãzinha, imagino — a sra. Bug admitiu. — Mas são boas notícias, de um jeito ou de outro. Tome, a luaidh, coma um doce por conta e o resto de nós poderemos beber a isso! Obviamente confuso, mas muito a favor de doces, Jem pegou

a bala de melado que lhe era oferecida e prontamente a enfiou na boca.

— Mas ele não... — Bri começou.

— Obrigado, sra. Bug — Jem disse apressadamente, colocando a mão sobre a boca, para o caso de sua mãe tentar recuperar aquela guloseima decididamente proibida antes do jantar por conta de sua falta de educação.

— Oh, um docinho não vai lhe fazer mal — a sra. Bug assegurou-lhe, pegando a colher que caíra e limpando-a no avental. — Vá chamar Arch, a muirninn, e nós lhe contaremos a sua novidade. Que santa Brígida a abençoe, menina, achei que nunca conseguiria! Todas as senhoras estavam dizendo que não sabiam se você ficara fria com seu marido ou talvez fosse ele, por falta da centelha vital, mas sendo assim... — Bem, sendo assim — Roger disse, erguendo a voz a fim de ser ouvido.

— Eu não estou grávida! — Bri disse, muito alto.

O silêncio que se seguiu ecoou como uma trovada.

— Oh — Jamie disse baixinho. Ele pegou um guardanapo e sentou-se, enfiando-o na gola de sua camisa. — Muito bem, então Vamos comer? — Estendeu a mão para Jem, que subiu com dificuldade para o banco, ao lado dele, ainda chupando ferozmente sua bala.

A sra. Bug, momentaneamente petrificada, retornou à vida com um acentuado muxoxo. Extremamente ofendida, virou-se e depositou com estardalhaço uma pilha de pratos de estanho sobre o aparador.

Roger, ainda um pouco ruborizado, parecia achar a situação engraçada, a julgar pelo movimento dos cantos de sua boca. Brianna estava incandescente e respirando como uma orca.

— Sente-se, querida — eu disse, na maneira hesitante de alguém que está lidando com material altamente explosivo. — Você... hum... disse que tinha novidades? — Deixa pra lá! —

Continuou de pé, furiosa. — Ninguém se importa, já que não estou grávida. Afinal, o que mais eu poderia fazer que alguém achasse que valia a pena? — Passou a mão violentamente pelos cabelos e, ao encontrar a fita prendendo-os na nuca, arrancou-a e atirou-a no chão.

— Vamos, querida... — Roger começou. Eu poderia ter dito a ele que isso era um erro; os Fraser, num acesso de fúria, tendiam a não prestar nenhuma atenção a palavras doces, ficando, em vez disso, inclinados a voar na garganta do mais próximo, suficientemente desavisado para falar com eles.

— Não me venha com "querida"! — retrucou rispidamente, virando-se para ele. — Você também pensa assim! Acha que tudo o que eu faço é uma perda de tempo, se não for lavar roupas ou preparar o jantar ou consertar suas malditas meias! E também me culpa por não ficar grávida, acha que é culpa minha! Bem, NÃO é, e você sabe disso! — Não! Eu não penso isso, de jeito nenhum. Brianna, por favor...

— Estendeu a mão para ela, depois pensou melhor e recolheu-a, obviamente achando que ela poderia arrancá-la do pulso.

— Vamos COMER, mamãe! — Jemmy aumentou a voz, tentando ajudar. Um longo fio de melado misturado com saliva escorreu do canto de sua boca e pingou na frente da camisa. Vendo isso, sua mãe virou-se para a sra. Bug como uma tigresa.

— Agora veja o que você fez, velha fuxiqueira intrometida! Essa era a última camisa limpa dele! E como ousa falar de nossa vida particular com todo mundo por aí, o que você pode ter a ver com isso, mexeriqueira desgraçada...

Vendo que era inútil protestar, Roger enlaçou-a pela cintura por trás, levantou-a do chão e carregou-a para fora pela porta dos fundos, essa partida acentuada por protestos incoerentes de Bri e

grunhidos de dor de Roger, conforme ela chutava impiedosamente suas canelas, com bastante força e precisão.

Dirigi-me à porta e fechei-a delicadamente, abafando os sons de novas alterações no pátio.

— Ela herdou isso de você, sabe, não é? — eu disse, em tom de censura, sentada em frente a Jamie. — Sra. Bug, a comida está com um cheiro delicioso. Vamos comer! A sra. Bug serviu o fricassée em emburrado silêncio, mas absteve-se de se unir a nós à mesa e, em vez disso, vestiu sua capa e saiu da cozinha batendo os pés, deixando a louça suja por nossa conta. Um excelente negócio, se pedissem a minha opinião.

Comemos na mais santa paz, o silêncio quebrado apenas pelo tilintar das colheres no estanho e por uma ou outra pergunta de Jemmy sobre por que o melado era tão grudento, como o leite entrava na vaca e quando ele iria ganhar seu irmãozinho.

— O que eu vou dizer à sra. Bug? — perguntei, no breve hiato entre perguntas.

— Por que deveria dizer alguma coisa, Sassenach? Não foi você que a xingou.

— Bem, não. Mas eu posso apostar como Brianna não irá se desculpar...

— E por que deveria? — Ele deu de ombros. — Afinal, ela foi provocada. E não acredito que a sra. Bug tenha vivido tanto tempo sem ser chamada de mexeriqueira antes. Ela vai se acalmar, contando a Arch tudo o que aconteceu, e amanhã estará bem outra vez.

— Bem — eu disse, em dúvida. — Talvez. Mas Bri e Roger...

Ele sorriu para mim, os olhos azul-escuros apertando-se em dois triângulos.

— Não sinta como se devesse se preocupar com todo desastre que acontece, mo chridhe — ele disse. Estendeu o braço por cima da mesa e deu uns tapinhas tranquilizadores em minha



mão. — Roger Mac e a menina têm que resolver isso entre eles; e o rapaz parecia estar dominando bem a situação.

Ele riu e eu me uni a ele, com relutância.

— Bem, eu vou ter que me preocupar, caso ela tenha quebrado a perna dele — observei, levantando-me para pegar creme para o café. — É provável que ele volte se arrastando para eu consertá-la.

Nesse exato momento, uma batida soou na porta dos fundos.

Perguntando-me por que Roger bateria na porta, eu a abri, deparando-me com o rosto pálido de Thomas Christie.

Ele não estava apenas pálido, mas suando, e tinha um pano sujo de sangue enrolado em uma das mãos. — Eu não a incomodaria, madame — ele disse, muito empertigado.

— Eu vou esperar... até quando for mais conveniente para a senhora.

— Bobagem — eu disse, um pouco laconicamente. — Vamos ao consultório enquanto ainda resta alguma luz.

Tomei o cuidado de não olhar diretamente para Jamie, mas lancei-lhe um olhar de esguelha quando me abaixei para empurrar o banco para debaixo da mesa. Ele estava inclinado para frente para colocar um pires sobre o meu café, os olhos em Tom Christie com o ar de pensativa especulação que eu vira pela última vez em um lince observando um bando de patos selvagens no alto. Não urgente, mas definitivamente atento.

Christie não prestava atenção a mais nada além de sua mão machucada, e com bastante razão. As janelas do consultório voltavam-se para o leste e para o sul, a fim de melhor aproveitarem a luz da manhã, porém, mesmo perto do pôr do sol, o aposento guardava uma suave luminosidade — reflexo do sol poente nas folhas cintilantes do bosque de castanheiras. Tudo na sala estava

recoberto de luz dourada, exceto o rosto pálido de Tom Christie, notavelmente verde.

— Sente-se — eu disse, empurrando um banquinho apressadamente para junto dele. Seus joelhos cederam quando ele se abaixou; ele aterrissou com mais força do que pretendia e fez um movimento brusco com a mão ferida, soltando uma pequena exclamação de dor.

Coloquei o polegar sobre a grande veia no pulso, para ajudar a diminuir o sangramento, e desenrolei o pano. Considerando seu aspecto, eu esperava um ou dois dedos decepados, e fiquei surpresa de encontrar apenas um corte na carne na base do polegar, voltado para baixo e estendendo-se até o pulso. Era suficientemente fundo para se abrir, e ainda sangrava livremente, mas nenhum vaso mais importante fora cortado e ele havia, por grande sorte, feito apenas um pequeno entalhe no tendão; eu podia consertar aquilo com um ou dois pontos.

Ergui o olhar para lhe dizer isso e me deparei com seus olhos revirando-se para trás nas órbitas.

— Socorro! — gritei, largando a mão e agarrando-o pelos ombros quando ele começou a cair para trás.

O estrondo de um banco derrubado para trás e as batidas de pés correndo pelo corredor atenderam ao meu chamado, e Jamie irrompeu no aposento em uma fração de segundo. Vendo-me arrastada dos meus pés pelo peso de Christie, ele segurou-o pela nuca e empurrou-o para frente como um boneco de trapos, enfiando a cabeça de Christie entre as pernas.

— Ele está muito mal? — Jamie perguntou, apertando os olhos para ver melhor a mão ferida de Christie, que tocava o chão, sangrando. — Devo deitá-lo na mesa? — Acho que não. — Minha mão estava sob o maxilar de Christie, sentindo seu pulso. — Ele não está gravemente ferido, apenas desmaiou.

Sim, veja, está voltando a si. Mantenha a cabeça abaixada mais um pouco, logo estará perfeitamente bem. — Dirigi essa última observação a Christie, que respirava como uma máquina a vapor, mas havia se estabilizado um pouco.

Jamie retirou a mão da nuca de Christie e limpou-a no seu kilt com uma expressão de ligeira repugnância. Christie começara a suar frio e profusamente; eu podia sentir minha própria mão escorregadia com seu suor, mas peguei o pano que caíra no chão e limpei a mão nele com mais tato.

— Gostaria de se deitar? — perguntei, inclinando-me para olhar o rosto de Christie. Ele ainda estava lívido, mas sacudiu a cabeça.

— Não, senhora. Estou perfeitamente bem. Só me senti estranho por um instante. — Ele falava com voz rouca, mas bem firme, de modo que me contentei em pressionar o pano com força contra o ferimento para estancar o sangue.

Jemmy espreitava da porta, os olhos arregalados, mas sem demonstrar nenhum alarme em particular; sangue não era nenhuma novidade para ele.

— Quer que eu lhe traga uma bebida, Tom? — Jamie perguntou, observando o paciente cautelosamente. — Sei que você não toma bebidas fortes, mas certamente agora seria a ocasião, não? A boca de Christie movimentou-se um pouco, mas ele sacudiu a cabeça.

— Eu... não. Talvez... um pouco de vinho? — Toma um pouco de vinho para o teu estômago, hein? Sim, está bem. Anime-se, homem, vou buscar. — Jamie deu-lhe um leve tapa encorajador no ombro e saiu rapidamente, levando Jemmy pela mão ao sair.

A boca de Christie esticou-se numa careta. Eu já havia notado que, como alguns protestantes, Tom Christie considerava a Bíblia um documento endereçado especificamente a ele próprio e confiado a seu cuidado pessoal para a prudente distribuição às

massas. Assim, ele não gostava de ouvir católicos — ou seja, Jamie — citando-a levianamente.

Eu também notara que Jamie sabia disso e não perdia a oportunidade de fazer tais citações.

— O que aconteceu? — perguntei, tanto para distrair Christie como porque eu desejava saber.

Christie interrompeu seu olhar hostil para o vazio da porta e olhou para a mão ferida — desviando o olhar abruptamente e empalidecendo outra vez.

— Um acidente — respondeu bruscamente. — Eu estava cortando junco e a faca escorregou. — Sua mão direita flexionou-se ligeiramente ao dizer isso e eu olhei para ela.

— Não é de admirar! — eu disse. — Vamos, mantenha a mão erguida no ar. — Ergui a mão esquerda ferida, com uma atadura bem apertada, acima de sua cabeça, soltei-a e peguei a outra. Ele sofria de um problema na mão direita chamado contratura de Dupuytren — ou ao menos assim iria se chamar, quando o barão Dupuytren descrevesse a doença dali a sessenta ou setenta anos. Era causada pelo espessamento e encurtamento da malha fibrosa que mantém os tendões da mão no lugar quando os dedos flexionam, o resultado disso sendo o movimento do dedo anular para dentro da palma da mão. Em casos avançados, o dedo mínimo e às vezes o dedo médio também ficavam comprometidos. O problema de Tom Christie se agravara bastante desde a última vez que eu tive a chance de dar uma boa olhada em sua mão.

— Eu não lhe disse? — perguntei retoricamente, puxando delicadamente os dedos curvados. O dedo médio ainda podia ser parcialmente desdobrado; o anular e o mínimo mal podiam ser levantados da palma da mão. — Eu disse que iria piorar. Não é de admirar que a faca tenha escorregado, fico até surpresa que conseguisse segurá-la.

Um ligeiro rubor surgiu por baixo da barba ruiva aparada, e ele desviou o olhar.

— Eu poderia ter cuidado facilmente disso meses atrás — eu disse, virando a mão para analisar o ângulo da contratura. — Teria sido uma questão bem simples. Agora vai ser um pouco mais complicado, mas acho que ainda posso corrigir o problema.

Se ele não fosse um homem tão fleumático, eu o teria descrito como alguém se contorcendo de constrangimento. Sendo como era, ele apenas remexeu-se um pouco, o rubor intensificando-se em seu rosto.

— Eu... eu não quero...

— Não me importa o que você quer — eu lhe disse, recolocando a mão contraída no seu colo. — Se não me deixar operar essa mão, ela será inútil em seis meses. Você mal consegue escrever com ela agora, estou certa? Seus olhos encontraram os meus, cinza-escuros e espantados.

— Eu posso escrever — ele disse, mas eu pude ver que a beligerância em sua voz ocultava uma profunda inquietação. Tom Christie era um homem culto, um estudioso, e o professor de Ridge. Era a ele que muitas pessoas de Ridge recorriam para a redação de cartas ou documentos legais. Ele tinha grande orgulho disso; eu sabia que a ameaça da perda de sua capacidade de escrever era o principal argumento que eu tinha, e não era uma ameaça vazia.

— Não por muito tempo — eu disse, arregalando os olhos para ele para enfatizar o que eu dizia. Ele engoliu em seco nervosamente, mas, antes que pudesse responder, Jamie reapareceu, trazendo uma jarra de vinho.

— É melhor ouvi-la — ele aconselhou, colocando a jarra na bancada. — Eu sei o que é tentar escrever com um dedo rígido, hein? — Ele ergueu a própria mão direita e flexionou-a, desolado. — Se ela pudesse consertar isso com sua faquinha, eu colocaria minha

mão na mesa agora mesmo. O problema de Jamie era quase o oposto do de Christie, embora o efeito fosse muito similar. O dedo anular fora tão esmagado que as juntas ficaram paralisadas; o dedo não se dobrava. Em consequência, os dois dedos de cada lado tinham seus movimentos limitados também, embora as juntas estivessem intactas.

— A diferença é que a sua mão não está piorando a cada dia — eu disse a Jamie. — Adele está.

Christie fez um pequeno movimento, enfiando a mão direita entre as coxas, como se quisesse escondê-la.

— Sim, bem — ele disse, sem jeito. — Eu posso esperar um pouco, sem dúvida.

— Ao menos o tempo suficiente para deixar minha mulher consertar a outra — Jamie observou, servindo um copo de vinho. — Tome... consegue segurá-lo, Tom, ou quer que eu...? — Fez um gesto interrogativo, segurando o copo como se fosse levá-lo à boca de Christie, que bruscamente retirou a mão direita do meio do esconderijo das pregas de suas roupas.

— Eu consigo — retrucou rispidamente, e pegou o vinho, segurando o copo entre o polegar e o dedo indicador com uma falta de jeito que o fez ruborizar-se ainda mais intensamente. Sua mão esquerda continuava no ar acima de seu ombro. Parecia tolo, e obviamente se sentia assim.

Jamie serviu outro copo e o entregou a mim, ignorando Christie. Eu teria imaginado se tratar de tato natural de sua parte, se eu não conhecesse a complicada história entre os dois homens. Sempre havia uma pequena aresta em qualquer interação entre Jamie e Tom Christie, embora eles conseguissem manter uma aparência externa cordial.

Com qualquer outro homem, a exibição de Jamie de sua própria mão ferida teria sido exatamente o que parecia — restauração de confiança e a oferta de companheirismo na doença.

Com Tom Christie, a intenção poderia ter sido conscientemente de incutir-lhe confiança, mas havia uma ameaça implícita também, embora talvez Jamie não pudesse evitar isso.

O fato é que as pessoas procuravam a ajuda de Jamie com mais frequência do que procuravam a de Christie. Jamie possuía o respeito e a admiração de todos, apesar de sua mão aleijada. Christie não era um homem popular por si mesmo. Ele poderia muito bem perder a pequena projeção social de que gozava, se perdesse sua capacidade de escrever. E, como eu havia ressaltado sem rodeios, a mão de Jamie não iria piorar.

Os olhos de Christie estreitaram-se um pouco acima de seu copo. A ameaça não lhe passara despercebida, quer proposital ou não. Não passaria; Tom Christie era um homem desconfiado por natureza e inclinado a ver ameaça até onde não houvesse intenção.

— Acho que já parou de sangrar praticamente; deixe-me cuidar disso. — Segurei sua mão esquerda, delicadamente, e desenrolei o pano que a envolvia. O sangramento havia estancado. Coloquei a mão de molho numa bacia de água fervida com alho, acrescentei algumas gotas de etanol puro para maior desinfecção e comecei a preparar meu estojo.

Começava a escurecer e eu acendi a lamparina a álcool que Brianna fizera para mim. A luz de sua chama firme e brilhante pude ver que o rosto de Christie havia perdido seu momentâneo rubor de raiva. Já não estava tão pálido quanto antes, mas parecia tão inquieto quanto um arganaz em uma convenção de texugos, os olhos seguindo minhas mãos conforme eu arrumava minhas suturas, agulhas e tesouras, tudo limpo e brilhando sob a luz.

Jamie não saiu, mas ficou encostado no balcão, bebericando seu próprio vinho — presumivelmente, para o caso de Christie desmaiar outra vez.

Um leve tremor percorreu a mão e o braço de Christie, presos como estavam à mesa. Ele suava outra vez; eu podia sentir o

cheiro, ácido e amargo. Foi esse cheiro, quase esquecido, mas imediatamente familiar, que finalmente me fez compreender a dificuldade: era medo. Ele tinha medo de sangue, talvez; medo da dor, sem dúvida.

Mantive os olhos fixos no trabalho, abaixando a cabeça ainda mais, para impedir que ele visse qualquer expressão em meu rosto. Eu já deveria ter notado isso antes, não fosse ele um homem. Sua palidez, o desmaio... não devidos à perda de sangue, mas ao choque de ver a perda de sangue.

Eu rotineiramente costurava homens e rapazes; o trabalho nas fazendas nas montanhas era difícil e era rara a semana em que não me apresentavam ferimentos a machado, talhes com enxadas, cortes com pás, mordidas de porcos, lacerações do couro cabeludo sofridas com uma queda ou alguma outra calamidade menor que exigia pontos. Em geral, todos os meus pacientes comportavam-se de maneira muito natural, aceitando meus cuidados estoicamente e voltando imediatamente ao trabalho. Mas quase todos eram homens das Highlands, eu compreendi, e muitos não apenas isso, mas ex-soldados.

Tom Christie era um homem da cidade, de Edimburgo — ficara preso em Ardsmuir como partidário dos jacobitas, mas nunca fora um combatente. Ele havia sido um comissário. Na realidade, concluí com surpresa, ele provavelmente jamais vira uma verdadeira batalha militar, muito menos se vira envolvido nos conflitos físicos diários com a natureza que o trabalho em uma fazenda das Highlands exigia.

Notei a presença de Jamie, ainda parado nas sombras, bebericando seu vinho e observando com um distanciamento ligeiramente irônico.

Ergui os olhos de relance para ele; sua expressão não se alterou, embora nossos olhos se encontrassem e ele balançasse a cabeça, quase imperceptivelmente.



O lábio de Tom Christie estava preso entre os dentes; eu podia ouvir o débil assobio de sua respiração. Ele não podia ver Jamie, mas sabia que ele estava lá; a maneira como se sentava empertigado demonstrava isso. Tom Christie podia estar com medo, mas ele tinha uma boa dose de coragem. Teria doído menos se ele tivesse relaxado os músculos tensos do braço e da mão. Entretanto, naquelas circunstâncias, eu mal podia fazer tal sugestão. Eu poderia ter insistido para Jamie sair, mas já havia quase terminado. Com um suspiro misto de exasperação e perplexidade, cortei o último nó e coloquei a tesoura sobre a bancada.

— Muito bem, então — eu disse, passando o restante da pomada de gérbera sobre o ferimento e pegando uma atadura de linho limpa. — Mantenha-o limpo. Vou preparar uma nova pomada para você; envie Malva para isso. Volte em uma semana e eu tirarei os pontos. — Hesitei, olhando para Jamie. Eu sentia certa relutância em usar sua presença como chantagem, mas era para o próprio bem de Christie.

— Cuidarei de sua mão direita também, então, está bem? — eu disse, com firmeza.

Ele ainda suave, embora seu rosto começasse a recuperar a cor. Ele olhou para mim e depois, involuntariamente, para Jamie.

Jamie sorriu debilmente.

— Vamos, então, Tom — ele disse. — Isso não deve preocupá-lo. Não é mais do que um pequeno corte. Já passei por coisas bem piores.

As palavras foram ditas de maneira descontraída, mas pareciam escritas em letras flamejantes de meio metro de altura. Já passei por coisas bem piores.

O rosto de Jamie continuava nas sombras, mas seus olhos eram claramente visíveis, apertados com um sorriso.

Tom Christie não relaxou sua postura rígida. Ele enfrentou o olhar intenso de Jamie, fechando a mão direita contorcida sobre a esquerda enfaixada.

— Sim — ele disse. — Bem. — Ele respirava fundo. — Farei isso, então. — Levantou-se abruptamente, afastando o banco para o lado, e dirigiu-se à porta, um pouco desestabilizado, como um homem que não aguenta bebida forte.

Ao chegar à porta, parou, tateando pela maçaneta. Encontrando-a, empertigou-se e virou-se para trás, buscando Jamie.

— Ao menos — ele disse, respirando tão forte que tropeçava nas palavras — ao menos será uma cicatriz honrosa. Não é, Mac Dubh? Jamie aprumou-se abruptamente, mas Christie já saíra, batendo os pés pelo corredor com passos tão pesados que sacudiram os pratos de estanho na prateleira da cozinha.

— Ora, sujeitinho medíocre! — ele disse, em um tom entre raiva e espanto. Sua mão esquerda fechou-se involuntariamente em um punho cerrado e eu achei bom que Christie tivesse saído tão rapidamente.

Eu não tinha certeza sobre o que acontecera realmente — ou estava acontecendo —, mas estava aliviada por Christie já ter ido embora. Eu me sentira como um punhado de grãos, presa entre duas pedras de moinho, ambas tentando triturar a superfície uma da outra, indiferentes aos grãos impotentes entre elas.

— Nunca ouvi Tom Christie chamá-lo de Mac Dubh — observei cautelosamente, virando-me para limpar os detritos cirúrgicos. Christie, é claro, não falava gaélico, mas eu nunca o ouvira sequer usar o apelido gaélico pelo qual os outros homens de Ardsmuir ainda chamavam Jamie.

Christie sempre chamava Jamie de "sr. Fraser", ou simplesmente "Fraser", em ocasiões que poderiam passar por cordialidade.

Jamie fez um ruído escocês de desdém, depois pegou o copo de Christie, pela metade de vinho, e esvaziou-o.

— Não, ele não o faria... maldito sassenach. — Então, viu meu rosto e me deu um sorriso enviesado. — Não me referia a você, Sassenach.

Eu sabia que ele não estava se referindo a mim; a palavra foi dita com uma entonação completamente diferente — e bastante ofensiva; um rancor que me fez lembrar que "Sassenach" não era de modo algum um termo amistoso no uso normal.

— Por que você o chamou assim? — perguntei, com curiosidade.

— E o que ele quis dizer com aquele comentário "cicatriz honrosa"? Ele abaixou os olhos e não respondeu por um instante, embora os dedos rígidos da mão direita tamborilassem silenciosamente contra a coxa.

— Tom Christie é um homem confiável — ele disse finalmente. — Mas, por Deus, é um filho da mãe teimoso! — Ergueu os olhos então e sorriu para mim, um pouco melancolicamente.

— Durante oito anos ele morou numa cela com quarenta homens que falavam gaélico, mas ele não se rebaixava para deixar que sequer uma palavra dessa língua bárbara passasse pela sua boca! Santo Deus, não. Ele sempre falava em inglês, não importa com quem estivesse falando, e, se fosse um homem que não soubesse nada de inglês, então ele simplesmente ficava lá parado, mudo como uma pedra, até que surgisse alguém para traduzir para ele.

— Alguém como você? — De vez em quando. — Olhou na direção da janela, como se quisesse avistar Christie, mas a noite já caíra completamente e as vidraças apenas devolviam um reflexo turvo do consultório, nossas próprias formas fantasmagóricas no vidro.

— Roger disse que Kenny Lindsay mencionou alguma coisa sobre a... pretensão do sr. Christie — eu disse delicadamente.

Jamie lançou-me um olhar incisivo.

— Oh, é mesmo? Então, Roger Mac não estava convencido de que fora uma boa ideia aceitar Christie como colono, imagino. Kenny não teria dito nada se não lhe tivessem perguntado. Eu já havia mais ou menos me acostumado à velocidade de suas deduções e ao acerto de suas percepções, e não questioneei essa.

— Você nunca me disse nada a respeito disso — eu disse, parando diante dele. Coloquei as mãos em seu peito, erguendo os olhos para seu rosto.

Ele colocou as próprias mãos sobre as minhas e suspirou, suficientemente fundo para eu sentir o movimento de seu peito. Em seguida, passou os braços ao meu redor e puxou-me para junto de si, de modo que meu rosto se recostou no tecido quente de sua camisa.

— Sim, bem. Não tinha realmente importância, sabe.

— E talvez você não quisesse pensar em Ardsmuir, não é? — Não, não queria — ele disse baixinho. — Já estou farto do passado.

Minhas mãos estavam em suas costas agora e compreendi repentinamente o que Christie provavelmente quis dizer. Eu podia sentir as linhas das cicatrizes através do linho, nítidas para as pontas dos meus dedos como as linhas de uma rede de pescar, estendida sobre sua pele.

— Cicatrizes honrosas! — eu disse, erguendo a cabeça. — Ora, o filho da mãe! Foi isso que ele quis dizer? Jamie sorriu levemente com a minha indignação.

— Sim, foi — disse, com uma ponta de ironia. — Foi por isso que ele me chamou de Mac Dubh, para me lembrar de Ardsmuir, para que eu soubesse exatamente o que ele queria dizer. Ele sabia que fui chicoteado lá.

— Aquele... aquele... — Eu estava com tanta raiva que mal conseguia falar. — Eu devia ter costurado a maldita mão nas bolas dele! — E você, sendo uma médica, que jurou não causar nenhum mal? Estou muito chocado, Sassenach.

Ele ria agora, mas eu não estava achando graça nenhuma.

— Covarde desgraçado! Ele tem medo de sangue, sabia disso? — Bem, sim, sabia. Não se pode viver praticamente debaixo do sôco de um homem por três anos sem ficar sabendo muitas coisas que não gostaria de saber a respeito dele, quanto mais algo como isso. — Ficou mais sério, embora um traço de ironia ainda espreitasse no canto de sua boca. — Quando me trouxeram de volta, depois de ter sido açoitado, ele ficou branco como cera e foi vomitar num canto, depois se deitou com a cara virada para a parede. Eu não estava realmente prestando atenção, mas lembro-me de ter pensado que aquilo era um pouco grosseiro; era eu quem estava todo ensanguentado, Por que ele estava reagindo como uma mulherzinha histérica? Dei uma risadinha de desdém.

— Não faça piadas sobre isso! Como ele ousa? E o que ele quer dizer, de qualquer modo... eu sei o que aconteceu em Ardsmuir e essas sem dúvida... quero dizer, essas certamente são cicatrizes honrosas e todos lá sabiam disso! — Sim, pode ser — ele disse, agora completamente sério. — Daquela vez. Mas todos podiam ver quando me puseram de pé que eu já havia sido açoitado antes, certo? E nenhum homem lá jamais me disse nenhuma palavra a respeito dessas cicatrizes. Não até agora.

Isso me fez calar instantaneamente.

O açoitamento não era apenas brutal, era vergonhoso — tinha o propósito não só de machucar, mas de desfigurar para sempre, anunciando aos quatro ventos um passado criminoso, com a mesma clareza de uma face marcada a ferro ou uma orelha decepada. E Jamie, é claro, preferiria ter a língua arrancada na raiz do que revelar a qualquer pessoa as razões daquelas cicatrizes,

mesmo que isso significasse deixar todo mundo com a conclusão de que ele fora chicoteado por causa de algum ato desonroso.

Eu estava tão acostumada ao fato de Jamie sempre se manter vestido com a camisa na presença de qualquer outra pessoa que nunca me ocorrera que obviamente os homens de Ardsmuir saberiam a respeito das cicatrizes em suas costas. E, ainda assim, ele as escondia e todos fingiam que elas não existiam — salvo Tom Christie.

— Humm — eu disse. — Bem... Maldito seja o sujeito, de qualquer modo. Por que ele diria tal coisa? Jamie deu uma risada curta.

— Porque ele não gostou que eu tivesse ficado vendo-o suar. Ele quis revidar um pouco, eu acho.

— Humm — eu disse outra vez, cruzando os braços no peito. — Já que mencionou isso... por que você fez isso? Se você sabia que ele não podia ver sangue e tudo o mais, quero dizer, por que permanecer aqui e vê-lo naquele estado? — Porque eu sei que ele não iria choramingar ou desmaiar, se eu ficasse aqui — ele respondeu. — Ele deixaria você enfiar agulhas em brasa nos olhos dele antes de gritar na minha frente.

— Ah, então você notou isso? — Bem, claro que sim, Sassenach. Por que você acha que eu fiquei aqui? Não que eu não aprecie suas habilidades, mas ver você costurar ferimentos não é realmente bom para a digestão. — Lançou um breve olhar ao pano descartado, manchado de sangue, e fez uma careta. — Acha que o café já esfriou a essa altura? — Vou esquentá-lo. — Enfiei a tesoura limpa de volta em seu estojo, depois esterilizei a agulha que eu usara, passei uma nova sutura de seda pelo buraco e guardei-a em sua jarra de álcool, ainda tentando dar sentido aos acontecimentos.

Guardei tudo de volta no armário, depois me virei para Jamie.

— Você não tem medo de Tom Christie, tem? — perguntei. Ele pestanejou, perplexo, depois riu.

— Santo Deus, não. O que a faz pensar isso, Sassenach? — Bem... a maneira como vocês dois agem às vezes. São como carneiros ariscos, batendo cabeça para ver quem é o mais forte.

— Oh, isso. — Abanou a mão, descartando a ideia. — Minha cabeça é muito mais dura do que a de Tom, e ele sabe muito bem disso.

Mas ele também não vai ceder e me seguir por aí como um carneirinho.

— Oh? Mas então o que você acha que estava fazendo? Não estava apenas torturando-o só para provar que podia, não é? — Não — ele disse, e sorriu para mim. — Um homem teimoso o suficiente para falar inglês com escoceses das Highlands na prisão por oito anos é um homem teimoso o bastante para lutar ao meu lado pelos próximos oito anos; isso é o que eu penso. Mas seria bom se ele próprio tivesse certeza disso.

Respirei fundo e suspirei, sacudindo a cabeça.

— Eu não compreendo os homens.

Isso o fez sacudir-se com uma risadinha, vinda do fundo do seu peito.

— Sim, entende sim, Sassenach. Você só gostaria de não entender.

O consultório estava limpo e arrumado outra vez, pronto para qualquer emergência que o dia seguinte pudesse trazer. Jamie pegou a lamparina, mas eu coloquei a mão em seu braço, interrompendo-o.

— Você me prometeu sinceridade — eu disse. — Mas tem absoluta certeza de que está sendo sincero consigo mesmo? Você não estava espezinhando Tom Christie só porque ele o desafia? Ele parou, os olhos límpidos e desprotegidos, a poucos centímetros dos

meus. Ergueu a mão e segurou minha face, a palma quente em minha pele.

— Há somente duas pessoas no mundo a quem eu jamais mentiria, Sassenach — ele disse ternamente. — Você é uma delas. Eu sou a outra.

Beijou-me delicadamente na testa, em seguida inclinou-se por cima de mim e apagou a lamparina com um sopro.

— Veja bem — sua voz veio da escuridão e eu vi sua figura alta em silhueta contra o retângulo de luz fraca da porta quando ele empertigou-se —, eu posso ser enganado. Mas não faria isso de propósito.

Roger mexeu-se um pouco e gemeu.

— Acho que você quebrou minha perna.

— Não quebrei — disse sua mulher, mais calma agora, mas ainda disposta a discutir. — Mas posso beijá-la, se você quiser.

— Isso seria bom.

Seguiu-se um tremendo ruge-ruge do colchão de palha de milho quando ela se colocou em posição de executar o tratamento, terminando com Brianna nua, montada em seu peito, e deixando-o com uma visão que o fez desejar que tivessem se dado ao trabalho de acender uma vela.

Ela estava de fato beijando suas canelas, o que fazia cócegas. Dadas as circunstâncias, entretanto, ele estava inclinado a aturar. Ele estendeu as duas mãos. Na falta de luz, ele podia usar braille.

— Quando eu tinha mais ou menos quatorze anos — ele disse sonhadoramente —, uma das lojas de Inverness tinha uma vitrine muito ousada, quer dizer, ousada para a época, onde se via o manequim de uma mulher usando apenas roupas íntimas.

— Hum? — Sim, uma cinta cor-de-rosa, ligas, tudo... com um sutiã combinando. Todo mundo ficou chocado. Houve manifestações de protesto e conclamaram todos os clérigos da cidade. No dia seguinte desfizeram a vitrine, mas, antes disso, toda



a população masculina de Inverness passou diante da loja, esforçando-se para parecer casual. Até este momento, eu sempre achei que aquilo foi a coisa mais erótica que eu já tinha visto.

Ela suspendeu as operações por um instante e ele achou, pelos movimentos, que ela olhava para ele por cima do ombro.

— Roger — ela disse pensativamente. — Eu realmente acho que você é um pervertido.

— Sim, mas um pervertido com excelente visão noturna.

Isso a fez rir — o que ele tentava conseguir desde que finalmente a fizera parar de espumar pela boca — e ele se ergueu ligeiramente, plantando um beijo em cada lado do proeminente objeto de seu afeto antes de se deixar cair de costas no travesseiro, satisfeito.

Ela beijou o joelho de Roger, depois abaixou a cabeça, encostando a face em sua coxa, de modo que seus cabelos espalharam-se sobre as pernas dele, frescos e macios como uma nuvem de fios de seda.

— Desculpe-me — ela disse docemente, após alguns instantes.

Ele fez um ruído dispensando o pedido de desculpas e deslizou a mão suavemente pela curva do seu quadril.

— Oh, não tem importância. Mas foi uma pena; eu queria ver o rosto deles quando vissem o que você tinha feito.

Ela soltou uma risada curta e a perna dele contorceu-se com o calor de seu hálito.

— Valia a pena ver a cara deles, de qualquer forma. — Ela soou um pouco indiferente. — E teria sido um verdadeiro anticlímax depois daquilo.

— Bem, nisso você tem razão — ele admitiu. — Mas você mostrará a eles amanhã, quando estiverem no estado de espírito apropriado para apreciá-lo adequadamente. Ela suspirou e beijou seu joelho outra vez.

— Eu não quis dizer aquilo — ela disse, após alguns instantes. — Insinuar que era culpa sua.

— Quis, sim — ele disse, serenamente, ainda acariciando-a. — Tudo bem. Provavelmente, você tem razão. — Era provável que tivesse.

Ele não ia fingir que não ficara magoado com o que ouvira, mas não iria se deixar levar pela raiva; isso não ajudaria nenhum dos dois.

— Você não pode saber. — Ela ergueu-se abruptamente, assomando como um obelisco em silhueta contra o retângulo pálido da janela. Girando uma das pernas agilmente por cima do corpo estendido de costas de Roger, ela resvalou para o lado dele. — O problema pode ser meu. Ou de nenhum de nós dois. Talvez simplesmente ainda não seja a hora certa.

Ele passou o braço ao redor dela e abraçou-a junto a si, em resposta.

— Qualquer que seja a causa, não vamos culpar um ao outro, certo? — Ela fez um pequeno ruído de concordância e aninhou-se mais junto a ele. Muito bem; mas não havia como ele mesmo não se culpar.

Os fatos eram bastante claros; ela ficara grávida de Jemmy após uma única noite — quer dele ou de Stephen Bonnet, ninguém sabia, mas só foi necessária uma vez. Ao passo que já vinham tentando nestes últimos meses e Jem estava parecendo cada vez mais um filho único. Talvez realmente lhe faltasse a centelha vital, como a sra. Bug e suas comadres especulavam.

Quem é seu pai? A frase ecoava zombeteiramente no fundo de sua mente — com sotaque irlandês.

Ele tossiu ruidosamente e acalmou-se, decidido a não ficar remoendo essa questão.

— Bem, desculpe-me também — ele disse, mudando de assunto. — Talvez você tenha razão quando diz que eu pareço

preferir que você cozinhe e limpe a ficar mexendo com seus equipamentos de química.

— É porque você realmente prefere — ela disse, sem rancor.

— Não é tanto pelo fato de não cozinhar como por atear fogo às coisas.

— Bem, então você vai adorar o próximo projeto — ela disse, roçando o nariz em seu ombro. — Tem a ver basicamente com água.

— Oh... ótimo — ele disse, embora até ele pudesse notar o tom de dúvida em sua voz. — Basicamente? — Há um pouco de terra envolvida também.

— Nada que pegue fogo? — Apenas madeira. Um pouco. Nada especial.

Ela corria os dedos lentamente pelo seu peito. Ele segurou sua mão e beijou as pontas dos dedos; eram lisos, mas calosos da constante fiação que ela fazia para mantê-los vestidos. — Mulher virtuosa, quem a achará? — ele citou. — O seu valor muito excede ao de rubis. Ela busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos. Faz para si cobertas de tapeçarias; seu vestido é de seda e púrpura.

— Eu adoraria encontrar alguma planta de tintura que me desse um verdadeiro púrpura — ela disse sonhadoramente. — Sinto falta das cores vivas. Lembra-se do vestido que eu usei para a festa do homem na lua? O preto, com as faixas fluorescentes cor-de-rosa e verde-limão? — Sim, era realmente inesquecível. — Particularmente, ele achava que as cores opacas do tecido feito em tear caseiro lhe caíam muito melhor; em saias cor de ferrugem e marrom, casacos em cinza e verde, ela parecia algum exótico e adorável líquen.

Tomado pelo desejo súbito de vê-la, ele estendeu a mão, tateando sobre a mesa ao lado da cama. A pequena caixa estava onde ela a jogara quando voltaram. Afinal, ela a fizera para ser usada no escuro; uma virada na tampa fez surgir um dos palitinhos

encerados, e ele sentiu na mão o frio da pequena fita de metal áspero, colada ao lado da caixa.

Um ruído arranhado que fez seu coração dar um salto com sua familiaridade simples e a minúscula chama apareceu com um sopro de enxofre — mágica.

— Não os desperdice — ela disse, mas sorriu apesar do protesto, encantada com a visão de como se sentira quando lhe mostrara pela primeira vez o que havia feito.

Seus cabelos estavam soltos e limpos, recém-lavados; brilhando acima da curva pálida de seu ombro, mechas caindo suavemente sobre seu peito, canela e âmbar e castanho e ouro, cintilantes à luz da chama.

— Ela não teme a neve em sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlate — ele disse suavemente, a mão livre à sua volta, o dedo torcendo um cacho junto ao seu rosto, enrolando os fios como a vira fiando.

As longas pestanas de Brianna cerraram-se parcialmente, como as de um gato tomando sol, mas o sorriso permaneceu na boca larga e macia — aqueles lábios que feriam depois curavam. A luz brilhava em sua pele, bronzeava a pequena pinta marrom sob sua orelha direita. Ele poderia ficar admirando-a para sempre, mas o fósforo já estava quase no fim.

Pouco antes de a chama tocar seus dedos, ela inclinou-se para frente e apagou-o com um sopro.

E na escuridão, em meio a filetes de fumaça, ela sussurrou em seu ouvido: — O coração de seu marido nela confia. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias de sua vida. Pronto.



## FEITIÇO

Tom Christie não voltou ao consultório, mas enviou sua filha, Malva, para pegar a pomada. A jovem era magra, de cabelos escuros e calada, mas parecia inteligente. Ela prestou muita atenção às perguntas que eu lhe fazia sobre o aspecto do ferimento — até então, tudo bem, um pouco de vermelhidão, mas nenhuma supuração, nenhum veio vermelho pelo braço — e lhe dava instruções sobre como aplicar a pomada e trocar o curativo.

— Muito bem, então — eu disse, dando-lhe a pomada. — Se ele começar a ter febre, venha me chamar. Caso contrário, faça-o voltar aqui dentro de uma "semana, para eu tirar os pontos.

— Sim, senhora, farei isso. — Entretanto, ela não se virou e foi embora, mas ficou por ali, o olhar flutuando pelos montículos de ervas secando nas prateleiras de gaze e pelos utensílios do consultório.

— Precisa de mais alguma coisa, querida? Ou teria alguma pergunta? — Ela parecia ter compreendido minhas instruções perfeitamente bem, mas talvez quisesse perguntar alguma coisa mais pessoal. Afinal, ela não tinha mãe...

— Bem, sim — ela disse, e balançou a cabeça na direção da mesa.

— Eu só estava me perguntando... o que é que você escreve no seu livro preto, madame? — Isto? Oh. São minhas anotações cirúrgicas e minhas fórmulas... hã... receitas, quero dizer, para

remédios. Está vendo? — Virei o livro e o abri de modo que ela pudesse ver a página onde eu havia feito um esboço do problema na boca da srta. Rata.

Os olhos cinzentos de Malva brilhavam de curiosidade e ela se inclinou para frente para ler, as mãos cuidadosamente cruzadas atrás das costas como se temesse tocar o livro acidentalmente.

— Tudo bem — eu disse, divertindo-me um pouco com sua cautela. — pode folhear, se quiser. — Empurrei o livro em sua direção e ela recuou um passo, assustada. Ergueu os olhos para mim, um ar de incerteza enrugando sua fronte, mas quando eu sorri para ela, deu um pequeno suspiro de empolgação e estendeu a mão para virar uma página.

— Oh, veja! — A página para onde ela retornara não era uma das minhas, mas de Daniel Rawlings, mostrava a remoção de uma criança morta do útero, por meio do uso de diversos instrumentos de dilatação e curetagem.

Lancei um olhar à página e imediatamente desviei os olhos. Rawlings não fora um artista, mas possuía um jeito brutal para transmitir a realidade de uma situação.

Malva, entretanto, não pareceu perturbada com os desenhos; seus olhos estavam arregalados de interesse.

Comecei a me interessar também, observando-a virar as páginas aleatoriamente sem que percebesse. Naturalmente, ela prestava mais atenção aos desenhos, mas parava para ler as descrições e receitas também.

— Por que você anota o que fez? — ela perguntou, levantando os olhos com as sobrancelhas erguidas. — As receitas, sim, compreendo que possa se esquecer de alguma coisa, mas por que faz esses desenhos e anotações sobre como você removeu um dedo do pé queimado pelo frio? Você faria diferente em uma próxima vez? — Bem, às vezes é preciso — eu disse, deixando de lado o talo de alecrim seco do qual eu retirava as agulhas. — A

cirurgia não é sempre igual todas as vezes. Cada corpo é um pouco diferente e, embora você possa adotar os mesmos procedimentos básicos inúmeras vezes, haverá dezenas de coisas que ocorrerão de maneira diferente; às vezes, coisas minúsculas, às vezes de grandes proporções.

"Mas eu mantenho um registro do que faço por várias razões", acrescentei, empurrando meu banquinho para trás e dando a volta à mesa para me colocar ao seu lado. Virei mais algumas páginas, parando no registro que eu mantinha das queixas da vovó MacBeth, uma lista tão extensa que eu a colocara em ordem alfabética para minha própria conveniência, começando com Artrite, todas as juntas, até Dispepsia, Dor de ouvido e Desmaios, e prosseguindo dessa forma por mais duas páginas, terminando com Útero, prolapso.

"Em parte, é para que eu saiba o que foi feito para uma determinada pessoa e o que aconteceu; desse modo, se ela precisar de um tratamento posterior, eu posso consultar e ter uma descrição exata do estado anterior. Para comparar, sabe?" Ela balançou a cabeça energicamente.

— Sim, compreendo. Assim, você pode saber se elas estão melhorando ou piorando. E para o que mais?

— Bem, a razão mais importante — eu disse devagar, buscando as palavras certas — é para que outro médico, alguém que possa vir depois, possa ler os registros e ver como eu fiz isso ou aquilo. Pode mostrar a eles uma maneira de fazer alguma coisa que eles próprios ainda não tenham feito, ou uma maneira melhor.

Ela franziu os lábios, com interesse. — Ooh! Você quer dizer que alguém poderia aprender com isto — ela tocou um dedo na página, delicadamente —, como fazer o que você faz? Sem ser aprendiz de um médico?

— Bem, é melhor se você tiver alguém para ensiná-la — eu disse, achando graça de sua ansiedade. — E há coisas que na

verdade não se pode aprender em um livro. Mas se não houver ninguém com quem aprender... — Olhei para fora da janela, para a vista de vegetação verde derramando-se pelas montanhas. — É melhor do que nada — concluí.

— Onde você aprendeu? — ela perguntou, curiosa. — Com este livro? Vejo que há outra caligrafia, além da sua. De quem é? Eu devia ter previsto que essa pergunta viria. Mas eu ainda não me adaptara à rapidez de pensamento de Malva Christie.

— Ah... eu aprendi com muitos livros — eu disse. — E com outros médicos.

— Outros médicos — ela repetiu, olhando para mim, fascinada.

Você se considera uma médica, então? Não sabia que mulheres pudessem ser médicas.

Pela razão bastante boa de que nenhuma mulher realmente se denominava médica ou cirurgiã atualmente — nem eram aceitas como tal.

Tossi.

— Bem... é um nome, só isso. Muitas pessoas apenas dizem "feiticeira" ou "curandeira". Ou banlichtne — acrescentei. — Mas é tudo igual, na verdade. O que importa é se eu sei alguma coisa que pode ajudá-las.

— Ban... — Ela tentou pronunciar a palavra desconhecida. — Nunca ouvi essa palavra antes.

— É gaélico. A língua dos escoceses das Highlands, sabe? Quer dizer "aquela que cura" ou algo assim.

— Oh, gaélico. — Uma expressão de leve desdém atravessou seu rosto; eu já esperava que ela tivesse absorvido a atitude de seu pai em relação à antiga língua das Highlands. No entanto, ela evidentemente viu alguma coisa em meu rosto, pois instantaneamente apagou qualquer traço de desdém de suas



próprias feições e inclinou-se sobre o livro outra vez. — Quem fez esses outros registros, então?

— Um homem chamado Daniel Rawlings. — Alisei uma página amassada, com o costumeiro sentimento de afeição pelo meu antecessor. — Era um médico da Virginia.

— Ele? — Ela ergueu os olhos, surpresa. — O mesmo que está enterrado no cemitério na montanha?

— Ah... sim, ele mesmo. — E a história de como ele foi parar lá não era algo que pudesse ser compartilhado com a srta. Christie. Olhei para fora da Janela, avaliando a luz. — Será que seu pai já não está querendo jantar?

— Oh! — Ela empertigou-se bruscamente, olhando para a janela também, com uma ligeira expressão de alarme. — Sim, deve estar. — Lançou um último olhar desejoso para o livro, mas logo alisou sua saia e arrumou a touca, pronta para partir. — Muito obrigada, sra. Fraser, por me mostrar o seu livro.

— Foi um prazer — afirmei sinceramente. — Pode vir quando quiser para olhá-lo. Na verdade... você. — Hesitei, mas resolvi continuar, encorajada pelo seu olhar de vivo interesse. — Vou tirar um tumor da orelha de vovó Macbeth amanhã. Gostaria de vir comigo, para ver como se faz? Seria uma ajuda para mim, ter mais um par de mãos — acrescentei, vendo uma dúvida repentina digladiar com o interesse em seus olhos.

— Oh, sim, sra. Fraser, eu gostaria muito! — ela disse. — Só que meu pai... — Pareceu nervosa ao dizer isso, mas depois resolveu tomar uma decisão. — Bem... eu virei. Tenho certeza de que posso convencê-lo.

— Ajudaria se eu lhe mandasse um bilhete? Ou fosse lá falar com ele? — De repente, eu queria muito que ela me acompanhasse.

Ela sacudiu levemente a cabeça.

— Não, madame, tenho certeza de que não será preciso. — Ela riu para mim repentinamente, os olhos cinzentos cintilando. — Direi a ele que dei uma olhada em seu livro preto e que não tem nada de feitiços nele, absolutamente, somente receitas de chás e purgantes. Mas acho melhor não mencionar os desenhos — ela acrescentou.

— Feitiços? — perguntei, incrédula. — Foi isso que ele pensou?

— Oh, sim — ela me assegurou. — Ele me avisou para não tocá-lo, para não ficar enfeitiçada.

— Enfeitiçada — murmurei, perplexa. Bem, Thomas Christie, afinal, era um professor. Na verdade, ele podia ter razão, pensei; Malva olhou de novo para trás, para o livro, quando eu a acompanhava até a porta, com uma visível expressão de fascínio no rosto.

*ANESTESIA*

Fechei os olhos e, mantendo a mão a uns trinta centímetros do meu rosto, trouxe-a delicadamente na direção do meu nariz, como um dos parfumeurs que vira em Paris, testando uma fragrância.

O cheiro atingiu-me em cheio como uma onda do mar e com mais ou menos o mesmo efeito. Meus joelhos dobraram-se, linhas negras contorceram-se em minha visão e parei de fazer qualquer distinção entre em cima e em baixo.

No que pareceu ser um instante depois, eu voltei a mim, deitada no chão do consultório com a sra. Bug fitando-me horrorizada.

— Sra. Claire! Está bem, mo gaolach? Eu a vi cair...

— Sim — respondi com um grasnido, sacudindo a cabeça cuidadosamente enquanto me erguia em um dos cotovelos. — Coloque... coloque a tampa. — Gesticulei desajeitadamente para o grande frasco aberto em cima da mesa, a tampa de cortiça ao lado. — Não aproxime o rosto! Com o rosto virado para o outro lado e contraído em uma careta de cautela, ela pegou a cortiça e tampou o frasco, com os braços estendidos.

— Cruzes, que negócio é esse? — ela disse, dando um passo para trás e fazendo caretas. Ela espirrou explosivamente em seu avental. — Nunca senti nada como esse cheiro, e santa Brígida sabe que já senti o cheiro de muita coisa horrível nesta sala! — Isso,

minha cara sra. Bug, é éter. — A sensação flutuante em minha cabeça já quase desaparecera, substituída pela euforia.

— Éter? — Ela olhava fascinada para a aparelhagem de destilação em minha bancada, o banho de álcool borbulhando delicadamente em seu grande balão de vidro sobre uma chama baixa e o óleo de vitríolo, posteriormente conhecido como ácido sulfúrico, deslizando lentamente pela tubulação inclinada, seu cheiro escaldante e maligno espreitando abaixo dos cheiros comuns de raízes e ervas do consultório. — Que extravagante! E o que é éter? — Faz as pessoas adormecerem, para que não sintam dor quando são cortadas — expliquei, entusiasmada com meu sucesso. — E eu sei exatamente em quem eu vou usá-lo primeiro! — Tom Christie? — Jamie repetiu. — Já disse isso a ele? — Disse a Malva. Ela vai tentar convencê-lo, amaciá-lo um pouco.

Jamie deu uma risadinha desdenhosa diante da ideia.

— Você poderia ferver Tom Christie no leite por quinze dias e ele ainda continuaria duro como uma pedra de moinho. E se você acha que ele vai dar ouvidos à conversa da filha sobre um líquido mágico que vai colocá-lo para dormir...

— Não, ela não vai lhe dizer nada sobre o éter. Eu direi — afirmei.

— Ela só vai importuná-lo sobre sua mão; convencê-lo de que tem que operá-la.

— Humm. — Jamie ainda parecia cético, embora, ao que parecia, não inteiramente por causa de Tom Christie.

— Esse éter que você fez, Sassenach. Será que você não vai matá-lo com isso? Eu havia, de fato, me preocupado consideravelmente com essa possibilidade real. Eu já fizera muitas operações onde o éter fora usado e era, de um modo geral, uma anestesia bastante segura. Mas éter feito em casa, administrado manualmente... e as pessoas realmente morriam de acidentes anestésicos, mesmo nos ambientes mais seguros, com anestesistas

competentes e todo tipo de equipamento de ressuscitação à mão. E eu me lembrei de Rosamund Lindsay, cuja morte acidental ainda assombrava meus sonhos de vez em quando. Mas a possibilidade de ter uma anestesia confiável para fazer cirurgia sem dor...

— Existe a possibilidade — admiti. — Não creio, mas sempre há algum risco. Mas vale a pena.

Jamie lançou-me um rápido olhar de desconfiança.

— Ah, é? E Tom também pensa assim? — Bem, descobriremos. Explicarei tudo cuidadosamente para ele e se ele não quiser... bem, não será feito. Mas espero que ele aceite! O canto da boca de Jamie curvou-se para cima e ele sacudiu a cabeça tolerantemente.

— Você parece o pequeno Jem com um brinquedo novo, Sassenach. Cuidado para que as rodas não se soltem.

Eu teria dado alguma resposta indignada ao seu comentário, mas já nos aproximáramos da cabana dos Bug e Archie Bug estava sentado em seu alpendre, fumando tranquilamente um cachimbo de barro. Tirou-o da boca e fez menção de se levantar ao nos ver, mas Jamie fez sinal para que permanecesse sentado.

— Ciamar a tha thu, a charaid? Arch respondeu com seu costumeiro "Mmhum", instilado com um tom de cordialidade e boas-vindas. Uma sobranceira branca erguida em minha direção e um pequeno movimento do cabo do cachimbo na direção da trilha indicaram que sua mulher estava em nossa casa, se era por ela que eu estava procurando.

— Não, só vou entrar no bosque para procurar algumas ervas — eu disse, erguendo meu cesto vazio como prova. — Mas a sra. Bug esqueceu seu trabalho de agulha... posso pegá-lo para ela? Ele assentiu, os olhos enrugando-se enquanto sorria em torno de seu cachimbo. Ele gentilmente mudou o magro traseiro de lugar para que eu pudesse passar por ele e entrar na cabana. Atrás de

mim, ouvi um "Mmhum?" de convite e senti as tábuas do alpendre rangerem quando Jamie sentou-se ao lado do sr. Bug.

Não havia janelas e fui obrigada a ficar parada por alguns instantes para que meus olhos se acostumassem à penumbra. No entanto, era uma cabana pequena e não levou mais do que meio minuto para eu divisar o que havia ali: pouco mais de uma cama, um baú de cobertas e uma mesa com dois banquinhos. A bolsa de costura da sra. Bug estava pendurada em um gancho na parede dos fundos e eu atravessei o aposento para pegá-la.

No alpendre atrás de mim, ouvi o murmúrio de conversa masculina, com destaque para o som bastante incomum da voz do sr. Bug. Ele podia e realmente falava, é claro, mas a sra. Bug era tão tagarela que, quando ela estava presente, a contribuição de seu marido em geral não passava de um sorriso e de um ou outro "mmhum" de concordância ou discordância.

— Esse Christie — o sr. Bug dizia agora, em um tom de voz meditativo. — Você o acha estranho, a Sheaumais? — Sim, bem, ele é das Lowlands — Jamie disse, com um perceptível movimento dos ombros.

Um "mmhum" divertido do sr. Bug indicou que essa era uma explicação perfeitamente suficiente, e foi seguido por ruídos de sucção de um cachimbo sendo encorajado a pegar.

Abri a bolsa, para ter certeza de que o trabalho de tricô estava lá dentro; de fato, não estava, e fui obrigada a vasculhar a cabana, apertando os olhos no escuro. Oh — lá estava; um montículo escuro e macio no canto, caído da mesa e jogado para o lado pelo pé de alguém.

— Ele é mais estranho do que deveria ser, Christie? — ouvi Jamie perguntar, o próprio tom de sua voz parecendo descontraído.

Olhei pela porta a tempo de ver Arch Bug balançar a cabeça para Jamie, embora não dissesse nada, empenhado em uma batalha feroz com seu cachimbo. No entanto, ele ergueu a mão direita e

balançou-a, exibindo os tocos dos dois dedos que lhe faltavam. — Sim — ele disse finalmente, soltando uma baforada triunfante de fumaça branca com a palavra. — Ele quis me perguntar se doeu muito quando isso foi feito.

Seu rosto enrugou-se como uma sacola de papel e ele soltou um pequeno zumbido — uma grande hilaridade para Archie Bug — Ah, é? E o que você lhe disse, então, Arch? — Jamie perguntou, esboçando um sorriso.

Pensativamente, Arch trouxe seu cachimbo, agora funcionando a pleno vapor, em seguida enrugou os lábios e soprou um pequeno e perfeito anel de fumaça.

— Bem, eu disse que não doeu nem um pouco, na época. — Parou, os olhos azuis cintilando. — Claro, isso pode ter sido porque eu estava completamente frio e apagado como um peixe com o choque. Quando voltei a mim, doeu um pouco. — Ele ergueu a mão, olhando-a imparcialmente, depois olhou pela porta, para mim. — Não pretende usar um machado no pobre Tom, não é, madame? Ele disse que a senhora está decidida a consertar a mão dele na semana que vem.

— Provavelmente, não. Posso ver? — Dei um passo para fora no alpendre, inclinando-me para ele, e ele me deixou segurar sua mão, obsequiosamente passando o cachimbo para a esquerda.

Os dedos indicador e médio haviam sido cortados com precisão, bem nas juntas. Era um ferimento muito antigo; tão antigo que perdera aquela aparência chocante comum às mutilações recentes, onde a mente ainda vê o que deveria estar ali, e tenta em vão, por um instante, reconciliar a realidade com a expectativa. Entretanto, o corpo humano é surpreendentemente plástico e compensa as partes faltantes da melhor forma possível; no caso de mão mutilada, a parte remanescente em geral sofre uma espécie sutil de deformação útil, para maximizar as funções que ainda restam.

Apalpei a mão cuidadosamente, fascinada. Os metacarpos dos dedos cortados estavam intactos, mas o tecido ao redor havia se encolhido e torcido, puxando ligeiramente para dentro essa parte da mão, de modo que os dois dedos restantes e o polegar pudessem trabalhar melhor juntos; eu já havia visto o velho Arch usar essa mão com absoluta graciosidade, segurando uma xícara para beber ou empunhando o cabo de uma pá.

As cicatrizes sobre os tocos dos dedos haviam se tornado pálidas e achatadas, formando uma superfície lisa e endurecida. As juntas remanescentes eram nodosas de artrite e a mão como um todo era tão deformada que, na verdade, já nem lembrava seu formato original — e, no entanto, não era nem um pouco repulsiva. Eu a sentia forte e quente na minha, e, na verdade, era estranhamente atraente, da mesma forma que um pedaço de madeira de naufrágio, desgastada pelo tempo, pode ser. — Foi feito com um machado, você disse? — perguntei, perguntando-me exatamente como ele conseguira infligir tal ferimento a si próprio, uma vez que ele era destro. Um deslizamento poderia ter talhado um braço ou uma perna, mas decepar dois dedos da mesma mão direita dessa forma... A compreensão do que acontecera se abateu aos poucos sobre mim e eu apertei sua mão involuntariamente. — Oh, não.

— Oh, sim — ele disse, exalando uma pluma de fumaça. Ergui os olhos, fitando diretamente os seus, azuis e brilhantes.

— Quem fez isso? — perguntei.

— Os Fraser — ele disse. Ele apertou minha mão delicadamente, retirou a sua e virou-a de um lado para o outro. Relanceou os olhos para Jamie.

— Não os Fraser de Lovat — assegurou-lhe. Bobby Fraser, de Glenhelm, e o sobrinho dele. Leslie, ele se chamava.

— Oh? Ainda bem — Jamie retrucou, uma das sobranceiras erguidas. — Não gostaria de saber que tivesse sido um parente



meu.

Arch sacudiu-se com uma risadinha, quase inaudível. Seus olhos ainda cintilavam em suas teias de pele enrugada, mas havia alguma coisa naquele riso que me fez querer recuar um passo.

— Não, não gostaria — ele concordou. — Nem eu. Mas isso ocorreu talvez no ano em que você nasceu, a Sheaumais, ou um pouco antes. E não há mais nenhum Fraser em Glenhelm agora.

A mão em si não me perturbava nem um pouco, mas a visão mental de como ficara assim estava me dando uma leve vertigem. Sentei-me ao lado de Jamie, sem esperar convite.

— Por quê? — perguntei sem rodeios. — Como? Ele aspirou com força seu cachimbo e soprou outro anel de fumaça.

Este atingiu os resquícios do primeiro e ambos se desintegraram em uma névoa de fumaça fragrante. Ele franziu um pouco o cenho e abaixou os olhos para a mão, agora pousada sobre o joelho.

— Ah, bem. Foi escolha minha. Éramos arqueiros, sabe — explicou-me. — Todos os homens do meu clã fomos criados para isso, desde pequenos. Ganhei meu primeiro arco aos três anos e já podia trespassar o coração de um tetraz a doze metros de distância aos seis.

Ele falou com um ar de orgulho simples, apertando um pouco os olhos para um pequeno bando de pombos que buscava alimento sob as árvores Próximas, como se estimasse a facilidade com que ele poderia ter abatido um deles.

— Eu ouvia meu pai falar dos arqueiros — Jamie disse. — Em Glenshiels. Muitos eram Grant ele dizia... e alguns Campbell. — Inclinou-se para a frente, os cotovelos nos joelhos, interessado na história, mas cauteloso. — Sim, éramos nós. — Arch soltava baforadas diligentemente, a fumaça subindo e rodeando sua cabeça. — Nós nos infiltrávamos pelo meio das folhagens à noite — ele explicou para mim — e nos escondíamos entre as pedras acima

do rio em Glenshiels, debaixo dos fetos e das sorveiras. Você podia ficar a um passo de distância e não nos ver, tão densa era a folhagem.

— Um pouco apertado — ele acrescentou confidencialmente a Jamie. — Você não podia ficar em pé para urinar e jantávamos, com um pouco de cerveja, antes de sairmos do outro lado da montanha. Todos agachados como mulheres, é como ficávamos. Tentando diabolicamente manter as cordas dos arcos secas em nossas camisas também, com a chuva caindo e gotejando em nossa nuca através das folhagens.

— Mas quando chegava o amanhecer — ele continuou alegremente —, nós esperávamos o sinal e as flechas voavam. Devo lhe dizer que era uma bela visão, nossas flechas chovendo como granizo das colinas sobre os pobres coitados acampados lá embaixo, perto do rio. Sim, seu pai lutou lá também, a Sheaumais — ele acrescentou, apontando o cabo de seu cachimbo para Jamie. — Ele era um daqueles perto do rio. — Um espasmo de risada silenciosa sacudiu-o.

— Não morriam de amores, então — Jamie retrucou, secamente. — Vocês e os Fraser.

O velho Arch sacudiu a cabeça, nem um pouco perturbado.

— Não — ele disse. Voltou sua atenção novamente para mim, um pouco mais sério.

— Assim, quando os Fraser capturavam um Grant sozinho em suas terras, era costume dar-lhe uma escolha. Podia perder o olho direito ou os dois dedos de sua mão direita. De qualquer modo, ele não poderia usar um arco novamente contra eles.

Ele esfregou a mão mutilada devagar, para cima e para baixo, em sua coxa como se seus dedos fantasmas se estendessem ansiosos pelo toque da corda vibrante de um arco. Em seguida, sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar a visão, e cerrou o punho. Virou-se para mim.

— Não estava pretendendo decepar os dedos de Christie, não é, sra. Fraser? — Não — eu disse, espantada. — Claro que não. Ele não acha...? Arch deu de ombros, as sobrancelhas brancas e peludas erguidas na fronte cada vez mais calva.

— Não posso afirmar, mas ele parecia muito transtornado com a ideia de ser cortado.

— Humm — eu disse. Eu teria que falar com Tom Christie. Jamie levantara-se para se despedir e eu o segui automaticamente, sacudindo minhas saias e tentando expulsar da minha cabeça a imagem mental da mão de um jovem, presa ao chão, e um machado mutilando-a. — Nenhum Fraser em Glenhelm, você disse? — Jamie perguntou pensativamente, abaixando os olhos para o sr. Bug. — Leslie, o sobrinho... ele seria o herdeiro de Bobby Fraser, não é? — Sim, seria. — O cachimbo do sr. Bug se apagara. Ele virou-o e bateu-o habilmente na quina do alpendre, tirando os resíduos de tabaco com perfeição.

— Ambos mortos juntos, não é? Lembro-me de meu pai contar isso certa vez. Encontrados num riacho, os dois com a cabeça arrebitada, disseram.

Arch Bug ergueu a cabeça para ele, pestanejando, as pálpebras abaixadas, como um lagarto, contra a claridade do sol.

— Bem, a Sheumais — ele disse —, um arco é como uma boa esposa, sabe? Conhece seu senhor e responde ao toque. Um machado, entretanto... — Sacudiu a cabeça. — Um machado é uma prostituta.

Qualquer homem pode usar um, e funciona bem com qualquer mão.

Ele soprou pelo cano do cachimbo para retirar os resquícios da cinza, limpou o forninho com o lenço e guardou o cachimbo cuidadosamente — com a mão esquerda. Riu para nós, os dentes remanescentes afiados e amarelados pelo tabaco.

— Vá com Deus, Seaumais mac Brian.

Mais tarde na semana, fui à cabana de Christie, para tirar os pontos da mão esquerda de Tom e explicar-lhe a respeito do éter. Seu filho, Allan, estava no quintal, afinando uma faca numa pedra de amolar movida a pedal. Ele sorriu e balançou a cabeça para mim, mas não falou, impossibilitado de ser ouvido acima do chiado estridente da pedra de amolar.

Talvez tenha sido aquele som, pensei, um momento mais tarde, que provocara as apreensões de Tom Christie.

— Decidi que devo deixar a minha outra mão como está — ele disse rigidamente, quando eu cortava o último ponto e o retirava.

Deixei de lado a pinça e fitei-o diretamente nos olhos.

— Por quê? Um leve rubor subiu às suas faces e ele levantou-se, erguendo o queixo e olhando por cima do meu ombro, de modo a não fitar meus olhos.

— Eu orei pensando nisso e cheguei à conclusão de que, se essa enfermidade é a vontade de Deus, então seria errado procurar mudar isso.

Tive que fazer um grande esforço para conter a ânsia de dizer "Pura besteira!".

— Sente-se — eu disse, respirando fundo. — E diga-me, por favor, exatamente por que acha que Deus quer que você ande por aí com a mão contorcida.

Ele realmente me olhou, então, surpreso e desconcertado. — Ora... não cabe a mim questionar os desígnios de Deus! — Oh, não? — eu disse tranquilamente. — Eu pensei que fosse isso que você estava fazendo no domingo passado. Ou não foi você quem eu ouvi, perguntando o que Deus estava pretendendo, deixando todos esses católicos florescerem como o loureiro verde? O pálido rubor intensificou-se consideravelmente.

— Acho que me compreendeu mal, sra. Fraser. — Ele empertigou-se ainda mais, a ponto de quase ficar inclinado para

trás. — O fato é que não solicitarei sua ajuda.

— É porque eu sou católica? — perguntei, acomodando-me no banco e entrelaçando as mãos no joelho. — Acha que talvez eu vá me aproveitar do senhor e batizá-lo na igreja de Roma enquanto estiver desprevenido? — Eu fui adequadamente batizado! — retrucou rispidamente. — E agradeço se guardar suas ideias papistas para si mesma! — Eu tenho um acordo com o papa — eu disse, enfrentando seu olhar. — Eu não publico nenhuma bula sobre questões de doutrina e ele não faz nenhuma cirurgia. Agora, quanto a sua mão...

— A vontade de Deus — ele começou teimosamente.

— Foi vontade de Deus que sua vaca caísse no barranco no mês passado e quebrasse a perna? — eu o interrompi. — Porque, se foi, então provavelmente deveria tê-la deixado lá para morrer, em vez de mandar chamar meu marido para ajudá-lo a tirá-la de lá e depois deixado que eu consertasse a perna dela. Como está ela, por falar nisso? Eu podia ver a vaca em questão pela janela, pastando tranquilamente no quintal, e evidentemente despreocupada tanto com o bezerro que mamava quanto com a tala que eu atara à sua perna para dar suporte ao osso quebrado.

— Ela vai bem, obrigado. — Sua voz começava a soar um pouco estrangulada, embora sua camisa estivesse aberta na gola. — Isso é...

— Muito bem, então — eu disse. — Você acha que Deus o considera menos merecedor de ajuda médica do que sua vaca? Parece-me improvável, considerando-se o que Ele disse em relação aos pardais e tudo o mais.

A essa altura, seu pescoço adquirira um tom roxo escuro, e ele agarrou a mão defeituosa com a mão saudável, como se quisesse protegê-la de mim.

— Vejo que já ouviu um pouco da Bíblia — ele começou, com muita arrogância.

— Na verdade, eu mesma a li — eu disse. — Sei ler muito bem, você sabe.

Ele abanou a mão, desdenhando a observação, uma turva luz de triunfo brilhando nos olhos.

— De fato. Então, tenho certeza de que leu a Carta de são Paulo a Timóteo, em que ele diz Que as mulheres permaneçam em silêncio... Eu já havia, de fato, me deparado com são Paulo e suas opiniões, mas tinha algumas próprias.

— Creio que são Paulo se deparou com uma mulher que podia ganhar uma discussão com ele — eu disse, não sem compaixão. — É mais fácil tentar calar todas as mulheres do que provar seu argumento com justiça. Mas eu esperava mais de você, sr. Christie.

— Mas isso é blasfêmia! — ele disse, arfando, obviamente chocado.

— Não é — revidei —, a menos que esteja dizendo que são Paulo na verdade é Deus, e, se estiver, então eu acho que isso é blasfêmia. Mas não vamos ficar nesse jogo de palavras — eu disse, ao ver seus olhos começarem a se arregalar. — Deixe-me... — Levantei-me do meu banquinho e dei um passo à frente, ficando a uma distância que me seria possível tocá-lo. Ele recuou tão apressadamente que se chocou com a mesa e quase a virou, jogando a cesta de costura de Malva, um jarro de leite de cerâmica e um prato de estanho no chão com grande estrondo.

Abaixei-me agilmente e agarrei a cesta de costura, a tempo de impedir que fosse encharcada com o jorro de leite. O sr. Christie havia agarrado um pedaço de pano da lareira e se abaixado para enxugar o leite com a mesma rapidez. Por pouco nossas cabeças não se chocaram, mas de fato colidimos um com o outro e eu perdi o equilíbrio, caindo com força sobre ele. Ele segurou-me pelos braços, por reflexo, deixando o pano cair, em seguida

apressadamente me soltou e retraiu-se, deixando-me oscilando em meus joelhos.

Ele também estava de joelhos, respirando pesadamente, mas agora a uma boa distância.

— A verdade é que — eu disse com ar severo, apontando-lhe o dedo — você está com medo.

— Não estou! — Está, sim. — Levantei-me, recoloquei a cesta de costura na mesa e empurrei o pano delicadamente para a poça de leite com o pé. — Está com medo de que eu vá machucá-lo... mas não vou — assegurei-lhe. — Tenho um remédio chamado éter, ele fará você dormir e você não vai sentir nada.

Ele pestanejou.

— E talvez esteja com medo de que vá perder alguns dedos ou o pouco uso que tem da mão.

Ele ainda estava ajoelhado junto à lareira, os olhos erguidos para mim.

— Não posso de forma alguma garantir que isso não aconteça — eu disse. — Eu não acho que vá acontecer... mas o homem propõe e Deus dispõe, não é? Ele balançou a cabeça, bem devagar, mas não disse nada. Respirei fundo, por enquanto sem mais argumentos.

— Eu acho que posso consertar sua mão — eu disse. — Não posso garantir. As vezes, coisas acontecem. Infecções, acidentes... algo inesperado. Mas... Estendi a mão para ele, indicando sua mão aleijada. Movendo-se como um pássaro hipnotizado, preso ao olhar de uma cobra, ele estendeu o braço e deixou que eu a pegasse. Segurei-o pelo pulso e puxei-o, colocando-o de pé; levantou-se facilmente e ficou parado diante de mim, deixando-me segurar sua mão.

Tomando sua mão entre as minhas, pressionei os dedos torcidos para trás, esfregando delicadamente meu polegar sobre a aponeurose palmar enrijecida que prendia os tendões. Podia senti-

la com clareza, podia ver mentalmente a maneira exata como eu deveria tratar o problema, onde pressionar com o bisturi, como a pele endurecida se abriria. O comprimento e a profundidade da incisão em Z que iria libertar sua mão e torná-la útil outra vez.

— Já fiz isso antes — eu disse serenamente, pressionando para sentir os ossos ao fundo. — Posso fazê-lo de novo, se Deus quiser. Você me permite? Ele era apenas alguns centímetros mais alto do que eu; fitei-o nos olhos, enquanto continuava segurando sua mão. Eram cinza-claros, contundentes, e examinavam meu rosto com algo entre medo e desconfiança — mas com alguma coisa mais ao fundo. Repentinamente, tomei consciência de sua respiração, baixa e ritmada, e senti o calor de seu hálito em minha face.

— Está bem — ele disse finalmente, a voz rouca. Retirou a mão das minhas, não bruscamente, mas quase com relutância, e ficou parado, embalando-a com a mão saudável. — Quando? — Amanhã — eu disse —, se o tempo estiver bom. Vou precisar de bastante luz — expliquei, vendo seu olhar de espanto. — Venha de manhã, mas não faça o desjejum.

Peguei meu estojo, balancei a cabeça rapidamente num cumprimento de despedida e saí, sentindo-me um pouco tonta.

Allan Christie acenou alegremente para mim quando eu saía e continuou com seu trabalho.

— Acha que ele virá? — Já havíamos tomado o café da manhã e ainda nenhum sinal de Thomas Christie. Após uma noite maldormida, em que sonhei repetidamente com máscaras de éter e desastres cirúrgicos, eu não tinha certeza se queria que ele viesse ou não.

— Sim, ele virá. — Jamie lia o North Carolina Gazette, de quatro meses atrás, enquanto mastigava o restante de uma torrada de canela da sra. Bug. — Olhe, eles publicaram uma carta do governador a lorde Dartmouth, dizendo que bando rebelde de filhos da mãe subversivos, ladrões e conspiradores nós todos somos



e pedindo ao general Gage para enviar-lhe um canhão para nos ameaçar e nos obrigar a um bom comportamento. Será que MacDonald sabe que isso é de conhecimento público? — É mesmo? — eu disse, distraidamente. Levantei-me e peguei a máscara de éter da qual eu não tirara os olhos durante todo o café da manhã. — Bem, se ele realmente vem, acho que é melhor eu me aprontar.

Eu tinha a máscara de éter que Bri fizera para mim e a garrafa de gotejamento pronta no meu consultório, ao lado da fileira de instrumentos de que eu iria necessitar para a cirurgia em si. Insegura, peguei a garrafa, destampeei-a e abanei a mão pela boca da garrafa, enviando vapores na direção do meu nariz. O resultado foi uma tranquilizadora onda de tontura que embaçou minha visão por um instante. Quando clareou, eu tampei novamente a garrafa e a devolvi ao seu lugar, sentindo-me mais confiante.

Bem a tempo. Ouvi vozes nos lados da casa e passos no corredor.

Virei-me esperançosamente e me deparei com o sr. Christie fitando-me furiosamente da porta, a mão protetoramente junto ao peito.

— Mudei de ideia. — Christie abaixou as sobrancelhas ainda mais, para enfatizar sua posição. — Considerarei a questão e orei, e não devo permitir que empregue suas asquerosas poções em mim.

— Seu ignorante — eu disse, extremamente irritada. Levantei-me e devolvi o olhar furioso. — Qual é o seu problema? Ele pareceu desconcertado, como se uma cobra na grama aos seus pés tivesse ousado se dirigir a ele.

— Não há absolutamente nada de errado comigo — ele disse, rispidamente. Levantou o queixo agressivamente, apontando a barba curta para mim. — Qual é o seu problema, madame? — E eu que pensava que somente os escoceses das Highlands fossem teimosos como uma pedra! Ele pareceu insultado com a

comparação, mas, antes que pudesse atacar-me ainda mais, Jamie enfiou a cabeça no consultório, atraído pelos sons de alteração.

— Algum problema? — perguntou educadamente.

— Sim! Ele se recusa...

— Há, sim. Ela insiste...

As palavras se confundiram e nós dois paramos, fitando-nos com raiva. Jamie olhou de mim para o sr. Christie, depois para todo o aparato sobre a mesa. Lançou os olhos para o céu, como se implorasse orientação divina, depois esfregou um dedo pensativamente embaixo do nariz.

— Sim — ele disse. — Bem. Você quer que sua mão seja consertada, Tom? Christie continuou com ar de mula empacada, embalando a mão protetoramente contra o peito. Após um instante, entretanto, ele balançou a cabeça devagar.

— Sim — ele disse. Lançou-me um olhar profundamente desconfiado. — Mas não quero ouvir nada dessas baboseiras papistas sobre isso! — Papista? — Jamie e eu perguntamos ao mesmo tempo, Jamie parecendo meramente intrigado, e eu profundamente exasperada.

— Sim, e você também não pense que pode me ludibriar, Fraser! Jamie lançou-me um olhar do tipo "Eu bem que a avisei, Sassenach", mas se preparou para tentar.

— Bem, você sempre foi um sujeito esquisito, Tom — ele disse, brandamente. — Você pode ir em frente, se lhe aprouver, é claro, mas posso lhe garantir por experiência própria que dói muito.

Achei que Christie empalideceu um pouco.

— Tom. Olhe. — Jamie indicou com a cabeça a bandeja de instrumentos: dois bisturis, uma sonda, tesouras, fórceps e duas agulhas de sutura, já com fio e boiando numa jarra de álcool. Brilhavam opacamente à luz do sol. — Ela pretende cortar sua mão, hein? — Eu sei disso — Christie rebateu asperamente, embora seus olhos se desviassem do sinistro conjunto de instrumentos afiados.

— Sim, sabe. Mas não faz a menor ideia de como é. Eu sei como é.

Está vendo aqui? — Ele ergueu a mão direita, as costas da mão viradas para Christie e balançou-a. Naquela posição, com o sol da manhã batendo em cheio sobre ela, as finas cicatrizes brancas que se entrelaçavam em seus dedos destacavam-se contra a pele bronzeada.

— Isso realmente doeu — afirmou para Christie. — Você não vai querer fazer uma coisa assim, e há uma escolha, você sabe.

Christie mal olhou para a mão. Claro, pensei, ele estaria familiarizado com a aparência dela; ele vivera ao lado de Jamie por três anos.

— Já tomei minha decisão — Christie disse com dignidade. Sentou-se na cadeira e colocou a mão com a palma para cima sobre o guardanapo.

Toda cor desaparecera de seu rosto e a mão livre estava cerrada com tanta força que tremia.

Jamie olhou para ele por baixo das sobrelanceiras pesadas por um instante, depois suspirou.

— Sim. Espere um momento, então.

Obviamente, não fazia sentido continuar argumentando e não me dei ao trabalho de tentar. Tirei a garrafa de uísque medicinal que eu guardava na prateleira e servi uma boa dose em um copo.

— Toma um pouco de vinho por causa do teu estômago — eu disse, enfiando o copo com firmeza em sua mão virada para cima. — Nosso conhecido, são Paulo. Se está certo beber por causa do estômago, sem dúvida você pode tomar um pouco por causa de sua mão.

A boca de Christie, soturnamente comprimida na expectativa, abriu-se com surpresa. Olhou do copo para mim, depois novamente para o copo. Engoliu em seco, balançou a cabeça

e levou o copo aos lábios. Antes que tivesse terminado, entretanto, Jamie voltou, segurando uma Bíblia pequena e surrada, que enfiou sem a menor cerimônia na mão de Christie.

Christie pareceu surpreso, mas segurou o livro à sua frente, apertando os olhos para ver o que era. BÍBLIA SAGRADA estava impresso na capa deformada, Versão do Rei Jaime.

— Aceita-se ajuda de onde vier, não? — Jamie disse, um pouco bruscamente.

Christie lançou-lhe um olhar incisivo, depois balançou a cabeça, um débil sorriso passando por sua barba como uma sombra.

— Obrigado, senhor — ele disse. Pegou seus óculos no casaco e colocou-os, depois abriu o pequeno livro com grande cuidado e começou a folheá-lo, evidentemente à procura de uma inspiração adequada para se submeter a uma cirurgia sem anestesia.

Lancei um longo olhar a Jamie e ele, em resposta, deu de ombros, com um movimento quase imperceptível. Não era simplesmente uma Bíblia. Era uma Bíblia que um dia pertencera a Alexander MacGregor.

Jamie a tinha desde muito jovem, quando estava preso em Fort William pelo capitão Jonathan Randall. Açoitado uma vez e esperando para ser novamente açoitado, assustado e sofrendo dores terríveis, fora aprisionado em uma solitária, sem nenhuma companhia, a não ser seus pensamentos — e esta Bíblia, dada a ele pelo médico da guarnição pelo conforto que pudesse oferecer.

Alex MacGregor fora outro jovem prisioneiro escocês — alguém que preferira morrer pelas próprias mãos a sofrer novas atenções do capitão Randall. Seu nome estava escrito no interior do livro, numa caligrafia clara e um pouco esparramada. A pequena Bíblia não era estranha ao medo e ao sofrimento, e, se não era o

éter, eu esperava que ela ainda possuísse seu próprio poder de aplacar a dor.

Christie encontrou algo que lhe agradava. Limpou a garganta, endireitou-se na cadeira e colocou a mão sobre a toalha, a palma para cima, de um modo tão cândido que eu me perguntei se ele havia escolhido a passagem em que os macabeus voluntariamente apresentam as mãos e a língua para amputação ao rei pagão.

Entretanto, uma olhadela por cima de seu ombro mostrou que ele estava em algum ponto dos Salmos.

— Quando lhe for conveniente, então, sra. Fraser — Christie disse educadamente.

Se ele não iria ficar inconsciente, eu precisava de um pouco mais de preparação. Tudo bem com a bravura masculina, assim como inspiração bíblica, mas há relativamente poucas pessoas capazes de permanecerem sentadas, imóveis, enquanto cortam sua mão, e eu não achava que Tom Christie fosse uma delas.

Eu possuía um bom suprimento de ataduras de linho para a bandagem. Enrolei a manga de sua camisa para cima, depois usei algumas das tiras para amarrar seu antebraço à mesinha, com mais uma tira segurando os dedos tortos para trás, liberando o local da operação.

Embora Christie parecesse um pouco chocado com a ideia de tomar bebida alcoólica enquanto lia a Bíblia, Jamie — e provavelmente a visão dos bisturis expostos — convenceram-no de que as circunstâncias justificavam o fato. Ele havia consumido uma boa parte da dose quando eu já o tinha firmemente preso e a palma de sua mão cuidadosamente limpa com álcool puro, e parecia bem mais relaxado do que ao chegar.

Essa sensação de relaxamento desapareceu bruscamente quando fiz a primeira incisão.

Ele soltou a respiração com um jato sibilante e arqueou o corpo para fora da cadeira, dando um safanão na mesa, que guinchou pelo assoalho.

Agarrei seu pulso a tempo de impedir que ele arrancasse as tiras que o prendiam e Jamie segurou-o pelos ombros, pressionando suas costas contra a cadeira.

— Vamos, vamos — Jamie disse, apertando-o com força. — Você consegue, Tom. Sim, vai conseguir.

O suor porejava de todo o rosto de Christie e seus olhos arregalavam-se por trás das lentes dos óculos. Ele engasgou-se, engoliu em seco, deu uma rápida olhada na mão, que sangrava, depois desviou rapidamente o olhar, branco como um lençol.

— Se vai vomitar, sr. Christie, faça isso lá, está bem? — eu disse, empurrando um balde vazio para ele com o pé. Eu ainda segurava seu pulso com uma das mãos, a outra pressionando uma compressa de gaze esterilizada com força sobre a incisão.

Jamie ainda falava com ele como alguém tentando acalmar um cavalo. Christie estava rígido, mas respirando com força, o corpo todo trêmulo, inclusive o membro em que eu estava trabalhando.

— Devo parar? — perguntei a Jamie, fazendo uma rápida inspeção de Christie. Eu podia sentir sua pulsação martelando com força no pulso que eu segurava. Ele não estava em choque, inteiramente, mas era óbvio que não estava se sentindo nada bem.

Jamie sacudiu a cabeça, os olhos no rosto de Christie.

— Não. Uma vergonha desperdiçar todo esse uísque, hein? E ele não vai querer passar por toda a espera outra vez. Tome, Tom, tome outra dose; vai lhe fazer bem. — Pressionou o copo nos lábios de Christie e Christie sorveu um grande gole sem hesitação. Jamie soltara os ombros de Christie quando ele se acalmou; agora, ele segurou firmemente o antebraço de Christie com uma das mãos.

Com a outra, pegou a Bíblia, que caíra no chão e abriu-a.

— A mão direita do Senhor é exaltada! — leu, estreitando os olhos para o livro, por cima do ombro de Christie. — A mão direita do Senhor age com poder! Bem, isso é apropriado, não? — Abaixou os olhos para Christie, que havia sucumbido, a mão livre cerrada contra a barriga.

— Continue — Christie disse, a voz rouca.

— Não morrerei; antes viverei e contarei as obras do Senhor — Jamie continuou, a voz baixa, mas firme. — O Senhor me castigou severamente, mas não me entregou à morte.

Christie pareceu achar a passagem alentadora; sua respiração acalmou-se um pouco.

Eu não podia desperdiçar tempo olhando para ele, e seu braço, seguro pela mão de Jamie, estava rígido como madeira. Ainda assim, ele começava a murmurar juntamente com Jamie, pegando uma e outra palavra.

— Abre-me as portas da justiça... Graças Te dou porque me ouviste...

Eu já conseguira expor a aponeurose e podia ver claramente o espessamento. Um talhe mínimo do bisturi libertou sua ponta; em seguida, um corte fundo pelo tecido fibroso... o bisturi atingiu o osso e Christie soltou uma arfada.

— O Senhor é Deus, e nos concede a luz; ata a vítima da festa com cordas às pontas do altar... — Eu podia perceber um tom de humor na voz de Jamie enquanto lia essa parte, e senti o movimento de seu corpo quando ele olhou para mim.

Eu realmente parecia estar sacrificando alguma coisa; as mãos não sangram tão profusamente quanto ferimentos na cabeça, mas há muitos vasos pequenos na palma da mão e eu apressadamente enxugava o sangue com uma das mãos, enquanto trabalhava com a outra; compressas de gaze embebidas de sangue amontoavam-se sobre a mesa e no chão à minha volta.

Jamie folheava a Bíblia para frente e para trás, escolhendo trechos das Escrituras aleatoriamente, mas Christie acompanhava-o agora, repetindo as palavras com ele. Olhei furtivamente para ele; continuava pálido e seu pulso retumbando, mas a respiração melhorara. Ele estava obviamente recitando de cor; as lentes de seus óculos estavam embaçadas.

O tecido que prendia os dedos já estava completamente exposto agora e eu aparava as minúsculas fibras da superfície do tendão. Os dedos em garra torceram-se e os tendões expostos moveram-se repentinamente, prateados como peixes em disparada. Agarrei os dedos que se torciam debilmente e apertei-os com força. — Você não pode se mexer — eu disse. — Preciso de ambas as mãos; não posso ficar segurando a sua.

Eu não podia erguer os olhos, mas percebi quando ele assentiu, e soltei seus dedos. Com os tendões brilhando opacamente em seus assentamentos, removi as últimas partículas da aponeurose, borrifei o ferimento com uma mistura de álcool e água destilada para desinfetar, e comecei a fechar as incisões.

As vozes dos homens não passavam de murmúrios, um sussurro baixo ao qual eu não prestara nenhuma atenção, absorta como estava na operação. No entanto, quando relaxei minha concentração e comecei a sutura das incisões, comecei a percebê-las novamente.

— O Senhor é meu pastor, nada me faltará...

Ergui os olhos, enxugando a transpiração da minha testa com a manga do vestido e vi que Thomas Christie agora segurava a pequena Bíblia, fechada e pressionada contra o corpo com a mão livre. Seu queixo estava enfiado com força no peito, os olhos firmemente cerrados e o rosto contorcido de dor.

Jamie ainda segurava com força o braço amarrado, mas colocara a outra mão no ombro de Christie, a própria cabeça



inclinada perto da cabeça de Christie; seus olhos, também, estavam fechados, conforme ele murmurava as palavras.

— Sim, ainda que eu ande pelo vale das sombras da morte, não temerei mal algum...

Arrematei a última sutura com um nó, cortei o fio e, no mesmo movimento, cortei com a tesoura as tiras de linho que prendiam Christie e soltei a respiração que andara prendendo. As vozes dos homens pararam abruptamente.

Ergui a mão, enrolei-a em nova atadura e pressionei os dedos em garra delicadamente para trás, endireitando-os.

Os olhos de Christie abriram-se, muito devagar. Suas pupilas estavam dilatadas e escuras por trás das lentes, enquanto ele piscava, olhando para sua mão. Sorri para ele, batendo muito delicadamente nela.

— A Tua bondade e misericórdia hão de me seguir por todos os dias de minha vida — eu disse suavemente. — E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.

*NÃO ME TOQUE*

A pulsação de Christie estava um pouco rápida, mas forte. Depositei na mesa o pulso que estivera segurando e coloquei as costas da mão em sua testa.

— Você está um pouco febril — eu disse. — Tome, beba isto. — Coloquei a mão em suas costas para ajudá-lo a sentar-se ereto na cama, o que o assustou. Sentou-se com um alvoroço de cobertas, prendendo a respiração com força ao esbarrar a mão ferida.

Educadamente, fingi não notar seu embaraço, que atribuí ao fato de que ele estava de camisa e eu em minhas roupas de dormir. Estas eram bem recatadas, sem dúvida alguma, com um xale leve cobrindo minha camisola de linho, mas eu tinha quase certeza de que ele não se aproximara de nenhuma mulher desde que a esposa falecera — se é que o fizera então.

Murmurei alguma coisa sem sentido, segurando a xícara de chá de confrei para ele, enquanto ele bebia, depois ajeitei seus travesseiros de maneira confortável, mas impessoal.

Em vez de enviá-lo de volta à sua própria cabana, insisti para que passasse a noite ali, para que eu pudesse ficar de olho nele, no caso de uma infecção pós-operatória. Intransigente como ele era por natureza, eu de modo algum confiaria em que ele iria

seguir minhas instruções e não alimentar porcos, cortar lenha ou limpar o traseiro com a mão operada.

Eu não iria perdê-lo de vista até que a incisão começasse a granular — o que deveria acontecer até o dia seguinte, se tudo corresse bem.

Ainda abalado com o choque da cirurgia, ele não se fizera de rogado, e a sra. Bug e eu o colocamos na cama no quarto dos Wemyss, o sr. Wemyss e Lizzie tendo ido visitar os McGillivray.

Eu não tinha nenhum láudano, mas fizera Christie tomar uma forte infusão de valeriana e erva-de-são-joão, e ele dormira a maior parte da tarde. Recusara-se a jantar, mas a sra. Bug, que aprovava o sr. Christie, ocupara-se durante todo o início da noite em oferecer-lhe grogue quente, gemada e outros elixires nutritivos — todos contendo um alto percentual de álcool. Em consequência, ele parecia meio zozzo, bem como afogueado, e não fez nenhum protesto quando peguei a mão enfaixada e aproximei a vela para examiná-la.

A mão estava inchada, o que era de se esperar, mas não excessivamente. Ainda assim, a atadura estava apertada e penetrando na carne desconfortavelmente. Cortei-a com a tesoura e, segurando cuidadosamente no lugar o curativo com mel que cobria o corte, ergui a mão e a cheirei.

Eu podia sentir o cheiro de mel, sangue, ervas e o cheiro ligeiramente metálico de carne recém-cortada — mas nenhum bafo adocicado de pus. Ótimo. Pressionei cuidadosamente perto do curativo, buscando sinais de dor aguda ou veios vermelhos na pele, mas, salvo uma sensibilidade aceitável, vi apenas um pequeno grau de inflamação.

Ainda assim, ele estava febril; era preciso ficar atenta. Peguei uma nova atadura e enrolei-a cuidadosamente sobre o curativo, terminando com um nó perfeito nas costas da mão.

— Por que você nunca usa uma touca adequada ou um lenço de cabeça? — ele deixou escapar.

— O quê? — Ergui os olhos, surpresa, tendo me esquecido temporariamente do homem ligado à mão. Coloquei a mão livre na cabeça. — Por que deveria? As vezes, eu trançava meus cabelos antes de ir para a cama, mas esta noite não o fizera. Entretanto, eu os escovara, e eles flutuavam, soltos, ao redor dos meus ombros, cheirando agradavelmente a infusão de flores de urtiga e hissopo com que os penteara para evitar piolhos.

— Por quê? — Sua voz se ergueu um pouco. — Toda mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta desonra sua cabeça: é como se estivesse com a cabeça raspada.

— Ah, estamos de volta a Paulo? — murmurei, retornando minha atenção à sua mão. — Não lhe ocorre que esse homem preferia ter uma abelha no boné no que dizia respeito a mulheres? Além do mais, não estou rezando no momento e quero ver como esse corte se comporta de um dia para o outro, antes de me arriscar a dar uma opinião sobre isso.

Até agora, entretanto, parece...

— Seu cabelo. — Ergui os olhos e me deparei com ele fitando-me, a boca curvada para baixo em desaprovação. — E... — Fez um movimento vago ao redor de sua própria cabeça tosada. — E...

Ergui as sobrancelhas para ele.

— E uma vasta cabeleira — ele terminou, um pouco frouxamente.

Olhei-o por um instante, depois larguei sua mão e peguei a pequena Bíblia verde, em cima da mesa.

— Coríntios, não é? Humm, oh, sim, aqui está. — Empertiguei-me e li o verso. — Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o homem ter cabelo comprido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi

dado em lugar de véu. — Fechei o livro com um estalo e recolquei-o na mesa.

— Poderia atravessar o patamar e explicar ao meu marido como o cabelo dele é vergonhoso? — perguntei educadamente. Jamie fora dormir. Podia-se ouvir um ronco leve, rítmico, vindo do nosso quarto.

— Ou acha que ele já sabe disso? Christie já estava ruborizado da febre e das bebidas; com isso, um vermelho escuro, arroxeadado, cobriu-o do peito à raiz dos cabelos. Sua boca moveu-se, abrindo e fechando sem emitir nenhum som. Não esperei até ele decidir o que dizer, mas simplesmente retornei minha atenção à sua mão.

— Agora — eu disse com firmeza —, você precisa exercitar a mão regularmente, para garantir que os músculos não se contraíam à medida que se curam. Será doloroso no começo, mas é absolutamente indispensável. Deixe-me mostrar-lhe.

Segurei seu dedo anelar, logo abaixo da primeira articulação, e mantendo o dedo reto, dobrei ajunta superior um pouco para dentro.

— Está vendo? Agora, faça você. Segure com a outra mão e em seguida tente dobrar apenas esta junta. Sim, isso mesmo. Sente puxar, pela palma da mão? É disso que precisamos. Agora, faça isso com o dedo mínimo... sim. Sim, muito bem! Ergui os olhos e sorri para ele. O rubor esmaecera um pouco, mas ele ainda parecia completamente desconcertado. Ele não me devolveu o sorriso, mas desviou os olhos apressadamente e abaixou-os para a mão.

— Certo. Agora, espalme a mão aberta sobre a mesa. Isso mesmo.

Agora, tente erguer apenas o quarto dedo e o dedo mínimo. Sim, sei que não é fácil. Mas continue tentando. Está com fome, sr. Christie? Seu estômago roncara audivelmente, surpreendendo tanto a ele quanto a mim.

— Acho que devo comer — balbuciou, franzindo o cenho para sua mão pouco cooperativa.

— Vou buscar alguma coisa. Continue tentando esses exercícios um pouco mais, está bem? A casa estava em silêncio, preparada para a noite. Quente como estava, as persianas foram deixadas abertas e o luar que entrava pelas janelas tornava desnecessário acender uma vela. Uma sombra destacou-se da escuridão em meu consultório e seguiu-me pelo corredor até a cozinha — Adso, deixando de lado sua caçada noturna de ratos, na esperança de uma presa mais fácil.

— Olá, gato — eu disse, quando ele deslizou pelos meus cotovelos e entrou na despensa. — Se pensa que vai comer o presunto, é melhor pensar duas vezes. O máximo que pode obter de mim é um pires de leite.

— A jarra de leite era de cerâmica branca com uma listra azul ao redor, uma sombra pálida, achatada, flutuando na escuridão. Enchi um pires e coloquei-o no chão para Adso, depois comecei a preparar uma refeição leve, ciente de que as expectativas escocesas de uma ceia leve envolviam comida suficiente para derrubar um cavalo.

— Presunto, batatas fritas frias, panquecas frias, pão e manteiga — cantarolei baixinho, colocando tudo numa bandeja grande de madeira. — Bolinhos de coelho, tomate em conserva, um pedaço de torta de passas... o que mais? — Olhei para baixo, na direção dos sons suaves de Adso nas sombras aos meus pés. — Eu também lhe daria leite, mas ele não beberia. Bem, acho que é melhor continuar como começamos; vai ajudá-lo a dormir. — Peguei a garrafa de uísque e a coloquei na bandeja também.

Um leve cheiro de éter flutuava no ar escuro do corredor quando me dirigi de volta às escadas. Apurei o olfato com desconfiança — teria Adso virado a garrafa? Não, não era tão forte

assim, decidi, apenas algumas moléculas desgarradas infiltrando-se pela rolha.

Eu estava ao mesmo tempo aliviada e pesarosa pelo fato de o sr. Christie ter se recusado a me deixar usar o éter. Aliviada, porque não pude ver como ele iria funcionar — ou não. Pesarosa, porque eu teria gostado muito de acrescentar a dádiva da inconsciência ao meu arsenal de habilidades — uma dádiva preciosa para dar a futuros pacientes e que eu teria gostado muito de dar ao sr. Christie.

Além do fato de a cirurgia ser extremamente dolorosa, era muito mais difícil operar uma pessoa consciente. Os músculos ficavam tensos, a adrenalina inundava o sistema, os batimentos cardíacos se aceleravam, fazendo o sangue jorrar em vez de fluir... Pela duodécima vez desde a manhã, visualizei exatamente o que eu havia feito, perguntando-me se eu poderia ter feito melhor.

Para minha surpresa, Christie ainda estava fazendo os exercícios; seu rosto estava coberto por uma fina camada de suor e a boca cerrada com força, mas ele continuava tenazmente a flexionar as articulações.

— Muito bem — eu disse. — Mas pode parar agora. Não quero que comece a sangrar de novo. — Peguei o guardanapo automaticamente e enxuguei o suor de suas têmporas.

— Há mais alguém na casa? — ele perguntou, irritadamente afastando a cabeça dos meus cuidados. — Eu a ouvi conversando com alguém lá embaixo.

— Oh — eu disse, um pouco embaraçada. — Não, apenas o gato.

— Motivado por essa apresentação, Adso, que me seguira pelas escadas, saltou para cima da cama e ficou amassando as cobertas com as patas, os grandes olhos verdes fixos no prato de presunto.

Christie lançou um olhar de profunda suspeita do gato para mim. — Não, ele não é meu parente — eu disse, sarcasticamente, pegando Adso com uma das mãos e soltando-o no assoalho sem a menor cerimônia. — Ele é um gato. Conversar com ele é um pouco menos ridículo do que conversar comigo mesma, só isso.

Uma expressão de surpresa atravessou o rosto de Christie — talvez surpresa por eu ter lido sua mente ou simplesmente surpresa diante da minha idiotice — mas as rugas de desconfiança ao redor de seus olhos relaxaram.

Cortei sua comida com rápida eficiência, mas ele insistiu em comer sozinho. Levava a comida à boca desajeitadamente com a mão esquerda, os olhos no prato e as sobrancelhas unidas em concentração.

Quando terminou, bebeu um copo de uísque como se fosse água, depositou o copo vazio na bandeja e olhou para mim.

— Sra. Fraser — ele disse, falando com muita precisão —, eu sou um homem instruído. Eu não acho que a senhora seja uma bruxa.

— Oh, não? — eu disse, achando graça. — Então, não acredita em bruxas? Mas há bruxas mencionadas na Bíblia, como sabe.

Ele reprimiu um arrotto com a mão fechada e fitou-me com desconfiança.

— Eu não disse que não acredito em bruxas. Eu acredito. Eu disse que você não é uma. Entendeu? — Fico muito agradecida de ouvir isso — eu disse, tentando não sorrir. Ele estava completamente bêbado; embora sua fala fosse ainda mais precisa do que o normal, seu sotaque começara a desaparecer.

Normalmente, ele reprimia as inflexões de seu linguajar nativo de Edimburgo o máximo possível, mas estava ficando mais pronunciado a cada instante.



— Mais um pouco? — Não esperei por uma resposta, mas despejei uma boa dose de uísque em seu copo vazio. As persianas estavam abertas e o quarto estava fresco, mas o suor ainda brilhava nas dobras do seu pescoço. Ele estava obviamente sentindo dor e provavelmente não conseguiria dormir outra vez sem ajuda.

Dessa vez, ele apenas bebericou o uísque, observando-me por cima da borda do copo enquanto eu arrumava os restos do jantar. Apesar do uísque e do estômago cheio, ele estava cada vez mais irrequieto, remexendo as pernas embaixo da colcha e torcendo os ombros. Achei que ele precisava do urinol e debatia comigo mesma se eu devia me oferecer para ajudá-lo ou simplesmente sair imediatamente para que ele pudesse providenciar isso sozinho. A última opção era melhor, pensei.

Mas eu estava enganada. Antes que eu pudesse pedir licença e sair, ele colocou o copo na mesa e sentou-se direito na cama.

— Sra. Fraser — ele disse, fixando em mim um olhar vidrado. — Gostaria de lhe pedir desculpas.

— Por quê? — perguntei, surpresa. Ele pressionou os lábios com força.

— Pelo... meu comportamento hoje de manhã.

— Oh. Bem... está tudo bem. Compreendo como a ideia de ser colocado para dormir pode parecer... bastante peculiar para o senhor.

— Não foi a isso que me referi. — Ergueu os olhos repentinamente, em seguida abaixou-os outra vez. — Eu quis dizer... que eu... não consegui me manter imóvel.

Eu vi um rubor intenso assomar ao seu rosto novamente e senti uma repentina pontada de surpresa e compaixão. Ele estava verdadeiramente envergonhado.

Coloquei a bandeja sobre a mesa e sentei-me devagar no banquinho ao lado da cabeceira, imaginando o que eu poderia dizer que pudesse apaziguar seus sentimentos — e não piorar a situação.

— Mas, sr. Christie — eu disse —, eu não esperaria que ninguém permanecesse imóvel enquanto tivesse a mão cortada. Simplesmente...

simplesmente não é próprio da natureza humana! Ele me lançou um olhar rápido, penetrante.

— Nem mesmo seu marido? Pestanejei, desconcertada. Não tanto por suas palavras, como pelo tom de amargura. Roger contara-me um pouco do que Kenny Lindsay dissera sobre Ardsmuir. Não era nenhum segredo que Christie invejara a liderança de Jamie na época — mas o que aquilo tinha a ver com a situação atual? — O que o faz dizer isso? — perguntei serenamente. Peguei a mão ferida, ostensivamente verificando as ataduras, na realidade, apenas para eu ter algum lugar para olhar que não seus olhos.

— É verdade, não é? A mão de seu marido. — Sua barba projetou-se belicosamente para mim. — Ele disse que você a consertou para ele.

Ele não se contorceu e se encolheu quando você fez isso, não é? Bem, não. Jamie rezara, praguejara, suara, chorara — e gritara uma ou duas vezes. Mas não se moveu nem um milímetro.

No entanto, a mão de Jamie não era um assunto que eu quisesse discutir com Thomas Christie.

— Cada pessoa é diferente — eu disse, lançando-lhe um olhar tão direto quanto pude. — Eu não esperaria...

— Não esperaria que nenhum homem se saísse tão bem quanto ele.

Sim, eu sei disso. — A cor vermelha embotada ardia em suas faces outra vez e ele abaixou os olhos para sua mão enfaixada. Os dedos da mão saudável estavam cerrados em um punho fechado.

— Não foi isso que eu quis dizer — protestei. — De modo algum! Já costurei ferimentos e encaixei ossos para muitos homens,

quase todos os escoceses das Highlands eram terrivelmente corajosos quando... — Ocorreu-me, naquela fração de segundo tarde demais, que Christie não era das Highlands.

Ele fez um profundo rosnado na garganta.

— Homens das Highlands, hum! — ele disse em um tom que deixava claro que ele teria gostado de cuspir no chão, não estivesse ele na presença de uma senhora.

— Bárbaros? — eu disse, retrucando no mesmo tom. Ele olhou para mim e eu vi sua boca se torcer, quando teve seu próprio momento de percepção tardia. Desviou o olhar e respirou fundo, senti o bafo de uísque quando ele soltou a respiração.

— Seu marido... certamente... é um cavalheiro. Vem de uma família nobre, ainda que maculada pela traição. — O "r" de "traição" rolou como uma trovoada, ele estava realmente bêbado. — Mas ele também é... é... — Franziu o cenho, tateando em busca de uma palavra melhor, depois desistiu. — Um deles. Sem dúvida, a senhora sabe disso, ainda mais sendo inglesa.

— Um deles — repeti, achando levemente engraçado. — Está falando um bárbaro ou um escocês das Highlands? Lançou-me um olhar entre triunfo e perplexidade.

— É a mesma coisa, não é? Achei que ele podia ter uma certa razão. Apesar de eu ter conhecido escoceses das Highlands cultos e ricos, como Colum e Dougal Mackenzie — para não falar do avô de Jamie, o traçoeiro lorde Lovat a quem Christie se referira —, o fato é que cada um deles possuía os instintos de um flibusteiro viking. E, para ser perfeitamente franca, Jamie também.

— Ah... bem, eles, hum, realmente tendem a ser um pouco... — comecei debilmente. Esfreguei um dedo sob o nariz. — Bem, eles são criados para serem guerreiros, imagino. Ou é isso o que quer dizer? Ele suspirou profundamente e sacudiu um pouco a cabeça, embora eu achasse que não fora por discordância, mas

simplesmente de perplexidade diante dos costumes e modos das Highlands.

O próprio sr. Christie era um homem bem-educado, filho de um comerciante de Edimburgo que venceu na vida por seu próprio esforço.

Como tal, ele tinha pretensões — dolorosas — de ser um cavalheiro. — mas obviamente jamais daria um bárbaro adequado. Eu podia ver por que os homens das Highlands tanto o intrigavam quanto contrariavam.

Como deveria ter sido, eu me perguntei, para ele se ver preso com uma horda de bárbaros incivilizados — pelos seus padrões —, violentos, bombásticos, católicos, tratado — ou destrutado — como um deles? Ele se recostara um pouco em seu travesseiro, os olhos fechados e a boca comprimida. Sem abrir os olhos, ele perguntou repentinamente: — Sabe que seu marido tem as marcas do açoite? Abri a boca para responder sarcasticamente que eu estava casada com Jamie há quase trinta anos — quando percebi que a pergunta implicava algo sobre a natureza do próprio conceito de casamento do sr. Christie que eu não queria analisar de perto.

— Sei — respondi laconicamente, com um rápido olhar na direção da porta. — Por quê? Christie abriu os olhos, que estavam um pouco desfocados. Com algum esforço, ele arrastou o olhar até depositá-lo em mim.

— Sabe por quê? — ele perguntou, a voz um pouco arrastada. — O que ele fez? Senti o calor subir às minhas faces, por Jamie.

— Em Ardsmuir — Christie disse antes que eu pudesse responder, apontando um dedo para mim. Brandiu-o no ar, quase em acusação. — Ele alegou que um pedaço de tartã lhe pertencia, hein? Era proibido.

— Sim? — eu disse, em reflexo, desconcertada. — Quero dizer, ele fez isso? Christie balançou a cabeça devagar para frente e para trás, lentamente, parecendo uma coruja grande e bêbada, os olhos agora fixos e vidrados.

— Não era dele — disse. — Era de um rapaz.

Ele abriu a boca para continuar falando, mas apenas um leve arrote emergiu dela, surpreendendo-o. Fechou a boca e pestanejou, depois tentou outra vez.

— Foi um ato de extra... extraordinária... nobreza e... e coragem. — Olhou para mim e sacudiu ligeiramente a cabeça. — In... compreen... sível.

— Incompreensível? A maneira como ele fez isso, você quer dizer? — Agora eu sabia, sem dúvida; Jamie era tão desgraçadamente teimoso que ele levaria a cabo qualquer ato que tivesse em mente, mesmo que o próprio inferno barrasse o caminho ou o que pudesse lhe acontecer no processo. Mas certamente Christie sabia disso a respeito de Jamie.

— Não como. — A cabeça de Christie oscilou um pouco e ele a endireitou com certo esforço. — Mas por quê? Por quê?

Eu queria dizer: Porque ele é um maldito herói, é por isso; ele não consegue se conter, mas isso não teria sido realmente correto. Além do mais, eu não sabia por que Jamie fizera isso; ele não me dissera e eu realmente me perguntava por que não.

— Ele faria realmente qualquer coisa para proteger um de seus homens — eu disse, em vez disso.

O olhar de Christie estava vidrado, mas ainda lúcido; olhou-me por um longo instante, calado, os pensamentos passando lentamente por trás de seus olhos. Uma tábua do corredor rangeu e eu me esforcei para ouvir a respiração de Jamie. Sim, eu podia ouvi-la, suave e regular; ele ainda dormia.

— Será que ele acha que eu sou "um de seus homens"? — Christie perguntou finalmente. — Sua voz era baixa, mas cheia

tanto de incredulidade quanto de indignação. — Porque eu não sou, eu lhe gagaranto!

Comecei a achar que aquele último copo de uísque havia sido um grave erro.

— Não — eu disse com um suspiro, reprimindo a vontade de fechar os olhos e esfregar a testa. — Tenho certeza que não. Se estiver se referindo a isso — balancei a cabeça indicando a pequena Bíblia —, tenho certeza de que foi apenas um simples gesto de bondade.

Ele faria o mesmo por qualquer estranho. Você também faria, não é mesmo? Ele respirou fortemente por alguns instantes, com o olhar fixo, mas depois balançou a cabeça uma única vez e deitou-se de costas, como se estivesse exausto — como realmente deveria estar. Toda a beligerância desaparecera dele tão repentinamente quanto o ar de um balão, e ele pareceu, de certo modo, menor, e um tanto desamparado.

— Sinto muito — ele disse baixinho. Ergueu um pouco a mão enfaixada e deixou-a cair.

Eu não sabia ao certo se ele estava se desculpando por suas observações sobre Jamie ou pelo que ele via como sua falta de coragem de manhã. No entanto, achei mais prudente não perguntar. Levantei-me, alisando minha camisola de linho sobre as coxas.

Puxei um pouco a colcha para cima e arrumei-a ao redor dele, depois apaguei a vela. Ele não passava de um vulto escuro contra os travesseiros, a respiração lenta e áspera.

— Você se saiu muito bem — murmurei, dando um tapinha em seu ombro. — Boa-noite, sr. Christie.

Meu bárbaro particular estava dormindo, mas acordou, como um gato, quando eu deslizei para baixo das cobertas. Estendeu um braço e puxou-me para junto de si com um sonolento

e interrogativo "Hummm?" Aninhei-me junto a ele, os músculos tensos começando a relaxar automaticamente em seu calor.

— Hummm.

— Ah. E como vai o nosso pequeno Tom, então? — Ele inclinou-se um pouco para trás e as mãos grandes desceram para o meu trapézio, massageando os nós do meu pescoço e ombros.

— Oh. Oh. Irritante, implicante, crítico e muito bêbado. Fora isso, ele vai bem. Oh, sim. Mais, por favor... mais para cima um pouco, oh, sim. Oooh. — Sim, bem, isso soa como Tom em seu melhor estado, salvo a bebedeira. Se você gemer deste jeito, Sassenach, ele vai pensar que estou esfregando outra coisa que não o seu pescoço.

— Eu não me importo — eu disse, os olhos cerrados, para melhor apreciar as sensações maravilhosas que vibravam pela minha espinha dorsal. — Já estou farta de Tom Christie por enquanto. Além do mais, ele já deve ter desmaiado a essa altura, com todo o uísque que bebeu.

Ainda assim, moderei minhas reações vocais, no interesse do repouso do meu paciente.

— De onde veio aquela Bíblia? — perguntei, embora a resposta fosse óbvia. Jenny devia tê-la enviado de Lallybroch; sua mais recente remessa chegara há alguns dias, quando eu visitava Salem.

Jamie respondeu a pergunta que eu realmente havia feito, suspirando tão forte que seu hálito soprou meus cabelos.

— Senti uma sensação estranha ao vê-la, quando a encontrei no meio dos livros que minha irmã enviou. Eu não conseguia decidir o que devia fazer com ela, sabe? Não era de admirar que tivesse se sentido abalado.

— Por que ela a enviou? Ela disse? — Meus ombros começavam a relaxar, a dor entre eles desaparecendo gradualmente. Eu o senti dar de ombros atrás de mim.

— Ela a enviou juntamente com outros livros; disse que estava fazendo uma limpeza no sótão e encontrou uma caixa de livros, então resolveu enviá-los para mim. Mas ela mencionou ter ouvido dizer que o vilarejo de Kildennie decidira emigrar para a Carolina do Norte; lá são todos MacGregors, sabe? — Oh, compreendo. — Jamie me dissera certa vez que sua intenção era um dia encontrar a mãe de Alex MacGregor e lhe dar sua Bíblia, com a informação de que seu filho fora vingado. Ele fizera investigações após Culloden, mas descobrira que os pais de MacGregor estavam mortos.

Restava apenas uma irmã viva, e ela se casara e saíra de sua casa; ninguém sabia ao certo onde ela estava, nem mesmo se ainda estava na Escócia.

— Você acha que Jenny, ou melhor, Ian, finalmente encontrou a irmã? E ela vivia nesse vilarejo? Ele deu de ombros novamente e, com um aperto final nos meus ombros, soltou-os.

— Pode ser. Você conhece Jenny; ela deixaria a meu cargo procurar a mulher.

— E você vai procurar? — Virei-me de frente para ele. Alex MacGregor se enforcara para não viver como prisioneiro de Black Jack Randall. Jack Randall estava morto, morrera em Culloden. Mas as lembranças de Jamie de Culloden não passavam de fragmentos, lembranças arrancadas dele pelo trauma da batalha e pela febre que sofrera depois. Ele acordara, ferido, com o corpo de Jack Randall estendido sobre ele, mas não tinha nenhuma recordação do que acontecera.

E no entanto, eu imagino, Alex MacGregor fora vingado — quer tenha sido ou não pela mão de Jamie.

Ele pensou nisso por um instante e eu senti o leve movimento conforme ele tamborilava os dois dedos rígidos da mão direita na coxa.



— Vou perguntar — ele disse finalmente. — Seu nome era Mairi.

— Compreendo — eu disse. — Bem, pode haver mais de, oh...

trezentas ou quatrocentas mulheres chamadas Mairi na Carolina do Norte.

Isso o fez rir e começamos a resvalar para o sono, ao acompanhamento dos roncos ressonantes de Tom Christie do outro lado do corredor.

Poderiam ter se passado minutos ou horas quando acordei repentinamente, ouvindo com atenção. O quarto estava escuro, o fogo apagado na lareira e as persianas batendo levemente. Retesei-me um pouco, tentando acordar o suficiente para me levantar e ir ver meu paciente — mas logo o ouvi, uma inspiração longa e sibilante, seguida de um ronco ribombante.

Não fora isso que havia me acordado, percebi. Foi o repentino silêncio ao meu lado. Jamie estava deitado rigidamente na cama, mal respirando.

Estendi a mão lentamente, para que ele não levasse um susto ao toque e pousei-a em sua perna. Há meses que ele não tinha pesadelos, mas eu reconheci os sinais.

— O que foi? — murmurei.

Ele inspirou um pouco mais profundamente do que o normal e seu corpo pareceu se contrair por um instante. Não me mexi, mas deixei minha mão em sua perna, sentindo o músculo flexionar-se microscopicamente sob meus dedos, uma insinuação mínima de fuga.

Mas ele não fugiu. Moveu os ombros com uma breve e violenta torção, em seguida soltou a respiração e acomodou-se no colchão. Não falou por algum tempo, mas seu peso me fez aproximar dele, como uma lua atraída para mais perto de seu

planeta. Permaneci imóvel, minha mão nele, meu quadril contra o dele — carne de sua carne.

Ele olhava fixamente para cima, para as sombras entre as vigas. Eu podia ver a linha do seu perfil e o brilho de seus olhos quando ele piscava de vez em quando.

— No escuro... — ele murmurou finalmente —, lá em Ardsmuir, nós dormíamos no escuro. As vezes, havia luar ou luz das estrelas, mas mesmo assim não se podia ver nada no chão onde dormíamos. Nada além de escuridão, mas se podia ouvir. Ouvir a respiração de quarenta homens na cela e seus movimentos quando se remexiam. Roncos, tosses e sons de sono agitado — e os pequenos sons furtivos daqueles que permaneciam acordados.

— Passavam-se semanas sem que pensássemos em nada. — Sua voz fluía mais facilmente agora. — Estávamos sempre com fome, com frio.

Exaustos. Não se pensa muito, nessas condições; somente em como colocar um pé adiante do outro, erguer outra pedra... Você na realidade não quer pensar, sabe? E é bastante fácil não pensar. Por algum tempo.

Mas, de vez em quando, alguma coisa mudava. A névoa da exaustão desfazia-se um pouco, repentinamente, sem aviso prévio.

— As vezes, você sabia o que era: uma história contada por alguém, talvez, ou uma carta que chegava de alguma esposa ou irmã. Às vezes, não parecia vir de lugar algum; ninguém dizia nada, mas você acordava no meio da noite com aquela sensação, como o cheiro de uma mulher deitada ao seu lado.

Lembranças, desejo... necessidade. Tornavam-se homens tocados pelo fogo — erguidos da embotada aceitação pela repentina e lacerante recordação da perda.

— Durante algum tempo, todos ficavam meio enlouquecidos. Havia brigas, o tempo todo. E à noite, no escuro...

A noite, ouviam-se os sons do desespero, soluços reprimidos ou sons furtivos e farfalhantes. Alguns homens, por fim, procuravam outros homens — às vezes, para serem repelidos com gritos e socos. Outras vezes, não.

Eu não sabia ao certo o que ele estava tentando me dizer, nem o que isso tinha a ver com Thomas Christie. Ou, talvez, lorde John Grey.

— Algum deles alguma vez... tocou em você? — Não. Nenhum deles jamais pensaria em me tocar — ele disse muito suavemente. — Eu era o chefe deles. Eles me amavam... mas jamais pensariam em me tocar.

Ele inspirou fundo, uma respiração entrecortada.

— E você queria que o fizessem? — sussurrei. Eu podia sentir meu próprio pulso começar a latejar na ponta dos meus dedos, contra a sua pele.

— Eu ansiava por isso — ele disse tão baixinho que eu mal conseguia ouvi-lo, apesar de tão perto. — Mais do que comida. Mais do que sono, embora desejasse desesperadamente dormir, e não apenas por causa do cansaço. Porque quando eu dormia, às vezes, eu via você.

— Mas não era desejo por uma mulher, embora Deus saiba que isso já era bastante ruim. Era apenas que eu... eu queria o toque da mão de alguém. Somente isso.

Sua pele doera da necessidade de um toque, até ele achar que ela fosse ficar transparente e a carne viva de seu coração pudesse ser vista em seu peito.

Ele fez um pequeno som pesaroso, não exatamente uma risada. — Sabe aquelas figuras do Coração Sagrado, a mesma que vimos em Paris? Eu as conhecia — pinturas renascentistas e a intensidade das cores dos vitrais brilhando nas naves de Notre Dame. O Homem das Dores, seu coração exposto e perfurado, radiante de amor.

— Eu me lembrava disso. E pensava comigo mesmo que quem quer que tivesse tido aquela visão de Nosso Senhor provavelmente era ele mesmo um homem muito solitário, para ter compreendido tão bem.

Ergui a mão e pousei-a no pequeno vão no centro de seu peito, muito levemente. O lençol havia sido retirado e sua pele estava fria.

Ele fechou os olhos, suspirando, e agarrou minha mão com força.

— Esse pensamento me ocorria às vezes e eu pensava que eu sabia o que Jesus devia ter sentido lá, tão carente, sem ninguém para tocá-lo.



*DAS CINZAS ÀS CINZAS, DO PÓ AO PÓ*

Jamie verificou seus alforjes novamente, embora tivesse feito isso com tanta frequência ultimamente que o exercício não era mais do que um costume. No entanto, sempre que abria o da esquerda, ele ainda sorria. Brianna o refizera para ele, costurando laçadas de couro que exibiam suas pistolas, cabo para cima, prontas para serem usadas em uma emergência, e um inteligente arranjo de compartimentos que mantinham à mão sua bolsinha de munição, chifre de pólvora, uma faca sobressalente, um novelo de linha de pesca, um rolo de barbante para um laço, um estojo de costura com alfinetes, agulhas e linha, um pacote de comida, uma garrafa de cerveja e uma camisa limpa cuidadosamente enrolada.

Do lado de fora do alforje havia uma bolsinha que guardava o que Bri gostava de chamar de "kit de primeiros socorros", embora ele não soubesse ao certo em socorro de quê. Continha vários pacotinhos de gaze de um chá de cheiro amargo, uma lata de pomada e várias tiras de seu emplastro adesivo, nenhum dos quais parecia ser de nenhuma utilidade em qualquer incidente imaginável, mas que não causavam nenhum mal.

Ele retirou uma barra de sabão que ela acrescentara, juntamente com mais algumas quinquilharias desnecessárias, e escondeu-as cuidadosamente embaixo de um balde, com receio de que ela ficasse ofendida.

E bem a tempo; ele ouviu a voz dela, exortando Roger sobre a inclusão de meias limpas suficientes em seus alforjes. Quando eles finalmente surgiram pela quina do celeiro de feno, ele já tinha tudo guardado e afivelado.

— Pronto, então, a charaid? — Oh, sim. — Roger balançou a cabeça e jogou no chão os alforjes que carregava sobre o ombro. Virou-se para Bri, que carregava Jemmy no colo, e beijou-a rapidamente.

— Vou com você, papai! — Jemmy exclamou esperançosamente.

— Não desta vez, amigão.

— Quer ver índio! — Mais tarde, talvez, quando você for maior.

— Sei falar índio! Tio Ian me ensinou! Quer ir! — Não desta vez — Bri disse-lhe com firmeza, mas ele não estava disposto a ouvir, e começou a se debater para descer do colo. Jamie rosnou baixo e fixou nele um olhar subjugante.

— Você ouviu seus pais — ele disse. Jem carregou o cenho e fez beicinho, mas parou com a confusão.

— Um dia você vai ter que me dizer como é que você faz isso — Roger disse, olhando para o filho.

Jamie riu e abaixou-se para Jemmy.

— Dê um beijo de despedida no vovô, hein? A decepção esquecida, Jemmy estendeu os braços e envolveu seu pescoço. Ele pegou o menino dos braços de Brianna, abraçou-o e beijou-o. Jem cheirava a mingau, torrada e mel, um peso quente e caseiro em seus braços.

— Seja bonzinho e obedeça a sua mãe, hein? E, quando você for um pouco maior, você irá também. Venha se despedir de Clarence; pode dizer a ele as palavras que tio Ian lhe ensinou. — E tomara que fossem palavras adequadas a uma criança de três anos. Ian tinha um senso de humor muito irresponsável.

Ou talvez — pensou, rindo consigo mesmo — eu esteja apenas me lembrando de algumas das coisas que ensinei aos filhos de Jenny, inclusive Ian, em francês.

Ele já havia colocado os arreios e a brida no cavalo de Roger, e Clarence, o burro de carga, já estava completamente carregado. Brianna verificava as correias de couro da cilha e dos estribos, enquanto Roger ajustava os alforjes — mais para se manter ocupada do que por necessidade. Seu lábio inferior estava preso entre os dentes; ela se esforçava para não parecer preocupada, mas não enganava ninguém.

Jamie levantou Jemmy para afagar o focinho da mula, a fim de dar a filha e seu marido um momento de privacidade. Clarence era um bom animal e submeteu-se aos afagos e às palavras cherokees mal pronunciadas de Jem com resignada tolerância, mas, quando Jem virou-se em seus braços na direção de Gideon, Jamie inclinou-se bruscamente para trás.

— Não, rapaz, não toque neste patife malvado. Ele arrancaria sua mão.

Gideon agitou as orelhas e bateu a pata uma vez, impaciente. O enorme garanhão estava ansioso para se pôr a caminho e ter outra chance de matá-lo.

— Por que você mantém esse cavalo indomável? — Brianna perguntou, ao ver o comprido lábio de Gideon enrugar-se para trás para exibir os dentes amarelos, na expectativa. Ela pegou Jemmy dos braços de Jamie, afastando-se de Gideon.

— Quem? O pequeno Gideon? Oh, nós nos entendemos. Além do mais, ele é metade dos meus artigos de troca, menina.

— É mesmo? — Ela lançou um olhar desconfiado para o enorme cavalo de pelagem castanha. — Tem certeza de que não vai deflagrar uma guerra dando aos índios um cavalo como ele? — Oh, não pretendo dá-lo a eles — afirmou. — Não diretamente, ao menos.

Gideon era um cavalo mal-humorado, rebelde e cabeça-dura, com uma boca de ferro e uma teimosia igual. Entretanto, essas qualidades selvagens pareciam muito atraentes aos índios, assim como o peito maciço, o grande fôlego e a musculatura vigorosa. Quando Ar Parado, cacique de uma das aldeias, ofereceu-lhe três peles de veado para cruzar sua égua malhada com Gideon, Jamie percebeu repentinamente que tinha ali algo valioso.

— Foi a maior sorte que eu nunca tenha tido tempo de castrá-lo — ele disse, dando um tapa com grande familiaridade na cernelha do animal e esquivando-se em reflexo quando o garanhão virou bruscamente a cabeça para morder. — Ele paga os custos, e mais ainda como reprodutor para os cavalos dos índios. Foi a única coisa que eu já lhe pedi que ele não recusou.

Sua filha estava rosada como um heléboro por causa do frio da manhã; mas riu diante disso, ficando ainda mais corada.

— O que é castrar? — Jemmy perguntou.

— Sua mãe vai lhe explicar. — Riu para ela, afagou os cabelos de Jemmy e virou-se para Roger. — Pronto, rapaz? Roger Mac balançou a cabeça, subiu no estribo e montou. Ele possuía um confiável cavalo baio castrado chamado Agrippa, que tendia a resmungar e chiar, mas era um cavalo robusto e bom para um cavaleiro como Roger — bastante competente, mas com uma arraigada noção de cautela interior em relação a cavalos.

Roger inclinou-se da sela para um último beijo de despedida de Brianna e puseram-se a caminho. Jamie havia se despedido de uma forma particular — e completa — de Claire anteriormente.

Ela estava na janela de seu quarto de dormir, aguardando para acenar para eles quando passassem, a escova de cabelos na mão. Seus cabelos projetavam-se num grande floreio encaracolado ao redor de sua cabeça e o sol da manhã incendiava-os como um arbusto espinhoso em chamas.



Deu-lhe uma sensação peculiar vê-la assim desarrumada, seminua em sua camisola. Uma sensação forte de desejo, apesar do que haviam feito há menos de uma hora. E algo quase como medo, como se ele pudesse nunca mais vê-la.

Inteiramente sem pensar, ele olhou para sua mão esquerda e viu a leve cicatriz na base de seu polegar, o "C" tão desbotado que era quase invisível. Há anos ele não a notara ou pensara nela, e sentiu repentinamente como se lhe faltasse ar para respirar.

No entanto, acenou, e ela jogou-lhe um beijo, rindo. Santo Deus, ele a havia marcado; podia ver a mancha escura da mordida amorosa que deixara em seu pescoço e um rubor quente de vergonha subiu ao seu rosto. Enfiou os calcanhares nos costados de Gideon, fazendo o garanhão dar um guincho de desagrado e virar-se para tentar mordê-lo na perna. Com essa distração, partiram em segurança. Ele só olhou para trás uma vez, na cabeceira da trilha, para vê-la ainda lá, emoldurada pela luz.

Ela ergueu uma das mãos, como se o abençoasse, e em seguida as árvores a ocultaram de sua visão.

O tempo estava bom, embora frio para um início de outono como agora; a respiração dos cavalos lançava vapores conforme desciam de Ridge e atravessavam o minúsculo assentamento agora chamado de Cooperville e seguiam pela Trilha do Grande Búfalo para o norte. Ele mantinha um olho no céu; era cedo demais para neve, mas chuvas fortes não eram incomuns. No entanto, as poucas nuvens que havia não passavam de rabos-de-galo; nenhum motivo de preocupação.

Não falavam muito, cada homem sozinho com seus pensamentos.

Roger Mac era quase sempre uma companhia agradável. Mas Jamie sentia falta de Ian; ele teria gostado de discutir a situação como estava agora com Tsisqua. Ian entendia a mente dos índios melhor do que a maioria dos homens brancos e, embora

Jamie compreendesse muito bem o gesto de Pássaro de enviar os ossos do eremita — tinha a intenção de provar sua permanente boa vontade com os colonos, se o rei lhes enviasse armas —, ele teria apreciado a opinião de Ian.

E, embora fosse necessário que ele apresentasse Roger Mac nas aldeias, para fins de futuras relações... Bem, ele enrubesceu à ideia de ter que explicar-lhe acerca...

Maldito Ian. O rapaz havia simplesmente desaparecido na noite alguns dias atrás, ele e seu cachorro. Ele já havia feito isso antes e certamente estaria de volta tão repentinamente quanto partira. Quaisquer que fossem as trevas que ele trouxera consigo do norte, de vez em quando tornavam-se demais para ele suportar e ele desaparecia na floresta, voltando silencioso e retraído, mas de certo modo mais em paz consigo mesmo.

Jamie compreendia muito bem sua atitude; o isolamento era a seu próprio modo um bálsamo para a solidão. E qualquer que fosse a lembrança de que o rapaz estivesse fugindo — ou buscando — na floresta...

"Ele alguma vez conversou com você sobre eles?", Claire perguntara, preocupada. "Sobre sua mulher? Seu filho?" Não, ele não o fizera. Ian nunca falava do tempo que viveu entre os mohawks e a única lembrança que ele trouxera de volta do norte era uma pulseira de búzios azuis e brancos. Jamie a vira de relance certa vez no sporran de Ian, mas não o suficiente para distinguir os detalhes.

Que o abençoado Miguel o defenda, rapaz, ele pensou silenciosamente. E que os anjos o abençoem. Com uma coisa e outra, ele não teve nenhuma conversa mais séria com Roger Mac até pararem para a refeição do meio-dia. Comeram a comida fresca que as mulheres haviam mandado, saboreando-a.

Deixaram o suficiente para o jantar; no dia seguinte, seriam pães de farinha de milho e qualquer coisa que atravessasse o seu

caminho e que pudesse ser facilmente caçada e cozida. Depois, mais um dia e as mulheres Pássaros da Neve os alimentariam regiamente, como representantes do rei da Inglaterra.

— Da última vez, foram patos recheados com batata-doce e milho — disse a Roger. — É prova de educação comer o máximo que puder, veja bem, não importa o que seja servido, e você é o hóspede.

— Entendi. — Roger sorriu debilmente, depois abaixou os olhos para a salsicha parcialmente comida em sua mão. — Sobre isso.

Hóspedes, quero dizer. Há um pequeno problema, eu acho... com Hiram Crombie.

— Hiram? — Jamie ficou surpreso. — O que há com Hiram? A boca de Roger torceu-se, sem saber se ria ou não.

— Bem, é apenas que... você sabe que todo mundo está chamando os ossos que enterramos de Efraim, não? É tudo culpa de Bri, mas assim é.

Jamie balançou a cabeça, curioso.

— Bem. Ontem Hiram me procurou e disse que andou pensando no assunto, rezando e tudo o mais, e chegara à conclusão de que, se fosse verdade que alguns dos índios eram parentes de sua mulher, então fazia sentido que alguns deles deviam ser salvos também.

— Ah, é? — O riso começou a brotar em seu próprio peito.

— Sim. E assim, segundo ele, ele se sente chamado a levar a palavra de Cristo a esses infelizes selvagens. Pois de que outra maneira poderão ouvi-la? Jamie esfregou o nó de um dedo sobre o lábio superior, dividido agora entre o espanto e o riso ao imaginar Hiram Crombie invadindo aldeias cherokees com o livro de salmos na mão.

— Mmmhum. Bem, mas... você não acredita, os presbiterianos, quero dizer, que tudo é predestinado? Que alguns

são salvos e outros condenados, e que não há nada que se possa fazer para mudar isso? E que é por essa razão que os papistas estão todos condenados ao inferno num cesto só? — Ah... bem... — Roger hesitou, claramente pouco disposto a colocar a questão de forma tão escancarada. — Mmmhum. Pode haver algumas divergências entre os presbiterianos, eu creio. Mas sim, é mais ou menos isso que Hiram e seu bando pensam.

— Sim. Bem, então, se ele acha que alguns dos índios já devem estar salvos, por que precisam de pregação? Roger esfregou um dedo entre as sobrancelhas.

— Bem, veja, é pela mesma razão que os presbiterianos rezam, vão à igreja e tudo o mais. Mesmo estando salvos, querem louvar a Deus por isso e... e aprender a agir melhor, para viver de acordo com a vontade de Deus. Como sinal de gratidão por sua salvação, entende? — Eu acho que o Deus de Hiram Crombie deve ter uma visão turva do modo de vida dos índios — Jamie disse, com lembranças vívidas de corpos nus na obscuridade das brasas da fogueira e do cheiro de peles de animais.

— De fato — Roger disse, reproduzindo o tom seco de Claire com tanta exatidão que Jamie riu.

— Sim, vejo a dificuldade — ele disse, e realmente via, embora ainda achasse engraçado. — Então, Hiram pretende ir às aldeias cherokees e pregar? É isso? Roger balançou a cabeça, engolindo um pedaço de salsicha.

— Para ser mais exato, ele quer que você o leve lá. E o apresente.

Ele não espera que você traduza o sermão, ele diz.

— Santo Deus. — Analisou essa perspectiva por um instante, depois sacudiu a cabeça decididamente. — Não.

— Claro que não. — Roger tirou a rolha de uma garrafa de cerveja e ofereceu-a a Jamie. — Só achei que devia lhe contar, para que possa decidir melhor o que dizer a ele quando ele perguntar.

— Muito bem pensado — Jamie disse e, pegando a garrafa, tomou um grande gole.

Abaixou-a, recobrou o fôlego — e ficou paralisado. Ele viu a cabeça de Roger se virar bruscamente e compreendeu que ele também sentira, trazido pela brisa fria.

Roger Mac virou-se novamente para ele, as sobrancelhas negras franzidas.

— Sente cheiro de queimado? — ele disse.

Roger ouviu-os primeiro: um amontoado rouco de gritos e cacarejos, estridentes como bruxas. Em seguida, batidas de asas quando se aproximaram e os pássaros debandaram, a maior parte corvos, mas aqui e ali um enorme abutre negro.

— Oh, meu Deus — ele disse à meia-voz.

Dois corpos penduravam-se de uma árvore ao lado da casa. O que restava deles. Podia ver que eram um homem e uma mulher, mas apenas por suas roupas. Um pedaço de papel estava pregado na perna do homem, tão amassado e manchado que ele só o viu porque uma das pontas se levantava com a brisa.

Jamie arrancou-o, desdobrou-o o suficiente para ler o que estava escrito e atirou-o ao chão. Morte aos Reguladores, dizia; ele viu a garatuja por um instante, antes de o vento apagá-la. — Onde estão as crianças? — Jamie perguntou, virando-se abruptamente para ele. — Essa gente tem filhos. Onde estão? As cinzas estavam frias, já se espalhando pelo vento, mas o cheiro de queimado encheu seus pulmões, obstruiu sua respiração, ardeu em sua garganta, de modo que as palavras arranhavam como cascalhos.

Roger tentou falar, limpou a garganta e cuspiu.

— Escondidas, talvez — disse com a voz áspera, lançando o braço na direção da floresta.

— Sim, pode ser. — Jamie levantou-se abruptamente, gritou para dentro da floresta e, sem esperar uma resposta, partiu para o meio das árvores, gritando outra vez.

Roger seguiu-o, desviando-se quando alcançaram a borda da floresta, subindo a encosta atrás da casa, ambos gritando palavras tranquilizadoras que eram imediatamente engolidas pelo silêncio da floresta.

Roger tropeçava pelo meio das árvores, suando, arquejando, indiferente à dor em sua garganta conforme gritava, mal parando o suficiente para ouvir se alguém respondia. Diversas vezes, viu movimento pelo canto dos olhos e virou-se bruscamente naquela direção, apenas para não ver nada além da ondulação do vento por um agrupamento de carriços secos ou por uma trepadeira pendurada, balançando como se alguém tivesse passado por ali.

Ele imaginou que estivesse vendo Jem, brincando de esconde-esconde, e a visão de um pé correndo, o sol refletindo em uma cabecinha, deu-lhe forças para continuar gritando. Finalmente, entretanto, foi forçado a admitir que as crianças não teriam corrido para tão longe e ele deu a volta em círculo para retornar à cabana, ainda chamando de vez em quando, em grasnidos roucos e estrangulados.

Voltou para o pátio da cabana e encontrou Jamie abaixando-se para pegar uma pedra, que atirou com muita força em um par de corvos que havia pousado na árvore do enforcamento, aproximando-se furtivamente, os olhos brilhantes, de volta à sua carga. Os corvos crocitaram e bateram em retirada — mas apenas até a árvore próxima, de onde ficaram observando.

O dia estava frio, mas os dois homens estavam encharcados de suor, os cabelos espalhando-se, úmidos, no pescoço. Jamie enxugou o rosto na manga, ainda respirando com dificuldade.

— Q-quantas... crianças? — A própria respiração de Roger era ofegante e a garganta em carne viva fazia com que as palavras não passassem de um sussurro.

— Três, pelo menos. — Jamie tossiu, escarrou e cuspiu. — O mais velho tem uns doze anos, talvez. — Ficou parado por um

instante, olhando para os corpos. Depois, fez o sinal da cruz e retirou sua adaga para cortar as cordas e abaixá-los. Não tinham nada com que cavar; o melhor que pôde ser improvisado foi uma larga limpeza na camada de folhas mofadas da floresta e um pequeno monumento de pedras, tanto para espantar os abutres quanto por decoro.

— Eram Reguladores? — Roger perguntou, parando no meio da pergunta para limpar o rosto na manga da camisa.

— Sim, mas... — A voz de Jamie desapareceu. — Isto aqui não tem nada a ver com a Regulação. — Sacudiu a cabeça e afastou-se para pegar mais pedras.

No começo, Roger pensou que fosse uma pedra, semiescondida nas folhas que haviam se acumulado junto à parede carbonizada da cabana.

Tocou-a e ela se moveu, fazendo-o saltar para trás com um grito que nada tinha a dever a qualquer corvo.

Jamie alcançou-o em segundos, a tempo de ajudar a retirar a menina das folhas e cinzas.

— Não chore, a muirninn, não chore — Jamie disse ansiosamente, embora na realidade a criança não estivesse chorando. Ela devia ter uns oito anos, suas roupas e seus cabelos haviam sido consumidos pelo fogo e sua pele estava tão enegrecida e rachada que ela parecia feita de pedra, salvo pelos olhos.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus — Roger repetia sem parar, baixinho, mesmo depois de ficar claro que, se fosse uma prece, já não precisava de resposta.

Ele a embalava junto ao peito e os olhos da menina abriram-se parcialmente, fitando-o nem com alívio, nem com curiosidade — apenas com uma calma fatalidade.

Jamie despejara água de seu cantil em um lenço; colocou a ponta entre os lábios dela para umedecê-los e Roger viu sua garganta se mover em reflexo enquanto ela sugava.

— Você vai ficar bem — Roger murmurou para ela. — Está tudo bem, a leannan.

— Quem fez isso, a nighean? — Jamie perguntou, com igual ternura. Roger viu que ela compreendia; a pergunta agitou a superfície de seus olhos como vento em um lago, mas em seguida passou, deixando-os calmos outra vez. Ela não falava, por mais perguntas que fizessem, apenas olhava para eles com olhos vagos e desinteressados, continuando a sugar o pano molhado sonhadoramente.

— Você é batizada, a leannan? — Jamie perguntou-lhe finalmente, e Roger sentiu um profundo sobressalto diante da pergunta. No choque da descoberta, ele não havia de fato avaliado seu estado.

— *Elie ne peut pas vivre* — Jamie disse brandamente, seus olhos fitando os de Roger. Ela não pode viver.

Seu primeiro instinto foi uma negação visceral. É claro que ela podia viver, tinha que viver. Mas enormes pedaços de sua pele haviam desaparecido, a carne viva com crostas, mas ainda purgando. Ele podia ver a borda branca do osso de um joelho e literalmente ver seu coração bater, um volume avermelhado, translúcido, que pulsava no meio de sua caixa torácica. Era leve como uma boneca de palha de milho e ele percebeu com grande pesar que ela parecia flutuar em seus braços, como uma mancha de óleo sobre a água.

— Está doendo, querida? — ele perguntou.

— Mamãe? — ela sussurrou. Então, fechou os olhos e não disse mais nada, apenas murmurando "Mamãe?" de vez em quando.

Ele pensara no começo que iriam levá-la de volta a Ridge, para Claire. Mas era mais de um dia de viagem; ela não sobreviveria. Não havia a menor possibilidade.

Ele engoliu, a percepção fechando em sua garganta como um laço de força. Olhou para Jamie, vendo a mesma dolorosa



compreensão em seus olhos. Jamie também engoliu em seco.

— Você... sabe o nome dela? — Roger mal conseguia respirar, e teve que forçar as palavras. Jamie sacudiu a cabeça, depois se recompôs, arqueando os ombros.

Ela parara de sugar o lenço molhado, mas ainda murmurava "Mamãe?" de vez em quando. Jamie tirou o lenço de seus lábios e espremeu algumas gotas sobre sua testa enegrecida, murmurando as palavras do batismo.

Então, entreolharam-se, reconhecendo a necessidade. Jamie estava pálido, o suor porejando em seu lábio superior entre os pelos curtos da barba ruiva. Respirou fundo, preparando-se, e ergueu as mãos, oferecendo.

— Não — Roger disse suavemente. — Eu farei isso. — Ela era dele; entregá-la a outro seria como arrancar o próprio braço. Ele estendeu a mão para o lenço e Jamie colocou-o em sua mão, sujo de fuligem, ainda úmido.

Ele jamais imaginara tal coisa, e não podia imaginar agora. Não era necessário; sem hesitação, apertou-a junto a si e colocou o lenço sobre sua boca e nariz; em seguida, espalmou a mão com firmeza sobre o pano, sentindo o pequeno volume de seu nariz preso entre seu polegar e o dedo indicador.

O vento agitou a folhagem acima e uma chuva de ouro caiu sobre eles, sussurrando em sua pele, roçando, fria, pelo seu rosto. Ela devia sentir frio, pensou, e quis cobri-la, mas não tinha nenhuma mão livre.

Seu outro braço enlaçava-a, a mão pousada em seu peito; podia sentir o minúsculo coração sob seus dedos. Ele deu um salto, bateu rapidamente, falhou, bateu mais duas vezes... e parou. Estremeceu por um instante; ele pôde senti-lo tentando encontrar forças suficientes para bater uma última vez, e sofreu a ilusão momentânea de que ele não só o faria, mas forçaria sua passagem através da parede fina e frágil de seu peito para dentro de sua mão,

em sua ânsia de viver. Mas o instante passou, assim como a ilusão, e uma enorme quietude sobreveio. Perto dali um corvo grasnou.

Já haviam quase terminado o sepultamento, quando o som de cascos de cavalos e o tilintar de arreios anunciaram visitantes — muitos visitantes.

Roger, pronto para se refugiar na floresta, olhou para seu sogro, mas Jamie sacudiu a cabeça, respondendo sua pergunta não formulada.

— Não, eles não voltariam. Para quê? — Seu olhar impassível vagou pelas ruínas fumegantes da fazenda, o pátio pisoteado e os montículos de pedras das sepulturas. O corpo da menina ainda estava estendido ali perto, coberto com a capa de Roger. Ele ainda não fora capaz de suportar colocá-la embaixo do chão; a lembrança dela ainda viva era recente demais.

Jamie empertigou-se, endireitando as costas. Roger viu seu olhar de relance para o rifle à mão, encostado contra um tronco de árvore. Então, ele acomodou-se, apoiando-se na tábua chamuscada que estivera usando como pá, aguardando.

O primeiro dos cavaleiros surgiu do meio das árvores, o cavalo relinchando e sacudindo a cabeça com o cheiro de queimado. O cavaleiro controlou-o habilmente e o fez se aproximar, inclinando-se para frente para ver quem eles eram.

— É o senhor, então, sr. Fraser? — O rosto sulcado de Richard Brown parecia sombriamente jovial. Ele lançou um olhar aos troncos carbonizados e fumegantes, depois se virou para seus companheiros. — Não achava mesmo que tivesse ganhado seu dinheiro apenas vendendo uísque.

Os homens — Roger contou seis deles — remexeram-se em suas selas, com risadinhas irônicas.

— Tenha um pouco de respeito pelos mortos, Brown. — Jamie balançou a cabeça indicando as sepulturas e o rosto de Brown endureceu. Olhou incisivamente para Jamie, depois para Roger.

— Só vocês dois, hein? O que estão fazendo aqui? — Cavando sepulturas — Roger disse. As palmas de suas mãos estavam cheias de bolhas; esfregou uma das mãos devagar no lado das calças. — O que vocês estão fazendo aqui? Brown endireitou-se bruscamente na sela, mas foi seu irmão Lionel quem respondeu.

— Voltando de Owenawisgu — ele disse, sacudindo a cabeça para os cavalos. Olhando na direção indicada, Roger viu que havia quatro cavalos, carregados de peles de animais, e que vários dos outros cavalos carregavam alforjes cheios. — Sentimos o cheiro de queimado e viemos ver. — Olhou para as sepulturas. — Tige O'Brian, não? Jamie balançou a cabeça, confirmando.

— Conhecia-os? Richard Brown deu de ombros.

— Sim. Fica no caminho de Owenawisgu. Parei aqui uma ou duas vezes; jantei com eles. — Com atraso, ele retirou o chapéu, emplastando fiapos de cabelo sobre o topo da cabeça calva com a palma da mão. — Que Deus os tenha.

— Quem pôs fogo neles, se não foi você? — um dos rapazes mais novos do grupo falou. O sujeito, um Brown, a julgar pelos ombros estreitos e maxilar proeminente, riu de modo inconveniente, achando evidentemente que era um gracejo.

O pedaço de papel chamuscado voara com o vento; flutuou e caiu sobre uma pedra, perto dos pés de Roger. Ele pegou-o e, dando um passo à frente, bateu-o contra a sela de Lionel Brown.

— Sabe alguma coisa a respeito disso? — perguntou. — Estava pregado no corpo de O'Brian. — Ele soava com raiva, sabia disso, e não se importava. Sua garganta doía e sua voz saía rouca e estrangulada.

Lionel Brown olhou para o papel, as sobrancelhas erguidas, depois o passou a seu irmão.

— Não. Foi você mesmo quem escreveu? — O quê? — Olhou furiosamente para o sujeito, piscando contra o vento.

— índios — Lionel Brown disse, balançando a cabeça na direção da casa. — Os índios fizeram isso.

— Ah, é? — Roger podia ouvir os tons subjacentes na voz de Jamie: ceticismo, cautela e raiva. — Quais índios? Aqueles de quem você comprou as peles? Eles lhe disseram isso? — Não seja tolo, Nelly. — Richard Brown manteve o tom de voz baixo, mas seu irmão encolheu-se um pouco ao ouvi-lo. Brown aproximou o cavalo. Jamie manteve sua posição, embora Roger tenha visto suas mãos apertarem a tábua com força.

— Pegaram a família toda, não foi? — ele perguntou, olhando para o pequeno corpo sob a capa.

— Não — Jamie disse. — Não encontramos os dois filhos mais velhos. Somente a menina.

— índios — Lionel Brown repetiu teimosamente, de trás de seu irmão. — Eles os levaram.

Jamie respirou fundo e tossiu com a fumaça.

— Sim — ele disse. — Perguntarei nas aldeias, então.

— Não vão encontrá-los — Richard Brown disse. Ele amassou o bilhete, cerrando o punho repentinamente. — Se os índios os levaram, não vão mantê-los por perto. Vão vendê-los, em Kentucky. Houve um murmúrio geral de concordância entre os homens, e Roger sentiu a brasa que ardia de forma latente em seu peito a tarde inteira repentinamente irromper em chamas.

— Não foram índios que escreveram isso — retrucou rispidamente, sacudindo o polegar para o bilhete na mão de Brown. — E, se fosse vingança contra O'Brian por ser um Regulador, não teriam levado as crianças.

Brown lançou-lhe um longo olhar, os olhos estreitados. Roger sentiu Jamie mudar ligeiramente a posição do corpo, preparando-se.

— Não — Brown disse brandamente. — Não teriam. Por isso que Nelly imaginou que vocês mesmos tivessem escrito.

Digamos que os índios vieram e levaram as crianças, mas depois vocês apareceram e resolveram levar o que restou. Então, puseram fogo na cabana, enforcaram O'Brian e sua mulher, pregaram o bilhete e aqui estão. O que me diz desse pequeno raciocínio, sr. Mackenzie? — Eu perguntaria como você sabe que eles foram enforcados, sr. Brown.

O rosto de Brown crispou-se e Roger sentiu a mão de Jamie em seu braço como uma advertência, percebendo somente então que seus punhos estavam cerrados.

— As cordas, a charaid — Jamie disse, a voz muito calma. As palavras penetraram vagamente e ele olhou. De fato, as cordas que haviam cortado dos corpos estavam ao pé da árvore onde caíram. Jamie continuava falando, a voz ainda muito calma, mas Roger não conseguia ouvir as palavras. O vento ensurdecia-o e, logo abaixo do assobio do vento, ele ouvia a batida suave e intermitente de um coração batendo.

Podia ser o seu próprio coração ou o dela.

— Desça desse cavalo — ele falou, ou achou ter falado. O vento açoitava seu rosto, coberto de fuligem, e as palavras ficavam presas em sua garganta. O gosto de cinzas era ardido e espesso em sua boca; ele tossiu e cuspiu, os olhos lacrimejando.

Vagamente, ele tomou consciência de uma dor no braço e o mundo girou e voltou a entrar em foco. Os homens mais jovens fitavam-no, com expressões que iam de um sorriso afetado à cautela. Richard Brown e seu irmão diligentemente evitavam olhar para ele, focalizando-se, em vez disso, em Jamie — que ainda segurava seu braço.

Com esforço, livrou-se da mão de Jamie, dando ao sogro um breve sinal com a cabeça, para tranquilizá-lo de que ele não iria ter um ataque de fúria — embora seu coração ainda martelasse com força e a sensação do laço de força ao redor de sua garganta fosse

tão forte que não poderia ter falado, ainda que conseguisse formular as palavras.

— Vamos ajudar. — Brown indicou o pequeno corpo no chão com um Sinal da cabeça e começou a apear do cavalo, mas Jamie o interrompeu com um pequeno gesto. — Não, nós damos um jeito.

Brown parou desajeitadamente no meio da ação, em parte montado e em parte apeado. Seus lábios cerraram-se e ele montou outra vez, fez o cavalo dar meia-volta e afastou-se sem nenhuma palavra de despedida.

Os outros o seguiram, olhando para trás com curiosidade conforme prosseguiam.

— Não foram eles. — Jamie pegara seu rifle e o segurava, olhando para a floresta onde o último dos homens desaparecera. — Mas eles sabem mais alguma coisa sobre isso do que estão dizendo.

Roger balançou a cabeça, calado. Andou deliberadamente até à árvore da forca, chutou as cordas e deu um murro no tronco, duas, três vezes. Ficou parado, ofegando, a testa pressionada contra a casca áspera do tronco. A dor nos nós dos dedos esfolados ajudou-o, um pouco.

Uma trilha de formigas minúsculas corria para cima entre as placas da casca, concentradas em alguma tarefa importante. Observou-as por alguns instantes, até conseguir engolir outra vez. Depois, empertigou-se e foi enterrá-la, esfregando a profunda contusão em seu braço.

# PARTE QUATRO



*SEQUESTRO*

*DE OLHO NO FUTURO*

*9 de outubro de 1773*

Roger deixou seus alforjes caírem no chão ao lado do buraco e espreitou para dentro.

— Onde está Jem? — perguntou.

Sua mulher enlameada ergueu os olhos para ele e afastou do rosto uma mecha de cabelo grudada de suor.

— Olá para você também — ela disse. — Fez boa viagem? — Não — ele respondeu. — Onde está Jem? Ela ergueu as sobancelhas e enfiou sua pá no fundo do buraco, estendendo a mão para ele ajudá-la a arrastar-se para fora.

— Está com Marsali. Ele e Germain estão brincando de Vruum com os carrinhos que você fez para eles... ou estavam quando o deixei lá.

O nó de ansiedade que ele carregara embaixo das costelas pelas últimas duas semanas começou a se desfazer lentamente. Balançou a cabeça, um espasmo repentino da garganta impedindo-o de falar, depois estendeu os braços e puxou-a para si, esmagando-a contra ele apesar do seu gritinho de susto e das roupas sujas de lama.

Abraçou-a com força, seu próprio coração martelando em seus ouvidos e não conseguia — não podia — soltá-la, até que ela



contorceu-se e livrou-se do seu abraço. Ela manteve as mãos nos ombros dele, mas inclinou a cabeça para o lado, uma das sobrancelhas erguidas.

— Sim, eu também senti sua falta — ela disse. — O que há de errado? O que houve? — Coisas terríveis. — O incêndio, a morte da menina, esses acontecimentos tornaram-se irrealis, como um pesadelo, durante a viagem, o horror silenciado pela labuta monótona de cavalgar, andar, o queixume constante do vento e o ruído das botas em pedrinhas, areia, agulhas de pinheiros, lama, a subjugante mancha de verdes e amarelos em que se perdiam sob um céu infinito.

Mas agora ele estava em casa, não mais vagando pela vastidão deserta. E a lembrança da menina que deixara seu coração em sua mão repentinamente parecia tão real quanto no momento em que ela morrera. — Venha, vamos entrar. — Brianna observava-o atentamente, preocupada. — Você precisa de algo quente, Roger.

— Estou bem — ele disse, mas seguiu-a sem protestar.

Sentou-se à mesa enquanto Brianna colocava a chaleira no fogo para fazer chá, e lhe contou tudo que acontecera, a cabeça nas mãos, olhando fixamente para o surrado tampo da mesa, com suas manchas e cicatrizes familiares.

— Eu ficava pensando que devia haver alguma coisa... alguma maneira. Mas não havia. Mesmo quando eu... eu coloquei a mão sobre seu rosto... eu tinha certeza de que aquilo não estava realmente acontecendo. Mas ao mesmo tempo... — Sentou-se direito, então, olhando as palmas das mãos. Ao mesmo tempo, fora a mais vívida experiência de sua vida. Ele não suportava pensar nisso, salvo de maneira muito fugaz, mas sabia que jamais esqueceria o menor detalhe de tudo que ocorrera. Repentinamente sua garganta fechou-se outra vez.

Brianna examinou seu rosto, viu sua mão tocar a cicatriz irregular de corda em sua garganta.

— Consegue respirar? — ela perguntou ansiosamente. Ele sacudiu a cabeça, mas não era verdade, ele estava respirando de algum modo, embora parecesse que sua garganta tivesse sido esmagada dentro de uma enorme mão, laringe e traqueia transformadas em uma massa sangrenta.

Ele abanou a mão para indicar que iria ficar bem, apesar de ele próprio duvidar disso. Ela deu a volta e ficou atrás dele, retirou sua mão da garganta e colocou seus próprios dedos de leve sobre a cicatriz.

— Vai ficar tudo bem — ela disse serenamente. — Apenas respire.

Não pense. Apenas respire.

Seus dedos eram frios e suas mãos cheiravam a terra. Seus olhos lacrimejavam. Ele piscou, querendo ver o aposento, a lareira, a vela, os pratos, o tear, para se convencer de que estava ali. Uma gota morna rolou pela sua face.

Tentou dizer a ela que estava tudo bem, ele não estava chorando, mas ela apenas pressionou-se mais junto a ele, abraçando-o pelo peito com um dos braços, a outra mão ainda fresca sobre o doloroso nó em sua garganta. Seus seios eram macios contra as suas costas e ele podia sentir, mais do que ouvir, seu zumbido, o pequeno ruído desafinado que ela fazia quando estava ansiosa ou se concentrando arduamente.

Finalmente, o espasmo começou a se desfazer e a sensação de estrangulamento abandonou-o. Seu peito inflou-se com o inacreditável alívio de uma respiração livre, e ela soltou-o.

— O que... é... que você está cavando? — ele perguntou, apenas com um pequeno esforço. Ele virou-se para olhar para ela e sorriu, com muito mais dificuldade. — Um bu... buraco de churrasco... pa... para um hipopó...tamo? O esboço de um sorriso tocou seu rosto, embora seus olhos ainda estivessem escuros de preocupação.

— Não — ela respondeu. — É um forno de marmota.

Ele tentou por um instante fazer alguma observação espirituosa sobre o fato de ser um buraco realmente grande para matar algo tão pequeno quanto uma marmota, mas não estava em condições de pilheriar.

— Oh! — exclamou, apenas.

Pegou a caneca quente de chá de gatária que ela colocou em sua mão e segurou-a junto ao rosto, deixando o vapor aromático aquecer seu nariz e umedecer a pele fria de suas faces.

Brianna serviu uma xícara para si mesma também e sentou-se em frente a ele.

— Estou contente que esteja em casa — ela disse suavemente.

— Sim. Eu também. — Ele ensaiou um pequeno gole; ainda estava escaldante. — Um forno? — Ele havia lhe contado a respeito dos O'Brian; teve que fazê-lo, mas não queria conversar sobre isso. Não agora. Ela pareceu perceber isso e não o pressionou.

— Um-hum. Para a água. — Ele deve ter feito uma expressão confusa, porque o sorriso de Brianna ampliou-se. — Eu disse a você que seria um trabalho lamacento, não disse? Além do mais, a ideia foi sua.

— Foi? — A essa altura, quase nada poderia surpreendê-lo, mas não se lembrava de ter ideias brilhantes sobre água.

O problema de levar água às casas era de transporte. Deus sabe que havia abundância de água; ela corria em riachos, despencava-se em cachoeiras, gotejava de prateleiras rochosas, jorrava de nascentes, filtrava-se em áreas pantanosas sob os penhascos... mas fazê-la ir aonde você queria exigia algum método de contenção.

— O sr. Wemyss contou a Fraulein Berrisch, é a namorada dele; Frau Ute os apresentou, o que eu estava fazendo e ela lhe disse

que o coro masculino de Salem estava trabalhando no mesmo problema, de modo que...

— O coro? — Ele tentou outro gole cauteloso do chá e constatou que já era possível bebê-lo. — Por que iria o coro...

— É apenas como o chamam. Há o coro dos homens solteiros, o coro das mulheres solteiras, o coro das casadas... mas eles não apenas cantam juntos, é mais um grupo social e cada coro tem tarefas específicas que fazem para a comunidade. Mas, de qualquer modo — ela abanou a mão —, eles estão tentando levar água para a cidade e estão enfrentando o mesmo problema: não há metal para os canos.

— Mas você deve se lembrar de que você me alertou para a cerâmica que fazem em Salem. Bem, eles tentaram fazer canos de troncos de madeira, mas é muito difícil e leva muito tempo, porque é preciso tirar o miolo da tora com uma verruma e também de tiras de metal para unir os troncos. E eles apodrecem, após algum tempo. Então, eles tiveram a mesma ideia que você teve: por que não fazer canos de barro cozido? Ela se animava ao falar do projeto. Seu nariz já não estava vermelho do frio, mas suas faces estavam rosadas e os olhos brilhantes de interesse. Ela agitava as mãos enquanto falava — aprendera isso com sua mãe, ele pensou consigo mesmo, achando graça.

— ...então, deixamos as crianças com mamãe e a sra. Bug, e eu e Marsali fomos a Salem...

— Marsali? Mas ela não pode cavalgar, não é? — Marsali estava com uma gravidez muito adiantada, a ponto de só o fato de estar perto dela deixá-lo ligeiramente nervoso, com medo de que ela pudesse entrar em trabalho de parto a qualquer momento.

— Ela só deve dar à luz daqui a um mês. Além do mais, não cavalgamos; pegamos a carroça e negociamos mel, sidra e carne de veado por queijo e colchas e... viu meu novo bule de chá? — Orgulhosa, acenou, indicando o bule, um objeto achatado, caseiro,

vitricado em um tom marrom-avermelhado, com uma faixa de desenhos amarelos contornando o meio. Era um dos objetos mais feios que ele já vira e a visão dele fez lágrimas assomarem aos seus olhos pela pura alegria de estar em casa.

— Não gosta? — ela disse, franzindo um pouco as sobrancelhas.

— Não, é lindo — ele disse com voz rouca. Tateou em busca de um lenço e assoou o nariz para esconder sua emoção. — Adorei. Você estava dizendo... Marsali? — Eu estava falando dos canos de água. Mas... há uma coisa a respeito de Marsali também. — A ruga entre suas sobrancelhas aprofundou-se. — Receio que Fergus não esteja se comportando muito bem.

— Não? O que ele anda fazendo? Tendo um caso fervoroso com a sra. Crombie? Essa sugestão foi recebida com um olhar fulminante, mas não durou.

— Ele tem se ausentado muito, para começar, deixando a pobre Marsali para cuidar das crianças e fazer todo o trabalho.

— Totalmente normal, para a época — ele observou. — A maioria dos homens faz isso. Seu pai faz isso. Eu faço isso; não notou? — Notei — ela disse, lançando-lhe um olhar levemente maligno. — Mas o que eu quero dizer é que a maioria dos homens faz o trabalho pesado, como arar e plantar, e deixam as esposas cuidarem das tarefas de dentro de casa, cozinhar, fiar e tecer, além de lavar roupa e fazer conservas e preservação de alimentos e... bem, de qualquer modo, tudo isso. Mas Marsali está fazendo tudo, além das crianças e do trabalho externo, e trabalhando na maltagem. E, quando Fergus está em casa, está sempre de mau humor e bebe demais. Isso também parecia comportamento normal para o pai de três crianças pequenas e endiabradas, e marido de uma mulher grávida, Roger pensou, mas não disse nada.

— Eu não imaginaria que Fergus pudesse ser um preguiçoso — observou indulgentemente. Bri sacudiu a cabeça, ainda com a

testa franzida, e serviu mais chá em sua caneca.

— Não, ele não é realmente preguiçoso. É difícil para ele, só com uma única mão; ele realmente não consegue fazer alguns dos serviços mais pesados, mas ele não ajuda com as crianças, nem cozinha, nem limpa, enquanto Marsali faz o trabalho pesado. Papai e Ian ajudam com a lavoura, mas... E ele se ausenta durante dias; às vezes, faz um biscate aqui e ali, como intérprete para um viajante, mas em geral apenas desaparece.

E... — Hesitou, lançando um olhar para ele como se pensasse se deveria continuar.

— E? — ele disse, prestativamente. O chá estava funcionando; a dor em sua garganta já quase desaparecera.

Ela abaixou os olhos para a mesa, rabiscando desenhos invisíveis no tampo de carvalho com o dedo indicador.

— Ela não disse isso... mas acho que ele bate nela.

Roger sentiu um peso repentino no coração. Sua primeira reação foi descartar a ideia de imediato — mas ele já vira muita coisa, vivendo com o reverendo. Muitas famílias, aparentemente felizes e respeitáveis, nas quais as mulheres faziam gracejos com sua própria "estabanação", descartando a preocupação dos outros com olhos roxos, nariz quebrado, pulsos deslocados. Muitos homens lidavam com a pressão de terem que sustentar a família refugiando-se na bebida.

— Droga — ele disse, sentindo-se repentinamente exausto. Esfregou a testa, onde começava uma dor de cabeça.

— Por que você acha isso? — ele perguntou sem rodeios. — Ela tem marcas? Bri balançou a cabeça, com ar infeliz, ainda sem erguer os olhos, embora seu dedo tivesse parado.

— No braço. — Ela envolveu o antebraço com a mão, ilustrando.

— Pequenas manchas roxas redondas, como marcas de dedos. Eu vi, quando ela esticou-se para pegar um balde de favos da

carroça e sua manga escorregou para trás.

Ele balançou a cabeça, desejando que houvesse algo mais forte do que chá em sua caneca.

— Devo falar com ele, então, você acha? Ela, então, levantou a cabeça, os olhos se enternecendo, embora o ar de Preocupação continuasse.

— A maioria dos homens não se ofereceria para fazer isso, sabia? — Bem, não é minha ideia de diversão — ele admitiu. — Mas não se pode deixar esse tipo de coisa continuar, esperando que se resolva por si mesma. Alguém tem que dizer alguma coisa.

Mas só Deus saberia o quê — ou como. Ele já estava se arrependendo de ter se oferecido, tentando pensar em que diabos ele poderia dizer. "Então, Fergus, meu velho. Ouvi dizer que você anda batendo em sua mulher. Seja um bom sujeito e pare com isso, está bem?" Esvaziou sua caneca e levantou-se para pegar o uísque.

— Estamos sem nenhum — Brianna disse, vendo sua intenção. — O sr. Wemyss teve uma gripe.

Ele colocou a caneca de volta sobre a mesa com um suspiro. Ela tocou delicadamente em seu braço.

— Estamos convidados para jantar na casa grande. Podemos ir mais cedo. — Essa era uma sugestão animadora. Jamie invariavelmente tinha uma garrafa de excelente puro-malte escondida em algum lugar da casa.

— Sim, está bem. — Ele pegou a capa de Brianna do gancho e colocou-a em seus ombros. — Ei. Você acha que eu deveria mencionar esse assunto do Fergus com seu pai? Ou é melhor que eu mesmo lide com isso? — Ele teve a repentina e vã esperança de que Jamie considerasse isso um problema dele e cuidasse da questão.

Parece que era isso que Brianna temia; ela sacudia a cabeça, ao mesmo tempo ajeitando os cabelos ainda molhados.

— Não! Acho que papai quebraria o pescoço dele. E Fergus de nada vai servir a Marsali se estiver morto.

— Mmmhum. — Ele aceitou o inevitável e abriu a porta para ela.

A enorme casa branca brilhava na colina acima deles, tranquila à luz da tarde, o imenso abeto por trás da casa, uma presença gigantesca, mas benigna; não pela primeira vez, ele sentiu que a árvore de certa forma protegia a casa, e, em seu frágil estado atual, achou essa ideia reconfortante.

Fizeram um pequeno desvio, de modo que ele pudesse admirar adequadamente o novo buraco e ficar sabendo de tudo sobre o funcionamento interno de um forno de marmota. Não conseguiu acompanhar os detalhes, apenas captando a ideia de que o importante era fazer o interior muito quente, mas achou o fluxo de explicações de Brianna reconfortante.

— ...tijolos para a chaminé — ela dizia, apontando para a extremidade oposta do buraco de dois metros e meio, que no momento não parecia mais do que o lugar de repouso de um caixão extremamente grande. Mas ela havia feito um bom trabalho até agora; os cantos eram perfeitamente quadrados, como se tivessem sido feitos com algum tipo de instrumento, e as paredes laboriosamente lisas. Ele disse isso e ela exibiu um sorriso radiante para ele, ajeitando uma mecha de cabelos ruivos atrás da orelha. — Tem que ser muito mais fundo — ela disse —, talvez mais um metro. Mas a terra aqui é muito boa para escavar; é macia, sem se esfarelar muito. Espero poder terminar o buraco antes de começar a nevar, mas não sei se conseguirei. — Esfregou o nó de um dedo sob o nariz, estreitando os olhos para o buraco. — Eu realmente tenho que cardar e fiar muito mais lã para tecer as camisas de inverno para você e Jem, mas na semana que vem tenho que colher e fazer as conservas e...

— Eu cavarei para você.



Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o, logo abaixo da orelha, e ele riu, sentindo-se melhor repentinamente.

— Não para este inverno — ela disse, tomando seu braço alegremente —, mas um dia... estou pensando se poderei descarregar uma parte do calor do forno e fazê-lo correr por baixo do assoalho da cabana.

Sabe o que é um hipocausto romano? — Sei. — Virou-se para olhar para o alicerce de sua cabana, uma base simples e oca de pedra bruta sobre a qual as paredes de toras de madeira foram erguidas. A ideia de calefação central em uma tosca cabana nas montanhas o fazia querer rir, mas imaginava que não havia realmente nada impossível a respeito disso. — O que você faria? Correria uma tubulação de ar quente pela base de pedras? — Sim. Sempre presumindo que eu possa realmente fazer canos bons, o que ainda não sabemos. O que acha? Ele olhou do projeto proposto para a casa grande no cimo da colina.

Mesmo àquela distância, um monte de terra junto à base da casa era visível, prova da capacidade de escavação da porca branca.

— Acho que você corre o grande risco de ter aquela sodomita grande e branca transferir seu afeto para nós, se fizer um esconderijo quente e aconchegante embaixo da nossa casa.

— Sodomita fêmea? — ela perguntou, a atenção desviada. — Isso é fisicamente possível? — É uma descrição metafísica — ele informou-a. — E você viu o que ela tentou fazer com o major MacDonald.

— Aquela porca realmente não gosta do major MacDonald — Bri disse pensativamente. — Eu me pergunto por quê.

— Pergunte a sua mãe; ela também não gosta muito dele.

— Oh, bem, isso. — Parou repentinamente, os lábios franzidos, e olhou pensativamente para a casa grande. Uma sombra passou pela janela do consultório, alguém se movendo lá dentro. — Vou lhe dizer uma coisa. Encontre o papai e tome uma bebida com

ele e, enquanto estiver fazendo isso, contarei a mamãe sobre Marsali e Fergus. Talvez ela tenha uma boa ideia.

— Não sei se isso é um problema médico, exatamente — ele disse.

— Mas anestésiar Germain certamente já seria um começo.



## *O PISO DE MALTAGEM*

Eu podia sentir o cheiro doce e bolorento de grãos úmidos no vento conforme eu subia a trilha. Não era nada parecido à pungência inebriante do mash fermentado, ao cheiro ligeiramente semelhante a café torrado da maltagem, nem ainda ao odor forte da destilação — mas ainda recendia fortemente a uísque. Era uma atividade extremamente aromática, a fabricação de uisgebaugh, e a razão pela qual a clareira onde o uísque era fabricado localizava-se a cerca de um quilômetro e meio da casa grande. Na verdade, eu, em geral, captava um leve cheiro de bebida alcoólica pela janela aberta do meu consultório quando o vento soprava na direção certa e a maceração estava em andamento.

A fabricação do uísque possuía seu próprio ciclo, ao qual todos em Ridge estavam sintonizados de forma subconsciente, quer diretamente envolvidos no processo ou não. Era por essa razão que eu sabia, sem precisar perguntar, que a cevada no barracão da maltagem começara a germinar e, portanto, Marsali estaria lá, revirando e espalhando os grãos uniformemente antes que o fogo da maltagem fosse aceso.

É preciso deixar os grãos germinarem, para assegurar a máxima doçura — mas não devem brotar, ou o mash ficaria com um gosto muito amargo e se tornaria imprestável. Não mais do que vinte e quatro horas devem se passar depois de iniciada a germinação, e eu sentira o cheiro úmido e fecundo dos grãos

começando a se desprender quando procurava ervas na floresta na tarde anterior. Era o momento certo.

Aquele era, sem dúvida, o melhor lugar para ter uma conversa particular com Marsali; a clareira do uísque era o único lugar em que ela podia ser encontrada sem um bando de crianças cacofônicas. Eu sempre achava que ela dava muito mais valor à solidão do trabalho do que à cota de uísque que Jamie lhe dava para cuidar dos grãos — apesar do seu alto valor.

Brianna dissera-me que Roger se oferecera gentilmente para dar uma palavrinha com Fergus, mas achei que eu deveria conversar com Marsali primeiro, apenas para descobrir o que realmente estava acontecendo.

O que eu deveria dizer? Uma pergunta direta: Fergus está batendo em você? Eu não podia acreditar nisso, apesar de — ou talvez por causa de — um conhecimento íntimo de salas de emergência cheias dos rescaldos de brigas domésticas.

Não é que eu achasse que Fergus não fosse capaz de violência; ele vira — e sofrera — muita violência desde a infância, e crescer nas Highlands no meio do Levante e suas consequências provavelmente não inculcaria uma profunda consideração pelas virtudes da paz na mente de um jovem. Por outro lado, Jenny Murray tivera participação em sua criação.

Eu tentei e não conseguia imaginar qualquer homem que tivesse vivido com a irmã de Jamie por mais de uma semana jamais levantando a mão para uma mulher. Além do mais, sabia por observação própria que Fergus era um pai muito bondoso e geralmente havia uma cumplicidade entre ele e Marsali que parecia...

Houve uma comoção repentina acima. Antes que eu pudesse olhar para o alto, algo imenso caiu pelo meio dos galhos com uma chuva de poeira e agulhas mortas de pinheiro. Dei um salto para trás e levantei meu cesto em um gesto instintivo de

defesa — mas, na hora mesma em que o fazia, percebi que na realidade eu não estava sendo atacada.

Germain estava estendido no chão à minha frente, os olhos arregalados enquanto ele tentava recuperar o ar dos pulmões.

— O que diabos...? — comecei, irritada. Então, vi que ele agarrava alguma coisa junto ao peito; um ninho tardio, recheado com quatro ovos esverdeados, que ele milagrosamente conseguira manter intactos em sua queda.

— Para... maman — disse, arquejante, rindo para mim.

— Muito bem — eu disse. Eu já lidara o suficiente com meninos — bem, qualquer idade, na realidade; todos eles faziam isso — para compreender a completa inutilidade de reprimendas em situações como essa, e como ele não havia quebrado nem os ovos nem as pernas, eu meramente peguei o ninho e segurei-o enquanto ele tentava recuperar o fôlego e meu coração retomava seu ritmo normal.

Recuperado, levantou-se atabalhoadamente, sem se preocupar com a terra, a resina e as agulhas de pinheiro que o cobriam da cabeça aos pés.

— Maman está no barracão — ele disse, estendendo as mãos para o seu tesouro. — Você vem também, grandmère? — Sim. Onde estão suas irmãs? — perguntei desconfiadamente. — Você não devia estar tomando conta delas? — Non — ele respondeu despreocupadamente. — Elas estão em casa; é o lugar das mulheres.

— Oh, é mesmo? E quem lhe disse isso? — Esqueci. — Completamente recuperado, ele saltitava à minha frente, cantarolando uma canção, cujo refrão parecia ser "Na tuit, na tuit, na tuit, Germain!". Marsali, de fato, estava na clareira do uísque; sua touca, capa e seu vestido estavam pendurados em um galho do caquizeiro de folhas amarelas; perto dali, via-se um pote de barro cheio de carvão em brasa, fumegando, pronto para ser usado.

O terreiro de maltagem havia agora sido adequadamente cercado por paredes, formando um barracão em que o grão úmido podia ser empilhado, primeiro para germinar e depois para ser delicadamente torrado por um fogo lento sob o piso. As cinzas e o carvão haviam sido raspados para fora e lenha de carvalho para um novo fogo jazia no espaço sob o piso suspenso, mas ainda não estava acesa. Mesmo sem fogo, o barracão estava quente; senti isso a metros de distância.

Conforme os grãos germinavam, desprendiam tanto calor que o barracão claramente incandescia com isso.

Um ruído rítmico vinha de dentro; Marsali revirava os grãos com uma pá de madeira, tendo o cuidado de deixá-los uniformemente espalhados antes de acender o fogo da maltagem, A porta do barracão estava aberta, mas, é claro, não havia janelas; de longe, eu podia ver apenas uma sombra indistinta movendo-se lá dentro.

O ruído dos grãos abafara nossos passos; Marsali ergueu os olhos, surpresa, quando meu corpo bloqueou a luz no vão da porta.

— Mãe Claire! — Olá — eu disse alegremente. — Germain disse que você estava aqui. Pensei em...

— Maman! Olhe, olhe o que eu tenho aqui! — Germain passou por mim com ansiedade determinada, estendendo à frente o seu prêmio.

Marsali sorriu para ele e empurrou uma mecha de cabelos molhados de suor para trás da orelha.

— Ah, é? Bem, é magnífico, não? Vamos levar lá para fora para a luz, para podermos ver melhor, está bem? Ela saiu do barracão, suspirando de prazer ao toque do ar fresco.

Vestia apenas sua combinação, a musselina tão molhada de suor que eu podia ver não só as rodelas escuras de suas auréolas, como até a pequena protuberância de seu umbigo proeminente, onde o tecido grudava-se às curvas maciças de sua barriga.

Marsali sentou-se com outro imenso suspiro de alívio, esticando as pernas, os pés descalços apontando para cima. Seus pés estavam um pouco inchados e viam-se veias azuis, distendidas, sob a pele transparente de suas pernas.

— Ah, que bom sentar! Então, a chuisle, mostre-me o que você tem aí.

Aproveitei a oportunidade para dar a volta por trás dela, enquanto Germain exibia seu prêmio, e veladamente procurei manchas roxas ou outros sinais sinistros. Ela estava magra — mas Marsali simplesmente era magra, salvo o volume de sua gravidez, e sempre fora. Seus braços eram delgados, mas vigorosos, assim como suas pernas. Havia olheiras de cansaço sob seus olhos — mas, afinal, Marsali tinha três filhos pequenos, além dos desconfortos da gravidez para mantê-la acordada. Seu rosto estava rosado e úmido, com uma aparência absolutamente saudável.

Havia umas duas manchas roxas pequenas na parte inferior de suas pernas, mas eu as descartei; mulheres grávidas contundiam-se facilmente e, com todas as obstruções apresentadas pela vida em uma cabana de toras de madeira e atravessando montanhas inóspitas, havia poucas pessoas em Ridge — homens ou mulheres — que não exibissem uma ou outra mancha roxa.

Ou eu estaria apenas buscando desculpas, não querendo admitir a possibilidade do que Brianna havia sugerido? — Um para mim — Germain explicava, tocando os ovos — e um para Joan e um para Félicité e um para Monsieur L'Oeuf. — Ele apontou para o volume em forma de melão de sua barriga.

— Oh, vejam só, que menino gentil — Marsali disse, puxando-o para si e beijando sua testa suja. — Você é meu pequeno filhote de passarinho, certamente.

O sorriso radiante de prazer de Germain desfez-se em um ar de especulação quando ele entrou em contato com a barriga protuberante de sua mãe. Afagou-a cautelosamente.

— Quando o ovo se abre aí dentro, o que você faz com a casca? — ele perguntou. — Eu posso ficar com ela? Marsali ruborizou-se com o riso reprimido.

— As pessoas não vêm dentro de cascas — ela disse. — Graças a Deus.

— Tem certeza, mamãe? — Ele examinou sua barriga com desconfiança, depois a cutucou delicadamente. — Parece um ovo.

— Sim, parece, mas não é. É apenas o que papai e eu chamamos de o pequenino antes de nascer. Você já foi "Monsieur L'Oeuf um dia, hein? — Fui? — Germain pareceu atingido por um raio diante dessa revelação.

— Foi, sim. Assim como suas irmãs.

Germain franziu a testa, a franja loura e desgrenhada quase tocando o nariz.

— Não, não foram. Elas são "Mademoiselles L'Oeufs".

— Oui, certainement — Marsali disse, rindo para ele. — E talvez este também seja, mas monsieur é mais fácil de dizer. Venha cá, olhe. — Ela inclinou-se um pouco para trás e empurrou a mão com firmeza no lado de sua barriga. Em seguida, pegou a mão de Germain e colocou-o naquele ponto. Mesmo de onde eu estava, pude ver o movimento de sua carne quando o bebê chutou vigorosamente em reação a ser cutucado. Germain retirou a mão bruscamente, espantado, depois a colocou de volta, parecendo fascinado, e empurrou.

— Olá! — disse bem alto, colocando o rosto junto à barriga de sua mãe. — Comment ça va aí dentro, Monsieur L'Oeuf? — Ele vai bem — sua mãe assegurou-lhe. — Ou ela. Mas os bebês não falam direito no início. Você sabe disso. Félicité não diz nada além de "mama" ainda.

— Oh, sim. — Perdendo o interesse em seu iminente irmão, abaixou-se para pegar uma pedra de formato interessante.

Marsali ergueu a cabeça, estreitando os olhos contra o sol.



— Você devia ir para casa, Germain. Mirabel deve estar precisando ser ordenhada e eu ainda tenho o que fazer aqui. Vá ajudar o papai, sim? — Mirabel era uma cabra e um acréscimo ainda bastante recente ao ambiente doméstico para ser interessante, pois Germain entusiasmou-se com a sugestão.

— Oui, maman. Au'voir, grandmère! — Ele mirou e atirou sua pedra no barracão, não o atingindo, depois se virou e saiu correndo para a trilha.

— Germain! — Marsali gritou às suas costas. — Na tuit! — O que isso significa? — perguntei, curiosa. — É gaélico? Ou francês? — É gaélico — ela disse, sorrindo. — Significa "Não caia!" — Sacudiu a cabeça, fingindo-se perplexa. — O menino não consegue ficar longe das árvores! — Germain deixara o ninho com os ovos; ela colocou-o delicadamente no chão e eu vi as manchas ovais amareladas na parte de baixo de seu antebraço, desbotadas, mas exatamente como Brianna as descrevera.

— E como está Fergus? — perguntei, como se tivesse a ver com a conversa.

— Bastante bem — ela respondeu, um ar de cautela sombreando suas feições.

— É mesmo? — Olhei deliberadamente para seu braço, em seguida em seus olhos. Ela ruborizou-se e virou o braço rapidamente, escondendo as marcas.

— Sim, ele está bem! — ela disse. — Ele não é muito bom com a ordenha ainda, mas logo vai pegar o jeito. É difícil com uma única mão, é claro, mas ele...

Sentei-me no tronco ao lado dela e segurei seu pulso, virando-o.

— Brianna me contou — eu disse. — Fergus fez isso? — Oh. — Ela pareceu envergonhada e retirou o pulso de minha mão, pressionando o antebraço contra a barriga para esconder as marcas.

— Sim, bem. Sim, foi ele.

— Quer que eu fale com Jamie sobre isso? Uma onda de rubor tomou conta de seu rosto e ela sentou-se ereta, alarmada. — Santo Deus, não! Papai quebraria o pescoço de Fergus! E na verdade não foi culpa dele.

— Certamente foi culpa dele — eu disse, com firmeza. Eu vira muitas mulheres espancadas nas salas de emergência de Boston, todas alegando que na verdade não fora culpa do marido ou do namorado. É bem verdade que as mulheres geralmente tinham algo a ver com isso, mas ainda assim...

— Mas não foi — Marsali insistiu. O rubor não desaparecera de seu rosto; na realidade, intensificara-se. — Eu... ele... quero dizer, ele agarrou meu braço, sim, mas foi só porque eu... hã... bem, eu estava tentando acertar a cabeça dele com um pedaço de pau na ocasião. — Ela desviou o olhar, ruborizando-se ainda mais.

— Oh. — Esfreguei o dedo sob o nariz, um pouco desconcertada.

— Compreendo. E por que você estava tentando fazer isso? Ele estava... atacando você? Ela suspirou, os ombros arriando-se um pouco.

— Oh. Não. Bem, foi porque Joanie derramou o leite e ele gritou com ela e ela chorou e... — Encolheu ligeiramente os ombros, parecendo pouco à vontade. — Acho que havia um diabinho pousado no meu ombro, só isso.

— Fergus não costuma gritar com as crianças, não é? — Oh, não, não! — ela apressou-se a dizer. — Ele quase nunca... bem, ele não costumava fazer isso, mas com tantas... bem, não poderia culpá-lo, desta vez. Ele levou um tempo enorme para ordenhar a cabra e depois ver todo o leite derramado e desperdiçado... eu também teria gritado, eu acho.

Seus olhos estavam fixos no chão, evitando os meus, e ela remexia na costura de sua combinação, passando o polegar repetidamente sobre os pontos.

— Crianças pequenas, sem dúvida, podem ser exasperantes — concordei, com lembranças vívidas de um incidente envolvendo Brianna, de dois anos, um telefonema que me distraíra, uma grande tigela de espaguete com almôndegas e a pasta de Frank aberta. Frank normalmente exibia um grau santificado de paciência com Bri, ainda que menos comigo, mas nessa ocasião em particular seus berros de indignação fizeram as janelas tremerem.

E agora que eu me recordava da ocasião, eu realmente havia atirado uma almôndega nele, com uma fúria que beirava a histeria. Bri fizera o mesmo, embora por brincadeira, e não por vingança. Se eu estivesse ao lado do fogão na hora, poderia ser a panela que eu atiraria. Esfreguei o dedo sob o nariz, sem saber ao certo se lamentava a lembrança ou se ria dela. Na verdade, nunca mais consegui tirar as manchas do tapete.

Era uma pena que eu não pudesse compartilhar a lembrança com Marsali, já que ela ignorava não só o que era espaguete ou pasta de trabalho, como também quem era Frank. Ela ainda estava cabisbaixa, remexendo as folhas mortas de carvalho com a ponta do pé. — Foi tudo minha culpa, na verdade — ela disse, e mordeu o lábio.

— Não, não foi. — Apertei seu braço para tranquilizá-la. — Coisas assim não são culpa de ninguém. Acidentes acontecem, as pessoas ficam aborrecidas... mas no final tudo dá certo. — E assim era, pensei, embora em geral de uma maneira inesperada.

Ela balançou a cabeça, mas seu rosto continuava tristonho, o lábio inferior preso nos dentes.

— Sim, é só que... — começou, depois sua voz desapareceu.

Permaneci pacientemente sentada, tomando o cuidado para não pressioná-la. Ela queria — precisava — falar. E eu tinha que ouvir, antes de decidir o que contar a Jamie, ou se iria contar. Havia alguma coisa acontecendo entre ela e Fergus, isso era certo.

— Eu... estava pensando exatamente nisso agora, enquanto espalhava os grãos. Eu não teria feito isso, eu acho, só que aquilo me perturbou tanto... é que eu senti como se estivesse acontecendo o mesmo outra vez...

— O mesmo o quê? — perguntei, quando ficou claro que ela parara de falar.

— Eu derramei o leite — ela disse, atabalhoadamente. — Quando eu era pequena. Estava com fome e tentei pegar o jarro e ele entornou.

— Oh? — Sim. E ele gritou. — Seus ombros arquearam-se um pouco, como se lembrasse de um tapa.

— Quem gritou? — Não sei, ao certo. Pode ter sido meu pai, Hugh, mas também pode ter sido Simon, o segundo marido de minha mãe. Não me lembro realmente, só me lembro de estar com tanto medo que eu molhei as calças e isso o deixou ainda mais furioso. — O rubor queimava em suas faces e os dedos dos pés curvaram-se para dentro, de vergonha.

— Minha mãe gritou, pois era todo o alimento que havia, um pedaço de pão e o leite, e agora não havia mais leite. Mas ele gritou que não aguentava mais o barulho, pois Joan e eu berrávamos também... e então ele deu um tapa no meu rosto e minha mãe avançou para ele como uma fera; ele a empurrou com tanta força que ela caiu contra a lareira e bateu o rosto na chaminé. Eu podia ver o sangue escorrendo de seu nariz.

Ela fungou e passou o nó do dedo sob o nariz, piscando, os olhos ainda fixos nas folhas.

— Ele saiu batendo os pés e depois a porta fechou-se com um estrondo. Joanie e eu corremos para mamãe, ambas gritando desesperadas, pois achávamos que ela estava morta... mas ela se levantou, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, e disse para nós que tudo estava bem, que tudo ia ficar bem... e ela oscilando de um lado para o outro, sem sua touca que caíra longe, e fios de sangue

pingando de seu rosto no chão... Eu havia me esquecido disso. Mas quando Fergus começou a gritar com a pobre Joanie... era como se ele fosse Simon. Ou talvez Hugh. Ele, quem quer que fosse. — Ela fechou os olhos e suspirou profundamente, inclinando-se para frente, de modo que seus braços envolvessem o fardo de sua gravidez.

Estendi o braço e afastei os fios úmidos de cabelo de seu rosto, alisando-os para trás de sua fronte arredondada.

— Sente falta de sua mãe, não é? — eu disse, suavemente. Pela primeira vez, senti pena de sua mãe, Laoghaire, assim como de Marsali.

— Oh, sim — Marsali — disse, simplesmente. — Terrivelmente. — Suspirou outra vez, fechando os olhos, enquanto apoiava a face em minha mão. Puxei sua cabeça contra mim, segurando-a, e afaguei seus cabelos em silêncio.

Era final de tarde e as sombras estendiam-se longas e frias no bosque de carvalho. O calor em seu corpo já arrefecera e ela estremeceu ligeiramente no ar frio, a pele dos braços bem torneados arrepiando-se ligeiramente.

— Tome — eu disse, levantando-me e retirando a capa dos meus ombros. — Vista isso. Não vai querer pegar um resfriado.

— Ah, não precisa, está tudo bem. — Endireitou-se, sacudindo os cabelos para trás, e limpou o rosto com as costas da mão. — Só falta um pouco para terminar aqui e depois tenho que voltar logo para casa para preparar o jantar...

— Eu faço isso — eu disse com firmeza, enrolando a capa ao redor de seus ombros. — Descanse um pouco.



O ar dentro da minúscula cabana estava denso o bastante para deixar uma pessoa tonta por si só, impregnado do almíscar profundo de grãos em germinação e da poeira fina e penetrante das cascas da cevada. O calor era reconfortante depois do ar frio do lado de fora, mas em poucos instantes minha pele já estava úmida sob o vestido e a combinação, e eu retirei o vestido pela cabeça e pendurei-o no gancho junto à porta.

Marsali tinha razão; não restava muito a fazer. O trabalho me manteria aquecida e depois eu voltaria diretamente para casa com Marsali. Faria o jantar para a família, deixando-a repousar — e, enquanto estivesse fazendo isso, talvez pudesse ter uma conversa com Fergus e descobrir mais sobre o que estava acontecendo.

Fergus podia estar preparando o jantar, eu pensei, franzindo a testa enquanto enfiava a pá nos montículos turvos de grãos grudentos. Não que ele pensaria em tal coisa, o francesinho preguiçoso. Ordenhar a cabra era o máximo até onde ele iria em termos de "trabalho de mulher".

Em seguida, pensei em Joan e Félicité, e me senti mais benevolente em relação a Fergus. Joan tinha três anos, Félicité um ano e meio — e qualquer um sozinho numa casa com aquelas duas tinha minha inteira compreensão, independente de qualquer trabalho que estivessem fazendo.

Joan era externamente uma doce menininha de cabelos castanhos e, quando sozinha, era calma e obediente — até certo ponto. Félicité era a cara do pai, morena, de ossos delgados, e dada a acessos alternados de lânguido charme e paixão intempestiva. Juntas... Jamie referia-se a elas jocosamente como "gatinhas infernais", e, se elas estavam em casa, não era de admirar que Germain estivesse vagando pelo bosque — não que a própria Marsali considerasse um alívio estar ali sozinha fazendo trabalho pesado.

"Pesado" era o termo certo, pensei, enfiando a pá dentro dos grãos outra vez e erguendo-a. Grãos germinados eram grãos úmidos, e cada pá cheia pesava quilos. Os grãos revirados formavam manchas escuras de umidade das camadas inferiores. Os grãos ainda não revirados tinham uma cor mais pálida, mesmo na penumbra. Restavam apenas alguns montículos de grãos não revirados, no canto mais distante.

Ataquei-os com vontade, percebendo que o fazia para tentar com todas as forças não pensar na história que Marsali me contara. Eu não queria gostar de Laoghaire — e não gostava. Mas também não queria sentir compaixão por ela tampouco, e isso estava se mostrando difícil de evitar.

Aparentemente, a vida não fora fácil para ela. Bem, nem para todos que viviam nas Highlands na época, pensei, grunhindo do esforço quando lançava uma pá cheia de grão para o lado. Ser mãe não era fácil em lugar nenhum — mas parecia que ela conseguira fazer um bom trabalho.

Espirrei com a poeira dos grãos, parei para limpar o nariz na manga, depois retornei ao trabalho com a pá.

Não é que ela tivesse tentado tirar Jamie de mim afinal, disse a mim mesma, esforçando-me para ter compaixão e objetividade altruísta.

Muito ao contrário, na realidade — ou ao menos ela poderia muito bem ver isso desta forma.

A borda da pá arranhava o piso com um som áspero conforme eu raspava os últimos grãos. Lancei os grãos para o lado, depois usei a parte chata da pá para empurrar alguns dos grãos revirados para o canto vazio e alisar os montículos mais altos, nivelando-os.

Eu conhecia todas as razões pelas quais ele dissera que se casara com ela — e acreditava nele. Entretanto, o fato é que a simples menção de seu nome evocava visões diversificadas —

começando com Jamie beijando-a ardentemente em uma alcova no Castelo Leoch e terminando com ele levantando sua camisola no escuro da cama conjugal, as mãos quentes e ansiosas em suas coxas — isso me fez resfolegar desdenhosamente como uma orca e sentir o sangue latejar, quente, em minhas têmporas.

Talvez, refleti, eu não fosse um tipo de pessoa realmente magnânima. Na realidade, de vez em quando era bastante rancorosa e mesquinha.

Esse acesso de autocrítica foi interrompido pelo som de vozes e movimento do lado de fora. Dirigi-me à porta do barracão, estreitando os olhos contra a luz ofuscante do sol de final de tarde. Eu não conseguia ver seus rostos, nem mesmo dizer com certeza quantos deveria haver. Alguns estavam a cavalo, alguns a pé, silhuetas negras com o sol poente por trás delas. Percebi um movimento pelo canto dos olhos; Marsali estava de pé, voltando para o barracão.

— Quem são vocês? — ela perguntou, o queixo inclinado.

— Viajantes com sede, dona — disse uma das formas negras, conduzindo o cavalo à frente dos outros. — Em busca de hospitalidade.

As palavras eram bastante corteses; a voz, não. Dei alguns passos para fora do barracão, ainda segurando a pá.

— Bem-vindos — eu disse, sem fazer nenhum esforço para parecer hospitaleira. — Fiquem onde estão, cavaleiros; teremos prazer em lhes trazer uma bebida. Marsali, poderia ir pegar o barril pequeno? Havia um barril bem pequeno de uísque não envelhecido mantido ali perto exatamente para essas ocasiões. Meus batimentos cardíacos ressoavam alto em meus ouvidos e eu agarrava o cabo da pá com tanta força que podia sentir as fibras da madeira.

Era mais do que extraordinário ver tantos estranhos nas montanhas de uma só vez. De vez em quando, víamos um grupo de caçadores cherokees, mas estes homens não eram índios.



— Não se incomode, dona — disse outro dos homens, apeando o cavalo. — Eu a ajudo a pegar. Mas acho que vamos precisar de muito mais do que um barril pequeno.

A voz era inglesa e estranhamente familiar. Não um sotaque educado, mas com uma dicção cuidadosa.

— Temos apenas um barril pronto — eu disse, afastando-me de lado lentamente e mantendo os olhos no homem que havia falado. Era baixo e muito magro, e movia-se aos arrancos, com um trejeito rígido, como uma marionete.

Ele vinha em minha direção; os outros também. Marsali aproximara-se da pilha de lenha e tateava atrás dos pedaços de carvalho e nogueira.

Eu podia ouvir sua respiração, áspera na garganta. O barril estava escondido na pilha de lenha. Também havia um machado ao lado da lenha, eu sabia.

— Marsali — eu disse. — Fique aí. Vou ajudá-la.

Um machado era melhor do que uma pá — mas duas mulheres contra... quantos homens? Dez... uma dúzia... mais? Pestanejei, os olhos lacrimejando contra o sol, e vi vários outros homens saírem do meio das árvores. Esses eu podia ver com clareza; um deles riu para mim e eu tive que me conter para não desviar o olhar. Seu sorriso ampliou-se.

O homem baixo também se aproximava. Olhei para ele e senti uma pequena comichão de reconhecimento. Quem diabos era ele? Eu o conhecia; já o vira antes — e, no entanto, eu não conseguia ligar o queixo pontudo e a testa estreita a nenhum nome. Ele fedia a suor rançoso e seco, poeira impregnada na pele e o odor adstringente de resquícios de urina; todos eles, e o fedor deles flutuava no vento, ferino como o mau cheiro de doninhas.

Ele viu que o reconheci; os lábios finos contraíram-se por um instante, depois relaxaram.

— Sra. Fraser — ele disse, e o sentimento de apreensão aprofundou-se vividamente quando vi a expressão de seus olhos pequenos e astutos.

— Acho que tem uma vantagem sobre mim, senhor — eu disse, no tom mais destemido que pude. — Já nos conhecemos? Ele não respondeu. Um lado de sua boca virou-se para cima um pouco, mas sua atenção foi distraída pelos dois homens que haviam se precipitado para frente para pegar o barril, conforme Marsali o rolou para fora de seu esconderijo. Um deles já havia apanhado o machado em que eu estava de olho e estava prestes a abrir um buraco na tampa do barril, quando o homem magro gritou para ele.

— Largue isso! O sujeito ergueu os olhos para ele, a boca aberta, sem compreender.

— Eu disse para largar isso! — o homem magro repetiu rispidamente, enquanto o outro olhava do barril para o machado e de volta, confuso. — Nós o levaremos conosco; não quero ver vocês todos zonzos de bebida agora! Virando-se para mim, como se continuasse uma conversa, ele disse: — Onde está o resto? — É tudo o que temos — Marsali disse, antes que eu pudesse responder. Ela franzia a testa para ele, cautelosa, mas também com raiva.

— Leve-o, então, se precisa.

A atenção do homem magro voltou-se então para ela pela primeira vez, mas não lhe deu mais do que um rápido olhar antes de se voltar novamente para mim.

— Não se dê ao trabalho de mentir para mim, sra. Fraser. Sei perfeitamente que há mais e eu vou levá-lo.

— Não há. Me dê isso, seu maldito imbecil! — Marsali arrancou o machado habilmente do homem que o segurava e franziu o cenho para o homem magro. — É assim que retribuem uma boa acolhida, é? Roubando? Bem, peguem o que vieram buscar e vão embora, então! Eu não tive escolha senão seguir sua reação,

embora campainhas de alarme soassem no meu cérebro toda vez que eu olhava para o homenzinho magro.

— Ela tem razão — eu disse. — Vejam por vocês mesmos. — Apontei para o barracão, as tinas de mash e o alambique aberto e obviamente vazio. — Estamos apenas começando a maltagem. Ainda vai levar semanas até termos um novo lote de uísque.

Sem a menor mudança de expressão, ele deu um rápido passo para frente e me esbofeteou com toda força.



O golpe não foi suficientemente forte para me derrubar, mas atirou minha cabeça para trás e deixou meus olhos lacrimejando. Eu fiquei mais chocada do que ferida, embora houvesse um vivo gosto de sangue em minha boca, e eu já podia sentir meu lábio começar a inchar.

Marsali soltou um grito agudo de choque e indignação, e ouvi alguns dos homens murmurarem com interessada surpresa. Eles haviam se aproximado, cercando-nos.

Levei as costas da mão à minha boca ensanguentada, notando de uma forma distanciada que estava trêmula. Meu cérebro, entretanto, se retraía a uma distância segura e fazia e descartava suposições tão rapidamente que elas passavam em rápida sucessão, como cartas sendo embaralhadas.

Quem eram esses homens? Até que ponto eram perigosos? O que estariam dispostos a fazer? O sol estava se pondo — quanto tempo ainda até notarem a minha ausência ou a de Marsali e alguém viesse à nossa procura? Seria Fergus, ou Jamie? Mesmo Jamie, se ele viesse sozinho...

Eu não tinha a menor dúvida de que esses eram os mesmos homens que haviam incendiado a casa de Tige O'Brian e que

provavelmente eram os responsáveis pelos ataques dentro da Linha do Tratado também.

Cruéis, portanto — mas com a pilhagem como seu principal objetivo.

Havia um gosto de cobre em minha boca; o gosto metálico de sangue e medo. Não mais do que um segundo se passou com esses cálculos, mas enquanto abaixava a mão concluí que seria melhor lhes dar o que queriam e esperar que fossem embora com o uísque imediatamente.

Mas não tive nenhuma chance de dizer isso. O homem magro agarrou-me pelo pulso e torceu-o violentamente. Senti os ossos se deslocarem e estalarem com uma dor dilacerante, e caí de joelhos nas folhas, incapaz de emitir mais do que um pequeno som ofegante.

Marsali emitiu um som mais alto e deu um bote como uma cobra.

Girou o machado com toda a força de seu peso por trás e a lâmina afundou-se no ombro do homem ao seu lado. Ela soltou-a com um safanão e um jato de sangue quente espirrou em meu rosto, caindo como chuva sobre as folhas.

Ela berrou, um som alto e estridente, e o homem berrou também, e logo toda a clareira estava em movimento, homens lançando-se para frente com o rugido de uma onda se quebrando. Precipitei-me para frente também, agarrei o homem magro pelos joelhos e arremeti a cabeça para cima com toda força entre suas pernas. Ele soltou um chiado sufocado e caiu em cima de mim, achatando-me no chão.

Esgueirei-me de baixo de seu corpo contraído, sabendo apenas que eu tinha que alcançar Marsali, ficar entre ela e os homens — mas eles já estavam sobre ela. Um grito cortado ao meio pelo som de punhos contra carne e um estrondo surdo quando corpos caíram com força contra a parede do barracão de maltagem.

O pote de barro com as brasas estava ao meu alcance. Agarrei-o, indiferente ao seu calor fulminante e atirei-o direto no meio dos homens.

O pote atingiu um deles bem no meio das costas e se espatifou, lançando uma chuva de carvão em brasa. Homens gritaram e saltaram para trás, e eu vi Marsali desmoronada contra o barracão, o pescoço caído sobre um dos ombros e os olhos revirados para trás, brancos em sua cabeça, as pernas abertas e a combinação rasgada desde o pescoço, deixando seus seios pesados nus sobre o volume de sua barriga.

Em seguida, alguém me atingiu no lado da cabeça e eu fui lançada de lado, resvalando pelas folhas e terminando completamente inerte, estendida no chão, incapaz de me levantar, pensar ou falar.

Uma grande calma se apoderou de mim e minha visão se estreitou, aparentemente muito devagar — o fechamento de alguma grande íris, fechando-se em espiral. Diante de mim, vi um ninho no chão, a centímetros do meu nariz, os gravetos finos habilmente entrelaçados, os quatro ovos esverdeados redondos e frágeis, perfeitos, em seu interior.

Então, um salto de botas esmigalhou os ovos e a íris se fechou.

O cheiro de queimado me despertou. Eu devia ter ficado inconsciente por não mais do que alguns instantes; o tufo de capim seco perto do meu rosto mal começara a desprender fumaça. Uma brasa fumegante brilhou em um tufo carbonizado, lançando faíscas. Fios incandescentes lançaram-se pelas lâminas de capim ressequidas e o montículo explodiu em chamas, no instante em que mãos me agarraram pelo braço e pelo ombro, arrastando-me para cima.

Ainda zonza, debati-me contra meu captor enquanto ele me levantava, mas fui empurrada sem a menor cerimônia para um dos

cavalos, içada e atirada sobre a sela com uma força que arrancou o ar dos meus pulmões. Mal tive a presença de espírito de agarrar a tira de couro do estribo, quando alguém deu um tapa no flanco do cavalo e partimos em um trote acelerado.

Entre a tontura e os sacolejos, tudo que eu via era fragmentado, enlouquecido como espelho quebrado — mas captei um último vislumbre de Marsali, agora flácida como uma boneca de pano entre uma dúzia de minúsculos focos de fogo, conforme as brasas espalhadas começaram a pegar e queimar.

Fiz um ruído estrangulado, tentando chamá-la, mas ele se perdeu no fragor dos arreios e das vozes dos homens, falando com urgência, bem próximos.

— Está louco, Hodge? Você não vai querer levar esta mulher. Devolva-a!

— Não posso. — A voz do homenzinho soou irritada, mas controlada, em algum ponto bem próximo. — Ela nos levará ao uísque!

— De nada vai nos adiantar o uísque se estivermos mortos, Hodge! Esta é a mulher de Jamie Fraser, pelo amor de Deus!

— Sei quem ela é! Ande logo!

— Mas ele... você não conhece o homem, Hodge! Eu o vi uma vez...

— Poupe-me de suas recordações. Vamos, já disse!

Essa última exclamação foi pontuada por um golpe surdo, repentino e perverso, e o som espantado de dor. A coronha de uma pistola, pensei.

Diretamente no rosto, acrescentei mentalmente, engolindo em seco ao ouvir a respiração chiada, entrecortada e úmida de um homem com o nariz quebrado.

A mão de alguém me agarrou pelos cabelos e virou minha cabeça dolorosamente com um safanão. O rosto do homem magro olhava para baixo, fixamente, para o meu, os olhos estreitados,

calculando. Ele parecia apenas querer se certificar de que eu de fato estava viva, pois não disse nada, e largou minha cabeça outra vez, indiferente como se fosse uma pinha que ele tivesse apanhado ao longo do caminho.

Alguém conduzia o cavalo em que eu estava; havia vários homens a pé, também. Eu os ouvia, falando uns com os outros, quase correndo para acompanhar os cavalos que se lançaram por uma encosta acima, grunhindo e resfolegando como porcos pela vegetação rasteira.

Eu não conseguia respirar, a não ser em pequenas arfadas superficiais, e era implacavelmente sacolejada a cada passo — mas eu não podia desperdiçar nenhuma atenção com desconforto físico. Marsali estaria morta? Ela parecia estar, sem dúvida, mas eu não vira nenhum sangue, e eu me agarrei a esse pequeno fato pelo frágil — e temporário — conforto que ele proporcionava.

Mesmo que ela ainda não estivesse morta, logo estaria. Quer dos ferimentos, do choque ou de um aborto repentino — oh, Deus, oh, Deus, pobre pequenino Monsieur LOeuf...

Minhas mãos agarravam-se, em desespero, às tiras de couro do estribo. Quem poderia encontrá-la — e quando? Faltava pouco mais de uma hora para o jantar quando eu cheguei ao barracão de maltagem. Que horas seriam agora? Eu só conseguia vislumbrar de relance o chão que passava acelerado, sacudindo-se violentamente abaixo, mas meus cabelos haviam se soltado e esvoaçavam pelo meu rosto sempre que eu tentava levantar a cabeça. Mas havia uma friagem crescente no ar e uma imobilidade na luz que me diziam que o sol estava perto do horizonte. Dentro de poucos minutos, a luz começaria a esmaecer.

E então? Quanto tempo até uma busca começar? Fergus notaria a ausência de Marsali quando ela não aparecesse para preparar o jantar — mas ele iria sair à sua procura, com as meninas sob seus cuidados? Não, ele enviaria Germain. Isso fez meu coração

dar um salto e ficar preso na minha garganta. Para um menino de cinco anos encontrar a mãe...

Eu ainda podia sentir o cheiro de queimado. Inspirei, uma vez, duas vezes, novamente, esperando que fosse minha imaginação. Mas acima da poeira e do suor do cavalo, do odor acre do couro do estribo e dos bafejos de plantas esmagadas, eu podia sentir distintamente o cheiro de fumaça. A clareira, o barracão — ou ambos — estavam ardendo em chamas neste momento. Alguém veria a fumaça e viria. Mas a tempo? Fechei os olhos com força, tentando parar de pensar, buscando alguma distração que me impedisse de ver com os olhos da mente a cena que deveria estar transcorrendo atrás de mim.

Ainda havia vozes próximas. O homem que chamavam de Hodge outra vez. Eu devia estar no cavalo dele; ele caminhava junto à cabeça do cavalo, do outro lado do animal. Outra pessoa discutia com ele, porém sem melhor resultado do que o primeiro homem.

— Espalhe-os — ele dizia sucintamente. — Divida os homens em dois grupos. Você fica com um, o resto vem comigo. A gente se une outra vez dentro de três dias em Brownsville.

Maldição. Ele esperava perseguição e pretendia frustrá-la dividindo o grupo e confundindo as pegadas. Desesperadamente, tentei pensar em alguma coisa para deixar cair; certamente eu deveria ter alguma coisa para deixar como modo de dizer a Jamie em que direção eu fora levada.

Mas eu não usava nada além de combinação, espartilho e meias — meus sapatos se perderam quando me arrastaram para o cavalo. As meias pareciam a única possibilidade; no entanto, as ligas, com extrema perversidade, desta vez estavam firmemente apertadas e totalmente fora do meu alcance no momento.

Por toda parte ao meu redor, eu podia ouvir o barulho de homens e cavalos se locomovendo, chamando e passando aos empurrões, conforme o corpo principal da tropa se dividia. Hodge



assoviou para o cavalo e começamos a nos locomover mais depressa.

Meus cabelos esvoaçantes prenderam-se em um galhinho quando roçamos um arbusto, prendeu-se por um instante, depois se liberou com um doloroso ping!, quando o galhinho se partiu, ricocheteando do osso da minha face e por pouco não atingindo meu olho. Eu disse alguma coisa muito grosseira e alguém — Hodge, eu diria — me repreendeu com uma forte palmada no traseiro.

Eu disse algo muito, muito mais grosseiro, mas baixinho e entre os dentes. Meu único consolo era a ideia de que não seria difícil rastrear um bando como este, deixando como estava uma ampla trilha de galhos quebrados, marcas dos cascos dos cavalos e pedras viradas.

Eu já vira Jamie seguir a pista de coisas pequenas e astutas, bem como grandes e desajeitadas — e o vira verificar as cascas dos troncos das árvores e os galhinhos de arbustos conforme prosseguia, em busca de marcas e reveladores tufos de... pelos.

Não havia ninguém caminhando do lado do cavalo onde minha cabeça pendia. Apressadamente, comecei a arrancar cabelos da minha cabeça. Três, quatro, cinco — seriam suficientes? Estendi a mão e arrastei-a por um arbusto de chá-dos-apalaches; os cabelos longos, cacheados, esvoaçaram no ar deslocado pela passagem do cavalo, mas continuaram presos na folhagem denteada.

Fiz a mesma coisa mais quatro vezes. Certamente ele veria ao menos uma das pistas e saberia que caminho seguir — se não perdesse tempo seguindo a outra trilha primeiro. Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito, salvo rezar — e preparei-me para fazê-lo com grande fervor, começando com uma súplica por Marsali e Monsieur LOeuf, cuja urgência era obviamente muito maior do que a minha.

Continuamos a subir por bastante tempo; estava completamente escuro antes de alcançarmos o que parecia ser o cume de uma serra, e eu já estava quase inconsciente, minha cabeça latejando com o acúmulo de sangue e meus espartilhos pressionados com tanta força no meu corpo que eu sentia cada barbatana de baleia como um ferro em brasa marcando minha pele.

Eu tive apenas a energia necessária para me empurrar para trás quando o cavalo parou. Bati no chão e encolhi-me imediatamente em um montículo, onde permaneci zozona e ofegante, esfregando as mãos, que haviam inchado por terem ficado tanto tempo penduradas para baixo.

Os homens estavam reunidos num pequeno grupo, ocupados em uma conversa em voz baixa, mas perto demais para eu pensar em tentar me arrastar furtivamente para dentro do mato. Um dos homens estava a apenas alguns passos de distância, de olho em mim.

Olhei para trás na direção de onde viéramos, em parte temendo, em parte desejando ver um clarão de fogo lá embaixo, a distância. O incêndio atrairia a atenção de alguém — alguém já saberia agora o que acontecera, estaria agora mesmo dando o alarme, organizando a busca. E no entanto... Marsali.

Ela já estaria morta, e o bebê também? Engoli com dificuldade, estreitando os olhos para a escuridão, tanto para evitar as lágrimas, quanto na esperança de ver alguma coisa. No entanto, as árvores eram densas ao nosso redor e eu não conseguia ver absolutamente nada, salvo variações de negro. Não havia nenhuma luz; a lua ainda não surgira e as estrelas ainda estavam fracas — mas meus olhos haviam tido tempo mais do que necessário para se adaptarem e, embora eu não fosse nenhum gato para ver no escuro, podia distinguir o suficiente para fazer uma contagem aproximada. Eles discutiam, olhando para mim de vez em quando.

Talvez uma dúzia de homens... Quantos havia originalmente? Vinte? Trinta? Flexionei os dedos, tremendo. Meu pulso estava seriamente machucado, mas não era isso que me preocupava no momento.

Era claro para mim — e portanto provavelmente para eles também — que não podiam se dirigir diretamente para o esconderijo do uísque, ainda que eu fosse capaz de encontrá-lo à noite. Se Marsali sobreviveu para contar ou não — senti minha garganta se fechar diante do pensamento —, Jamie provavelmente iria deduzir que o objetivo dos intrusos era o uísque, e o manteria sob guarda.

Se as coisas não tivessem saído de controle como saíram, os homens teriam me forçado a guiá-los até o esconderijo, teriam pego o uísque e fugido, esperando escapar antes que o roubo fosse descoberto. Deixar eu e Marsali vivas para dar o alarme e descrevê-los? Eu duvidava. Talvez; talvez não.

No pânico seguinte ao ataque de Marsali, entretanto, o plano original desmoronara. E agora? O grupo de homens se dispersava, embora a discussão continuasse.

Passos se aproximavam.

— Estou lhe dizendo, não vai dar certo — um dos homens dizia acaloradamente. Pela voz espessa, presumi que fosse o homem com o nariz quebrado, que não se deixara intimidar pelo seu ferimento. — Mate-a agora. Deixe-a aqui; ninguém vai encontrá-la antes das feras já terem espalhado seus ossos.

— Ah, é? E se ninguém a encontrar, vão achar que ela ainda está conosco, certo? — Mas se Fraser nos alcançar, e ela não estiver, quem ele vai culpar..

Pararam, quatro ou cinco deles rodeando-me. Levantei-me atabalhoadamente, minha mão fechando-se por reflexo no objeto mais próximo que se assemelhasse a uma arma — infelizmente, uma pequena pedra.

— A que distância estamos do uísque? — Hodge perguntou. Ele tirara o chapéu e seus olhos brilharam como os de um rato, na escuridão.

— Não sei — respondi, mantendo um rígido controle dos meus nervos, e agarrando a pedra. Meu lábio ainda estava dolorido, inchado do golpe que ele desfechara em mim, e eu tinha que formular as palavras cuidadosamente. — Eu não sei onde nós estamos.

Isso era verdade, embora eu pudesse facilmente conjecturar.

Hávamos viajado por algumas horas, a maior parte do trajeto subindo, e as árvores próximas eram abetos e bálsamos; podia sentir o cheiro da resina, pungente e límpido. Estávamos nas encostas mais altas e provavelmente perto de uma pequena passagem que atravessava a montanha.

— Mate-a — incitou um dos homens. — Ela de nada serve para nós e se Fraser a encontrar conosco...

— Cale-se! — Hodge virou-se para ele com tal violência que o homem, muito maior, recuou involuntariamente. Essa ameaça resolvida, Hodge ignorou-o e agarrou-me pelo braço.

— Não brinque comigo, mulher. Diga-me o que eu quero saber. — Ele não se deu ao trabalho de acrescentar "ou então". Algo frio passou por cima dos meus seios e a dor aguda e quente do corte seguiu-se um segundo depois, quando o sangue começou a aflorar.

— Meu Deus! — eu disse, mais de surpresa do que de dor.

Arranquei meu braço de sua mão. — Já lhe disse, nem sequer sei onde nós estamos, idiota! Como espera que eu lhe diga onde está qualquer outra coisa?

Ele pestanejou, perplexo, e ergueu a faca em reflexo, cauteloso, como se achasse que eu fosse atacá-lo. Percebendo que eu não o faria, cerrou as sobrancelhas para mim.

— Vou lhe dizer o que eu realmente sei — eu disse, e fiquei distanciadamente satisfeita de ouvir que minha voz estava clara e firme.

— O esconderijo do uísque fica a cerca de oitocentos metros do barracão de maltagem, aproximadamente para noroeste. Está numa caverna, bem escondido. Eu poderia levá-los lá, se partíssemos da fonte de onde me tiraram, mas isso é tudo que posso lhe dizer em termos de direção.

Isso também era verdade. Eu poderia achar o esconderijo facilmente — mas dar indicações de direção? Atravesse uma clareira na mata perto dali, até ver o bosque de carvalho onde Brianna atirou em um gambá, vire à esquerda até uma rocha mais ou menos quadrada com uma moita de língua-de-cobra em cima... O fato de que a necessidade dos meus serviços como guia fosse provavelmente tudo que os impedia de me matar ali mesmo era, é claro, uma consideração secundária.

Fora um corte muito superficial; não estava de modo algum sangrando muito. Entretanto, minhas mãos e meu rosto estavam gelados, e pequenos lampejos luminosos surgiam e desapareciam nos cantos da minha visão. Nada estava me mantendo de pé além de uma vaga convicção de que, se chegasse a esse ponto, eu preferia morrer de pé.

— Vou lhe dizer, Hodge, você não vai querer ter nada a ver com essa mulher... nada. — Um homem maior juntara-se ao pequeno grupo ao meu redor. Ele inclinou-se sobre o ombro de Hodge, olhando para mim, e balançou a cabeça. Todos eles eram negros na escuridão, mas esse homem tinha na voz um toque da cadência africana, um ex-escravo, ou talvez um traficante de escravos. — Essa mulher... eu já ouvi falar dela. É uma feiticeira. Eu as conheço. São como serpentes. Não toque nela, ouviu? Ela o amaldiçoará! Consegui dar uma risada mais ou menos virulenta em resposta a isso e o homem mais perto de mim recuou um passo.

Fiquei ligeiramente surpresa; de onde teria vindo isso? Mas eu estava respirando melhor agora e os lampejos luminosos haviam desaparecido.

O homem alto esticou o pescoço, vendo a linha escura de sangue em minha combinação.

— Você tirou sangue dela? Droga, Hodge, você já estragou tudo. — Havia um perceptível tom de alarme em sua voz e ele recuou um pouco, fazendo algum tipo de sinal para mim com uma das mãos.

Sem fazer a menor ideia do que me levava a fazer aquilo, larguei a pedra, corri os dedos da mão direita pelo corte e, com um movimento rápido, estendi o braço e passei os dedos pela face do homenzinho magro. Repeti a risada maligna.

— Maldição, hein? — eu disse. — Que tal isso? Toque em mim outra vez e você morrerá dentro de vinte e quatro horas.

As listras de sangue destacavam-se, escuras, no branco da face do sujeito. Ele estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu hálito azedo e ver a fúria assomar ao seu rosto.

O que diabos você acha que está fazendo, Beauchamp? — pensei, inteiramente surpresa comigo mesma. Hodge preparou o punho para me dar um soco, mas o homem maior segurou-o pelo pulso com um grito de medo.

— Não faça isso! Você vai matar todos nós! — Pode ter certeza de que vou matar você agora mesmo, desgraçado! Hodge ainda segurava a faca na outra mão; atacou atabalhoadamente o homem maior, grunhindo de raiva. O grandalhão soltou uma arfada com o impacto, mas não foi gravemente atingido — ele torceu o pulso que segurava e Hodge soltou um grito agudo, guinchado, como um coelho pego por uma raposa.

Em seguida, todos começaram a se atracar, empurrando e gritando, engalfinhando-se, tentando pegar as armas. Virei-me e corri, mas não dei mais do que alguns passos antes que um deles

me agarrasse, lançando os braços ao meu redor e puxando-me com força contra ele.

— Você não vai a lugar algum, dona — ele disse, arquejando em meu ouvido.

Eu não iria mesmo. Ele não era mais alto do que eu, porém era muito mais forte. Lancei-me para frente, tentando me libertar, mas seus braços me envolviam com força e ele apertou-os ainda mais. Fiquei rigidamente parada, o coração disparado de raiva e medo, sem querer dar-lhe uma desculpa para me machucar. Ele estava excitado; eu podia sentir seu coração martelando também e senti o odor de suor fresco sobre o fedor azedo do corpo e das roupas.

Eu não conseguia ver o que estava acontecendo, mas não achava que estavam brigando tanto agora, mas meramente gritando uns com os outros. Meu captor deslocou o peso do corpo e limpou a garganta.

— Ahhh... de onde você é, madame? — ele perguntou, muito educadamente.

— O quê?! — exclamei, estupefata. — De onde? Hã... ah... Inglaterra. Ox-fordshire, originalmente. Depois, Boston.

— Oh? Eu mesmo sou do norte.

Contive a necessidade automática de dizer "Prazer em conhecê-lo", já que eu não tinha esse prazer, e a conversa definiu.

A briga terminara, tão abruptamente como começara. Com incontáveis resmungos e rosnados emblemáticos, o resto recuou diante dos berros de Hodge afirmando que era ele quem estava no comando ali e que eles iriam fazer o que ele mandasse ou sofrer as consequências.

— Ele fala sério — murmurou meu captor, ainda pressionando-me firmemente contra seu peito imundo. — Não tente contrariá-lo, madame, acredite-me.

— Humm — eu disse, embora presumisse que o conselho fosse bem-intencionado. Eu esperara que o conflito fosse ruidoso e prolongado, aumentando assim as chances de Jamie nos alcançar.

— E de onde é esse Hodge, por falar em origem? — perguntei. Ele ainda me parecia extremamente familiar; eu tinha certeza de que já o vira em algum lugar, mas onde? — Hodgepile? Ahhh... Inglaterra, eu acho — disse o rapaz que me agarrava. Ele pareceu surpreso. — Ele não soa como um inglês? Hodge? Hodgepile? O nome não me era estranho, sem dúvida, mas...

Houve muita movimentação e resmungos, mas logo partíamos novamente. Desta vez, graças a Deus, permitiram que eu viajasse montada, embora minhas mãos estivessem atadas e amarradas à sela.



Avançávamos muito lentamente; havia uma espécie de trilha, mas, mesmo com a fraca claridade lançada pela lua nascente, o progresso era difícil. Hodgepile já não conduzia o cavalo que eu montava, o rapaz que havia me recapturado segurava as rédeas, puxando e persuadindo o cavalo cada vez mais relutante a atravessar o mato cerrado. Eu podia vê-lo de relance às vezes, magro, com cabelos espessos e desgrenhados que caíam abaixo dos ombros e lhe emprestavam uma aparência de juba de leão, em silhueta.

A ameaça de morte imediata parecia ter diminuído um pouco, mas eu ainda sentia um bolo em meu estômago e os músculos de minhas costas estavam tensos de apreensão. Hodgepile conseguira impor sua vontade por enquanto, mas não houve uma verdadeira concordância entre os homens; um dos que eram favoráveis a me matar e abandonar meu corpo às doninhas e



gambás poderia facilmente decidir dar um fim rápido à controvérsia e partir para um ataque do meio da escuridão.

Eu podia ouvir a voz de Hodgepile, contundente e belicosa, mais à frente. Ele parecia estar passando para cima e para baixo da coluna, implicando, intimidando, amedrontando como um cão pastor a suas ovelhas, instigando seu rebanho a se mover.

Eles estavam de fato se movendo, embora fosse claro até mesmo para mim que os cavalos estavam cansados. O que eu cavalgava estava trôpego, dando guinadas com a cabeça, irritado. Deus sabe de onde os saqueadores estavam vindo ou por quanto tempo haviam viajado antes de chegarem à clareira do uísque. Os homens também diminuía a marcha, uma névoa gradual de fadiga descendo sobre eles conforme a adrenalina da fuga e do conflito recuava. Eu podia sentir a lassidão furtivamente tomando conta de mim também e lutava contra ela, esforçando-me para me manter alerta.

Ainda era começo de outono, mas eu estava usando apenas minha combinação e espartilhos, e estávamos a uma altitude em que o ar esfriava rapidamente à noite. Eu tremia constantemente e o corte em meu peito queimava conforme os pequenos músculos flexionavam-se sob a pele. Não era de modo algum um ferimento grave, mas e se infeccionasse? Eu só podia esperar que eu vivesse o suficiente para que isso se tornasse um problema.

Por mais que eu tentasse, não conseguia parar de pensar em Marsali, nem impedir minha mente de fazer especulações médicas, visualizando tudo, da concussão com inchaço intracraniano a queimaduras com inalação de fumaça. Eu poderia fazer alguma coisa — talvez até uma cesariana de emergência — se eu estivesse lá. Ninguém mais poderia.

Cerrei os punhos com força na borda da sela, retesando ao máximo a corda que os prendia. Eu precisava estar lá! Mas não estava, e talvez nunca estivesse.

Os murmúrios e discussões haviam praticamente cessado quando a escuridão da floresta se abateu sobre nós, mas uma insistente sensação de nervosismo, quase tangível, permanecia sobre o grupo. Em parte, eu achava que era apreensão e medo de perseguição, mas, em muito maior grau, uma sensação de desavença interna. O conflito não fora resolvido, meramente adiado para uma ocasião mais conveniente. Uma sensação latente de discórdia pairava aguda no ar.

Um conflito centrado diretamente em mim. Impossibilitada de ver com clareza durante a discussão, não sabia ao certo quais homens defendiam qual opinião, mas a divisão era clara; um grupo, liderado por Hodgepile, era a favor de me manter viva, ao menos o tempo suficiente para levá-los ao uísque. Um segundo grupo era a favor de cortar as perdas, e minha garganta. E a opinião de uma minoria, externada pelo cavaleiro com a fala africana, era para me soltar, quanto antes melhor.

Obviamente, cabia a mim cultivar esse cavaleiro e tentar virar suas convicções a meu favor. Como? Eu dera o pontapé inicial ao insultar Hodgepile — e eu ainda estava perplexa que o tivesse feito. Mas eu não achava aconselhável começar a xingá-los indiscriminadamente — estragaria o efeito.

Remexi-me na sela, que começava a me esfolar seriamente. Não era a primeira vez que eu via homens recuarem diante de mim por medo do que achavam que eu era. O temor supersticioso podia ser uma arma eficaz — mas muito perigosa. Se eu realmente os amedrontasse, eles me matariam sem a mínima hesitação.

Havíamos entrado na passagem. Havia poucas árvores entre as rochas ali e, quando emergimos no outro lado da montanha, o céu se abriu diante de mim, vasto e brilhante, incandescente com miríades de estrelas.

Devo ter soltado uma exclamação diante da vista, pois o jovem que conduzia meu cavalo parou, erguendo a própria cabeça

para o céu.

— Oh — ele disse, brandamente. Ficou olhando admirado para o alto, depois foi trazido de volta à Terra pela presença de outro cavalo que passou roçando por nós, o cavaleiro virando-se para me espreitar atentamente ao fazê-lo.

— Você tinha estrelas assim... no lugar de onde veio? — meu acompanhante perguntou.

— Não — eu disse, ainda ligeiramente sob o fascínio da silenciosa grandiosidade acima. — Não tão brilhantes.

— Não, não eram — ele disse, sacudindo a cabeça, e puxou as rédeas. Aquilo me pareceu uma observação estranha, mas não pude tirar nenhuma conclusão. Eu devia ter tentado continuar a conversa, Deus sabia que eu precisava de todo aliado que pudesse conseguir, mas ouviu-se um grito na frente da coluna; evidentemente, iríamos acampar ali.

Eu fui desamarrada e tirada do cavalo. Hodgepile abriu caminho através da movimentação e agarrou-me pelo ombro.

— Tente fugir, mulher, e vai se arrepender. — Apertou a mão cruelmente e seus dedos fincaram-se em minha carne. — Preciso de você viva, não preciso de você inteira.

Ainda agarrando meu ombro, ergueu a faca e pressionou a face da lâmina contra meus lábios, enfiou a ponta no meu nariz, depois se aproximou o suficiente para eu sentir o calor úmido de seu hálito repugnante em meu rosto.

— A única coisa que eu não vou cortar é a sua língua — ele sussurrou. A lâmina da faca foi retirada do meu nariz bem devagar, desceu pelo meu queixo, ao longo da linha do meu pescoço, e percorreu a linha curva do meu seio. — Entendeu o que eu disse, não é? Esperou até eu conseguir assentir com um sinal de cabeça, então me soltou e desapareceu na escuridão.

Se ele pretendia me amedrontar, conseguira muito bem. Eu suava apesar do frio e ainda tremia quando uma sombra alta surgiu

ao meu lado, segurou uma de minhas mãos e pressionou algo dentro dela.

— Meu nome é Tebbe — ele murmurou. — Lembre-se disso: Tebbe. Lembre-se de que eu fui bom para você. Diga a seus espíritos para não ferirem Tebbe, ele foi bom para você.

Balancei a cabeça novamente, perplexa, e fui deixada sozinha outra vez, desta vez com um pedaço de pão na mão. Eu o comi apressadamente, observando que, apesar de velho, originalmente fora um bom pão preto de centeio, do tipo que as mulheres alemãs de Salem faziam. Teriam os homens atacado alguma casa lá perto ou teriam simplesmente comprado o pão? A sela de um cavalo fora atirada no chão perto de mim; havia um cantil pendurado no arçã e eu caí de joelhos para saciar minha sede. O pão e a água — com gosto de lona e madeira — tinham um sabor melhor do que qualquer coisa que eu tivesse comido há muito tempo. Eu notara antes que ficar muito perto da morte melhora incrivelmente o apetite. Ainda assim, eu esperava algo mais elaborado como minha última refeição.

Hodgepile retornou alguns instantes depois com uma corda. Não se deu ao trabalho de fazer novas ameaças, evidentemente achando que já deixara suas intenções bem claras. Simplesmente amarrou minhas mãos e meus pés e me empurrou para o chão. Ninguém falou comigo, mas alguém, num impulso generoso, jogou um cobertor em cima de mim.

O acampamento foi rapidamente instalado. Nenhuma fogueira foi acesa e, assim, nenhuma comida foi preparada; os homens provavelmente comeram alguma coisa da mesma forma improvisada que eu, depois se espalharam pela floresta para buscar um lugar de repouso, deixando os cavalos amarrados nas proximidades.

Esperei até que as idas e vindas cessassem, depois segurei o cobertor com os dentes e, contorcendo-me cuidadosamente, fui me

afastando, pouco a pouco, do lugar onde fora deixada, até uma outra árvore, a doze metros de distância.

Eu não pensava em fugir ao fazer isso; mas, se um dos bandidos a favor de me eliminar pensasse em se aproveitar da escuridão para alcançar seus objetivos, eu não pretendia estar deitada lá como um alvo fácil. Com sorte, se alguém surgisse sorratamente por perto de onde eu estava antes, eu teria tempo de gritar por socorro. Eu sabia, sem a menor sombra de dúvida, que Jamie viria. Minha tarefa era sobreviver até ele chegar.

Arfando, suando, coberta de restos de folhas e com as meias em farrapos, enrosquei-me sob um enorme carpino e enfiei-me novamente sob o cobertor. Assim escondida, tentei desfazer com os dentes os nós da corda que prendia meus pulsos. Mas fora Hodgepile quem os atara e o fizera com eficácia militar. Não podendo roer as cordas como um castor, eu não iria conseguir nada.

Militar. Foi esse pensamento que me fez lembrar repentinamente quem ele era e onde eu o vira antes. Arvin Hodgepile! Ele era o funcionário no entreposto da Coroa em Cross Creek. Eu o encontrara rapidamente, há três anos, quando Jamie e eu levamos o corpo de uma jovem assassinada para o sargento da guarnição sediada lá.

O sargento Murchison estava morto — e eu achava que Hodgepile também tivesse morrido na conflagração que destruíra o armazém e seu conteúdo. Portanto, um desertor. Ou ele teve tempo de escapar do armazém antes de ser devorado pelo incêndio ou simplesmente não estava lá na ocasião. De qualquer forma, fora bastante inteligente para perceber que podia aproveitar essa oportunidade para desaparecer do exército de Sua Majestade, deixando que sua morte fosse presumida.

O que vinha fazendo desde então também era claro. Vagando pelo interior da colônia, roubando, pilhando e matando —

e reunindo vários companheiros da mesma laia ao longo do caminho.

Não que formassem um grupo coeso no momento. Embora Hodgepile pudesse ser o autoproclamado líder da quadrilha, era óbvio que não exercia a função há muito tempo. Ele não estava acostumado a comandar, não sabia como liderar os homens, a não ser com ameaças.

Eu vira muitos comandantes militares na minha época, bons e ruins, e sabia reconhecer a diferença.

Eu podia ouvir Hodgepile mesmo agora, a voz alterada em uma discussão distante dali. Eu já vira esse tipo antes, homens cruéis que podiam temporariamente acovardar os mais próximos com explosões de violência imprevisível. Eles raramente sustentavam a posição por muito tempo — e eu duvidava de que Hodgepile fosse durar muito mais tempo.

Ele não iria durar mais do que o tempo que levasse para Jamie nos encontrar. Esse pensamento me acalmou como um trago de bom uísque.

Jamie certamente já estaria à minha procura.

Enrosquei-me ainda mais sob meu cobertor, tremendo um pouco.

Jamie iria precisar de luz para seguir pistas à noite — tochas. Isso os tornaria, a ele e a seu grupo, visíveis — e vulneráveis — se pudessem ser avistados do acampamento. O próprio acampamento não seria visível; não havia nenhuma fogueira acesa, e os cavalos e homens estavam espalhados pelo meio das árvores. Eu sabia que haviam colocado sentinelas; podia ouvi-las movendo-se na floresta de vez em quando, falando em voz baixa.

Mas Jamie não era nenhum tolo, disse a mim mesma, tentando afastar visões de emboscadas e massacre. Ele saberia, pelo esterco fresco dos cavalos, se estava se aproximando, e sem dúvida

não iria marchar diretamente para o acampamento, archotes em chamas. Se tivesse seguido a pista do grupo até ali, ele iria...

O som de passos furtivos congelou-me. Vinham da direção do lugar onde eu estava anteriormente, e me encolhi embaixo do cobertor como um rato do campo com uma doninha à vista.

Os passos remexeram-se de um lado para o outro lentamente, como se alguém tateasse seu caminho pelas folhas e agulhas de pinheiro mortos, à minha procura. Prendi a respiração, embora obviamente ninguém pudesse ouvi-la, com o vento da noite sussurrando pelos galhos acima.

Estreitei os olhos para ver no escuro, mas não consegui divisar nada além de uma leve mancha movendo-se entre os troncos, a doze metros de distância. Um pensamento repentino me acometeu — poderia ser Jamie? Se tivesse se aproximado o suficiente para localizar o acampamento, era muito provável que entrasse furtivamente, a pé, procurando por mim.

Inspirei fundo diante desse pensamento, fazendo força para soltar minhas amarras. Eu tinha vontade de gritar, mas não ousava. Se fosse Jamie, chamá-lo delataria sua presença aos bandidos. Se eu podia ouvir as sentinelas, elas sem dúvida também podiam me ouvir.

Porém, se não fosse Jamie, mas um dos bandidos, procurando me matar silenciosamente...

Soltei a respiração muito lentamente, cada músculo do meu corpo contraído e trêmulo. Fazia bastante frio, mas eu estava banhada de suor; podia sentir o cheiro do meu próprio corpo, o odor do medo misturando-se com os cheiros mais frios de terra e vegetação.

A mancha desaparecera, os passos se foram e meu coração batia como um tímpano. As lágrimas que eu continha há horas afloraram, quentes no meu rosto, e eu chorei, sacudindo-me silenciosamente.

A noite era imensa ao meu redor, a escuridão repleta de ameaças.

No alto, as estrelas crivavam o céu, brilhantes e vigilantes, e em determinado momento adormeci.



*MALDIÇÕES*

Acordei pouco antes do amanhecer, suada e com uma dor de cabeça latejante. Os homens já se movimentavam, resmungando sobre a falta de café ou desjejum.

Hodgepile parou ao meu lado, olhando para baixo com os olhos apertados. Olhou na direção da árvore sob a qual ele havia me deixado na noite anterior e do profundo sulco que eu criara na camada de folhas mortas ao me arrastar até o presente local. Ele praticamente não tinha lábios, mas o maxilar inferior contraiu-se com desagrado.

Ele retirou a faca da cintura e eu senti o sangue fugir das minhas faces. Entretanto, ele apenas se ajoelhou e cortou minhas amarras, em vez de decepar um dedo a fim de expressar suas emoções.

— Partimos em cinco minutos — ele disse, e se afastou caminhando arrogantemente. Eu tremia e me sentia nauseada de pavor, e com os músculos tão tensos que mal conseguia ficar de pé. No entanto, consegui me levantar e, cambaleando, cobrir uma pequena distância até um riacho próximo.

O ar estava úmido e agora eu estava enregelada em minha combinação encharcada de suor, mas a água fria no rosto e nas mãos pareceu ajudar um pouco, acalmando a pulsação atrás do meu olho direito. Só tive tempo para uma rápida toaleta,

removendo minhas meias em farrapos e passando os dedos molhados pelos meus cabelos, antes de Hodgepile reaparecer para me pôr em marcha outra vez.

Desta vez, fui colocada sobre um cavalo, mas não fui amarrada, graças a Deus. Mas não tive permissão de segurar as rédeas, a rédea da minha montaria era puxada por um dos bandidos.

Era minha primeira oportunidade de dar uma boa olhada nos meus captores, conforme saíam da floresta e tentavam se arrumar, tossindo, cuspidando e urinando em árvores, sem se incomodarem com a minha presença. Além de Hodgepile, eu contei mais doze homens. Treze vilões ao todo, portanto.

Foi fácil distinguir o homem chamado Tebbe; fora sua altura, ele era um mulato. Havia um outro mestiço — negro e índio, eu achava — mas era baixo e atarracado. Tebbe não olhava em minha direção, mas continuava seus afazeres com a cabeça abaixada, o cenho franzido. Isso era uma decepção; eu não sabia o que se passara com os homens durante a noite, mas evidentemente a insistência de Tebbe para que eu fosse libertada já não era tão premente. Seu pulso estava amarrado com um lenço manchado em cor de ferrugem; provavelmente isso tinha algo a ver com o fato.

O rapaz que guiara meu cavalo na noite anterior também era fácil de identificar, pelos cabelos longos e volumosos, mas ele não se aproximou e também evitava me olhar. Um pouco para minha surpresa, ele era índio — mas não cherokee; talvez um tuscarora? Eu não esperaria isso pelo seu modo de falar, nem por seus cabelos cacheados. Obviamente, ele também era mestiço.

O resto do bando era mais ou menos de cor branca, mas ainda assim um grupo de vários matizes. Três deles não passavam de meninos quase sem barba, adolescentes desgrehados e desengonçados. Eles de fato olhavam para mim, boquiabertos e de olhos arregalados, cutucando um ao outro. Olhei fixamente para

um deles até ele me encarar; ele ficou vermelho sob a barba rala e desviou o olhar.

Felizmente, a combinação que eu estava usando tinha mangas; a roupa me cobria decentemente da gola franzida e amarrada com cadarço até a bainha no meio da perna, mas não havia como negar que eu me sentia desconfortavelmente exposta. A combinação estava úmida e agarrava-se à curva dos meus seios — uma sensação da qual eu estava desconfortavelmente consciente. Lamentei não ter ficado com o cobertor.

Os homens giravam lentamente ao meu redor, carregando os cavalos, e eu tinha a sensação distinta e desagradável de estar no meio da turba — como se fosse o centro de um alvo. Só podia esperar que parecesse velha e decrépita o suficiente para meu estado de desalinho ser repulsivo, em vez de interessante; meus cabelos estavam soltos, desgrenhados e emaranhados como a juba de uma feiticeira ao redor dos meus ombros, e sem dúvida eu me sentia como se tivesse sido amarrotada como um saco de papel velho.

Eu me mantinha empertigada na sela, lançando um olhar fixo e hostil a qualquer um que olhasse ainda que de relance em minha direção.

Um dos homens piscou, tentando focalizar minha perna descoberta com um ligeiro olhar especulativo — mas se recolheu assim que se deparou com meu olhar.

Isso me proporcionou uma sensação momentânea de cruel satisfação — suplantada quase imediatamente por um choque. Os cavalos haviam começado a se mover e, quando o meu seguiu obedientemente o homem à minha frente, surgiram mais dois homens, parados embaixo de um enorme carvalho. Eu conhecia ambos.

Harley Boble amarrava as cordas de uma albarda, franzindo as sobrancelhas enquanto dizia alguma coisa para um outro

homem maior.

Harley Boble era um ex-caçador de recompensas, agora evidentemente transformado em ladrão. Um homenzinho absolutamente desprezível, era improvável que se mostrasse amistoso em relação a mim, devido a uma ocorrência em uma Assembleia realizada há algum tempo.

Eu não estava nem um pouco satisfeita de encontrá-lo ali, embora também não ficasse nem um pouco surpresa de encontrá-lo em tais companhias. Mas foi a visão de seu companheiro que fez meu estômago vazio se contrair e minha pele coçar como a de um cavalo com moscas.

O sr. Lionel Brown, de Brownsville.

Ele ergueu os olhos, me viu e se virou apressadamente no mesmo instante, os ombros arqueados. Mas ele deve ter percebido que eu o vi, pois se virou de novo para me encarar, as feições magras ostentando uma espécie de exausto ar de desafio. Seu nariz estava inchado e alterado, um bulbo vermelho-escuro visível mesmo na claridade cinzenta do amanhecer. Fitou-me por um instante, depois balançou a cabeça como se fizesse um relutante reconhecimento, e virou-se novamente para o outro lado.

Arrisquei um rápido olhar por cima do ombro quando entramos no meio das árvores, mas não pude mais vê-lo. O que ele estaria fazendo ali? Não reconheci sua voz na ocasião, mas obviamente fora ele que argumentara com Hodgepile sobre o risco de me levarem. Não era de admirar! Ele não era o único perturbado por nosso reconhecimento mútuo.

Lionel Brown e seu irmão, Richard, eram negociantes; os fundadores e patriarcas de Brownsville, um minúsculo assentamento nas montanhas, a uns sessenta quilômetros de Ridge. Uma coisa era saqueadores como Boble e Hodgepile vagarem pelo interior, roubando e incendiando; outra muito diferente era os Brown de Brownsville estarem fornecendo uma base para esses atos

de banditismo. A última coisa no mundo que o sr. Lionel Brown poderia querer era que eu contasse a Jamie o que ele andava fazendo.

E eu achava que ele iria tomar medidas para me impedir. O sol começava a surgir, esquentando o ar, mas eu senti um frio repentino, como se tivesse sido atirada em um poço.

Raios de luz infiltravam-se através dos galhos, dourando os remanescentes da neblina da noite que velavam as árvores e prateando as bordas gotejantes de suas folhas. As árvores estavam cheias de vida com o canto dos pássaros e um pardal saltitava e ciscava numa área ensolarada, indiferente à passagem de homens e cavalos. Ainda era cedo demais para moscas e mosquitos, e a suave brisa da manhã acariciava meu rosto. Definitivamente uma dessas perspectivas onde somente o homem era vil.

A manhã transcorria com bastante tranquilidade, mas eu percebia o permanente estado de tensão entre os homens — embora não mais tensos do que eu. Jamie Fraser, onde está você?, pensei, concentrando-me fervorosamente na floresta ao nosso redor. Qualquer estalo de um galhinho ou um farfalhar distante podia significar o prenúncio do resgate e meus nervos começaram a ficar notoriamente desgastados com a expectativa.

Onde? Quando? Como? Eu nem tinha as rédeas, nem nenhuma arma; se — quando — um ataque fosse feito ao grupo, minha melhor estratégia — bem, a única possível — era me atirar para fora da sela e correr. Conforme cavalgávamos, eu constantemente avaliava cada área de hamamélis e bosque de abetos, localizando cabeças de ponte, traçando um caminho em ziguezague pelo meio de rochas e arbustos.

Não era somente para um ataque de Jamie que eu estava me preparando; eu não conseguia ver Lionel Brown, mas sabia que ele estava por perto. Um ponto entre minhas omoplatas contraiu-se em um nó, antecipando uma facada.

Eu ficava de olho em possíveis armas: pedras de bom tamanho, galhos que pudessem ser agarrados do chão. Se e quando eu corresse, pretendia não deixar que ninguém me impedisse. Mas seguíamos em frente, locomovendo-nos com toda a rapidez que o terreno permitia aos cavalos, os homens constantemente olhando para trás, por cima dos ombros, as mãos nas armas. Quanto a mim, era obrigada a abandonar minha posse imaginária de cada possível arma sucessivamente à medida que elas passavam e se perdiam de vista.



Para minha imensa decepção, alcançamos o desfiladeiro mais ou menos ao meio-dia, sem incidentes.

Eu visitara o desfiladeiro certa vez, com Jamie. A cachoeira despencava-se de uma altura de dezoito metros pela parede de pedra de um penhasco, cintilante de arcos-íris e rugindo com um som retumbante como o do arcanjo Miguel. Frondes de aronia arbutifolia, cobertas de suas frutinhas vermelhas, e índigo silvestre orlavam a queda-d'água; álamos amarelos pendiam sobre o rio, abaixo do remanso da catarata, tão densos que não se podia ter mais do que um vislumbre fugidio da superfície da água entre as margens de vegetação luxuriante. Hodgepile, é claro, não fora atraído ao local pela beleza da paisagem.

— Desça. — Uma voz ríspida falou junto ao meu cotovelo e eu olhei para baixo e vi Tebbe. — Vamos fazer os cavalos atravessarem o rio. Você vem comigo.

— Eu a levo. — Meu coração saltou para a boca ao som de uma voz espessa e nasalada. Era Lionel Brown, afastando a corda pendente de uma trepadeira, os olhos escuros fixos em mim. — Você não. — Tebbe aproximou-se de Brown, o punho cerrado.

— Você não — repeti com firmeza. — Eu vou com ele. —  
Desci do cavalo e prontamente me abriguei por trás da ameaçadora  
figura do enorme mulato, espreitando Brown por baixo do braço do  
homem mais alto.

Eu não tinha a menor ilusão sobre as intenções de Brown.  
Ele não iria se arriscar a me assassinar sob o nariz de Hodgepile,  
mas ele podia — e o faria — afogar-me facilmente, e depois alegar  
que fora um acidente. O rio era raso naquele trecho, mas ainda  
assim rápido; eu podia ouvir o ruído das águas correndo pelas  
pedras perto da margem.

Os olhos de Brown dardejaram para a direita, depois para a  
esquerda, decidindo se deveria fazer uma tentativa — mas Tebbe  
arqueou os ombros maciços e Brown desistiu. Resfolegou com raiva,  
cuspiu para o lado e saiu batendo os pés e quebrando galhos.

Talvez eu nunca mais tivesse uma chance melhor. Sem  
esperar que os ruídos da partida ofendida de Brown cessassem,  
coloquei a mão no cotovelo de Tebbe e apertei seu braço.

— Obrigada — eu disse, em voz baixa. — Pelo que você fez  
ontem à noite. Está muito ferido? Ele abaixou os olhos para mim, a  
apreensão evidente em seu rosto.

O fato de eu o tocar obviamente o desconcertou; eu podia  
sentir a tensão em seu braço enquanto ele tentava decidir se  
retirava ou não o braço da minha mão.

— Não — ele disse finalmente. — Estou bem. — Hesitou  
por um instante, mas depois sorriu debilmente.

Era óbvio o que Hodgepile pretendia; os cavalos estavam  
sendo conduzidos, um de cada vez, por uma estreita trilha de  
veados que beirava a escarpa. Estávamos a mais de um quilômetro e  
meio da cachoeira, mas o barulho já ribombava pelo ar. Os flancos  
do desfiladeiro mergulhavam abruptamente até a água, a mais de  
quinze metros abaixo, e a margem oposta era igualmente íngreme e  
coberta de mato cerrado.

Uma densa orla de arbustos escondia a borda da margem, mas eu podia ver que o rio espalhava-se naquele ponto, ficando mais lento, conforme se tornava mais raso. Sem correntes perigosas, os cavalos podiam ser levados rio abaixo, para saírem em algum ponto aleatório na margem oposta. Qualquer um que tivesse conseguido nos seguir até o desfiladeiro perderia o rastro ali e teria muita dificuldade de retomá-lo no lado oposto.

Com esforço, parei de olhar para trás por cima do ombro em busca de sinais de perseguição iminente. Meu coração batia acelerado. Se Jamie estivesse por perto, ele esperaria e atacaria o grupo quando entrassem na água, quando estariam mais vulneráveis. Mesmo que ele ainda não estivesse perto, iria ser uma operação confusa, atravessar o rio. Se surgisse uma oportunidade de tentar escapar...

— Você não deveria ir com eles — eu disse a Tebbe em tom de conversa. — Vai morrer, também.

O braço sob minha mão sacudiu-se convulsivamente. Ele olhou para mim, os olhos arregalados. A esclerótica de seus olhos eram amarelas de icterícia e as íris rajadas, dando-lhe um olhar singular, fixo e mosqueado.

— Eu disse a verdade a ele, você sabe. — Ergui o queixo na direção de Hodgepile, visível a distância. — Ele vai morrer. Assim como todos que estiverem com ele. Mas não há necessidade de você morrer também.

Ele murmurou alguma coisa baixinho e pressionou o punho fechado contra o peito. Ele segurava alguma coisa em um cordão, pendurado sob sua camisa. Eu não sabia se era uma cruz ou algum amuleto pagão, mas até o momento ele parecia ser bastante sugestivo.

Assim tão perto do rio, o ar era denso de umidade, instigante com o cheiro de vegetação e água.



— A água é minha amiga — eu disse, tentando adotar um ar de mistério, adequado a uma feiticeira. Eu não sabia mentir, mas no momento estava lutando por minha vida. — Quando entrarmos no rio, solte minhas amarras. Um cavalo da água se levantará e me levará embora.

Seus olhos não poderiam ficar mais esbugalhados. Evidentemente, ele já ouvira falar dos mitológicos kelpies ou de algo parecido. Mesmo àquela distância da catarata, o rugido das águas parecia conter vozes — se alguém se dispusesse a ouvir.

— Eu não vou embora com um cavalo da água — ele disse com convicção.

— Eu já ouvi falar deles. Eles o levam para o fundo, o afogam e devoram.

— Ele não irá me devorar — assegurei-lhe. — Você não precisa se aproximar dele. Apenas fique fora do caminho quando entrarmos na água. Mantenha uma boa distância.

E, se ele o fizesse, eu estaria embaixo da água e nadando com todas as forças antes que ele pudesse dizer alguma coisa. Eu estava disposta a apostar que a maioria dos comparsas de Hodgpile não sabia nadar; poucas pessoas nas montanhas sabiam. Flexionei os músculos das pernas, preparando-me, dores e rigidez dissolvidas em um fluxo de adrenalina.

Metade dos homens já havia chegado à orla do desfiladeiro com os cavalos — eu poderia atrasar Tebbe, pensei, até que o resto já estivesse dentro da água. Mesmo que ele não fosse deliberadamente conivente com a minha fuga, eu acreditava que, se conseguisse escapar, ele não me perseguiria.

Ele puxou meu braço sem muita convicção e eu parei abruptamente.

— Ai! Espere, eu pisei num carrapicho. Levantei um dos pés, examinando a sola. Com as manchas de terra e resina aderidas a ela, ninguém poderia dizer se eu havia pisado em espinho de

carneiro, espinho de amoreira silvestre ou em um cravo de ferradura.

— Temos que ir, dona. — Não sabia se era minha proximidade, o rugido da água ou a ideia de cavalos da água que perturbava Tebbe, mas ele suava de nervoso; seu odor mudara do simples almíscar para algo ácido e pungente.

— Só um instante — eu disse, fingindo tirar um espinho do pé. — Já estou quase conseguindo.

— Deixe. Eu a carregarei.

Tebbe respirava pesadamente, olhando de mim para a borda do desfiladeiro, onde a trilha de veado desaparecia no meio da vegetação, e de novo para mim, como se temesse que Hodgepile reaparecesse.

Mas não foi Hodgepile quem surgiu do meio dos arbustos. Foi Lionel Brown, um ar de determinação no rosto, dois rapazes atrás dele, parecendo igualmente determinados.

— Eu a levarei — ele disse sem preâmbulos, agarrando meu braço.

— Não! — Em reflexo, Tebbe agarrou meu outro braço e puxou.

Seguiu-se um indigno cabo de guerra, com Tebbe e o sr. Brown cada qual puxando um dos meus braços. Antes que eu pudesse ser dividida como um ossinho da sorte, Tebbe felizmente mudou de tática.

Soltando meu braço, enlaçou meu corpo e prendeu-o junto ao seu, ao mesmo tempo que tentava chutar o sr. Brown.

O resultado da manobra foi fazer com que Tebbe e eu caíssemos para trás no meio de uma confusa pilha de braços e pernas, enquanto Brown também perdia o equilíbrio, embora inicialmente eu não tenha notado. Tudo que percebi foi um berro e barulhos de queda, seguidos de um baque e do estrépito de pedras deslocadas ricocheteando por uma encosta rochosa.

Desvencilhando-me de Tebbe, arrastei-me para fora e descobri que o resto dos homens agrupava-se ao redor de um local assustadoramente amassado nos arbustos que margeavam a escarpa do desfiladeiro. Um ou dois homens corriam apressadamente em busca de cordas e gritavam ordens contraditórias, de onde deduzi que o sr. Brown de fato caíra no desfiladeiro, mas ainda não estava de fato morto.

Eu rapidamente mudei de direção, pretendendo mergulhar de cabeça na vegetação, mas em vez disso me deparei com um par de botas rachadas, pertencentes a Hodgepile. Ele me agarrou pelos cabelos e deu um puxão, fazendo-me soltar um grito agudo e investir contra ele em reflexo. Eu o atingi no diafragma. Ele soltou o ar e ficou de boca aberta, tentando recuperar o fôlego, mas não soltou a mão de ferro em meus cabelos.

Fazendo caretas medonhas em minha direção, soltou-me e empurrou-me para a beira do desfiladeiro com um joelho. Um dos rapazes agarrava-se aos arbustos, buscando cuidadosamente pontos de apoio para os pés na encosta abaixo, uma corda amarrada ao redor da cintura e outra enrolada e atirada sobre o ombro.

— Maldição! — Hodgepile gritou, fincando os dedos no meu braço enquanto se inclinava pelos arbustos quebrados. — O que pretende com isso, desgraçada? Ele saltitava na borda do desfiladeiro como Rumpelstiltskin, brandindo o punho cerrado e vociferando imparcialmente contra seu parceiro de negócios e contra mim, enquanto as operações de resgate começavam. Tebbe retirara-se para uma distância segura, onde ficou parado, com ar de ofendido.

Finalmente, Brown foi içado, gemendo sonoramente, e estendido na grama. Os homens que ainda não haviam entrado no rio reuniram-se ao redor, alvoroçados e aturdidos.

— Pretende consertá-lo, curandeira? — Tebbe perguntou, olhando ceticamente para mim. Eu não sabia se ele pretendia lançar

dúvida sobre minhas habilidades ou apenas sobre a sensatez de ajudar Brown, mas eu balancei a cabeça, sem muita certeza, e me adiantei.

— Creio que sim. — Um juramento era um juramento, embora eu me perguntasse se Hipócrates algum dia se viu em uma situação como essa. Provavelmente, sim; os gregos antigos eram um povo muito violento também.

Os homens abriram caminho para mim muito facilmente; uma vez que retiraram Brown do desfiladeiro, era óbvio que não tinham a menor ideia do que fazer com ele.

Fiz uma rápida triagem. Salvo múltiplos cortes, contusões e uma grossa camada de terra e lama, o sr. Lionel Brown fraturara a perna esquerda em pelo menos dois pontos, quebrara o pulso esquerdo e provavelmente esmagara umas duas costelas. Somente uma das fraturas da perna era composta, mas era grave, a ponta aguçada do osso quebrado da coxa projetando-se através da pele e das calças, cercada por uma mancha vermelha que se ampliava inexoravelmente.

Infelizmente, ele não rompera a artéria femoral, já que, se isso tivesse acontecido, ele estaria morto. Ainda assim, o sr. Brown provavelmente deixara de ser uma ameaça para mim no momento, o que era um alívio.

Desprovida de qualquer instrumento ou medicamento, a não ser alguns lenços imundos, um galho de pinho e um pouco de uísque de um cantil, minha ajuda era necessariamente limitada. Consegui — com não pouca dificuldade e bastante uísque — colocar o fémur grosseiramente reto e imobilizado em uma tala, sem que Brown morresse de choque, o que considereei um grande feito, tendo em vista as circunstâncias.

Mas foi um trabalho difícil e eu murmurava comigo mesma, baixinho — algo que eu não percebera que estava fazendo, até

erguer os olhos e encontrar Tebbe agachado sobre os calcanhares do outro lado do corpo de Brown, fitando-me com interesse.

— Ah, você o está amaldiçoando — ele disse, com aprovação. — Sim, é uma boa ideia.

Os olhos do sr. Brown abriram-se repentinamente e esbugalharam-se. Ele estava quase enlouquecido de dor e completamente bêbado a essa altura, mas não tão bêbado a ponto de deixar passar isso.

— Faça-a parar — ele disse com voz rouca. — Hodgepile, faça-a parar! Faça essa mulher retirar o que disse! — Ei, o que é isso? O que você disse, mulher? — Hodgepile se acalmara um pouco, mas seu estado de humor reacendeu-se instantaneamente com isso. Ele estendeu o braço e agarrou meu pulso no momento em que eu apalpava o torso ferido de Brown. Era o pulso que ele havia torcido tão cruelmente no dia anterior e uma dor aguda disparou pelo meu braço.

— Se quer saber, acho que eu disse "Jesus H. Roosevelt Cristo!" — retruquei. — Solte-me! — Foi o que ela disse quando o xingou! Tire essa mulher de perto de mim! Não deixe ela me tocar! — Em pânico, Brown fez menção de se contorcer para se afastar de mim, uma ideia muito ruim para um homem que acabara de quebrar vários ossos. Ele ficou mortalmente branco sob as manchas de lama e seus olhos reviraram-se para trás.

— Olhe para isso! Ele está morto! — um dos espectadores exclamou. — Foi ela quem fez isso! Ela lançou um feitiço nele! Isso não causou pouco tumulto, com a aprovação vocal de Tebbe e seus partidários, meus próprios protestos e gritaria de preocupação dos amigos e parentes do sr. Brown, um dos quais se agachou junto ao corpo, colocando o ouvido no seu peito.

— Ele está vivo! — esse homem exclamou. — Tio Lionel! Você está bem? Lionel Brown gemeu alto e abriu os olhos, causando mais comoção.

O jovem que o chamara de tio tirou um facão da cintura e apontou-o para mim. Seus olhos estavam tão arregalados que se via o branco em toda volta.

— Você, afaste-se! — ele disse. — Não toque nele! Ergui as mãos, palmas para fora, em um gesto de renúncia.

— Tudo bem! — retruquei rispidamente. — Não vou tocar nele! — Na realidade, não havia muito mais que eu pudesse fazer por Brown. Ele devia ser mantido aquecido, seco e bem hidratado, mas algo me dizia que Hodgepile não estaria aberto a nenhuma sugestão desse tipo.

E não estava mesmo. Por meio de berros furiosos e repetitivos, ele aplacou a revolta incipiente, depois declarou que iríamos atravessar o desfiladeiro, e depressa. — Coloquem o sujeito numa maca — disse com impaciência, em resposta a protestos do sobrinho de Brown. — E quanto a você... — Virou-se para mim, com um olhar furioso. — Já não disse? Nada de truques, já disse! — Mate-a — Brown disse roucamente do chão. — Mate-a agora.

— Matá-la? De jeito nenhum, meu velho. — Os olhos de Hodgepile brilharam de malícia. — Ela não é um risco maior pra mim viva do que morta... É muito mais lucrativa viva. Mas eu vou mantê-la na linha.

A faca de Hodgepile estava sempre à mão. Em uma fração de segundo, já a havia tirado e agarrado minha mão. Antes que eu pudesse sequer inspirar, senti a lâmina pressionar, fazendo um pequeno corte na base do meu dedo indicador.

— Lembra-se do que eu lhe disse, não é? — Ele falou sussurrando, o rosto satisfeito com a expectativa. — Não preciso de você inteira.

Eu realmente me lembrava e senti um buraco no estômago, a garganta seca e emudecida. Minha pele ardia onde ele havia cortado e a dor espalhou-se como um lampejo pelos meus nervos; a

necessidade de retirar a mão da lâmina com um safanão era tão forte que senti cãibra nos músculos do braço.

Eu podia imaginar vividamente o toco jorrando sangue, o choque do osso quebrado, da carne rasgada, o horror da perda irrevogável.

Mas, atrás de Hodgepile, Tebbe ficara de pé. Seu olhar estranho e rajado estava fixo em mim, com uma expressão de fascinado terror. Vi seu punho cerrar-se, sua garganta mover-se ao engolir em seco, e senti a saliva retornar à minha própria boca. Se eu quisesse manter sua proteção, devia manter sua crença.

Fixei os olhos nos de Hodgepile e inclinei-me em sua direção.

Minha pele arrepiava-se e contraía-se, o sangue latejava mais alto em meus ouvidos do que o rugido da catarata — mas eu arregalei os olhos.

Os olhos de uma bruxa — ou assim diziam alguns.

Muito, muito devagar, ergui a mão livre, ainda molhada com o sangue de Brown. Estendi os dedos ensanguentados para o rosto de Hodgepile.

— Eu me lembro — eu disse, a voz um sussurro rouco. — Você se lembra do que eu disse? Ele teria cumprido a ameaça. Vi a decisão atravessar seus olhos como um clarão, mas, antes que ele pudesse pressionar a faca, o jovem índio de cabelos bastos deu um salto para frente, agarrando o braço de Hodgepile com um grito de horror. Com a atenção desviada, Hodgepile soltou a mão e eu me libertei.

Em um instante, Tebbe e mais dois homens lançaram-se para frente, as mãos nas facas e nos cabos das pistolas. O rosto fino de Hodgepile contraiu-se com furor, mas o momento de incipiente violência havia passado. Ele abaixou a própria faca, a ameaça retrocedendo.

Abri a boca para dizer alguma coisa que pudesse ajudar a desarmar ainda mais os ânimos, mas fui impedida por um grito apavorado do sobrinho de Brown.

— Não a deixe falar! Ela vai amaldiçoar todos nós! — Oh, que inferno! — Hodgepile exclamou, a fúria transformada em mera contrariedade.

Eu havia usado vários lenços para amarrar a tala na perna de Brown.

Hodgepile abaixou-se e pegou um deles do chão, enrolou-o em uma bola e deu um passo à frente.

— Abra a boca — ele disse sucintamente e, segurando meu queixo com uma das mãos, forçou minha boca a se abrir e enfiou o pano embolado dentro dela. Olhou furiosamente para Tebbe, que fizera um movimento brusco para frente.

— Não vou matá-la. Mas ela não vai dizer nem mais uma palavra.

Nem para ele — balançou a cabeça para Brown, depois para Tebbe —, nem para você. Nem para mim. — Virou-se para mim e, para minha surpresa, vi uma inquietação furtiva em seus olhos. — Nem para ninguém.

Tebbe pareceu hesitante, mas Hodgepile já amarrava seu próprio lenço ao redor da minha cabeça, amordaçando-me com eficácia.

— Nem uma palavra — Hodgepile repetiu, olhando furiosamente ao redor para todo o grupo. — Agora, vamos embora! Atravessamos o rio. Para minha surpresa, Lionel Brown sobreviveu, mas foi uma penosa travessia e o sol já estava baixo no horizonte quando finalmente acampamos, a três quilômetros do desfiladeiro na extremidade oposta.

Todos estavam molhados e uma fogueira foi acesa sem discussão.



As correntes de dissidência e desconfiança ainda estavam lá, mas haviam sido amenizadas pelo rio e pela exaustão. Todos estavam simplesmente cansados demais para novas rivalidades.

Eles haviam amarrado minhas mãos frouxamente, mas deixaram meus pés livres; caminhei para um tronco caído perto da fogueira e me deixei desmoronar, totalmente exausta. Eu estava molhada e com frio, meus músculos tremendo de fadiga — eu fora obrigada a andar desde o rio — e, pela primeira vez, comecei a me perguntar se Jamie iria realmente me encontrar. Algum dia.

Talvez ele tivesse seguido o outro grupo de bandidos. Talvez os tivesse encontrado e atacado — e tivesse sido ferido ou morto na luta.

Eu havia fechado os olhos, mas os abri novamente, procurando evitar as visões que esse pensamento evocou. Eu ainda me preocupava com Marsali — mas ou eles a haviam encontrado a tempo ou não; de qualquer modo, seu destino fora decidido.

A fogueira ardia com força, ao menos; com frio, molhados e ansiosos por uma comida quente, os homens haviam trazido uma enorme pilha de lenha. Um negro baixo, calado, atiçava o fogo, enquanto dois adolescentes esvaziavam os pacotes de comida. Uma panela de água foi colocada no fogo com um pedaço de carne salgada e o jovem índio com sua cabeleira parecendo uma juba despejou fubá em uma vasilha com um naco de toucinho.

Outro pedaço de toucinho chiava em uma frigideira de ferro, derretendo-se. Tinha um cheiro delicioso.

Minha boca encheu-se de saliva, absorvida imediatamente pelo tecido da mordaca e, apesar do desconforto, o cheiro de comida me reanimou um pouco. Meu espartilho, afrouxado pela viagem das últimas vinte e quatro horas, apertava-se de novo conforme os cadarços molhados secavam e encolhiam. Minha pele comichava sob o tecido, mas as finas barbatanas de sustentação me

davam uma sensação de suporte mais do que bem-vinda no momento.

Os dois sobrinhos do sr. Brown — Aaron e Moses, como fiquei sabendo — arrastavam-se lentamente para o acampamento, a maca improvisada vergando entre eles. Depositaram-na com alívio junto à fogueira, evocando um grito agudo de sua carga.

O sr. Brown sobrevivera à travessia do rio, mas isso de nada lhe servira. É verdade que eu havia dito a eles que o sr. Brown deveria ser mantido bem hidratado. O pensamento me fez relaxar, apesar do cansaço, e eu dei uma risadinha abafada por trás da minha mordação.

Um dos rapazes próximos me ouviu e tentou estender a mão para o nó da minha mordação, mas deixou a mão cair imediatamente quando Hodgepile berrou com ele.

— Deixe-a! — Mas... ela não tem que comer, Hodge? — O rapaz olhou nervosamente para mim.

— Por enquanto não. — Hodgepile agachou-se à minha frente, examinando-me. — Já aprendeu sua lição? Não me mexi. Continuei sentada, fitando-o, infundindo o máximo desprezo possível em meu olhar. O corte em meu dedo queimava; as palmas de minhas mãos começaram a suar, mas eu continuei a olhar fixamente para ele. Ele tentou enfrentar meu olhar, mas não conseguiu — seus olhos sempre se desviavam. Isso o deixou ainda mais furioso; um rubor intenso tomou conta de suas faces ossudas.

— Pare de me encarar! Pisquei lentamente, uma vez, e continuei olhando para ele, com o que eu esperava parecesse um distanciado interesse. Sem dúvida, o sr. Hodgepile parecia tenso. Olheiras escuras sob os olhos, fibras musculares emoldurando a boca como sulcos esculpados em madeira.

Manchas de suor quentes e úmidas nas axilas. A intimidação permanente devia exaurir as forças de uma pessoa.

Repentinamente, ele se levantou, agarrou-me bruscamente pelo braço e colocou-me de pé com um puxão.

— Vou colocá-la onde você não poderá encarar ninguém, vadia — murmurou e me fez andar, empurrando-me à sua frente, para o outro lado da fogueira. Um pouco fora do acampamento, encontrou uma árvore a seu gosto. Desamarrou minhas mãos e tornou a prender meus pulsos, com um laço da corda passando ao redor de minha cintura e minhas mãos atadas a ela. Em seguida, forçou-me a sentar, fez um nó correção grosseiro e colocou-o ao redor do meu pescoço, amarrando a ponta livre à árvore.

— Para que você não saia andando por aí — ele disse, apertando o laço de corda áspera em torno do meu pescoço. — Não vou querer que se perca. Pode ser devorada por um urso, e depois, hein? — Seu bom humor parecia inteiramente restaurado; riu desbragadamente e ainda sacudia-se com sua risada quando foi embora. Entretanto, virou-se para trás, para olhar para mim. Eu estava sentada empertigada, olhando fixamente para ele, e o riso desapareceu de seu rosto instantaneamente.

Virou-se e se afastou a passos largos, os ombros rígidos como madeira.

Apesar da fome, da sede e do desconforto geral, eu na verdade senti uma sensação de profundo, ainda que momentâneo, alívio. Se eu não estava exatamente falando sozinha, ao menos não estava sendo observada e até mesmo essa módica privacidade era um bálsamo.

Eu estava a uns vinte metros do círculo da fogueira, fora das vistas de todos os homens. Deixei-me relaxar contra o tronco da árvore, os músculos do rosto e do corpo cedendo imediatamente, e um tremor se apoderou de mim, embora não fosse de frio.

Logo. Certamente logo Jamie me acharia. A menos que — afastei a dúvida como se fosse um escorpião venenoso. Da mesma forma, qualquer outro pensamento sobre o que acontecera com

Marsali, ou pudesse acontecer se e quando — não, quando — ele realmente nos encontrasse. Não sei como ele conseguiria, mas ele o faria. Eu tinha certeza.

O sol já estava quase se pondo; as sombras se adensavam sob as árvores e a luz desaparecia lentamente do ar, tornando as cores fugidias e fazendo objetos sólidos perderem a profundidade. Havia água corrente perto dali e os trinados de um ou outro pássaro nas árvores distantes. Estes começaram a silenciar à medida que a tarde esfriava, sendo substituídos pelo crescente cricrilar dos grilos perto de mim. Meu olho captou um leve movimento e eu vi um coelho, cinza como o cair da noite, sentado nas patas traseiras sob um arbusto a alguns passos de distância, o nariz torcendo-se.

A absoluta normalidade de tudo isso fez meus olhos lacrimejarem.

Pestanejei para afastar as lágrimas e o coelho desapareceu.

Aquela visão restaurara um pouco minha coragem; ensaiei algumas tentativas, para ver os limites das minhas atuais amarras. Minhas pernas estavam livres — isso era bom. Eu podia me levantar um pouco, desajeitadamente de cócoras, e ir bamboleando como um pato ao redor da árvore. Melhor ainda; eu poderia me aliviar com privacidade do outro lado da árvore.

No entanto, eu não podia ficar completamente de pé, nem conseguia alcançar o nó da corda que rodeava o tronco da árvore; a corda ou deslizava ou se prendia na casca da árvore, mas em qualquer dos casos o nó permanecia irremediavelmente do outro lado da árvore — que devia ter quase um metro de diâmetro.

Havia cerca de sessenta centímetros de corda entre o tronco e o nó corrediço ao redor do meu pescoço, o suficiente para eu me deitar, ou para me virar de lado. Hodgepile obviamente estava familiarizado com métodos convenientes de restringir os movimentos de prisioneiros; pensei na fazenda dos O'Brian e dos

dois corpos encontrados lá. As duas crianças mais velhas desaparecidas. Um tremor percorreu-me outra vez.

Onde estariam? Teriam sido vendidas para as tribos indígenas como escravos? Levadas a um bordel de marinheiros em uma das cidades costeiras? Ou embarcadas em um navio para serem forçadas a trabalhar em uma plantação de cana-de-açúcar nas Antilhas? Eu não tinha a menor ilusão de que qualquer um desses desagradáveis destinos estava reservado para mim. Eu era muito velha, muito estrepitosa — e muito conhecida. Não, o único valor que eu tinha para Hodgepile era meu conhecimento do esconderijo do uísque. Assim que ele chegasse perto o suficiente para sentir o cheiro da bebida, ele cortaria minha garganta sem nenhum remorso.

O cheiro de carne assada flutuava pelo ar, enchendo minha boca de saliva — um bem-vindo alívio, apesar dos roncões do meu estômago, já que a mordaca secava desconfortavelmente minha boca.

Um pequeno choque de pânico fez meus músculos retesarem. Eu não queria pensar na mordaca. Nem nas cordas ao redor dos meus pulsos e do meu pescoço. Seria fácil demais sucumbir ao pânico do confinamento e me exaurir em uma luta vã. Eu precisava preservar minhas forças; não sabia quando ou como iria precisar delas, mas certamente iria precisar.

Logo, rezei. Que seja logo.

Os homens haviam se acomodado com sua refeição, as desavenças do dia esquecidas no apetite. Estavam suficientemente distantes para eu não conseguir ouvir os detalhes da conversação, mas apenas uma ou outra palavra ou expressão carregada pela brisa da noite. Virei a cabeça para deixar a brisa afastar os cabelos do meu rosto e descobri que podia ver uma longa e estreita faixa do céu acima do desfiladeiro distante, agora em um extraordinário azul-escuro, como se a frágil camada de atmosfera que cobria a

Terra estivesse ainda mais fina e a escuridão do espaço infinito a atravessasse.

As estrelas começaram a despontar, uma a uma, e eu consegui me abstrair em sua contemplação, contando-as conforme apareciam, uma a uma, uma a uma... tocando-as como eu faria com as contas de um rosário e dizendo a mim mesma os nomes astronômicos que eu conhecia, reconfortantes em seu som, embora eu não fizesse a menor ideia se tais nomes tinham qualquer relação com os corpos celestiais que eu via. Alfa Centauro, Deneb, Sirius, Betelgeuse, as Plêiades, Orion...

Consegui me acalmar a ponto de cochilar, mas acordei algum tempo depois, quando já estava completamente escuro. A luz da fogueira enviava uma claridade tremulante através da vegetação rasteira, pintando meus pés, que estavam em um ponto descoberto, com manchas rosadas.

Procurei me mover e me esticar o máximo que podia, tentando aliviar a rigidez das costas, e me perguntei se Hodgpile se sentia tão seguro agora para estar permitindo uma fogueira tão grande.

Um gemido alto chegou até mim trazido pelo vento — Lionel Brown. Fiz uma careta, mas não havia nada que eu pudesse fazer por ele em minha condição atual.

Ouvi ruído de pés e um murmúrio de vozes; alguém estava cuidando dele.

— ...quente como uma pistola... — disse uma voz, parecendo apenas levemente preocupado.

— ...buscar a mulher?...

— Não — disse uma voz decidida. Hodgpile. Suspirei.

— ...água. Não há nada a fazer para isso...

Eu ouvia com tanta atenção, na esperança de saber o que estava acontecendo junto à fogueira, que algum tempo se passou até eu perceber ruídos nos arbustos próximos. Não eram de

animais; somente ursos faziam tanto barulho e ursos não davam risadinhas. O riso era controlado, não só abafado, mas repetidamente interrompido. Havia sussurros também, embora eu não conseguisse decifrar a maior parte das palavras. Mas a atmosfera geral era tão característica de conspiração e empolgação juvenil que tive certeza de que deveriam ser alguns dos membros mais jovens do bando. — ...vá em frente, então! — Captei, dito em um tom veemente e acompanhado de um estrépito, indicando que alguém fora empurrado de encontro a uma árvore. Outro barulho, indicando retaliação.

Mais ruge-ruge. Sussurro, sussurro, risadinha irônica, respiração forte, desdenhosa. Sentei-me ereta, perguntando-me o que, em nome de Deus, eles estavam pretendendo.

Então, ouvi: — As pernas dela não estão amarradas... — E meu coração deu um pequeno salto.

— Mas e se ela... — Mais cochichos.

— Não tem importância. Ela não pode gritar.

Isso chegou até mim com muita clareza e eu puxei meus pés para trás para tentar ficar em pé, mas logo fui impedida pelo laço em meu pescoço. Foi como uma barra de ferro em minha traqueia, e eu caí de novo, vendo manchas vermelhas nos cantos dos meus olhos.

Sacudi a cabeça e arquejei, tentando afastar a tontura, a adrenalina disparando pelo meu sangue. Senti a mão de alguém no meu tornozelo e chutei com toda força.

— Ei! — ele disse em voz alta, parecendo surpreso. Ele tirou a mão do meu tornozelo e ficou parado por um instante. Minha visão clareava; eu podia vê-lo agora, mas a luz da fogueira estava por trás dele; era um dos rapazes, porém não mais do que uma silhueta arqueada, sem rosto, diante de mim.

— Shhh — ele disse, com uma risadinha nervosa, estendendo a mão em minha direção. Soltei um profundo rosnado

por trás de minha mordança e ele parou, paralisado no meio do gesto. Houve um farfalhar nos arbustos atrás dele.

Isso pareceu lembrá-lo que seu amigo — ou amigos — estavam observando-o, e estendeu a mão com renovada determinação, dando um tapinha tranquilizador em minha coxa.

— Não se preocupe, madame — ele sussurrou, aproximando-se, agachado sobre os calcanhares. — Não pretendo lhe fazer nenhum mal.

Resfoleguei com desdém, e ele hesitou outra vez — mas outro ruge- ruge dos arbustos pareceu fortalecer sua resolução e ele me agarrou pelos ombros, tentando me fazer deitar. Debatí-me com todas as forças, chutando-o e dando joelhadas, e ele me soltou, perdeu o equilíbrio e caiu sentado no chão.

Uma explosão de risadas abafadas e desdenhosas vinda dos arbustos o fez se levantar como um boneco na caixa de surpresas. Inclinou-se com decisão, agarrou meus tornozelos e puxou-os, estirando-me no chão com um baque. Em seguida, atirou-se em cima de mim, prendendo-me sob seu peso. — Quieta! — disse ansiosamente em meu ouvido. Suas mãos buscavam minha garganta e eu me contorcía e me debatía sob seu peso, tentando deslocá-lo. Mas suas mãos cerraram-se com força em torno do meu pescoço e eu parei, minha visão escurecendo e com manchas de sangue outra vez.

— Quieta, agora — ele disse, mais serenamente. — Fique quieta, está bem, madame? — Eu fazia pequenos ruídos engasgados, que ele deve ter tomado por assentimento, pois suas mãos se afrouxaram.

— Não vou machucá-la, madame, não vou mesmo — ele sussurrou, tentando me manter quieta com uma das mãos enquanto tateava entre nós com a outra. — Poderia ficar quieta, por favor? Eu me recusei e ele finalmente colocou o braço atravessado sobre minha garganta e apoiou-se sobre ele. Não com força



suficiente para me fazer perder os sentidos outra vez, mas o bastante para reduzir minhas forças. Ele era magro, mas rijo e muito forte, e por força de pura determinação conseguiu puxar minha combinação para cima e enfiar o joelho entre minhas coxas. Ele respirava quase com tanta força quanto eu e era possível sentir o odor de sua excitação. Suas mãos haviam deixado minha garganta e febrilmente agarravam meus seios, de uma forma que deixou razoavelmente claro que o único outro seio que ele já tocara fora provavelmente o de sua mãe.

— Quieta, agora, não tenha medo, madame, está tudo bem, eu não vou... oh. Oh, nossa! Eu... ah... oh. — Sua mão tateou entre minhas coxas, em seguida desapareceram momentaneamente quando ele se levantou por um instante e arriou as calças.

Ele desabou pesadamente sobre mim, os quadris bombeando freneticamente enquanto ele se impelia loucamente para fora — não fazendo nenhum contato a não ser o de fricção, já que ele obviamente não fazia a menor ideia da construção da anatomia feminina. Permaneci quieta, perplexa a ponto de ficar imóvel, depois senti um fluxo quente sob as minhas coxas quando ele se liberou em arquejante êxtase.

Toda a tensão muscular abandonou-o de repente e ele deixou-se cair sobre meu peito como um balão murcho. Eu podia sentir seu jovem coração batendo como um martelo a vapor e sua têmpora pressionando-se contra minha face, molhada de suor.

Achei a intimidade desse contato tão desagradável quanto a presença amolecida enfiada entre minhas coxas, e rolei bruscamente para o lado, jogando-o para fora. Ele voltou à vida de repente e se levantou atabalhoadamente sobre os joelhos, puxando as calças arriadas.

Cambaleou de um lado para o outro por um instante, depois caiu de quatro e arrastou-se para o meu lado.

— Sinto muito, madame — sussurrou. Não fiz nenhum movimento e, após um instante, ele estendeu a mão, hesitante, e bateu delicadamente em meu ombro.

— Sinto muito — repetiu, ainda sussurrando, e depois desapareceu, deixando-me deitada de costas em uma poça, imaginando se um ataque tão incompetente poderia legitimamente ser considerado estupro.

Um farfalhar distante nos arbustos, acompanhado de exclamações abafadas de deleite juvenil, me fez decidir com firmeza que poderia.

Santo Deus, o resto das odiosas criaturas viria me atacar num abrir e fechar de olhos. Em pânico, sentei-me ereta, tomando cuidado com o laço no pescoço.

A claridade que vinha da fogueira era irregular e trêmula, mal permitindo divisar os troncos das árvores e a pálida camada de agulhas de pinheiro e folhas mortas no chão. Suficiente para ver as rochas de granito projetando-se do meio da camada de folhas e uma ou outra protuberância de um galho caído. Não que a falta de armas em potencial importasse, considerando-se que minhas mãos ainda estavam firmemente amarradas.

O peso do jovem atacante piorara as coisas; os nós haviam ficado mais apertados com os meus esforços e minhas mãos latejavam com a falta de circulação. Meus dedos começavam a ficar dormentes nas pontas. Maldição. Eu estaria prestes a perder vários dedos para a gangrena, em consequência desse absurdo? Por um instante, analisei a sensatez de um comportamento submisso com o próximo garoto abominável, na esperança de que ele retirasse a mordalha. Se ele o fizesse, eu poderia ao menos suplicar-lhe para afrouxar as cordas — e depois gritar por socorro, na expectativa de que Tebbe viesse e impedisse novos ataques, por medo de minha consequente vingança sobrenatural.

Ali vinha ele, um ruído furtivo nas folhagens. Cerrei os dentes na mordança e ergui os olhos, mas a figura ensombreada à minha frente não era a de um dos garotos.

O único pensamento que veio à minha mente quando percebi quem era o novo visitante foi Jamie Fraser, seu filho da mãe, onde você está? Fiquei paralisada, como se permanecer imóvel pudesse de alguma forma me deixar invisível. O homem moveu-se à minha frente, agachando-se para me olhar diretamente no rosto.

— Não está rindo agora, não é? — disse, em tom de conversa. Era Boble, o ex-caçador de recompensas. — Você e seu marido acharam muito engraçado, não foi?, o que as alemães fizeram comigo? E depois o sr. Fraser me dizendo que elas pretendiam fazer salsichas de mim, e ele com a expressão de um cristão lendo a Bíblia. Também achou isso engraçado, não foi? Para ser perfeitamente honesta, fora muito engraçado. Mas ele tinha absoluta razão; eu não estava rindo agora. Ele levantou o braço e me esbofeteou. O golpe fez meus olhos lacrimejarem, mas a fogueira o iluminava de lado; eu ainda podia ver o sorriso em seu rosto rechonchudo. Uma calma fria me percorreu, fazendo-me estremecer. Ele viu e o sorriso ampliou-se. Seus dentes caninos eram curtos e rombudos, de modo que os incisivos, em contraste, se sobressaíam, grandes e amarelos, como os de um roedor.

— Imagino que vá achar isso ainda mais engraçado — ele disse, levantando-se e começando a abrir a braguilha. — Espero que Hodge não a mate logo, para que você possa contar a seu marido. Aposto que ele vai gostar da piada, sendo um homem de senso de humor como ele.

O sêmen do rapaz ainda estava úmido e pegajoso em minhas coxas.

Fiz um movimento brusco para trás num reflexo, tentando ficar em pé, mas logo fui impedida pelo laço ao redor do meu pescoço. Minha vista escureceu por um instante quando a corda

apertou minha carótida, depois clareou, e eu me deparei com o rosto de Boble a centímetros do meu, seu hálito quente em minha pele.

Ele agarrou meu queixo na mão e esfregou o rosto no meu, mordendo meus lábios e raspando a barba curta com força pelas minhas faces. Em seguida, recuou, deixando meu rosto molhado de sua saliva, empurrou-me estendida no chão e subiu em cima de mim.

Eu podia sentir a violência nele, pulsando como um coração exposto, de paredes finas, pronto para explodir. Eu sabia que não poderia escapar ou impedi-lo — sabia que ele iria me ferir, se eu lhe desse o menor motivo. A única coisa a fazer era ficar imóvel e aguentá-lo.

Não consegui. Arqueei-me sob ele e rolei para o lado, lançando o joelho para cima quando ele afastou minha combinação. Eu o atingi em cheio na coxa e ele automaticamente ergueu o punho cerrado para trás e desfechou um soco em meu rosto, preciso e rápido.

Uma dor dilacerante explodiu repentinamente do centro do meu rosto, tomou conta da minha cabeça e eu fiquei cega, o choque imobilizando-me momentaneamente. Sua idiota, pensei, com total lucidez. Agora, ele vai matá-la. O segundo golpe atingiu minha face e lançou minha cabeça para o lado. Talvez eu tenha me movido outra vez, em cega resistência, talvez não.

De repente, ele estava ajoelhado sobre mim, com uma perna de cada lado, socando-me e esbofeteando-me, golpes secos e pesados como o baque das ondas do oceano na areia, ainda remotos demais para causar dor. Contorci-me, encolhi-me, erguendo o ombro e tentando proteger o rosto contra o chão, e então seu peso saiu de cima de mim.

Ele estava de pé. Chutava-me e xingava, arfando e quase soluçando, conforme sua bota batia com um ruído surdo nos lados

do meu corpo, nas costas, nas coxas e nádegas. Eu arquejava em respirações curtas, tentando respirar. Meu corpo estremecia e saltava espasmodicamente a cada golpe, escorregando no chão coberto de folhas mortas, e eu me agarrei à sensação do solo sob mim, tentando me afundar nele, ser engolida pela terra.

Então, parou. Podia ouvi-lo, ofegante, tentando falar.

— Droga... droga... oh, droga... maldita... vagabunda...

Permaneci inerte, tentando desaparecer na escuridão que me envolvia, sabendo que ele iria me chutar na cabeça. Eu podia sentir meus dentes trepidarem, os ossos frágeis do meu crânio fraturarem e desmoronarem dentro da polpa úmida e macia do meu cérebro, e tremi, cerrando os dentes em uma resistência inútil contra o impacto. Soaria como um melão sendo esmigalhado, um som surdo, oco e pegajoso. Eu ouviria? O chute não veio. Houve um outro som, um ruge-ruge rápido, forte, que não fez nenhum sentido. Um som ligeiramente carnudo, carne contra carne em um ritmo suave, estalado, então ele soltou um gemido e gotas quentes de fluido caíram em meu rosto e ombros, úmidas, respingando na pele nua, onde o tecido de minha combinação havia se rasgado.

Fiquei paralisada. Em algum lugar no fundo de minha mente, o observador distanciado perguntou-se em voz alta se aquele era na verdade o caso mais nojento com que eu já me deparara. Bem, não, não era. Alguns dos que eu vira no Hospital des Anges, para não dizer nada da morte do padre Alexandre ou do sótão dos Beardsley... o hospital de campanha em Amiens... céus, não, isto nem chegava perto.

Permaneci rígida, os olhos fechados, lembrando diversas experiências asquerosas do meu passado e desejando estar de fato atendendo em um desses locais, em vez de estar ali.

Ele inclinou-se sobre mim, agarrou-me pelos cabelos e bateu minha cabeça várias vezes contra a árvore, chiando enquanto o fazia.

— ...lhe mostrar... — murmurou, depois deixou a mão cair e eu ouvi o barulho de pés se arrastando conforme ele se afastava, cambaleando.

Quando finalmente abri meus olhos outra vez, estava sozinha.

Continuei sozinha, uma pequena bênção. O violento ataque de Boble parecia ter afugentado os garotos.

Rolei o corpo de lado e permaneci quieta, respirando. Sentia-me muito cansada, e absolutamente abandonada.

Jamie, pensei, onde você está? Eu não tinha medo do que poderia acontecer em seguida; não conseguia ver mais além do que o momento em que me encontrava, um único suspiro, uma única batida do coração. Eu não pensava e não sentia. Ainda não. Apenas continuei imóvel, respirando. Muito devagar, comecei a notar pequenas coisas. Um fragmento de casca de árvore preso em meus cabelos, arranhando meu rosto. A maciez da espessa camada de folhas mortas, aconchegando meu corpo. A sensação de esforço conforme meu peito se erguia. Um esforço crescente.

Um minúsculo nervo começou a se contrair em espasmos junto ao meu olho.

Percebi repentinamente que, com a mordaca na boca e os tecidos nasais congestionando-se rapidamente pelo inchaço e pelo sangramento, eu corria o perigo real de sufocamento. Virei-me de lado o máximo possível sem me estrangular e esfreguei o rosto primeiro contra o chão, depois — com crescente desespero — enfiei os calcanhares no solo e contorci-me para cima, raspando o rosto com força contra o tronco da árvore, tentando sem sucesso afrouxar ou deslocar a mordaca.

A casca da árvore arranhou os lábios e a face, mas o lenço amarrado ao redor de minha cabeça estava tão apertado que penetrava fundo nos cantos de minha boca, forçando-a a

permanecer aberta, de modo que a saliva escorria constantemente no bolo de tecido dentro de minha boca.

Engasguei-me com a cócega que o tecido molhado fazia em minha garganta e senti o vômito queimar o fundo do meu nariz.

Você não vai, você não vai, você não vai, você não vai, não vai, vomitar! Inspirei o ar borbulhando dentro do meu nariz ensanguentado, senti um forte gosto de cobre conforme o muco viscoso desceu pela minha garganta, engasguei-me ainda mais, dobrei o corpo ao meio — e vi luz branca nas bordas da minha visão, quando o laço correção apertou minha garganta.

Caí de costas, a cabeça batendo com força contra a árvore. Mal notei; o laço afrouxou-se outra vez, graças a Deus, e eu consegui um, dois, três preciosas respirações de ar obstruído pelo sangue coagulado.

Meu nariz estava inchado de um lado ao outro das maçãs do rosto, e inchando cada vez mais. Cerrei os dentes na mordança e expirei com força pelo nariz, assoando, tentando desobstruí-lo, ainda que por um instante.

Sangue tingido com bÍlis espalhou-se, quente, pelo meu queixo e respingou pelo meu peito — e eu suguei o ar depressa, conseguindo um pouco.

Assoar... assoar... resfoleguei com a última reserva de ar estagnado em meus pulmões e consegui uma desobstrução mínima, suficiente para enchê-los de novo.

Prendi a respiração, tentando me manter consciente por tempo suficiente Para descobrir uma maneira de respirar — tinha que haver uma maneira de conseguir respirar.

Eu não iria deixar que um miserável como Harley Boble me matasse Por simples inadvertência. Não era certo; não podia ser. Pressionei-me com força, parcialmente sentada, para cima, pelo tronco da árvore, de modo a diminuir ao máximo a tensão do laço em meu pescoço, e deixei minha cabeça cair para frente, para que o

sangue do meu nariz escorresse, pingando. Isso ajudou, um pouco. Mas não por muito tempo.

Minhas pálpebras começaram a se fechar; meu nariz estava definitivamente quebrado e a carne em toda parte superior do meu rosto estava inchando agora, com o sangue e a linfa do trauma capilar, fechando meus olhos, restringindo ainda mais meu fio de ar.

Mordi a mordaca, então, em uma agonia de frustração, tomada pelo desespero, comecei a mastigá-la, moendo o tecido entre os dentes, tentando despedaçá-lo, amassá-lo, de alguma forma movê-lo dentro da minha boca... mordi a parede interna da bochecha e senti a dor, mas não me importei, não era importante, nada importava, a não ser respirar, oh, Deus, eu não conseguia respirar, por favor me ajude a respirar, por favor...

Mordi a língua, arfei de dor — e percebi que conseguira enfiar a língua depois da bola de tecido, fazendo a ponta alcançar o canto da minha boca. Empurrando com todas as forças com a ponta da língua, consegui fazer um pequeno canal de ar. Não mais do que um filete de oxigênio conseguia se infiltrar por ele — mas era ar e isso era tudo que importava.

Eu mantinha a cabeça dolorosamente inclinada para o lado, a testa pressionada contra a árvore, mas tinha medo de fazer o menor movimento, por medo de perder o delgado fio de ar que salvava minha vida, se a mordaca mudasse de lugar quando eu movesse a cabeça.

Permaneci imóvel, os punhos cerrados, forçando respirações longas, gorgolejantes, terrivelmente superficiais, e imaginando por quanto tempo eu conseguiria permanecer assim; os músculos do meu pescoço já tremiam com o esforço.

Minhas mãos latejavam outra vez — não haviam parado de latejar em momento algum, imaginei, mas não tive tempo de lhes dar atenção.



Agora eu dava e momentaneamente me regozijei com as dores lancinantes que delineavam cada unha com fogo líquido, como distração da rigidez mortal que se espalhava pelo meu pescoço e através do meu ombro.

Os músculos do meu pescoço começaram a se contrair em espasmos; arquejei, perdi o ar e arqueei meu corpo como um arco, os dedos enterrados nas cordas, enquanto lutava para recuperá-lo.

A mão de alguém segurou meu braço. Eu não o ouvira se aproximar. Virei-me cegamente, tentando atingi-lo com a cabeça. Não me importava quem era ou o que desejava, desde que retirasse a mordaca. Estupro parecia uma moeda perfeitamente razoável em troca da sobrevivência, ao menos no momento.

Emiti ruídos desesperados, choramingando, resfolegando e lançando gotas de sangue e muco conforme sacudia a cabeça violentamente, tentando indicar que eu estava sufocando — considerando-se o nível de incompetência sexual demonstrado até agora, ele podia nem sequer perceber que eu não conseguia respirar e simplesmente continuar com o que pretendia fazer, sem consciência de que o simples estupro se tornava necrofilia.

Ele tateava pela minha cabeça. Graças a Deus, graças a Deus! Mantive-me quieta com um esforço sobre-humano, a cabeça ondulando conforme explosões de fogo disparavam dentro dos meus globos oculares. Então, a tira de pano saiu e eu lancei para fora, num reflexo, o bolo de tecido em minha boca, imediatamente senti náusea e vomitei, tragando o ar e ao mesmo tempo tendo ânsias de vômito.

Eu não havia comido; nada além de um fio de bÍlis queimou minha garganta e escorreu pelo meu queixo. Engasguei e engoli e respirei, sorvendo o ar em enormes e ansiosos tragos, quase explodindo os pulmões.

Ele dizia alguma coisa, sussurrando ansiosamente. Eu não me importava, não conseguia ouvir. Tudo que eu ouvia era o chiado

agradecido de minha própria respiração e as batidas surdas do meu coração. Finalmente, reduzindo o ritmo frenético para manter o oxigênio circulando pelos meus tecidos famintos, ele batia com força suficiente para sacudir meu corpo.

Então, uma ou outra palavra chegou até mim, e eu ergui a cabeça, fitando-o.

— O quê? — eu disse, com um fio rouco de voz. Tossi, sacudindo a cabeça para tentar clareá-la. Doía insuportavelmente. — O que foi que você disse?

Ele era visível apenas como uma silhueta entrecortada, com uma juba de leão, ombros ossudos na fraca claridade da fogueira.

— Eu perguntei — ele sussurrou, inclinando-se para mais perto — se o nome "Ringo Starr" significa alguma coisa para você.

A essa altura, eu já havia ultrapassado há muito tempo o ponto de choque. Eu meramente limpei meu lábio cortado cuidadosamente no meu ombro e disse com muita calma: — Sim.

Ele estivera prendendo a respiração; somente percebi isso ao ouvir o suspiro quando ele soltou o ar e eu vi seus ombros arriarem.

— Oh, meu Deus — ele disse, quase em um sussurro. — Oh, meu Deus.

Ele lançou-se para frente e prendeu-me junto a ele em um forte abraço. Eu me encolhi, sufocando conforme o laço em meu pescoço apertou-se outra vez, mas ele não notou, absorvido em suas próprias emoções.

— Oh, meu Deus — ele disse, e enterrou o rosto em meu ombro, quase soluçando. — Oh, meu Deus. Eu sabia, eu sabia, você tinha que ser, eu sabia, mas não conseguia acreditar, oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus! Eu achava que nunca encontraria outro, jamais...

— Hum... — tentei falar. Arqueei as costas, com urgência.

— O qu... oh, droga! — Soltou-me e agarrou a corda ao redor de meu pescoço. Segurou-a desajeitadamente e arrancou o laço por cima de minha cabeça, quase decepando minha orelha no processo, mas não me importei.

— Droga, você está bem?

— Sim — grasnei. — Me de...samarre.

Ele fungou, limpando o nariz na manga, e olhou para trás por cima do ombro.

— Não posso — sussurrou. — O próximo que vier vai ver.

— O próximo? — gritei, tanto quanto podia em um sussurro estrangulado.

— O que quer dizer, o próximo...

— Bem, você sabe... — Ele pareceu perceber repentinamente que eu poderia ter objeções a esperar docilmente pelo próximo possível estuprador na fila. — Hã... quero dizer... bem, não importa. Quem é você?

— Você sabe muito bem quem eu sou — grasnei furiosamente, empurrando-o com minhas mãos atadas. — Sou Claire Fraser. Quem diabos é você, o que está fazendo aqui e se quiser mais uma palavra de mim me desamarre agora mesmo!

Ele virou-se outra vez para olhar apreensivamente por cima do ombro e me ocorreu vagamente que ele estava com medo de seus supostos camaradas. Eu também. Eu podia ver seu perfil em silhueta; era de fato o jovem índio com cabelos volumosos e emaranhados, aquele que eu achara que devia ser um tuscarora. Índio... uma conexão se instalou no fundo de minhas sinapses emaranhadas.

— Maldição! — exclamei, enxugando um fio de sangue que escorria do canto esfolado de minha boca. — Dente-de-Lontra. Dente. Você é um deles.

— O quê?! — Sua cabeça virou abruptamente para me encarar, os olhos tão arregalados que as escleróticas luziram por

uma fração de segundo. — Quem?

— Oh, qual era o verdadeiro nome dele? Robert... Robert... alguma coisa... — Eu tremia de fúria, terror, choque e exaustão, Tateando pelos restos embaralhados do que costumava ser minha mente. Por mais destroçada que eu estivesse, lembrava-me muito bem de Dente-de-Lontra. Tive a lembrança vívida e repentina de estar sozinha na escuridão, em uma noite como esta, encharcada de chuva e completamente sozinha, um crânio há muito tempo enterrado envolvido em minhas mãos.

— Springer — ele disse, agarrando meu braço ansiosamente. — Springer, não era? Robert Springer?

Eu tive apenas a presença de espírito suficiente para fechar a boca, lançar o queixo para frente e estender minhas mãos amarradas para ele.

Nem mais uma palavra até ele cortar as cordas que me amarravam.

— Droga — ele murmurou outra vez, e com outro olhar apressado por cima do ombro Tateou à cata de sua faca. Não era hábil com ela. Se eu precisasse de qualquer prova de que ele não era um verdadeiro índio da época... mas ele liberou minhas mãos sem me cortar e eu me dobrei com um gemido, as mãos enfiadas sob as axilas enquanto o sangue inundava-as outra vez. Pareciam balões cheios de gás e esticados quase ao ponto de estourarem.

— Quando? — ele quis saber, não prestando nenhuma atenção ao meu sofrimento. — Quando você veio? Onde encontrou Bob? Onde ele está?

— 1946 — eu disse, apertando os braços com força sobre minhas mãos latejantes. — Na primeira vez. 1968, na segunda. Quanto ao sr. Springer...

— A segunda... você disse a segunda vez? — Sua voz ergueu-se, surpresa. Ele sufocou-a, olhando para trás com ar de culpa, mas os sons dos homens jogando dados e conversando ao

redor da fogueira eram mais do que suficientemente altos para abafar uma simples exclamação.

— Segunda vez — ele repetiu mais brandamente. — Então você conseguiu? Você voltou?

Assenti, pressionando os lábios e balançando-me um pouco para frente e para trás. Parecia que as unhas das minhas mãos iriam saltar a cada batida do coração.

— E você? — perguntei, embora tivesse quase certeza de que já sabia.

— 1968 — ele disse, confirmando.

— Em que ano você apareceu? — perguntei. — Quero dizer, há quanto tempo está aqui? Hã... agora, quero dizer.

— Oh, meu Deus. — Ele sentou-se para trás sobre os calcanhares, passando a mão pelos cabelos longos e emaranhados. — Estou aqui há seis anos, pelo que pude saber. Mas você disse... segunda vez. Se conseguiu voltar para casa, por que diabos voltou? Oh, espere. Você não voltou para casa, você foi para uma outra época, mas não aquela de onde veio?

— Escócia, 1946. E não, eu consegui voltar para casa — eu disse, sem querer entrar em detalhes. — Mas meu marido estava aqui. Eu voltei porque quis, para ficar com ele. — Uma decisão cuja sensatez parecia em grave dúvida no momento. — E por falar em meu marido — acrescentei, começando a sentir como se eu ainda devesse ter alguns fiapos de sanidade no final das contas —, eu não estava brincando. Ele virá. Você não vai querer que ele o encontre me mantendo em cativeiro, posso lhe garantir. Mas se você...

Ele não fez caso de nada que eu tivesse dito, inclinando-se ansiosamente para mim. — Mas isso significa que você sabe como funciona! Você pode conduzir!

— Algo assim — eu disse, impaciente. — Pelo que entendi, você e seus companheiros não sabiam conduzir, como você diz? — Massageei uma das mãos com a outra, rangendo os dentes com a

pulsação do sangue. Eu podia sentir as marcas fundas que a corda havia deixado em minha carne.

— Nós pensávamos que sabíamos. — A amargura tingiu sua voz.

— Pedras sonoras. Pedras preciosas. Foi o que usamos. Raymond disse... Mas não funcionou. Ou talvez... talvez tenha funcionado. — Ele fazia deduções; eu podia ouvir o entusiasmo elevando-se outra vez em seu tom de voz. — Você conheceu Bob Springer... Dente-de-Lontra, quero dizer. Então, ele realmente conseguiu! E, se ele conseguiu, talvez os outros também tenham conseguido. Veja, eu pensei que todos eles estivessem mortos. Pensei... pensei que estivesse sozinho. — Sua voz soou embargada e, apesar da urgência da situação e de minha impaciência com ele, senti uma pontada de compaixão. Eu sabia muito bem como era se sentir sozinho assim, abandonado no tempo.

De certa forma, eu detestava ter que decepcioná-lo, mas não fazia sentido esconder-lhe a verdade.

— Lamento, mas Dente-de-Lontra está morto.

Ele parou de se mover repentinamente e permaneceu sentado, muito quieto. A débil claridade da fogueira através das árvores delineava sua figura; pude ver seu rosto. Alguns fios compridos levantaram-se na brisa. Eram a única coisa em movimento.

— Como? — ele disse finalmente, com uma voz fraca, embargada.

— Morto pelos iroqueses — eu disse. — Os mohawks. — Minha mente estava começando, muito lentamente, a funcionar outra vez. Há seis anos, este homem, quem quer que fosse, viera. Seria 1767. No entanto, Dente-de-Lontra, o homem que um dia fora Robert Springer, havia morrido há mais de uma geração antes. Eles partiram juntos, mas terminaram em épocas diferentes.

— Droga — ele disse, embora a óbvia angústia em sua voz estivesse misturada a algo como assombro. — Isso deve ter sido uma verdadeira decepção, especialmente para Bob. Ele idolatrava esses sujeitos.

— Sim, creio que ele ficou muito desconcertado com isso — retruquei, um pouco secamente. Eu sentia as pálpebras pesadas e inchadas. Era um esforço mantê-las abertas, mas eu ainda conseguia enxergar. Olhei para a claridade da fogueira, mas não pude ver nada além do leve movimento de sombras a distância. Se realmente houvesse uma fila de homens aguardando pelos meus serviços, ao menos estavam diplomaticamente se mantendo fora de vista. Eu duvidava, e agradei silenciosamente por não ser vinte anos mais nova, certamente haveria uma fila. — Eu conheci alguns iroqueses... Santo Deus, eu fui à procura deles, se você pode acreditar! Essa era toda a ideia, sabe? Encontrar as tribos iroquesas e convencê-los...

— Sim, sei o que tinham em mente — eu o interrompi. — Olhe, este não é realmente o lugar e a hora para uma longa conversa. Eu acho que...

— Esses iroqueses são uns malditos sanguinários, vou lhe contar, dona — ele disse, espetando-me no peito com um dedo para dar ênfase.

— Você não acreditaria no que são capazes de fazer a...

— Eu sei. Meu marido também é. — Dei-lhe um olhar furioso, que, a julgar pela maneira como ele se encolheu, provavelmente se tornou altamente eficaz por causa do estado do meu rosto. Assim eu esperava; doeu muito fazer isso.

— Agora, o que você quer fazer — eu disse, reunindo tanta autoridade em minha voz quanto conseguia — é voltar à fogueira, esperar um pouco, depois sair sem chamar atenção, dar a volta furtivamente e pegar dois cavalos. Ouço um riacho ali embaixo. — Acenei rapidamente para a direita. — Eu o encontrarei lá. Assim

que estivermos a uma distância segura, eu lhe contarei tudo o que sei.

Na realidade, eu provavelmente não poderia lhe contar nada muito útil, mas ele não sabia disso. Eu o ouvi engolir em seco.

— Não sei... — disse, em dúvida, olhando ao redor outra vez. — Hodge, ele é um sujeito ruim. Ele atirou em um dos homens, há alguns dias. Nem sequer disse nada, apenas aproximou-se dele, tirou a arma e bum! — Por quê? Ele deu de ombros, sacudindo a cabeça.

— Nem sei, dona. Apenas... bum, entende?

— Entendo — assegurei-lhe, agarrando-me à serenidade e à sanidade por um fio. — Olhe, não vamos nos preocupar com os cavalos, então. Simplesmente, vamos embora. — Lancei-me desajeitadamente sobre um dos joelhos, na esperança de poder me levantar em poucos instantes, sem falar em andar. Os grandes músculos das minhas coxas estavam cheios de nós nos pontos em que Boble me chutara; tentar ficar em pé fez meus músculos saltarem e tremerem em espasmos que realmente me incapacitaram.

— Droga, agora não! — Em sua agitação, o rapaz agarrou meu braço e puxou-me para baixo, ao seu lado. Bati no chão com força, sobre um dos quadris, e soltei um grito de dor.

— Tudo bem aí, Donner? — A voz veio da escuridão em algum lugar atrás de mim. Era descontraída, obviamente um dos homens simplesmente se afastara do acampamento para se aliviar, mas o efeito sobre o jovem índio foi galvanizante. Ele atirou-se de corpo inteiro em cima de mim, batendo minha cabeça no chão e arrancando todo o ar dos meus pulmões.

— Tudo bem... realmente... ótimo — ele falou para seu companheiro, arfando de maneira exagerada, evidentemente tentando soar como um homem nos estertores de prazer quase



completo. Ele soou como alguém morrendo de asma, mas eu não me queixei. Não podia.

Eu já levava vários golpes na cabeça e em geral não via nada além de escuridão por causa disso. Dessa vez, eu realmente vi estrelas coloridas e permaneci lânguida e confusa, sentindo-me como se estivesse tranquilamente sentada a alguma distância do meu corpo maltratado.

Então, Donner colocou a mão em meu seio e eu voltei instantaneamente à Terra.

— Solte-me agora mesmo! — sibilei entre os dentes. — O que acha que está fazendo?

— Ei, ei, nada, nada, desculpe-me — assegurou-me apressadamente.

Retirou a mão, mas não saiu de cima de mim. Contorceu-se um pouco e eu percebi que ele estava excitado pelo contato, quer de propósito ou não.

— Saia de cima de mim! — eu disse, em um sussurro furioso.

— Ei, não pretendo fazer nada, quero dizer, eu não a machucaria ou nada assim. É que eu não tenho uma mulher há...

Agarrei um punhado dos seus cabelos, ergui a cabeça e mordi sua orelha, com força. Ele soltou um gritinho agudo e rolou de cima de mim.

O outro homem voltava para junto da fogueira. Com isso, entretanto, virou-se e chamou: — Santo Deus, Donner, ela é tão boa assim? Vou ter que experimentar também! — Isso arrancou uma risada dos homens junto à fogueira, mas felizmente os risos cessaram e eles retornaram às suas próprias preocupações. Eu retornei às minhas, que era a fuga.

— Não precisava fazer isso — Donner lamuriou-se à meia-voz, segurando a orelha. — Eu não ia fazer nada! Santo Deus, você tem belos seios, mas tem idade para ser minha mãe!

— Cale-se! — eu disse, arrastando-me para uma posição sentada. O esforço fez minha cabeça girar; minúsculas luzes coloridas tremularam como lâmpadas de árvore de Natal nos cantos do meu campo de visão.

Apesar disso, parte da minha mente funcionava ativamente outra vez.

Ele tinha razão, ao menos em parte. Não podíamos partir imediatamente. Depois de chamar tanta atenção para si mesmo, os outros estariam esperando que ele voltasse em poucos minutos; se não voltasse, começariam a procurar por ele — e nós precisávamos mais do que alguns minutos de dianteira.

— Não podemos ir agora — ele sussurrou, esfregando a orelha com ar de censura. — Eles notarão. Espere até irem dormir. Virei buscá-la, então.

Hesitei. Eu corria um perigo mortal a cada instante que passava ao alcance de Hodgepile e sua gangue sanguinária. Se eu precisasse de qualquer convencimento, os encontros das últimas duas horas haviam demonstrado isso. Esse Donner tinha que voltar para a fogueira e se mostrar, mas eu podia escapular furtivamente. Valeria a pena arriscar que alguém viesse e descobrisse que eu havia fugido, antes que eu estivesse longe o bastante para não ser alcançada? Seria melhor esperar até que estivessem dormindo. Mas eu me arriscaria a esperar tanto tempo? E, depois, havia o próprio Donner. Se ele queria falar comigo, eu certamente queria falar com ele. A chance de encontrar outro viajante do tempo...

Donner percebeu minha hesitação, mas interpretou-a mal.

— Você não vai sem mim! — Agarrou meu pulso, repentinamente alarmado, e, antes que eu pudesse livrar-me com um safanão, passou um pedaço da corda cortada ao redor dele. Lutei e puxei a mão, sibilando para tentar fazê-lo compreender, mas ele estava apavorado com a ideia de que eu pudesse fugir sem ele e se recusava a ouvir. Dificultada pelos meus ferimentos e não

querendo fazer barulho e atrair a atenção, eu só podia atrasar, mas não impedir seus esforços determinados de me amarrar outra vez.

— OK. — Ele suava; uma gota caiu, quente, em meu rosto quando ele se inclinou sobre mim para verificar os nós. Ao menos, ele não recolocara o laço em volta do meu pescoço outra vez, em vez disso amarrando-me à árvore com uma corda ao redor de minha cintura.

— Eu já devia saber quem você era — ele murmurou, atento ao seu serviço. — Mesmo antes de você exclamar "Jesus H. Roosevelt Cristo".

— O que você quer dizer com isso? — retruquei rispidamente, contorcendo-me para me livrar de sua mão. — Não faça isso, eu vou sufocar! — Ele tentava colocar de volta a tira de pano em minha boca, mas pareceu perceber o pânico em minha voz, porque hesitou.

— Oh — disse, em dúvida. — Bem. Acho... — Novamente, olhou para trás por cima do ombro, mas depois tomou uma decisão e deixou a mordaca cair no chão. — OK. Mas fique quieta, está bem? O que eu quis dizer... você não demonstra medo dos homens. A maioria das mulheres de agora têm medo. Você devia fingir mais medo.

E, com essa despedida, levantou-se e limpou as folhas mortas de suas roupas antes de voltar para junto da fogueira.

Chega um ponto em que o corpo simplesmente não aguenta mais.

Procura se refugiar no sono, por maiores que sejam as ameaças que o futuro possa trazer. Eu já vi isso acontecer: os soldados jacobitas que dormiam nas trincheiras onde caíam, só despertando novamente a tempo de fugir. Da mesma forma, mulheres que ficam muito tempo em trabalho de parto geralmente dormem entre uma contração e outra.

Do mesmo modo, eu dormi. No entanto, esse tipo de sono nem é profundo, nem tranquilo. Saí dele com a mão de alguém sobre a minha boca.

O quarto homem não foi nem incompetente, nem violento. Ele era grande e tinha um corpo macio, e ele amara a esposa morta. Eu soube disso, porque ele chorou nos meus cabelos e me chamou pelo nome dela no final. Era Martha.

Despertei novamente do meu sono algum tempo depois.

Instantaneamente, completamente consciente, o coração batendo com força. Mas não era meu coração — era um tambor.

Sons de alarme vinham da direção da fogueira, os homens acordando, surpresos e apavorados.

— Índios! — alguém gritou, e a luz fragmentou-se e rebentou em chamas quando alguém chutou a fogueira para espalhá-la.

Não era um tambor indígena. Sentei-me ereta, ouvindo atentamente.

Era um tambor com o som de batimentos cardíacos, lento e ritmado, em seguida rápido como um martelo mecânico, com a aceleração frenética de uma fera caçada.

Eu poderia dizer a eles que os índios nunca usam tambores como armas; os celtas, sim. Era o som de um bodhran.

E o que viria agora?, pensei, um pouco histericamente. Gaitas de fole? Era Roger, sem dúvida; somente ele poderia fazer um tambor soar daquele modo. Era Roger, e Jamie estaria por perto. Levantei-me atabalhoadamente, precisando, com urgência, me mover. Dei um safanão na corda ao redor da minha cintura em um frenesi de impaciência, mas eu não iria a parte alguma.

Outro tambor começou, mais devagar, menos hábil, mas igualmente ameaçador. O som parecia estar se movendo — estava se movendo.

Desaparecendo gradualmente, voltando com toda força. Um terceiro tambor começou a soar e agora as batidas pareciam vir de todas as partes, rápidas, devagar, zombando.

Alguém disparou uma arma para dentro da floresta, em pânico.

— Parem aí! — veio a voz de Hodgepile, alta e furiosa, mas em vão; ouviu-se uma série de estampidos de tiros, quase abafados pelo som dos tambores. Ouvi um estalido perto da minha cabeça e um punhado de agulhas de pinheiro roçou por mim ao cair. Percebi de repente que permanecer de pé enquanto armas eram cegamente disparadas ao meu redor era uma estratégia perigosa, e prontamente me atirei ao chão, enfiando-me dentro da camada de agulhas mortas, tentando manter o tronco da árvore entre mim e o principal grupo de homens. Os tambores avançavam sinuosamente, às vezes mais perto, às vezes mais longe, o som enervante até para quem sabia o que era. Estavam rodeando o acampamento, ou assim parecia. Eu deveria gritar, caso eles se aproximassem o bastante? Fui poupada da agonia da decisão; os homens faziam tanto barulho ao redor da fogueira que eu não poderia ser ouvida ainda que gritasse até ficar rouca. Eles gritavam apavorados, fazendo perguntas, berrando ordens — as quais aparentemente eram ignoradas, a julgar pelos sons de tumulto em andamento.

Alguém atravessou estrepitosamente os arbustos próximos, fugindo dos tambores. Mais um, mais outro — o som de respiração arquejante e passos esmigalhando folhagens. Donner, o pensamento me ocorreu repentinamente e eu me sentei ereta, depois me lancei contra o solo outra vez, quando outro tiro passou assobiando acima da minha cabeça.

Os tambores pararam abruptamente. O caos reinava em volta da fogueira, embora eu pudesse ouvir Hodgepile tentando colocar seus homens em ordem, gritando e ameaçando, a voz

nasalada erguida acima das outras. Então, os tambores recomeçaram — muito mais perto.

Eles estavam fechando o cerco, se juntando, em algum lugar na floresta à minha esquerda, e o rufar zombeteiro mudara. Agora, os tambores ribombavam. Nenhuma habilidade, apenas ameaça. Cada vez mais perto.

As armas disparavam furiosamente, perto o bastante para eu ver o clarão do disparo e sentir o cheiro de fumaça, denso e quente, no ar. Os feixes de lenha da fogueira haviam sido espalhados, mas ainda ardiavam, lançando uma claridade embaçada pelo meio das árvores.

— Lá estão eles! Estou vendo! — alguém gritou de perto da fogueira e ouviu-se outra explosão de tiros de mosquete, na direção dos tambores.

Então, um urro sobrenatural ergueu-se do meio da noite. Eu já ouvira escoceses gritarem quando entravam em confronto, mas aquele berro das Highlands em particular fez os pelos do meu corpo se arrepiarem até a nuca. Jamie. Apesar dos meus temores, sentei-me com um salto, empertigada, e espreitei ao redor da árvore onde me abrigava, a tempo de ver demônios saltarem do meio da floresta.

Eu os conhecia — eu sabia que os conhecia —, mas encolhi-me ao vê-los, enegrecidos com fuligem e berrando com a loucura do inferno, o reflexo vermelho da fogueira nas lâminas de facas e machados.

Os tambores pararam abruptamente, com o primeiro grito, e agora outro conjunto de urros eclodiu à esquerda, os tocadores de tambor vindo correndo para o golpe final. Pressionei-me contra a árvore, o coração fechando a garganta, petrificada de medo de que as lâminas atacassem aleatoriamente qualquer movimento nas sombras. Alguém veio abrindo caminho em minha direção, tropeçando e dando encontrões pela escuridão.

— Donner? — grasnei seu nome, esperando atrair sua atenção, e a figura magra virou-se para mim, hesitou, em seguida localizou-me e arremeteu.

Não era Donner, mas Hodgepile. Ele agarrou meu braço, puxando-me para cima, ao mesmo tempo que cortava a corda que me prendia à árvore. Arquejava forte com o esforço, ou de medo.

Compreendi imediatamente o que ele pretendia; ele sabia que suas chances de escapar eram mínimas — ter-me como refém era sua única esperança. Mas eu não seria sua refém. Não mais.

Chutei-o, com força, e atingi o lado do joelho. Não o derrubei, mas o distraí por um segundo. Avancei sobre ele, de cabeça, e o atingi em cheio no peito, fazendo-o voar.

O impacto doeu terrivelmente, e eu cambaleei, os olhos lacrimejando de dor. Ele já estava de pé e se lançando sobre mim outra vez. Chutei, errei, caí sentada pesadamente.

— Vamos logo, desgraçada! — ele sibilou, puxando com força minhas mãos atadas. Abaixei a cabeça, dei um safanão para trás e levei-o para o chão comigo. Rolei e me contorci nas folhas escorregadias, tentando com todas as forças envolver minhas pernas ao seu redor, para prendê-lo pelos quadris e esmagar o vermezinho nojento, mas ele contorceu-se e se libertou, depois rolou para cima de mim, socando minha cabeça, tentando me subjugar.

Ele me atingiu em um ouvido e eu me encolhi, fechando os olhos num reflexo. Então, seu peso sumiu repentinamente de cima de mim, abri os olhos e vi Jamie segurando Hodgepile bem acima do chão. As pernas finas de Hodgepile debatiam-se loucamente em um esforço inútil de escapar, e eu senti um desejo insano de rir.

Na realidade, eu devo de fato ter rido, porque a cabeça de Jamie virou-se bruscamente para olhar para mim; vislumbrei os brancos de seus olhos em uma fração de segundo, antes que ele voltasse sua atenção para Hodgepile outra vez. Ele estava recortado

em silhueta contra uma ligeira claridade das brasas da fogueira; eu o vi de perfil por um instante, depois seu corpo se flexionou com o esforço, conforme ele inclinou a cabeça.

Ele segurava Hodgepile contra o peito, um dos braços dobrado.

Pestanejei; meus olhos estavam quase fechados com o inchaço e eu não sabia ao certo o que ele estava fazendo. Então, ouvi um pequeno grunhido de esforço e um grito estrangulado de Hodgepile, e vi o cotovelo curvado de Jamie descer com toda a força.

A curva escura da cabeça de Hodgepile moveu-se para trás — e para trás. Vislumbrei o nariz arrebitado e o maxilar pontudo de marionete — este virado para cima em um ângulo impossível, a base da mão de Jamie enfiada com força sob ele. Ouviu-se um pop! surdo que eu senti na boca do estômago quando os ossos do pescoço de Hodgepile se quebraram e a marionete ficou repentinamente flácida.

Jamie atirou no chão o corpo do boneco de marionete, estendeu os braços para mim e puxou-me para cima, colocando-me de pé.

— Você está viva, você está inteira, mo nighean donn? — disse ansiosamente em gaélico. Ele tateava, as mãos voando sobre mim, tentando ao mesmo tempo manter-me em pé, meus joelhos pareciam ter repentinamente se liquefeito, e localizar a corda que amarrava minhas mãos.

Eu chorava e ria, fungando lágrimas e sangue, batendo as mãos atadas contra ele, tentando desajeitadamente atirá-las para ele, para que ele pudesse cortar a corda.

Ele parou de atracar-se comigo e apertou-me com tanta força contra ele que eu dei um gritinho de dor quando meu rosto foi pressionado contra seu xale.



Ele dizia alguma outra coisa, ansiosamente, mas eu não conseguia traduzir. A energia pulsava em seu corpo, ardente e violenta, como a corrente elétrica em um fio, e vagamente percebi que ele ainda estava quase enlouquecido de fúria; ele não conseguia falar em inglês.

— Estou bem — consegui dizer com uma arfada, e ele me soltou. A luz incandesceu-se na fogueira além das árvores; alguém havia recolhido as brasas espalhadas e atirado mais gravetos sobre elas. Seu rosto estava negro, os olhos faiscaram em azul com um lampejo repentino quando ele virou a cabeça e a luz atingiu seu rosto.

Ainda havia alguma luta em andamento; nenhum grito agora, mas eu podia ouvir os grunhidos e o baque surdo de corpos em combate. Jamie ergueu minhas mãos, tirou sua adaga e cortou a corda; minhas mãos caíram como pesos de chumbo. Ele fitou-me por um instante, como se tentasse encontrar palavras, depois sacudiu a cabeça, segurou meu rosto em sua mão por um instante e desapareceu, de volta na direção da batalha.

Desabei no chão, zozna. O corpo de Hodgepile estava estendido perto dali, os membros desconjuntados, torcidos para os lados. Olhei para ele, a imagem clara em minha mente de um colar que Bri tivera quando criança, feito de contas de plástico ligadas, que se soltavam quando você as puxava. Pérolas pop-it, como eram chamadas. Desejei vagamente que eu não me lembrasse disso.

O rosto tinha as faces encovadas e o queixo proeminente; ele parecia surpreso, os olhos arregalados para a luz bruxuleante. Mas algo parecia estranhamente errado e eu estreitei os olhos, tentando descobrir o que era. Então, percebi que sua cabeça estava virada para as costas. Devo ter ficado ali, fitando-o, por vários segundos ou minutos, os braços rodeando os joelhos e a mente inteiramente vazia. Então, o som de passos suaves me fez erguer os olhos.

Arch Bug saiu da escuridão, alto, magro e negro contra a luz bruxuleante da fogueira cada vez mais forte. Vi que ele agarrava com força um machado na mão esquerda; ele também era negro e o cheiro de sangue veio forte e pungente quando ele inclinou-se para mim.

— Ainda restam alguns vivos — ele disse, e eu senti algo frio e duro tocar minha mão. — Quer se vingar deles agora, a banamhaighistear? Abaixei os olhos e vi que ele me oferecia uma adaga, o cabo voltado para mim. Eu havia me levantado, mas não me lembrava quando, nem como.

Eu não conseguia falar e não conseguia me mover — no entanto, meus dedos se curvaram independente de minha vontade, minha mão erguendo-se para pegar a faca enquanto eu a observava, ligeiramente curiosa. Então, a mão de Jamie desceu sobre a adaga, retirando-a, e eu vi, como se estivesse a uma grande distância, que a luz recaiu sobre sua mão, fazendo-a brilhar, úmida, suja de sangue até acima do pulso. Gotas aleatórias reluziam, vermelhas, como pedras preciosas escuras, cintilando, presas nos pelos encaracolados de seu braço.

— Ela fez um juramento — ele disse a Arch, e eu percebi vagamente que ele ainda falava em gaélico, embora eu o entendesse perfeitamente. — Ela não deve matar, a não ser por compaixão ou para salvar sua vida. Eu mesmo mato por ela.

— E eu — disse uma figura alta atrás dele, suavemente. Ian. Arch balançou a cabeça, mostrando ter compreendido, embora seu rosto ainda estivesse no escuro. Havia mais alguém ali, ao lado dele — Fergus. Eu o reconheci imediatamente, mas por um segundo tive que me esforçar para colocar um nome no rosto pálido e na figura rija.

— Madame — ele disse, e sua voz era fraca do choque. — Milady.

Então, Jamie olhou para mim e seu próprio rosto mudou, a consciência voltando aos seus olhos. Vi suas narinas flamejarem, ao captar o cheiro de suor e sêmen em minhas roupas.

— Qual deles? — ele disse. — Quantos? — Falava em inglês agora e sua voz era notavelmente prática, como seria se ele estivesse perguntando sobre o número de convidados esperados para o jantar, e achei o simples tom de sua voz reconfortante.

— Não sei — eu disse. — Eles... estava escuro.

Ele balançou a cabeça, apertou meu braço com força e se virou.

— Mate todos eles — disse a Fergus, a voz ainda calma. Os olhos de Fergus estavam arregalados e escuros, fundos em suas órbitas, ardendo. Ele apenas assentiu com um pequeno sinal de cabeça e pegou a machadinha em seu cinto. A frente de sua camisa estava respingada de sangue e a ponta de seu gancho parecia escura e pegajosa.

De uma forma distante, eu achei que devia dizer alguma coisa. Mas não disse. Permaneci em pé, empertigada, com as costas apoiadas no tronco da árvore, e não disse absolutamente nada.

Jamie olhou para a adaga que segurava como se quisesse se certificar de que estivesse em bom estado — não estava; ele limpou a lâmina na perna da calça, ignorando o sangue que se coagulava e ficava pegajoso no cabo de madeira — e voltou para a clareira.

Permaneci absolutamente imóvel. Houve novos sons, mas não lhes dei mais atenção do que ao zumbido do vento através das agulhas dos galhos acima; a árvore era um bálsamo e seu sopro era límpido e fresco, caindo sobre mim em um chuvisco de resinas aromáticas, suficientemente forte para eu sentir o gosto no céu da minha boca, embora pouco penetrasse pelas membranas entupidas do meu nariz. Sob o véu delicado do perfume da árvore, eu sentia gosto de sangue, de trapos sujos e o mau cheiro de minha própria pele fatigada.

Amanhecia. Pássaros cantavam na floresta distante e a luz do dia espalhava-se suavemente pelo chão como cinzas de madeira.

Permaneci absolutamente imóvel, sem pensar em nada além de como seria agradável ficar mergulhada até o pescoço em água quente, esfregar a pele até arrancá-la da carne, e deixar o sangue escorrer, vermelho e limpo, pelas minhas pernas, encapelando-se em nuvens macias que me esconderiam.

*PERFEITAMENTE BEM*

Eles partiram, então. Deixaram os mortos lá, sem enterro ou palavra de consagração. De certa forma, isso era mais chocante do que a matança. Roger acompanhara o reverendo a mais de um leito de morte ou cena de acidente, ajudara a confortar os aflitos, permanecera a postos quando o espírito partia e o velho reverendo encomendava a alma do moribundo a Deus. E o que se fazia quando alguém morria; voltava-se para Deus e ao menos reconhecia o fato.

E no entanto... como você poderia ficar junto ao corpo de um homem que você matou e olhar Deus de frente? Não conseguia ficar quieto. O cansaço o dominava como areia molhada, mas ele não conseguia permanecer sentado.

Levantou-se, pegou o atizador, mas ficou parado com ele na mão, fitando o fogo amortecido em sua lareira. Era perfeito, brasas preto-acetinadas com uma crosta de cinzas, o calor vermelho abafado logo abaixo. Se o tocasse, as brasas se quebrariam, reavivariam as chamas — apenas para morrer imediatamente, sem combustível. Um desperdício de madeira, colocar mais para queimar, tão tarde da noite.

Largou o atizador, vagou de uma parede a outra, uma abelha exausta em uma garrafa, ainda zumbindo, embora suas asas pendessem esfaceladas e desamparadas.

Não perturbara Fraser. Mas Fraser cessara sequer de pensar nos bandidos, tão logo eles estavam mortos; todos os seus

pensamentos eram para Claire e isso era perfeitamente compreensível.

Ele a conduziu pela luz da manhã naquela clareira, um Adão encharcado de sangue, uma Eva ferida, estimando o conhecimento do bem e do mal. Em seguida, ele a enrolou em seu xale, pegou-a no colo e dirigiu-se a seu cavalo.

Os homens o seguiram, em silêncio, conduzindo os cavalos dos bandidos atrás dos seus próprios. Uma hora depois, com o sol quente em suas costas, Fraser virara a cabeça de seu cavalo para baixo da colina e os conduziu para um riacho. Ele desmontou, ajudou Claire a descer, depois desapareceu com ela pelo meio das árvores. Os homens trocaram olhares intrigados, embora nenhum tenha falado. Então, o velho Arch Bug desceu de sua mula, dizendo de modo prático: — Bem, ela vai querer tomar banho, não? Um suspiro de compreensão perpassou pelo grupo e a tensão diminuiu imediatamente, dissolvendo-se nas pequenas tarefas comuns de desmontar, manear, verificar as correias, cuspir, urinar. Lentamente, aproximaram-se, buscando uns aos outros, procurando alguma coisa para dizer, buscando alívio no lugar-comum.

Seus olhos depararam-se com os de Ian, mas ainda estavam muito frios e reservados um com o outro para isso; Ian virou-se, passou o braço pelo ombro de Fergus e apertou-o, depois empurrou-o como uma pequena piada grosseira sobre seu fedor. O francês esboçou um sorriso e ergueu o gancho enegrecido em uma saudação.

Kenny Lindsay e o velho Arch Bug compartilhavam o tabaco, enchendo seus cachimbos com aparente tranquilidade. Tom Christie caminhou devagar até eles, pálido como um fantasma, mas com o cachimbo na mão. Não pela primeira vez, Roger notou os valiosos aspectos sociais do hábito de fumar.

Mas Arch o vira, parado sem propósito perto de seu cavalo, e fora falar com ele, a voz do homem mais velho calma e equilibrada. Ele não fazia nenhuma ideia real do que Arch dissera, muito menos do que ele respondera; o simples ato de conversar pareceu deixá-lo respirar outra vez e acalmar os tremores que o percorriam como ondas quebrando na costa.

Repentinamente, Arch interrompeu o que estava dizendo e balançou a cabeça por cima do ombro de Roger.

— Vá, rapaz. Ele precisa de você.

Roger se virara e vira Jamie parado do outro lado da clareira, parcialmente de lado e apoiado em uma árvore, a cabeça abaixada, pensativo. Ele teria feito algum sinal a Arch? Então, Jamie olhou ao redor e seus olhos se depararam com os de Roger. Sim, Jamie precisava dele e Roger se viu de pé ao lado de Fraser, sem nenhuma ideia de ter atravessado o terreno entre eles.

Jamie estendeu o braço e apertou sua mão, com força, e ele continuou segurando-a, apertando-a também.

— Uma palavra, a cliamhuinn — Jamie disse, soltando sua mão. — Eu não falaria nisso agora, mas pode não haver outra ocasião depois e temos pouco tempo, não podemos esperar o momento propício. — Ele também parecia calmo, mas não como Arch. Havia palavras entrecortadas em sua voz; Roger sentiu a aspereza da corda em seu pescoço, ao ouvi-lo, e clareou sua própria garganta.

— Fale, então.

Jamie respirou fundo e estremeceu um pouco, como se sua camisa estivesse apertada demais. — O menino. Não é direito perguntar-lhe, mas eu preciso fazer isso.

Você sentiria o mesmo por ele se soubesse com certeza que ele não era seu mesmo? — O quê? — Roger simplesmente pestanejou, não conseguindo ver o sentido daquilo. — Eu... quer dizer, Jem? Jamie balançou a cabeça, os olhos fixos nos de Roger.

— Bem, eu... não sei, realmente — Roger disse, atônito com o significado daquilo. Por quê? E por que justamente agora? — Pense.

Ele estava pensando, imaginando o que aquilo poderia significar.

Evidentemente, esse pensamento transpareceu, pois Fraser abaixou a cabeça, reconhecendo a necessidade de se explicar melhor.

— Eu sei... não é provável, não é? Mas é possível. Ela pode estar grávida por causa desta noite, entende? Ele entendeu, com um golpe como um soco no peito. Antes que pudesse recuperar o fôlego para falar, Fraser continuou.

— Há um dia ou outro, talvez, em que eu poderia... — Ele desviou o olhar e um rubor embotado evidenciou-se pelas listras de fuligem com que ele pintara o rosto. — Poderia haver dúvida, hein? Como há para você. Mas... — Ele engoliu em seco, aquele "mas" pairando com eloquência.

Jamie desviou o olhar, involuntariamente, e os olhos de Roger seguiram a direção desse olhar. Além de uma cortina de arbustos e trepadeiras tingidas de vermelho, havia um pequeno sorvedouro e Claire estava ajoelhada no lado oposto, nua, examinando seu reflexo na água. O sangue retumbou nos ouvidos de Roger e ele afastou os olhos abruptamente, mas a imagem estava gravada a ferro em brasa em sua mente.

Ela não parecia humana, foi seu primeiro pensamento. Seu corpo coberto de manchas escuras, roxas, o rosto irreconhecível, ela parecia algo estranho e primitivo, uma criatura exótica do lago da floresta. No entanto, além da aparência, foi sua atitude que o abalou. Ela estava, de certo modo, distante, e quieta, da forma que uma árvore fica imóvel, mesmo que a brisa agite suas folhas.

Ele tornou a olhar, sem poder se conter. Ela inclinou-se sobre a água, analisando o rosto. Seus cabelos caíam, molhados e



emaranhados, pelas costas, e ela alisou-os para trás com a palma da mão, mantendo-os fora do caminho, enquanto examinava suas feições surradas com uma intensidade desapaixonada.

Ela apalpou delicadamente aqui e ali, abrindo e fechando a mandíbula, enquanto as pontas dos dedos exploravam os contornos de seu rosto. Buscando, ele imaginou, dentes soltos e ossos quebrados. Ela fechou os olhos e percorreu as linhas da fronte e do nariz, do maxilar e dos lábios, a mão firme e delicada como a de um pintor. Depois, segurou a ponta do nariz com determinação e puxou com força.

Roger encolheu-se num reflexo, quando o sangue e as lágrimas escorreram pelo seu rosto, mas ela não emitiu nenhum som. Já sentia o estômago contraído em uma bola dolorosa; ele subiu à sua garganta, pressionando-se contra a cicatriz da corda.

Ela sentou-se para trás, sobre os calcanhares, respirando profundamente, os olhos cerrados, as mãos em concha sobre o centro de seu rosto.

Ele percebeu repentinamente que ela estava nua e ele ainda estava olhando fixamente para ela. Desviou-se bruscamente, o rosto afogueado, e olhou disfarçadamente para Jamie, na esperança de que Fraser não tivesse notado. Não tinha — ele já não estava ali.

Roger olhou desenfreadamente ao redor, mas localizou-o quase no mesmo instante. Seu alívio por não ter sido pego fitando-a foi imediatamente sobrepujado por um jato de adrenalina, quando viu o que Fraser estava fazendo.

Ele estava de pé ao lado de um corpo no chão.

O olhar de Fraser adejou rapidamente ao redor, localizando seus homens, e Roger quase pôde sentir o esforço que Jamie fazia para reprimir seus próprios sentimentos. Então, os olhos azuis e brilhantes de Fraser fixaram-se no homem aos seus pés, e Roger o viu inspirar fundo, muito devagar.

Lionel Brown.

Inteiramente sem pensar, Roger se viu atravessando a clareira a passos largos. Assumiu seu lugar ao lado direito de Jamie, sem um pensamento consciente, sua atenção igualmente fixa no homem no chão.

Os olhos de Brown estavam cerrados, mas ele não estava dormindo. Seu rosto estava machucado e inchado, bem como vermelho de febre, mas a expressão de pânico mal reprimido era evidente em suas feições deformadas. Totalmente justificável, aliás, pelo que Roger podia ver.

O único sobrevivente dos acontecimentos da noite, Brown, ainda estava vivo somente porque Arch Bug impedira o jovem Ian Murray a centímetros de esmagar o crânio de Brown com seu tacape. Não por nenhum escrúpulo em matar um homem ferido, mas por frio pragmatismo.

— Seu tio vai querer fazer perguntas — Arch dissera, os olhos estreitados para Brown. — Deixe que este aí viva o suficiente para respondê-las.

Ian não dissera nada, mas puxou o braço da mão de Arch Bug e girou nos calcanhares, desaparecendo nas sombras da floresta como fumaça.

O rosto de Jamie era muito menos expressivo do que o do prisioneiro, Roger pensou. Ele próprio não saberia dizer nada sobre quais eram os pensamentos de Jamie por sua expressão — mas não era necessário. O sujeito estava imóvel como pedra, mas parecia, ainda assim, pulsar com algo lento e inexorável. Só o fato de ficar parado ao seu lado era aterrador.

— O que acha, amigo? — Fraser disse finalmente, virando-se para Arch, que estava do outro lado da cama improvisada, com seus cabelos brancos e sujo de sangue. — Ele consegue continuar ou a viagem vai matá-lo? Bug inclinou-se para frente, espreitando de maneira desapaixonada o passivo Brown.

— Acho que ele sobreviverá. Seu rosto está vermelho, e não branco, e ele está acordado. Quer levá-lo conosco ou quer fazer suas perguntas agora? Por um breve instante, a máscara se levantou e Roger, que estivera observando o rosto de Jamie, viu em seus olhos precisamente o que ele queria fazer. Se Lionel Brown tivesse visto sua expressão também, teria saltado de sua cama e corrido, perna quebrada ou não. Mas seus olhos permaneciam teimosamente cerrados e, como Jamie e o velho Arch falavam em gaélico, Brown permaneceu na ignorância.

Sem responder à pergunta de Arch, Jamie ajoelhou-se e colocou a mão sobre o peito de Brown. Roger podia ver a pulsação martelando no pescoço de Brown e a respiração do sujeito, rápida e superficial. Ainda assim, ele mantinha as pálpebras cerradas, apesar de os globos oculares se revirem de um lado para o outro, freneticamente, sob elas.

Jamie permaneceu imóvel pelo que pareceu um longo tempo — e deve ter sido uma eternidade para Brown. Então, ele fez um pequeno ruído que tanto poderia ser uma risada desdenhosa quanto uma resfolegada de repugnância, e se levantou.

— Vamos levá-lo. Faça com que viva, então — disse em inglês. — Por enquanto.

Brown continuara a se fingir de morto durante toda a viagem até Ridge, apesar das especulações sedentas de sangue que diversos integrantes do grupo haviam feito ao alcance de seu ouvido ao longo do caminho. Ao fim da viagem, Roger ajudara a desamarrá-lo do travois em que o transportaram. Suas roupas e ataduras estavam encharcadas de suor, o odor do medo um miasma palpável ao seu redor.

Claire fizera a menção de um movimento na direção do ferido, franzindo o cenho, mas Jamie impediu-a colocando a mão em seu braço.

Roger não ouviu o que ele murmurou para ela, mas ela aquiesceu e entrou com ele na casa grande. Um instante depois, a sra. Bug aparecera, estranhamente silenciosa, e se encarregara de Lionel Brown.

Murdina Bug não era como Jamie, nem como o velho Arch; seus pensamentos eram perfeitamente óbvios na linha exangue de seus lábios comprimidos na carranca ameaçadora. Mas Lionel Brown bebeu água de sua mão e, de olhos abertos, observou-a como se ela fosse a luz de sua salvação.

Ela teria, Roger pensou, prazer em matar Brown como uma das baratas que ela impiedosamente exterminava de sua cozinha. Mas Jamie queria que ele fosse mantido vivo, portanto vivo ele permaneceria.

Por enquanto.

Um barulho na porta trouxe a atenção de Roger bruscamente de volta ao presente. Brianna! Mas não era, quando ele abriu a porta; apenas o ruído de galhinhos e cascas de bolotas de carvalho levados pelo vento. Olhou para o caminho às escuras, na esperança de vê-la, mas ainda não havia nenhum sinal de Brianna. Claro, disse a si mesmo, certamente Claire precisava dela.

Eu também.

Ele esmagou o pensamento, mas permaneceu à porta, olhando para fora, o vento lamuriando-se em seus ouvidos. Ela subira para a casa grande imediatamente, assim que ele veio lhe dizer que sua mãe estava salva. Não conseguiu dizer muito mais, mas ela percebeu a gravidade da situação — havia sangue em suas roupas — e mal parara para se certificar de que nenhum daquele sangue era dele antes de correr para fora.

Ele fechou a porta cuidadosamente, olhando para verificar se a corrente de ar não havia acordado Jemmy. Sentia uma ânsia imensa de pegar o menino no colo e, apesar do arraigado cuidado

paternal de não perturbar o sono de uma criança, tirou Jem de sua caminha; precisava fazê-lo.

Jemmy estava pesado em seus braços, e zozzo. Ele se remexeu, levantou a cabeça e piscou, os olhos azuis vidrados de sono.

— Tudo bem — Roger sussurrou, batendo de leve em suas costas.

— Papai está aqui.

Jem suspirou como um pneu furado e deixou a cabeça cair no ombro de Roger com a força de uma bala de canhão perdida. Pareceu inflar-se outra vez por um instante, mas em seguida colocou o polegar na boca e deixou-se cair no estado peculiarmente inerte de crianças adormecidas. Sua carne parecia desfazer-se confortavelmente na própria carne de Roger, sua confiança tão completa que não achava necessário nem sequer manter os limites de seu corpo — papai faria isso.

Roger fechou os olhos contra lágrimas incipientes e pressionou a boca contra a quente maciez dos cabelos de Jemmy.

A luz da lareira formava sombras pretas e vermelhas por dentro de suas pálpebras; olhando para elas, conseguia reprimir as lágrimas. Não importava o que ele via ali. Tinha uma pequena coleção de momentos apavorantes, vívidos desde a aurora, mas conseguia olhar impassivelmente para eles — por enquanto. Era a confiança incondicional adormecida em seus braços que o emocionava, e o eco das próprias palavras que sussurrara.

Seria sequer uma lembrança? Talvez não passasse de um desejo — que ele um dia tivesse sido acordado de seu sono, apenas para voltar a dormir em braços fortes, ouvindo "Papai está aqui".

Respirou fundo várias vezes, diminuindo o ritmo para acompanhar a respiração de Jem, acalmando-se. Parecia-lhe importante não chorar, embora não houvesse ninguém para ver ou se importar.

Jamie olhara para ele, quando se afastavam da maca de Brown, a pergunta clara em seus olhos.

— Espero que você não pense que eu me importo apenas por mim mesmo, sim? — ele dissera, a voz baixa. Seus olhos se voltaram na direção da brecha na vegetação por onde Claire havia ido, semicerrando os olhos como se não pudesse suportar olhar, mas não conseguisse desviar os olhos.

— Por ela — ele disse, tão baixo que Roger mal ouviu. — Ela preferiria... ter a dúvida, você acha? Se chégássemos a isso.

Roger respirou fundo junto aos cabelos de seu filho e pediu a Deus que tivesse dado a resposta certa, lá entre as árvores.

— Não sei — ele dissera. — Mas por você, se há espaço para dúvida, eu digo, assumo-o.

Se Jamie estivesse disposto a seguir esse conselho, Bri logo estaria de volta.

— Estou bem — eu disse com firmeza. — Perfeitamente bem.

Bri estreitou os olhos para mim.

— Claro que está — ela disse. — Você parece que foi atropelada por uma locomotiva. Duas locomotivas.

— Sim — eu disse, tocando cuidadosamente em meu lábio partido.

— Bem. Sim. Fora isso, entretanto...

— Está com fome? Sente-se, mamãe, vou preparar um chá para você, depois talvez uma refeição leve.

Eu não tinha fome, não queria chá e particularmente não queria me sentar — não depois de um longo dia sobre um cavalo. Mas Brianna já tirava o bule de chá de sua prateleira acima do aparador e eu não conseguia encontrar as palavras adequadas para impedi-la.

Repentinamente, eu parecia não ter mais palavra alguma. Voltei-me para Jamie, com ar desamparado.

Ele de algum modo adivinhava meus sentimentos, embora não pudesse ler muita coisa em meu rosto, considerando-se seu estado atual.

Ele deu um passo à frente e tirou o pote da mão de Brianna, murmurando alguma coisa muito baixo para eu discernir. Ela franziu o cenho para ele, olhou para mim, depois novamente para ele, ainda franzindo o cenho. Então, seu rosto mudou um pouco e ela veio em minha direção, olhando meu rosto especulativamente.

— Um banho? — ela perguntou, baixinho. — Xampu? — Oh, sim — eu disse, e meus ombros arriaram-se em agradecido alívio. — Por favor.

Então, eu realmente me sentei, afinal, e deixei que ela esfregasse, suavemente, minhas mãos e meus pés com a esponja, lavasse meus cabelos em uma bacia de água morna tirada do caldeirão na lareira. Ela prosseguia, serenamente, cantarolando baixinho, zumbindo, e eu comecei a relaxar sob a calmante massagem de seus dedos longos e fortes.

Eu havia dormido — de pura exaustão — parte do caminho, recostada contra o peito de Jamie. Mas não há como descansar realmente na garupa de um cavalo e eu me via agora quase cochilando, notando apenas de uma forma nebulosa, distante, que a água da bacia tornara-se de um vermelho opaco e imundo, cheio de areia e fragmentos de folhas.

Eu havia vestido uma combinação limpa; a sensação do linho usado em minha pele era puro prazer, frio e macio.

Bri cantarolava baixinho, docemente. O que era... *Mr. Tambourine Man*, pensei. Uma daquelas canções lindamente tolas dos anos ses...



1968.

Arfei, e as mãos de Bri seguraram minha cabeça, firmando-me.

— Mamãe? Você está bem? Eu toquei em algum...

— Não! Não, estou bem — eu disse, olhando para baixo, para os redemoinhos de terra e sangue. Respirei fundo, o coração martelando com força. — Perfeitamente bem. É só que... comecei a cochilar, só isso.

Ela deu uma risadinha, mas retirou as mãos e foi buscar um jarro de água para enxaguar, deixando-me agarrada à borda da mesa, tentando não tremer. Você não demonstra medo dos homens. Você devia fingir mais medo. O eco particularmente irônico veio até mim com clareza, juntamente com o contorno da cabeça do rapaz, cabelos leoninos vistos em silhueta contra a luz da fogueira. Não conseguia me lembrar de seu rosto com clareza — mas certamente eu teria notado aqueles cabelos, não? Jamie segurara meu braço, depois, e me conduziu para fora da árvore que me abrigava, para dentro da clareira. A fogueira fora espalhada durante a luta; havia pedras enegrecidas e áreas de grama achatada e chamuscada aqui e ali — entre os corpos. Ele me conduziu devagar de um a outro. No último, ele parara e dissera baixinho: "Você vê que eles estão mortos?" Eu via, e sabia por que ele os mostrava para mim — para que eu não temesse a volta de nenhum deles, ou sua vingança. Mas eu não pensara em contá-los. Ou olhar atentamente para seus rostos. Ainda que eu tivesse certeza de quantos eram... outro tremor me sacudiu e Bri enrolou uma toalha aquecida em torno dos meus ombros, murmurando palavras que eu não ouvia por causa das perguntas que clamavam em minha cabeça.

Donner estaria entre os mortos? Ou ele havia prestado atenção quando eu lhe disse que, se ele fosse inteligente, fugiria? Ele não me parecera um jovem inteligente.



No entanto, me parecera um covarde.

Água morna escorria pelos meus ouvidos, abafando o som das vozes de Jamie e de Brianna acima de mim; só captei uma ou outra palavra, mas quando me sentei direito, com a água escorrendo pelo meu pescoço, segurando uma toalha nos cabelos, Bri relutantemente se dirigia para sua capa, pendurada no gancho junto à porta.

— Tem certeza de que está bem, mamãe? — A ruga de preocupação estava de volta entre suas sobrancelhas, mas desta vez pude compor algumas palavras tranquilizadoras.

— Obrigada, querida; isso foi maravilhoso — eu disse, com absoluta sinceridade. — Tudo o que eu quero no momento é dormir — acrescentei, com um pouco menos de sinceridade.

Eu ainda estava extremamente cansada, mas agora completamente desperta. O que eu realmente queria era... bem, eu não sabia exatamente o que eu queria, mas a ausência geral de companhias solícitas estava na lista. Além do mais, eu dera uma olhada em Roger anteriormente, sujo de sangue, pálido e oscilando de cansaço; eu não era a única vítima dos terríveis acontecimentos recentes.

— Vá para casa, menina — Jamie disse suavemente. Ele tirou a capa do gancho e colocou-a sobre os ombros dela, dando-lhe uns tapinhas delicadamente. — Alimente seu marido. Leve-o para a cama e reze por ele. Eu cuido de sua mãe, sim? O olhar de Bri oscilou entre mim e Jamie, azul e perturbado, mas eu assumi o que esperava que fosse uma expressão tranquilizadora — na verdade, doeu-me fazer isso — e após um instante de hesitação ela me abraçou com força, beijou minha testa muito delicadamente e saiu.

Jamie fechou a porta e ficou parado, com as costas contra ela, as mãos atrás do corpo. Eu estava acostumada com a fachada impassível que ele normalmente usava para blindar seus pensamentos quando estava transtornado ou furioso; ele não a

estava usando e a expressão em seu rosto perturbou terrivelmente a mim.

— Não deve se preocupar comigo — eu disse, no tom mais confiante que consegui imprimir à minha voz. — Não estou traumatizada ou nada desse tipo.

— Não devo? — ele perguntou, em guarda. — Bem... talvez eu não me preocupasse, se soubesse o que você quer dizer com isso. — Oh. — Enxuguei o rosto e o pescoço com grande cuidado, dando umas pancadinhas de leve com a toalha. — Bem. Significa... muito machucada ou terrivelmente chocada. É grego, eu acho, a raiz da palavra, quero dizer, "trauma".

— Ah, é? E você não está... chocada. Você diz.

Seus olhos se estreitaram, conforme ele me examinava com uma espécie de atenção crítica geralmente empregada quando contemplava a compra de caros cavalos puros-sangues.

— Estou bem — eu disse, recuando um pouco. — Só... estou bem.

Apenas um pouco... abalada.

Ele deu um passo em minha direção e eu recuei abruptamente, tardiamente consciente de que eu agarrava a toalha junto ao peito como se fosse um escudo. Forcei-me a abaixá-la e senti o sangue pinicar desagradavelmente em áreas do rosto e do pescoço.

Ele permaneceu absolutamente imóvel, fitando-me com o mesmo olhar penetrante. Então, seu olhar abaixou-se para o assoalho entre nós.

Ficou parado, absorto em pensamentos, e em seguida suas enormes mãos se flexionaram. Uma, duas vezes. Muito devagar. E eu ouvi — ouvi claramente — o som das vértebras de Arvin Hodgepile separando-se uma das outras.

A cabeça de Jamie ergueu-se abruptamente, surpreso, e eu percebi que estava parada do outro lado da cadeira entre nós, a

toalha embolada e pressionada contra a minha boca. Meus cotovelos moviam-se como dobradiças enferrujadas, emperrados e lentos, mas eu consegui abaixar a toalha. Meus lábios estavam quase igualmente emperrados, mas consegui falar, também.

— Sim, estou um pouco abalada — eu disse, muito claramente. — Vou ficar bem. Não se preocupe. Não quero que você se preocupe.

O perturbado escrutínio de seus olhos vibrou por um instante, como a vidraça de uma janela atingida por uma pedra, na fração de segundo antes de se estilhaçar, e ele fechou os olhos. Engoliu em seco uma vez, e abriu-os novamente.

— Claire — ele disse muito suavemente, e os fragmentos esmigalhados e estilhaçados mostraram-se com clareza, pontiagudos e denteados em seus olhos. — Eu fui estuprado. E você diz que não devo me preocupar com você? — Oh, droga! — Atirei a toalha no chão e imediatamente desejei tê-la de volta. Sentia-me nua, ali parada em minha combinação, e odiei o formigamento da minha pele com uma paixão tão repentina que me fez dar um tapa em minha coxa para estancá-lo.

— Droga, droga, droga! Eu não quero que você tenha que pensar nisso outra vez. Não quero! — No entanto, eu já sabia desde o começo que isso iria acontecer. Segurei o espaldar da cadeira com as duas mãos e agarrei-me com força, tentando forçar meu próprio olhar no dele, querendo desesperadamente me atirar sobre aqueles estilhaços reluzentes, para protegê-lo deles.

— Olhe — eu disse, firmando a voz. — Eu não quero... eu não quero fazer você se lembrar de coisas que é melhor deixar esquecidas.

O canto de sua boca ergueu-se um pouco com isso.

— Santo Deus — ele disse, parecendo admirado. — Acha que eu algum dia poderia me esquecer disso? — Talvez não — eu disse, rendendo-me. Olhei para ele com os olhos rasos d'água. —

Mas... oh, Jamie, eu queria tanto que você esquecesse! Ele estendeu a mão, muito delicadamente, e tocou a ponta do seu dedo indicador na ponta do meu, onde eu agarrava a cadeira.

— Não se preocupe com isso — ele disse suavemente, e retirou o dedo. — Não importa agora. Por que não vai descansar um pouco, Sassenach? Ou comer, talvez.

— Não. Eu não quero... não. — Na realidade, eu não conseguia decidir o que eu queria fazer. Eu não queria fazer absolutamente nada.

Salvo abrir o zíper da minha pele, sair dela e correr — e isso não parecia exequível. Respirei fundo algumas vezes, na esperança de me estabilizar e voltar para aquela agradável sensação de absoluta exaustão.

Eu deveria lhe perguntar sobre Donner? Mas o que havia para perguntar? Por acaso você matou um homem com cabelos compridos e emaranhados? Todos pareciam iguais, até certo ponto. Donner fora — ou possivelmente ainda era — um índio, mas ninguém teria notado isso no escuro, no calor da luta.

— Como... como está Roger? — perguntei, por falta de coisa melhor a dizer. — E Ian? Fergus? Ele pareceu um pouco surpreso, como se tivesse esquecido a existência deles.

— Eles? Os rapazes estão bastante bem. Ninguém se feriu na luta.

Tivemos sorte.

Hesitou, depois deu um passo cauteloso em minha direção, observando meu rosto. Eu não gritei, nem dei um salto, e ele deu mais um passo, aproximando-se o suficiente para eu sentir o calor de seu corpo. Não mais sobressaltada, e com frio na combinação molhada, relaxei um pouco, cambaleando na direção dele, e vi a tensão em seus próprios ombros ceder um pouco, ao ver minha reação.

Ele tocou meu rosto, muito delicadamente. O sangue latejava logo abaixo da superfície, suscetível, e eu tive que me esforçar para não me esquivar do toque de sua mão. Ele notou e recuou um pouco a mão, de modo que ela apenas pairou logo acima da minha pele — eu pude sentir o calor de sua palma.

— Vai curar? — ele perguntou, as pontas dos dedos movendo-se sobre o corte em minha sobrancelha esquerda, depois pelo campo minado da minha face para roçar no meu maxilar, onde a bota de Harley Boble por pouco não causou um impacto que teria quebrado o meu pescoço.

— Claro que sim. Você sabe disso, já viu coisa pior em campos de batalha. — Eu teria sorrido para tranquilizá-lo, mas não queria abrir o profundo corte em meu lábio outra vez e, assim, fiz uma espécie de biquinho de peixe de aquário, que o pegou de surpresa e o fez sorrir.

— Sim, eu sei. — Ele abaixou um pouco a cabeça, tímido. — É que... — Sua mão ainda pairava perto do meu rosto, uma expressão de perturbada ansiedade no seu próprio. — Oh, meu Deus, mo nighean donn — ele disse, brandamente. — Oh, meu Deus, seu lindo rosto.

— Não aguenta olhar para ele? — perguntei, desviando meus próprios olhos e sentindo uma pontada aguda diante da ideia, mas tentando convencer a mim mesma de que não tinha importância. Afinal, iria sarar.

Seus dedos tocaram meu queixo, delicadamente, mas com firmeza, e levantou-o, de modo que eu o encarei outra vez. Sua boca apertou-se um pouco quando seu olhar moveu-se lentamente pelo meu rosto danificado, fazendo um inventário. Seus olhos eram ternos e escuros à luz da vela, os cantos ainda apertados de dor.

— Não — ele disse baixinho —, não aguento. Ver você parte meu coração. E me enche de tal ódio que eu acho que tenho que matar alguém ou irei explodir. Mas pelo Deus que a fez, Sassenach,

não me deitarei com você sem ser capaz de olhar diretamente em seu rosto.

— Deitar comigo? — eu disse, sem compreender. — O que... quer dizer, agora? Ele deixou a mão cair do meu queixo, mas olhou-me com firmeza, sem piscar.

— Bem... sim. Isso mesmo.

Se meu maxilar não estivesse tão inchado, eu teria ficado boquiaberta de pura perplexidade.

— Ah... por quê? — Por quê? — ele repetiu. Deixou o olhar cair outra vez e deu de ombros daquela maneira particular que fazia quando estava embaraçado ou envergonhado. — Eu... bem... parece-me... necessário.

Eu senti uma vontade totalmente inapropriada de dar uma gargalhada.

— Necessário? Acha que é como ser derrubada por um cavalo? Devo voltar a montá-lo logo em seguida? Sua cabeça ergueu-se abruptamente e ele me lançou um olhar furioso.

— Não — ele disse, entre os dentes. Engoliu com força e de modo visível, obviamente retraindo sentimentos fortes. — Você está... está muito machucada, então? Fitei-o da melhor forma que pude, através das minhas pálpebras inchadas. — Isso é algum tipo de piada... oh — eu disse, finalmente compreendendo o que ele queria dizer. Senti o rubor subir ao meu rosto e meus ferimentos latejarem.

Respirei fundo, para ter certeza de que seria capaz de falar com firmeza.

— Fui surrada até me transformar numa polpa sangrenta, Jamie, e sofri abusos de diversas maneiras odiosas. Mas apenas um... houve apenas um que realmente... Ele... ele não foi... violento. — Engoli em seco, mas o nó em minha garganta não se deslocou. Lágrimas fizeram a luz da vela embaçar de modo que não conseguia ver seu rosto, e eu desviei o olhar, pestanejando. — Não! — eu

disse, minha voz soando um pouco mais alta do que eu pretendia.  
— Não estou... machucada.

Ele disse alguma coisa em gaélico à meia-voz, curto e explosivo, e afastou-se bruscamente da mesa. Seu banco caiu com um estrépito e ele o chutou. Depois, chutou-o outra vez, e outra, e outra, e pisoteou-o com tanta força que fragmentos de madeira voaram pela cozinha e atingiram o armário de mantimentos com pequenos zunidos.

Permaneci sentada completamente imóvel, entorpecida e chocada demais para me sentir perturbada. Eu não deveria ter lhe contado?, me perguntei, vagamente. Mas ele sabia, sem dúvida. Ele perguntara, quando me encontrou. "Quantos?", indagara. E depois dissera: "Mate todos eles." Mas, por outro lado... saber era uma coisa, e ouvir os detalhes era outra. Eu sabia disso e fiquei observando com uma vaga sensação de tristeza culpada enquanto ele chutava os estilhaços do banco e se atirava na janela. Estava fechada, mas ele ficou parado ali, as mãos pressionadas no parapeito, de costas para mim, os ombros subindo e descendo. Eu não sabia dizer se ele estava chorando.

O vento estava ficando mais forte; uma tempestade se aproximava do oeste. As persianas chocalhavam e o fogo amortecido para a noite lançava lufadas de fuligem conforme o vento descia pela chaminé. Então, a rajada de vento passou, e não houve mais nenhum som além do estalido repentino de uma brasa na lareira.

— Sinto muito — eu disse, finalmente, com um fio de voz.

Jamie girou nos calcanhares imediatamente, fitando-me com os olhos arregalados. Ele não estava chorando, mas estivera; suas faces estavam molhadas.

— Não ouse pedir desculpas! — ele rugiu. — Não vou permitir, entendeu? — Deu um passo gigantesco adiante e deu um murro na mesa, com força suficiente para fazer o saleiro saltar e

virar. — Não lamente! Eu fechara os olhos num reflexo, mas forcei-me a abri-los outra vez.

— Está bem — eu disse. Sentia-me extremamente, extremamente cansada outra vez, e eu mesma com muita vontade de chorar. — Não farei isso. Fez-se um silêncio pesado. Eu podia ouvir castanhas caindo no bosque atrás da casa, arrancadas pelo vento. Uma, depois outra, e outra, uma chuva de minúsculos baques abafados. Então, Jamie respirou profundamente, trêmulo, e passou a manga da camisa pelo rosto.

Coloquei os cotovelos sobre a mesa e apoiei a cabeça nas mãos; parecia pesada demais para se sustentar sozinha.

— Necessário — eu disse, com certa calma, para o tampo da mesa.

— O que quis dizer com necessário? — Não lhe ocorre que você possa estar grávida? — Ele conseguira recobrar o controle e disse isso com uma calma como se tivesse perguntado se eu planejava servir bacon com o mingau no café da manhã.

Surpresa, ergui os olhos para ele.

— Não estou. — Mas minhas mãos dirigiram-se para minha barriga, num reflexo.

— Não estou — repeti, com mais força. — Não posso estar. — Mas podia, era possível. A chance era remota, mas existia. Eu normalmente usava algum tipo de anticoncepcional, só para garantir, mas obviamente... — Não estou — eu disse. — Eu saberia.

Ele simplesmente me fitou, as sobrancelhas erguidas. Não saberia; não assim tão cedo. Tão cedo — cedo o suficiente para que, se assim fosse, e se houvesse mais de um homem... haveria dúvida. O benefício da dúvida; era isso que ele oferecia a mim — e a si mesmo.

Um profundo tremor se iniciou nas profundezas do meu útero e se espalhou instantaneamente pelo meu corpo, fazendo minha pele se arrepiar, apesar do calor no aposento.



"Martha", o homem murmurara, seu peso pressionando-me nas folhas mortas.

— Maldição, maldição — eu disse, muito devagar. Espalmei as mãos na mesa, tentando pensar.

"Martha." E seu cheiro rançoso, a pressão carnuda de coxas úmidas e nuas, ásperas de pelos...

— Não! — Minhas pernas e nádegas contraíram-se de repugnância com tanta força que eu me ergui alguns centímetros acima do longo banco.

— É possível — Jamie começou teimosamente.

— Não estou — repeti, de forma igualmente teimosa. — Mas ainda que... você não pode, Jamie.

Ele olhou para mim e eu percebi uma palpitação de medo em seus olhos. Isso, percebi com um sobressalto, era exatamente o que ele temia.

Ou uma das coisas.

— Quero dizer, não podemos — consertei rapidamente. — Tenho quase certeza de que não estou grávida... mas não tenho tanta certeza de que não fui exposta a alguma doença repulsiva. — Isso era outra coisa em que eu não havia pensado até agora, e o arrepio voltou com toda força. A gravidez era improvável; gonorreia ou sífilis, não. — Nós... nós não podemos. Não até eu ter tomado uma série de penicilina.

Eu já me levantava do banco no instante mesmo em que falava.

— Aonde está indo? — ele perguntou, surpreso.

— Ao consultório! O corredor estava às escuras e a lareira apagada em meu consultório, mas isso não me impediu. Abri a porta do armário de par em par e comecei a tatear apressadamente ali dentro. Uma luz recaiu sobre meus ombros, iluminando a cintilante fileira de frascos. Jamie acendera uma vela comprida e viera atrás de mim.

— O que em nome de Deus você está fazendo, Sassenach?  
— Penicilina — eu disse, agarrando um dos frascos e a bolsinha de couro onde eu guardava minhas seringas de presas de cobra.

— Agora? — Sim, agora mesmo! Acenda a vela, sim? Ele acendeu e a luz tremulou e cresceu em um caloroso globo amarelo, brilhando nos tubos de couro de minhas seringas feitas em casa.

Eu tinha uma boa porção de mistura de penicilina à mão, felizmente. O líquido no frasco era cor-de-rosa; muitas das colônias de *Penicillium* desse lote haviam sido desenvolvidas em vinho mofado.

— Tem certeza de que vai funcionar? — Jamie perguntou à meia-voz, das sombras.

— Não — respondi, os lábios apertados. — Mas é o que eu tenho.

— A ideia de espiroquetas multiplicando-se silenciosamente em minha corrente sanguínea a cada segundo fazia minha mão tremer. Sufoquei o medo de que a penicilina pudesse falhar. Ela fizera milagres em infecções superficiais em geral. Não havia nenhuma razão para não...

— Deixe-me fazer isso, Sassenach. — Jamie pegou a seringa de minha mão; meus dedos estavam escorregadios e desajeitados com o nervosismo. As dele estavam firmes, seu rosto calmo à luz da vela enquanto ele enchia a seringa.

— Faça primeiro em mim, então — ele disse, devolvendo-me a seringa.

— O que... você? Mas você não precisa... quero dizer... você detesta injeções — terminei debilmente.

Ele resfolegou brevemente e abaixou as sobrelanceiras para mim.

— Ouça, Sassenach. Se eu pretendo lutar contra meus próprios medos, e contra os seus, então não vou me importar com alfinetadas, não é? Ande logo! — Virou-se de lado para mim e

inclinou-se, um dos cotovelos apoiado na bancada, e levantou seu kilt, desnudando uma nádega musculosa. Eu não sabia se ria ou chorava. Eu teria argumentado mais, porém um olhar para ele, parado ali com as nádegas descobertas e teimoso como uma mula, me fez ver a inutilidade da tentativa. Ele havia tomado uma decisão e nós dois íamos ter que arcar com as consequências.

Sentindo-me repentina e estranhamente calma, levantei a seringa, apertando-a delicadamente para retirar quaisquer bolhas de ar.

— Jogue o peso do corpo na outra perna, então — eu disse, cutucando-o impiedosamente. — Relaxe este lado; não quero quebrar a agulha.

Ele inspirou, sibilando; a agulha era grossa e havia bastante álcool do vinho para fazer a picada arder, como descobri quando tomei minha própria injeção um minuto depois.

— Ai! Ui! Oh, Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamei, rangendo os dentes conforme tirava a agulha da minha coxa. — Nossa, como dói! Jamie me deu um sorriso enviesado, ainda esfregando sua nádega.

— Sim, bem. O resto não vai ser pior do que isso, espero.

O resto. Senti-me repentinamente oca e zozna, como se não comesse há uma semana.

— Tem... tem certeza? — perguntei, largando a seringa.

— Não — ele disse. — Não tenho. — Respirou fundo, então, e olhou para mim, o rosto em dúvida à luz bruxuleante da vela. — Mas pretendo tentar. Eu devo.

Alisei a camisola de linho sobre minha coxa perfurada, olhando para ele enquanto o fazia. Ele havia abandonado todas as suas máscaras há muito tempo; a dúvida, a raiva e o medo estavam todos lá, claramente gravados nas rugas desesperadas de seu rosto. Pela primeira vez, eu pensei, minhas próprias feições estavam menos legíveis, mascaradas por trás dos ferimentos.

Algo macio roçou pela minha perna com um pequeno ruído e eu olhei para baixo para ver que Adso havia me trazido um rato silvestre morto, sem dúvida como forma de demonstrar sua solidariedade.

Comecei a sorrir, senti meu lábio formigar, depois ergui os olhos para Jamie e deixei o corte em meu lábio se abrir quando realmente sorri, o gosto de sangue quente e metálico em minha língua.

— Bem... você sempre veio toda vez que precisei de você; imagino que virá desta vez também.

Ele pareceu completamente atônito por um instante, sem compreender a fraca piada. Então, ele entendeu, e o sangue aflorou ao seu rosto. Seu lábio se torceu, então se torceu outra vez, incapaz de decidir entre choque e riso.

Achei que ele virara as costas para mim para ocultar seu rosto, mas na Verdade ele havia apenas se virado para procurar alguma coisa no armário. Encontrou o que procurava e virou-se novamente para mim com uma garrafa do meu melhor vinho moscatel na mão, brilhante e escuro. Prendeu- a junto ao corpo com o cotovelo e pegou mais uma.

— Sim, eu o farei — ele disse, estendendo a mão livre para mim. — Mas se acha que algum de nós vai fazer isso sóbrio, Sassenach, está muito enganada.

Uma rajada de vento da porta aberta despertou Roger de seu sono agitado. Ele havia adormecido no banco comprido, as pernas arrastando no chão, Jemmy aconchegado, pesado e quente, em seu peito.

Ergueu os olhos, piscando, desorientado, quando Brianna inclinou- se para pegar o menino de seus braços.

— Está chovendo lá fora? — ele disse, percebendo um sopro de umidade e ozônio de sua capa. Ele sentou-se direito e esfregou a

mão pelo rosto para acordar, sentindo a aspereza de uma barba de quatro dias.

— Não, mas já vai chover. — Ela colocou Jemmy de volta em sua caminha, cobriu-o e pendurou a capa antes de ir até Roger. Ela cheirava a noite e sua mão era fria em sua face afogueada. Ele passou os braços ao redor de sua cintura e encostou a cabeça contra ela, suspirando.

Ele ficaria feliz em permanecer assim para sempre — ou ao menos nas próximas uma ou duas horas. Mas ela afagou sua cabeça delicadamente por um instante, depois se afastou, inclinando-se para acender a vela na lareira.

— Você deve estar faminto. Quer que eu prepare alguma coisa? — Não. Quero dizer... sim. Por favor. — A medida que os últimos remanescentes de torpor desapareciam, ele percebeu que estava, de fato, faminto. Após a parada no córrego de manhã, não haviam parado mais, Jamie ansioso para chegar a casa. Ele não conseguia se lembrar da última vez que comera, mas não sentira absolutamente nenhuma sensação de fome até aquele momento.

Atirou-se vorazmente sobre o pão, manteiga e geleia que ela lhe trouxe. Comeu sem parar para pensar e vários minutos se passaram até ele lembrar-se de perguntar, engolindo um último bocado amanteigado e doce: — Como está sua mãe? — Bem — ela disse, com uma excelente imitação do inglês empolado de Claire com seu lábio superior inchado. — Perfeitamente bem. — Fez uma careta para ele e ele riu, embora baixinho, com um olhar automático para a caminha.

— É mesmo? Bri ergueu uma das sobrancelhas para ele.

— O que você acha?

— Não — admitiu, ficando sóbrio. — Mas não acho que ela vai dizer a você, se não estiver. Não vai querer que você se preocupe.

Ela fez um ruído glótico ligeiramente grosseiro em resposta a essa ideia e virou-se de costas para ele, erguendo a longa cabeleira do seu pescoço.

— Poderia soltar meus cadarços? — Você soa igualzinho a seu pai quando faz esse ruído, só que mais agudo. Andou praticando? — Ele se levantou e soltou os cadarços.

Desatou seu espartilho também, depois, num impulso, enfiou as mãos por dentro da combinação aberta, pousando-as na curva quente de seus quadris.

— Todos os dias. E você? — Ela recostou-se para trás, contra ele, e as mãos de Roger subiram, segurando seus seios num reflexo.

— Não — ele admitiu. — Dói muito. — Fora sugestão de Claire que ele tentasse cantar, colocando a voz em tons mais graves e mais agudos do que o normal, na esperança de soltar as cordas vocais, talvez restaurando um pouco de sua ressonância original.

— Covarde — ela disse, mas sua voz era quase tão suave quanto os cabelos que roçavam a face de Roger.

— Sim, sou — ele disse, igualmente baixinho. Realmente doía, mas não era a dor física que o atormentava. Era sentir o eco de sua antiga voz nos ossos, a facilidade e a força de sua antiga voz, e então ouvir os ruídos insólitos que agora emergiam com tanta dificuldade de sua garganta, grunhidos, grasnidos e guinchos. Como um porco engasgando e sufocando no abatedouro, ele pensou depreciativamente.

— Eles é que são covardes — Bri disse, ainda falando brandamente, mas a voz cortante como aço. Ela retesou-se um pouco em seus braços.

— Seu rosto... seu pobre rosto! Como puderam fazer isso? Como alguém pode fazer uma coisa dessas? Ele teve uma súbita visão de Claire, nua junto ao remanso do riacho, silenciosa como as rochas, os fios de sangue do nariz que ela acabara de consertar

escorrendo pelos seios. Ele retraiu-se, quase retirando as mãos bruscamente.

— O quê? — Bri disse, surpresa. — O que foi? — Nada. — Ele retirou as mãos de sua combinação e recuou um passo. — Eu... hã, será que tem um pouco de leite? Ela olhou para ele com estranheza, mas saiu para a despensa e voltou com um jarro de leite. Ele o bebeu sofregamente, consciente dos olhos dela sobre ele, atentos como os de um gato, enquanto se despia e vestia uma camisola.

Ela sentou-se na cama e começou a escovar os cabelos, preparando-se para trançá-los para dormir. Em um impulso, ele pegou a escova de suas mãos. Sem falar, correu uma das mãos pelos seus cabelos, levantando-os, alisando-os para trás, afastando-os de seu rosto.

— Você é linda — ele murmurou, e sentiu as lágrimas assomarem a seus olhos outra vez. — Você também. — Ela ergueu as mãos para os ombros dele e trouxe-o devagar para junto de si, fazendo-o ajoelhar. Ela olhou inquisitivamente dentro de seus olhos e ele fez o melhor que pôde para devolver o olhar. Então, ela sorriu levemente e estendeu a mão para desamarrar a tira que prendia os cabelos dele na nuca.

Caíram sobre seus ombros em um emaranhado empoeirado e negro, cheirando a queimado, ranço de suor e cavalos. Ele protestou quando ela pegou a escova, mas ela o ignorou e o fez abaixar a cabeça sobre seu colo, enquanto ela tirava agulhas de pinheiro e carrapichos de sua cabeça, lentamente desembaraçando os nós. Sua cabeça inclinou-se mais, e mais, até ele se ver finalmente com a testa pressionada em seu colo, respirando seu cheiro de perto.

Lembrou-se de pinturas medievais, pecadores ajoelhados, as cabeças abaixadas em confissão e remorso. Os presbiterianos não se

confessavam de joelhos — católicos ainda o faziam, ele pensou. No escuro, como agora — anonimamente.

— Você não me perguntou o que aconteceu — ele sussurrou finalmente, para as sombras de suas coxas. — Seu pai lhe contou? Ele a ouviu inspirar, mas sua voz era calma quando respondeu.

— Não.

Ela não disse mais nada e o quarto ficou em silêncio, a não ser pelo som da escova em seus cabelos e o crescente zumbido do vento lá fora.

Como seria para Jamie?, Roger perguntou-se repentinamente. Ele realmente o faria? Tentar... Afastou o pensamento, assustado, incapaz de considerá-lo. Em vez disso, viu a figura de Claire saindo da aurora, o rosto uma máscara inchada. Ainda ela mesma, mas remota como um planeta distante em uma órbita partindo para os alcances longínquos do espaço profundo — quando voltaria a ficar visível outra vez? Inclinando-se para tocar os mortos, à insistência de Jamie, para ver por si mesma o preço de sua honra.

Não era a possibilidade de um filho, ele pensou repentinamente. Era medo — mas não disso. Era o medo de Jamie de perdê-la — de que ela fosse embora, se lançasse em um espaço solitário e escuro sem ele, a menos que ele pudesse de alguma forma amarrá-la a ele, mantê-la junto a si. Mas, Cristo, que risco correr — com uma mulher tão chocada e brutalizada, como ele poderia correr esse risco? Como poderia não o fazer? Brianna largou a escova, embora mantivesse a mão carinhosamente em sua cabeça, afagando-a. Ele também conhecia perfeitamente esse sentimento — lembrava-se do abismo que um dia se interpôs entre eles e a coragem que fora necessária para transpô-lo. De ambos.

Ele era uma espécie de covarde, talvez — mas não esse tipo. — Brianna — ele disse, e sentiu um nó na garganta, a cicatriz da corda. Ela ouviu a necessidade em sua voz e olhou para ele quando



ele levantou a cabeça, a mão dirigindo-se ao seu rosto, e ele a segurou com força, pressionando a palma contra sua face, esfregando o rosto contra ela.

— Brianna — ele disse outra vez.

— O quê? O que foi? — Sua voz era baixa, para não acordar Jemmy, mas ansiosa.

— Brianna, você pode me ouvir? — Sabe que sim. O que foi? — Seu corpo estava contra o dele, querendo cuidar dele, e ele desejava tanto seu conforto que teria se deitado lá no tapete diante do fogo da lareira e enterrado a cabeça entre seus seios, mas ainda não.

— Somente... ouça o que eu tenho a dizer. E depois... pelo amor de Deus... diga-me que agi certo. — Diga que me ama, ainda, ele quis dizer, mas não conseguiu.

— Você não tem que me dizer nada — ela sussurrou. E, em algum lugar além deles, ele viu outro par de olhos, fitando-o com um espanto embriagado, mudando repentinamente para medo quando ele ergueu o braço para o golpe mortal.

— Tenho, sim — ele disse brandamente. — Apague a vela, sim? Não a cozinha, com os destroços da explosão emocional ainda espalhados. Nem o consultório, com todas as suas lembranças inquietantes. Jamie hesitou, mas depois balançou a cabeça indicando a escada, erguendo uma das sobrancelhas. Assenti com um sinal de cabeça e o segui para nosso quarto.

Parecia ao mesmo tempo familiar e estranho, como acontece quando se fica ausente por algum tempo. Talvez fosse apenas meu nariz machucado que tornava o cheiro estranho, também; talvez eu apenas imaginasse que podia sentir o seu cheiro — frio e de certa forma viciado, embora tudo estivesse varrido e sem pó. Jamie atçou o fogo e a luz se intensificou, tremulando em manchas luminosas pelas paredes de madeira, os aromas de fumaça e resina quente ajudando a preencher a sensação de vazio no aposento.

Nenhum de nós dois olhou na direção da cama. Ele acendeu o castiçal em cima do lavatório, depois colocou nossos dois banquinhos junto à janela e abriu as persianas para a noite tempestuosa. Ele havia trazido dois canecos de estanho; encheu-os e colocou-os no largo parapeito da janela, juntamente com as garrafas.

Fiquei parada no vão da porta, observando seus preparativos, sentindo-me de uma maneira muito peculiar. Eu sofria os sentimentos mais contraditórios. Por um lado, sentia como se ele fosse um completo estranho. Não podia nem imaginar, muito menos chamar de volta a sensação fácil, a vontade, de tocá-lo. Seu corpo já não era a confortável extensão do meu próprio, mas algo alheio, inacessível.

Ao mesmo tempo, alarmantes ondas de um desejo ardente irrompiam-se em mim sem aviso prévio. Acontecera o dia todo. Não se parecia em nada com a queima lenta do desejo a que estava acostumada, nem tampouco com a fagulha instantânea da paixão. Nem mesmo aquela cíclica e impensada sensação de ânsia do útero com uma necessidade de se acasalar que pertencia inteiramente ao corpo. Isto era assustador.

Ele abaixou-se para colocar outro pedaço de lenha no fogo e eu quase cambaleei, quando todo o sangue fugiu de minha cabeça. A luz brilhou nos pelos dos meus braços, nas depressões escuras do meu rosto...

Era a pura sensação impessoal de um apetite voraz — algo que me possuía, mas não era parte de mim — que me aterrorizava. Era o medo disto que me fazia evitar seu toque, mais do que a sensação de estranheza.

— Você está bem, Sassenach? — Ele vira a expressão em meu rosto e viera em minha direção, o cenho franzido. Estendi a mão para impedi-lo de se aproximar.

— Muito bem — eu disse, sentindo falta de ar. Sentei-me depressa, os joelhos fracos e peguei um dos canecos que ele acabara de encher. — Hum... saúde.

As duas sobrancelhas de Jamie se ergueram, mas ele tomou seu próprio lugar à minha frente.

— Saúde — ele disse serenamente, tocando seu caneco no meu, o vinho pesado e de cheiro adocicado em minha mão.

Os dedos das minhas mãos estavam gelados; assim como os dedos dos pés e a ponta do meu nariz. Isso mudou, também, sem aviso prévio.

Mais um minuto, e eu poderia estar fumegando de calor, suando e afogueada. Mas, por enquanto, estava gelada, e tremia na brisa chuvosa que entrava pela janela.

O aroma do vinho era forte o suficiente para causar um impacto, mesmo nas minhas membranas danificadas, e o cheiro adocicado era um conforto tanto para os nervos quanto para o estômago. Tomei a primeira dose rapidamente e servi outra, querendo com urgência uma pequena camada de esquecimento entre mim mesma e a realidade.

Jamie bebeu mais devagar, mas encheu seu caneco outra vez quando eu o fiz. O baú de cedro de guardar cobertores, aquecido pelo fogo, começava a espalhar sua própria fragrância familiar pelo quarto. Ele olhava para mim de vez em quando, mas não dizia nada. O silêncio entre nós não era constrangedor, exatamente, mas era carregado. Eu deveria dizer alguma coisa, pensei. Mas o quê? Tomei um pequeno gole do segundo caneco, dando tratos à bola.

Finalmente, estendi a mão devagar e toquei seu nariz, onde a linha fina, há muito cicatrizada, onde ele se quebrara pressionava-se, branca, contra a pele.

— Sabe — eu disse você nunca me contou como veio a quebrar o nariz. Quem o endireitou para você? — Oh, isso? Ninguém. — Sorriu, tocando o nariz um pouco acanhado. — Foi

sorte ter sido uma fratura limpa, pois não prestei a menor atenção a isso na época.

— Imagino que não. Você disse... — Parei, lembrando-me repentinamente do que ele havia dito. Quando o encontrei outra vez, em sua tipografia em Edimburgo, lhe perguntei quando ele o quebrara. Ele respondera: "Cerca de três minutos depois que a vi pela última vez, Sassenach." Na véspera de Culloden, então, naquela colina escocesa rochosa, embaixo do círculo de monólitos.

— Desculpe-me — eu disse, debilmente. — Você provavelmente não quer pensar nisso, não é? Ele tomou minha mão livre, com força, e olhou para mim.

— Você pode usar isso — ele disse. Sua voz era muito baixa, mas ele fitou-me diretamente nos olhos. — Tudo. Qualquer coisa que já tenha sido feita a mim. Se você quiser, se a ajudar, eu reviverei tudo outra vez.

— Oh, meu Deus, Jamie — eu disse, suavemente. — Não. Não preciso saber; tudo o que eu preciso é saber que você de fato sobreviveu a tudo isso. Que você está bem. Mas... — Hesitei. — Eu contarei a você? — O que foi feito comigo, quis dizer, mas ele sabia. Ele realmente desviou o olhar então, embora segurasse minhas mãos entre as suas, embalando-a e esfregando a palma delicadamente sobre minhas articulações machucadas.

— Você precisa? — Acho que sim. Algum dia. Mas não agora, não a menos que você... você precise ouvir. — Engoli. — Primeiro.

Ele sacudiu a cabeça, muito devagar, mas continuou a não olhar para mim.

— Agora não — ele murmurou. — Agora não.

Retirei minha mão e engoli o restante do vinho em meu caneco, áspero, quente e almiscarado com o gosto picante de cascas de uvas. Eu parara de ficar sucessivamente quente e gelada; agora, estava apenas toda aquecida, e grata por isso.

— Seu nariz — eu disse, e servi outro caneco. — Conte-me, então, por favor.

Ele estremeceu ligeiramente.

— Sim, bem. Havia dois soldados ingleses, subindo a encosta, patrulhando. Acho que eles não esperavam encontrar ninguém; nenhum dos dois tinha o mosquete carregado, ou eu teria morrido ali mesmo. Ele falava de maneira totalmente descontraída. Um pequeno tremor me percorreu, mas não de frio.

— Eles me viram, sabe, e logo um deles viu você, lá em cima. Ele gritou e fez menção de ir atrás de você, então eu me atirei sobre ele. Eu não me importava nem um pouco com o que poderia acontecer, desde que você pudesse ir em segurança, assim me arremessei sobre ele de cabeça; enfiei minha adaga ao lado do corpo dele. Mas sua caixa de balas deslocou-se e entrou no caminho, e a faca ficou presa nela e... Sorriu, de viés. — E, enquanto eu tentava liberar a adaga e não ser morto, o amigo dele veio e lançou a coronha do mosquete no meu rosto.

Sua mão livre havia se fechado enquanto ele falava, agarrando o cabo de uma adaga invisível.

Encolhi-me, sabendo agora exatamente o que ele sentira. Só de ouvir falar nisso fez meu próprio nariz latejar. Funguei, dei umas pancadinhas nele com as costas da mão e servi mais vinho.

— Como conseguiu escapar? — Arranquei o mosquete da mão dele e matei os dois a cacetadas.

Ele falava serenamente, quase insipidamente, mas havia uma estranha ressonância em sua voz que fez meu estômago revirar-se nervosamente. Ainda estava muito fresca aquela visão das gotas de sangue brilhando à luz da aurora nos pelos de seu braço. Recente demais, aquele tom velado de — o que era? satisfação? — em sua voz...

Repentinamente, fiquei agitada demais para continuar sentada. Um momento antes, eu estava tão exausta que meus ossos

pareciam se desfazer; agora, precisava me movimentar. Levantei-me, inclinando-me sobre o parapeito. A tempestade se aproximava; o vento era refrescante, soprando para trás meus cabelos recém-lavados, e relâmpagos tremeluziam ao longe.

— Desculpe-me, Sassenach — Jamie disse, parecendo preocupado.

— Eu não devia ter lhe contado. Ficou perturbada com isso?  
— Perturbada? Não, não por isso.

Falei um pouco tensa. Por que eu havia lhe perguntado sobre seu nariz, de todas as coisas que havia para perguntar? Por que agora, quando vivi satisfeita na ignorância por todos estes últimos anos? — O que a incomoda, então? — ele perguntou serenamente.

O que me incomodava é que o vinho andara fazendo muito bem seu efeito anestésico sobre mim; agora eu estragara tudo. Todas as imagens da noite anterior estavam de volta dentro da minha cabeça, lançadas em vívido Technicolor por aquela simples declaração, tão trivial: "Arranquei o mosquete da mão dele e matei os dois a cacetadas." E o eco não pronunciado: "Eu mesmo mato por ela." Tive vontade de vomitar. Em vez disso, tomei mais vinho, sem sequer sentir o gosto, engolindo-o o mais depressa possível. Vagamente, ouvi Jamie perguntar outra vez o que estava me incomodando e girei nos calcanhares para encará-lo furiosamente.

— O que me incomoda... incomoda! Que palavra idiota! O que me deixa absolutamente enlouquecida é que eu podia ser qualquer uma, qualquer coisa. Um lugar quente e conveniente, com pontos esponjosos para apertar... meu Deus, eu não passava de um buraco para eles! Soquei o parapeito da janela com o punho cerrado, com raiva do fraco e impotente baque do golpe, peguei meu caneco, virei-me e o atirei contra a parede.

— Não foi assim com Black Jack Randall, foi? — perguntei.  
— Ele o conhecia, não é? Ele via você quando o usava; não teria sido

o mesmo se você fosse qualquer um, ele queria você.

— Meu Deus, você acha que isso foi melhor? — ele extravasou, olhando-me fixamente, os olhos arregalados.

Parei, arquejando e sentindo-me zozna.

— Não. — Deixei-me cair no banco e fechei os olhos, sentindo o quarto girar ao meu redor, luzes coloridas como as de um carrossel por trás das minhas pálpebras. — Não. Não acho. Acho que Jack Randall era um maldito sociopata, um pervertido de primeiro grau, e esses... esses... — abanei a mão, incapaz de encontrar uma palavra adequada — eram apenas... homens.

Falei a última palavra com uma sensação de asco evidente até mesmo para mim.

— Homens — Jamie disse, um tom estranho na voz.

— Homens — eu disse. Abri os olhos e olhei para ele. Meus olhos ardiavam e eu achava que deviam estar brilhantes e vermelhos, como os de um gambá à luz de um archote.

— Eu já passei por uma maldita guerra mundial — eu disse, a voz baixa e virulenta. — Perdi um filho. Perdi dois maridos. Passei fome com um exército, fui surrada e ferida, fui menosprezada, traída, aprisionada e atacada. E eu sobrevivi! — Minha voz erguia-se, mas eu era impotente para impedi-la. — E agora eu deveria ficar destruída por alguns homens miseráveis e patéticos enfiarem seus pequenos e odiosos apêndices entre minhas pernas e os sacudirem? — Levantei-me, agarrei a borda do lavatório e o levantei, lançando tudo ao chão com um enorme estrépito: bacia, jarro d'água e vela acesa, que prontamente se apagou.

— Bem, não vou fazer isso — eu disse, absolutamente calma.

— Pequenos e odiosos apêndices? — ele disse, parecendo um pouco atordoado. — Não o seu — eu disse. — Não me referi ao seu. Até que eu gosto do seu. — Então, sentei-me e irrompi em pranto.

Seus braços vieram me envolver, devagar e delicadamente. Não me sobressaltei, nem me contraí bruscamente, e ele pressionou minha cabeça contra ele, alisando meus cabelos úmidos e emaranhados, os dedos se prendendo nas mechas.

— Santo Deus, você é muito corajosa — ele murmurou.

— Não — eu disse, os olhos fechados. — Não sou. —

Agarrei sua mão e levei-a aos lábios, fechando os olhos novamente.

Rocei minha boca ferida pelos nós de seus dedos, cega. Estavam inchados, tão machucados quanto os meus; toquei minha língua em sua pele, senti gosto de sabão, poeira e o sabor metálico de cortes e arranhões — marcas deixadas por ossos e dentes quebrados. Pressionei meus dedos nas veias sob a pele do pulso e do braço, suavemente flexível, e as linhas sólidas dos ossos embaixo. Senti os tributários de suas veias, tive vontade de entrar pela sua corrente sanguínea, viajar por ali, dissolvida, sem corpo, para me refugiar nas câmaras de paredes espessas de seu coração. Mas eu não podia.

Corri a mão pela manga de sua camisa, explorando, agarrando, reaprendendo seu corpo. Toquei nos pelos de sua axila e afaguei-os, surpresa com a sensação sedosa e macia.

— Sabe — eu disse —, acho que eu nunca toquei em você aqui? — Acho que não — ele disse, com um tom de risada nervosa em sua voz. — Eu me lembraria. Oh! — Sua pele arrepiou-se sob minha mão e eu pressionei minha testa em seu peito.

— O pior é que — eu disse, para dentro de sua camisa — eu os conhecia. Cada um deles. E me lembrarei deles. Sinto-me culpada por eles estarem mortos, por minha causa.

— Não — ele disse, suavemente, mas com muita firmeza. — Eles estão mortos por minha causa, Sassenach. E por causa de sua própria maldade. Se houver culpa, que ela recaia sobre eles. Ou sobre mim.

— Não apenas em você — eu disse, os olhos ainda fechados.



Estava escuro ali, e calmante. Eu podia ouvir minha voz, distante, mas clara, e me perguntei vagamente de onde vinham as palavras. — Você é sangue do meu sangue, carne da minha carne. Você mesmo disse. O que você faz recai sobre mim também.

— Então, que os seus votos possam me redimir — ele sussurrou.

Ele me colocou de pé e puxou-me para junto de si, como um alfaiate recolhendo uma extensão de seda delicada e pesada — devagar, os dedos longos, dobra a dobra. Então, atravessou o quarto carregando-me no colo e me colocou delicadamente na cama, à luz bruxuleante da lareira. Ele teve a intenção de ser delicado, muito delicado. Planejava tudo cuidadosamente, preocupando-se a cada passo do longo caminho de volta para casa. Ela estava estilhaçada; ele tinha que prosseguir com cuidado, dando tempo ao tempo. Ser cuidadoso ao colar de novo todos os seus pedaços.

E, então, ele aproximou-se e descobriu que ela não queria saber de delicadeza, de namoro. Ela queria ação direta. Concisão e violência. Se ela estava despedaçada, iria surrá-lo com seus estilhaços pontiagudos, afoita e imprudente como um bêbado com uma garrafa quebrada.

Por um instante, dois instantes, ele lutou, tentando mantê-la junto a si e beijá-la ternamente. Ela contorceu-se como uma enguia sob seus braços, depois rolou para cima dele, meneando-se e mordendo.

Ele havia pensado em acalmá-la — acalmar ambos — com o vinho.

Ele sabia que ela perdia toda a noção de comedimento quando bebia; ele simplesmente não percebera o que ela estava reprimindo, ele pensou lugubrememente, tentando agarrá-la sem machucá-la.

Ele, entre todas as pessoas, deveria saber. Não medo, pesar ou dor — mas raiva.

Ela arranhou suas costas; ele sentiu a esfoladura de unhas quebradas e pensou vagamente que aquilo era bom — ela estava lutando. Esse foi seu último pensamento; sua própria fúria apossou-se dele, então, raiva e desejo que sobrevieram como uma tempestade negra sobre uma montanha, uma nuvem que escondia tudo dele e ele de tudo, de modo que aquela amena familiaridade se perdeu e ele ficou sozinho, estranho na escuridão.

Poderia ser o pescoço dela que ele agarrou, ou de qualquer outra pessoa. A sensação de ossos pequenos chegou até ele, nodosa no escuro, e os gritos de coelhos, mortos em suas mãos. Ele ergueu-se em um redemoinho, engasgado com terra e restos de sangue.

A ira fervia e se coagulava em seus testículos, e ele cavalgou de acordo com os agulhões das esporas dela. Que seu raio queime e creste de seu útero todos os vestígios do intruso, e se isso os incendiasse e reduzisse a cinzas — que assim fosse.

Quando ele recuperou os sentidos, estava deitado com todo o seu peso sobre ela, esmagando-a na cama. O ar soluçava em seus pulmões; ele agarrava os braços dela com tanta força que sentia seus ossos como varetas prestes a se quebrarem em suas mãos.

Ele se perdera. Não sabia mais onde seu corpo terminava. Sua mente debateu-se por um instante, entrou em pânico, com medo que tivesse se apagado completamente — não. Sentiu uma gota fria, repentina, em seu ombro, e as partes espalhadas de seu corpo juntaram-se outra vez imediatamente, como mercúrio esparramado, deixando-o trêmulo e estarecido.

Ele ainda estava unido a ela. Quis dar um salto como uma codorna assustada, mas conseguiu mover-se devagar, soltando os dedos um a um de seu aperto mortal nos braços dela, erguendo e removendo o corpo delicadamente, embora o esforço parecesse imenso, como se seu peso fosse o de luas e planetas. De certa forma, esperava vê-la esmagada e achatada, sem vida nos lençóis.

Mas o arco flexível de suas costelas subiu e desceu e subiu outra vez, de maneira tranquilizadora.

Outra gota atingiu-o na nuca e ele arqueou os ombros de surpresa.

Surpresa com seu movimento, ela ergueu o rosto e seus olhos se encontraram com um impacto. Ela compartilhava a sensação; o choque de estranhos encontrando-se pela primeira vez, nus. Os olhos dela adejaram e se desviaram, voltando-se para o teto.

— O telhado está vazando — ela sussurrou. — Tem um lugar molhado.

— Oh. — Ele nem percebera que estava chovendo. Mas o quarto estava escuro e a chuva tamborilava acima. O som parecia acontecer dentro de suas veias, como o toque do bodhran na noite, como a batida de seu coração na floresta.

Ele estremeceu e, por falta de qualquer outra ideia, beijou-a na testa.

Seus braços ergueram-se subitamente como uma armadilha e prenderam-no ferozmente, puxando-o para baixo contra ela outra vez e ele a agarrou também, esmagando-a contra si com tanta força que sentiu o ar sair de seus pulmões, incapaz de soltá-la. Pensou vagamente na conversa de Brianna sobre orbes gigantesco que giravam pelo espaço, naquilo que chamavam de gravidade — e o que havia de grave a respeito dela? Ele via isso muito bem agora: uma força tão poderosa, capaz de equilibrar algum corpo inimaginavelmente grande em pleno ar, sem nenhum suporte — ou simplesmente lançar dois desses corpos um contra o outro, em uma explosão de destruição e fumaça de estrelas.

Ele a machucara; havia marcas vermelho-escuras em seus braços onde seus dedos estiveram. Ficariam roxas em algumas horas. As marcas de outros homens espalhavam-se negras e roxas,

azuis e amarelas, pétalas anuviadas presas sob a brancura de sua pele.

Suas coxas e nádegas estavam exauridas do esforço e uma cãibra se instalou, fazendo-o gemer e se torcer para aliviá-la. Sua pele estava molhada, a dela também, e eles se afastaram com morosa relutância.

Os olhos inchados e machucados, embaçados como mel silvestre, a centímetros dos seus próprios.

— Como se sente? — ela perguntou, suavemente. — Terrível — ele respondeu com absoluta honestidade. Ele estava rouco, como se tivesse gritado, meu Deus, talvez tivesse. A boca de Claire sangrara outra vez, havia uma mancha vermelha em seu queixo e o gosto metálico de sangue em sua própria boca.

Ele limpou a garganta, querendo desviar os olhos dos dela, sem conseguir. Esfregou o polegar sobre a mancha de sangue, limpando-a desajeitadamente.

— E você? — ele perguntou, e as palavras eram como uma grossa em sua garganta. — Como se sente? Ela se encolhera um pouco ao toque de sua mão, mas seus olhos ainda estavam fixos nos dele.

Ele tinha a sensação de que ela estava olhando muito além dele, através dele — mas, então, o foco de seus olhos retornaram e ela olhou diretamente para ele, pela primeira vez desde que a trouxera para casa.

— Segura — ela sussurrou, e fechou os olhos. Ela respirou profundamente e seu corpo relaxou de uma só vez, tornando-se mole e pesado como uma lebre à morte.

Ele a enlaçou, os dois braços à sua volta, como se quisesse salvá-la de afogamento, mas sentiu que ela afundava mesmo assim. Quis chamá-la, dizer que não se fosse, que não o deixasse sozinho. Ela desapareceu nas profundezas do sono e ele compadeceu-se

dela, desejando que se curasse, temendo sua fuga, e abaixou a cabeça, enterrando o rosto em seus cabelos e em seu perfume.

O vento sacudia as persianas conforme passava e, na escuridão lá fora, uma coruja piou e outra respondeu, escondendo-se da chuva.

Então, ele chorou, silenciosamente, retesando os músculos para que seu corpo não se sacudisse com os soluços, para que ela não acordasse e o visse chorando. Ele chorou até se sentir vazio, a respiração entrecortada, o travesseiro molhado sob seu rosto. Depois, permaneceu deitado, exausto além da ideia de exaustão, longe demais do sono para sequer se lembrar de qual era sua sensação. Seu único consolo era o peso pequeno, tão frágil, que jazia, quente, sobre seu coração, respirando.

Então, as mãos dela subiram e repousaram sobre ele, as lágrimas frias em seu rosto congelando, sua brancura limpa como neve silenciosa que cobre feridas e sangue, soprando a paz sobre o mundo.

*UM PRISIONEIRO*

Era uma manhã tépida e tranquila; o final do verão indígena. Um pica-pau martelava no bosque próximo e um inseto fazia um barulho de metal raspado no capim alto mais distante da casa. Desci as escadas devagar, sentindo-me ligeiramente incorpórea — e desejando que assim fosse, já que o corpo que eu tinha doía quase por toda parte.

A sra. Bug não viera esta manhã; talvez não estivesse se sentindo bem. Ou talvez ainda não soubesse ao certo como agir ou o que me dizer quando se deparasse comigo. Meus lábios comprimiram-se um pouco, algo que eu só percebi porque o corte parcialmente cicatrizado em meu lábio ardeu quando o fiz.

Procurei relaxar o rosto e comecei a pegar as coisas para o café da prateleira da cozinha. Havia uma trilha de minúsculas formigas pretas correndo ao longo da borda da prateleira e um enxame delas sobre a pequena latinha onde eu guardava os torrões de açúcar. Livrei-me delas com alguns movimentos rápidos e determinados do meu avental e fiz uma anotação mental de procurar raízes de erva-benta para preparar um repelente.

Essa decisão, apesar de pequena, me fez sentir melhor e mais estável imediatamente. Desde que Hodgepile e seus homens haviam aparecido no barracão de maltagem, eu estivera completamente à mercê de outra pessoa, impedida de qualquer ação independente. Pela primeira vez em vários dias — parecia

muito mais tempo — eu podia decidir o que iria fazer. Parecia uma liberdade preciosa.

Muito bem, pensei. O que eu iria fazer, então? Eu iria... tomar café.

Comer uma torrada? Não. Explorei a boca cuidadosamente com minha língua; vários dentes de um dos lados estavam soltos e os músculos dos meus maxilares tão doloridos que qualquer mastigação estava fora de questão. Apenas café, então, e enquanto eu o tomava decidiria o que fazer do meu dia.

Satisfeita com esse plano, guardei novamente a caneca rústica de madeira e peguei cerimoniosamente minha única xícara de porcelana com seu pires, um delicado presente de Jocasta, pintada à mão com violetas.

Jamie havia atizado o fogo mais cedo e a chaleira fervia; despejei água suficiente para esquentar o bule, agitei-o e abri a porta dos fundos a fim de atirar fora a água. Felizmente, eu olhei primeiro. Ian estava sentado de pernas cruzadas no alpendre dos fundos, uma pequena pedra de amolar em uma das mãos, uma faca na outra.

— Bom-dia, tia — ele disse alegremente, e passou a faca pela pedra, fazendo o ruído áspero, estridente e repetitivo que eu ouvira antes. — Está melhor? — Sim, bastante bem — assegurei-lhe. Ele ergueu uma das sobrancelhas com ar de dúvida, examinando-me de cima a baixo.

— Bem melhor do que aparenta, espero.

— Não tão bem — eu disse, acidamente. Ele riu. Deixou de lado a pedra e a faca e levantou-se. Ele era muito mais alto do que eu; quase da altura de Jamie, embora mais magro. Havia herdado a esbeltez rija de seu pai, assim como o senso de humor e sua rudeza.

Segurou-me pelos ombros e virou-me para a luz do sol, franzindo um pouco os lábios enquanto me inspecionava de perto. Pestanejei para ele, imaginando qual seria minha aparência. Eu

ainda não tivera coragem de me olhar no espelho, mas sabia que os machucados deviam estar indo de pretos e vermelhos a uma variedade colorida de azuis, verdes e amarelos. Acrescente a isso uma diversidade de inchaços grumosos, partículas de crosta negra no lábio partido, várias casquinhas aqui e ali, e eu sem dúvida era a imagem da saúde.

Os meigos olhos castanho-claros de Ian espreitaram meu rosto intensamente, mas sem nenhuma surpresa ou aflição aparente. Por fim, ele me soltou e deu uns tapinhas delicados em meu ombro.

— Você vai ficar bem, tia — ele disse. — Ainda é você mesma, não é? — Sim — eu disse. E, sem nenhum aviso prévio, lágrimas afloraram aos meus olhos e se derramaram. Eu sabia exatamente o que ele quis dizer e por que ele o dissera, e era verdade.

Senti como se meu âmagô tivesse se liquefeito inesperadamente e jorrasse para fora, não de pesar, mas de alívio. Eu ainda era eu mesma.

Frágil, surrada, dolorida e exausta — mas eu mesma. Somente quando reconheci isso é que percebi o quanto eu temera que pudesse não ser — que eu emergisse do choque e me encontrasse irremediavelmente mudada, alguma parte vital perdida para sempre.

— Estou bem — assegurei a Ian, limpando os olhos apressadamente com o avental. — Só um pouco...

— Sim, eu sei — ele disse, e pegou o bule da minha mão, jogando a água na grama ao lado do caminho. — É um pouco estranho, não é? Voltar.

Peguei o bule de café dele, apertando sua mão com força ao fazê-lo.

Ele voltara duas vezes do cativeiro: resgatado da estranha propriedade de Geillis Duncan na Jamaica, apenas para escolher



um exílio posterior com os Mohawks. Ele atingira a idade adulta nessa jornada e eu me perguntava que partes dele mesmo podiam ter ficado pelo caminho. — Quer comer alguma coisa, Ian? — perguntei, fungando e enxugando com muito cuidado meu nariz inchado.

— Claro que quero — ele disse, rindo. — Venha e sente-se, tia, eu vou trazer tudo.

Eu o segui para dentro, enchi o bule e preparei o café, depois me sentei à mesa, o sol nas minhas costas através da porta aberta, e fiquei observando enquanto Ian esquadrinhava a despensa. Eu sentia a mente encharcada, incapaz de pensar, mas uma sensação de paz tomou conta de mim, delicada como a luz bruxuleante que atravessava as castanheiras.

Até mesmo os pequenos latejamentos aqui e ali pareciam agradáveis, uma sensação de cura sendo silenciosamente realizada.

Ian espalhou uma braçada diversificada de alimentos sobre a mesa e sentou-se à minha frente.

— Tudo bem, tia? — ele perguntou outra vez, erguendo uma de suas grossas sobrelhas.

— Sim. Mas é como estar sentada em uma bolha de sabão. Não é? — Olhei para ele enquanto eu servia o café, mas ele abaixou os olhos para o pedaço de pão em que passava manteiga. Achei que um leve sorriso surgiu em seus lábios, mas não pude dizer ao certo.

— Algo assim — ele disse baixinho.

O calor do café aqueceu minhas mãos através da porcelana e acalmou as membranas feridas do meu nariz e céu da boca. Parecia que eu andara gritando durante horas, mas na verdade não me lembrava de ter feito isso. Eu teria, com Jamie, à noite passada? Eu não queria pensar na noite anterior; fazia parte da sensação de bolha de sabão. Jamie já havia saído quando me levantei e eu não tinha certeza se ficara contente ou triste com isso.

Ian não falou nada, apenas seguiu comendo diligentemente a metade inteira de um pão com manteiga e mel, três bolinhos de passas, duas grossas fatias de presunto e um jarro de leite. Jamie fizera a ordenha, pude notar; ele sempre usava o jarro azul, enquanto o sr. Wemyss usava o branco. Perguntei-me vagamente onde o sr. Wemyss estaria — eu não o vira e a casa parecia vazia mas não me importava realmente. Ocorreu-me que talvez Jamie tivesse dito tanto ao sr. Wemyss quanto à sra. Bug para se manterem afastados um pouco, sentindo que eu poderia precisar de algum tempo sozinha.

— Mais café, tia? Eu assenti e Ian levantou-se da mesa, pegou a garrafa da prateleira e serviu uma boa dose de uísque na minha xícara antes de enchê-la novamente de café.

— Mamãe sempre dizia que é bom para qualquer coisa que o aflija — ele disse. — Sua mãe tem razão. Quer um pouco? Ele cheirou os vapores aromáticos no ar, mas sacudiu a cabeça.

— Não. Creio que não, tia. Preciso estar com a cabeça clara hoje de manhã.

— É mesmo? Por quê? — O mingau na panela não tinha nove dias, mas devia estar ali há uns três ou quatro. É claro; não havia ninguém ali para comê-lo. Olhei criticamente para a massa parecendo cimento grudado na minha colher, depois resolvi que ainda estava macio o suficiente para comer e encharquei-o de mel.

Ian estava lidando com um bocado da mesma maçaroca e levou um instante para removê-la do céu da boca antes de responder.

— Tio Jamie pretende fazer suas perguntas — ele respondeu, lançando-me um olhar cauteloso enquanto estendia a mão para o pão.

— É mesmo? — eu disse, um pouco inexpressivamente, mas, antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer com isso, o som de passos no caminho anunciou a chegada de Fergus.

Ele parecia ter andado dormindo no mato — bem, é claro, pensei, que andara. Ou melhor, não dormira; os homens mal haviam parado para descansar na perseguição ao bando de Hodgepile. Fergus fizera a barba, mas tristemente faltava sua aparência sempre cuidadosamente arrumada, e seu bonito rosto estava macilento, os olhos fundos e embaciados.

— Milady — ele murmurou, e inesperadamente inclinou-se para beijar meu rosto, a mão em meu ombro. — Comment ça va?

— Très bien, merci — respondi, sorrindo com cuidado.

— Como vão Marsali e as crianças? E nosso herói, Germain?

— Eu perguntara a Jamie sobre Marsali no caminho de volta e asseguraram-me de que ela estava bem. Germain, macaco como era, subira rapidamente em uma árvore quando vira os homens de Hodgepile se aproximando. Ele presenciara tudo de seu poleiro e, assim que os homens partiram, desceu atabalhoadamente, arrastou sua mãe semiconsciente para longe do fogo e correu para buscar ajuda.

— Ah, Germain — Fergus disse, um breve sorriso momentaneamente clareando as sombras de fadiga. — Nos p'tit guerrier. Ele diz que grandpère lhe prometeu uma pistola, para atirar nos homens maus.

Grandpère certamente falava a sério, refleti. Germain não conseguiria manejar um mosquete, sendo um pouco mais baixo do que a própria arma — mas uma pistola serviria. Em meu atual estado de espírito, o fato de Germain ter apenas seis anos não me parecia particularmente importante.

— Já tomou café, Fergus? — Empurrei o bule para ele.

— Non. Merci. — Ele serviu-se de pãozinhos, presunto e café, embora eu notasse que ele comia sem muito apetite.

Nós todos permanecemos calados, bebericando o café e ouvindo os pássaros. Cambaxirras haviam construído um ninho tardio sob os beirais do telhado da casa e os pais entravam e saíam

voando bem acima de nossas cabeças. Eu podia ouvir os chilreios estridentes dos filhotes clamando por comida e vi galinhos espalhados e um pedaço de casca de ovo vazia nas tábuas do assoalho do alpendre. Estavam quase prontos para voar; na hora certa, antes que o tempo realmente frio chegasse.

A visão da casca de ovo salpicada de pintinhas marrons me fez lembrar de Monsieur LOeuf. Sim, era isso que eu iria fazer, decidi, com uma pequena sensação de alívio por ter uma resolução firme na mente.

Mais tarde, eu iria ver Marsali. E talvez a sra. Bug também.

— Viu a sra. Bug esta manhã? — perguntei, virando-me para Ian.

Sua cabana era pouco mais do que uma meia-água de telhado de sapé e ficava logo depois da cabana dos Bug; ele teria passado por lá em seu caminho para a casa grande.

— Oh, sim — ele disse, parecendo um pouco surpreso. — Ela estava varrendo a casa quando passei. Ofereceu-me café da manhã, mas eu disse que comeria aqui. Eu sabia que tio Jamie tinha presunto, hein? — Exibiu um largo sorriso, erguendo seu quarto pãozinho de presunto para ilustrar.

— Então, ela está bem? Achei que pudesse estar doente; ela geralmente chega bem cedo.

Ian balançou a cabeça e deu uma enorme dentada no pãozinho.

— Sim, imagino que esteja ocupada, cuidando do ciomach.

Meu frágil senso de bem-estar quebrou-se como os ovos das cambaxirras. Um ciomach era um prisioneiro. Em minha confusa euforia, eu de algum modo conseguira esquecer a existência de Lionel Brown.

A observação de Ian de que Jamie pretendia fazer perguntas esta manhã repentinamente fez sentido — assim como a presença de Fergus.

E a faca que Ian andara amolando.

— Onde está Jamie? — perguntei, a voz fraca. — Vocês o viram? — Oh, sim — Ian disse, parecendo surpreso. Engoliu e gesticulou na direção da porta apontando o queixo. — Ele está no barracão de lenha, fazendo telhas novas. Ele disse que há um vazamento no telhado.

Mal ele acabou de dizer isso e o som do martelo veio do telhado, bem acima. Claro, pensei. Uma coisa de cada vez. Por outro lado, eu imaginava que Lionel Brown não iria mesmo a lugar nenhum.

— Talvez... eu deva ir ver o sr. Brown — eu disse, engolindo em seco.

Ian e Fergus trocaram olhares.

— Não, tia, não deve — Ian disse com absoluta calma, mas com um ar de autoridade que eu não estava acostumada a ver nele.

— O que você quer dizer? — perguntei, fitando-o fixamente, mas ele apenas continuou comendo, embora um pouco mais devagar. — Milorde disse que você não deve — Fergus reforçou, entornando uma colherada de mel em seu café.

— Ele disse o quê? — perguntei, incrédula.

Nenhum dos dois ousava olhar diretamente para mim, mas pareciam unir as forças, emanando uma espécie de resistência teimosa, ainda que relutante. Qualquer um dos dois faria qualquer coisa que eu pedisse, eu sabia — exceto desafiar Jamie. Se Jamie achava que eu não devia ver o sr. Brown, eu não iria fazer isso com o auxílio nem de Ian, nem de Fergus.

Larguei a colher na minha tigela de mingau, grumos não tocados ainda agarrados a ela.

— Por acaso, ele mencionou por que ele acha que eu não devo visitar o sr. Brown? — perguntei calmamente, naquelas circunstâncias.

Os dois homens pareceram surpresos, depois trocaram outro olhar, este mais longo.

— Não, milady — Fergus disse, a voz cuidadosamente neutra.

Houve um breve silêncio, durante o qual ambos pareceram estar refletindo. Então, Fergus olhou para Ian, acatando a opinião dele com um gesto do ombro.

— Bem, sabe, tia — Ian disse cuidadosamente —, nós realmente pretendemos interrogar o sujeito.

— E teremos respostas — Fergus disse, os olhos na colher com que mexia o café.

— E quando tio Jamie estiver satisfeito de que ele nos contou tudo que sabe...

Ian depositara sua faca recém-amolada sobre a mesa, ao lado de seu prato. Pegou-a e significativamente correu a lâmina ao longo do comprimento de uma salsicha fria, que prontamente se abriu ao meio, com uma explosão aromática de sálvia e alho. Em seguida, ergueu os olhos, fitando diretamente os meus. E percebi que embora eu ainda pudesse ser eu mesma — Ian não era mais o rapaz que costumava ser.

De modo algum.

— Vocês vão matá-lo, então? — eu disse, sentindo os lábios entorpecidos apesar do café quente.

— Oh, sim — Fergus disse, muito serenamente. — Imagino que sim. — Ele também me fitou diretamente, agora. Havia uma expressão sombria, fria, em seus olhos fundos, duros como pedra.

— Ele... é que... Quero dizer... não foi ele — eu disse. — Não pode ter sido. Ele já havia quebrado a perna quando... — Eu parecia não conseguir ar suficiente para terminar minhas frases. — E Marsali. Não foi... eu não acho que ele...

Algo por trás dos olhos de Ian mudou, quando ele compreendeu o que eu tentava dizer. Seus lábios se cerraram com

força por um instante e ele balançou a cabeça. — Melhor para ele, então — disse, concisamente.

— Melhor — Fergus repetiu mas acho que no final das contas não vai fazer diferença. Nós matamos os outros... por que ele deveria viver? — Empurrou o banco para trás para se levantar da mesa, sem tomar o café. — Acho que já vou, primo.

— Sim? Eu vou também, então. — Ian afastou o prato, balançando a cabeça para mim. — Pode dizer ao tio Jamie que nós já fomos na frente, tia? Assenti, entorpecida, e observei-os se afastar, desaparecendo, um depois do outro, sob a enorme castanheira que sombreava o caminho para a cabana dos Bug.

Mecanicamente, levantei-me e comecei, devagar, a limpar os restos do improvisado café da manhã.

Eu realmente não tinha certeza se me importava muito com o sr. Brown ou não. Por um lado, eu desaprovava por princípio a tortura e o assassinato a sangue-frio. Por outro... embora fosse verdade que Brown não havia pessoalmente me ferido ou violentado, e ele tentara fazer Hodgepile soltar-me — ele fora completamente a favor de me matar, posteriormente. E eu não tinha a menor dúvida de que ele teria me afogado no desfiladeiro, se Tebbe não tivesse intervindo.

Não, pensei, lavando cuidadosamente minha xícara e enxugando-a no meu avental, talvez de fato eu não me importasse terrivelmente com o sr. Brown.

Ainda assim, sentia-me inquieta e nervosa. O que realmente me incomodava, percebi, eram Ian e Fergus. E Jamie. O fato era que matar alguém no calor da batalha é muito diferente de executar um homem, e eu sabia disso. Eles saberiam? Bem, Jamie sabia.

"Que os seus votos possam me redimir." Ele sussurrara isso para mim na noite anterior. Na realidade, era praticamente a última coisa que eu me lembrava de ouvi-lo dizer. Bem, muito bem; mas eu

preferia que ele não sentisse necessidade de redenção para começar. E quanto a Ian e Fergus...

Fergus lutara na Batalha de Prestonpans, aos dez anos de idade. Eu ainda me lembrava do rosto do pequeno órfão francês, sujo de fuligem e zozzo de choque e exaustão, olhando para baixo, para mim, de seu posto em cima de um canhão apreendido. "Matei um soldado inglês, madame", ele me dissera. "Ele caiu e eu enfiei a minha faca nele." E Ian, aos quinze anos, chorando de remorso porque achava que havia matado acidentalmente um intruso na gráfica de Jamie em Edimburgo. Só Deus sabia o que ele já havia feito desde então; ele não contava. Tive a repentina visão do gancho de Fergus, escuro de sangue, e de Ian, recortados em silhueta na escuridão. "E eu", ele dissera, fazendo eco a Jamie.

"Eu mesmo mato por ela." Era 1773. E no dia dezoito de abril, em setenta e cinco... O tiro ouvido em todo o mundo já havia sido carregado. A cozinha estava quente, mas eu tremia convulsivamente. De que em nome de Deus eu achava que poderia protegê-los? Qualquer um deles? Um rugido repentino do telhado acima me assustou, afastando meus pensamentos.

Saí para o pátio e olhei para cima, protegendo meus olhos da claridade do sol da manhã. Jamie estava montado na viga da cumeeira, balançando-se para frente e para trás sobre uma das mãos, que mantinha apertada contra a barriga.

— O que está acontecendo aí em cima? — perguntei.

— Peguei uma farpa — veio a resposta concisa, obviamente dita através de dentes cerrados.

Eu quis rir, ainda que apenas como um pequeno escape da tensão, mas não pude.

— Bem, desça, então. Eu tiro a farpa para você.

— Ainda não terminei! — Não importa! — retruquei, repentinamente impaciente com ele.

— Desça agora mesmo. Quero falar com você.



Uma sacola de pregos atingiu a grama com um súbito estampido, seguido instantaneamente do martelo.

Uma coisa de cada vez, portanto.

Tecnicamente, imagino, era uma farpa. Era uma lasca de cedro de cinco centímetros e ele a enfiara completamente embaixo da unha do dedo médio, quase até a primeira junta.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — Sim — ele concordou, um pouco pálido. — Pode dizer isso mesmo.

A ponta projetada para fora era curta demais para eu puxá-la com meus dedos. Arrastei-o para o consultório e arranquei a lasca com o fórceps num piscar de olhos. Mas Jamie já estava soltando uma torrente de palavras — a maioria em francês, que é uma língua excelente para xingar.

— Você vai perder esta unha — observei, submergindo o dedo machucado em uma pequena tigela de álcool e água. O sangue brotava do ferimento como tinta de uma lula.

— Para o inferno com a unha — ele disse, rangendo os dentes. — Corte fora o maldito dedo e acabe logo com isso! Merde d'chèvre! — Os chineses costumavam... bem, não, acho que ainda o fazem, pensando melhor... enfiar farpas de bambu sob as unhas das pessoas para fazê-las falar.

— Santo Deus! Tu me casses les couilles! — Obviamente, uma técnica muito eficaz — eu disse, tirando sua mão da tigela e envolvendo o dedo com uma tira de linho bem apertada.

— Estava experimentando a tática antes de usá-la em Lionel Brown? — Tentei falar de forma descontraída, mantendo os olhos em sua mão.

Senti seu próprio olhar fixo em mim e ele resfolegou.

— O que em nome dos santos e dos arcanjos o pequeno Ian andou lhe dizendo, Sassenach? — Que você pretendia interrogar o sujeito... e obter respostas.

— Eu pretendo, e vou fazer isso — ele disse concisamente.  
— E daí? — Fergus e Ian pareciam pensar que... você estava disposto a usar quaisquer meios necessários — eu disse, com certa delicadeza. — Estão mais do que ansiosos para ajudar.

— Imagino que sim. — A agonia inicial havia arrefecido um pouco.

Respirou mais fundo e a cor começou a voltar às suas faces.  
— Fergus tem direito. Sua mulher foi atacada.

— Ian pareceu... — Hesitei, buscando a palavra certa. Ian parecia tão calmo que chegava a ser aterrador. — Não chamou Roger para ajudar com o... o interrogatório? — Não. Ainda não. — Prendeu um dos cantos da boca. — Roger Mac é um bom lutador, mas não é do tipo que assusta um homem, a não ser que esteja fora de controle. Ele não tem nenhuma malícia.

— Ao passo que você, Ian e Fergus...

— Oh, sim — ele disse, secamente. — Manhosos como cobras, nós três. Basta olhar para Roger Mac para ver como a vida deles deve ser segura, dele e da menina. Isso é um conforto — acrescentou, o trejeito no lábio acentuando-se. — Saber que as coisas vão melhorar, quero dizer.

Pude perceber que ele tentava mudar de assunto, o que não era um bom sinal. Resfoleguei levemente com ironia, mas isso fez meu nariz doer.

— E você não está realmente fora de controle, é isso que está me dizendo? Ele resfolegou ironicamente com muito mais sucesso do que eu, mas não respondeu. Inclinou a cabeça para o lado, observando enquanto eu abria um quadrado de gaze e começava a esfregar folhas secas de confrei sobre ela. Eu não sabia dizer o que estava me incomodando, mas ele obviamente viu que havia alguma coisa.

— Você vai matá-lo? — perguntei sem rodeios, mantendo os olhos no frasco de mel. Era feito de vidro marrom e a luz brilhava

através dele como se fosse uma enorme bola de âmbar translúcida. Jamie permaneceu sentado, imóvel, observando-me. Eu podia sentir seu olhar especulativo, embora não tivesse erguido os olhos.

— Acho que sim — ele disse.

Minhas mãos haviam começado a tremer e eu as pressionei na superfície da mesa para estabilizá-las.

— Não hoje — ele acrescentou. — Se eu o matar, farei isso da maneira apropriada.

Eu não sabia se queria saber o que constituía um assassinato adequado na opinião dele, mas ele me explicou mesmo assim.

— Se ele morrer em minhas mãos, será às claras, diante de testemunhas que conhecem a verdade, e ele estando de pé. Não vou permitir que digam que eu matei um homem que não podia se defender, qualquer que tenha sido seu crime.

— Oh. — Engoli em seco, sentindo-me levemente zozna, e peguei uma pitada de sanguinária em pó para adicionar à pomada que eu estava preparando. Ela possuía um leve cheiro adstringente que pareceu ajudar.

— Mas... talvez o deixe viver?

— Talvez. Acho que posso pedir um resgate por ele a seu irmão... depende.

— Você soa exatamente como seu tio Colum, sabia? Ele teria pensado desta forma.

— É mesmo? — O canto de sua boca ergueu-se ligeiramente.

— Devo considerar isso um elogio, Sassenach?

— Acredito que sim.

— Sim, bem — ele disse pensativamente. Os dedos rígidos tamborilaram no tampo da mesa e ele estremeceu ligeiramente quando o movimento perturbou o dedo machucado. — Colum possuía um castelo. E membros de seu clã armados à sua disposição. Eu teria alguma dificuldade em defender esta casa contra um ataque, talvez.

— É isso que quer dizer com "depende"? — Senti-me muito inquieta com isso; a ideia de saqueadores armados atacando a casa não havia me ocorrido, e eu vi que a previsão de Jamie em colocar o sr. Brown fora de nossas instalações não tinha sido talvez inteiramente com o propósito de poupar minha sensibilidade.

— Uma das coisas.

Misturei um pouco de mel com as ervas pulverizadas, depois coloquei um pouco de gordura de urso purificada dentro do almofariz.

— Eu imagino — eu disse, os olhos na mistura — que não adianta entregar Lionel Brown para as... as autoridades? — Que autoridades você tem em mente, Sassenach? — ele perguntou, secamente. Uma boa pergunta. Aquela região do interior da colônia ainda não formara nem se vinculara a um condado, embora houvesse um movimento com essa finalidade. Se Jamie entregasse o sr. Brown ao xerife do condado mais próximo para julgamento... bem, não, talvez não fosse uma boa ideia. Brownsville ficava logo dentro dos limites do condado mais próximo e o xerife atual na verdade se chamava Brown.

Mordi o lábio, refletindo. Em épocas de tensão, eu ainda costumava reagir de acordo com a minha formação — uma inglesa civilizada, acostumada a confiar nas certezas do governo e da lei. Muito bem, então, Jamie tinha um forte argumento; o século XX tinha seus próprios perigos, mas algumas coisas haviam melhorado. Mas agora era quase 1774, e o governo colonial já mostrava rachaduras e falhas, sinais do colapso que viria.

— Imagino que pudéssemos levá-lo a Cross Creek. — Farquard Campbell era juiz de paz lá, e amigo da tia de Jamie, Jocasta Cameron. — Ou para New Bern. — O governador Martin e a maior parte do Conselho Real ficavam em New Bern, a quase quinhentos quilômetros dali. — Talvez Hillsborough? — Essa era a base do Tribunal Itinerante.

— Mmmmmhum.

Esse ruído denotava uma acentuada má vontade de perder várias semanas de trabalho para colocar o sr. Brown diante de qualquer dessas sedes da justiça, quanto mais confiar uma questão importante ao altamente instável — e quase sempre corrupto — sistema judiciário, no qual não se podia absolutamente confiar. Ergui os olhos e fitei diretamente os dele, bem-humorados, mas insondáveis. Se eu reagia ao que eu era, Jamie também o fazia.

E Jamie era um senhor de terras das Highlands, acostumado a seguir suas próprias leis e lutar suas próprias guerras.

— Mas — comecei a dizer.

— Sassenach — ele disse, com absoluta serenidade. — E quanto aos outros? Os outros. Parei de me mover, paralisada pela lembrança repentina; um grupo grande de figuras negras saindo da floresta com o sol por trás delas. Mas esse grupo havia se dividido em dois, pretendendo se encontrar novamente em Brownsville dali a três dias — hoje, na verdade.

Por enquanto, presumivelmente ninguém em Brownsville sabia ainda do que acontecera — que Hodgepile e seus homens estavam mortos, ou que Lionel Brown agora era prisioneiro em Ridge. Levando em conta a velocidade com que as notícias se espalhavam nas montanhas, isso seria de conhecimento público em uma semana.

No período de choque que se seguiu, eu de certa forma esqueci o fato de que ainda havia um grupo de bandidos à solta — e, embora eu não soubesse quem eram, eles sabiam quem eu era e onde estava.

Saberiam que eu não conseguiria identificá-los? Ou estariam dispostos a correr esse risco? Obviamente, Jamie não estava disposto a correr o risco de deixar Bridge para escoltar Lionel Brown a lugar algum, quer decidisse deixar o sujeito viver ou não.

Mas a lembrança dos outros me trouxe algo importante de volta.

Talvez não fosse o melhor momento para mencionar isso, mas, por outro lado, não iria haver um momento propício.

Respirei fundo, preparando-me para o que viria.

— Jamie.

O tom da minha voz o arrancou abruptamente do que quer que ele estivesse pensando; olhou-me incisivamente, uma das sobancelhas erguidas.

— Eu... eu tenho que lhe contar uma coisa.

Ele ficou um pouco pálido, mas imediatamente estendeu o braço e segurou minha mão. Ele mesmo respirou fundo e assentiu.

— Sim.

— Oh — eu disse, compreendendo que ele achava que eu queria dizer que repentinamente chegara o momento em que precisava lhe contar os detalhes sórdidos de minhas experiências.

— Não, isso não. Não exatamente. — Mas apertei sua mão e continuei segurando-a, enquanto lhe falava de Donner.

— Outro — ele disse. Pareceu ligeiramente atordoado. — Outro, então?

— Outro — confirmei. — O problema é que... eu, hum, eu não me lembro de tê-lo visto... visto morto. — A sensação estranha daquela aurora retornou até mim. Eu tinha lembranças muito nítidas e distintas, mas eram desordenadas, tão fracionadas que pareciam não ter nenhuma relação com o todo. Uma orelha. Eu me lembrava de uma orelha, grossa e arredondada como um cogumelo silvestre. Estava sombreada nos mais estranhos tons de púrpura, marrom e índigo, escura nos volteios esculpidos das partes internas, quase translúcida na borda, perfeita à luz de um raio de sol que cortava as folhagens da cicuta e a atingiam.

Eu me lembrava dessa orelha tão perfeitamente que quase podia entrar na minha memória e tocá-la — mas eu não fazia a

menor ideia de quem era aquela orelha. O cabelo que ficava por trás dela seria castanho, preto, ruivo, liso, ondulado, grisalho? E o rosto... eu não sabia. Se eu olhei, eu não vi.

Ele me lançou um olhar penetrante.

— E você acha que ele talvez não esteja.

— Talvez não. — Engoli o gosto de poeira, agulhas de pinheiro e sangue, e respirei o cheiro fresco e reconfortante da coalhada. — Eu o avisei, sabe. Disse a ele que você viria e que ele não iria querer ser encontrado comigo. Quando você atacou o campo... ele deve ter fugido.

Ele certamente me pareceu um covarde. Mas não sei.

Ele balançou a cabeça e suspirou pesadamente. — Você pode... se lembrar, você acha? — perguntei, hesitante. — Quando me mostrou os mortos. Você olhou para eles? — Não — ele disse, brandamente. — Eu só olhava para você.

Seus olhos estavam fixos em nossas mãos unidas. Agora, ele os ergueu e olhou para o meu rosto, transtornado, investigando. Ergui sua mão e recostei a face contra os nós dos seus dedos, fechando os olhos por um instante.

— Vou ficar bem — eu disse. — O problema é... — eu disse, e parei.

— Sim?

— Se ele realmente fugisse, para onde você acha que ele iria?

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Para Brownsville — ele disse, com resignação. — E, se ele tiver feito isso, Richard Brown já sabe o que aconteceu a Hodgepile e seus homens, e provavelmente acha que seu irmão também está morto.

— Oh. — Engoli em seco e mudei ligeiramente de assunto. — Por que você disse a Ian que ele não deveria me deixar ver o sr. Brown?

— Eu não disse isso. Mas acho que é melhor que você não o veja, isso é verdade.

— Por quê?

— Porque você fez um juramento — ele disse, soando levemente surpreso por eu não ter entendido de imediato. — Você pode ver um homem ferido e deixá-lo sofrer?

A pomada estava pronta. Desenrolei o dedo, que parara de sangrar, e calquei o máximo do unguento sob a unha ferida que me foi possível.

— Provavelmente, não — eu disse, os olhos no trabalho. — Mas por que...

— E se você cuidar dele, curá-lo... e depois eu decidir que ele deve morrer? — Seus olhos repousaram em mim, indagadores. — Como você se sentiria?

— Bem, isso de fato seria um pouco estranho — eu disse, respirando fundo para me acalmar. Enrolei uma nova tira de linho fina em volta de sua unha e amarrei-a com capricho. — Ainda assim, entretanto...

— Você deseja cuidar dele? Por quê? — Ele parecia curioso, mas não zangado. — Seu juramento é tão forte assim?

— Não. — Coloquei ambas as mãos sobre a mesa para me apoiar; meus joelhos pareciam repentinamente fracos. — Porque estou contente por eles estarem mortos — sussurrei, baixando a cabeça. Minhas mãos estavam esfoladas e eu trabalhava desajeitadamente porque meus dedos ainda estavam inchados; ainda havia profundas marcas roxas na pele dos meus pulsos. — E eu estou muito...

— O quê?

Com medo; com medo dos homens, com medo de mim mesma. Empolgada, de uma maneira horrível. — Envergonhada — eu disse. — Terrivelmente envergonhada. — Ergui os olhos para ele. — Eu detesto isso.



Ele estendeu a mão para mim, à espera. Sabia que era melhor não me tocar; eu não suportaria ser tocada naquele momento. Não tomei sua mão, não imediatamente, embora quisesse. Desviei os olhos, falando rapidamente com Adso, que se materializara sobre a bancada e fitava-me com olhar verde insondável.

— Se eu... Eu fico pensando... se eu o visse, o ajudasse... Meu Deus, eu não quero, de maneira nenhuma! Mas se eu pudesse... talvez isso... me ajudasse de alguma forma. — Ergui os olhos, então, sentindo-me assombrada. — A fazer as pazes... comigo mesma.

— Por estar contente de estarem mortos... e por querer vê-lo morto também? — Jamie sugeriu delicadamente.

Balancei a cabeça, sentindo como se um pequeno peso tivesse saído de cima com o pronunciamento daquelas palavras. Não me lembro de ter tomado sua mão, mas estava apertada com força na minha. O sangue se filtrava pelo novo curativo em seu dedo, mas ele não prestava nenhuma atenção.

— Você quer matá-lo? — perguntei.

Ele olhou para mim por um longo instante antes de responder.

— Oh, sim — ele disse, muito suavemente. — Mas, por enquanto, a vida dele é segurança pela sua. Para todos nós, talvez. E, portanto, ele vive. Por enquanto. Mas eu farei perguntas... e devo obter respostas.

Fui sentar em meu consultório por algum tempo depois que ele saiu.

Ao emergir lentamente do choque, eu me sentira segura, cercada pela casa e pelos amigos, por Jamie. Agora eu tinha que lidar com o fato de que nada estava seguro — nem eu, nem a casa, nem os amigos — e certamente não Jamie.

— Por outro lado, você nunca está, não é, maldito escocês? — eu disse em voz alta, e ri, frouxamente.

Apesar de débil, o riso me fez sentir melhor. Levantei-me com súbita decisão e comecei a arrumar os armários, alinhando os frascos por ordem de tamanho, varrendo pedacinhos espalhados de ervas secas, jogando fora soluções de aspecto suspeito ou validade expirada.

Eu pretendia ir visitar Marsali, mas Fergus me disse no café da manhã que Jamie a havia enviado com as crianças e Lizzie para ficarem com os McGillivray, onde cuidariam dela e ela estaria segura. Se houvesse segurança em números, a casa dos McGillivray certamente era o lugar certo.

Localizada perto de Woolam's Creek, a casa dos McGillivray era vizinha da tanoaria de Ronnie Sinclair e englobava uma massa fervilhante de gente cordial, inclusive não apenas Robin e Ute McGillivray, seu filho, Manfred, e sua filha Senga, como também Ronnie, que morava com eles.

O costumeiro cenário de confusão era intermitentemente ampliado pela presença do noivo de Senga McGillivray, Heinrich Strasse, e seus parentes alemães de Salem, e por Inga e Hilda, seus maridos e filhos, e parentes de seus maridos.

Acrescentem-se os homens que se reuniam diariamente na loja de Ronnie, uma parada conveniente na estrada que ia e vinha de Woolam's Mill, e provavelmente ninguém nem notaria Marsali e sua família no meio da turba. Certamente, ninguém iria tentar feri-la ali. Mas para eu ir visitá-la...

O tato e a gentileza das Highlands eram uma coisa. A hospitalidade e a curiosidade das Highlands eram outra. Se eu permanecesse tranquilamente em casa, muito provavelmente seria deixada em paz — ao menos por algum tempo. Mas se eu colocasse o pé em qualquer lugar perto dos McGillivray... Empalideci diante da ideia e apressadamente decidi que talvez eu fosse visitar Marsali no dia seguinte. Ou no próximo.

Jamie me assegurara de que ela estava bem, apenas machucada e chocada.

A casa me cercava de paz. Nenhum ruído de fundo moderno de aquecedores, ventiladores, encanamento, refrigeradores. Nenhum zunido de chamas de fogão ou zumbido de compressores. Apenas o esporádico estalido de uma viga ou tábua do assoalho, e o som arranhado, estranhamente abafado, de uma vespa construindo seu ninho sob o beiral do telhado.

Olhei ao redor do mundo ordenado do meu consultório — fileiras de botijas e garrafas brilhantes, telas de linho carregadas de araruta secando e grandes feixes de lavanda, molhes de urtiga, mil-folhas e alecrim pendurados no alto. A garrafa de éter, o sol brilhando sobre ela.

Adso enroscado sobre a bancada, a cauda perfeitamente enrolada ao redor das patas, os olhos semicerrados em ronronante contemplação.

Lar. Um pequeno estremecimento correu pela minha espinha. Eu não queria nada além de ficar sozinha, segura e sozinha, em minha própria casa.

Segura. Eu tinha um dia, talvez dois, em que minha casa ainda seria segura. E depois...

Percebi que eu ficara parada, imóvel, por alguns momentos, fitando inexpressivamente uma caixa de frutinhas da beladona amarela, redondas e brilhantes como bolas de gude. Muito venenosas, causando uma morte lenta e dolorosa. Meus olhos ergueram-se para o éter — rápido e misericordioso. Se Jamie realmente resolvesse matar Lionel Brown... Mas não. As claras, ele dissera, em pé diante de testemunhas. Devagar, fechei a caixa e coloquei-a de volta na prateleira.

E agora? Sempre havia serviços a serem feitos — mas nada premente, ninguém clamando para ser alimentado, vestido ou tratado. Sentindo-me muito estranha, andei pela casa durante

algum tempo e finalmente entrei no gabinete de Jamie, onde fiquei remexendo nos livros na estante, decidindo-me finalmente por Tom Jones, de Henry Fielding.

Não conseguia me lembrar de quando fora a última vez que eu lera um romance. E durante o dia! Sentindo-me agradavelmente travessa, sentei junto à janela aberta do meu consultório e entrei resolutamente em um mundo muito distante do meu.

Perdi a noção do tempo, movendo-me apenas para espantar insetos voadores que entravam pela janela ou para distraidamente afagar a cabeça de Adso quando ele se aconchegou junto a mim. Pensamentos esporádicos de Jamie e Lionel Brown vagavam no fundo da minha mente, mas eu os afugentava como os pequenos gafanhotos e mosquitos que aterrissavam em minha página, vindos pela janela. O que quer que estivesse acontecendo na cabana dos Bug, tivesse acontecido ou fosse acontecer — eu simplesmente não podia pensar nisso. Enquanto eu lia, a bolha de sabão formou-se ao meu redor outra vez, repleta de perfeita quietude.

O sol já descia no horizonte quando leves espasmos de fome começaram a se fazer sentir. Foi quando levantei os olhos, esfregando a testa e imaginando vagamente se ainda sobrara algum presunto, que eu vi um homem de pé no vão da porta do meu consultório.

Dei um grito estridente e levantei-me de um salto, fazendo Henry Fielding voar para o chão.

— Desculpe-me, senhora! — Thomas Christie disse apressadamente, parecendo quase tão sobressaltado quanto eu. — Eu não havia percebido que a senhora não tinha me ouvido.

— Não. Eu... eu... estava lendo. — Abanei a mão tolamente na direção do livro no chão. Meu coração batia com força e o sangue circulava em ondas, aparentemente aleatórias, pelo meu corpo, de modo que meu rosto ficou vermelho, minhas orelhas latejavam e minhas mãos formigavam, tudo fora de controle.

Ele abaixou-se e pegou o livro, alisando sua capa com a atitude cuidadosa de alguém que dá valor a livros, embora o próprio volume estivesse surrado, a capa manchada com círculos onde copos ou garrafas molhadas haviam sido colocados. Jamie o adquirira do proprietário de uma taverna em Cross Creek, em uma troca parcial por um lote de lenha; um freguês o abandonara lá, meses antes.

— Não há ninguém aqui para cuidar da senhora? — ele perguntou, franzindo o cenho enquanto olhava ao redor. — Quer que eu vá chamar minha filha para vir aqui? — Não. Quero dizer... não preciso de ninguém. Estou perfeitamente bem. E o senhor? — perguntei rapidamente, impedindo quaisquer outras expressões de preocupação de sua parte. Ele olhou para o meu rosto, depois desviou o olhar rapidamente. Com os olhos cuidadosamente fixos nas vizinhanças da minha clavícula, ele colocou o livro sobre a mesa e estendeu a mão direita, envolta em um pano.

— Desculpe-me, senhora. Eu não viria incomodá-la, se não fosse...

Eu já desenrolava o pano de sua mão. Ele havia aberto a incisão em sua mão direita — provavelmente, percebi com um ligeiro aperto no estômago, durante a luta com os bandidos. O ferimento não era grave, mas havia terra e sujeiras no corte, as bordas estavam vermelhas e abertas, as superfícies em carne viva enevoadas com uma película de pus.

— Deveria ter vindo imediatamente — eu disse, embora sem nenhum tom de censura. Eu sabia perfeitamente bem por que ele não viera, e na verdade eu não estaria em condições de cuidar dele, se tivesse vindo.

Ele encolheu ligeiramente os ombros, mas não se deu ao trabalho de responder. Eu o fiz sentar e fui buscar meus apetrechos. Felizmente, restava um pouco da pomada antisséptica que eu fizera

para a unha de Jamie. Isso, uma rápida lavagem com álcool, ataduras limpas...

Ele virava lentamente as páginas de Tom Jones, os lábios franzidos em concentração. Evidentemente, Henry Fielding serviria como anestésico para a tarefa a ser executada; não seria necessário ir buscar uma Bíblia.

— O senhor lê romances? — perguntei, sem nenhuma animosidade, mas apenas surpresa que ele pudesse aprovar algo tão frívolo.

Ele hesitou.

— Sim. Eu... sim. — Respirou profundamente quando mergulhei sua mão na tigela, mas ela continha apenas água, saponária e uma quantidade mínima de álcool, e ele soltou o ar dos pulmões com um suspiro.

— Já leu Tom Jones? — perguntei, puxando conversa para fazê-lo relaxar.

— Não exatamente, embora eu conheça a história. Minha mulher...

Parou abruptamente. Ele nunca mencionara sua mulher antes; imaginei que era o puro alívio de não experimentar dor que o tornava loquaz. Ele pareceu perceber que deveria terminar a frase e continuou, com relutância.

— Minha mulher... lia romances.

— É mesmo? — murmurei, iniciando o trabalho de limpeza do ferimento. — Ela gostava? — Imagino que sim.

Havia algo estranho em sua voz que me fez erguer os olhos do trabalho. Ele percebeu meu olhar e desviou o rosto, enrubescendo.

— Eu... não aprovava a leitura de romances. Na época.

Ele ficou em silêncio por uns instantes, mantendo a mão firme. Em seguida, falou de um fôlego só: — Eu queimei os livros dela.

Isso soava mais como a resposta que eu esperaria dele. — Ela não deve ter ficado nada satisfeita com isso — eu disse, brandamente, e ele me lançou um olhar espantado, como se a questão da reação de sua mulher fosse tão irrelevante que não merecesse a observação.

— Ah... o que o fez mudar de opinião? — perguntei, concentrando-me na remoção dos fragmentos de sujeira do ferimento com minhas pinças. Farpas e lasquinhas de casca de árvore. O que ele andara fazendo? Brandindo algum tipo de tacape, pensei, um galho de árvore? Respirei fundo, concentrando-me no trabalho para não pensar nos corpos na clareira.

Ele remexeu as pernas, inquieto; eu estava causando um pouco de dor agora.

— Eu... hã... em Ardsmuir.

— O quê? Você o leu na prisão? — Não. Não tínhamos livros lá. — Ele respirou fundo, olhou para mim, depois desviou o olhar, e fixou os olhos no canto da sala, onde uma aranha empreendedora se aproveitara da ausência temporária da sra. Bug para montar uma teia.

— Na realidade, eu nunca o li de fato. Mas o sr. Fraser costumava contar a história aos outros prisioneiros. Ele tem uma memória excelente — ele acrescentou, com certa má vontade.

— Sim, é verdade — murmurei. — Não vou costurar o corte; será melhor se deixarmos o ferimento se curar por si próprio. Receio que a cicatriz não fique muito boa — acrescentei, pesarosa —, mas acho que vai sarar bem.

Espalhei uma grossa camada de pomada sobre a ferida e juntei as bordas do corte o mais apertado possível, sem cortar a circulação. Bri andara fazendo experiências com ataduras adesivas e produzira algo bastante útil no formato de pequenas borboletas, feitas de linho engomado e resina de pinheiro.

— Então, você gostou de Tom Jones? — eu disse, retornando ao assunto. — Eu não imaginaria que você pudesse considerá-lo um personagem admirável. Quero dizer, ele não é exatamente um grande exemplo moral.

— Não gosto — ele disse, secamente. — Mas vi que a ficção — pronunciou a palavra cuidadosamente, como se fosse algo perigoso — talvez não fosse, como eu pensava, meramente um fator de incentivo à ociosidade e à fantasia desregrada.

— Ah, não é? — perguntei, achando graça, mas tentando não sorrir por causa do meu lábio. — Quais são, na sua opinião, suas características redentoras? — Sim, bem. — Suas sobrancelhas uniram-se, pensativo. — Eu achei simplesmente notável. Que aquilo que essencialmente não passa de uma confecção de mentiras pudesse de alguma forma conseguir exercer um efeito benéfico. Porque é o que fazia — ele concluiu, parecendo ainda um pouco surpreso.

— É mesmo? Como assim? Ele inclinou a cabeça, refletindo.

— Era uma distração, sem dúvida. Em tais condições, a distração não é um mal — assegurou-me. — Embora, obviamente, seja mais desejável fugir para as preces...

— Oh, claro — murmurei.

— Mas fora essa consideração... isso aproximava os homens. Você não imaginaria que esses homens do campo, das Highlands, se identificassem com... tais situações, tais pessoas. — Abanou a mão livre na direção do livro, indicando pessoas como o escudeiro Allworthy e lady Bellaston, imaginei.

— Mas eles falavam sobre isso durante horas. No dia seguinte, enquanto trabalhávamos, eles se perguntavam por que Northerton agira daquela forma com relação à srta. Western e discutiam se eles próprios teriam ou não agido assim. — Seu rosto se iluminou um pouco, lembrando-se de alguma coisa. — E invariavelmente um homem sacudiria a cabeça e diria: "Ao menos,



eu nunca fui tratado desse modo!" Ele podia estar com fome, com frio, coberto de machucados, permanentemente separado de sua família e circunstâncias comuns... e ainda assim conseguia achar consolo em nunca ter sofrido tais vicissitudes como as que se abateram sobre esses seres imaginários! Ele chegou até mesmo a sorrir, sacudindo a cabeça diante do pensamento, e eu achei que o sorriso lhe dava um aspecto muito melhor.

Eu terminara o curativo e coloquei sua mão sobre a mesa.

— Obrigada — eu disse, serenamente.

Ele pareceu espantado.

— O quê? Por quê? — Estou presumindo que o ferimento tenha sido talvez consequência da luta travada por minha causa — eu disse. Toquei sua mão de leve. — Eu, hã... bem. — Respirei fundo. — Obrigada.

— Oh. — Ele pareceu absolutamente desconcertado e completamente embaraçado.

— Eu... hã... humm! — Empurrou o banquinho para trás e levantou-se, parecendo afogueado. Levantei-me, também.

— Vai precisar passar uma nova pomada todos os dias — eu disse, retomando um tom impessoal.

Ele balançou a cabeça, mas não disse nada, tendo evidentemente exaurido seu suprimento de sociabilidade para o dia. Mas eu vi seu olhar demorar-se na capa do livro e, num impulso, o ofereci a ele.

— Gostaria de levá-lo emprestado? Você realmente deveria lê-lo; tenho certeza de que Jamie não poderia ter se lembrado de todos os detalhes.

— Oh! — Pareceu espantado e franziu os lábios, o cenho carregado, como se suspeitasse tratar-se de algum tipo de armadilha. No entanto, quando insisti, ele pegou o livro, segurando-o com uma expressão de cautelosa avidez que me fez

imaginar quanto tempo se passara desde que ele tivera algum livro para ler que não a Bíblia.

Ele balançou a cabeça em agradecimento e colocou o chapéu, virando-se para ir embora. Em um impulso repentino, perguntei: — Algum dia teve a oportunidade de pedir desculpas à sua mulher? Isso foi um erro. Seu rosto transformou-se em uma máscara fria e seus olhos tornaram-se fixos como os de uma cobra.

— Não — respondeu laconicamente. Pensei por um instante que ele iria colocar o livro de volta na mesa e recusar-se a levá-lo. Mas, em vez disso, ele apertou os lábios, enfiou o livro firmemente debaixo do braço e saiu, sem mais despedidas.

*E ASSIM PARA A CAMA*

Não veio mais ninguém. Quando a noite chegou, eu estava começando a me sentir um pouco nervosa, sobressaltando-me com ruídos, espreitando as sombras cada vez mais profundas sob as castanheiras à procura de homens emboscados — ou pior. Achei que deveria cozinhar alguma coisa; certamente Jamie e Ian pretendiam voltar para casa para o jantar, não? Ou talvez eu devesse descer à cabana, ficar com Roger e Bri.

Mas encolhi-me diante da ideia de ser exposta a qualquer tipo de solicitude, por mais bem-intencionadas que fossem, e, embora eu ainda não tivesse tido coragem de me olhar no espelho, estava razoavelmente convicta de que meu aspecto assustaria Jemmy — ou ao menos levaria a uma série de perguntas. Eu não queria ter que tentar explicar a ele o que acontecera comigo. Tinha quase certeza de que Jamie dissera a Brianna para ficar distante um pouco, e isso era bom. Eu realmente não estava em condições de fingir que estava bem. Ainda não.

Andando a esmo pela cozinha, eu pegava um ou outro objeto e os largava outra vez, sem nenhum propósito. Abri as gavetas do armário e fechei-as novamente — depois abri a segunda, aquela onde Jamie guardava suas pistolas.

A maioria das pistolas não estava mais ali. Restava apenas a ornamentada de dourado que não atirava com precisão, com

algumas cargas e um pequeno chifre de pólvora, do tipo feito para sofisticadas pistolas de duelo.

Com as mãos tremendo apenas um pouco, carreguei-a e despejei um pouco de pólvora na câmara de combustão.

Quando a porta dos fundos se abriu, bastante tempo depois, eu estava sentada à mesa, um exemplar de Dom Quixote aberto à minha frente, apontando a pistola com as duas mãos para a porta.

Ian ficou momentaneamente paralisado.

— Você nunca acertaria ninguém com essa arma a essa distância, tia — ele disse suavemente, entrando.

— Eles não iriam saber disso, não é? — Coloquei a pistola sobre a mesa com todo cuidado. As palmas das minhas mãos estavam úmidas e meus dedos doíam.

Ele balançou a cabeça, entendendo a ideia, e sentou-se. — Onde está Jamie? — perguntei.

— Está se lavando. Você está bem, tia? — Seus meigos olhos castanho-claros fizeram uma avaliação descontraída, mas minuciosa, do meu estado.

— Não, mas estou sobrevivendo. — Hesitei. — E... o sr. Brown? Ele... disse alguma coisa a vocês? Ian fez um muxoxo desdenhoso.

— Se mijou todo quando tio Jamie tirou a adaga do cinto para limpar as unhas. Nós não tocamos nele, tia, não se preocupe.

Jamie entrou, barbeado, a pele fria e fresca da água do poço, os cabelos úmidos nas têmporas. Apesar disso, parecia mortalmente cansado, as rugas de seu rosto fundas e os olhos sombreados de olheiras.

No entanto, seu rosto se iluminou um pouco ao me ver com a pistola.

— Está tudo bem, a nighean — ele disse brandamente, tocando meu ombro, enquanto se sentava ao meu lado. — Coloquei

homens de sentinela na casa... só por precaução. Embora eu ainda não espere nenhum problema nos próximos dias.

Soltei a respiração com um longo suspiro.

— Você podia ter me dito isso.

Ele olhou para mim, surpreso.

— Pensei que soubesse. Certamente você não ia pensar que eu iria deixá-la desprotegida, não é, Sassenach? Sacudi a cabeça, momentaneamente incapaz de falar. Se eu estivesse em condições de pensar com lógica, é claro que não o faria. Na verdade, entretanto, eu passara a maior parte da tarde em um estado de silencioso — e desnecessário — terror, imaginando, lembrando...

— Desculpe, querida — ele disse ternamente, colocando a mão grande e fria sobre a minha. — Eu não deveria tê-la deixado sozinha. Eu pensei...

Sacudi a cabeça, mas coloquei a outra mão sobre a dele, pressionando-a com força.

— Não, você estava certo. Eu não teria suportado nenhuma outra companhia, além de Sancho Pança.

Ele olhou para Dom Quixote, depois para mim, as sobrancelhas erguidas. O livro era em espanhol, que eu não falava.

— Bem, grande parte se parece com o francês e eu já conheço a história — eu disse. Respirei fundo, tentando me reconfortar com o calor do fogo, com a luz trêmula da vela e com a proximidade dos dois homens, grandes, sólidos, pragmáticos e, externamente, ao menos, imperturbáveis.

— Tem alguma coisa para comer aí, tia? — Ian perguntou, levantando-se para olhar. Estando eu mesma sem apetite e irrequieta demais para me concentrar no que quer que fosse, eu não almoçara, nem preparara nada para o jantar, mas sempre havia comida naquela casa e sem maiores alardes Jamie e Ian equiparam-se rapidamente com o que sobrara de uma torta fria de perdiz, vários ovos cozidos, uma travessa de pickles e metade de um pão,

que fatiaram e tostaram sobre o fogo com um garfo, passando manteiga nas fatias e empurrando-as para mim de uma maneira que não admitia discussão.

Torrada quente e amanteigada é imensamente reconfortante, ainda que aos pedacinhos, devagar, por causa do maxilar dolorido. Com alimento no estômago, comecei a me sentir bem mais calma e capaz de perguntar o que ficaram sabendo através de Lionel Brown.

— Ele coloca toda a culpa em Hodgepile — Jamie me disse, cobrindo uma fatia de torta com pickles. — É claro que faria isso.

— Você não se encontrou com Arvin Hodgepile — eu disse, com um pequeno tremor. — Hã... para conversar, quero dizer.

Lançou-me um olhar penetrante, mas não prosseguiu com esse assunto, deixando a cargo de Ian explicar a versão dos acontecimentos de Lionel Brown.

Tudo começara com ele e seu irmão, Richard, criando seu Comitê de Segurança. Isso, ele insistia, tinha a intenção de ser um serviço público, pura e simplesmente. Jamie fez um muxoxo diante disso, mas não interrompeu.

A maioria dos homens moradores de Brownsville havia se unido ao comitê — a maioria dos arrendatários e pequenos fazendeiros das vizinhanças não o fez. Mesmo assim, até aí, tudo bem. O comitê lidara com uma série de pequenas questões, aplicando a justiça em casos de assalto, roubo e delitos semelhantes, e, se tivessem se apropriado de um ou outro porco ou carcaça de veado como forma de pagamento por seu trabalho, não houve muita queixa.

— Ainda há muita comoção por causa dos Reguladores — Ian explicou, franzindo o cenho enquanto cortava outra fatia de pão. — Os Brown não se uniram aos Reguladores; não precisavam, já que seu primo era o xerife e quase todos os membros do palácio da

justiça eram da família Brown, ou casados com um Brown. — A corrupção, em outras palavras, estava do lado deles.

O sentimento da Regulação ainda era intenso no interior, apesar de os principais líderes do movimento, como Hermon Husband e James Hunter, terem deixado a colônia. Depois de Alamance, a maioria dos Reguladores tornou-se mais cautelosa em se manifestar — mas várias famílias de Reguladores que viviam perto de Brownsville passaram a expressar suas críticas à influência dos Brown na política e nos negócios locais.

— Tige O'Brian era um deles? — perguntei, sentindo a torrada amanteigada fundir-se em um bolo duro e pequeno em meu estômago.

Jamie me dissera o que acontecera aos O'Brian, e eu vira o rosto de Roger quando ele voltou.

Jamie balançou a cabeça, sem levantar os olhos de sua torta. — É aí que entra Arvin Hodgepile — ele disse, dando uma mordida feroz. Hodgepile, depois de conseguir escapar das coerções do exército britânico fingindo ter morrido no incêndio do entreposto em Cross Creek, resolveu ganhar a vida de diversas formas indignas. E, como a água que sempre procura seu próprio nível, acabou com uma pequena quadrilha de bandidos com as mesmas intenções.

Essa gangue começara de maneira bastante simples, roubando qualquer um que cruzasse seu caminho, assaltando tavernas e atos semelhantes. Mas tal tipo de comportamento tende a atrair atenção e, com vários policiais, xerifes, Comitês de Segurança e outros mais em seu encalço, o bando se retirou da região costeira onde começou a agir e subiu as montanhas, onde podia encontrar fazendas e assentamentos isolados. Começaram também a matar suas vítimas, para evitar o problema de reconhecimento e perseguição.

— Ou a maioria delas — Ian murmurou. Olhou para o ovo cozido parcialmente comido em sua mão por um instante, depois o deixou.

Em sua carreira no exército em Cross Creek, Hodgepile fizera vários contatos com diversos comerciantes ribeirinhos e contrabandistas do litoral. Alguns comerciavam peles de animais, outros qualquer coisa que desse lucro.

— E ocorreu-lhes — Jamie disse, respirando fundo — que meninas, mulheres e garotos são mais lucrativos do que qualquer outra coisa, a não ser uísque, talvez. — O canto de sua boca torceu-se, mas não era um sorriso.

— Nosso sr. Brown insiste que ele nada tinha a ver com isso — Ian acrescentou, um tom cínico na voz. — Nem seu irmão ou o comitê.

— Mas como os Brown se envolveram com a quadrilha de Hodgepile? — perguntei. — E o que faziam com as pessoas que sequestravam? A resposta à primeira pergunta é que fora o feliz resultado de um roubo malfeito.

— Lembra-se da velha fazenda de Aaron Beardsley? — Lembro-me — eu disse, franzindo o nariz em reflexo, diante da lembrança daquela terrível pocilga, depois emitindo um pequeno grito e colocando ambas as mãos sobre meu dolorido apêndice.

Jamie olhou para mim e colocou outro pedaço de pão em seu garfo de tostar.

— Bem — continuou, ignorando meus protestos de que já estava satisfeita —, os Brown tomaram posse do lugar, é claro, quando adotaram a menina. Limparam tudo, fizeram nova estocagem e passaram a usar o lugar como um posto comercial.

Os cherokees e os catawbas estavam acostumados a irem ao local — horrível como era — quando Aaron Beardsley o administrava como comerciante junto aos índios, e continuaram a fazer negócios com a nova administração — um arranjo muito



conveniente e lucrativo para todos. — E foi o que Hodgepile viu — Ian interpôs. A gangue de Hodgepile, com seus métodos diretos de fazer negócio, entrou, matou o casal encarregado e começou a saquear sistematicamente o lugar. A filha de onze anos do casal, que felizmente estava no celeiro quando o bando chegou, fugiu, montou em uma mula e partiu para Brownsville em busca de socorro. Por sorte, ela encontrou o Comitê de Segurança, retornando de alguma missão, e os levou de volta a tempo de enfrentar os assaltantes.

Seguiu-se então o que anos mais tarde ficaria conhecido como impasse mexicano. Os Brown cercaram a casa. Hodgepile, entretanto, tinha Alicia Beardsley Brown — a menina de dois anos que legalmente era a dona do posto comercial e que fora adotada pelos Brown com a morte de seu suposto pai.

Hodgepile tinha munição e alimento suficientes dentro da casa para aguentar um cerco de semanas; os Brown não queriam atear fogo à sua valiosa propriedade a fim de obrigá-los a sair, nem arriscar a vida da menina invadindo o lugar. Após um ou dois dias de uma troca de tiros inútil, os membros do comitê ficaram cada vez mais inquietos de ter que acampar na floresta em volta do posto comercial e uma bandeira de trégua foi acenada da janela mais alta. Assim, Richard Brown entrou para negociar com Hodgepile.

O resultado foi um estranho tipo de fusão. O bando de Hodgepile continuaria suas operações, mantendo-se distante de qualquer assentamento sob a proteção dos Brown, mas traria os produtos de seus roubos para o posto comercial, de onde poderiam ser negociados com um bom lucro sem levantar suspeitas, cabendo uma generosa parte dos lucros ao pessoal de Hodgepile.

— Os produtos — eu disse, aceitando uma nova fatia de torrada amanteigada de Jamie. — O que... você quer dizer prisioneiros? — Às vezes. — Ele pressionou os lábios com força, enquanto servia uma caneca de sidra e a entregava a mim. — E

dependendo de onde estavam. Quando faziam prisioneiros nas montanhas, alguns deles eram vendidos aos índios, através do posto comercial. Aqueles que capturavam na região costeira eles vendiam aos piratas dos rios ou levavam para o litoral para vender para as Antilhas; esse seria o melhor preço, sabe? Um garoto de quatorze anos rendia no mínimo cem libras.

Senti os lábios dormentes e não apenas da sidra.

— Por quanto tempo? — eu disse, perplexa. — Quantos? — Crianças e adolescentes arrancados de seus lares e vendidos friamente à escravidão. Ninguém para ir atrás deles. Ainda que eventualmente conseguissem fugir, não haveria nenhum lugar para onde voltar, ninguém a quem recorrer.

Jamie suspirou. Ele parecia insuportavelmente cansado.

— Brown não sabe — Ian disse serenamente. — Ele diz... Ele diz que nada teve a ver com isso. — Pois sim que não sabia! — exclamei, um lampejo de fúria momentaneamente eclipsando o horror. — Ele estava com Hodgepile quando vieram aqui. Ele sabia que pretendiam roubar o uísque. E devia estar com eles antes, quando eles... fizeram outras coisas.

Jamie assentiu.

— Ele diz que tentou impedir que a levassem.

— E tentou — eu disse laconicamente. — Mas depois tentou fazê-los me matar, para impedir que eu contasse a você que ele estivera lá. E depois o miserável pretendia, ele próprio, me afogar! Acho que ele não contou isso a vocês.

— Não, não contou. — Ian trocou um breve olhar com Jamie e eu os vi trocar um acordo tácito. Ocorreu-me que eu poderia ter acabado de selar o destino de Lionel Brown. Se assim fosse, não tinha certeza de que me sentia culpada por isso.

— O que... o que pretende fazer com ele? — perguntei.

— Acho que vou enforcá-lo — Jamie respondeu, após um momento de pausa. — Mas tenho mais perguntas que precisam de

respostas. E tenho que decidir qual a melhor maneira de resolver o assunto. Não se preocupe com isso, Sassenach. Você não vai vê-lo nunca mais.

Com isso, ele se levantou e se espreguiçou, estendendo os músculos, as articulações se estalando, depois remexeu os ombros, endireitando-se com um suspiro. Ele estendeu a mão para mim e me ajudou a levantar.

— Vá para a cama, Sassenach, eu também já vou. Só quero dar uma palavrinha com Ian primeiro.

Torradas quentes e amanteigadas, sidra e conversa me fizeram sentir momentaneamente melhor. Mas me sentia tão cansada que mal pude me arrastar escadas acima e fui obrigada a me sentar na cama, zozna e com a visão turva, na esperança de reunir forças para tirar as roupas. Somente alguns instantes depois é que vi que Jamie estava parado na entrada do quarto.

— Hã...? — eu disse, vagamente.

— Eu não sabia, você quer que eu fique com você esta noite? — ele perguntou, timidamente. — Se achar que vai descansar melhor sozinha, posso ficar com a cama de Joseph. Ou, se preferir, posso dormir ao seu lado, no chão.

— Oh — eu disse, confusa, tentando avaliar essas alternativas. — Não. Fique. Durma comigo, quero dizer. — Do fundo de um poço de exaustão, consegui trazer à superfície um arremedo de sorriso. — Ao menos, pode aquecer a cama.

Uma expressão extremamente peculiar atravessou rapidamente seu rosto diante das minhas palavras, e eu pestanejei, em dúvida se eu realmente a vira. Mas, sim, eu vira; seu rosto estava entre embaraçado e consternadamente divertido — e, por trás de tudo isso, a espécie de olhar que ele exibiria se estivesse indo para a morte na fogueira: heroicamente resignado.

— O que diabos você andou fazendo? — perguntei, suficientemente surpresa para ser sacudida do meu torpor.

O constrangimento estava dominando; as pontas de suas orelhas estavam ficando vermelhas e um rubor era visível em suas bochechas, mesmo à luz turva da vela fina que eu colocara sobre a mesa.

— Eu não ia lhe dizer — ele murmurou, evitando meu olhar.

— Jurei silêncio ao pequeno Ian e a Roger Mac.

— Oh, eles ficaram silenciosos como sepulturas — garanti-lhe.

Embora essa declaração talvez explicasse um olhar estranho no rosto de Roger às vezes, ultimamente. — O que está acontecendo? Ele suspirou, raspando a ponta da bota no chão.

— Sim, bem. É Tsisqua, sabe? Sua intenção era hospitalidade, da primeira vez, mas depois quando Ian lhe disse... bem, não foi a melhor coisa para dizer, nas circunstâncias, só que... E então, quando fomos na vez seguinte, lá estavam elas outra vez, só que outro par, e quando tentei fazê-las ir embora elas disseram que Pássaro mandara dizer que era uma honra à minha promessa, pois de que adiantava uma promessa que não custava nada manter? E não sei se ele realmente queria dizer isso ou se só estava pensando que ou eu iria ceder e ele teria controle sobre mim para sempre ou eu obteria para ele as armas que ele quer para terminar com isso de uma vez por todas... ou só estaria rindo à minha custa? Até Ian diz que ele também não sabe, e se ele...

— Jamie — eu disse. — De que você está falando? Lançou-me um rápido olhar de esguelha, depois desviou o olhar.

— Ah... mulheres nuas — disse de um jato só, e ficou vermelho como um pimentão.

Fitei-o, perplexa, por um instante. Meus ouvidos ainda zumbiam um pouco, mas não havia nada errado com eles. Apontei o dedo para ele — cuidadosamente, porque todos os meus dedos estavam inchados e machucados.

— Você — eu disse, pausadamente —, venha aqui agora mesmo.

Sente-se bem aqui — aponte para a cama ao meu lado — e diga-me em palavras de uma sílaba exatamente o que andou fazendo.

Ele o fez e, em consequência, cinco minutos depois eu estava estendida na cama, morrendo de rir, gemendo de dor com as minhas costelas quebradas e com lágrimas incontáveis escorrendo pelas minhas têmporas e entrando nos meus ouvidos.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus — disse, arfando.

— Não dá para acreditar, realmente não dá. Me ajude a sentar. — Estendi a mão, dei um gritinho de dor quando seus dedos se fecharam no meu pulso lacerado, mas finalmente me sentei, dobrando-me sobre um travesseiro agarrado junto à minha barriga e apertando-o cada vez com mais força sempre que um novo acesso de riso me dominava.

— Ainda bem que você acha tão engraçado, Sassenach — Jamie disse, muito secamente. Ele havia, até certo ponto, se recuperado, apesar de seu rosto ainda estar vermelho. — Tem certeza de que não está histérica? — Não, claro que não. — Funguei, enxugando os olhos delicadamente com um lenço úmido de linho, depois resfoleguei com uma risada incontável. — Oh! Ai, Deus, como dói! Suspirando, ele serviu um copo de água do frasco na mesinha de cabeceira e segurou-o para eu beber. Estava fria, mas insossa e enjoativa; achei que talvez ela estivesse ali desde antes...

— Está bem — eu disse, afastando o copo com a mão e enxugando meus lábios com muito cuidado. — Estou bem. — Respirei superficialmente, sentindo meu coração começar a reduzir o ritmo. — Bem, pelo menos agora eu sei por que vocês têm voltado das aldeias cherokees em tal estado de... de... — Senti uma

risadinha incontrollável assomando outra vez, dobrei-me novamente sobre o travesseiro, gemendo enquanto a reprimia. — Oh, Jesus H. Roosevelt Cristo. E eu que pensei que eram seus pensamentos em mim que o estavam enlouquecendo de desejo.

Ele próprio resfolegou, embora de forma mais branda. Colocou o copo na mesinha, levantou-se e dobrou a colcha para trás. Então, olhou para mim, e seus olhos eram francos, sem reservas.

— Claire — ele disse, muito delicadamente — era você. Sempre foi você e sempre será. Entre na cama e apague a vela. Assim que eu tiver amarrado as persianas, apagado a lareira e colocado a trava na porta, eu virei e a mantereí aquecida.

"MATE-ME." Os olhos de Randall estavam febris e brilhantes. "Mate-me", ele disse. "Meu coração é desejo." Acordou com um sobressalto, ouvindo as palavras ecoarem em sua cabeça, vendo os olhos, vendo os cabelos colados na cabeça pela chuva, o rosto de Randall, molhado como o de um homem afogado.

Esfregou a mão com força pelo próprio rosto, surpreso de ver que sua pele estava seca, a barba apenas uma sombra. A sensação de estar molhado, a coceira da barba de um mês ainda eram tão fortes que ele se levantou, movendo-se silenciosamente por instinto, e se dirigiu à janela, onde o luar brilhava através das fendas das persianas. Despejou um pouco de água na bacia, levou-a até um feixe de luz e olhou dentro da vasilha, para se livrar daquela sensação remanescente de ser outra pessoa, em outro lugar. O rosto na água não passava de um oval sem traços, mas barbeado, e os cabelos caíam soltos sobre seus ombros, não estavam amarrados para a luta. E, no entanto, parecia o rosto de um estranho.

Irrequieto, deixou a água na bacia e, após um instante, voltou silenciosamente para a cama.

Ela estava dormindo. Nem pensara nela quando acordara, mas agora a visão de sua figura adormecida o acalmou. Aquele

rosto que ele conhecia tão bem, apesar de surrado e inchado como estava.

Apoiou a mão na cabeceira da cama, reconfortado pela solidez da madeira. Às vezes, quando acordava, o sonho continuava com ele, e ele sentia o mundo real fantasmagórico, indistinto ao seu redor. Às vezes, temia ser um fantasma.

Mas os lençóis estavam frescos em sua pele e o calor de Claire era tranquilizador. Procurou-a e ela rolou sobre o corpo, curvando-se e encaixando-se de costas em seus braços com um pequeno grunhido de satisfação, seu traseiro redondo e firme contra ele.

Ela adormeceu outra vez imediatamente; não havia realmente acordado. Sentia uma forte ânsia de acordá-la, fazê-la conversar com ele — apenas para ter absoluta certeza de que podia vê-la, ouvi-la. Mas ele apenas continuou abraçando-a bem junto a si e, por cima de sua cabeça de cachos, ficou observando a porta, como se ela pudesse se abrir repentinamente e Jack Randall surgir ali, escorrendo água.

Mate-me, ele dissera. Meu coração é desejo.

Seu coração batia devagar, fazendo eco no ouvido que ele pressionava contra o travesseiro. Em algumas noites, ele adormecia ouvindo-o, confortado pelos batimentos monótonos, ritmados. Outras vezes, como agora, ouvia o silêncio mortal entre um batimento e outro — esse silêncio que pacientemente aguarda todos os homens.

Ele havia puxado as colchas sobre eles, mas agora as afastou outra vez, de modo que Claire continuasse coberta, mas suas próprias costas ficassem nuas, expostas ao frio do aposento, para que ele não deslizesse novamente para o sono aconchegante e se arriscasse a retornar ao sonho.

Que o sono lutasse por ele no frio e finalmente o arrancasse do precipício da consciência para as profundezas do absoluto

esquecimento.

Porque ele não desejava saber o que Randall quisera dizer com o que disse.



*A FORÇA É BOA DEMAIS*

Pela manhã, a sra. Bug estava de volta à casa e o ar estava quente e aromático com os cheiros da cozinha. Ela parecia a mesma de sempre e, fora um rápido olhar ao meu rosto e um estalo da língua em reprovação, não estava inclinada a fazer espalhafato. Ou ela era mais sensível do que eu pensava ou Jamie dera uma palavrinha com ela.

— Tome, a muirninn, coma enquanto está quente. — A sra. Bug fez deslizar um monte de peru desfiado da travessa para o meu prato e habilmente encimou-o com um ovo frito.

Balancei a cabeça em agradecimento e peguei meu garfo, com uma certa falta de entusiasmo. Meu maxilar ainda estava tão dolorido que mastigar era um esforço lento e doloroso.

O ovo desceu bem, mas o cheiro de cebola queimada parecia forte demais, gorduroso em minhas narinas. Separei um pedaço de batata e amassei-a contra o céu da boca, esmagando-a com a língua em vez de mastigá-la, depois engolindo o purê com um gole de café.

Mais na esperança de me distrair do que pela necessidade real de saber, perguntei: — E como vai o sr. Brown esta manhã? Os lábios dela se apertaram e jogou uma espátula de batatas fritas como se fosse o cérebro de Brown.

— Nem de longe tão mal quanto deveria estar — ela disse. — A força é boa demais para ele, não passa de um monte de bosta, fervilhando de larvas.

Cuspi o pedaço de batata que amassava na boca e tomei um novo gole apressado de café. Ele bateu no fundo e voltou. Empurrei o banco para trás e corri para a porta, alcançando-a bem a tempo de vomitar na moita de amoras-pretas, expelindo café, bílis e ovo frito.

Eu estava vagamente consciente da sra. Bug pairando ansiosamente no vão da porta e abanei a mão para que ela se afastasse. Ela hesitou por um instante, mas entrou outra vez, enquanto eu me endireitava e partia na direção do poço.

Todo o interior de minha cabeça tinha gosto de café e bílis, e a parte de trás do meu nariz doía terrivelmente. Senti como se meu nariz estivesse sangrando de novo, mas, quando o toquei cuidadosamente, descobri que não estava. Um cuidadoso bochecho com água limpou minha boca e remediou o gosto horrível — mas não afogou o pânico que sobreviera no rastro da náusea.

Eu tive a repentina, distinta e totalmente bizarra impressão de que estava sem a minha pele. Sentia as pernas fraquejarem e sentei-me no toco de árvore onde cortávamos gravetos, sem me preocupar com as lascas.

Não posso, pensei. Simplesmente não posso.

Continuei sentada no cepo, sem vontade de me levantar. Podia sentir meu útero, muito distintamente. Um peso pequeno, redondo, na base do meu abdômen, parecendo um pouco inchado, muito sensível.

Nada, pensei, com toda a determinação que pude reunir.

Inteiramente normal. Sempre o sinto assim, em determinado ponto do meu ciclo. E depois do que fizéramos, Jamie e eu... bem, não era de admirar que eu ainda estivesse cônica dos meus órgãos internos. É bem verdade que não fizéramos nada na noite anterior; eu não queria nada além de ser abraçada. Por outro lado, eu quase causara uma ruptura interna de tanto rir. Uma pequena risada escapou de mim agora, ao lembrar da confissão de

Jamie. Doeu, e eu agarrei minhas costelas, mas me senti um pouco melhor.

— Bem, dane-se tudo — eu disse em voz alta, e me levantei.  
— Tenho coisas a fazer.

Impulsionada por essa corajosa declaração, peguei minha cesta e faca de colher ervas, disse à sra. Bug que iria sair e parti na direção da casa dos Christie.

Eu examinaria a mão de Tom, depois convidaria Malva para sair comigo à procura de raiz de ginseng e qualquer outra planta útil que pudéssemos encontrar. Ela era uma aluna perspicaz, observadora e inteligente, com uma boa memória para plantas. E eu pretendia ensiná-la a preparar colônias de penicilina. Remexer um monte de lixo mofado e úmido seria um trabalho relaxante. Ignorei uma leve tendência de regurgitar diante da ideia e levantei meu rosto surrado para o sol da manhã.

E também não iria me preocupar com o que Jamie pretendia fazer com Lionel Brown.

*A SRA. BUG TOMA AS RÉDEAS*

Na manhã seguinte, eu já havia me recuperado bem. Meu estômago se acalmara e eu me sentia muito mais resistente, emocionalmente; o que era muito bom, já que qualquer aviso que Jamie tenha dado à sra. Bug sobre ficar me cumulando de atenções havia obviamente se exaurido.

Tudo doía menos e minhas mãos haviam quase voltado ao normal, mas eu ainda estava desesperadamente cansada, e era de fato reconfortante colocar meus pés para cima no banco comprido enquanto me serviam xícaras de café — o chá estava no fim e não haveria chance de obtermos mais por vários anos — e pratos de pudim de arroz com passas.

— E você tem mesmo certeza de que seu rosto vai voltar a parecer um rosto, não é? — A sra. Bug entregou-me um bolinho recém-assado, pingando de manteiga e mel, e espreitou-me com ar de dúvida, os lábios franzidos.

Fiquei tentada a lhe perguntar a que o meu rosto se parecia agora, mas tinha quase certeza de que não gostaria de ouvir a resposta. Em vez disso, contentei-me com um lacônico "sim" e um pedido de mais café.

— Uma vez eu conheci uma mulher em Kirkcaldy que foi pisoteada no rosto por uma vaca — ela disse, ainda me examinando com ar crítico enquanto servia o café. — Perdeu os dentes da frente, a pobre criatura, e mesmo depois seu nariz apontava para o lado,

assim! — Puxou o próprio nariz pequeno e redondo com força para o lado com o dedo indicador para ilustrar, simultaneamente enfiando o lábio superior sob o inferior para simular a falta de dentes.

Toquei o cavalete do meu próprio nariz cuidadosamente, mas felizmente estava bem reto, apesar de ainda inchado.

— E depois houve o caso de William McCrea, de Tialgownie, ele que lutou em Sherifffsmuir com meu Arch. Entrou no caminho de um lanceiro inglês e cortou fora metade do maxilar e boa parte do nariz! Arch dizia que se podia ver diretamente tanto a sua goela quanto o crânio, mas ele sobreviveu. Basicamente, à base de mingau — acrescentou. — E uísque.

— Que boa ideia — eu disse, largando o bolinho mordiscado. — Acho que vou tomar um pouco. Levando minha xícara, escapei o mais rápido que pude pelo corredor para o meu consultório, seguida por reminiscências gritadas às minhas costas de Dominic Mulroney, um irlandês que metera a cara na porta de uma igreja em Edimburgo e estando sóbrio como uma ovelha na época...

Fechei a porta do consultório atrás de mim, abri a janela e joguei fora o resto do meu café, depois peguei a garrafa da prateleira e enchi minha xícara até a borda.

Eu pretendia perguntar à sra. Bug sobre o estado de saúde de Lionel Brown, mas... talvez isso pudesse esperar. Constatei que minhas mãos estavam trêmulas de novo e tive que pressioná-las, espalmadas, na mesa por um instante para firmá-las, antes de poder pegar a xícara.

Respirei fundo e tomei um gole do uísque. Outro. Sim, agora estava melhor.

Pequenas ondas de pânico sem motivo definido ainda tendiam a me dominar de vez em quando. Eu não tivera nenhuma

esta manhã e esperava que tivessem ido embora. Aparentemente, ainda não.

Beberiquei o uísque, enxuguei o suor frio das têmporas e olhei à minha volta, em busca de algo útil para fazer. Malva e eu havíamos começado um novo lote de penicilina no dia anterior e havíamos feito novas tinturas de eupatório e liliáceas, bem como um pouco de pomada de genciana. Acabei folheando devagar meu grande livro preto de casos, bebericando uísque e demorando-me em páginas que recontavam diversas e horríveis complicações do parto.

Percebi o que estava fazendo, mas não parecia capaz de parar. Eu não estava grávida. Eu tinha certeza. No entanto, sentia meu útero sensível, inflamado, e todo o meu ser perturbado.

Oh, havia um divertido; um dos casos de Daniel Rawlings, descrevendo uma escrava de meia-idade, que sofria de uma fístula retovaginal que fazia com que ela tivesse um fluxo constante de matéria fecal pela vagina.

Tais fístulas eram causadas por ferimentos durante o parto e eram mais comuns em mulheres muito jovens, onde o esforço do trabalho de parto prolongado em geral causava tais rompimentos — ou em mulheres mais velhas, em quem os tecidos haviam se tornado menos elásticos.

Claro, em mulheres mais velhas era muito provável que os danos fossem acompanhados de um completo prolapso perineal, permitindo que o útero, a uretra — e possivelmente o ânus também — caíssem pela cavidade pélvica.

— Que maravilha que não estou grávida — eu disse em voz alta, fechando o livro com firmeza. Talvez eu tentasse novamente a leitura de Dom Quixote.

Foi um alívio considerável quando Malva Christie chegou e bateu na porta, pouco antes do meio-dia. Deu uma rápida olhada

no meu rosto, mas, como no dia anterior, simplesmente aceitou minha aparência sem comentários.

— Como vai a mão de seu pai? — perguntei.

— Oh, muito bem, madame — ela respondeu rapidamente.

— Eu a examinei exatamente como a senhora disse, mas não havia nenhum veio vermelho, nem pus, apenas um pouquinho de vermelhidão na pele perto das bordas do corte. Eu o fiz mexer os dedos como a senhora disse — ela acrescentou, uma covinha aparecendo rapidamente em sua bochecha.

— Ele não queria e continuou como se eu estivesse espetando espinhos nele, mas ele fez.

— Oh, muito bem! — eu disse, dando um tapinha em seu ombro, o que a fez ficar ruborizada de satisfação.

— Acho que isso merece um pãozinho com mel — acrescentei, tendo notado o delicioso aroma que vinha da cozinha pelo corredor na última hora.

— Venha.

Entretanto, quando entramos no corredor e viramos na direção da cozinha, ouvi um tipo estranho de barulho atrás de nós. Uma espécie peculiar de batida ou arrastamento do lado de fora, como se algum animal grande se movesse pesadamente pelas tábuas ocas do alpendre da frente.

— O que é isso? — Malva disse, olhando por cima do ombro, assustada.

Um gemido forte respondeu a sua pergunta e um baque surdo sacudiu a porta da frente quando alguma coisa caiu contra ela.

— Minha Nossa Senhora! — a sra. Bug surgira da cozinha, benzendo-se.

— O que é isso? Meu coração disparara com os barulhos e minha boca ficou seca.

Algo grande e escuro bloqueava a linha de luz embaixo da porta e uma respiração estertorante era claramente audível, entremeada de gemidos.

— Bem, seja o que for, está doente ou ferido — eu disse. — Fiquem paradas aí. — Limpei minhas mãos no avental, engoli em seco, avancei para a porta e a abri com um movimento repentino.

Por um instante, eu não o reconheci; não passava de um monte de carne, cabelos desgrenhados e roupas esmolambadas, sujas de terra.

Então, ele se esforçou para se apoiar em um dos joelhos e levantou a cabeça, arquejando, mostrando-me um rosto mortalmente pálido, marcado de machucados e brilhante de suor.

— Sr. Brown? — eu disse, incrédula.

Seus olhos estavam vidrados; eu não tinha nenhuma certeza de que ele me via, mas obviamente ele reconheceu minha voz, pois se lançou para frente, quase me derrubando. Dei um passo ágil para trás, mas ele me agarrou com força pelo pé, gritando: — Misericórdia! Dona, tenha misericórdia de mim, eu lhe rogo! — O que em nome de... solte-me. Solte-me, já disse! — Sacudi o pé, tentando me livrar, mas ele estava grudado como um carrapato e continuava a gritar "Misericórdia!" em uma espécie de cântico rouco e desesperado.

— Ora, cale-se, homem — a sra. Bug disse, irritada. Recuperada do choque de sua chegada, ela não parecia nem um pouco desconcertada com o repentino surgimento do sr. Brown, embora furiosa com isso.

Lionel Brown não se calou, mas continuou implorando perdão, apesar das minhas tentativas de acalmá-lo. Tais tentativas foram interrompidas pela sra. Bug que, inclinando-se à minha frente, um grande martelo de carne na mão, bateu vigorosamente com ele na cabeça do sr. Brown. Os olhos do sujeito reviraram-se para trás e ele caiu de cara no chão, sem mais nenhuma palavra.



— Sinto muito, sra. Fraser — a sra. Bug disse, desculpando-se. — Não posso imaginar como ele escapou, muito menos como conseguiu chegar até aqui! Eu também não sabia como ele escapara, mas era claro como ele viera até ali — ele rastejara, arrastando a perna quebrada. Suas mãos e pernas estavam arranhadas e ensanguentadas, suas calças em farrapos e todo ele coberto com manchas de lama, cheia de grama e folhas.

Abaixei-me e retirei uma folha de olmo de seus cabelos, tentando pensar o que fazer com ele. O óbvio, imaginei.

— Ajudem-me a colocá-lo no consultório — eu disse, suspirando enquanto me curvava para segurá-lo por baixo dos braços.

— Não pode fazer isso, sra. Fraser! — A sra. Bug estava escandalizada. — O patrão foi muito claro a esse respeito; a senhora não deve ser incomodada por esse canalha, ele disse, nem sequer colocar os olhos neste homem! — Bem, receio que seja um pouco tarde para não colocar os olhos nele — eu disse, puxando o corpo inerte. — Não podemos simplesmente deixá-lo aí na varanda, não é? Ajude-me! A sra. Bug parecia não ver nenhuma boa razão pela qual o sr. Brown não deveria continuar estendido na varanda, mas quando Malva — que estivera agarrada à parede durante todo esse tumulto, com os olhos arregalados — foi ajudar, a sra. Bug cedeu com um suspiro, largando sua arma e ajudando.

Ele já recuperara a consciência quando conseguimos colocá-lo, a duras penas, sobre a mesa do consultório, e gemeu: — Não deixe que ele me mate... por favor, não deixe que ele me mate! — Quer ficar calado? — eu disse, extremamente irritada. — Deixe-me examinar sua perna.

Ninguém havia melhorado meu serviço original com a tala, e sua jornada da casa da sra. Bug só piorara o estado de sua perna; o sangue infiltrava-se pelas ataduras. Eu estava absolutamente surpresa que ele tivesse conseguido fazer o que fez, considerando

seus outros ferimentos. Sua pele estava viscosa e a respiração fraca, mas não estava com febre alta.

— Poderia me trazer um pouco de água quente, por favor, sra. Bug? — perguntei, examinando com cuidado a perna fraturada. — E talvez um pouco de uísque? Ele vai precisar de alguma coisa contra o choque.

— Não, não farei isso — a sra. Bug disse, lançando um olhar de profunda aversão ao paciente. — Deveríamos simplesmente poupar o sr. Fraser do trabalho de lidar com o miserável, se ele não fizer a gentileza de morrer por conta própria. — Ela ainda segurava seu martelo de carne e ergueu-o de forma ameaçadora, fazendo o sr. Brown se encolher e gritar, quando o movimento machucou seu pulso quebrado.

— Eu vou pegar a água — Malva disse, e desapareceu.

Ignorando minhas tentativas de lidar com seus ferimentos, o sr. Brown agarrou meu pulso com a outra mão, demonstrando uma força surpreendente.

— Não deixe que ele me mate — disse com voz rouca, fitando-me com os olhos injetados. — Por favor, eu lhe suplico! Hesitei. Eu não havia exatamente esquecido a existência do sr. Brown, mas havia mais ou menos eliminado o conhecimento de sua existência nos últimos dias. Eu estava contente de não ter que pensar nele.

Ele viu minha hesitação e umedeceu os lábios, tentando outra vez.

— Salve-me, sra. Fraser, eu lhe suplico! É a única a quem ele daria ouvidos! Com alguma dificuldade, desvencilhei sua mão do meu pulso.

— Por que exatamente o senhor acha que alguém quer matá-lo? — perguntei cuidadosamente.

Brown não riu, mas sua boca torceu-se amargamente diante de minhas palavras.

— Ele diz que vai me matar. Eu não duvido. — Parecia um pouco mais calmo agora, e respirou fundo, estremeando. — Por favor, sra. Fraser — ele disse mais serenamente. — Eu lhe suplico, salve-me.

Ergui os olhos para a sra. Bug e li a verdade em seus braços cruzados e lábios cerrados. Ela sabia.

Nesse ponto, Malva entrou correndo, uma vasilha de água quente em uma das mãos, a garrafa de uísque na outra.

— O que devo fazer? — ela perguntou, arfando.

— Hã... no armário — eu disse, tentando me concentrar. — Sabe qual é o confrei? — Segurei o pulso do sr. Brown, verificando automaticamente seus batimentos cardíacos. Estavam acelerados.

— Sim, senhora. Devo colocar um pouco para uma infusão?  
— Ela havia colocado a água e o uísque sobre a bancada e já vasculhava o armário.

Fitei Brown nos olhos, tentando mostrar um ar imparcial. — Você teria me matado, se pudesse — eu disse, muito calmamente. Meu próprio pulso estava quase tão acelerado quanto o dele.

— Não — ele disse, mas seus olhos desviaram-se dos meus.

Somente uma fração, mas se desviaram. — Não, eu jamais teria feito isso! — Você disse a Hodgepile para me matar. — Minha voz tremeu com o nome e uma onda de raiva cresceu repentinamente dentro de mim. — Sabe que sim! Seu pulso esquerdo estava provavelmente quebrado e ninguém o fixara no lugar; a carne estava inchada, escura. Mesmo assim, pressionou a mão livre sobre a minha, na urgência de me convencer. Seu cheiro era rançoso, quente e feral, como...

Livre minha mão com um arranco, a repugnância rastejando pela minha pele como um enxame de lacraias. Esfreguei a palma da minha mão com força no avental, tentando não vomitar.

Não fora ele. Eu sabia disso. De todos os homens, não podia ter sido ele; ele havia quebrado a perna à tarde. Não havia como ele

ser aquela presença inexorável, pesada, na noite, empurrando, fedendo. No entanto, eu sentia como se tivesse sido ele, e engoli bÍlis, minha cabeça ficando repentinamente zozna.

— Sra. Fraser? Sra. Fraser! — Malva e a sra. Bug exclamaram ao mesmo tempo e, antes que eu soubesse exatamente o que estava acontecendo, a sra. Bug me levava até um banco, segurando-me sentada, e Malva pressionava uma caneca de uísque ansiosamente contra a minha boca.

Bebi, os olhos cerrados, tentando relaxar momentaneamente no aroma límpido e penetrante, e no gosto ardente da bebida.

Lembrei-me da fúria de Jamie na noite em que me trouxera para casa. Se Brown estivesse no mesmo aposento que nós na ocasião, não havia dúvida de que ele teria matado o sujeito. Ele o faria agora, a sangue-frio? Eu não sabia. Brown obviamente achava que sim.

Eu podia ouvir Brown chorando, um choro baixo, desesperançado.

Engoli o restante do uísque, afastei a caneca e sentei-me direito, abrindo os olhos. Para minha vaga surpresa, eu também estava chorando.

Levantei-me e enxuguei o rosto no avental. Tinha um cheiro reconfortante de manteiga, canela e purê de maçã fresco, e aquele cheiro acalmou minha náusea.

— O chá está pronto, sra. Fraser — Malva sussurrou, tocando em minha manga. Seus olhos estavam fixos em Brown, agoniadamente encolhido na mesa. — Quer tomá-lo? — Não — eu disse. — Dê a ele. Depois, pegue algumas ataduras para mim e vá para casa. Eu não tinha a menor ideia do que Jamie pretendia fazer; não tinha a menor ideia do que deveria fazer, quando descobrisse suas intenções. Eu não sabia o que pensar ou como me sentir. A única coisa que eu sabia com certeza é que eu tinha um homem ferido diante de mim. Por enquanto, isso teria que bastar.

Durante um certo tempo, consegui esquecer quem ele era.

Proibindo-o de falar, cerrei os dentes e me absorvi na tarefa à minha frente. Ele se lamuriou, mas ficou quieto. Limpei, coloquei ataduras limpas, arrumei, administrei um conforto impessoal. Entretanto, quando o serviço terminasse, eu ainda estaria com o sujeito ali, e tinha consciência de um crescente asco toda vez que o tocava.

Finalmente, terminei e fui me lavar, esfregando minhas mãos meticulosamente com um pano embebido em terebintina e álcool, limpando embaixo de cada unha apesar de doloridas. Percebi que eu estava me comportando como se ele abrigasse alguma terrível doença contagiosa. Mas eu não conseguia me conter.

Lionel Brown observava-me apreensivamente.

— O que pretende fazer? — Ainda não decidi. — Isso era mais ou menos verdade. Não fora um processo de decisão consciente, embora minha atitude, ou falta de, fosse determinada. Jamie, droga, tinha razão. Mas eu não via nenhum motivo para dizer isso a Lionel Brown. Ainda não. Ele estava abrindo a boca, sem dúvida para continuar suplicando, mas eu o fiz calar com um gesto brusco.

— Havia um homem com você chamado Donner. O que sabe a respeito dele? O que quer que ele esperasse, não era isso. Ficou um pouco boquiaberto.

— Donner? — ele repetiu, parecendo em dúvida.

— Não ouse me dizer que não se lembra dele — eu disse, minha agitação fazendo-me parecer feroz.

— Oh, não, madame — assegurou-me apressadamente. — Eu me lembro bem dele... muito bem! O que — sua língua tocou o canto ferido da boca — o que quer saber sobre ele? A principal informação que eu queria era se ele estava vivo ou morto, mas era quase certo que Brown não soubesse.

— Vamos começar com seu nome completo — propus, sentando-me cautelosamente ao seu lado — e continuar a partir daí.

Verificou-se que Brown sabia pouco mais sobre Donner além de seu nome — o qual, ele disse, era Wendigo. — O quê? — perguntei, incrédula, mas Brown não parecia achar nada estranho nisso.

— Foi o que ele disse — ele falou, soando magoado por eu duvidar dele. — índio, não é? Era. Era, para ser precisa, o nome de um monstro da mitologia de algumas tribos do norte, não conseguia me lembrar quais. A turma do colégio de Brianna certa vez fizera um trabalho sobre os mitos dos índios americanos, no qual cada criança tinha que explicar e ilustrar uma determinada história. Bri fizera sobre Wendigo.

Lembrei-me disso apenas por causa do desenho que ela fizera, que me deixara impressionada por algum tempo. Feito com uma técnica reversa, o desenho básico feito com lápis branco, aparecendo através de um revestimento a carvão. Árvores, açoitadas de um lado para o outro em um redemoinho de neve e vento, desfolhadas, as agulhas voando, os espaços entre elas mostrando parte da noite. O desenho transmitia uma sensação de urgência, de selvageria e movimento. Eram necessários vários instantes de observação até a pessoa vislumbrar o rosto entre os galhos. Eu havia, na realidade, dado um pequeno grito e deixado o papel cair quando o vi — para grande satisfação de Bri.

— Creio que sim — eu disse, reprimindo com firmeza a lembrança do rosto de Wendigo. — De onde ele veio? Ele morava em Brownsville? Ele ficara em Brownsville, mas apenas por algumas semanas.

Hodgepile o trouxera de algum lugar, junto com seus outros homens.

Brown não o observara; ele não causava nenhum problema.

— Ele ficou com a viúva Baudry — Brown disse, soando repentinamente esperançoso. — Pode ser que ele tenha contado a ela alguma coisa sobre si mesmo. Eu poderia descobrir para você. Quando eu voltar para casa. — Lançou-me um olhar que pretendia ser de confiança canina, mas que parecia mais o de uma salamandra à morte.

— Humm — eu disse, com um olhar de extremo ceticismo. — Veremos.

Ele umedeceu os lábios, tentando parecer digno de pena.

— Poderia me dar um pouco d'água, madame? Achei que não poderia deixá-lo morrer de sede, mas já estava farta de cuidar pessoalmente do sujeito. Eu queria vê-lo fora do meu consultório e fora da minha vista, o mais rápido possível. Balancei a cabeça bruscamente e dei um passo para dentro do corredor, pedindo à sra. Bug que trouxesse água.

A tarde estava quente e eu estava me sentindo desagradavelmente irritada depois de ter atendido Lionel Brown. Sem aviso prévio, uma onda de calor subiu repentinamente pelo meu peito e pescoço e derramou-se como cera quente pelo meu rosto, de modo que gotas de suor brotaram atrás de minhas orelhas. Murmurando uma desculpa, deixei o paciente entregue à sra. Bug e saí apressadamente para tomar ar fresco. Havia um poço ali fora; não mais do que um buraco raso, com as bordas perfeitamente definidas com pedras. Uma grande cabaça de pegar água estava enfiada entre duas das pedras; retirei-a, ajoelhando-me, e peguei água suficiente para beber e para jogar no meu rosto fumegante.

Os calores da menopausa, por si mesmos, não eram desagradáveis — até interessantes, na realidade, da mesma forma que a gravidez; aquela sensação estranha quando o seu corpo age de modo totalmente inesperado e fora do seu controle consciente.

Ocorreu-me a pergunta se os homens se sentiriam assim a respeito de ereções.

No momento, um fogacho parecia completamente bem-vindo. Sem dúvida, disse a mim mesma, eu não poderia estar experimentando ondas de calor se estivesse grávida. Ou poderia? Eu tinha o inquietante conhecimento de que as ondas hormonais do começo da gravidez eram perfeitamente capazes de causar todo tipo de fenômenos térmicos peculiares como os da menopausa. Eu, sem dúvida, estava experimentando os tipos de acessos e flutuações emocionais que acompanham a gravidez — ou a menopausa — ou de sofrer um estupro...

— Não seja ridícula, Beauchamp — disse a mim mesma em voz alta. — Sabe muito bem que não está grávida.

Ouvir isso me deu uma sensação estranha — nove décimos de alívio, um décimo de pesar. Bem, talvez, nove mil, novecentos e noventa e nove milésimos de alívio para um de pesar — mas continuava lá.

O fluxo de suor que às vezes se segue a um fogacho, entretanto, era algo que eu podia dispensar. As raízes dos meus cabelos estavam encharcadas de suor e, apesar de a água fria em meu rosto ser extremamente agradável, ondas de calor ainda grassavam pelo meu corpo, espalhando-se como um véu aderente sobre o peito, o rosto, o pescoço e o couro cabeludo. Tomada por um impulso, entornei meia cuia de água por dentro do meu corpete, soltando o ar dos pulmões de alívio conforme a água fria embebia o tecido, escorrendo entre meus seios e pela minha barriga, fazendo cócegas entre minhas pernas e pingando no chão.

Eu estava com uma péssima aparência, mas a sra. Bug não iria se importar — e para o inferno com a maldita opinião de Liornel Brown.

Enxugando as têmporas com a ponta do meu avental, comecei a voltar para a casa.



A porta estava entreaberta, como eu a deixara. Eu a escancarei e a luz pura e forte da tarde passou por mim, iluminando a sra. Bug no ato de pressionar um travesseiro sobre o rosto de Lionel Brown com todas as suas forças.

Fiquei parada, piscando, por um instante, tão surpresa que simplesmente não conseguia traduzir a visão em percepção. Então, lancei-me para frente com um grito incoerente e agarrei-a pelo braço. Ela era incrivelmente forte e estava tão concentrada no que estava fazendo que não arredou pé, as veias saltando em sua testa e o rosto quase roxo do esforço. Dei um puxão em seu braço, não consegui deslocá-la e, no desespero, empurrei-a com todas as minhas forças.

Ela cambaleou, perdendo o equilíbrio, e eu agarrei a borda do travesseiro, puxando-o para o lado, para fora do rosto de Brown. Ela arremessou-se de novo para frente, decidida a terminar o serviço, as mãos rudes enfiando-se dentro do travesseiro e desaparecendo até os pulsos.

Recuei um passo e arremeti contra ela com todo o corpo. Fomos lançadas para frente, batendo na mesa, virando o banco e terminando emaranhadas no chão entre cacos de louça quebrada e os odores de chá de menta e de um urinol entornado.

Rolei sobre o corpo, arquejando, a dor das costelas quebradas me paralisando por um instante. Então, cerrei os dentes, empurrando-a e tentando me libertar de uma confusão de saias — e consegui ficar em pé.

A mão do Sr. Brown estava caída, flácida, pendurada da mesa.

Agarrei seu maxilar, puxei sua cabeça para trás e pressionei minha boca fervorosamente na dele. Soprei para dentro dele o pouco de ar que eu tinha, arquejei e soprei novamente, o tempo todo buscando freneticamente algum vestígio de pulso em seu pescoço.

Ele estava quente, os ossos de seu maxilar e de seu ombro pareciam normais — mas sua carne tinha uma flacidez terrível, os lábios sob os meus achatando-se obscenamente conforme eu pressionava e soprava, o sangue do corte em meu lábio respingando por toda parte, de certa forma abrindo-se, de modo que eu era forçada a sugar freneticamente para manter os lábios selados, inspirando com força pelos cantos da boca, lutando com minhas costelas para conseguir inalar ar suficiente para soprar outra vez.

Senti alguém atrás de mim — a sra. Bug — e chutei em sua direção.

Ela fez um esforço para agarrar meu ombro, mas eu dei uma violenta torção para o lado e seus dedos escorregaram. Virei-me instantaneamente e a atingi, com todas as forças, no estômago. Ela caiu no chão com um sonoro uuuuf. Não havia tempo a desperdiçar com ela; girei nos calcanhares e me atirei novamente sobre o sr. Brown.

O peito sob a minha mão ergueu-se de forma tranquilizadora quando soprei — mas caiu repentinamente quando parei. Recuei e golpeei com força, com os dois punhos, a parte flexível do esterno, machucando ainda mais minhas próprias mãos — e a carne de Brown, se fosse possível ele se machucar ainda mais.

Não era. Eu soprei, golpeei e soprei, até o suor escorrer pelo meu corpo em bicas, minhas coxas ficarem escorregadias com ele, meus ouvidos tangerem e pontos negros nadarem diante dos meus olhos com a hiperventilação. Finalmente, desisti. Fiquei parada, arquejando em arfadas profundas e chiantes, os cabelos molhados caídos sobre o rosto, as mãos latejando no mesmo compasso do meu coração.

O maldito sujeito estava morto.



Esfreguei as mãos no avental, depois o usei para limpar o rosto.

Minha boca estava inchada e com gosto de sangue; cuspi no chão. Senti-me completamente calma; o ar possuía aquela sensação peculiar de quietude que em geral acompanha uma morte tranquila. Uma cambaxirra cantou no bosque próximo.

Ouvi um pequeno ruído e me virei. A sra. Bug havia endireitado o banco e se sentado. Estava curvada para frente, as mãos entrelaçadas no colo, a testa franzida no rosto redondo e enrugado enquanto fitava intensamente o corpo na mesa. A mão de Brown continuava caída, os dedos ligeiramente curvados, segurando sombras.

O lençol sobre seu corpo estava manchado; essa era a fonte do cheiro de urinol. Portanto, ele já estava morto antes que eu iniciasse meus esforços de ressuscitamento.

Outra onda de calor aflorou ao meu rosto, cobrindo minha pele com o que parecia uma camada de cera quente. Eu podia sentir o cheiro do meu próprio suor. Fechei os olhos rapidamente, depois os abri e virei-me para a sra. Bug.

— Por que diabos — perguntei calmamente — você fez isso? — Ela fez o quê? — Jamie olhou espantado para mim, sem compreender, depois para a sra. Bug, que se sentava à mesa da cozinha, cabisbaixa, as mãos cruzadas à sua frente.

Sem esperar que eu repetisse o que acabara de dizer, ele saiu a passos largos pelo corredor, em direção ao consultório. Ouvi seus passos pararem subitamente. Houve um instante de silêncio e, em seguida, uma fervorosa imprecação em gaélico. Os ombros rechonchudos da sra. Bug ergueram-se quase até as orelhas.

Os passos retornaram, mais devagar. Ele entrou e dirigiu-se à mesa onde ela estava sentada.

— Escute, mulher, como se atreveu a colocar as mãos em um homem que era meu? — ele perguntou, muito suavemente, em gaélico.

— Oh, senhor — ela sussurrou. Estava com medo de erguer os olhos; encolheu-se sob sua touca, o rosto quase invisível. — Eu... eu não pretendia. De verdade, senhor!

Jamie olhou para mim.

— Ela o sufocou — eu repeti. — Com um travesseiro.

— Acho que não se faz isso sem intenção — ele disse, com a voz cortante como uma lâmina afiada. — O que estava pensando, a boireannach, para fazer isso? Os ombros redondos começaram a tremer de medo.

— Oh, senhor! Oh, senhor! Sei que foi errado... só que... foi a maldita língua do sujeito. Durante todo o tempo em que eu tomei conta dele, ele se acovardava e tremia, sim, quando o senhor ou o rapaz iam falar com ele, até mesmo com Arch... mas comigo... — Ela engoliu em seco, o rosto subitamente desfeito. — Eu sou apenas uma mulher, ele podia falar o que pensava para mim, e ele falava. Ameaçando, senhor, e xingando de uma maneira horrível. Ele dizia... ele dizia que seu irmão viria, ele e seus homens, libertá-lo, e iria nos massacrar em nosso próprio sangue e queimar as casas sobre nossas cabeças. — Seus maxilares tremiam enquanto falava, mas ela encontrou coragem para levantar a cabeça e fitar Jamie nos olhos.

"Eu sei que o senhor jamais deixaria isso acontecer, e fiz o possível para não lhe dar atenção. E, quando ele realmente conseguia me irritar, eu lhe dizia que ele já estaria morto há muito tempo antes que seu irmão soubesse onde ele estava. Mas quando o desgraçado fugiu, e não faço a menor ideia de como ele fez isso, porque eu teria jurado que ele não tinha a menor condição sequer de se levantar da cama, quanto mais vir até aqui, mas ele fez isso e ficou pedindo misericórdia à sua mulher e ela o ajudou. Eu teria

arrastado sua maldita carcaça para longe, mas ela não permitiu..." Nesse ponto, ela lançou uma olhadela rápida e ressentida para mim, mas retornou um olhar suplicante para Jamie quase no mesmo instante.

"E ela o levou para dentro para cuidar dele, sendo uma senhora tão boa como é, senhor... e eu podia ver em seu rosto que, tendo cuidado dele, não poderia suportar que ele fosse assassinado. E ele viu isso também, o miserável, e, quando ela saiu, ele começou a zombar de mim, dizendo que agora estava salvo, havia conseguido enganá-la e fazer com que ela cuidasse dele e que ela nunca deixaria que o matassem, e logo ele estaria livre, traria um bando de homens que cairia sobre nós como a própria vingança, e depois..." Ela fechou os olhos, oscilando um pouco, e pressionou a mão contra o peito.

"Não pude me controlar, senhor", ela disse, muito simplesmente.

"Simplesmente, não pude." Jamie acompanhara seu relato atentamente, o semblante ameaçador.

Nesse ponto, lançou-me um olhar penetrante — e evidentemente viu a confirmação em minhas próprias feições maltratadas. Apertou os lábios com força.

— Vá pra casa — ele disse à sra. Bug. — Conte ao seu marido o que fez e mande-o vir falar comigo.

Girou nos calcanhares e dirigiu-se a seu gabinete. Sem olhar para mim, a sra. Bug levantou-se desajeitadamente e saiu, caminhando como uma cega.

— Você tinha razão. Sinto muito. — Fiquei parada, tensa, na porta do gabinete, a mão no batente.

Jamie estava sentado com os cotovelos na escrivaninha, a cabeça apoiada nas mãos, mas ergueu os olhos para mim, piscando.

— Já não a proibi de pedir desculpas, Sassenach? — ele disse, lançando-me um sorriso enviesado. Em seguida, seus olhos

me percorreram e um ar de preocupação assomou ao seu rosto.

— Santo Deus, você parece que está prestes a desmaiar, Claire — ele disse, levantando-se apressadamente. — Venha sentar-se.

Colocou-me em sua cadeira e ficou pairando acima de mim.

— Eu chamaria a sra. Bug para lhe trazer alguma coisa — ele disse —, mas como a mandei embora... quer que eu lhe traga uma xícara de chá, Sassenach? Eu sentia vontade de chorar, mas em vez disso eu ri, piscando para afastar as lágrimas.

— Não temos mais nenhum. Há meses que não temos. Estou bem. Apenas um pouco... um pouco chocada.

— Sim, imagino. Está sangrando um pouco. — Retirou um lenço amarrotado do bolso e, inclinando-se, tocou-o delicadamente em minha boca, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

Permaneci imóvel, deixando que cuidasse de mim, lutando contra uma repentina onda de exaustão. De repente, tudo o que eu queria era me deitar, dormir e nunca mais acordar. E, se realmente viesse a acordar, queria que o morto no meu consultório tivesse desaparecido. Também queria que a casa não se incendiasse sobre nossas cabeças.

Mas não era a hora, pensei repentinamente, e achei esse pensamento — tolo como era — obscuramente reconfortante.

— Isso vai tornar as coisas mais difíceis para você? — perguntei, lutando contra a exaustão e me esforçando para pensar coerentemente.

— Com Richard Brown? — Não sei — ele admitiu. — Tenho tentado pensar. Gostaria que estivéssemos na Escócia — ele disse, um pouco pesaroso. — Eu saberia melhor o que Brown faria, se ele fosse um escocês.

— Oh, é mesmo? Digamos que você estivesse lidando com seu tio Colum, por exemplo — sugeri. — O que você acha que ele faria? — Tentaria me matar e pegar seu irmão de volta — ele

respondeu prontamente. — Se soubesse que ele estava comigo. E se esse Donner de fato voltou a Brownsville... Richard já sabe, a essa altura. Ele estava inteiramente certo, e a compreensão deste fato fez pequenas pontadas de apreensão percorrerem vivamente as minhas costas.

A preocupação evidentemente transpareceu em meu rosto, porque ele esboçou um sorriso.

— Não se preocupe, Sassenach — ele disse. — Os irmãos Lindsay partiram para Brownsville na manhã seguinte à nossa volta. Kenning está vigiando a vila e Evan e Murdo estão à espera em pontos diferentes da estrada, com novos cavalos. Se Richard Brown e seu maldito Comitê de Segurança vierem para cá, ficaremos sabendo com boa antecedência.

Isso era tranquilizador e eu me sentei um pouco mais empertigada.

— Isso é bom. Mas... mesmo que Donner tenha voltado para lá, ele não saberia que Lionel Brown era seu prisioneiro; você poderia tê-lo matado durante a luta.

Ele dardejou um olhar apertado e azul em minha direção, mas apenas balançou a cabeça.

— Gostaria de ter feito isso — ele disse com um leve esgar. — Teria sido mais fácil. Mas, por outro lado... eu não teria descoberto o que eles estavam fazendo e eu realmente precisava saber disso. Mas, se Donner voltou para lá, deve ter dito a Richard Brown o que aconteceu e os conduzido de volta para resgatar os corpos. Ele verá que seu irmão não está entre eles.

— Diante disso, ele tirará a conclusão lógica e virá aqui à procura dele.

O som da porta dos fundos se abrindo neste momento me deu um sobressalto, o coração disparado, mas foi seguido do ruído suave de pés calçados de mocassins no corredor, anunciando o Jovem Ian, que espreitou pela porta do gabinete.

— Acabo de me encontrar com a sra. Bug, voltando às pressas para a casa dela — ele disse, franzindo a testa. — Ela não quis parar e falar comigo, e parecia realmente muito estranha. Alguma coisa errada? — Tudo — eu disse, e ri, fazendo-o olhar aguçadamente para mim.

Jamie suspirou.

— Sente-se — ele disse, empurrando um banquinho para Ian com o pé. — E eu lhe contarei.

Ian ouviu com grande atenção, embora ficasse um pouco boquiaberto quando Jamie chegou ao ponto em que a sra. Bug apertou o travesseiro no rosto de Brown.

— Ele ainda está lá? — ele perguntou, ao final da história. Encolheu um pouco os ombros, olhando desconfiadamente para trás, como se esperasse que Brown viesse do consultório a qualquer momento.

— Bem, acho que ele não vai a lugar algum com as próprias pernas — observei, acidamente. Ian balançou a cabeça, mas levantou-se para verificar, de qualquer modo. Voltou em um segundo, com ar pensativo.

— Ele não tem marcas — ele disse a Jamie, sentando-se.

Jamie balançou a cabeça.

— Sim, e está com curativos novos. Sua tia acabara de cuidar dele.

Trocaram um sinal de cabeça, ambos obviamente pensando a mesma coisa.

— Não se pode dizer, olhando para ele, que foi assassinado, tia — Ian explicou, vendo que eu ainda não estava sintonizada na mesma frequência que eles. — Pode ter morrido naturalmente.

— Imagino que possa dizer isso. Se não tivesse tentado aterrorizar a sra. Bug... — Esfreguei a mão delicadamente na minha testa, onde uma dor de cabeça começara a latejar.



— Está se sentindo... — Ian começou, em tom preocupado, mas de repente já não aguentava mais as pessoas me perguntando como eu estava me sentindo.

— Não sei — respondi bruscamente, deixando a mão cair. Abaixei os olhos para as minhas mãos, abandonadas no colo.

— Ele... ele não era um homem cruel, acho que não — eu disse.

Havia uma mancha de sangue no meu avental. Eu não sabia se era dele ou meu. — Apenas... terrivelmente fraco.

— Então, é melhor que esteja morto — Jamie disse de modo prático e sem nenhuma malícia em particular. Ian balançou a cabeça, concordando.

— Muito bem, então. — Jamie retornou ao assunto em discussão.

— Eu dizia à sua tia que, se Brown fosse escocês, eu saberia melhor como lidar com ele. Mas depois percebi que, embora não sendo escocês, ele está agindo à maneira escocesa. Ele e seu comitê. Formam uma espécie de patrulha como as que havia na Escócia.

Ian balançou a cabeça, as sobrancelhas irregulares levantadas.

— Sim, isso mesmo. — Pareceu interessado. — Nunca vi uma, mas mamãe me contou... sobre a que o prendeu, tio Jamie, e como ela e tia Claire foram atrás deles. — Riu para mim, o rosto magro repentinamente se transformando e mostrando um pouco do garoto que ele fora.

— Bem, eu era mais nova na época — eu disse. — E mais corajosa.

Jamie emitiu um pequeno ruído do fundo da garganta, achando graça.

— Não são muito comedidos em suas andanças — ele disse. — Matando e incendiando, quero dizer...

— Ao contrário da permanente extorsão. — Eu estava começando a compreender onde ele queria chegar. Ian nascera depois de Culloden; nunca vira uma Patrulha, um daqueles bandos organizados de homens armados que percorriam o país, cobrando impostos dos chefes das Highlands para proteger colonos, terras e gado — e, se as taxas cobradas não fossem pagas, prontamente confiscando bens e gado para si mesmos. Eu vira. E, na verdade, ouvira falar que incendiavam e matavam de vez em quando também... embora em geral apenas para servir de exemplo e melhorar a cooperação.

Jamie assentiu.

— Bem, Brown não é nenhum escocês, como eu disse. Mas negócios são negócios, não é? — Um ar contemplativo tomara conta de seu semblante e ele se inclinou um pouco para trás, as mãos entrelaçadas sobre um dos joelhos. — Quanto tempo você levaria para chegar a Anidonau Nuya, Ian? Depois que Ian saiu, permanecemos no escritório. A situação no meu consultório teria que ser resolvida, mas eu ainda não estava pronta para ir lá e enfrentá-la. Além de uma breve observação de que era uma pena que ele ainda não tivesse tido tempo de construir um depósito de gelo, Jamie também não fez nenhuma referência a isso.

— Coitada da sra. Bug — eu disse, começando a me recuperar. — Eu não fazia a menor ideia de que ele a estivesse espezinhando dessa forma. Ele deve ter pensado que ela era uma frouxa. — Ri debilmente.

— Isso foi um erro. Ela é incrivelmente forte. Fiquei surpresa.

Não devia; eu já vira a sra. Bug caminhar quase dois quilômetros com uma cabra adulta nos ombros... mas de certa forma a gente nunca traduz a força exigida no dia a dia de uma fazenda na capacidade para uma fúria homicida.

— Eu também — Jamie disse secamente. — Não que ela não fosse forte o suficiente para fazer isso, mas que ousasse cuidar do problema por conta própria. Por que ela não contou a Arch ou mesmo a mim? — Imagino que seja o que ela disse: achou que não cabia a ela dizer nada; você lhe dera a incumbência de tomar conta dele e ela moveria céus e terra para fazer qualquer coisa que você pedisse. Devo dizer que ela estava lidando bem com a situação, mas, quando ele apareceu aqui daquela forma, ela... perdeu a cabeça. Isso costuma acontecer; já vi isso antes.

— Eu também — ele murmurou. Sua testa estava ligeiramente franzida, aprofundando a ruga entre as sobrancelhas, e eu me perguntei que incidentes violentos ele devia estar relembrando. — Mas eu não imaginaria...

Arch Bug entrou tão silenciosamente que eu não o ouvi; só percebi que ele estava ali quando vi Jamie erguer os olhos, os músculos se enrijecendo. Girei nos calcanhares e vi o machado na mão de Arch. Abri a boca para falar, mas ele avançou a passos largos para Jamie, sem ver nada ao seu redor. Obviamente, para ele, não havia mais ninguém no aposento além de Jamie. Ele alcançou a escrivaninha e depositou o machado sobre ela, quase delicadamente.

— Minha vida pela dela, patrão — ele disse serenamente, em gaélico. Recuou um passo e se ajoelhou, a cabeça baixa. Ele havia entrelaçado seus macios cabelos brancos em uma trança estreita e a amarrado para cima, de modo que sua nuca ficasse descoberta. Era queimada de sol e profundamente enrugada, mas seu pescoço ainda era musculoso acima da faixa branca do colarinho.

Um ruído quase imperceptível vindo da porta me fez desviar os olhos da cena, apesar de seu fascínio. A sra. Bug estava lá, agarrando-se ao batente e obviamente precisando se apoiar. Sua

touca estava torta e fios molhados de suor de cabelos grisalhos grudavam-se em um rosto cor de cera.

Seus olhos dardejaram para mim quando me mexi, mas voltaram a se fixar em seu marido ajoelhado — e em Jamie, que agora estava em pé, olhando de Archie para sua mulher, depois novamente para ele. Jamie esfregou um dedo para cima e para baixo no cavalete de seu nariz, observando Arch.

— Oh, sim — ele disse, suavemente. — Devo decapitá-lo, então? Aqui mesmo no meu escritório e depois fazer sua mulher limpar a sujeira, ou devo fazer isso no terreno lá fora e prendê-lo pelos cabelos acima da minha porta como aviso para Richard Brown? Levante-se, meu velho.

Tudo no aposento ficou paralisado por um instante — o tempo suficiente para eu notar a minúscula verruga preta bem no meio da nuca de Arch — então, ele se levantou, muito devagar.

— É seu direito — ele disse, em gaélico. — Sou seu empregado, a ceanncinnidh, juro pelas minhas armas; é seu direito. — Permaneceu de pé, muito empertigado, mas seus olhos estavam velados, fixos na escrivania onde jazia seu machado, a borda afiada uma linha prateada contra o metal cinzento e embaçado da cabeça da ferramenta.

Jamie inspirou fundo para responder, mas parou, observando o velho Arch atentamente. Algo mudou nele, ao perceber o que Arch dissera.

— "A ceanncmnidh?" — ele disse, e Arch Bug balançou a cabeça, em silêncio.

O ar no aposento ficara repentinamente denso e os cabelos da minha própria nuca arrepiaram-se.

A ceanncinnidh, Arch dissera. Chefe. Uma palavra. Estávamos na Escócia. Era fácil ver a diferença de atitude entre os novos colonos de Jamie e seus homens de Ardsmuir — a diferença de uma lealdade de acordo e uma de reconhecimento. Esta era

ainda mais diferente: uma aliança mais antiga, que dominara as Highlands por mil anos. O juramento de sangue e de armas.

Vi Jamie avaliar o presente e o passado e compreender onde Arch Bug se posicionava. Vi isso em seu rosto, a exasperação transformando-se em compreensão — e vi que seus ombros decaíram um pouco, em aceitação. — Segundo você, então, é meu direito — ele disse brandamente, também em gaélico. Empertigou-se, pegou o machado e estendeu-o, o cabo à frente.

— E por esse direito eu lhe devolvo a vida de sua mulher... e a sua própria.

A sra. Bug exalou um pequeno soluço. Arch não se virou para olhar para ela, mas estendeu a mão e pegou o machado, com uma solene inclinação da cabeça. Virou-se, então, e saiu sem mais nenhuma palavra — embora eu tenha visto os dedos de sua mão mutilada roçar a manga do vestido de sua mulher, muito suavemente, ao passar.

A sra. Bug empertigou-se, apressadamente ajeitando para dentro da touca os fios soltos dos cabelos com dedos trêmulos. Jamie não olhou para ela, mas sentou-se outra vez, e pegou sua pena de escrever e uma folha de papel, embora eu achasse que ele não tinha nenhuma intenção de escrever. Não querendo constrangê-la, fingi grande interesse na estante de livros, pegando a pequena cobra de cerejeira de Jamie e examinando-a atentamente.

Agora com a touca no lugar certo, ela entrou no aposento e fez uma mesura diante dele.

— Quer que eu traga alguma coisa para comer, senhor? Há pães frescos.

— Ela falou com grande dignidade, a cabeça erguida. Ele levantou a cabeça do papel e sorriu para ela.

— Gostaria muito — ele disse. — Gun robh math agaibh, a nighean.

Ela balançou a cabeça energicamente e girou nos calcanhares. A porta, entretanto, ela parou e olhou para trás. Jamie ergueu as sobrancelhas.

— Eu estava lá, sabe — ela disse, fitando-o diretamente nos olhos.

— Quando os sassenachs mataram seu avô, lá em Tower Hill. Houve muito sangue. — Ela franziu os lábios, examinando-o através dos olhos apertados e vermelhos, depois relaxou.

— O senhor é uma honra para ele — ela disse, e desapareceu com um giro de anáguas e fitas de avental.

Jamie olhou para mim, surpreso, e eu dei de ombros.

— Isso não foi necessariamente um elogio, sabe — eu disse, e seus ombros sacudiram-se numa risada silenciosa.

— Eu sei — ele disse finalmente, passando a junta de um dedo sob o nariz. — Sabe, Sassenach, que às vezes sinto falta do maldito velho? — Sacudiu a cabeça. — Algum dia vou perguntar à sra. Bug se é verdade o que ele disse, no último instante. O que dizem que ele disse, quero dizer.

— O que foi? — Ele pagou o que era devido ao carrasco e lhe disse para fazer um bom trabalho... "Porque vou ficar furioso se não fizer." — Bem, sem dúvida, parece algo que ele diria — retruquei, sorrindo debilmente. — O que você acha que os Bug estavam fazendo em Londres? Ele sacudiu a cabeça outra vez e virou-se para mim, levantando o queixo de modo que o sol que entrava pela janela cintilou como água pelo seu maxilar e maçã do rosto.

— Só Deus sabe. Acha que ela tem razão, Sassenach? Sobre eu ser como ele? — Não fisicamente — eu disse, sorrindo um pouco. O velho Simon, lorde Lovat, era baixo e atarracado, embora com uma compleição física invejável apesar da idade. Ele também tinha uma forte semelhança com um sapo maligno, mas muito inteligente.

— Não — Jamie concordou. — Graças a Deus. Mas fora isso? — O humor ainda estava em seus olhos, mas ele falava sério; ele realmente queria saber.

Examinei-o pensativamente. Não havia nenhum traço da Velha Raposa em suas feições ousadas, bem definidas — essas vinham na maior parte do lado Mackenzie de sua mãe; nem na altura e nos ombros largos, mas em algum lugar por trás daqueles olhos rasgados e azul-escuros, de vez em quando eu sentia um leve reflexo do olhar fundo de lorde Lovat, cintilando de interesse e humor sarcástico.

— Você tem alguma coisa dele — admiti. — Mais do que um pouco, às vezes. Não tem a ambição desmedida, mas... — Apertei um pouco os olhos, avaliando. — Eu diria que você não é tão cruel quanto ele — continuei devagar —, mas você é, na verdade.

— É mesmo? — Ele não pareceu nem surpreso, nem aborrecido de ouvir isso.

— Você pode ser — eu disse, e senti em algum lugar na medula dos meus ossos o estalido do pescoço de Arvin Hodgepile ao se quebrar. Era uma tarde quente, mas meus braços se arrepiaram repentinamente, e logo em seguida voltaram ao normal.

— Acha, então, que tenho uma natureza maligna? — ele perguntou, seriamente.

— Na verdade, não sei — respondi, em dúvida. — Você não é malvado como ele era, mas isso pode ser apenas porque você tem uma noção de honra que ele não possuía. Você não usa as pessoas como ele usava.

Ele sorriu, mas com menos humor real do que demonstrara antes.

— Oh, uso, sim, Sassenach — ele disse. — Apenas eu não deixo isso transparecer.

Permaneceu quieto por um instante, o olhar fixo na pequena cobra de cerejeira que eu segurava, mas não achei que a estivesse

olhando.

Finalmente, sacudiu a cabeça e ergueu os olhos para mim, o canto da boca ironicamente torcido.

— Se há um céu, e meu avô estiver lá, embora eu duvide disso, ele está rindo desbragadamente agora. Ou estaria, se sua cabeça não estivesse presa embaixo do braço.



*INSTRUMENTOS DE PROVA*

E foi assim que, alguns dias mais tarde, entramos em Brownsville.

Jamie, em seus trajes completos das Highlands, com a adaga ornada a ouro de Hector Cameron na cintura e uma pena de falcão no gorro escocês, montava Gideon, que mantinha as orelhas arriadas para trás e o olhar sanguinário de costume.

A seu lado, Pássaro-que-canta-pela-manhã, chefe da paz dos cherokees Pássaros da Neve. Pássaro, Ian me dissera, era do clã Cabelos Compridos, e parecia. Seus cabelos não só eram longos e lustrosamente untados com gordura de urso, mas esplendorosamente ornamentados, com um rabo de cavalo alto, projetando-se do topo de sua cabeça e caindo pelas costas, terminando em uma dezena de minúsculas tranças decoradas — como o restante de seus trajes — com contas de conchas, contas de vidro, sininhos de bronze, penas de periquitos e uma moeda chinesa; só Deus sabe onde ele conseguira aquilo. Pendurado de sua sela, sua mais nova e mais valiosa aquisição — o rifle de Jamie.

Do outro lado de Jamie, eu — prova número 1. Em minha mula Clarence, vestida e agasalhada em lã índigo — que ressaltava a palidez de minha pele e destacava maravilhosamente os amarelos e verdes dos machucados em meu rosto — e com meu colar de pérolas de rio no pescoço como apoio moral.

Ian vinha atrás de nós com dois guerreiros peles-vermelhas que Pássaro levava como escolta, parecendo mais um índio do que um escocês, com os semicírculos de pontos tatuados que subiam por suas maçãs do rosto e seus próprios cabelos castanhos e compridos emplastrados para trás e presos em um coque, uma única pena de peru atravessando-o. Ao menos, ele não havia arrancado os cabelos em partes do couro cabeludo à moda dos mohawks; já parecia bastante ameaçador sem isso.

E em um travois puxado pelo cavalo de Ian vinha a prova número 2 — o corpo de Lionel Brown. Nós o havíamos colocado na casinhola da fonte para mantê-lo resfriado, junto com a manteiga e os ovos, e Bri e Malva haviam feito o melhor possível, empacotando o cadáver com musgos para absorver os líquidos, acrescentando o máximo que puderam encontrar de ervas fortemente aromáticas, depois envolvendo o famigerado pacote em um couro de veado e amarrando-o com tiras de couro cru à maneira dos índios. Apesar de toda essa atenção, nenhum dos cavalos se mostrou entusiástico com aquela carga, mas a montaria de Ian foi complacente, apenas resfolegando alto de vez em quando e sacudindo a cabeça de modo que seus arreios chacoalhassem, um contraponto lúgubre às pancadas suaves dos cascos.

Nós não falamos muito.

Visitantes em qualquer vilarejo da montanha eram motivo de atenção pública e comentários. Nossa pequena comitiva fazia as pessoas saírem de suas casas como caramujos arrancados das conchas, boquiabertas. Quando chegamos à casa de Richard Brown, que também servia como taverna local, éramos seguidos por um pequeno cortejo, a maioria homens e garotos.

O barulho de nossa chegada fez uma mulher — a sra. Brown, eu a reconheci — sair para o alpendre rústico. Ela levou a mão à boca e correu de novo para dentro de casa.

Esperamos em silêncio. Era um dia frio e luminoso de outono e a brisa agitava os cabelos no meu pescoço; eu os penteara para trás, como Jamie pedira, e não usava touca. Meu rosto estava exposto, a verdade escrita nele.

Eles sabiam? Sentindo-me estranhamente distante, como se observasse de algum lugar fora do meu corpo, olhei cada rosto na multidão.

Eles não podiam saber. Jamie me assegurara; eu mesma sabia disso.

A menos que Donner tivesse escapado, e tivesse vindo contar a eles tudo que acontecera durante aquela derradeira noite. Mas ele não viera. Se tivesse vindo, Richard Brown teria ido até nós.

Tudo que sabiam era o que estava escrito em meu rosto. E isso era demais.

Clarence sentiu a histeria que tremia sob a minha pele como uma poça de mercúrio; ela bateu a pata, uma vez, e sacudiu a cabeça como se quisesse afastar moscas de suas orelhas.

A porta se abriu e Richard Brown saiu. Havia vários homens atrás dele, todos armados.

Brown estava pálido, desalinhado, com a barba crescida e os cabelos oleosos. Seus olhos estavam vermelhos e embaciados, e um miasma de cerveja parecia envolvê-lo. Ele andara bebendo em excesso e obviamente estava tentando se recompor o suficiente para lidar com qualquer ameaça que a nossa presença representasse.

— Fraser — ele disse, e parou, piscando.

— Sr. Brown. — Jamie cutucou Gideon, fazendo-o se aproximar, de modo que seus olhos ficassem no mesmo nível dos homens no alpendre, a menos de dois metros de Richard Brown.

— Há dez dias — Jamie disse serenamente — um bando de homens invadiu minhas terras. Roubaram minha propriedade, atacaram minha filha que está grávida, incendiaram meu barracão

de maltagem, destruíram os grãos e sequestraram e maltrataram minha mulher.

Metade dos homens já estava me fitando; agora, todos eles o faziam.

Ouvi o clique metálico de uma pistola sendo engatilhada. Mantive o rosto imóvel, as mãos firmes nas rédeas, os olhos fixos no rosto de Richard Brown.

A boca de Brown começou a se mover, mas, antes que ele pudesse falar, Jamie ergueu a mão, exigindo silêncio.

— Eu os segui, com meus homens, e os matei — ele disse, no mesmo tom inalterado. — Encontrei seu irmão com eles. Eu o fiz prisioneiro, mas não o matei.

Todos pareceram prender a respiração ao mesmo tempo e ouviram-se murmúrios nervosos na multidão atrás de nós. Os olhos de Richard Brown dardejaram para o fardo no travois e seu rosto ficou branco sob os pelos da barba.

— Você... — ele grasnou. — Nelly? Essa era a minha dica. Respirei fundo e cutuquei Clarence, fazendo-a avançar.

— Seu irmão sofreu um acidente antes de meu marido nos encontrar — eu disse. Minha voz era rouca, mas suficientemente clara.

Forcei mais ar nos pulmões, para ser ouvida por todos. — Ele se feriu gravemente em uma queda. Nós tratamos seus ferimentos. Mas ele morreu.

Jamie deixou que um instante de silêncio de assombro se passasse, e continuou.

— Nós o trouxemos para você, para que possa enterrá-lo. — Fez um pequeno gesto e Ian, que desmontara, cortou as cordas que prendiam o travois. Ele e os dois cherokees puxaram-no na direção do alpendre e deixaram-no no caminho esburacado, retornando silenciosamente para seus cavalos.

Jamie inclinou a cabeça incisivamente e fez Gideon dar meia-volta.

Pássaro o seguiu, agradavelmente impassível como um buda. Eu não sabia se ele entendia inglês o suficiente para ter compreendido o discurso de Jamie, mas isso não importava. Ele entendia seu papel e o executara com perfeição.

Os Brown podem ter tido uma linha secundária de lucro em assassinatos, roubo e escravidão, mas sua principal fonte de renda estava no comércio com os índios. Com sua presença ao lado de Jamie, Pássaro dava um aviso claro de que os cherokees consideravam seu relacionamento com o rei da Inglaterra e seu agente mais importante do que o comércio com os Brown. Prejudicassem Jamie ou sua propriedade outra vez e essa lucrativa ligação seria desfeita.

Eu não sabia tudo que Ian dissera a Pássaro, quando lhe pedira para vir — mas achei bastante provável que tivesse havido também um acordo tácito de que nenhum inquérito formal seria feito por parte da Coroa sobre o destino de qualquer prisioneiro que tivesse caído em mãos indígenas.

Aquilo era, afinal de contas, uma questão de negócios.

Cutuquei Clarence nas costelas e posicionei-a em seu lugar atrás de Pássaro, mantendo os olhos firmemente fixos na moeda chinesa que brilhava no meio de suas costas, pendurada de seus cabelos em um fio vermelho. Senti uma vontade quase incontrolável de olhar para trás e agarrei as rédeas com mais força, fincando as unhas nas palmas das mãos.

Donner estaria morto, afinal? Ele não estava entre os homens de Richard Brown; eu procurara.

Eu não sabia se eu queria que ele estivesse morto. O desejo de descobrir mais sobre ele era forte — mas o desejo de encerrar a questão, de deixar aquela noite na montanha para trás de uma vez

por todas, as testemunhas seguramente consignadas ao silêncio de suas sepulturas — isso era mais forte.

Ouvi Ian e os dois cherokees entrarem em fila atrás de nós e, em poucos instantes, estávamos fora da vista de Brownsville, apesar de que o cheiro de cerveja e fumaça de chaminé continuasse em minhas narinas.

Apressei Clarence até ficar ao lado de Jamie; Pássaro deixara-se ficar para trás para cavalgar ao lado de seus homens e de Ian; riam de alguma coisa.

— Esse será o fim do caso? — perguntei. Minha voz soou fina no ar frio e não tive certeza se ele me ouvira. Mas ele ouvira. Sacudiu levemente a cabeça.

— Nunca há um fim para casos como este — ele disse à meia-voz.

— Mas estamos vivos. E isso é bom.

# PARTE CINCO



*GRANDES DESENGANOS*

*LAMINARIA*

De volta sãos e salvos de Brownsville, dei passos decisivos para voltar à vida normal. E entre eles estava uma visita a Marsali, que retornara de seu refúgio com os McGillivray. Eu Vira Fergus, que me assegurara que ela estava bem recuperada de seus machucados e sentindo-se bem, mas eu precisava ver por mim mesma.

A pequena propriedade estava em bom estado, percebi, porém mostrando sinais de dilapidação; algumas telhas haviam sido arrancadas pelo vento, um dos cantos do alpendre estava caído e o couro oleado sobre a única janela se rasgara e fora apressadamente reparado com um pedaço de pano enfiado no buraco. Pequenos problemas, mas que teriam que ser resolvidos antes da chegada da neve — e ela estava prestes a chegar; podia senti-la no ar, o brilhante céu azul do final de outono desbotando-se em um cinza brumoso do inverno próximo.

Ninguém correu para me receber, mas eu sabia que estavam em casa; havia uma nuvem de fumaça e fagulhas saindo da chaminé e eu pensei acidamente que Fergus ao menos parecia capaz de prover lenha suficiente para a lareira. Chamei com um animado "Olaaaá!" e empurrei a porta.

Imediatamente, tive a sensação. Eu não confiava na maior parte dos meus sentimentos no momento, mas este eu senti nos ossos. É a sensação que se tem, como médico, quando se entra em



uma sala de exames e sabe que alguma coisa está muito errada. Antes de fazer a primeira pergunta, antes de ter tomado o primeiro sinal vital. Não acontece com frequência e seria preferível que nunca acontecesse — mas lá estava ela. Você sabe, e não há como evitá-la.

Foram as crianças que me disseram, como tudo o mais. Marsali estava sentada junto à janela, costurando, as duas meninas brincando tranquilamente junto aos seus pés. Germain — atipicamente dentro de casa — sentava-se em cima da mesa, balançando as pernas, a testa franzida sobre o precioso livro de gravuras que Jamie trouxera para ele de Cross Creek. Elas também sabiam.

Marsali ergueu os olhos quando entrei e vi seu rosto crisparse, chocada, ao ver o meu — apesar de estar bem melhor do que antes.

— Estou bem — eu disse apressadamente, impedindo sua exclamação. — Apenas manchas roxas. Mas e você, como está? Larguei minha bolsa e segurei seu rosto nas mãos, virando-o delicadamente para a luz. Uma das faces e a orelha estavam seriamente machucadas e havia um calombo descolorido em sua testa — mas ela não estava cortada e seus olhos devolveram meu olhar, límpidos e saudáveis. Uma boa cor em sua pele, nenhuma descoloração amarelada, nenhum cheiro leve de disfunção renal.

Ela está bem. E o bebê, pensei, e levei as mãos ao seu ventre sem perguntar. Senti um frio no coração quando segurei o volume de seu ventre e o ergui delicadamente. Quase morde a língua de surpresa quando um pequeno joelho mudou de posição em resposta ao toque de minhas mãos.

Fiquei incrivelmente reconfortada com essa reação; eu pensara que a criança poderia estar morta. Um rápido olhar para o rosto de Marsali emudeceu meu alívio. Ela estava tensa, entre a

esperança e o medo, esperando que eu lhe dissesse que o que ela sabia ser verdade não era.

— O bebê tem se movido bastante nestes últimos dias? — perguntei, mantendo a voz calma enquanto procurava meu estetoscópio.

Eu o mandara fazer em um latoeiro em Wilmington, um pequeno sino com uma peça plana na ponta; primitivo, mas eficaz.

— Não tanto quanto costumava fazer — Marsali respondeu, inclinando-se para trás para que eu pudesse ouvir sua barriga. — Mas não se mexem muito, não é, quando estão perto de nascer? Joanie parecia mor... como uma pedra a noite toda antes da bolsa d'água se romper.

— Bem, sim, geralmente fazem isso — concordei, ignorando o que ela quase dissera. — Descansando, eu creio. — Ela sorriu em resposta, mas o sorriso desapareceu como um floco de neve na grelha quando eu me aproximei mais e coloquei o ouvido na peça plana na ponta do tubo de metal reluzente, a abertura larga, em forma de sino, sobre sua barriga.

Levei algum tempo para captar as batidas do coração do bebê e, quando consegui, estavam muito lentas. Também estavam irregulares; os pelos dos meus braços se arrepiaram ao ouvi-las.

Continuei com o exame, fazendo perguntas, fazendo observações divertidas, parando para responder perguntas das crianças, que se aglomeravam ao redor, pisando nos pés umas das outras e interferindo — e durante todo o tempo minha mente trabalhava aceleradamente, aventando possibilidades, todas ruins.

A criança se movia — mas havia algo errado. Os batimentos cardíacos estavam lá — mas errados. Tudo a respeito de seu ventre me parecia errado. Mas o que seria? O cordão umbilical ao redor do pescoço era absolutamente possível, e muito perigoso.

Empurrei sua bata ainda mais para trás, tentando ouvir melhor, e vi o grave machucado — grandes manchas roxas,

tornando-se esverdeadas, algumas ainda com o centro vermelho e preto, que se abriam como rosas mortais sobre a curva de sua barriga. Meus dentes cravaram-se no lábio ao vê-las; eles a haviam chutado, os miseráveis. Era de admirar que ela não tivesse abortado lá mesmo.

A raiva cresceu repentinamente em meu peito, algo imenso e sólido, querendo fazê-lo explodir.

Ela estaria sangrando? Não. Nenhuma dor, a não ser a sensibilidade nos machucados. Nenhuma câibra. Nenhuma contração. Sua pressão sanguínea parecia normal, até onde eu podia dizer.

Um acidente com o cordão umbilical ainda era possível — até mesmo provável. Mas podia ser uma placenta parcialmente descolada, sangrando dentro do útero. Uma ruptura no útero? Ou algo mais raro — um gêmeo morto, um tumor... A única coisa que eu sabia ao certo era que a criança tinha que ser trazida para este mundo para respirar por conta própria, e o mais rápido possível.

— Onde está Fergus? — eu disse, ainda falando calmamente.

— Não sei — ela disse, no mesmo tom de absoluta calma. — Não vem em casa desde anteontem. Não coloque isso na boca, a chuisle. — Ela ergueu a mão para Félicité, que mastigava um toco de vela, mas não conseguiu alcançá-la.

— É mesmo? Bem, nós o encontraremos. — Retirei o toco de vela, Félicité não protestou, ciente de que algo estava acontecendo, mas não sabendo o quê. Em busca de consolo, ela agarrou a perna da mãe e, com determinação, começou a tentar escalá-la para o colo inexistente de Marsali.

— Não, bebé — Germain disse, segurando sua irmã pela cintura e arrastando-a para trás. — Venha comigo, a piuthar. Quer leite? — ele acrescentou, adulando-a. — Vamos até a casinhola da fonte, está bem? — Quero mamãe! — Félicité girava braços e pernas

tentando escapar, mas Germain pegou seu corpinho gorducho nos braços.

— Meninas, venham comigo — ele disse com firmeza, arrastando-se para fora, Félicité grunhindo e contorcendo-se em seu colo, Joanie precipitando-se em seus calcanhares, parando à porta para olhar para Marsali, os grandes olhos castanhos arregalados e assustados.

— Vá, a muirninn — Marsali disse, sorrindo. — Leve-as para ver a sra. Bug. Está tudo bem.

— Ele é um bom menino, Germain — Marsali murmurou, cruzando as mãos sobre o ventre conforme o sorriso se apagava.

— Muito meigo — concordei. — Marsali...

— Eu sei — ela disse simplesmente. — Você acha que ele vai sobreviver? — Ela passou a mão delicadamente pela barriga, olhando para baixo.

Eu não tinha certeza, mas por enquanto a criança estava viva.

Hesitei, repassando possibilidades mentalmente. Qualquer coisa que eu fizesse representaria um enorme risco — para ela, para a criança ou para ambas. Por que eu não viera antes? Censurei-me por aceitar a palavra de Jamie e de Fergus de que ela estava bem, mas não havia tempo para autocensura — e de qualquer modo talvez não fizesse diferença.

— Consegue andar? — perguntei. — Vamos ter que ir para a casa grande.

— Sim, claro. — Ela levantou-se cuidadosamente, segurando meu braço. Olhou ao redor da cabana, como se quisesse memorizar todos os detalhes domésticos, em seguida lançou-me um olhar direto e penetrante.

— Conversaremos no caminho.

Havia opções, a maioria horríveis de se considerar. Se houvesse perigo de descolamento da placenta, eu podia fazer uma

cesariana de emergência e provavelmente salvar a criança — mas Marsali morreria.

Induzir o parto lentamente era arriscar a vida da criança, porém era muito mais seguro para Marsali. Obviamente — e eu guardei esse pensamento para mim mesma — a indução do parto aumentava o risco de hemorragia. Se isso acontecesse...

Eu poderia talvez parar o sangramento e salvar Marsali, mas seria incapaz de ajudar a criança, que provavelmente também estaria em perigo. Na verdade, havia o éter... um pensamento tentador, mas eu o descartei, com relutância. Era, de fato, éter — mas eu ainda não o usara, não sabia de sua concentração ou eficácia, nem eu possuía nenhuma formação de anestesista que me permitisse calcular seus efeitos em uma situação tão arriscada quanto um parto de risco. Para uma pequena operação, eu podia ir devagar, avaliar a respiração do paciente e simplesmente recuar se as coisas parecessem não estar indo bem. Se eu estivesse no meio de uma cesariana e as coisas desandassem, não haveria saída.

Marsali parecia anormalmente calma, como se ouvisse o que estava acontecendo dentro dela e não as minhas explicações e especulações.

Quando estávamos perto da casa grande, entretanto, nos encontramos com o Jovem Ian, descendo a colina com um punhado de coelhos mortos, pendurados pelas orelhas, e ela voltou a ficar atenta.

— Olá, prima! Como vai? — ele perguntou alegremente.

— Preciso de Fergus, Ian — ela disse sem preâmbulos. — Pode encontrá-lo? O sorriso desapareceu de seu rosto quando ele percebeu a palidez de Marsali e o fato de eu a estar apoiando.

— Santo Deus, a criança está nascendo? Mas por que... — Olhou para cima do caminho atrás de nós, obviamente se perguntando por que havíamos deixado a casa de Marsali.

— Vá buscar Fergus, Ian — eu interrompi. — Agora.

— Oh. — Ele engoliu em seco, repentinamente parecendo muito jovem.

— Oh. Sim. Já vou. Agora mesmo! — Começou a se afastar, depois girou nos calcanhares e enfiou os coelhos em minha mão. Em seguida, saltou para fora do caminho e começou a descer a encosta, disparando pelo meio das árvores e troncos caídos. Rollo, sem querer ser deixado para trás, passou em disparada, uma mancha cinzenta arremetendo-se pela encosta abaixo atrás de seu dono como uma pedra caindo.

— Não se preocupe — eu disse, dando uns tapinhas tranquilizadores no braço de Marsali. — Eles o encontrarão.

— Oh, sim — ela disse, vendo-os se afastarem. — Mas se não o encontrarem a tempo...

— Encontrarão — eu disse com firmeza. — Vamos.

Enviei Lizzie em busca de Brianna e Malva Christie — achei que eu poderia precisar de mais mãos — e mandei Marsali para a cozinha, para descansar com a sra. Bug, enquanto eu preparava o consultório.

Travesseiros e lençóis limpos, estendidos sobre minha mesa de exame.

Uma cama seria melhor, mas eu precisava de meu equipamento à mão.

E o equipamento em si: os instrumentos cirúrgicos, cuidadosamente escondidos sob uma toalha limpa; a máscara de éter, forrada com uma grossa camada de gaze limpa; o frasco de gotejamento — eu poderia confiar em Malva para administrar o éter, se eu tivesse que fazer uma cirurgia de emergência? Achei que provavelmente sim; ela era muito jovem, e sem nenhum treinamento, mas possuía uma calma notável e eu sabia que não era melindrosa. Enchi o frasco de gotejamento, desviando o rosto do cheiro denso e adocicado que se desprendia do líquido, e coloquei uma pequena mecha de algodão torcido no bico, para impedir que o

éter evaporasse e inebriasse todas nós — ou pegasse fogo. Olhei apressadamente para a lareira, mas o fogo estava apagado.

E se o trabalho de parto se prolongasse e as coisas começassem a dar errado — se eu tivesse que fazer isso à noite, à luz de velas? Eu não poderia; o éter era altamente inflamável. Afastei a visão mental de eu mesma realizando uma operação cesariana de emergência na absoluta escuridão, pelo tato.

— Se tiverem um tempinho sobrando, esta seria uma ótima oportunidade para darem uma força — murmurei, dirigindo essa observação coletivamente a santa Brígida, são Raimundo e santa Margarete da Antioquia, todos presumivelmente padroeiros de grávidas e protetores do parto, além de qualquer anjo da guarda, meu, de Marsali ou da criança, que pudesse estar pairando por ali.

Evidentemente, alguém estava ouvindo. Quando coloquei Marsali sobre a mesa, fiquei bastante aliviada de ver que o colo do útero havia começado a se dilatar, mas não havia nenhum sinal de sangramento. Não descartei o risco de hemorragia, de modo algum, mas sem dúvida isso significava que a probabilidade era bem menor.

Sua pressão sanguínea parecia normal, até onde eu podia dizer olhando para ela, e os batimentos cardíacos do bebê haviam se estabilizado, apesar de a criança ter parado de se mexer, recusando-se a reagir a empurrões e cutucadas.

— Dormindo profundamente, acho — eu disse, sorrindo para Marsali. — Descansando.

Ela me deu um fraco sorriso em resposta e virou-se de lado, grunhindo como um porco.

— Eu mesma estou precisando de um pouco de repouso, depois da caminhada. — Ela suspirou, descansando a cabeça no travesseiro. Adso, apoiando essa iniciativa, saltou para cima da mesa e enroscou-se sobre seus seios, esfregando a cabecinha afetuosamente contra seu peito.

Eu o teria arremessado dali, mas Marsali pareceu achar algum consolo em sua presença, afagando suas orelhas até ele enroscar-se sob seu queixo, ronronando loucamente. Bem, eu já fizera partos em ambientes muito menos higiênicos, apesar do gato, e este provavelmente seria um longo processo; Adso já teria ido embora muito tempo antes de sua presença se tornar um estorvo.

Eu estava me sentindo um pouco mais tranquilizada, mas não ainda confiante. Aquela ligeira sensação de que havia algo errado permanecia lá. No caminho, eu examinara as várias opções disponíveis para mim; considerando a leve dilatação do colo do útero e os batimentos cardíacos agora regulares, achei que devíamos tentar o método mais conservador de indução do parto, para não causar um estresse desnecessário na mãe e na criança. Se houvesse uma emergência... bem, lidaríamos com isso quando e se precisássemos.

Eu só esperava que o conteúdo do jarro estivesse aproveitável; eu não tivera a oportunidade de abri-lo antes. Laminaria, dizia o rótulo, escrito na letra cursiva de Daniel Rawlings. Era um pequeno jarro de vidro verde-escuro, bem tampado com rolha de cortiça, e muito leve.

Quando o abri, uma ligeira baforada de iodo flutuou para fora, mas nenhum cheiro de decomposição, graças a Deus.

Laminaria é uma alga marinha. Seca, não passam de tiras finas como papel, marrom-esverdeadas. Entretanto, ao contrário de muitas algas, a laminaria não se esfarela com facilidade. E possui uma surpreendente capacidade de absorver água.

Inserida na abertura do colo do útero, ela absorve a umidade das membranas mucosas — e incha, forçando lentamente o colo do útero a se abrir mais e, assim, por fim, provocando o início do trabalho de parto.



Eu já vira a laminaria ser usada, mesmo em minha própria época, embora nos tempos modernos fosse mais frequentemente usada para ajudar a expelir uma criança morta do útero. Empurrei esse pensamento para o fundo de minha mente e selecionei uma boa peça da alga.

Era um procedimento simples e, uma vez realizado, nada havia a fazer senão aguardar. E torcer. O consultório estava muito tranquilo, cheio de luz e dos sons das andorinhas no celeiro, aninhando-se sob os beirais.

— Espero que Ian encontre Fergus — Marsali disse após um período de silêncio.

— Tenho certeza de que encontrará — eu disse, distraída na tentativa de acender meu pequeno braseiro usando pederneira e o acendedor de aço. Eu devia ter dito a Lizzie para pedir a Brianna que trouxesse fósforos. — Você disse que Fergus estava ausente há algum tempo? — Sim. — Sua voz pareceu abafada e eu ergui os olhos para ver sua cabeça inclinada sobre Adso, o rosto escondido em seus pelos. — Eu mal o vi desde... desde que os homens foram ao terreiro de maltagem.

— Ah.

Eu não sabia o que dizer a isso. Não havia percebido que Fergus andava sumido — embora conhecendo o que eu conhecia dos homens do século XVIII, imaginasse que podia entender o motivo.

— Ele está envergonhado, o tolo francês — Marsali disse de forma prática, confirmando minha suposição. Ela virou o rosto, um olho azul visível acima da curva da cabeça de Adso. — Acha que foi culpa dele, sabe? Que eu estivesse lá, quero dizer. Acha que, se ele fosse mais capaz de trabalhar, eu não teria que ir cuidar da maltagem.

— Homens — eu disse, sacudindo a cabeça, e ela riu.

— Sim, homens. Não que ele realmente dissesse qual era o problema, é claro. Muito melhor fugir e ficar se remoendo, e me deixando às voltas com três crianças pequenas! — Revirou os olhos.

— Sim, bem, os homens costumam fazer isso — disse a sra. Bug tolerantemente, entrando com uma vela fina e comprida, acesa. — Não têm o menor bom-senso, mas não fazem por mal. Eu ouvi você usando esse acendedor como se estivesse num velório, sra. Claire; por que simplesmente não foi lá buscar um graveto aceso como qualquer pessoa sensata? — Ela encostou a vela nos gravetos no meu braseiro, que prontamente se acenderam.

— Prática — eu disse brandamente, acrescentando gravetos à pequena chama. — Tenho esperança de um dia aprender a acender um fogo em menos de um quarto de hora.

Marsali e a sra. Bug resfolegaram com simultânea zombaria.

— Valha-me Deus, menina, um quarto de hora não é nada! Ora, muitas vezes eu passava mais de uma hora tentando extrair uma fagulha de um pavio úmido. Especialmente na Escócia, já que nada jamais está seco no inverno lá. Por que você acha que as pessoas se dão ao trabalho de abafar o fogo? Isso causou uma animada discussão da melhor maneira de abafar um fogo para a noite, inclusive um debate sobre a bênção adequada a ser dita ao fazê-lo, e isso durou o tempo suficiente para eu conseguir um fogo decente no braseiro e colocar uma pequena chaleira sobre ele para uma infusão. Chá de folhas de framboesa ajudaria as contrações.

A menção à Escócia pareceu lembrar Marsali de alguma coisa, pois ela se ergueu sobre o cotovelo.

— Mamãe Claire... acha que papai se importaria se eu pegasse emprestados uma folha de papel e um pouco de tinta? Estou pensando em escrever para minha mãe.

— Acho uma excelente ideia. — Fui buscar papel e tinta, o coração batendo um pouco mais rápido. Marsali estava inteiramente calma; eu, não. Mas eu já vira isso antes; não sabia se

era fatalismo, fé religiosa ou algo puramente físico, mas as mulheres que davam à luz pareciam muitas vezes perder qualquer noção de medo ou apreensão, voltando-se para dentro de si mesmas e exibindo uma absorção que chegava à indiferença, simplesmente porque não tinham nenhuma atenção de sobra para qualquer outra coisa além do universo limitado por sua barriga.

No caso, meu permanente senso de pavor estava quieto, e duas ou três horas se passaram em serena paz. Marsali escreveu para Laoghaire, mas também curtos bilhetes para cada um de seus filhos. Por precaução, ela dissera laconicamente, entregando-me os bilhetes dobrados para guardar. Notei que ela não escreveu para Fergus, mas seus olhos dirigiam-se para a porta toda vez que havia algum som.

Lizzie voltou para informar que não conseguiu encontrar Brianna em parte alguma, mas Malva Christie apareceu, parecendo empolgada, e foi imediatamente colocada para trabalhar, lendo em voz alta *The Adventures of Peregrine Pickle*, de Tobias Smollett.

Jamie entrou, coberto de poeira da estrada, e beijou-me nos lábios e beijou Marsali na testa. Percebeu a situação pouco ortodoxa e disfarçadamente ergueu uma das sobrancelhas para mim.

— Como está passando, então, a muirninn? — ele perguntou a Marsali.

Ela fez uma leve careta e colocou a língua para fora, e ele riu.

— Você não viu Fergus em nenhum lugar por aí, não é? — eu perguntei.

— Sim, vi — ele disse, parecendo ligeiramente surpreso. — Querem que ele venha aqui? — Essa pergunta foi dirigida tanto a mim quanto a Marsali.

— Sim, queremos — eu disse, com firmeza. — Onde ele está? — No moinho de Woolam. Está servindo de intérprete para um viajante francês, um artista que veio em busca de pássaros.

— Pássaros, hein? — A ideia pareceu insultuosa à sra. Bug, que largou seu tricô e sentou-se ereta. — Nosso Fergus fala a linguagem dos pássaros, hein? Bem, vá buscar o sujeitinho agora mesmo. Seu francês pode cuidar de seus pássaros sozinho! Um pouco desconcertado com tal veemência, Jamie deixou que eu o levasse para o corredor e até a porta da frente. Fora do alcance dos ouvidos, ele parou.

— O que tem a menina? — ele quis saber, a voz baixa, lançando um olhar para trás, na direção do consultório, onde Malva, com sua voz alta e clara, retomara a leitura.

Contei-lhe da melhor forma possível.

— Pode não ser nada, assim espero. Mas... ela quer Fergus. Ela diz que ele tem se mantido afastado, sentindo-se culpado pelo que aconteceu no terreiro de maltagem.

Jamie assentiu.

— Bem, sim, imagino que sim.

— Sim? Ora, e por quê? — perguntei, exasperada. — Não foi culpa dele! Ele me deu um olhar sugerindo que eu deixara de compreender algo patentemente óbvio à mais ignorante das criaturas.

— Acha que isso faz diferença? E se a menina morrer... ou acontecer algo à criança? Acha que ele não iria se culpar? — Não deveria — eu disse. — Mas obviamente ele se culpa. Você não... — Parei de repente, porque na verdade ele também se sentia assim.

Ele me dissera isso, muito claramente, na noite em que me trouxera de volta.

Ele viu a lembrança atravessar meu semblante e o esboço de um sorriso doloroso e amargo transpareceu em seu olhar. Ele estendeu a mão e traçou a linha da minha sobrancelha, atravessada por um corte em cicatrização.

— Acha que eu não senti isso? — ele perguntou, baixinho. Sacudi a cabeça, não em negação, mas em desamparo.

— Um homem deve proteger e defender sua mulher — ele disse simplesmente, virando-se para ir embora. — Vou buscar Fergus.

A laminaria estava realizando sua função lenta e pacientemente, e Marsali começava a ter contrações esporádicas, embora o trabalho de parto ainda não tivesse realmente começado.

Fergus estava desalinhado, sem se barbear, coberto de poeira, e obviamente não tomava banho há dias, mas o rosto de Marsali se iluminou como o sol ao vê-lo. Não sei o que Jamie lhe dissera; ele parecia deprimido e preocupado — mas, ao ver Marsali, arremeteu-se para ela como uma flecha para o alvo, abraçando-a com tanto fervor que Malva deixou o livro cair no chão, observando atônita.

Página 426 Relaxei um pouco, pela primeira vez desde que entrei na casa de Marsali naquela manhã.

— Bem — eu disse, e respirei fundo. — Talvez a gente deva comer alguma coisa, não? Deixei Marsali e Fergus sozinhos, enquanto o resto de nós comia, e voltei ao consultório, encontrando-os com as cabeças unidas, conversando serenamente. Detestei interrompê-los, mas era necessário.

Por um lado, o colo do útero havia se dilatado consideravelmente e não havia sinal de sangramento anormal, o que era um enorme alívio.

Por outro... os batimentos cardíacos do bebê estavam irregulares outra vez. Era quase certo que se tratava de um problema com o cordão umbilical, pensei.

Eu percebia os olhos de Marsali fixos em meu rosto conforme eu ouvia através do estetoscópio e exerci todas as minhas forças para não deixar nada transparecer.

— Você está indo muito bem — assegurei-lhe, alisando seus cabelos e afastando-os de sua testa, e sorrindo para ela. — Acho que talvez seja hora de dar uma pequena ajuda.

Havia diversas ervas que podiam ajudar o parto, mas a maioria eu não usaria, se houvesse algum perigo de hemorragia. Nesse ponto, entretanto, eu estava ansiosa o suficiente para querer ver as coisas começarem a se resolver o mais rápido possível. Chá de folhas de framboesa podia ser uma ajuda, sem ser tão forte a ponto de induzir contrações violentas ou abruptas. Será que eu deveria acrescentar acteia azul? — O bebê precisa vir rápido — Marsali disse a Fergus, com toda aparência de calma. Obviamente, eu não tinha sido tão bem-sucedida em esconder minha apreensão quanto eu pensava.

Ela segurava seu rosário e então o enrolou na mão, a cruz pendente.

— Ajude-me, mon cher.

Ele ergueu a mão com o rosário e beijou-a.

— Oui, cherie. — Ele se benzeu e começou a trabalhar.

Fergus passara os dez primeiros anos de sua vida no bordel onde nascera. Em consequência, sabia bem mais a respeito de mulheres — em alguns aspectos — do que qualquer outro homem que eu já tivesse conhecido. Ainda assim, fiquei atônita ao vê-lo levar as mãos às alças da combinação de Marsali e puxá-las para baixo, expondo seus seios.

Marsali não pareceu nem um pouco surpresa, apenas recostando-se e virando-se ligeiramente para ele, o volume de sua barriga aconchegando-se contra ele ao fazê-lo.

Ele ajoelhou-se em um banquinho junto à cama e, colocando a mão ternamente, mas distraidamente, em sua barriga, inclinou-se para o seio de Marsali, os lábios ligeiramente franzidos. Então, ele pareceu notar que eu o observava boquiaberta e ergueu os olhos acima da barriga de Marsali.

— Oh. — Sorriu para mim. — Você não... bem, imagino que talvez nunca tenha visto isso, milady? — De fato, nunca. — Eu estava dividida entre o fascínio e um sentimento de que talvez eu

devesse desviar os olhos. — O que...? — Quando as contrações estão prestes a começar, sugar os seios da mulher encoraja o útero a se mover, assim apressando a criança — ele explicou, e roçou o polegar inconscientemente pelo mamilo marrom-escuro, de modo que ele se ergueu, redondo e duro como uma cereja madura. — No bordel, se uma das filies tinha alguma dificuldade, às vezes uma outra fazia isso por ela. Eu já fiz isso para ma douce antes, quando Félicité nasceu. Ajuda, você vai ver.

E sem mais comoção segurou o seio com as duas mãos e tomou o mamilo em sua boca, sugando delicadamente, mas com grande concentração, os olhos fechados.

Marsali suspirou e seu corpo pareceu relaxar da maneira abandonada de que uma mulher grávida é capaz, como se de repente parecesse não ter ossos, como uma água-viva encalhada na praia.

Eu estava mais do que desconcertada, mas não podia sair, caso algo drástico acontecesse.

Hesitei por um instante, depois puxei um banquinho e sentei-me, tentando passar despercebida. Na realidade, entretanto, nenhum dos dois parecia preocupado com a minha presença — se é que ainda tinham consciência de que eu estava ali. De qualquer modo, virei-me um pouco, para não ficar olhando abertamente.

Eu estava ao mesmo tempo estupefata e interessada na técnica de Fergus. Ele tinha toda razão; quando um bebê suga o seio, o útero se contrai. As parteiras que eu conheci no Hospital des Anges em Paris também haviam me dito isso; uma mulher que acabava de dar à luz devia amamentar a criança imediatamente, para que a hemorragia diminuísse.

Nenhuma delas, entretanto, mencionara o uso da técnica como meio de induzir o trabalho de parto.

No bordel, se uma das filies tinha alguma dificuldade, às vezes uma outra fazia isso por ela, ele dissera.

Sua mãe fora uma das filies, embora ele não tivesse chegado a conhecê-la. Eu podia imaginar uma prostituta parisiense, de cabelo escuro, provavelmente jovem, gemendo no trabalho de parto — e uma amiga ajoelhada para sugá-la delicadamente, segurando os seios sensíveis, inchados, e sussurrando palavras de encorajamento, enquanto vozes estrondosas de clientes satisfeitos ecoavam pelos andares e através das paredes. Ela teria morrido, sua mãe? No parto dele ou de uma outra criança posteriormente? Estrangulada por um cliente bêbado, surrada pelo cafetão de madame? Ou será que ela simplesmente não o quis, se recusara a se responsabilizar por uma criança bastarda, e assim deixara-o entregue à compaixão das outras mulheres, um dos anônimos filhos da rua, um filho de ninguém? Marsali remexeu-se na cama e eu olhei para ver se ela estava bem.

Estava. Só havia se mexido para passar os braços ao redor dos ombros de Fergus, inclinando a cabeça para a dele. Ela tirara a touca; seus cabelos louros estavam soltos, luminosos contra a escuridão lustrosa dos cabelos de seu marido.

— Fergus... acho que talvez eu vá morrer — ela sussurrou, a voz quase inaudível acima do vento nas árvores.

Ele soltou seu mamilo, mas moveu os lábios delicadamente sobre a superfície de seu seio, murmurando: — Você sempre acha que vai morrer, p'tite puce, todas as mulheres pensam assim.

— Sim, porque muitas realmente morrem — ela disse, um pouco incisivamente, e abriu os olhos. Ele sorriu, os olhos ainda fechados, a ponta da língua tocando delicadamente o mamilo.

— Você, não — ele disse baixinho, mas com grande confiança. Ele passou a mão pelo seu ventre, primeiro delicadamente, depois com mais força. Pude ver o volume enrijecer-se, erguendo-se subitamente, redondo e sólido. Marsali inspirou profunda e repentinamente, e Fergus pressionou a base de sua mão



contra a parte inferior do volume, com força contra seu osso púbico, mantendo-o ali até a contração relaxar.

— Oh — ela disse, arquejante.

— Tu... non — ele sussurrou, ainda mais suavemente. —

Você, não.

Não deixarei que você vá.

Crispei as mãos nas dobras da minha saia. Aquela parecera uma excelente contração. Nada terrível parecia estar acontecendo em consequência.

Fergus retomou seu trabalho, parando de vez em quando para murmurar alguma coisa ridícula para Marsali em francês. Levantei-me e dei a volta cautelosamente na direção do pé da mesa. Não, nada ainda.

Lancei um rápido olhar para a bancada, para me certificar de que tudo estava preparado, e estava.

Talvez tudo estivesse bem. Havia um fio de sangue no lençol — mas não passava de uma pequena quantidade, absolutamente normal.

Havia ainda a preocupante irregularidade dos batimentos cardíacos da criança, a possibilidade de um acidente com o cordão umbilical, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito disso no momento. Marsali tomara sua decisão, e era a decisão certa. Fergus retomara seu trabalho. Saí silenciosamente para o corredor e deixei a porta quase fechada, para lhes dar privacidade. Se ela tivesse uma hemorragia, eu poderia atendê-la em um segundo.

Eu ainda segurava o jarro de folhas de framboesa na mão. Imaginei que deveria de qualquer modo preparar o chá — nem que fosse apenas para me sentir útil! Não encontrando sua mulher em casa, o velho Arch Bug viera para a casa grande com as crianças. Félicité e Joan dormiam profundamente no banco comprido e Arch fumava seu cachimbo junto ao fogo, soprando anéis de fumaça para

um fascinado Germain. Enquanto isso, Ian e Malva Christie pareciam engajados em uma amistosa discussão literária relativa aos méritos de Henry Fielding, Tobias Smollett e...

— Ovid? — eu disse, pegando o final de um comentário. — É mesmo? — "Desde que esteja a salvo, poderá contar com muitos amigos" — Jamie citou. — "Se sua vida se tornar conturbada, você estará sozinho." Vocês não acham que isso é o que acontece com o pobre Tom Jones e o pequeno Perry Pickle? — Mas certamente verdadeiros amigos não abandonariam um homem, só porque ele está com alguma dificuldade! — Malva aduziu. — Que tipo de amigo é esse? — O tipo mais comum, receio — eu disse. — Felizmente, de fato existem os do outro tipo.

— Sim, existem — Jamie concordou. Sorriu para Malva. — Os escoceses das Highlands são os amigos mais confiáveis, nem que seja apenas porque são os piores inimigos.

Ela ficou levemente ruborizada, mas percebeu que ele estava zombando dela.

— Hum — ela disse, e levantou o nariz a fim de exibir um ar altivo.

— Meu pai diz que os habitantes das Highlands são guerreiros tão ferozes porque há bem poucos valores nas Highlands, e as batalhas mais cruéis são sempre travadas pelos motivos mais insignificantes.

Todos desataram a rir diante dessa observação e Jamie levantou-se para aproximar-se de mim, deixando Ian e Malva retomarem sua discussão.

— Como vão as coisas com a menina? — ele perguntou serenamente, despejando água da chaleira para mim.

— Não tenho certeza — eu disse. — Fergus está... hã... ajudando-a.

As sobrancelhas de Jamie levantaram-se.

— Como? — ele perguntou. — Não sabia que havia alguma coisa que um homem pudesse fazer neste assunto, depois de ter dado início ao processo.

— Oh, você ficaria surpreso — assegurei-lhe. — Eu certamente fiquei! Ele pareceu intrigado com isso, mas foi impedido de fazer mais perguntas pela exigência da sra. Bug de que todos parassem de falar sobre desgraçados que saem das páginas dos livros para fazer maldades e se sentassem para comer.

Eu também me sentei para jantar, mas não consegui comer direito, preocupada com Marsali. O chá de folhas de framboesas ficara pronto enquanto comíamos; coloquei-o no bule e levei-o para o consultório — batendo cautelosamente na porta antes de entrar.

Fergus estava afogueado e arfante, mas seus olhos brilhavam. Não se deixou persuadir a sair e ir comer, insistindo em ficar ao lado de Marsali. Seus esforços apresentavam resultados; Marsali agora tinha contrações regulares, embora ainda um pouco espaçadas.

— Vai ser rápido, depois que a bolsa d'água se romper — Marsali disse-me. Ela também estava um pouco afogueada, com um olhar introspectivo. — É sempre assim.

Verifiquei os batimentos cardíacos outra vez — nenhuma grande mudança; ainda um pouco irregulares, mas não estavam se enfraquecendo. Pedi licença e saí. Jamie estava em seu gabinete, do outro lado do corredor. Entrei e sentei-me ao seu lado, para estar por perto quando precisassem de mim.

Ele escrevia, como fazia todas as noites, para sua irmã, parando de vez em quando para esfregar a contração dos músculos da mão direita antes de retomar a escrita. Em cima, a sra. Bug colocava as crianças para dormir. Eu podia ouvir Félicité choramingando e Germain tentando cantar para ela.

Do outro lado do corredor, pequenos movimentos e murmúrios, deslocamento de peso e estalidos da mesa. E nas

profundezas do meu ouvido interior, fazendo eco à minha própria pulsação, as batidas baixas e rápidas do coração de um bebê.

Tudo poderia facilmente terminar mal.

— O que está fazendo, Sassenach? Ergui os olhos, espantada.

— Não estou fazendo nada.

— Está olhando fixamente, tentando ver através das paredes, e parece que não está gostando do que vê.

— Oh. — Abaixei o olhar e percebi que andara dobrando e desdobrando o tecido da minha saia entre os dedos; havia uma grande área amarrotada no tecido castanho-amarelado. — Relembrando meus fracassos, imagino.

Ele olhou-me por um instante, depois se levantou e veio por trás de mim, colocando as mãos na base do meu pescoço, massageando meus ombros com um toque quente e forte.

— Que fracassos? — ele perguntou.

Fechei os olhos e deixei minha cabeça pender para frente, tentando não gemer com a sensação de dor dos músculos tensos e o maravilhoso alívio simultâneo. — Oh — eu disse, e suspirei. — Pacientes que não pude salvar.

Erros. Desastres. Acidentes. Nascimento de crianças mortas.

Esse último ficou pairando no ar e suas mãos pararam seu trabalho por um instante, depois retomaram com mais vigor.

— Há situações, é claro, em que você nada pode fazer, não é? Nem você, nem ninguém. Algumas coisas estão além do poder de uma pessoa, não é? — Você nunca acredita nisso quando é com você — eu disse. — Por que eu deveria acreditar? Ele parou sua massagem e eu ergui os olhos por cima do ombro para ele. Abriu a boca para me contradizer, depois percebeu que eu tinha razão. Sacudiu a cabeça, suspirou e retomou a massagem.

— Sim, bem. Acho que é verdade — ele disse, com extrema cautela.

— Acha que é isso que os gregos chamavam de hubris? Ele resfolegou ligeiramente, o que podia ser uma pequena risada.

— Sim, acho. E você sabe aonde isso leva.

— A uma rocha solitária sob o sol escaldante, com um abutre comendo seu fígado — eu disse, e ri.

Jamie também riu.

— Sim, bem, uma rocha solitária sob o sol escaldante é um lugar muito bom para ter companhia, eu diria. E não estou me referindo ao abutre.

Suas mãos deram um aperto final em meus ombros, mas ele não as retirou. Encostei a cabeça para trás contra ele, os olhos fechados, reconfortando-me com sua companhia.

No silêncio momentâneo, podíamos ouvir pequenos sons do outro lado do corredor, vindos do consultório. Um grunhido abafado de Marsali quando uma contração sobreveio, uma pergunta sussurrada em francês, de Fergus.

Eu achava que na verdade não devíamos ficar à escuta, mas nenhum de nós dois conseguia pensar em nada para dizer, para encobrir os sons de sua conversa privada.

Um murmúrio de Marsali, uma pausa, depois Fergus disse algo hesitante.

— Sim, como fizemos antes de Félicité — veio a voz de Marsali, abafada, mas perfeitamente clara.

— Oui, mas...

— Coloque alguma coisa contra a porta, então — ela disse, parecendo impaciente.

Ouvimos passos e a porta do consultório se abriu. Fergus ficou parado ali, os cabelos negros desalinhados, a camisa semiaberta e seu bonito rosto profundamente afogueado sob a sombra da barba por fazer.

Ele nos viu, e um olhar extraordinário atravessou seu semblante.

Orgulho, constrangimento e algo inexplicavelmente... francês. Deu um sorriso enviesado para Jamie e um gesto de um ombro só de suprema despreocupação, tipicamente francês — em seguida, fechou a porta com firmeza. Ouvimos o som arranhado da mesa sendo arrastada e uma pequena batida quando foi empurrada contra a porta.

Jamie e eu trocamos um olhar de absoluta perplexidade.

Ouviram-se risadinhas por trás da porta fechada, acompanhadas por fortes ruges-ruges e estalidos.

— Ele não vai — Jamie começou, e parou abruptamente, parecendo incrédulo. — Vai? Evidentemente sim, a julgar pelos rangidos levemente rítmicos que começaram a ser ouvidos a partir do consultório.

Senti um leve calor inundar-me, juntamente com uma ligeira sensação de choque — e uma vontade um pouco mais forte de rir.

— Bem... hã... eu já ouvi dizer que... hum... às vezes isso realmente provoca o começo do trabalho de parto. Se uma criança demora muito a nascer, as maitresses sage femme em Paris às vezes diziam às mulheres para embebedarem seus maridos e... hã-hum.

Jamie lançou à porta do consultório um olhar de incredulidade, misturado a um respeito relutante.

— E ele sem sequer tomar uma dose. Bem, se é isso que ele está fazendo, o desgraçado tem coragem, isso eu posso dizer a seu favor.

Ian, descendo o corredor a tempo de ouvir a conversa, parou abruptamente. Ouviu por um instante os ruídos que vinham do consultório, olhou de Jamie para mim e para a porta do consultório, de novo para nós, depois sacudiu a cabeça, virou-se e se afastou na direção da cozinha.

Jamie fechou a porta do gabinete silenciosamente.

Sem comentários, ele se sentou novamente, pegou sua pena e começou a desenhar seus rabiscos perseverantemente. Dirigi-me à pequena estante e fiquei lá fitando a coleção de lombadas surradas, sem me fixar em nada.

As histórias e credices antigas às vezes não passavam de histórias e credices antigas. As vezes, não.

Eu raramente era perturbada por lembranças pessoais ao lidar com meus pacientes; não tinha nem tempo, nem atenção para isso. No momento, entretanto, eu tinha uma grande dose de ambos. E uma lembrança realmente vívida da noite anterior ao nascimento de Bri.

As pessoas sempre dizem que as mulheres esquecem como é o parto, porque, caso se lembrassem, ninguém iria querer passar por isso mais de uma vez. Pessoalmente, eu não tinha nenhum problema com a lembrança.

Particularmente, a sensação de absoluta inércia. Aquele tempo interminável na direção final, quando parecia que o parto nunca aconteceria, que a pessoa estava estagnada em alguma pré-histórica poça de betume, cada pequeno movimento uma luta em vão. Cada centímetro quadrado de pele tão distendido quanto o estado de espírito da pessoa.

Não se esquece jamais. Você apenas chega ao ponto em que não se importa mais com o que sentirá no parto; qualquer coisa é melhor do que estar grávida por mais um instante.

Eu atingira esse ponto aproximadamente duas semanas antes da data prevista do nascimento. A data chegou — e passou. Uma semana depois, eu estava em um estado de histeria crônica, se alguém pudesse estar simultaneamente histérica e entorpecida.

Frank estava fisicamente mais confortável do que eu, mas, em termos de nervos, não estávamos muito diferentes. Nós dois

estávamos aterrorizados — não só com o nascimento, mas com o que viria depois.

Frank sendo Frank, reagia ao terror tornando-se muito quieto e calado, recolhendo-se para dentro de si mesmo, para um lugar onde podia controlar os acontecimentos, recusando-se a deixar qualquer coisa entrar.

Mas eu não estava com disposição de respeitar as barreiras de ninguém e caí em prantos de absoluto desespero ao ser informada por um alegre obstetra de que eu não tinha nenhuma dilatação e que "ainda pode demorar vários dias, talvez mais uma semana".

Tentando me acalmar, Frank começou a massagear meus pés.

Depois, minhas costas, meu pescoço, meus ombros — qualquer coisa que eu deixasse ele tocar. E gradualmente eu me exauri, e fiquei deitada, quieta, deixando que ele me tocasse. E... e ambos ficamos aterrorizados, e terrivelmente necessitados de consolo, e nenhum de nós dois tinha palavras de conforto para dar.

E ele fez amor comigo, devagar e delicadamente, e adormecemos nos braços um do outro — e acordamos em pânico algumas horas mais tarde quando a bolsa d'água estourou.

— Claire! — Creio que Jamie chamou meu nome mais de uma vez; eu estivera tão mergulhada em minhas lembranças que me esquecera completamente de onde estava.

— O quê? — Girei nos calcanhares, o coração batendo com força.

— Aconteceu alguma coisa? — Não, ainda não. — Examinou-me por um instante, o cenho franzido, depois se levantou e veio ficar ao meu lado.

— Você está bem, Sassenach? — Sim. Eu... eu só estava pensando.



— Sim, eu percebi — ele disse secamente. — Que você mesma possa estar grávida? — Não — eu disse, e ouvi o tom de desolação em minha voz tão claramente quanto ele. — Eu sei que não estou. — Ergui os olhos para ele; seu rosto estava velado por uma névoa de lágrimas não derramadas. — Estou triste de não estar, de que jamais estarei novamente.

Pestanejei com força e vi em seu rosto as mesmas emoções que eu sentia — alívio e pesar, misturados em tal proporção que era impossível dizer qual pesava mais. Ele me envolveu com seus braços e eu descansei a cabeça em seu peito, pensando no conforto que era saber que eu tinha companhia nesta rocha, também.

Permanecemos em silêncio por algum tempo, apenas respirando.

Então, houve uma súbita mudança nos ruídos furtivos vindos do consultório. Ouviu-se um pequeno grito de surpresa, uma exclamação mais alta em francês, e em seguida o som de pés aterrissando pesadamente no assoalho, juntamente com o barulho inconfundível de fluido amniótico derramando-se no chão.

Tudo realmente se passou depressa. Em uma hora, eu vi o topo de um crânio coberto de penugem preta.

— Ele tem muito cabelo — relatei, untando o períneo com óleo para facilitar. — Tenha cuidado, não faça força demais! Ainda não. — Passei a mão pela curva do crânio emergente. — Ele tem uma cabeça realmente grande.

— Eu jamais teria imaginado — Marsali disse, arquejando e com o rosto vermelho. — Obrigada por me informar.

Eu mal tive tempo para rir antes de a cabeça sair de forma precisa para dentro de minhas mãos, o rosto para baixo. O cordão de fato estava enrolado no pescoço, mas não muito apertado, graças a Deus! Passei um dedo por baixo dele e o soltei, e não tive que dizer a Marsali para empurrar antes que ela inspirasse

profundamente e expelisse a criança direto contra meu estômago como uma bala de canhão.

Foi como ter nas mãos repentinamente um porquinho untado e eu tateei loucamente, tentando virar a pequena criatura de cabeça para baixo e ver se ele — ou ela — estava respirando.

Enquanto isso, ouviam-se gritinhos de entusiasmo de Malva e da sra. Bug, e passos pesados correndo pelo corredor, vindos da cozinha.

Encontrei o rosto do bebê, rapidamente limpei as narinas e a boca, soprei uma pequena baforada de ar em sua boca, dei um peteleco na sola de um dos pés. O pezinho retraiu-se em reflexo e a boca escancarou-se em um saudável urro.

— Bon soir, Monsieur L'Oeuf — eu disse, verificando apressadamente para me certificar se de fato era Monsieur.

— Monsieur? — Fergus abriu um sorriso de orelha a orelha. — Monsieur — confirmei, envolvendo rapidamente a criança em uma flanela e atirando-o nos braços do pai, enquanto eu voltava minha atenção para a tarefa de amarrar e cortar o cordão umbilical e, em seguida, cuidar da mãe.

A mãe, graças a Deus, estava passando bem. Exausta e encharcada de suor, mas ainda assim rindo. Assim como todos no aposento. O chão estava empoçado, os lençóis encharcados e o ar denso com os cheiros fecundos do nascimento, mas ninguém parecia notar em meio à agitação geral.

Massageei o ventre de Marsali para estimular o útero a se contrair, enquanto a sra. Bug trazia uma enorme caneca de cerveja para ela beber.

— Ele está bem? — ela perguntou, emergindo após tomar a bebida avidamente. — Realmente bem? — Bem, ele tem dois braços, duas pernas e uma cabeça — eu disse.

Não tive tempo de contar os dedos dos pés e das mãos.

Fergus colocou o bebê na mesa ao lado de Marsali.

— Veja por si mesma, ma Cher — ele disse. Ele abriu o cobertor. E pestanejou, depois chegou mais perto, a testa franzida. Ian e Jamie pararam de falar ao vê-lo.

— Há alguma coisa errada? — Ian perguntou, aproximando-se.

Um silêncio repentino recaiu sobre o aposento. Malva olhava de um rosto para o outro, desnorteada.

— Maman? Germain estava parado no vão da porta, oscilando sonolentemente.

— Ele está aqui? C'est Monsieur? Sem esperar resposta ou permissão, ele entrou cambaleando e apoiou-se nos lençóis sujos de sangue, a boca um pouco aberta enquanto fitava o irmão recém-nascido.

— Ele parece esquisito — ele disse, franzindo um pouco a testa. — O que há de errado com ele? Fergus estivera até então paralisado de choque, como todos nós.

Diante disso, ele abaixou os olhos para Germain, depois olhou de novo para o bebê, depois novamente para seu primogênito.

— Il est un nain — ele disse, de uma forma quase casual. Ele apertou o ombro de Germain, com força suficiente para extrair um gritinho de surpresa do menino, depois girou repentinamente nos calcanhares e saiu. Ouvi a porta da frente se abrir e uma corrente de ar frio varreu o corredor e entrou no aposento.

Il est un nain. Ele é um anão.

Fergus não fechara a porta e o vento apagou as velas, deixando-nos na penumbra, somente com o clarão do braseiro.

*LOBOS DO INVERNO*

O pequeno Henri-Christian parecia ser perfeitamente saudável; ele apenas era um anão. Entretanto, era ligeiramente amarelado, com um leve tom dourado de pele que dava às suas bochechas rechonchudas um brilho delicado, como o de pétalas de narciso. Com uma mecha de cabelos lisos e pretos no topo da cabeça, ele parecia um bebê chinês — se não fosse pelos enormes olhos redondos e azuis.

De certo modo, acho que eu devia me sentir agradecida a ele. Nada menos do que o nascimento de um anão poderia ter desviado as atenções de Ridge de mim e dos acontecimentos do mês passado. Nas circunstâncias atuais, as pessoas já não olhavam fixamente para o meu rosto em cicatrização, nem gaguejavam desastradamente em busca de algo para me dizer. Tinham muito a dizer agora — para mim, umas às outras e não raramente para Marsali, se nem eu ou Bri tivéssemos tempo de impedi-las.

Imaginei que deviam estar dizendo o mesmo para Fergus — se o viam. Ele voltara, três dias após o nascimento do bebê, calado e sombrio.

Ficara o tempo suficiente para concordar com a escolha do nome que Marsali fizera e para ter uma breve conversa particular com ela. Em seguida, partira novamente.

Se ela sabia onde ele estava, não dizia. Por enquanto, ela e as crianças permaneciam na casa grande conosco. Ela sorria e dava

atenção às outras crianças, como compete às mães, embora parecesse estar sempre prestando atenção a alguma coisa que não estava ali. Passos de Fergus?, eu me perguntava.

Um bom sinal é que ela sempre mantinha Henri-Christian junto a si, carregando-o numa faixa ou junto aos seus pés em seu cesto de junco trançado. Eu já vira pais que geraram filhos com defeito; em geral, sua reação era de se retraírem, incapazes de lidar com a situação. Marsali lidava com isso da maneira oposta, protegendo-o ferozmente.

As visitas vinham ostensivamente para falar com Jamie a respeito de alguma coisa ou para pegar um tônico ou uma pomada comigo — mas na realidade na esperança de dar uma olhada em Henri-Christian. Não foi de admirar, portanto, que Marsali ficasse tensa, apertando a criança contra o peito, quando a porta dos fundos se abriu e uma sombra atravessou o limiar. No entanto, ela relaxou um pouco ao ver que a visita era o Jovem Ian.

— Olá, prima — ele disse, sorrindo para ela. — Você está bem, então, e o menino também? — Muito bem — ela disse com firmeza. — Veio visitar seu novo primo? — Eu podia ver que ela o examinava atentamente.

— Sim, vim, e lhe trouxe um presentinho também. — Ergueu a mão enorme e tocou sua camisa, um pouco levantada com o que estava por baixo. — Você também está bem, espero, não é, tia Claire? — Olá, Ian — eu disse, levantando-me e deixando de lado a camisola em que estava fazendo a bainha. — Sim, estou bem. Quer um pouco de cerveja? — Eu estava contente de vê-lo; eu estivera fazendo companhia a Marsali enquanto ela costurava, ou melhor, montando guarda para repelir algum visitante indesejado, enquanto a sra. Bug cuidava de suas galinhas. Mas eu tinha uma cocção de urtiga picante em andamento no consultório e precisava verificar se estava pronta. Eu podia confiar em Ian para tomar conta de Marsali.

Deixando-os com um lanche, fugi para meu consultório e passei um agradável quarto de hora sozinha com as ervas, decantando infusões e separando um montículo de alecrim para secar, cercada pelos cheiros pungentes e pela paz das plantas. Tal solidão era difícil de ser usufruída ultimamente, com crianças surgindo debaixo dos pés como cogumelos.

Marsali estava ansiosa para voltar para sua própria casa, eu sabia — mas eu não queria deixá-la ir sem Fergus lá para oferecer alguma ajuda.

— Desgraçado — murmurei baixinho. — Sujeitinho egoísta.

Evidentemente, eu não era a única a pensar assim. Quando voltei pelo corredor, cheirando a alecrim e raiz de ginseng, ouvi Marsali expressando uma opinião semelhante a Ian.

— Sim, eu sei que ele está desconcertado. Quem não estaria? — ela dizia, a voz magoada. — Mas por que ele tem que fugir e nos deixar sozinhos? Você falou com ele, Ian? Ele disse alguma coisa? Então, era isso. Ian partira em uma de suas jornadas misteriosas; deve ter encontrado Fergus em algum lugar e disse isso a Marsali.

— Sim — ele disse, após um instante de hesitação. — Só um pouco.

— Parei onde estava, não querendo interrompê-los, mas eu podia ver seu rosto, a ferocidade de suas tatuagens contrastando com a compaixão que toldava seus olhos. Ele inclinou-se por cima da mesa, estendendo os braços. — Posso segurá-lo, prima? Por favor? As costas de Marsali empertigaram-se de surpresa, mas ela entregou o bebê, que se contorceu e esperneou um pouco em suas cobertas, mas rapidamente se aconchegou no ombro de Ian, fazendo pequenos estalos com a língua. Ian inclinou a cabeça, sorrindo, e roçou os lábios pela grande cabeça redonda de Henri-Christian. Murmurou alguma coisa ternamente para o bebê, que eu achei que tivesse sido em mohawk.

— O que foi que você disse? — Marsali perguntou, curiosa.

— Uma espécie de bênção, pode-se dizer. — Deu uns tapinhas nas costas de Henri-Christian, muito delicadamente. — Você invoca o vento para lhe dar as boas-vindas, o céu para lhe dar abrigo e a água e a terra para lhe dar alimento.

— Oh. — A voz de Marsali era terna e suave. — Que lindo, Ian. — Mas logo endireitou os ombros, voltando ao assunto que lhe interessava.

— Então, você disse que falou com Fergus.

Ian balançou a cabeça, os olhos fechados. Sua face repousou de leve na cabeça da criança. Ele não falou por um instante, mas eu vi sua garganta se mover, o grande pomo de adão subindo e descendo conforme ele engolia em seco.

— Eu tive um filho, prima — ele sussurrou, tão suavemente que eu mal conseguia ouvi-lo.

Marsali ouvia. Parou, a agulha brilhando em sua mão. Então, movendo-se muito devagar, largou-a outra vez.

— É mesmo? — ela disse, também terna e suavemente.

Levantando-se, deu a volta à mesa em um silencioso alvoroço de saias para sentar-se ao lado dele no banco, perto o suficiente para ele sentir sua presença ali, e colocou a mão em seu cotovelo.

Ele não abriu os olhos, mas inspirou fundo e, com o bebê aninhado contra seu coração, começou a falar, com uma voz pouco mais alta do que o crepitar do fogo.

Ele acordou, sabendo que havia alguma coisa profundamente errada. Rolou para o fundo da plataforma que servia de cama, onde suas armas ficavam à mão, mas antes de pegar a faca ou a lança ouviu novamente o som que devia tê-lo acordado. Vinha de trás dele; não mais do que uma leve arfada, mas ele ouviu tanto a dor quanto o medo naquele som.

O fogo ardia bem baixo; ele não via mais do que o topo escuro da cabeça de Wako'teqehsnonhsa, um clarão vermelho delineando-a, e o monte duplo de ombro e quadril sob as peles que a cobriam. Ela não se moveu nem repetiu o som, mas alguma coisa naquelas curvas escuras e imóveis atravessou seu coração como um golpe de machadinha.

Ele agarrou seu ombro ferozmente, desejando com todas as forças que ela estivesse bem. Sentiu seus ossos pequenos e duros. Ele não conseguia encontrar as palavras certas; todo o kahnyen'kehaka desaparecera de sua cabeça e, assim, ele disse as primeiras palavras que lhe ocorreram. — Querida, amor, você está bem? Que São Miguel nos proteja, você está bem? Ela sabia que ele estava ali, mas não se virou para ele. Alguma coisa — um tremor estranho, como uma pedra atirada na água — percorreu-a, e sua respiração ficou presa na garganta outra vez, um pequeno ruído seco.

Ele não esperou mais, mas saiu atabalhoadamente, nu, de baixo das cobertas, pedindo socorro. As pessoas surgiram, trôpegas, na luz turva da cabana, figuras volumosas correndo em sua direção em um alvoroço de perguntas. Ele não conseguia falar; não foi preciso. Em poucos instantes, Tewaktenyonh estava lá, seu rosto enrugado e forte grave e calmo, e as mulheres da cabana passaram correndo por ele, empurrando-o, enquanto levavam Emily, enrolada em uma pele de veado.

Ele as seguiu até o lado de fora, mas elas o ignoraram, desaparecendo dentro da cabana das mulheres no outro extremo da aldeia. Dois ou três homens saíram, olharam para elas, depois deram de ombros, viraram-se e voltaram para dentro. Fazia frio e era muito tarde, e obviamente um assunto de mulheres.

Ele próprio entrou, após alguns instantes, mas somente o tempo suficiente para vestir algumas roupas. Não podia permanecer na sua cabana, não com a cama vazia sem ela e



cheirando a sangue. Havia sangue em sua pele também, mas ele não parou para limpar.

Lá fora, as estrelas haviam esmaecido, mas o céu ainda estava escuro. Fazia muito frio e um profundo silêncio.

O couro pendurado na porta de sua cabana moveu-se e Rollo surgiu, cinzento como um fantasma. O enorme cachorro estendeu as patas e espreguiçou-se, grunhindo com a rigidez da hora e do frio. Em seguida, sacudiu a volumosa pelagem do pescoço, bufou uma baforada de vapor branco e caminhou vagarosamente para o lado de seu dono.

Sentou-se pesadamente, com um suspiro resignado, e apoiou-se na perna de Ian.

Ian ficou ali mais alguns instantes, olhando para a cabana onde Emily estava. Seu rosto estava afogueado, febril de ansiedade. Ele ardia como uma brasa, mas podia sentir o calor esvaindo-se dele para o céu frio e seu coração lentamente enegrecendo. Finalmente, bateu a palma da mão na coxa e virou-se na direção da floresta, andando rápido, o cachorro seguindo, grande e silencioso, a seu lado.

— "Ave Maria, cheia de graça..." — Ele não prestava nenhuma atenção na direção em que seguia, rezando em voz baixa, mas clara, pelo conforto de ouvir a própria voz no silêncio da noite.

Será que deveria rezar para um dos espíritos mohawk? Eles ficariam furiosos por ele estar falando com seu antigo Deus, com a mãe de Deus? Eles se vingariam de tal insulto em sua mulher e seu filho? A criança já está morta. Ele não fazia a menor ideia de onde viera esse conhecimento, mas sabia que era verdade, com tanta certeza como se alguém tivesse lhe contado isso de viva voz. O conhecimento era desapaixonado, ainda não era combustível para a dor; apenas um fato que ele sabia ser verdadeiro — e estava perplexo com esse conhecimento.

Ele continuou floresta adentro, caminhando, depois correndo, reduzindo o passo somente quando necessário, para recuperar o fôlego. O frio era cortante e o ar da noite parado, cheirando a matéria em decomposição e terebintina, mas as árvores sussurravam um pouco quando ele passava. Emily podia ouvi-las falar; conhecia suas vozes secretas.

— Sim, e de que adianta isso? — ele murmurou, o rosto voltado para o espaço vazio de estrelas entre os galhos. — Vocês não dizem nada que valha a pena saber. Não sabem como Emily está agora, não é? Ele podia ouvir o ruído das patas do cachorro de vez em quando, farfalhando entre as folhas mortas logo atrás dele, batendo surdamente em áreas de terra nua. Ele tropeçava de vez em quando, os pés perdidos na escuridão, caiu uma vez, machucando-se, pôs-se de pé atabalhoadamente e continuou correndo aos trancos. Parara de rezar; sua mente recusava-se a continuar formando palavras, não conseguia escolher entre as sílabas fragmentadas dos seus diferentes idiomas, e sua respiração ardia na garganta conforme corria.

Ele sentiu o corpo dela contra o seu no frio, seus seios fartos em suas mãos, suas nádegas pequenas e redondas arremetendo-se para trás, pesadas e ansiosas, conforme ele a cavalgava, oh, Deus, ele sabia que não devia, ele sabia! No entanto, continuara, noite após noite, louco por sua fenda apertada e escorregadia, muito depois do dia em que sabia que devia parar, egoísta, insensível, louco e perverso de desejo...

Ele corria, e as árvores de Emily murmuravam a condenação acima de sua cabeça conforme ele avançava.

Teve que parar, arquejando para recuperar o ar. O céu passara de negro à cor que precede a aurora. O cachorro fuçou-o, choramingando baixinho no fundo da garganta, os olhos cor de âmbar vazios e escuros na falta de luz daquela hora.

O suor escorria pelo seu corpo sob a camisa de couro, encharcando a tanga entre suas pernas. Sua genitália estava gelada, encolhida contra o corpo, e ele podia sentir o próprio cheiro, penetrante e ácido, de medo e perda.

Rollo levantou as orelhas, choramingou outra vez, afastando-se um passo, voltando, afastando-se outra vez, a cauda abanando nervosamente. Vamos, ele dizia, claro como se falasse. Vamos, ande! Se dependesse dele, Ian podia estender-se nas folhas geladas, enterrar o rosto na terra e ficar ali mesmo. Mas o hábito o puxava; estava acostumado a dar atenção ao cachorro. — O que foi? — ele murmurou, passando a manga da camisa pelo rosto molhado. — O que foi, Rollo? Rollo rosnou, um ruído no fundo da garganta. Estava parado, rigidamente, os pelos do pescoço arrepiando-se lentamente. Ian viu e um distante estremecimento de alarme se fez sentir através da névoa do desespero e da exaustão. Levou a mão à cintura, não encontrou sua arma e tateou pelo cinto, sem poder acreditar. Santo Deus, não tinha sequer uma faca de descascar! Rollo rosnou outra vez, mais alto. Um aviso, para ser ouvido. Ian virou-se, buscando, mas viu apenas os troncos escuros de cedros e pinheiros, o solo embaixo não mais do que uma profusão de sombras, o ar entre eles denso de neblina.

Um comerciante francês que fora à aldeia chamara essa hora, essa luz, de l'heure du loup — a hora do lobo. E com toda razão: era hora de caçar, quando a noite fica turva e a brisa leve que surge antes do amanhecer começa a soprar, trazendo o cheiro da caça.

Levou a mão ao outro lado do cinto, onde a bolsa de taseng deveria estar: gordura de urso impregnada de folhas de menta, para ocultar o cheiro de um homem enquanto caçava — ou era caçado. Mas este lado também estava vazio e ele sentiu seu coração se acelerar, batendo com força, enquanto o vento frio secava o suor de seu corpo.

Rollo arreganhou os dentes, o rosnado um ronco contínuo e grave.

Ian agachou-se e pegou um galho de pinheiro caído. Era de bom tamanho, embora mais frágil do que ele gostaria, e incômodo, coberto de galhinhos compridos.

— Para casa — ele sussurrou para o cachorro. Não sabia onde estava, ou para onde ficava a aldeia, mas Rollo sabia. O cachorro recuou devagar, os olhos fixos nas sombras cinzentas — elas estavam se movendo, aquelas sombras? Ele andava mais rápido agora, ainda de costas, sentindo a inclinação do terreno através das solas dos mocassins, pressentindo a presença de Rollo pelo ruído farfalhante das patas do animal e pelo fraco lamento que de vez em quando vinha de trás dele. Lá. Sim, uma sombra se movera! Um vulto cinzento, distante e visto muito de relance para ser reconhecido, mas ainda assim lá estava — e reconhecível apenas pela sua presença.

Se havia um, havia mais. Não caçavam sozinhos. Mas ainda não estavam perto; virou-se, começando quase a correr. Não mais em pânico, apesar do medo na boca do estômago. Uma passada firme e rápida, o modo de andar dos andarilhos das montanhas que seu tio lhe ensinara, capaz de devorar os infindáveis quilômetros de terreno íngreme das montanhas escocesas, um esforço regular sem exaustão. Devia poupar as forças para lutar.

Pensou nisso com amargura, torcendo o canto da boca, arrancando os galhinhos quebradiços de seu porrete enquanto avançava. Um pouco antes ele queria morrer, e talvez voltasse a querer, se Emily... mas não agora. Se Emily... e, além do mais, havia o cachorro. Rollo não o deixaria; tinham que defender um ao outro.

Havia água nas proximidades; ouviu o gorgolejar trazido pelo vento.

Mas também carregado pelo vento veio um outro barulho, um uivo longo e assustador, que fez o suor porejar frio em seu rosto

outra vez.

Um outro respondeu, a oeste. Ainda distantes, mas estavam caçando agora, chamando uns aos outros. O sangue de Emily estava em sua pele.

Virou-se, procurando a água. Era um riacho, não mais do que alguns passos de largura. Entrou na água sem hesitação, quebrando a fina camada de gelo que se agarrava às margens, sentindo o frio cortante em suas pernas e pés, conforme a água encharcava suas perneiras e enchia seus mocassins. Parou por uma fração de segundo, retirando os mocassins, para que não fossem arrastados pela correnteza; Emily os fizera para ele, de couro de alce.

Rollo atravessara o córrego com dois saltos gigantescos e parara na margem oposta para se sacudir, lançando uma chuva de água gelada dos pelos, antes de prosseguir. Mas ele continuou na margem; Ian permaneceu no riacho, com água até os joelhos, demorando-se o máximo que conseguia aguentar. Os lobos caçavam pelo cheiro trazido pelo vento tanto quanto pelo cheiro no solo, mas não iria tornar a caçada mais fácil para eles.

Enfiou os mocassins molhados pela gola da camisa e fios de água gelada escorreram pelo seu peito e sua barriga, encharcando a tanga. Seus pés estavam dormentes; não conseguia sentir as pedras do leito do rio, mas de vez em quando resvalava em uma delas, escorregadias de algas, e ele quase perdia o equilíbrio.

Podia ouvir os lobos mais nitidamente agora; mas isso era bom — o vento mudara, vindo em sua direção agora, trazendo seus uivos. Ou seria apenas porque estivessem mais próximos agora? Mais perto. Rollo estava arisco, lançando-se de um lado para o outro na margem oposta, ganindo e rosnando, apressando-o com breves latidos. Um caminho de veado descia até a margem do riacho daquele lado; ele saiu aos tropeções da água para o caminho, arfando e tremendo.

Foram necessárias várias tentativas para conseguir calçar os mocassins novamente. O couro molhado se enrijecera e suas mãos e pés recusavam-se a funcionar. Teve que largar seu porrete e usar ambas as mãos.

Acabara de calçar o segundo quando Rollo repentinamente se precipitou pelo barranco abaixo, rugindo em desafio. Ian girou na lama congelada, pegando seu porrete, a tempo de ver uma sombra cinzenta, quase do tamanho de Rollo, do outro lado da água, os olhos claros surpreendentemente próximos. Ele emitiu um berro agudo e atirou o porrete em um movimento reflexo. Ele voou por cima do riacho e atingiu o solo perto das patas do lobo, e a fera desapareceu como por encanto. Ian ficou imóvel por um instante, olhando fixamente. Certamente ele não havia imaginado aquilo, ou havia? Não, Rollo latia freneticamente, urrava e arreganhava os dentes, gotas de espuma voando de seu focinho. Havia pedras na beira do riacho; Ian pegou uma, outra, desenterrou uma outra, e outra, batendo as pontas dos dedos nas pedras e no solo congelado em sua pressa, segurando a frente de sua camisa para cima para formar uma bolsa.

O lobo mais distante uivou outra vez; o mais próximo respondeu, tão perto que os pelos de sua nuca eriçaram-se imediatamente. Lançou uma pedra na direção do chamado, virou-se e começou a correr, a trouxa de pedras agarrada com força contra sua barriga.

O céu clareara com a aurora. Seu coração e seus pulmões lutavam por sangue e ar, no entanto parecia que ele corria tão devagar que pairava acima do solo da floresta, flutuando como uma nuvem ao sabor do vento, incapaz de ir mais rápido. Ele podia ver cada árvore, cada diferente agulha de um abeto pelo qual passava, curta e grossa, verde-prateada à luz.

Respirava com dificuldade, a visão se turvava e clareava, conforme as lágrimas do esforço embaçavam seus olhos; ele

piscava, afastando-as, e eles se enchiam de lágrimas outra vez. Um galho de árvore fustigou seu rosto e o cegou, o cheiro penetrante em seu nariz.

— Cedro Vermelho, ajude-me! — disse, arquejante, o kahnyen'kehaka vindo aos seus lábios como se nunca tivesse falado inglês ou implorado a Deus e Sua mãe.

Atrás de você. Era uma voz baixa, serena, talvez não mais do que a voz de seu próprio instinto, mas ele girou nos calcanhares imediatamente, pedra na mão, e arremessou-a com todas as forças.

Outra, e outra, e outra, tão rápido quanto podia. Ouviram-se um estalo, um baque surdo e um ganido, e Rollo rodopiava e deslizava, ansioso para se virar e atacar.

— Venha-venha-venha! — Agarrou o cachorro pela volumosa gola de pelos, arrastando-o, forçando-o a acompanhá-lo.

Podia ouvi-los agora, ou achou que podia. O vento que sopra ao amanhecer zumbia pelo meio das árvores, e elas sussurravam acima de sua cabeça, chamando-o ora de um lado, ora de outro, guiando-o enquanto ele corria. Ele não via nada além de cor, quase cego do esforço, mas sentia seu abraço, fresco em sua mente; o pinicante toque de um abeto, a casca de um álamo branco, lisa como a pele de uma mulher, pegajosa de sangue.

Vá por ali, venha por aqui, ele achava ouvir, e seguia o som do vento.

Um uivo veio de trás deles, seguido de curtos latidos, depois outro em resposta. Perto, perto demais! Ele atirava pedras para trás conforme corria, sem olhar, sem tempo para se virar e mirar. Então, acabaram-se as pedras e ele soltou a fralda vazia da camisa, os braços sacudindo-se enquanto corria, uma respiração áspera e ofegante em seus ouvidos que poderia ser a sua própria ou do cachorro — ou o som das feras atrás dele.

Quantos? A que distância? Ele começava a cambalear, atordoado, listras pretas e vermelhas trespassando sua visão. Se a

aldeia não estivesse perto, ele não teria nenhuma chance.

Deu uma guinada para o lado, atingiu o galho flexível de uma árvore que se curvou sob seu peso, depois o empurrou de volta, colocando-o de pé outra vez. Mas ele perdera o ímpeto e o senso de direção.

— Para onde? — perguntou, arquejante, às árvores. — Em que direção? Se houve uma resposta, ele não a ouviu. Houve um rugido e um baque surdo atrás dele, uma louca escaramuça pontuada de rosnados e latidos de cães lutando.

— Rollo! — Ele se virou e se lançou através de uma moita de trepadeiras mortas, deparando-se com o cachorro e o lobo mordendo e se contorcendo, enroscados em uma bola de pelos e lampejos de dentes brilhantes.

Arremeteu-se para frente, chutando e gritando, socando freneticamente, satisfeito por finalmente ter alguma coisa em que bater, revidar, ainda que fosse sua última luta. Alguma coisa rasgou sua perna, mas ele sentiu apenas o choque do impacto ao golpear o flanco do lobo com toda a força do seu joelho. Ele ganiu e rolou pelo chão, voltando imediatamente para atacá-lo.

O animal saltou e suas patas atingiram-no no peito. Ian caiu de costas, bateu a cabeça de raspão em alguma coisa, perdeu o fôlego por um instante e, quando recuperou os sentidos, deparou-se com sua mão apertando o pescoço do animal sob as mandíbulas escorrendo saliva, esforçando-se para mantê-las longe de sua garganta.

Rollo saltou nas costas do lobo e Ian soltou a mão, desmoronando sob o peso de pelos fétidos e músculos se contorcendo. Lançou a mão para fora, buscando alguma coisa — uma arma, um instrumento para agarrar, puxar e se libertar — e sua mão fechou-se em algo duro.

Arrancou-o de seu leito nos musgos e golpeou com ele a cabeça do lobo. Fragmentos de dentes ensanguentados voaram



pelos ares e bateram em seu rosto. Ele golpeou novamente, soluçando, e outra vez.

Rollo gania, um lamento alto e pesaroso — não, era ele mesmo.

Bateu com a pedra mais uma vez no crânio destruído, mas o lobo parara de lutar; jazia estendido sobre suas coxas, as pernas contorcendo-se, os olhos se embaçando conforme ele morria. Empurrou-o para longe em um frenesi de repugnância. Os dentes de Rollo fincaram-se na garganta estendida do lobo e rasgou-a, em um jorro final de sangue e carne morna. Ian cerrou os olhos e permaneceu imóvel. Não lhe parecia possível se mover ou pensar.

Após algum tempo, pareceu-lhe possível abrir os olhos, e respirar, ao menos. Havia uma enorme árvore às suas costas; ele caíra contra o tronco quando o lobo o atacara; ele o amparava agora. Entre as raízes contorcidas havia um buraco enlameado, de onde ele arrancara a pedra.

Ainda segurava a pedra; parecia ter grudado em sua pele; ele não conseguia abrir a mão. Quando olhou, viu que isso era porque a pedra havia se despedaçado; fragmentos pontiagudos haviam cortado sua palma e as lascas de pedra estavam grudadas à sua mão pelo sangue coagulado. Usando os dedos da outra mão, puxou os dedos cerrados e retirou os fragmentos de pedra da palma de sua mão. Raspou musgo das raízes da árvore, fez um chumaço na palma da mão e deixou os dedos dobrados cerrarem-se sobre ele outra vez.

Um lobo uivou, a meia distância. Rollo, que se deitara ao lado de Ian, levantou a cabeça com um pequeno latido surdo. O uivo repetiu-se, parecendo conter uma pergunta, um tom preocupado.

Pela primeira vez, ele olhou para o corpo do lobo. Por um instante, achou que ele se movera, e sacudiu a cabeça para clarear sua visão. Em seguida, olhou outra vez.

Ele estava se movendo. A barriga distendida ergueu-se suavemente, em seguida afundou. O dia estava claro agora e ele pôde ver as pequenas protuberâncias de mamilos rosados, aparecendo através dos pelos da barriga. Não um bando. Um casal. Agora não mais um casal. O lobo ao longe uivou outra vez. Ian virou-se para o lado e vomitou.

Come Tartarugas encontrou-o um pouco mais tarde, sentado com as costas apoiadas no tronco do cedro vermelho, ao lado do lobo morto, o corpo volumoso de Rollo pressionado contra ele. Tartarugas agachou-se, a uma pequena distância, equilibrado sobre os calcanhares, e ficou observando.

— Boa caçada, Irmão do Lobo — ele disse finalmente, saudando-o.

Ian sentiu o nó entre suas omoplatas relaxar um pouco. A voz de Tartarugas tinha um tom calmo, mas nenhuma tristeza. Ela vivia, então.

— Aquela com quem compartilho minha fogueira — ele disse, tendo o cuidado de não pronunciar seu nome. Dizê-lo em voz alta podia expô-la aos maus espíritos por perto. — Ela está bem? Tartarugas fechou os olhos e ergueu as duas sobrancelhas e os ombros. Ela estava viva, e não corria perigo. Ainda assim, não cabia a um homem dizer o que poderia acontecer. Ian não mencionou a criança.

Nem Tartarugas.

Tartarugas trouxera uma arma, um arco e flechas, e sua faca, é claro.

Retirou a faca do cinto e entregou-a a Ian, de modo prático. — Vai querer as peles — ele disse. — Para envolver seu filho, quando ele nascer. Um choque percorreu o corpo de Ian, como o choque de uma chuva repentina na pele nua. Come Tartarugas viu seu rosto e virou a cabeça, evitando seus olhos.

— Esta criança era uma menina — Tartarugas disse de modo prosaico. — Tewaktenyonh disse à minha mulher, quando ela veio buscar uma pele de coelho para enrolar o corpo.

Os músculos de seu ventre contraíram-se e estremeceram; ele achou que sua própria pele fosse se romper, mas não aconteceu. Sua garganta estava seca e ele engoliu uma vez, dolorosamente, depois se livrou do chumaço de musgo e estendeu a mão ferida para a faca. Inclinou-se devagar para retirar a pele do lobo.

Come Tartarugas cutucava com interesse os restos ensanguentados da pedra despedaçada, quando o uivo de um lobo o fez se empertigar, os olhos arregalados.

Aquele uivo ecoou pela floresta e as árvores se moveram acima deles, murmurando nervosamente ao som da perda e da desolação. A faca deslizou habilmente pela barriga de pelos claros, dividindo as duas fileiras de mamilos rosados.

— O marido dela deve estar por perto — o Irmão do Lobo disse, sem erguer os olhos. — Vá matá-lo.

Marsali fitava-o, mal conseguindo respirar. A tristeza em seus olhos ainda estava lá, mas de certa forma havia diminuído, tomados de compaixão. A raiva a abandonara; ela pegara Henri-Christian de volta e segurava a trouxinha gorda de seu bebê com os dois braços contra o peito, a face contra a proeminente curva da cabeça da criança.

— Ah, Ian — ela disse baixinho. — Mo charaid, mo chridhe.

Ele permaneceu sentado olhando para as mãos, frouxamente entrelaçadas em seu colo, parecendo não a ouvir. Finalmente, entretanto, ele se mexeu, como uma estátua acordando. Sem erguer os olhos, ele enfiou a mão dentro da camisa e retirou um pequeno rolo, amarrado com uma corda fina e decorado com uma conta de concha.

Ele desamarrou a cordinha e, inclinando-se para frente, abriu a pele curada de um lobo não nascido sobre os ombros do

bebê. Sua mão grande e ossuda alisou os pelos claros, cobrindo por um instante a mão de Marsali onde ela segurava o bebê.

— acredite-me, prima — ele disse, muito suavemente —, seu marido sofre. Mas ele voltará. — Então, levantou-se e saiu, silencioso como um índio.



## *O MESTRE DOS COGUMELOS*

A pequena caverna de pedra calcária que usávamos como estábulo abrigava no momento apenas uma cabra com dois filhotes recém-nascidos. Todos os animais nascidos na primavera agora já estavam grandes o suficiente para serem deixados com suas mães no bosque, a fim de conseguirem seu próprio alimento. A cabra, entretanto, ainda desfrutava da regalia de ser alimentada, na forma de sobras da cozinha e um pouco de milho quebrado.

Chovia há vários dias e a manhã irrompeu nublada e úmida, cada folha gotejando e o ar denso com os aromas de resina e folhas mortas, encharcadas e apodrecidas. Felizmente, o tempo nublado mantinha os pássaros sossegados; as gralhas e os tordos-imitadores eram inteligentes e ficavam à espreita, observando com seus olhos de contas as idas e vindas de pessoas com comida — lançavam-se sobre mim muitas vezes quando eu subia a colina com minha bacia.

Eu estava alerta, mas mesmo assim uma gralha mais afoita arremeteu-se de um galho com um lampejo de azul e aterrissou dentro da bacia, assustando-me. Antes que eu pudesse reagir, já se apoderara de um pedaço de bolinho de milho e batera em retirada, tão rapidamente que eu mal poderia acreditar que a vira, se não fosse pelo meu coração acelerado. Felizmente, eu não soltara a vasilha; ouvi um grito estridente de triunfo do meio das árvores e corri para entrar no estábulo antes que os amigos da gralha tentassem a mesma tática.

Fiquei surpresa de ver que a porta do estábulo estava com a parte de cima destravada e ligeiramente aberta. Não havia risco de as cabras escaparem, é claro, mas raposas e guaxinins eram mais do que capazes de escalar a parte de baixo da porta, de modo que as duas partes normalmente ficavam trancadas à noite. Talvez o sr. Wemyss tivesse se esquecido de fechá-la; era tarefa dele retirar a palha usada e arrumar os animais para a noite.

Entretanto, assim que empurrei a porta, vi que não fora culpa do sr. Wemyss. Houve um tremendo farfalhar de palha aos meus pés e algo grande moveu-se na escuridão.

Soltei um grito agudo de susto e desta vez realmente larguei a vasilha, que caiu com estardalhaço, espalhando comida pelo chão e acordando a cabra, que começou a balir desesperadamente. — Pardon, milady! Com a mão no meu coração descompassado, saí do vão da porta, de modo que a luz recaiu sobre Fergus, agachado no chão, com palha espetada nos cabelos como a Louca de Chaillot.

— Oh, então, aí está você — eu disse, com frieza.

Ele pestanejou e engoliu em seco, passando a mão pelo rosto moreno com a barba crescida.

— Eu... sim — ele disse. Não parecia ter nada a acrescentar. Fiquei parada, fitando-o por um instante, depois sacudi a cabeça e me abaixei para recuperar as cascas de batatas e outras sobras que haviam caído da bacia. Ele fez menção de me ajudar, mas eu o impedi com um gesto da mão.

Ele permaneceu sentado, imóvel, observando-me, as mãos em torno dos joelhos. Estava escuro dentro do estábulo e a água pingava sem parar das plantas que cresciam na encosta do penhasco acima, formando uma cortina de fios d'água na porta aberta.

A cabra parara de balir, tendo me reconhecido, mas agora esticava o pescoço pela grade de seu cercado, a língua azul estendida como a de um tamanduá, no esforço de alcançar um

miolo de maçã que rolara para perto da cerca. Peguei-o e o dei a ela, tentando pensar como começar e o que dizer quando o fizesse.

— Henri-Christian está passando bem — eu disse, por falta de outro assunto. — Ganhando peso.

Deixei a observação se dissipar, inclinando-me por cima da cerca para despejar milho e restos na gamela de madeira.

Silêncio absoluto. Aguardei um instante, depois me virei, a mão no quadril.

— Ele é um bebê encantador — eu disse.

Eu podia ouvir sua respiração, mas ele não disse nada. Com um muxoxo audível, dirigi-me à porta e escancarei a parte inferior, de modo que a luz turva do lado de fora pudesse entrar, expondo Fergus. Ele permaneceu sentado com o rosto teimosamente desviado. Eu podia sentir seu cheiro a uma boa distância; fedia a suor e fome.

Suspirei.

— Anões desse tipo têm uma inteligência absolutamente normal. Eu o examinei cuidadosamente e ele possui todos os reflexos e reações normais que deveria ter. Não há nenhuma razão para que ele não seja educado, seja capaz de trabalhar... em alguma coisa.

— Alguma coisa — Fergus repetiu, a palavra carregada tanto de desespero quanto de desdém. — Alguma coisa. — Finalmente, virou o rosto para mim e eu vi o vazio de seus olhos. — Com todo respeito, milady... você nunca viu a vida de um anão. — E você viu? — perguntei, não tanto em desafio, porém mais por curiosidade.

Ele fechou os olhos contra a luz da manhã, balançando a cabeça.

— Sim — ele murmurou, engolindo em seco. — Em Paris.

O bordel onde ele crescera em Paris era grande, com uma clientela variada, famoso por ser capaz de oferecer algo para todos os gostos.

— A própria casa possuía les filles, naturellement, e les enfants. São, é claro, a base do estabelecimento. Mas sempre há aqueles que desejam...

o exótico, e podem pagar. Assim, de vez em quando, madame mandava chamar aqueles que lidavam com isso. La Maîtresse des Scorpions... avec les flagellantes, tu comprends? Ou Le Maître des Champignons.

— O Mestre dos Cogumelos? — perguntei, sem me conter.

— Oui. O Mestre dos Anões.

Seus olhos ficaram ainda mais fundos, o olhar voltado para dentro e o rosto emaciado. Via mentalmente as cenas e as pessoas que estiveram ausentes de seus pensamentos por muitos anos — e não estava gostando da lembrança.

— Les chanterelles, assim os chamavam — ele disse à meia-voz. — As mulheres. Os homens eram chamados de les moreis. — Cogumelos exóticos, valorizados pela raridade de suas deformidades, pelo sabor estranho de sua carne.

— Não eram maltratados, les champignons — ele disse, distraído.

— Eram valorizados, sabe. Le Maître comprava tais crianças de seus pais ou os recolhia das ruas. Houve o nascimento de um deles no bordel certa vez e madame ficou encantada com sua sorte.

Ele abaixou os olhos para a mão, os dedos longos e delicados movendo-se irrequietamente, amarrotando o tecido de suas calças.

— As ruas — ele repetiu. — Os que escapavam dos bordéis tornavam-se mendigos. Eu conheci bem um deles. Luc, ele se chamava.

As vezes, ajudávamos um ao outro... — Sua boca esboçou o vestígio de um sorriso e ele abanou a mão intacta no gesto ágil de alguém batendo carteira.



— Mas ele era sozinho, Luc — ele continuou, de modo prosaico. — Não tinha nenhum protetor. Certo dia, eu o encontrei em uma viela, com a garganta cortada. Eu disse a madame e ela enviou o porteiro imediatamente para resgatar o corpo, em seguida o vendeu a um médico no arrondissement vizinho.

Não perguntei o que o médico queria com o corpo de Luc. Eu já vira as mãos largas, ressequidas, de anões vendidas para adivinhação e proteção. E outras partes.

— Começo a ver por que um bordel pode parecer seguro — eu disse, engolindo com dificuldade. — Ainda assim... Fergus estivera sentado com a cabeça apoiada na mão, olhando fixamente para a palha. Diante das minhas palavras, ele ergueu os olhos para mim.

— Eu já abri minhas nádegas por dinheiro, milady — ele disse com simplicidade. — E não achava nada demais, a não ser quando doía. Mas depois eu conheci milorde e descobri um mundo além do bordel e das ruas. Que meu filho possa retornar a esses lugares... — Parou bruscamente, impossibilitado de falar. Fechou os olhos novamente e sacudiu a cabeça, devagar.

— Fergus. Fergus, querido. Você não pode pensar que Jamie... que nós... jamais deixaríamos que isso acontecesse — eu disse, completamente transtornada.

Ele respirou fundo, estremeando, e limpou as lágrimas que se grudavam em suas pestanas. Abriu os olhos e me deu um sorriso de infinita tristeza.

— Não, vocês não permitiriam, milady. Mas vocês não vão viver para sempre. Nem eu. Mas a criança será um anão para sempre. E les petits, eles não podem se defender sozinhos. Serão apanhados por aqueles que os procuram, serão levados e consumidos. — Limpou o nariz na manga da camisa e endireitou-se um pouco.

— Isso, quer dizer, se tiverem sorte — acrescentou, a voz endurecendo. — Não são valorizados fora das cidades. Os camponeses acham que o nascimento de uma criança assim é na melhor das hipóteses um castigo pelos pecados dos pais. — Uma sombra ainda mais profunda atravessou seu rosto, os lábios cerrando-se com força. — Talvez seja verdade. Meus pecados... — Mas parou abruptamente, desviando o rosto.

— Na pior das hipóteses... — Sua voz era suave, a cabeça virada para o outro lado, como se murmurasse segredos para as sombras da caverna. — Na pior das hipóteses, são vistos como monstruosidades, nascidos de algum demônio que se deitou com a mulher. As pessoas atiram pedras neles, os queimam em fogueiras... às vezes, a mulher também. Nos vilarejos das montanhas da França, uma criança anã é abandonada aos lobos. Mas você sabe disso, não é, milady? — ele perguntou, virando-se de repente para mim.

— Eu... eu creio que sim — eu disse, e estendi a mão para a parede, sentindo repentinamente necessidade de me apoiar. Eu sabia de coisas assim, da maneira abstrata como se pensa nos costumes dos aborígenes e selvagens, pessoas que nunca conheceremos, a não ser a uma distância segura nas páginas dos livros de geografia, de história antiga.

Ele tinha razão; eu sabia disso. A sra. Bug fizera o sinal da cruz ao ver a criança, depois fez o sinal dos chifres como proteção contra o mal, uma palidez horrorizada em seu rosto.

Chocados como todos nós ficamos, e depois preocupados com Marsali, e com a ausência de Fergus, eu não saía de casa há mais de uma semana. Não sabia o que as pessoas estariam dizendo em Ridge. Fergus obviamente sabia. — Eles vão... se acostumar com ele — eu disse, com toda a valentia que consegui reunir. — As pessoas verão que ele não é um monstro.

Pode levar algum tempo, mas eu asseguro a você, elas verão.

— Será? E se o deixarem viver, o que ele vai fazer? —  
Levantou-se repentinamente. Estendeu o braço esquerdo e, com um puxão, soltou a tira de couro que prendia seu gancho. Este caiu com um barulho surdo sobre a palha, deixando o toco estreito de seu pulso à mostra, a pele clara cortada de marcas vermelhas das tiras de couro apertadas.

— Eu não posso caçar, não posso fazer o trabalho de um homem.

Não sirvo para nada além de puxar o arado, como uma mula! — Sua voz tremeu de raiva e menosprezo. — Se eu não consigo trabalhar como um homem, como um anão poderá conseguir? — Fergus, não é...

— Eu não consigo manter minha família! Minha mulher tem que trabalhar dia e noite para alimentar as crianças, tem que ficar à mercê da corja que a maltratou, que... Ainda que eu estivesse em Paris, estou velho demais e aleijado para ganhar a vida com a prostituição! — Sacudiu o toco de seu pulso para mim, o rosto em convulsão, depois girou nos calcanhares e lançou o braço mutilado, batendo-o com toda a força contra a parede, repetidamente.

— Fergus! — Segurei-o pelo outro braço, mas ele livrou-se com um safanão.

— Que trabalho ele vai fazer? — ele gritou, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Como vai sobreviver? Mon Dieu! Il est aussi inutile que moi! Abaixou-se e pegou o gancho do chão, lançando-o com todas as forças na parede de pedra calcária. Ele tilintou ao bater contra a parede e caiu na palha, assustando a cabra e seus filhotes.

Fergus desapareceu, deixando a porta escancarada, balançando-se. A cabra baliu um longo meeeeeé! em desaprovação.

Agarrei-me à grade do cercado, sentindo como se fosse a única coisa fixa em um mundo que girava lentamente. Quando me senti em condições, abaixei-me e tateei cuidadosamente pela palha

até tocar no metal do gancho, ainda morno do calor do corpo de Fergus. Peguei-o, limpei-o cuidadosamente dos fragmentos de palha e excremento com meu avental, ainda ouvindo as últimas palavras de Fergus.

"Meu Deus! Ele é tão inútil quanto eu!"

*UM DIABO NO LEITE*

Os olhos de Henri-Christian quase ficaram vinhos ao tentarem focalizar o rolo de fio de lã que Brianna sacudia acima de seu rosto.

— Acho que seus olhos continuarão azuis — ela disse, espreitando a criança pensativamente. — O que acha que ele está olhando? — Ele estava em seu colo, os joelhos puxados para cima, quase atingindo o queixo, os meigos olhos azuis interrogativos, fixos em algum lugar muito longe dela.

— Ah, os pequeninos ainda veem o céu, segundo minha mãe. — Marsali fiava, experimentando a nova roca de pedal de Brianna, mas lançou um olhar rápido ao seu filho caçula, esboçando um sorriso. — Talvez haja um anjo sentado em seu ombro, hein? Ou um santo em pé atrás de você.

Isso lhe deu uma sensação estranha, como se realmente houvesse alguém atrás dela. Mas não era algo sinistro — era mais uma sensação amena, calorosa, de confiança. Abriu a boca para dizer "Talvez seja meu pai", mas conteve-se a tempo.

— Quem é o santo padroeiro da lavagem de roupa? — ela disse, em vez disso. — É dele que estamos precisando. — Chovia; há dias não parava de chover e pequenos montes de roupas espalhavam-se pelo aposento ou estendiam-se por cima dos móveis: roupas úmidas, em vários estágios de secagem, roupas sujas destinadas ao caldeirão assim que o tempo melhorasse, roupas

menos sujas que precisavam ser escovadas, sacudidas ou batidas para mais alguns dias de uso, e uma pilha crescente de roupas para conserto.

Marsali riu, agilmente soltando fio para a bobina.

— Você teria que perguntar a papai. Ele conhece mais santos do que qualquer outra pessoa. É maravilhosa esta roda de fiar! Nunca vi nenhuma deste tipo. Como você foi inventar de fazer uma assim? — Oh... vi uma em algum lugar. — Bri abanou a mão, descartando o assunto. Havia realmente visto em um museu de folclore. Construir a roda fora trabalhoso; primeiro ela teve que fazer um torno mecânico, bem como encharcar e curvar a madeira para a própria roda, mas não terrivelmente difícil. — Ronnie Sinclair ajudou muito; ele sabe como a madeira se comporta. Não acredito como você sabe manejá-la tão bem, sendo a primeira vez que usa uma assim. Marsali deu uma risadinha irônica, como se descartasse o elogio.

— Eu fio desde os cinco anos, a piuthar. Tudo que é diferente aqui é que eu posso ficar sentada enquanto trabalho, em vez de ter que andar de um lado para o outro até cair de cansaço.

Seu pé calçado com meia movia-se rapidamente para cima e para baixo sob a bainha de seu vestido, acionando o pedal. O movimento produzia um agradável som sussurrante — embora fosse quase inaudível acima da algazarra do outro lado do aposento, onde Roger fabricava mais um carrinho para as crianças.

Os vruuuns faziam um grande sucesso entre a criançada, e a demanda por eles era incessante. Brianna observava achando graça enquanto Roger se defendia da curiosidade de Jem com um cotovelo ágil, o cenho franzido em concentração. Via-se a ponta de sua língua entre os dentes e aparas de madeira cobriam suas roupas e o chão perto da lareira — e naturalmente também havia uma em seu cabelo, uma apara clara e encaracolada presa na cabeleira escura.

— Qual é esse? — ela perguntou, erguendo a voz para que ele a ouvisse. Ele levantou o rosto, os olhos verde-musgo à luz turva do dia chuvoso que se via pela janela atrás dele.

— Acho que é uma caminhonete Chevrolet 57 — ele disse, rindo.

— Tome, a nighean. Este é seu. — Ele limpou uma última apara de sua obra e entregou o brinquedo a Félicité, que o olhou com a boca aberta e os olhos arregalados de admiração.

— É um vruuum? — ela perguntou, agarrando-o junto ao peito. — Meu vruuum? — É uma "camionete" — Jemmy informou-a com gentil condescendência. — Foi o que papai disse.

— Uma caminhonete é um vruuum — Roger assegurou a Félicité, vendo a dúvida começar a franzir sua testa. — Só que maior.

— É um vruuum grande, entendeu? — Félicité chutou-o na canela.

Ele deu um gritinho e agarrou-a pelos cabelos, mas levou um soco de Joan no estômago, sempre presente para defender a irmã.

Brianna empertigou-se, pronta a intervir, mas Roger interrompeu a briga incipiente segurando Jem e Félicité de cada lado e olhando ferozmente para Joan para fazê-la recuar.

— Parem, todos vocês. Nada de brigas ou vamos guardar os vruuuns até amanhã.

Isso acalmou as crianças instantaneamente e Brianna sentiu Marsali relaxar, retomando o ritmo de seu trabalho. A chuva martelava o telhado, firme e ininterruptamente; era um bom dia para ficar dentro de casa, apesar da dificuldade de entreter crianças entediadas. — Por que não brincam de alguma coisa tranquila? — ela disse, rindo para Roger. — Como... oh... Indianápolis 500?

— Oh, você é de grande ajuda — ele disse, lançando-lhe um olhar irônico, mas obedientemente ele colocou as crianças para

trabalhar desenhando uma pista de corrida com giz na enorme pedra em frente à lareira.

— Pena que Germain não está aqui — ele disse descontraidamente.

— Onde ele foi com toda essa chuva, Marsali? — O vruuum de Germain, segundo Roger, era um Jaguar X-KE, embora pelo que Brianna podia ver se parecesse exatamente como os outros: um bloco de madeira com uma cabine rudimentar e rodas de madeira, ele estava em cima do consolo da lareira, esperando a volta de seu dono.

— Ele está com Fergus — Marsali respondeu calmamente, sem hesitar em seu ritmo. Entretanto, ela cerrou os lábios e era fácil perceber o tom tenso de sua voz.

— E como vai Fergus? — Roger ergueu os olhos para ela, gentis, mas decididos.

O fio resvalou, ricocheteou na mão de Marsali e, com um nó visível, continuou a se enrolar. Ela fez uma careta e não respondeu até o fio estar correndo novamente sem percalços entre seus dedos.

— Bem, eu diria que, para um homem com apenas uma mão, ele é um bom lutador — ela disse finalmente, os olhos no fio e um tom irônico na voz.

Brianna olhou para Roger, que respondeu erguendo uma sobrancelha.

— E contra quem ele anda lutando? — ela perguntou, esforçando para parecer uma pergunta casual.

— Nem sempre ele me diz — Marsali disse sem se alterar. — Embora ontem tenha sido o marido de uma mulher que lhe perguntou por que ele simplesmente não estrangulava Henri-Christian quando ele nasceu. Ele ficou ofendido — ela acrescentou, espontaneamente, sem deixar claro se fora Fergus ou o marido que tinha se ofendido.

Levantando o fio, ela o cortou habilmente nos dentes.



— Imagino que sim — Roger murmurou. Sua cabeça estava abaixada, marcando a linha de partida, de modo que seus cabelos caíam sobre a testa, ocultando seu rosto. — Não foi o único, entretanto, pelo que sei.

— Não. — Marsali começou a cardar a lã, uma pequena ruga, aparentemente permanente, entre as sobrancelhas claras. — Acho que é melhor do que aqueles que apontam e cochicham. Esses são os que acham que Henry Christian é a... a semente do diabo — ela terminou corajosamente, embora sua voz tremesse um pouco. — Acho que eles queimariam o bebê, e eu e as outras crianças, se achassem que podiam.

Brianna sentiu um peso no fundo do estômago e aconchegou o objeto da discussão em seu colo. — Que espécie de idiota poderia pensar tal coisa? — perguntou. — Quanto mais dizer em voz alta! — Quanto mais fazer isso, você quer dizer. — Marsali largou a lã e se levantou, inclinando-se para pegar Henri-Christian e colocá-lo no peito para mamar. Com os joelhos ainda dobrados, seu corpo mal passava da metade do tamanho de um bebê normal, e com sua cabeça grande, redonda, e seu tufo de cabelos pretos, Brianna tinha que admitir que ele parecia... estranho.

— Papai deu uma palavrinha aqui e ali — Marsali disse. Seus olhos estavam fechados e ela balançava-se devagar para frente e para trás, embalando Henri-Christian carinhosamente. — Se não fosse isso... — Sua garganta esbelta moveu-se conforme ela engoliu em seco.

— Papai, papai, vamos! — Jem, impaciente com a incompreensível conversa dos adultos, puxou Roger pela manga da camisa.

Roger estivera fitando Marsali, o rosto magro perturbado. Diante desse chamado, pestanejou e olhou para seu filho perfeitamente normal, limpando a garganta.

— Sim — ele disse, pegando o carro de Germain. — Muito bem, veja. Esta é a linha de partida....

Brianna colocou a mão no braço de Marsali. Era magro, mas vigorosamente musculoso, a pele clara dourada do sol, salpicada de minúsculas sardas. Ao vê-lo, tão pequeno e valente, sentiu um nó na garganta.

— Eles vão parar — ela sussurrou. — Eles vão ver...

— Sim, talvez. — Marsali segurou Henri-Christian pelo pequeno traseiro redondo, aconchegando-o ainda mais contra o peito. Seus olhos continuavam fechados. — Talvez não. Mas, se Germain está com Fergus, talvez ele pense duas vezes antes de começar uma briga. Não quero que o matem, hein? Inclinou a cabeça sobre o bebê, iniciando a amamentação e claramente disposta a encerrar a conversa. Brianna deu um tapinha em seu braço, um pouco desconcertada, depois foi tomar o lugar na roca.

Ela ouvira os mexericos, é claro. Ou parte deles.

Particularmente, logo após o nascimento de Henri-Christian, que provocou ondas de choque em Ridge. Além das primeiras expressões abertas de solidariedade, houve muito cochicho sobre acontecimentos recentes e sobre a influência maligna que poderia tê-los causado — do ataque a Marsali e o incêndio do barracão de maltagem ao sequestro de sua mãe, o massacre no bosque e o nascimento de um anão. Ela ouvira uma jovem insensata murmurar algo sobre "... baixaria, o que se poderia esperar?". Brianna girara furiosamente nos calcanhares, fulminando a jovem com o olhar, e ela empalidecera e se esquivara sorrateiramente com suas duas amigas. No entanto, a jovem olhara para trás uma vez, depois desviara o rosto, as três reprimindo uma risadinha irônica. Mas ninguém jamais a tratara, ou à sua mãe, com desrespeito. Era evidente que alguns arrendatários tinham um certo medo de Claire — mas tinham muito mais medo de seu pai. O tempo e a

familiaridade, entretanto, pareciam estar funcionando — até o nascimento de Henri-Christian.

Trabalhar o pedal era uma atividade calmante. O zumbido da roca desaparecia no barulho da chuva e na tagarelice das crianças.

Ao menos, Fergus voltara. Quando Henri-Christian nasceu, ele deixara a casa e ficara ausente por vários dias. Pobre Marsali, pensou, censurando mentalmente Fergus. Deixada sozinha para lidar com o choque. E todos de fato estavam chocados, ela inclusive. Talvez não pudesse realmente culpar Fergus.

Engoliu em seco, imaginando, como acontecia sempre que via Henri-Christian, como seria ter um filho nascido com um terrível defeito. Ela as via de vez em quando — crianças com lábio leporino, as feições deformadas pelo que sua mãe dizia ser sífilis congênita, crianças retardadas — e toda vez ela fazia o sinal da cruz e agradecia a Deus por Jemmy ser normal.

No entanto, Germain e suas irmãs também eram normais. Algo assim podia surgir do nada, a qualquer momento. Involuntariamente, olhou para a pequena prateleira onde guardava seus objetos pessoais e para o jarro marrom-escuro de sementes de dauco. Começara a tomá-las outra vez, desde o nascimento de Henri-Christian, embora não tivesse mencionado isso a Roger. Imaginava se ele saberia; ele não dissera nada.

Marsali cantarolava baixinho. Será que Marsali culpava Fergus? Ou ele a culpava? Ela não falava com Fergus há algum tempo. Marsali não parecia censurá-lo — e dissera que não queria vê-lo morto. Brianna sorriu involuntariamente diante da lembrança. No entanto, havia uma inegável sensação de distanciamento quando ela o mencionava.

O fio engrossou repentinamente e ela começou a pedalar mais rapidamente, tentando compensar, conseguindo apenas fazê-lo agarrar e se romper. Murmurando consigo mesma, parou e

deixou a roda girando sozinha — somente então percebendo que alguém estava batendo na porta da cabana há algum tempo, o som perdendo-se na algazarra de dentro do aposento.

Abriu a porta e deparou-se com uma das crianças do povo pescador, escorrendo água no alpendre, pequeno, ossudo, parecendo um gato selvagem. Havia várias como ele entre as famílias de arrendatários, tão parecidos que Brianna tinha dificuldade em distingui-los.

— Aidan? — ela tentou adivinhar. — Aidan McCallum? — Bom-dia, senhora — disse o menino, balançando a cabeça em um nervoso reconhecimento de sua identidade. — O ministro está em casa? — Mi... oh. Sim, está. Não quer entrar? — Reprimindo um sorriso, ela abriu a porta de par em par, fazendo sinal para que ele entrasse. O menino pareceu totalmente chocado de ver Roger, agachado no chão, brincando de vruuum com Jemmy, Joan e Félicité, todos eles diligentemente guinchando e roncando de tal forma que não notaram o recém-chegado.

— Você tem uma visita — ela disse, erguendo a voz para interromper o pandemônio. — Ele quer o ministro. — Roger parou no meio de um "vruuum", erguendo os olhos interrogativamente.

— O quê? — ele disse, sentando-se direito, as pernas cruzadas, seu próprio carro na mão. Então, avistou o menino e sorriu. — Oh. Aidan, a charaid! O que houve?

Aidan crispou o rosto em concentração. Obviamente, haviam lhe dado uma mensagem específica, que ele decorara.

— Mamãe lhe pergunta se poderia ir até lá, por favor — ele recitou —, para expulsar um diabo que entrou no leite.

A chuva caía mais fraca agora, mas ainda assim estavam quase inteiramente encharcados quando por fim chegaram à residência dos McCallum. Se é que se podia chamá-la assim, Roger pensou, batendo a chuva de seu chapéu enquanto seguia Aidan pelo caminho estreito e escorregadio até a cabana, que ficava

empoleirada em uma fenda alta e imprópria na encosta da montanha.

Orem McCallum conseguira erguer as paredes de sua precária cabana, depois escorregara e mergulhara em uma ravina coberta de pedras, quebrando o pescoço depois de um mês de sua chegada a Ridge, deixando a mulher grávida e o filho pequeno em seu inseguro abrigo.

Os outros homens reuniram-se e apressadamente colocaram um telhado, mas a cabana como um todo parecia a Roger não mais do que uma pilha de varetas gigantes, precariamente equilibradas na encosta da montanha e obviamente esperando apenas a próxima enxurrada de primavera para deslizar barranco abaixo como seu construtor.

A sra. McCallum era jovem e pálida, e tão magra que seu vestido esvoaçava ao seu redor como um saco de farinha vazio. Santo Deus, ele pensou, o que teriam para comer? — Oh, senhor, agradeço-lhe muito por ter vindo. — Ela balançou a cabeça várias vezes, em uma ansiosa reverência para ele. — Sinto muito por fazê-lo sair na chuva e tudo o mais... mas eu simplesmente não sei mais o que fazer! — Não tem problema — ele assegurou-lhe. — Hã... Aidan disse que você precisava de um ministro. Eu não sou um ministro, você sabe.

Ela pareceu desconcertada.

— Oh. Bem, talvez não exatamente, senhor. Mas disseram que seu pai era ministro e que o senhor realmente conhece muito a Bíblia e tudo o mais. — Um pouco, sim — ele respondeu cautelosamente, se perguntando que espécie de emergência poderia requerer o conhecimento da Bíblia. — Um... hã... diabo em seu leite, foi isso? Ele olhou discretamente do bebê em seu berço para a frente de seu vestido, sem saber ao certo se ela se referia ao seu próprio leite materno, o que seria um problema com o qual ele definitivamente não estava preparado para lidar. Felizmente, a

dificuldade parecia estar em um grande balde de madeira sobre a mesa desmantelada, um pano de musselina cobrindo-o para evitar as moscas, pequenas pedras amarradas nas pontas como pesos.

— Sim, senhor. — A sra. McCallum balançou a cabeça indicando o balde, obviamente com medo de se aproximar. — Lizzie Wemyss, da casa grande, trouxe o leite para mim ontem à noite. Ela disse que eu devia dá-lo a Aidan e eu mesma devia bebê-lo. — Olhou desamparadamente para Roger. Ele compreendeu suas reservas; mesmo em sua própria época, o leite era considerado uma bebida apenas para crianças pequenas e inválidos; sendo proveniente de uma vila de pescadores do litoral escocês, ela provavelmente nunca vira uma vaca antes de vir para a América. Ele tinha certeza de que ela sabia o que era leite e que tecnicamente era próprio para consumo humano, mas provavelmente jamais experimentara.

— Sim, isso está certo — ele assegurou-lhe. — Toda a minha família bebe leite; faz as crianças crescerem altas e fortes. — E não seria nada mau para uma mãe que comia mal e estava amamentando, o que sem dúvida fora o que Claire pensara.

Ela balançou a cabeça, em dúvida.

— Bem... sim, senhor. Eu não tinha bem certeza... mas o menino estava com fome e disse que iria beber o leite. Então, fui servir um pouco para ele, mas... — Ela olhou para o balde com uma expressão de temerosa desconfiança. — Bem, se não for um diabo que entrou no leite, foi alguma outra coisa. Está assombrado, senhor, tenho certeza! Ele não sabe o que o fez olhar para Aidan naquele momento, mas surpreendeu um olhar fugaz de profundo interesse, que desapareceu imediatamente, deixando o garoto com uma expressão estranhamente solene.

Assim, foi com uma certa precaução que ele se inclinou para frente e cuidadosamente levantou o pano que cobria o balde. Mesmo assim, ele soltou um pequeno grito e deu um salto para

trás, o pano com os pesos de pedras voando para o lado e batendo contra a parede.

Os olhos verdes malignos que o fitavam arregalados do meio do balde desapareceram e o leite lançou uma chuva de gotas cremosas do balde como a erupção de um vulcão em miniatura.

— Merda! — ele exclamou. A sra. McCallum recuara o máximo possível e fitava o balde horrorizada, as duas mãos sobre a boca. Aidan tinha uma das próprias mãos pressionada sobre a boca e estava igualmente com os olhos esbugalhados, mas podia-se ouvir um débil som sibilante vindo de sua direção.

O coração de Roger batia fortemente com a adrenalina — e uma forte vontade de torcer o pescoço magrela de Aidan McCallum. Limpou os respingos de nata de seu rosto, rangendo os dentes, e enfiou a mão cuidadosamente no balde de leite.

Foram necessárias várias tentativas para agarrar a coisa, que parecia nada mais, nada menos, do que um coágulo de catarro muito vigoroso e energético, mas na quarta tentativa ele conseguiu e triunfalmente retirou do balde um sapo-boi muito grande e revoltado, espalhando leite em todas as direções.

O sapo enfiou as pernas traseiras ferozmente na palma escorregadia de sua mão, fazendo com que ele o soltasse, e lançou-se em um salto espetacular que cobriu metade da distância até a porta e fez a sra. McCallum dar um grito. O bebê acordou assustado e aumentou ainda mais o tumulto, enquanto o sapo, coberto de nata cremosa, espadanava-se pela porta, saindo para a chuva e deixando manchas amarelas em seu rastro.

Aidan prudentemente seguiu-o a toda velocidade.

A sra. McCallum sentara-se no chão, jogara o avental em cima da cabeça e gritava histericamente embaixo dele. O bebê berrava a plenos pulmões e leite gotejava devagar da borda da mesa, enfatizando o barulho da chuva do lado de fora. Havia goteiras no telhado, ele viu; longas listras molhadas escureciam as

vigas sem suporte por trás da sra. McCallum, e ela estava sentada em uma poça.

Com um profundo suspiro, ele pegou a criança do berço, surpreendendo-o suficientemente para fazê-lo engolir e parar de gritar. O bebê pestanejou para ele e enfiou a mãozinha na boca. Ele não fazia a menor ideia do sexo do bebê; era uma anônima trouxa de trapos, com um rostinho crispado e um olhar desconfiado.

Segurando-o em um dos braços, ele agachou-se e passou o outro braço ao redor dos ombros da sra. McCallum, dando uns tapinhas desajeitadamente, na esperança de fazê-la parar.

— Está tudo bem — ele disse. — Era apenas um sapo, sabe.

Ela gemia como uma banshee e emitia pequenos gritos intermitentes, sem parar, até os gemidos se tornarem menos frequentes e finalmente se desintegrarem em um choro mais ou menos normal, embora ela se recusasse a sair de baixo do avental.

Seus músculos da coxa estavam com câibra de ficar agachado e ele estava molhado, de qualquer modo. Assim, com um suspiro, sentou-se na poça ao lado dela, dando tapinhas em seu ombro de vez em quando, para que ela soubesse que ele ainda estava ali. O bebê, ao menos, parecia bastante satisfeito; sugava seu punho fechado, sem se deixar perturbar pelo ataque histérico de sua mãe.

— Que idade tem o bebê? — ele disse, puxando conversa, durante uma breve pausa para recuperar o fôlego. Ele sabia sua idade aproximada, porque nascera uma semana após a morte de Orem McCallum, mas era um assunto de conversa. E, para a idade que devia ter, parecia terrivelmente pequeno e leve, ao menos em comparação às suas lembranças de Jemmy naquela idade.

Ela murmurou alguma coisa inaudível, mas o choro acabara em soluços e suspiros. Então, ela disse outra coisa.

— O que foi, sra. McCallum? — Por quê? — ela sussurrou por baixo do tecido de morim desbotado. — Por que Deus me



trouxe para cá? Bem, essa era uma ótima pergunta; ele próprio se fizera essa pergunta muitas vezes, mas ainda não conseguira nenhuma resposta realmente convincente.

— Bem... confiamos em que Ele tenha algum tipo de plano — ele disse, um pouco sem jeito. — Nós apenas não sabemos qual é.

— Um belo plano — ela disse, com um soluço. — Trazer todos nós para tão longe, para este lugar horrível, depois tirar meu marido de mim e me deixar aqui passando fome! — Oh... não é um lugar tão horrível — ele disse, incapaz de refutar qualquer outra coisa em seu desabafo. — Os bosques e tudo... os rios, as montanhas... é... hum... muito bonito. Quando não está chovendo. — A tolice do que ele disse na verdade a fez rir, embora o riso tenha rapidamente degradingolado em mais choro.

— O que foi? — Ele passou o braço ao seu redor e puxou-a um pouco mais para perto, tanto para lhe oferecer consolo quanto para entender o que ela dizia, embaixo de seu refúgio improvisado.

— Sinto falta do mar — ela disse muito baixinho, e apoiou a cabeça coberta pelo avental em seu ombro, como se estivesse muito cansada. — Jamais o verei novamente.

Ela provavelmente tinha razão, e ele não conseguiu encontrar nada para dizer em resposta. Permaneceram sentados por algum tempo em silêncio, quebrado apenas pelos ruídos do bebê babando em seu punho.

— Não deixarei que passe fome — ele disse finalmente, à meia-voz.

— É tudo que posso prometer, mas prometo. Vocês não vão passar fome. — Com os músculos dolorosamente contraídos, levantou-se rigidamente e abaixou-se para pegar uma das pequenas mãos ásperas, frouxamente abandonadas no colo. — Venha. Levante-se. Pode amamentar o bebê enquanto eu limpo um pouco a sujeira de leite.

A chuva cessara quando ele partiu e as nuvens haviam começado a se dispersar, revelando pedaços de céu azul-claro. Ele parou em uma curva do caminho lamacento e escarpado para admirar um arco-íris — um completo, que se arqueava de um lado do céu ao outro, suas cores nebulosas mergulhando no verde-escuro e molhado da encosta da montanha do outro lado à sua frente.

Tudo estava em silêncio, a não ser pelo gotejar e espatifar da água que caía das folhas e pelo gorgolejar do arroio escorrendo por um canal rochoso próximo ao caminho.

— Uma promessa solene — ele disse suavemente, em voz alta. — O que esperar, então? Não um pote de ouro no fim do arco-íris. — Ele sacudiu a cabeça e prosseguiu, agarrando-se a galhos e arbustos para não escorregar pelo declive abaixo; não queria acabar como Orem McCallum, em um amontoado de ossos no fundo do barranco.

Falaria com Jamie, e também com Tom Christie e Hiram Crombie.

Juntos, podiam falar com outras pessoas e assegurar que a viúva McCallum e seus filhos tivessem comida suficiente. As pessoas eram generosas, mas alguém tinha que pedir.

Ele olhou para trás por cima do ombro; a chaminé torta era apenas visível acima das árvores, mas nenhuma fumaça saía dali. Podiam juntar muitos galhos para o fogo, ela dissera — mas úmidos como estavam seriam necessários dias até terem alguma lenha para queimar. Precisavam de um barracão para a madeira, lenha cortada, grandes o suficiente para queimarem um dia inteiro, não os gravetos e galhos caídos que Aidan conseguia carregar.

Como se o pensamento o tivesse convocado, Aidan surgiu naquele momento. O garoto estava pescando, agachado sobre uma rocha ao lado de um pequeno lago a uns dez metros abaixo, de costas para a trilha.

Suas omoplatas destacavam-se sob o tecido fino e gasto de sua camisa, distintas como as asas de um anjo.

O barulho da água encobriu os passos de Roger conforme ele desceu pelas pedras. Muito delicadamente, ele segurou o menino pelo pescoço magro e pálido, e os ombros ossudos encolheram-se de surpresa.

— Aidan — ele disse. — Uma palavrinha com você, por favor.

A escuridão sobreveio na noite de Halloween. Fomos dormir ao som do vento uivante e do tamborilar da chuva, e acordamos no Dia de Todos os Santos com a brancura da neve e grandes e macios flocos caindo sem parar no mais absoluto silêncio. Não há serenidade mais perfeita do que a solidão no coração de uma tempestade de neve.

Essa é a hora mais etérea, quando os entes queridos já mortos se aproximam. O mundo volta-se para dentro e o ar frio torna-se denso de sonhos e mistério. O céu vai de um frio límpido e cortante onde um milhão de estrelas cintila, parecendo muito próximas, à nuvem cinza-rosada que envolve a Terra com a promessa de neve.

Tirei um dos fósforos da caixa de Bri e o acendi, entusiasmada com o minúsculo salto instantâneo da chama, e inclinei-me para acender os gravetos. A neve caía e o inverno chegara; a estação do fogo. Fogo nas velas e nas lareiras, aquele paradoxo adorável, saltitante, aquela destruição contida, mas não domada, mantida a uma distância segura para aquecer e encantar, mas sempre, ainda assim, com aquela pequena noção de perigo.

O cheiro de abóboras assadas flutuava intenso e adocicado no ar.

Tendo governado a noite com fogo, o homem das lanternas de abóboras esculpidas agora caminhava para um destino mais pacífico na forma de tortas e adubo, para se unir ao tranquilo

repouso da terra antes da renovação. Eu havia revirado a terra da minha horta no dia anterior, plantando as sementes de inverno para dormirem e incharem, enterradas, e sonharem com seu nascimento.

Agora é o momento em que reentramos no útero do mundo, sonhando os sonhos de neve e silêncio, acordando para o choque de lagos congelados sob o luar evanescente e o sol frio, brando e azul, nos galhos das árvores cobertas de gelo, retornando de nossas breves e necessárias labutas para comida e histórias, para o calor da luz do fogo na escuridão.

Ao redor de uma fogueira, no escuro, todas as verdades podem ser ditas, e ouvidas, em segurança.

Calcei as meias compridas de lã, vesti anáguas grossas, coloquei meu xale mais quente e desci para avivar o fogo da cozinha. Fiquei observando fiapos de vapor se erguerem do aromático caldeirão, e me senti voltar para dentro. O mundo podia desaparecer, nós ficaríamos bem.

*EU SOU A RESSURREIÇÃO*

*Novembro de 1773*

Batidas fortes na porta acordaram Roger pouco antes do amanhecer.

A seu lado, Brianna emitiu um ruído inarticulado que a experiência traduziu como uma declaração de que, se ele não se levantasse e atendesse a porta, ela o faria — mas ele iria se arrepender, assim como a infeliz pessoa do outro lado.

Resignado, lançou a colcha para trás e passou a mão pelos cabelos emaranhados. Sentiu o ar frio nas pernas nuas e um sopro gelado de neve no ar.

— Na próxima vez que eu me casar com alguém, vou escolher uma mulher que acorde alegremente de manhã — ele disse para a figura encolhida sob as cobertas.

— Faça isso — disse uma voz abafada de baixo do travesseiro, cuja natureza indistinta em nada contribuía para disfarçar a entonação hostil.

As batidas se repetiram e Jemmy — que de fato acordava alegremente de manhã — ergueu-se em sua caminha, parecendo um dente-de-leão ruivo e deteriorado.

— Alguém está batendo na porta — ele informou a Roger.

— Oh, é mesmo? Mmmmhum. — Contendo um forte desejo de gemer, levantou-se e foi destrancar a porta.

Hiram Crombie estava parado do lado de fora, parecendo ainda mais circunspecto do que o normal na luz cinzenta e turva.

Evidentemente não se levantara alegre também, Roger refletiu.

— A mãe de minha mulher faleceu ontem à noite — ele informou Roger sem preâmbulos.

— O quê? — Jemmy perguntou com interesse, fazendo surgir a cabeça descabelada de trás da perna de Roger. Esfregou um dos olhos com o punho fechado e bocejou amplamente. — O sr. Stornaway expulsou uma pedra no xixi, ele mostrou pra mim e Germain.

— A sogra do sr. Crombie morreu — Roger disse, colocando a mão de forma repressora na cabeça de Jem, com uma tosse escusatória para Crombie. — Sinto muito, sr. Crombie. — Sim. — O sr. Crombie parecia indiferente a condolências. — Murdo Lindsay diz que você sabe um pouco das Escrituras para o enterro. Minha mulher perguntou se você poderia ir dizer algumas palavras na sepultura.

— Murdo disse... ah! — A família holandesa, foi isso. Jamie o forçara a falar junto às sepulturas. — Sim, é claro. — Ele limpou a garganta, numa reação automática; sua voz estava horrivelmente rouca, como sempre de manhã, até ele tomar algo quente. Não era de admirar que Crombie parecesse em dúvida.

— Claro — ele repetiu com mais força. — Podemos... hã... fazer alguma coisa para ajudar? Crombie fez um pequeno gesto negativo.

— As mulheres já devem tê-la preparado, creio eu — ele disse, com um olhar de relance ao monte que Brianna formava na cama. — Começaremos a cavar após o café da manhã. Com sorte, estará enterrada antes de começar a nevar. — Ele ergueu um queixo

pontudo para o céu opaco, cinza-claro, da cor dos pelos da barriga de Adso, depois balançou a cabeça, girou nos calcanhares e partiu, sem maiores amabilidades.

— Papai, olhe! — Roger abaixou os olhos e viu Jem, os dedos enfiados nos cantos da boca, puxando para baixo, para simular o "U" invertido da expressão costumeira de Hiram Crombie. As pequenas sobrelanceiras franziram-se em uma careta feroz, tornando a semelhança extraordinária. Surpreso, Roger deu uma risada, arfou e engasgou-se, depois tossiu até se dobrar, chiando.

— Você está bem? — Brianna surgiu de baixo das cobertas e estava sentada na cama, os olhos semicerrados de sono, mas parecendo preocupada.

— Sim, bem. — As palavras saíram em um chiado fino, quase inaudível. Ele inspirou e tossiu fundo, expectorando uma repelente massa de catarro na mão, por falta de um lenço.

— Credo! — exclamou sua adorada e sensível esposa, contraindo-se.

— Deixe-me ver, papai! — disse seu filho e herdeiro, esticando-se para olhar. — Credo! Roger saiu e limpou a mão na grama molhada junto à porta. Estava frio do lado de fora, tão cedo, mas Crombie sem dúvida tinha razão; a neve já estava a caminho outra vez. O ar tinha aquela sensação suave, os sons abafados.

— Então, a velha sra. Wilson morreu? — Brianna saíra atrás dele, um xale em volta dos ombros. — É uma pena. Imagine vir para tão longe e depois morrer em um lugar estranho, antes sequer de ter tempo de se assentar.

— Bem, tinha a sua família com ela, ao menos. Imagino que ela não iria querer ser deixada sozinha para morrer na Escócia.

— Humm. — Bri afastou fios de cabelos das faces; ela havia prendido os cabelos em uma trança grossa para dormir, mas grande parte havia se soltado e esvoaçava ao redor de seu rosto no ar

úmido e frio. — Acha que eu devo ir até lá? — Dar os pêsames? Ele disse que já prepararam a senhora.

Brianna resfolegou, o vapor branco que saía de suas narinas fazendo-o pensar em dragões momentaneamente.

— Não pode ser mais do que sete horas e ainda está completamente escuro! E não acredito nem por um instante que sua mulher e irmã tenham preparado a morta à luz de velas. Hiram não iria permitir o gasto de uma vela extra, para começar. Não, ele se sentia incomodado de pedir um favor, então estava tentando irritá-lo sobre sua mulher ser uma desleixada preguiçosa.

Isso fora muito perceptivo, Roger pensou, divertindo-se — particularmente porque ela não vira o olhar eloquente de Crombie à sua forma deitada.

— O que é uma desleixada? — Jemmy perguntou, por um instante captando qualquer coisa que soasse vagamente imprópria.

— É uma dama que não é nem um pouco educada e refinada — Roger informou-o. — E, ainda por cima, uma péssima dona de casa.

— Essa é uma das palavras que a sra. Bug lavará sua boca com sabão se ouvir você dizer — sua mulher acrescentou, com uma perspicácia gramaticalmente incorreta.

Roger ainda estava vestido apenas com sua camisa de dormir e suas pernas e pés estavam congelando. Jem saltitava ao redor, também descalço, mas sem o menor sinal de estar sentindo frio.

— Mamãe não é uma — Roger disse com firmeza, segurando a mão de Jem. — Vamos, companheiro, vamos até a latrina enquanto mamãe prepara o café da manhã.

— Obrigada pelo voto de confiança — Brianna disse, bocejando. — Levarei um pote de mel ou alguma outra coisa para os Crombie mais tarde.

— Eu vou também — Jemmy anunciou prontamente.



Brianna hesitou por um instante, depois olhou para Roger e ergueu as sobrancelhas. Jem jamais vira uma pessoa morta.

Roger ergueu um dos ombros. Deve ter sido uma morte tranquila e era, Deus sabe, um fato da vida na montanha. Ele não achava que ver o cadáver da sra. Wilson daria pesadelos à criança — embora, conhecendo Jemmy, fosse bem provável que levasse a inúmeras perguntas públicas constrangedoras. Um pouco de explicação preparatória seria desejável, refletiu.

— Claro — disse a Jem. — Mas primeiro temos que ir à casa grande depois do café da manhã e pedir a Bíblia emprestada ao vovô.

Encontrou Jamie tomando o café da manhã, o cheiro da aveia quente do mingau fresco envolvendo-o como um cobertor quando ele entrou na cozinha. Antes de poder explicar o que fazia ali, a sra. Bug já o fizera se sentar com sua própria tigela de mingau, um pote de mel, uma travessa de apetitoso bacon frito, torradas escorrendo manteiga e uma caneca de algo escuro e aromático que parecia café. Jem estava a seu lado, já lambuzado de mel e manteiga até as orelhas. Por um instante traíçoeiro, ele se perguntou se Brianna não seria talvez um pouco preguiçosa, mas certamente não uma desleixada.

Então ele olhou para Claire, do outro lado da mesa, com os cabelos desgrenhados, pestanejando sonolentemente para ele por cima de uma torrada, e generosamente concluiu que provavelmente não era uma escolha consciente da parte de Bri, mas uma influência genética.

Entretanto, Claire levantou-se instantaneamente quando ele explicou sua missão, entre mordidas de bacon e torrada.

— A velha sra. Wilson? — ela perguntou com interesse. — De que ela morreu, o sr. Crombie disse? Roger sacudiu a cabeça, engolindo mingau de aveia.

— Somente que ela morreu durante a noite. Acho que a encontraram morta. Seu coração, talvez... ela devia ter pelo menos oitenta anos.

— Ela era apenas cinco anos mais velha do que eu — Claire disse secamente. — Ela me disse.

— Oh. Mmmhum. — Limpar sua garganta doeu e ele, então, tomou um gole da bebida escura e quente em sua caneca. Era uma infusão de raiz de endívia e bolotas de carvalho, mas não era muito ruim.

— Espero que você não tenha lhe dito a sua idade, Sassenach. — Jamie estendeu o braço e apoderou-se da última torrada. A sra. Bug, sempre vigilante, retirou o prato rapidamente para tornar a enchê-lo.

— Não sou tão descuidada assim — Claire disse, limpando delicadamente o mel no canto da boca com o indicador e lambendo-o.

— Eles já acham que eu fiz algum tipo de pacto com o diabo; se eu lhes dissesse minha idade, teriam certeza.

Roger sacudiu-se com uma risadinha, mas pensou consigo mesmo que Claire tinha razão. As marcas de suas desventuras já haviam praticamente desaparecido, as manchas roxas se descoraram e o cavalete do nariz recuperou-se com perfeição. Mesmo desalinhada e com os olhos inchados do sono, ela era mais do que bonita, com uma linda pele, uma cabeleira cacheada, espessa e lustrosa, além de uma elegância de feições inimaginável entre os pescadores das Highlands. Sem falar nos olhos, dourados e cor de conhaque, surpreendentes.

Acrescente-se a esses dons naturais as práticas do século XX de nutrição e higiene — ela possuía todos os seus dentes, brancos e ordenados — e facilmente parecia ter uns vinte anos a menos do que as outras mulheres de sua idade. Ele achava este um

pensamento reconfortante; talvez Bri também tivesse herdado de sua mãe a arte de envelhecer graciosamente.

Afinal, ele sempre podia preparar seu próprio café da manhã.

Jamie terminara sua própria refeição e fora buscar a Bíblia. Voltou, colocando-a ao lado do prato de Roger.

— Vamos subir com você para o enterro — ele disse, indicando o livro com um movimento de cabeça. — Sra. Bug, poderia preparar uma pequena cesta para os Crombie? — Já preparei — ela o informou, colocando uma grande cesta com uma pancada em cima da mesa diante dele, coberta com um guardanapo e cheia de guloseimas. — Você a leva, então? Vou contar a Arch e pegar meu xale, e nos encontramos com vocês no enterro, está bem? Brianna entrou neste momento, bocejando, mas bem-arrumada, e começou a tornar Jem apresentável, enquanto Claire desaparecia para pegar uma touca e o xale. Roger apanhou a Bíblia, pretendendo folhear os salmos em busca de algo adequadamente melancólico, mas capaz de reconfortar.

— Talvez o vinte e três? — ele disse, em parte para si mesmo. — Bonito e curto. Sempre um clássico. E, ao menos, sempre menciona a morte.

— Você vai fazer um discurso em louvor? — Brianna perguntou, interessada. — Ou um sermão? — Oh, meu Deus, eu não havia pensado nisso — ele disse, apavorado. Limpou a garganta experimentalmente. — Tem mais café aí? Ele havia comparecido a inúmeros funerais em Inverness presididos pelo reverendo e sabia muito bem que os clientes pagantes consideravam tal evento um triste fracasso se o discurso não durasse pelo menos meia hora. É bem verdade que os pobres não podiam ser exigentes, e os Crombie não podiam esperar..

— Por que você tem uma Bíblia protestante, papai? — Bri parou no ato de desembaraçar um pedaço de torrada dos cabelos de

Jemmy, espreitando por cima do ombro de Roger.

Surpreso, ele fechou a capa, mas Bri tinha razão; a Versão do rei Jaime, dizia, as letras da inscrição quase apagadas.

— Eu ganhei — Jamie disse. A resposta foi descontraída, mas Roger ergueu os olhos; havia algo estranho na voz de Jamie. Brianna também percebeu; ela lançou um olhar rápido e incisivo a seu pai, mas o rosto de Jamie estava sereno enquanto ele comia o último pedaço de bacon e limpava os lábios.

— Quer um trago em seu café, Roger Mac? — ele perguntou, indicando a caneca de Roger com a cabeça, como se fosse a coisa mais comum do mundo oferecer uísque com o café da manhã.

Na realidade, a ideia parecia realmente atraente, levando em conta as perspectivas imediatas, mas Roger sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado. Vou conseguir. — Tem certeza? — Brianna transferiu o olhar incisivo para ele. — Talvez devesse aceitar. Para a sua garganta.

— Não é preciso — ele disse laconicamente. Ele próprio também estava preocupado com sua voz; não precisava da solicitude do contingente ruivo, os três componentes do qual lhe dirigiam olhares inquietos, que ele interpretou como lançando extrema dúvida sobre sua capacidade de orador. O uísque poderia ajudar sua garganta, mas duvidava de que ajudasse muito sua pregação, e a última coisa que ele desejava era aparecer em um funeral cheirando a bebida diante de um bando de rígidos abstêmios.

— Vinagre — aconselhou a sra. Bug, inclinando-se para levar o prato de Roger. — Vinagre quente. Corta o catarro, sabe? — Aposto que sim — Roger disse, sorrindo apesar de suas apreensões. — Mas creio que não vou querer, sra. Bug, obrigado. — Ele acordara com a garganta ligeiramente dolorida e esperava que o café da manhã a curasse. Não curara, e a ideia de beber vinagre quente fazia suas amígdalas crescerem.

Em vez disso, estendeu a caneca para mais café de endívia e concentrou-se na tarefa que tinha pela frente.

— Bem... alguém sabe alguma coisa sobre a sra. Wilson? — Está morta — Jemmy anunciou com confiança. Todos riram e Jem pareceu confuso, mas em seguida riu também, embora obviamente sem entender por que seria tão engraçado.

— Bom começo, amigão. — Roger estendeu a mão e limpou farelos da frente da camisa de Jemmy. — Pode ser um bom começo, afinal. O reverendo tinha um sermão bastante apropriado sobre algo nas Epístolas: o pagamento pelos pecados é a morte, mas a dádiva de Deus é a vida eterna. Eu o ouvi fazer esse sermão mais de uma vez. O que acha? — Ergueu uma sobancelha para Brianna, que franziu o cenho, concentrada, e pegou a Bíblia.

— Provavelmente, serviria. Isso tem um índice alfabético? — Não. — Jamie abaixou sua caneca de café. — Mas está em Romanos, capítulo seis. — Vendo os olhares de surpresa voltados para ele, enrubescou um pouco e balançou a cabeça na direção da Bíblia.

— Eu tinha este livro na prisão — ele disse. — Eu o li. Vamos, a bhailach, você está pronto? O tempo estava nublado e escuro, nuvens ameaçando de uma chuva gélida à primeira neve da estação e rajadas de vento frio ocasionais agitando capas e saias, enfunando-as como velas de navio. Os homens seguravam seus chapéus e as mulheres escondiam-se em seus capuzes, todos caminhando com a cabeça abaixada, como ovelhas avançando teimosamente contra o vento. — Ótimo tempo para um funeral — Brianna murmurou, apertando sua capa com força ao redor do corpo depois de uma dessas rajadas.

— Mmmhum. — Roger reagiu automaticamente, obviamente sem entender o que ela dissera, mas registrando que ela falara. Sua testa estava franzida e ele parecia tenso e pálido. Ela colocou a mão em seu braço, apertando-o para lhe inculcar confiança,

e ele olhou para ela com um sorriso débil, a expressão do rosto relaxando.

Um lamento fantasmagórico cortou o ar e Brianna ficou paralisada, agarrada ao braço de Roger. O longo gemido transformou-se em um grito agudo, em seguida fragmentou-se em uma série de arfadas curtas e entrecortadas, descendo uma escala de soluços como um corpo sem vida rolando escada abaixo.

Ela sentiu um aperto no estômago e um calafrio percorreu sua espinha dorsal. Olhou para Roger; ele parecia quase tão pálido quanto ela sentia estar, embora ele pressionasse sua mão para transmitir-lhe força.

— Deve ser a ban-treim — seu pai observou calmamente. — Não sabia que havia uma aqui.

— Nem eu — disse sua mãe. — Quem você acha que é? — Ela também levava um susto, mas agora parecia meramente interessada.

Roger estivera prendendo a respiração também; soltou-a, com um leve estertor, e limpou a garganta.

— Uma carpideira — ele disse. As palavras emergiram espessas e ele limpou a garganta outra vez, com mais força. — Elas choram e se lamentam. Atrás do caixão.

A voz ergueu-se outra vez da floresta, desta vez com um som mais deliberado. Brianna achou que havia palavras no lamento, mas não conseguiu decifrá-las. Wendigo. A palavra surgiu espontaneamente em sua mente e ela estremeceu convulsivamente. Jemmy choramingou, tentando se enfiar dentro do casaco de seu avô.

— Não há nada a temer, a bhailach. — Jamie bateu de leve nas costas de Jemmy com uns tapinhas tranquilizadores. Jem não pareceu convencido e colocou o polegar na boca, aconchegando-se no peito de Jamie com os olhos arregalados quando o lamento reduziu-se a queixumes.

— Bem, vamos, então, conhecê-la, está bem? — Jamie virou-se e começou a entrar na floresta, na direção da voz.

Não havia nada a fazer senão segui-lo. Brianna apertou o braço de Roger, mas o deixou, caminhando ao lado de seu pai de modo que Jemmy pudesse vê-la e se acalmar.

— Tudo bem, querido — ela disse, suavemente. Fazia cada vez mais frio; sua respiração exalava em baforadas de vapor branco. A ponta do nariz de Jemmy estava vermelha e os olhos pareciam um pouco rosados nas bordas, ele também estaria pegando um resfriado? Ela estendeu a mão para tocar sua testa, mas exatamente nesse momento a voz irrompeu de novo. Dessa vez, no entanto, algo parecia ter acontecido a ela. Era um som alto, débil, não a lamúria poderosa que ouviram antes. E hesitante — como o de um aprendiz de fantasma, ela pensou, em um gracejo nervoso.

Verificou-se que realmente se tratava de uma aprendiz, embora não de fantasma. Seu pai agachou-se para passar embaixo de um pequeno pinheiro e ela o seguiu, emergindo em uma clareira, de frente para duas mulheres surpresas. Ou melhor, uma mulher e uma jovem adolescente, com xales na cabeça. Ela as conhecia, mas como se chamavam mesmo? — Maduinn mhath, maighistear — a mulher disse, recuperando-se do susto e fazendo uma pequena mesura para Jamie. — Bom-dia, senhor.

— Para vocês também, senhora — ele respondeu, igualmente em gaélico.

— Bom-dia, sra. Gwilty — Roger disse, com sua voz rouca e amável. — E também para você, a nighean — acrescentou, inclinando-se cortesmente para a jovem. Olanna, esse era seu nome; Brianna recordava-se do rosto redondo, exatamente como o "O" que dava início a seu nome. Ela era... filha da sra. Gwilty? Ou sobrinha? — Aah, que menino bonito — a jovem sussurrou, estendendo um dedo para tocar o rostinho redondo de Jem. Ele

recuou um pouco e chupou o dedo com mais força, observando-a com desconfiança por baixo do gorro azul de lã.

As mulheres não falavam inglês, mas o gaélico de Brianna já era suficiente para lhe permitir acompanhar a conversa, quando não participar fluentemente. A sra. Gwilty estava, ela explicou, mostrando à sua sobrinha a maneira certa de uma coronach agir.

— E vocês duas juntas vão fazer um belo trabalho, tenho certeza — Jamie disse educadamente. A sra. Gwilty fungou e lançou à sobrinha um olhar depreciativo.

— Mmmhum — ela disse. — Uma voz de taquara rachada, mas ela é a única mulher que resta e eu não vou viver para sempre.

Roger emitiu um pequeno ruído engasgado, que rapidamente se transformou em uma tosse convincente. O rosto redondo e agradável de Olanna, já rosado do frio, ficou coberto de manchas vermelhas, mas ela não disse nada, meramente abaixando os olhos e encolhendo-se ainda mais dentro de seu xale. Brianna viu que era de um tecido rústico, marrom-escuro, feito em tear caseiro; o da sra. Gwilty era de lã fina, tingido de preto — e, embora estivesse um pouco desfiado nas franjas, ela ainda o portava com a dignidade de sua profissão. — Nossas condolências — Jamie disse, formalmente. — A que partiu era...? — parou, em uma delicada pergunta.

— Irmã do meu pai — respondeu a sra. Gwilty prontamente. — Que desgraça que tenha que ser enterrada entre estranhos. — Ela possuía um rosto magro, desnutrido, as faces profundamente encovadas, com olheiras arroxeadas ao redor dos olhos escuros. Voltou esses olhos fundos para Jemmy, que prontamente agarrou a ponta de seu gorro e puxou-o sobre o rosto. Vendo os olhos escuros, abismais, voltarem-se em sua direção, Brianna teve vontade de fazer o mesmo.

— Espero... que sua alma encontre a paz. Com... com o fato de sua família estar aqui — Claire disse, em seu claudicante gaélico.



Soou de uma maneira muito peculiar no sotaque inglês de sua mãe, e Brianna viu seu pai morder o lábio inferior para não sorrir.

— Ela não vai ficar sem companhia por muito tempo. — Olanna disse inesperadamente, atraindo a atenção de Jamie, e em seguida ficou vermelha como uma beterraba e enterrou o nariz no xale.

Essa estranha declaração pareceu fazer sentido para seu pai, que balançou a cabeça.

— Oh, é mesmo? Quem está doente? — Ele olhou para sua mãe de forma indagativa, mas ela sacudiu ligeiramente a cabeça. Se havia alguém doente, não haviam buscado sua ajuda.

O lábio superior, longo e enrugado, da sra. Gwilty pressionou-se sobre dentes assustadores.

— Seaumais Buchan — observou, com lúgubre satisfação. — Está de cama com febre e seu peito vai matá-lo antes que a semana termine, mas nós o derrotamos. Foi sorte.

— O quê? — Claire perguntou, franzindo a testa, confusa.

Os olhos da sra. Gwilty estreitaram-se para ela.

— A última pessoa enterrada em um cemitério deve ficar de sentinela, Sassenach — Jamie explicou em inglês. — Até vir outra para assumir seu lugar.

Mudando sem entraves de novo para o gaélico, ele disse: — Ela tem sorte, e mais sorte ainda por tal bean-treim vir logo depois dela.

— Remexeu no bolso e estendeu a mão com uma moeda, para a qual a sra. Gwilty olhou, depois piscou e olhou novamente.

— Ah! — exclamou, satisfeita. — Bem, faremos o melhor possível, eu e a garota. Vamos, então, a nighean, deixe-me ouvi-la.

Olanna, assim pressionada a atuar diante de um grupo de pessoas, parecia aterrorizada. Sob o olhar de advertência de sua tia, entretanto, não havia escapatória. Fechando os olhos, ela estufou o peito, atirou os ombros para trás Ee-uh-Ee-uh", antes de parar,

arquejante. Roger encolheu-se como se o som fossem lascas de bambu enfiadas sob suas unhas e Claire ficou boquiaberta. Jemmy enterrou a cabeça no pescoço e agarrou-se ao casaco de seu avô como um carrapicho azul. Até Jamie pareceu um pouco espantado.

— Nada mau — disse a sra. Gwilty, criteriosamente. — Talvez não venha a ser uma desgraça completa. Disseram que Hiram lhe pediu para falar algumas palavras — acrescentou com um olhar de desdém para Roger.

— É verdade — Roger retrucou, ainda rouco, mas com a maior firmeza possível. — Sinto-me honrado.

A sra. Gwilty não retrucou, mas apenas o olhou de alto a baixo; em seguida, sacudindo a cabeça, virou-se de costas e ergueu os braços.

— AaaaaaaaAAAAAAAAAaaaaAAAAAAAAAaaalIIIeeeeeeeeee — gemeu, com uma voz que fez Brianna sentir cristais de gelo no sangue.

— Que desgraça, que desgraça, que desgraaaaaaaça! AAaayaaaAAaayaaaAAhaaaaahaaa! A desgraça se abateu sobre a casa dos Crombie. Desgraça! Obedientemente lhes dando as costas também, Olanna uniu-se aos lamentos com um agudo gemido próprio. Claire, com pouco tato, mas de modo bastante prático, tampou os ouvidos.

— Quanto você deu a elas? — perguntou a Jamie em inglês.

Os ombros de Jamie sacudiram-se por um instante e ele apressadamente a conduziu para longe dali com a mão firme em seu cotovelo.

Ao lado de Brianna, Roger engoliu em seco, o som quase inaudível naquele barulho.

— Você devia ter tomado aquele uísque — ela lhe disse.

— Eu sei — concordou com voz rouca, e espirrou.

— Você já ouviu falar de Seaumais Buchan? — eu perguntei a Jamie, conforme escolhíamos onde pisávamos na terra encharcada

do quintal dos Crombie. — Quem é ele?

— Oh, já ouvi falar dele, sim — ele respondeu, passando o braço ao meu redor para me ajudar a saltar uma poça fétida do que parecia urina de bode.

— Uuf Meu Deus, você é uma mulherzinha pesada, Sassenach.

— É a cesta — retruquei distraidamente. — Acho que a sra. Bug colocou bolas de chumbo aqui dentro. Ou talvez apenas bolos de frutas.

Então, quem é ele? Um dos pescadores?

— Sim. É tio-avô de Maisie MacArdle, aquela que é casada com o que era construtor de barcos. Lembra-se dela? Cabelos ruivos e um nariz muito comprido, seis filhos pequenos.

— Vagamente. Como você se lembra dessas coisas? — perguntei, mas ele apenas sorriu e me ofereceu seu braço. Segurei-o e atravessamos solenemente a lama e a palha espalhada sobre ela, o senhor das terras e sua mulher chegando para o funeral.

A porta da cabana estava aberta apesar do frio, para deixar o espírito do morto sair. Felizmente, também permitia a entrada de um pouco de luz, uma vez que a cabana era de construção muito rústica e não tinha janelas. Também estava apinhada de gente, a maioria certamente não tomara banho nenhuma vez nos últimos quatro meses.

Entretanto, cabanas claustrofóbicas ou corpos não lavados não me eram estranhos, e como eu sabia que um dos corpos presentes provavelmente estava limpo, mas certamente morto, eu já começara a respirar pela boca quando uma das filhas dos Crombie, coberta com um xale e com os olhos vermelhos, nos convidou a entrar.

A vovó Wilson estava estendida na mesa com uma vela junto à cabeça, envolta na mortalha que ela sem dúvida tecera quando se casara; o tecido de linho estava amarelado e marcado dos

anos, mas limpo e macio à luz da vela, bordado nas bordas com um motivo simples de folhas de parreira. Fora cuidadosamente conservado, trazido da Escócia só Deus sabe a que custo.

Jamie parou na porta, tirando o chapéu, e murmurou condolências formais, que os Crombie, o homem e a mulher, aceitaram com movimentos da cabeça e grunhidos, respectivamente. Entreguei a cesta de comida e retribuí os acenos de cabeça, com o que esperava fosse uma expressão adequada de digna solidariedade, enquanto não tirava os olhos de Jemmy.

Brianna fizera o melhor possível para lhe explicar, mas eu não sabia como ele reagiria à situação — ou ao cadáver. Ele fora persuadido, com alguma dificuldade, a emergir de seu gorro, e agora olhava ao redor com interesse, o topete arrepiado.

— Essa é a mulher que morreu, vovó? — sussurrou um tanto alto para mim, apontando para o corpo.

— Sim, querido — eu disse, com um olhar inquieto para a velha sra. Wilson. Mas ela parecia perfeitamente bem, adequadamente arrumada com sua melhor touca, uma atadura sob o queixo para manter a boca fechada, pálpebras secas fechadas contra a claridade da vela. Creio que Jemmy jamais havia visto a velha senhora em sua vida; não havia nenhum motivo real para ele ficar perturbado em vê-la morta, e ele era levado regularmente para caçar desde que aprendera a andar; ele sem dúvida compreendia o conceito de morte. Além do mais, um cadáver era definitivamente um anticlímax, após nosso encontro com as bean-treim.

Ainda assim...

— Vamos prestar nossas homenagens agora, rapaz — Jamie disse-lhe serenamente, colocando-o no chão. Vi o olhar de Jamie na direção da porta, onde Roger e Bri, por sua vez, murmuravam seus pêsames, e compreendi que ele esperara a chegada deles, de modo que pudessem observá-lo e assim saber o que fazer em seguida.

Ele conduziu Jemmy pelo meio do aglomerado de pessoas, que respeitosa­mente abriram caminho, e aproximou-se da mesa, onde colocou a mão sobre o peito da morta. Oh, então era este tipo de funeral.

Em alguns funerais nas Highlands, era costume que todos os presentes tocassem o corpo, para que o morto não viesse assombrá-los.

Eu duvidava de que a vovó Wilson tivesse algum interesse em me assombrar, mas precaução nunca é demais — e eu de fato tinha uma lembrança desconfortável de um crânio com obturações de platina nos dentes, e do meu encontro com aquele que devia ter sido seu possuidor, visto sob uma luz fantasmagórica em uma noite negra como breu nas montanhas. Involuntariamente, olhei para a vela, mas parecia um objeto marrom de cera de abelhas absolutamente normal, agradavelmente perfumada e um pouco torta em seu candelabro de cerâmica.

Revestindo-me de coragem, inclinei-me e coloquei minha própria mão delicadamente na mortalha. Havia um pires de barro, com um pedaço de pão e um montículo de sal, sobre o peito da finada e uma pequena tigela de madeira cheia com um líquido escuro — vinho? — ao seu lado, sobre a mesa. Com a boa vela de cera de abelhas, o sal e as bean-treim, parecia que Hiram Crombie estava tentando fazer um bom enterro para sua falecida sogra — embora eu não descartasse o fato de que ele, parcimoniosamente, fosse reutilizar o sal após a cerimônia.

Mas algo parecia errado; um ar de nervosismo pairava nas botas rotas e pés envoltos em trapos das pessoas como a aragem fria que vinha da porta. No começo, achei que fosse devido à nossa presença, mas não era isso; houve um breve suspiro de aprovação quando Jamie se aproximou do corpo.

Jamie sussurrou alguma coisa para Jemmy, depois o levantou, as pernas balançando no ar, para que ele tocasse o corpo.

Ele não demonstrou nenhuma relutância e espreitou o rosto de cera da mulher morta com interesse.

— Para que serve isso? — ele perguntou em voz alta, apontando para o pão. — Ela vai comê-lo? Jamie agarrou seu pulso e plantou sua mão com firmeza sobre a mortalha.

— É para o comedor de pecados, a bhailach. Deixe isso aí, sim? — O que é...

— Depois. — Ninguém discutiu com Jamie quando ele usou esse tom de voz e Jemmy aquiesceu, colocando o polegar de volta na boca quando Jamie o recolocou no chão. Bri aproximou-se e pegou-o no colo, tardiamente se lembrando de ela mesma tocar o corpo e murmurar "Que Deus a tenha".

Em seguida, Roger adiantou-se e houve uma movimentação de interesse entre o amontoado de gente. Ele parecia pálido, mas sereno. Seu rosto era magro e um pouco ascético, de um modo geral resgatado do ar severo pela doçura de seus olhos e pela boca maleável, pronta para um sorriso. Mas não era hora de rir e seus olhos estavam sombrios à luz baça. Ele colocou a mão no peito da morta e abaixou a cabeça. Eu não sabia se ele rezava pelo descanso de sua alma ou em busca de inspiração, mas ele permaneceu assim por mais de um minuto. As pessoas observavam respeitosamente, em um silêncio quebrado apenas por tosses ou pigarros. Roger não era o único que estava pegando uma gripe, pensei — e pensei repentinamente em Seaumais Buchan outra vez.

"Está de cama com febre e seu peito vai matá-lo antes que a semana termine." Assim dissera a sra. Gwilty. Pneumonia, talvez — ou bronquite, ou mesmo tuberculose. E ninguém me dissera nada.

Senti uma leve pontada diante desse pensamento, partes iguais de aborrecimento, culpa e inquietação. Eu sabia que os novos colonos ainda não confiavam em mim; achava que deveria deixar que eles primeiro se acostumassem comigo antes de começar a visitá-los aleatoriamente.

Muitos deles jamais teriam visto uma inglesa antes de vir para as colônias — e eu conhecia bem sua atitude em relação tanto a sassenachs quanto a católicos.

Mas evidentemente agora havia um homem praticamente morrendo na soleira da minha porta — e eu nem sabia de sua existência, muito menos de sua doença.

Eu deveria ir vê-lo, assim que o funeral terminasse? Mas onde afinal o sujeito morava? Ele não podia estar muito perto; eu realmente conhecia todos os pescadores que haviam se assentado na encosta da montanha; os MacArdle devem estar do outro lado da serra. Lancei um olhar furtivo para a porta, tentando avaliar quando as nuvens ameaçadoras iriam liberar seu fardo de neve.

Havia ruído de pés se arrastando e murmúrios de conversa em voz baixa do lado de fora; mais pessoas haviam chegado, provenientes dos vales próximos, amontoando-se do lado de fora da porta. Captei as palavras "dean caithris" em tom de pergunta e de repente compreendi o que havia de estranho ali.

Não haveria velório. Segundo os costumes, o corpo devia ser lavado e depois exposto por um ou dois dias, para permitir que todos na região tivessem tempo de ir prestar seus respeitos. Ouvindo atentamente, captei um tom distinto de surpresa e desagrado — os vizinhos achavam essa pressa indecorosa.

— Por que não vai haver velório? — sussurrei para Jamie. Ele ergueu um pouco um dos ombros, mas balançou a cabeça indicando a porta e o céu encoberto mais além.

— Vai cair muita neve ao anoitecer, a Sorcha — ele disse. — E provavelmente continuará durante vários dias, ao que parece. Eu não gostaria de ter que cavar uma sepultura e enterrar um caixão no meio de uma tempestade de neve. E, se nevar durante vários dias, onde eles vão colocar o corpo nesse ínterim? — É verdade, Mac Dubh — disse Kenny Lindsay, ouvindo a conversa. Ele lançou um

olhar às pessoas à nossa volta e aproximou-se mais, abaixando a voz.

— Mas é verdade também que Hiram Crombie não gostava muito da ve... hã, de sua sogra. — Ergueu um pouco o queixo, indicando o cadáver. — Alguns dizem que ele quer vê-la embaixo da terra o mais rápido possível... antes que ela mude de ideia, hein? — Abriu um riso rápido e Jamie reprimiu o próprio sorriso, olhando para baixo.

— Economiza um pouco da comida também, imagino. — A reputação de sovina de Hiram era famosa; o que não era pouca coisa, entre os parcimoniosos, mas hospitaleiros escoceses das Highlands.

Um novo alvoroço ocorria do lado de fora, com os recém-chegados.

Houve uma espécie de congestionamento na porta, quando alguém tentou forçar a passagem para dentro, apesar de a casa já estar superlotada, sendo o único espaço livre o assoalho embaixo da mesa em que a sra. Wilson repousava.

As pessoas na soleira da porta deram passagem com relutância e a sra. Bug surgiu dentro da cabana, arrumada em sua melhor touca e xale, Arch junto ao seu ombro.

— O senhor esqueceu o uísque — ela informou a Jamie, entregando-lhe uma garrafa fechada com rolha de cortiça. Olhando ao redor, imediatamente avistou os Crombie e fez uma mesura cerimoniosa para eles, murmurando seus sentimentos. Empertigando-se, ajeitou sua touca e olhou ansiosamente à volta. Obviamente, a cerimônia agora podia começar.

Hiram Crombie olhou ao redor, depois fez um sinal com a cabeça para Roger.

Roger endireitou-se discretamente, assentiu com um pequeno movimento da cabeça, e começou. Falou de maneira muito simples por alguns minutos generalidades sobre a preciosidade da



vida, a dimensão da morte e a importância dos parentes e vizinhos diante das adversidades. Tudo parecia estar indo bem com os barqueiros, que balançavam ligeiramente a cabeça em aprovação e pareciam estar se acalmando, na expectativa de um discurso apropriado.

Roger parou para tossir e assoar o nariz, depois mudou para o que parecia ser uma versão do funeral presbiteriano — ou o que ele se recordava do serviço, de sua convivência com o reverendo Wakefield.

Essa parte também pareceu aceitável. Bri relaxou um pouco e colocou Jemmy no chão.

Tudo corria bem... no entanto, eu ainda percebia uma leve sensação de nervosismo. Em parte, é claro, porque eu podia ver Roger. O calor crescente dentro da cabana estava fazendo seu nariz escorrer; ele mantinha o lenço na mão, discretamente enxugando e de vez em quando parando para assoar o nariz tão discretamente quanto possível.

A secreção nasal, entretanto, só tende a piorar. E, conforme a congestão aumentava, começou a afetar sua vulnerável garganta. O tom engasgado em sua voz, sempre presente, piorava notoriamente. Ele precisava limpar a garganta repetidamente, a fim de conseguir falar.

Ao meu lado, Jemmy remexia-se, inquieto, e pelo canto do olho eu vi Bri colocar a mão sobre a cabeça dele para acalmá-lo. Jemmy ergueu os olhos para ela, mas a atenção de Bri estava ansiosamente fixa em Roger.

— Agradecemos a Deus pela vida desta mulher — ele disse, e parou para pigarrear outra vez. Eu me vi fazendo o mesmo com ele, de pura e nervosa solidariedade.

— Ela é uma serva de Deus, fiel e verdadeira, e agora irá louvá-lo diante de Seu trono, com os san... — Vi uma súbita dúvida atravessar seu rosto quanto à aceitação de sua presente

congregação do conceito de santos ou se tal menção seria considerada uma heresia papista. Ele tossiu e retomou a fala: — Com os anjos.

Evidentemente, os anjos eram inócuos; os rostos ao meu redor pareciam sombrios e tristes, mas não ofendidos. Soltando a respiração audivelmente, Roger pegou a pequena Bíblia verde e abriu-a em uma página marcada.

— Vamos dizer juntos um salmo em louvor ao Senhor que...  
— Olhou para a página e, tarde demais, percebeu a dificuldade de traduzir um salmo em inglês para o gaélico, de improviso.

Ele limpou a garganta ruidosamente e meia dúzia de gargantas na congregação fizeram eco numa reação automática. Do meu outro lado, Jamie murmurou "Oh, meu Deus", numa invocação fervorosa.

Jemmy puxou a saia de sua mãe, sussurrando alguma coisa, mas foi energeticamente silenciado. Pude ver Bri olhando ansiosamente para Roger, o corpo tenso no desejo intenso de ajudar de alguma forma, ainda que por telepatia.

Sem nenhuma alternativa à vista, Roger começou a ler o salmo, gaguejante. Metade dos presentes o havia levado ao pé da letra quando ele os convidou a "dizer o salmo juntos", e recitavam o salmo de cor — bem mais rápido do que ele conseguia ler.

Fechei os olhos, não querendo observar, mas não havia como deixar de ouvir, conforme a congregação recitou o salmo apressadamente e caiu em silêncio, esperando com circunspecta paciência que Roger chegasse atabalhoadamente ao fim. O que ele fez, obstinadamente.

— Amém — Jamie disse em voz alta. E sozinho. Abri os olhos e me deparei com todos olhando-nos fixamente, com expressões que iam da leve surpresa à ostensiva hostilidade. Jamie respirou fundo e soltou o ar, muito lentamente.

— Jesus Cristo — ele disse, baixinho.

Uma gota de suor escorreu pela face de Roger e ele a enxugou com a manga do casaco.

— Alguém gostaria de dizer algumas palavras sobre a falecida? — ele perguntou, olhando de um rosto para o outro. Apenas o silêncio e o gemido do vento responderam.

Ele clareou a garganta e alguém reprimiu uma risadinha.

— Vovó — Jemmy sussurrou, puxando minha saia.

— Shh.

— Mas vovó. — O tom de urgência em sua voz me fez virar e abaixar os olhos para ele.

— Você precisa ir à latrina? — sussurrei, inclinando-me em sua direção. Ele sacudiu a cabeça, com ênfase suficiente para fazer o espesso topete ruivo-dourado sacudir-se para frente e para trás em sua testa.

— Oh, Senhor, nosso Pai Celestial, que nos conduz através das mudanças de tempo para o repouso e a bem-aventurança da eternidade, esteja conosco agora, para confortar e sustentar.

Ergui os olhos e vi que Roger havia colocado a mão novamente no cadáver, evidentemente resolvendo encerrar a cerimônia. Pelo evidente alívio em seu rosto e em sua voz, achei que ele devia estar recorrendo a alguma prece conhecida do Livro de Culto Comum, suficientemente familiar para que pudesse recitá-la em gaélico com fluência razoável.

— Faça-nos saber que Seus filhos são preciosos à Sua vista...

— Ele parou, visivelmente lutando para continuar; os músculos de sua garganta trabalhavam, tentando desobstruí-la em silêncio, mas em vão.

— Errr... HARRAM! — Um som, não realmente uma risada, percorreu a sala, e Bri fez um ruído surdo e retumbante em sua própria garganta, como um vulcão prestes a vomitar larva.

— Vovó! — Shh! — ...à Sua vista. Que eles... vivam para sempre com o Senhor e que Sua compaixão...

— Vovó! Jemmy contorcia-se como se uma colônia de formigas tivesse se alojado em suas calças, uma expressão de angustiada urgência no rosto.

— Eu sou a Ressurreição e a Vida, diz o Senhor; aquele que acredita em Mim, embora esteja morto... rr-hm... viverá para sempre... Com o fim à vista, Roger fazia um encerramento elegante, forçando a voz além de seus limites, mais rouca do que nunca e falhando a cada duas palavras, mas firme e audível. — Espere um minuto — sibilei. — Eu o levarei para fora em um...

— Não, vovó! Olhe! Segui seu dedo em riste e, por um instante, pensei que ele estivesse apontando para seu pai. Mas não estava.

A velha sra. Wilson abriu os olhos.

Houve um instante de silêncio, quando os olhos de todos fixaram-se imediatamente na sra. Wilson. Em seguida, houve um espanto coletivo e um recuo instintivo de um passo para trás, com pequenos guinchos agudos de consternação e gritos de dor, conforme dedos eram pisados e as pessoas imprensadas contra as toras ásperas e duras das paredes.

Jamie ergueu Jemmy do chão a tempo de impedir que fosse esmagado, encheu os pulmões e gritou "Sheas!" com todas as forças. Tal foi o volume de sua voz que o povo de fato ficou momentaneamente paralisado — o tempo suficiente para ele atirar Jemmy nos braços de Brianna e abrir caminho às cotoveladas na direção da mesa.

Roger apoderara-se do corpo da ex-finada e o levantava para uma posição sentada, a mão dela tocando debilmente a bandagem em volta de sua queixada. Segui Jamie, afastando as pessoas do meu caminho aos empurrões.

— Deem-lhe um pouco de ar, por favor — eu disse, erguendo a voz. O silêncio perplexo dera lugar a um crescente murmúrio de nervosismo, mas se abrandou quando comecei a

tatear pela atadura, tentando soltá-la. A sala esperou em agitada expectativa enquanto o suposto cadáver flexionava os maxilares dormentes.

— Onde estou? — ela disse com voz trêmula. Seu olhar percorreu incredulamente o aposento, repousando finalmente no rosto de sua filha.

— Mairi? — ela disse, em dúvida, e a sra. Crombie correu para frente e caiu de joelhos, irrompendo em lágrimas enquanto agarrava as mãos da mãe.

— A Màthair! A Màthair! — ela gritava. A velha senhora pousou a mão trêmula nos cabelos de sua filha, parecendo não acreditar que ela fosse real.

Eu, nesse ínterim, fazia o possível para verificar os sinais vitais da senhora, que não estavam na verdade tão vitais, mas ainda assim razoavelmente bons para alguém que estava morta há poucos instantes.

A respiração era superficial e difícil, a compleição, da cor de aveia rançosa, a pele fria e pegajosa, apesar do calor no aposento, e eu simplesmente não conseguia encontrar seu pulso, embora obviamente ela devesse ter algum. Não devia? — Como se sente? — perguntei. Ela colocou a mão trêmula sobre a barriga.

— Eu realmente me sinto um pouco mal — murmurou com um fio de voz. Coloquei minha própria mão em seu abdômen e senti instantaneamente. Uma pulsação, onde não devia haver nenhuma. Era irregular, falhada e aos solavancos, mas seguramente estava lá.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamei. Não disse isso em voz alta, mas a sra. Crombie arquejou e eu vi seu avental se mover, quando ela obviamente fez o sinal dos chifres por baixo.

Eu não tinha tempo para me preocupar com desculpas, mas me endireitei e agarrei Roger pela manga do casaco, afastando-o para o lado.

— Ela tem um aneurisma da aorta — eu disse para ele muito calmamente. — Deve estar sangrando internamente há um bom tempo, o suficiente para fazê-la perder a consciência e parecer fria. Vai romper em pouquíssimo tempo e então morrerá de verdade.

Ele engoliu audivelmente, o rosto muito pálido, mas disse apenas: — Sabe em quanto tempo? Olhei para a sra. Wilson; seu rosto tinha o mesmo cinza do céu carregado de neve e seus olhos entravam e saíam de foco, como o bruxulear de uma vela no vento.

— Compreendo — Roger disse, embora eu não tivesse dito nada.

Ele respirou fundo e clareou a garganta.

A aglomeração, que andara sibilando entre si como um bando de gansos agitados, silenciou imediatamente. Todos os olhos se concentraram na cena à sua frente.

— Nossa irmã foi trazida de volta à vida, como todos nós deveremos ser um dia pela graça do Senhor — Roger disse serenamente.

— É um sinal para nós, de esperança e fé. Ela logo retornará aos braços dos anjos, mas voltou para nós por alguns instantes, para nos assegurar do amor de Deus. — Fez uma pausa, obviamente buscando algo mais a dizer. Limpou a garganta e inclinou a cabeça na direção da sra. Wilson.

— Queria... dizer alguma coisa, Oh, mãe? — sussurrou em gaélico.

— Sim, quero. — A sra. Wilson parecia estar recuperando as forças e, com elas, a indignação. Um leve tom rosado surgiu em suas faces de cera quando olhou de modo fulminante para as pessoas ao redor.

— Que tipo de velório é este, Hiram Crombie? — indagou, fixando um olhar perfurante em seu genro. — Não vejo nenhuma comida, nenhuma bebida. E o que é isto? — Sua voz ergueu-se num

guincho furioso, os olhos tendo recaído sobre o pires de pão e sal, que Roger apressadamente colocara de lado ao erguê-la.

— Ora... — Ela olhou furiosamente à volta das pessoas ali reunidas e a verdade da situação se abateu sobre ela. Seus olhos encovados arregalaram-se. — Ora... seu sovina sem-vergonha! Isso não é velório nenhum! Você pretendia me enterrar com nada além de uma crosta de pão e um gole de vinho para o comedor de pecados, e até para isso é de admirar que tenha aberto a mão! Sem dúvida, você vai roubar a mortalha do meu corpo para fazer roupas para seus fedelhos, e onde está meu belo broche que eu disse que queria ser enterrada com ele? — A mão esquelética fechou-se sobre o peito encolhido, agarrando um punhado do tecido enxovalhado.

— Mairi! Meu broche! — Está aqui, mamãe, está aqui! — A pobre sra. Crombie, completamente desarvorada, tateava no bolso, soluçando e arquejando.

— Eu o guardei por segurança... pretendia colocá-lo em você antes...

antes... — Apresentou um feio amontoado de granadas, que sua mãe arrancou de sua mão, apertando-o contra o peito, e olhando furiosamente ao redor com ciosa desconfiança. Obviamente, ela temia que seus vizinhos só esperassem a chance de arrancá-lo de seu corpo; ouvi uma respiração ofendida da mulher em pé atrás de mim, mas não tive tempo de me virar e ver quem era.

— Ora, vamos, vamos — eu disse, usando meu melhor tom de acalmar os ânimos na cabeceira de um doente. — Tenho certeza de que tudo ficará bem. — Quer dizer, fora o fato de que você vai morrer nos próximos minutos, pensei, reprimindo uma vontade histérica de rir, nada adequada à ocasião. Na verdade, sua morte poderia ocorrer nos próximos segundos, se a sua pressão se elevasse mais.

Eu mantinha os dedos sobre a pulsação forte e latejante em seu abdômen que traía o enfraquecimento fatal de sua aorta abdominal. Já devia ter começado a vazar, para fazê-la perder os sentidos a ponto de parecer morta. Por fim, ela iria simplesmente rebentar uma junta de vedação e esse seria o fim de tudo.

Roger e Jamie faziam o melhor possível para acalmá-la, murmurando em inglês e gaélico e dando-lhe uns tapinhas tranquilizadores. Ela parecia estar reagindo bem a esse tratamento, embora ainda respirasse como uma locomotiva a vapor.

A pronta retirada de Jamie de uma garrafa de uísque do bolso pareceu ajudar ainda mais.

— Bem, assim está melhor! — a sra. Wilson disse, um pouco apaziguada, conforme ele apressadamente tirou a rolha de cortiça e balançou a garrafa sob seu nariz para que ela pudesse apreciar a boa qualidade da bebida. — E você trouxe comida também? — A sra. Bug abriu caminho até a mesa, a cesta de comida levada à frente do corpo como um aríete. — Hum! Nunca pensei que viveria para ver papistas mais generosos que meus próprios parentes! — Este último comentário foi dirigido a Hiram Crombie, que até então se limitara a abrir e fechar a boca, sem encontrar nada a dizer em resposta à invectiva de sua sogra. — Ora... ora... — ele gaguejava, ultrajado, dividido entre o choque, a óbvia fúria e a necessidade de se justificar diante de seus vizinhos. — Mais generosos que os próprios parentes! Ora, eu não lhe dei uma casa, nestes últimos vinte anos? Vestida e alimentada como se fosse minha própria mãe? Aturei sua língua ferina e seu mau humor durante anos, e nunca...

Tanto Jamie quanto Roger apressaram-se a entrar no falatório, tentando abafar as palavras de Hiram, mas só conseguiram interromper um ao outro e, na confusão, Hiram pôde continuar a falar o que pensava, o que ele não deixou de fazer. Igualmente, a sra. Wilson, que tampouco arrefecera em seu ataque.



O pulso em sua barriga latejava sob minha mão e eu pressionava com força para impedir que a sra. Wilson saltasse da mesa e despejasse a garrafa de uísque em Hiram. Os vizinhos acompanhavam, com grande empolgação.

Roger assumiu o controle da situação — e da própria sra. Wilson — com firmeza, agarrando-a pelos ombros esqueléticos.

— Sra. Wilson — ele disse com voz rouca, mas suficientemente alto para abafar a refutação indignada de Hiram à mais recente descrição da sra. Wilson de seu caráter. — Sra. Wilson! — Hein? — Ela parou para respirar, piscando para ele, momentaneamente confusa.

— Pare. E você também! — Olhou furiosamente para Hiram, que já abria a boca outra vez. Hiram fechou-a.

— Não vou tolerar isso — Roger disse, batendo a Bíblia sobre a mesa. — Não é apropriado e eu não vou aceitar, ouviram? — Olhou de um para o outro dos contendores, as sobrancelhas negras cerradas e ferozes.

A sala ficou em silêncio, a não ser pela respiração ruidosa de Hiram, os pequenos soluços da sra. Crombie e o chiado fraco e asmático da sra. Wilson.

— Muito bem, então — Roger disse, ainda olhando furiosamente ao redor para impedir qualquer possível interrupção. Colocou a própria mão sobre a mão descarnada, coberta de manchas senis, da sra. Wilson.

— Sra. Wilson... não sabe que está diante de Deus neste mesmo instante? — Lançou um olhar para mim e eu balancei a cabeça; sim, ela definitivamente iria morrer. Sua cabeça oscilava no pescoço e o fulgor da raiva desvanecia de seus olhos, no momento mesmo em que Roger falava.

— Deus está perto de nós — ele disse, erguendo a cabeça para se dirigir a congregação como um todo. Repetiu a mesma frase

em gaélico e houve uma espécie de suspiro coletivo. Ele estreitou os olhos para eles.

— Nós não vamos profanar esta ocasião sagrada com raiva ou amargura. Muito bem. Irmã. — Apertou sua mão delicadamente. — Prepare sua alma. Deus...

Mas a sra. Wilson já não o ouvia. Sua boca murcha abriu-se, horrorizada. — O comedor de pecados! — gritou, olhando desesperadamente ao redor. Agarrou o prato da mesa ao seu lado, lançando uma chuva de sal pela frente de sua mortalha. — Onde está o comedor de pecados? Hiram empertigou-se como se tivesse sido marcado com um ferro em brasa, depois girou nos calcanhares e abriu caminho até a porta, as pessoas afastando-se para ele passar. Murmúrios de especulação ergueram-se em seu rastro, apenas para estancarem abruptamente quando se ouviu um lamento penetrante vindo lá de fora, outro se seguindo tão logo o primeiro esvaeceu.

Um "Oooh!" assombrado ergueu-se da plateia e a sra. Wilson pareceu gratificada, quando as bean-treim começaram a entrar para ganhar seu ansiado dinheiro.

Em seguida, houve um alvoroço perto da porta e a congregação dividiu-se como o mar Vermelho, deixando um caminho estreito até a mesa. A sra. Wilson empertigou-se, lívida e mal conseguindo respirar. O pulso em seu abdômen falhava e saltava sob seus dedos. Roger e Jamie seguravam-na pelos braços, apoiando-a. Um silêncio completo tomou conta da sala; os únicos sons eram os uivos e gemidos das bean-treim — e passos lentos e arrastados, suaves, no terreno lá fora, depois repentinamente mais altos nas tábuas do assoalho. O comedor de pecados havia chegado.

Ele era um homem alto, ou havia sido, um dia. Era impossível adivinhar sua idade; ou os anos ou uma doença havia devorado sua carne, de modo que seus ombros largos eram curvados e sua espinha dorsal corcunda, uma cabeça macilenta

projetando-se para frente, calva, coroada com uns fios desgarrados de cabelos grisalhos.

Levantei os olhos para Jamie, as sobrancelhas erguidas. Eu nunca havia visto aquele homem. Ele encolheu ligeiramente os ombros; ele também não o conhecia. Quando o comedor de pecados se aproximou, vi que seu corpo era torto; ele parecia ter um dos lados afundado, talvez costelas esmagadas em algum acidente.

Todos os olhares concentravam-se no homem, mas ele não encarou ninguém, mantendo os olhos fixos no chão. O caminho até a mesa era estreito, mas as pessoas encolhiam-se para trás conforme ele passava, para que ele não as tocasse. Somente quando chegou à mesa foi que ele levantou a cabeça, e eu vi que lhe faltava um dos olhos, evidentemente arrancado por um urso, a julgar pelos vergões no tecido cicatrizado.

O outro olho estava ali; parou, surpreso, ao ver a sra. Wilson, e olhou ao redor, obviamente sem saber o que fazer em seguida.

Ela desvencilhou um dos braços das mãos de Roger e empurrou o pires contendo o pão e o sal para ele.

— Vá em frente — ela disse, a voz alta e um pouco assustada. — Mas você não está morta. — Era uma voz suave e culta, evidenciando apenas perplexidade, mas as pessoas reagiram como se tivesse sido o silvo de uma serpente, e se encolheram ainda mais, se tal coisa fosse possível.

— Bem, e daí? — A agitação fazia a sra. Wilson tremer ainda mais; eu podia sentir uma pequena e constante vibração através da mesa. — Você foi pago para comer meus pecados. Faça isso, então. — Ocorreu-lhe um pensamento e ela empertigou-se subitamente, estreitando os olhos para seu genro. — Você pagou a ele, não pagou, Hiram? Hiram ainda estava afogueado das trocas de acusações anteriores, mas ficou roxo diante disso e segurou o lado do corpo — agarrando sua bolsa, pensei, e não seu coração.

— Bem, não vou lhe pagar antes que faça o serviço — retrucou rispidamente. — O que está pensando? Vendo uma nova briga prestes a irromper, Jamie soltou a sra. Wilson e remexeu apressadamente em seu sporran, retirando dali um xelim de prata, que empurrou por cima da mesa na direção do comedor de pecados — embora com cuidado, notei, para não tocar no sujeito.

— Agora você foi pago — ele disse rispidamente, fazendo um sinal com a cabeça para o homem. — É melhor fazer o seu trabalho, senhor.

O comedor de pecados olhou vagarosamente ao redor do aposento e pôde-se ouvir a plateia prender a respiração, acima mesmo dos lamentos de "UUUUUUUUUUUIIII para a casa dos CROMMMMBIIIE" que continuavam do lado de fora.

Ele não estava a mais de trinta centímetros de mim, bastante perto para que eu pudesse sentir seu cheiro agridoce: suor rançoso e sujeira em suas roupas maltrapilhas, e mais alguma coisa, um fraco aroma que denunciava feridas abertas e pustulentas. Ele virou a cabeça e olhou diretamente para mim. Era um olho castanho e suave, cor de âmbar, e surpreendentemente parecido com o meu. Quando nossos olhos se encontraram, tive uma sensação estranha na boca do estômago, como se eu olhasse por um instante em um espelho deformador e visse aquele rosto cruelmente deformado substituir o meu.

Sua expressão não se alterou e, no entanto, senti algo indefinível passar entre nós. Então, ele virou a cabeça e estendeu a mão suja, longa e castigada pelas intempéries, para pegar o pedaço de pão.

Uma espécie de suspiro percorreu a sala quando ele comia — mastigando lentamente o pão, pois tinha poucos dentes. Eu podia sentir o pulso da sra. Wilson muito mais fraco agora, e rápido como o de um beija-flor. Ela apoiava-se flacidamente nas mãos dos homens, as pálpebras encarquilhadas de seus olhos fechando-se

conforme observava. Ele envolveu a tigela de vinho com as duas mãos, como se fosse um cálice, e bebeu-o, os olhos cerrados. Colocou a vasilha vazia na mesa e olhou para a sra. Wilson, com curiosidade. Imagino que ele nunca havia encontrado um de seus clientes ainda vivo antes e me perguntei há quanto tempo ele exercia essa estranha função.

A sra. Wilson fitou-o diretamente nos olhos, o rosto plácido como o de uma criança. Seu pulso abdominal quicava como uma pedra, algumas batidas leves, uma pausa, em seguida uma pancada forte que atingiu a palma de minha mão como um soco, e de volta aos seus saltos erráticos.

O comedor de pecados fez uma mesura para ela, muito devagar. Em seguida, virou-se e fugiu precipitadamente para a porta, com uma surpreendente velocidade para um espécime tão enfermo.

Vários garotos e rapazes perto da porta saíram correndo atrás dele, gritando; um ou dois pegaram galhos do cesto de lenha para a lareira.

Outros ficaram divididos; olharam para a porta aberta, de onde gritos e barulhos de pedras atiradas misturavam-se aos lamentos das bean-treim — mas seus olhos foram irremediavelmente atraídos de volta para a sra. Wilson.

Ela parecia... em paz, era a única maneira de descrevê-la. Não foi surpresa alguma, portanto, sentir o pulso sob minha mão simplesmente parar. Em algum lugar profundo, em meu próprio âmago, senti o vertiginoso fluxo da hemorragia começar, uma inundação quente que me puxava para dentro dela fazia pontos negros dançarem diante de meus olhos e causava um zumbido em meus ouvidos. Compreendi, de maneira inequívoca, que ela agora morrera para sempre. Eu a senti partir. No entanto, ouvi sua voz acima da algazarra, muito fina, mas calma e nítida.

— Eu o perdoo, Hiram — ela disse. — Você foi um bom rapaz.

Minha visão escurecera, mas ainda podia ouvir e perceber as coisas vagamente. Algo me agarrou, puxou-me e, um instante depois, eu recobrei os sentidos, apoiada em Jamie a um canto da sala, seus braços amparando-me.

— Você está bem, Sassenach? — ele perguntava ansiosamente, sacudindo-me um pouco e batendo delicadamente em meu rosto.

As bean-treim, vestidas de preto, haviam se aproximado da porta.

Eu podia vê-las do lado de fora, paradas como pilares gêmeos das trevas, a neve começando a cair e girar ao redor delas conforme o vento frio entrava, pequenos flocos secos e duros resvalando pelo chão em sua esteira. Junto à mesa, Hiram Crombie tentava fixar o broche de granadas de sua sogra na mortalha, embora suas mãos tremessem e seu rosto fino estivesse banhado de lágrimas.

— Sim — eu disse debilmente, depois outra vez, com mais força. — Sim. Tudo está bem agora.

# PARTE SEIS



*NA MONTANHA*



## A PRIMAVERA ESTÁ NO AR

*Março de 1774*

Era primavera e os longos meses de desolação derreteram-se em água corrente, com córregos derramando-se de cada colina e cachoeiras em miniatura saltando de pedra em pedra.

O ar estava pleno da algazarra dos pássaros, uma cacofonia de melodias que substituiu o chamado solitário dos gansos passando ao longe, no alto.

Os pássaros vivem solitários no inverno, um único corvo encolhido, cismando, em uma árvore depenada, uma coruja com as plumas enfundadas para se proteger do frio nas sombras altas e escuras de um celeiro. Ou andam em bandos, uma retumbante massa de asas para levá-los para cima e para longe, cruzando os céus como punhados de grãos de pimenta atirados para o alto, traçando seu caminho em Vs de lamentosa coragem em direção à promessa de uma sobrevivência distante e problemática.

No inverno, as aves de rapina recolhem-se consigo mesmas; as aves canoras fogem para longe, toda a cor do mundo das penas reduzida à simplificação brutal de predador e presa, sombras cinzentas passando no alto, com não mais do que uma pequena e brilhante gota de sangue caindo de volta na terra aqui e ali para



marcar a passagem da vida, deixando um rastro de penas espalhadas, carregadas pelo vento.

Mas, quando a primavera irrompe, os pássaros ficam estonteados de amor e os arbustos agitam-se com suas canções. Longe, no meio da noite, a escuridão os põe em surdina, mas não os silencia, e melodiosas conversas prorrompem a qualquer hora, invisíveis e estranhamente íntimas na calada da noite, como se ouvíssemos estranhos fazendo amor no quarto ao lado.

Aconcheguei-me em Jamie, ouvindo a música límpida e melodiosa de um tordo no enorme abeto vermelho que se erguia atrás da casa.

Ainda fazia frio à noite, mas não o frio cortante do inverno; em vez disso, era um frio adocicado e refrescante da terra se descongelando e de folhas brotando, um frio que fazia o sangue formigar e corpos quentes buscarem uns aos outros, se acasalando. Um ronco retumbante ecoou pelo patamar da escada — outro arauto da primavera. O major MacDonald, que chegara na noite anterior, coberto de lama e corroído pelo vento, trazendo notícias nada alvissareiras do mundo exterior.

Jamie remexeu-se ligeiramente com o ruído, resmungou, soltou uma pequena ventosidade e ficou imóvel. Ele ficara acordado até tarde, entretendo o major — se fosse possível chamar isso de entretenimento.

Eu podia ouvir Lizzie e a sra. Bug na cozinha lá embaixo, conversando enquanto batiam panelas e portas na esperança de nos acordar. Os aromas do café da manhã começaram a subir pelas escadas, seduzindo, o cheiro amargo de endívia torrada temperando o calor denso de mingau de aveia com manteiga.

O som da respiração de Jamie mudara e eu percebi que ele estava acordado, embora permanecesse imóvel, com os olhos fechados. Eu não sabia se isso denotava uma necessidade de

prolongar o prazer físico do sono — ou uma acentuada má vontade de se levantar e ter que lidar com o major MacDonald.

Ele resolveu essa dúvida imediatamente se virando e me envolvendo em seus braços, depois movendo a parte inferior do corpo contra o meu de uma maneira que deixava óbvio que estava definitivamente acordado, embora o prazer físico ainda estivesse em sua mente.

No entanto, ele ainda não havia atingido o ponto de discurso coerente, e aconchegou-se, fuçando minha orelha com o nariz e fazendo pequenos ruídos interrogativos no fundo da garganta. Bem, o major ainda estava dormindo e o café, na verdade, ainda demoraria um pouco para ficar pronto. Arrulhei também em resposta e estendi o braço para a mesinha de cabeceira para pegar um pouco de creme de amêndoas, e comecei uma lenta e agradável busca pelas camadas de cobertas e camisolas para aplicá-lo.

Pouco tempo depois, pancadas e pigarros do outro lado do corredor indicaram a ressurreição do major MacDonald, e os aromas deliciosos de presunto frito e batatas com cebolas se uniram à profusão de estímulos olfativos. Entretanto, o cheiro adocicado de creme de amêndoas era mais forte.

— Um raio lubrificado — Jamie disse com um ar sonolento de satisfação. Ele ainda estava na cama, deitado de lado para observar enquanto eu me vestia.

— O quê? — Virei-me do meu espelho para olhar para ele.  
— Quem? — Eu, imagino. Ou você não foi fulminada por um raio ao final? — Ele riu, quase silenciosamente, farfalhando as cobertas.

— Oh, você andou conversando com Bri outra vez — eu disse, tolerantemente. Virei-me novamente para o espelho. — Essa forma de expressão em particular é uma metáfora para extrema velocidade, não para um fulgor lubrificado. Sorri para ele através do espelho, enquanto desembaraçava meus cabelos com a escova. Ele

havia desfeito minha trança enquanto eu o untava e ações vigorosas posteriores haviam feito os cachos explodirem.

Pensando melhor, realmente pareciam ter sofrido os efeitos de uma eletrocussão.

— Bem, eu posso ser rápido também — ele disse, em tom judicioso, sentando-se e passando a mão pelos próprios cabelos. — Mas não assim que acordo. Há maneiras piores de acordar, hein? — Sim, muito piores. — Sons de escarros e cusparadas vieram do outro lado do patamar, seguidos do som distinto de alguém com uma vigorosa função da bexiga usando um urinol. — Ele disse se vai ficar muito tempo? Jamie sacudiu a cabeça. Levantando-se devagar, espreguiçou-se como um gato e depois se aproximou em sua camisa de dormir para passar os braços ao meu redor. Eu ainda não havia atizado o fogo da lareira e o quarto estava frio; seu corpo era agradavelmente quente.

Ele pousou o queixo no topo de minha cabeça, fitando nossas imagens empilhadas no espelho.

— Vou ter que partir — ele disse à meia-voz. — Amanhã, talvez.

Enrijeci-me um pouco, a escova na mão.

— Para onde? Para as Antilhas? Ele balançou a cabeça, os olhos fixos nos meus.

— MacDonald trouxe jornais, com o texto de cartas do governador Martin a várias pessoas, Tryon, em Nova York, o general Gage, pedindo ajuda. Ele está perdendo o controle da colônia, se é que já teve algum, e está pensando seriamente em armar os índios. Embora essa informação em particular não tenha chegado aos jornais, e ainda bem que não chegou.

Ele me soltou e abriu a gaveta onde ficavam suas camisas e meias limpas.

— Isso é bom — eu disse, penteando meus cabelos para trás e procurando uma fita para prendê-los. Víramos poucos jornais

durante o inverno, mas mesmo assim o nível de desentendimento entre o governador e a Assembleia era evidente; ele recorrera a uma prática de contínuo adiamento, repetidamente dissolvendo a Assembleia, a fim de evitar que aprovassem uma legislação contrária aos seus desejos.

Eu podia imaginar muito bem qual seria a reação do público à revelação de que ele pensava em armar os cherokees, catawbas e creeks, incitando-os contra seu próprio povo.

— Imagino que ele na verdade não vai fazer isso — eu disse, encontrando a fita azul que procurava — porque se fizesse, fizer, quero dizer, a Revolução começaria agora mesmo na Carolina do Norte, em vez de em Massachusetts ou Filadélfia daqui a dois anos. Mas por que ele estaria publicando essas cartas no jornal? Jamie riu. Sacudiu a cabeça, afastando do rosto os cabelos desgrenhados.

— Não vai. Evidentemente, a correspondência do governador está sendo interceptada. MacDonald disse que ele não está nada satisfeito com isso.

— Imagino que não esteja mesmo. — O correio era notoriamente inseguro, e sempre fora. Na realidade, nós mesmos adotamos Fergus quando Jamie o contratou como batedor de carteiras para roubar cartas em Paris. — Como vai Fergus? — perguntei.

Jamie fez uma leve careta, calçando as meias.

— Melhor, eu acho. Marsali diz que ele está ficando mais em casa, o que é bom. E está ganhando um pouco de dinheiro, ensinando francês a Hiram Crombie. Mas...

— Hiram? Francês? — Oh, sim. — Riu para mim. — Hiram decidiu que deve ir pregar para os índios e acha que estará mais preparado se souber um pouco de francês, bem como de inglês. Ian também está lhe ensinando um pouco de tsalagi, mas há tantas línguas indígenas, ele nunca poderia aprender todas.

— Nunca vou parar de me surpreender — murmurei. —  
Você acha...

Nesse ponto, fui interrompida pela sra. Bug que gritava para cima das escadas: — Se "certas pessoas" estão esperando que um bom café da manhã esfrie, tenho certeza de que serão bem-vindas! Com absoluta precisão, a porta do quarto do major MacDonald se abriu e seus pés soaram espalhafatosamente escada abaixo.

— Pronto? — eu disse a Jamie. Ele pegou minha escova de cabelos e se penteou com alguns movimentos rápidos, depois foi abrir a porta e fez uma reverência, cerimoniosamente esperando que eu passasse.

— O que você disse, Sassenach — falou, enquanto me seguia pelas escadas. — Sobre começar daqui a dois anos. Já começou. Sabe disso, não? — Oh, sim — eu disse, lugubrememente. — Mas não quero pensar nisso de barriga vazia.

Roger ficou de pé, empertigado, medindo. A beira do buraco do forno em que ele estava ficava logo abaixo do seu queixo. Um metro e oitenta ficaria mais ou menos na altura de seus olhos, portanto, apenas mais alguns centímetros. Isso era animador. Fincando a pá na parede de terra, ele inclinou-se, pegou um balde de madeira cheio de terra e içou-o acima da borda do buraco.

— Terra! — gritou. Não houve resposta ao seu grito. Ergueu-se na ponta dos pés, espreitando malignamente ao redor à cata de seus pretensos ajudantes. Jemmy e Germain deveriam se revezar no esvaziamento dos baldes de terra e passá-los de volta para ele, mas tinham a tendência de desaparecer abruptamente.

"Terra!", gritou, a plenos pulmões. Os pestinhas não podiam ter ido muito longe. Ele levava menos de dois minutos para encher um balde.

Esse chamado foi respondido, mas não pelos meninos. Uma sombra fria recaiu sobre ele e Roger estreitou os olhos para cima para ver a silhueta de seu sogro, inclinando-se para pegar a alça do

balde. Jamie deu dois passos largos e jogou a terra sobre o monte cada vez maior, em seguida voltou, saltando para dentro do buraco para devolver o balde.

— Um belo poço você fez aqui — ele disse, virando-se para inspecioná-lo. — Poderia assar um boi inteiro dentro deste buraco.

— Vou precisar de um. Estou faminto. — Roger passou a manga da camisa pela frente; o dia de primavera estava límpido, com um ar frio e revigorante, mas ele estava banhado de suor.

Jamie pegou a pá e examinou a lâmina com interesse.

— Nunca vi uma assim. É obra da menina? — Com um pouco de ajuda de Dai Jones, sim. — Foram necessários aproximadamente trinta segundos de trabalho com uma pá do século XVIII para convencer Brianna de que algumas melhorias podiam ser feitas. Foram precisos três meses para adquirir um pedaço de ferro que pudesse ser moldado pelo ferreiro de acordo com sua orientação e para convencer Dai Jones, que era galês e, portanto, por definição, teimoso, a fazê-lo. A pá normal era de madeira e não parecia mais do que uma telha de madeira presa a um cabo.

— Posso experimentar? — Encantado, Jamie enfiou a lâmina da nova pá na terra junto aos seus pés.

— À vontade.

Roger saltou da parte mais funda do buraco para a extremidade mais rasa do forno. Jamie ficou na parte onde estaria o fogo, segundo Brianna, com uma chaminé a ser construída. As coisas a serem queimadas ficariam na parte mais comprida, relativamente mais rasa, do buraco, e seriam cobertas. Após uma semana cavando com a pá, Roger estava menos inclinado a achar que a distante possibilidade de encanamento valia todo o trabalho envolvido, mas Bri o queria — e, como seu pai, era difícil dizer não a Bri, embora os métodos de ambos diferissem.

Jamie trabalhava energeticamente, lançando pás cheias de terra no balde, com pequenas exclamações de prazer e admiração diante da facilidade e rapidez com que o terreno podia ser cavado. Apesar de sua lúgubre visão do trabalho, Roger experimentou uma sensação de orgulho pelo implemento de sua mulher. — Primeiro, os pequenos fósforos — Jamie disse, pilheriando —, agora, pás. O que ela vai inventar em seguida? — Tenho medo de perguntar — Roger disse, com um toque de arrependimento que fez Jamie rir.

O balde cheio, Roger o pegou e levou para esvaziar, enquanto Jamie enchia o segundo. E, sem um acordo declarado, continuaram o trabalho, Jamie cavando, Roger carregando, e logo terminaram.

Jamie saltou para fora do buraco e juntou-se a Roger na beirada, olhando para o resultado de seu trabalho com satisfação.

— E, se não funcionar bem como forno — Jamie observou —, ela pode transformá-lo em depósito para armazenar tubérculos.

— Certamente, não será desperdiçado — Roger concordou.

Permaneceram parados, olhando para o buraco, a brisa fria atravessando suas camisas molhadas de suor agora que haviam parado de trabalhar.

— Você acha que um dia vão voltar, você e a menina? — Jamie perguntou. Falou de forma tão descontraída que Roger no começo não compreendeu, somente percebendo o que ele queria dizer quando olhou para o rosto de seu sogro, com a expressão de calma imperturbável que, ele aprendera à própria custa, em geral encobria alguma forte emoção.

— Voltar — ele repetiu, hesitante. Por certo ele não se referia... mas claro que sim. — Através das pedras, você quer dizer? Jamie assentiu, parecendo encontrar um fascínio nas paredes de terra úmida do buraco, de onde se projetavam pontas de pedras e pendiam emaranhados secos de pequenas raízes de capim.

— Eu pensei nisso — Roger disse, após uma pausa. — Nós pensamos. Mas... — Deixou a voz desaparecer, não encontrando nenhuma maneira de explicar.

No entanto, Jamie assentiu novamente, como se ele tivesse explicado. Imaginava que Jamie e Claire haviam discutido o assunto, assim como ele e Bri, avaliando os prós e os contras. Os riscos da travessia — e ele não subestimava esses perigos, ainda mais à luz do que Claire lhe contara sobre Donner e seus companheiros; e se ele conseguisse atravessar... e Bri e Jem não conseguissem? Não suportava nem imaginar.

Além disso, se todos eles sobrevivessem à travessia, havia a dor da separação — e ele admitia que também seria doloroso para ele. Apesar de todas as inconveniências e limitações, Ridge era seu lar.

Em contraposição, entretanto, havia os perigos da época atual, pois os quatro cavaleiros do apocalipse cavalgavam à solta por ali; não era difícil vislumbrar a pestilência ou a fome pelo canto do olho. E o cavalo fantasmagórico e seu cavaleiro tendiam a aparecer inesperadamente — e com frequência.

Mas era isso que Jamie queria dizer, é claro, ele compreendeu tardiamente. — Por causa da guerra, você quer dizer.

— Os O'Brian — Jamie disse serenamente. — Isso vai acontecer outra vez, sabe? Muitas vezes.

Era primavera agora, não outono, mas o vento frio que atingia seus ossos era o mesmo que havia soprado folhas douradas e marrons pelo rosto da menina. Roger teve uma visão repentina de ambos, ele próprio e Jamie, parados agora na beira daquele buraco cavernoso, como dois pranteadores sujos e desalinhados à beira de uma sepultura. Virou-se de costas para o buraco, olhando agora para o verde fluorescente das castanheiras.

— Sabe — ele disse, após um instante de silêncio —, quando eu soube o que... o que Claire é, o que somos, tudo a respeito



disso... eu pensei: "Que fascinante!" Realmente ver a história sendo feita, quero dizer. Com toda honestidade, eu talvez tenha vindo tanto por isso quanto por Bri. Na ocasião, quero dizer.

Jamie deu uma risada curta, virando-se também.

— Oh, sim, e é? Fascinante? — Mais do que eu poderia imaginar — Roger assegurou-lhe, com extrema aridez. — Mas por que pergunta agora? Eu lhe disse, há um ano, que ficaríamos.

Jamie balançou a cabeça, enrugando os lábios.

— Sim, disse. O problema é que estou achando que terei que vender uma ou mais das pedras preciosas.

Isso assustou Roger um pouco. Ele não havia pensado nisso conscientemente, é claro — mas a certeza de que as pedras estavam lá, no caso de uma necessidade... Não havia se dado conta da sensação de segurança que essa certeza lhe dava, até este momento.

— São suas para vender quando achar melhor — respondeu, cauteloso. — Mas por que agora? A situação é crítica? Jamie lançou-lhe um olhar extremamente amargo.

— Crítica — ele repetiu. — Sim, creio que pode dizer que sim. — E continuou, explicando a situação sucintamente.

Os saqueadores haviam não só destruído o uísque que estava sendo preparado, mas também o barracão de maltagem, que somente agora estava sendo reconstruído. Isso significava nenhum excedente da valiosa bebida este ano para vender ou trocar por outros artigos necessários.

Havia mais vinte e duas famílias em Ridge para serem amparadas, a maioria lutando com um lugar e uma profissão que jamais poderiam ter imaginado, tentando meramente sobreviver, o tempo suficiente para aprenderem a se manter vivas.

— E depois — Jamie acrescentou lugubrememente — há MacDonald.

E por falar no diabo... O major em pessoa havia surgido no alpendre, o casaco vermelho luminoso ao sol da manhã. Estava

vestido para viajar, Roger notou, de botas e esporas, e usando sua peruca, o chapéu agalado na mão.

— Uma visita relâmpago, pelo que vejo.

Jamie fez um pequeno ruído insólito.

— Tempo suficiente para me dizer que devo tentar conseguir a compra de trinta mosquetes, com munição e pólvora, à minha própria custa, veja bem, a ser ressarcida pela Coroa, algum dia — acrescentou, em um tom cínico que deixava óbvio o quanto ele considerava esse dia remoto.

— Trinta mosquetes. — Roger considerou a questão, franzindo os lábios em um assobio sem som. Jamie não conseguira sequer repor o rifle que dera a Pássaro por sua ajuda no caso de Brownsville.

Jamie deu de ombros.

— E depois há pequenos assuntos como o dote que prometi a Lizzie Wemyss, ela vai se casar neste verão. E a mãe de Marsali, Laoghaire. — Olhou cautelosamente para Roger, sem saber ao certo o quanto ele poderia saber sobre Laoghaire. Mais do que Jamie gostaria que soubesse, Roger pensou, e diplomaticamente manteve o rosto impassível.

— Devo-lhe um pouco, para seu sustento. Podemos viver, sim, com o que temos, mas quanto ao resto... tenho que vender terras, ou as pedras. E eu não abro mão das terras. — Seus dedos tamborilaram nervosamente na coxa, depois pararam, quando ele ergueu a mão para acenar para o major, que acabara de avistá-los do outro lado da clareira.

— Compreendo. Bem, então... — Obviamente, tinha que ser feito; era tolice ficar sentado sobre uma fortuna em pedras preciosas, simplesmente porque um dia poderiam ser necessárias para um propósito arriscado e improvável. Ainda assim, a ideia fez Roger sentir um vazio no estômago, como estar descendo um penhasco e de repente ver sua corda de segurança ser cortada.

Jamie soltou a respiração ruidosamente.

— Bem, é isso. Vou mandar uma por Bobby Higgins para seu patrão na Virgínia. Ao menos, ele me arranjará um bom preço.

— Sim, é uma... — Roger parou, a atenção desviada pela cena que se desenrolava diante dele.

O major, obviamente bem-alimentado e alegre, descera os degraus da varanda e caminhava na direção deles — alheio à porca branca, que saíra de seu esconderijo sob os alicerces da casa e avançava pelo lado da construção, preocupada com seu próprio desjejum. Seria uma questão de segundos até ela avistar o major.

— Ei! — Roger gritou, e sentiu algo se rasgar em sua garganta. A dor foi tão aguda que o paralisou, e ele agarrou a garganta, repentinamente mudo. — Cuidado com a porca! — Jamie gritava, acenando e apontando.

O major lançou a cabeça para frente, a mão atrás da orelha — depois captou os repetidos gritos de "Porca!" e olhou assustado à sua volta, bem a tempo de ver a porca branca iniciar um trote pesado, lançando as presas de um lado para o outro.

Teria sido melhor se ele tivesse girado nos calcanhares e corrido de volta para a segurança do alpendre, mas, em vez disso, ele entrou em pânico e correu para longe da porca, diretamente para Jamie e Roger, que prontamente debandaram em direções diferentes.

Olhando para trás, Roger viu o major levando vantagem sobre a porca com grandes saltos de suas pernas compridas, seu objetivo evidentemente sendo a cabana. Entretanto, entre o major e a cabana havia o buraco aberto do forno, dissimulado pelo capim denso e alto pelo qual o major saltava.

— Poço! — Roger gritou, mas a palavra saiu como um grasnido estrangulado. De qualquer modo, MacDonald pareceu ouvi-lo, pois um rosto vermelho e brilhante virou-se em sua direção, os olhos esbugalhados. Deve ter soado como "Porca!", pois

o major olhou para trás por cima do ombro para ver a porca trotando cada vez mais rápido, os pequenos olhos cor-de-rosa fixos nele com determinação assassina.

O desvio de atenção mostrou-se quase fatal, pois as esporas do major enredaram-se e ele estatelou-se de cabeça no capim, soltando o chapéu enfeitado — que continuara segurando durante toda a perseguição — e fazendo-o sair girando pelos ares.

Roger hesitou por um instante, mas depois voltou para ajudar, reprimindo uma imprecação. Viu Jamie correndo de volta também, a pá em riste — embora até mesmo uma pá de metal parecesse deploravelmente inadequada para lidar com uma porca de duzentos e cinquenta quilos.

No entanto, MacDonald já tentava ficar de pé; antes que qualquer um dos dois pudesse alcançá-lo, ele partiu em disparada como se o próprio diabo estivesse em seus calcanhares. Agitando os braços e o rosto contraído em uma máscara de determinação, ele correu a toda velocidade, saltando como um coelho pelo capim — e desapareceu. Em um instante ele estava lá e no seguinte havia desaparecido, como num passe de mágica.

Jamie olhou para Roger com os olhos arregalados, em seguida para a porca, que havia estancado na beira do outro lado do buraco do forno.

Então, movendo-se cautelosamente, um olho sempre na porca, ele foi avançando de lado na direção do buraco, com o olhar desviado para os lados, como se temesse ver o que estava no fundo do poço.

Roger posicionou-se junto ao ombro de Jamie, olhando para baixo.

O major MacDonald havia caído no buraco mais fundo na outra extremidade, onde jazia encurvado como um ouriço, os braços segurando protetoramente a peruca — que por milagre

permanecera no lugar, embora agora muito salpicada de terra e pedacinhos de capim.

— MacDonald? — Jamie gritou para baixo. — Você se machucou? — Ela está aí? — retrucou o major com voz trêmula, sem se desenrolar de sua bola.

Roger olhou para a porca do outro lado, agora a uma certa distância, o focinho enterrado no capim alto.

— Hã... sim, está. — Para sua surpresa, sua voz saiu com facilidade, ainda que um pouco rouca. Ele limpou a garganta e falou um pouco mais alto. — Mas não precisa se preocupar. Está comendo o seu chapéu.

*O ARMEIRO*

Jamie acompanhou MacDonald até Coopersville, onde colocou o major na estrada de volta a Salisbury, equipado com comida, um vergonhoso chapéu desabado para protegê-lo do tempo e uma pequena garrafa de uísque para fortalecer seu ânimo abalado. Em seguida, com um suspiro interior, entrou na propriedade dos McGillivray.

Robin trabalhava em sua forja, cercado dos cheiros de metal incandescente, aparas de madeira e óleo lubrificante. Um rapaz magricela, com um rosto fino e pontudo, manjava o fole de couro, apesar de seu olhar vago demonstrar uma certa falta de atenção no trabalho.

Robin avistou a sombra da entrada de Jamie e ergueu os olhos, fez um rápido sinal com a cabeça e voltou ao seu trabalho.

Ele martelava um lingote moldando-o em tiras planas; o cilindro de ferro que ele pretendia envolver com as tiras para fazer um cano de espingarda esperava, escorado entre dois blocos. Jamie afastou-se cautelosamente do alcance das fagulhas e sentou-se em um balde para esperar.

O homem no fole era o noivo de Senga... Heinrich. Heinrich Strasse. Ele pinçou o nome de modo certo do meio das centenas que carregava na mente; e com ele veio automaticamente tudo que sabia da história do jovem Heinrich, família e parentes, estes

aparecendo em sua imaginação ao redor do rosto sonhador e comprido do rapaz, em uma constelação de ligações sociais, ordenadas e complexas como o desenho de um floco de neve.

Ele sempre via as pessoas dessa forma, mas raramente pensava sobre isso conscientemente. No entanto, havia algo no formato do rosto de Strasse que reforçava a imagem mental — o longo eixo da frente, nariz e queixo, enfatizado por um lábio superior cavalariço, profundamente sulcado, o eixo horizontal mais curto, mas não menos incisivamente definido por olhos longos e estreitos, com sobrancelhas escuras e retas acima deles.

Ele podia ver as origens do rapaz — o filho do meio de nove crianças, mas o menino mais velho, filho de um pai autoritário e de uma mãe que lidava com isso por meio de subterfúgio e silenciosa malícia — brotando de um arranjo delicado do topo um pouco pontudo de sua cabeça; sua religião — luterana, mas negligente a respeito disso — uma ramagem rendilhada sob o queixo igualmente pontudo; seu relacionamento com Robin — cordial, mas cauteloso, como convinha a um novo genro que também era um aprendiz — abrindo-se como uma gálhada de sua orelha direita; e seu relacionamento com Ute — uma mistura de terror e desamparado constrangimento — da esquerda.

Essa imaginação divertiu-o muito e ele foi obrigado a desviar os olhos, fingindo interesse na bancada de trabalho de Robin, a fim de evitar ficar encarando e deixando o rapaz sem graça.

A loja do armeiro não era nada arrumada; aparas de madeira e de metal espalhavam-se entre uma mixórdia de cravos, ferramentas e instrumentos, martelos, blocos de madeira, pedaços imundos de panos de camurça e bastões de carvão na bancada. Uma coronha estragada, que se partira durante a fabricação, servia de peso para alguns papéis, as bordas sujas adejando no ar quente da forja. Ele não os teria notado se não conhecesse o estilo do

desenho; teria reconhecido aquele traço ao mesmo tempo delicado e ousado em qualquer lugar.

Franzindo o cenho, levantou-se e puxou os papéis de baixo da coronha. Desenhos de uma arma, executados de diferentes ângulos — um rifle, lá estava a representação do interior do cano, os sulcos nítidos — mas bastante peculiar. Um dos desenhos mostrava a arma por inteiro, razoavelmente familiar, exceto pelas estranhas protuberâncias, como chifres, no cano. Mas o seguinte... a arma parecia ter sido quebrada no joelho de alguém; estava partida ao meio, coronha e cano apontando para baixo, em direções opostas, ligados apenas por... que tipo de articulação era aquela? Fechou um dos olhos, analisando.

A cessação do alarido da forja e o silvo alto e agudo de metal incandescente no tanque quebraram seu fascínio pelos desenhos e o fizeram erguer os olhos.

— Sua filha lhe mostrou esses desenhos? — Robin perguntou, indicando os papéis com um sinal da cabeça. Puxou a fralda de sua camisa de trás do avental de couro e enxugou o rosto suado, com um ar divertido.

— Não. Do que se trata? Ela quer que você faça uma arma para ela? — Ele entregou os papéis para o armeiro, que os folheou, fungando com interesse.

— Oh, ela não tem como pagar por isso, MacDubh, a menos que Roger Mac tenha descoberto um pote de ouro na semana passada. Não, ela só estava me falando de suas ideias de melhoramentos na arte da produção de armas, perguntando quanto custaria fazer uma dessas. — O sorriso cínico que andara espreitando furtivamente no canto da boca de Robin ampliou-se para um largo sorriso, e ele enfiou os papéis de volta na mão de Jamie. — Está se vendo que é sua filha, Mac Dubh. Que outra rapariga gastaria seu tempo pensando em armas, em vez de roupas e crianças? Havia mais do que uma pequena crítica implícita nessa



observação — Brianna sem dúvida fora bem mais direta em seus modos do que seria decente — mas ele deixou passar por enquanto. Precisava da boa vontade de Robin.

— Bem, toda mulher tem suas fantasias — ele observou serenamente. — Até mesmo a pequena Lizzie, imagino. Mas Manfred cuidará disso, tenho certeza. Ele está em Salisbury no momento? Ou em Hillsboro? Robin McGillivray não era de modo algum um homem estúpido. A abrupta mudança de assunto o fez arquear uma das sobrancelhas, mas não emitiu nenhum comentário. Em vez disso, mandou Heinrich até a casa para trazer cerveja para eles, esperando o rapaz desaparecer antes de se voltar novamente para Jamie, na expectativa.

— Preciso de trinta mosquetes, Robin — disse sem preâmbulos. — E vou precisar deles depressa, no prazo de três meses.

O rosto do armeiro ficou comicamente perplexo, mas apenas por um instante. Ele pestanejou e fechou a boca com um estalo, retomando sua expressão costumeira de sarcástico bom humor.

— Formando seu próprio exército, Mac Dubh? Jamie apenas sorriu, sem responder. Se a notícia se espalhasse de que ele pretendia armar seus colonos e reunir seu próprio Comitê de Segurança em retaliação ao banditismo de Richard Brown, isso não faria mal algum e poderia até ser conveniente. No entanto, deixar a notícia se espalhar de que o governador estava trabalhando secretamente para armar os selvagens, no caso de precisar reprimir uma revolta armada no interior, e que ele, Jamie Fraser, era o agente de tal medida, seria um excelente modo de se fazer assassinar e ter sua casa incendiada, para não falar de outros problemas que poderiam se seguir.

— Quantas pode me arranjar, Robin? E em quanto tempo? O armeiro estreitou os olhos, pensando, em seguida lançou um olhar de esguelha para ele.

— Dinheiro vivo? Ele assentiu, vendo os lábios de Robin enrugarem-se em um assovio mudo de espanto. Robin sabia tão bem quanto qualquer um que ele não tinha nenhum dinheiro — quanto mais a pequena fortuna necessária para reunir tantas armas.

Ele podia ver a especulação nos olhos de Robin, sobre onde ele estaria planejando conseguir tal soma de dinheiro — mas o armeiro não disse nada em voz alta. Os dentes superiores de McGillivray cravaram-se no lábio inferior em concentração, depois relaxaram.

— Posso arranjar seis, talvez sete, entre Salisbury e Salem. Brugge — referindo-se ao armeiro morávio — arranjará uma ou duas, se souber que é para você... — Vendo Jamie sacudir a cabeça quase imperceptivelmente, disse, com ar de resignação: — Sim, bem, talvez sete, então. E Manfred e eu podemos conseguir talvez mais três. É só mosquetes que você quer, nada sofisticado? — Inclinou a cabeça na direção dos desenhos de Brianna com um pequeno lampejo de seu humor anterior.

— Nada sofisticado — Jamie disse, sorrindo. — São dez, então. — Esperou. Robin suspirou, endireitando-se.

— Vou indagar por aí — ele disse. — Mas não é coisa fácil. Principalmente se você não quiser seu nome ligado a isso, e imagino que não queira.

— Você é um homem de rara sensatez e discrição, Robin — Jamie assegurou-lhe com ar grave, fazendo-o rir. Mas era verdade; Robin McGillivray lutara ao seu lado em Culloden, convivera com ele por três anos em Ardsmuir; Jamie confiaria sua vida a ele, e estava confiando.

Começou a desejar que a porca, afinal, tivesse comido MacDonald, mas afastou da mente o pensamento indecoroso e bebeu a cerveja que Heinrich trouxera, conversando sobre assuntos triviais até poder se despedir educadamente.

Jamie viera montando Gideon, para fazer companhia a MacDonald em seu cavalo, mas pretendia deixá-lo no celeiro de Dai Jones. Através de uma complexa negociação, Gideon cobriria a égua malhada de John Woolam — a ser trazida quando Woolam retornasse de Bear Creek — e na época da colheita no próximo outono Jamie receberia quatro arrobas de cevada, com uma garrafa de uísque para Dai pela intermediação.

Trocando um pouco de conversa com Dai — ele nunca sabia se o ferreiro era realmente um homem de poucas palavras ou se era apenas o fato de que ele se desesperava em fazer os escoceses entenderem sua ladainha galesa —, Jamie deu uma palmada encorajadora no pescoço de Gideon e deixou-o para comer cereais e preparar o lombo para a chegada da égua malhada.

Dai ofereceu-lhe comida, mas ele recusou; estava com fome, mas ansiava pela paz da caminhada de oito quilômetros até sua casa. O dia estava agradável, azul-claro, com as folhas novas da primavera sussurrando no alto, e um pouco de solidão viria a calhar.

A decisão fora tomada quando ele pediu a Robin para lhe arranjar armas. Mas a situação requeria cuidado.

Havia sessenta e quatro aldeias de cherokees, cada qual com seu próprio chefe, seus próprios caciques da paz e caciques da guerra.

Somente cinco dessas aldeias estavam dentro de sua esfera de influência — as três aldeias do povo de Pássaro da Neve e as duas que pertenciam aos cherokees de Overhill. Estas, ele pensou, seguiriam os líderes de Overhill, independente do que ele dissesse.

Roger Mac sabia relativamente pouco sobre os cherokees ou sobre qual seria o seu papel na guerra que se avizinhava. Ele só conseguira dizer que os cherokees não agiram em massa, algumas aldeias escolheram lutar, outras não — umas lutaram por um dos lados, outras pelo lado contrário.

Muito bem, então. Não era provável que qualquer coisa que ele dissesse ou fizesse fosse mudar o rumo da guerra, e isso era um consolo.

Mas ele não podia ignorar o fato de que a sua própria hora de saltar estava se aproximando. Até onde as pessoas sabiam agora, ele era um súdito fiel de Sua Majestade, um tory trabalhando no interesse do rei Jorge, subornando selvagens e distribuindo armas com o objetivo de reprimir as paixões rebeldes dos Reguladores, partidários dos whigs e pretensos republicanos.

Em algum momento, essa fachada deverá necessariamente desmoronar para revelá-lo como um rebelde ferrenho e um traidor. Mas quando? Perguntou-se distraidamente se desta vez ele teria um prêmio por sua cabeça, e de quanto seria.

Talvez não fosse tão difícil, com os escoceses. Teimosos e rancorosos como eram, ele era um deles, e a afeição pessoal poderia moderar o sentimento de indignação por ele e se transformar em um rebelde, quando a ocasião se apresentasse.

Não, era com os índios que ele se preocupava — pois ele os procurou como agente do rei. Quando lhes explicar sua mudança de opinião? E, mais ainda, fazer isso de tal modo que eles pudessem compreender? Certamente, veriam isso como traição na pior das hipóteses, comportamento altamente suspeito na melhor. Ele achava que não o matariam, mas como, em nome de Deus, induzi-los a adotar a causa da rebelião, quando desfrutavam de um relacionamento estável e próspero com Sua Majestade? Oh, meu Deus, e havia John. O que ele poderia dizer ao seu amigo, quando chegasse a hora? Convencê-lo pela lógica e pela retórica a mudar de lado também? Sibilou entre os dentes e sacudiu a cabeça, consternado, tentando — e fracassando completamente — visualizar John Grey, perpetuamente um soldado, ex-Governador Real, a verdadeira imagem da lealdade e da honra, repentinamente se declarar a favor da rebelião e da república.

Ele continuou preocupando-se assim durante algum tempo, mas gradualmente deixou que a caminhada aplacasse sua mente e a paz do dia tirasse o peso do seu coração. Ainda daria tempo, antes do jantar, de levar o pequeno Jem para pescar, ele pensou; o sol brilhava e havia uma certa umidade no ar sob as árvores que prometia uma primeira leva de moscas sobre a água. Sentia nos ossos que as trutas saltariam ao pôr do sol.

Nesse estado de espírito mais agradável, ficou feliz de encontrar sua filha, pouco abaixo de Ridge. Seu coração se alegrou à vista de seus cabelos, ondeando livremente pelas suas costas em um esplendor ruivo.

— Ciamar a tha thu, a nighean? — ele disse, saudando-a com um beijo no rosto. — Tha mi gu math, mo athair — ela disse, e sorriu, mas ele notou uma pequena ruga que perturbava a pele lisa de sua testa como um bando de insetos em um lago de trutas.

— Eu estava esperando por você — ela disse, tomando seu braço.

— Queria falar com você antes que fosse visitar os índios amanhã. — E lá estava um certo tom em sua voz que no mesmo instante afastou qualquer pensamento de peixes de sua mente.

— Oh, é mesmo? Ela balançou a cabeça, mas parecia ter dificuldade em encontrar as palavras — uma ocorrência que o alarmou ainda mais. Mas ele não podia ajudá-la sem uma noção do que se tratava, e assim acompanhou seu passo, silencioso, mas encorajador. Um pássaro-das-cem-línguas estava ocupado perto dali, praticando seu repertório de trinados. Era o pássaro que vivia no abeto vermelho atrás da casa; sabia disso porque ele parava de vez em quando no meio de sua imitação de gorjeios e trinados para fazer uma bela imitação do miado noturno de Adso, o gato.

— Quando você conversou com Roger sobre os índios — Brianna disse finalmente, e virou a cabeça para fitá-lo —, ele mencionou algo chamado "Trilha de Lágrimas"?

— Não — ele disse, curioso. — O que é?

Ela fez uma careta, encolhendo os ombros de um modo que lhe pareceu familiar de uma maneira desconcertante.

— Achei que não. Ele disse que lhe contara tudo que sabia sobre os índios e a Revolução. Não que ele saiba tanto assim, não era sua especialidade. Mas isso aconteceu, vai acontecer mais tarde, depois da Revolução. Portanto, talvez ele não tenha achado importante. Talvez não seja mesmo.

Ela hesitou, como se quisesse que ele lhe dissesse que não era.

Entretanto, ele apenas aguardou, e ela suspirou, olhando para os pés conforme caminhavam. Usava sandálias sem meias, e seus dedos longos e nus estavam sujos da poeira fina da estrada de carroças. A visão de seus pés sempre o enchia de uma estranha mistura de orgulho por sua forma elegante e uma leve sensação de vergonha pelo seu tamanho — mas, como ele era responsável por ambos, imaginava que não tinha razões para queixa.

— Daqui a cerca de sessenta anos — ela disse, finalmente, os olhos fixos no chão — o governo americano removerá os cherokees de suas terras. Vai levá-los para muito longe, um lugar chamado Oklahoma. Fica a pelo menos mil e seiscentos quilômetros daqui e centenas e centenas deles passarão fome e morrerão no caminho. É por isso que a chamaram, vão chamar, de "Trilha de Lágrimas".

Ele ficou impressionado ao saber que haveria um governo capaz de fazer tal coisa, e disse isso. Ela lançou-lhe um olhar furioso. — Farão isso enganando-os. Convencerão alguns dos líderes cherokees a concordar com muitas promessas que não foram cumpridas.

Ele deu de ombros.

— É assim que a maioria dos governos se comporta — ele observou brandamente. — Por que está me contando isso, menina?

Estarei, graças a Deus, seguramente morto antes que isso aconteça.

Ele viu um tremor percorrer seu rosto à menção de sua morte e lamentou ter lhe causado aflição com sua leviandade. Antes que pudesse pedir desculpas, entretanto, ela endireitou os ombros e continuou.

— Estou lhe contando porque achei que devia saber — ela disse. — Nem todos os cherokees partiram, alguns se embrenharam mais nas montanhas e se esconderam; o exército não os encontrou.

— Ah, é? Ela virou a cabeça e lhe lançou um olhar daqueles olhos tão iguais aos seus, tocantes em sua gravidade.

— Não vê? Mamãe lhe contou o que aconteceria... sobre Culloden.

Você não podia impedir, mas você salvou Lallybroch. E seus homens, seus colonos. Porque você sabia.

— Oh, Santo Deus! — ele exclamou, percebendo com um choque o que ela queria dizer. As lembranças o inundaram, o terror, o desespero, a incerteza daquela época; o torpor desesperançado que o carregara através daquele último dia fatal. — Você quer que eu diga a Pássaro.

Ela passou a mão pelo rosto e sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Não sei se você deveria dizer a ele ou, se o fizer, ele o ouvirá. Mas eu e Roger conversamos sobre isso, depois que você lhe perguntou sobre os índios. E eu fiquei pensando nisso... e, bem, simplesmente não parecia certo saber e não fazer nada. Assim, achei que era melhor lhe contar.

— Sim, compreendo — ele disse, um pouco desnorteado.

Ele já havia percebido antes a tendência das pessoas de consciência sensível de aliviar seu desconforto passando a necessidade de tomar alguma providência a uma outra pessoa, mas se absterem de mencionar isso. Afinal, ela própria dificilmente poderia contar a Pássaro.

Como se a situação que ele enfrentava com os cherokees já não fosse suficientemente difícil, ele pensou ironicamente, agora deveria tratar de salvar futuras gerações desconhecidas de selvagens? O pássaro-das-cem-línguas passou zunindo junto à sua orelha, assustadoramente perto, e cacarejando como uma galinha, ainda por cima.

A situação foi tão insólita que ele riu. E, então, percebeu que não havia mais nada a fazer. Não agora.

Brianna olhava para ele com curiosidade.

— O que vai fazer? Ele se espreguiçou, devagar, suntuosamente, sentindo os músculos de suas costas repuxarem nos ossos, sentindo cada um deles, vivos e sólidos. O sol estava baixo no céu, o jantar começava a ser preparado e, por enquanto, por esta última noite, ele não precisava fazer nada. Ainda não.

— Eu vou pescar — ele disse, sorrindo para sua adorável, extraordinária e problemática filha. — Traga o menino, sim? Vou arranjar as varas.



*De James Fraser, esq.,  
Fraser's Ridge  
Para lorde John Grey,  
de Mount Josiah Plantation,  
Em 2 de abril, Anno Domini 1774*

*Milorde,  
Parto pela manhã para visitar os cherokees e, assim, deixo a presente missiva com minha mulher, para ser confiada ao sr. Higgins quando de sua próxima visita, a ser entregue em suas mãos com o pacote que a acompanha.*



*Conto com sua bondade e gentileza pela minha família ao pedir-lhe o favor de me ajudar a vender o objeto que lhe confio. Creio que suas conexões podem permitir que obtenha um preço melhor do que eu mesmo possa conseguir — e que o faça discretamente.*

*Espero, quando voltar, confidenciar-lhe os motivos de minha decisão, assim como certas reflexões filosóficas que pode achar de interesse.*

*Enquanto isso, considere-me*

*Seu mais afetuoso amigo e humilde servo,*

*J. Fraser*



*ENSAIO GERAL*

Bobby Higgins olhava nervosamente para mim por cima de sua caneca de cerveja.

— Desculpe-me, dona — ele disse. — Mas a senhora não está pensando em praticar algum tipo de tratamento físico em mim, está? Os vermes acabaram, tenho certeza. E o... o outro... — enrubesceu ligeiramente e remexeu-se no banco — também está completamente curado. Tenho comido muitos feijões, meus intestinos trabalham regularmente e não sinto mais nenhuma daquelas pontadas lancinantes! Jamie sempre comentara a transparência das minhas feições, mas aquilo foi uma surpreendente perspicácia da parte de Bobby.

— Fico encantada em saber disso — eu disse, fugindo momentaneamente de sua pergunta. — Sua aparência está rosada de saúde, Bobby.

Realmente estava; o ar encovado e debilitado o abandonara, e sua carne parecia rija e compacta, os olhos brilhantes. O olho cego não ficara leitoso, nem vagava perceptivelmente; ele devia ter alguma capacidade residual de detectar luz e formas, o que fortalecia meu diagnóstico original de um descolamento parcial da retina.

Ele balançou a cabeça cautelosamente e tomou um gole de cerveja, ainda mantendo os olhos fixos em mim.

— Estou realmente muito bem, dona — ele disse.

— Esplêndido. Por acaso sabe quanto está pesando, Bobby? O ar cauteloso desapareceu, substituído por um orgulho modesto.

— Sei, sim, dona. Levei alguns fardos de lã tosquiada para o porto fluvial para meu patrão no mês passado e havia um comerciante de tecidos lá que tinha uma balança para pesar tabaco ou arroz, ou blocos de índigo, talvez. Alguns colegas começaram a arriscar de brincadeira quanto cada um deveria pesar e... bem, sessenta e cinco quilos, dona.

— Ótimo — eu disse, com aprovação. — O cozinheiro de lorde John deve estar alimentando-o bem. — Eu achava que ele não devia pesar mais do que cinquenta quilos quando o vi pela primeira vez; sessenta e cinco ainda era pouco para um homem de quase um metro e oitenta, mas já era uma grande melhora. E uma verdadeira sorte que ele soubesse seu peso com tanta exatidão. Claro, se eu não agisse rápido, ele poderia facilmente ganhar vários quilos extras; a sra. Bug decidira superar o cozinheiro indígena de lorde John (de quem muito ouvimos falar), e para isso empurrava ovos, cebolas, carne de veado e uma fatia de torta de carne de porco no prato de Bobby, para não falar na cesta de aromáticos bolinhos já diante dele.

Lizzie, sentada ao meu lado, pegou um deles e besuntou-o de manteiga. Notei, com aprovação, que ela também parecia mais saudável, delicadamente corada — embora eu tivesse que me lembrar de pegar uma amostra para verificar os parasitas da malária em seu sangue. Seria algo excelente de fazer enquanto ela estivesse fora. No entanto, infelizmente não havia nenhum modo de obter seu peso exato — mas ela não podia pesar mais de quarenta e seis quilos, miúda e de ossos leves como era.

Entretanto, Bri e Roger do outro lado da balança... Roger tinha que pesar ao menos oitenta e cinco quilos; Bri provavelmente sessenta e oito.

Eu mesma peguei um bolinho, pensando qual seria a melhor maneira de executar meu plano. Roger o faria se eu pedisse, é claro, mas Bri... eu teria que ser cautelosa. Ela tivera as amídalas removidas sob o efeito de éter quando tinha dez anos, e não gostara da experiência. Se descobrisse o que eu estava tramando e começasse a expressar sua opinião livremente, poderia assustar o resto das minhas cobaias.

Entusiasmada com meu sucesso em produzir éter, eu havia subestimado a dificuldade de induzir as pessoas a me deixar usá-lo nelas.

O sr. Christie podia ser um sujeito esquisito, como Jamie dissera certa vez, mas não estava sozinho em sua resistência à ideia de ser repentinamente deixado inconsciente.

Eu imaginava que a vontade de não sentir dor fosse universal, mas não previra as pessoas que nunca a experimentaram. Não possuíam nenhum contexto onde inserir tal noção e, embora provavelmente nem todas considerassem o éter uma artimanha papista, realmente viam uma proposta de eliminar a dor que pudessem sentir como sendo, de certa forma, contrária à visão divina do universo.

Bobby e Lizzie, entretanto, estavam suficientemente sob minha influência para eu ter quase certeza de que conseguiria convencer — ou intimidar — a uma breve tentativa. Se depois relatariam a experiência sob uma luz positiva... mas a melhoria das relações públicas era apenas metade da história.

A verdadeira necessidade era experimentar meu éter em uma variedade de pacientes, fazendo anotações cuidadosas dos resultados. O susto do nascimento de Henri-Christian havia me demonstrado o quanto eu estava deploravelmente despreparada. Eu

precisava ter alguma ideia do quanto administrar por unidade de peso corporal, por quanto tempo tal dose duraria e qual a profundidade do torpor resultante. A última coisa que eu queria era estar enterrada até os cotovelos no abdômen de alguém e este alguém voltar repentinamente a si com um berro.

— Você está fazendo isso de novo, dona. — Bobby franziu a testa enquanto mastigava devagar, os olhos estreitados para mim.

— O quê? O que estou fazendo? — Fingi inocência, servindo-me de um pedaço de torta de carne de porco.

— Me observando. Do mesmo jeito que um falcão observa um camundongo, pouco antes de atacar. Não está? — Ele recorreu a Lizzie.

— Sim, está — Lizzie concordou, sorrindo para mim. — Mas é o jeito dela, sabe. Você daria um enorme camundongo, Bobby. — Seu sotaque escocês ao pronunciar a palavra camundongo fez Bobby rir e engasgar-se com seu bolinho.

A sra. Bug parou para bater em suas costas prestativamente, deixando-o roxo e arquejante.

— Bem, o que há de errado com ele, então? — ela perguntou, dando a volta para examinar o rosto de Bobby com ar crítico. — Você não está com dor de barriga outra vez, está, rapaz?

— Outra vez? — perguntei.

— Oh, não, senhora — ele grasnou. — Nem pensar! Foi só uma vez, comendo maçãs verdes. — Engasgou-se, tossiu e sentou-se empertigado, clareando a garganta.

— Será que poderíamos não falar dos meus intestinos, dona? — ele pediu em tom queixoso. — Não durante o café da manhã, pelo menos? Eu podia sentir Lizzie vibrando com uma risada reprimida ao meu lado, mas ela manteve os olhos recatadamente no próprio prato, para não deixá-lo ainda mais envergonhado.

— Sem dúvida — eu disse, sorrindo. — Você deve ficar conosco alguns dias, não é, Bobby? Ele chegara no dia anterior, trazendo, como sempre, a variedade de cartas e jornais que lorde John enviava juntamente com um pacote contendo um maravilhoso presente para Jemmy; um brinquedo — uma caixa de surpresa musical — enviado especialmente de Londres pela gentil iniciativa do filho de lorde John, Willie.

— Oh, sim, senhora, ficarei — assegurou-me, a boca cheia de bolinho. — O patrão disse que eu deveria ver se o sr. Fraser teria uma carta para eu levar de volta, de modo que devo esperar por ele, não é?

— Claro. — Jamie e Ian haviam ido visitar os cherokees há uma semana; provavelmente levariam mais uma semana até voltar. Tempo de sobra para fazer minhas experiências.

— Há algum serviço que eu possa lhe prestar, senhora? — Bobby perguntou. — Já que estou aqui, quero dizer, e o sr. Fraser e o sr. Ian não estão. — Havia uma leve nota de satisfação em sua oferta; ele se dava bem com Ian, mas não havia dúvida de que preferia ter todas as atenções de Lizzie para si mesmo.

— Ora, sim — eu disse, pegando uma colherada de mingau. — Já que você ofereceu, Bobby...

Quando terminei de explicar, Bobby ainda parecia saudável, mas bem menos entusiasmado.

— Colocar-me para dormir — ele repetiu, em dúvida. Olhou para Lizzie, que também parecia um pouco em dúvida, mas que já estava muito acostumada a ser solicitada a fazer coisas exorbitantes para protestar.

— Só ficará desacordado por um instante — assegurei-lhe. — Provavelmente, nem vai notar.

Seu rosto exprimia considerável ceticismo e eu pude ver que ele se remexia, buscando alguma desculpa para não ter que atender

a minha solicitação. Entretanto, eu também já havia previsto essa manobra e agora jogava meu trunfo.

— Não sou apenas eu que precisarei avaliar a dose — eu disse. — Não posso operar alguém e administrar a dose ao mesmo tempo, ao menos não facilmente. Malva Christie me dará assistência; ela precisa de prática.

— Oh! — Bobby exclamou, pensativamente. — A srta. Christie. — Uma espécie de expressão sonhadora e terna atravessou seu semblante.

— Bem. Não gostaria de decepcionar a srta. Christie, é claro. Lizzie emitiu um daqueles contidos ruídos escoceses no fundo da garganta, conseguindo exprimir desdém, escárnio e total desaprovação no espaço de duas sílabas glóticas.

Bobby ergueu os olhos interrogativamente, um pedaço de torta suspenso no seu garfo.

— Você disse alguma coisa?

— Quem, eu? — ela disse. — Claro que não. — Levantou-se abruptamente e, carregando o avental à sua frente, jogou as migalhas com precisão dentro do fogo e virou-se para mim.

— Quando pretende fazer isso — perguntou, acrescentando tardiamente —, senhora?

— Amanhã de manhã — eu disse. — Tem que ser feito com o estômago vazio, de modo que faremos isso logo cedo, antes do café da manhã.

— Certo! — ela disse, e saiu batendo os pés.

Bobby ficou piscando, observando-a sair, depois se virou para mim, confuso.

— Eu disse alguma coisa?

Os olhos da sra. Bug encontraram os meus em perfeita compreensão.

— Nada, rapaz — ela disse, depositando uma grande espátula de ovos mexidos em seu prato. — Coma. Vai precisar de

suas forças.

Brianna, habilidosa com as mãos, havia feito a máscara segundo minhas especificações, estruturada com ripinhas de carvalho. Era bastante simples, uma espécie de gaiola dupla, articulada, de modo que as duas metades se abriam para a inserção de um espesso chumaço de algodão entre elas, depois se fechavam outra vez, toda ela formatada para se ajustar sobre o nariz e a boca do paciente.

— Despeje bastante éter para umedecer completamente o algodão — eu instruí Malva. — Queremos que faça efeito rápido.

— Sim, senhora. Oh, tem um cheiro esquisito, não? — Ela cheirou cautelosamente, o rosto parcialmente desviado enquanto gotejava o éter na máscara.

— Sim. Tenha cuidado para você mesma não respirar muito o éter — eu disse. — Não queremos que você desfaleça no meio de uma operação.

Ela riu, mas obedientemente segurou a máscara ainda mais longe.

Lizzie corajosamente se oferecera para ser a primeira — com o claro objetivo de desviar a atenção de Bobby e de Malva para ela. A estratégia estava funcionando; ela estava deitada com uma pose lânguida sobre a mesa, sem a touca, e seus cabelos macios e claros espalhavam-se graciosamente pelo travesseiro. Bobby estava sentado ao seu lado, ansiosamente segurando sua mão.

— Então, muito bem. — Eu tinha uma minúscula ampulheta à mão, para marcar o tempo com precisão. — Coloque-a devagar sobre o rosto dela. Lizzie, apenas respire fundo e conte comigo, um... dois... Céus, não levou muito tempo, não é? Ela respirara



fundo uma única vez, o peito elevando-se bem alto — e logo em seguida, ao expirar, ficara flácida como um peixe morto. Eu rapidamente virei a ampulheta e tomei seu pulso. Estava tudo bem.

— Espere um instante, você pode sentir quando a pessoa começa a recuperar os sentidos, uma espécie de vibração na carne — instruí Malva, mantendo um olho em Lizzie e o outro na ampulheta. — Coloque a mão no ombro dela... E então, sente? Malva balançou a cabeça, quase tremendo de empolgação.

— Duas ou três gotas, então. — Ela as acrescentou, a própria respiração suspensa, e Lizzie relaxou outra vez com um suspiro, como o ar escapando de um pneu furado.

Os olhos azuis de Bobby estavam totalmente arregalados, mas agarrava-se ferozmente à outra mão de Lizzie.

Marquei o tempo levado para despertar mais uma ou duas vezes, depois deixei Malva colocá-la para dormir um pouco mais profundamente. Peguei o bisturi que já tinha preparado e fiz um pequeno corte no dedo de Lizzie. Bobby soltou uma arfada quando o sangue aflorou, olhando da gota vermelho-escura para o rosto angelicamente sereno de Lizzie.

— Ora, ela não sente nada! — ele exclamou. — Olhe, ela não moveu nem um músculo! — Exatamente — eu disse, com profunda satisfação. — Ela não vai sentir absolutamente nada, até recobrar os sentidos.

— A sra. Fraser diz que podemos abrir uma pessoa — Malva informou Bobby, sentindo-se importante —, cortá-la até chegar na causa da doença, e ela nunca sentiria nada! — Bem, não até acordar — eu disse, achando graça. — Depois receio que sentiria dor. Mas, sem dúvida, é algo maravilhoso — acrescentei mais brandamente, olhando para o rosto inconsciente de Lizzie.

Eu a deixei desacordada até verificar a nova amostra de sangue, depois disse a Malva para retirar a máscara. Dali a um

minuto, as pálpebras de Lizzie começaram a adejar. Ela olhou em volta com curiosidade, depois se virou para mim.

— Quando é que vai começar, senhora? Apesar de todas as afirmações de Bobby e de Malva de que ela estivera aparentemente morta como uma efígie pelo último quarto de hora, ela recusou-se a acreditar, afirmando indignadamente que não poderia ter estado — embora não soubesse explicar o pequeno corte em seu dedo e a lâmina com uma recente amostra de sangue.

— Lembra-se da máscara sobre seu rosto? — perguntei. — E eu dizendo-lhe para respirar fundo? Ela balançou a cabeça, indecisa.

— Sim, lembro-me, e por um instante pareceu que eu estava sufocando... mas, quando me dei conta outra vez, vocês estavam todos acima de mim, me olhando! — Bem, imagino que a única maneira de convencê-la é mostrando-lhe — eu disse, sorrindo para os três rostos jovens e animados. — Bobby? Ansioso para demonstrar a verdade da situação para Lizzie, ele saltou para cima da mesa e deitou-se por livre e espontânea vontade, embora o pulso em sua garganta esbelta martelasse com força enquanto Malva pingava o éter na máscara. Ele inspirou com uma profunda e convulsiva arfada, no momento em que ela colocou a máscara em seu rosto. Franzindo um pouco a testa, inspirou outra vez — mais uma — e relaxou repentinamente, inconsciente.

Lizzie colocou as duas mãos sobre a boca, olhando fixamente para Bobby.

— Jesus, José e Maria Santíssima! — ela exclamou. Malva deu uma risadinha, encantada com o efeito.

Lizzie olhou para mim, os olhos arregalados, depois novamente para Bobby. Inclinando-se para o seu ouvido, chamou-o pelo nome, sem obter nenhuma resposta ou reação, em seguida pegou sua mão e sacudiu-a cautelosamente. O braço de Bobby

meneou frouxamente e ela emitiu uma leve exclamação, soltando a mão dele. Ela parecia muito nervosa.

— Ele não pode acordar outra vez? — Não enquanto não retirarmos a máscara — Malva lhe disse, um pouco presunçosa.

— Sim, mas não se deve manter uma pessoa desacordada mais tempo do que o necessário — acrescentei. — Não faz bem ficar anestesiado por muito tempo.

Malva, obedientemente, trouxe Bobby de volta à beira da consciência e o anestesiou de novo várias vezes, enquanto eu anotava o tempo e as dosagens. Na última dessas anotações, ergui os olhos e a vi olhando para Bobby com uma expressão intensa, parecendo concentrada em alguma coisa. Lizzie havia se retirado para um canto do consultório, obviamente inquieta por ver Bobby inconsciente, e sentou-se em um banquinho, trançando os cabelos e enrolando a trança sob a touca.

Levantei-me e peguei a máscara da mão de Malva, guardando-a.

— Você fez um excelente trabalho — eu lhe disse, falando em voz baixa. — Obrigada.

Ela sacudiu a cabeça, o semblante resplandecente.

— Oh, senhora! Foi... Nunca vi nada igual. É uma sensação extraordinária, não é? Como se o tivéssemos matado e trazido de volta à vida. — Ela espalmou as mãos, olhando para elas, admirada, como se perguntasse a si mesma como conseguiram fazer algo tão extraordinário, em seguida fechou-as, cerrando os punhos pequenos, e sorriu para mim, de maneira conspiratória.

— Acho que compreendo quando meu pai diz que é obra do diabo.

Se ele visse como isso funciona — ela olhou para Bobby, que começava a se mexer —, diria que ninguém além de Deus tem o direito de fazer tal coisa.

— É mesmo? — eu disse, secamente. Pelo brilho em seus olhos, a reação provável de seu pai ao que andáramos fazendo era uma das principais atrações da experiência. Por um instante, tive pena de Tom Christie.

— Hum... então, talvez seja melhor não contarmos ao seu pai — sugeri. Ela sorriu, exibindo dentes brancos, pequenos e afiados, e revirou os olhos.

— Nem penso em contar, senhora — assegurou-me. — Ele me impediria de vir aqui, assim que...

Bobby abriu os olhos, virou a cabeça para o lado e vomitou, colocando um ponto final na conversa. Lizzie deu um grito e correu para seu lado, acudindo-o, limpando seu rosto e indo buscar conhaque para ele beber. Malva, com um ar ligeiramente superior, ficou de lado e deixou-a agir.

— Oh, isso é estranho — Bobby repetiu, talvez pela décima vez, passando a mão pela boca. — Eu vi uma coisa horrível... só por um instante, lá... depois, senti náusea, e logo tudo estava terminado.

— Que coisa horrível? — Malva perguntou, interessada. Ele olhou para ela, parecendo desconfiado e confuso.

— Não sei ao certo, para lhe dizer a verdade, senhorita. Só que era... escuro. Um vulto, pode-se dizer; achei que era de uma mulher. Mas... terrível — ele terminou, sem conseguir se explicar.

Bem, isso era péssimo. A alucinação não era um efeito colateral incomum, mas eu não esperava que ocorresse com uma dose tão pequena.

— Bem, imagino que tenha sido um pesadelo — eu disse, tentando acalmá-lo. — Sabe, é uma forma de sono, de modo que não é de admirar que às vezes tenha um sonho estranho.

Para minha surpresa, Lizzie sacudiu a cabeça veementemente.

— Ah, não, senhora. Não é nenhum sono, não. Quando você dorme, sabe, você entrega sua alma para que os anjos a guardem, para que nenhum fantasma se aproxime. Mas isto... — Franzindo o cenho, ela fitou a garrafa de éter, agora firmemente fechada com a rolha outra vez, depois olhou para mim.

— Eu realmente me perguntei — ela disse — para onde vai sua alma?

— Hã... — eu disse. — Bem, imagino que ela simplesmente fique junto do seu corpo. Tem que ser. Quero dizer, você não está morto.

Tanto Lizzie quanto Bobby sacudiam a cabeça com veemência.

— Não, não fica — Lizzie disse. — Quando você dorme, você ainda está ali. Quando faz isso — apontou para a máscara, uma leve inquietação no rosto delicado —, não está.

— É verdade, dona — Bobby assegurou-me. — Não está.

— Acha que talvez você vá para o limbo, com os bebês não batizados e tudo o mais? — Lizzie perguntou ansiosamente.

Malva bufou, de maneira pouco adequada a uma dama.

— O limbo não é um lugar real — ela disse. — É apenas uma ideia inventada pelo papa.

Lizzie ficou boquiaberta de choque diante dessa blasfêmia, mas Bobby felizmente a distraiu sentindo-se tonto e precisando se deitar.

Malva parecia disposta a continuar a discussão mas, além de repetir "O papa..." uma ou duas vezes, simplesmente ficou parada, oscilando para frente e para trás com a boca aberta, pestanejando um pouco. Olhei para Lizzie e a vi também com os olhos vidrados. Deu um enorme bocejo e pestanejou para mim, os olhos lacrimejando.

Ocorreu-me que eu mesma estava começando a me sentir ligeiramente zozona.

— Minha Nossa! — Tirei a máscara de éter da mão de Malva e a conduzi apressadamente para um banco. — Tenho que me livrar disto ou todos nós vamos ficar tontos. Abri a máscara, retirei o chumaço de algodão embebido em éter de dentro e levei-o para fora com o braço estendido. Eu havia aberto as duas janelas do consultório, para dar ventilação e impedir que todos nós ficássemos inebriados, mas o éter era insidioso. Mais pesado do que o ar, tendia a cair no chão de um aposento e ali se acumular, a menos que houvesse um ventilador ou algum outro dispositivo para dispersá-lo.

Provavelmente, eu teria que operar ao ar livre, pensei, se usasse éter por algum tempo.

Coloquei o algodão sobre uma pedra para secar e voltei, esperando que agora todos eles estivessem grogues demais para continuar suas especulações filosóficas. Não queria que seguissem aquela linha de raciocínio; se a notícia se espalhasse por Ridge de que o éter separava as pessoas de suas almas, nunca mais ninguém iria me deixar usá-lo, por pior que fosse a situação.

— Bem, obrigada a todos por me ajudarem — eu disse, sorrindo enquanto entrava no aposento, aliviada por encontrá-los parecendo razoavelmente alertas. — Fizeram algo muito útil e valioso. Mas agora todos já podem voltar aos seus afazeres, eu mesma arrumarei tudo.

Malva e Lizzie hesitaram por um instante, nenhuma das duas querendo deixar Bobby com a outra, mas diante da impetuosidade do meu comando foram se afastando em direção à porta.

— Quando vai se casar, srta. Wemyss? — Malva perguntou de forma descontraída e suficientemente alto para que Bobby ouvisse, embora ela sem dúvida soubesse; todos em Ridge sabiam.

— Em agosto — Lizzie respondeu friamente, empinando o nariz.

— Logo depois da produção de feno... srta. Christie. — E então eu serei a sra. McGillivray, sua expressão satisfeita parecia dizer. E você, srta.

Christie, sem nenhum pretendente... Não que Malva não atraísse a atenção dos jovens rapazes; a questão era que seu pai e seu irmão eram diligentes demais em mantê-los afastados.

— Desejo-lhe muitas felicidades — Malva disse. Ela olhou para Bobby Higgins, depois novamente para Lizzie, e sorriu, recatadamente, embaixo de sua engomada touca branca.

Bobby continuou sentado à mesa por um instante, observando as jovens saírem.

— Bobby — eu disse, impressionada com a expressão profundamente pensativa em seu semblante —, a figura que você viu enquanto estava anestesiado, você a reconheceu? Ele olhou para mim, em seguida seus olhos deslizaram novamente para o vão deserto da porta, como se não conseguisse desviá-los.

— Oh, não, senhora — ele disse, em um tom de tão ansiosa convicção que eu sabia que ele estava mentindo. — De modo algum!

*DESLOCADOS DE GUERRA*

Eles haviam parado para dar água aos cavalos à margem do pequeno lago que os índios chamavam de Thick Rushes. Era um dia quente, e eles amarraram os cavalos, despiram-se e entraram na água maravilhosamente fria do lago alimentado por uma fonte. Fria o suficiente para entorpecer os sentidos e, ao menos por um instante, afastar da mente de Jamie a contemplação mal-humorada do bilhete que MacDonald lhe entregara, de John Stuart, o superintendente indigenista do Departamento do Sul.

O teor do bilhete fora bastante elogioso, louvando-o pela rapidez e iniciativa em atrair Pássaro da Neve para a esfera de influência britânica — mas prosseguira instando-o a se envolver mais vigorosamente, ressaltando o próprio golpe de Stuart no direcionamento da escolha dos líderes entre os choctaws e os chickasaws, em uma assembleia que ele próprio convocou há dois anos.

... A competição e a ansiedade dos candidatos por medalhas e comissões era tão grande quanto se possa imaginar e igualava-se aos esforços dos mais ambiciosos e aspirantes a honrarias e promoções em grandes governos. Tomei todas as medidas para me informar sobre os personagens e preenchi os cargos com os mais valorosos e dispostos a atender os propósitos da manutenção da ordem e da ligação dessa nação indígena aos interesses britânicos.



Exorto-o a lutar para alcançar resultados semelhantes entre os cherokees.

— Oh, sim — ele disse em voz alta, erguendo-se no meio dos juncos e sacudindo a água dos cabelos. — Devo depor Tsisqua, sem dúvida por assassinato, e subornar todos eles para que instalem Cachimbo de Barro no poder — o índio menor e mais autodestruidor que Jamie já vira — como chefe da paz. Ha! — Afundou novamente, em uma agitação de bolhas, divertindo-se em xingar a presunção de Stuart e observar suas palavras subirem em trêmulas bolas de mercúrio, para desaparecerem magicamente na luz ofuscante da superfície.

Ergueu-se outra vez para fora da água, arquejando, depois engoliu ar e prendeu a respiração.

— O que foi isso? — disse uma voz assustada perto dele. — São eles?

— Não, não — disse outra, baixa e ansiosa. — São apenas dois.

Estou vendo ambos, lá, você vê? Ele abriu a boca e respirou como um zéfiro, esforçando-se para ouvir acima dos batimentos de seu coração.

Ele os compreendera, mas por um instante não conseguiu identificar a língua que falavam. Índios, sim, mas não cherokees, eles eram... tuscaroras, era isso.

Há anos ele não falava com nenhum tuscarora; a maioria fora para o norte, na esteira da epidemia de sarampo que quase os dizimara — foram se juntar aos "pais" mohawks nas terras governadas pela Liga Iroquesa.

Esses dois discutiam em sussurros, mas suficientemente perto para ele conseguir distinguir quase tudo que diziam; estavam a poucos passos dali, escondidos por moitas densas de juncos e taboas, quase da altura de um homem.

Onde estava Ian? Podia ouvir o barulho distante de agitação na água, no outro lado do remanso e, virando a cabeça devagar, viu pelo canto do olho que Ian e Rollo brincavam, espadanando água, o cachorro submerso até o pescoço, chapinhando de um lado para o outro. Se os observadores não soubessem — e o animal não sentira a presença dos intrusos e não latira —, parecia dois homens nadando.

Os índios haviam concluído que esse era provavelmente o caso — dois cavalos, portanto dois homens, e ambos a uma distância segura.

Com muitos estalidos e farfalhar da vegetação, começaram a se afastar furtivamente na direção dos cavalos.

Jamie estava bastante inclinado a deixá-los tentar pegar Gideon e ver até onde conseguiriam ir. Mas poderiam apenas fugir com o cavalo de Ian e o burro de carga — e Claire ficaria muito aborrecida se ele deixasse levar Clarence. Sentindo-se em grande desvantagem, deslizou nu pelo meio dos caniços, fazendo uma careta conforme raspavam em sua pele, e arrastou-se entre as taboas até a lama da margem.

Se tivessem tido a esperteza de olhar para trás, teriam visto as taboas se agitando — e ele esperava que Ian visse —, mas estavam concentrados em sua missão. Podia avistá-los agora, movendo-se sorrateiramente no capim alto na orla da floresta, olhando de um lado para o outro — mas nunca na direção certa.

Apenas dois, tinha certeza disso agora. Jovens, pela maneira como avançavam, e inseguros. Não podia ver se estavam armados.

Enlameado, ele arrastou-se furtivamente, deitando-se de barriga no capim cerrado junto ao remanso, contorcendo-se rapidamente na direção do abrigo de uma moita de sumagre. O que ele precisava era de um porrete, e rápido.

Em tais circunstâncias, é claro, nada surgia à mão além de gravetos e galhos há muito apodrecidos. Por falta de coisa melhor,

agarrou uma pedra de bom tamanho, mas depois encontrou o que queria: um galho de corniso quebrado pelo vento e pendurado ao alcance de sua mão, ainda preso à árvore. Os índios aproximavam-se dos cavalos que pastavam; Gideon os viu e levantou a cabeça abruptamente. Continuou mastigando, mas as orelhas ficaram parcialmente viradas para trás em evidente desconfiança. Clarence, sempre sociável, percebeu e ergueu a cabeça também, as orelhas movendo-se, em estado de alerta.

Jamie aproveitou a oportunidade e, quando Clarence emitiu um zurro de boas-vindas, ele arrancou o galho da árvore e arremeteu para cima dos intrusos, rugindo a plenos pulmões: — Tulach Ard! Olhos arregalados fitaram os seus e um dos homens saltou, os cabelos longos voando. O outro o seguiu, mas mancando fortemente e caindo sobre um dos joelhos quando alguma coisa cedeu. Levantou-se imediatamente, mas foi muito lento; Jamie arremessou o galho em suas pernas com uma fúria que o fez estatelar-se no chão, e saltou sobre suas costas, enfiando cruelmente o joelho em seu rim.

O homem soltou um grunhido estrangulado e ficou imóvel, paralisado de dor. Jamie havia largado a pedra — não, lá estava ela.

Agarrou-a e golpeou o índio com toda força atrás da orelha, para se assegurar. Em seguida, partiu atrás do segundo homem, que correria para a floresta, mas se desviara, bloqueado por um córrego margeado de pedras em seu caminho. Agora, o sujeito corria pelo meio dos carriços; Jamie o viu lançar um olhar aterrorizado para a água, onde Ian e Rollo avançavam em sua direção, nadando como castores.

O índio poderia ter conseguido alcançar o santuário da floresta, se um de seus pés não tivesse afundado na lama mole. Ele cambaleou e Jamie lançou-se sobre ele, os pés escorregando na lama, lutando corpo a corpo.

O índio era jovem e vigoroso e lutava como uma enguia. Jamie, com a vantagem de tamanho e peso, conseguiu empurrá-lo para fora e caíram juntos, rolando pelos carriços e pela lama, golpeando e arranhando. O índio agarrou os cabelos compridos de Jamie e deu um puxão, fazendo seus olhos lacrimejarem; ele deu um soco violento nas costelas do índio para fazê-lo soltar seus cabelos e, quando ele os soltou, deu uma cabeçada em seu rosto. Suas testas colidiram com um baque oco e uma dor lancinante rasgou sua cabeça. Cada um caiu para um lado, arquejando, e Jamie rolou sobre o corpo ficando de joelhos, a cabeça girando e os olhos lacrimejando, tentando enxergar.

Houve uma mancha cinza e um grito estridente de terror. Rollo soltou um latido grave, do fundo do peito, com os dentes arreganhados, depois continuou com um rosnado retumbante e surdo. Jamie fechou um dos olhos, a mão na testa latejante, e conseguiu divisar seu adversário estatelado na lama, Rollo em cima dele, os lábios escuros repuxados, exibindo todos os dentes.

O barulho de pés chapinhando em águas rasas e lá estava Ian, ofegante.

— Você está bem, tio Jamie?

Ele retirou a mão da testa e olhou para os dedos. Não havia sangue, embora pudesse jurar que sua cabeça havia se partido ao meio.

— Não — respondeu —, mas melhor do que ele.

Oh, Santo Deus.

— Você matou o outro? — Provavelmente, não. Oh, Santo Deus.

Arrastando-se sobre as mãos e os joelhos, afastou-se uma curta distância e vomitou. Atrás dele, podia ouvir Ian perguntando furiosamente, em cherokee, quem eles eram e se havia outros com eles.

— São tuscaroras — ele disse. Sua cabeça ainda latejava, mas sentia-se um pouco melhor.

— Oh, é mesmo? — Ian ficou surpreso, mas imediatamente mudou para a língua dos kahnyen'kehakas. O jovem prisioneiro, já aterrorizado com Rollo, parecia prestes a morrer de medo, vendo as tatuagens de Ian e ouvindo-o falar mohawk. Os kahnyen'kehakas eram da mesma família dos tuscaroras e obviamente o jovem podia entender o que Ian dizia, pois respondeu, gaguejando de medo. Estavam sozinhos. Seu irmão estava morto? Jamie lavou a boca, jogou água no rosto. Estava melhor, embora um caroço do tamanho de um ovo de pato crescesse acima do seu olho esquerdo.

— Irmão? Sim, o jovem disse, seu irmão. Se não pretendiam matá-lo agora, ele poderia ir vê-lo? Seu irmão estava ferido.

Ian olhou para Jamie, buscando consentimento, depois chamou Rollo com uma única palavra. O prisioneiro, zozno e enlameado, levantou-se penosamente, cambaleando, e começou a voltar pela margem do remanso, seguido do cachorro e dos dois escoceses nus.

O outro índio estava realmente ferido; o sangue filtrava-se por uma atadura tosca ao redor de sua perna. Ele fizera a atadura com a camisa e estava com o peito nu, esquelético e com ar faminto. Jamie olhou de um para o outro; nenhum dos dois parecia ter mais de vinte anos, pensou, e provavelmente menos do que isso, com os rostos marcados pela fome e maus-tratos, as roupas não mais do que trapos.

Os cavalos haviam se afastado um pouco, nervosos com a briga, mas as roupas que os escoceses haviam deixado penduradas nos arbustos ainda estavam lá. Ian enfiou suas calças e foi buscar comida e bebida dos alforjes, enquanto Jamie se vestia mais devagar, interrogando o jovem que ansiosamente examinava o irmão.

Eram tuscaroras, o rapaz confirmou. Seu nome era longo, significando mais ou menos "o brilho da luz na água de uma fonte"; aquele era seu irmão, "o ganso que encoraja o líder quando voam", mais simplesmente conhecido como Ganso.

— O que aconteceu com ele? — Jamie vestiu a camisa e balançou a cabeça, contraindo-se com o movimento ao indicar o corte na perna de Ganso, obviamente feito por algo como um machado.

Luz na Água respirou fundo e fechou os olhos por um instante.

Também ele tinha um calombo de bom tamanho na testa.

— Tsalagis — ele disse. — Éramos vinte. O resto está morto ou foi capturado. Não vai nos entregar a eles, não é, senhor? Por favor? — Tsalagis? Qual? Luz sacudiu a cabeça; não sabia. Seu grupo decidira ficar quando a tribo se mudou para o norte, mas eles não prosperaram; não havia homens suficientes para defender a aldeia e caçar e, sem defensores, outros roubavam suas plantações, levavam suas mulheres.

Cada vez mais pobres, eles também começaram a roubar e a mendigar, para sobreviver ao inverno. Outros morreram de frio e doenças e os remanescentes mudavam de um lugar para o outro, de vez em quando encontrando um lugar onde ficar por algumas semanas, mas depois escorraçados pelos cherokees, muito mais fortes.

Alguns dias atrás, haviam sido atacados por um grupo de guerreiros cherokees, que os assaltaram de surpresa, mataram a maioria deles e levaram algumas mulheres.

— Levaram minha mulher — Luz disse, a voz vacilante. — Nós viemos... para levá-la de volta.

— Eles vão nos matar, é claro — Ganso disse debilmente, mas com certa dose de jovialidade. — Mas isso não significa nada.

— Claro que não — Jamie disse, sorrindo a despeito de si mesmo.

— Sabe para onde a levaram? Os irmãos sabiam a direção tomada pelos invasores e seguiam as pistas que os levariam até a aldeia.

— Para lá — disseram, apontando para um desfiladeiro.

Ian olhou para Jamie e balançou a cabeça.

— Pássaro — ele disse. — Ou Raposa, talvez, pois Raposa Fugitiva era o chefe da guerra da aldeia; um bom guerreiro, embora sem muita imaginação, um traço que Pássaro possuía em abundância.

— Vamos ajudá-los? — Ian disse em inglês. Suas sobrancelhas cabeludas arquearam-se interrogativamente, mas Jamie podia ver que a pergunta não passava de uma formalidade.

— Oh, sim, vamos. — Passou a mão delicadamente pela testa; a pele sobre o calombo já estava esticada e sensível. — Mas vamos comer primeiro. A questão não era se o resgate devia ser feito; apenas como. Tanto Jamie quanto Ian descartaram logo qualquer sugestão de que os irmãos deveriam roubar de volta a mulher de Luz.

— Eles vão matá-los — Ian garantiu-lhes.

— Não nos importamos — Luz disse, decididamente.

— Claro que não — Jamie disse. — Mas e a sua mulher? Ela ficaria sozinha, nesse caso, e na mesma situação.

Ganso balançou a cabeça, ponderadamente.

— Ele tem razão — ele disse ao seu enfurecido irmão.

— Poderíamos pedi-la — Jamie sugeriu. — Uma mulher para você, Ian. Pássaro o tem em alta estima; é muito provável que a desse para você.

Ele, na realidade, falara brincando. Se ninguém ainda tivesse se casado com a mulher, a pessoa que a tinha como escrava

poderia ser persuadida a dá-la a Ian, que era muito respeitado entre eles.

Ian deu um ligeiro sorriso, mas sacudiu a cabeça.

— Não, é melhor pagarmos um resgate por ela. Ou... — Olhou pensativamente para os dois índios, diligentemente comendo o que restava de alimentos nos alforjes. — Podemos pedir a Pássaro que os adote?

Era uma ideia, sem dúvida. Porque assim que conseguissem a jovem de volta, por quaisquer outros meios, ela e os irmãos estariam na mesma situação terrível — vagando, famintos.

Mas os irmãos franziram a testa e sacudiram a cabeça.

— Comida é uma boa coisa — Ganso disse, lambendo os dedos. — Mas nós os vimos matar nossa família, nossos amigos. Se não tivéssemos visto com nossos próprios olhos, seria possível. Mas...

— Sim, compreendo — Jamie disse, e por um instante parou, ligeiramente surpreso pelo fato de ter compreendido; evidentemente, ele passara mais tempo entre os índios do que imaginava.

Os irmãos trocaram um olhar, obviamente se comunicando.

Tomada a decisão, Luz fez um gesto de respeito para Jamie.

— Nós somos seus escravos — ressaltou, com certo acanhamento.

— É você quem decide o que fazer conosco. — Parou educadamente, esperando.

Jamie esfregou a mão no rosto, considerando que talvez não tivesse passado tanto tempo assim com os índios, afinal de contas. Ian não sorriu, mas pareceu emitir a vibração surda de uma risada reprimida.

MacDonald contara-lhe histórias de campanhas durante a guerra entre franceses e índios; os soldados que faziam prisioneiros indígenas em geral os matavam pelo dinheiro do escalpo ou os



vendiam como escravos. Essas campanhas ocorreram há mais de dez anos no passado; a paz desde então geralmente era difícil. Só Deus sabia quantos índios haviam feito escravos de seus prisioneiros, a menos que preferissem — por alguma inescrutável razão indígena — adotá-los ou matá-los.

Jamie capturara os dois tuscaroras; conseqüentemente, por praxe, eles agora eram seus escravos.

Ele compreendia perfeitamente bem o que Luz estava sugerindo — que ele adotasse os irmãos, e sem dúvida a jovem mulher, também, quando a tivessem resgatado — e como, em nome de Deus, ele repentinamente se tornara responsável por isso? — Bem, não há mercado para os escalpos deles no momento — Ian ressaltou. — Embora eu imagine que você possa vendê-los a Pássaro.

Apesar de que não valem grande coisa, esqueléticos e maltratados como estão.

Os irmãos fitaram-no impassíveis, esperando sua decisão. Luz arrotou repentinamente e pareceu surpreso com o ruído. Ian agora realmente riu, um som baixo e entrecortado.

— Oh, eu não poderia fazer tal coisa e vocês três sabem muito bem disso — Jamie disse, contrariado. — Eu devia ter batido com mais força em vocês e me poupado o trabalho — ele disse a Ganso, que riu para ele, um riso bem-humorado e com falhas de dentes.

— Sim, tio — ele disse, fazendo uma grande medida em sinal de profundo respeito.

Jamie emitiu um som de desagrado em resposta, mas os dois índios não lhe deram nenhuma importância.

Teriam que ser as medalhas, então. MacDonald lhe trouxera um baú repleto de medalhas, botões dourados, bússolas de latão baratas, lâminas de faca de aço e outras quinquilharias atraentes. Como os chefes auferiam seu poder de sua popularidade, e sua

popularidade aumentava na proporção direta de sua capacidade de dar presentes, os agentes indigenistas britânicos exerciam influência distribuindo bugigangas em grande escala para aqueles chefes que demonstravam disposição de se aliar à Coroa.

Ele havia trazido apenas duas pequenas sacolas de tal suborno; o resto deixara em casa para uso futuro. O que tinha à mão iria, ele tinha certeza, ser suficiente para pagar o resgate da sra. Luz, mas gastar tudo dessa forma o deixaria de mãos vazias com relação aos outros chefes de aldeia — e isso não poderia ser.

Bem, imaginava, então, que deveria enviar Ian de volta para buscar mais. Mas não até ele ter combinado o resgate; precisava da ajuda de Ian nessa questão.

— Muito bem, então — disse, levantando-se. Lutou contra uma onda de tontura. — Mas eu não os estou adotando. — A última coisa que precisava no momento era de mais três bocas para alimentar.

*SCOTCHEE*

Definir o resgate foi, como ele imaginara, uma simples questão de negociar. E, no final, a sra. Luz saiu bem barata, ao preço de seis medalhas, quatro facas e uma bússola. É bem verdade que ele não a vira até a conclusão das negociações — se tivesse, teria oferecido ainda menos; era uma jovem miúda, com marcas de catapora, de talvez uns quatorze anos, ligeiramente estrábica.

Ainda assim, refletiu, gosto não se discute, e tanto Luz quanto Ganso estavam dispostos a morrer por ela. Sem dúvida, ela deveria ser generosa ou possuía alguma outra excelente qualidade, tal como talento e afinidade para a cama.

Ficou chocado ao se ver pensando assim e olhou para ela com mais atenção. Não era visível de modo algum, no entanto, agora que realmente a viu, percebeu que ela de fato irradiava aquela atração estranha, aquele dom notável, que poucas mulheres possuíam e que ignorava apreciações superficiais relativas a aparência, idade ou inteligência, e que fazia um homem simplesmente querer agarrá-la e...

Ele eliminou a imagem fluorescente pela raiz. Conhecera algumas mulheres assim, a maioria francesas. E pensara mais de uma vez que talvez a ascendência francesa de sua própria mulher fosse responsável por ela possuir esse dom altamente desejável, mas muito perigoso.

Pôde ver Pássaro examinando a jovem pensativamente, obviamente lamentando tê-la deixado ir por tão pouco. Felizmente, uma ocorrência havia desviado sua atenção — a volta de um grupo de caçadores, trazendo convidados com eles.

Os convidados eram cherokees do grupo de Overhill, longe de sua casa nas montanhas do Tennessee. E com eles havia um homem de quem Jamie já ouvira falar muitas vezes, mas que até então nunca havia encontrado — um tal de Alexander Cameron, que os índios chamavam de "Scotchee".

Um homem de meia-idade, moreno e castigado pelas intempéries, Cameron se distinguia dos índios apenas pela barba espessa e pelo formato longo e inquisitivo de seu nariz. Ele vivia com os cherokees desde a idade de quinze anos, tinha uma mulher cherokee e era muito estimado entre os índios. Ele era também um agente indigenista, íntimo de John Stuart. E sua presença ali, há mais de trezentos quilômetros de casa, fez o próprio nariz longo e inquisitivo de Jamie contrair-se de interesse.

O interesse foi obviamente mútuo. Cameron examinou-o com olhos fundos onde a inteligência e a astúcia revelavam-se em igual medida.

— O Matador-de-Urso ruivo, oh-oh! — ele exclamou, apertando calorosamente a mão de Jamie e depois o abraçando à moda dos índios.

— Já ouvi tantas histórias sobre você e estava louco para conhecê-lo e saber se eram verdadeiras.

— Duvido — Jamie disse. — A última que eu mesmo ouvi, eu havia matado três ursos ao mesmo tempo, matando o último no alto de uma árvore, até onde ele me perseguira depois de ter comido meu pé.

Involuntariamente, Cameron olhou para os pés de Jamie, depois ergueu os olhos e sacudiu-se de rir, todas as rugas de seu

rosto curvando-se com uma alegria tão irresistível que Jamie sentiu sua própria risada aflorar.

Não era, é claro, adequado falar de negócios ainda por algum tempo.

O grupo de caça havia abatido um dos búfalos da floresta e uma grande festa estava sendo preparada: o fígado devendo ser levado para ser grelhado e consumido imediatamente, a tira de carne macia das costas assada com cebolas inteiras, e o coração — assim Ian lhe contou — a ser compartilhado entre os quatro: Jamie, Cameron, Pássaro e Raposa Fugitiva, um sinal de honra.

Depois que o fígado foi consumido, retiraram-se para a casa de Pássaro para beber cerveja por uma ou duas horas, enquanto as mulheres preparavam o restante da comida. E, seguindo o curso da natureza, ele se viu do lado de fora, urinando confortavelmente contra uma árvore, quando um som abafado de passos surgiu atrás dele e Alexander Cameron postou-se ao seu lado, abrindo a braguilha das calças.

Pareceu natural, então — embora obviamente Cameron tivesse agido intencionalmente —, caminhar um pouco juntos, o ar fresco da noite um alívio da fumaça dentro da casa, e falar de temas de interesse comum — John Stuart, para começar, e os diferentes métodos do Departamento do Sul. índios, a seguir; comparando as personalidades e meios de lidar com os diferentes caciques, especulando quem daria um bom líder e se uma grande assembleia deveria ser convocada dentro de um ano.

— Deve estar se perguntando, imagino — Cameron disse de maneira absolutamente descontraída —, o motivo da minha presença aqui.

Jamie fez um ligeiro movimento com os ombros, admitindo interesse, mas indicando que educadamente não queria se intrometer nos assuntos de Cameron.

Cameron deu uma risadinha. — Sim, bem. Não é nenhum segredo, sem dúvida. É James Henderson... já ouviu falar, não? Ouvira. Henderson havia sido presidente da Suprema Corte da Carolina do Norte — até que a Regulamentação o obrigara a partir, pulando uma janela do tribunal e fugindo a toda velocidade de uma turba disposta a atos de violência.

Sendo um homem rico, e com a devida consideração pelo valor de sua pele, Henderson retirara-se da vida pública e passara a se dedicar a aumentar sua fortuna. Para cuja finalidade ele agora se propunha a comprar uma enorme extensão de terra dos cherokees, localizada no Tennessee, e lá estabelecer vilarejos.

Jamie lançou um rápido olhar a Cameron, compreendendo imediatamente a complexidade da situação. Para começar, as terras em questão ficavam muito além da Linha do Tratado. O fato de Henderson instigar tais negociatas era uma indicação — se alguma fosse necessária — de quanto o domínio da Coroa se tornara frágil ultimamente.

Obviamente, Henderson não considerava nenhum problema escarnecer do tratado de Sua Majestade, e não esperava nenhuma interferência em seus negócios em consequência disso.

Esse era um dos aspectos. Outro, entretanto — os cherokees mantinham as terras em comum, como todos os índios. Os chefes podiam e realmente vendiam terras para os brancos, sem sutilezas legais como título de propriedade, mas ainda assim estavam sujeitos à aprovação ou desaprovação *ex post facto* de seu povo. Tal aprovação não afetaria a venda, que já estaria realizada, mas podia resultar na deposição de um líder e em muitos problemas para a pessoa que tentasse tomar posse das terras pagas em boa-fé — ou o que passava por boa-fé, em tais transações.

— John Stuart sabe a respeito disso, é claro — Jamie disse, e Cameron balançou a cabeça, confirmando, com um ligeiro ar de complacência.

— Não oficialmente, veja bem — ele disse.

Naturalmente, não. O superintendente para Assuntos Indígenas sem dúvida não poderia aprovar oficialmente tal plano. Ao mesmo tempo, seria recebido com um sorriso, oficiosamente, uma vez que tal aquisição só poderia promover ainda mais o objetivo do departamento de trazer os índios cada vez mais para o controle da influência britânica.

Jamie se perguntou se Stuart estaria lucrando de alguma forma pessoal com a venda. Stuart desfrutava de uma boa reputação e não era considerado corrupto — mas podia muito bem ter um interesse oculto na questão. Por outro lado, ele poderia não ter nenhum interesse financeiro próprio e estar fazendo vista grossa para o acordo apenas no interesse dos propósitos do departamento. Cameron, entretanto... Ele não tinha como saber, é claro, mas ficaria muito surpreso se Cameron não estivesse metido nisso.

Ele não sabia onde residia o interesse natural de Cameron, se com os índios entre os quais ele vivia ou com os ingleses, de onde se originava. Duvidava de que alguém soubesse — talvez nem mesmo Cameron. Entretanto, independente dos interesses permanentes de Cameron, seus objetivos imediatos eram evidentes. Ele queria que a venda fosse recebida com aprovação — ou ao menos indiferença — pelo cherokees das vizinhanças, assim mantendo seus próprios chefes favoritos em boas relações com seus seguidores e permitindo que Henderson seguisse em frente com seus planos sem ser indevidamente importunado pelos índios da região.

— Não deverei dizer nada, é claro, ainda por um ou dois dias — Cameron lhe disse, e ele assentiu. Havia um ritmo natural para uma questão como essa. Mas obviamente Cameron lhe dizia isso agora para que ele pudesse ajudá-lo quando o assunto fosse tratado no devido tempo.

Cameron admitia como certo que ele iria ajudar. Não havia nenhuma promessa explícita de uma fatia do bolo de Henderson para si mesmo, mas não havia necessidade; era o tipo de oportunidade considerada um pré-requisito para ser um agente indigenista — a razão para tais cargos serem considerados um ótimo negócio.

Considerando o que Jamie sabia do futuro próximo, ele não tinha nenhuma expectativa, nem interesse na compra de Henderson — mas o assunto lhe proporcionava uma boa oportunidade para um útil quid pro quo.

Tossiu discretamente.

— Sabe a pequena toscarora que comprei de Pássaro?

Cameron riu.

— Sim. E ele está perplexo com o que pretende fazer com ela; ele diz que você não aceita nenhuma das índias que ele manda para aquecer sua cama. Ela não é nenhuma beldade, mas mesmo assim...

— Não se trata disso — Jamie assegurou-lhe. — Ela é casada, para começar. Eu trouxe dois rapazes tascaroras comigo; ela pertence a um deles.

— Oh, é mesmo? — O nariz de Cameron torceu-se de interesse, sentindo o cheiro de uma história. Jamie estivera esperando por esta oportunidade desde que a presença de Cameron lhe dera tal ideia, e ele a expôs com clareza, com o resultado satisfatório de que Cameron concordou em levar os três tascaroras descolados com ele e patrocinar sua adoção pelo grupo de Overhill.

— Não será a primeira vez — ele disse a Jamie. — Cada vez há mais e mais deles... sobras do que eram aldeias, até mesmo tribos inteiras vagando pelo interior, famintos e miseráveis. Ouviu falar dos dogashes?

— Não. — Nem é provável que ouça — Cameron disse, sacudindo a cabeça.



— Não restam mais do que uns dez deles. Vieram nos procurar no inverno passado; ofereceram-se como escravos, apenas para que conseguissem sobreviver ao frio. Não, não se preocupe, meu caro — ele assegurou a Jamie, ao ver a expressão de seu rosto. — Seus garotos e a garota não serão escravos; dou-lhe minha palavra.

Jamie fez um sinal de agradecimento com a cabeça, satisfeito com o acordo. Haviam se afastado um pouco da aldeia e estavam parados, conversando, na beira de um desfiladeiro, onde a floresta se abria repentinamente para uma vista de cadeias de montanhas, estendendo-se interminavelmente como sulcos arados em alguma lavoura infinita dos deuses, as encostas escuras e melancólicas sob o céu estrelado.

— Como poderá um dia haver gente suficiente para povoar esta imensidão selvagem? — ele disse, repentinamente emocionado com a vista. No entanto, o cheiro de lenha queimada e carne assando pairava densamente no ar. Havia pessoas habitando o lugar, apesar de poucos e espalhados.

Cameron sacudiu a cabeça, pensativo.

— Elas vêm — disse — e continuam vindo. Minha própria família veio da Escócia. Você veio — acrescentou, os dentes um breve lampejo em sua barba. — E não pretende voltar, posso garantir.

Jamie sorriu, mas não respondeu, embora uma sensação estranha surgisse em sua barriga diante do pensamento. Ele não pretendia voltar.

Dissera adeus à Escócia na amurada do Ártemis, sabendo muito bem que aquela era provavelmente sua última visão do país. No entanto, até este momento, ele nunca havia realmente absorvido a ideia de que jamais colocaria os pés lá outra vez.

Gritos de "Scotchee, Scotchee" os chamavam e ele se virou para seguir Cameron de volta à aldeia, o tempo inteiro consciente

da vastidão desolada, gloriosa e aterradora, atrás dele — e do vazio ainda mais aterrador dentro de si mesmo.

Fumaram naquela noite, depois do banquete, em cerimoniosa observância do acordo de Jamie com Pássaro, e em sinal de boas-vindas a Cameron. Depois que o cachimbo passou duas vezes ao redor da fogueira, eles começaram a contar histórias.

Histórias de ataques, de batalhas. Exausto do dia, a cabeça ainda latejando, amaciado pela comida e pela cerveja de abeto, e ligeiramente intoxicado da fumaça, Jamie pretendia apenas ouvir. Talvez tenha sido a lembrança da Escócia, tão casualmente evocada pela observação de Cameron. Entretanto, em determinado momento, uma recordação aflorou e, quando o próximo silêncio expectante se fez sentir, surpreendeu-se ouvindo a própria voz, contando-lhes de Culloden.

— E lá, perto da parede, vi um homem que eu conhecia, chamado MacAllister, cercado por uma horda de inimigos. Ele lutou com arma de fogo e espada, mas ambas falharam, a lâmina de sua espada se quebrou, seu escudo despedaçou-se sobre o peito.

Os vapores do cachimbo o alcançaram; ele o ergueu e tragou profundamente, como se absorvesse o ar da charneca, enevoadada da chuva e da neblina do dia.

— Ainda assim, eles vieram, seus inimigos, para matá-lo, e ele agarrou um pedaço de metal, um varal de carroça, e com ele matou seis — ergueu ambas as mãos, estendendo seis dedos, para ilustrar —, seis deles, antes de finalmente ser abatido.

Sons de admiração e estalidos de língua de aprovação acolheram seu relato.

— E você mesmo, Matador-de-Urso, quantos homens matou nessa batalha? A fumaça queimava em seu peito, por trás de seus olhos, e por um instante sentiu o gosto amargo da fumaça de um disparo de canhão, não o gosto adocicado de tabaco. Ele viu — viu — Alistair MacAllister, morto aos seus pés entre os corpos de

casacos-vermelhos, o lado de sua cabeça esmagado e a curva redonda de seu ombro brilhando, sólida, através do tecido da camisa, tão ensopada que grudava em sua pele.

Ele estava lá, na charneca, a umidade e o frio não mais do que uma tremulação em sua pele, a chuva escorrendo pelo seu rosto, a própria camisa encharcada evaporando com o calor de sua fúria.

E então ele já não estava mais em Drumossie e percebeu, um segundo tarde demais, as respirações presas ao seu redor. Viu o rosto de Árvore Alta, todas as rugas levantadas de assombro, e somente então abaixou os olhos, para ver todos os seus dez dedos flexionarem e se dobrarem, e os quatro dedos da mão direita se estenderem de novo, totalmente à sua revelia. O polegar hesitou, indeciso. Ele observou fascinado e, então, finalmente voltando a si, fechou a mão direita o máximo que pôde e envolveu-a com a esquerda, como se quisesse sufocar a lembrança que fora atirada de forma tão repentina na palma de sua mão.

Ergueu os olhos e viu Árvore Alta lançar um olhar penetrante a seu rosto, e viu os olhos escuros se endurecerem, depois se estreitarem sob a testa franzida — e então o velho índio pegou o cachimbo, tragou profundamente e soprou a fumaça do outro lado à sua frente, inclinando-se respeitosamente. Árvore Alta repetiu o gesto mais duas vezes e um zumbido abafado de aprovação diante da homenagem elevou-se dos homens amontoados.

Jamie pegou o cachimbo e devolveu a honra do gesto, depois o passou para o homem seguinte, recusando-se a continuar a falar. Eles não o pressionaram, parecendo reconhecer e respeitar o choque que ele sentira.

Choque. Nem mesmo isso. O que ele sentia era um assombro absoluto. Cautelosamente, contra sua vontade, ele arriscou uma espiada na imagem de Alistair. Deus, ela estava lá.

Ele percebeu que estava mantendo a respiração suspensa, não querendo respirar o fedor de sangue e entranhas derramadas. Respirou a fumaça suave e um cheiro ácido de cobre dos corpos aglomerados, e poderia ter chorado, chorado com uma súbita saudade do ar frio e cortante das Highlands, pungente dos aromas de turfa e tojo.

Alexander Cameron disse-lhe alguma coisa, mas ele não conseguiu reagir. Ian, vendo a dificuldade, inclinou-se para frente para responder, e todos riram. Ian lançou-lhe um olhar curioso, mas se voltou novamente para a conversa, começando a contar uma história de um famoso jogo de lacrosse que ele jogara entre os mohawks. Assim, pôde deixar Jamie sentado imóvel, envolto na fumaça.

Quatorze homens. E ele não se lembrava de um único rosto. E aquele polegar hesitante, incerto. O que ele queria dizer com isso? Que ele ainda havia lutado contra um outro, mas que não conseguia saber de quem se tratava? Tinha medo até mesmo de pensar na lembrança. Sem saber o que fazer com ela. Mas, ao mesmo tempo, cômico de uma sensação de reverente assombro. E, apesar de tudo, grato por ter de volta essa pequena recordação.

Era muito tarde e a maioria dos homens havia se retirado para suas próprias casas, outros se estenderam confortavelmente ao redor da fogueira, adormecidos. Ian se afastara da fogueira, mas não voltara.

Cameron ainda estava ali, fumando seu próprio cachimbo agora, embora o compartilhasse com Pássaro, os dois se revezando.

— Há uma coisa que eu gostaria de lhes dizer — Jamie disse abruptamente, no meio de um silêncio sonolento. — A ambos. — Pássaro ergueu as sobrancelhas em uma lenta indagação, narcotizado de tabaco.

Ele não sabia que pretendia dizer aquilo. Pensara em aguardar, avaliar o melhor momento — se é que viria sequer a falar.

Talvez fosse a proximidade da casa, a intimidade escura da beira da fogueira ou a intoxicação do tabaco. Talvez apenas a afinidade de um exílio por aqueles que sofreriam da mesma sorte. Mas ele falara; não tinha escolha agora senão lhes contar o que sabia.

— As mulheres da minha família são... — Tateou, sem saber a palavra cherokee. — Aquelas que veem em sonhos o que vai acontecer.

— Lançou um olhar a Cameron, que pareceu aceitar suas palavras normalmente, pois balançou a cabeça, e fechou os olhos para tragar a fumaça até os pulmões.

— Elas têm a Visão, então? — ele perguntou, ligeiramente interessado.

Jamie assentiu; era uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

— Elas viram algo referente aos tsalagis. Tanto minha mulher quanto minha filha viram a mesma coisa.

A atenção de Pássaro se aguçou ao ouvir isso. Os sonhos eram importantes; mais de uma pessoa compartilhar o mesmo sonho era extraordinário e, portanto, ainda mais importante.

— Lamento lhes dizer — Jamie disse, sinceramente. — Daqui a sessenta anos, os tsalagis serão expulsos de suas terras, removidos para outro lugar. Muitos morrerão nesta jornada, de modo que o caminho que percorrerão será chamado de... — Buscou a palavra para lágrimas, não a encontrou, e terminou: — a trilha onde choraram.

Pássaro franziu os lábios, como se fosse aspirar fumaça, mas o cachimbo queimava sem ser notado em suas mãos.

— Quem fará isso? — ele perguntou. — Quem pode? Jamie respirou fundo; ali estava a dificuldade. No entanto — tão mais fácil do que ele imaginara, agora que a ocasião se apresentara.

— Serão os homens brancos — ele disse. — Mas não serão os homens do rei Jorge.

— Os franceses? — Cameron falou com uma alusão de incredulidade, mas franziu a testa, mesmo assim, tentando ver como isso poderia vir a acontecer. — Ou os espanhóis, quer dizer? Os espanhóis estão bem mais perto... mas não são muitos. — A Espanha ainda dominava a região ao sul da Geórgia e parte das Antilhas, mas os ingleses detinham o controle da Geórgia com firmeza; havia pouca chance aparente de qualquer movimento dos espanhóis para o norte.

— Não. Nem os espanhóis, nem os franceses. — Quisera que Ian tivesse permanecido ali, por mais de uma razão. Mas o rapaz não estava presente e ele teria que se esforçar com o tsalagi, que era uma língua interessante, mas na qual ele só conseguia falar fluentemente sobre coisas concretas e de um futuro muito limitado.

— O que elas me dizem, o que minhas mulheres dizem... — Lutava para encontrar palavras que fizessem sentido — o que veem em seus sonhos, isso irá acontecer, se disser respeito a muita gente. Mas elas acham que pode não acontecer se disser respeito a pouca gente, ou a uma pessoa.

Pássaro piscou, confuso — e não era de admirar. Soturnamente, Jamie tentou explicar novamente.

— Há coisas grandes e há coisas pequenas. Uma coisa grande é algo como uma batalha ou a nomeação de um cacique notável: embora ele seja um único homem, representa a voz de muitos. Se minhas mulheres sonham com essas coisas grandes, elas acontecerão. Mas em qualquer acontecimento grande há muita gente. Uns dizem faça isso; outros, faça aquilo. — Ele sacudiu a mão em ziguezague, de um lado para o outro, e Pássaro balançou a cabeça.

— Bem. Se muitas pessoas dizem "Faça isto" — estendeu os dedos vivamente para a esquerda —, então isto acontece. Mas e as pessoas que disseram "faça aquilo"? — E ele sacudiu o polegar na direção contrária.

— Essas pessoas podem escolher um caminho diferente. Pássaro fez o "hum-um-wm!" que costumava fazer quando espantado.

— Então, pode ser que alguns não irão? — Cameron perguntou incisivamente. — Poderão escapar? — Assim espero — Jamie disse simplesmente.

Permaneceram em silêncio por alguns instantes, cada homem fitando o fogo, cada qual com suas próprias visões — do futuro ou do passado.

— Essa sua mulher — Pássaro disse finalmente, profundamente pensativo —, você pagou muito por ela? — Ela me custou quase tudo que eu tinha — ele disse, com um tom irônico que fez os outros rirem. — Mas valeu a pena.

Já era muito tarde quando ele se dirigiu para a casa de hóspedes; a lua se pusera e o céu tinha aquela aparência de profunda serenidade, as estrelas cantando para si mesmas na noite infinita. Todos os músculos de seu corpo doíam e estava tão cansado que tropeçou na soleira da porta.

No entanto, seus instintos ainda estavam funcionando e ele sentiu, mais do que viu, alguém se mover nas sombras da plataforma de dormir.

Céus, Pássaro continuava insistindo nisso. Bem, esta noite não teria importância; ele podia se deitar nu com um bando de jovens mulheres e, ainda assim, dormir profundamente. Exausto demais para se incomodar com sua presença, ele se esforçou para dizer alguma coisa amável para a mulher. Então, ela se levantou.

A luz da fogueira mostrou-lhe uma mulher idosa, os cabelos em tranças grisalhas, o vestido, de camurça branca, decorado com pinturas e espinhos de porco-espinho. Ele reconheceu Pios-na-Floresta, vestida em seus melhores trajes. O senso de humor de Pássaro havia finalmente ultrapassado os limites. Ele mandara sua mãe para Jamie.

Todo o seu conhecimento de tsalagi o abandonou. Abriu a boca, mas ficou meramente fitando-a, boquiaberto. Ela sorriu, muito levemente, e estendeu a mão. — Venha se deitar, Matador-de-Urso — ela disse. Sua voz era amável e rouca. — Vim pentear as cobras de seus cabelos.

Ela o conduziu sem resistência para a cama e o fez se deitar com a cabeça em seu colo. De fato, ela desfez sua trança e espalhou os cabelos de Jamie pelos seus joelhos, o toque de suas mãos relaxando sua cabeça latejante e o doloroso calombo em sua frente.

Ele não fazia a menor ideia da idade que ela deveria ter, mas seus dedos eram fortes e incansáveis, fazendo círculos pequenos, ritmados, em seu couro cabeludo, suas têmporas, atrás das orelhas, perto do osso na base de seu crânio. Ela atirara erva-doce e algumas outras ervas no fogo; o buraco no telhado que funcionava como chaminé aspirava bem a fumaça e ele podia ver a nuvem branca erguendo-se em uma pilastra oscilante, muito calma, mas com uma sensação de constante movimento.

Ela cantarolava baixinho consigo mesma, ou melhor, sussurrava alguma melodia, as palavras indistintas demais para ele poder identificar.

Ele ficou observando as formas silenciosas desprenderem-se para o alto na fumaça e começou a sentir seu corpo cada vez mais pesado, os membros cheios de areia molhada, seu corpo um saco de areia colocado no caminho de uma inundação.

— Fale, Matador-de-Urso — ela disse muito suavemente, interrompendo seu cântico. Tinha um pente de madeira na mão; ele sentiu os dentes acariciarem seu couro cabeludo, arredondados do uso.

— Não posso chamar suas palavras para mim — ele disse, buscando cada palavra em tsalagi e, assim, falando muito devagar. Ela resfolegou baixinho em resposta.



— As palavras não importam, nem a língua em que você falar — ela disse. — Apenas fale. Eu entenderei.

E assim ele começou, hesitantemente, a falar — em gaélico, que era a única língua que não parecia exigir nenhum esforço. Ele compreendeu que deveria falar do que enchia seu coração e, assim, começou com a Escócia — e Culloden. De pesar. De perda. De medo.

E, ao falar, voltou-se do passado para o futuro, onde ele via esses três espectros assomarem outra vez, criaturas frias vindo em sua direção, saindo do nevoeiro, fitando-o através de seus olhos vazios.

Um outro estava entre eles — Jack Randall — confusamente em ambos os lados do seu corpo. Aqueles olhos não eram vazios, mas vivos, atentos, em um rosto vago. Ele havia matado o sujeito ou não? Se matara, o fantasma seguia em seus calcanhares? Ou, se não matara, seria a ideia de vingança não satisfeita que o assombrava, escarnecia dele com sua memória imperfeita? Mas, enquanto falava, pareceu de certo modo elevar-se um pouco acima de seu próprio corpo, e ver a si mesmo em repouso, os olhos abertos, fixos no teto, os cabelos sombriamente flamejando em um halo ao redor de sua cabeça, mesclado com a prata de sua idade. E ali ele via que apenas estava, em um lugar à parte. E absolutamente sozinho. Em paz.

— Não guardo nenhum mal em meu coração — ele disse, ouvindo a própria voz vir lenta, de muito longe. — Esse mal não me atinge.

Outros poderão vir, mas não este. Não aqui. Não agora.

— Compreendo — sussurrou a velha mulher, e continuou a pentear seus cabelos conforme a fumaça branca se erguia, silenciosa, na direção do buraco, para o céu.

*SANGUE INFECTADO*

*Junho de 1774*

Sentei-me sobre os calcanhares e me espreguicei, cansada, mas satisfeita.

Minhas costas doíam, meus joelhos rangiam como dobradiças, minhas unhas estavam cobertas de crostas de terra e fios dos meus cabelos grudavam-se no meu pescoço e nas faces — mas as novas safras de feijões, cebolas, nabos e rabanetes estavam plantadas, os repolhos livres das ervas daninhas e selecionados, e uma dúzia de grandes arbustos de amendoim haviam sido arrancados e colocados para secar nas paliçadas da horta, a salvo dos esquilos saqueadores.

Ergui os olhos para o sol; ainda acima das castanheiras. Tempo suficiente, portanto, antes do jantar, para uma última tarefa ou duas.

Levantei-me e inspecionei meu pequeno reino, debatendo comigo mesma onde melhor despender o tempo que me restava. Arrancar a gatária e a erva-cidreira que ameaçavam tomar conta do canto mais distante da horta? Trazer cestos de estrume já preparado do monte atrás do estábulo? Não, isso era trabalho para homem.

Ervas? Meus três pés de lavanda francesa estavam da altura dos joelhos, densos de talos delgados com as mechas azul-arroxeadas nas pontas, e o milefólio estava em plena florescência, com pencas de flores brancas, cor-de-rosa e amarelas. Esfreguei o dedo sob o meu nariz que coçava, tentando me lembrar se aquela era a fase adequada da lua para podar o milefólio. Lavanda e alecrim, entretanto, deviam ser cortados de manhã, quando os óleos voláteis afloravam com o sol; os aromas não eram tão fortes se cortados mais tarde no dia.

Portanto, arrancar a gatária. Peguei a enxada que deixara apoiada na cerca, vi um rosto olhando maliciosamente através da paliçada e comecei a correr para trás, meu coração saltando para a boca.

— Oh! — Meu visitante também deu um salto para trás, igualmente assustado. — Bitte, senhora! Não pretendia assustá-la.

Era Manfred McGillivray, espreitando timidamente pelas trepadeiras pendentes da ipomeias e do yam mexicano. Ele chegara pela manhã, trazendo um embrulho em lona, contendo vários mosquetes para Jamie.

— Tudo bem. — Abaixei-me para pegar a enxada que havia largado.

— Está procurando Lizzie? Ela está...

— Ah, não, senhora. Quer dizer, eu... posso dar uma palavrinha com a senhora? — ele perguntou repentinamente. — A sós? — Claro. Entre aqui. Podemos conversar enquanto eu capino.

Ele assentiu e deu a volta para entrar pelo portão. O que ele poderia querer comigo?, me perguntei. Estava de casaco e botas, ambos cobertos de poeira, e suas calças estavam muito amarrotadas. Ele andara cavalgando a algum lugar, portanto não viera apenas da cabana de sua família — e ele ainda não entrara na casa; a sra. Bug teria limpado suas roupas, sem dúvida.

— De onde está vindo? — perguntei, oferecendo-lhe uma cumbuca de água do meu balde. Ele aceitou, bebendo sofregamente, depois limpou a boca educadamente na manga do casaco.

— Obrigado, senhora. Estive em Hillsboro, para buscar... hã... as coisas para o sr. Fraser.

— É mesmo? É bastante longe — eu disse, brandamente.

Um ar de profunda inquietação atravessou seu rosto. Ele era um rapaz de boa aparência, bronzeado e bonito como um fauno sob sua cabeleira cacheada e escura, mas agora parecia quase furtivo, olhando para trás por cima do ombro, na direção da casa, como se temesse ser interrompido.

— Eu... hum... bem, tem a ver, um pouco, com o assunto que eu queria tratar com a senhora.

— Oh? Bem... — Fiz um gesto cordial, indicando que ele devia se sentir à vontade para desabafar e virei-me para começar a capinar, para que ele se sentisse menos constrangido. Eu começava a suspeitar do que ele queria me pedir, embora não soubesse ao certo o que Hillsboro teria a ver com isso.

— É que... ah... bem, tem a ver com Lizzie — ele começou, entrelaçando as mãos nas costas.

— Sim? — eu disse de forma encorajadora, quase certa de que estava correta em minhas suposições. Olhei para o lado oeste da horta, onde as abelhas zumbiam alegremente entre os talos floridos, altos e amarelos, das plantas dauco. Bem, ao menos era melhor do que a noção do século XVIII de camisa de vénus.

— Não posso me casar com ela — ele proferiu, abruptamente.

— O quê? — Parei de capinar e empertiguei-me, fitando-o. Seus lábios estavam comprimidos com força e eu via agora que aquilo que eu interpretara como timidez fora sua tentativa de

disfarçar uma profunda infelicidade que agora se estampava claramente nas linhas de seu rosto.

— É melhor você vir se sentar. — Eu o conduzi ao pequeno banco que Jamie havia construído para mim, sob a sombra de uma árvore gomífera escura que se projetava no lado norte da horta. Ele sentou-se, a cabeça abaixada e as mãos presas entre os joelhos.

Tirei meu chapéu de sol de abas largas, enxuguei o rosto no avental e preendi melhor meus cabelos no alto da cabeça, inspirando o frescor dos abetos e dos bálsamos que cresciam na encosta acima.

— O que foi? — perguntei delicadamente, vendo que ele não sabia como começar. — Receia que talvez não a ame? Ele me lançou um olhar espantado, depois virou a cabeça novamente para o forçado exame de seus joelhos.

— Oh. Não, senhora. Quer dizer... não amo, mas isso não é o problema.

— Não? — Não. Quer dizer... tenho certeza de que acabaríamos gostando um do outro, meine Mutter sempre diz isso. Gosto muito dela, sem dúvida — acrescentou apressadamente, como se temesse que suas palavras pudessem soar insultuosas. — Meu pai diz que ela é uma boa menina e minhas irmãs gostam muito dela.

Fiz um som neutro. Já tinha minhas dúvidas sobre este casamento e estava começando a parecer que eram justificáveis.

— Existe... talvez uma outra pessoa? — perguntei delicadamente.

Manfred sacudiu a cabeça devagar e eu o ouvi engolir com força.

— Não, senhora — ele disse, em voz baixa.

— Tem certeza? — Sim, senhora. — Ele inspirou fundo. — Quer dizer... houve. Mas isso agora já acabou.

Fiquei intrigada. Se ele havia decidido renunciar a essa outra jovem misteriosa — quer por medo de sua mãe ou por alguma

outra razão —, então, o que o estaria impedindo de levar adiante seu casamento com Lizzie? — A outra moça... por acaso ela é de Hillsboro? — As coisas estavam começando a clarear. Quando o conheci, e à sua família, pela primeira vez, na Assembleia, suas irmãs haviam trocado olhares significativos à menção das visitas de Manfred a Hillsboro. Elas sabiam de alguma coisa, mesmo que Ute não soubesse.

— Sim. Foi por isso que fui a Hillsboro. Quer dizer, eu tinha que ir, para os... hã... Mas pretendia ver... Myra... e contar-lhe que eu me casaria com a srta. Wemyss e não podia mais ir vê-la.

— Myra. — Então, ela possuía um nome, ao menos. Recostei-me no banco, batendo o pé pensativamente. — Você pretendia... quer dizer que, afinal, não a viu? Ele sacudiu a cabeça outra vez e vi uma lágrima cair e espalhar-se repentinamente no tecido rústico e empoeirado de suas calças.

— Não, senhora — ele disse, a voz entrecortada. — Não pude. Ela tinha morrido. — Oh, meu Deus — eu disse, brandamente. — Oh, sinto muito. — As lágrimas caíam sobre seus joelhos, fazendo manchas úmidas no tecido, e seus ombros sacudiam-se, mas ele não emitiu nenhum som.

Estendi os braços e o abracei, segurando-o com força contra meu ombro. Seus cabelos eram macios e maleáveis, e sua pele afogueada de calor contra meu pescoço. Senti-me impotente para lidar com sua dor; ele era crescido demais para ser confortado meramente com afagos, era jovem demais — talvez — para encontrar qualquer consolo em palavras.

Não havia nada que eu pudesse fazer no momento além de abraçá-lo.

Ele, entretanto, passou os braços ao redor de minha cintura e ficou agarrado a mim por vários minutos depois de suas lágrimas terem estancado. Continuei abraçando-o em silêncio, dando tapinhas em suas costas e vigiando através das sombras verdes e

bruxuleantes das paliçadas cobertas de trepadeiras, com receio de que alguém viesse me procurar na horta.

Finalmente, ele suspirou, soltou-me e sentou-se direito. Tateei em busca de um lenço e, não encontrando nenhum, tirei o avental e entreguei-o a ele para enxugar o rosto.

— Você não precisa se casar já — eu disse, quando ele parecia ter recuperado o controle. — É perfeitamente compreensível que tire um pouco de tempo para... para sarar. Podemos encontrar alguma desculpa para adiar o casamento. Falarei com Jamie...

Mas ele sacudia a cabeça, um olhar de triste determinação tomando o lugar das lágrimas.

— Não, senhora — ele disse, a voz baixa, mas categórica. — Não posso.

— Por que não? — Myra era uma prostituta, senhora. Ela morreu da doença francesa.

Então, ele ergueu os olhos para mim e eu vi o terror em seus olhos, por trás do pesar.

— E acho que peguei a doença.

— Tem certeza? — Jamie largou o casco que andara aparando e olhou friamente para Manfred.

— Eu tenho certeza — eu disse, asperamente. Eu obrigara Manfred a me mostrar a comprovação, na verdade, eu tirara uma amostra, raspas, da lesão para examinar no microscópio, depois o levei diretamente para falar com Jamie, mal esperando que o rapaz fechasse as calças.

Jamie olhava fixamente para Manfred, obviamente tentando decidir o que dizer. Manfred, roxo do estresse duplo da confissão e do exame, abaixou os próprios olhos diante daquele olhar de basilisco, fitando uma meia-lua de aparado de casco preto que jazia no chão. — Sinto muito, senhor — ele murmurou. — Eu... eu não pretendia...

— Imagino que ninguém pretenda — Jamie disse. Respirou fundo e emitiu uma espécie de rosnado surdo que fez Manfred encolher os ombros e tentar enfiar a cabeça, como uma tartaruga, nos confins mais seguros de sua roupa.

— Ele agiu corretamente, afinal — ressaltei, tentando apresentar o lado mais positivo da situação. — Ao contar a verdade. Jamie resfolegou desdenhosamente.

— Bem, ele não podia estar contaminando Lizzie agora, não é? Seria pior do que ter ido com uma prostituta.

— Imagino que alguns homens simplesmente silenciariam sobre isso e torceriam pelo melhor.

— Sim, alguns fariam isso. — Ele estreitou os olhos para Manfred, evidentemente buscando indicações evidentes de que Manfred pudesse ser um vilão desse tipo.

Gideon, que não gostava que mexessem em seus cascos e, conseqüentemente, estava de mau humor, bateu as patas com força, por pouco não pegando o próprio pé de Jamie. Ele atirou a cabeça para trás e emitiu um ruído ribombante que eu achei, grosso modo, semelhante ao próprio rosnado de Jamie.

— Sim, bem. — Jamie parou de olhar fixamente para Manfred e agarrou o cabresto de Gideon. — Vá para casa com ele, Sassenach. Vou terminar aqui, depois chamaremos Joseph e veremos o que fazer.

— Está bem. — Hesitei, sem saber se devia falar na frente de Manfred. Eu não queria elevar muito suas esperanças, enquanto não tivesse a oportunidade de examinar as amostras no microscópio.

As espiroquetas da sífilis eram muito características, mas eu não achava que tinha um corante que me permitisse vê-las com um microscópio simples como o meu. E, embora achasse que minha penicilina feita em casa provavelmente pudesse eliminar a infecção, eu não teria nenhuma maneira de saber com certeza, a menos que



pudesse vê-las, e depois ver que haviam desaparecido de seu sangue.

Contentei-me em dizer: — Eu tenho penicilina, veja bem.

— Sei disso muito bem, Sassenach. — Jamie transferiu seu olhar maligno de Manfred para mim. Eu havia salvado sua vida com penicilina, duas vezes, mas ele não gostara do processo. Com um ruído escocês que nos dispensava, abaixou-se e pegou o enorme casco de Gideon outra vez.

Manfred parecia um pouco traumatizado e não disse nada no caminho de casa. Hesitou à porta do consultório, olhando nervosamente do brilhante microscópio para a caixa aberta de instrumentos cirúrgicos, e em seguida para as tigelas cobertas alinhadas sobre a bancada, onde eu cultivava minhas colônias de penicilina.

— Entre — eu disse, mas fui obrigada a estender o braço e puxá-lo pela manga antes que ele atravessasse a soleira da porta. Ocorreu-me que ele nunca estivera no consultório antes; ficava a uns oito quilômetros da casa dos McGillivray e Frau McGillivray era perfeitamente capaz de lidar com as doenças leves de sua família.

Eu não estava me sentindo extremamente benevolente com Manfred no momento, mas dei-lhe um banquinho para se sentar e perguntei se gostaria de uma xícara de café. Achei que ele provavelmente precisava de um drinque puro, se estava prestes a ter uma conversa com Jamie e Joseph Wemyss, mas achei melhor mantê-lo lúcido.

— Não, senhora — ele disse, engolindo em seco, pálido. — Não, obrigado.

Ele parecia extremamente jovem, e muito assustado.

— Enrole a manga da camisa, então. Vou tirar um pouco de sangue, mas não vai doer muito. Como você conheceu a, hã, jovem? Myra, não era esse seu nome?

— Sim, senhora. — Lágrimas assomaram aos seus olhos ao ouvir seu nome; imagino que ele realmente a tivesse amado, pobre rapaz, ou achava que sim.



Conhecera Myra em uma taverna em Hillsboro. Ela parecera amável, ele disse, e era muito bonita, e, quando ela pediu ao jovem armeiro para lhe pagar um copo de gim, ele aquiesceu, sentindo-se importante.

— Assim, bebemos um pouco juntos, e ela riu para mim e...  
— Ele pareceu não saber, mas acordou em sua cama. Isso selara a questão, no que lhe dizia respeito, e desde então ele aproveitava qualquer desculpa para ir a Hillsboro.

— Quanto tempo durou esse caso? — perguntei, interessada. Não possuindo uma seringa apropriada para colher sangue, eu meramente furei a veia na parte interna do cotovelo com uma lanceta e recolhi o sangue que afluía em um pequeno frasco.

Aparentemente, há quase dois anos.

— Eu sabia que não podia me casar com ela — ele explicou ansiosamente. — Meine Mutter jamais... — Deixou a voz sumir, adotando uma expressão de coelho assustado ouvindo cães de caça nas imediações. — Gruss Gott! — exclamou. — Minha mãe!

Eu mesma estivera pensando nesse aspecto do caso em particular.

Ute McGillivray não ficaria nem um pouco satisfeita de saber que seu motivo de orgulho e alegria, seu único filho, contraía uma doença vergonhosa, e mais ainda, uma doença que levaria ao rompimento de seu noivado cuidadosamente engendrado e muito provavelmente a um escândalo que chegaria ao conhecimento de

toda a zona rural. O fato de geralmente ser uma doença fatal decerto seria uma preocupação secundária.

— Ela vai me matar! — ele disse, descendo do banquinho e desenrolando apressadamente a manga da camisa. — Acho que não — eu disse serenamente. — Embora eu imagine...

Nesse momento conturbado, ouviu-se o som da porta dos fundos abrindo-se e vozes na cozinha. Manfred empertigou-se, os cachos escuros estremecendo de susto. A seguir, passos pesados começaram a descer o corredor na direção do consultório e ele arremeteu-se pela sala, lançou uma perna por cima do parapeito da janela e fugiu, correndo à disparada na direção das árvores.

— Volte aqui, idiota! — berrei pela janela aberta.

— Quem é o idiota, tia? — Virei-me e vi que os passos pesados pertenciam ao Jovem Ian, pesados porque ele carregava Lizzie Wemyss nos braços.

— Lizzie! Qual é o problema? Venha, coloque-a na mesa. — Vi imediatamente qual era o problema: um novo episódio de febre malária.

Ela estava mole, mas tremia ainda assim com calafrios, os músculos em contração sacudindo-a como uma gelatina.

— Encontrei-a na leiteria — Ian disse, depositando-a cuidadosamente sobre a mesa. — O Beardsley surdo saiu de lá correndo como se estivesse sendo perseguido pelo diabo, me viu e puxou-me para dentro. Ela estava no chão, com a desnatadeira virada ao seu lado.

Aquilo era muito preocupante — há algum tempo que ela não tinha um ataque, mas pela segunda vez o ataque sobreviera repentinamente demais para ela ter tempo de buscar ajuda, causando um colapso quase imediato.

— Prateleira de cima do armário — eu disse a Ian, apressadamente rolando Lizzie de lado e abrindo seus cadarços. — A jarra azulada... não, a grande.

Ele agarrou-a sem perguntas, removendo a tampa enquanto a trazia para mim.

— Jesus, tia! O que é isso? — Ele torceu o nariz com o cheiro do unguento.

— Gallberries e casca de cinchona em gordura de ganso, entre outras coisas. Pegue um pouco e comece a esfregar em seus pés.

Parecendo confuso, ele escrupulosamente pegou uma pequena quantidade da pomada roxo-acinzentada e fez o que lhe mandaram, os pequenos pés descalços de Lizzie quase desaparecendo entre as palmas grandes de suas mãos.

— Acha que ela vai ficar bem, tia? — Ele olhou para seu rosto, com ar preocupado. Seu aspecto era suficiente para preocupar qualquer um, a cor macilenta de soro de leite e a carne flácida, de modo que suas faces delicadas vibravam com os calafrios.

— Provavelmente. Feche os olhos, Ian. — Eu havia soltado suas roupas e agora retirava seu vestido, anáguas, bolsa interna e espartilhos.

Joguei um cobertor esfarrapado sobre ela antes de puxar sua combinação por cima da cabeça, ela possuía apenas duas e não iria querer estragar uma delas com o mau cheiro do unguento. Ian havia obedientemente fechado os olhos, mas continuava a esfregar o medicamento metodicamente em seus pés, as sobrancelhas ligeiramente franzidas, o ar de preocupação emprestando-lhe por um instante uma breve, mas surpreendente, semelhança com Jamie.

Puxei a jarra na minha direção, peguei uma boa porção do unguento e, enfiando a mão embaixo do cobertor, comecei a esfregá-lo na pele mais fina das axilas, depois em suas costas e barriga. Eu podia sentir os contornos de seu fígado distintamente, uma massa grande, firme, sob as costelas. Inchado, e sensível, pela

maneira como crispou o rosto ao toque de minha mão; havia algum dano em andamento ali, sem dúvida.

— Posso abrir os olhos agora? — Oh, sim, claro. Esfregue mais pelas suas pernas, Ian, por favor.

— Empurrando a jarra de volta em sua direção, percebi de relance um breve movimento na entrada. Um dos gêmeos Beardsley estava parado lá, agarrado ao batente, os olhos escuros fixos em Lizzie. Kezzie, devia ser; Ian dissera "o Beardsley surdo" fora buscar ajuda.

— Ela vai ficar boa — eu disse a ele, erguendo a voz, e ele balançou a cabeça uma vez, depois desapareceu, com um único olhar fulminante para Ian.

— Com quem você estava gritando, tia Claire? — Ian ergueu os olhos para mim, obviamente tanto para preservar o recato de Lizzie quanto em cortesia para mim; o cobertor estava virado para cima e suas mãos enormes esfregavam unguento na pele acima do joelho, os polegares delicadamente desenhando círculos nas curvas pequenas e arredondadas de sua rótula, a pele tão fina que o osso perolado parecia quase visível através dela.

— Quem... oh, Manfred McGillivray — eu disse, lembrando-me repentinamente. — Droga! O sangue! — Endireitei-me com um salto e limpei as mãos apressadamente no avental. Graças a Deus, eu havia tampado o frasco; o sangue dentro dele ainda estava líquido. Mas não iria durar muito.

— Unte os braços e mãos dela, sim, Ian? Tenho que cuidar disso depressa.

Ele passou obedientemente a fazer o que eu disse, enquanto eu apressadamente derramava uma gota de sangue em cada uma de várias lâminas, passando uma lâmina limpa por cima de cada uma para obter um esfregaço. Que tipo de corante funcionaria com espiroquetas? Não sabia; tentaria todas.

Expliquei a questão desconexamente para Ian, enquanto retirava garrafas de corante do armário, fazia a solução e colocava as lâminas de molho.

— Sífilis? Coitado. Deve estar quase louco de medo. — Ele colocou o braço de Lizzie, brilhante do unguento, embaixo do cobertor e ajeitou a coberta delicadamente em volta do seu corpo.

Fiquei momentaneamente surpresa diante dessa demonstração de pena, mas depois me lembrei. Ian fora exposto à sífilis alguns anos antes, após seu sequestro por Geillis Duncan; eu não tinha certeza na época de que ele adquirira a doença, mas ministrara-lhe o que restava da minha penicilina do século XX, por precaução.

— Mas você não lhe disse que podia curá-lo, tia? — Não tive a oportunidade. Embora eu não tenha certeza absoluta de que possa, para ser franca. — Sentei-me no banquinho e peguei a outra mão de Lizzie, tomando seu pulso.

— Não tem? — Suas sobrancelhas cabeludas ergueram-se. — Você me disse que eu estava curado.

— Você está — garanti-lhe. — Se é que chegou a ter a doença, para começar. — Lancei-lhe um olhar incisivo. — Você nunca teve uma ferida no seu membro, teve? Ou em algum outro lugar? Ele sacudiu a cabeça, mudo, uma forte onda de sangue manchando suas faces magras.

— Ótimo. Mas a penicilina que eu lhe dei era um pouco da que eu havia trazido de... bem, de antes. Era purificada. Muito forte e certamente potente. Quando uso esta, nunca posso ter certeza — gesticulei, indicando as tigelas de cultura sobre a bancada — se é bastante forte para funcionar ou mesmo se é a cepa certa... — Esfreguei as costas da mão sob o nariz; o unguento de gallberry tinha um cheiro muito penetrante.

— Nem sempre funciona. — Eu já tivera mais de um paciente com uma infecção que não reagiu a uma das minhas

preparações de penicilina, embora nesses casos eu geralmente fosse bem-sucedida com uma nova tentativa. Em alguns poucos casos, a pessoa se recuperara por conta própria antes de a segunda mistura estar pronta. Em um único caso, o paciente morreria, apesar da aplicação de duas misturas diferentes de penicilina.

Ian balançou a cabeça devagar, os olhos no rosto de Lizzie. O primeiro acesso de calafrios passara e ela jazia quieta, o cobertor mal se movendo sobre o leve arredondado de seu peito.

— Se você não tem certeza, então... certamente não o deixaria se casar com ela, não é? — Não sei. Jamie disse que iria falar com o sr. Wemyss, ver o que ele achava.

Levantei-me e tirei a primeira lâmina do banho rosado, sacudi as gotas remanescentes e, limpando a parte de baixo da lâmina, coloquei-a cuidadosamente na plataforma do meu microscópio.

— O que está procurando, tia? — Umas coisas chamadas espiroquetas. É o tipo particular de germes que causa a sífilis.

— Ah, sei. — Apesar da seriedade da situação, sorri, ouvindo o tom de ceticismo em sua voz. Eu já havia lhe mostrado micro-organismos antes, mas, como Jamie, como quase todo mundo, ele simplesmente não podia acreditar que algo quase invisível fosse capaz de causar dano. A única que pareceu ter aceitado o conceito sem restrições foi Malva Christie e, no caso dela, achei que a aceitação devia-se simplesmente a sua fé em mim.

Se eu lhe dizia alguma coisa, ela acreditava; muito animador, após anos de escoceses de todo tipo me olhando com diferentes graus de desconfiança nos olhos puxados.

— Você acha que ele foi para casa? Manfred?

— Não sei. — Falei distraidamente, movendo a lâmina lentamente para frente e para trás, buscando. Eu podia divisar as hemoglobinas, discos rosados que flutuavam pelo meu campo de visão, movendo-se a esmo, preguiçosamente, pelo corante aguado.

Nenhuma espiral mortal visível, mas isso não significava que não estavam lá, apenas que o corante que eu usara não devia revelá-los.

Lizzie remexeu-se e gemeu; eu me virei e vi suas pálpebras adejarem e ela abrir os olhos.

— Pronto, menina — Ian disse suavemente, e sorriu para ela. — Está melhor?

— Estou? — ela disse, debilmente. Ainda assim, os cantos de sua boca ergueram-se ligeiramente e ela estendeu a mão de baixo do cobertor, tateando. Ele segurou-a na sua, dando-lhe uns tapinhas.

— Manfred — ela disse, virando a cabeça de um lado para o outro, os olhos entreabertos. — Manfred está aqui?

— Hum... não — eu disse, trocando um rápido olhar de consternação com Ian. Quanto ela ouvira?

— Não, ele esteve aqui, mas ele... já se foi agora.

— Oh. — Parecendo perder o interesse, ela fechou os olhos outra vez. Ian abaixou os olhos para ela, ainda afagando sua mão. Seu rosto demonstrava profunda compaixão, com talvez um toque de maquinação.

— Devo levá-la para sua cama lá em cima? — ele perguntou suavemente, como se ela pudesse estar dormindo. — E depois talvez ir procurar...? — Inclinou a cabeça na direção da janela aberta, erguendo uma das sobrancelhas.

— Por favor, faça isso, Ian. — Hesitei e seus olhos fitaram os meus, castanho-claros, profundos e meigos de preocupação e da sombra de sofrimentos passados. — Ela vai ficar bem — eu disse, tentando incutir confiança nas palavras.

— Sim, vai — ele disse com firmeza, e inclinou-se para pegá-la no colo, ajeitando o cobertor ao redor de seu corpo. — Se posso dizer alguma coisa sobre isso.



*QUANDO AS COISAS DÃO ERRADO*

Manfred McGillivray não voltou. Ian, sim, com um olho roxo, nós dos dedos esfolados e o relatório resumido de que Manfred declarara a firme intenção de ir embora e se enforcar, e já ia tarde, o famigerado filho da mãe, e que suas entranhas podres esguichassem para fora, como as de Judas Escariotes, o traidor fedorento. Em seguida, subiu as escadas batendo os pés e ficou parado em silêncio junto à cama de Lizzie por algum tempo.

Ouvindo isso, eu esperava que a declaração de Manfred fosse meramente resultado de um desespero temporário — e me amaldiçoei por não ter lhe dito imediatamente e da maneira mais convincente possível que ele podia ser curado, quer fosse absolutamente verdade ou não. Certamente, ele não iria...

Lizzie estava semiconsciente, prostrada com as febres altas e os calafrios da malária, e obviamente sem condições de ser informada da deserção de seu noivo, nem da causa disso. Entretanto, eu iria ter que fazer algumas perguntas delicadas, assim que ela estivesse apta, porque havia a possibilidade de que ela e Manfred tivessem antecipado seus votos de casamento, e se assim fosse...

— Bem, há um único fator a respeito disso — Jamie observou gravemente. — Os gêmeos Beardsley estavam se preparando para perseguir nosso rapaz sífilítico e castrá-lo, mas agora que ouviram dizer que ele pretende se enforcar resolveram magnanimamente que já serve.

— Graças a Deus pelas pequenas bênçãos — eu disse, desmoronando no banco junto à mesa. — Eles seriam capazes de fazer isso mesmo. — Os Beardsley, particularmente Josiah, eram excelentes rastreadores e não costumavam fazer promessas vãs.

— Oh, seriam, sim — Jamie assegurou-me. — Estavam seriamente afiando suas facas quando os encontrei e lhes disse para não se darem ao trabalho.

Reprimi um sorriso involuntário à imagem dos Beardsley, inclinados, lado a lado, junto a uma pedra de amolar, os rostos escuros e magros com a mesma expressão feroz de vingança, mas o lampejo momentâneo de humor desapareceu.

— Oh, meu Deus. Precisamos contar aos McGillivray. Jamie assentiu, empalidecendo diante da ideia, mas empurrou o banco para trás.

— É melhor eu ir agora mesmo.

— Não até comer alguma coisa. — A sra. Bug colocou um prato de comida firmemente diante dele. — Não vai querer lidar com Ute McGillivray de barriga vazia.

Jamie hesitou, mas evidentemente achou que seu argumento tinha mérito, pois pegou seu garfo e dedicou sua atenção ao ragu de carne de porco com grave determinação.

— Jamie...

— Sim? — Talvez você devesse deixar os Beardsley procurarem Manfred.

Não para feri-lo, não estou dizendo isso... mas precisamos encontrá-lo.

Ele vai morrer disso se não for tratado.

Ele parou, uma garfada de ragu a caminho da boca, e me fitou por baixo das sobrancelhas abaixadas.

— Sim, e se o encontrarem ele vai morrer disso, Sassenach.

— Sacudiu a cabeça e o garfo completou sua jornada. Ele mastigou e engoliu, evidentemente completando seu plano enquanto o fazia.

— Joseph está em Bethabara, namorando. Será preciso contar-lhe e, por direito, eu deveria ir buscá-lo para ele ir comigo aos McGillivray.

Mas... — Hesitou, obviamente visualizando o sr. Wemyss, esse homem tão tímido e conciliatório, e certamente não o melhor modelo de um aliado útil. — Não, eu vou e conto a Robin. Talvez ele mesmo comece a procurar o rapaz, ou Manfred pode ter pensado melhor e já ter corrido para se refugiar em casa.

Esse era um pensamento animador e eu me despedi dele com esperança. Mas ele retornou por volta da meia-noite, de cara fechada e calado, e entendi que Manfred não voltara para casa.

— Contou aos dois? — perguntei, afastando a coberta para ele entrar na cama ao meu lado. Ele cheirava a cavalo e a noite, fria e pungente.

— Pedi a Robin para caminhar comigo lá fora e lhe contei. Não tive coragem de contar diretamente a Ute — ele admitiu. Sorriu para mim, aconchegando-se sob a coberta. — Espero que não me considere um grande covarde, Sassenach.

— Não, na verdade não — garanti-lhe, inclinando-me para soprar e apagar a vela. — A discrição é a melhor parte da coragem.

Fomos acordados pouco antes do amanhecer por batidas retumbantes na porta. Rollo, que estava dormindo no patamar, disparou escada abaixo, com rugidos ameaçadores. Foi seguido de perto por Ian, que estivera sentado ao lado da cama de Lizzie, em vigília enquanto eu dormia. Jamie saltou da cama e, agarrando uma pistola carregada de cima do armário, correu para se unir à bulha.

Em choque e atordoada — eu dormia há menos de uma hora —, sentei-me na cama com um salto, o coração disparado. Rollo parou de latir por um instante e eu ouvi Jamie gritar "Quem é?" através da porta.

A pergunta foi recebida com novas batidas que ecoaram pela escada acima e pareceram sacudir a casa, acompanhadas por

uma voz feminina alterada que teria honrado Wagner em um de seus modos mais vigorosos. Ute McGillivray.

Comecei a me esforçar para sair de baixo das cobertas. Enquanto isso, uma confusão de vozes, novos latidos, o rangido do ferrolho da porta sendo levantado — e em seguida mais vozes confusas, todas muito altas. Corri para a janela e olhei para fora; Robin McGillivray estava parado no pátio, tendo evidentemente acabado de desmontar de uma de duas mulas.

Ele parecia muito mais velho, e um pouco abatido, como se o espírito o tivesse abandonado, levando todas as suas forças e deixando-o flácido. Ele desviou a cabeça da confusão que se desenrolava no alpendre, fechando os olhos. O sol acabava de nascer, e a luz clara e límpida mostrou todas as rugas e cavidades de exaustão e uma desesperada infelicidade em seu rosto.

Como se pressentisse que eu o observava, abriu os olhos e ergueu o rosto para a janela. Estava desalinhado, os olhos vermelhos. Ele me viu, mas não respondeu meu aceno hesitante. Em vez disso, virou-se outra vez, fechando os olhos, e ficou parado, esperando.

A briga no térreo havia passado para dentro de casa e parecia estar avançando pela escada, impulsionada por uma onda de protestos escoceses e berros germânicos, pontuados por latidos entusiásticos de Rollo, sempre disposto a contribuir com seus esforços para animar as festividades.

Peguei meu roupão do gancho, porém mal havia enfiado um dos braços nele quando a porta do quarto foi aberta com violência, batendo com tanta força na parede que ricocheteou e atingiu-a no peito. Nem um pouco desencorajada, ela escancarou-a de novo e avançou para mim como um rolo compressor, a touca torta e os olhos flamejando.

— Você! Weibchen! Como ousa, tal insulto, dizer tais mentiras sobre meu filho! Vou matar você, arrancar seus cabelos,

nighean na galladh! Você...

Arremessou-se sobre mim e eu me atirei para o lado, evitando por pouco que agarrasse meu braço.

— Ute! Frau McGillivray! Ouça...

A segunda investida foi mais bem-sucedida; ela agarrou a manga da minha camisola e puxou com um safanão, arrancando a roupa do meu Com um barulho de tecido rasgado, enquanto tentava arranhar meu rosto com a mão livre.

Dei um salto para trás e gritei com todas as minhas forças, meus nervos relembrando por um terrível instante a mão de alguém esmurrando meu rosto, mãos puxando-me...

Ataquei-a, a força do terror inundando meus membros, gritando, gritando, algum minúsculo remanescente de racionalidade em meu cérebro observando tudo, confuso, estupefato — mas completamente incapaz de parar o pânico animal, a fúria irracional que irrompia de algum poço profundo e insuspeito.

Continuei a atacar, golpeando cegamente, gritando — perguntando-me, no momento mesmo em que o fazia, por que, por que eu estava agindo assim? Um braço agarrou-me pela cintura e eu fui erguida do chão. Um novo jorro de pânico me percorreu de cima a baixo e então eu me vi repentinamente sozinha, intocada. Eu estava de pé no canto junto ao armário, oscilando embriagadamente, arfando. Jamie estava à minha frente, os ombros tensionados, os cotovelos erguidos, protegendo-me como um escudo.

Ele falava, muito calmamente, mas eu perdera a capacidade de dar sentido às palavras. Pressionei as mãos às costas, contra a parede, e senti uma certa sensação de conforto com a sua solidez.

Meu coração ainda martelava nos meus ouvidos, o som da minha própria respiração, assustando-me, era muito semelhante ao som arquejante quando Harley Bobble quebrara meu nariz. Fechei a

boca com força, tentando parar. Prender a respiração pareceu dar resultado e eu só permitia pequenas inalações através do meu nariz agora perfeito outra vez.

O movimento da boca de Ute atraiu minha atenção e eu a fitei, tentando me fixar novamente no tempo e no espaço. Eu ouvia palavras, mas não conseguia dar o salto que me fizesse compreendê-las. Respirei, deixando as palavras fluírem sobre mim como água, captando a emoção que carregavam — raiva, lógica, protesto, conciliação, estridência, reclamação —, mas nenhum sentido explícito.

Então, respirei fundo, limpei o rosto — fiquei surpresa de ver que estava molhado — e repentinamente, com um estalo, tudo voltou ao normal. Eu podia ouvir e compreender.

Ute olhava fixamente para mim, a raiva e a aversão claramente estampadas em seu rosto, mas emudecida por um terror oculto.

— Você é louca — ela disse, balançando a cabeça. — Já entendi. — Ela soava quase calma a essa altura. — Muito bem, então.

Voltou-se para Jamie, automaticamente torcendo para cima um punhado de cabelos louros e grisalhos que haviam se soltado, enfiando-os embaixo da touca enorme. A fita se rasgara; uma laçada pendurava-se absurdamente sobre um dos seus olhos.

— Então, ela é louca. Reconheço, mas ainda assim, meu filho, o meu filho!, desapareceu. — Muito bem. — Continuou parada, o peito subindo e descendo, examinando-me, e sacudiu a cabeça, voltando-se novamente para Jamie.

— Salem está fechada para você — ela disse sumariamente. — Minha família, aqueles que nos conhecem... eles não mais farão negócios com vocês. Nem nenhuma outra pessoa com quem eu falar, para lhes contar a vileza do que ela fez. — Seu olhar deslizou

novamente para mim, um olhar azul, frio, glacial, e seu lábio curvou-se em um esgar de desdém sob a laçada da fita rasgada.

— Você está excluída — ela disse. — Você não existe mais.  
— Girou nos calcanhares e saiu, forçando Ian e Rollo a se afastarem para o lado apressadamente para sair de seu caminho. Seus passos soaram pesadamente na escada, um passo calculado, marcante, como o dobrar de um sino transitório.

Vi a tensão nos ombros de Jamie relaxar, pouco a pouco. Ele ainda estava em sua camisa de dormir — havia uma mancha úmida entre as omoplatas — e ainda segurava a pistola na mão.

A porta da frente fechou-se com um estrondo lá embaixo. Todos ficaram imóveis, estarelecidos.

— Você não teria realmente atirado nela, teria? — perguntei, limpando a garganta.

— O quê? — Ele virou-se, olhando-me fixamente. Então, viu a direção do meu olhar e fitou a pistola em sua mão, como se perguntasse a si mesmo de onde teria vindo aquilo.

— Oh — disse — não. — E sacudiu a cabeça, esticando-se para colocá-la de volta em cima do armário. — Esqueci que estava com ela.

Embora Deus saiba muito bem como eu gostaria de atirar na maldita velha — acrescentou. — Você está bem, Sassenach? Inclinou-se para olhar bem para mim, os olhos enternecidos de preocupação.

— Estou bem. Não sei o que... mas está tudo bem. Já passou, agora.

— Ah — ele disse suavemente, e desviou o rosto, as pálpebras abaixando-se para ocultar seus olhos. Ele teria sentido isso também? Vir-se repentinamente... de volta? Eu sabia que isso já lhe acontecera algumas vezes. Lembrava-me de acordar em Paris e vê-lo agarrado a uma janela aberta, pressionando o batente com tanta força que os músculos de seus braços eram visíveis ao luar.

— Está tudo bem — repeti, tocando-o, e ele me deu um sorriso breve e tímido.

— Você devia ter mordido a velha — Ian dizia veementemente a Rollo. — Ela tem um traseiro do tamanho de um barril de tabaco, por que não fez isso?

— Talvez por medo de ser envenenado — eu disse, saindo do meu canto. — Você acha que ela falava a sério... não, é claro que falava. Mas acha que ela pode fazer isso? Impedir que alguém pare de fazer negócios conosco, quero dizer.

— Ela pode impedir Robin — Jamie disse, uma certa gravidade retornando à sua expressão. — Quanto aos outros... veremos.

Ian sacudiu a cabeça, franzindo o cenho, e esfregou o punho cerrado cautelosamente contra a coxa.

— Eu sabia que devia ter quebrado o pescoço de Manfred — ele disse, com verdadeiro pesar. — Poderíamos dizer a Frau Ute que ele caiu de uma pedreira e nos poupado muitos dissabores.

— Manfred? — A voz fina fez todos se virarem simultaneamente, para ver quem tinha falado.

Lizzie estava parada na soleira da porta, magra e pálida como um fantasma esfaimado, os olhos imensos e vidrados da febre recente.

— O que tem Manfred? — ela disse. Cambaleou perigosamente e estendeu a mão para a ombreira da porta, escorando-se para não cair. — O que aconteceu com ele?

— Bichado e desaparecido — Ian disse sumariamente, empertigando-se. — Espero que você não tenha lhe dado sua virgindade, não é? Verificou-se, por fim, que Ute McGillivray não foi inteiramente capaz de cumprir sua promessa, mas fez bastante estrago. O desaparecimento dramático de Manfred, o rompimento de seu noivado com Lizzie e o motivo disso foram um escândalo medonho, e a notícia espalhou-se de Hillsboro e Salisbury, onde ele



trabalhara de vez em quando como armeiro itinerante, a Salem e High Point.

Mas, graças aos esforços de Ute, a história ficou ainda mais confusa do que seria normal para tal intriga; alguns diziam que ele estava com sífilis, outros que eu maldosa e falsamente o acusara de estar sífilítico, por causa de uma imaginária desavença com seus pais. Outros, mais gentis, não acreditavam que Manfred estivesse com sífilis, mas diziam que sem dúvida eu me enganara.

Os que acreditavam que ele estivesse com sífilis dividiam-se quanto à maneira como ele se infectara, metade convencida de que ele contraíra a doença de alguma prostituta e grande parte dos demais especulando que a adquirira da pobre Lizzie, cuja reputação sofreu terrivelmente — até que Ian, Jamie e os gêmeos Beardsley, e até mesmo Roger, começaram a defender sua honra com os punhos, quando então as pessoas, é claro, não pararam de falar — mas pararam de falar onde qualquer dos paladinos pudesse ouvir diretamente. Todos os numerosos parentes de Ute em Wachovia, Salem, Bethabara, Bethania e arredores naturalmente acreditaram em sua versão da história, e as línguas trabalhavam sem parar. Nem toda Salem parou de fazer negócios conosco — mas muitas pessoas, sim. E, mais de uma vez, eu tive a experiência desalentadora de cumprimentar morávios que eu conhecia bem e vê-los passarem por mim sem me olhar, em frio silêncio, ou me darem as costas. Tantas vezes, que eu já não ia mais a Salem.

Lizzie, fora uma certa mortificação inicial, não parecia terrivelmente frustrada com o rompimento do noivado. Perplexa, confusa e pesarosa — ela disse — por Manfred, mas não desolada por perdê-lo. E como agora raramente saísse de Ridge não ouvia o que as pessoas falavam dela.

O que realmente a perturbava era a perda dos McGillivray — particularmente Ute.

— Sabe, senhora — ela me disse, melancolicamente —, eu nunca tive mãe, pois a minha morreu quando nasci. E depois Mutti — ela me pediu para chamá-la assim quando eu disse que me casaria com Manfred — disse que eu era sua filha, como Hilda, Inga e Senga. Ela me mimava, implicava e troçava de mim, exatamente como fazia com suas filhas. E era... tão bom, ter toda aquela família. E agora eu os perdi.

Robin, que sinceramente se apegara a ela, enviara-lhe um bilhete curto, pesaroso, furtivamente entregue com a ajuda de Ronnie Sinclair.

Mas desde o desaparecimento de Manfred nem Ute nem as filhas vieram visitá-la, nem enviaram uma única palavra.

Mas foi Joseph Wemyss o mais visivelmente afetado pelo caso. Ele não disse nada, obviamente não querendo tornar a situação pior para Lizzie — mas ele murchou, como uma flor privada da chuva. Além de sua dor por Lizzie, e sua aflição pela mancha em sua reputação, ele também sentia falta dos McGillivray, sentia falta da alegria e do conforto de repentinamente fazer parte de uma família grande e exuberante, após tantos anos de solidão.

Pior ainda, entretanto, fora o fato de que Ute, apesar de não ter conseguido levar inteiramente a cabo sua ameaça, conseguira influenciar seus parentes mais próximos — inclusive o pastor Berrisch, e sua irmã, Monika, que, Jamie me disse em particular, fora proibida de ver ou falar com Joseph outra vez.

— O pastor a enviou para ir morar com os parentes de sua mulher em Halifax — ele disse, sacudindo a cabeça tristemente. — Para esquecer.

— Oh, meu Deus.

E de Manfred, não havia o menor vestígio. Jamie mandara recado a todos os seus canais costumeiros, mas ninguém o vira desde sua fuga de Ridge. Eu pensava nele — e rezava por ele — diariamente, assombrada por imagens dele esgueirando-se sozinho

pela floresta, as espiroquetas mortais multiplicando-se em seu sangue a cada dia. Ou, pior ainda, seguindo para as Antilhas em algum navio, parando em cada porto para afogar suas mágoas nos braços De desavisadas prostitutas, a quem ele transmitiria a infecção silenciosa e fatal — e elas, por sua vez...

Ou, às vezes, a imagem assustadora de um feixe de roupas podres, penduradas de um galho de árvore, no meio da floresta, sem ninguém para prantear sua morte além de corvos que vinham arrancar sua carne dos ossos. E, apesar de tudo, eu não conseguia abrigar ódio por Ute McGillivray em meu coração — ela, que devia estar tendo esses mesmos pensamentos.

O único ponto luminoso nesse lúgubre lamaçal foi Thomas Christie que, ao contrário de minhas expectativas, permitiu que Malva continuasse a vir ao consultório, sua única exigência sendo que, se eu propusesse envolver sua filha em qualquer nova utilização do éter, ele deveria ser informado com antecedência.

— Lá estão — eu disse, recuando um passo e gesticulando para que ela olhasse através da ocular do microscópio. — Conseguir vê-las? Ela franziu os lábios em silencioso fascínio. Não foram poucos os esforços para encontrar uma combinação de corante e reflexo da luz solar que revelasse as espiroquetas, mas eu finalmente conseguira. Não eram fortemente visíveis, mas era possível distingui-las, se você soubesse o que estava procurando — e, apesar de minha completa convicção em meu diagnóstico original, fiquei aliviada ao vê-las.

— Oh, sim. Pequenas espirais. Posso vê-las claramente! — Ergueu os olhos para mim, piscando. — Está querendo me dizer que são essas coisinhas que infectaram Manfred? — Ela era educada demais para expressar ceticismo abertamente, mas eu podia vê-lo em seus olhos.

— Exatamente. — Eu havia explicado a teoria de doenças causadas por germes inúmeras vezes a uma variedade de ouvintes

céticos do século XVIII, e à luz dessa experiência tinha poucas expectativas de encontrar alguma recepção favorável. A reação normal era um olhar fixo e apalermado, uma risada indulgente ou um muxoxo desdenhoso, e eu mais ou menos esperava de Malva uma versão educada de uma dessas reações.

Para minha surpresa, entretanto, ela pareceu entender a ideia imediatamente — ou pelo menos fingiu.

— Muito bem. — Ela colocou as duas mãos sobre a bancada e espreitou novamente as espiroquetas. — Então, esses malditos bichinhos causam a sífilis. Como eles fazem isso? E por que aquelas coisinhas que você me mostrou dos meus dentes não me fazem doente? Expliquei-lhe, da melhor maneira possível, a ideia de "bichinhos bons" e "bichinhos indiferentes" versus "bichinhos maus", que ela pareceu entender facilmente — mas minha explicação de células e o conceito do corpo ser constituído delas deixaram-na olhando com o cenho franzido para a palma da mão, confusa, tentando distinguir as células individualmente.

Entretanto, afastou a dúvida e, fechando a mão no avental, voltou às suas perguntas.

Os bichinhos causavam todas as doenças? A penicilina — por que funcionava em alguns dos germes, mas não em todos? E como os bichinhos iam de uma pessoa a outra? — Alguns viajam pelo ar, é por isso que você deve evitar a proximidade de pessoas tossindo ou espirrando, e outros pela água, e é por isso que não deve beber água de um córrego que alguém usou como latrina, e alguns... bem, por outros meios. — Eu não sabia o quanto ela sabia a respeito de sexo entre os seres humanos, ela vivia em uma fazenda, obviamente sabia como os porcos, galinhas e cavalos se comportavam, e receava esclarecê-la, com receio do que seu pai pudesse vir a saber. Eu achava que ele iria preferir que ela estivesse lidando com éter.

Naturalmente, ela se lançou sobre minha evasiva.

— Outros meios? Que outros meios existem? — Com um suspiro interior, eu lhe contei.

— Eles fazem o quê? — ela disse, incrédula. — Os homens, quero dizer. Como um animal! Por que uma mulher deixaria um homem fazer isso com ela?

— Bem, eles são animais, você sabe — eu disse, reprimindo uma forte vontade de rir. — Assim como as mulheres. Quanto a por que uma pessoa... — Esfreguei meu nariz, procurando uma forma amena de colocar a questão. Mas ela se movia rapidamente à minha frente, juntando dois mais dois.

— Por dinheiro — ela disse, estupefata. — É isso que uma prostituta faz! Deixa que eles façam isso com ela por dinheiro.

— Bem, sim... mas as mulheres que não são prostitutas...

— As crianças, sim, você disse. — Ela balançou a cabeça, mas obviamente estava pensando em outras coisas; sua testa pequena e lisa estava enrugada de preocupação.

— Quanto elas ganham? — ela perguntou. — Eu iria querer muito dinheiro para deixar um homem...

— Não sei — eu disse, um pouco desconcertada. — Valores diferentes, imagino. Dependendo.

— Dependendo... oh, se ele talvez for feio, você quer dizer, se poderia cobrar mais? Ou se ela for feia... — Lançou-me um olhar rápido, interessado.

— Bobby Higgins me falou de uma prostituta que ele conheceu em Londres, mas sua beleza foi estragada por vitriolo. — Ela ergueu os olhos para o armário onde eu guardava o ácido sulfúrico sob sete chaves e estremeceu, os ombros delicados sacudindo-se de repugnância diante do pensamento.

— Sim, ele também me contou sobre ela. Vitriolo é o que chamamos um ácido... um líquido que queima. É por isso... Mas sua mente já retornara ao assunto que a fascinava.

— E pensar em Manfred McGillivray fazendo tal coisa! —  
Virou os olhos cinzentos arregalados para mim. — Bem, e Bobby.  
Ele deve ter feito isso, não é?

— Realmente acredito que os soldados costumam...

— Mas a Bíblia — ela disse, estreitando os olhos  
pensativamente.

— Ela diz que você não deve prostituir-se com imagens.  
Significa que os homens saem por aí enfiando seu pau em... você  
acha que as imagens se pareciam com mulheres?

— Tenho certeza de que não é isso que significa, não — eu  
disse, apressadamente. — É mais uma metáfora, sabe. Hã... cobiçar  
alguma coisa, acho que significa, não, hã...

— Cobiça — ela disse, pensativamente. — É desejar alguma  
coisa pecaminosa, não é?

— Sim, mais ou menos. — O calor começava a tremular  
sobre a minha pele, dançando em minúsculos véus. Eu precisava de  
ar fresco, depressa, ou iria ficar vermelha como um tomate e  
encharcada de suor.

Levantei-me para sair, mas achei que não devia deixá-la com  
a impressão de que sexo só tinha a ver com dinheiro ou bebês,  
embora assim pudesse ser, para algumas mulheres.

— Na verdade, existe uma outra razão para relações sexuais,  
sabe — eu disse, falando por cima do ombro enquanto me dirigia  
para a porta. — Quando você ama alguém, você quer lhe dar prazer.  
E ela quer fazer o mesmo para você.

— Prazer? — Sua voz ergueu-se atrás de mim, incrédula. —  
Quer dizer que algumas mulheres gostam?

*ABELHAS E VARAS*

Eu não estava de forma alguma espionando. Uma das minhas colmeias havia se mudado em massa e eu procurava minhas abelhas fugitivas.

Enxames novos em geral não se mudavam para muito longe, e paravam com frequência, em geral descansando por algumas horas na forquilha de uma árvore ou em uma tora aberta, onde se reuniam em uma bola, zumbindo. Se pudessem ser localizadas antes de tomarem uma decisão coletiva de onde iriam se assentar, geralmente podiam ser persuadidas a entrar em um cesto de colmeia tentadoramente vazio, e assim capturadas novamente.

O problema das abelhas é que elas não deixam pegadas. Agora, eu andava de um lado para o outro na encosta da montanha, a quase um quilômetro e meio da casa, o cesto vazio pendurado em uma corda sobre meu ombro, tentando seguir as instruções de Jamie relativas à caça e pensar como uma abelha.

Havia enormes áreas exuberantes de flores silvestres na encosta, bem acima de mim, mas havia uma atraente árvore morta — para uma abelha — projetando-se do mato cerrado mais abaixo na encosta.

O cesto de colmeia era pesado e a encosta bastante íngreme. Era mais fácil descer do que subir. Puxei a corda, que já começava a esfolar a pele do meu ombro para cima, e comecei a deslizar de lado

para baixo, através dos arbustos, firmando os pés em pedras e agarrando-me a galhos para não escorregar.

Concentrando-me nos pés, não prestei atenção onde eu estava.

Emergi em uma clareira nos arbustos de onde o telhado de uma cabana era visível, a certa distância abaixo de onde eu estava. De quem seria? Dos Christie, pensei. Enxuguei o suor que pingava da ponta do meu queixo com a manga do vestido; o dia estava quente e eu não levava um cantil. Talvez parasse na cabana e pedisse água quando estivesse voltando para casa.

Avançando finalmente até a árvore morta, fiquei decepcionada ao ver que não havia ali nenhum sinal do enxame. Fiquei parada, imóvel, enxugando o suor do rosto e ouvindo com atenção, na esperança de captar o revelador zumbido das abelhas. Ouvi o zunido e a zoadá de diversos insetos voadores, e a alegre algazarra de um bando de passarinhos em revoada, se alimentando de insetos, na encosta acima — mas nenhuma abelha.

Suspirei e me virei para contornar a árvore morta, mas parei, o olhar atraído por um lampejo branco lá embaixo. Thomas Christie e Malva estavam na pequena clareira nos fundos de sua cabana. Eu vira sua camisa de relance quando ele se moveu, mas agora ele estava parado, imóvel, os braços cruzados.

Sua atenção parecia fixa na filha, que cortava galhos de um freixo na borda da clareira. Para quê?, eu me perguntei.

Parecia haver algo muito peculiar naquela cena, embora eu não soubesse precisar o que era. Alguma atitude do corpo? Uma certa tensão entre eles? Malva virou-se e caminhou para o pai, vários galhos compridos e delgados na mão. Sua cabeça estava abaixada, seus passos eram arrastados e, quando lhe entregou os galhos, entendi subitamente o que estava acontecendo.

Estavam longe demais para que eu pudesse vê-los, mas ele aparentemente lhe disse alguma coisa, gesticulando bruscamente



na direção do toco que usavam para cortar lenha. Ela ajoelhou-se junto a ele, inclinou-se para frente e levantou as saias, expondo as nádegas nuas.

Sem hesitação, ele ergueu as varas finas e flexíveis e golpeou-as com força em seu traseiro, depois as golpeou novamente de volta na outra direção, produzindo marcas em cruz em sua carne, tão vívidas que eu podia ver mesmo àquela distância. Ele repetiu o gesto várias vezes, chicoteando as varas de um lado e do outro com uma deliberação metódica, cuja violência era ainda mais chocante por sua aparente falta de emoção.

Nem sequer me ocorreu desviar os olhos. Fiquei parada em estado de choque no meio dos arbustos, perplexa demais para sequer espantar os mosquitinhos que esvoaçavam pelo meu rosto.

Christie jogara fora as varas, girara nos calcanhares e entrara na casa antes que eu conseguisse piscar os olhos. Malva sentou-se nos calcanhares e sacudiu as saias para baixo, alisando o tecido cuidadosamente sobre o traseiro ao se levantar. Seu rosto estava afogueado, mas não chorava, nem parecia transtornada.

Ela está acostumada a isso. O pensamento veio espontaneamente.

Hesitei, sem saber o que fazer. Antes que pudesse decidir, Malva ajeitara a touca, virara-se e caminhava para o meio das árvores com um ar de determinação — vindo diretamente em minha direção.

Agachei-me atrás de um enorme tulipeiro, antes mesmo de ter consciência de que havia tomado uma decisão. Ela não estava ferida e eu tinha certeza de que não gostaria de saber que alguém havia visto o incidente.

Malva passou a poucos metros de mim, respirando pesadamente com a subida, resfolegando pelo nariz e murmurando de tal forma que eu achei que ela estava mais com raiva do que angustiada.

Espreitei cuidadosamente pelo lado do tulipeiro, mas vi apenas sua touca de relance, subindo e descendo entre as árvores. Não havia nenhuma cabana lá em cima e ela não carregava nenhum cesto ou ferramentas para coletar alimentos. Talvez ela só quisesse ficar sozinha, recobrar-se. Não seria nenhuma surpresa, se assim fosse.

Esperei até ela estar seguramente fora de vista e só então comecei a descer a encosta devagar. Não parei na cabana dos Christie, apesar de estar com tanta sede, e havia perdido inteiramente o interesse nas abelhas.

Encontrei Jamie junto à escada de uma cerca, não muito longe de casa, conversando com Hiram Crombie. Cumprimentei-o com um sinal de cabeça e esperei um pouco impacientemente que Crombie terminasse seus negócios com Jamie, para que eu pudesse contar-lhe o que acabara de testemunhar.

Felizmente, Hiram não mostrou nenhuma tendência a se demorar; eu o deixava nervoso.

Contei imediatamente a Jamie o que eu vira e fiquei aborrecida ao ver que ele não compartilhava minha preocupação. Se Tom Christie achava necessário açoitá-la, era problema dele.

— Mas ele pode ser... pode ser... que ele não se limite a surrar, talvez ele faça... outras coisas a ela.

Ele me lançou um olhar de surpresa.

— Tom? Você tem algum motivo para pensar assim?

— Não — admiti, com relutância.

A vida doméstica dos Christie me dava uma sensação desagradável, mas provavelmente isso se devia apenas ao fato de que eu não me dava bem com Tom. Eu não era tão tola a ponto de pensar que uma pessoa que brandisse a Bíblia não fosse capaz de perversidades, mas, para fazer justiça, também não significava que não fosse capaz. — Mas certamente ele não deveria estar surrando-a dessa forma... na idade dela?

Ele olhou para mim com leve impaciência.

— Você não entende nada, não é? — ele disse, fazendo eco exatamente ao meu pensamento.

— Estava prestes a dizer justamente isso a você — eu disse, enfrentando seu olhar. Ele não desviou os olhos, continuando a me fitar e lentamente assumindo um ar irônico.

— Então, será diferente? — ele disse. — Em seu mundo? — Havia um leve tom de provocação em sua voz, o suficiente para me fazer lembrar que não estávamos em meu mundo, nem nunca estaríamos.

Meus braços se arrepiaram repentinamente, levantando os pelos finos e louros.

— Então, um homem não bateria em uma mulher, na sua época? Nem mesmo por uma boa causa?

E o que eu poderia dizer a isso? Não podia mentir, ainda que quisesse; ele conhecia muito bem a expressão do meu rosto.

— Alguns, sim — admiti. — Mas não é a mesma coisa. Lá, na minha época, quero dizer, um homem que bate na mulher seria um criminoso. Mas — acrescentei, para ser justa — um homem que batesse na mulher muito provavelmente usaria os punhos.

Um olhar de repulsa e espanto atravessou seu rosto.

— Que espécie de homem faria isso? — perguntou, incrédulo.

— Um homem muito ruim.

— É o que eu diria, Sassenach. E você não acha que há uma diferença? — ele perguntou. — Acha que seria a mesma coisa se eu lhe desse um soco na cara em vez de apenas lhe dar umas chicotadas no traseiro?

O sangue afluiu abruptamente ao meu rosto. Certa vez, ele realmente me batera com um cinto, e eu não havia me esquecido. Eu quis matá-lo na ocasião — e não via com bons olhos a

lembrança. Ao mesmo tempo, eu não era tola de igualar seus atos aos de um marido espancador de mulher dos tempos modernos.

Ele olhou para mim, ergueu uma das sobrancelhas e compreendeu do que eu estava me lembrando. Abriu um largo sorriso.

— Oh! — exclamou.

— Oh, de fato — eu disse, irritada. Eu havia conseguido eliminar esse episódio extremamente humilhante de minha mente e não gostei nem um pouco de vê-lo lembrado.

Ele, ao contrário, obviamente estava se divertindo com a lembrança.

Olhou-me de uma maneira que achei insuportável, ainda rindo.

— Santo Deus, você gritava como uma bansidhe.

Comecei a sentir o sangue latejar em minhas têmporas.

— Eu tinha bons motivos para isso!

— Oh, sim — ele disse, e o riso ampliou-se. — Tinha, sim. Sua própria culpa, veja bem — ele acrescentou.

— Minha c...

— Foi, sim — ele disse, com firmeza.

— Você pediu desculpas! — eu disse, indignada. — Sabe muito bem que sim!

— Não, não pedi. E foi sua culpa, para começar — ele disse, sem nenhuma lógica. — Você não teria apanhado quase nada se tivesse me atendido, para começar, quando eu lhe disse para se ajoelhar e...

— Atendido! Acha que eu teria docilmente obedecido e simplesmente deixado que você...

— Nunca vi você fazer nada docilmente, Sassenach. — Segurei meu braço para me ajudar a passar pela escada na cerca, mas libertei-me com um safanão, bufando de indignação.

— Escocês desgraçado! — Larguei a colmeia no chão a seus pés, segurei minhas saias e desci a escada atabalhoadamente.

— Bem, eu nunca mais fiz isso — ele protestou, atrás de mim. — Eu prometi, não foi?

Girei nos calcanhares do outro lado da cerca e fitei-o furiosamente.

— Somente porque eu ameacei arrancar seu coração se tentasse!

— Bem, mesmo assim. Eu poderia, e você sabe disso muito bem, Sassenach. Hein? — Ele parara de rir, mas havia um brilho inequívoco em seus olhos.

Respirei fundo várias vezes, tentando simultaneamente controlar minha irritação e pensar em alguma esmagadora resposta. Fracassei em ambas as tentativas e, com um breve e digno "Hum!", girei novamente nos calcanhares.

Ouvi o farfalhar de seu kilt quando ele apanhou o cesto de colmeia, saltou por cima da escada da cerca e veio atrás de mim, alcançando-me com uma ou duas passadas. Não olhei para ele; minhas faces ainda ardiam.

O que me enfurecia é que eu realmente sabia disso. Lembrava-me muito bem. Ele usara seu cinto da espada de tal forma que eu não consegui me sentar confortavelmente por vários dias — e se ele algum dia resolvesse fazer isso outra vez, nada poderia impedi-lo.

Na maior parte do tempo, eu era capaz de ignorar o fato de que, legalmente, eu era sua propriedade. Isso não alterava o fato de que era um fato — e ele sabia disso.

— E quanto a Brianna? — perguntei. — Você se sentiria da mesma forma se Roger repentinamente decidisse tirar o cinto ou pegar uma vara e bater em sua filha?

Ele pareceu achar graça na ideia.

— Acho que ele iria ter que enfrentar uma bela briga, se tentasse — disse. — Ela é uma garota muito valente, hein? E receio que ela tenha as suas ideias do que constitui a obediência da mulher. Mas, por outro lado — acrescentou, lançando a corda do cesto por cima do ombro —, nunca se sabe o que acontece em um casamento, não é? Talvez ela ficasse satisfeita se ele tentasse.

— Satisfeita?! — exclamei, perplexa. — Como pode achar que alguma mulher possa...

— Ah, é? E a minha irmã?

Parei abruptamente no meio do caminho, fitando-o.

— O que tem sua irmã? Certamente, não está me dizendo...

— Estou. — Aquele brilho estava de volta, mas não achei que ele estivesse brincando.

— Ian batia nela?

— Eu realmente gostaria que você parasse de falar assim — ele disse, de modo conciliatório. — Soa como se Ian desse murros nela ou deixasse seus olhos roxos. Eu lhe dei uma boa surra, mas eu não tirei sangue de você, pelo amor de Deus! — Seus olhos relancearam rapidamente pelo meu rosto; todos os ferimentos haviam sarado, ao menos externamente; o único vestígio restante era uma pequena cicatriz em uma das sobrancelhas, invisível, a menos que alguém examinasse atentamente. — Ian também não seria capaz de fazer isso. Fiquei completamente pasma de ouvir isso. Eu vivera intimamente com Ian e Jenny Murray por meses em mais de uma ocasião e nunca vira o menor indício de que ele possuísse uma natureza violenta. Da mesma forma, era impossível imaginar qualquer pessoa tentando algo semelhante com Jenny Murray, que possuía — se tal coisa fosse possível — uma personalidade ainda mais forte do que a de seu irmão.

— Bem, o que foi que ele fez? E por quê?

— Bem, ele só tirava o cinto para isso uma vez ou outra — ele disse —, e somente se ela o obrigasse.

Respirei fundo.

— Se ela o obrigasse? — perguntei calmamente, naquelas circunstâncias.

— Bem, você conhece Ian — ele disse, dando de ombros. — Ele não é o tipo que faz essas coisas, a não ser que Jenny o estivesse enlouquecendo a esse ponto.

— Nunca vi nada desse tipo acontecendo — eu disse, lançando-lhe um olhar severo.

— Bem, ela não faria isso na sua frente, não é?

— E o faria na sua frente?

— Bem, não exatamente, não — ele admitiu. — Mas eu não estava sempre em casa, depois de Culloden. No entanto, de vez em quando, eu descia para uma visita e via que ela estava... tramando alguma coisa. — Ele esfregou o nariz e estreitou os olhos contra o sol, buscando as palavras. — Ela o infernizava — ele disse por fim, dando de ombros. — Implicava com ele por nenhum motivo, fazia comentários sarcásticos. Ela... — Seu rosto se iluminou um pouco, quando pareceu encontrar uma descrição adequada. — Ela agia como uma garotinha mimada que precisava levar umas palmadas.

Achei essa descrição absolutamente inacreditável. Jenny Murray tinha uma língua ferina, e poucas inibições em usá-la contra qualquer pessoa, seu marido inclusive. Ian, um exemplo de temperamento afável, meramente ria dela. Mas eu simplesmente não podia aceitar a ideia de Jenny se comportando da maneira descrita.

— Bem. Eu vi isso uma ou duas vezes, como eu disse. E Ian lançava-lhe um olhar sério, mas mantinha a calma. No entanto, certa vez, eu estava caçando, já era quase hora do pôr do sol, e peguei um pequeno veado na colina logo atrás da torre, conhece o lugar?

Balancei a cabeça, ainda estupefata.

— Era perto o bastante para eu carregar o animal para a casa sem ajuda, então o levei para o barracão de defumação e o pendurei. Não havia ninguém por perto, descobri depois que as crianças haviam ido ao mercado em Broch Mhorda, e os criados com eles. Assim, pensei que a casa estivesse inteiramente vazia e entrei na cozinha para comer alguma coisa e tomar um copo de coalhada antes de ir embora. Achando que a casa estava vazia, ele se surpreendera com barulhos no quarto de dormir no andar de cima.

— Que tipo de barulhos? — perguntei, fascinada.

— Bem... gritinhos agudos — ele disse, encolhendo os ombros. — E risadinhas. Uns baques e coisas arrastadas, e a queda de um banco ou algo assim. Se não fosse pelos arrulhos, eu pensaria que havia ladrões na casa. Mas eu sabia que eram as vozes de Jenny e Ian e... — interrompeu-se, as orelhas ficando vermelhas com a lembrança.

— Bem, então... houve um pouco mais de barulho, vozes altercadas, creio, e em seguida o estalido de um cinto em um traseiro, e o tipo de gritaria que você podia ouvir do outro lado dos campos de lavoura.

Ele respirou fundo, dando de ombros.

— Bem, fiquei um pouco desconcertado e não consegui decidir o que fazer na hora.

Balancei a cabeça, compreendendo isso, ao menos.

— Imagino que tenha sido uma situação esquisita, sim. Mas, e... isso... continuou?

Ele balançou a cabeça. Suas orelhas estavam roxas a essa altura, e o rosto afogueado, embora pudesse ser apenas devido ao calor.

— Sim, continuou. — Ele olhou para mim. — Veja bem, Sassenach, se eu achasse que ele a estivesse maltratando, já teria subido as escadas em um segundo. Mas... — Afastou uma abelha inconveniente, sacudindo a cabeça. — Havia... parecia... nem sei



como dizer isso. Não é que Jenny realmente continuasse a rir, porque não ria... mas eu sentia que ela tinha vontade de rir. E Ian... bem, Ian estava rindo. Não às gargalhadas, não, é só que... estava em sua voz.

Soltou a respiração e passou os nós dos dedos pelo maxilar, limpando o suor.

— Eu fiquei paralisado lá, com um pedaço de torta na mão, ouvindo. Só recuperei os sentidos quando as moscas começaram a pousar em minha boca aberta, e a essa altura... ah... eles já estavam... mmmhum. — Arqueou os ombros, como se sua camisa estivesse apertada demais.

— Fazendo as pazes, não? — perguntei, secamente.

— Creio que sim — ele respondeu, um pouco formalmente.

— Eu saí. Caminhei até Foyne e passei a noite na casa de vovó MacNab. — Foyne era um minúsculo vilarejo, a cerca de vinte e cinco quilômetros de Lallybroch.

— Por quê? — perguntei.

— Bem, eu precisava. Afinal, não podia ignorar tudo aquilo. Ou eu ficava andando e pensando ou me rendia e me masturbava, e certamente eu não podia fazer isso... afinal, era minha própria irmã.

— Você quer dizer que não consegue pensar e fazer sexo ao mesmo tempo? — perguntei, rindo.

— Claro que não — ele disse, assim confirmando uma antiga opinião minha, e deu-me um olhar como se eu fosse louca.

— Você consegue?

— Sim, consigo.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, obviamente duvidando.

— Bem, não estou dizendo que eu sempre faça isso, mas é possível. As mulheres estão acostumadas a fazer várias coisas ao mesmo tempo, elas têm que fazer, por causa dos filhos. De qualquer modo, volte a Jenny e Ian. Por que eles...

— Bem, fiquei andando e pensando naquilo tudo — Jamie admitiu.

— Eu não conseguia parar de pensar, para ser franco. A vovó MacNab viu que eu estava cismado com alguma coisa e ficou me importunando durante todo o jantar... ah... bem, até que lhe contei o que era.

— É mesmo? O que ela disse? — perguntei, fascinada. Eu conhecera vovó MacNab, uma senhora cheia de vida com uma maneira extremamente direta e com muita experiência nas fraquezas humanas.

— Ela começou a rir desbragadamente — ele disse, um dos cantos de sua boca levantando-se. — Achei que ela ia cair dentro do fogo de tanto rir.

Entretanto, depois de se recobrar um pouco, a velha senhora enxugou os olhos e explicou-lhe a questão, amavelmente, como se falasse com um tolo.

— Ela disse que era por causa da perna de Ian — Jamie disse, fitando-me para ver se fazia sentido para mim. — Ela disse que isso não faria a menor diferença para Jenny, mas faria para Ian. Disse — ele acrescentou, ainda mais ruborizado — que os homens não fazem a menor ideia do que as mulheres pensam a respeito da cama, mas sempre acham que sabem, e isso causa os problemas.

— Eu sabia que gostava da vovó MacNab — murmurei. — O que mais?

— Bem. Ela disse que era provável que Jenny só estava deixando claro para Ian, e talvez para si mesma também, que ela ainda achava que ele era um homem, com ou sem perna.

— O quê? Por quê?

— Porque, Sassenach — ele disse, muito secamente —, quando se é um homem, grande parte do que tem que fazer é definir limites e lutar contra aqueles que os ultrapassam. Seus inimigos, seus arrendatários, seus filhos... sua mulher. Nem sempre

você pode simplesmente dar-lhes um soco ou uma surra de cinto, mas, quando pode, ao menos fica claro para todos quem é que está no comando.

— Mas isso é perfeitamente — comecei a dizer, depois parei, franzindo a testa, enquanto pensava.

— E, se você for um homem, você está no comando. E você quem mantém a ordem, quer goste ou não. E verdade — ele disse, depois tocou meu cotovelo enquanto indicava uma abertura no bosque com um sinal da cabeça. — Estou com sede. Vamos parar um pouco? Eu o segui por um estreito caminho através do bosque até o que chamávamos de Fonte Verde — um borbulhante fluxo de água sobre uma pedra verde-clara que lembrava o jade, em uma bacia fresca e sombreada de musgo a toda volta. Ajoelhamo-nos, jogamos água no rosto e bebemos, suspirando satisfeitos e agradecidos. Jamie entornou a mão cheia de água por dentro de sua camisa, fechando os olhos de deleite. Ri dele, mas abri o alfinete do meu lenço ensopado de suor e o mergulhei na água, usando-o para limpar o pescoço e os braços.



A caminhada até a fonte havia causado uma interrupção na conversa e eu não sabia exatamente como — ou se — retomá-la. Em vez disso, apenas permaneci sentada em silêncio, na sombra, os braços ao redor dos joelhos, preguiçosamente meneando os dedos dos pés no musgo.

Jamie também não parecia sentir nenhuma necessidade de falar no momento. Recostou-se confortavelmente contra uma rocha, o tecido molhado de sua camisa emplastrado no peito, e assim permanecemos, quietos, ouvindo os sons do bosque.

Eu não sabia ao certo o que dizer, mas isso não significava que eu parara de pensar sobre a conversa. De uma forma estranha, eu achava que compreendia o que a vovó MacNab quisera dizer, embora não estivesse certa se concordava com isso.

No entanto, eu pensava mais no que Jamie havia dito, sobre a responsabilidade de um homem. Seria verdade? Talvez fosse, embora eu nunca tivesse pensado no assunto sob essa ótica. Era verdade que ele representava um reduto, uma fortaleza, não só para mim, e para a família, como para os arrendatários também. Mas seria realmente assim que ele fazia? Definia limites e lutava contra aqueles que os ultrapassavam? Eu achava que sim.

Havia limites entre ele e mim, sem dúvida; eu poderia traçá-los no musgo. O que não queria dizer que não ultrapassássemos os limites um do outro — nós o fazíamos com frequência e com diferentes resultados.

Eu possuía minhas próprias defesas — e meios de colocá-las em prática.

Mas ele só me batera uma vez por ultrapassar os limites, e isso no começo do nosso relacionamento. Assim, ele teria visto aquilo como uma luta necessária? Imaginei que sim; era isso que ele estava me dizendo.

Mas ele seguira sua própria linha de raciocínio, que trilhava um caminho diferente.

— É muito estranho — ele disse, pensativamente. — Laoghaire me deixava maluco, mas nunca me ocorreu dar-lhe uma surra.

— Bem, que falta de consideração de sua parte! — eu disse, empertigando-me. Eu não gostava de ouvi-lo se referir a Laoghaire, qualquer que fosse o contexto. — Oh, foi, sim — ele retrucou com seriedade, sem perceber meu sarcasmo. — Acho que era porque não me importava com ela o suficiente para pensar nisso, quanto mais pôr em execução.

— Você não se importava o bastante para bater nela? Que sorte ela teve então, não é? Ele percebeu o tom de provocação em minha voz; seus olhos aguçaram-se e se fixaram em meu rosto.

— Não para machucá-la — ele disse. Um novo pensamento lhe ocorreu; eu o vi atravessar seu rosto.

Sorriu um pouco, levantou-se e veio em minha direção. Estendeu o braço e me puxou, colocando-me de pé, em seguida agarrou meu pulso, que levantou delicadamente acima da minha cabeça e prendeu contra o tronco do pinheiro sob o qual eu estivera sentada, de modo que fui obrigada a me apoiar por inteiro contra a árvore.

— Não para machucá-la — repetiu, falando brandamente. — Para possuí-la. Não queria ser dono dela. Você, mo nighean donn, você, eu possuiria.

— Possuir-me? — eu disse. — E o que exatamente você quer dizer com isso? — O que digo. — Ainda havia um brilho de humor em seus olhos, mas sua voz era séria. — Você é minha, Sassenach. E eu faria qualquer coisa que achasse que devia fazer para deixar isso claro.

— Oh, não diga. Inclusive me espancar regularmente? — Não, eu não faria isso. — O canto de sua boca ergueu-se ligeiramente e a pressão de sua mão no meu pulso aumentou. Seus olhos estavam azul-escuros, a dois centímetros dos meus. — Eu não precisava, porque eu podia, Sassenach, e você sabe disso muito bem.

Fiz força para soltar meu pulso, por puro reflexo. Lembrei-me vividamente daquela noite em Doonesbury; a sensação de lutar contra ele com todas as minhas forças — totalmente em vão. A horrível sensação de estar presa na cama, sem defesa e exposta, compreendendo que ele poderia fazer o que quisesse comigo — e faria.

Contorci-me violentamente, tentando escapar da lembrança, tanto quanto de sua mão prendendo meu pulso. Não consegui, mas ao menos torci minha mão o suficiente para cravar as unhas em sua palma.

Ele não se contraiu, nem desviou os olhos. Sua outra mão tocou-me de leve — apenas roçou no lóbulo de minha orelha, mas foi o suficiente.

Ele podia tocar-me em qualquer lugar — de qualquer maneira.

Evidentemente, as mulheres são capazes de pensar racionalmente e sentir desejo sexual simultaneamente, porque eu parecia estar fazendo exatamente isso.

Meu cérebro estava empenhado em indignada refutação de todo tipo de coisas, incluindo ao menos metade de tudo que ele havia dito no decurso dos últimos minutos. Ao mesmo tempo, a outra extremidade da minha espinha dorsal não só estava vergonhosamente excitada à ideia de posse física: estava delirantemente fraca de desejo com a ideia, e fazendo meus quadris oscilarem para fora, roçando os dele.

Ele ainda ignorava minhas unhas fincadas na palma de sua mão. Sua outra mão subiu e segurou a minha mão livre antes que eu pudesse fazer qualquer coisa violenta com ela; ele dobrou os dedos sobre os meus e manteve-os presos, ao lado do meu corpo.

— Se você me pedisse, Sassenach, para libertá-la — ele sussurrou —, acha que eu o faria? Respirei fundo; o suficiente para meus seios roçarem seu peito, ele estava tão perto, e eu sentia isso com todo o meu corpo. Permaneci imóvel, respirando, observando seus olhos, e senti minha agitação se desfazer lentamente, transformando-se em convicção, pesada e quente na boca do meu estômago.

Eu pensara que meu corpo oscilava em resposta ao dele — e era verdade. Mas o dele se movia inconscientemente com o meu; o

ritmo do pulso que eu via em sua garganta eram os batimentos cardíacos que ecoavam em meu punho cerrado, e a oscilação de seu corpo seguia a do meu, mal nos tocando, movendo-se pouco mais do que a folhagem no alto, suspirando na brisa.

— Eu não pediria — sussurrei. — Eu lhe diria. E você o faria. Faria o que eu lhe dissesse.

— Faria? — Sua mão em meu pulso continuava firme e seu rosto tão perto do meu que eu sentia seu sorriso, mais do que o via.

— Sim — respondi. Eu parara de tentar soltar meu pulso preso; em vez disso, retirei a outra mão da sua, ele não fez nada para me impedir, e rocei o polegar do lóbulo de sua orelha até o lado de seu pescoço. Ele deu uma respiração curta, incisiva, e um pequeno estremecimento percorreu-o, arrepiando sua pele na esteira do toque da minha mão.

— Sim, faria — eu disse outra vez, muito suavemente. — Porque você me pertence, também... Não? Sua mão soltou meu pulso repentinamente e deslizou para cima, os dedos longos entrelaçando-se com os meus, a palma grande, quente e rija contra a minha.

— Oh, sim — ele disse, com igual suavidade. — Pertenço. — Abaixou a cabeça e seus lábios roçaram os meus, murmurando, de modo que senti, tanto quanto ouvi as palavras.

— E sei disso muito bem, mo nighean donn.

*COGUMELOS ORELHAS-DE-PAU*

Apesar da rejeição de seus temores, Jamie prometera a sua mulher examinar a questão, e encontrou a oportunidade de falar com Malva Christie alguns dias mais tarde.

Ao voltar da casa de Kenny Lindsay, ele se deparou com uma cobra enroscada na terra no caminho à sua frente. Era uma criatura grande, mas alegremente listrada — não uma das víboras venenosas. Ainda assim, ele não se conteve; as cobras lhe davam medo e ele não queria pegá-la com as mãos, nem passar por cima dela. Ela podia não estar disposta a dar um bote para cima, dentro de seu kilt, mas, por outro lado, talvez estivesse. De sua parte, a cobra permanecia teimosamente enroscada entre as folhas, sem se mover em reação aos seus berros de "Xô! Xô!" ou às batidas de seus pés.

Ele deu uns passos para o lado, encontrou um amieiro e cortou uma boa vara, com a qual firmemente conduziu a pequena fera para fora do caminho e para dentro do bosque. Ofendida, a cobra contorceu-se com uma boa rapidez para dentro de um arbusto e, logo em seguida, um berro estridente veio do outro lado da folhagem.

Ele correu ao redor da moita e encontrou Malva Christie, fazendo um premente, ainda que malsucedido, esforço de esmagar a agitada cobra com um largo cesto.



— Tudo bem, menina, deixe-a ir. — Ele segurou seu braço, fazendo uma grande quantidade de cogumelos caírem em cascata de seu cesto, e a cobra bateu em retirada, indignada, em busca de vizinhanças mais tranquilas.

Ele agachou-se e recolheu os cogumelos para ela, enquanto ela arquejava e se abanava com a ponta do avental.

— Oh, obrigada, senhor — ela disse, o peito arfando. — Tenho pavor de cobras.

— Oh, bem, essa não passa de uma pequena cobra real — ele disse, com indiferença. — Grandes caçadoras de ratos, ou assim me disseram.

— Pode ser, mas têm uma picada dolorosa. — Ela estremeceu ligeiramente.

— Você não foi mordida, foi? -Ele levantou-se e deixou cair um último punhado de cogumelos em seu cesto, e ela fez uma mesura em agradecimento.

— Não, senhor. — Ela endireitou a touca. — Mas o sr. Crombie foi. Gully Dornan trouxe uma destas em uma caixa, para a reunião do domingo passado, só de brincadeira, pois ele sabia que o texto era Serão picados por serpentes venenosas e não morrerão. Acho que ele pretendia soltá-la no meio da oração.

— Ela riu, lembrando do acontecido.

— Mas o sr. Crombie o viu com a caixa e tirou-a dele, sem saber o que havia dentro. Bem... Gully sacudia a caixa, para manter a cobra acordada, e quando o sr. Crombie a abriu a cobra saiu de dentro como um brinquedo de mola e mordeu o sr. Crombie no lábio.

Jamie não pôde deixar de sorrir também.

— É mesmo? Não me lembro de ter ouvido falar nisso.

— Bem, o sr. Crombie ficou furioso — ela disse, tentando ser diplomática.

— Imagino que ninguém quisesse espalhar a história, por medo de que ele fosse explodir de raiva.

— Sim, compreendo — ele disse secamente. — Então foi por isso que ele não procurou minha mulher para examinar o ferimento, imagino.

— Oh, ele não faria isso, senhor — ela lhe assegurou, sacudindo a cabeça.

— Nem que por um erro tivesse cortado o nariz fora.

— Não? Ela pegou o cesto, erguendo os olhos timidamente para ele.

— Bem... não. Alguns acham que sua mulher talvez seja uma bruxa, sabia? Ele sentiu um aperto desagradável no estômago, embora não ficasse surpreso de ouvir isso.

— Ela é uma sassenach — ele respondeu, calmo. — As pessoas sempre dirão coisas assim de um estranho, especialmente de uma mulher. — Ele olhou de lado para ela, mas seus olhos estavam recatadamente abaixados para o conteúdo do cesto. — Você também pensa assim? Ela ergueu os olhos, cinza e arregalados, subitamente.

— Oh, não, senhor! Jamais! Falou com tanta veemência que ele sorriu, apesar da seriedade de sua missão.

— Bem, imagino que você saberia, já que passa tanto tempo em seu consultório.

— Oh, eu não queria nada além de ser exatamente igual a ela, senhor! — assegurou-lhe, agarrando com força a alça do cesto com um entusiasmo reverente. — Ela é tão boa e amável, e sabe tanto! Quero aprender tudo o que ela puder me ensinar, senhor.

— Sim, bem. Ela tem dito inúmeras vezes como é bom ter um aprendiz como a senhorita. Você é uma grande ajuda para ela.

— Ele limpou a garganta, perguntando-se qual seria a melhor maneira de contornar todas essas cordialidades e passar à brutal pergunta sobre o tratamento que seu pai estava lhe dispensando. —

Ah... seu pai não se importa que você passe tanto tempo com minha mulher? Uma nuvem recai sobre seu semblante diante disso e suas pestanas longas e pretas abaixaram-se, ocultando os olhos cinzentos.

— Oh. Bem. Ele... não diz que eu não devo ir.

Jamie emitiu um som neutro na garganta e gesticulou indicando-lhe que seguisse à sua frente de volta para a trilha, onde ele caminhou ao lado dela por algum tempo sem mais perguntas, permitindo que ela se recuperasse.

— O que você acha que seu pai fará — ele perguntou, agitando a varinha descontraidamente por uma área de linária — quando você se casar e deixar a casa dele? Existe alguma mulher que ele consideraria? Ele iria precisar de alguém para cuidar dele, imagino.

Ela comprimiu os lábios diante de seu interesse e um leve rubor assomou às suas faces.

— Não pretendo me casar nem tão cedo, senhor. Vamos nos arranjar bem.

Sua resposta foi bastante curta para fazê-lo investigar um pouco mais.

— Não? Certamente tem pretendentes, menina... os rapazes andam em bandos atrás de você; eu já os vi.

O rubor nas faces dela se intensificou.

— Por favor, senhor, não conte isso a meu pai! Isso fez soar um pequeno sino de alarme nele — mas, por outro lado, ela poderia estar apenas querendo dizer que Tom Christie era um pai severo, vigilante da virtude de sua filha. Ele ficaria estupefocado se soubesse que Christie era indulgente, permissivo ou de algum modo negligente em tais responsabilidades.

— Não contarei — ele disse, serenamente. — Eu só estava brincando, menina. Seu pai é tão feroz assim, então? Ela então olhou diretamente para ele, sem subterfúgios.

— Pensei que o conhecesse, senhor.

Ele deu uma gargalhada e, após um instante de hesitação, ela se uniu a ele, com uma risadinha contida como o trinado de passarinhos no alto das árvores.

— Conheço — ele disse, recobrando-se. — Ele é um bom homem, Tom... ainda que um pouco circunspecto demais.

Olhou para ela para ver o efeito de suas palavras. Seu rosto ainda estava ruborizado, mas havia um resquício de humor em seus lábios. Isso era bom.

— Bem — ele retomou a conversa, descontraidamente —, já tem orelhas-de-pau suficientes aí? — Indicou o cesto com um sinal da cabeça. — Eu vi muitos ontem, lá perto da Fonte Verde.

— É mesmo? — Ergueu os olhos, interessada. — Onde?

— Estou indo para lá — ele disse. — Venha, se quiser, eu lhe mostrarei.

Continuaram seu caminho ao longo de Ridge, conversando sobre coisas triviais. De vez em quando, ele a conduzia de novo para o assunto de seu pai e notou que ela não parecia ter nenhuma reserva em relação a ele — apenas uma consideração prudente por suas falhas e temperamento. — E seu irmão? — ele disse pensativamente, em determinado momento. — Você acha que ele está satisfeito? Ou vai querer ir embora, talvez para o litoral? Eu sei que no fundo ele não é realmente um fazendeiro, não é? Ela resfolegou brevemente, mas sacudiu a cabeça.

— Não, senhor, não é.

— O que ele fazia, então? Quero dizer, ele cresceu em uma fazenda, não foi? — Oh, não, senhor. — Ela olhou para ele, surpresa. — Ele cresceu em Edimburgo. Nós dois.

Ele ficou um pouco desconcertado com isso. Era verdade, tanto ela quanto Allan eram cultos e educados, mas ele achava apenas que se devia ao fato de Christie ser professor, e muito exigente nesses aspectos.

— Como foi isso, menina? Tom disse que ele se casou aqui, nas colônias.

— Oh, é verdade, senhor — ela assegurou-lhe apressadamente. — Mas sua mulher não era presa a um contrato de trabalho forçado. Ela voltou para a Escócia.

— Compreendo — ele disse brandamente, vendo seu rosto ficar muito mais ruborizado e seus lábios apertados numa linha fina. Tom dissera que sua mulher havia morrido, bem, e ele imaginava que ela tivesse realmente morrido, mas na Escócia, depois de tê-lo deixado.

Orgulhoso como Christie era, não ficava surpreso de o sujeito se recusar a admitir que foi abandonado pela mulher. Mas...

— É verdade, senhor, que seu avô era lorde Lovat? Aquele a quem chamavam de Velha Raposa?

— Oh, sim — ele disse, sorrindo. — Venho de uma longa linhagem de traidores, ladrões e bastardos, sabe? Ela riu e, de maneira muito esperta, instou-o a contar-lhe mais sobre a sórdida história de sua família — obviamente, como forma de impedir que ele fizesse mais perguntas sobre a dela.

O "mas", porém, continuou em sua mente mesmo enquanto conversavam, com crescente insistência, conforme subiam pela floresta escura e perfumada.

Mas, Tom Christie fora preso dois ou três dias depois da Batalha de Culloden, e ficara preso pelos dez anos seguintes, antes de ser banido para a América. Ele não sabia a idade exata de Malva, mas achava que ela devia ter uns dezoito anos, embora parecesse mais velha, com seus modos tão reservados.

Ela devia ter sido concebida, portanto, logo depois da chegada de Christie às colônias. Não era de admirar, portanto, que o sujeito tivesse agarrado a primeira oportunidade de se casar, depois de viver sem uma mulher por tanto tempo. Então, a mulher pensara melhor sobre o negócio realizado e fora embora. Christie

dissera a Roger Mac que sua mulher morrera de gripe — bem, um homem tinha seu orgulho, e Deus era testemunha de que Tom Christie tinha mais do que a maioria. Mas Allan Christie... de onde ele viera? O rapaz devia ter vinte e poucos anos; era possível que tivesse sido concebido antes de Culloden.

Mas se assim fosse... quem era sua mãe? — Você e seu irmão — ele disse abruptamente, no intervalo seguinte da conversa. — Tiveram a mesma mãe? — Sim, senhor — ela respondeu, espantada.

— Ah — ele disse, deixando o assunto morrer. Muito bem, então.

Portanto, Christie era casado antes de Culloden. Então a mulher, quem quer que fosse, viera ao seu encontro nas colônias. Isso indicava um alto grau de determinação e devoção, e o fazia encarar Christie com muito mais interesse. Mas essa devoção não resistira às agruras das colônias — ou então ela encontrou Tom tão mudado pelo tempo e pelas circunstâncias que a devoção desfez-se em decepção, e ela foi embora de novo.

Ele podia ver isso facilmente — e sentiu um inesperado laço de compaixão por Tom Christie. Lembrava-se de seus próprios sentimentos, com grande clareza, quando Claire voltara para encontrá-lo.

A inacreditável alegria de sua presença — e o medo aterrador de que ela não reconhecesse o homem que conhecera no homem que estava diante dela.

Pior ainda, se ela tivesse descoberto algo que a fizesse fugir — e, mesmo conhecendo Claire tão bem quanto conhecia, ainda não tinha certeza se ela teria ficado, caso ele tivesse lhe contado imediatamente sobre seu casamento com Laoghaire. Quanto a isso, se Laoghaire não tivesse atirado nele e quase o matado, Claire poderia muito bem ter ido embora, e ele a teria perdido para

sempre. Esse pensamento era um poço negro, abrindo-se a seus pés.

Claro, se ela tivesse ido embora, ele teria morrido, refletiu. E nunca teria vindo para este lugar e obtido suas terras, nem visto sua filha, nem segurado seu neto nos braços. Pensando melhor, talvez quase ser morto nem sempre era um infortúnio, desde que você não morresse de fato.

— Seu braço o incomoda, senhor? — Foi arrancado de seus pensamentos para a compreensão de que estava parado como um tolo, uma das mãos agarrando o antebraço, onde a bala da pistola de Laoghaire atravessara, e Malva olhando-o com os olhos estreitados, preocupada.

— Ah, não — ele disse apressadamente, deixando cair a mão. — Uma picada de mosquito. Os bichinhos aparecem logo cedo. Diga-me — tateou em busca de algum tópico de conversação neutro —, você gosta da vida aqui nas montanhas?

Apesar de ser uma pergunta inócua, ela pareceu considerá-la seriamente.

— É solitária, às vezes — ela disse, e olhou para dentro da floresta, onde raios de sol infiltravam-se, atingindo folhas e agulhas, arbustos e rochas, enchendo o ar de uma luz verde fragmentada. — Mas é... — Buscou uma palavra. — Bonita — disse, com um ligeiro sorriso para ele, reconhecendo a inadequação da palavra. Haviam alcançado a pequena clareira onde a água borbulhava de cima de uma prateleira na rocha que sua filha dissera ser constituída de um mineral chamado serpentina — a rocha cujo verde-claro dava nome à fonte; isso e a espessa camada de musgo intenso que crescia ao seu redor.

Ele indicou-lhe com um gesto que se ajoelhasse e bebesse primeiro.

Ela o fez, levando as mãos em concha até o rosto e fechando os olhos de contentamento diante do gosto da água fria e doce.

Engoliu, tomou novo gole, quase sofregamente. Ela mesma era muito bonita, ele pensou, achando graça, e a palavra muito mais apropriada à jovem, com aquele queixo delicado e os lóbulos macios e rosados das orelhas espreitando por baixo de sua touca, do que ao espírito das montanhas. Sua mãe deve ter sido linda, ele pensou — e era uma sorte para a jovem que ela não tivesse herdado os traços severos de seu pai, a não ser os olhos cinzentos.

Ela recostou-se para trás, sentada sobre os calcanhares, e moveu-se rapidamente para o lado, fazendo sinal com a cabeça para que ele se ajoelhasse e bebesse também. O dia não estava quente, mas era uma subida íngreme até a fonte e a água fria descia agradavelmente.

— Não conheci as Highlands — Malva disse, enxugando o rosto com a ponta de seu lenço. — Mas alguns dizem que este lugar se parece com as Highlands. O senhor também acha? Ele sacudiu a água de seus dedos e passou as costas da mão pela boca.

— Um pouco. Algumas partes. O Grande Vale e a floresta, sim, são muito parecidos. — Ele apontou com o queixo para as árvores que os cercavam, farfalhantes e recendendo a resina. — Mas aqui não há fetos.

E nem turfa, é claro. E nem urzes; essa é a grande diferença.

— Ouvem-se histórias, de homens escondendo-se nos urzais. O senhor mesmo já teve que fazer isso? Ela riu ligeiramente, formando duas covinhas no rosto, e ele não sabia se ela pretendia implicar com ele ou se estava apenas puxando conversa.

— De vez em quando — ele disse, e sorriu para ela ao se levantar, limpando agulhas dos pinheiros de seu kilt. — Caçando veados, sabe? Venha, vou lhe mostrar os cogumelos.

Os orelhas-de-pau cresciam em grossas camadas ao pé de um carvalho, a não mais do que três metros da fonte. Alguns já haviam aberto suas brânquias, começavam a escurecer e se encaracolar; o terreno próximo estava coberto dos esporos, um pó



marrom-escuro que se espalhava sobre a camada lustrosa das folhas mortas do ano anterior.

Mas os cogumelos mais frescos ainda estavam brilhantes, carnudos e com um forte tom laranja.

Ele a deixou ali com uma palavra cordial e começou a descer a trilha estreita, perguntando-se como seria a mulher que amara e abandonara Tom Christie.



## O VENENO DO VENTO DO NORTE

*Julho de 1774*

Brianna arremeteu o lado afiado da pá na margem lamacenta e retirou uma porção de barro da cor de creme de chocolate. Podia ter passado sem o lembrete do doce, pensou, lançando o barro para dentro da corrente com um grunhido. Amarrou sua combinação encharcada para cima e passou o braço pela frente. Não comia desde manhã e já era quase hora do chá. Não que pretendesse parar antes da hora do jantar.

Roger estava no alto da montanha, ajudando Amy McCallum a reconstruir sua chaminé, e os meninos haviam ido para a casa grande, para comerem pão com manteiga e mel — e serem mimados pela sra. Bug. Ela iria esperar; havia muita coisa para ser feita ali.

— Precisa de ajuda, menina? Ela estreitou os olhos, protegendo-os contra o sol. Seu pai estava parado na borda acima, observando seus esforços com um ar divertido.

— Eu pareço estar precisando de ajuda? — ela perguntou irritada, passando as costas da mão suja de lama pelo maxilar.

— Parece, sim.

Ele andara pescando, descalço e molhado até o meio das coxas.

Encostou a vara contra uma árvore e tirou o samburá do ombro, o junco trançado estalando com o peso dos peixes fígados. Em seguida, agarrou um arbusto para se equilibrar e começou a deslizar pela margem escorregadia, os dedos nus se esborrachando na lama.

— Espere! Tire a sua camisa! — Ela percebeu seu erro no instante seguinte. Um olhar espantado atravessou seu rosto, apenas por uma fração de segundo, e desapareceu.

— Quero dizer... a lama... — ela balbuciou, sabendo que já era tarde demais. — A roupa lavada.

— Oh, sim, claro. — Sem hesitação, ele tirou a camisa pela cabeça e virou-se de costas para ela, procurando um galho conveniente onde pudesse pendurá-la.

Suas cicatrizes não eram realmente chocantes. Já as vira antes, de relance, imaginara-as muitas vezes, e a realidade era bem menos vívida.

As cicatrizes eram antigas, uma rede prateada e desbotada, movendo-se com facilidade sobre as sombras de suas costelas quando ele esticou os braços para cima. Ele se movia naturalmente. Somente a tensão em seus ombros poderia sugerir que fosse de outra forma.

Sua mão fechou-se involuntariamente, buscando um lápis inexistente, sentindo o movimento da linha que iria capturar aquela minúscula sensação de desconforto, o tom chocante que atrairia o observador para mais perto, cada vez mais perto, perguntando-se o que havia de distinto naquela cena de encanto pastoral....

Não descobrirás a nudez de teu pai, ela pensou, e espalmou a mão, pressionando-a com força contra a coxa. Mas ele se virara de costas e descia a margem, os olhos fixos nos juncos emaranhados e nas pedras salientes sob os pés.

Ele deslizou pelos sessenta centímetros finais e aterrissou ao lado dela com um jato de respingos de lama para todo lado, os

braços sacudindo-se para manter o equilíbrio. Ela riu, como ele pretendia, e ele sorriu. Ela pensara por um instante em falar disso, desculpar-se de certa forma — mas ele se recusou a fitá-la nos olhos.

— E então, removê-la ou contorná-la? — Com a atenção focalizada na enorme pedra incrustada na margem, ele apoiou seu peso contra ela e empurrou, experimentalmente.

— Acha que podemos removê-la? — Ela chapinhou para o lado dele, prendendo de novo a bainha de sua combinação, que puxara pelo meio das pernas e prendera com um cinto. — Contorná-la significaria cavar mais três metros de vala.

— Tudo isso? — Olhou para ela, surpreso.

— Sim. Quero fazer um corte aqui, para atravessar até aquela curva; então, poderei colocar uma pequena roda d'água aqui e obter uma boa queda.

— Inclinou-se além dele, apontando na direção da corrente do rio.

— O próximo lugar que serviria seria lá embaixo. Está vendo onde as margens sobem? Mas aqui é melhor.

— Sim, está bem. Espere um pouco, então. — Ele voltou para a margem, escalou-a com dificuldade e desapareceu na floresta, de onde retornou com vários galhos vigorosos de carvalhos novos, ainda exibindo os remanescentes de suas folhas lustrosas.

— Não precisamos removê-la do leito do riacho, hein? — ele perguntou.

— Apenas deslocá-la alguns passos, para que você possa atravessar a margem que está depois dela, não é? — Isso mesmo. — Fios de suor, capturados pelas suas sobancelhas espessas, escorriam, fazendo cócegas, pelos lados de seu rosto. Ela estava cavando há quase uma hora; seus braços doíam de levantar pás cheias de lama pesada, e suas mãos estavam cobertas de bolhas. Com uma profunda gratidão, ela largou a pá e voltou para o riacho,

inclinando-se para jogar água fria nos seus braços arranhados e no rosto afogueado.

— Trabalho pesado — seu pai observou, grunhindo um pouco enquanto energicamente terminava de solapar a pedra. — Não podia ter pedido a Roger Mac para fazer isso? — Ele está ocupado — ela disse, percebendo o tom lacônico de sua voz, mas pouco inclinada a disfarçá-lo.

Seu pai lançou-lhe um olhar incisivo, mas não disse mais nada, apenas ocupando-se com a colocação adequada de suas estacas de carvalho. Atraídos como limalha de ferro para o magnetismo da presença de seu avô, Jemmy e Germain apareceram como por mágica, clamando aos berros que queriam ajudar.

Ela lhes pedira para ajudar, e eles ajudaram — por alguns minutos, antes de serem afastados pelo vislumbre de um porco-espinho do alto das árvores. Com Jamie no comando, é claro, atiraram-se ao trabalho, loucamente escavando a terra do barranco da margem com pedaços planos de madeira, rindo, empurrando, atrapalhando-se e enfiando punhados de lama pelas costas das calças um do outro.

Jamie sendo Jamie, ignorou a perturbação, meramente direcionando seus esforços e finalmente ordenando-lhes que saíssem do riacho, para não serem esmagados.

— Pronto, menina — ele disse, virando-se para ela. — Segure lá. — A pedra fora solta do barro que a confinava e agora se projetava da margem, as estacas de carvalho enfiadas por baixo dela na lama, projetando-se para fora de cada lado, e uma outra por trás.

Ela agarrou a que ele indicou, enquanto ele segurava as outras duas.

— Vamos contar até três... um... dois... levante! Jem e Germain, empoleirados acima, entoaram "Um... dois...

levante!", como um coro grego. Havia uma farpa em seu polegar e a madeira raspava contra as dobras encharcadas de sua

pele, mas ela repentinamente teve vontade de rir.

— Um... dois... le. — Com um deslocamento repentino, um redemoinho de lama e uma cascata de terra solta da margem acima, a pedra cedeu, caindo no rio com uma pancada que espadanou água para todos os lados, encharcando-os até o peito e fazendo os meninos darem gritinhos de alegria.

Jamie ria de orelha a orelha, e ela também, independente da combinação ensopada e das crianças enlameadas. A enorme pedra agora jazia quase na outra margem do riacho e — exatamente como Brianna calculara — a corrente desviada já devorava a cavidade recém-formada na margem, um forte redemoinho corroendo o barro fino em correntes e espirais. — Está vendo isso? — Ela balançou a cabeça, indicando o efeito, e enxugando seu rosto respingado de lama no ombro de sua combinação.

— Não sei até onde irá a erosão, mas, se eu a deixar prosseguir por um ou dois dias, não restará muita escavação para fazer.

— Você sabia que isso ia acontecer? — Seu pai olhou para ela, o rosto iluminado, e riu. — Ora, você, que menina inteligente! A alegria da realização reconhecida ajudou bastante a amainar seu ressentimento pela ausência de Roger. A presença de uma garrafa de sidra no samburá de Jamie, mantida fria entre as trutas mortas, fez ainda mais. Ficaram sentados, como bons companheiros, na margem do riacho, passando a garrafa de um para o outro, admirando o trabalho da nova poça do redemoinho em andamento.

— Este barro parece bom — ela observou, inclinando-se para frente para retirar um pouco do material molhado da margem em desmoronamento. Espremeu-o na mão, deixando a água cinzenta escorrer pelo seu braço e abriu a mão para lhe mostrar como ele mantinha a forma, exibindo com clareza as marcas de seus dedos.

— Bom para o seu forno? — ele perguntou, examinando-o atentamente.

— Vale a pena tentar. — Ela já fizera várias experiências nada bem-sucedidas com o forno até agora, produzindo uma sucessão de pratos e tigelas deformados, a maioria dos quais ou explodiu dentro do forno ou se estilhaçou tão logo foram retiradas. Uma ou duas peças que sobreviveram, tortas e chamuscadas nas bordas, foram forçadas a entrar em um uso discutível, mas foi uma recompensa pequena e preciosa para o esforço de alimentar o forno e controlá-lo durante dias.

O que ela precisava era orientação de alguém que conhecesse fornos e fabricação de cerâmica. Mas, com as relações tensas agora existentes entre Ridge e Salem, ela não podia buscar essa ajuda. Já fora bastante difícil falar diretamente com o irmão Mordecai sobre seus processos cerâmicos — uma mulher papista, e falando com um homem que não era seu marido, que escândalo! — Maldito Manfred! — seu pai concordou, ouvindo suas queixas.

Ele já ouvira isso antes, mas não mencionara nada. Hesitou. — Será que ajudaria se eu perguntasse? Alguns dos Brethren ainda falam comigo e pode ser que me deixem falar com Mordecai. Se você me disser o que é que precisa saber... Você poderia, talvez, anotar, não? — Oh, papai, eu amo você! — Agradecida, inclinou-se para beijá-lo, e ele riu, obviamente satisfeito por estar lhe prestando um serviço.

Encantada, ela tomou mais um gole de sidra e visões róseas de rijos canos de cerâmica começaram a dançar em seu cérebro. Ela já mandara construir uma cisterna de madeira, apesar das muitas obstruções e reclamações de Ronnie Sinclair.

Precisava de ajuda para içá-la ao lugar certo. Então, se pudesse conseguir ao menos seis metros de canos confiáveis...

— Mamãe, venha ver! — A voz impaciente de Jem atravessou a névoa de cálculos. Com um suspiro mental, fez uma

anotação apressada do ponto em que estava em suas conjeturas e empurrou o processo cuidadosamente para o canto da mente, onde talvez pudesse fermentar em seu proveito.

Devolveu a garrafa a seu pai e desceu o barranco da margem até onde os meninos estavam agachados, esperando que lhe mostrassem girinos, um gambá afogado ou alguma outra maravilha da natureza de interesse para crianças pequenas.

— O que foi? — gritou.

— Olhe, olhe! — Jemmy avistou-a e levantou-se abruptamente, apontando para a pedra aos seus pés.

Estavam em pé na Pedra Chata, uma proeminente característica do riacho. Como o nome sugeria, era uma plataforma plana de granito, grande o suficiente para três homens a ocuparem ao mesmo tempo, desgastada embaixo pela água, de modo que se projetava acima do riacho borbulhante. Era um local favorito para a pesca.

Alguém fizera uma pequena fogueira; havia uma mancha preta na superfície da pedra, com o que pareciam os remanescentes de gravetos carbonizados no centro. Era pequena demais para ser uma fogueira de cozinhar, mas ainda assim ela não teria achado nada de extraordinário nela. Seu pai, no entanto, franzia o cenho, olhando para o local da fogueira, de uma maneira que a fez ir até a pedra e postar-se ao lado dele, olhando.

Os objetos nas cinzas não eram gravetos.

— Ossos — ela disse imediatamente, agachando-se para olhar melhor. — De que tipo de animal? — No momento mesmo em que perguntava, sua mente analisava e rejeitava esquilo, gambá, coelho, veado, porco, incapaz de identificar as formas.

— São ossos de dedos, menina — ele disse, abaixando a voz enquanto olhava para Jemmy, que perdera o interesse na fogueira e agora escorregava pela margem lamacenta, em detrimento adicional de suas calças. — Não toque neles — ele acrescentou,



desnecessariamente, já que ela retirara a mão com instantânea repugnância.

— De um ser humano, quer dizer? — Instintivamente, limpou a mão no lado da coxa, embora não tivesse tocado em nada.

Ele balançou a cabeça e agachou-se ao seu lado, examinando os restos carbonizados. Havia torrões enegrecidos ali também — embora ela achasse que esses fossem os remanescentes de alguma planta; um era esverdeado, talvez o talo de alguma planta, não inteiramente queimado. Jamie abaixou-se ainda mais, cheirando os restos carbonizados.

Instintivamente, Brianna inspirou fundo através do nariz, imitando-o — depois resfolegou, tentando se livrar do cheiro. Era desconcertante: um odor de coisa queimada, sobreposto com alguma coisa amarga e calcária — e isso por sua vez sobreposto com uma espécie de cheiro pungente que a fazia lembrar de remédios.

— De onde podem ter vindo? — ela perguntou, também em voz baixa, apesar de Jemmy e Germain terem começado a atirar bolas de lama um no outro e de que não a teriam notado ainda que gritasse.

— Não vi ninguém sem uma das mãos, você viu? — Jamie ergueu os olhos, esboçando um sorriso. Ela não devolveu o sorriso.

— Não andando por aí, não. Mas, se não estão andando por aí... — Engoliu em seco, tentando ignorar o gosto imaginário de ervas amargas, queimadas.

— Onde está o resto? Do corpo, quero dizer.

Essa palavra, "corpo", pareceu levar tudo para um novo e desagradável foco.

— Onde estará o resto daquele dedo? — Jamie olhava para a mancha enegrecida com a testa franzida. Ele apontou e ela viu o que ele estava vendo: uma mancha mais clara dentro do círculo da fogueira, de onde parte das cinzas havia sido varrida. Havia três

dedos, ela viu, ainda engolindo em seco repetidas vezes. Dois estavam intactos, os ossos branco-acinzentados e espectrais entre as cinzas. No entanto, duas articulações do terceiro haviam desaparecido; restava somente a última falange, mais delgada.

— Um animal? — Olhou à sua volta em busca de vestígios, mas não havia pegadas de patas na superfície da rocha, apenas as manchas de lama deixadas pelos pés descalços dos meninos.

Vagas visões de canibalismo começavam a se agitar de modo enjoativo na boca de seu estômago, embora rejeitasse a ideia imediatamente.

— Não acha que Ian — ela parou abruptamente.

— Ian? — Seu pai ergueu os olhos, estupefato. — Por que Ian faria tal coisa?

— Não creio que faria — ela disse, mais sensatamente. — De maneira nenhuma. Foi só uma ideia... Eu ouvi falar que os iroqueses às vezes... às vezes...

— Indicou os ossos carbonizados com um sinal da cabeça, não querendo continuar a explicar seu pensamento. — Hum... talvez um amigo de Ian? Hum... de visita?

O rosto de Jamie obscureceu-se um pouco, mas ele sacudiu a cabeça.

— Não, há um cheiro das Highlands nisso. Os iroqueses queimam um inimigo. Ou cortam partes dele, sem dúvida. Mas não deste modo.

— Apontou para os ossos com o queixo, à maneira das Highlands. — Isto é um assunto particular, sabe? Uma bruxa, ou uma de suas xamãs, talvez, faria algo assim; não um guerreiro.

— Não tenho visto nenhum índio, de nenhum tipo, ultimamente. Não em Ridge. E você? Ele olhou para a mancha queimada por mais um instante, franzindo o cenho, depois sacudiu a cabeça.

— Não, nem tampouco ninguém sem alguns dedos.

— Tem certeza de que são humanos? — Ela examinou os ossos, tentando outras possibilidades. — Talvez de um pequeno urso? Ou de um grande guaxinim?

— Talvez — ele disse, mas ela percebeu que ele dissera isso apenas para tranquilizá-la. Ele tinha certeza.

— Mamãe! — O barulho de pés descalços atrás dela na pedra foi sucedido por um puxão na manga de sua roupa. — Mamãe, estamos com fome!

— Claro que estão — ela disse, levantando-se para atendê-los, mas ainda fitando distraidamente os restos carbonizados. — Não comeram nada há quase uma hora. O que vocês... — Seu olhar desviou-se devagar da fogueira para seu filho, então seus olhos arregalaram-se abruptamente, focalizando-se nos dois meninos, parados, rindo para ela, cobertos de lama dos pés à cabeça.

— Olhe só para vocês! — ela disse, com um misto de desalento e resignação. — Como conseguiram ficar tão sujos?

— Ah, é fácil, menina — seu pai assegurou-lhe, rindo, conforme se levantava. — Mas facilmente consertável. — Abaixou-se e, agarrando Germain pelas costas da camisa e pelo assento das calças, içou-o da pedra com precisão e colocou-o na água embaixo.

— Eu também, eu também! Eu também, vovô! — Jemmy dançava para cima e para baixo, empolgado, respingando lama para todos os lados.

— Oh, sim. Você também. — Jamie abaixou-se e agarrou Jem pela cintura, lançando-o no ar antes que Brianna pudesse gritar.

— Ele não sabe nadar!

Esse protesto coincidiu com uma enorme pancada na água, quando Jem caiu e prontamente afundou como uma pedra. Ela já caminhava para a beira, preparando-se para mergulhar atrás dele, quando seu pai colocou a mão em seu braço para fazê-la parar.

— Espere um momento — ele disse. — Como vai saber se ele nada ou não, se não o deixa tentar?

Germain já partia como uma flecha na direção da margem, os cabelos louros e lisos escuros da água. Jemmy emergiu ao lado dele, espadanando água para todos os lados, e Germain mergulhou, virou-se como uma lontra e saiu ao lado dele.

— Chute! — ele gritou para Jemmy, agitando e levantando um jato de água para ilustrar. — Fique de costas!

Jemmy parou de bater braços e pernas atabalhoadamente, ficou de costas e começou a chutar loucamente. Seus cabelos estavam emplastrados sobre seu rosto e os jatos d'água de seus esforços deviam obscurecer qualquer resquício de visão — mas ele continuou galhardamente a chutar, aos gritos de encorajamento de Jamie e Germain.

O remanso formado pelo riacho não tinha mais do que três metros de um lado a outro e ele alcançou as águas rasas da margem oposta em poucos segundos, encalhando entre as pedras por ter batido de cabeça em uma delas. Ele parou, debatendo-se debilmente nas águas rasas, depois conseguiu ficar em pé, despejando água, e afastou os cabelos molhados do rosto. Parecia estupefato.

— Eu sei nadar! — gritou. — Mamãe, eu sei nadar!

— Que maravilha! — ela gritou, dividida em compartilhar seu extasiado orgulho e a ânsia de correr para casa e contar a Roger, e visões temerárias de Jemmy agora pulando descuidadamente em lagos sem fundo e corredeiras cheias de pedras, sob a insensata ilusão de que realmente sabia nadar. Mas ele conseguira, não havia a menor dúvida; não havia caminho de volta.

— Venha cá! — Inclinou-se para ele, batendo palmas. — Consegue nadar de volta para mim? Vamos, venha cá! Ele olhou perplexo para ela por um instante, depois à sua volta para a água agitada do remanso. O fulgor do entusiasmo em seu rosto feneceu.

— Esqueci — ele disse, a boca curvada para baixo, repentinamente desgostoso. — Eu me esqueci como se faz!

— Deite-se e chute! — Germain gritou prestativamente, de cima da rocha. — Você consegue, primo!

Jemmy deu um ou dois passos desajeitados na água, mas parou, o lábio trêmulo, o terror e a confusão começando a dominá-lo.

— Fique aí, a chuisle! Estou indo! — Jamie gritou, e mergulhou com precisão no remanso, uma longa faixa clara sob a água, bolhas fluindo dos cabelos e das calças. Emergiu diante de Jemmy em uma explosão de ar, e sacudiu a cabeça, lançando para fora do rosto mechas molhadas de cabelos ruivos.

— Vamos, então, rapaz — ele disse, movendo-se agilmente de joelhos no raso, de modo a dar as costas a Jemmy. Olhou para trás, batendo no próprio ombro. — Segure aqui em mim, sim? Vamos nadar juntos de volta.

E assim fizeram, chutando e espadanando água em um desengonçado patinhado, os gritinhos de empolgação de Jemmy ecoados por Germain, que pulara na água para patinhar ao lado deles.

Içando-se para cima da pedra, os três ficaram inertes, encharcados e arquejantes, rindo, aos pés de Brianna, a água espalhando-se em poças ao redor.

— Bem, vocês estão mais limpos — ela disse sensatamente, afastando o pé de um fio de água que se espalhava. — Tenho que admitir.

— Claro que estamos. — Jamie sentou-se, torcendo o longo rabo de cavalo. — Ocorreu-me que talvez haja uma maneira melhor de fazer o que você quer.

— O que eu quero... oh. Quer dizer, a água?

— Sim, isso mesmo. — Ele fungou e passou as costas da mão sob o nariz. — Eu lhe mostrarei, se você passar lá em casa

depois do jantar.

— O que é isso, vovô? — Jemmy se levantara, os cabelos molhados espetados como um porco-espinho ruivo, e olhava curiosamente para as costas de Jamie. Esticou um dedo e passou-o por uma das cicatrizes longas e curvas.

— O quê? Oh... isso. — O rosto de Jamie ficou completamente inexpressivo por um instante. — E... hã...

— Um das pessoas malvadas feriram o vovô certa vez — ela interrompeu com firmeza, abaixando-se para pegar Jemmy no colo. — Mas isso foi há muito tempo. Ele está bom agora. Você pesa uma tonelada!

— Papai disse que talvez grandpère seja um silkie — Germain comentou, examinando as costas de Jamie com interesse. — Como seu pai antes dele. As pessoas malvadas o encontraram em sua pele de silkie, grandpère, e tentaram cortá-la de você? Ele, é claro, voltaria a ser um homem — ele explicou de maneira pragmática, erguendo os olhos para Jemmy — e poderia matá-los com sua espada.

Jamie olhava fixamente para Germain. Pestanejou e enxugou o nariz outra vez.

— Oh — ele disse. — Sim. Hum. Sim, acho que foi isso mesmo. Se o seu pai disse.

— O que é um silkie? — Jemmy perguntou, confuso, mas interessado. Contorceu-se nos braços de Brianna, querendo ser colocado no chão, e ela colocou-o de novo na pedra.

— Não sei — Germain admitiu. — Mas têm pelo. O que é um silkie, grandpère?

Jamie fechou os olhos contra o sol poente e passou a mão pelo rosto sacudindo um pouco a cabeça. Brianna achou que ele sorria, mas não teve certeza. — Ah, bem — ele disse, sentando-se direito, abrindo os olhos e atirando para trás os cabelos molhados. — Um silkie é uma criatura que é homem na terra, mas se

transforma numa foca no mar. E uma foca — acrescentou, interrompendo Jemmy, que já abria a boca para perguntar — é um animal grande e escorregadio que late como um cão, é grande como um boi e belo como o negro da noite. Vivem no mar, mas às vezes vêm para as rochas perto do litoral.

— Você já viu as focas, grandpère? — Germain perguntou, ávido.

— Oh, muitas vezes — Jamie garantiu-lhe. — Há muitas focas que vivem no litoral da Escócia.

— Escócia — Jemmy repetiu. Seus olhos estavam arregalados.

— Ma mère diz que a Escócia é um lugar muito bom — Germain observou. — Ela às vezes chora, quando fala nisso. Mas eu não tenho certeza se iria gostar de lá.

— Por que não? — Brianna perguntou.

— É cheia de gigantes e cavalos da água... e coisas — Germain respondeu, franzindo o cenho. — Não quero ver nada disso. E mingau de aveia, minha mãe diz, mas temos mingau de aveia aqui.

— Sim, temos. E acho que já está na hora de irmos para casa comer um pouco. — Jamie levantou-se e se alongou, gemendo de prazer. O sol do final de tarde banhava a rocha e a água com uma luz dourada, brilhando nas bochechas dos meninos e nos pelos claros dos braços de seu pai.

Jemmy espreguiçou-se e gemeu, também, em reverente imitação, e Jamie riu.

— Vamos, peixinho. Quer uma carona até em casa? — Abaixou-se para que Jemmy pudesse subir em suas costas, em seguida endireitou-se, ajeitando o peso do menino, e estendeu a mão para segurar a de Germain.

Jamie viu a atenção de Brianna voltar momentaneamente para a mancha enegrecida na borda da rocha.

— Esqueça, menina — ele disse serenamente. — É algum tipo de feitiçaria. Não deve tocar nisso.

Então, ele saltou da pedra e dirigiu-se para a trilha, Jemmy em suas costas e Germain agarrado com firmeza pela nuca, os dois meninos dando risadinhas conforme avançavam pela lama escorregadia do caminho.

Brianna recuperou sua pá e a camisa de Jamie da margem do riacho e alcançou-os na trilha para a casa grande. Uma brisa começara a soprar através das árvores, fria no tecido molhado de sua combinação, mas o calor da caminhada era suficiente para não deixar que sentisse frio.

Germain cantarolava consigo mesmo, ainda de mãos dadas com o avô, a cabecinha loura inclinando-se para frente e para trás como um metrônomo.

Jemmy suspirou em estado de bem-aventurança, as pernas enroladas na cintura de Jamie, os braços em volta do seu pescoço, e apoiou sua face vermelha do sol contra as costas marcadas de cicatrizes do avô.

Então, pensou em alguma coisa, porque levantou a cabeça e beijou o avô com um beijo estalado, entre as omoplatas.

Seu pai moveu-se abruptamente, quase deixando Jem cair, e emitiu um ruído estridente que a fez rir.

— Assim está melhor? — Jem perguntou seriamente, esticando-se e tentando olhar o rosto de Jamie por cima de seu ombro.

— Oh. Sim, rapaz — seu avô afirmou, o rosto torcendo-se. — Muito melhor. Os mosquitinhos revoavam com toda força a esta hora.

Ela espantou uma nuvem deles de seu rosto e deu um tapa em um mosquito que pousou no pescoço de Germain.

— Ai! — ele exclamou, encolhendo os ombros, mas em seguida retomando a canção "Alouette" sem se deixar perturbar.



A camisa de Jemmy era fina, de linho gasto, recortada de uma das camisas velhas de Roger. O tecido secara na forma do seu corpo, quadrado e sólido da largura de seus ombros pequenos e macios reproduzindo os mais largos e mais firmes e mais velhos a que se agarrava. Ela olhou dos ruivos para Germain, caminhando, esbelto e gracioso como um talo de junco, pela sombra e pela luz, ainda cantando, e pensou em como os homens eram desesperadamente belos.

— Quem eram as pessoas malvadas, vovô? — Jemmy perguntou sonolentemente, a cabeça balançando no ritmo dos passos de Jamie.

— Sassenachs — Jamie respondeu sucintamente. — Soldados ingleses.

— Ingleses canaille — Germain ampliou, interrompendo sua canção. — Foram eles também que cortaram a mão do meu pai.

— Foram? — A cabeça de Jemmy levantou-se em momentânea atenção e depois caiu novamente entre as omoplatas de Jamie com uma pancada surda que fez seu avô grunhir. — Você os matou com sua espada, vovô? — Alguns deles.

— Vou matar o resto, quando for grande — Germain declarou. — Se sobrar algum.

— Imagino que sobrará. — Jamie ajeitou o peso de Jem um pouco mais para cima, soltando a mão de Germain para segurar as pernas de Jem que começavam a se soltar de sua cintura.

— Eu, também — Jemmy murmurou, as pálpebras se fechando. — Também vou matar eles.

Na bifurcação da trilha, Jamie entregou-lhe seu filho, profundamente adormecido, e pegou sua camisa de volta. Vestiu-a, arrumando os cabelos desgrehados para trás quando a camisa passou pela cabeça. Sorriu para ela e depois se inclinou para frente e beijou sua testa, delicadamente, colocando uma das mãos na

cabeça ruiva e redonda de Jemmy onde ela se apoiava em seu ombro.

— Não se preocupe, menina — ele disse suavemente. — Falarei com Modecai. E com seu marido. Cuide do pequenino.

"Isto é um assunto particular", seu pai dissera. A implicação geral era que ela devia deixar aquilo em paz. E ela deixaria, se não fosse por um ou dois detalhes. Um, que Roger voltara para casa bem depois de escurecer, assoviando uma canção que ele dissera que Amy McCallum lhe ensinara.

E dois, aquela observação casual que seu pai fizera sobre a fogueira na Pedra Chata — que havia um cheiro das Highlands ali.

Brianna tinha o olfato muito apurado e sentia que havia algo de podre naquele caso. Ela também reconhecera — tardiamente — o que fizera Jamie dizer o que dissera. O cheiro estranho do fogo, aquele travo de remédio — era iodo; o cheiro de algas marinhas queimadas. Ela sentira o cheiro de uma fogueira feita com restos de naufrágio na praia perto de Ullapool, em sua própria época, quando Roger a levara até lá para um piquenique.

Sem dúvida, havia algas no litoral e não era impossível que alguém, em algum momento, tivesse trazido um pouco para o interior. Mas também não era impossível que alguém dos pescadores tivesse trazido algumas da Escócia, da mesma forma que alguns exilados levam terra em um jarro ou um punhado de pedrinhas para lembrá-los da terra deixada para trás.

Feitiçaria, seu pai dissera. E a canção que Roger aprendera com Amy McCallum chamava-se "O feitiço no sentido do sol", ele dissera.

Nada disso provava coisa alguma. Ainda assim, ela mencionou a pequena fogueira e seu conteúdo para a sra. Bug, apenas por curiosidade.

A sra. Bug tinha grande conhecimento de todos os tipos de feitiços das Highlands.

A sra. Bug franziu o cenho pensativamente diante de sua descrição, os lábios enrugados.

— Ossos, hein? Que tipo... ossos de um animal, ou de um homem?

Brianna sentiu como se alguém tivesse soltado uma lesma pelas suas costas.

— Um homem?

— Oh, sim. Alguns feitiços levam terra de sepultura, sabe, e alguns o pó de ossos, ou as cinzas de um corpo. — Evidentemente lembrada pela menção de cinzas, a sra. Bug retirou uma grande tigela de cerâmica das cinzas quentes da lareira, e olhou dentro dela. A porção de pão fermentado que dava partida à produção dos pães expirara há alguns dias e a tigela de farinha, água e mel fora preparada na esperança de capturar um micro-organismo do ar que produzisse um novo fermento.

A pequena e redonda escocesa franziu o cenho para a tigela, sacudiu a cabeça e colocou-a de volta murmurando um breve verso em gaélico.

Naturalmente, Brianna pensou, achando graça, devia haver uma oração para fazer fermento. Qual seria o santo padroeiro a cargo disso? — Mas o que você disse — a sra. Bug falou, voltando tanto a picar seus nabos quanto retornando ao assunto original da conversa. — Sobre ser na Pedra Chata. Algas, ossos e uma pedra plana. É um feitiço de amor, menina. O que chamam de "Veneno do Vento do Norte".

— Que nome estranho para um feitiço de amor — ela disse, fitando a sra. Bug, que riu.

— Oh, vejamos, será que me lembro da letra toda? — ela perguntou retoricamente. Limpou as mãos no avental e, entrelaçando-as na cintura com um ar ligeiramente teatral, recitou:

*Um feitiço de amor para você,*

*Água tirada com um canudo,  
Seu calor que você tanto ama  
Com amor atrair para você.  
Levante-se cedo no dia do Senhor,  
Vá à pedra chata na praia,  
Leve com você as plantas  
Bardana e dedaleira.  
Uma pequena quantidade de brasas na saia de seu vestido,  
Um punhado especial de algas  
Em uma pá de madeira.  
Três ossos de um homem idoso,  
Recém-tirados da sepultura,  
Nove talos de feto real,  
Recém-cortados com um machado.  
Queime-os em um fogo de gravetos e os transforme em cinzas;  
Salpique no peito de seu amado,  
Contra o veneno do vento do norte.  
Circunde a colina da procriação,  
O circuito das cinco voltas,  
E eu lhe prometerai e garantirei  
Que esse homem jamais a abandonará.*

A sra. Bug descruzou as mãos e pegou outro nabo, cortando-o em quatro com golpes precisos e rápidos e atirando os pedaços dentro da panela.

— Você mesma não está querendo isso, espero.

— Não — Brianna murmurou, sentindo a sensação fria continuar a descer pelas suas costas. — Você acha... os pescadores fariam um feitiço como esse — Bem, quanto a isso, não posso dizer o que eles fariam... mas sem dúvida alguns devem conhecer esse feitiço; é bem conhecido, embora eu mesma não tenha encontrado ninguém que o tenha feito. Há maneiras mais fáceis de fazer um

rapaz se apaixonar por você, menina — acrescentou, apontando um dedo grosso e curto para Brianna, em advertência. — Para começar, prepare um bom prato de nabos cozidos no leite e sirva com manteiga.

— Vou me lembrar disso — Brianna prometeu, sorrindo, e despediu-se.

Ela pretendia ir para casa; havia dezenas de coisas para fazer, desde fiar e tecer a depenar e limpar a meia dúzia de gansos que ela caçara e pendurara na meia-água. Mas, em vez disso, viu seus passos voltando-se para a encosta da colina, pelo caminho coberto de mato que levava ao cemitério.

Certamente, não fora Amy McCallum quem fizera o feitiço, pensou.

Ela teria levado horas para descer a montanha desde sua cabana, e ela com um bebê pequeno para cuidar. Mas bebês podiam ser carregados. E ninguém iria saber se ela havia deixado a cabana, a não ser talvez Aidan — e Aidan não falava com ninguém a não ser com Roger, a quem adorava.

O sol já havia quase desaparecido e o minúsculo cemitério tinha uma aparência melancólica, longas sombras das árvores que o abrigavam estendendo-se frias e escuras pelo chão coberto de agulhas de pinheiros e a pequena coleção de marcos rudimentares, montículos de pedras e cruces de madeira. Os pinheiros e cicutas murmuravam, inquietos, no alto, com a crescente brisa da noite.

A sensação de frio espalhara-se de sua coluna vertebral, atingindo toda a região entre as omoplatas. Ver a terra revolvida sob o marco de madeira onde se lia Ephraim não ajudou em nada.

*ARESTAS PONTIAGUDAS*

Ele já devia saber. Ele sabia. Mas o que poderia ter feito? Mais importante ainda, o que devia fazer agora? Roger subia a encosta da montanha devagar, quase alheio à sua beleza. Quase, mas não inteiramente. Melancólico na desolação do inverno, a fenda isolada onde a desmantelada cabana de Amy McCallum se empoleirava entre os loureiros era um esplendor de cores e de vida na primavera e no verão — tão resplandecente que nem mesmo sua preocupação podia impedi-lo de notar o fulgor de rosas e vermelhos, entremeados por suaves áreas de corniso leitoso e tapetes de pequenas flores azuis balançando-se em talos delgados acima da torrente do córrego que se lançava encosta abaixo ao lado da trilha pedregosa.

Eles devem ter escolhido o local no verão, ele refletiu com cinismo.

Teria parecido encantador na ocasião. Ele não conhecera Orem McCallum, mas obviamente o sujeito não fora mais prático do que sua mulher ou teriam percebido os perigos de seu distanciamento.

No entanto, a atual situação não era culpa de Amy. Não deveria culpá-la por sua própria falta de bom-senso.

Ele tampouco se culpava, não exatamente — mas ele devia ter notado há mais tempo o que estava acontecendo; o que estava sendo comentado.

"Todo mundo sabe que você passa mais tempo lá em cima com a viúva McCallum do que com sua própria mulher." Foi o que Malva Christie dissera, seu queixo pequeno e pontudo erguido desafiadoramente.

"Conte ao meu pai e eu direi a todo mundo que vi você beijar Amy McCallum. Todos acreditarão em mim." Sentiu um eco do espanto que sentira com as palavras de Malva — um espanto seguido de raiva. Da jovem e de sua ameaça tola, mas muito mais de si mesmo.

Ele estivera trabalhando na clareira do uísque e, no caminho de volta para a cabana para jantar, fizera uma curva da trilha e surpreendera os dois, Malva e Bobby Higgins, abraçados. Separaram-se com um salto, cada um para um lado, como um par de cervos assustados, os olhos arregalados, tão aterrorizados que chegava a ser engraçado.

Ele sorria, mas antes que pudesse pedir desculpas ou desaparecer diplomaticamente no mato Malva aproximara-se dele, os olhos ainda arregalados, mas flamejantes de determinação.

"Conte ao meu pai", ela ameaçara, "e eu direi a todo mundo que vi você beijar Amy McCallum." Ele ficara tão desconcertado com suas palavras que mal notara Bobby, até o jovem soldado colocar a mão em seu braço, murmurando alguma coisa para ela, e afastando-a dali. Ela se virara com relutância, com um último olhar significativo, desconfiado, a Roger, e uma tirada final que o deixara estarrecido.

"Todo mundo sabe que você passa mais tempo lá em cima com a viúva McCallum do que com sua própria mulher. Todos acreditarão em mim." Droga, eles acreditariam, é verdade, e era sua própria culpa. Fora um ou dois comentários sarcásticos, Bri não reclamara de suas visitas; ela aceitara — ou parecera aceitar — que alguém tinha que ir de vez em quando dar assistência aos McCallum, certificar-se de que tinham comida e fogo, propiciar

alguns momentos de companhia, uma pequena trégua na monotonia da solidão e do trabalho.

Ele fizera isso com frequência, acompanhando o reverendo em visitas a idosos, viúvos, doentes da congregação; levava comida, parava para uma breve conversa — para ouvir. Era exatamente o que se fazia por um vizinho, disse a si mesmo; uma gentileza normal.

Mas ele devia ter prestado mais atenção. Agora, lembrava-se do olhar pensativo de Jamie à mesa de jantar, a inspiração como se fosse dizer alguma coisa, quando Roger pedira a Claire uma pomada para a assadura da pequena Orrie McCallum — e, então, o olhar de Claire para Brianna, e Jamie fechando a boca, sem dizer o que quer que estivesse pensando em dizer.

"Todos acreditarão em mim." Para a garota ter dito isso, já deveriam existir muitos comentários. Era provável que Jamie já os tivesse ouvido; só podia esperar que Bri não tivesse.

A chaminé torta surgiu acima dos loureiros, a fumaça um fiapo quase transparente que fazia o ar límpido acima da viga da cumeeira parecer tremular, como se a cabana fosse encantada, pudesse desaparecer com um piscar de olhos.

O pior é que ele sabia exatamente como acontecera. Ele tinha uma fraqueza por jovens mães, uma terrível ternura por elas, um desejo de cuidar delas. O fato de saber exatamente por que nutria tal ânsia — a lembrança de sua própria mãe, jovem, que morrera salvando sua vida durante a Blitz — não ajudava. Era uma ternura que quase lhe custara a vida em Alamance, quando aquele maldito idiota, William Buccleigh Mackenzie, interpretara mal a preocupação de Roger por Morag Mackenzie... bem, é verdade que ele a beijara, mas apenas na testa, e, pelo amor de Deus, ela era um antepassado seu... e a enorme tolice de quase ser assassinado por um antepassado de seu próprio avô por molestar a mulher dele...



isso lhe custara sua voz e ele devia ter aprendido a lição, mas não, não o suficiente.

Repentinamente furioso consigo mesmo — e com Malva Christie, a moça atrevida e maliciosa —, ele pegou uma pedra do caminho e atirou-a para baixo da montanha, dentro do córrego. Ela bateu em outra na água, ricocheteou duas vezes, e desapareceu na correnteza borbulhante.

Suas visitas aos McCallum tinham que cessar, imediatamente. Via isso com clareza. Outra ajuda teria que ser encontrada para eles... mas ele precisava ir mais uma vez, para explicar. Amy entenderia, pensou — mas como explicar para Aidan o que era reputação e por que a maledicência era um pecado mortal e por que Roger não podia mais vir pescar com ele ou lhe ensinar a construir...

Praguejando baixinho, galgou a última subida, curta e íngreme, chegando ao pequeno pátio malcuidado e cheio de mato. Mas antes que pudesse chamar, anunciando sua presença, a porta escancarou-se.

— Roger Mac! — Amy McCallum quase caiu do degrau e em seus braços, chorando e soluçando. — Oh, você veio, você veio! Rezei para que alguém viesse, mas não achei que alguém viesse a tempo, e ele morreria, mas você veio, graças a Deus! — O que foi? O que aconteceu? A pequena Orrie adoeceu? — Segurou-a pelos braços, firmando-a, e ela sacudiu a cabeça, tão violentamente que sua touca escorregou para o lado.

— Aidan — disse, resfolegando. — É Aidan.

Aidan McCallum estava deitado, encolhido, na mesa do meu consultório, branco como um lençol, respirando com dificuldade e gemendo baixinho. Minha primeira esperança — maçãs verdes ou groselhas — desapareceu depois de um exame mais minucioso. Eu tinha quase certeza do que havia ali, mas a apendicite apresenta os

mesmos sintomas de diversos outros males. Entretanto, um caso clássico realmente possui um aspecto surpreendente.

— Pode estendê-lo, apenas por um instante? — Olhei para sua mãe, pairando acima dele à beira das lágrimas, mas foi Roger quem assentiu e veio colocar as mãos nos ombros e nos joelhos de Aidan, delicadamente persuadindo-o a esticar-se. Coloquei o polegar em seu umbigo, o dedo mínimo no osso de seu quadril, e apertei seu abdômen com força com o dedo médio, perguntando-me por um segundo se McBurney já havia descoberto e nomeado esse ponto de diagnóstico. Dor no ponto de McBurney era um diagnóstico específico para apendicite aguda. Pressionei o abdômen de Aidan naquele ponto, em seguida relaxei a pressão, ele gritou, arqueou-se para cima e dobrou-se como um canivete.

Um apêndice inflamado, sem dúvida. Eu sabia que me depararia com um mais cedo ou mais tarde. E, com uma sensação mista de consternação e ansiedade, compreendi que chegara a hora de finalmente usar o éter. Não havia a menor dúvida sobre isso, e nenhuma escolha; se o apêndice não fosse retirado, iria supurar.

Ergui os olhos; Roger estava apoiando a pequena sra. McCallum com a mão sob seu cotovelo; ela agarrava o bebê junto ao peito, enrolado como uma pequena trouxa. Ela teria que ficar; Aidan iria precisar dela.

— Roger, peça a Lizzie para vir cuidar do bebê, sim? E depois vá o mais rápido que puder à casa dos Christie; preciso que Malva venha me ajudar.

A mais extraordinária expressão atravessou seu rosto; não pude interpretá-la, mas desapareceu em um instante, e eu não tinha tempo para me preocupar com isso. Ele assentiu e saiu sem dizer nada. Voltei minha atenção para a sra. McCallum, fazendo-lhe as perguntas de cujas respostas eu precisava antes de cortar a barriga de seu filho.

Foi Allan Christie quem abriu a porta para a batida brusca de Roger.

Uma versão mais morena e mais magra de seu próprio pai, ele piscou devagar à pergunta de onde andava Malva.

— Ora... ela foi até o riacho — ele disse. — Colher junco, ela disse.

— Ele franziu a testa. — Por que precisa falar com ela? — A sra. Fraser precisa que ela vá ajudar com... com alguma coisa.

— Algo se moveu dentro da casa; a porta dos fundos se abrindo. Tom Christie entrou, um livro na mão, a página que andara lendo presa entre dois dedos.

— Mackenzie — ele disse, com um movimento brusco da cabeça em saudação. — Disse que a sra. Fraser precisa de Malva? Para quê? — Ele também franzia a testa, os dois Christie parecendo exatamente um par de corujas contemplando um camundongo questionável.

— É que o pequeno Aidan está passando mal e ela gostaria da ajuda de Malva. Vou procurá-la.

A testa de Christie franziu-se ainda mais e ele abriu a boca para falar, mas Roger já se virara, correndo para o meio das árvores antes que qualquer um deles pudesse impedi-lo. Ele a encontrou rapidamente, embora cada momento passado procurando parecesse uma eternidade. Quanto tempo levava para um apêndice supurar? Ela estava no riacho, com água até os joelhos, as saias presas para cima e seu cesto de junco flutuando ao seu lado, amarrado a uma tira do avental. No começo, ela não o ouviu, ensurdecida pelo fluxo da água. Quando ele chamou seu nome mais alto, sua cabeça virou-se, espantada, e ela brandiu a faca de cortar junco, agarrada com força na mão.

O ar alarmado desapareceu quando ela viu quem era, embora mantivesse um olhar desconfiado nele — e continuasse

agarrando a faca, ele viu. Seus chamados foram recebidos com um lampejo de interesse.

— O éter? Ela vai realmente cortá-lo? — ela perguntou ansiosamente, vadeando em sua direção.

— Sim. Venha; já disse ao seu pai que a sra. Fraser precisa de você.

Não precisamos parar.

A expressão de seu rosto mudou.

— Disse a ele? — Franziu a testa por um instante. Em seguida, mordeu o lábio e sacudiu a cabeça.

— Não posso — ela disse, erguendo a voz acima do barulho do riacho.

— Sim, pode — ele disse, da maneira mais encorajadora possível, e estendeu a mão para ajudá-la. — Venha; eu a ajudo com suas coisas.

Ela sacudiu a cabeça mais decididamente, estendendo um pouco o rosado lábio inferior.

— Não. Meu pai... não vai aceitar. — Olhou na direção da cabana e ele virou-se para verificar, mas estava tudo bem; nem Allan, nem Tom Christie o haviam seguido. Ainda.

Ele atirou fora os sapatos e entrou na água gelada do riacho, as pedras rolando, duras e escorregadias, sob seus pés. Os olhos de Malva se arregalaram e sua boca se abriu quando ele se inclinou e agarrou seu cesto, arrancou-o da tira de seu avental e atirou-o na margem. Em seguida, tirou a faca de sua mão, enfiou-a no seu cinto, agarrou-a pelo pulso e, levantando-a no colo, saiu para a margem espadanando água, sem se perturbar com seus gritos e chutes.

— Você vai comigo — ele disse, grunhindo ao colocá-la no chão.

— Quer ir andando ou vou ter que carregá-la? Ele achou que ela parecia mais intrigada do que horrorizada à sua proposta, mas sacudiu a cabeça outra vez, afastando-se dele.

— Não posso, é verdade! Ele... ele vai me bater se descobrir que andei mexendo com éter.

Isso o fez parar por um instante. Iria mesmo? Talvez. Mas a vida de Aidan corria perigo.

— Então, ele não vai ficar sabendo — ele disse. — Ou, se ficar, farei com que ele não a castigue. Vamos, pelo amor de Deus, não há tempo a perder! Sua pequena boca rosada comprimiu-se teimosamente. Então, não havia tempo para escrúpulos. Ele inclinou-se para que seu rosto ficasse mais próximo do dela e fitou-a com determinação.

— Você vem — ele disse, os punhos cerrados —, ou contarei a seu pai e seu irmão sobre você e Bobby Higgins. Diga o que quiser sobre mim, eu não me importo. Mas, se acha que seu pai bateria em você por ajudar a sra. Fraser, o que ele não faria se soubesse que andou se agarrando com Bobby? Ele não sabia qual era o equivalente do século XVIII a se agarrar, mas ela obviamente entendeu. E, se ela fosse ainda que quase do seu tamanho, teria lhe dado um soco, se ele traduziu corretamente a perigosa luz naqueles grandes olhos cinzentos.

Mas não era e, após um instante de consideração, abaixou-se, enxugou as pernas com as saias e enfiou as sandálias apressadamente.

— Deixe-o — ela disse laconicamente, vendo-o se abaixar para pegar o cesto. — E devolva a minha faca.

Deve ter sido apenas a necessidade de manter alguma influência sobre ela até chegarem ao consultório — certamente, não tinha medo dela. Mas colocou a mão na faca em sua cintura e disse: — Depois. Quando estiver lá.

Ela não se deu ao trabalho de discutir, mas começou a subir rapidamente a margem do riacho adiante dele, tomando a direção da casa grande, as solas de suas sandálias batendo em seus calcanhares nus.

Eu tinha os dedos no pulso na axila de Aidan, contando. Sua pele estava muito quente ao toque, a temperatura elevada. O pulso era forte, embora acelerado... diminuindo a velocidade conforme ele ficava anestesiado. Eu podia sentir Malva contando baixinho, tantas gotas de éter, tanto tempo de intervalo até a próxima... Perdi minha própria contagem do pulso, mas não importava; eu o estava assimilando, sentindo meu próprio pulso bater no mesmo ritmo, e estava normal, estabilizado.

Ele respirava bem. O pequeno abdômen subia e descia ligeiramente sob minha mão, e eu podia sentir os músculos relaxando mais a cada instante, tudo exceto a barriga tensionada e distendida, as costelas visíveis arqueando-se bem alto conforme ele respirava. Tive a repentina ilusão de que poderia enfiar minha mão diretamente através da parede de seu abdômen e tocar o apêndice inchado, podia vê-lo mentalmente, latejando malignamente na segurança escura de seu mundo selado.

Estava na hora, portanto. A sra. McCallum emitiu um pequeno som quando peguei o bisturi, outro mais alto quando o pressionei na carne pálida, ainda molhado e brilhando do álcool com que eu o limpara, como a barriga de um peixe cedendo à faca de evisceração.

A pele abriu-se facilmente, o sangue afluindo daquela forma estranha e mágica, parecendo surgir do nada. Ele quase não tinha nenhuma camada de gordura sob a pele; os músculos estavam logo ali, vermelho-escuros, flexíveis ao toque. Havia outras pessoas na sala; eu as sentia vagamente. Mas não tinha nenhuma atenção extra para lhes dispensar. Todos os meus sentidos estavam concentrados no pequeno corpo sob minhas mãos. No entanto, alguém estava junto ao meu ombro — Bri? — Me dê o retrator; sim, esse mesmo. — Sim, era Bri; a mão de dedos longos, úmidos de desinfetante, pegou o instrumento em forma de garra e colocou-o na minha mão esquerda, já posicionada para recebê-lo.

Eu sentia falta dos serviços de uma boa enfermeira cirúrgica, mas nós daríamos um jeito.

— Segure isso, bem aí. — Enfiei cuidadosamente a lâmina entre as fibras musculares, apartando-as com facilidade, e em seguida pincei o brilho espesso e suave do peritônio, levantei-o e cortei-o.

Suas vísceras estavam muito quentes, úmidas ao redor de dois dedos investigativos. A bisnaga macia do intestino, grumos pequenos, mas firmes de matéria fecal através de suas paredes, o roçar de ossos contra as juntas dos meus dedos — ele era tão pequeno, não havia muito espaço para esquadrihar. Eu mantinha os olhos fechados, concentrando-me apenas no toque. O ceco tinha que estar logo embaixo dos meus dedos, essa era a curva do intestino grosso, eu podia sentir, inerte, mas vivo, como uma cobra adormecida. Atrás? Embaixo? Sondei cuidadosamente, mas a abertura ainda estava inundada. Eu deveria parar para cauterizar os pequenos vasos que sangravam? Olhei para Malva; ela estava com a testa franzida em concentração, os lábios movendo-se silenciosamente, contando — e mantinha uma das mãos no pulso do pescoço do paciente, atenta à contagem.

— Ferro de cauterização, o pequeno. — Uma pausa; com a facilidade de combustão do éter em mente, eu respingara a lareira com água e colocara o braseiro do outro lado do corredor, no gabinete de Jamie. Mas Bri foi rápida; em segundos, eu o tinha nas mãos. Um fio de fumaça ergueu-se de sua barriga e o chiado de carne tostada penetrou no cheiro denso e quente de sangue. Ergui os olhos para dar o instrumento de volta a Bri e vi o rosto da sra McCallum, os olhos arregalados.

Enxuguei o sangue com um chumaço de fiapos de linho, olhei novamente — meus dedos ainda seguravam o que eu achava... muito bem.

— Muito bem — eu disse em voz alta, triunfante. — Peguei!  
— Com muito cuidado, enganchei um dedo sob a curva do ceco e puxei uma seção para cima através do corte, o apêndice inflamado projetando-se dele como um verme gordo e irritado, roxo da inflamação.

— Ligadura.

Já o fisgara. Eu podia ver a membrana ao lado do apêndice e os vasos sanguíneos que o alimentavam. Teriam que ser amarrados primeiro; então, eu poderia amarrar o próprio apêndice e cortá-lo. Difícil apenas por causa do pequeno tamanho, mas nenhum problema real...

A sala estava tão silenciosa que eu podia ouvir os minúsculos chiados e estalidos do carvão no braseiro do outro lado do corredor. O suor escorria por trás de minhas orelhas, entre meus seios, e me tornei vagamente consciente de que meus dentes estavam fincados no meu lábio inferior.

— Fórceps. — Apertei bem o nó e, retirando o fórceps, empurrei o coto amarrado do apêndice com precisão para dentro do ceco. Pressionei este com firmeza de volta para dentro de sua barriga e parei para respirar.

— Quanto tempo, Malva? — Um pouco mais de dez minutos, senhora. Ele está bem. — Ela tirou os olhos da máscara de éter o tempo suficiente para lançar um breve sorriso para mim, depois pegou a garrafa gotejadora, os lábios retomando a contagem silenciosa.

Fechar foi rápido. Pinte o corte suturado com uma espessa camada de mel, envolvi seu corpo com uma bandagem firme, ajeitei cobertores quentes sobre ele e respirei.

— Tire a máscara — eu disse a Malva, endireitando-me. Ela não deu nenhuma resposta e eu olhei para ela. Ela havia erguido a máscara, segurava-a com as duas mãos à sua frente, como um



escudo. Mas ela não estava mais observando Aidan; seus olhos estavam fixos em seu pai, parado rigidamente na soleira da porta.

Tom Christie olhava do pequeno corpo nu sobre a mesa para sua filha e de novo para o rapaz. Ela deu um passo hesitante para trás, ainda agarrando a máscara de éter. Tom girou a cabeça, o olhar cinza e feroz transpassando-me.

— O que está acontecendo aqui? — quis saber. — O que está fazendo com esta criança? — Salvando sua vida — respondi, com sarcasmo. Eu ainda vibrava com a intensidade da cirurgia e não estava com nenhuma disposição para piadas. — Você queria alguma coisa? Os lábios finos de Christie pressionaram-se com força, mas antes que ele pudesse responder, seu filho, Allan, abriu caminho para dentro do aposento e, alcançando a irmã com duas passadas largas, agarrou-a pelo pulso. — Vamos embora, sua tola — disse asperamente, puxando-a com um safanão. — Você não tem nada a fazer aqui.

— Solte-a. — Roger falou incisivamente e agarrou o ombro de Allan, para afastá-lo. Allan girou nos calcanhares e deu um soco no estômago de Roger, forte e preciso. Roger soltou um grasnado surdo, mas não se dobrou. Em vez disso, golpeou Allan Christie com toda força no queixo. Allan cambaleou para trás, batendo contra a pequena mesa de instrumentos, lâminas e retratores espalharam-se pelo chão com grande alarido, em uma onda de metais cadentes, e a jarra de suturas de catagute em álcool espatifou-se nas tábuas do assoalho, lançando cacos de vidro e líquido por toda parte.

Uma pancada surda vinda do chão me fez abaixar os olhos. Amy McCallum, dominada pelos vapores do éter e pela emoção, havia desmaiado.

Não tive tempo de fazer nada a respeito; Allan recuperou-se com uma arremetida feroz para frente, Roger agachou-se, foi apanhado pela precipitação do corpo do Christie mais novo e

ambos cambalearam para trás, bateram contra o peitoril e caíram da janela aberta, engalfinhados.

Tom Christie fez um ruído baixo e rosnado, e correu para a janela.

Malva, aproveitando a oportunidade, saiu correndo pela porta; ouvi seus passos descendo apressadamente o corredor, na direção da cozinha — e, provavelmente, da porta dos fundos.

— Que diabos...? — Bri começou, olhando para mim.

— Não olhe para mim — eu disse, sacudindo a cabeça. — Não faço a menor ideia. — O que era verdade; entretanto, eu tinha a desalentadora sensação de que o fato de eu ter envolvido Malva na operação tinha muito a ver com isso. Tom Christie e eu havíamos chegado a algo como uma reconciliação) depois de eu ter operado sua mão, mas isso não significava que ele tivesse alterado seus pontos de vista sobre a natureza ímpia do éter.

Bri endireitou-se bruscamente, retesando-se. Uma certa quantidade de resmungos, arfadas e insultos incoerentes do lado de fora indicava que a briga continuava — mas a voz alterada de Allan Christie acabara de chamar Roger de adúltero. Brianna lançou um olhar fulminante para a forma encolhida de Any McCallum e eu disse um palavrão para mim mesma. Eu ouvira alguns comentários indiretos sobre as visitas de Roger aos McCallum — e Jamie estivera prestes a dizer alguma coisa a Roger sobre isso, mas eu o dissuadira de interferir, dizendo-lhe que eu abordaria a questão diplomaticamente com Bri. Mas eu não tivera a chance e agora...

Com um último olhar inamistoso para Amy McCallum, Bri saiu pela porta com largas passadas, obviamente pretendendo entrar na briga.

Segurei a têmpora e devo ter gemido, pois Tom Christie virou-se abruptamente para a janela. — Está se sentindo mal, senhora? — Não — eu disse, um pouco debilmente. — É só que... olhe, Tom. Desculpe-me se causei algum problema ao pedir Malva

para me ajudar. Acho que ela tem um verdadeiro dom para curar, mas eu não pretendia persuadi-la a fazer alguma coisa que você não aprovasse.

Ele me lançou um olhar frio, que em seguida transferiu para o corpo inerte de Aidan. O olhar aguçou-se repentinamente.

— Esta criança está morta? — ele perguntou.

— Não, não — respondi. — Eu lhe dei éter; ele só ador...

Minha voz secou na garganta, quando notei que Aidan escolhera esta hora inconveniente para parar de respirar.

Com um grito incoerente, empurrei Tom Christie do caminho e caí sobre Aidan, colando minha boca na dele e pressionando a base de minha mão com força no meio de seu peito.

O éter em seus pulmões fluiu sobre meu rosto quando retirei a boca, fazendo minha cabeça girar. Agarrei a borda da mesa com força com a outra mão, colocando a boca novamente sobre a dele. Eu não podia desmaiar, não podia.

Minha visão ondeava e o aposento parecia rodar devagar à minha volta. Mas eu me agarrei ferozmente à consciência, soprando ansiosamente para dentro de seus pulmões, sentindo o pequeno peito sob minha mão se erguer delicadamente, depois se abaixar.

Não devia ter durado mais do que um minuto, mas um minuto de pesadelo, tudo girando ao meu redor, a sensação da carne de Aidan a única âncora sólida em um redemoinho de caos. Amy McCallum remexeu-se no chão ao meu lado, levantou-se, cambaleando, de joelhos — depois caiu sobre mim com um grito agudo, puxando-me, tentando tirar-me de cima do filho. Ouvi a voz de Tom Christie, erguida em tom de comando, tentando acalmá-la; ele deve tê-la arrancado de cima de mim, pois repentinamente sua mão agarrando minha perna se soltou.

Soprei dentro dos pulmões de Aidan mais uma vez — e, desta vez, o peito sob minha mão contorceu-se. Ele tossiu, engasgou-se, tossiu outra vez e começou simultaneamente a

respirar e a chorar. Levantei-me, zozza de vertigem, e tive que me apoiar na mesa para não cair.

Vi um par de figuras diante de mim, negras, distorcidas, com as bocas abertas na minha direção, cheias de presas afiadas. Pestanejei, atordoada, e inspirei sofregamente várias vezes. Pestanejei outra vez e as figuras transformaram-se em Tom Christie e Amy McCallum. Ele a segurava pela cintura, mantendo-a afastada.

— Está tudo bem — eu disse, minha própria voz soando estranha e distante. — Ele está bem. Deixe-a ir para ele. Ela atirou-se sobre Aidan com um soluço, puxando-o para os seus braços. Tom Christie e eu ficamos parados, entreolhando-nos por cima dos destroços. Do lado de fora, tudo ficara quieto.

— Você acabou de trazer esta criança de volta dos mortos? — ele perguntou. Sua voz tinha quase um tom de conversa, mas suas sobrancelhas cabeludas estavam arqueadas no alto da testa.

Passei a mão pela boca, ainda sentindo o gosto doentivamente doce do éter.

— Creio que sim — eu disse.

— Oh.

Ele continuou fitando-me, perplexo. O aposento cheirava a álcool e o ar parecia queimar minha mucosa nasal. Meus olhos lacrimejavam um pouco; limpei-os no meu avental. Finalmente, ele balançou a cabeça, para si mesmo, e virou-se para ir embora.

— Tom... sr. Christie. — Corri atrás dele e puxei-o pela manga. Ele se virou, surpreso e franzindo o cenho.

— Malva. A culpa foi minha; mandei Roger trazê-la. Você não vai...

Iu Hesitei, mas não conseguia pensar em nenhuma maneira diplomática para colocar a questão. — Não vai castigá-la, não é? Sua testa franziu-se momentaneamente, depois se desanuviou.

Sacudiu a cabeça, muito devagar, e com uma pequena mesura soltou a manga da minha mão.

— Seu criado, sra. Fraser — ele disse serenamente, e com um último olhar para Aidan, no momento, pedindo comida, partiu.

Brianna tocou de leve com a ponta molhada de um lenço no lábio inferior de Roger, cortado em um dos lados, inchado e sangrando com o impacto de alguma parte de Allan Christie.

— A culpa foi minha — ele disse, pela terceira vez. — Devia ter pensado em algo racional para lhes dizer.

— Cale-se — ela disse, começando a perder a pouca paciência que lhe restava. — Se não parar de falar, não vai parar de sangrar. — Era a primeira vez que falava com ele desde a briga.

Murmurando desculpas, ele pegou o lenço de sua mão e pressionou sobre a boca. No entanto, incapaz de permanecer imóvel, ele se levantou e dirigiu-se à porta aberta da cabana, olhando para fora.

— Ele não está zanzando por aí ainda, está? Allan? — Ela veio olhar por cima de seu ombro. — Se estiver, deixe-o em paz. Vou...

— Não, não está — Roger interrompeu-a. Com a mão ainda pressionando a boca, ele balançou a cabeça, indicando a casa grande, na outra extremidade da clareira em declive. — É Tom. De fato, Tom Christie estava parado no alpendre. Apenas parado, aparentemente mergulhado em seus pensamentos. Enquanto observavam, ele abanou a cabeça como um cão sacudindo a água e partiu com decisão na direção de sua própria cabana.

— Vou falar com ele. — Roger atirou o lenço sobre a mesa.

— Ah, não vai, não. — Ela agarrou-o pelo braço quando ele se virou na direção da porta. — Fique fora disso, Roger! — Não vou brigar com ele — ele disse, dando uns tapinhas na mão dela de uma forma que julgava tranquilizadora. — Mas preciso falar com ele.

— Não, não precisa. — Ela apertou ainda mais seu braço e puxou-o, tentando levá-lo de volta para a lareira. — Você só vai piorar as coisas.

Deixe-os em paz.

— Não, não vou — ele disse, a irritação começando a transparecer em seu rosto. — O que quer dizer com isso, que vou piorar as coisas? O que acha que eu sou? Essa não era uma pergunta que ela quisesse responder exatamente neste minuto. Vibrando de emoção com a tensão da cirurgia de Aidan, a explosão da briga e a incômoda repercussão do insulto gritado por Allan, ela não sabia se podia responder por seus atos, muito menos falar com diplomacia.

— Não vá — ela repetiu, forçando-se a abaixar a voz, a falar calmamente. — Todo mundo está alterado. Pelo menos espere até que tenham se acalmado. Melhor ainda, espere até papai voltar. Ele pode...

— Sim, ele pode fazer tudo melhor do que eu, sei disso muito bem — Roger retrucou causticamente. — Mas fui eu quem prometeu a Malva que ela não seria punida. Eu vou. — Ele deu um puxão na manga da camisa, com tanta força que ela sentiu a costura embaixo do braço se romper.

— Ótimo! — Ela o soltou e deu um forte tapa em seu braço. — Vá! Cuide de todo mundo exceto sua própria família. Vá! Vá, desgraçado! — O quê? — Ele parou, franzindo a testa, paralisado entre a raiva e a perplexidade.

— Você me ouviu! Vá! — Ela bateu o pé e a jarra de sementes de dauco, deixada perto demais da borda da prateleira, caiu e se espatifou no chão, espalhando minúsculas sementes pretas, como grãos de pimenta. — Olha só o que você fez! — O que eu...

— Deixe pra lá! Simplesmente, deixe pra lá. Saia daqui! — Ela respirava ruidosamente como um golfinho no esforço para não chorar.

Suas faces estavam afogueadas e sentia os olhos vermelhos, injetados, tão quentes que poderia fulminá-lo com um olhar,

certamente, gostaria que assim fosse.

Ele hesitou, obviamente tentando decidir se ficava e acalmava sua transtornada mulher ou saía correndo em cavalheiresca proteção de Malva Christie. Deu um passo vacilante em direção à porta e ela saltou para cima da vassoura, dando gritos estridentes e tolos de raiva incoerente enquanto a arremessava em sua cabeça.

Ele desviou-se, mas ela conseguiu golpeá-lo no segundo arremesso, atingindo-o no meio das costelas com um barulho seco. Ele deu um salto de surpresa com o impacto, mas recuperou-se rapidamente o suficiente para agarrar a vassoura no ataque seguinte. Arrancou-a de sua mão e, com um grunhido de esforço, quebrou-a sobre o joelho com um estalo.

Ele atirou os pedaços espalhafatosamente aos pés de Brianna e olhou furiosamente para ela, com raiva, mas controlado.

— Em nome de Deus, qual é o seu problema? Ela empertigou-se e devolveu o olhar.

— O que eu disse. Que está passando tanto tempo com Amy McCallum que o comentário geral é que está tendo um caso com ela.

— Estou o quê? — Sua voz falhou de indignação, mas um ar evasivo em seus olhos o denunciou.

— Então, você também ouviu isso... não é? — Ela não se sentiu triunfante por tê-lo apanhado; era mais uma sensação de fúria doentia.

— Não é possível que você acredite que haja alguma verdade nisso, Bri — ele disse, a voz esganiçada vacilando entre o repúdio indignado e a súplica.

— Sei que não é verdade — ela disse, e ficou furiosa ao ouvir a própria voz tão abalada e entrecortada quanto a dele. — Esse não é o maldito problema, Roger! — O problema — ele repetiu. Suas

sobrancelhas negras estavam arriadas os olhos intensos e escuros sob elas.

— O problema — ela disse, engolindo ar — é que você está sempre fora Malva Christie, Amy McCallum, Marsali, Lizzie. Você até vai ajudar Utc McGillivray, pelo amor de Deus! — Quem mais vai fazer isso? — ele perguntou incisivamente. — Seu pai ou seu primo poderiam, sim, mas têm que ir visitar os índios. Eu estou aqui E não estou sempre fora — acrescentou, como se pensasse melhor. — Estou em casa todas as noites, não estou? Ela fechou os olhos e cerrou os punhos, sentindo as unhas cravarem-se nas palmas de suas mãos.

— Você é capaz de ajudar qualquer mulher, exceto a mim — ela disse abrindo os olhos. — Por quê? Ele lançou-lhe um olhar longo e severo, e ela se perguntou por um instante se haveria esmeraldas negras.

— Talvez porque ache que você não precisa de mim — ele disse. E, girando nos calcanhares, saiu.





## A VOCAÇÃO

A água estava calma como prata derretida, o único movimento sobre ela eram as sombras das nuvens da tarde. Mas seus habitantes estavam prestes a vir à tona; podia-se sentir. Ou talvez, Roger pensou, o que ele sentia era a expectativa de seu sogro, agachado como um leopardo na margem do remanso de trutas, vara e isca prontas para o primeiro sinal de uma ondulação na superfície da água.

— Como o lago de Bethesda — ele disse, achando graça.

— Oh, sim? — Jamie respondeu, mas sem olhar para ele, a atenção fixa na água.

— Aquele onde um anjo de vez em quando mergulharia no lago e agitaria a água. Então, todos ficavam sentados ao redor, à espera, para mergulhar tão logo a água começasse a se mover.

Jamie sorriu, mas ainda assim não se mexeu. Pescar era um negócio sério.

Isso era bom; preferia que Jamie não olhasse para ele. Mas teria que andar depressa se pretendesse dizer alguma coisa; Fraser já estava soltando a linha para fazer um ou dois arremessos experimentais.

— Eu acho... — Parou, corrigindo-se. — Não, não acho. Eu sei. Eu quero...

— Sua respiração saiu com um chiado, aborrecendo-o; a última coisa que queria era parecer em dúvida sobre o que estava

dizendo.

Respirou fundo e as palavras seguintes saíram como se tivessem sido deflagradas de uma pistola.

— Eu pretendo me tornar um ministro.

Muito bem, então. Dissera em voz alta. Olhou para cima, involuntariamente, mas o céu não desabou. Estava enevoadado e entremeado de nuvens alongadas e diáfanas, mas a tranquilidade azul transparecia e a sombra de uma lua prematura flutuava logo acima do topo da montanha.

Jamie olhou pensativamente para ele, mas não pareceu chocado ou desconcertado. Era um pequeno consolo, ele imaginava.

— Um ministro da Igreja. Um pastor, você quer dizer? — Bem... sim. Isso, também.

A admissão o desconcertou. Ele imaginava que teria que pregar, embora a simples ideia fosse aterrorizante.

— Isso, também? — Fraser repetiu, olhando-o de soslaio. — Sim. Quero dizer, um ministro tem que pregar, é claro. — Claro.

Sobre o quê? Como? — Mas isso não é... quero dizer, esse não é o motivo principal. Não por que eu... eu tenha que fazer isso. — Ele estava ficando ruborizado, tentando explicar com clareza algo que não conseguia sequer explicar para si mesmo.

Suspirou e passou a mão pelo rosto.

— Sim, veja. Lembra-se do funeral da vovó Wilson, é claro. E dos McCallum? Jamie apenas balançou a cabeça, mas Roger achou que talvez um lampejo de compreensão tivesse transparecido em seus olhos.

— Eu fiz... algumas coisas. Um pouco como isso, quando necessário.

E... — Abanou a mão, sem saber ao certo sequer como começar a descrever coisas como seu encontro com Hermon Husband nas margens do Alamance, ou as conversas tidas com seu falecido pai, tarde da noite.

Suspirou outra vez, fez menção de atirar uma pedrinha na água e parou bem a tempo, quando ele viu a mão de Jamie retesar-se ao redor da vara de pescar. Tossiu, sentindo a sensação familiar da garganta áspera e estrangulada, e fechou a mão ao redor da pedrinha.

— A pregação, sim, creio que posso lidar com isso. Mas são as outras coisas... oh, meu Deus, isso parece loucura, e realmente acho que é. Mas são os enterros e os batizados e os... os... talvez só o fato de ser capaz de ajudar, mesmo que apenas ouvindo e rezando.

— Você quer cuidar deles — Jamie disse serenamente, e não era uma pergunta, mas uma aceitação.

Roger riu um pouco, sem humor, e fechou os olhos contra o reflexo do sol na água.

— Não quero fazer isso — ele disse. — É a última coisa em que eu pensaria, mesmo tendo sido criado na casa de um ministro. Quero dizer, eu sei como é. Mas alguém precisa fazer isso, e estou achando que sou eu.

Nenhum dos dois falou durante algum tempo. Roger abriu os olhos e ficou observando a água. Algas recobriam as rochas, ondulando na corrente como mechas dos cabelos de uma sereia. Fraser remexeu-se um pouco, recolhendo a vara.

— Os presbiterianos acreditam nos sacramentos, você diria?

— Sim — Roger respondeu, surpreso. — Claro que acreditamos.

Você nunca... — Bem, não.

Imaginou que de fato Fraser nunca tivesse falado com ninguém que não fosse católico sobre tais questões.

— Acreditamos — repetiu. Mergulhou a mão delicadamente na água e passou-a na testa, o frescor espalhando-se pelo seu rosto e descendo pelo pescoço por dentro de sua camisa. — Refiro-me às Ordens Sacras, sabe? — A isca afundada flutuou pela água, um pontinho vermelho. — Você não teria que ser ordenado? — Oh, compreendo. Sim, teria. Há uma academia presbiteriana no

condado de Mecklenburg. Irei lá e falarei com eles sobre isso. Embora eu ache que não levará muito tempo. Eu já estudei grego e latim, e seja qual for o valor que possa ter, tenho um diploma da Universidade de Oxford.

Acredite ou não, um dia fui considerado um homem culto.

A boca de Jamie torceu-se no canto conforme ele levou o braço atrás e fez um movimento rápido com o pulso. A linha voou no ar, fez uma curva preguiçosa e a isca assentou. Roger piscou; de fato — a superfície da água estava começando a se encrespar e estremecer, minúsculas ondulações espalhando-se da ninhada esvoaçante de insetos aquáticos.

— Já falou com sua mulher a respeito disso? — Não — ele disse, olhando fixamente para o outro lado do remanso.

— Por que não? — Não havia nenhum tom de acusação na pergunta; mais de curiosidade. Por que, afinal, ele teria preferido conversar com seu sogro primeiro, em vez de sua mulher? Porque você sabe o que é ser um homem, pensou, e ela não. O que ele disse, entretanto, foi uma outra versão da verdade.

— Não quero que ela pense que sou um covarde.

Jamie emitiu um pequeno ruído, quase de surpresa, mas não respondeu imediatamente, concentrando-se em enrolar sua linha de volta. Tirou a isca encharcada do anzol, depois hesitou examinando a coleção em seu chapéu, finalmente escolhendo uma verde e delicada, com um fiapo curvo de pena preta.

— Acha que ela pensaria? — Sem esperar por uma resposta, Fraser levantou-se e chicoteou a linha para cima e para trás, lançando a isca no alto, para vir descendo sobre o centro do remanso e finalmente pousar como uma folha sobre a água.

Roger observou enquanto ele a trazia de volta, fazendo-a saltitar na superfície da água. O reverendo fora um pescador. De repente, ele viu o Ness e suas pequenas ondas cintilantes escorrendo por cima das rochas com um marrom límpido, seu pai

de pé, com suas calças surradas, acima dos tornozelos, enrolando a linha. Ficou asfixiado de saudade. Da Escócia. De seu pai. Por mais um dia — apenas um — de paz.

As montanhas e a floresta verde erguiam-se misteriosas e selvagens ao redor deles, e o céu enevoadado desfraldava-se sobre o pequeno vale como as asas de um anjo, silencioso e ensolarado. Mas não cheio de paz; nunca paz, não aqui.

— Você acredita em nós, Claire, Brianna e eu, sobre a guerra que está para acontecer? Jamie riu de forma breve, o olhar fixo na água.

— Eu tenho olhos, rapaz. Não é preciso ser profeta ou bruxo para vê-la já no caminho.

— Isso — Roger disse, lançando-lhe um olhar curioso — é uma maneira muito peculiar de colocar a questão.

— É mesmo? Não é o que diz a Bíblia? Quando virdes a abominação da desolação estar onde não deve estar, então os que estiverem na Judeia fujam para os montes.

Aquele que souber ler entenderá. A memória supriu a parte que faltava do versículo e Roger percebeu, com uma pequena sensação de frio nos ossos, que Jamie realmente a via no caminho, e a reconhecia. Ele não estava falando no sentido figurado; estava descrevendo, com precisão, o que via — porque já vira isso antes.

O som de meninos gritando de alegria atravessou a extensão de água e Jamie Fraser virou um pouco a cabeça, ouvindo. Um leve sorriso tocou seus lábios, em seguida ele abaixou os olhos para a água em movimento, parecendo ficar imóvel. As mechas de seus cabelos agitaram-se contra a pele bronzeada de seu pescoço, da mesma forma que as folhas da sorveira se moviam no alto.

Roger teve vontade subitamente de perguntar a Jamie se ele tinha medo, mas permaneceu em silêncio. Ele sabia a resposta, de qualquer modo.

Não importa. Respirou fundo e sentiu a mesma resposta, à mesma pergunta, feita a si mesmo. Não parecia vir de lugar algum, mas estava lá em seu íntimo, como se ele tivesse nascido com ela, sempre a tivesse conhecido.

Não importa. Você o fará de qualquer forma.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. Jamie fez mais dois lançamentos com a isca verde, depois sacudiu a cabeça e murmurou alguma coisa,! recolheu a linha, trocou de isca e fez novo arremesso. Os meninos passaram correndo na outra margem, nus como enguias, dando risadinhas, e desapareceram no meio dos arbustos.

Realmente estranho, Roger pensou. Sentia-se bem. Ainda sem ter a menor ideia do que pretendia fazer exatamente, ainda vendo a nuvem vagar na direção deles, e agora sabendo muito mais sobre o que havia dentro dela, Mas ainda assim, sentia-se bem.

Jamie tinha um peixe na linha. Ele o trouxe depressa e retirou-o da água com um puxão, lançando-o, brilhando e debatendo-se, na margem, onde o matou com um golpe preciso na rocha antes de enfiá-lo em seu samburá.

— Você pretende se tornar um quaker? — Jamie perguntou, sério.

— Não. — Roger ficou espantado com a pergunta. — Por que pergunta?! Jamie fez aquele pequeno gesto estranho de dar de ombros que ele às vezes fazia quando se sentia desconfortável com alguma coisa, e não disse mais nada novamente até fazer um novo lançamento. — Você disse que não queria que Brianna o considerasse um covarde. Eu já lutei ao lado de um padre. — Um dos cantos de sua boca virou-se para cima, irônico. — É bem verdade que ele não era um grande espadachim, o monsenhor, e não conseguia atingir a parede de um estábulo com a pistola, mas era muito corajoso.

— Oh. — Roger coçou o maxilar. — Sim, compreendo o que quer dizer. Não, eu não posso lutar com um exército, não creio. — Dizendo isso, sentiu uma forte pontada de arrependimento. — Mas pegar em armas para defender os... os necessitados... posso acomodar isso na minha consciência, sim.

— Então, está tudo bem.

Jamie recolheu o resto da linha, sacudiu a água da isca e guardou o anzol de volta em seu chapéu. Deixando a linha de lado, remexeu no samburá e retirou uma garrafa de cerâmica. Sentou-se com um suspiro, retirou a rolha de cortiça com os dentes, cuspiu-a na mão e ofereceu a garrafa a Roger.

— É uma coisa que Claire me diz de vez em quando — ele explicou, e citou: O malte faz mais do que Milton poderia para justificar os desígnios de Deus para o homem.

Roger ergueu uma das sobrelhas.

— Já leu Milton? — Um pouco. Ela tem razão sobre isso.

— Conhece os versos seguintes? — Roger levou a garrafa aos lábios. — Cerveja, homem, cerveja é o que se deve beber, para aqueles a quem pensar dói.

Uma risada subterrânea perpassou os olhos de Fraser.

— Então, isso deve ser uísque — ele disse. — Só tem cheiro de cerveja.

A bebida era fria, escura e agradavelmente amarga, e eles passaram a garrafa de um para o outro, sem falar muito, até a cerveja terminar. Jamie recolocou a tampa e guardou a garrafa vazia no samburá.

— Sua mulher — ele disse pensativamente, levantando-se e passando a tira do samburá pelo ombro.

— Sim? — Roger pegou o chapéu surrado, salpicado de iscas, e entregou-o a ele. Jamie balançou a cabeça em sinal de agradecimento e colocou-o na cabeça.

— Ela também tem olhos.

*MINISTRO*

Vaga-lumes iluminavam a grama e as árvores, flutuando pelo ar pesado em uma profusão de faíscas verdes e frias. Um pousou no joelho de Brianna; ela observou-o pulsar, acendendo-apagando, acendendo- apagando, e ouviu seu marido lhe dizer que queria ser ministro.

Estavam sentados no alpendre da cabana enquanto o crepúsculo se transformava em noite. Do outro lado da grande clareira, os gritinhos de crianças pequenas brincando soavam no meio dos arbustos, altos e estridentes como os de morcegos caçando.

— Você... hã... podia dizer alguma coisa — Roger sugeriu. Ele virara a cabeça e olhava para ela. Ainda havia luz suficiente para ver seu rosto, expectante, ligeiramente ansioso.

— Bem... me dê um minuto. Eu não estava esperando por isso, sabe? Era verdade, e não era. Certamente, ela não pensara conscientemente nisso, mas agora que ele declarara suas intenções — e ele o fizera, ela pensou; ele não estava pedindo permissão — não se sentia nem um pouco surpresa. Era menos uma mudança do que um reconhecimento de algo que já estava ali há algum tempo — e, de certo modo, era um alívio ver e saber do que realmente se tratava.

— Bem — ela disse, após um longo instante de reflexão —, acho que é bom.



— Você acha. — O alívio na voz dele era palpável.

— Sim. Se está ajudando todas essas mulheres porque Deus o mandou fazer, é melhor do que fazer isso porque prefere estar com elas do que comigo.

— Bri! Você não pode estar pensando isso, que eu... — Ele inclinou-se mais para perto, olhando ansiosamente em seu rosto. — Você não pensa assim, não é? — Bem, somente às vezes — ela admitiu. — Nos meus piores momentos. Não na maior parte do tempo. — Ele parecia tão ansioso que ela estendeu a mão e pousou-a na longa curva de sua face; os pelos da barba curta eram invisíveis àquela luz, mas ela os podia sentir, pinicando a palma de sua mão.

— Tem certeza? — ela perguntou suavemente. Ele assentiu e ela viu sua garganta mover-se quando ele engoliu em seco.

— Tenho. — Está com medo? Ele sorriu ligeiramente.

— Estou.

— Eu ajudarei — ela disse com firmeza. — Diga-me como e eu ajudarei.

Ele respirou fundo, o rosto se iluminando, embora seu sorriso fosse pesaroso.

— Eu não sei como — ele disse. — Como fazer isso, quero dizer.

Quanto mais o que você poderia fazer. É isso o que me apavora.

— Talvez não — ela disse. — Mas você já tem feito isso de qualquer modo, não é? Mas você precisa fazer alguma coisa formal a respeito? Ou você simplesmente pode anunciar que é um ministro, como esses pastores da TV, e começar a fazer a coleta de donativos na mesma hora? Ele sorriu com a piada, mas respondeu com seriedade.

— Maldita papista. Você sempre acha que ninguém mais tem a ver com os sacramentos. Mas nós temos. Estou pensando em ir à Academia Presbiteriana, ver o que preciso fazer para ser

ordenado. Quanto a fazer a coleta, imagino que isso signifique que nunca serei rico.

— Eu não esperava isso de qualquer modo — ela assegurou-lhe com ar grave. — Não se preocupe; não me casei com você pelo seu dinheiro. Se precisarmos de mais, eu ganharei.

— Como? — Não sei. Provavelmente, não vendendo meu corpo. Não depois do que aconteceu a Manfred.

— Nem sequer brinque com isso — ele disse. Sua mão pousou sobre a dela, grande e quente.

A voz aguda e penetrante de Aidan McCallum flutuou no ar e um pensamento repentino lhe ocorreu.

— Seu... seu, hum, rebanho... — A palavra soou engraçada e ela começou a rir, apesar da seriedade da questão. — Eles se importarão com o fato de eu ser católica? — Ela virou-se para ele repentinamente, outro pensamento vindo rapidamente no rastro. — Você não... você não está me pedindo para eu me converter, não é? — Não, não estou — ele disse rapidamente, com firmeza. — De modo algum. Quanto ao que podem pensar... ou dizer... — Seu rosto se contorceu, dividido entre o desalento e a determinação. — Se não estiverem dispostos a aceitar isso, bem... podem ir para o inferno, só isso.

Ela desatou a rir e ele a seguiu, sua risada entrecortada, mas incontinida.

— O Gato do Ministro é um gato irreverente — ela brincou. — E como se diz isso em gaélico? — Não faço a menor ideia. Mas o Gato do Ministro é um gato aliviado — ele acrescentou, ainda sorrindo. — Eu não sabia o que você iria pensar disso. — Não estou totalmente certa sobre o que realmente penso disso — ela admitiu. Apertou levemente sua mão. — Mas vejo que você está feliz.

— Dá para ver? — Ele sorriu e a última luz da tarde brilhou por um breve instante em seus olhos, um verde escuro e cintilante.

— Sim, dá para ver. Você está um pouco... iluminado por dentro. — Sentiu um aperto na garganta. — Roger... você não vai esquecer de mim e de Jem, não é? Não sei se posso competir com Deus.

Ele pareceu estarrecido.

— Não — ele disse, a mão apertando a dela com força suficiente para a aliança fincar em sua carne. — Nunca.

Permaneceram em silêncio por alguns instantes, os vagalumes descendo como uma chuva lenta e verde, sua silenciosa canção de acasalamento iluminando a grama e as árvores cada vez mais escuras. O rosto de Roger desaparecia conforme a luz enfraquecia, embora ela ainda visse o contorno de seu maxilar, imobilizado em determinação.

— Eu juro a você, Bri — ele disse. — Seja o que for para o que sou chamado agora, e só Deus sabe o que é, fui chamado para ser seu marido primeiro. Seu marido e pai de seus filhos acima de tudo, e isso eu sempre serei. Seja o que for que eu faça, nunca será ao preço de minha família, eu lhe prometo.

— Tudo o que eu quero — ela disse suavemente para a escuridão — é que você me ame. Não pelo que eu possa fazer ou pela minha aparência, ou porque eu o amo, apenas por eu ser quem sou.

— Amor perfeito, incondicional? — ele disse, igualmente à meia-voz. — Alguns lhe diriam que só Deus pode amar desta forma, mas posso tentar.

— Oh, eu tenho fé em você — ela disse, e sentiu o brilho que emanava dele atingir seu próprio coração.

— Espero que sempre tenha — ele disse. Ele levou sua mão aos lábios, beijou suas articulações formalmente, seu hálito quente na pele de sua mulher.

Como se para testar a firmeza de sua declaração anterior, a voz de Jem elevou-se e caiu na brisa da noite, uma sirena estridente

e urgente.

— Paaaiiii, Paaaaiiii, PAAAIIIII.

Roger suspirou fundo, inclinou-se e beijou-a, uma conexão profunda, terna, de um instante, depois se levantou para lidar com a emergência do momento.

Ela continuou sentada por um instante, ouvindo. O som de vozes masculinas veio da outra extremidade da clareira, altas e baixas, exigência e pergunta, confirmação e entusiasmo. Nenhuma emergência; Jem queria que o suspendessem em uma árvore alta demais para ele subir sozinho.

Em seguida, risadas, um violento farfalhar de folhas — oh, céus, Roger também estava na árvore. Estavam todos lá em cima, piando como corujas. — De que está rindo, a nighean? — Seu pai saiu de dentro da noite, cheirando a cavalos.

— De tudo — ela disse, deslocando-se para abrir espaço ao seu lado para ele se sentar. Era verdade. Tudo parecia repentinamente iluminado, a luz de velas das janelas da casa grande, os vaga-lumes na grama, o fulgor no rosto de Roger quando lhe contou seu desejo. Ainda podia sentir o toque da boca dele na sua; fazia seu sangue efervescer.

Jamie estendeu o braço e pegou um vaga-lume que passava, segurando-o por um instante na cavidade escura da palma de sua mão em concha, onde ele acendia e apagava, a luz fria filtrando-se através de seus dedos. Longe dali, ela ouviu um breve fragmento da voz de sua mãe, vinda através de uma janela aberta; Claire cantava "Clementine".

Agora, os meninos — e Roger — uivavam para a lua, embora ela não passasse de uma pálida foice no horizonte. Ela sentiu o corpo de seu pai também se sacudir com uma risada silenciosa.

— Me faz lembrar da Disneylândia — ela disse, em um impulso.

— Ah, é? E onde fica isso? — É um parque de diversões, para crianças — ela acrescentou, sabendo que, embora houvesse parques de diversões em lugares como Londres e Paris, eles eram exclusivamente para adultos. Ninguém pensava em entreter crianças agora, além de seus próprios jogos e um ou outro brinquedo.

— Papai e mamãe me levavam lá todo verão — ela disse, deixando-se retornar sem esforço para os dias quentes e luminosos das noites californianas. — Todas as árvores tinham minúsculas lâmpadas cintilantes, os vaga-lumes me fazem lembrar.

Jamie abriu a mão; o vaga-lume, repentinamente livre, pulsou para si mesmo uma ou duas vezes, depois abriu as asas com um minúsculo zumbido e elevou-se no ar, afastando-se para longe.

— "Morava um mineiro, de quarenta e nove anos, e sua filha, Clementine..." — Como era, então? — ele perguntou, curioso.

— Oh... era maravilhoso. — Sorriu para si mesma, vendo as luzes brilhantes da Main Street, a música e os espelhos e os belos cavalos paramentados do Carrossel do Rei Artur. — Havia... passeios, como nós dizíamos. Um barco, onde você podia flutuar pela selva em um rio e ver crocodilos e hipopótamos e caçadores de cabeças...

— Caçadores de cabeças? — ele disse, intrigado.

— Não eram de verdade — ela afirmou. — É tudo faz de conta, mas é... bem, é um mundo em si mesmo. Quando você está lá, o mundo real parece desaparecer; nada de mau pode acontecer lá. Eles o chamam de "O Lugar Mais Feliz da Terra", e por alguns momentos realmente parece ser. — "Ela era alua, como uma fada, e calçava número nove, caixas de arenques, sem a tampa, eram sandálias para Clementine." — E ouvia-se música por toda parte, o tempo todo — ela disse, sorrindo.

— Bandas, grupos de músicos tocando instrumentos, cornetas e tambores, marchavam para cima e para baixo nas ruas, e

tocavam em palanques....

— Sim, é assim nos parques de diversões. Ou era, quando estive em um.

— Ela pôde ouvir um sorriso em sua voz também.

— Hum-hum. E há personagens de desenhos animados, eu lhe falei sobre os desenhos animados, andando por todo lado. Você pode se aproximar e apertar a mão do Mickey Mouse ou..

— Do quê? — Mickey Mouse. — Ela riu. — Um grande camundongo, em tamanho natural, quero dizer, do tamanho de uma pessoa. Ele usa luvas.

— Um rato gigante? — ele disse, parecendo ligeiramente intrigado.

— E levam as crianças para brincar com ele? — Não é um rato, é um camundongo — ela o corrigiu. — Na verdade, é uma pessoa vestida como um camundongo.

— Ah, é? — ele disse, não parecendo estar convencido.

— Sim. E um enorme carrossel com cavalos pintados e um trenzinho que atravessa as Rainbow Caverns, onde há grandes pedras preciosas projetando-se das paredes, e rios coloridos com água azul e vermelha... e picolés de suco de laranja! Oh, picolés de suco de laranja! — Ela gemeu baixinho em recordação enlevada do delicioso sorvete.

— Era divertido, então? — ele disse, à meia-voz.

— " Você está perdida para sempre, sinto muito... Clementine." — Sim — ela disse, suspirou, e ficou em silêncio por um instante.

Depois, recostou a cabeça em seu ombro e passou a mão pelo seu braço, grande e sólido.

— Sabe de uma coisa? — ela disse, e ele fez um pequeno ruído interrogativo em resposta.

— Era realmente bom, era maravilhoso, mas do que eu realmente gostava era que, quando eu estava lá, éramos apenas nós

três, e tudo era perfeito. Mamãe não estava preocupada com seus pacientes, papai não estava trabalhando em um artigo, jamais ficavam silenciosos ou com raiva um do outro. Ambos riam... todos nós ríamos, o tempo todo... enquanto estávamos lá.

Ele não disse nada, mas inclinou a cabeça, descansando-a contra a dela. Ela suspirou outra vez, profundamente.

— Jemmy nunca irá à Disneylândia... mas ele terá isto. Uma família que ri e milhões de luzinhas nas árvores.

# PARTE SETE



*ROLANDO LADEIRA ABAIXO*





## PRINCÍPIOS

*De Fraser's Ridge, Carolina do Norte,  
no dia 3 de julho, Anno Domini 1774,*

*De James Fraser, esq.*

*Para lorde John Grey, em Mount Josiah Plantation, na colônia de  
Virgínia*

*Meu caro amigo,*

*Não tenho palavras para expressar minha gratidão por seu atencioso gesto em enviar-me um cheque de seu próprio banco, como adiantamento contra a eventual venda dos objetos que confiei à sua disposição. O sr. Higgins, ao entregar esse documento, foi, é claro, muito educado, no entanto percebi, por seu comportamento ansioso e seus esforços de discricção, que você talvez ache que estamos em terrível situação financeira.*

*Apresso-me a garantir-lhe que esse não é o caso; estamos indo muito bem, no que diz respeito a provisões, vestuário e necessidades da vida.*

*Eu disse que iria lhe contar os detalhes do caso, e vejo que preciso, nem que seja para corrigir a visão errada de fome generalizada entre minha família e colonos.*

*Além de uma pequena obrigação legal que requer dinheiro vivo, tenho uma questão de negócios à mão, envolvendo a aquisição de um certo*

*número de armas. Eu esperava adquiri-las através dos serviços de um amigo, mas verifico que esse arranjo não mais funcionará; devo procurar em outra parte.*

*Eu e minha família fomos convidados para um churrasco em homenagem à sra. Flora MacDonald, a Heroína do Levante — acredito que esteja familiarizado com essa senhora, não? Lembro-me de ter me dito que a conheceu em Londres, quando ela estava presa lá — a ser realizado no mês vindouro na fazenda de minha tia, RiverRun. Como o evento contará com a presença de muitos escoceses, alguns vindos de consideráveis distâncias, espero que, com dinheiro na mão, eu possa providenciar a aquisição das armas necessárias via outros caminhos. Assim sendo, se suas próprias conexões sugerirem algum desses caminhos úteis, eu ficaria muito agradecido em saber.*

*Escrevo apressadamente, uma vez que o sr. Higgins tem outras missões, mas minha filha pede-me que lhe envie com esta uma caixa de palitos de fósforo, sua própria invenção. Ela instruiu o sr. Higgins muito cuidadosamente quanto à sua utilização, de modo que, se não explodirem em chamas inadvertidamente no trajeto de volta, ele poderá demonstrá-los para você.*

*Seu humilde e obediente criado,  
James Fraser*

*P. S. Eu preciso de trinta mosquetes, com a maior quantidade possível de pólvora e munição. Não precisam ser da mais recente fabricação, mas precisam estar bem conservados e em perfeitas condições de funcionamento.*



— Outros caminhos? — eu disse, vendo-o espalhar areia na carta antes de dobrá-la. — Quer dizer contrabandistas? E, se assim

for, tem certeza de que lorde John compreenderá o que você quer dizer?

— Sim, ele compreenderá — Jamie garantiu-me. — Eu mesmo conheço alguns contrabandistas, que trazem mercadorias através dos Outer Banks. Mas ele deve conhecer os que vêm através de Roanoke, e há mais negócios lá, por causa do cerco a Massachusetts. O contrabando entra através da Virginia e segue para o norte por terra.

Ele retirou uma vela de cera de abelha, pela metade, de cima da prateleira e segurou-a sobre as brasas da lareira, em seguida gotejou a cera marrom amolecida em uma poça sobre o fecho da carta. Inclinei-me para frente e pressionei as costas da minha mão esquerda na cera morna, deixando a marca de minha aliança de casamento.

— Maldito Manfred McGillivray — ele disse, sem muito ardor. — Vai custar três vezes mais e eu vou ter que obtê-las de um contrabandista.

— Mas você vai perguntar sobre o paradeiro dele? No churrasco, quero dizer. — Flora MacDonald, a mulher que salvara Carlos Stuart dos ingleses depois de Culloden, vestindo-o com as roupas de sua camareira e transportando-o secretamente para um encontro com os franceses na ilha de Skye, era uma lenda viva para os escoceses das Highlands, e sua recente chegada à colônia era assunto de grande empolgação, as notícias alcançando lugares longínquos como Ridge. Todo escocês famoso no vale de Cape Fear — e muitos de mais longe ainda — estaria presente ao churrasco a ser realizado em sua homenagem. Nenhum lugar melhor para espalhar a notícia do desaparecimento de um rapaz.

Ele ergueu os olhos para mim, surpreso.

— Claro que vou, Sassenach. O que acha que sou?

— Acho que você é muito bom — eu disse, beijando-o na testa. — Ainda que um pouco incauto. E notei que você

cuidadosamente não contou a lorde John por que precisa de trinta mosquetes.

Ele resfolegou e varreu os grãos de areia meticulosamente de cima da mesa para a palma de sua mão.

— Eu mesmo não sei ao certo, Sassenach.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, surpresa. — Não pretende dá-las a Pássaro, afinal de contas, não é? Ele não respondeu de imediato, mas os dois dedos rígidos da mão direita bateram de leve na mesa. Em seguida, ele deu de ombros, estendeu a mão para a pilha de jornais e livros de contabilidade, e retirou um papel, que me entregou. Uma carta de John Ashe, que fora um colega comandante de milícia durante a Guerra da Regulamentação.

— O quarto parágrafo — ele disse, vendo-me franzir a testa ao relato dos últimos contratemplos entre o governador e a Assembleia. Corri os olhos pela página, até o local indicado, e senti um pequeno estremecimento premonitório.

"É proposto um Congresso Continental", eu li, "com delegados a serem enviados de cada colônia. A Câmara dos Deputados da Assembleia de Connecticut já se adiantou a propor tais homens, agindo através de Comitês de Correspondência. Alguns cavalheiros com os quais está bem familiarizado propõem que a Carolina do Norte faça o mesmo e irão se reunir para esse fim em meados de agosto. Eu gostaria que você se unisse a nós, amigo, pois estou convencido de que seu coração e sua mente devem estar conosco na questão da liberdade; sem dúvida, um homem como você não é amigo da tirania." — "Alguns cavalheiros com os quais está bem familiarizado" — repeti, abaixando a carta. — Sabe de quem ele está falando? — Posso imaginar.

— Meados de agosto, ele diz. Antes do churrasco, você acha, ou depois? — Depois. Um dos outros me enviou a data do encontro. Será em Halifax.

Depositei a carta sobre a mesa. A tarde estava serena e quente, e o linho fino da minha combinação estava úmido, assim como as palmas das minhas mãos.

— Um dos outros — eu disse. Ele lançou-me um olhar rápido, com um ligeiro sorriso, e pegou a carta.

— No Comitê de Correspondência.

— Oh, naturalmente — eu disse. — Devia ter me contado. — Naturalmente, ele teria encontrado um meio de se envolver no Comitê de Correspondência da Carolina do Norte, o centro da intriga política, onde as sementes da rebelião estavam sendo semeadas, ao mesmo tempo que mantinha uma comissão como agente indigenista para a Coroa Britânica e ostensivamente trabalhava para armar os índios, a fim de suprimir exatamente essas sementes de rebelião.

— Estou lhe dizendo, Sassenach — continuou. — Esta é a primeira vez que pedem para me reunir com eles, mesmo em particular.

— Compreendo — eu disse serenamente. — Você vai? Está... está na hora? — Hora de dar o salto, declarar-se um whig abertamente, embora ainda não um rebelde. Hora de mudar sua aliança pública e arriscar-se a ser estigmatizado como traidor. Outra vez.

Ele suspirou profundamente e passou a mão pelos cabelos. Ele andara pensando; os cabelos curtos de diversos redemoinhos estavam espetados.

— Não sei — ele disse, por fim. — Ainda faltam dois anos, não? Quatro de julho de 1776, é o que Brianna diz.

— Não — eu disse. — Faltam dois anos até declararem a independência, mas, Jamie, até lá a luta já terá iniciado. Isso será tarde demais.

Ele fitou as cartas sobre a mesa e balançou a cabeça, melancolicamente.

— Sim, terá que ser logo, então.

— Provavelmente, seria bastante seguro — eu disse, hesitante. — O que você me contou sobre Henderson comprando terras no Tennessee: se ninguém o está impedindo, não vejo ninguém no governo suficientemente agitado para vir aqui em cima e tentar nos forçar a sair. E certamente não se souberem que você apenas se encontrou com os whigs locais.

Ele esboçou um sorriso amargo.

— Não é o governo que me preocupa, Sassenach. São as pessoas próximas. Não foi o governador que enforcou os O'Brian e queimou sua casa, não é? Nem foi Richard Brown, nem os índios. Isso não foi feito por causa da lei, nem por dinheiro; foi feito por ódio, e muito provavelmente por alguém que os conhecia.

Senti um calafrio percorrer minha espinha dorsal. Havia uma certa dose de discussões e divergências políticas em Ridge, é verdade, mas ainda não atingira o estágio das vias de fato, muito menos queimar e matar.

Mas chegaria.

Eu me lembrava muito bem. Abrigos contra bombardeios e cupons de racionamento de comida, sentinelas dos blecautes e o espírito de cooperação contra um inimigo terrível. E as histórias da Alemanha, da França. Pessoas denunciadas, delatadas às SS, arrancadas de suas casas — outras escondidas em sótãos e celeiros, transportadas ilegalmente pelas fronteiras.

Na guerra, o governo e seus exércitos eram uma ameaça, mas em geral eram os vizinhos que o condenavam ou salvavam.

— Quem? — perguntei, corajosamente.

— Eu poderia imaginar — ele disse, encolhendo um dos ombros. — Os McGillivray? Richard Brown? Os amigos de Hodgepile, se ele tinha algum.

Os amigos de qualquer um dos outros homens que matamos? O índio que você conheceu, Donner?, se ainda estiver

vivo. Neil Forbes? Ele guarda rancor de Brianna, e é melhor que ela e Roger Mac não se esqueçam disso. Hiram Crombie e seu pessoal? — Hiram? — eu disse, em dúvida. — É bem verdade que ele não gosta muito de você, nem de mim, mas...

— Bem, eu realmente duvido — admitiu. — Mas é possível, não? Seu pessoal não apoia os jacobitas. Não ficarão satisfeitos com um esforço para destituir o rei deste lado do oceano.

Balancei a cabeça, concordando. Crombie e o resto necessariamente teriam feito juramento de lealdade ao rei Jorge, antes de terem permissão de viajar para a América. Jamie tivera, também por necessidade, feito o mesmo juramento, como parte de seu perdão. E devia — por uma necessidade ainda maior — quebrá-lo. Mas quando? Ele parara de tamborilar os dedos; eles repousavam na carta à sua frente.

— Eu realmente confio em que você esteja certa, Sassenach — ele disse.

— Sobre o quê? O que acontecerá? Sabe que estou — eu disse, um pouco surpresa. — Bri e Roger também lhe contaram. Por quê? Ele passou a mão devagar pelos cabelos.

— Nunca lutei por princípios — ele disse, refletindo, e sacudiu a cabeça.

— Apenas por necessidade. Eu me pergunto se seria melhor.

Ele não parecia aborrecido, meramente curioso, de uma maneira distanciada. Ainda assim, achei sua reação ligeiramente inquietante.

— Mas há princípios envolvidos nisso, desta vez — protestei. — Na realidade, pode ser a primeira guerra já travada por princípios.

— Ao invés de algo sórdido como comércio ou terras? — Jamie sugeriu, erguendo uma das sobrancelhas.

— Eu não diria que comércio ou terras não tenham nada a ver com isso — retruquei, perguntando-me exatamente como conseguiria me tornar defensora da Revolução Americana: um período histórico que eu só conhecia pelos livros didáticos de Brianna. — Mas vai muito além disso, não acha? Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas: que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade.

— Quem disse isso? — ele perguntou, interessado.

— Thomas Jefferson dirá isso, em nome da nova república. Chama-se Declaração da Independência. Será chamada.

— Todos os homens — repetiu. — Ele queria dizer os índios também, você acha? — Não sei — eu disse, um pouco irritada por ser forçada a essa posição. — Não o conheci. Se conhecer, perguntarei, está bem? — Não se incomode. — Ergueu os dedos, descartando o caso. — Eu mesmo lhe perguntarei, e eu tenho a oportunidade. Enquanto isso, perguntarei a Brianna. — Olhou para mim. — Embora quanto a princípios, Sassenach...

Recostou-se em sua cadeira, cruzou os braços no peito e fechou os olhos.

— Desde que restem apenas cem de nós ruivos — ele citou, com precisão nunca, em nenhuma hipótese, seremos dominados pelo governo inglês. Na verdade, não é pela glória, nem por riquezas, nem por honrarias que estamos lutando, mas pela liberdade — somente por ela, da qual nenhum homem honesto desiste a não ser com a própria vida.

— A Declaração de Arbroath — ele disse, abrindo os olhos.

Lançou-me um sorriso enviesado. — Escrita há uns trezentos anos.

Falando em princípios, hein? Levantou-se, então, mas continuou de pé junto à mesa surrada que ele usava como escrivaninha, olhando para a carta de Ashe.



— Quanto aos meus próprios princípios... — ele disse, como se falasse consigo mesmo, mas logo olhou para mim, como se percebesse de repente que eu continuava ali.

— Sim, acho que pretendo dar as armas a Pássaro — ele disse. — Embora talvez venha a me arrepender e as veja apontadas para mim, daqui a dois ou três anos. Mas ele deve recebê-las, e fazer com elas o que achar melhor, para se defender e defender seu povo.

— O preço da honra? Ele olhou para mim, com um débil sorriso.

— Chame de dinheiro sujo.

*CHURRASCO DE FLORA MACDONALD*

*Fazenda River Run*  
*6 de agosto de 1774*

O que se diz para um ícone? Ou mesmo para o marido de um ícone? — Oh, acho que vou desmaiar, sei que vou. — Rachel Campbell abanava seu leque com força suficiente para criar uma brisa perceptível. — O que devo dizer a ela? — Que tal "Bom-dia, sra. MacDonald"? — sugeriu seu marido, um leve sorriso no canto de sua boca ressequida.

Rachel bateu rispidamente nele com o leque, fazendo-o esquivar-se ao se afastar, com uma risadinha. Apesar de trinta e cinco anos mais velho do que ela, Farquard Campbell tinha um relacionamento fácil e brincalhão com sua mulher, muito diferente de seu comportamento circunspecto habitual.

— Vou desmaiar — Rachel declarou outra vez, tendo evidentemente se decidido pelo desmaio como uma clara estratégia social.

— Bem, faça como quiser, é claro, a nighean, mas, se o fizer, terá que ser o sr. Fraser a pegá-la do chão; meus membros encarquilhados não estão à altura da tarefa.

— Oh! — Rachel lançou um olhar de relance para Jamie, que sorriu para ela, depois ocultou seu rubor por trás do leque. Embora

obviamente satisfeita com seu próprio marido, ela não fez nenhum segredo de sua admiração pelo meu.

— Seu humilde criado, madame — Jamie afirmou com ar grave, fazendo uma mesura.

Ela conteve o riso. Não quero lhe fazer uma injustiça, mas ela definitivamente sufocou uma risadinha. Meus olhos encontraram os de Jamie e eu escondi um sorriso por trás do meu próprio leque.

— E então o que você vai dizer a ela, sr. Fraser? Jamie contraiu os lábios e estreitou os olhos pensativamente contra o sol ofuscante que se filtrava através dos olmeiros que ladeavam o gramado de River Run.

— Oh, imagino que direi que fico contente que o tempo tenha permanecido bom para ela. Chovia da última vez que nos encontramos.

O queixo de Rachel caiu, assim como seu leque, que ricocheteou no chão. Seu marido abaixou-se para pegá-lo para ela, gemendo audivelmente, mas ela não lhe deu a menor atenção.

— Já esteve com ela? — gritou, os olhos arregalados. — Quando? Onde? Com o prin... com ele? — Ah, não — Jamie disse, sorrindo. — Em Skye. Eu costumava ir com meu pai, eram negócios com rebanhos. Nós conhecemos Hugh MacDonald de Armadale em Portree... o padrasto da sra. Flora, sabe?... e ele havia levado a jovem à cidade com ele, para dar um passeio.

— Oh! — Rachel estava encantada. — E ela era bela e graciosa como dizem? Jamie franziu a testa, refletindo.

— Bem, não — ele disse. — Mas ela estava com uma gripe terrível na ocasião e sem dúvida teria uma aparência muito melhor sem o nariz vermelho. Graciosa? Bem, eu não diria isso, na verdade. Ela arrancou um pastel da minha mão e o comeu.

— E que idade vocês tinham na época? — perguntei, vendo Rachel boquiaberta, horrorizada.

— Oh, seis, talvez — ele disse alegremente. — Ou sete. Duvido que eu me lembraria, se não fosse pelo fato de que eu lhe dei um soco no queixo quando ela roubou meu pastel, e ela puxou meu cabelo.

Recobrando-se um pouco do choque, Rachel pressionava Jamie para que contasse mais de suas reminiscências, uma pressão da qual ele se esquivava com risos e piadas.

Claro, ele viera preparado para esta ocasião; por toda a propriedade, histórias estavam sendo contadas — engraçadas, elogiosas, saudosas — da época anterior a Culloden. Curioso que deva ter sido a derrota de Carlos Stuart, e sua vergonhosa fuga, que fez de Flora MacDonald uma heroína e uniu estes exilados das Highlands de uma forma que jamais teriam conseguido — muito menos mantido — se ele realmente tivesse vencido.

Ocorreu-me que Carlos provavelmente ainda estivesse vivo, silenciosamente se matando na bebida em Roma. De qualquer forma, ele há muito estava morto para essas pessoas que o haviam amado ou odiado.

O âmbar do tempo o havia encerrado para sempre naquele único momento decisivo de sua vida — Bliadha Tearlach, o "Ano de Carlos", e mesmo agora eu ouvia as pessoas chamarem assim aquele ano.

Era a vinda de Flora que estava causando essa inundação de sentimentos, é claro. Como devia ser estranho para ela, pensei, com uma pontada de compaixão — e pela primeira vez me perguntei o que eu mesma deveria dizer a ela.

Eu já conhecera pessoas famosas antes — a começar pelo próprio Bonnie Prince, como Carlos Stuart era chamado. Mas sempre antes, eu as conhecera quando elas — como eu — estavam em meio a suas vidas normais, não depois dos acontecimentos determinantes que as tornariam famosas, e portanto ainda eram pessoas comuns. Exceto Luís — mas, por outro lado, ele era um rei.

Há regras de etiqueta para lidar com reis, já que, afinal de contas, ninguém jamais se aproxima deles como pessoas comuns.

Nem mesmo quando...

Abri meu próprio leque com um movimento brusco, o calor do sangue afogueando meu rosto e meu corpo. Respirei fundo, tentando não abanar o leque tão freneticamente quanto Rachel, mas querendo fazer o mesmo.

Nem sequer uma vez, em todos os anos desde que aconteceu, recordei daqueles dois ou três minutos de intimidade física com Luís da França. Não deliberadamente, Deus era testemunha, e não por acidente, tampouco.

No entanto, repentinamente essa lembrança me atingiu, tão de repente como a mão de alguém saindo da multidão para segurar meu braço. Segurar meu braço, levantar minhas saias e me penetrar de uma maneira muito mais surpreendentemente intrusiva do que a verdadeira experiência o fora.

O ar à minha volta estava saturado do perfume de rosas e ouvi o estalido da armação do vestido quando o peso de Luís pressionou-a, e ouvi seu suspiro de prazer. O aposento estava escuro, iluminado por uma única vela; ela tremeluzia no canto da visão, depois foi apagada pelo homem entre minhas...

— Valha-me Deus, Claire, você está bem? — Eu não chegara a cair, graças a Deus. Havia cambaleado para trás, contra a parede do mausoléu de Hector Cameron, e Jamie, ao me ver, saltara para a frente e me segurara.

— Solte-me — eu disse, sem ar, mas de forma agressiva. — Solte-me! Ele ouviu o tom de terror em minha voz e relaxou a mão, mas não conseguiu me soltar inteiramente, com receio de que eu caísse. Com a energia do pânico absoluto, eu me endireitei, libertando-me.

Eu ainda sentia cheiro de rosas. Não o aroma enjoativo de óleo de rosas — rosas frescas. Então, recobrei os sentidos e percebi

que estava de pé ao lado de uma enorme trepadeira de rosas amarelas, forçada a escalar o mármore branco do mausoléu.

Saber que as rosas eram verdadeiras foi reconfortante, mas eu me senti como se ainda estivesse na beira de um enorme abismo, sozinha, longe de qualquer outra alma no universo. Jamie estava suficientemente perto para que eu pudesse tocá-lo, e ainda assim era como se ele estivesse a uma distância incomensurável.

Então, ele me tocou e falou meu nome, insistentemente, e, tão repentinamente quanto se abrira, o abismo entre nós se fechou. Eu quase caí em seus braços.

— O que foi, a nighean? — ele sussurrou, abraçando-me contra seu peito. — O que a assustou? — Seu próprio coração batia com força sob meu ouvido; eu também o assustara.

— Nada — eu disse, e uma enorme onda de alívio tomou conta de mim, ao perceber que eu estava no presente, em segurança; Luís voltara para as sombras, novamente uma lembrança desagradável, mas inofensiva.

A desconcertante sensação de violação, de perda e pesar e isolamento, recuara, agora não mais do que uma sombra em minha mente. O melhor de tudo era que Jamie estava ali; sólido, tangível e cheirando a suor, uísque e cavalos... e ao meu lado. Eu não o havia perdido.

Outras pessoas se aglomeravam ao redor, curiosas, solícitas. Rachel abanava-me com afinco, e a brisa do leque era calmante; eu estava encharcada de suor, fiapos de cabelos úmidos grudados no meu pescoço.

— Estou muito bem — murmurei, repentinamente semiconsciente.

— Só um pouco de vertigem... um dia quente...

Um coro de ofertas para buscar vinho, um copo de shrub de limão, uma pena queimada — todas derrotadas pela apresentação de Jamie de um frasco de uísque de seu sporran. Era uísque de três

anos, dos barris de xerez, e senti um bálsamo quando o cheiro da bebida me atingiu, fazendo-me lembrar da noite em que nos embebedamos juntos depois que ele me resgatou de Hodgepile e seus homens. Santo Deus, eu estaria prestes a ser arrastada de volta para dentro desse poço? Mas não estava. O uísque era meramente quente e reconfortante, e eu me senti melhor com o primeiro gole.

Flashback. Eu já ouvira colegas de trabalho falarem daquilo, discutindo se seria o mesmo fenômeno que neurose de guerra, e, se fosse, se realmente existia, ou deveria ser descartado como mero "nervosismo".

Estremeci ligeiramente e tomei um novo gole. Sem dúvida alguma existia. Eu me sentia bem melhor, mas ficara abalada até o íntimo do meu ser e ainda me sentia fraca. Além dos débeis ecos da experiência em si, havia um pensamento muito mais inquietante. Acontecera uma vez antes, quando Ute McGillivray me atacou. Era provável que acontecesse outra vez? — Quer que a carregue para dentro, Sassenach? Talvez deva se deitar um pouco.

Jamie havia enxotado os simpatizantes, mandou um escravo ir buscar um banquinho para mim e agora pairava acima de mim como um abelhão nervoso.

— Não, estou bem agora — eu lhe garanti. — Jamie...

— Sim, querida.

— Você... quando você... você...? Respirei fundo — tomei mais um gole de uísque — e tentei novamente.

— Às vezes, eu acordo à noite e vejo você... lutando... e eu acho que é com Jack Randall. É um sonho que você tem? Ele me fitou por um instante, o rosto indecifrável, mas a inquietação se movendo em seus olhos. Ele olhou de um lado para o outro, mas estávamos sozinhos agora.

— Por quê? — perguntou, à meia-voz.

— Eu preciso saber.

Ele inspirou, engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Sim. Às vezes, são sonhos. Tudo... bem. Eu acordo e sei onde estou, rezo uma prece e... fica tudo bem. Mas de vez em quando... — Ele fechou os olhos por um instante, depois os abriu. — Eu estou acordado. E no entanto estou lá, com Jack Randall.

— Ah. — Suspirei, sentindo imediatamente muita pena dele e, ao mesmo tempo, um pouco mais tranquilizada. — Então, não estou ficando louca.

— Acha mesmo? — ele disse ironicamente. — Fico muito feliz em saber, Sassenach.

Ele estava muito próximo, o tecido de seu kilt roçando em meu braço, de modo que eu poderia usá-lo como apoio, se eu repentinamente sentisse nova vertigem. Ele me examinou atentamente, para se certificar de que eu não iria desmaiar outra vez, depois tocou em meu ombro e, com um breve "Fique sentada aí", afastou-se.

Não foi longe; apenas até as mesas armadas sob as árvores, na borda do gramado. Ignorando os escravos que arrumavam a comida para o churrasco, inclinou-se sobre uma travessa de camarões cozidos e pegou alguma coisa de uma pequena tigela. Logo estava de volta, inclinando-se para segurar minha mão. Esfregou os dedos e salpicou uma pitada de sal na palma da minha mão.

— Pronto — murmurou. — Mantenha-o com você, Sassenach. Seja quem for, não vai perturbá-la mais.

Fechei a mão sobre os grãos úmidos, sentindo-me absurdamente reconfortada. Confie em um escocês das Highlands para saber exatamente o que fazer no caso de assombração em plena luz do dia! O sal, diziam, mantinha um fantasma em seu túmulo. E, se Luís ainda estava vivo, o outro, quem quer que tenha sido, aquele peso sobre mim na escuridão, estava certamente morto.



Houve um certo burburinho de empolgação, quando se ouviu um chamado vindo do rio — o barco fora avistado. Como um único corpo, a multidão ficou na ponta dos pés, prendendo a respiração na expectativa.

Sorri, mas ainda assim me senti contagiar pela emoção reinante.

Então, as gaitas de fole começaram a soar e minha garganta imediatamente se fechou com lágrimas não derramadas.

A mão de Jamie apertou meu ombro, inconscientemente, e eu ergui os olhos e o vi esfregar os nós dos dedos com força no lábio superior, quando ele, também, se virou para o rio.

Abaixei os olhos, piscando para conter as lágrimas, e, conforme minha vista clareou, vi os grãos de sal no chão, cuidadosamente espalhados diante dos portões do mausoléu.

Ela era muito menor do que eu imaginara. As pessoas famosas em geral o são. Todos — vestidos em seus melhores trajes e um mar absoluto de tartãs — pressionavam-se bem perto, a admiração e a reverência maiores do que a cortesia. Vi de relance o topo de sua cabeça, cabelos escuros presos no alto com rosas brancas, e depois ela desapareceu atrás das costas amontoadas dos simpatizantes.

Seu marido, Allan, podia ser visto. Um homem bonito e corpulento, de cabelos pretos com mechas grisalhas, cuidadosamente presos para trás, estava de pé — presumi — atrás dela, curvando-se e sorrindo, agradecendo a inundação de elogios e boas-vindas em gaélico.

A despeito de mim mesma, senti a irresistível necessidade de correr para frente e admirá-los, como todos os demais. Mas mantive-me firme no lugar. Eu estava de pé no terraço com Jocasta; a sra. MacDonald viria até nós.

Jamie e Duncan abriam caminho com firmeza pela multidão, formando uma cunha com o mordomo negro de Jocasta,

Ulysses.

— É mesmo ela? — Brianna murmurou junto ao meu ombro, os olhos fixos com interesse no agrupamento fervilhante, de onde agora os homens haviam extraído a convidada de honra, escoltando-a das docas, pelo gramado, na direção do terraço. — É menor do que eu imaginava.

Oh, que pena que Roger não está aqui, ele adoraria vê-la! — Roger estava passando um mês na Academia Presbiteriana em Charlotte, obtendo suas qualificações para o exame de ordenação.

— Ele poderá vê-la em outra ocasião — murmurei em resposta. — Ouvi dizer que compraram uma fazenda perto de Barbecue Creek, junto a Mount Pleasant. — E permaneceriam na colônia pelo menos por mais um ou dois anos, mas eu não disse isso em voz alta; até onde as pessoas sabiam, os MacDonald haviam imigrado em caráter definitivo.

Mas eu vira o imponente memorial de pedra em Skye — onde Flora MacDonald nascera, e um dia morreria, desiludida com a América.

Não era a primeira vez que eu me encontrava com alguém, sabendo do seu destino, mas sempre era perturbador. A aglomeração se abriu e ela deu um passo à frente, pequena e bonita, rindo para Jamie. Ele a segurava pelo cotovelo, guiando-a pelas escadas para o terraço, e fez um gesto de apresentação em minha direção.

Ela ergueu os olhos, na expectativa, seu olhar encontrou o meu diretamente e ela piscou, seu sorriso desfazendo-se momentaneamente.

Em um instante, seu sorriso estava de volta e ela fazia uma medida para mim e eu para ela, mas eu me perguntava o que ela vira em meu rosto.

Entretanto, ela se virou imediatamente para cumprimentar Jocasta e apresentar suas filhas adultas, Anne e Fanny, um filho, um

genro, seu marido — quando finalmente conseguiu encerrar a confusão de apresentações, estava no mais absoluto controle de si mesma e cumprimentou-me com um sorriso amável e encantador.

— Sra. Fraser! Estou encantada de conhecê-la finalmente. Já ouvi tantas histórias de sua bondade e habilidade, confesso que estou estarecida de estar em sua presença.

Foi dito com tanto calor e sinceridade — ela segurando-me pelas mãos — que eu me senti correspondendo, apesar de um pensamento cético sobre com quem ela andaria conversando sobre mim. Minha reputação em Cross Creek e Campbelton era notória, mas de modo algum universalmente elogiosa.

— Tive a honra de conhecer o dr. Fentiman no baile de adesão realizado para nós em Wilmington... tão gentil, tão extraordinariamente amável da parte de todos! Temos sido tão bem tratados, desde a nossa chegada... e ele estava em absoluto êxtase com relação ao seu...

Eu gostaria de ter sabido o que deixara Fentiman em êxtase a meu respeito — nosso relacionamento ainda era marcado por uma certa cautela, embora tivéssemos chegado a uma reconciliação — mas, nesse momento, seu marido falou em seu ouvido, pedindo-lhe que fosse conhecer Farquard Campbell e outros proeminentes cavalheiros, e com uma careta de pesar ela apertou minhas mãos e se afastou, o brilhante sorriso público de volta ao seu rosto.

— Hum — Bri observou, sottovoce. — Ela tem sorte de ainda ter a maior parte dos dentes.

Isso era exatamente o que eu estava pensando e ri, convertendo a risada apressadamente em um acesso de tosse quando vi a cabeça de Jocasta virar-se incisivamente em nossa direção.

— Então, esta é ela. — O Jovem Ian surgira ao meu lado e observava a convidada de honra com uma expressão de profundo interesse. Ele estava vestido com kilt, colete e casaco para a ocasião,

os cabelos castanhos cuidadosamente penteados e presos na nuca em um rabo de cavalo; parecia muito civilizado, se não fosse pelas tatuagens que faziam uma curva pelas maçãs do rosto e sobre o cavalete de seu nariz.

— É ela — Jamie concordou. — Fionnaghal, a Clara. — Havia um surpreendente tom de nostalgia em sua voz, e eu olhei para ele, surpresa.

— Bem, é seu nome próprio — ele disse suavemente. — Fionnaghal.

Somente os ingleses a chamam de Flora.

— Você era "vidrado" nela quando era pequeno, papai? — Brianna perguntou, rindo.

— Era o quê?

— Apaixonado — eu disse, batendo as pálpebras delicadamente para ele por cima do meu leque.

— Oh, não seja boba! — ele disse. — Eu tinha sete anos, pelo amor de Deus! — No entanto, as pontas de suas orelhas haviam ficado bem rosadas.

— Eu me apaixonei aos sete anos — Ian observou, um pouco sonhadoramente. — Pela cozinheira. Ouviu Ulysses dizer que ela trouxe um espelho, tio? Dado a ela pelo príncipe Tearlach, com seu brasão no verso. Ulysses colocou-o na sala de visitas, com dois criados montando guarda.

De fato, aqueles que não estavam no torvelinho de convidados que cercavam os MacDonald pressionavam-se pelas portas duplas para entrar na casa, formando uma fila de conversas animadas pelo corredor, até a sala de visitas.

— Seaumais! A voz imperiosa de Jocasta colocou um ponto final nas brincadeiras.

Jamie lançou um olhar severo a Brianna e foi unir-se a ela. Duncan estava detido em uma conversa com um pequeno grupo de proeminentes cavalheiros.

Reconheci Neil Forbes, o advogado, bem como Cornelius Harnett e o coronel Moore — e Ulysses não estava em nenhum lugar à vista — provavelmente estava lidando com a logística dos bastidores de um churrasco para duzentas pessoas — assim deixando Jocasta momentaneamente abandonada. Com a mão no braço de Jamie, ela deslizou para fora do terraço, na direção de Allan MacDonald, que fora descolado de sua mulher pelo aglomerado de gente ao seu redor, e estava parado sob uma árvore, parecendo vagamente ofendido.

Observei-os enquanto atravessavam o gramado, achando graça da veia teatral de Jocasta. Sua criada pessoal, Phaedre, seguia-os obsequiosamente — e poderia perfeitamente ter guiado sua patroa. Mas isso não teria de forma alguma causado o mesmo efeito. Os dois juntos faziam as cabeças se voltarem — Jocasta alta e esbelta, graciosa apesar da idade e impressionante, com seus cabelos brancos em um coque alto e seu vestido de seda azul; Jamie com sua altura viking e tartã carmesim dos Fraser, ambos com aqueles altivos ossos e graciosidade felina dos Mackenzie.

— Colum e Dougal teriam orgulho de sua irmãzinha — eu disse, sacudindo a cabeça.

— Ah, é? — Ian falou distraidamente. Ele ainda observava Flora MacDonald, agora recebendo um buquê de flores de um dos netos de Farquard Campbell, sob aplausos gerais.

— Não está com ciúmes, está, mamãe? — Brianna brincou, vendo-me olhar na mesma direção.

— Claro que não — eu disse com uma certa dose de complacência.

— Afinal, eu também tenho todos os meus dentes.

Eu não o vira, na aglomeração inicial, mas o major MacDonald estava entre os celebrantes, muito chamativo em um casaco de uniforme ostensivamente brilhante e um chapéu novo, profusamente adornado com galões dourados. Ele tirou o chapéu e

fez uma profunda reverência para mim, parecendo alegre — sem dúvida, porque eu não estava acompanhada de animais domésticos, Adso e a porca branca estando ambos a uma distância segura, em Fraser's Ridge.

— Seu criado, madame — ele disse. — Vi que trocou uma palavra com a sra. Flora; encantadora, não? É uma mulher bonita e cheia de vida, também.

— É verdade — concordei. — Então, o senhor a conhece?

— Oh, sim — ele disse, um ar de profunda satisfação espalhando-se pelo seu rosto maltratado pelas intempéries. — Eu não seria presunçoso a ponto de alegar uma amizade, mas, acredite-me, posso afirmar modestamente que a conheço. Eu acompanhei a sra. MacDonald e sua família de Wilmington, e tenho tido a grande honra de ajudá-los a se estabelecer em sua situação atual.

— É mesmo? — Olhei-o com interesse. O major não era do tipo que se deslumbra com celebridades. Mas era do tipo que apreciava sua utilidade. Assim como o governador Martin, evidentemente.

O major observava Flora MacDonald agora com um olhar de proprietário, notando com aprovação a maneira como as pessoas se aglomeravam ao seu redor.

— Ela muito graciosamente aceitou fazer um discurso hoje — ele me disse, balançando-se um pouco para trás nos saltos de suas botas. — Onde seria o melhor lugar, madame, o que acha? Do terraço, por ser o local mais elevado? Ou talvez perto da estátua no gramado, por ser mais central e permitir que a multidão a cerque, aumentando, assim, a chance de todos ouvirem suas observações? — Acho que ela vai ter uma insolação, se você colocá-la no gramado com este tempo — eu disse, inclinando meu próprio chapéu de palha de abas largas para sombrear meu nariz. Estava perto dos quarenta graus, em termos de temperatura e umidade, e minhas anáguas finas grudavam-se, empapadas, nas minhas pernas. — Que

tipo de observações ela vai fazer? — Apenas um pequeno discurso sobre lealdade, madame — ele disse, suavemente. — Ah, lá está seu marido, conversando com Kingsburgh; me dá licença, madame? — Fez uma mesura e empertigou-se, recolocou o chapéu e atravessou o gramado a passos largos, para se unir a Jamie e Jocasta, que ainda estavam com Allan MacDonald — chamado de "Kingsburgh", à maneira escocesa, que era o nome de sua propriedade em Skye.

A comida começava a ser trazida: terrinas de powsowdie — um ensopado escocês de carneiro e legumes — e hotchpotch — uma espécie de guisado; uma enorme sopeira de soup à la Reine, uma clara homenagem à convidada de honra; travessas de peixe frito, frango frito e coelho frito; finas fatias de carne de veado em vinho tinto; salsichas defumadas; os pastéis chamados Foifar bridies —, inky-pinky — rosbife com molho de cenouras e cebolas; perus assados; torta de pombo; pratos de colcannon — à base de repolhos e batatas amassadas; stovies — carne desfiada, com molho e batatas, ao forno; purê de nabo; maçãs assadas, recheadas com abóbora seca, pastéis e tortas de cogumelos, milho, abóbora; cestas enormes transbordando de pães doces, pãezinhos e outros tipos de pães frescos... tudo isso, eu sabia muito bem, meramente como prelúdio ao churrasco cujo aroma inebriante flutuava pelo ar: incontáveis porcos, três ou quatro bois, dois veados e, a pièce de résistance, um búfalo, adquirido só Deus sabe onde ou como.

Um murmúrio de agradável expectativa ergueu-se ao meu redor, conforme as pessoas começavam a metaforicamente afrouxar os cintos, dirigindo-se às mesas com a firme determinação de cumprir seu dever em homenagem à ocasião.

Jamie continuava grudado à sra. MacDonald, observei; ele a ajudava a se servir de um prato que, a distância, parecia ser salada de brócolis. Ele ergueu os olhos e me viu, fez sinal para que fosse me unir a eles — mas eu sacudi a cabeça, gesticulando com meu leque na direção das mesas do bufê, onde os convidados se

acomodavam à maneira objetiva e eficiente de gafanhotos em um campo de cevada. Eu não queria perder a oportunidade de indagar sobre Manfred McGillivray, antes que o estupor da saciedade dominasse a multidão.

Dirigi-me com determinação para o meio da refrega, aceitando deliciosas gulodices que me eram oferecidas por escravos e criados, parando para conversar com qualquer conhecido que eu via, especialmente aqueles de Hillsboro. Manfred passara muito tempo lá, eu sabia, recebendo encomendas de armas, entregando os produtos acabados e fazendo pequenos serviços de conserto. Esse era o lugar mais provável para onde ele iria, pensei. Mas ninguém com quem eu conversei o havia visto, embora a maioria o conhecesse.

— Bom rapaz — um cavalheiro me disse, parando momentaneamente de beber. — E que faz muita falta, também. Além de Robin, há poucos armeiros mais perto do que Virgínia.

Eu sabia disso e, por saber, perguntei-me se Jamie estaria tendo sorte em arranjar os mosquetes de que precisava. Provavelmente, as conexões de contrabando de lorde John iriam ser necessárias.

Aceitei um pequeno pedaço de torta da bandeja de um escravo que passava e continuei vagando a esmo, mastigando e conversando. Falava-se muito de uma série de artigos inflamados publicados recentemente no Chronicle, o jornal local, cujo proprietário, Fogarty Simms, era tido em alta consideração.

— Simms é um sujeito corajoso — disse o sr. Goodwin, sacudindo a cabeça. — Mas duvido que vá aguentar. Falei com ele na semana passada e ele me disse que teme por sua pele. Sofreu ameaças, sabia? Pelo tom da reunião, presumi que o sr. Simms devia ser um legalista, e isso parecia ser verdade, pelos vários comentários que ouvi. Comentava-se de um jornal adversário que



estava sendo criado para apoiar a causa dos whigs, com seus incautos discursos de tirania e destituição do rei.

Ninguém sabia ao certo quem estava por trás do novo empreendimento, mas corria o boato — e muita indignação diante da possibilidade — de que um tipógrafo deveria ser trazido do norte, onde as pessoas eram notoriamente dadas a tais sentimentos perversos.

O consenso geral era de que tais pessoas precisavam levar um chute no traseiro, para recuperarem o bom-senso.

Eu não havia me sentado para comer formalmente, mas, depois de uma hora andando devagar pelos campos de maxilares mastigando e rebanhos de travessas de hors d'oeuvres perambulando de um lado para o outro, eu me sentia como se tivesse sentado à mesa e degustado um banquete real francês — essas ocasiões durando tanto tempo que urinóis eram colocados com discrição sob as cadeiras dos convidados e o deslizamento ocasional de um ou outro convidado para baixo da mesa era discretamente ignorado.

A ocasião atual era menos formal, porém não muito menos prolongada. Após uma hora de preliminares, o churrasco foi retirado, fumegante, dos fossos cavados junto ao estábulo, e trazido para os gramados em suportes de madeira, montados nos ombros de escravos. A visão de imensos cortes de carne de vaca, porco, veado e búfalo, brilhando com gordura e vinagre, e cercados pelos corpos menores, chamuscados, de centenas de pombos e codornas, foi recebida com aplausos dos convidados, todos a esta altura encharcados com o suor de seus esforços, mas nem um pouco intimidados.

Jocasta, sentada ao lado de sua convidada, parecia profundamente satisfeita pelo som de sua hospitalidade estar sendo tão calorosamente recebido. Ela se inclinou na direção de Duncan, sorrindo, e colocou a mão em seu braço ao dizer-lhe

alguma coisa. Duncan deixara de parecer nervoso — o efeito de um ou dois quartos de galão de cerveja, seguida de quase uma garrafa de uísque — e parecia também estar se divertindo.

Sorriu amplamente para Jocasta, depois ensaiou um comentário para a sra. MacDonald, que riu do que ele lhe disse.

Eu tinha que admirá-la; ela estava cercada por todos os lados de pessoas querendo uma palavra, mas ela mantinha sua calma admiravelmente, sempre gentil e atenciosa com todos — embora isso às vezes significasse ficar sentada uns dez minutos, uma garfada de comida suspensa no ar, enquanto ouvia alguma história interminável. Ao menos, ela estava na sombra — e Phaedre, vestida em musselina branca, mantinha-se servilmente atrás dela com um enorme abanador feito de folhas de palmeira, formando uma brisa e mantendo as moscas afastadas.

— Shrub de limão, madame? — Um escravo esmorecido, brilhando de suor, ofereceu-me a bebida e eu peguei um copo. Eu estava perspirando por todos os poros, minhas pernas doíam e minha garganta estava seca de tanto falar. Nesse ponto, eu não me importava com o que houvesse no copo, desde que fosse líquido.

Mudei instantaneamente de opinião ao provar a bebida; era suco de limão e água de cevada, e, embora matasse a sede, eu estava muito mais inclinada a despejá-la pela gola do meu vestido do que a bebê-la. Fui deslizando discretamente na direção de um arbusto, com a intenção de despejar ali a bebida, mas fui impedida pela aparição de Neil Forbes, que saiu de trás da moita.

Ele ficou tão surpreso de me ver quanto eu de vê-lo; deu um salto para trás e olhou apressadamente por cima do ombro. Olhei na mesma direção e vislumbrei Robert Howe e Cornélius Harnett, afastando-se na direção oposta. Obviamente, os três estavam confabulando atrás do arbusto.

— Sra. Fraser — ele disse, com uma pequena mesura. — Seu criado.

Eu me inclinei em resposta, com um vago murmúrio educado. Eu teria resvalado direto por ele, mas ele se inclinou em minha direção, impedindo minha partida.

— Ouvi dizer que seu marido está reunindo armas, sra. Fraser — ele disse, a voz em um tom baixo e inamistoso.

— Oh, é mesmo? — Eu segurava meu leque aberto, como todas as outras mulheres ali. Abanei-o languidamente diante do meu nariz, ocultando a maior parte da minha expressão. — Quem lhe disse tal coisa? — Um dos cavalheiros que ele abordou com esse objetivo — Forbes disse. O advogado era grande e estava um pouco acima do peso; o insalubre tom avermelhado de suas faces talvez se devesse a isso, e não à contrariedade. Por outro lado...

— Se me permite abusar de sua boa vontade, madame, eu sugeriria que exerça sua influência sobre ele, sugerindo-lhe que tal curso não é o mais sensato? — Para começar — eu disse, respirando fundo o ar úmido e quente —, exatamente em que curso o senhor acha que ele embarcou? — Um curso infeliz, madame — ele disse. — Dando a melhor forma possível à questão, imagino que as armas que ele procura se destinam a armar seu próprio grupo de milícia, que é legítima, apesar de perturbadora; a conveniência de tal curso repousaria em suas ações posteriores. Mas suas relações com os cherokees são bem conhecidas e há rumores sobre as armas se destinarem a acabar nas mãos dos selvagens, com a consequência que eles podem se voltar contra os súditos de Sua Majestade que presumidamente se opõem à tirania, à exploração e à corrupção que grassa entre as autoridades que governam, se uma palavra tão vaga pode ser empregada para descrever suas ações, nesta colônia.

Dei-lhe um longo olhar por cima da borda do meu leque.

— Se eu já não soubesse que o senhor é advogado — observei — este seu discurso teria me dado certeza. Eu acho que o senhor acaba de dizer que suspeita que meu marido queira dar armas aos índios, e o senhor não gosta disso. Por outro lado, se ele

está querendo armar sua própria milícia, isso pode estar certo, desde que a dita milícia aja de acordo com os seus desejos. Estou certa? Uma centelha de humor atravessou seus olhos fundos e ele inclinou a cabeça para mim em reconhecimento.

— Sua percepção me assombra, madame — ele disse.

Balancei a cabeça e fechei o leque.

— Certo. E quais são os seus desejos, se me permite perguntar? Não vou perguntar por que acha que Jamie deva tomar cuidado com eles.

Ele riu, o rosto pesado, já afogueado do calor, ficando ainda mais vermelho sob sua perfeita peruca amarrada na nuca.


— Eu desejo justiça, madame. A queda dos tiranos e a causa da liberdade — ele disse. — Como qualquer homem honesto deve querer.

...apenas pela liberdade — da qual nenhum homem honesto desiste a não ser com a própria vida. A frase ecoou em minha mente, e deve ter transparecido em minha fisionomia, pois ele olhou atentamente para mim.

— Tenho uma profunda estima pelo seu marido, madame — ele disse, serenamente. — Vai contar a ele o que eu lhe disse? — Ele fez uma reverência e virou-se, sem esperar pelo meu cumprimento em resposta.

Ele não havia moderado a voz quando falou de tiranos e liberdade; eu vi cabeças se voltarem para nós, e aqui e ali homens se reuniram, murmurando enquanto o viam se afastar.

Distraída, tomei um grande gole do shrub de limão, e fui, então, obrigada a engolir a horrível bebida. Virei-me à procura de Jamie; ele continuava junto a Allan MacDonald, mas se movera um pouco para o lado e entabulava uma conversa particular com o major MacDonald.



As coisas estavam andando mais depressa do que eu imaginara. Eu pensava que o sentimento republicano ainda fosse de uma minoria nesta parte da colônia, mas, para os Forbes falarem tão abertamente em uma reunião pública, a questão obviamente estava ganhando terreno.

Virei-me para ver o advogado se afastar e vi dois homens confrontá-lo, os rostos crispados de raiva e desconfiança. Eu estava longe demais para ouvir o que estava sendo dito, mas suas posturas e expressões eram eloquentes. Palavras foram trocadas, com crescente exaltação, e eu olhei na direção de Jamie; a última vez em que comparecera a um churrasco como este em River Run, no prelúdio da Guerra da Regulamentação, houve uma briga no gramado e eu achava que tal ocorrência estava prestes a se repetir. Álcool, calor e política propiciavam explosões de temperamento em qualquer ajuntamento, quanto mais em um composto principalmente de escoceses das Highlands.

Tal explosão teria acontecido — mais homens se reuniam ao redor de Forbes e seus dois oponentes, os punhos cerrando-se em preparação para a luta — se o estrondo do enorme gongo de Jocasta não tivesse soado do terraço, fazendo todos olharem para lá, espantados.

O major estava em pé sobre um barril de tabaco, as mãos erguidas no ar, sorrindo radiante para a multidão, o rosto brilhando e vermelho de calor, cerveja e entusiasmo.

— Ceud mileJàilte! — gritou, e foi recebido com aplausos entusiásticos. — E desejamos cem mil boas-vindas aos nossos convidados de honra! — ele continuou em gaélico, fazendo um largo gesto com a mão na direção dos MacDonald, que agora estavam perto dele, um de cada lado do barril, balançando a cabeça

e sorrindo com os aplausos. Pelo seu comportamento, achei que estavam acostumados a este tipo de recepção.

Mais algumas palavras introdutórias — parcialmente abafadas pelos gritos de aclamação — e Jamie e Kingsburgh ergueram a sra. MacDonald cuidadosamente para cima do barril, onde ela oscilou um pouco, mas recuperou o equilíbrio, agarrando-se à cabeça dos dois homens para se estabilizar, e sorrindo com as gargalhadas da plateia.

Ela riu, exultante, para a multidão, que retribuiu o sorriso radiante, en masse, e imediatamente se aquietou para ouvi-la.

Ela possuía uma voz alta e clara, e obviamente estava acostumada a falar em público — um atributo muito incomum para uma mulher da época. Eu estava longe demais para ouvir todas as palavras, mas não tive dificuldade em apreender a essência do discurso.

Depois de educadamente agradecer a seus anfitriões, à comunidade escocesa, que receberam tão carinhosa e generosamente sua família, e aos convidados, ela iniciou uma exaltada exortação contra o que chamou de "sectarismo", instando seus ouvintes a se unir para eliminar esse perigoso movimento, que só poderia causar grande intranquilidade, ameaçando a paz e a prosperidade que tantos haviam alcançado nestas terras pródigas, tendo arriscado tudo para isso.

E ela estava, percebi com um pequeno choque, absolutamente certa.

Eu ouvira Bri e Roger discutindo a questão — por que os escoceses das Highlands, que haviam sofrido tanto sob o jugo da Inglaterra, deveriam lutar ao lado dos ingleses, como tantos acabaram fazendo? — Porque — Roger disse pacientemente — eles tinham algo a perder e muito pouco a ganhar. E, de todas as pessoas, eles sabiam exatamente o que era lutar contra os ingleses. Você acha que as pessoas que sobreviveram à limpeza que

Cumberland fez nas Highlands e que conseguiram chegar à América para reconstruir suas vidas a partir do zero estavam ansiosas para suportar tudo isso outra vez? — Mas certamente elas vão querer lutar pela liberdade — Bri protestara. Ele olhou para ela com ceticismo.

— Elas têm liberdade, muito mais do que jamais tiveram na Escócia.

Elas se arriscam a perdê-la na eventualidade de uma guerra, e sabem disso muito bem. E depois, é claro — acrescentou —, quase todas fizeram um juramento de lealdade à Coroa. Elas não quebrariam esse juramento à toa, certamente não por algo que parecesse mais uma turbulenta — e, sem dúvida, de vida curta — revolta política. É como... — A testa dele franziu-se ao procurar uma analogia adequada.

— Como os Panteras Negras, ou o movimento dos direitos civis.

Todos podiam ver a essência idealista, mas muitas pessoas da classe média acharam a coisa toda ameaçadora ou assustadora, e só queriam que desaparecesse, para que a vida pudesse voltar a ser tranquila.

O problema, é claro, é que a vida nunca era tranquila — e este movimento em particular não iria desaparecer. Eu podia ver Brianna na outra extremidade da aglomeração, os olhos apertados em concentrada especulação, enquanto ouvia a voz clara e alta de Flora MacDonald, falando das virtudes da lealdade.

Ouvi uma espécie de muxoxo abafado logo atrás de mim e, virando-me, vi Neil Forbes, as feições pesadas demonstrando sua desaprovação. Ele tinha reforços agora, eu pude ver; outros três ou quatro cavaleiros ao seu lado, olhando de um lado para o outro, mas procurando disfarçar. Avaliando os ânimos da multidão, achei que eles eram sobrepujados por duzentos a um aproximadamente, e os

duzentos estavam ficando cada vez mais firmes em sua opinião conforme a bebida subia à cabeça e o discurso continuava.

Desviando o olhar, avistei Brianna novamente e percebi que ela agora olhava para Neil Forbes também — e ele devolvia o olhar. Ambos mais altos do que as pessoas ao seu redor, fitavam-se acima das cabeças da multidão que os separava, ele com animosidade, ela com indiferença. Ela havia rejeitado sua corte alguns anos antes, e o fizera sem muito tato. Forbes certamente não estava apaixonado por ela, mas era um homem com um razoável grau de autoestima, e não do tipo a sofrer tal desfeita pública com resignação filosófica.

Brianna virou-se, friamente, como se não tivesse notado a presença dele, e começou a conversar com a mulher a seu lado. Eu o ouvi resmungar outra vez, dizer algo em voz baixa para seus compatriotas — e então o grupo começou a ir embora, arrogantemente dando as costas à sra. MacDonald, que ainda discursava.

Exclamações e murmúrios de indignação os seguiram, conforme abriam caminho rudemente pela multidão comprimida, mas ninguém tentou impedi-los, e o insulto de sua partida foi abafado pelas prolongadas explosões de aplausos que saudaram a conclusão do discurso — acompanhadas pelo início do som das gaitas de foles, um ou outro disparo de pistola para o ar, as aclamações coletivas de "Hurra! Hurra!" comandadas pelo major MacDonald, e tal algazarra generalizada que ninguém teria notado a chegada de um exército, quanto mais a partida de alguns poucos whigs descontentes.

Encontrei Jamie à sombra do mausoléu de Hector, penteando os cabelos com os dedos, antes de prendê-los de novo.

— Um sucesso estrondoso, hein? — observei.

— Vários estrondos — ele disse, de olho em um cavalheiro visivelmente embriagado no ato de tentar recarregar o mosquete. — Observe aquele homem, Sassenach.



— Ele está atrasado demais para atirar em Neil Forbes. Você o viu sair? Ele balançou a cabeça, habilmente dando um nó na tira de couro que prendia seus cabelos na nuca.

— Ele não poderia ter estado mais próximo de uma declaração pública, a não ser que estivesse em cima de um barril ao lado de Fionnaghal.

— E isso teria feito dele um excelente alvo. — Apertei os olhos para o cavalheiro de rosto vermelho, no momento derramando pólvora nos sapatos. — Não creio que ele tenha uma bala.

— Ah, tudo bem, então. — Jamie descartou-o com um abano da mão. — O major MacDonald está em grande forma, não é? Ele me disse que organizou para a sra. MacDonald uma série de discursos como este aqui e ali pela colônia.

— Com ele mesmo como empresário, imagino — eu disse. Pude vislumbrar o brilho do casaco vermelho de MacDonald na aglomeração de simpatizantes no terraço.

— Sem dúvida. — Jamie não parecia satisfeito com a perspectiva. Na realidade, ele parecia um pouco circunspecto, o rosto dominado por pensamentos sombrios. Seu estado de espírito não iria melhorar ao ouvir a conversa que eu tivera com Neil Forbes, mas lhe contei ainda assim.

— Bem, não pôde ser evitado — ele disse com um pequeno movimento dos ombros. — Eu esperava manter a questão reservada, mas do jeito que as coisas estão com Robin McGillivray, não tenho outra escolha senão indagar onde puder, e dessa forma todos ficam sabendo. E comentam. — Remexeu-se outra vez, irrequieto.

— Você está bem, Sassenach? — ele perguntou repentinamente, olhando para mim.

— Sim. Mas você não está. O que é? Ele sorriu debilmente.

— Oh, não é nada. Nada que eu já não soubesse. Mas é diferente, não? Você acha que está pronto e então se depara com isso frente a frente, e daria qualquer coisa para que tudo fosse diferente.

Olhou para o gramado, levantando o queixo para apontar para a multidão. Um mar de tartãs fluía pela grama, as sombrinhas das senhoras abertas contra o sol, um campo de flores alegremente coloridas. Na sombra do terraço, uma gaita de foles continuava a tocar, o som de seu piobreachd uma segunda voz, fina e penetrante, ao zumbido da conversa.

— Eu sabia que um dia teria que me levantar contra muitos deles, hein? Lutar contra amigos e parentes. Mas, depois, eu me vi lá, com a mão de Fionnaghal sobre minha cabeça como uma bênção, cara a cara com todos eles, vendo suas palavras derramarem-se sobre eles, vendo a determinação crescer neles... e repentinamente, era como se uma grande lâmina tivesse descido do céu entre eles e mim, para nos separar para sempre. O dia está chegando... e eu não posso fazer nada para impedir.

Ele engoliu em seco e abaixou os olhos, desviando-os de mim.

Estendi a mão para ele, querendo ajudar, querendo aliviar o peso em seu coração — e sabendo que não podia. Era, afinal, por obra minha que ele se achava ali, naquele pequeno Getsêmane.

Ainda assim, ele tomou minha mão, sem olhar para mim, e apertou-a com força, pressionando meus ossos.

— Pai, afasta de mim esse cálice? — sussurrei.

Ele balançou a cabeça, os olhos ainda fixos no chão, nas pétalas caídas das rosas amarelas. Então, olhou para mim, com um fraco sorriso, mas tamanha angústia nos olhos que eu prendi a respiração, com uma pontada no peito.

Ainda assim, ele sorriu, e passando a mão pela testa, examinou os dedos molhados.

— Sim, bem — disse. — É apenas água, não é sangue. Vou sobreviver.

Talvez não, pensei repentinamente, horrorizada. Lutar do lado dos vencedores era uma coisa; sobreviver era outra bem diferente.

Ele viu a expressão do meu rosto e relaxou a pressão na minha mão, achando que estava me machucando. Estava, mas não fisicamente.

— Não se faça, contudo, a minha vontade, mas a Vossa — ele disse, muito suavemente. — Eu escolhi meu caminho quando me casei com você, embora não soubesse disso na época. Mas escolhi, e agora não posso voltar atrás, mesmo que quisesse.

— Você voltaria? — Olhei dentro dos seus olhos ao perguntar e li a resposta ali. Ele sacudiu a cabeça.

— E você, voltaria? Pois também fez uma escolha, tanto quanto eu.

Sacudi a cabeça, também, e senti um pequeno relaxamento em seu corpo quando seus olhos encontraram os meus, agora límpidos como o céu brilhante. Pelo espaço de tempo de uma batida do coração, permanecemos sozinhos, juntos, no universo. Então, o barulho de um grupo de meninas tagarelando flutuou até nosso campo de audição e mudei de assunto para algo mais seguro.

— Teve alguma notícia do pobre Manfred? — Pobre Manfred, hein? — Lançou-me um olhar irônico.

— Bem, ele pode ser um canalha imoral e ter causado muitos problemas... mas não significa que deva morrer por causa disso.

Fez uma expressão de quem poderia não estar em completo acordo com esse sentimento, mas deixou o assunto morrer, dizendo apenas que andara indagando, mas até então sem nenhum resultado.

— Mas ele vai aparecer — garantiu-me. — Provavelmente, no lugar mais inconveniente.

— Oh! Oh! Oh! E pensar que eu iria viver para ver tal dia! Obrigada, senhor, muito obrigada! — Era a sra. Bug, afogueada de calor, cerveja e felicidade, abanando-se a ponto de quase explodir. Jamie sorriu para ela.

— Então, conseguiu ouvir todo o discurso, mo chridhe? — Ah, ouvi, sim, senhor! — garantiu-lhe fervorosamente. — Cada palavra! Arch me arrumou um ótimo lugar, ao lado de um dos vasos de flores, de onde eu pude ouvir sem ser pisoteada. — Ela quase morrera de empolgação quando Jamie propôs levá-la ao churrasco. Arch também viria, é claro, e faria alguns serviços para ele em Cross Creek, mas a sra. Bug não saía de Ridge desde sua chegada havia vários anos.

Apesar da minha preocupação com a atmosfera profundamente legalista que nos rodeava, sua esfuziante alegria era contagiante e eu me vi sorrindo, Jamie e eu nos revezando para responder a suas perguntas: ela nunca vira escravos negros de perto antes e achava-os exoticamente bonitos — custavam muito caro? E tinham que ser ensinados a usar roupas e falar adequadamente? Pois ela ouvira dizer que a África era um lugar totalmente pagão, onde as pessoas andavam inteiramente nuas e matavam-se com lanças, como se faz com um porco do mato, e, se alguém queria falar de nudez, aquela estátua do jovem soldado no gramado era escandalosa, não achávamos? Ele sem nada por trás de seu escudo! E por que havia aquela cabeça de mulher aos seus pés? E eu notara?, seus cabelos foram feitos de modo a parecerem cobras, que coisa horrível! E quem era Hector Cameron, de quem era aquele

túmulo? E todo feito de mármore branco, como os túmulos em Holyrood, imagine! Oh, o falecido marido da sra. Innes? E quando ela se casara com o sr. Duncan, que ela conhecera, um homem tão amável, gentil, como ele era, que pena que tivesse perdido um braço, foi em alguma batalha? E — oh, olhe! O marido da sra. MacDonald — e um belo homem ele é, também — vai fazer um discurso! Jamie lançou um olhar indiferente ao terraço. De fato, Allan MacDonald também subia, mas apenas em um banquinho; certamente, o barril parecia um exagero — e algumas pessoas — muito menos do que foram ouvir sua mulher, mas um número respeitável — aglomeravam-se ao seu redor, prestando atenção.

— Vocês não vão ouvi-lo? — A sra. Bug já estava em pleno voo, pairando acima do solo como um beija-flor.

— Vou ouvir bem daqui — Jamie garantiu-lhe. — Vá você, a nighean.

Ela partiu, adejando, zumbindo de empolgação. Jamie levou as mãos cuidadosamente aos ouvidos, testando para ver se suas orelhas ainda estavam no lugar.

— Foi bondade sua trazê-la — eu disse, rindo. — A coitada provavelmente não se divertia tanto há meio século.

— É verdade — ele disse, rindo. — Ela provavelmente...

Ele parou repentinamente, franzindo o cenho ao avistar algo por cima de meu ombro. Virei-me para olhar, mas ele já passava por mim, e eu corri para alcançá-lo.

Era Jocasta, branca como leite, e transtornada de uma forma que eu nunca tinha visto. Ela cambaleava, sem firmeza, na soleira da porta lateral, e teria caído se Jamie não tivesse chegado e a segurado, um dos braços ao redor de sua cintura para ampará-la.

— Santo Deus, tia. O que há? — Ele falou em voz baixa, para não chamar atenção, conduzindo-a para dentro de casa enquanto falava.

— Oh, meu Deus, Santo Deus, minha cabeça — ela murmurou, a mão espalmada sobre o rosto como uma aranha, de modo que seus dedos mal tocavam a pele, protegendo o olho esquerdo. — Meu olho.

A venda de linho que ela usava em público estava amarrotada e com manchas de umidade; lágrimas escorriam por baixo da venda, mas ela não estava chorando. Lacrimejamento: um dos olhos lacrimejava terrivelmente. Os dois olhos lacrimejavam, mas o esquerdo estava bem pior; as bordas do linho estavam encharcadas e essa face brilhava, molhada.

— Preciso examinar seus olhos — eu disse a Jamie, tocando seu cotovelo e olhando em vão à minha volta, à procura de um dos criados. — Leve-a à sua sala de estar. — Era o local mais perto e todos os convidados ou estavam lá fora ou dirigindo-se à sala de visitas para ver o espelho do príncipe.

— Não! — Foi quase um grito. — Não, lá não! Jamie olhou para mim, uma das sobrancelhas erguidas, confuso, mas falou-lhe com voz tranquilizadora.

— Não, tia, tudo bem. Vou levá-la ao seu próprio quarto. Venha. — Ele inclinou-se e ergueu-a nos braços como se ela fosse uma criança, as saias de seda derramando-se por cima de seus braços com um som de água corrente.

— Leve-a; eu já vou para lá. — Eu avistara a escrava chamada Angelina passando na outra extremidade do corredor e corri para alcançá-la. Dei minhas ordens, em seguida corri de volta para as escadas... parando momentaneamente para olhar para dentro da pequena sala de estar.

Não havia ninguém ali, embora a presença de xícaras de ponche espalhadas e o cheiro forte de cachimbo indicassem que Jocasta provavelmente estivera recebendo convidados ali anteriormente. Seu cesto de costura estava aberto, uma peça de

tricô puxada parcialmente para fora e deixada descuidadamente pendurada na borda, como um coelho morto.

Crianças, talvez, pensei; vários novelos de lã haviam sido retirados do cesto também e agora jaziam espalhados no assoalho de parquet, deixando rastros de fios coloridos. Hesitei, mas o instinto era muito forte para mim e apressadamente juntei os novelos e os atirei de volta dentro do cesto de costura. Enfiei a peça de tricô por cima, mas retirei a mão bruscamente com uma exclamação.

Um pequeno corte no lado do meu polegar começava a sangrar. Levei o dedo à boca e suguei o sangue com força para aplicar pressão no ferimento; enquanto isso, tateei mais cuidadosamente pelo interior do cesto com a outra mão, para ver o que havia me cortado.

Uma faca, pequena, mas eficiente. Provavelmente usada para cortar fios de bordado; havia uma bainha de couro para ela, solta no fundo do cesto. Recoloquei a faca em sua bainha, peguei o estojo de agulhas que eu fora buscar e fechei o tampo da cesta de costura antes de correr para as escadas.

Allan MacDonald terminara seu breve discurso; ouviu-se uma barulheira de aplausos do lado de fora, com gritos e vivas em gaélico.

— Malditos escoceses — murmurei, baixinho. — Será que nunca aprendem? Mas eu não tinha tempo para considerar as implicações dos incitamentos dos MacDonald. Quando alcancei o topo das escadas, um escravo já estava logo atrás de mim, arfando sob o peso de minha caixa de remédios e outro estava ao pé das escadas, subindo mais cautelosamente com uma panela de água quente que trazia da cozinha.

Jocasta estava dobrada ao meio em sua poltrona, gemendo, os lábios pressionados com força. Sua touca caíra e as duas mãos moviam-se sem parar pelos cabelos desfeitos, como se procurassem

em vão algo em que se agarrar. Jamie afagava suas costas, murmurando palavras de conforto em gaélico; ergueu os olhos com evidente alívio quando entrei.

Eu há muito suspeitava de que a causa da cegueira de Jocasta fosse glaucoma — uma crescente pressão por dentro do globo ocular que, se não fosse tratada, por fim causava danos ao nervo ótico. Agora, eu tinha certeza. Mais do que isso, eu sabia de que forma da doença ela sofria; ela estava obviamente tendo uma crise aguda de glaucoma de ângulo fechado, o tipo mais perigoso.

Não havia nenhum tratamento para glaucoma agora; a própria doença ainda não seria reconhecida por algum tempo. Ainda que houvesse, era tarde demais; sua cegueira era irreversível. Havia, no entanto, algo que eu podia fazer a respeito da situação imediata — e eu receava que teria que fazê-lo.

— Faça uma infusão com um pouco disto — eu disse para Angelina, agarrando a jarra de acariçoba da minha caixa e enfiando-a em suas mãos.

— E você — virei-me para o outro escravo, um homem cujo nome eu não sabia —, coloque a água para ferver outra vez, arranje-me panos limpos e coloque-os dentro da água.

Enquanto falava, eu retirara a minúscula lamparina a álcool que carregava em minha caixa. O fogo da lareira fora deixado bem baixo, mas ainda havia algumas brasas; abaixei-me e acendi o pavio, depois abri o estojo de agulhas que pegara na sala de estar e retirei a maior agulha, cerca de sete centímetros de aço, usada para consertar tapetes.

— Você não vai... — Jamie começou a dizer, depois parou, engolindo em seco.

— É preciso — eu disse sucintamente. — Não há outra coisa a fazer.

Segure as mãos dela.



Ele estava quase tão pálido quanto Jocasta, mas assentiu e segurou os dedos crispados, retirando suas mãos delicadamente de sua cabeça.

Levantei a venda de linho. O olho esquerdo estava visivelmente esbugalhado sob a pálpebra, vividamente injetado de sangue. As lágrimas afluíam ao seu redor e transbordavam em um fluxo constante. Eu podia sentir a pressão dentro do globo ocular, mesmo sem tocá-lo, e cerrei os dentes, nauseada.

Não havia escapatória. Com uma rápida prece a santa Clara — que era, afinal, a padroeira de olhos doentes, assim como minha própria santa padroeira —, passei a agulha pela chama da lamparina, despejei álcool puro em um pano e limpei a fuligem da agulha.

Engolindo um repentino excesso de saliva, abri a pálpebra do olho afetado com uma das mãos, encomendei a alma a Deus e enfiei a agulha com força na esclerótica, perto da borda da íris.

Ouviram-se uma tosse e uma cusparada no chão próximo, e o cheiro de vômito, mas eu não podia prestar atenção a isso. Retirei a agulha cuidadosamente, embora com a maior rapidez possível. Jocasta empertigara-se subitamente, paralisada, as mãos agarradas às de Jamie. Ela não se moveu, mas fazia pequenos sons arfantes, assustados, como se receasse se mover até para respirar.

Um fio de fluido escorreu do olho, o humor vítreo, ligeiramente embaçado, espesso apenas o suficiente para se tornar perceptível, enquanto escorria preguiçosamente pela superfície molhada da esclerótica.

Eu ainda segurava a pálpebra aberta; tirei um pano do chá de acariçoba com a mão livre, espremi o excesso de líquido, sem me preocupar onde caía, e encostei-o delicadamente em seu rosto. Jocasta soltou o ar ao toque do calor em sua pele, libertou as mãos e agarrou o pano.

Soltei o pano quente e deixei que ela o agarrasse, pressionando-o contra o olho esquerdo agora fechado, o calor oferecendo um pouco de alívio.

Pés leves soaram pelas escadas outra vez e pelo corredor; Angelina, arfando, um punhado de sal agarrado contra o peito, uma colher na outra mão. Retirei o sal da palma úmida de sua mão, joguei-o dentro de uma panela de água morna e mandei que ela mexesse a água até o sal se dissolver.

— Você trouxe láudano? — perguntei, em voz baixa. Jocasta estava recostada em sua poltrona, os olhos fechados, mas rígida como uma estátua, as pálpebras apertadas com força, os punhos cerrados sobre os joelhos.

— Não consegui achar o láudano, senhora — Angelina murmurou para mim, com um olhar assustado para Jocasta. — Não sei quem poderia estar usando-o, ninguém tem a chave além do sr. Ulysses e da própria sra. Cameron.

— Então, Ulysses deixou-a entrar na despensa de remédios... portanto, ele sabe que a sra. Cameron está doente? Ela balançou a cabeça vigorosamente, fazendo a fita de sua touca agitar-se.

— Oh, sim, senhora! Ele ficaria furioso se descobrisse e eu não tivesse lhe contado. Ele disse para mandar chamá-lo imediatamente, se ela precisar dele; caso contrário, eu devia dizer à sra. Cameron que ela não precisa se preocupar com nada, ele toma conta de tudo.

Jocasta soltou um grande suspiro ao ouvir a escrava, os punhos cerrados relaxando-se um pouco.

— Que Deus o abençoe — ela murmurou, os olhos cerrados. — Ele vai tomar conta de tudo. Eu estaria perdida sem ele. Perdida.

Seus cabelos brancos estavam molhados nas têmporas e o suor pingava das pontas dos fios que se esparramavam pelos seus ombros, manchando a seda azul-escura de seu vestido.

Angelina soltou os cadarços do vestido e dos espartilhos de Jocasta, e tirou-os. Então, fiz Jamie deitá-la na cama em sua combinação, com uma grossa camada de toalhas ajeitadas ao redor de sua cabeça. Enchi uma das minhas seringas feitas de presas de cascavel com a água salgada morna e, com Jamie cuidadosamente segurando sua pálpebra aberta, eu pude delicadamente irrigar o olho, na esperança de talvez evitar uma infecção no local da perfuração. O ferimento em si não passava de um minúsculo ponto vermelho na esclerótica, uma pequena bolha conjuntival acima. Vi que Jamie não podia olhar para aquilo sem piscar, e eu sorri para ele.

— Ela vai ficar bem — eu disse. — Você pode ir, se quiser.

Jamie balançou a cabeça, virou-se para sair, mas a mão de Jocasta impediu-o com um gesto rápido.

— Não, fique, a chuisle, por favor. — Essa última expressão não passava de uma formalidade, pois ela o mantinha preso, agarrado pela manga, com força suficiente para seus dedos ficarem brancos.

— Sim, tia, claro — ele disse suavemente, colocando a mão sobre a dela, apertando-a ligeiramente para tranquilizá-la. Ainda assim, ela não o soltou enquanto ele não se sentou a seu lado.

— Quem mais está aí? — ela perguntou, virando a cabeça impacientemente de um lado para o outro, tentando ouvir os sons reveladores de respiração e movimento que a iriam informar. — Os escravos se foram? — Sim, voltaram para ajudar a servir — eu lhe disse. — Só ficamos eu e Jamie.

Ela fechou os olhos e respirou fundo, com um estremeamento, somente então começando a relaxar um pouco.

— Ótimo. Tenho que lhe contar uma coisa, sobrinho, e ninguém mais pode ouvir. Sobrinha — ela ergueu uma longa mão branca na minha direção — vá ver se estamos realmente a sós.

Obedientemente, fui dar uma olhada no corredor. Não havia ninguém à vista, embora houvesse vozes vindo de um quarto mais abaixo no corredor — risos e muitas pancadas e ruge-ruges, conforme jovens mulheres tagarelavam e rearranjavam cabelos e roupas. Coloquei a cabeça para dentro de novo e fechei a porta, e os sons do resto da casa recuaram imediatamente, reduzidos a um rumor distante.

— De que se trata, tia? — Jamie ainda segurava sua mão, o polegar grande delicadamente acariciando as costas da mão da tia, rapidamente, no ritmo calmante que eu o vira usar em animais ariscos. Mas era menos eficaz em sua tia do que em um cavalo ou cachorro.

— Foi ele. Ele está aqui! — Quem está aqui, tia? — Não sei! — Seus olhos reviraram-se desesperadamente de um lado para o outro, como em uma tentativa vã de enxergar através não só da escuridão, mas das paredes também.

Jamie ergueu as sobrancelhas para mim, mas ele também podia ver que ela não estava delirando, por mais desvairada e incoerente que soasse.

Ela percebeu como estava soando; pude ver em seu rosto o esforço que fazia para se controlar.

— Ele veio atrás do ouro — ela disse, abaixando a voz. — O ouro do francês.

— Oh, é mesmo? — Jamie disse cautelosamente. Lançou um olhar de relance para mim, uma das sobrancelhas erguida, mas eu sacudi a cabeça.

Ela não estava tendo alucinações.

Jocasta suspirou de impaciência e sacudiu a cabeça, depois parou abruptamente, com uma exclamação sufocada de dor, levando as duas mãos à cabeça como se quisesse mantê-la sobre os ombros.

Ela respirou fundo por um ou dois instantes, os lábios pressionados com força. Em seguida, lentamente abaixou as mãos.

— Começou ontem à noite — ela disse. — A dor em meu olho.

Ela acordara no meio da noite com uma dor latejante no olho, uma dor surda que se espalhou devagar pelo lado da cabeça.

— Já tive essa dor antes, sabe — ela explicou. Ela se erguera para uma posição sentada agora e começava a parecer um pouco melhor, embora ainda segurasse o pano morno sobre o olho. — Começou quando comecei a perder a visão. Às vezes, era um dos olhos, às vezes ambos. Mas eu sabia o que estava para acontecer.

Mas Jocasta MacKenzie Cameron Innes não era mulher de deixar uma mera indisposição física interferir em seus planos, muito menos interromper o que prometia ser o acontecimento social de maior brilho da história de Cross Creek.

— Fiquei muito desgostosa — ela disse. — E a sra. Flora MacDonald estava prestes a chegar! Mas todas as providências já tinham sido tomadas, os animais abatidos para o churrasco assavam nos fossos de brasas, barris de cerveja estavam à espera junto aos estábulos e o ar estava repleto da fragrância de pão quente e cereais provenientes da cozinha. Os escravos tinham sido bem treinados e ela confiava plenamente que Ulysses cuidaria de tudo.

Tudo que ela precisava fazer, pensou, era continuar de pé.

— Eu não queria tomar ópio ou láudano — ela explicou. — Ou certamente cairia no sono. Assim, recorri apenas ao uísque.

Ela era uma mulher alta e totalmente acostumada a uma ingestão de bebida alcoólica capaz de derrubar um homem moderno. Quando os MacDonald chegaram, ela já havia esvaziado mais da metade de uma garrafa, mas a dor piorava.

— Então, meu olho começou a lacrimejar com tanta intensidade e todos veriam que havia alguma coisa errada, e eu não

queria isso. Assim, retirei-me para a sala de estar; eu tomara a precaução de colocar uma garrafinha de láudano no meu cesto de costura, caso o uísque não fosse suficiente.

— As pessoas aglomeravam-se como piolhos do lado de fora, tentando um vislumbre ou uma palavra com a sra. MacDonald, mas a sala de estar estava deserta, até onde eu podia saber, com minha cabeça latejando e meu olho quase explodindo. — Ela falou normalmente, mas vi Jamie contrair-se, a lembrança do que eu fizera com a agulha ainda fresca em sua mente. Ele engoliu e passou os nós dos dedos com força sobre a boca.

Jocasta rapidamente se apoderou da garrafinha de láudano, tomou alguns goles, depois se sentou por alguns instantes, esperando que o láudano fizesse efeito.

— Não sei se você já tomou esse medicamento, sobrinho, mas lhe dá uma sensação estranha, como se você estivesse começando a se dissolver pelas beiradas. Tome um gole exagerado e começa a ver coisas que não estão lá... cego ou não... e ouvi-las, também.

Entre os efeitos do láudano e da bebida e do barulho da multidão do lado de fora, ela não notou o ruído de passos e, quando a voz falou junto ao seu ouvido, ela por um instante pensou que fosse alucinação.

— Então, aí está você, menina, ele disse — ela citou, e seu rosto, já pálido, descorou ainda mais com a recordação. — Lembra-se de mim, não? — E você se lembrou, tia? — Jamie perguntou, secamente.

— Sim — ela respondeu, com igual concisão. — Eu já ouvira aquela voz duas vezes antes. Uma vez na Assembleia em que sua filha se casou; e uma vez há mais de vinte anos, em uma estalagem perto de Coigach, na Escócia.

Ela retirou o pano úmido do rosto e colocou-o com precisão na pequena bacia de água morna. Seus olhos estavam vermelhos e

inchados, injetados contra a pele clara, e ela parecia terrivelmente vulnerável em sua cegueira — mas recuperara o autocontrole outra vez.

— Sim, eu o conhecia — ela repetiu.

Ela reconhecera a voz imediatamente, mas por um instante não conseguiu identificá-la. Então, ela se lembrou, e agarrara o braço da poltrona para se apoiar.

— Quem é você? — ela perguntara, com as poucas forças que conseguiu reunir. Seu coração batia no mesmo compasso do latejamento de seu olho e de sua cabeça, e seus sentidos flutuavam em uísque e láudano. Talvez tenha sido o láudano que pareceu transformar o ruído da multidão do lado de fora no som de um mar próximo, o barulho dos passos de um escravo no corredor nas batidas dos tamancos do estalajadeiro nas escadas da hospedaria.

— Eu estava lá. Realmente lá. — Apesar do suor que ainda escorria pelo seu rosto, eu vi a pele clara de seus ombros se arrepiar. — Na estalagem em Coigach, senti o cheiro do mar e ouvi os homens, Hector e Dougal. Eu podia ouvi-los discutindo, em algum lugar atrás de mim. E o homem com a máscara, eu pude vê-lo — ela disse, e um tremor subiu pela minha própria nuca quando ela voltou seus olhos cegos para mim. Ela falava com tanta convicção que, por um instante, pareceu que enxergava.

— Parado ao pé das escadas, exatamente como há vinte e cinco anos, uma faca na mão e os olhos sobre mim através dos buracos em sua máscara.

E "Você sabe muito bem quem eu sou, menina", ele dissera, e lhe parecera tê-lo visto sorrir, embora vagamente ela soubesse que apenas ouvira isso em sua voz; ela nunca vira seu rosto, nem quando tinha sua visão.

Ela sentara direito na cama, um pouco inclinada para frente, os braços cruzados sobre o peito em uma atitude de autodefesa, e

seus cabelos brancos espalhavam-se, desgrenhados e embaraçados, pelas suas costas.

— Ele voltou — ela disse, sacudindo-se com um repentino tremor convulsivo. — Ele veio buscar o ouro, e quando encontrá-lo, ele vai me matar.

Jamie colocou a mão em seu braço, em uma tentativa de acalmá-la.

— Ninguém vai matá-la enquanto eu estiver aqui, tia — ele disse. — Então, esse homem veio procurá-la em sua sala de estar e você o conhece pela sua voz. O que mais ele lhe disse? Ela ainda tremia, porém com menos intensidade. Achei que devia ser uma reação tanto às doses maciças de láudano e uísque quanto ao temor.

Ela sacudiu a cabeça no esforço de se lembrar.

— Ele disse... disse que viera para levar o ouro ao seu verdadeiro dono. Que nós o guardáramos em confiança e, embora ele não tivesse raiva de mim pelo que havíamos gasto do ouro, Hector e eu, ele não me pertencia, nunca me pertencera. Eu devia lhe dizer onde estava e ele cuidaria do resto. E então ele colocou a mão em mim. — Ela descruzou os braços e estendeu a mão para Jamie. — No meu pulso. Vê as marcas? Vê as marcas, sobrinho? — Ela soou ansiosa e me ocorreu repentinamente que ela poderia estar duvidando da própria existência do visitante.

— Sim, tia — Jamie disse suavemente, tocando seu pulso. — Há marcas aqui.

De fato, havia; três pequenas manchas roxas ovais onde os dedos haviam pressionado.

— Ele apertou, depois torceu meu pulso com tanta força que pensei que tinha quebrado. Em seguida, soltou-me, mas não recuou. Continuou acima de mim e eu podia sentir o calor de seu hálito e o cheiro de tabaco no meu rosto.

Eu segurava seu outro pulso, tomando seu batimento. Estava forte e rápido, mas de vez em quando pulava um batimento.



Não era de admirar.

Perguntei-me com que frequência ela tomava láudano — e em que quantidade.

— Então, enfiei a mão no meu cesto de costura, tirei a minha faquinha da bainha e golpeei na direção de seus testículos — ela concluiu.

Pego de surpresa, Jamie riu.

— E conseguiu atingi-lo? — Sim, ela o atingiu — eu disse, antes que Jocasta pudesse responder.

— Eu vi sangue seco na faca.

— Bem, isso vai ensiná-lo a não aterrorizar uma indefesa cega, não é? — Jamie deu uns tapinhas em sua mão. — Você agiu muito bem, tia. Ele foi embora, então? — Foi. — O relato de seu sucesso a reanimara bastante; ela retirou a mão da minha, a fim de se recostar mais ereta contra os travesseiros.

Retirou a toalha ainda dobrada ao redor de seu pescoço e deixou-a cair no chão com uma leve careta de nojo.

Vendo que ela estava obviamente se sentindo melhor, Jamie olhou para mim, depois se levantou.

— Então, vou ver se tem alguém mancando por aí. — Mas, ao chegar à porta, ele parou, voltando-se novamente para Jocasta.

— Tia. Você disse que já se encontrou com esse sujeito duas vezes antes? Na estalagem em Coigach onde os homens trouxeram o ouro para a praia e na Assembleia há quatro anos? Ela balançou a cabeça, afastando os cabelos úmidos do rosto.

— Sim. Foi no último dia. Ele entrou na minha tenda, quando eu estava sozinha. Eu sabia que havia alguém lá, embora ele não tenha dito nada a princípio, e eu perguntei "Quem está aí?". Ele deu uma risada curta e disse: É verdade o que dizem, então. Você é completamente cega? Ela se levantara, de frente para o visitante invisível, reconhecendo a voz, mas sem saber exatamente de onde.

— Então, a senhora não me conhece, sra. Cameron? Eu era amigo de seu marido, embora faça muitos anos desde que nos encontramos pela última vez. Na costa da Escócia, em uma noite enluarada.

Ela umedeceu os lábios ressecados com a lembrança.

— Então, eu me lembrei, repentinamente. E eu disse: "Posso ser cega, mas o conheço muito bem, senhor. O que quer?" Mas ele já havia ido embora. E no instante seguinte ouvi Phaedre e Ulysses conversando enquanto caminhavam na direção da tenda; ele os vira e fugiu. Perguntei a eles, mas eles estavam absortos em sua discussão e não viram o visitante sair. Mantive alguém sempre ao meu lado, então, até partirmos — e ele não se aproximou de mim outra vez. Até agora.

Jamie franziu o cenho e esfregou o nó de um dedo lentamente pelo cavalete longo e reto de seu nariz.

— Por que não me contou isso na ocasião? Um traço de humor surgiu em seu rosto devastado e ela envolveu seus dedos no pulso machucado.

— Pensei que estava imaginando coisas.

Phaedre encontrara o frasco de láudano onde Jocasta o deixara, sob sua poltrona na sala de estar. Da mesma forma, um rastro de minúsculas gotas de sangue que eu não vira em minha pressa. Mas elas desapareciam antes de alcançar a porta; qualquer que tenha sido o ferimento que Jocasta infligira no intruso fora insignificante.

Duncan, discretamente convocado, viera às pressas para confortar Jocasta — sendo imediatamente enviado para fora outra vez, com instruções de entreter os convidados; nem ferimento, nem doença iriam manchar tal ocasião! Ulysses teve uma recepção ligeiramente mais cordial. Na realidade, Jocasta mandou chamá-lo. Espreitando em seu quarto para ver como Jocasta estava passando, eu o encontrei sentado ao lado da cama, segurando a mão de sua

patroa, com expressão tão suave e bondosa em seu rosto geralmente impassível que fiquei emocionada, e recuei silenciosamente para o corredor, para não perturbá-los. Entretanto, ele me viu e balançou a cabeça.

Conversavam em voz baixa, a cabeça do mordomo com sua rígida peruca branca inclinada para ela. Ele parecia estar discutindo com ela, de uma maneira muito respeitosa; ela sacudiu a cabeça e deu um pequeno grito de dor. A mão dele crispou-se sobre a dela e vi que ele havia tirado as luvas brancas; a mão de Jocasta jazia, longa e frágil, pálida, em poder da sua, forte e escura.

Ela respirou fundo, endireitando-se. Em seguida, disse alguma coisa definitiva, apertou a mão dele e recostou-se novamente. Ele se levantou e ficou parado por um instante ao lado da cama, olhando para ela. Em seguida, empertigou-se e, retirando as luvas do bolso, saiu para o corredor.

— Poderia ir buscar seu marido, sra. Fraser? — ele disse, em voz baixa. — Minha patroa quer falar com ele.

A festa continuava em plena animação, mas passara a uma espécie de marcha mais lenta, digestiva. As pessoas cumprimentavam a mim e a Jamie conforme seguíamos Ulysses para dentro de casa, mas ninguém nos parou.

Ele nos conduziu para baixo, para a despensa do mordomo, um compartimento minúsculo que ficava ao lado da cozinha de inverno, as prateleiras abarrotadas de objetos de prata, frascos de material de polimento, vinagre, graxa preta para sapatos, substâncias branqueadoras, um estojo com agulhas, alfinetes e linhas, ferramentas para pequenos consertos e o que parecia um generoso estoque particular de conhaque, uísque e licores diversos.

Removeu tudo que havia sobre uma das prateleiras e, enfiando a mão no espaço vazio no fundo da prateleira, apertou a madeira na parede com as duas mãos enluvadas. Ouviu-se um

estalido e um pequeno painel deslizou para o lado com um ruído levemente áspero.

Ele colocou-se de lado, silenciosamente convidando Jamie para olhar.

Jamie ergueu uma das sobranceiras e inclinou-se para frente, espreitando dentro do vão. Era escuro e sombrio na despensa do mordomo, com apenas uma luz turva filtrando-se das altas janelas do subsolo que se abriam na parte de cima das paredes da cozinha.

— Está vazio — ele disse.

— Sim senhor. Não deveria estar. — A voz de Ulysses era baixa e respeitosa, mas firme.

— O que havia ali? — perguntei, olhando para fora da despensa, para me certificar de que não estava sendo ouvida por mais ninguém. A cozinha parecia um lugar onde uma bomba houvesse explodido, mas havia ali apenas um ajudante de cozinha, um garoto retardado que lavava panelas, cantarolando baixinho consigo mesmo.

— Parte de um lingote de ouro — Ulysses respondeu à meia-voz.

O ouro francês que Hector Cameron trouxera da Escócia, dez mil libras em ouro, fundido em lingotes, marcados com a flor-de-lis real, era a base da riqueza de River Run. Mas não era possível, é claro, que esse fato fosse do conhecimento público. Primeiro Hector e, depois da morte de Hector, Ulysses tiraram uma das barras de ouro e raspavam um pouco do macio metal amarelo em um montículo anônimo. Isso, então, podia ser levado para os armazéns do rio — ou, para segurança adicional, às vezes até às cidades costeiras de Edenton, Wilmington ou New Bern — e lá cautelosamente trocado, em quantidades pequenas que não chamassem atenção, por dinheiro vivo ou certificados de armazéns, que podiam ser usados com segurança em qualquer lugar.

— Restava metade de um lingote — Ulysses disse, indicando com a cabeça a cavidade na parede. — Há alguns meses, vi que desaparecera.

Desde então, é claro, arranjei um novo esconderijo.

Jamie olhou dentro do buraco vazio, depois se virou para Ulysses.

— E o resto? — Em segurança, desde a última vez que verifiquei, senhor. — O grosso do ouro estava escondido dentro do mausoléu de Hector, oculto em um caixão e vigiado, presumia-se, por seu espírito. Um ou dois escravos, além de Ulysses, poderiam saber, mas o grande medo de espíritos era suficiente para manter todos afastados. Lembrei-me da linha de sal espalhada no chão diante do mausoléu e estremei ligeiramente, apesar do calor sufocante.

— Eu não pude, é claro, dar um jeito de verificar hoje — o mordomo acrescentou.

— Não, claro que não. Duncan sabe? — Jamie balançou a cabeça indicando o recesso na parede, e Ulysses confirmou.

— O ladrão pode ter sido qualquer um. Vem tanta gente nesta casa...

— Os ombros grandes encolheram-se ligeiramente. — Mas agora que esse homem do mar voltou, a questão se torna diferente, não acha, senhor? — Sim, é verdade. — Jamie refletiu por um instante, tamborilando suavemente na perna com os dois dedos rígidos.

— Muito bem, então. Você vai ter que permanecer aqui por mais algum tempo, não é, Sassenach? Para cuidar do olho de minha tia? Balancei a cabeça, confirmando. Desde que nenhuma infecção resultasse da grosseira intervenção, havia pouco, ou nada, que eu pudesse fazer pelo olho em si. Mas devia ser observado, mantido limpo e irrigado, até eu ter certeza de que estava sarado.

— Vamos ficar, então, mais um pouco — ele disse, virando-se para Ulysses. — Enviarei os Bug de volta para Ridge, para cuidar das coisas e da produção de feno. Nós ficaremos e vigiaremos.

A casa estava cheia de convidados, mas dormi no quarto de vestir de Jocasta, para poder ficar de olho nela. A redução da pressão em seu olho aliviara a dor lancinante e ela adormecera profundamente, os sinais vitais bastante regulares para eu me sentir tranquila e dormir também.

Entretanto, sabendo que tinha uma paciente, meu sono era leve, acordando de vez em quando para entrar em seu quarto na ponta dos pés.

Duncan dormia em uma caminha sobressalente aos pés da cama de Jocasta, morto para o mundo depois do dia exaustivo. Eu podia ouvir sua respiração pesada, quando acendi uma vela na lareira e aproximei-me da cama.

Jocasta ainda estava profundamente adormecida, os braços graciosamente cruzados sobre a coberta e a cabeça um pouco inclinada para trás, com um ar severo e aristocrático como as figuras dos túmulos na capela de St. Denys. Tudo que lhe faltava era uma coroa e algum tipo de cachorro agachado a seus pés.

Sorri diante da ideia, pensando, ao mesmo tempo, como era estranho: Jamie dormia exatamente daquele jeito, deitado de costas, as mãos cruzadas, reto como uma flecha. Brianna, não; ela dormia toda desengonçada, desde criança. Como eu.

A ideia me deu uma pequena e inesperada sensação de prazer. Eu sabia que havia lhe dado alguns traços de mim, é claro, mas ela se parecia tanto com Jamie que era sempre uma surpresa notar algum.

Apaguei a vela com um sopro, mas não voltei imediatamente para a cama. Eu usava o catre de Phaedre no quarto de vestir, mas era um lugar pequeno, quente e abafado. O dia quente e o consumo de álcool haviam me deixado com a boca seca e

com uma ligeira dor de cabeça; peguei a garrafa de água na cabeceira de Jocasta, mas estava vazia.

Não era necessário reacender a vela; um dos castiçais no corredor ainda ardia e uma claridade turva delineava a porta. Empurrei-a, abrindo-a devagar, e olhei para fora. O corredor estava alinhado de corpos — criados dormindo junto às portas dos quartos — e o ar pulsava delicadamente com os roncos e a respiração ruidosa de um grande número de pessoas mergulhado em um sono em vários graus.

No final do corredor, entretanto, uma figura pálida permanecia em pé, olhando para fora pela janela alta, na direção do rio.

Ela deve ter me ouvido, mas não se virou. Fui me colocar ao seu lado, olhando também para fora. Phaedre estava vestida somente com sua combinação, os cabelos livres do seu pano e caindo ao redor dos ombros, um volume espesso e macio. Era raro uma escrava ter cabelos assim, pensei; a maioria das mulheres mantinha os cabelos bem curtos embaixo de um turbante ou de uma touca, não dispondo do tempo, nem dos meios para penteá-los. Mas Phaedre era uma criada pessoal; devia ter algum tempo de folga — e um pente, ao menos.

— Quer a sua cama de volta? — perguntei, em voz baixa. — Vou ficar um pouco acordada, e depois posso dormir no divã.

Ela olhou para mim e sacudiu a cabeça.

— Oh, não, madame — disse, suavemente. — Muito obrigada; não estou com sono. — Ela viu a garrafa que eu carregava e estendeu a mão para pegá-la. — Quer que eu lhe traga água, senhora? — Não, não, eu vou buscar. Quero tomar um pouco de ar. — Mas continuei a seu lado, olhando para fora.

Era uma linda noite, crivada de estrelas, baixas e brilhantes acima do rio, uma débil linha prateada que deslizava sinuosamente pela escuridão.

Havia lua, uma foice delgada, em seu caminho abaixo da curva da Terra, e uma ou duas pequenas fogueiras de acampamento ardiam em meio às árvores ao lado do rio.

A janela estava aberta e os insetos entravam em bandos; uma pequena nuvem deles dançava ao redor da vela no castiçal às nossas costas e minúsculos pontinhos alados roçavam no meu rosto e nos braços. Grilos cricrilavam, tantos que sua cantoria era um som constante e alto, como um arco passado pelas cordas de um violino.

Phaedre moveu-se para fechar a janela — dormir com uma janela aberta era considerado pouco salutar, e provavelmente era, considerando-se as diversas doenças transmitidas por picadas de mosquitos naquela atmosfera pantanosa.

— Pensei ter ouvido alguma coisa. Lá — ela disse, indicando com a cabeça a escuridão embaixo.

— É mesmo? Provavelmente, meu marido — eu disse. — Ou Ulysses.

— Ulysses? — ela disse, parecendo espantada.

Jamie, Ian e Ulysses haviam organizado um sistema de patrulha e sem dúvida estavam em algum lugar lá fora na noite, deslizando furtivamente ao redor da casa e vigiando o mausoléu de Hector, por precaução. No entanto, nada sabendo do desaparecimento do ouro, nem do misterioso visitante de Jocasta, Phaedre não teria conhecimento do aumento da vigilância, a não ser da maneira indireta com que os escravos sempre sabiam de tudo — o instinto que sem dúvida a acordara e a fizera olhar pela janela.

— Só estão fazendo uma vigilância — eu disse, da maneira mais tranquilizadora possível. — Com tanta gente aqui, você sabe. — Os MacDonald tinham ido passar a noite na fazenda de Farquard Campbell e um bom número de convidados os acompanhou, mas ainda havia muita gente no local.

Ela balançou a cabeça, mas parecia transtornada.



— Parece que alguma coisa está errada — ela disse. — Não sei o que é.

— O olho de sua patroa... — comecei, mas ela sacudiu a cabeça.

— Não. Não. Eu não sei, mas tem alguma coisa no ar; eu sinto. Não apenas hoje, não digo... algo que esteja acontecendo. Algo que está a caminho. — Ela olhou para mim, incapaz de expressar o que queria, mas compreendi seu estado de espírito.

Em parte, poderiam ser simplesmente as emoções exaltadas do conflito que estava para acontecer. Podia-se, de fato, sentir a turbulência no ar. Mas devia haver mais alguma coisa também — algo subterrâneo, apenas pressentido, mas lá, como a figura indistinta de uma serpente do mar, vislumbrada por um breve instante, depois desaparecida, e assim transformada em lenda.

— Minha avó, ela foi trazida da África — Phaedre disse suavemente, olhando fixamente ao longe. — Ela conversa com os ossos. Diz que eles lhe contam quando coisas ruins estão se aproximando.

— É mesmo? — Em tal atmosfera, silenciosa exceto pelos sons da noite, tantas almas vagando ao nosso redor, não parecia haver nada de irreal em tal declaração. — Ela ensinou você a... conversar com os ossos? Ela sacudiu a cabeça, mas mordeu o canto da boca, uma expressão pequena, secreta, e achei que ela devia saber mais sobre isso do que estava disposta a admitir.

Um pensamento inquietante me ocorrera. Eu não via como Stephen Bonnet poderia estar associado aos eventos atuais — certamente, ele não era o homem que falara com Jocasta e que viera de seu passado, e igualmente o roubo furtivo não era seu estilo. Mas ele realmente tinha alguma razão para acreditar que devia haver ouro em algum lugar em River Run — e pelo que Roger nos dissera do encontro de Phaedre com o enorme irlandês em Cross Creek...

— O irlandês que você encontrou, quando saiu com Jemmy — eu disse, mudando de mão na superfície escorregadia da garrafa —, você o viu novamente? Ela pareceu surpresa com a minha pergunta; obviamente, Bonnet era o pensamento mais distante em sua mente.

— Não, senhora — ela disse. — Nunca mais o vi. — Pensou por um instante, os grandes olhos velados. Ela possuía a cor de café forte com uma pitada de creme, e seus cabelos... houve um homem branco em sua árvore genealógica em algum momento, pensei.

— Não, senhora — ela repetiu suavemente, virando seu olhar transtornado de novo para a noite tranquila e para a lua que desaparecia.

— Tudo que eu sei... é que alguma coisa não está certa.

Lá fora, junto aos estábulos, um galo começou a cantar, o som deslocado e sinistro na noite.



WENDIGO

*20 de agosto de 1774*

A luz da manhã no aposento era perfeita.

"Nós começamos com esta sala", Jocasta dissera à sua sobrinha-neta, erguendo o rosto para o sol que se derramava pelas portas duplas abertas para o terraço, as pálpebras cerradas sobre os olhos cegos. "Eu queria um lugar para pintar e escolhi este, onde a luz entraria, luminosa como cristal pela manhã e como água parada à tarde. Então, construímos a casa ao redor deste ponto." As mãos da velha senhora, ainda fortes e de dedos longos, tocaram o cavalete, os potes de pigmentos, os pincéis, com afetuoso pesar, como deveria afagar a estátua de um amante morto há muito tempo — uma paixão lembrada, mas aceita como perdida para sempre.

E Brianna, com o caderno de esboços e o lápis na mão, havia desenhado o mais rápido, o mais dissimuladamente possível, para captar aquela expressão fugidia de desgosto não superado.

O esboço estava guardado com os outros no fundo de sua caixa, à espera do dia em que ela pudesse trabalhá-lo de forma mais definitiva, tentando captar aquela luz implacável, e as rugas profundas do rosto de sua tia, os ossos fortes proeminentes ao sol que ela não conseguia ver.

Por enquanto, entretanto, a pintura que tinha à mão era uma questão de negócios, em vez de amor ou arte. Nada suspeito havia acontecido desde o churrasco de Flora MacDonald, mas seus pais pretendiam ficar um pouco mais, por precaução. Com Roger ainda em Charlotte — ele havia escrito para ela; a carta estava guardada no fundo de sua caixa, com os esboços particulares — não havia razão para que ela também não ficasse. Sabendo de sua permanência ali, dois ou três conhecidos de Jocasta, ricos fazendeiros, haviam encomendado retratos de si mesmos e de suas famílias; uma fonte de renda bem-vinda.

— Nunca vou compreender como você faz isso — Ian disse, sacudindo a cabeça para a tela no cavalete. — É maravilhoso.

Com toda honestidade, ela tampouco compreendia como fazia aquilo; não parecia necessário. Mas ela dissera exatamente isso em resposta a elogios anteriores e percebera que tal resposta em geral soava ao ouvinte como falsa modéstia ou como condescendência.

Então, em vez de uma resposta, ela apenas sorriu para Ian, deixando que o fulgor de prazer que sentia transparecesse em seu rosto.

— Quando eu era pequena, meu pai me levava para passear no Common e sempre víamos um velho lá, pintando com um cavalete. Eu costumava fazer papai parar para que eu pudesse observar, e ele e o velho conversavam. Eu praticamente apenas olhava, mas um dia reuni coragem para lhe perguntar como ele fazia aquilo e ele olhou para mim, sorriu e disse: "O único truque, querida, é ver aquilo que você está olhando." Ian olhou dela para o quadro, depois novamente para ela, como se comparasse o retrato com a mão que o pintara.

— Seu pai — ele disse, interessado. Abaixou a voz, olhando para a porta que dava para o corredor. Ouviam-se vozes, mas não estavam próximas. — Não se refere ao tio Jamie, não é? — Não. —

Ela sentiu a dorzinha familiar à ideia de seu primeiro pai, mas afastou-a. Não se importava de falar com Ian sobre ele, mas não ali, com escravos por toda parte e um fluxo constante de visitas que podiam entrar a qualquer momento.

— Veja. — Ela olhou por cima do ombro para se certificar de que não havia ninguém por perto, mas os escravos conversavam ruidosamente no foyer, discutindo sobre um tapete fora do lugar. Ela levantou a tampa do pequeno compartimento que guardava pincéis de reserva e enfiou a mão embaixo da tira de feltro que o forrava.

— O que acha? — Exibiu o par de miniaturas para que ele inspecionasse, uma em cada mão.

O olhar de expectativa em seu semblante mudou para absoluta fascinação e, devagar, ele estendeu a mão para pegar um dos minúsculos retratos.

— Incrível — ele disse. Uma era de sua mãe, os cabelos longos e cacheados soltos nos ombros nus, o queixo pequeno e firme erguido com uma autoridade que não correspondia à curva generosa da boca acima.

— Os olhos... não acho que estejam bem certos — ela disse, espreitando dentro da mão dele. — Um trabalho tão pequeno... não consegui a cor exata. Os de papai foram muito mais fáceis.

Azuis simplesmente eram mais fáceis. Uma minúscula pincelada de cobalto, realçado com branco e aquela leve sombra verde que intensificava o azul enquanto desvanecia... bem, e esse era o papai. Forte, vívido e franco.

No entanto, obter um castanho com verdadeira profundidade e sutileza, sem falar em algo que sequer se aproximasse ao topázio esfumado dos olhos de sua mãe — sempre límpidos, mas mudando como a luz em um rio de trutas marrom como turfa — requeria mais camadas inferiores de tinta do

que era possível no minúsculo espaço de uma miniatura. Teria que tentar outra vez um dia desses, com um retrato maior.

— Estão parecidos, você acha? — São maravilhosos. — Ian olhou de um para o outro, depois colocou o retrato de Claire delicadamente de volta no lugar. — Seus pais já os viram? — Não. Queria ter certeza de que estavam bons, antes de mostrá-los a alguém. Mas, se estão, acho que posso mostrá-los para as pessoas que vêm posar, e talvez conseguir encomendas de mais miniaturas. Eu poderia trabalhar nelas em casa, em Ridge; tudo que iria precisar era da minha caixa de pintura e dos minúsculos discos de marfim. Eu poderia pintar a partir dos esboços; não seria necessário que o modelo posasse em várias sessões.

Ela fez um gesto breve, explicativo, na direção da grande tela em que estava trabalhando, que exibia Farquard Campbell parecendo-se um pouco a um furão empalhado em seu melhor terno, cercado por numerosos filhos e netos, a maioria dos quais não passava ainda de manchas indefinidas e esbranquiçadas. Sua estratégia era fazer as mães trazerem os filhos um de cada vez, para que ela rapidamente fizesse o esboço dos membros e das feições de cada criança na mancha apropriada, antes que a agitação e a pirraça usuais atrapalhassem.

Ian olhou para a tela, mas sua atenção retornou às miniaturas de seus pais. Ele ficou parado, olhando para elas, um leve sorriso no rosto comprido, sem atrativos. Então, sentindo os olhos dela sobre ele, levantou o rosto, assustado.

— Oh, não, não vai, não! — Oh, vamos, Ian, deixe-me fazer só um esboço — ela tentou persuadi-lo. — Não custa nada, você sabe.

— Ah, isso é o que você pensa — ele retrucou, recuando como se o lápis que ela segurava fosse uma arma. — Os kahnyen'kehaka acham que fazer o retrato de alguém lhe dá poderes sobre ele. É por isso que a sociedade médica usa rostos

falsos, para que os demônios que causam as doenças não tenham suas verdadeiras feições e não saberão a quem devem fazer mal, entendeu? Isso foi dito em tom tão sério que ela estreitou os olhos para ele, para ver se ele estava brincando. Não parecia estar.

— Huuum. Ian, mamãe explicou a você a respeito dos germes, não? — Sim, explicou, é claro — ele disse, em um tom que não demonstrava a menor convicção. — Ela me mostrou coisas nadando de um lado para o outro e disse que viviam nos meus dentes! — Seu rosto demonstrou uma momentânea repugnância diante da ideia, mas ele deixou de lado o assunto para retornar ao assunto em questão.

— Certa vez, um francês foi até a aldeia, um filósofo natural. Ele tinha desenhos de pássaros e outros animais, e isso impressionou os índios. Por outro lado, ele cometeu o erro de se oferecer para fazer um retrato da mulher do chefe da guerra. Por pouco eu não conseguia tirá-lo dali inteiro.

— Mas você não é um mohawk — ela disse, pacientemente. — E mesmo se fosse, não tem medo que eu tenha poderes sobre você, não é? Ele virou a cabeça e lançou-lhe um olhar estranho e repentino, que a atravessou como uma faca atravessa a manteiga.

— Não — ele disse. — Claro que não. — Mas sua voz tinha só um pouco mais de convicção do que ao discutir sobre germes.

Ainda assim, ele dirigiu-se ao banquinho que ela mantinha para os modelos, colocado sob boa luz que entrava pelas portas duplas abertas que davam para o terraço, e sentou-se, o queixo erguido e o maxilar trancado como alguém que está prestes a ser heroicamente executado.

Reprimindo um sorriso, ela pegou o bloco e desenhou o mais rápido possível, com medo de que ele mudasse de ideia. Ele era um tema difícil; suas feições não possuíam a estrutura óssea sólida, bem definida, que tanto Roger quanto seus pais possuíam. No entanto, não era de modo algum um rosto delicado, mesmo

descontando as tatuagens em forma de pontos que faziam uma curva nas faces, a partir do cavalete do nariz.

Jovem e atrevida, no entanto a firmeza de sua boca — era ligeiramente torta, ela viu com interesse; como nunca notara isso antes? — pertencia a alguém muito mais velho, as rugas ao redor, como parênteses, que se tornariam muito mais fundas com a idade, mas que já estavam firmemente delineadas.

Os olhos... ela desesperava-se, tentando captá-los fielmente. Grandes e castanho-claros, eram sua única beleza, e no entanto belos seria a última coisa que se diria para descrevê-los.

Como a maioria, não de uma única cor, mas de muitas — as cores do outono, terra úmida e escura, e folhas de carvalho quebradiças, e o toque do sol poente no capim seco.

A cor era um desafio, mas algo com que conseguiria reproduzir. A expressão, no entanto — mudava em um instante de algo tão amável e sincero a ponto de parecer quase imbecilizado a algo que você não gostaria de enfrentar em uma viela escura.

A expressão no momento estava entre esses dois extremos, mas mudou repentinamente para o último quando sua atenção se focalizou em um ponto além das portas abertas, no terraço às costas de Brianna.

Ela olhou por cima do ombro, espantada. Havia alguém lá; ela viu parte de sua sombra, mas a pessoa que a lançava mantinha-se fora de vista.

Quem quer que fosse começou a assoviar, um som hesitante, arfante.

Por um instante, tudo estava normal. Então, o mundo deu uma reviravolta. O intruso assobiava "Yellow Submarine".

Todo o sangue fugiu de sua cabeça e ela oscilou, agarrando a borda de uma mesa para não cair. Vagamente, percebeu Ian levantar-se como um gato de seu banco, agarrar uma das espátulas da palheta e deslizar silenciosamente da sala para o corredor.



Suas mãos haviam ficado frias e entorpecidas, assim como seus lábios.

Ela tentou assoviar mais uma parte da música em resposta, mas não conseguiu emitir nada além de um pequeno sopro. Endireitando-se, procurou controlar-se e cantou a última parte da letra. Mal conseguiu entoar a melodia, mas a letra não deixava dúvidas.

Silêncio absoluto do terraço; o assovio parara.

— Quem é você? — ela disse, distintamente. — Entre.

A sombra alongou-se devagar, mostrando uma cabeça leonina, a luz brilhando através dos cachos, cintilando nas pedras do terraço. A cabeça propriamente dita surgiu cautelosamente pelo canto da porta. Era um índio, ela viu, com espanto, embora suas roupas fossem na maior parte europeias — e esfarrapadas — salvo por um colar de contas indígena. Ele era magro e sujo, com olhos muito juntos, fixos nela com ansiedade e algo como avidez.

— Está sozinha? — ele perguntou, em um sussurro rouco. — Achei ter ouvido vozes.

— Pode ver que estou. Quem diabos é você? — Ah... Wendigo. Wendigo Donner. Seu nome é Fraser, certo? — Ele avançara pouco a pouco para dentro da sala, embora ainda olhasse desconfiadamente de um lado para o outro.

— Meu nome de solteira, sim. Você é... — Parou, sem saber como perguntar.

— Sim — ele disse suavemente, olhando-a de cima a baixo de uma maneira pouco cerimoniosa que nenhum homem do século XVIII teria usado com uma senhora. — Então você é, não? Você é filha dela, tem que ser. — Ele falava com certa intensidade, aproximando-se.

Ela não achou que ele pretendia fazer-lhe algum mal; estava apenas muito interessado. Mas Ian não esperou para ver; houve um breve escurecimento da luz que vinha da porta e ele agarrou

Donner por trás, o guincho de susto engasgado pelo braço em sua garganta, a ponta da espátula da palheta furando sua pele sob a orelha.

— Quem é você, miserável, e o que deseja? — Ian perguntou, apertando o braço na garganta de Donner. Os olhos do índio se esbugalharam, enquanto choramingava com pequenos ruídos.

— Como quer que ele lhe responda, se o está estrangulando? — Esse apelo à razão fez Ian relaxar o braço, ainda que relutantemente. Donner tossiu, esfregando a garganta acintosamente e lançando um olhar ressentido a Ian.

— Não precisa nada disso, garoto, eu não estava fazendo nada a ela.

— Os olhos de Donner foram dela para Ian e novamente para ela. Donner sacudiu a cabeça na direção de Ian. — Ele é...? — Não, mas ele sabe. Sente-se. Você conheceu minha mãe quando ela... quando ela foi sequestrada, não? As sobrancelhas peludas de Ian ergueram-se abruptamente diante das palavras de Brianna e ele agarrou com mais força a espátula da palheta, que era flexível, mas bastante pontiaguda.

— Sim. — Donner sentou-se devagar no banquinho, sem tirar os olhos de Ian. — Céus, eles quase me pegaram. Sua mãe, ela me disse que seu pai era feroz e que eu não iria querer estar lá quando ele aparecesse, mas não acreditei nela. Por pouco não acreditei. Mas quando ouvi aqueles tambores, cara, caí fora, de fininho, e ainda bem que fiz isso. — Engoliu em seco, pálido. — Eu voltei, de manhã. Santo Deus! Ian disse alguma coisa entre os dentes, no que Brianna achou que fosse mohawk. Soava bastante inamistoso e Donner, claro, discerniu o significado o bastante para arrastar seu banquinho precipitadamente para trás, encolhendo os ombros.

— Ei, garoto, não fiz nada a ela, hein? — Olhou com ar de súplica para Brianna. — Não fiz nada! Eu ia ajudá-la a fugir... perguntem a ela, ela vai lhes dizer! Só que Fraser e seus amigos chegaram antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Santo Deus, por que eu a iria ferir? Ela é a primeira que eu encontrei aqui... eu precisava dela! — A primeira? — Ian disse, franzindo o cenho. — A primeira...

— A primeira... viajante, ele quer dizer — Brianna explicou. Seu coração estava acelerado. — Para que você precisava dela?

— Para me dizer como... voltar. — Ele engoliu em seco outra vez, a mão se dirigindo ao colar de contas no pescoço. — Você... você atravessou ou nasceu aqui? Imagino que tenha atravessado — ele acrescentou, sem esperar uma resposta. — As mulheres não crescem tanto como você nesta época. Garotinhas. Quanto a mim, gosto de mulheres grandes. — Sorriu, no que ele obviamente achava ser um modo de se insinuar.

— Eu vim — Brianna respondeu secamente. — O que está fazendo aqui?

— Tentando me aproximar o suficiente para falar com sua mãe. — Olhou nervosamente por cima do ombro; havia escravos na horta da cozinha, suas vozes audíveis. — Eu me escondi entre os cherokees por algum tempo, depois pensei em descer e falar com ela em Fraser's Ridge, quando fosse seguro, mas uma senhora lá me disse que estavam todos aqui. Um longo caminho a percorrer — ele acrescentou, parecendo vagamente ressentido. — Mas depois aquele sujeito grande e negro me botou pra correr duas vezes quando tentei entrar antes. Acho que eu não estava vestido apropriadamente. — Seu rosto se agitou ligeiramente, sem conseguir de fato esboçar um sorriso.

— Tenho andado sorrateiramente por aí nos últimos três dias, tentando avistá-la, encontrá-la sozinha lá fora. Mas eu a vi conversando com você, no terraço, e a ouvi chamá-la de mamãe.

Vendo o seu tamanho, deduzi que você devia ser... bem, imaginei que, se você não entendesse a música, não haveria nenhum mal, hein?

— Então, você quer voltar para o lugar de onde veio, não é?

— Ian perguntou. Obviamente, ele achava essa uma excelente ideia.

— Oh, sim — Donner disse ardorosamente. — Oh, sim!

— De onde foi que você atravessou? — Brianna perguntou. O choque de sua aparência estava desaparecendo, substituído pela curiosidade. — Da Escócia? — Não, foi lá que você atravessou? — ele perguntou ansiosamente.

Mal esperando por um sinal afirmativo, ele continuou: — Sua mãe disse que ela veio, depois voltou e veio outra vez. Vocês todos podem ir e voltar, como uma porta giratória? Brianna sacudiu a cabeça vigorosamente, estremeando com a lembrança.

— Meu Deus, claro que não. É horrível, e muito perigoso, mesmo com uma pedra preciosa.

— Pedra preciosa? — Ele se agarrou a isso. — Você tem que ter uma pedra preciosa para isso? — Não necessariamente, mas parece oferecer alguma proteção. E pode ser que haja algum modo de usar pedras preciosas para... para determinar o rumo, mais ou menos, mas isso não sabemos. — Ela hesitou, querendo fazer mais perguntas, mas desejando ainda mais ir buscar Claire.

— Ian... você poderia ir chamar a mamãe? Acho que ela está na horta com Phaedre.

Seu primo lançou um olhar penetrante e frio ao visitante, e sacudiu a cabeça.

— Não vou deixá-la sozinha com este sujeito. Vá você. Eu fico tomando conta dele.

Ela teria argumentado, mas a longa experiência com os homens escoceses havia lhe ensinado a reconhecer uma teimosia intratável quando a via. Além do mais, os olhos de Donner estavam fixos nela de uma maneira que a deixava levemente desconfortável

— ele estava olhando para sua mão, ela percebeu, para o cabochão de rubi em seu anel. Tinha quase certeza de que poderia derrotá-lo numa briga, se necessário, mas...

— Volto agora mesmo — ela disse, apressadamente enfiando um pincel abandonado no pote de terebintina. — Não saia daí! Fiquei chocada, mas menos do que deveria. Eu sentira que Donner estava vivo. Esperava que estivesse, apesar de tudo. Ainda assim, vê-lo cara a cara, sentado na sala matinal de Jocasta, deixou-me muda. Ele estava falando quando eu entrei, mas parou ao me ver. Não se levantou, naturalmente, nem fez nenhuma observação sobre a minha sobrevivência; apenas balançou a cabeça para mim e retomou o que estava dizendo.

— Deter o avanço dos brancos. Salvar nossas terras, salvar nosso povo.

— Mas você veio para a época errada — Brianna ressaltou. — Tarde demais.

Donner lançou-lhe um olhar frio.

— Não, não vim. Eu deveria vir em 1766, e foi quando eu vim. — Bateu a base da mão violentamente contra o lado da cabeça. — Droga! O que havia de errado comigo? — Estupidez congênita? — sugeri educadamente, tendo recuperado a voz. — Isso ou drogas alucinógenas.

O olhar inexpressivo hesitou um pouco, e a boca de Donner se torceu.

— Oh. Sim, dona. Houve um pouco disso.

— Mas se você veio para 1766, como pretendia — Bri objetou —, o que houve com Robert Springer, o Dente-de-Lontra? Segundo a história que mamãe ouviu a respeito dele, ele pretendia alertar as tribos nativas contra os homens brancos e impedir que colonizassem o lugar. Só que ele chegou tarde demais para isso, e mesmo assim deve ter chegado quarenta ou cinquenta anos antes

de você! — O plano não era esse, dona! — Donner disse em um rompante.

Levantou-se, esfregando as duas mãos violentamente pelos cabelos, agitado, fazendo-os se eriçarem como uma moita de sarça. — Santo Deus, não! — Oh, não era? Qual era afinal o maldito plano? — perguntei. — Vocês tinham um, não é? — Sim. Sim, tínhamos. — Deixou cair as mãos, olhando ao redor como se temesse ser ouvido por mais alguém. Umedeceu os lábios.

— Bob realmente queria fazer o que você disse, só que o resto disse não, não vai funcionar. Muitos grupos diferentes, muita pressão para comercializar com os brancos... não havia como dar certo, sabe? Não podíamos modificar tudo, talvez apenas melhorar um pouco.

O plano oficial do grupo fora um pouco menos ambicioso no alcance.

Os viajantes chegariam em meados de 1760 e, no decurso dos dez anos seguintes, na confusão e na reorganização do movimento das tribos e aldeias que se seguiram ao fim da guerra entre franceses e índios, se infiltrariam nos diversos grupos indígenas ao longo da Linha do Tratado nas Colônias, subindo até os territórios canadenses.

Então, usariam os poderes de persuasão que tivessem adquirido para convencer as nações indígenas a lutar do lado dos ingleses na revolução que se avizinhava, com a intenção de garantir a vitória dos ingleses.

— Veja, os ingleses, eles agem como se os índios fossem nações soberanas — ele explicou, com um desembaraço que sugeria ser aquela uma teoria aprendida maquinalmente. — Ganhando, eles continuariam a fazer comércio e tudo mais, o que seria bom, mas não iriam tentar empurrar os índios para trás e exterminá-los. Os colonizadores — acenou desdenhosamente na direção da porta

aberta —, filhos da mãe gananciosos, têm avançado pelas terras indígenas nos últimos cem anos; eles não vão parar.

Bri ergueu as sobrancelhas, mas pude ver que ela achava a ideia intrigante. Evidentemente, não era exatamente tão insana quanto parecia.

— Como puderam imaginar que seriam bem-sucedidos? — perguntei. Apenas alguns homens para... oh, meu Deus — eu disse, vendo seu rosto mudar. — Jesus Cristo... vocês não eram os únicos, eram? Donner sacudiu a cabeça, mudo.

— Quantos? — Ian perguntou. Sua voz soou calma, mas pude ver que suas mãos estavam cerradas sobre os joelhos.

— Não sei. — Donner empertigou-se abruptamente, afundando-se para dentro de si mesmo como uma saca de grãos. — Havia cerca de duzentos ou trezentos no grupo. Mas a maioria não conseguia ouvir as pedras. — Sua cabeça ergueu-se um pouco e ele olhou para Brianna.

— Você pode? Ela balançou a cabeça, as sobrancelhas ruivas cerradas.

— Mas você acha que havia mais... viajantes... além de você e seus amigos? Donner deu de ombros.

— Eu tive a impressão que sim. Mas Raymond disse que somente cinco podiam atravessar de cada vez. Assim, nós treinamos em células de cinco. Mantínhamos tudo em segredo; ninguém no grupo maior sabia quem podia viajar e quem não podia, e Raymond era o único que conhecia todos eles.

Eu tinha que perguntar.

— Como era esse Raymond? — A possibilidade se agitava no fundo da minha mente desde o dia em que eu ouvira esse nome.

Donner pestanejou, não esperava por essa pergunta.

— Céus, não sei — disse desamparadamente. — Um sujeito baixinho, acho. Cabelos brancos. Usava os cabelos compridos, como

todos nós. — Passou os dedos pelos cachos emaranhados para ilustrar, a testa franzida em busca das lembranças.

— Uma testa... um pouco... larga? — Eu sabia que não devia ajudá-lo, mas não consegui me conter e passei meus dois dedos indicadores pela própria testa para ilustrar.

Ele me fitou, confuso, por um instante.

— Dona, não me lembro — ele disse, sacudindo a cabeça. — Foi há muito tempo. Como iria me lembrar de algo assim? Suspirei.

— Bem, conte-me o que aconteceu, quando você atravessou as pedras.

Donner umedeceu os lábios, pestanejando no esforço para se lembrar.

Não se tratava unicamente de estupidez inata, percebi; ele não gostava de pensar nisso.

— Sim. Éramos cinco, como eu disse. Eu, Rob, Jeremy e Atta. Oh, e Jojo. Nós atravessamos na ilha e...

— Que ilha? — Brianna, Ian e eu perguntamos em coro.

— Ocracoke — ele disse, parecendo surpreso. — É o portal mais ao norte no grupo do Triângulo das Bermudas. Queríamos estar o mais próximo possível...

— As Ber... — Brianna e eu começamos a dizer, mas paramos, uma olhando para a outra.

— Você sabe onde existem vários desses portais? — eu disse, esforçando-me para me manter calma.

— Quantos são? — Brianna fez coro, sem esperar a resposta.

A resposta, de qualquer modo, foi confusa. Nenhuma surpresa nisso.

Raymond lhes dissera que havia inúmeros locais assim pelo mundo, mas que tendiam a ocorrer em grupos. Havia um grupo no Caribe, outro no Nordeste, perto da fronteira com o Canadá. Outro no deserto do Sudoeste — Arizona, ele achava, e no México, no Norte da Grã-Bretanha e na costa da França, até o topo da Península



Ibérica. Provavelmente mais, mas esses foram os que ele mencionara.

Nem todos os portais estavam assinalados com círculos de pedras, embora aqueles nos lugares onde as pessoas haviam vivido por muito tempo geralmente estivessem.

— Raymond dizia que esses eram mais seguros — ele disse, dando de ombros. — Não sei por quê.

O local em Ocracoke não era cercado por um círculo de monólitos, embora estivesse marcado. Quatro pedras, ele disse. Uma delas tinha marcas que Raymond disse que eram africanas — talvez feitas por escravos.

— Fica mais ou menos na água — ele disse, encolhendo os ombros.

— Um pequeno rio atravessa o lugar, quero dizer. Ray disse que ele não sabia nada sobre a água, se ela fazia alguma diferença, mas achava que deveria fazer. Mas não sabíamos que tipo de diferença. Vocês sabem? Brianna e eu sacudimos a cabeça, os olhos redondos como um par de corujas. A testa de Ian, entretanto, já franzida, enrugou-se ainda mais. Ele teria ouvido alguma coisa, durante o tempo que passara com Geillis Duncan? Os cinco — e Raymond — foram de carro até onde foi possível; a estrada que descia de Outer Banks era ruim e tendia a desaparecer nas tempestades; foram obrigados a deixar o carro a vários quilômetros do local, lutando através da floresta costeira de pinheiros e árvores raquíticas e áreas de inesperadas areias movediças. Era final de outono...

— Samhain — Brianna disse baixinho, mas tão suavemente que não distraiu Donner do fluxo de sua história.

Final de outono, ele disse, e o tempo estava ruim. Chovia há dias e o terreno era traiçoeiro, escorregadio ou alagado. O vento soprava forte e as ondas tempestuosas açoitavam as praias; podiam ouvi-lo, mesmo no lugar ermo onde ficava o portal.

— Todos nós estávamos com medo, exceto, talvez, Rob, mas de certa forma era empolgante, sabe? — ele disse, começando a mostrar um lampejo de entusiasmo. — As árvores estavam quase arriadas no chão, e o céu... o céu estava verde. O vento era tão forte que você podia sentir o gosto de sal, o tempo todo, porque partículas do oceano estavam voando pelos ares, misturadas à chuva. Estávamos ensopados até as nossas cuecas.

— Suas o quê? — Ian disse, franzindo a testa.

— Ceroulas. Roupas de baixo — Brianna disse, agitando a mão com impaciência. — Continue.

Depois que chegaram ao local, Raymond verificou se todos levavam os poucos itens que poderiam precisar — isqueiros, tabaco, um pouco de dinheiro da época — e depois deu a cada um deles um colar de contas de conchas feito pelos índios e uma bolsinha de couro, que ele disse ser um amuleto de ervas cerimoniais..

— Oh, você sabe sobre isso — ele disse, vendo a expressão do meu rosto.

— Que tipo você usou? — Não usei — eu disse, não querendo que ele se desviasse de sua história.

— Continue. Como planejaram chegar à época certa? — Oh. Bem. — Ele suspirou, curvando-se em seu banco. — Não planejamos. Ray disse que seriam uns duzentos anos, uns dois a mais ou a menos. Não é que não pudéssemos mudar de rumo. Era isso que eu esperava que vocês soubessem. Como chegar a uma época específica.

Porque, cara, eu certamente gostaria de voltar e chegar lá antes de me meter com Ray e os outros.

Eles haviam, seguindo as instruções de Raymond, caminhado entre as pedras formando um padrão, entoando palavras. Donner não fazia a menor ideia do significado das palavras, nem em que língua era. Ao final do padrão, entretanto,

tinham caminhado em fila única na direção da pedra com as marcas africanas, passando cuidadosamente para a sua esquerda.

— E foi assim, pou! — Ele deu um soco na palma da outra mão. — O primeiro sujeito da fila, ele desapareceu, cara! Nós ficamos malucos.

Quero dizer, isso é o que se esperava que acontecesse, mas... desapareceu — repetiu, sacudindo a cabeça. — Simplesmente... desapareceu.

Empolgados com essa prova de eficácia, repetiram o padrão e o cântico, e a cada repetição o primeiro homem a passar pela pedra desaparecia. Donner fora o quarto.

— Oh, meu Deus — ele disse, empalidecendo com a lembrança. — Oh, meu Deus, eu nunca senti nada como aquilo antes e espero nunca sentir outra vez.

— O amuleto, a bolsinha que você carregava — Brianna disse, ignorando sua palidez. Seu próprio rosto estava arrebatado, afogueado de interesse. — O que aconteceu com ele? — Não sei. Talvez eu o tenha deixado cair, talvez tenha ido para outro lugar. Eu desmaiei e, quando voltei a mim, já não estava comigo. — O dia estava quente e parado, mas ele começou a tremer. — Jojo. Ele estava comigo. Só que estava morto.

Essa afirmação me atingiu como uma facada logo abaixo das costelas.

As anotações de Geillis Duncan continham listas de pessoas encontradas perto de círculos de pedras — algumas vivas, outras mortas. Eu não precisava de nada para saber que a viagem através das pedras era uma travessia perigosa, mas esse lembrete enfraqueceu meus joelhos e eu me sentei no ornamentado divã turco de Jocasta.

— Os outros — eu disse, tentando manter a voz firme. — Eles...

Ele sacudiu a cabeça. Ainda estava frio e trêmulo, mas o suor brilhava em seu rosto; ele parecia muito indisposto.

— Nunca mais os vi — ele disse.

Ele não sabia o que matara Jojo; não parou para olhar, embora tivesse a vaga noção de que devia haver marcas de queimadura em sua camisa.

Encontrando seu amigo morto e nenhum dos outros por perto, fugira em pânico por florestas de árvores nanicas e pântanos salgados, desfalecendo após várias horas vagando a esmo, estendido nas dunas de areia, em meio ao capim duro, a noite inteira. Passou fome por três dias, encontrou e comeu um ninho de ovos de tartaruga, finalmente conseguiu chegar à terra firme em uma canoa roubada e, depois dali, vagou sem rumo, trabalhando aqui e ali em serviços subalternos, buscando refúgio na bebida quando podia pagar, caindo na companhia de Hodgepile e sua quadrilha há mais ou menos um ano.

Os colares de contas indígenas, ele disse, eram para permitir aos conspiradores se identificarem caso viessem a se encontrar em algum momento, mas ele nunca mais vira ninguém usando um daqueles.

Brianna, entretanto, não estava prestando atenção a essa parte divagante da história; ela já saltara à frente.

— Você acha que Dente-de-Lontra, Springer, prejudicou o grupo ao deliberadamente tentar ir para uma época diferente? Ele olhou para ela, a boca ligeiramente aberta.

— Nunca pensei nisso. Ele foi primeiro. Ele foi primeiro — repetiu, de uma maneira vaga.

Brianna começou a fazer outra pergunta, mas foi interrompida pelo som de vozes no corredor, vindo na direção da sala matinal. Donner ficou de pé em uma fração de segundo, os olhos arregalados.

— Droga — exclamou. — É ele. Você tem que me ajudar! Antes que eu pudesse perguntar exatamente por que ele pensava assim, ou quem era "ele", a forma austera de Ulysses surgiu no vão da porta.

— Você — ele disse ao acovardado Donner, em tons assustadores.

— Eu não lhe disse para ir embora? Como ousa entrar na casa da sra. Innes e importunar seus parentes? Deu um passo para o lado, então, fez um sinal de cabeça para quem quer que estivesse ao seu lado, e um cavalheiro pequeno, redondo, com um ar furioso e em trajes amarfanhados, espreitou para dentro do aposento.

— É ele — disse o homenzinho, apontando um dedo acusador. — É o patife que roubou minha bolsa na taverna de Jacob hoje de manhã! Simplesmente arrancou do meu bolso enquanto eu comia presunto no café da manhã! — Não fui eu! — Donner fez uma fraca tentativa de demonstrar indignação, mas a culpa estava estampada em seu rosto, e quando Ulysses agarrou-o pelos cabelos da nuca e sem a menor cerimônia vasculhou suas roupas, a bolsa foi descoberta, para grande satisfação do proprietário.

— Ladrão! — ele gritou, sacudindo o punho cerrado. — Eu o segui a manhã inteira. Seu vagabundo, canalha, selvagem piolhento... oh, peço-lhes desculpas, senhoras — acrescentou, fazendo uma mesura tardia para mim e Brianna antes de retomar sua denúncia contra Donner.

Brianna olhou para mim, as sobranceiras erguidas, mas dei de ombros. Não havia como preservar Donner da justa ira de sua vítima, ainda que eu realmente quisesse. A pedido do cavalheiro, Ulysses convocou dois cavaleiros e um par de algemas — cuja visão fez Brianna empalidecer — e Donner foi conduzido para fora, protestando que ele não havia feito aquilo, que haviam armado para ele, não tinha sido ele, ele era amigo das senhoras, realmente, cara,

pergunte a elas!... a fim de ser transportado para a cadeia de Cross Creek.

Fez-se um profundo silêncio no rastro de sua remoção. Por fim, Ian sacudiu a cabeça, como se tentasse se livrar de moscas, e finalmente largando a espátula da palheta, pegou o bloco de desenhos, onde Brianna fizera Donner tentar desenhar o padrão que ele disse que os homens caminharam no círculo de pedras. Uma irremediável garatuja de círculos e rabiscos, parecia um dos desenhos de Jemmy.

— Que tipo de nome é esse, Wenddigo? — Ian perguntou, largando o bloco.

Brianna estivera agarrando seu lápis com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos. Ela abriu a mão e largou-o, e eu vi que suas mãos estavam trêmulas.

— Wendigo — ela disse. — É um espírito canibal dos ojibway que vive na floresta. Ele uiva nas tempestades e come gente.

Ian lançou-lhe um longo olhar.

— Belo sujeito.

— Não era ele, exatamente. — Eu mesma me sentia mais do que um pouco abalada. Fora o choque do aparecimento de Donner e de suas revelações, e depois de sua prisão, pequenos lampejos de memória... imagens vívidas de meu primeiro encontro com ele... surgiam incontrolavelmente pela minha mente, apesar dos meus esforços para impedi-los. Eu sentia gosto de sangue na boca e o mau cheiro de homens sujos e suados abafavam o perfume das flores do terraço.

— Imagino que seja o que se chamaria de nom de guerre — eu disse, fazendo uma tentativa de mostrar indiferença. — Ele certamente não pode ter sido batizado com esse nome.

— Você está bem, mamãe? — Bri franzia a testa para mim.  
— Quer que eu lhe traga alguma coisa? Um copo de água?

— Uísque — Ian e eu dissemos em uníssono, e eu ri, apesar da comoção. Quando a bebida chegou, eu já recuperara o autocontrole.

— O que acha que acontecerá a ele, Ulysses? — perguntei, enquanto ele segurava a bandeja para mim. O rosto bonito e impassível do mordomo não demonstrou nada além de uma leve aversão pelo recente visitante; eu o vi franzir o cenho para os pequenos torrões de terra que os sapatos de Donner haviam deixado no assoalho de parquet.

— Acho que vão enforcá-lo — ele disse. — O sr. Townsend, esse é o nome do cavalheiro, tinha dez libras na bolsa que ele roubou. — Mais do que suficiente para merecer a forca. O século XVIII tinha uma visão sombria da ladroagem; até mesmo uma libra poderia significar a pena de morte.

— Ótimo — Ian disse, com óbvia aprovação.

Senti um pequeno aperto no estômago. Eu não gostava de Donner, não confiava nele e, para ser franca, realmente não achava que sua morte seria uma grande perda para a humanidade, de um modo geral. Mas ele também era um viajante do tempo; isso implicava alguma obrigação de nossa parte em ajudá-lo? Mais importante, talvez — ele teria alguma outra informação que ainda não tivesse nos contado?

— O sr. Townsend foi para Campbelton — o mordomo acrescentou, oferecendo a bandeja a Ian. — Para pedir ao sr Farquard que cuide do caso imediatamente, já que ele está de partida para Halifax e quer dar seu testemunho imediatamente. — Farquard Campbell era um juiz de paz... e provavelmente a última coisa que se aproximava de um juiz no condado, já que a Corte Itinerante cessara de operar.

— Mas não irão enforcá-lo antes de amanhã, não creio — Brianna disse. Ela normalmente não bebia uísque, mas aceitara um copo agora; o encontro a abalara também. Eu vi que ela girara o

anel em seu dedo, esfregando o grande rubi distraidamente com o polegar.

— Não — Ian disse, olhando para ela com desconfiança. — Você não está pensando em... — Olhou para mim. — Não! — ele disse, horrorizado diante da indecisão que viu em meu rosto. — Esse sujeito é um ladrão e um canalha, e mesmo que não o tenha visto matando e queimando com seus próprios olhos, tia, você sabe muito bem que ele fez isso. Pelo amor de Deus, deixem que o enforcem e acabem logo com isso! — Bem... — eu disse, em dúvida. O som de passos e vozes no corredor salvou-me de uma resposta. Jamie e Duncan tinham ido a Cross Creek; agora estavam de volta. Senti uma enorme inundação de alívio ao ver Jamie, que assomou no vão da porta, queimado de sol e ruivo, empoeirado da viagem.

— Enforçar quem? — perguntou alegremente.

A opinião de Jamie era a mesma de Ian; deixar que enforcassem Donner, e bons ventos o levem! Relutantemente, entretanto, deixou-se convencer que Brianna ou eu deveríamos falar com o sujeito ao menos mais uma vez, para ter certeza de que não havia mais nada que ele pudesse nos contar.

— Falarei com o carcereiro — ele disse sem entusiasmo. — Mas, veja bem — disse, apontando um dedo de advertência para mim —, nenhuma das duas deve se aproximar do sujeito, a não ser que Ian ou eu estejamos com vocês.

— O que acha que ele faria? — Brianna estava irritada com seu tom de voz.

— Ele tem mais ou menos a metade do meu tamanho, pelo amor de Deus! — E uma cobra cascavel é menor ainda — seu pai retrucou. — Você não entraria em um aposento com uma dessas só porque você é bem maior do que ela, eu espero, não? Ian deu uma risadinha abafada e Brianna deu-lhe uma cotovelada, com força, nas costelas.



— De qualquer modo — Jamie disse, ignorando-os —, tenho algumas notícias. E uma carta de Roger Mac — ele disse. Retirou-a da camisa, sorrindo para Bri. — Se não estiver ocupada demais para lê-la, hein? Ela se iluminou como uma vela e agarrou a carta. Ian, de brincadeira, fingiu que ia arrancá-la de sua mão e ela afastou a mão dele com um tapa, rindo, e em seguida saiu correndo da sala para ler a carta com privacidade.

— Que tipo de notícias? — perguntei. Ulysses deixara a bandeja e a garrafa; servi uma dose em meu copo vazio e entreguei-o a Jamie.

— Alguém viu Manfred McGillivray — ele respondeu. — Slàinte. — Esvaziou o copo, com um ar de contentamento.

— Oh, sim? Onde? — Ian não pareceu nada satisfeito com a notícia.

Quanto a mim, fiquei empolgada.

— Em um bordel, onde mais? Infelizmente, seu informante não fora capaz de dar a localização exata do dito bordel — estando provavelmente bêbado demais na ocasião para saber exatamente onde estava, como Jamie cinicamente observou — mas tinha quase certeza de que era em Cross Creek ou Campbelton. Também infelizmente, o fato já ocorrera há algumas semanas. Manfred provavelmente teria ido para outro lugar.

— Mas já é um começo — eu disse, esperançosa. A penicilina era eficaz, mesmo em casos avançados de sífilis, e eu tinha alguma sendo preparada na cozinha de inverno, mesmo agora. — Irei com você, quando for à cadeia. Então, depois de termos falado com Donner, podemos ir procurar o bordel.

O ar de contentamento de Jamie diminuiu consideravelmente.

— O quê? Por quê? — Não creio que Manfred ainda esteja lá, tia — Ian disse, obviamente achando graça. — Para começar, duvido que tivesse o dinheiro necessário.

— Oh, ha, ha — eu disse. — Ele deve ter dito onde estava se hospedando, não é? Além disso, quero saber se ele apresentava algum sintoma. — Na minha própria época, podia ser dez, vinte ou mesmo trinta anos após o aparecimento do cancro inicial até que outros sintomas de sífilis se desenvolvessem; nesta época, entretanto, sífilis era uma doença quase fulminante — uma vítima podia morrer após um ano da infecção. E Manfred já desaparecera há mais de três meses; só Deus sabia há quanto tempo ele havia contraído a infecção.

Jamie mostrou-se distintamente desanimado com a ideia de sair dando busca em bordéis; Ian pareceu mais interessado.

— Ajudarei a procurar — ele se ofereceu. — Fergus pode vir também. Ele sabe muita coisa sobre prostitutas, provavelmente falaria com ele.

— Fergus? Fergus está aqui?

— Está — Jamie disse. — Essa era a outra notícia. Ele está, no momento, cumprimentando minha tia.

— Mas por que ele está aqui?

— Bem, você ouviu a conversa no churrasco, não? Sobre o sr. Simms, o tipógrafo, e seus problemas? Parece que pioraram e ele está pensando em vender o negócio, antes que alguém ponha fogo em sua loja com ele dentro. Achei que essa ocupação seria mais adequada para Fergus e Marsali, mais do que a fazenda. Assim, mandei um recado para ele descer e talvez dar uma palavra com Simms.

— Que ideia excelente! — exclamei. — Só que... o que Fergus usaria como dinheiro para comprar o jornal? Jamie tossiu e pareceu evasivo.

— Sim, bem. Imagino que algum tipo de acordo possa ser firmado.

Especialmente se Simms está ansioso para vender.

— Está bem — eu disse, resignada. — Acho que não quero saber dos detalhes sujos. Mas, Ian... — virei-me para ele, lançando-lhe um olhar penetrante. — Longe de mim dar-lhe conselhos morais. Mas você não deve... repito, não deve... interrogar prostitutas de nenhuma maneira mais intimamente pessoal. Fui clara?

— Tia! — ele disse, fingindo-se chocado. — Que ideia! — Mas um largo sorriso espalhou-se por seu rosto tatuado.

*ALCATRÃO E PENAS*

No final das contas, deixei Jamie ir sozinho à cadeia para ver Donner.

Ele me assegurou que seria muito mais simples sem a minha presença e eu tinha várias coisas a fazer em Cross Creek. Além dos itens de costume como sal, açúcar, alfinetes e outros artigos domésticos que precisavam de reabastecimento, eu necessitava urgentemente de mais casca de quina para Lizzie. A pomada de gallberry funcionava no tratamento de crises de malária, mas não era nem de longe tão eficaz quanto a quinina para evitá-las.

Mas as restrições de comércio dos ingleses podiam ser notadas. Não se encontrava, é claro, nenhum chá — eu já esperava por isso; há quase um ano não havia nenhum — mas também não havia açúcar, a não ser a um preço exorbitante, e simplesmente não havia alfinetes de aço à venda.

Sal, eu pude obter. Com meio quilo em minha cesta, comecei a me afastar das docas. O dia estava quente e úmido; longe da leve brisa que vinha do rio, o ar estava parado e denso como melaço. O sal se solidificara em suas sacas de aniagem e o vendedor teve que arrancar torrões com um formão.

Perguntei-me como Ian e Fergus estariam indo em suas buscas; eu tinha um plano em mente com referência ao bordel e aos seus moradores, mas primeiro tínhamos que encontrá-lo.

Eu não mencionara a ideia a Jamie. Se desse algum resultado, haveria tempo suficiente. Uma rua secundária oferecia sombra, na forma de vários olmos grandes plantados de maneira a projetar sombra na calçada. Entrei na bem-vinda sombra de uma das árvores e me vi na beira de uma área residencial elegante — cerca de dez casas, no total — de Cross Creek. De onde eu estava, podia ver a residência bastante modesta do dr. Fentiman, destacada por uma pequena placa de ardósia pendurada, decorada com um caduceu. O médico não estava em casa quando chamei, mas sua criada, uma jovem simples, bem-arrumada e extremamente vesga, deixou-me entrar e me conduziu ao consultório.

Era um aposento surpreendentemente fresco e agradável, com janelas amplas e uma desgastada lona no assoalho, pintada em quadrados azuis e amarelos, e mobiliado com uma escrivaninha, duas poltronas confortáveis e uma chaise longue, onde os pacientes deviam se reclinar para exame. Ele possuía um microscópio sobre a escrivaninha, através do qual espreitei com interesse. Era um bom microscópio, embora não tão bom quanto o meu, pensei com alguma condescendência.

Eu sentia uma forte curiosidade em relação ao resto de seu equipamento, e debatia comigo mesma se seria um abuso da hospitalidade do médico bisbilhotar em seus armários, quando o próprio médico chegou, trazido nas asas do conhaque.

Ele cantarolava uma pequena canção para si mesmo, carregando o chapéu embaixo de um braço e segurando sua surrada maleta de médico com o outro. Ao me ver, largou-os descuidadamente no chão e veio às pressas segurar minha mão, radiante. Fez uma reverência sobre minha mão e pressionou os lábios úmidos fervorosamente nos meus dedos.

— Sra. Fraser! Minha cara senhora, estou tão feliz em vê-la! Não está com nenhum desconforto físico, não é? Eu corria o perigo de ser derrubada pelos vapores de álcool de seu hálito, mas mantive

um semblante o mais cordial possível, discretamente limpando a mão no meu vestido, enquanto lhe assegurava que estava perfeitamente bem, assim como os membros de toda a minha família.

— Oh, esplêndido, esplêndido — ele disse, deixando-se cair repentinamente em um banco e abrindo um enorme sorriso para mim, revelando molares manchados de tabaco. Sua peruca de tamanho exagerado havia descambado para o lado, fazendo-o espreitar por baixo dela como um ratinho embaixo de um abafador de chá, mas ele parecia não ter notado. — Esplêndido, esplêndido, esplêndido.

Interpretei o vago aceno de sua mão como um convite e me sentei também. Eu havia trazido um pequeno presente para amaciar o bom doutor e o retirei de minha cesta — embora, para dizer a verdade, eu achasse que ele estava tão bem marinado que não seria necessária muita atenção antes de eu tocar no assunto da minha visita.

No entanto, ele ficou encantado com o meu presente — um globo ocular retirado de sua órbita, que o Jovem Ian havia atenciosamente pegado para mim após uma briga em Yanceyville, rapidamente conservado em álcool de vinho. Tendo ouvido falar dos gostos do dr.

Fentiman, achei que ele iria apreciar. De fato, ele gostou, e continuou a repetir "esplêndido" por algum tempo.

Quando por fim sua voz definhou, ele piscou, ergueu o recipiente contra a luz e girou-o, olhando-o com grande admiração.

— Esplêndido — disse mais uma vez. — Terá um lugar de honra em minha coleção, asseguro-lhe, sra. Fraser! — O senhor tem uma coleção? — eu disse, fingindo grande interesse.

Eu já ouvira falar de sua coleção.

— Oh, sim, oh, sim! Gostaria de vê-la? Não havia a menor possibilidade de recusa; ele já estava em pé e cambaleando na

direção de uma porta nos fundos do consultório. A porta levava a um grande closet, cujas prateleiras continham trinta ou quarenta recipientes de vidro, cheios de álcool — e numerosos objetos que podiam realmente ser descritos como "interessantes".

Esses variavam do meramente grotesco ao realmente surpreendente.

Um a um, ele mostrou um dedão do pé com uma verruga do tamanho e da cor de um cogumelo comestível, uma língua preservada aberta ao meio — aparentemente durante a vida do dono, já que as duas metades estavam perfeitamente cicatrizadas — um gato com seis patas, um cérebro grotescamente malformado (retirado de um assassino enforcado, como ele orgulhosamente informou. "Não é de admirar", murmurei em resposta, pensando em Donner e imaginando como seria o cérebro dele), e vários recém-nascidos, provavelmente natimortos, e exibindo diversas deformidades atrozes.

— E agora, isto — ele disse, retirando do alto, com as mãos trêmulas, um grande cilindro de vidro — é a peça mais importante da minha coleção. Há um renomado médico na Alemanha, um Herr Doktor Blumenbach, que possui uma coleção de crânios famosa no mundo inteiro, e ele vem me perseguindo... não, na verdade, me azucrinando, eu lhe asseguro!... com o intuito de me persuadir a abrir mão dela.

"Isto" eram os crânios descarnados e a coluna dorsal de um recém-nascido de duas cabeças. Era, de fato, fascinante. Era também algo que faria qualquer mulher em idade de ter filhos abolir o sexo imediatamente.

Apesar de horrenda como era a coleção do médico, ela me oferecia uma excelente oportunidade para abordar a minha verdadeira missão.

— De fato, é surpreendente — eu disse, inclinando-me para frente como se quisesse examinar as órbitas vazias dos crânios

flutuantes. Eram separados e perfeitamente acabados, constatei; era a medula espinhal que havia bifurcado, de modo que os crânios penduravam-se lado a lado no fluido, espectralmente brancos e inclinando-se um em direção ao outro, as cabeças redondas se tocando delicadamente, como se compartilhassem algum segredo, apenas se separando quando um movimento do recipiente fazia com que momentaneamente se afastassem. — O que poderia causar tal fenômeno? — Oh, sem dúvida algum choque terrível à mãe — o dr. Fentiman me assegurou. — Mulheres gestantes são extremamente vulneráveis a qualquer tipo de emoção ou aflição, sabe. Devem ser mantidas isoladas e confinadas, longe de qualquer influência prejudicial.

— Imagino — murmurei. — Mas, sabe, algumas malformações — aquela ali, por exemplo? —, acredito que sejam consequência de sífilis na mãe.

Era; reconheci a malformação típica do maxilar, o crânio estreito e o aspecto afundado do nariz. Aquela criança fora preservada com a carne intacta e jazia placidamente curvada em seu frasco. Pelo tamanho e falta de cabelos, provavelmente fora prematura; eu esperava, pelo seu próprio bem, que não tivesse nascido viva.

— Sífi... sífilis — o médico repetiu, oscilando um pouco. — Oh, sim.

Oh, sim. Obtive esta criaturinha em particular de uma... hum... — Ocorreu-lhe tardiamente que sífilis talvez não fosse um tema apropriado para se discutir com uma senhora. Cérebros de assassinos e crianças de duas cabeças, sim, mas não doenças venéreas. Havia um recipiente no closet que eu tinha quase certeza de que continha o escroto de um negro que sofrera de elefantíase; notei que ele não havia me mostrado aquele.

— De uma prostituta? — perguntei solidariamente. — Sim, imagino que tais desgraças sejam comuns entre essas mulheres.



Para meu aborrecimento, ele esquivou-se do tema desejado.

— Não, não. Na realidade... — Lançou um olhar por cima do ombro, como se temesse ser ouvido por mais alguém, depois se aproximou de mim e sussurrou roucamente: — Recebi este espécime de um colega em Londres, há alguns anos. Dizem que é filho de um nobre estrangeiro! — Oh, nossa! — exclamei, desconcertada. — Que... interessante.

Neste momento um tanto inconveniente, a criada entrou com o chá — ou melhor, com uma repugnante cocção de bolotas de carvalho torradas e camomila, fervidos em água — e a conversa voltou-se inevitavelmente para amenidades sociais. Eu receava que o chá o deixasse sóbrio antes que eu pudesse induzi-lo de volta na direção certa, mas felizmente a bandeja de chá também incluía um fino clarete, que servi prodigamente.

Fiz uma nova tentativa de conduzi-lo de volta aos assuntos médicos, inclinando-me para admirar as jarras deixadas sobre a escrivaninha. A mais próxima de mim continha a mão de uma pessoa que teve um caso tão avançado de contratura de Dupuytren a ponto de reduzir a mão a um amontoado de dedos contraídos. Quisera que Tom Christie pudesse ver aquilo. Ele me evitava desde a cirurgia, mas até onde eu sabia sua mão continuava funcional.

— Não é notável a variedade de mazelas que o corpo humano exhibe? — eu disse.

Ele sacudiu a cabeça. Descobrira o estado de sua peruca e virou-a; suas feições murchas embaixo da peruca pareciam as de um solene chimpanzé — salvo pela vermelhidão de capilares rompidos que iluminavam seu nariz como um farol.

— Notável — ele repetiu. — No entanto, o que é igualmente notável é a capacidade do corpo humano de se recuperar diante de um terrível ferimento.

Era verdade, mas não era em absoluto a linha de conversa que eu gostaria de perseguir.

— Sim, é verdade. Mas...

— Lamento muito não poder lhe mostrar um espécime... teria sido um extraordinário acréscimo à minha coleção, garanto-lhe! Mas o cavalheiro insistiu em levá-lo com ele.

— Ele... o quê?

— Bem, afinal, eu havia, em minha época, entregue a várias crianças seus apêndices ou amídalas em um frasco, após a cirurgia.

Eu imaginava que não fosse inteiramente irracional que alguém quisesse conservar um membro amputado.

— Sim, espantoso. — Ele tomou um gole de clarete, pensativo. — Era um testículo... espero que me perdoe mencionar — acrescentou tardiamente. Hesitou por um instante, mas, por fim, simplesmente não conseguiu resistir à descrição da ocorrência. — O cavalheiro havia sofrido um ferimento no escroto, um acidente extremamente infeliz.

— Sem dúvida — eu disse, sentindo um repentino formigamento na base de minha espinha. Seria o misterioso visitante de Jocasta? Eu vinha me mantendo longe do clarete para conservar a mente plenamente clara, mas depois disso tomei um gole, sentindo que precisava. — Ele disse como esse infeliz acidente ocorreu?

— Oh, sim. Um acidente de caça, ele disse. Mas todos dizem isso, não é? — Ele piscou para mim, a ponta do nariz brilhante e vermelha. — Acho que foi um duelo. Obra de um rival ciumento, talvez!

— Talvez. — Um duelo?, pensei. Mas a maioria dos duelos da época era travada com pistolas, não com espadas. Era realmente um ótimo clarete e eu me senti um pouco mais ousada. — O senhor... hã... removeu o testículo? — Deve ter removido, se contemplara a possibilidade de acrescentá-lo à sua horripilante coleção.

— Sim — ele disse, e não estava embriagado demais para dar um pequeno estremecimento de compaixão diante da lembrança. — O tiro fora seriamente negligenciado; ele disse que havia ocorrido alguns dias antes. Fui obrigado a retirar o testículo ferido, mas felizmente preservei o outro.

— Tenho certeza de que ele ficou contente com isso. — Tiro? Certamente, não, eu pensava. Não pode ser... e entretanto... — Aconteceu há pouco tempo?

— Humm, não. — Inclinou-se para trás em sua poltrona, os olhos ligeiramente vesgos no esforço de se lembrar. — Foi na primavera, há dois anos. Maio? Talvez maio.

— Por acaso, o cavalheiro se chamava Bonnet? — Fiquei surpresa de minha voz parecer tão descontraída. — Creio que ouvi falar que um Stephen Bonnet havia se envolvido em tal... acidente.

— Bem, sabe, ele não quis revelar seu nome. Os pacientes geralmente não revelam, se o tipo de ferimento puder lhe trazer algum constrangimento público. Eu não insisto, em tais casos.

— Mas o senhor se lembra dele. — Vi que eu estava sentada na beira da minha poltrona, o copo de clarete apertado com força. Com um pouco de esforço, recoloquei-o de volta na mesa.

— Hum-humm. — Droga, ele estava ficando sonolento; eu podia ver suas pálpebras começarem a decair. — Um sujeito alto, bem-vestido. Ele possuía um... um belo cavalo...

— Um pouco mais de chá, dr. Fentiman? — Servi-lhe mais uma xícara, querendo que permanecesse acordado. — Fale-me mais a respeito.

A cirurgia deve ter sido muito delicada, não? Na verdade, os homens nunca gostam de ouvir que a remoção de testículos é uma operação simples, mas é. Embora eu devesse admitir que o fato de o paciente estar consciente durante todo o procedimento sem dúvida aumentava a dificuldade.

Fentiman recuperou um pouco da vivacidade, contando-me sobre o caso.

— ...e a bala atravessara direto o testículo; deixara o mais perfeito buraco... Era possível ver através dele, garanto-lhe. — Obviamente, ele lamentava a perda desse interessante espécime, e foi com certa dificuldade que consegui fazê-lo me dizer o que acontecera com o cavalheiro ao qual ele pertencia.

— Bem, foi estranho. Foi o cavalo, veja bem... — ele disse vagamente. — Belo animal... pelos longos, como os cabelos de uma mulher, tão incomum...

Um cavalo frísio. O médico lembrara que o proprietário de grandes plantações Phillip Wylie gostava desses cavalos e dissera isso ao seu paciente, sugerindo que, como ele não tinha dinheiro — e não seria capaz de montar confortavelmente por algum tempo, de qualquer modo — ele devia pensar em vender seu cavalo a Wylie. O sujeito concordou com isso e pediu ao médico para perguntar a Wylie, que estava na cidade para Sessões do Tribunal.

O dr. Fentiman obsequiosamente saiu para fazer isso, deixando seu paciente confortavelmente deitado na chaise longue com um gole de tintura de láudano.

Phillip Wylie se disse muito interessado no cavalo ("Sim, aposto que sim", eu disse, mas o médico não notou) e apressou-se a ir vê-lo. O cavalo estava lá, mas não o paciente, tendo se evadido a pé na ausência do médico — levando com ele meia dúzia de colheres de prata, uma caixa de rapé esmaltada, uma garrafa de láudano e seis xelins, que era todo o dinheiro que o médico tinha na casa.

— Não sei como ele conseguiu — Fentiman disse, os olhos arregalados com a lembrança. — Naquelas condições! — A seu crédito, ele parecia mais transtornado com a ideia das condições do paciente do que com seu próprio prejuízo. Ele era um terrível

beberrão, Fentiman, pensei; eu nunca o vira completamente sóbrio, mas não era um mau médico.

— Ainda assim — acrescentou filosoficamente —, tudo vai bem, se termina bem, não é, minha cara? Com isso, ele queria dizer que Phillip Wylie comprara o cavalo dele por um preço suficiente para mais do que compensar suas perdas e ainda deixá-lo com um bom lucro.

— É verdade — eu disse, perguntando-me como Jamie iria receber essas notícias. Ele ganhara o cavalo... pois, é claro, tinha que ser Lucas... de Phillip Wylie durante um acrimonioso jogo de cartas em River Run, apenas para ter o cavalo roubado por Stephen Bonnet algumas horas mais tarde.

De um modo geral, eu achava que Jamie ficaria satisfeito em saber que o garanhão estava de volta em boas mãos, ainda que não as dele. Quanto às notícias sobre Bonnet... "Vaso ruim não quebra", fora sua opinião cínica, expressa quando não se conseguiu encontrar o corpo de Bonnet depois que Brianna atirou nele.

Fentiman agora bocejava abertamente. Pestanejou, os olhos lacrimejando, deu uns tapinhas pelo seu corpo à procura de um lenço, depois se inclinou para vasculhar sua maleta, que ele deixara no chão, perto de sua poltrona.

Eu havia tirado meu próprio lenço e inclinei-me para frente para oferecê-lo a ele, quando as vi na maleta aberta.

— O que são? — perguntei, apontando. Eu sabia o que eram, é claro; o que eu queria saber é onde ele as conseguira. Eram seringas, duas delas, lindas seringas pequenas, feitas de latão. Cada qual composta de duas partes: um êmbolo com puxadores curvos, e um cano cilíndrico, estreitado na ponta, de onde saía uma agulha longa e rombuda.

— Eu... ora... é... ah... — Ele ficou extremamente desconcertado e começou a gaguejar como um garoto de colégio

flagrado com cigarros atrás dos banheiros. Então, algo lhe ocorreu e ele relaxou.

— Ouvidos — declarou, em tons ressonantes. — Para lavagem de ouvidos. Sim, são para isso, indubitavelmente. Clisteres de ouvido! — Oh, é mesmo? — Peguei uma; ele tentou me impedir, mas seus reflexos estavam embotados e só conseguiu agarrar as rendas da manga do meu vestido.

— Que engenhoso! — eu disse, fazendo o êmbolo funcionar. Era um pouco rígida, mas nada má, particularmente quando a alternativa era uma hipodérmica improvisada, composta de um tubo de couro com uma presa de cascavel acoplada. Claro que uma ponta rombuda não serviria, mas seria simples cortá-la em um ângulo agudo. — Onde as conseguiu? Eu mesma gostaria muito de encomendar uma.

Ele olhou para mim completamente horrorizado, boquiaberto.

— Eu... hã... eu realmente não acho... — protestou debilmente.

Exatamente neste instante, em um perfeito milagre de hora errada, sua criada apareceu na porta.

— O sr. Brennan chegou; é hora da consulta de sua mulher — ela disse sucintamente.

— Oh! — O dr. Fentiman pôs-se de pé com um salto, fechou bruscamente a maleta e pegou-a do chão.

— Minhas desculpas, cara sra. Fraser... tenho que ir... um caso de grande urgência... Foi um prazer revê-la! — Saiu às pressas, a maleta agarrada ao peito, pisando em seu chapéu com sua afobação.

A empregada pegou o chapéu amassado com um ar de resignação e indiferentemente o socou até recuperar a forma.

— Vai querer partir agora, madame? — ela perguntou, com uma entonação que deixava claro que eu devia ir embora, quer eu

quisesse ou não.

— Sim, vou — eu disse, levantando-me. — Mas, diga-me — estendi a seringa de latão na palma da mão —, sabe o que é isso e onde o dr. Fentiman adquiriu? Era difícil dizer em que direção ela estava olhando, mas inclinou a cabeça como se examinasse a seringa, com não mais interesse do que se fosse um peixe de dois dias que lhe oferecessem no mercado para comprar.

— Oh, isso. Sim, madame, é uma seringa de pênis. Acho que ele mandou vir da Filadélfia.

— Uma... hã... seringa de pênis. Sei — eu disse, piscando um pouco.

— Sim, senhora. É para tratar corrimento, ou gonorreia. O médico faz tratamento de homens que procuram a sra. Sylvie.

Respirei fundo.

— Sra. Sylvie. Ah. E saberia dizer onde fica o... estabelecimento da sra. Sylvie? — Atrás da estalagem de Silas Jameson — ela respondeu, lançando-me pela primeira vez um olhar ligeiramente curioso, como se imaginasse que tipo de idiota não sabia disso. — Precisa de mais alguma coisa, madame? — Oh, não — eu disse. — Muito obrigada! — Fiz menção de lhe devolver a seringa de pênis, mas tive um impulso repentino. O médico tinha duas, afinal.

— Dou-lhe um xelim por ela — eu disse, olhando diretamente no olho que mais parecia estar voltado em minha direção.

— Feito — ela disse prontamente. Parou por um instante, depois acrescentou. — Se vai usar isso no seu homem, é melhor garantir que ele esteja completamente embriagado primeiro.

Minha missão principal estava, assim, realizada, mas agora eu tinha uma nova possibilidade a explorar antes de atacar a mal-famada casa da sra. Sylvie.

Eu planejara visitar um vidraceiro e tentar lhe explicar por meio de desenhos como fazer o tubo e o êmbolo de uma seringa hipodérmica, deixando a cargo de Bri o problema de fazer uma agulha oca e anexá-la.

Infelizmente, embora o único soprador de vidro disponível em Cross Creek fosse capaz de produzir qualquer tipo de garrafas, jarros e copos usuais, uma olhadela em seu estoque deixou óbvio que minhas necessidades estavam muito acima de sua capacidade.

Mas agora eu não precisava me preocupar mais com isso! Embora seringas de metal não tivessem algumas qualidades desejáveis do vidro, também tinham uma inegável vantagem, o fato de serem inquebráveis — e, embora uma agulha descartável fosse excelente, eu poderia simplesmente esterilizar o instrumento inteiro após cada utilização.

As pontas das agulhas das seringas do dr. Fentiman eram muito rombudas. Seria necessário aquecê-las e esticar bem as pontas, a fim de estreitá-las. Mas qualquer idiota com uma forja podia fazer isso, pensei.

Em seguida, cortar a ponta de latão em ângulo e limar essa ponta até ficar suficientemente lisa para furar a pele com facilidade... uma brincadeira de criança, pensei alegremente, e tive que me conter para não descer saltitando pelo caminho arenoso abaixo. Agora, tudo que eu precisava era de um bom estoque de casca de quina.

No entanto, minhas esperanças de obter a casca foram frustradas assim que entrei na rua principal e vislumbrei a loja do boticário. Sr. Bogues. A porta estava aberta, deixando as moscas entrarem, e o alpendre geralmente imaculado estava sujo, com tal quantidade de pegadas lamacentas que parecia que algum exército hostil invadira a loja.

A impressão de saque e depredação foi intensificada pela cena no interior; a maioria das prateleiras estava vazia, com restos



de folhas secas e cerâmica quebrada. A filha de dez anos dos Bogues, Miranda, fitava com olhar melancólico uma pequena coleção de jarros e frascos, e uma casca de tartaruga vazia.

— Miranda! — eu disse. — O que aconteceu? Ela se iluminou ao me ver, a boquinha rosada momentaneamente revertendo a curva para baixo.

— Sra. Fraser! Quer um pouco de marroio-branco? Sobrou quase meio quilo, e está barato, apenas três farthings a onça.

— Vou querer uma onça — eu disse, embora na realidade eu tivesse a planta crescendo em abundância em minha própria horta. — Onde estão seus pais? A boquinha virou-se para baixo outra vez e o lábio inferior estremeceu.

— Mamãe está lá dentro, fazendo as malas. E papai foi vender Jack para o sr. Raintree.

Jack era o cavalo da carroça do boticário, e o animal de estimação de Miranda. Mordi a parte interna do meu lábio.

— O sr. Raintree é um homem muito bom — eu disse, procurando uma forma de consolá-la. — E ele tem um ótimo pasto para seus cavalos, e um estábulo quentinho; acho que Jack vai ser feliz lá. Ele vai ter amigos.

Ela balançou a cabeça, a boca apertada com força, mas duas grossas lágrimas rolaram pelas suas faces.

Com um rápido olhar para trás de mim, para me certificar de que não havia ninguém vindo, dei a volta no balcão, sentei-me em um barril virado e puxei-a para o meu colo, onde ela se aconchegou imediatamente, agarrando-se a mim e chorando, embora fazendo um óbvio esforço para não ser ouvida na parte de trás da loja, onde ficavam os cômodos da família.

Afaguei-a, fazendo pequenos sons para acalmá-la, mas sentindo um desconforto além da mera compaixão pela menina. Claramente, os Bogues estavam vendendo a botica. Por quê? Como eu raramente descia a montanha, não saberia dizer qual a posição

política de Ralston Bogues ultimamente. Não sendo escocês, ele não fora ao churrasco em homenagem a Flora MacDonald. Entretanto, a loja sempre fora próspera e a família razoavelmente bem de vida, a julgar pelas roupas das crianças — Miranda e seus dois irmãos pequenos sempre tiveram sapatos. Os Bogues viveram ali toda a vida de Miranda, pelo menos, e provavelmente há mais tempo. Para eles estarem partindo desta forma significava que algo grave acontecera — ou estava prestes a acontecer.

— Sabe para onde você vai? — perguntei a Miranda, que agora estava sentada nos meus joelhos, fungando e enxugando o rosto no meu avental.

— Talvez o sr. Raintree possa lhe escrever e contar como Jack está indo.

Ela pareceu um pouco mais esperançosa com isso.

— Acha que ele pode mandar uma carta para a Inglaterra? É terrivelmente longe.

Inglaterra? Era grave.

— Oh, creio que sim — eu disse, ajeitando alguns fios de seus cabelos para dentro da touca. — O sr. Fraser escreve uma carta toda noite para sua irmã na Escócia, e lá é muito mais longe até do que a Inglaterra! — Oh. Bem. — Parecendo mais alegre, saiu do meu colo e alisou seu vestido. — Será que eu posso escrever para Jack? — Tenho certeza de que o sr. Raintree lerá a carta para ele se você escrever — garanti-lhe. — Você sabe escrever bem, então? — Oh, sim, senhora — ela disse ansiosamente. — Papai diz que eu leio e escrevo melhor do que ele quando tinha a minha idade. E em latim.

Ele me ensinou a ler todos os nomes das ervas, para que eu pudesse ir buscar para ele o que ele precisava. Está vendo essa? — Apontou com uma ponta de orgulho para uma grande jarra de porcelana, elegantemente decorada com espirais azuis e douradas. — Electuary Limonensis. E aquela ali é Ipecacuanha! Admirei sua

façanha, pensando que ao menos agora eu sabia a posição política de seu pai. Os Bogues devem ser legalistas, se estavam voltando para a Inglaterra. Eu lamentava vê-los partir, mas, sabendo o que eu sabia do futuro imediato, ficava feliz de saber que estariam a salvo. Ao menos, Ralston provavelmente conseguira um preço justo para sua loja; dali a pouco tempo, os legalistas teriam suas propriedades confiscadas e teriam sorte de escapar da prisão — ou pior.

— Randy? Você viu o sapato de Georgie? Encontrei um embaixo da arca, mas... oh, sra. Fraser! Desculpe-me, madame, não sabia que havia alguém aqui. — O olhar penetrante de Melanie Bogues notou minha posição atrás do balcão, os olhos vermelhos de sua filha e os pontos molhados em meu avental, mas não disse nada, meramente dando uns tapinhas no ombro de Miranda ao passar.

— Miranda me disse que estão de partida para a Inglaterra — eu disse, levantando-me e saindo discretamente de trás do balcão. — Vamos sentir falta de vocês.

— É muita bondade sua, sra. Fraser. — Ela sorriu melancolicamente.

— Nós também lamentamos partir. E tampouco estou aguardando a viagem com prazer, posso lhe garantir! — Ela falou com a emoção sincera de alguém que já fizera essa viagem antes e certamente preferiria ser escaldada viva do que ter que fazê-la outra vez.

Eu concordava com ela, tendo eu mesma feito a viagem. E viajar com três crianças, sendo duas delas meninos de menos de cinco anos...

Estremeci só de imaginar.

Eu queria lhe perguntar o que os fizera tomar uma decisão tão drástica, mas não sabia como abordar a questão na frente de Miranda.

Alguma coisa acontecera; isso era evidente. Melanie estava assustada como um coelho e um pouco mais transtornada do que nem mesmo empacotar todos os pertences de uma casa contendo três crianças poderia justificar.

Ela não parava de olhar por cima do ombro, como se temesse que alguém fosse entrar sorrateiramente.

— O sr. Bogues — comecei, mas fui interrompida por uma sombra no alpendre. Melanie assustou-se, a mão no peito, e girou nos calcanhares para ir ver quem estava ali.

O vão da porta foi preenchido por uma mulher atarracada e troncada, trajando uma combinação muito estranha de vestimentas. Por um instante, pensei que fosse uma índia, pois não usava touca, e seus cabelos escuros estavam trançados — mas ela entrou na loja e eu vi que era branca.

Ou melhor, cor-de-rosa; seu rosto rude estava afogueado do sol e a ponta de seu nariz achatado era vermelha e brilhante.

— Qual de vocês é Claire Fraser? — perguntou, olhando de mim para Melanie Bogues.

— Sou eu — eu disse, reprimindo uma vontade instintiva de recuar um passo. Seus modos não eram ameaçadores, mas ela irradiava um ar de poder físico que achei intimidante. — Quem é você? — perguntei mais com espanto do que com indelicadeza, e ela não pareceu se ofender.

— Jezebel Hatfield Morton — ela disse, estreitando os olhos intensamente para mim. — Um sujeito esquisito lá nas docas me disse que você estava vindo para cá. — Em perceptível contraste com o suave sotaque inglês de Melanie, ela falava do modo grosseiro que eu associava a pessoas que viviam no interior há três ou quatro gerações, não falando com ninguém nesse ínterim, senão com guaxinins, gambás e entre si.

— Hã... sim — eu disse, não vendo motivo para negar. — Precisa de algum tipo de ajuda? Não parecia; se fosse mais

saudável, ela estouraria as costuras da camisa de homem que estava vestindo. Melanie e Miranda fitavam-na com olhos arregalados. Qualquer que fosse o perigo que Melanie temia, não era a srta. Morton.

— Não exatamente — ela disse, vindo mais para dentro da loja.

Inclinou a cabeça para o lado, examinando-me com aparente fascínio. — Mas eu achei que você pudesse saber por onde anda o toupeira do Isaiah Morton.

Meu queixo caiu e eu fechei a boca rapidamente. Não era a srta.

Morton, portanto, mas sra. Morton. Ou melhor, a primeira sra. Isaiah Morton. Isaiah Morton havia lutado com a milícia de Jamie na Guerra da Regulamentação, e ele mencionara sua primeira mulher — começando a suar frio ao fazê-lo.

— Eu... hã... acredito que ele esteja trabalhando em algum lugar ao norte — eu disse. — Guilford? Ou seria Paleyville? Na verdade, era Hillsboro, mas isso não importava, já que neste momento ele não estava em Hillsboro. Estava, na realidade, em Cross Creek, onde viera para receber um carregamento de barris para seu patrão, um cervejeiro. Eu o havia visto na loja do tanoeiro há menos de uma hora, na companhia da segunda sra. Morton e sua filha pequena. Jezebel Hatfield Morton não parecia o tipo de pessoa que agisse civilizadamente em questões assim.

Ela fez um som surdo na garganta, indicando contrariedade.

— Ele é um maldito fuinha escorregadio. Mas eu ainda pego ele, não se preocupe com isso. — Ela falava com uma segurança descontraída que parecia de mau agouro para Isaiah.

Achei que o silêncio era o melhor caminho, mas não pude deixar de perguntar: — Por que a senhora o quer? — Isaiah possuía uma certa afabilidade rude, mas visto objetivamente, não parecia o tipo de pessoa a inflamar uma mulher, quanto mais duas.

— Querer ele? — Ela pareceu achar graça da ideia e esfregou um punho maciço sob o nariz vermelho. — Eu não quero ele. Mas nenhum homem vai fugir de mim por uma vagabunda branquela. Quando eu o pegar, pretendo fazer um rombo em sua cabeça e pregar seu couro cheio de moscas na minha porta.

Dito por outra pessoa, essa declaração poderia passar por um exercício de retórica. Dito pela dama em questão, era uma inequívoca declaração de intenções. Os olhos de Miranda estavam arregalados como os de uma rã, e os de sua mãe quase do mesmo jeito.

Jezebel H. Morton estreitou os olhos para mim e coçou pensativamente sob um dos volumosos seios, deixando o tecido de sua camisa emplastrado em sua carne.

— Ouvi dizer que você salvou a vida do miserável em Alamance.

Verdade? — Hã... sim. — Examinei-a cautelosamente, alerta a qualquer movimento ofensivo. Ela bloqueava a porta; se viesse para cima de mim, eu mergulharia por cima do balcão e correria para a porta que levava aos aposentos dos Bogues.

Ela carregava uma grande faca de matar porco, sem bainha. Estava enfiada em um cinto de contas indígenas, amarrado com nós, que cumpria dupla função, segurando também um grande volume de saias, que eu achava que originalmente deviam ter sido anáguas vermelhas de flanela, cortadas na altura dos joelhos.

— Que pena — ela disse sem entusiasmo. — Mas, por outro lado, se ele tivesse morrido, eu não teria o prazer de matá-lo, portanto acho que está bem assim. Isso não me preocupa; se eu não o encontrar, um dos meus irmãos encontrará.

A questão aparentemente resolvida por enquanto, ela relaxou um pouco e olhou ao redor, notando pela primeira vez as prateleiras vazias.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, interessada.

— Estamos vendendo a loja — Melanie murmurou, tentando empurrar Miranda para trás dela, por segurança. — Vamos para a Inglaterra.

— É mesmo? — Jezebel pareceu ligeiramente curiosa. — O que aconteceu? Mataram seu homem? Ou o cobriram de alcatrão e penas? Melanie ficou branca.

— Não — sussurrou. Sua garganta moveu-se quando engoliu em seco e seu olhar assustado dirigiu-se para a porta. Então, essa era a ameaça.

Senti-me fria repentinamente, apesar do calor sufocante.

— Oh? Bem, se quiser saber se vão fazer isso, talvez seja melhor ir até a Central Street — ela sugeriu solicitamente. — Estão fazendo os preparativos para assar alguém, podem acreditar. Dá para sentir o cheiro de alcatrão pela cidade inteira e muita gente está indo das tavernas para lá.

Melanie e Miranda emitiram gritinhos agudos ao mesmo tempo e correram para a porta, passando pela imperturbável Jezebel. Eu me movi rapidamente na mesma direção e evitei por pouco uma colisão, quando Ralston Bogues atravessou a porta, bem a tempo de segurar sua histérica mulher.

— Randy, vá cuidar de seus irmãos — ele disse calmamente. — Fique calma, Mellie, está tudo bem.

— Alcatrão — ela disse, arquejando, agarrando-se a ele. — Ela disse...

ela disse...

— Não sou eu — ele disse, e eu vi que seus cabelos estavam molhados e seu rosto pálido, brilhante, de suor. — Não estão atrás de mim. Ainda não. É o tipógrafo. — Delicadamente, ele soltou as mãos de sua mulher de seu braço e deu a volta ao balcão, lançando um rápido olhar de curiosidade a Jezebel.

— Pegue as crianças, vá para a casa de Ferguson — ele disse, retirando uma espingarda de caça de seu esconderijo embaixo do

balcão.

— Irei assim que puder. — Enfiou a mão em uma gaveta para pegar o chifre de pólvora e a caixa de cartuchos.

— Ralston! — Melanie falou em um sussurro, olhando para Miranda que se afastava, mas a súplica não era menos intensa por falta de volume.

— Onde você vai? Um dos lados da boca de Ralston se torceu, mas ele não respondeu.

— Vá para a casa de Ferguson — ele repetiu, os olhos fixos no cartucho em sua mão.

— Não! Não, não vá! Venha conosco, venha comigo! — Ela agarrou seu braço, desesperada.

Ele livrou-se dela e continuou obstinadamente a carregar sua arma.

— Vá, Mellie! — Não vou! — Em pânico, voltou-se para mim. — Sra. Fraser, diga-lhe! Por favor, diga-lhe que não adianta nada, é em vão! Ele não deve ir.

Abri a boca, sem saber o que dizer a nenhum dos dois, mas não tive tempo de decidir.

— Não acho que a sra. Fraser vá achar em vão, Mellie — Ralston Bogues disse, os olhos ainda fixos nas mãos. Passou a tira da caixa de cartuchos pelo ombro e engatilhou a arma. — O marido dela está tentando impedi-los neste momento... sozinho.

Ergueu os olhos para mim, fez um breve sinal com a cabeça e saiu.

Jezebel tinha razão: podia-se sentir o cheiro de alcatrão em toda a cidade. Isso não era incomum no verão, especialmente perto dos armazéns das docas, mas o odor ácido e penetrante assumia agora uma atmosfera de ameaça, queimando em minhas narinas. Independentemente do alcatrão — e do medo — eu estava arquejando do esforço para acompanhar Ralston Bogues, que não



estava exatamente correndo, mas movia-se a passos largos, o mais rápido possível.

Jezebel também tinha razão sobre as ruas estarem fervilhando de pessoas que saíam das tavernas; a esquina da Central Street estava tomada por uma multidão alvoroçada. A maioria homens, eu vi, embora houvesse algumas mulheres do tipo menos refinado entre elas, mulheres de pescadores e criadas.

O boticário hesitou ao vê-los. Alguns rostos voltaram-se em sua direção; um ou dois puxou a manga do vizinho, apontando — e com uma expressão nada amistosa nos rostos.

— Vá embora, Bogues! — um homem gritou. — Não é da sua conta... ainda não.

Um outro se abaixou, pegou uma pedra e atirou-a. Bateu inofensivamente no passeio de madeira, a poucos passos de Bogues, mas atraiu mais atenção. Parte da multidão começou a se virar, avançando devagar em nossa direção.

— Papai! — disse uma voz fraquinha, arfando, atrás de mim.

Virei-me e vi Miranda, a touca perdida e o rabo de cavalo desfazendo-se pelas costas, o rosto da cor de beterraba pelo esforço da corrida.

Não havia tempo para pensar. Levantei-a do chão e lancei-a para seu pai. Pego de surpresa, ele largou a arma e apanhou-a por baixo dos braços.

Um homem investiu para frente, tentando pegar a arma, mas atirei-me sobre ela e a peguei primeiro. Recuei, afastando-me dele, agarrando a arma contra o peito, desafiando-o com meu olhar.

Eu não sabia quem era, mas ele me conhecia; seus olhos dardejaram por mim, hesitando, depois olhou para trás por cima do ombro. Eu podia ouvir a voz de Jamie, e muitas outras, cada qual tentando gritar mais alto.

Minha respiração ainda assoviava no peito; eu não conseguia entender nenhuma palavra. Mas as vozes estavam altercadas;

confronto, não derramamento de sangue. O homem cambaleou, olhou para mim, desviou o olhar — em seguida, virou-se e se meteu de novo no meio do ajuntamento que se formava.

Bogues tivera o bom-senso de continuar segurando sua filha, que abraçava seu pescoço com força, o rosto enterrado em sua camisa. Ele lançou-me um olhar rápido e fez um pequeno gesto, como se quisesse a arma de volta. Sacudi a cabeça e segurei-a com mais força. A coronha estava escorregadia e quente em minhas mãos.

— Leve Miranda para casa — eu disse. — Eu... farei alguma coisa.

A arma estava carregada e engatilhada. Um tiro. O melhor que eu podia fazer com ela era criar uma distração temporária, mas isso podia ajudar.

Abri caminho pela multidão, a arma apontada cuidadosamente para baixo. Para não derramar a pólvora, parcialmente escondida nas pregas da minha saia. O cheiro de alcatrão ficou repentinamente muito mais forte.

Um caldeirão da substância jazia entornado diante da casa do tipógrafo, uma poça negra e pegajosa, fumegando e exalando um forte cheiro ao sol.

Brasas incandescentes e pedaços enegrecidos de carvão espalhavam-se pela rua, sob os pés da multidão; um robusto cidadão, que reconheci como sendo o sr. Townsend, chutava freneticamente uma fogueira improvisada, frustrando as tentativas de uma dupla de rapazes de reconstruí-la.

Olhei ao redor à procura de Jamie e o encontrei precisamente onde Ralston Bogues dissera que ele estava — em frente à porta da gráfica, segurando uma vassoura lambuzada de alcatrão e com a fúria da batalha nos olhos.

— Aquele é seu homem? — Jezebel Morton me alcançara e espreitava com interesse por cima do meu ombro. — Grandalhão,

hein? Havia alcatrão respingado por toda a frente da gráfica — e em Jamie.

Um bocado estava preso em seu cabelo e eu podia ver a pele de seu braço avermelhada onde um longo fio de alcatrão quente o atingira. Apesar disso, ele estava rindo. Mais duas vassouras lambuzadas de alcatrão estavam no chão perto dele, uma quebrada — muito provavelmente na cabeça de alguém. Ao menos no momento, ele estava se divertindo.

Eu não vi o tipógrafo, Fogarty Simms, de imediato. Então, um rosto assustado apareceu rapidamente na janela, mas agachou-se e desapareceu de vista quando uma pedra atirada do meio da multidão bateu no batente da janela, estilhaçando a vidraça.

— Saia, Simms, covarde! — gritou um homem perto de mim. — Ou vamos ter que botá-lo pra fora com fumaça? — Toca fogo! Toca fogo! — Gritos entusiásticos elevavam-se da população e um rapaz perto de mim abaixou-se, remexendo atrás de um tição fumegante que se espalhara da fogueira. Pisei com toda força em sua mão quando ele o agarrou.

— Santo Deus! — Ele soltou e caiu de joelhos, prendendo a mão entre as coxas, a boca aberta e arquejando de dor. — Oh, oh, meu Deus! Afastei-me sorrateiramente, abrindo caminho na multidão. Eu poderia me aproximar o suficiente para dar a arma a Jamie? Ou isso iria piorar as coisas? — Saia da porta, Fraser! Não temos nenhuma rixa com você! Eu reconheci aquela voz educada; era Neil Forbes, o advogado. Mas ele não estava vestido com seus costumeiros trajes elegantes; usava o tecido rústico dos trabalhadores. Então, não era um ataque de improviso — ele viera preparado para o trabalho sujo.

— Ei! Fale por si mesmo, Forbes! Eu tenho uma rixa com ele! — Esse era um homem robusto com um avental de açougueiro, o rosto vermelho e indignado, exibindo um olho roxo e inchado. — Veja o que ele me fez! — Abanou a mão rechonchuda indicando o

olho e depois a frente de suas roupas, onde uma vassoura coalhada de alcatrão evidentemente o atingira em cheio no peito. Sacudiu o punho maciço para Jamie. — Você vai pagar por isso, Fraser! — Sim, mas eu lhe pagarei na mesma moeda, Buchan! — Jamie simulou um ataque, brandindo a vassoura como uma lança. Buchan soltou um ganido e saltou para trás, o rosto comicamente apavorado, e a multidão irrompeu em gargalhadas.

— Volte, homem! Quer brincar de índio, vai precisar de mais pintura! — Buchan virara-se para fugir, mas foi bloqueado pela multidão. Jamie investiu com a vassoura, borrando de alcatrão os fundilhos de suas calças.

Buchan deu um salto alto, em pânico, com a estocada,»causando mais risos e apupos conforme fugia empurrando e tropeçando.

— O resto de vocês também quer brincar de índio, quer? — Jamie gritou. Passou a vassoura pela poça fumegante e girou-a com força no ar, em um amplo arco, à sua frente. Gotas do alcatrão quente voaram pelos ares, e os homens gritaram e se empurraram para sair do alcance dos respingos, derrubando-se e pisoteando-se.

Fui empurrada para o lado e lançada com força contra um barril deixado na rua. Eu teria caído, se não fosse por Jezebel, que me agarrou pelo braço e me içou, sem nenhum esforço aparente.

— Seu marido é mesmo brigão — ela disse com aprovação, os olhos fixos em Jamie. — Posso admirar um homem como esse! — Sim — eu disse, afagando meu cotovelo ferido. — Eu também. As vezes.

Tais sentimentos não pareciam universais.

— Desista dele, Fraser, ou use penas com ele! Malditos tories! O grito veio de trás de mim e eu me virei, constatando que o sujeito viera preparado; segurava um travesseiro de penas em uma das mãos, a ponta já rasgada, de modo que as penugens voavam em jorros a cada gesto.

— Alcatrão e penas neles todos! Virei-me novamente para o grito que veio de cima, a tempo de ver um jovem abrir de par em par a janela do andar superior da casa do outro lado da rua. Ele tentava enfiar um colchão de penas pela janela, mas estava sendo fortemente impedido em seu empenho pela dona de casa a quem o colchão pertencia. Essa mulher pulara nas costas do jovem e batia em sua cabeça com uma colher de pau, esbravejando esganiçadamente.

Um rapaz ao meu lado começou a cacarejar como uma galinha, batendo os cotovelos como asas — para grande diversão de seus amigos, que também começaram a fazer o mesmo, abafando qualquer tentativa de chamar alguém à razão... não que houvesse muita por ali.

Um coro iniciou do outro lado da rua.

— Tory, tory, tory! O teor da situação estava mudando, e não para melhor. Ergui um pouco a espingarda de caça, sem saber ao certo o que fazer, mas tendo certeza de que deveria fazer alguma coisa. Mais um instante e eles investiriam contra Simms.

— Me dê a arma, tia — disse uma voz suave junto ao meu ombro e eu girei nos calcanhares, deparando-me com o Jovem Ian, arquejante.

Entreguei-lhe a arma sem a menor hesitação.

— Reste d'retour! — Jamie gritou em francês. — Oui, le tout! Fiquem onde estão, todos vocês! — Ele podia estar gritando para a multidão, mas olhava para Ian.

O que diabos ele... Então, avistei Fergus, furiosamente distribuindo cotoveladas para manter seu lugar na frente da multidão. O Jovem Ian, que estivera prestes a erguer a arma, hesitou, mantendo-a junto a si.

— Ele tem razão, fique aí! — eu disse ansiosamente. — Não atire, ainda não. — Eu via agora que um tiro apressado poderia fazer mais mal do que bem. Lembrei de Bobby Higgins e do

Massacre de Boston. Eu não queria nenhum massacre ocorrendo em Cross Creek, particularmente não com Jamie no centro dos acontecimentos.

— Não vou atirar, mas também não vou deixar que o levem — Ian murmurou. — Se forem buscá-lo... — Interrompeu-se, mas seu maxilar estava trancado e eu podia sentir o cheiro forte de seu suor, acima mesmo do odor do alcatrão.

Uma distração momentânea intervieria, graças a Deus. Gritos de cima fizeram metade da multidão virar-se para ver o que estava acontecendo.

Um outro homem — evidentemente o dono da casa — surgira na janela acima, puxando o primeiro homem com um safanão para dentro e dando-lhe um soco. Então, a dupla engalfinhada sumiu de vista e, dali a poucos segundos, os sons da altercação cessaram e os gritos da mulher desapareceram gradualmente, deixando o colchão de penas pendurado em um flácido anticlímax, metade para dentro e metade para fora da janela.

O coro de "Tory, tory, tory" morrera durante a fascinação com o conflito acima, mas agora recomeçava, pontuado por berros para que o tipógrafo saísse e se entregasse.

— Saia, Simms! — Forbes gritou. Eu vi que ele se equipara com uma nova vassoura e avançava deslizando ao longo da parede, na direção da porta da gráfica. Jamie também viu e notei sua boca torcer-se de escárnio.

Silas Jameson, o proprietário de uma estalagem local, estava atrás de Forbes, agachado como um lutador de luta livre, o rosto largo retorcido em um riso maligno.

— Saia, Simms! — ele fez eco. — Que tipo de homem se esconde debaixo da saia de um escocês, hein? A voz de Jameson foi suficientemente alta para todos ouvirem e muitos riram — inclusive Jamie.

— Um homem sábio! — Jamie gritou de volta, sacudindo a ponta de seu xale para Jameson. — Este tartã já protegeu muitos necessitados em sua época! — E muitas garotas também, aposto! — gritou alguma alma irreverente na multidão.

— O quê? Acha que estou escondendo sua mulher embaixo do meu tartã? — Jamie respirava ruidosamente, a camisa e os cabelos emplastrados de suor, mas ainda rindo enquanto segurava a bainha de seu kilt. — Quer vir e dar uma olhada para procurá-la? — Tem lugar aí embaixo para mim também? — gritou uma vendedora de peixe prontamente.

As gargalhadas ressoaram pela multidão. Volúvel como toda turba, seu humor estava mudando de novo de ameaça para entretenimento.

Inspirei, uma respiração funda e trêmula, sentindo o suor escorrer entre meus seios. Ele os estava manipulando, mas caminhava no fio da navalha.

Se ele decidira proteger Simms — e ele o fizera — então nenhuma força do mundo poderia demovê-lo e nada o faria desistir do tipógrafo. Se a população queria Simms — e queria — teria que passar por Jamie. E o faria, pensei, a qualquer instante.

— Saia, Simms! — gritou uma voz das Lowlands escocesas. — Não vai poder se esconder atrás do traseiro de Fraser o dia todo! — Melhor um tipógrafo na minha bunda do que um advogado! — Jamie retrucou, brandindo sua vassoura para Forbes, como ilustração. — São menores, hein? Isso fez a multidão morrer de rir; Forbes era um tipo carnudo e corpulento, enquanto Fogarty Simms parecia um morto de fome. Forbes ficou vermelho e eu vi olhares capciosos lançados em sua direção. Forbes tinha quarenta e poucos anos, nunca se casara, havia boatos...

— Eu não ia querer um advogado no meu traseiro de jeito nenhum — Jamie gritava alegremente, cutucando Forbes com a vassoura. — Ele ia roubar sua merda e ainda cobrar uma lavagem! A

boca de Forbes se abriu e seu rosto ficou roxo. Ele recuou um passo e parecia estar retrucando, mas ninguém podia ouvir sua resposta, abafada como estava pelas gargalhadas da multidão.

— E depois ele a venderia de volta a você como estrume! — Jamie berrou, no instante em que podia ser ouvido. Virando a vassoura agilmente, ele cutucou Forbes na barriga com a ponta do cabo.

A turba berrou de entusiasmo, e Forbes, que não era nenhum lutador, Perdeu a cabeça e investiu contra Jamie, brandindo a própria vassoura como uma pá. Jamie, que obviamente estava aguardando por tal manobra insensata, deu um passo para o lado como um dançarino, fez Forbes tropeçar e golpeou-o nos ombros com a vassoura encharcada de alcatrão, fazendo-o estatelar-se na poça de alcatrão agora mais fria, para delírio de toda a rua.

— Tome, tia, segure isso! — Repentinamente, a espingarda foi enfiada de volta em minhas mãos.

— O quê? — Completamente desconcertada, girei nos calcanhares e vi Ian movendo-se com rapidez por trás da multidão, fazendo sinal para Fergus. Em poucos segundos, sem serem notados pela multidão — cuja atenção estava concentrada em Forbes no chão —, eles haviam alcançado a casa onde o colchão de penas estava pendurado na janela.

Ian inclinou-se e colocou as mãos em concha; como se tivessem ensaiado durante anos, Fergus subiu nesse estribo improvisado e içou-se para cima, puxando o colchão de penas com o gancho. Conseguiu; pendurou-se por um instante, agarrando firmemente o gancho com a outra mão, para impedir que se soltasse do colchão.

Ian deu um salto para cima e agarrou Fergus pela cintura, puxando-o para baixo. O tecido do colchão cedeu sob o peso dos dois e Fergus e Ian caíram no chão. Uma perfeita cascata de penas de ganso despejou-se sobre eles, sendo imediatamente levada em



redemoinho pelo ar úmido e denso, e caindo como uma alucinante tempestade de neve, que encheu a rua e emplastrou a multidão surpresa com punhados de penugem grudenta.

O ar parecia cheio de penas; estavam por toda parte, pinicando os olhos, o nariz e a garganta, grudando nos cabelos, nas roupas e nas pestanas. Limpei um olho lacrimejante e recuei rapidamente, para longe das pessoas quase cegas que cambaleavam perto de mim, gritando e chocando-se umas contra as outras.

Eu estivera observando Fergus e Ian, mas, quando a tempestade de penas irrompeu, eu — ao contrário de todos os outros na rua — olhei para a gráfica, a tempo de ver Jamie arremeter-se pela porta, agarrar Fogarty Simms pelo braço e arrancá-lo da loja em um piscar de olhos.

Jamie deu um empurrão em Simms que o fez sair aos trancos e barrancos, depois girou de volta para recuperar sua vassoura e dar cobertura à fuga do tipógrafo. Ralston Bogues, que estivera espreitando de trás de uma árvore, lançou-se para frente, um porrete na mão, e correu atrás de Simms para protegê-lo, olhando para trás e brandindo o porrete para desencorajar os perseguidores.

Essa ação não havia passado inteiramente despercebida; embora a maioria dos homens estivesse distraída, debatendo-se e tentando afastar a desnorteante nuvem de penas que os cercava, uns poucos viram o que estava acontecendo e deram o alerta, gritando como cães de caça enquanto tentavam abrir caminho na multidão para perseguir o tipógrafo fugitivo.

Se havia um momento certo... eu atiraria acima de suas cabeças e eles se agachariam, dando tempo a Simms para escapar. Ergui a arma com decisão, buscando o gatilho.

A arma foi arrancada da minha mão com tanta presteza que eu por um instante não percebi o que acontecera. Fiquei parada, fitando incrédula minhas mãos vazias. Em seguida, um berro veio

de trás de mim, alto o suficiente para espantar e fazer calar todos ao redor.

— Isaiah Morton! Você vai morrer, rapaz! A espingarda disparou junto ao meu ouvido com um estrondo ensurdecedor e uma nuvem de fuligem que me cegou. Engasgada e tossindo, esfreguei o rosto com o avental, recobrando a visão a tempo de ver a figura atarracada e rechonchuda de Isaiah Morton a um quarteirão de distância, correndo o mais rápido que suas pernas conseguiam levá-lo.

Jezebel Hatfield Morton estava atrás dele em uma fração de segundo, impiedosamente derrubando qualquer um em seu caminho. Ela saltou agilmente por cima de um Forbes lambuzado de alcatrão e coberto de penas, o qual ainda estava de quatro no chão, parecendo atordoado, em seguida abriu caminho à força pelo restante da turba e saiu correndo como uma lebre pela rua abaixo, as anáguas curtas de flanela voando, movendo-se a uma velocidade surpreendente para alguém de sua compleição. Morton virou em uma esquina e desapareceu, a Fúria implacável nos seus calcanhares.

Eu mesma me senti um pouco zozna. Meus ouvidos ainda zumbiam, mas ergui os olhos ao sentir um toque em meu braço.

Jamie olhava-me de esguelha, um dos olhos fechados, como se não acreditasse no que achava que estava vendo. Ele dizia alguma coisa que eu não conseguia entender, mas os gestos que fazia na direção do meu rosto — associados a uma reveladora torcida do canto da boca — tornaram o significado provável de suas palavras absolutamente claro.

— Hã — eu disse friamente, minha própria voz soando metálica e distante. Limpei o rosto novamente com meu avental. — Veja quem está falando! Ele parecia um boneco de neve empastelado, com manchas pretas de alcatrão na camisa e punhados de penugem branca de ganso agarrada às sobrancelhas,

aos cabelos e aos pelos espetados de sua barba. Ele disse mais alguma coisa, mas não pude ouvi-lo com clareza. Sacudi a cabeça e girei um dedo no ouvido, indicando surdez temporária.

Ele sorriu, segurou-me pelos ombros e inclinou a sua cabeça para frente até que sua testa se unisse à minha com uma pequena pancada. Pude sentir que ele tremia ligeiramente, mas não sabia se era risada ou exaustão.

Em seguida, endireitou-se, beijou minha testa e segurou-me pelo braço.

Neil Forbes estava sentado no meio da rua, as pernas abertas e os cuidadosos cabelos desgrenhados. Estava preto de alcatrão do ombro ao joelho em um dos lados. Perdera um sapato e alguns indivíduos prestativos tentavam retirar as penas grudadas nele. Jamie me conduziu fazendo uma larga volta ao redor dele, balançando a cabeça amavelmente ao passarmos.

Forbes ergueu os olhos, fitou-nos com raiva e disse algo abafado, o rosto gordo torcendo-se com um ar ameaçador. Para dizer a verdade, acho que foi melhor eu não ter podido ouvi-lo.

Ian e Fergus haviam partido com a maior parte dos desordeiros, sem dúvida para continuar a briga em outro lugar. Jamie e eu nos retiramos para a Sycamore, uma estalagem na River Street, para nos refazer e descansar. O bom humor de Jamie gradualmente arrefeceu conforme eu o limpava das penas e do alcatrão, e ele ficou significativamente mais circunspecto ao ouvir o relato da minha visita ao dr. Fentiman.

— Você faz o quê com isso? — Jamie se encolhera ligeiramente durante a história do testículo de Stephen Bonnet. Quando atingi a descrição das seringas de pênis, ele cruzou as pernas involuntariamente.

— Bem, você enfia a parte semelhante a uma agulha, é claro, e em seguida injeta uma solução de algo como cloreto de mercúrio pela uretra, eu imagino.

— Através do... hã...

— Quer que eu lhe mostre? — perguntei. — Deixei minha cesta na loja dos Borgues, mas posso ir buscá-la e...

— Não. — Ele inclinou-se para frente e plantou os cotovelos com firmeza nos joelhos. — Acha que arde muito? — Não deve ser nada agradável.

Ele estremeceu ligeiramente.

— Não, creio que não.

— Também não acho que seja muito eficaz — acrescentei pensativamente. — Uma pena passar por um tratamento assim e não ficar curado. Não acha? Ele me observava com o ar apreensivo de um homem que acabou de perceber que o pacote de aparência suspeita que está ao seu lado está emitindo um tique-taque.

— O que... — ele começou a dizer, e eu me apressei a terminar.

— Então, você não vai se importar de ir até o estabelecimento da sra. Sylvie e fazer os arranjos necessários para que eu trate as meninas, não é? — Quem é a sra. Sylvie? — ele perguntou, desconfiado.

— A dona do bordel local — eu disse, respirando fundo. — A criada do dr. Fentiman me falou dela. Bem, deve haver mais de um bordel na cidade, mas acho que a sra. Sylvie certamente deve conhecer a concorrência, se houver, então ela poderá lhe dizer...

Jamie passou a mão pelo rosto, puxando para baixo suas pálpebras inferiores de modo que a aparência injetada de seus olhos ficou particularmente enfatizada.

— Um bordel — ele repetiu. — Você quer que eu vá a um bordel.

— Bem, irei com você, se quiser — acrescentei, com certa aspereza —, mas acho que não vão prestar nenhuma atenção em mim.

Ele fechou um dos olhos, fitando-me com o outro, que parecia ter sido lixado.

— Oh, acho que prestariam, sim — ele disse. — Então, era isso que tinha em mente quando insistiu em vir à cidade comigo, não é? — Ele souou um pouco amuado.

— Bem... sim — admiti. — Embora eu realmente precisasse da casca de quina. Além do mais — acrescentei coerentemente —, se eu não tivesse vindo, você não teria descoberto a respeito de Bonnet. Ou de Lucas, tampouco.

Ele disse alguma coisa em gaélico, que eu interpretei aproximadamente como uma indicação de que ele poderia ter vivido muito feliz na ignorância de qualquer dos dois.

— Depois, você está bem familiarizado com bordéis — ressaltei. — Você tinha um quarto em um, em Edimburgo! — Sim, tinha — concordou. — Mas eu não era casado, na época... ou melhor, eu era, mas eu... sim, bem, era conveniente para mim, na época, que as pessoas pensassem que eu... — Interrompeu-se e olhou para mim com um ar de súplica. — Sassenach, honestamente, quer que todo mundo em Cross Creek pense que eu...

— Bem, não vão pensar isso se eu for com você, não é? — Oh, meu Deus.

Nesse ponto, ele deixou a cabeça cair entre as mãos e massageou o couro cabeludo com vigor, presumivelmente achando que isso o ajudaria a descobrir algum meio de me dissuadir.

— Onde está seu senso de compaixão pelos seus semelhantes? — perguntei. — Não iria querer que algum infeliz conhecido seu tivesse que encarar uma sessão com a seringa do dr. Fentiman, só porque...

— Desde que eu mesmo não precise encarar isso — assegurou-me, erguendo a cabeça —, meus semelhantes devem pagar o tributo do pecado, e bem feito para eles, ainda por cima! —

Bem, receio que tenha que concordar — admiti. — Mas não são apenas eles. São as mulheres. Não apenas as prostitutas; e todas as esposas... e os filhos... dos homens que se contagiam? Não pode deixar todos eles morrerem de sífilis, se podem ser salvos, não é? A essa altura, ele assumira o aspecto de um animal caçado e essa linha de raciocínio não ajudou a melhorar isso.

— Mas... a penicilina nem sempre funciona — ele ressaltou. — E se não funcionar nas prostitutas? — É uma possibilidade — admiti. — Mas entre tentar alguma coisa que possa não funcionar e não tentar nada... — Vendo-o ainda me olhando através dos olhos apertados, abandonei o apelo à razão e recorri à minha melhor arma.

— E o Jovem Ian? — O que tem ele? — retrucou desconfiadamente, mas pude ver que minhas palavras haviam provocado uma visão momentânea em sua mente.

Ian não era estranho a bordéis... graças a Jamie, apesar de involuntária e irrefletida como fora a apresentação.

— Ele é um bom garoto, Ian — ele disse, resolutamente. — Ele não...

— Poderia — eu disse. — E você sabe disso.

Eu não fazia a menor ideia da vida particular de Ian — se é que ele tinha alguma. Mas estava com vinte e um anos, sem compromisso e, até onde eu podia ver, um espécime masculino completamente saudável.

Daí...

Pude ver Jamie chegar com relutância às mesmas conclusões. Ele era virgem quando me casei com ele, aos vinte e três anos. O Jovem Ian, devido a circunstâncias fora do controle de qualquer pessoa, fora apresentado aos fatos da carne a uma idade consideravelmente inferior. E essa inocência não podia ser readquirida.

— Mmmhum — ele resmungou.

Pegou a toalha, esfregou os cabelos ferozmente com ela, depois a atirou para o lado, e juntou de novo o rabo de cavalo grosso e úmido, pegando uma tira de couro para amarrá-lo.

— Se tem que ser feito, que seja feito logo — eu disse, observando com aprovação. — Mas acho melhor eu ir também. Deixe-me pegar minha caixa.

Ele não disse nada, apenas começou taciturnamente a se tornar apresentável. Felizmente, ele não estava usando seu casaco nem seu colete durante os contratempos na rua, de modo que pôde cobrir a maior parte dos danos à sua camisa.

— Sassenach — ele disse, e eu me virei para vê-lo fitando-me com um brilho sanguinário no olhar.

— Sim? — Você vai me pagar por isso.

O estabelecimento da sra. Sylvie era uma casa de dois andares de aparência absolutamente normal, pequena e em não muito bom estado. As ripas de madeira estavam virando-se para cima nas bordas, dando-lhe um leve ar de desalinhada surpresa, como uma mulher pega desprevenida com os cabelos que acabaram de sair dos rolinhos.

Jamie emitiu ruídos escoceses de desaprovação na garganta diante do alpendre vergado para o lado e do quintal coberto de mato, mas presumo que era apenas seu modo de encobrir o desconforto.

Eu não tinha certeza de como esperava que fosse a sra. Sylvie — a única madame do meu conhecimento tendo sido uma emigrante francesa um tanto elegante em Edimburgo — mas a proprietária do prostíbulo mais popular de Cross Creek era uma mulher de cerca de vinte e cinco anos, com um rosto sem graça como uma crosta de torta, e orelhas acentuadamente de abano.

Na realidade, eu havia momentaneamente presumido que ela fosse a criada, e somente o fato de Jamie cumprimentá-la amavelmente como "sra. Sylvie" informou-me que a própria

madame atendera à porta. Lancei um olhar de esguelha a Jamie, perguntando-me exatamente como ele viera a conhecer a mulher, mas depois olhei novamente e percebi que ele havia notado a boa qualidade de seu vestido e o grande broche em seu peito.

Ela olhou dele para mim e franziu o cenho.

— Podemos entrar? — eu disse, e o fiz, sem esperar uma resposta. — Sou a sra. Fraser e este é meu marido — eu disse, gesticulando na direção de Jamie, que já estava com as orelhas rosadas.

— Oh?! — a sra. Sylvie exclamou, cautelosa. — Bem, será mais uma libra, se são vocês dois.

— Como?... Oh! — Uma onda de sangue quente inundou meu rosto quando eu tardiamente compreendi o que ela queria dizer. Jamie entendera instantaneamente e estava da cor de uma beterraba.

— Tudo bem — ela garantiu-me. — Não é o de costume, certamente, mas Dottie não se importaria nem um pouco, já que ela mesma tem uma queda por mulheres, sabe.

Jamie emitiu um ruído rosnado e baixo, indicando que aquilo fora ideia minha e competia a mim levá-la a cabo.

— Receio que não tenhamos nos feito entender — eu disse, o mais encantadoramente possível. — Nós... hã... meramente gostaríamos de entrevistar suas... — Parei, buscando uma palavra adequada. Não "funcionárias", certamente.

— Meninas — Jamie interpôs concisamente.

— Hum, sim. Meninas.

— Oh, é mesmo? — Seus olhos pequenos e brilhantes dardejavam de um lado para o outro, entre mim e Jamie. — Metodistas? Ou da Igreja Batista Luz Brilhante? Bem, isso vai custar duas libras, então. Pelo incômodo.

Jamie riu.



— Barato nesse preço — ele observou. — Ou é por menina?  
A boca da sra. Sylvie torceu-se um pouco.

— Oh, por menina, sem dúvida.

— Duas libras por pessoa? Sim, bem, quem colocaria um preço na salvação? — Ele estava caçoando abertamente agora e ela, tendo obviamente concluído que não éramos nem clientes em potencial, nem missionários de porta em porta, estava achando graça, mas tomando cuidado para não deixar transparecer.

— Eu colocaria — ela respondeu secamente. — Uma prostituta sabe o preço de tudo, mas o valor de nada, ou assim me disseram.

Jamie assentiu.

— Sim. Qual é o preço da vida de uma de suas meninas, então, sra. Sylvie?

O ar de divertimento desapareceu de seus olhos, deixando-os igualmente brilhantes, mas ferozmente cautelosos.

— Está me ameaçando, senhor? — Ela empertigou-se e colocou a mão em uma sineta que estava sobre uma mesa junto à porta. — Eu tenho proteção, senhor, posso lhe garantir. O senhor faria muito bem em ir embora imediatamente.

— Se eu quisesse lhe causar algum mal, certamente não traria minha mulher comigo para observar — Jamie disse brandamente. — Não sou tão perverso assim.

A mão da sra. Sylvie, segurando com força a alça da sineta, relaxou um pouco.

— O senhor ficaria surpreso — ela disse. — Veja bem — ela disse, apontando um dedo para ele —, eu não lido com essas coisas, nem sequer imagine isso, mas já vi.

— Eu também — Jamie disse, o tom de caçoada agora ausente de sua voz. — Diga-me, já ouviu falar de um escocês chamado Mac Dubh? A expressão de seu rosto mudou; obviamente,

já ouvira falar. Eu estava confusa, mas tive o bom-senso de permanecer calada.

— Já — ela disse. Seu olhar havia se aguçado. — Era você, não? Ele fez uma medida solene.

A boca da sra. Sylvie franziu-se por um instante, então ela pareceu me notar outra vez.

— Ele lhe contou? — ela perguntou.

— Duvido — eu disse, lançando um olhar furioso. Ele diligentemente evitou meu olhar.

A sra. Sylvie deu uma risadinha curta.

— Uma das minhas meninas foi com um homem ao Toad — ela disse, nomeando uma espelunca de última categoria perto do rio, chamada Toad and Spoon — e ele a tratou muito mal. Em seguida, arrastou-a para o salão do bar e ofereceu-a aos homens ali. Ela disse que sabia que estava morta; sabe que é possível ser estuprada até a morte? — Essa última frase foi dirigida a mim, em um tom que misturava alheamento e desafio.

— Sei — eu disse, concisamente. Uma súbita náusea me percorreu e as palmas das minhas mãos começaram a suar.

— Entretanto, havia um escocês grandalhão lá e ele discordou da proposta, aparentemente. Mas era ele sozinho, contra uma horda...

— Sua especialidade — eu disse a Jamie, baixinho, e ele tossiu.

— ...mas ele sugeriu que duelassem nas cartas pela garota. Ele blefou e ganhou.

— É mesmo? — eu disse educadamente. Trapacear nas cartas era outra de suas especialidades, mas uma que eu tentava dissuadi-lo a usar, convencida de que um dia isso ainda poderia matá-lo. Não era de admirar que não tivesse me contado essa aventura em particular.

— Então, ele pegou Alice, envolveu-a em seu xale e trouxe-a para casa; deixou-a na porta.

Ela olhou para Jamie com relutante admiração.

— Bem. Veio reclamar a dívida, então? Tem meus agradecimentos, se valerem alguma coisa.

— Valem muito, madame — ele disse brandamente. — Mas, não.

Vimos tentar salvar suas meninas de coisa pior do que vagabundos bêbados.

Suas sobrancelhas finas arquearam-se no alto da testa com um ar interrogativo.

— Da sífilis — eu disse ousadamente. Ela ficou boquiaberta.

Apesar de sua relativa juventude, a sra. Sylvie era uma pessoa difícil de se convencer. Apesar de o medo da sífilis ser um fator constante na vida de uma prostituta, uma conversa sobre espiroquetas não lhe causava nenhuma impressão, e minha proposta de aplicar injeções de penicilina em seu pessoal — ao que parecia, havia apenas três jovens — foi recebida com uma firme recusa.

Jamie deixou que a discussão continuasse até ficar claro que havíamos atingido um muro intransponível. Então, ele entrou com uma tática diferente.

— Minha mulher não está propondo essa medida apenas pela bondade de seu coração, sabe? — ele disse. A essa altura, havíamos sido convidados a sentar, em uma saleta bem-arrumada, decorada com cortinas de algodão fino, e ele inclinou-se cuidadosamente para frente, a fim de não forçar as juntas da delicada cadeira em que estava sentado.

— O filho de um amigo procurou minha mulher, dizendo que havia contraído sífilis de uma prostituta em Hillsboro. Ela viu a ferida; não há dúvida de que o rapaz pegara a doença. Mas ele entrou em pânico, antes que ela pudesse tratá-lo, e fugiu. Nós o

temos procurado desde então, e soubemos ontem que ele foi visto aqui, em seu estabelecimento.

A sra. Sylvie perdeu o controle de seu rosto por um instante. Logo o recuperou, mas não havia dúvida sobre a expressão de horror.

— Quem? — ela perguntou, com a voz rouca. — Um rapaz escocês? Como ele é? Jamie trocou um olhar de relance, indagativo, comigo, e descreveu Manfred McGillivray. Quando terminou, o rosto da jovem cafetina estava branco como um lençol.

— Ele esteve aqui — ela disse. — Duas vezes. Oh, meu Deus. — Mas ela respirou fundo umas duas vezes e se refez.

— Mas ele estava limpo! Eu o fiz me mostrar... eu sempre faço! Expliquei-lhe que embora o cancro desaparecesse, a doença permanecia no sangue, para só emergir mais tarde. Afinal, ela não ouvira dizer de meretrizes que contraíam a doença sem nunca ter apresentado uma lesão antes? — Sim, claro... mas elas não devem ter tomado os cuidados necessários — ela disse, o maxilar resolutamente cerrado. — Eu sempre tomo e minhas meninas também. Eu faço questão.

Eu podia ver a negação começando a se estabelecer. Ao invés de admitir que pudesse estar abrigando uma infecção mortal, ela preferia insistir que não era possível e, em poucos instantes, teria se convencido a acreditar nisso e nos mandaria embora.

Jamie percebeu isso também.

— Sra. Sylvie — ele disse, interrompendo sua torrente de justificativas. Ela olhou para ele, pestanejando.

— Tem um baralho de cartas na casa? — O quê? Eu... sim, é claro.

— Traga-o, então — ele disse com um sorriso. — Gleek, loo ou brag, pode escolher.

Ela lançou-lhe um olhar longo e severo, a boca pressionada com força. Em seguida, relaxou um pouco.

— Jogo honesto? — ela perguntou, e um pequeno brilho surgiu em seus olhos. — E qual é a aposta? — Jogo honesto — ele assegurou-lhe. — Se eu ganhar, minha mulher trata todas vocês.

— E se perder? — Um barril do meu melhor uísque.

Ela hesitou mais alguns instantes, examinando-o atentamente, avaliando suas chances. Ainda havia um pouco de alcatrão em seus cabelos e penas em seu casaco, mas seus olhos eram de um azul límpido e sem malícia.

Ela suspirou e estendeu a mão.

— Feito — ela disse.

— Você trapaceou? — perguntei, agarrando seu braço para não tropeçar. Já escurecera havia muito tempo e as ruas de Cross Creek não eram iluminadas, salvo pelas estrelas.

— Não foi preciso — ele disse e bocejou amplamente. — Ela pode ser uma boa meretriz, mas não tem talento para cartas. Ela deveria ter escolhido loo; este é na maior parte uma questão de sorte, enquanto brag requer habilidade. Mas também é mais fácil trapacear no loo — acrescentou, pestanejando.

— O que exatamente constitui uma boa prostituta? — perguntei, curiosa. Eu nunca havia considerado a questão das qualificações concernentes a essa profissão, mas imaginava que necessariamente haveria algumas, além da posse da anatomia requerida e a disposição de torná-la disponível.

Ele riu, mas coçou a cabeça, considerando.

— Bem, ajuda se ela gostar genuinamente de homens, mas não os levar muito a sério. E se ela gostar de ir para a cama, isso também é bom.

Ai! — Eu pisara em uma pedra e apertara a mão em seu braço, bem no local em que a pele fora queimada pelo alcatrão horas antes.

— Oh, desculpe. É grave? Tenho um pouco de bálsamo que posso passar, quando chegarmos à hospedaria.

— Oh, não. Apenas bolhas; pode esperar. — Passou a mão delicadamente pelo braço, mas desconsiderou o desconforto e, tomando-me pelo cotovelo, conduziu-me pela esquina, na direção da rua principal. Já havíamos decidido que, como poderia ficar tarde, dormiríamos na King's Inn, de McLanahan, em vez de fazer o longo trajeto de volta a River Run.

O cheiro de alcatrão quente ainda impregnava esta parte da cidade e a brisa da noite fazia as penas girarem em pequenos rodamosinhos nos cantos da rua; de vez em quando, uma penugem flutuava pela minha orelha como uma mariposa em câmara lenta.

— Será que ainda estão arrancando as penas de Neil Forbes?  
— Jamie disse, com humor na voz.

— Talvez sua mulher simplesmente coloque uma fronha nele e o use como travesseiro — sugeri. — Não, espere, ele não tem mulher. Terão que...

— Chamá-lo de galo e colocá-lo no quintal para cuidar das galinhas — Jamie sugeriu, rindo. — Ele sabe cantar de galo, mas não vai dar conta das galinhas.

Ele não estava bêbado — havíamos bebido um café fraco com a sra. Sylvie depois das injeções —, mas estava desesperadamente cansado; nós dois estávamos, e no estado de exaustão em que a piada mais tola parece extremamente engraçada. Assim, prosseguimos, cambaleando, dando encontrões um no outro e rindo de piadas cada vez mais tolas até nossos olhos começarem a lacrimejar.

— O que é isso? — Jamie disse repentinamente, inspirando fundo, alarmado. — O que está pegando fogo? Algo muito grande; havia um clarão no céu, visível acima dos telhados das casas próximas, e o cheiro forte de madeira queimada repentinamente dominou o cheiro mais penetrante de alcatrão. Jamie correu para a esquina da rua, comigo nos calcanhares.

Era a gráfica do sr. Simms; completamente em chamas.

Evidentemente, seus inimigos políticos, privados de sua presa, haviam decidido dar vazão à sua animosidade nas instalações de sua gráfica.

Um grupo de homens corria de um lado para o outro na rua, como no começo do dia. Igualmente, havia gritos de "tory!" e alguns brandiam tochas. Mais homens corriam pela rua, na direção da cena do incêndio, gritando. Ouvi um berro de "Malditos whigs!" e, então, os dois grupos colidiram em um tumulto de socos e empurrões.

Jamie agarrou meu braço e me arrastou de volta pelo caminho de onde viéramos, dobrando a esquina e ficando fora das vistas da turba. Meu coração batia com força e eu estava sem fôlego; entramos embaixo de uma árvore e ficamos ali, ofegando.

— Bem — eu disse, após um curto silêncio, repleto dos gritos da baderna acho que Fergus vai ter que encontrar outra ocupação. Sei de uma loja de boticário à venda a baixo custo.

Jamie emitiu um ruído baixo, não propriamente uma risada.

— Era melhor ele entrar em sociedade com a sra. Sylvie — disse. — É o tipo de negócio que não está sujeito a política. Vamos, Sassenach, vamos dar a volta pelo caminho mais longo.

Quando finalmente chegamos à estalagem, encontramos o Jovem Ian andando nervosamente na varanda, esperando por nós.

— Onde em nome de santa Brígida vocês estavam? — perguntou severamente, de uma maneira que me fez lembrar repentinamente de sua mãe. — Esquadrinhamos a cidade inteira atrás de vocês, tio Jamie, e Fergus tinha certeza de que haviam sido apanhados na confusão e feridos ou mortos. — Fez um sinal com a cabeça indicando a gráfica; as chamas começavam a definhar, embora ainda houvesse bastante luz do incêndio para ver seu rosto, com uma expressão carrancuda de desagrado.

— Andamos fazendo boas ações — Jamie assegurou-lhe, piamente.

— Visitando os doentes, de acordo com os comandos de Cristo.

— Ah, é? — Ian respondeu, com considerável cinismo. — Ele também disse que deveriam visitar os que estão na prisão. Pena que não tenham começado por lá.

— O quê? Por quê? — Seu malandro Donner fugiu, por isso — Ian informou-o, parecendo extrair um prazer satânico em dar a má notícia. — Durante o tumulto desta tarde. O carcereiro veio se juntar à farra e deixou a porta só no ferrolho; o desgraçado simplesmente saiu andando.

Jamie inspirou fundo, depois soltou o ar devagar, tossindo levemente por causa da fumaça.

— Sim, bem — ele disse. — Então, estamos com uma baixa de uma gráfica e um ladrão, mas com o crédito de quatro prostitutas. Acha que foi uma troca justa, Sassenach? — Prostitutas? — Ian exclamou, perplexo. — Que prostitutas? — Da sra. Sylvie — eu disse, espreitando-o. Ele pareceu evasivo, embora talvez fosse apenas a luz. — Ian! Você não fez isso! — Bem, é claro que fez, Sassenach — Jamie disse, resignado. — Olhe para ele. — Um ar de culpa espalhava-se pelas feições de Ian como um vazamento de óleo na água, fácil de detectar, mesmo à luz bruxuleante e avermelhada do incêndio agonizante.

— Eu descobri o paradeiro de Manfred — Ian disse apressadamente.

— Ele desceu o rio, pretendendo embarcar em um navio em Wilmington.

— Sim, nós também descobrimos isso — eu disse, um pouco irritada.

— Quem foi? A sra. Sylvie ou uma das meninas? O grande pomo de adão de Ian subiu e desceu nervosamente.

— A sra. Sylvie — ele disse em voz baixa.



— Certo — eu disse. — Felizmente, eu ainda tenho um pouco de penicilina... e uma boa seringa rombuda. Para dentro, Ian, seu desgraçado, e vá arriando as calças.

A sra. McLanahan, surgindo na varanda para perguntar se queríamos fazer uma pequena ceia, ouviu o que eu disse e lançou-me um olhar de surpresa, mas eu já não estava me importando nem um pouco.

Algum tempo mais tarde, deitamo-nos finalmente no paraíso de uma cama limpa, a salvo dos tumultos e reviravoltas do dia. Eu deixara a janela aberta e uma leve brisa agitava o ar quente e denso. Pequenas partículas leves e cinzentas entraram com a brisa, penugens ou fragmentos do incêndio, espiralando como flocos de neve para o chão.

O braço de Jamie me envolvia e eu pude sentir as formas macias e azuladas das bolhas que cobriam a maior parte de seu antebraço. O ar estava ácido por causa do incêndio, mas o cheiro de alcatrão continuava subjacente, como uma permanente ameaça. Os homens que haviam incendiado a gráfica de Simms — e chegado tão perto de queimar o próprio Simms, e provavelmente Jamie também — eram rebeldes em formação, homens que seriam chamados de patriotas.

— Posso ouvir você pensando, Sassenach — ele disse. Sua voz era tranquila, à beira do sono. — O que é? — Estava pensando em alcatrão e penas — eu disse, brandamente, e toquei seu braço muito delicadamente. — Jamie... chegou a hora.

— Eu sei — ele respondeu, igualmente de forma branda.

Alguns homens passaram pela rua embaixo, cantando embriagados e segurando tochas; a luz bruxuleante iluminou o teto e desapareceu. Pude sentir Jamie observando-a, ouvindo as vozes alteradas conforme desapareciam pela rua, mas não disse nada e, após algum tempo, o enorme corpo que me embalava começou a relaxar, mergulhando novamente na direção do sono.

— Em que está pensando? — sussurrei, sem saber se ele ainda podia me ouvir. Podia.

— Eu estava pensando que você daria uma ótima prostituta, Sassenach, se fosse promíscua — ele respondeu sonolentemente.

— O quê? — eu disse, perplexa.

— Mas fico feliz que não seja — acrescentou e começou a roncar.



## A VOLTA DO MINISTRO

*4 de setembro de 1874*

Roger passou ao largo de Coopersville em sua volta para casa. Não que temesse a ira de Ute McGillivray, mas não queria estragar a felicidade da volta com frieza nem confrontos. Em vez disso, tomou um longo desvio, pegando a vereda sinuosa que gradualmente subia a encosta íngreme na direção de Ridge, abrindo caminho onde a floresta tomara a trilha de volta e vadeando pequenos rios.

Sua mula saiu espadanando água do último desses riachos na base da trilha, sacudindo-se e lançando gotículas de água de sua barriga. Parando para limpar o suor do rosto, ele avistou um movimento em uma pedra grande junto à margem. Aidan, pescando, fingindo que não o vira.

Roger conduziu Clarence ao longo da margem e ficou observando por um instante, sem dizer nada. Então, perguntou: — Estão mordendo bem a isca? — É só ter paciência — Aidan respondeu, estreitando os olhos para a sua linha. Então, ergueu os olhos, um enorme sorriso cortando o rosto de orelha a orelha, e largando a vara levantando-se num salto, estendendo as duas mãos, para que Roger pudesse agarrar os pulsos finos e puxá-lo para cima, para a sela à sua frente.

— Você voltou! — ele exclamou, atirando os braços ao redor do pescoço de Roger e enterrando o rosto com grande felicidade no seu peito.

— Eu estava esperando por você. Então, agora você é um ministro de verdade? — Quase. Como você sabia que eu viria hoje? Aidan deu de ombros.

— Tenho esperado quase toda semana, sabe? — Ergueu os olhos para o rosto de Roger, os olhos arregalados e inquiridores. — Você não parece nada diferente.

— Não estou — Roger garantiu-lhe, sorrindo. — Como vai a barriga? — Ótima. Quer ver minha cicatriz? — Inclinou-se para trás, levantando a bainha da camisa esfarrapada para exibir um vergão perfeito e vermelho de uns dez centímetros na pele clara.

— Muito bem — Roger disse com aprovação. — Está cuidando bem de sua mãe e da pequena Orrie agora que está curado, não é? — Oh, sim. — Aidan estufou o peito franzino. — Levei para casa seis trutas para o jantar ontem à noite, e a maior era do tamanho do meu braço! — Esticou o braço à guisa de ilustração.

— Ah, não me diga! — É verdade! — Aidan afirmou, indignado, depois viu que Roger estava caçoando dele e riu.

Clarence estava ficando inquieta, querendo chegar a casa, e girava em pequenos círculos, batendo as patas e contorcendo-se nas rédeas.

— É melhor eu ir andando. Quer ir comigo? Aidan pareceu tentado, mas sacudiu a cabeça.

— Não. Prometi à sra. Ogilvie que iria contar a ela assim que você chegasse.

Roger ficou surpreso.

— Oh, é mesmo? E por quê? — Ela teve bebê na semana passada e quer que você o batize.

— Oh? — Seu coração animou-se um pouco com isso e a bolha de felicidade que ele carregava dentro de si pareceu se

expandir um pouco.

Seu primeiro batizado! Ou melhor — seu primeiro batizado oficial, ele pensou, com uma pequena pontada de dor à lembrança da pequenina O'Brien que ele enterrara sem nome. Ele somente poderia realizar o batizado após sua ordenação, mas era algo que aguardaria ansiosamente.

— Diga-lhe que terei prazer em batizar a criança — afirmou, colocando Aidan no chão. — E para mandar me dizer quando. E não se esqueça dos seus peixinhos! — gritou.

Aidan agarrou a vara de pescar e a fieira de peixes prateados — nenhum deles maior do que um palmo e mergulhou na floresta, deixando Roger virando a cabeça de Clarence na direção de casa.

Ele sentiu cheiro de fumaça a uma boa distância da trilha. Mais forte do que fumaça de chaminé. Com as conversas que ouvira no caminho, relativas aos acontecimentos recentes em Cross Creek, não pôde deixar de sentir uma pequena inquietação e acelerou o passo de Clarence cutucando-a com os calcanhares. Clarence, sentindo a proximidade da casa apesar da fumaça, aceitou o lembrete com alegria e trotou animadamente pela encosta acima.

O cheiro de fumaça ficava cada vez mais forte, misturado a um estranho tipo de odor mofado que lhe parecia vagamente familiar. Um nevoeiro erguia-se do meio das árvores e, quando saíram do mato para a clareira, ele já estava quase em pé nos estribos de tanto desassossego.

A cabana estava de pé, sólida e envelhecida, e o alívio o fez cair sentado de volta na sela com tal força que fez Clarence grunhir em protesto. A fumaça, entretanto, erguia-se ao redor da casa em grossos rolos, e a figura de Brianna, enfaixada como uma muçulmana com um cachecol em volta da cabeça e do rosto, era vagamente visível em meio à fumaceira. Ele desmontou. inspirou fundo para chamá-la e imediatamente sofreu um acesso de tosse. O maldito forno de marmota estava aberto, lançando fumaça como a

chaminé do inferno, e agora ele reconhecia o cheiro mofado — terra tostada.

— Roger! Roger! — Ela o vira e vinha correndo, as saias e as pontas do cachecol esvoaçando, soltando uma pilha de turfa cortada como uma cabra montanhesa para atirar-se em seus braços.

Ele agarrou-a e não a largou mais, pensando que nada na vida jamais tivera uma sensação melhor do que o peso dela contra ele e o gosto de sua boca, apesar do fato de que ela obviamente comera cebolas no almoço.

Ela saiu radiante e com os olhos lacrimejando do abraço, o tempo suficiente para dizer "Eu te amo!" e depois segurar seu rosto e beijá-lo outra vez.

— Senti sua falta. Quando foi a última vez que fez a barba? Eu te amo.

— Há quatro dias, quando saí de Charlotte. Eu também te amo. Está tudo bem? — Claro. Bem, na verdade, não. Jemmy caiu de uma árvore e quebrou um dente, mas era um dente de leite e mamãe disse que acha que isso não afetará o dente definitivo que já está despontando. E Ian se expôs à sífilis, talvez, e nós todos estamos decepcionados com ele, e papai quase foi coberto de alcatrão e penas em Cross Creek, e nós conhecemos Flora MacDonald e mamãe enfiou uma agulha no olho de tia Jocasta e...

— Cruzes! — Roger disse com instintiva repugnância. — Por quê? — Para que não explodisse. E eu recebi seis libras de pagamento por encomendas de pinturas! — ela concluiu triunfalmente. — Comprei arame fino e seda para fazer "vitrais" de papel e lã suficiente para uma capa de inverno para você. É verde. A maior notícia, entretanto, é que encontramos outro... bem, vou lhe contar sobre isso mais tarde; é complicado. Como foi lá com os presbiterianos? Tudo bem? Você já é ministro? Ele sacudiu a cabeça, tentando decidir a que parte dessa torrente deveria

responder primeiro e acabou escolhendo a última, apenas porque era a que conseguia se lembrar.

— Mais ou menos. Andou tomando aulas de incoerência com a sra. Bug? — Como é que você pode ser mais ou menos ministro? Espere, conte-me em um minuto, tenho que abrir mais o forno.

Com isso, ela já estava correndo de volta pela terra revirada em direção à boca aberta do forno. A chaminé alta de tijolos erguia-se de uma das extremidades, parecendo uma lápide. As turfas chamuscadas que o cobriram quando estava em funcionamento espalhavam-se ao redor e a impressão geral era a de uma sepultura enorme e fumegante da qual algo grande, quente e sem dúvida demoníaco acabara de se levantar. Se fosse católico, ele teria se benzido.

Em vez disso, avançou cautelosamente na direção da borda, onde Brianna estava ajoelhada, estendendo sua pá para remover outra camada de turfas da estrutura de varetas de salgueiro que se arqueava sobre o buraco do forno.

Olhando para baixo através de um nevoeiro turvo de fumaça, ele podia ver objetos de formas irregulares nas prateleiras de terra que forravam o buraco. Alguns ele podia divisar como sendo tigelas e travessas. A maioria, entretanto, era de objetos vagamente tubulares, de sessenta a noventa centímetros, estreitados e arredondados em uma das extremidades, a outra ligeiramente alargada. Eram de uma cor rosada, escura, listrada e enegrecida da fumaça, e não pareciam mais do que uma coleção de falos gigantes e torrados, uma ideia que ele achou tão perturbadora quanto a história do globo ocular de Jocasta.

— Canos — Brianna disse orgulhosamente, apontando a pá para um desses objetos. — Para água. Olhe, são perfeitos! Ou serão, se não racharem enquanto esfriam.

— Formidável — Roger disse, com uma demonstração razoável de entusiasmo. — Ei, trouxe um presente para você. — Enfiando a mão no bolso lateral de seu casaco, retirou uma laranja, que ela agarrou com um grito de prazer, embora parasse um instante antes de enfiar o polegar na casca.

— Não, coma-a você; tenho outra para Jem — ele tranquilizou-a.

— Eu te amo — ela disse outra vez, fervorosamente, o suco escorrendo pelo queixo. — E os presbiterianos? O que disseram? — Oh. Bem, basicamente, está tudo bem. Eu tenho nível universitário e sei o suficiente de grego e latim para impressioná-los. O hebraico deixou a desejar, mas se eu melhorá-lo nesse meio-tempo... O reverendo Caldwell me deu um livro. — Abriu um lado do casaco.

— Sim, posso até ver você pregando em hebraico para os Crombie e Buchanan — ela disse rindo. — E então? O que mais? Havia um pedacinho de polpa de laranja em seu lábio e, num impulso, ele inclinou-se e tirou-o com um beijo, a minúscula explosão de suco ao mesmo tempo azedo e doce em sua língua.

— Bem, eles me perguntaram sobre a doutrina e minha compreensão, e conversamos muito; rezamos juntos pedindo discernimento. — Sentia-se um pouco acanhado em conversar com ela sobre isso. Fora uma experiência extraordinária, como retornar a uma casa da qual ele não sabia que sentia tanta falta. Confessar sua vocação fora uma alegria; fazê-lo entre pessoas que compreendiam e compartilhavam o mesmo sentimento...

— Assim, sou provisoriamente um ministro da Palavra — ele disse, olhando para as pontas de suas botas. — Terei que ser ordenado antes de poder administrar sacramentos como casamento e batismo, mas isso terá que esperar até haver uma reunião do Conselho Presbiterial em algum lugar. Enquanto isso, posso pregar, ensinar e sepultar.



Ela olhava para ele, sorrindo, mas um pouco melancolicamente.

— Você está feliz? — ela disse, e ele assentiu, incapaz de falar no momento.

— Muito feliz — disse finalmente, a voz quase inaudível.

— Ótimo — ela disse brandamente, e sorriu de uma maneira um pouco mais genuína. — Compreendo. Então, agora, você está mais ou menos comprometido com Deus, não é? Ele riu e sentiu sua garganta relaxar. Santo Deus, ele teria que fazer alguma coisa a respeito de sua garganta; não podia pregar bêbado todo domingo. Por falar em causar escândalo entre os fiéis...

— Sim, é isso. Mas sou casado com você, não vou me esquecer disso.

— Não esqueça mesmo. — Seu sorriso agora era caloroso. — Já que somos casados... — Ela lhe deu um olhar direto, que o percorreu como um pequeno choque elétrico. — Jem está na casa de Marsali, brincando com Germain. E eu nunca fiz amor com um ministro antes. Parece um pouco depravado, não acha? Ele respirou fundo, mas não ajudou; ainda se sentia zozzo, sem dúvida por causa da fumaça.

— Eis que és formosa, ó amada minha, e também amável — ele disse —, e nosso leito é verde. Os contornos de tuas coxas são como joias, trabalhadas por mãos de artista. O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como um monte de trigo, cercado de lírios. — Ele estendeu a mão e tocou-a, delicadamente. — Os teus dois seios são como dois filhos gêmeos da gazela, que se apascentam entre os lírios.

— São? — Está na Bíblia — ele afirmou, seriamente. — Então devem ser, não? — Fale-me mais do meu umbigo — ela disse, mas antes que ele pudesse fazê-lo viu uma pequena figura sair correndo do meio das árvores e correr para eles. Aidan, agora sem peixes e arquejando.

— A sra. Ogil... vie... ela disse... para vir agora! — conseguiu expelir.

Arfou um pouco, recuperando o fôlego para o resto do recado. — O bebê... está mal, e querem que seja batizado, no caso de morrer.

Roger botou a mão no outro lado do casaco; o Livro de Culto Comum que lhe deram em Charlotte era um peso pequeno e tranquilizador em seu bolso.

— Você pode? — Brianna olhava para ele preocupada. — Os católicos podem, quero dizer, uma pessoa laica pode batizar alguém se for uma emergência.

— Sim, neste caso... sim — ele disse, mais ofegante do que há um minuto antes. Ele olhou para Brianna, suja de fuligem e terra, suas roupas cheirando a fumaça e barro cozido, em vez de mirra e aloé.

— Quer vir? — Desejava ardentemente que ela dissesse sim.

— Não perderia isso por nada deste mundo — ela declarou, e retirando o cachecol imundo, sacudiu os cabelos, brilhantes como estandartes ao vento.

Era o primeiro filho dos Ogilvie, uma menina minúscula que Brianna — com uma longa experiência da maternidade — diagnosticou como padecendo de uma forte cólica, mas basicamente saudável. Os pais assustadoramente jovens — ambos pareciam não ter mais de quinze anos — ficaram pateticamente agradecidos por tudo: os conselhos e as palavras tranquilizadoras de Brianna, sua oferta de que Claire lhes fizesse uma visita (pois estavam amedrontados demais para pensar em abordar a mulher do senhor das terras, sem falar nas histórias que tinham ouvido a seu respeito) com remédios e comida, e principalmente a presença de Roger para batizar o bebê.

O fato de um verdadeiro ministro — pois não podiam se convencer de que assim não fosse — aparecer naquelas paragens

ermas e concordar em ir até lá conferir a bênção de Deus a seu bebê deixava-os jubilosos com sua boa sorte.

Roger e Brianna demoraram-se algum tempo e partiram quando o sol já descia no horizonte, radiantes com o prazer levemente envergonhado de fazer o bem.

— Coitados — Brianna disse, a voz trêmula de compaixão e, ao mesmo tempo, de humor.

— Coitadinhos — Roger concordou, compartilhando os sentimentos de Brianna. O batizado transcorrera maravilhosamente; mesmo o bebê roxo de berrar suspendera as operações o tempo suficiente para ele despejar a água em sua cabecinha lisa e invocar a proteção de Deus para sua alma. Ele sentiu uma grande alegria no ato e uma imensa humildade por ter tido a possibilidade de realizar a cerimônia. Havia apenas uma coisa, e seus sentimentos ainda eram confusos, um misto de orgulho constrangido e profunda ansiedade.

— Seu nome — Brianna disse, e parou, sacudindo a cabeça.

— Eu tentei impedi-los — ele disse, procurando controlar a voz. — Eu realmente tentei, você é testemunha. Elizabeth, eu disse. Mairi.

Elsbeth, talvez. Você me ouviu! — Ora, vamos — ela disse, e sua voz estremeceu. — Acho Rogerina um nome perfeitamente bonito. — Então, ela perdeu o controle, sentou-se na grama e desatou a rir como uma hiena.

— Oh, meu Deus, a pobrezinha — ele disse, tentando, e não conseguindo, não rir de si mesmo. — Já ouvi falar de Thomasina, e até mesmo Jamesina, mas... oh, meu Deus.

— Talvez a chamem de Ina para facilitar — Brianna sugeriu, fungando e limpando o rosto no avental. — Ou podem soletrar de trás pra frente, Aniregor, e chamá-la de Annie.

— Oh, você é realmente um grande consolo — Roger disse secamente, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

Ela apoiou-se nele e passou os braços ao seu redor, ainda vibrando com o riso. Ela cheirava a laranja e a queimado, e a luz do sol poente ondulava em seus cabelos.

Finalmente, ela parou e levantou a cabeça de seu ombro.

— Eu sou do meu amado e meu amado é meu — ela disse, e beijou-o.

— Você fez bem, reverendo. Vamos para casa.

# PARTE OITO



*A VOCAÇÃO*

*AMAI-VOS UNS AOS OUTROS*

Roger respirou o mais fundo possível e gritou o mais alto o que pôde — que não era insuportavelmente alto. Outra vez. E outra vez.

Doía. Estava piorando também; o som débil, engasgado, fazia-o querer calar-se e nunca mais abrir a boca. Respirou, fechou os olhos e gritou com todas as forças, ou tentou.

Uma dor lancinante dardejou pelo lado direito de sua garganta e ele parou abruptamente, arquejando. Tudo bem. Respirou cuidadosamente por um instante, engolindo, depois repetiu o grito.

Meu Deus, como doía.

Passou a manga da camisa pelos olhos lacrimejantes e preparou-se para nova tentativa. Ao inflar o peito, os punhos cerrados, ouviu vozes e soltou a respiração.

As vozes chamavam umas às outras, não muito longe dali, mas o vento estava em sentido contrário e ele não conseguia distinguir as palavras. Entretanto, deviam ser caçadores. Era um belo dia de outono, o céu parecia um líquido azul translúcido e a floresta agitava-se com manchas de sombra e luz.

As folhas mal haviam iniciado a mudança de cor, mas algumas já caíam, um estremezimento constante, silencioso, no canto da visão.

Qualquer movimento poderia parecer de uma caça naquela vizinhança, ele sabia disso muito bem. Encheu os pulmões para gritar, hesitou e praguejou baixinho. Ótimo. Preferia ser abatido com um tiro por ser confundido com um cervo do que se envergonhar gritando.

— Idiota — disse para si mesmo, inspirou e gritou a plenos pulmões, com sua voz esganiçada e sem volume como era: — Olaaaaá! Outra vez. Outra vez. E outra vez. Na quinta vez, ele estava começando a achar que era melhor levar um tiro do que continuar tentando se fazer ouvir, mas finalmente um débil "Olaaaaá!" flutuou pelo ar leve e revigorante até ele.

Ele parou, aliviado, e tossiu, surpreso de não estar cuspido sangue; sua garganta parecia em carne viva. Mas, em seguida, ensaiou um rápido cantarolar, cautelosamente, um arpeggio ascendente. Uma oitava. Por pouco, e foi um esforço que lançou uma dor lancinante pela laringe — mas uma oitava completa. A primeira vez que conseguia tal alcance de tom desde o ferimento de sua garganta.

Encorajado por tal evidência de progresso, cumprimentou os caçadores alegremente quando surgiram: Allan Christie e Ian Murray, ambos com longos rifles nas mãos.

— Pastor MacKenzie! — Allan cumprimentou-o, rindo, como uma coruja estranhamente amistosa. — O que está fazendo aqui sozinho? Ensaiando o sermão? — Na verdade, sim — Roger disse amavelmente. Era verdade, de certo modo — e não havia nenhuma outra boa explicação para o que ele estava fazendo na floresta sozinho, sem armas, armadilhas ou vara de pescar.

— Bem, é melhor que seja bom mesmo — Allan disse, balançando a cabeça. — Papai está fazendo Malva trabalhar duro de manhã à noite, limpando e esfregando.

— É mesmo? Bem, por favor, diga-lhe que eu agradeço muito, sim? — Depois de refletir bastante, ele perguntou a Thomas

Christie se os cultos de domingo podiam ser realizados na casa do diretor da escola. Não passava de uma cabana rústica, como quase todas em Ridge, mas como as aulas eram dadas ali, a sala principal era um pouco mais cômoda do que a média. E apesar de Jamie Fraser sem dúvida ter permitido o uso da casa grande, Roger sentia que sua congregação — que palavra intimidante — se sentiria pouco à vontade de realizar seus cultos na casa de um papista, por mais tolerante e condescendente que esse papista fosse.

— Você vem, não é? — Allan perguntou a Ian. Ian pareceu surpreso com o convite e esfregou o nó do dedo sob o nariz, hesitante.

— Oh, bem, mas eu fui batizado na Igreja Católica, hein? — Bem, você ao menos é cristão? — Allan disse com certa impaciência. — Ou não? Algumas pessoas dizem que você virou pagão, com os índios, e não voltou a ser cristão.

— É mesmo? — Ian falou brandamente, mas Roger viu seu rosto endurecer-se um pouco. No entanto, Roger notou com interesse que Ian não respondeu a pergunta, mas ele mesmo fez outra. — Sua mulher virá ouvi-lo, primo? — Sim, virá — ele disse, cruzando os dedos mentalmente —, e Jem também.

Que tal?, Bri lhe perguntara, fixando nele um olhar extasiado, o queixo ligeiramente levantado, os lábios apenas um pouco separados. — Jackie Kennedy. Está bom, não acha? Ou devotara rainha Elizabeth passando as tropas em revista? Ela comprimiu os lábios, puxou o queixo levemente para dentro e seu rosto alterou-se de atenção extasiada à majestosa aprovação.

Oh, sra. Kennedy, sem dúvida, ele lhe assegurara. Ele ficaria satisfeito se ela mantivesse uma expressão séria, sem precisar de expressões alheias.

— Sim, bem, então eu irei. Se você acha que ninguém vai entender mal — Ian acrescentou formalmente para Allan, que descartou a ideia com um amistoso gesto da mão.



— Oh, todo mundo estará lá — ele repetiu. A ideia fez o estômago de Roger contrair-se ligeiramente.

— Estão caçando cervos? — ele perguntou, com um sinal da cabeça para os rifles, na esperança de mudar a conversa para algo diferente de sua iminente estreia como pastor.

— Sim — Allan respondeu —, mas depois ouvimos o berro de uma onça-parda aqui para este lado. — Balançou a cabeça, indicando a floresta ao redor deles. — Ian disse que, se houver uma onça-parda por perto, os cervos já terão ido embora há muito tempo.

Roger lançou um olhar desconfiado a Ian, cuja expressão artificialmente impassível lhe dizia mais do que gostaria de saber. Allan Christie, nascido e criado em Edimburgo, poderia não distinguir o rugido de uma pantera do berro de um homem, mas Ian certamente distinguiria.

— Que pena se ela afugentou a caça — ele disse, erguendo uma sobrancelha para Ian. — Vamos, então. Vou voltar com vocês.

Ele escolhera "Ama o próximo como a ti mesmo" para seu primeiro sermão. Muito usado, mas bom, como ele dissera a Brianna, fazendo-a sibilar um pouco em desaprovação. E tendo ouvido ao menos umas cem variações sobre esse tema, tinha quase certeza de ter material suficiente para continuar pelos trinta ou quarenta minutos necessários.

Um culto padrão na igreja era muito mais longo — várias leituras de salmos, discussão da lição do dia, orações em favor dos membros da congregação — mas sua voz ainda não suportaria. Ele teria que providenciar o culto completo, que podia facilmente durar três horas.

Combinara com Tom Christie, que era mais velho, para que ele fizesse as leituras e primeiras orações, para começar. Então, veriam como os trabalhos se desenvolveriam.

Brianna estava discretamente sentada em um dos lados da sala agora, observando-o — não como Jackie Kennedy, graças a Deus, mas com um sorriso encoberto que animava seus olhos sempre que seus olhares se cruzavam.

Ele levava anotações para o caso de sua inspiração falhar ou secar, mas verificou que não precisava delas. Teve um momento de falta de ar quando Tom Christie, que leu a lição, fechou a Bíblia com força e olhou significativamente para ele, mas, uma vez começado, sentiu-se perfeitamente à vontade; era bem parecido com dar aulas na universidade, embora Deus soubesse que a congregação era muito mais atenta do que seus alunos geralmente o eram. Não interrompiam com perguntas, nem o questionavam — pelo menos, não enquanto ele estava falando.

Nos primeiros instantes, tinha plena consciência do ambiente à sua volta: o leve cheiro de corpos e de cebolas fritas da noite anterior pairando no ar abafado, as tábuas desgastadas do assoalho, esfregadas e cheirando a desinfetante, e a proximidade das pessoas, lado a lado nos bancos, mas em tal número que também se comprimiam em pé em qualquer espaço disponível. Poucos minutos depois, entretanto, ele perdeu a noção de qualquer coisa além dos rostos à sua frente.

Allan Christie não exagerara; todos compareceram. O lugar estava quase tão abarrotado quanto em sua última aparição pública, presidindo a ressurreição prematura da velha sra. Wilson.

Perguntava-se quanto dessa ocasião tinha a ver com sua atual popularidade. Algumas pessoas o observavam veladamente, com um leve ar de expectativa, como se ele fosse transformar água em vinho outra vez, mas de um modo geral pareciam satisfeitos com a pregação. Sua voz era rouca, porém suficientemente alta, graças a Deus.

Ele acreditava no que estava dizendo; depois do primeiro instante, viu-se falando com mais facilidade e, sem a necessidade

de se concentrar em seu discurso, pôde olhar de um para outro, dando a impressão de estar se dirigindo a cada um pessoalmente — ao mesmo tempo que fazia breves anotações no fundo da mente.

Marsali e Fergus não compareceram — nenhuma surpresa nisso — mas Germain estava presente; estava sentado com Jem e Aidan McCallum ao lado de Brianna. Todos os três meninos haviam se cutucado empolgadamente e apontado para ele quando começou a falar, mas Brianna cortou a empolgação deles com uma ameaça velada e enérgica o suficiente para sossegá-los no banco. A mãe de Aidan estava sentada do outro lado do filho, olhando para Roger com uma espécie de franca adoração que o deixava constrangido.

Os Christie ocupavam o lugar de honra no centro do primeiro banco: Malva Christie, recatada, com uma touca de renda, seu irmão protetoramente sentado de um lado, seu pai do outro, aparentemente alheio aos olhares ocasionais lançados na direção de sua filha por alguns dos rapazes.

Um pouco para surpresa de Roger, Jamie e Claire também haviam comparecido, embora permanecessem de pé no fundo da sala. Seu sogro estava calmamente impassível, mas o rosto de Claire era um livro aberto; ela sem dúvida achava os procedimentos divertidos.

— ...e se verdadeiramente considerarmos o amor de Cristo...  
— Foi o instinto, aguçado por inúmeras palestras, que o fez perceber que havia alguma coisa errada. Havia uma leve perturbação no canto mais distante, onde vários garotos adolescentes haviam se reunido. Alguns dos numerosos rapazes McAfee e Jacky Lachlan, um notório garoto endiabrado.

Não mais do que uma cutucada, um brilho de relance em um olho, uma leve sensação de agitação. Mas ele percebeu e ficou lançando olhares severos para aquele canto, na esperança de mantê-los quietos. E, assim, ele estava justamente olhando quando a serpente se arrastou entre os sapatos da sra. Crombie. Era uma

cobra real bastante grande, vivamente listrada de vermelho, amarelo e preto, e parecia razoavelmente calma.

— Agora, vocês podem se perguntar "Quem é meu próximo?" E é uma boa pergunta, quando se vem viver em um lugar onde metade das pessoas é de estranhos, e muitos deles mais do que um pouco estranhos também.

Um burburinho de apreciação percorreu a congregação com esse comentário. A cobra explorava os arredores preguiçosamente, a cabeça erguida e a língua agitando-se com interesse enquanto testava o ar. Devia ser uma cobra mansa; não se importava com o aglomerado de pessoas.

O contrário não era verdadeiro; as cobras eram raras na Escócia e a maioria dos imigrantes ficava nervosa com elas. Além da natural associação com o diabo, a maioria das pessoas não sabia, ou não queria, distinguir uma cobra venenosa de outra qualquer, já que a única cobra escocesa, a víbora, era peçonhenta. Teriam verdadeiros ataques, Roger pensou soturnamente, se olhassem para baixo e vissem o que estava deslizando silenciosamente pelas tábuas do assoalho junto aos seus pés.

Uma risadinha estrangulada, rapidamente contida, ergueu-se do canto do grupo culpado, e várias cabeças na congregação se viraram, emitindo um "Shhhh!" em uníssono.

— ...Quando eu tinha fome, deste-me de comer; quando eu tinha sede, deste-me de beber. E quem você conhece aqui que mandaria embora até mesmo... até mesmo um sassenach, digamos, que batesse em sua porta, faminto? Uma pequena onda de risadinhas e olhares ligeiramente escandalizados a Claire, que estava rosada, mas por causa do riso reprimido, ele pensou, não por raiva.

Um rápido olhar para baixo; a cobra, tendo feito uma pausa para descanso, movia-se outra vez, suavemente contornando o final de um banco. Um movimento súbito chamou a atenção de Roger;

Jamie vira a cobra e teve um sobressalto. Agora, permanecia de pé, rigidamente, fitando a cobra como se fosse uma bomba.

Roger orava silenciosamente, enquanto dizia o seu sermão, sugerindo que a providência divina lhe concedesse a graça de enxotar a cobra silenciosamente pela porta aberta nos fundos. Ele intensificou essas preces, ao mesmo tempo discretamente desabotoando seu casaco para ter mais liberdade de ação.

Se a maldita intrusa viesse para a frente da sala em vez de ir para o fundo, ele teria que se lançar em um mergulho e tentar agarrá-la antes que saísse à vista de todos. Isso causaria uma perturbação da ordem, mas não seria nada comparado ao que poderia acontecer se...

— ...vocês terão notado o que Jesus disse, quando falou com a samaritana junto ao poço...

A cobra ainda estava enrolada em volta da perna do banco, tomando uma decisão. Estava a menos de três passos de seu sogro. Jamie a observava como um falcão, e uma visível película de suor aparecera em sua fronte. Roger sabia que seu sogro tinha aversão a cobras — e não era de admirar, já que uma enorme cascavel quase o matara havia três anos.

Agora, a cobra já estava longe demais para Roger alcançá-la; havia três bancos apinhados de gente entre ele e a cobra. Bri, que poderia ter lidado com ela, estava do outro lado da sala. Não tinha jeito, concluiu, com um suspiro interior de resignação. Iria ter que interromper o culto e com uma voz bem calma chamar alguém em quem pudesse confiar — quem? Olhou apressadamente de um lado para o outro e avistou Ian Murray, que estava a uma pequena distância da cobra, graças a Deus, capaz de agarrá-la e levá-la para fora.

Na realidade, já estava abrindo a boca para fazer isso, quando a cobra, entediada com o cenário à vista, deslizou

rapidamente em volta do banco e correu diretamente ao longo da última fileira.

Os olhos de Roger estavam na cobra, de modo que ficou tão surpreso quanto qualquer um — inclusive a cobra, sem dúvida — quando Jamie repentinamente inclinou-se e arrancou-a do chão, enfiando a perplexa serpente embaixo de seu xale.

Jamie era um homem grande e seu movimento fez várias pessoas olharem por cima do ombro para ver o que acontecera. Ele arrastou os pés, tossiu e esforçou-se para parecer extremamente interessado no sermão de Roger. Vendo que não havia nada de extraordinário acontecendo, todos se viraram outra vez, acomodando-se mais confortavelmente.

— ...Agora, nos deparamos com os samaritanos outra vez, não é mesmo?, na história do Bom Samaritano? A maioria de vocês deve conhecê-la, mas para as crianças que talvez ainda não a tenham ouvido...

— Roger sorriu para Jem, Germain e Aidan, que se contorceram como minhocas, dando guinchinhos de êxtase por terem sido distinguidos.

Pelo canto do olho, ele podia ver Jamie, paralisado e branco como sua melhor camisa de linho. Algo se movia embaixo da referida camisa e um rápido vislumbre de escamas brilhantes surgiu em sua mão fechada com força — a cobra evidentemente tentava escapar pelo seu braço acima, sendo impedida de despontar pela gola de sua camisa apenas pela maneira desesperada com que Jamie a agarrava pela cauda.

Jamie suava copiosamente; Roger também. Viu Brianna franzir um pouco a testa.

— ...e assim o samaritano disse ao estalajadeiro para cuidar do pobre homem, tratar seus ferimentos e alimentá-lo, e ele pararia ali para pagar a conta em seu caminho de volta do trabalho. Assim...

Roger viu Claire inclinar-se para mais perto de Jamie, sussurrando alguma coisa. Seu sogro sacudiu a cabeça. Provavelmente, Claire notara a cobra — dificilmente poderia deixar de notar — e insistia com Jamie para sair, levando a cobra para fora, mas Jamie recusava-se nobremente, não querendo perturbar ainda mais o sermão, já que não poderia sair sem deslocar vários outros fiéis que também estavam em pé.

Roger parou para enxugar o rosto com o enorme lenço que Brianna havia providenciado para esse fim e, sob a sua cobertura, viu Claire também enfiar a mão na abertura de sua saia e retirar dali uma grande bolsa de pano.

Ela parecia estar discutindo com Jamie em sussurros; ele sacudia a cabeça, parecendo o espartano com a raposa comendo suas entranhas.

Então, a cabeça da cobra apareceu repentinamente sob o queixo de Jamie, a língua agitando-se vigorosamente, e os olhos de Jamie se esbugalharam. Claire ficou um instante na ponta dos pés, agarrou-a pelo pescoço e, arrancando o réptil perplexo da camisa de seu marido como se fosse um pedaço de corda, enfiou a retorcida serpente de cabeça dentro da bolsa e puxou o cordão com um safanão, fechando-a.

— Deus seja louvado! — Roger deixou escapar, diante do que a congregação obedientemente disse em coro: "Amém!", embora parecendo um pouco espantada com aquela interjeição no meio do discurso.

O homem ao lado de Claire, que havia presenciado essa rápida sequência de acontecimentos, fitava-a com os olhos esbugalhados. Ela enfiou a bolsa — agora se sacudindo com acentuada agitação — de volta para dentro da saia, ajeitou o xale sobre ela e, depois de lançar ao cavalheiro ao seu lado uma espécie de olhar que dizia "O que é que você está olhando, meu caro?", virou-se para frente e adotou um ar de devota concentração.

Roger conseguiu levar o sermão até o fim, tão aliviado por ter a cobra sob custódia que nem o fato de comandar o hino final — um interminável vaivém em que era obrigado a cantar cada verso, depois repetido pela congregação o incomodou muito, embora já estivesse quase sem voz e a que restava rangesse como uma dobradiça enferrujada.

Sua camisa grudava no corpo e o ar fresco do lado de fora era um bálsamo, conforme ele ficava ali apertando mãos, fazendo medidas, aceitando as palavras amáveis de seu rebanho.

— Magnífico sermão, sr. Mackenzie, magnífico sermão! — a sra. Gwilty assegurou-lhe. Ela cutucou o cavalheiro encarquilhado que a acompanhava, que tanto podia ser seu marido ou seu sogro. — Não foi mesmo, sr. Gwilty? — Mmmmhum — disse o cavalheiro encarquilhado prudentemente.

— Nada mau, nada mau. Um pouco curto e você deixou de fora a bela história sobre a meretriz, mas sem dúvida com o tempo você pegará o jeito.

— Sem dúvida — Roger disse, balançando a cabeça e sorrindo, perguntando-se, Que meretriz? — Obrigado pela presença.

— Oh, não o teria perdido por nada deste mundo — a senhora seguinte informou-o. — Embora a cantoria não tenha sido exatamente o que se podia esperar, não é? — Não, receio que não. Talvez na próxima vez...

— Nunca gostei realmente do Salmo 109, é muito sombrio. Talvez na próxima vez você nos dê um dos mais animados, hein? — Sim, espero que...

— PapaiPapaiPapai! — Jem atirou-se como uma bala de canhão entre suas pernas, enlaçando-o afetuosamente pelas coxas e quase o derrubando.

— Você foi ótimo — Brianna disse, parecendo achar graça. — O que estava acontecendo no fundo da sala? Você não parava de



olhar para lá, mas eu não conseguia ver nada e...

— Belo sermão, senhor, belo sermão! — O sr. Ogilvie fez uma mesura para ele, depois se afastou, a mão de sua mulher em seu braço, dizendo a ela: "O pobre rapaz não consegue cantar, mas o sermão não foi nada mau, afinal de contas." Germain e Aidan vieram se juntar a Jemmy, todos tentando abraçá-lo ao mesmo tempo, e ele fez o melhor possível para açambarcar os três, sorrir para todos e balançar a cabeça amavelmente para sugestões de que falasse mais alto, pregasse em gaélico, se abstinésse do latim (que latim?) e de referências papistas, tentasse parecer mais contido, tentasse parecer mais feliz, tentasse não se contorcer e tentasse incluir mais histórias.

Jamie saiu e solenemente apertou sua mão.

— Muito bem — ele disse.

— Obrigado. — Roger esforçou-se para encontrar palavras.  
— Você... bem. Obrigado — repetiu.

— "Ninguém tem amor maior do que este" — Claire citou, sorrindo para ele por trás do cotovelo de Jamie. O vento levantou seu xale e ele pôde ver o lado de sua saia movendo-se estranhamente.

Jamie emitiu um pequeno ruído bem-humorado.

— Mmmhum. Você devia, talvez, passar lá e dar uma palavrinha com Rab McAfee e Isaiah Lachlan. Quem sabe um pequeno sermão sobre o tema "O que não faz uso da vara odeia seu filho, mas o que o ama desde cedo o castiga", hein? — McAfee e Lachlan. Sim, farei isso. — Ou talvez ele apenas pegasse os McAfee e Jacky Lachlan sozinhos e aplicasse o castigo ele mesmo.

Viu a partida dos últimos membros da congregação, despediu-se de Tom Christie e de sua família com agradecimentos e dirigiu-se para casa e para o almoço, sua própria família a reboque. Normalmente, haveria um outro culto à tarde, mas ele ainda não chegara a esse estágio.

A velha sra. Abernathy estava um pouco à frente deles na trilha, amparada por sua amiga, a um pouco menos idosa sra. Coinneach.

— Um belo rapaz — a sra. Abernathy observava, sua voz rouca e falhada flutuando para trás no revigorante ar do outono. — Mas nervoso, oh! Suando em bicas, você viu? — Sim, bem, tímido, imagino — a sra. Coinneach retrucou descontraidamente. — Mas espero que vá se acostumar com o tempo.

Roger ficou deitado na cama, saboreando a sensação remanescente das realizações do dia, o alívio de desastres evitados e a visão de sua mulher, a luz das brasas atravessando o linho fino de sua combinação conforme ela se ajoelhava junto à lareira, enchendo de luz sua pele e as pontas de seus cabelos, de modo que ela parecia iluminada por dentro.

O fogo abafado para passar a noite, ela levantou-se e deu uma olhada em Jemmy, encolhido em sua caminha e parecendo enganadoramente angelical, antes de ir para a cama.

— Você parece pensativo — ela disse, sorrindo enquanto subia para o colchão. — Em que está pensando? — Tentando descobrir o que afinal eu devo ter dito para a sra. MacNeill achar que era latim, quanto mais uma referência católica — ele respondeu, sociavelmente abrindo espaço para ela.

— Você não começou a cantar a "Ave-Maria" nem nada semelhante — ela lhe assegurou. — Eu teria notado.

— Hum — ele disse, e tossiu. — Não mencione a parte cantada, sim? — Vai melhorar — ela disse com firmeza e virou-se, empurrando-se e contorcendo-se, para fazer um ninho para si mesma. O colchão era estofado com lã, muito mais confortável, e muito mais silencioso, do que palha de milho, mas muito propenso a estranhos buracos e bolos.

— Sim, talvez — ele disse, embora pensando: Talvez. Mas nunca será como já foi Mas não adiantava pensar nisso; já se

lamentara tanto quanto achava que devia. Era hora de fazer o melhor possível com o que tinha e seguir em frente.

Finalmente confortável, ela virou-se para ele, suspirando de contentamento conforme seu corpo parecia se desfazer momentaneamente e se remodelar ao redor dele — um de seus muitos pequenos e milagrosos talentos. Ela havia penteado os cabelos em uma grossa trança para dormir e ele passou a mão por todo o seu comprimento, recordando-se da cobra com um breve estremeção. Perguntava-se o que Claire teria feito com ela. Provavelmente a libertara em seu jardim para comer ratos, pragmática como era.

— Descobriu qual foi a história de meretriz que você omitiu? — Brianna murmurou, movendo os lábios contra os dele em um gesto descontraído, mas de modo algum acidental.

— Não. Há um número incrível de meretrizes na Bíblia. — Ele tomou a ponta de sua orelha muito delicadamente entre os dentes e ela prendeu a respiração.

— O que é "meretiz"? — perguntou uma vizinha sonolenta da cama de rodinhas.

— Vá dormir, rapazinho, eu lhe digo de manhã — Roger disse, e deslizou a mão pelo quadril quente, sólido e redondo de Brianna.

Era quase certo que Jemmy estaria adormecido em poucos segundos, mas contentaram-se com pequenos toques secretos sob as cobertas, esperando para ter certeza de que ele estivesse profundamente adormecido. Ele dormia como uma pedra, quando se embrenhava firmemente na terra dos sonhos, porém mais de uma vez despertara do sonolento limiar em momentos muito inoportunos, perturbado pelos ruídos indecorosos de seus pais.

— E como você achou que seria? — ela perguntou, colocando o polegar cuidadosamente em seu mamilo e girando-o.

— O que... oh, o sermão. Bem, fora a cobra...

— Não apenas isso, mas tudo. Você acha... — Seus olhos buscaram os dele e ele tentou manter a mente no que ela estava dizendo, e não no que estava fazendo.

— Ah... — Sua mão fechou-se sobre a dela e ele inspirou fundo. — Sim. Você quer dizer se eu ainda estou convencido, não é? Estou, sim; não teria feito o que fiz se não estivesse.

— Meu pai... papai... sempre disse que era uma bênção ter uma vocação, saber que você estava destinado a ser alguma coisa em particular.

Você acha que sempre teve uma... uma vocação? — Bem, durante certo tempo, eu tive a ideia fixa de que nasci para ser um mergulhador de grandes profundezas marinhas — ele disse. — Não ria; eu levava isso a sério. E você? — Eu? — Ela pareceu surpresa, depois contraiu os lábios, pensando.

— Bem, eu frequentava uma escola católica, de modo que todos nós éramos incentivados a pensar em nos tornarmos padres ou freiras, mas eu tinha certeza de que não possuía vocação religiosa.

— Graças a Deus — ele disse, com tal fervor que ela riu.

— Depois, durante um bom tempo, achei que devia ser historiadora, que queria ser. E era interessante — ela disse devagar. — Eu poderia vir a fazer isso. Mas o que eu realmente queria era construir coisas. Fazer coisas.

— Ela retirou a mão e meneou os dedos, longos e graciosos. — Mas não sei se isso é realmente uma vocação.

— Você não acha que a maternidade é uma espécie de vocação? — Estava pisando em terreno delicado. Ela já estava atrasada em vários dias, mas nenhum dos dois tocara no assunto... ainda.

Ela lançou um olhar de relance por cima do ombro para a caminha de Jem e fez uma careta, cujo significado ele não conseguiu ler.

— Pode-se dizer que algo que é acidental para a maioria das pessoas seja uma vocação? — ela perguntou. — Não estou dizendo que não seja importante, mas não deveria haver alguma escolha envolvida nisso? Escolha. Bem, Jem fora um completo acidente, mas este — se houvesse algum — eles haviam escolhido.

— Não sei. — Alisou a longa corda de sua trança contra sua espinha dorsal e ela pressionou-se mais contra ele, em reflexo. Ele achava que, de algum modo, ela parecia mais madura do que o normal; algo sobre a sensação de seus seios. Mais macios. Maiores.

— Jem está dormindo — ela disse suavemente e ele ouviu a respiração lenta, surpreendentemente profunda, vinda da caminha. Ela recolocou a mão em seu peito, a outra um pouco mais abaixo.

Algum tempo depois, ele próprio flutuando na direção da terra dos sonhos, ouviu-a dizer alguma coisa e tentou despertar o suficiente para lhe perguntar o que era, mas conseguiu apenas um resmungo interrogativo.

— Sempre achei que realmente tenho uma vocação — ela repetiu, olhando para cima, para as sombras das vigas do teto. — Algo que estava destinada a fazer. Mas ainda não sei o que é.

— Bem, você definitivamente não se destinava a ser uma freira — ele disse, sonolento. — Mais do que isso, não sei dizer.

O rosto do homem estava no escuro. Ele viu um olho, um brilho úmido, e seu coração bateu de medo. Os bodhrans soavam.

Havia paus em sua mão, uma baqueta, uma clava — pareciam mudar de tamanho, imensos, no entanto pareciam leves, uma parte de sua mão batia na pele do tambor, batia na cabeça do homem, cujos olhos se voltavam para ele, brilhando de terror.

Havia um animal com ele, algo grande e indistinto, roçando ansiosamente pelas suas coxas para dentro da escuridão, ansiando por sangue, e ele atrás do animal, caçando.

A clava se abateu, e outra vez, para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima e para baixo, com o movimento de seu

pulso, o bodhran vivo e soando em seus ossos, a pancada que estremecia pelo seu braço, um crânio se quebrando para dentro com um som suave e molhado.

Ligados naquele instante, mais ligados do que homem e mulher, os corações um só, terror e sede de sangue, ambos se rendendo àquela pancada suave e molhada e à noite vazia. O corpo caiu e ele o sentiu sair dele, uma perda lacerante, sentiu terra e agulhas de pinheiros ásperas contra sua face quando caiu.

Os olhos brilhavam úmidos e vazios, e o rosto com os lábios flácidos à luz do fogo, ele o conhecia, mas não sabia o nome do morto, e o animal respirava na noite atrás dele, o hálito quente em sua nuca. Tudo ardia em fogo: mato, árvores, céu.

Os bodhrans soavam em seus ossos, mas não conseguia distinguir o que diziam, e ele bateu no chão, o corpo mole e macio, a árvore em chamas com uma fúria que lançava fagulhas, para fazer os tambores deixarem seu sangue, falarem claramente. Então, a baqueta voou, livre, sua mão bateu na árvore e irrompeu em chamas.

Acordou com a mão queimando, arquejante. Levou os nós dos dedos à boca por instinto, sentindo o gosto metálico de sangue. Seu coração martelava a tal ponto que mal conseguia respirar, e ele lutou contra a sensação, tentando acalmar o coração, continuar respirando, dominar o pânico, impedir sua garganta de fechar e estrangulá-lo.

A dor em sua mão ajudava, distraíndo-o da ideia de sufocamento. Ele dera um soco durante o sono e atingira em cheio a parede de toras de madeira da cabana. Santo Deus, parecia que as juntas de seus dedos haviam estourado. Pressionou a base da outra mão contra elas, com força, trincando os dentes.

Virou-se de lado e viu o brilho úmido de olhos na turva claridade da lareira, e teria gritado, se tivesse lhe restado algum fôlego.

— Você está bem, Roger? — Brianna sussurrou, a voz ansiosa. Sua mão tocou o ombro dele, a curva da fronte, rapidamente buscando um ferimento.

— Sim — respondeu, esforçando-se para respirar. — Um... pesadelo.

— Ele não sonhara com sufocamento; sentia um aperto no peito, cada respiração um esforço consciente.

Ela atirou as cobertas para trás e levantou-se com um farfalhar de lençóis, puxando-o.

— Sente-se — ela disse, a voz muito baixa. — Acorde. Respire devagar. Vou preparar um chá para você... bem, alguma coisa quente, ao menos.

Ele não tinha nenhum fôlego para protestar. A cicatriz em sua garganta era um tomilho. A agonia inicial em sua mão havia se aplacado; agora começava a latejar no ritmo do coração — ótimo, era tudo de que precisava. Procurou afastar a lembrança do sonho, a sensação de tambores batendo em ossos, e no esforço viu sua respiração começar a se acalmar. Quando Brianna lhe trouxe uma caneca de água quente despejada sobre algo que cheirava mal, ele já respirava quase normalmente.

Recusou-se a beber o que quer que fosse aquilo, diante do que ela economicamente resolveu usá-lo para banhar as juntas de seus dedos.

— Quer me contar o sonho? — Seus olhos estavam pesados de sono, ela queria voltar a dormir, mas estava disposta a ouvir.

Ele hesitou, mas podia sentir o pesadelo pairando na calada da noite, logo atrás dele. Ficar em silêncio e deitar-se novamente no escuro seria um convite ao seu retorno. E talvez ela devesse saber o que o sonho lhe dissera.

— Era uma confusão, mas tinha a ver com a luta... quando fomos resgatar Claire. O homem... o que eu matei... — A palavra engasgou-se em sua garganta como um carrapicho, mas ele

prosseguiu. — Eu estava afundando seu crânio, e ele caiu, e eu vi seu rosto outra vez. E repentinamente compreendi que eu já o vira antes; eu... eu sei quem ele era.

— O ligeiro pavor de conhecer o homem transpareceu em sua voz e as pálpebras pesadas de Brianna se ergueram, seus olhos repentinamente alertas.

A mão de Brianna cobriu seus dedos machucados, de leve, instando-o a continuar.

— Lembra-se de um miserável caçador de recompensa chamado Harley Bobble? Nós o encontramos, apenas uma vez, na Assembleia em Mount Helicon.

— Lembro-me. Ele? Tem certeza? Estava escuro, você disse, e confuso...

— Tenho certeza. Eu não sabia, quando o atingi, mas vi seu rosto quando ele caiu; a grama estava em chamas, eu vi claramente. E vi outra vez, agora mesmo, no sonho, e o nome estava em minha mente quando acordei. — Flexionou a mão devagar, fazendo uma careta de dor. — Parece muito pior, de certa forma, matar alguém que você conhece. — E o conhecimento de ter matado um estranho já era bastante ruim. Obrigava-o a pensar em si mesmo como alguém capaz de matar.

— Bem, você não o conhecia na ocasião — ela ressaltou. — Não o reconheceu, quero dizer.

— Não, isso é verdade. — Era, mas não ajudava muito. O fogo estava abafado para a noite e o quarto estava frio; ele notou a pele arrepiada de seus braços nus, os pelos dourados em pé. — Você está com frio. Vamos voltar a dormir.

A cama ainda guardava um leve calor e era um conforto indescritível tê-la curvada junto às suas costas, o calor de seu corpo penetrando o frio que atingia seus ossos. Sua mão ainda latejava, mas a dor diminuía consideravelmente. Ela passou o braço com firmeza por cima dele, a mão levemente fechada sob seu queixo. Ele



inclinou a cabeça para beijar as próprias articulações dos dedos de Brianna, lisas, sólidas e redondas, sentiu seu hálito quente em sua nuca e teve a mais estranha e momentânea lembrança do animal em seu sonho.

— Bri... eu realmente queria matá-lo.

— Eu sei — ela disse suavemente, apertando o braço ao redor dele, como se quisesse impedir que ele caísse.



## BOBBY FAZ A CORTE

*De lorde John Grey  
Mountjosiah Plantation*

*Meu caro amigo,*

*Escrevo com certa perturbação de espírito.*

*Deve se lembrar do sr. Josiah Quincy, tenho certeza. Eu não teria dado a ele uma carta de apresentação a você, se tivesse alguma ideia do resultado final de seus esforços. Tenho certeza de que é devido a ele que seu nome está associado ao pretenso Comitê de Correspondência na Carolina do Norte. Um amigo, sabendo do meu relacionamento com você, mostrou-me uma carta ontem, pretensamente oriunda desse órgão e contendo uma lista de seus supostos destinatários. Seu nome estava entre eles e tê-lo em tal companhia causou-me espécie, obrigando-me a escrever-lhe imediatamente para informá-lo.*

*Eu deveria ter queimado a carta no mesmo instante, se não fosse evidente que se tratava de uma de várias cópias. As outras estão sem dúvida em trânsito pelas colônias. Você tem que agir imediatamente para se desvincular de tal comitê e providenciar para que seu nome não apareça em tais contextos no futuro.*

*Cuidado: o Correio não é seguro. Tenho recebido mais de um documento oficial — alguns até mesmo com o selo real! — que não só apresentam sinais de terem sido abertos, mas que em alguns casos ostentam flagrantemente as iniciais ou a assinatura daqueles que os*

*interceptaram e inspecionaram. Tal inspeção pode estar sendo imposta tanto pelos tories quanto pelos whigs, não há como ter certeza, e eu soube que o próprio governador Martin agora está fazendo com que sua correspondência seja enviada ao seu irmão em Nova York, para depois lhe ser trazida por um mensageiro particular — um deles foi hóspede recente à minha mesa já que não pode confiar na entrega segura na Carolina do Norte.*

*Posso apenas esperar que nenhum documento incriminatório contendo seu nome venha a cair nas mãos de pessoas com o poder de prender ou instigar outros procedimentos contra os arautos de tal sedição como aparece na missiva. Peço sinceras desculpas se minha inadvertência em apresentar-lhe o sr. Quincy possa de alguma forma tê-lo colocado em perigo ou lhe causado alguma inconveniência.*

*Asseguro-lhe que irei aplicar todos os meus esforços para corrigir a situação no que estiver ao meu alcance.*

*Nesse ínterim, ofereço-lhe os serviços do sr. Higgins, caso necessite da entrega segura de qualquer documento, e não apenas cartas dirigidas a mim mesmo. Ele é absolutamente confiável e eu o enviarei regularmente a você, caso necessite dos serviços dele.*

*No entanto, eu ainda tenho esperanças de que a situação de um modo geral possa ser restaurada. Acho que esses sujeitos de cabeça quente que insuflam a rebelião devam ser, na maior parte, ignorantes quanto à natureza da guerra, ou certamente não se arriscariam a seus horrores e privações, nem veriam levianamente o derramamento de sangue e o sacrifício de suas próprias vidas em prol de uma discordância tão pequena com seu governo.*

*O sentimento em Londres no momento é de que a questão não irá além de "alguns narizes ensanguentados", como diz lorde North, e acredito que assim possa ser.*

*Esta notícia possui também um aspecto pessoal; meu filho William obteve a patente de Tenente e vai se juntar ao seu regimento quase imediatamente. Estou, é claro, orgulhoso dele — entretanto,*

*conhecendo os perigos e dificuldades da vida de um soldado, confesso que teria preferido que ele seguisse outro curso, ou se dedicando à administração de suas consideráveis propriedades ou, se achasse essa vida muito pacata, talvez entrando no reino da política ou do comércio — pois ele possui muita habilidade natural para acrescentar ao poder de seus recursos, e poderia perfeitamente alcançar alguma influência nessas esferas.*

*Tais recursos ainda estão, é claro, dentro do meu controle, até William atingir a maioridade. Mas não pude proibi-lo, tão forte era seu desejo — e tão vívidas minhas lembranças de mim mesmo nessa idade, e minha determinação em servir. Pode ser que ele rapidamente se farte da instituição militar e adote outro curso. Estou pronto a admitir que a vida militar possui muitas virtudes que a recomendam, por mais severas que essas virtudes possam ser às vezes.*

*Em tom menos alarmante: Vejo-me inesperadamente de volta ao papel de diplomata. Não, apresso-me a acrescentar, como representante de Sua Majestade, mas como representante de Robert Higgins, que me suplica que eu use qualquer influência que eu possua, por menor que seja, na promoção de suas chances de casamento.*

*Considero o sr. Higgins um bom e fiel servidor e tenho prazer em oferecer qualquer ajuda que me for possível; espero que tenha a mesma disposição, pois, como verá, seu conselho e sua assistência são ansiosamente desejados e, na realidade, absolutamente indispensáveis.*

*Há uma pequena e delicada questão envolvida no assunto e, sobre esse aspecto, rogo sua consideração; em sua descrição, é claro, confio implicitamente. Ao que tudo indica, o sr. Higgins apegou-se a duas jovens senhoritas, ambas residentes em Fraser's Ridge. Ressaltei para ele a dificuldade de lutar em duas frentes, por assim dizer, e aconselhei-o a concentrar as forças de modo a aumentar suas chances de sucesso no ataque a um único objetivo — talvez, com a possibilidade de recuar para se reorganizar, caso sua tentativa inicial fracasse.*

*As duas moças em questão são a srta. Wemyss e a srta. Christie, ambas dotadas de grande encanto e beleza, segundo o sr. Higgins, que é muito eloquente em seus elogios. Pressionado a escolher entre as duas, o sr. Higgins protestou, dizendo que não podia — porém, após alguma discussão do assunto, finalmente decidiu-se pela srta. Wemyss como sua primeira opção.*

*Essa é uma decisão prática e as razões para sua escolha dizem respeito não apenas aos inquestionáveis atrativos da jovem, mas a uma consideração mais trivial: a saber, que a senhorita e seu pai são ambos trabalhadores a seu serviço. Eu estou, em função do dedicado serviço do sr. Higgins, oferecendo-me para comprar os contratos de trabalho de ambos, caso esteja de acordo, com o consentimento da srta. Wemyss de se casar com o sr. Higgins.*

*Não desejo privá-lo, assim, de dois valiosos servos, mas o sr. Higgins acha que a srta. Wemyss não vai querer deixar seu pai. Da mesma forma, ele espera que minha oferta de tornar pai e filha livres da servidão (pois concordei que o faria, desde que o sr. Higgins continue a me prestar seus serviços) seria persuasão suficiente para superar quaisquer objeções que o sr. Wemyss possa apresentar por causa da falta de conexões e propriedade pessoal do sr. Higgins, ou outros impedimentos semelhantes que possam surgir ao casamento.*

*Eu inferi que a srta. Christie, embora igualmente atraente, tem um pai que pode ser mais difícil de persuadir e sua posição social é mais alta do que a da srta. Wemyss. Ainda assim, caso a srta. Wemyss ou seu pai recusem a proposta do sr. Higgins, farei o melhor possível, com seu auxílio, para pensar em alguma forma de persuasão que possa interessar ao sr. Christie.*

*O que você acha desse plano de ataque? Rogo-lhe que considere as possibilidades cuidadosamente e, se sentir que a proposta pode ser recebida favoravelmente, aborde o assunto com o sr. Wemyss e sua filha — se possível, com tal discrição que não venha a prejudicar uma segunda expedição, caso venha a ser necessária.*

*O sr. Higgins é muito ciente de sua posição inferior, como pretendente, e assim muito cômico do favor que solicita, assim como Seu mais humilde e obediente criado,*  
*John Grey*



*...outros impedimentos semelhantes que possam surgir ao casamento” — li por cima do ombro de Jamie. — Como ser um assassino condenado marcado no rosto, sem família e sem dinheiro, acha que é a isso que ele se refere?*

— Sim, mais ou menos isso — Jamie concordou, alisando as folhas de papel e desamassando as pontinhas dobradas. Ele estava obviamente achando graça da carta de lorde John, mas suas sobrancelhas estavam franzidas, embora eu não soubesse se era um sinal de preocupação com as notícias de lorde John sobre Willie ou meramente concentração sobre a delicada questão da proposta de Bobby Higgins.

Sem dúvida, essa última questão, pois ele olhou para cima, para o quarto que Lizzie e seu pai ocupavam. Nenhum sinal de movimento vinha do andar de cima através do teto, embora eu tivesse visto Joseph subir havia poucos instantes.

— Dormindo? — Jamie perguntou, as sobrancelhas erguidas. Olhou involuntariamente para a janela. Era o meio da tarde e o pátio estava alegremente banhado em uma luz suave.

— Sintoma comum de depressão — eu disse, com um leve movimento do ombro. O sr. Wemyss recebera um duro golpe com o fim do noivado de Lizzie... muito mais do que sua filha. Já de compleição frágil, ele havia obviamente perdido peso e se recolhido consigo mesmo, falando apenas quando lhe dirigiam a palavra e ficando cada vez mais difícil de ser acordado pela manhã.

Jamie debateu-se momentaneamente com o conceito de depressão, depois o descartou com uma leve sacudida da cabeça. Tamborilou os dedos rígidos da mão direita pensativamente na mesa.

— O que acha, Sassenach? — Bobby é um rapaz adorável — eu disse, em dúvida. — E Lizzie obviamente gosta dele.

— E, se os Wemyss ainda estivessem presos ao contrato de servidão, a proposta de Bobby provavelmente teria algum atrativo — Jamie concordou. — Mas não estão. — Ele dera a Joseph Wemyss seus papéis de libertação havia alguns anos e Brianna apressou-se a livrar Lizzie de seu próprio contrato quase assim que fora feito. Mas isso não era um assunto de conhecimento público, já que a suposta condição de escravo de Joseph o protegia da obrigação de servir na milícia. Da mesma forma, como escrava com contrato de trabalho forçado, Lizzie se beneficiava da franca proteção de Jamie, já que era considerada sua propriedade; ninguém ousaria perturbá-la ou tratá-la com desrespeito.

— Talvez ele esteja disposto a contratá-los como empregados pagos — sugeri. — O salário combinado dos três provavelmente seria bem menos do que o preço de dois contratos de servidão. — Nós pagávamos a Joseph, mas seu salário era de apenas três libras ao ano, embora com casa, comida e roupas incluídas.

— Vou sugerir isso — Jamie disse, porém com ar de dúvida. — Mas terei que falar com Joseph. — Olhou para o teto outra vez e sacudiu a cabeça.

— Por falar em Malva... — eu disse, olhando para o outro lado do corredor e abaixando a voz. Ela estava no consultório, coando o líquido das tigelas de mofo que forneciam nosso suprimento de penicilina. Eu prometera enviar mais para a sra. Sylvie, com uma seringa; esperava que ela a usasse.

— Acha que Tom Christie se mostraria receptivo, caso Joseph não esteja interessado? Acho que as duas simpatizam com Bobby.

Jamie fez um ruído levemente irônico diante da ideia.

— Tom Christie casar sua filha com um assassino, e ainda por cima um assassino que não tem onde cair morto? John Grey não conhece o sujeito ou não faria essa sugestão. Christie é orgulhoso como Nabucodonosor, se não mais.

— Oh. Tão orgulhoso assim, hein? — eu disse, achando graça a despeito de mim mesma. — Quem você acha que ele consideraria adequado, aqui neste fim de mundo? Jamie deu de ombros.

— Ele não me honrou com suas confidências sobre a questão — disse secamente. — Embora ele não deixe a filha sair com nenhum dos rapazes das redondezas; imagino que nenhum lhe pareça adequado. Eu não ficaria nem um pouco surpreso se ele arranjasse um meio de enviá-la para Edenton ou New Bern para um casamento arranjado. Roger Mac disse que ele mencionou essa intenção.

— É mesmo? Ele está muito próximo de Roger ultimamente, não é? Um sorriso relutante atravessou seu rosto.

— Sim, bem. Roger Mac leva o bem-estar de seu rebanho a sério; com um olho no seu próprio, sem dúvida.

— O que quer dizer com isso? Ele me olhou por um instante, evidentemente julgando minha capacidade de guardar segredos.

— Mmmhum. Bem, você não deve mencionar isso para Brianna, mas Roger Mac tem em mente arranjar o casamento de Tom Christie com Amy McCallum.

Pestanejei, mas depois parei para pensar. Não era realmente má ideia, embora não fosse do tipo que tivesse me ocorrido. É bem verdade que Tom era mais de vinte e cinco anos mais velho do que



Amy, mas ainda era saudável e forte o suficiente para sustentar a ela e seus filhos. E ela claramente precisava de um provedor. Se ela e Malva poderiam compartilhar a mesma casa era outra questão; Malva comandava a casa de seu pai desde que se tornara capaz disso. Ela era amável, sem dúvida, mas eu achava que era tão orgulhosa quanto o pai e não aceitaria ser suplantada.

— Mmhum — eu disse, em dúvida. — Talvez. Mas o que quis dizer com o Próprio bem-estar de Roger? Jamie ergueu uma das sobrancelhas.

— Você não notou o modo como a viúva McCallum olha para ele? — Não — eu disse, desconcertada. — Você já? Ele balançou a cabeça.

— Já, e Brianna também. Ela está aguardando o momento propício, por enquanto, mas escreva minhas palavras, Sassenach: se Roger não casar logo a viúva, vai achar o inferno mais fresco do que sua própria casa.

— Ora, vamos. Roger não está correspondendo aos olhares da sra. McCallum, está? — perguntei.

— Não, não está — Jamie disse judiciosamente. — E é por isso que ainda está de posse de suas bolas. Mas se você acha que minha filha é capaz de...

Estávamos conversando em voz baixa e, ao som da porta do consultório se abrindo, paramos repentinamente. Malva enfiou a cabeça no gabinete, com as faces rosadas e fios de cabelos escuros flutuando ao redor de seu rosto. Parecia uma boneca de porcelana de Dresden, apesar das manchas em seu avental, e eu vi Jamie sorrir diante do seu ar de frescor e ansiedade.

— Por favor, sra. Fraser, já coei e engarrafei todo o líquido; a senhora disse que temos que dar as sobras para os porcos imediatamente... a senhora se referia à porca branca grande que mora embaixo da casa? — Ela parecia incerta quanto à perspectiva, e não era de admirar.

— Eu mesma vou fazer isso — eu disse, levantando-me. — Obrigada, querida. Por que não vai à cozinha e pede à sra. Bug um pouco de pão e mel antes de ir para casa? Ela fez uma pequena medida e saiu na direção da cozinha; eu podia ouvir a voz do Jovem Ian caçoando da sra. Bug e vi Malva parar por um instante para ajeitar a touca, enrolar uma mecha de cabelo em volta do dedo para fazê-la encaracolar-se e cair sobre o rosto, e empertigar as costas antes de entrar.

— Bem, Tom Christie pode propor casamento a quem ele quiser — murmurei para Jamie, que saíra para o corredor comigo e a vira indo na direção da cozinha —, mas a sua filha não é a única com vontade própria e opiniões fortes.

Ele deu um pequeno resmungo e voltou para seu gabinete, enquanto eu atravessava o corredor para pegar uma grande bacia de lavagem, os restos do último lote de preparados para a penicilina, perfeitamente recolhida e arrumada sobre a bancada.

Abrindo a janela que dava para o lado da casa, olhei para baixo. No solo, a quase um metro e meio, estava o montículo de terra que assinalava o esconderijo da porca embaixo dos alicerces.

— Porca? — eu disse, debruçando-me na janela. — Está em casa? — As castanhas estavam maduras e caindo das árvores; ela podia muito bem estar na floresta, deliciando-se embaixo das castanheiras. Mas não; havia marcas de seus cascos no solo macio, entrando, e ouvia-se o som de uma respiração ruidosa.

— Porca! — eu disse, mais alto e mais enfaticamente. Ouvindo os movimentos do volumoso animal sob as tábuas do assoalho, inclinei-me para fora e despejei o conteúdo da bacia com precisão na terra fofa, sem entornar quase nada do conteúdo para fora.

A pancada da lavagem na terra foi seguida imediatamente pela aparição de uma enorme cabeça de pelos brancos ouriçados, dotada de um focinho grande e fuçador, e seguida por espáduas da

largura de uma barrica de tabaco. Com grunhidos ávidos, o resto do enorme corpo da porca se seguiu e ela arremeteu-se sobre a iguaria imediatamente, o rabinho enroscado de prazer.

— Bem, então, não se esqueça de quem é a fonte de todas as bênçãos — eu disse a ela, e saí da janela, fechando-a com dificuldade. O parapeito exibia muitas lascas e entalhes, resultado de deixar a bacia de lavagem muito tempo na bancada; a porca era impaciente e disposta a tentar entrar na casa e reclamar o que lhe era devido, se não lhe fosse entregue prontamente.

Apesar de parcialmente ocupada com a porca, minha mente ainda não abandonara a questão da proposta de Bobby Higgins, com todas as suas potenciais complicações. Para não dizer nada de Malva. É bem verdade que ela era sensível aos olhos azuis de Bobby; ele era um rapaz muito bonito. Mas ela também não era insensível ao charme do Jovem Ian, por menos notáveis que fossem.

E qual seria a opinião de Tom Christie sobre ter Ian como genro, perguntei-me. Ele não era nenhum pobretão; possuía dez acres de terra em grande parte não desmatada, embora nenhuma renda. Seriam tatuagens tribais mais aceitáveis do que uma marca de assassino? Provavelmente, mas, por outro lado, Bobby era protestante, enquanto Ian era ao menos nominalmente católico.

Ainda assim, ele era sobrinho de Jamie — um fato que tinha dois lados. Christie tinha uma grande inveja de Jamie; eu sabia disso. Ele veria uma aliança entre sua família e a nossa como um benefício ou como algo a ser evitado a qualquer preço? Claro, se Roger conseguisse casá-lo com Amy McCallum, isso poderia distrair um pouco sua mente. Brianna não me dissera nada a respeito da viúva — mas agora que eu pensava melhor, percebi que o fato de Brianna não ter dito nada podia ser uma indicação de sentimentos reprimidos.

Eu podia ouvir vozes e risos vindos da cozinha; obviamente, todos estavam se divertindo. Pensei em ir me unir a eles, mas olhando para dentro do estúdio de Jamie vi que ele estava parado junto à escrivaninha, as mãos cruzadas às costas, olhando para a carta de lorde John, um ar ligeiramente absorto.

Seus pensamentos não estavam em sua filha, pensei, com uma pequena e estranha pontada — mas em seu filho.

Entrei no gabinete e passei o braço pelas suas costas, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Já pensou, talvez, em tentar convencer lorde John? — eu disse, um pouco hesitante. — De que os americanos podem ter uma certa razão, quero dizer. Você poderia tentar convertê-lo para a sua maneira de pensar.

— O próprio lorde John não lutaria no conflito iminente; mas Willie talvez, e do lado do adversário. É bem verdade que lutar em qualquer um dos lados poderia ser igualmente perigoso, mas a verdade é que os americanos venceriam e a única maneira de persuadir Willie era através de seu padrasto, cuja opinião ele respeitava.

Jamie resfolegou com ironia, mas passou o braço ao meu redor.

— John? Lembra-se do que lhe falei sobre os escoceses das Highlands quando Arch Bug veio até mim com seu machado? "Eles uivem de seu juramento; morrerão por ele também." Estremeci um pouco e pressionei-me contra ele, encontrando algum conforto em sua solidez. Ele tinha razão; eu mesma vira, aquela lealdade tribal brutal — e, no entanto, era tão difícil de entender, mesmo quando a via bem embaixo do meu nariz.

— Lembro-me — eu disse.

Ele balançou a cabeça indicando a carta, os olhos ainda fixos nela.

— É o mesmo com ele. Nem todos os ingleses são assim, mas ele é.

— Olhou para mim, tristeza tingida de um respeito ressentido. — Ele é um homem do rei. Não faria diferença se o Anjo Gabriel em pessoa aparecesse diante dele e lhe contasse o que vai acontecer; ele não abandonaria seu juramento.

— Acha mesmo? — perguntei, com coragem. — Não tenho tanta certeza.

Suas sobrancelhas levantaram-se de surpresa, e eu continuei, hesitando enquanto buscava as palavras.

— É que... eu sei o que você quer dizer; ele é um homem honrado.

Mas é só isso. Eu não creio que ele esteja jurado ao rei, não da mesma maneira que os homens de Colum juraram a ele, nem da maneira que seus homens de Lallybroch juraram a você. O que importa para ele, aquilo pelo qual ele venderia a alma, é a honra.

— Bem, sim, é verdade — ele disse devagar, as sobrancelhas cerradas em concentração. — Mas para um soldado, como ele é, a honra reside em seu dever, não é? E isso vem de sua lealdade ao rei, certo? Empertiguei-me e passei o dedo sob o nariz, tentando colocar em palavras o que eu sentia.

— Sim, mas não é exatamente isso o que eu quero dizer. É a ideia que importa para ele. Ele segue um ideal, não um homem. De todas as pessoas que você conhece, talvez ele seja o único capaz de compreender. Esta vai ser uma guerra travada em torno de ideais; talvez a primeira.

Ele fechou um dos olhos e fitou-me de maneira indagativa com o outro.

— Andou conversando com Roger Mac. Você nunca teria pensado isso por conta própria, Sassenach.

— Sei que você também andou — eu disse, não me dando ao trabalho de refutar o insulto implícito. Além do mais, ele estava

certo. — Então, você compreende? Ele fez um pequeno ruído escocês, indicando uma concordância duvidosa.

— Eu realmente lhe perguntei sobre as cruzadas, se ele não achava que haviam sido travadas por um ideal. E ele foi obrigado a admitir que os ideais estavam envolvidos, ao menos. Porém, mesmo lá, segundo ele, a questão era dinheiro e política, e eu disse que sempre era, e sem dúvida seria agora também. Mas, sim, compreendo — ele acrescentou apressadamente, vendo minhas narinas se alargarem. — Mas com relação a John Grey...

— Com relação a John Grey, você tem uma chance de convencê-lo, porque ele é racional mas também idealista. Você teria que convencê-lo de que a honra não está em seguir o rei, mas no ideal de liberdade. Isso é possível.

Ele emitiu outro ruído escocês, este do fundo do peito e carregado de dúvida e inquietação. E, finalmente, compreendi.

— Você não está fazendo isso por causa de ideais, não é? Nem por causa de... de liberdade. Liberdade, autodeterminação, tudo isso.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não — ele disse serenamente. — Nem mesmo para estar do lado vencedor... ao menos uma vez. Embora eu ache que será uma experiência nova. — Lançou-me um sorriso repentino e melancólico e, pega de surpresa, eu ri.

— Por que, então? — perguntei, mais suavemente.

— Por você — ele disse, sem hesitação. — Por Brianna e o menino.

Por minha família. Pelo futuro. E, se isso não for um ideal, não sei mais o que possa ser.

Jamie fez o melhor possível no cargo de embaixador, mas o efeito da marca de assassino de Bobby mostrou-se intransponível. Embora admitindo que Bobby fosse um bom rapaz, o sr. Wemyss não conseguia aceitar a ideia de casar sua filha com um assassino,

independentemente das circunstâncias que levaram à sua condenação.

— As pessoas iriam hostilizá-lo, o senhor sabe disso — ele disse, sacudindo a cabeça em resposta aos argumentos de Jamie. — Não param de perguntar Por que e para quê, se um homem é um condenado. Seu olho... ele não fez nada, tenho certeza, para provocar um ataque tão selvagem. Como eu poderia expor minha querida Elizabeth à possibilidade de tais represálias? Ainda que ela mesma escape, qual será seu destino, e o de seus filhos, se ele for derrubado em uma rua um dia? — Contorceu as mãos diante da ideia.

— E, se um dia ele perder a proteção do lorde, não poderá procurar um emprego decente em outro lugar, não com uma marca vergonhosa no rosto. Eles seriam levados à miséria. Eu mesmo já estive nessa situação, senhor, e por nada neste mundo arriscaria a possibilidade de minha filha ter a mesma sina de novo.

Jamie passou a mão no rosto.

— Sim. Eu compreendo, Joseph. É uma pena, mas não posso dizer que esteja errado. Pelo que valha a observação, não acredito que lorde John o abandonasse.

O sr. Wemyss apenas sacudiu a cabeça, parecendo pálido e infeliz.

— Muito bem, então. — Jamie empurrou sua cadeira para trás. — Vou mandá-lo entrar e você pode lhe comunicar sua decisão.

Levantei-me, também, e o sr. Wemyss pôs-se de pé com um salto, em pânico.

— Oh, senhor! Não me deixe sozinho com ele! — Bem, não acho que ele vá tentar derrubá-lo ou puxar seu nariz, Joseph — Jamie disse suavemente.

— Não — o sr. Wemyss disse, hesitante. — Nããã... creio que não.

Mas, ainda assim, eu ficaria muito agradecido se o senhor... permanecesse aqui enquanto eu falo com ele, sim? E a senhora também, sra. Fraser? — Voltou os olhos suplicantes para mim. Olhei para Jamie, que assentiu, resignado.

— Está bem — ele disse. — Vou buscá-lo então.

— Sinto muito, senhor. — Joseph Wemyss parecia quase tão infeliz quanto Bobby Higgins. De estatura baixa e de jeito tímido, não estava acostumado a conduzir entrevistas e sempre olhava para Jamie em busca de apoio antes de voltar sua atenção para o insistente pretendente de sua filha.

— Eu sinto muito — ele repetiu, fitando Bob nos olhos com uma espécie de impotente sinceridade. — Eu gosto de você, meu jovem, e Elizabeth também, tenho certeza. Mas o bem-estar e a felicidade dela são minha responsabilidade. E não acho... Eu realmente não creio...

— Eu seria bom para ela — Bobby disse ansiosamente. — Sabe que eu seria, senhor. Ela teria um vestido novo todo ano e eu venderia o que tivesse para mantê-la calçada! — Ele também olhou para Jamie, provavelmente em busca de reforço.

— Tenho certeza de que o sr. Wemyss tem a maior consideração pelas suas intenções, Bobby — Jamie disse o mais delicadamente possível.

— Mas ele tem razão, hein? É seu dever fazer o melhor casamento possível para Lizzie. E talvez...

Bobby engoliu com força. Ele se arrumara esmeradamente para a ocasião e usava um lenço engomado no pescoço que ameaçava estrangulá-lo, seu casaco do uniforme, calças limpas de lã e um par de meias de seda cuidadosamente conservado, remendado em apenas alguns lugares.

— Sei que não tenho muito dinheiro — ele disse. — Nem propriedades. Mas tenho uma boa posição, senhor! Lorde John me paga dez libras por ano e teve a bondade de me dizer que posso



construir uma pequena cabana em suas terras e, até ela ficar pronta, podemos nos alojar na casa dele.

— Sim, você disse. — O sr. Wemyss parecia cada vez mais constrangido. Ficava desviando os olhos de Bobby, talvez em parte por uma timidez natural e por não querer encará-lo, mas também, tenho certeza, para evitar olhar para a marca de assassino em seu rosto.

A discussão continuou por mais algum tempo, mas em vão, uma vez que o sr. Wemyss não conseguia dizer a Bobby o verdadeiro motivo de sua recusa.

— Eu... eu... bem, vou pensar melhor no assunto. — O sr. Wemyss, incapaz de suportar a tensão por mais tempo, levantou-se abruptamente e quase saiu correndo do aposento. No entanto, obrigou-se a parar ao chegar à porta, virar-se e dizer, antes de desaparecer: — Veja bem, eu não acho que vou mudar de ideia! Bobby continuou olhando para a porta, confuso, voltando-se em seguida para Jamie.

— Posso ter esperanças, senhor? Sei que será franco.

Era uma súplica patética e Jamie desviou o próprio olhar daqueles grandes olhos azuis.

— Creio que não — ele disse. Foi dito amavelmente, mas com caráter definitivo, e Bobby deixou-se alquebrar um pouco. Ele havia assentado os cabelos ondulados com água; agora secos, pequenos cachos levantavam-se da cabeleira espessa e ele parecia absurdamente um carneiro recém-nascido que acabara de ter a cauda cortada... chocado e perplexo.

— Ela... o senhor, ou a senhora, sabe...? — disse, voltando-se para mim — se a afeição da srta. Wemyss está em outra pessoa? Porque, se fosse esse o caso, sem dúvida eu aceitaria. Mas se não for... — Hesitou, olhando na direção da porta por onde Joseph desaparecera tão abruptamente.

— Acha que eu teria alguma chance de superar as objeções de seu pai? Talvez... talvez se eu achasse um modo de conseguir algum dinheiro... ou se for uma questão de religião... — Pareceu empalidecer um pouco diante dessa opção, mas endireitou os ombros resolutamente. — Eu... eu acho que estou disposto a ser batizado na Igreja Católica se ele exigir. Eu pretendia dizer-lhe isso, mas esqueci. Poderia dizer isso a ele, senhor?

— Sim.. sim, eu direi — Jamie disse, com relutância. — Então, está realmente decidido que é Lizzie? E não Malva? Bobby ficou desconcertado.

— Bem, para ser sincero, senhor, gosto muito das duas, sei que seria feliz com qualquer uma das duas. Mas... bem, para dizer a verdade, tenho um medo mortal do sr. Tom Christie — ele confessou, enrubescendo. — E acho que ele não gosta do senhor, enquanto o sr. Wemyss gosta. Se puder... falar em meu nome, senhor? Por favor? Por fim, nem Jamie pôde ficar insensível àquela súplica inocente.

— Tentarei — concordou. — Mas não lhe prometo nada, Bobby. Por quanto tempo vai ficar aqui agora, antes de voltar para lorde John? — Lorde John me deu uma semana para meu noivado, senhor — Bobby disse, parecendo muito mais feliz. — Mas imagino que o senhor mesmo vá partir amanhã ou depois de amanhã, não? Jamie pareceu surpreso.

— Para onde?

Bobby, por sua vez, também pareceu surpreso.

— Ora... não sei bem, senhor. Mas achei que devia ir.

Após mais alguns esclarecimentos, conseguimos desvendar o caso.

Ele havia se juntado, ao que parecia, a um pequeno grupo de viajantes na estrada, fazendeiros conduzindo uma vara de porcos para o mercado.

Considerando a natureza dos porcos como companheiros de viagem, ele não permaneceu com eles mais do que uma noite. Entretanto, durante o jantar, em uma conversa informal, ouviu-os se referirem a uma reunião e especularem sobre quem deveria comparecer.

— Seu nome foi mencionado, senhor. "James Fraser", disseram, e mencionaram Ridge também, de modo que tive certeza de que se referiam ao senhor.

— Que tipo de reunião era? — perguntei, curiosa. — E onde?

Ele deu de ombros.

— Não prestei atenção, dona. Sei que disseram que será na próxima segunda-feira.

Ele também não se recordava dos nomes de seus anfitriões, estando muito ocupado em tentar comer sem ser importunado pela presença dos porcos. E estava obviamente ocupado demais no momento com os resultados de suas malsucedidas pretensões amorosas para dar muita atenção a detalhes, e após algumas perguntas e confusas respostas Jamie despachou-o.

— Faz alguma ideia... — comecei a dizer, mas vi que suas sobrancelhas estavam franzidas; obviamente, ele sabia.

— A reunião para a escolha de delegados para um Congresso Continental — ele disse. — Deve ser isso.

Ele recebera informações, depois do churrasco de Flora MacDonald, que o local e a data da reunião inicial deveriam ser abandonados, os organizadores temendo interferências. Uma nova data e local seriam definidos, John Ashe lhe dissera. Eles lhe informariam.

Mas isso fora antes dos contratemplos em Cross Creek.

— Imagino que o recado tenha se extraviado — sugeri, mas a sugestão era fraca.

— Um, pode ser — ele concordou. — Mas não seis.

— Seis?

— Quando não recebi nenhuma notícia, eu mesmo escrevi aos seis homens que conheço pessoalmente no Comitê de Correspondência.

Nenhuma resposta de nenhum deles. — Seu dedo rígido tamborilou uma vez contra a perna, mas ele percebeu e parou.

— Não confiam em você — eu disse, após um momento de silêncio, e ele balançou a cabeça.

— Não é de admirar, imagino, depois de eu ter resgatado Simms e coberto Neil Forbes de alcatrão no meio da rua. — Involuntariamente, um débil sorriso atravessou seu rosto diante da lembrança. — E o pobre Bobby não ajudou, eu creio. Deve ter dito a eles que servia de mensageiro para mim e lorde John.

Provavelmente, era verdade. Amistoso e tagarela, Bobby era capaz de guardar um segredo, mas somente se você lhe dissesse explicitamente qual segredo guardar. Caso contrário, qualquer um que compartilhasse uma refeição com ele já conheceria todo o seu serviço antes da chegada da sobremesa.

— Você pode fazer alguma coisa para descobrir? Onde é a reunião, quero dizer.

Ele soltou a respiração de uma só vez, ligeiramente frustrado.

— Sim, talvez. Mas, se o fizer e for lá, há uma grande chance de que me expulsem. Se não acontecer coisa pior. Acho que o risco de tal ruptura não vale a pena. — Olhou para mim, com uma expressão irônica. — Acho que deveria ter deixado que torrassem o tipógrafo.

Não dei atenção a isso e fui me colocar ao seu lado.

— Você encontrará uma solução — eu disse, tentando encorajá-lo.

A grande vela que marcava as horas estava em sua mesa, parcialmente consumida, e ele a tocou. Ninguém jamais parecia

notar que a vela nunca se consumia.

— Talvez... — ele disse, meditativamente. — Encontrarei um jeito.

Embora eu deteste usar outra para esse fim.

Outra pedra preciosa, ele queria dizer.

Engoli um pequeno bolo que se formara em minha garganta diante da ideia. Restavam duas. Uma para cada, se Roger, ou Brianna, e Jemmy — mas afastei o pensamento com determinação.

— "De que adianta um homem conquistar o mundo" — citei — "se ele perder sua alma?" Não vai nos adiantar nada ser secretamente ricos, se você for coberto de penas e alcatrão. — Eu também não gostava desse pensamento, mas não pude evitá-lo.

Ele olhou para seu braço; havia arregaçado as mangas para escrever e as marcas de queimadura, embora desbotadas, ainda podiam ser vistas, uma trilha levemente rosada sob os pelos dourados do sol. Ele suspirou, deu a volta à mesa e pegou uma pena de escrever da jarra.

— Sim. Talvez seja melhor eu escrever mais algumas cartas.



### *A VISITA DO CAVALEIRO DA MORTE*

No dia vinte de setembro, Roger fez um sermão sobre o texto Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. No dia vinte e um de setembro, uma dessas coisas fracas resolveu comprovar o ponto.

Padraic e Hortense MacNeill e seus filhos não haviam ido à igreja.

Eles sempre iam, e sua ausência levantou comentários — o suficiente para Roger perguntar a Brianna no dia seguinte se ela poderia passar pela casa deles e fazer uma visita, para ver se não havia alguma coisa errada.

— Eu mesmo iria — ele disse, raspando o fundo de sua tigela de mingau —, mas prometi ir com John MacAfee e seu pai a Brownsville; ele pretende propor casamento a uma jovem de lá.

— Ele pretende que você os case no ato se ela disser sim? — perguntei. — Ou você só está lá para impedir que algum dos Brown o assassine? — Não houve mais nenhuma violência desde que devolvêramos o corpo de Lionel Brown, mas houve alguns confrontos ocasionais, quando um grupo de Brownsville encontrava alguém de Ridge de vez em quando em público.

— A segunda opção — ele disse com uma careta. — Embora eu tenha esperança de que um casamento ou dois entre Ridge e Brownsville possa ajudar a consertar as coisas, com o tempo.

Jamie, lendo um jornal da remessa mais recente, ergueu os olhos.

— Ah, é mesmo? Bem, é uma ideia. Mas nem sempre funciona dessa forma. — Sorriu. — Meu tio Colum pensou em consertar as coisas com os Grant casando minha mãe com o Grant. Infelizmente — acrescentou, virando uma página —, minha mãe não estava disposta a cooperar. Em vez disso, ela desdenhou Malcom Grant, esfaqueou meu tio Dougal e fugiu com meu pai.

— É mesmo? — Brianna não sabia dessa história em particular; pareceu encantada. Roger lançou-lhe um olhar de esguelha e tossiu, acintosamente removendo a faca afiada com que ela cortava linguças.

— Bem, seja como for — ele disse, empurrando a cadeira para trás e saindo da mesa, a faca na mão. — Se você não se importar de dar uma olhada na família de Padraic, só para ver se estão bem, sim? No final das contas, Lizzie e eu acompanhamos Brianna, pretendendo visitar Marsali e Fergus, cuja cabana ficava um pouco além da casa dos Mac'Neill . Encontramos Marsali no meio do caminho, voltando da fonte do uísque, de modo que éramos quatro quando chegamos à cabana dos MacNeill.

— Por que há tantas moscas, de repente? — Lizzie deu um tapa em uma grande varejeira que pousara em seu braço, depois abanou mais duas, circulando ao redor de seu rosto.

— Há alguma coisa morta por perto — Marsali disse, levantando o nariz para cheirar o ar. — Na floresta, talvez. Está ouvindo os abutres? Havia abutres grasnando no alto das árvores próximas; olhando para cima, vi mais abutres voando em círculos no alto, pontos negros no céu azul luminoso.

— Não é na floresta — Bri disse, a voz repentinamente tensa. Ela olhava para a cabana. A porta estava bem fechada e um enxame de moscas zumbia sobre a janela coberta com couro. — Depressa.

O cheiro dentro da cabana era indescritível. Vi as meninas prenderem a respiração e tamparem a boca com força quando a porta foi aberta.

Infelizmente, era necessário respirar. Eu o fiz, muito superficialmente, enquanto me movia pelo aposento escuro e arrancava o couro bem pregado aos batentes da janela.

— Deixem a porta aberta — eu disse, ignorando um leve gemido de dor vindo da cama com a entrada da luz. — Lizzie, faça uma fogueira do lado de fora da porta, e outra do lado de fora da janela. Comece com capim e gravetos, depois acrescente alguma coisa, madeira molhada, musgo, folhas úmidas, para fazer fumaça.

Assim que abri a janela, os insetos começaram a entrar e passavam zumbindo pelo meu rosto — mutucas, mosquitinhos, varejeiras. Atraídos pelo cheiro, haviam se amontoado nas toras aquecidas pelo sol do lado de fora, buscando entrar, ávidos por comida, desesperados para pôr seus ovos.

O aposento se transformaria em um inferno de zumbidos em questão de minutos, mas precisávamos de luz e ar, e teríamos que lidar com as moscas da melhor maneira que pudéssemos. Retirei meu lenço e dobrei-o como um mata-moscas improvisado, batendo-o de um lado para o outro enquanto me aproximava da cama.

Hortense e as duas crianças estavam lá. Todas nuas, seus corpos pálidos brilhando de suor por causa da cabana fechada. Estavam brancas e pegajosas onde a luz do sol batia, pernas e corpos riscados de marrom-avermelhado. Esperava que fosse apenas diarreia, e não sangue.

Alguém gemeu; alguém se moveu. Não estavam mortas, graças a Deus. As cobertas haviam sido atiradas para o chão em um monturo — isso foi sorte, pois ainda estavam bastante limpas. Achei melhor queimarmos o colchão de palha, assim que as tirássemos dali.



— Não ponha os dedos na boca — murmurei para Bri, quando começamos a trabalhar, tentando separar o amontoado humano em suas partes componentes.

— Você deve estar brincando — ela disse, falando entre os dentes, enquanto sorria para uma criança pálida, de cinco ou seis anos, que jazia, curvada, em meio ao resultado de uma crise de diarreia. Ela enfiou as mãos sob as axilas da menina. — Venha, querida, deixe-me tirá-la daí.

A criança estava fraca demais para fazer qualquer protesto em ser movida; seus braços e pernas pendiam moles como cordas. O estado de sua irmã era ainda mais alarmante; com menos de um ano, o bebê não se movia de modo algum e seus olhos estavam encovados, um sinal de grave desidratação. Peguei a mãozinha e delicadamente segurei a pele entre o indicador e polegar. A dobra permaneceu por um instante, um pico minúsculo de pele cinzenta, depois, devagar, começou a desaparecer.

— Maldição — eu disse baixinho comigo mesma e abaixei-me rapidamente para ouvir, a mão sobre o peito da criança. Ela não estava morta... pude sentir o batimento muito fraco de seu coração... mas não estava longe disso. Se ela não conseguisse mais sugar ou beber, nada poderia salvá-la.

Enquanto o pensamento atravessava minha mente, eu já me levantava, olhando ao redor da cabana. Nenhuma água; uma cabaça jazia de lado junto à cama, vazia. Há quanto tempo estavam assim, sem nada para beber? — Bri — eu disse, a voz controlada, mas urgente. — Traga um pouco de água, depressa.

Ela colocara a criança mais velha no chão e limpava a sujeira do seu corpo; entretanto, ergueu os olhos e a visão do meu rosto a fez largar o trapo que estava usando e levantar-se imediatamente. Ela agarrou a chaleira que enfiou em suas mãos e desapareceu; eu ouvi seus passos, atravessando o pátio correndo.

As moscas pousavam no rosto de Hortense; sacudi o lenço perto para espantá-las. O pano roçou seu nariz, mas suas feições frouxas mal se mexeram. Ela respirava; eu podia ver sua barriga, distendida de gases, movendo-se levemente.

Onde estava Padraic? Caçando, talvez.

Senti um outro cheiro sob o fedor predominante de intestinos esvaziados e inclinei-me, farejando o ar, tentando detectá-lo. Um cheiro fermentado, pungente e adocicado, como o de maçãs podres. Enfiei a mão embaixo do ombro de Hortense e puxei, rolando seu corpo na minha direção. Havia uma garrafa vazia embaixo de seu corpo. Um sopro do cheiro que emanava da garrafa foi suficiente para me dizer qual tinha sido seu conteúdo.

— Droga, droga, maldição — eu disse, em um sussurro.

Desesperadamente doente e sem água à mão, ela bebera aguardente de maçã, para matar a sede ou para aplacar a dor das cólicas. Algo lógico a fazer, salvo que o álcool era um diurético. Ele retirava ainda mais água de um corpo que já estava desidratado, sem falar no quanto irritava um trato gastrointestinal já em mau estado.

Santo Deus, ela o teria dado às crianças também? Inclinei-me para a criança mais velha. Estava mole como uma boneca de pano, a cabeça rolando nos ombros, mas sua pele ainda retinha um pouco da flexibilidade. Uma beliscada na mão; a pele permaneceu levantada, mas retornou ao normal mais depressa do que a do bebê.

Seus olhos se abriram quando belisquei sua mão. Isso era um bom sinal. Sorri para ela e espantei as moscas de sua boca semiaberta. As membranas macias e rosadas estavam secas e com uma aparência pegajosa.

— Olá, querida — eu disse suavemente. — Não se preocupe. Eu estou aqui agora.

E isso iria ajudar?, eu duvidava. Droga; se ao menos eu tivesse chegado um dia antes! Ouvi os passos apressados de Bri e

fui ao seu encontro à porta.

— Preciso... — comecei a dizer, mas ela me interrompeu.

— O sr. MacNeill está na floresta! — ela disse. — Encontrei-o no caminho para a fonte. Ele está...

A chaleira em suas mãos ainda estava vazia. Agarrei-a com um grito de exasperação.

— Água! Eu preciso de água! — Mas eu... O sr. MacNeill, ele está...

Enfiei a chaleira de volta em suas mãos e passei apressadamente por ela.

— Eu o encontrarei — eu disse. — Pegue água! Dê água a elas, o bebê primeiro! Faça Lizzie ajudá-la, as fogueiras podem esperar! Corra! Ouvi as moscas primeiro, um zumbido que fez minha pele arrepiar-se de repugnância. A céu aberto, elas o encontraram rapidamente, atraídas pelo cheiro. Tomei um gole fundo de ar e abri caminho pelo meio dos arbustos até onde Padraic jazia, caído na grama embaixo de um plátano.

Não estava morto. Percebi imediatamente; as moscas formavam uma nuvem, não um cobertor — pairando, pousando de leve, afastando-se de novo quando ele se remexia.

Ele jazia curvado no chão, vestindo apenas sua camisa, uma jarra de água caída perto de sua cabeça. Ajoelhei-me ao seu lado, espreitando-o enquanto o tocava. Sua camisa e suas pernas estavam manchadas, assim como a grama onde estava. Os excrementos eram muito aguados — a maior parte havia penetrado na terra a essa altura — mas havia um pouco de matéria sólida. Portanto, ele fora atingido mais tarde do que Hortense e as crianças; seus intestinos não estavam doendo há tanto tempo, ou haveria praticamente água, tingida de sangue.

— Padraic? — Sra. Claire, graças a Deus que veio. — Sua voz estava tão rouca que eu mal conseguia distinguir as palavras. — Minhas filhas. Você ajudou minhas filhas? Ele ergueu-se sobre um

dos cotovelos, tremendo, o suor grudando mechas de cabelos grisalhos em seu rosto. Entreabriu os olhos, tentando me ver, mas estavam inchados das mordidas dos insetos.

— Estou com elas. — Coloquei a mão sobre ele imediatamente, apertando para transmitir-lhe confiança. — Deite-se, Padraic. Espere um momento até eu cuidar delas, depois virei cuidar de você. — Ele estava gravemente doente, mas não corria perigo imediato; as crianças, sim.

— Não se importe comigo — Padraic murmurou. — Não... se preocupe...

— Ele oscilou, abanou as moscas que rastejavam pelo seu rosto e peito, depois grunhiu quando as cólicas tomaram sua barriga de novo, dobrando-se como se a mão forte de alguém o esmagasse.

Eu já corria de volta para casa. Havia manchas de água derramada na terra do caminho — ótimo, Brianna fora por ali, correndo.

Disenteria amebiana? Envenenamento alimentar? Tifo? Tifoide? Cólera? — por favor, Senhor, isso não. Todas essas doenças, e muitas outras, estavam agrupadas simplesmente como "fluxo sangrento" nesta época, e por razões óbvias. Não que isso importasse, em curto prazo.

O perigo imediato de toda doença diarreica era simplesmente a desidratação. No esforço para expelir qualquer invasor microbial que estivesse irritando os intestinos, o trato gastrointestinal simplesmente se descarregava repetidamente, depauperando o corpo da água necessária para fazer o sangue circular, para eliminar as toxinas, para resfriar o corpo por meio do suor, para manter o cérebro e as membranas — a água necessária para manter a vida.

Se fosse possível manter o paciente suficientemente hidratado por meio de soluções intravenosas de glicose e sal, os

intestinos muito provavelmente por fim se curariam e o paciente se recuperaria. Sem intervenção intravenosa, a única possibilidade era administrar fluidos pela boca ou pelo reto o mais rápido e constantemente possível, pelo tempo necessário. Se fosse possível.

Se o paciente não conseguisse reter nem mesmo água — eu não achava que os MacNeill estivessem vomitando; não me lembrava desse cheiro entre os outros na cabana. Talvez não fosse cólera, afinal; já era uma vantagem.

Brianna estava sentada no chão, ao lado da criança mais velha, a cabeça da menina em seu colo, segurando uma caneca em sua boca. Lizzie estava ajoelhada junto à lareira, o rosto vermelho de esforço enquanto acendia o fogo. As moscas assentavam-se no corpo inerte da mulher na cama e Marsali agachava-se sobre o corpo flácido do bebê em seu colo, freneticamente tentando acordá-lo para beber.

Água derramada manchava sua saia. Eu pude ver a cabecinha virada para trás em seu colo, a água gotejando por uma face horrivelmente encovada e flácida.

— Ela não consegue — Marsali repetia, sem parar. — Ela não consegue, ela não consegue! Deixando de lado minha própria advertência a respeito de dedos, eu bruscamente enfiei o dedo indicador na boca do bebê, estimulando o palato para obter uma ânsia de vômito. Funcionou; o bebê engasgou-se com a água em sua boca e arfou, e eu senti a língua fechar-se com força sobre meu dedo por um instante.

Sugando. Ela era um bebê, ainda alimentado no peito — e sugar é o primeiro dos instintos de sobrevivência. Girei nos calcanhares para olhar para a mulher, mas um olhar aos seus seios achatados e mamilos fundos foi suficiente; ainda assim, agarrei um dos seios, espremendo-o na direção do mamilo. Várias vezes — não, nenhuma gotícula de leite surgiu nos mamilos marrons, e o tecido do seio jazia flácido em minha mão. Nem água, nem leite.

Marsali, entendendo o que eu tentava fazer, agarrou sua blusa pela gola e rasgou-a, pressionando a criança ao seu próprio seio. As minúsculas pernas estavam moles contra seu vestido, os dedos machucados e curvados como pétalas secas.

Eu inclinava a cabeça de Hortense para trás, gotejando água em sua boca aberta. Pelo canto do olho, vi Marsali ritmicamente apertando seu seio com uma das mãos, uma massagem urgente para fazer o leite aflorar, enquanto meus próprios dedos moviam-se no mesmo ritmo, massageando a garganta da mulher inconsciente, forçando-a a engolir.

Sua pele estava escorregadia de suor, mas a maior parte era minha. O suor escorria pelas minhas costas, fazendo cócegas entre minhas nádegas.

Eu podia sentir meu próprio cheiro, um estranho odor metálico, como cobre quente.

A garganta moveu-se em um movimento peristáltico repentino e eu retirei minha mão. Hortense engasgou-se e tossiu, em seguida sua cabeça rolou para o lado e seu estômago elevou-se, lançando seu parco conteúdo como um jato para cima outra vez. Limpei os traços de vômito de seus lábios e pressionei a xícara contra sua boca outra vez. Seus lábios não se moveram; a água encheu sua boca e escorreu pelo seu rosto e pescoço.

Em meio ao zumbido das moscas, ouvi a voz de Lizzie atrás de mim, calma, mas alheia, como se ela falasse de muito longe.

— Pode parar de xingar, senhora? É que as crianças podem ouvi-la.

Virei-me bruscamente para ela, somente então percebendo que eu de fato estivera xingando em voz alta, sem parar, enquanto trabalhava.

— Sim — eu disse. — Desculpe. — E voltei-me de novo para Hortense.

Eu conseguia fazê-la engolir um pouco de água de vez em quando, mas não o suficiente. Nem de longe, considerando que seus intestinos continuavam tentando se livrar do que quer que os estivesse perturbando.

Fluxo sangrento.

Lizzie rezava.

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

Brianna murmurava alguma coisa baixinho, sons ansiosos de encorajamento maternal.

— Bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus...

Meu polegar estava no pulso da carótida. Eu sentia seu coração bater, falhar, continuar, sacolejando-se como uma carroça sem uma das rodas.

Seu coração começava a falhar, arritmia.

— Santa Maria, mãe de Deus...

Dei um soco com meu punho cerrado em seu peito, e outra vez, e outra vez, com força suficiente para fazer a cama e o corpo lasso e pálido estremecerem sob os golpes. Moscas revoaram, alarmadas, da palha encharcada, zumbindo.

— Oh, não — Marsali disse baixinho atrás de mim. — Oh, não, não, por favor. — Eu já ouvira esse tom de incredulidade antes, de protesto e súplica negados... e compreendi o que acontecera.

— Rezai por nós, pecadores...

Como se também ela tivesse ouvido, a cabeça de Hortense rolou repentinamente para o lado e seus olhos se arregalaram, olhando fixamente para o lugar onde Marsali estava sentada, embora eu achasse que ela não enxergasse nada. Então, seus olhos se fecharam e ela dobrou-se de repente, sobre um dos lados, as pernas puxadas quase até o queixo. Sua cabeça entortou-se bruscamente para trás, o corpo retesado em um espasmo, e então ela relaxou subitamente. Ela não iria deixar sua filha ir sozinha. Fluxo sangrento.

— Agora e na hora de nossa morte, amém. Ave-Maria, cheia de graça...

A voz suave de Lizzie continuava mecanicamente, repetindo sua oração como eu repetira meus palavrões antes. Segurei o pulso de Hortense, verificando o batimento cardíaco, mas por mera formalidade.

Marsali dobrou-se sobre o corpinho, angustiada de dor e pesar, embalando-o contra seu seio. O leite derramava-se do mamilo inchado, afluindo lentamente, depois mais depressa, escorrendo como chuva branca no rostinho imóvel, inutilmente ansioso para nutrir e sustentar.

O ar ainda estava sufocante, ainda opressivo de odores e moscas e do som das preces de Lizzie — mas a cabana parecia vazia, e curiosamente silenciosa.

Ouviu-se um som arrastado do lado de fora; o som de algo sendo arrastado, um grunhido de dor e de terrível esforço. Em seguida, o som de uma queda suave, uma arfada. Padraic conseguira voltar para a soleira de sua própria porta. Brianna olhou para a porta, mas ela continuava segurando a menina mais velha nos braços, ainda viva.

Pousei na cama a mão inerte que eu segurava, cuidadosamente, e fui ajudá-lo.





## UMA FÉTIDA PESTILÊNCIA

Os dias estavam ficando mais curtos, mas a aurora ainda chegava cedo.

As janelas da frente da casa davam para o leste e o sol nascente brilhava sobre o carvalho, esfregado até ficar branco, do assoalho do meu consultório. Eu podia ver a brilhante barra de luz avançando pelas tábuas lavradas a mão; se eu tivesse um verdadeiro medidor de tempo, eu poderia calibrar o assoalho como um relógio do sol, marcando as emendas entre as tábuas como minutos.

Entretanto, sendo como era, eu as marcava em batimentos cardíacos, esperando entre os momentos até o sol ter atingido a bancada onde meu microscópio ficava pronto, as lâminas e a proveta a seu lado.

Ouvi passos suaves no corredor e Jamie abriu a porta com o ombro, uma caneca de estanho com alguma bebida quente em cada mão, enroladas em panos por causa do calor.

— Ciamar a tha thu, mo chridhe — ele disse brandamente, e entregou-me uma das canecas, roçando os lábios em um beijo na minha testa. — Como vai? — Podia ser pior. — Dei-lhe um sorriso de gratidão, embora interrompido por um bocejo. Eu não precisava lhe dizer que Padraic e sua filha mais velha ainda viviam; ele saberia imediatamente pelo meu rosto se algo terrível tivesse acontecido. Na realidade, fora alguma complicação, eu achava que

ambos iriam se recuperar; eu ficara com eles a noite inteira, acordando-os de hora em hora para que bebessem uma mistura de água e mel, com um pouco de sal, alternando com uma forte infusão de folhas de hortelã e casca de corniso para acalmar os intestinos.

Ergui a caneca — chá de quenopódio — fechando os olhos enquanto inalava o perfume levemente amargo, e sentindo os músculos tensos do meu pescoço e ombros relaxarem na expectativa.

Ele me vira contorcer a cabeça para relaxar o pescoço; a mão de Jamie Pousou em minha nuca, palma grande e maravilhosamente quente por ter segurado a caneca. Dei um pequeno gemido de êxtase ao toque de sua mão e ele riu, um riso baixo na garganta, massageando meus músculos doloridos.

— Não deveria ir para a cama, Sassenach? Você não dormiu a noite inteira.

— Oh, dormi... um pouco. — Eu havia cochilado em sobressaltos, sentada junto à janela aberta, acordada periodicamente pelo surpreendente toque em meu rosto das mariposas que voavam para dentro do consultório, atraídas pela luz da minha vela. A sra. Bug, no entanto, viera ao amanhecer, descansada e engomada, pronta para assumir a cansativa assistência.

— Vou me deitar daqui a pouco — prometi. — Mas eu queria dar uma rápida olhada primeiro. — Abanei a mão vagamente na direção do microscópio, que estava montado e pronto para ser usado sobre a mesa.

Ao lado, viam-se várias garrafinhas, fechadas com pano torcido, cada qual contendo um líquido marrom. Jamie franziu a testa para elas.

— Olhar? O quê? — ele disse. Levantou o nariz reto e comprido, cheirando o ar desconfiadamente. — São fezes? — Sim

— respondi, sem me importar de conter um enorme bocejo.

Eu havia, o mais discretamente possível, coletado amostras de Hortense e do bebê e, posteriormente, dos meus pacientes vivos também. Jamie olhou-as com suspeita.

— Exatamente o quê — ele perguntou cautelosamente — você está procurando? — Bem, eu não sei — admiti. — Na realidade, pode ser que eu não encontre nada, ou nada que eu seja capaz de reconhecer. Mas é possível que tenha sido uma ameba ou um bacilo que fez os MacNeill adoecerem; e eu acho que consigo reconhecer uma ameba; são bem grandes.

Relativamente falando — acrescentei apressadamente.

— Ah, é? — Suas sobrancelhas ruivas juntaram-se, depois se levantaram.

— Por quê? Essa era uma pergunta melhor do que ele poderia imaginar.

— Bem, em parte por curiosidade — admiti. — Mas também, se eu achar um organismo causador que eu possa reconhecer, saberei um pouco mais sobre a doença: quanto tempo dura, por exemplo, e se há alguma complicação especial a ser evitada. E até que ponto é contagiosa.

Ele olhou para mim, a caneca a meio caminho da boca.

— Pode-se pegar essa doença? — Não sei — admiti. — Embora esteja quase certa que sim. Fui vacinada contra tifo e tifoide, mas não parece nenhum dos dois. E não há nenhuma vacina para disenteria ou envenenamento por Giárdia.

As sobrancelhas se uniram e permaneceram assim, enrugadas, enquanto ele bebericava seu chá. Seus dedos deram um aperto final e abandonaram meu pescoço.

Tomei um pequeno gole, cautelosamente, do meu chá, suspirando de prazer conforme ele suavemente esaldou minha garganta e desceu, quente e reconfortante, até meu estômago.

Jamie acomodou-se em seu banco, as longas pernas estendidas para frente. Abaixou os olhos para a caneca fumegante entre suas mãos.

— Acha que este chá está quente, Sassenach? — ele perguntou.

Ergui minhas próprias sobrancelhas diante disso. As duas canecas ainda estavam enroladas em panos e eu podia sentir o calor infiltrando-se até as palmas das minhas mãos.

— Sim — respondi. — Por quê? Ele ergueu a caneca e encheu a boca de chá, que ficou segurando por alguns instantes antes de engolir; pude ver os longos músculos moverem-se em sua garganta.

— Brianna entrou na cozinha enquanto eu estava fervendo a água — ele disse. — Ela pegou a bacia e a vasilha de sabão, em seguida pegou uma concha da água fervente da chaleira e despejou-a nas mãos, em uma e depois na outra. — Parou por um instante. — A água estava borbulhando quando a tirei do fogo um instante antes.

O gole de chá que eu colocara na boca desceu de maneira errada, e eu tossi.

— Ela se queimou? — eu disse, quando consegui me recobrar.

— Sim — ele disse, um pouco taciturnamente. — Ela se esfregou das pontas dos dedos aos cotovelos e eu vi a bolha no lado de sua mão, por onde a água escorreu. — Ele parou por um instante e seus olhos fitaram os meus por cima das canecas, azuis-escuros de preocupação.

Tomei outro gole do meu chá sem mel. O aposento estava tão frio, logo após o amanhecer, que meu hálito quente formou minúsculos fiapos de vapor quando suspirei.

— O bebê de Padraic morreu nos braços de Marsali — eu disse, suavemente. — Ela segurava a outra criança. Ela sabe que é contagioso. — E sabendo, não podia tocar ou pegar em seu próprio

filho sem fazer o melhor possível para se desinfetar e afastar seus medos.

Jamie remexeu-se, inquieto.

— Sim — começou. — Mas ainda assim...

— É diferente — eu disse, e coloquei a mão em seu pulso, tanto para meu próprio consolo, quanto para o dele.

O frio transitório do ar da manhã tocava igualmente meu rosto e minha mente, dissipando o emaranhado quente dos sonhos. A grama e as árvores ainda estavam iluminadas com a claridade fria do alvorecer, sombreadas de azul e misteriosas, e Jamie parecia um sólido ponto de referência, fixo na luz cambiante.

— Diferente — repeti. — Para ela, quero dizer. — Inspirei fundo o doce ar da manhã, rescendente a grama molhada e ipomeias.

— Eu nasci no fim de uma guerra. A Grande Guerra, chamavam-na, Porque o mundo nunca vira nada igual. Já lhe contei sobre isso. — Minha voz tinha um leve tom de interrogação, e ele confirmou, balançando a cabeça, os olhos fixos nos meus, ouvindo.

— No ano seguinte ao meu nascimento — eu disse —, houve uma grande epidemia de gripe. Em todo o mundo. As pessoas morriam às centenas e milhares. Vilarejos inteiros desapareciam no espaço de tempo de uma semana. E depois veio a outra, a minha guerra.

As palavras eram inteiramente inconscientes, mas ouvindo-as, senti o canto da minha boca se torcer com ironia. Jamie viu, e um leve sorriso tocou seus próprios lábios. Ele sabia o que eu queria dizer — aquela sensação estranha de orgulho que vem de atravessar um terrível conflito, deixando a pessoa com um curioso sentimento de posse. Seu pulso se virou, seus dedos envolvendo os meus com força.

— E ela nunca viu a peste ou a guerra — ele disse, começando a entender. — Nunca? — Sua voz tinha um tom

peculiar. Quase incompreensível, para um homem que nasceu guerreiro, foi criado para lutar assim que conseguisse erguer uma espada; nascido para a ideia de que precisava — e o faria — defender a si mesmo e à sua família pela violência.

Uma ideia incompreensível — porém, de certa forma, maravilhosa.

— Somente ilustrações. Filmes, quero dizer. Televisão. — Isso ele nunca compreenderia e eu não sabia explicar. A maneira como tais fotos concentravam-se na própria guerra; bombas e aviões e submarinos, e a emoção do sangue derramado propositalmente; uma noção de nobreza na morte deliberada.

Ele sabia o que os campos de batalha realmente eram — campos de batalha e tudo que vinha em seguida.

— Os homens que lutaram nessas guerras, e as mulheres, não morreram das armas, a maioria. Morreram assim... — Levantei a caneca na direção da janela aberta, para as montanhas tranquilas, o vale distante onde a cabana de Padraic MacNeill ficava escondida. — Morriam de doença e abandono, porque não havia nenhum modo de impedir.

— Já vi isso — ele disse à meia-voz, com um olhar de relance para as garrafinhas tampadas. — Epidemias e sezão desenfreadas em uma cidade, metade de um regimento morrer de diarreia.

— Claro que viu.

Borboletas esvoaçavam entre as flores do pátio, brancas e amarelas, aqui e ali o singrar elegante, preguiçoso, de uma papilionídea saindo das sombras das árvores. Meu polegar ainda repousava em seu pulso, sentindo sua pulsação, lenta e vigorosa.

— Brianna nasceu sete anos depois que a penicilina começou a ser comumente utilizada. Ela nasceu na América, não nesta — balancei a cabeça para a janela aberta outra vez —, mas naquela outra, a que virá. Lá não é comum muitas pessoas morrerem de doenças contagiosas. — Olhei para ele.

A luz chegara à sua cintura e brilhava na caneca de metal em sua mão.

— Você se lembra da primeira pessoa que você conhecia que morreu? Seu rosto ficou confuso de surpresa, depois se aguçou, pensando.

Após alguns instantes, ele sacudiu a cabeça.

— Meu irmão foi o primeiro que era importante, mas conheci outros antes dele, sem dúvida.

— Eu também não consigo me lembrar. — Meus pais, é claro; sua morte fora pessoal. No entanto, nascida na Inglaterra, eu vivera na sombra de monumentos fúnebres e pessoas fora do círculo da minha própria família morriam regularmente; tive uma súbita e vívida lembrança de meu pai colocando um chapéu de feltro e um casaco escuro para ir ao funeral da mulher do padeiro. Sra. Briggs, era seu nome. Mas ela não fora a primeira; eu já sabia a respeito de morte e funerais. Que idade eu teria na ocasião — quatro, talvez? Eu estava muito cansada. Parecia haver areia nos meus olhos pela falta de sono e a luz delicada da manhã estava se intensificando.

— Acho que a morte de Frank foi a primeira que Brianna vivenciou pessoalmente. Talvez tenha havido outras; não sei ao certo. Mas a questão é...

— Sei qual é a questão. — Estendeu o braço para pegar a caneca vazia da minha mão e colocou-a na bancada, em seguida esvaziou a sua própria e colocou-a ali também.

— Mas não é por si própria que ela teme, não é? — perguntou, os olhos penetrantes. — É a criança.

Balancei a cabeça. Ela sabia, é claro, de uma maneira um pouco acadêmica, que tais coisas eram possíveis. Mas ver uma criança morrer de repente à sua frente, de algo como um simples caso de diarreia...

— Ela é uma boa mãe — eu disse, e bocejei de repente. De fato, era.

Mas Brianna nunca fora atingida de uma maneira tão visceral pelo fato de que alguma coisa tão insignificante como um germe pudesse roubar seu filho repentinamente. Não até ontem.

Jamie levantou-se de repente e puxou-me, colocando-me de pé.

— Vá para a cama, Sassenach — ele disse. — Isso pode esperar. — Balançou a cabeça para o microscópio. — Nunca soube que cocô guardado se estragasse.

Eu ri, e deixei-me desmoronar lentamente sobre ele. Minha face pressionada contra seu peito.

— Acho que tem razão. — Ainda assim, não me afastei. Ele me amparou e ficamos vendo a luz do sol crescer, subindo devagar pela parede.





## AMEBA

Virei o espelho do microscópio alguns milímetros para frente, para obter o máximo de luz possível.

— Lá está. — Dei um passo para trás, fazendo sinal para Malva vir ver. — Está vendo? Essa figura grande, clara, no meio, lobulada, com uns pontinhos pelo meio? Ela franziu a testa, apertando um dos olhos na ocular, depois prendeu a respiração com uma arfada de triunfo.

— Estou vendo perfeitamente! Como um pudim de passas que alguém deixou cair no chão, não é? — Isso mesmo — eu disse, sorrindo de sua descrição apesar da seriedade geral de nossa investigação. — É uma ameba, um dos maiores tipos de microorganismos. E acho que este é mesmo o nosso vilão.

Olhávamos lâminas feitas com as amostras de fezes que eu retirara dos doentes — pois a família de Padraic não foi a única atingida. Havia três famílias com pelo menos uma pessoa doente com uma severa diarreia — e em todas as amostras que eu olhara até agora, encontrei essa ameba intrusa.

— É mesmo? — Malva erguera os olhos quando eu falei, mas retornou para o microscópio, absorta. — Como algo tão pequeno pode causar tal a stramash em algo tão grande quanto uma pessoa?

— Bem, existe uma explicação — eu disse, passando rapidamente outra lâmina delicadamente pelo banho de tintura e

colocando-a para secar. — Mas me tomaria um pouco de tempo para lhe explicar tudo a respeito de células; lembra-se, eu lhe mostrei as células da mucosa de sua boca? Ela balançou a cabeça, franzindo ligeiramente a testa e passou a língua por dentro da bochecha.

— Bem, o corpo produz uma infinidade de células diferentes e há tipos especiais de células cuja função é lutar contra bactérias, aquelas coisinhas arredondadas, lembra-se delas? — Fiz um gesto indicando a lâmina, que, sendo de matéria fecal, continha as grandes quantidades usuais de *Escherichia coli* e outras semelhantes.

— Mas há milhões de tipos diferentes e às vezes aparece um micro-organismo com as quais as células especiais não são capazes de lidar. Sabe... eu lhe mostrei o *Plasmodium* no sangue de Lizzie, não foi? — Indiquei com um sinal da cabeça o frasco tampado sob a bancada; eu tirara sangue de Lizzie havia apenas um ou dois dias e mostrara para Malva os parasitas da malária nas células. — E eu realmente acho que esta nossa ameba pode muito bem ser uma assim.

— Oh, bem. Então, nós vamos dar penicilina aos doentes?

Sorri diante do ansioso "nós", embora houvesse pouco motivo para sorrir na situação geral.

— Não, receio que a penicilina não seja eficaz contra disenteria amebiana; é como você chama uma diarreia muito grave: disenteria. Não, creio que não tenha muito além de algumas ervas. — Abri o armário e corri os olhos pelas fileiras de frascos e embrulhinhos de gaze, pensando.

— Losna, para começar. — Retirei o jarro da prateleira e entreguei-o a Malva, que veio se colocar ao meu lado, olhando com interesse os mistérios do armário. — Alho, geralmente é útil para infecções do trato digestivo, mas também dá um bom emplastro para problemas de pele.

— E quanto a cebolas? Minha avó cozinhava uma cebola no vapor e a colocava na minha orelha, quando eu era pequena e tinha dor de ouvido.

Tinha um cheiro horrível, mas funcionava! — Mal não faz. Vá até a despensa, então, e traga... oh, três cebolas grandes e várias cabeças de alho.

— Oh, agora mesmo, senhora! — Ela largou a losna e saiu correndo, as sandálias batendo. Voltei-me novamente para as prateleiras, tentando acalmar minha própria sensação de urgência.

Eu estava dividida entre a compulsão de estar com os doentes, assistindo-os, e a necessidade de fazer remédios que poderiam ajudar. No entanto, havia outras pessoas que podiam dar assistência aos doentes, mas ninguém, a não ser eu, que soubesse o suficiente para tentar combinar um remédio antiparasitário.

Losna, alho... agrimônia. E genciana. Qualquer coisa com um conteúdo muito alto de cobre ou enxofre... oh, ruibarbo. Já havíamos passado da estação de cultivo, mas eu tive uma boa safra e havia guardado várias dezenas de garrafas da polpa fervida e do xarope, e a sra. Bug gostava de usá-lo em tortas; além disso, o ruibarbo fornecia alguma vitamina C para os meses de inverno. Daria uma esplêndida base para o remédio. E talvez olmeiro escorregadio, por seus efeitos calmantes no trato intestinal — embora provavelmente tais efeitos fossem tão brandos a ponto de nem serem detectáveis contra o poder de destruição de um ataque tão virulento.

Comecei a socar losna e agrimônia no meu almofariz, imaginando, enquanto isso, de onde viera a maldita ameba. Disenteria amebiana normalmente era uma doença dos trópicos, embora Deus fosse testemunha de que eu já vira inúmeras doenças tropicais no litoral, trazidas com o comércio de escravos e açúcar das Antilhas — e não poucas no interior também, já que as doenças

que não são instantaneamente fatais tendem a se tornar crônicas e acompanhar suas vítimas.

Não era impossível que alguém do grupo dos pescadores a tivesse contraído durante a viagem da costa e embora fosse um dos afortunados que sofreu apenas uma infecção leve, agora carregava por aí a forma enquistada da ameba em seu trato digestivo, pronto a dispersar seus quistos infecciosos por toda parte.

Por que essa erupção súbita? A disenteria quase sempre se espalhava pela água ou por alimento contaminado. O que...

— Tome, senhora. — Malva voltara, ofegante por causa de sua pressa, várias cebolas marrons e grandes na mão, brilhantes e crocantes, e uma dúzia de cabeças de alho entroxadas no avental. Coloquei-a para fatiá-los, e tive a feliz inspiração de dizer-lhe para cozinhá-los no mel. Eu não sabia se o efeito antibacteriano do mel seria igualmente eficaz contra a ameba, mas mal não faria — e certamente tornaria a mistura mais palatável; tudo indicava que a operação com cebolas, alho e ruibarbo causaria mais do que simplesmente olhos lacrimejantes.

— Cruzes! O que vocês estão fazendo? Levantei os olhos da minha maceração e vi Brianna à porta, com um ar de profunda suspeita, o nariz enrugado por causa do cheiro.

— Oh. Bem... — Eu mesma já me habituara a ele, mas na realidade o ar no consultório estava bastante carregado com o cheiro de amostras fecais, agora intensificado por ondas de vapores de cebola. Malva ergueu os olhos, escorrendo lágrimas, e fungou, enxugando o nariz no avental.

— Estamos "bazendo rebédios" — ela informou Bri, com considerável dignidade.

— Mais alguém adoeceu? — perguntei ansiosamente, mas ela sacudiu a cabeça e deslizou para dentro do aposento, melindrosamente evitando a bancada onde eu estivera preparando lâminas de matéria fecal.

— Não, não que eu saiba. Levei comida para os McLachlan hoje de manhã e disseram que apenas os dois filhos pequenos tiveram. A sra. Coinneach disse que ela teve diarreia há uns dois dias, mas não foi grave, e agora ela já está bem.

— Estão dando água com mel aos pequenos? Ela balançou a cabeça, uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Eu os vi. Parecem bastante doentes, mas nada semelhante aos MacNeill. — Ela mesma pareceu um pouco doente diante da lembrança, mas reagiu, voltando-se para um armário alto.

— Posso pegar um pouco de ácido sulfúrico, mamãe? — Ela trouxera uma xícara de cerâmica com ela e não pude conter o riso.

— As pessoas comuns pedem emprestado uma xícara de açúcar — eu lhe disse, indicando a xícara com um sinal da cabeça. — Claro. Mas tenha cuidado, coloque-o em um desses frascos com rolha de cortiça encerada.

Não vai querer correr o risco de tropeçar e derramá-lo.

— Definitivamente, não — ela me assegurou. — Mas só preciso de algumas gotas. Vou diluí-lo bastante. Estou fazendo papel.

— Papel? — Malva pestanejou, os olhos vermelhos, e fungou. — Como? — Bem, encharque e esprema qualquer coisa fibrosa em que consiga pôr as mãos — Bri disse-lhe, fazendo movimentos ilustrativos com as mãos. — Pedacinhos de papel velho, trapos velhos, restos de fios e cordas, alguns tipos mais macios de folhas e flores. Deixe de molho em água durante vários dias e, se tiver, dilua um pouco de ácido sulfúrico. — Um dedo longo tamborilou na garrafa quadrada afetuosamente. — Depois que a mistura tiver sido totalmente transformada em uma espécie de polpa, espalhe uma camada fina dessa polpa sobre umas telas, pressione para tirar a água, deixe secar e, bingo, papel! Pude ver Malva articulando "bingo" consigo mesma e virei-me um pouco, para que ela não me visse sorrir. Brianna abriu a grande garrafa

quadrada de ácido e, com muito cuidado, despejou algumas gotas em sua xícara. Imediatamente, o cheiro quente de enxofre ergueu-se como um demônio em meio ao miasma de fezes e cebolas.

Malva retesou-se, os olhos ainda escorrendo, mas arregalados.

— O que é isso? — perguntou.

— Ácido sulfúrico — Bri respondeu, olhando para ela curiosamente.

— Vitríolo — acrescentei. — Já tinha visto... hã, sentido esse cheiro antes?

Ela balançou a cabeça, colocou as cebolas fatiadas em uma vasilha e tampou-a cuidadosamente.

— Sim, já. — Aproximou-se para olhar a garrafa de vidro verde, enxugando os olhos. — Minha mãe, ela morreu quando eu era pequena, tinha um pouco disso. Lembro-me do cheiro e de que ela dizia para eu não me aproximar, nunca. Sulfur, as pessoas chamavam o cheiro, um sopro de sulfúrio.

— É mesmo? Para que será que ela o usava? — Eu realmente me perguntava, e com uma certa sensação inquietante. Um alquimista ou um boticário provavelmente teria a substância; a única razão que eu conhecia para um cidadão comum guardá-la seria como meio de agressão, para jogar em alguém.

Mas Malva apenas sacudiu a cabeça e, virando-se, voltou para as cebolas e o alho. Mas eu percebera a expressão em seu rosto; um estranho ar de hostilidade e nostalgia que fez soar uma pequena campainha de alarme dentro de mim.

Saudade de uma mãe morta havia muito tempo — e a ira de uma menina, abandonada. Confusa e sozinha.

— O quê? — Brianna observava o meu rosto, franzindo ligeiramente a testa. — O que foi?

— Nada — eu disse, e coloquei a mão em seu braço, apenas para sentir a força e a alegria de sua presença, os anos de seu

crescimento.

Lágrimas afloraram aos meus olhos, mas isso podia ser atribuído às cebolas. — Nada.



Eu estava ficando terrivelmente cansada de funerais. Este era o terceiro, igualmente em três dias. Enterramos Hortense e o bebê juntos, em seguida a sra. Ogilvie, a mais velha. Agora, era a vez de outra criança, um dos gêmeos da sra. MacAfee. O outro gêmeo, um menino, ficou parado junto à sepultura da irmã, em um choque tão profundo que ele próprio parecia um fantasma ambulante, embora não tivesse sido atingido pela doença.

Chegamos mais tarde do que pretendíamos — o caixão não ficara inteiramente pronto — e a noite crescia à nossa volta. Todo o dourado das folhas de outono haviam se esmaecido em cinza, e uma névoa branca enroscava-se pelos troncos escuros e molhados dos pinheiros. Era difícil imaginar um cenário mais desolado — no entanto, de certo modo, era mais adequado do que a brilhante luz solar e a brisa fresca que soprava quando enterramos Hortense e a pequena Angelica.

— O Senhor é meu pastor. Ele me conduz — a voz de Roger falhava dolorosamente, mas ninguém parecia notar. Ele esforçou-se por um instante, engolindo com força, e continuou, teimosamente. Segurava a pequena Bíblia verde nas mãos, mas não olhava para ela; falava de cor e seus olhos passeavam do sr. MacDuff, sozinho, pois sua mulher e sua irmã estavam ambas doentes, para o menino ao seu lado — um garotinho mais ou menos da idade de Jemmy.

— Ainda que eu andasse... ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não... não temeria mal algum... Sua voz tremia perceptivelmente e eu vi as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Olhei ao redor, à procura de Bri; ela estava um pouco para trás dos parentes, Jem parcialmente enrolado nas dobras de sua capa escura. O capuz estava puxado, mas seu rosto era visível, pálido no crepúsculo, Nossa Senhora das Dores.

Até o casaco vermelho do major MacDonald estava embotado, cinza-escuro nos últimos vestígios de luz. Ele chegara à tarde e ajudara a carregar o pequeno caixão; estava parado ali agora, o chapéu melancolicamente enfiado debaixo do braço, a cabeça coberta com peruca abaixada, o rosto invisível. Ele, também, tinha uma filha, em algum lugar na Escócia, com a mãe.

Cambaleei um pouco e senti a mão de Jamie sob meu cotovelo. Eu quase não dormira nos últimos três dias e comera muito pouco. No entanto, não me sentia cansada, nem com fome; sentia-me distante e irreal, como se o vento me trespassasse.

O pai emitiu um grito de dor inconsolável e deixou-se cair repentinamente sobre o montículo de terra ao lado da sepultura. Senti os músculos de Jamie contraírem-se com um sentimento instintivo de compaixão e me afastei um pouco, dizendo: — Vá.

Eu o vi atravessar agilmente até o sr. MacAfee, inclinar-se para sussurrar em seu ouvido, passar o braço ao seu redor. Roger parara de falar.

Meus pensamentos recusavam-se a me obedecer. Por mais que tentasse fixá-los na cerimônia, eles se desgarravam. Meus braços doíam; eu estivera socando ervas, levantando pacientes, carregando água... eu sentia como se estivesse fazendo tudo isso repetidamente, podia sentir a batida do pilão no almofariz, o peso dos corpos inconscientes. Eu via, com uma lembrança vívida, as lâminas de Entameba, ávidos pseudópodes flutuando com apetite em câmara lenta. Água, ouvia a água correndo; eles viviam na água, embora apenas a forma cística fosse infectante. Era transmitida por meio da água. Pensei nisso com muita clareza.



E logo eu estava deitada no chão, sem me lembrar de ter caído, sem nenhuma lembrança de ter estado em pé, o cheiro de terra fresca e úmida e madeira fresca e úmida em meu nariz, e um vago pensamento em vermes.

Houve um pequeno alvoroço de movimento diante dos meus olhos; a pequena Bíblia verde havia caído e jazia na terra diante do meu rosto, o vento virando suas páginas, uma a uma, em um jogo fantasmagórico de sortes *Virgilianae* — onde iria parar?, perguntei-me indistintamente.

Havia mãos e vozes, mas eu não podia prestar atenção. Uma enorme ameba pairava majestosamente na escuridão à minha frente, pseudópodes flutuando devagar, devagar, em um abraço acolhedor.

*MOMENTO DE DECISÃO*

A febre atravessava minha mente como uma tempestade, forçados de dor estalando pelo meu corpo em explosões brilhantes, cada qual um relâmpago que cintilava por um vívido instante ao longo de algum nervo ou plexo, iluminando os côncavos ocultos de minhas articulações, queimando ao longo das fibras musculares. Com um brilho implacável, atacava de novo, e de novo, a espada de fogo de um anjo da destruição que não dava trégua.

Eu mal sabia se meus olhos estavam abertos ou fechados, nem se dormia ou estava acordada. Eu não via nada, a não ser um cinza turvo, turbulento e salpicado de vermelho. O vermelho pulsava em veias e manchas, escondido na nuvem. Agarrei uma veia carmim e segui seu curso, apegando-me ao caminho de seu brilho sombrio em meio à fustigação dos raios. Os trovões ficavam mais altos conforme eu penetrava cada vez mais fundo na escuridão que fervia ao meu redor, tornando-se hediondamente regular, como a batida de um tímpano, de modo que meus ouvidos retiniam com eles, e eu me senti uma pele oca, esticada ao máximo, vibrando a cada estrondo.

A fonte disso estava agora diante de mim, soluçando tão alto que senti que devia gritar, apenas para ouvir um outro som — mas embora sentisse meus lábios recuarem e minha garganta se inflar com o esforço, não ouvia nada além das batidas. Desesperada, atirei minhas mãos — se é que eram minhas mãos — através da

névoa cinzenta e agarrei um objeto quente, úmido, muito escorregadio, que pulsava, convulsivamente, em minhas mãos.

Olhei para baixo e soube imediatamente que era meu próprio coração.

Soltei-o, horrorizada, e ele se afastou, rastejando, em uma trilha de gosma avermelhada, tremendo com o esforço, as válvulas se abrindo e fechando como bocas de peixes sufocando, cada qual se abrindo com um clique oco, fechando novamente com um barulhinho surdo, polpudo.

As vezes, rostos surgiam no meio das nuvens. Alguns pareciam familiares, embora eu não conseguisse atribuir-lhes nomes. Outros eram rostos de estranhos, desconhecidos, vistos de relance, como aqueles que às vezes passam rapidamente pela mente à beira do sono. Olhavam para mim com curiosidade ou indiferença — depois se afastavam.

Os outros, os que eu conhecia, tinham um ar de compaixão ou de preocupação; procuravam fixar os olhos nos meus, porém meu olhar escorregava, desviando-se com ar de culpa, zozzo, incapaz de se fixar.

Seus lábios se moviam e eu sabia que falavam comigo, mas eu não ouvia nada, suas palavras afogadas nos trovões silenciosos da minha tempestade.

Sentia-me totalmente estranha — mas, pela primeira vez em inúmeros dias, não me sentia doente. As nuvens de febre haviam se dissipado; ainda murmúrios suaves em algum lugar próximo, mas, por enquanto, fora de vista. Minha visão era límpida; eu podia ver a madeira rústica das vigas no teto.

Na verdade, eu via a madeira com tal clareza que fiquei admirada com sua beleza. As curvas e volutas dos veios lustrados pareciam ao mesmo tempo estáticas e graciosamente vivas, suas cores tremeluzindo com a fumaça e a essência da Terra, de modo

que eu podia ver como a viga fora transformada e ao mesmo tempo ainda conservava o espírito da árvore.

Fiquei tão arrebatada pela beleza da viga que estendi a mão para tocá-la — e toquei. Meus dedos roçaram a madeira com prazer, deslizando pela superfície fria e pelos sulcos das marcas do machado, em forma de asa e regulares, como um voo de gansos ao longo da viga. Eu podia ouvir as batidas de asas poderosas e, ao mesmo tempo, sentir a flexão e o movimento rítmico dos meus ombros, a vibração de alegria através dos meus braços conforme o machado se abatia sobre a madeira. Enquanto explorava essa fascinante sensação, ocorreu-me, vagamente, que a viga estava a dois metros e meio acima da cama.

Virei-me — sem nenhuma sensação de esforço — e vi que eu estava estendida na cama embaixo.

Estava deitada de costas, as cobertas desarrumadas e espalhadas, como se em determinado momento eu tivesse tentado me livrar delas, mas não tivera forças para fazê-lo. O ar no quarto estava estranhamente imóvel e os blocos de cor na colcha de retalhos brilhavam através dele como joias no fundo do mar, suntuosas, mas amortecidas.

Em contraste, minha pele era da cor de pérolas, pálida e exangue, bruxuleante. E então vi que isso era porque eu estava tão magra que a pele do rosto e dos braços pressionava-se contra os ossos e era o brilho do osso e da cartilagem embaixo que dava aquele lustro ao meu rosto, uma dureza lisa, brilhando através da pele transparente.

E que ossos aqueles! Eu estava extasiada com a maravilha de seu formato. Meus olhos seguiram a delicadeza das costelas arqueadas, a beleza emocionante do crânio esculpido com uma sensação de perplexidade assombrada.

Meus cabelos estavam soltos, embaraçados e emaranhados... e no entanto eu me sentia atraída por eles, traçando as curvas com

olho e... dedo? Pois eu não tinha nenhuma consciência de estar me movendo e, no entanto, sentia a maciez dos fios, a seda fria do marrom e a vibração elástica da prata, ouvia os fios soarem suavemente ao roçarem uns nos outros, um ruge-ruge de notas em cascata, como os de uma harpa.

Meu Deus, eu disse, e ouvi as palavras, embora nenhum som agitasse o ar, você é tão linda! Meus olhos estavam abertos. Olhei dentro deles e deparei-me com um olhar suave de âmbar e ouro. Os olhos me atravessavam, fitando algo muito além — mas, no entanto, também me viam. Vi as pupilas se dilatarem levemente e senti o calor de sua escuridão me envolver com conhecimento e aceitação. Sim, diziam aqueles olhos penetrantes, eu a conheço. Vamos. Senti uma sensação de grande paz e o ar ao meu redor agitou-se, como vento através de penas.

Então, um som me fez voltar para a janela e eu vi o homem que estava parado ali. Eu não sabia seu nome e no entanto eu o amava. Ele estava parado, de costas para a cama, os braços apoiados com força no parapeito, e a cabeça afundada no peito, de modo que a luz do amanhecer brilhava, vermelha, em seus cabelos e delineava seus braços de dourado. Um espasmo de pesar sacudiu-o; eu o senti, como os tremores de um terremoto distante.

Alguém se aproximou dele. Uma mulher de cabelos escuros, uma jovem. Ela chegou bem perto, tocou suas costas, murmurando-lhe alguma coisa. Vi a maneira como olhava para ele, a terna inclinação de sua cabeça, a intimidade de seu corpo voltado para ele.

Não, pensei, com grande calma. Não pode ser assim.

Olhei novamente para mim mesma deitada na cama e, com uma sensação que era ao mesmo tempo uma decisão firme e um pesar incalculável, respirei outra vez.



## *EU SOU A RESSURREIÇÃO PARTE 2*

Eu ainda dormia por longos períodos, acordando apenas por pouco tempo para me alimentar. No entanto, os sonhos febris haviam desaparecido e o sono era um lago de águas negras e profundas, onde eu respirava esquecimento e era levada pela corrente, passando pelas algas oscilantes, descuidada como um peixe.

Às vezes, eu flutuava logo abaixo da superfície, consciente de pessoas e coisas no mundo que respira, mas incapaz de me juntar a elas. Vozes falavam perto de mim, abafadas e sem sentido. De vez em quando, alguma frase penetrava o líquido claro ao meu redor e flutuava para dentro de minha cabeça, onde ficava como uma minúscula água-viva, redonda e transparente, mas pulsando com algum misterioso significado interior, suas palavras uma rede à deriva.

Cada frase pairava, indecisa, durante algum tempo no meu campo de compreensão, dobrando-se e desdobrando-se em seus curiosos ritmos, e depois flutuava silenciosamente para cima e desaparecia, deixando apenas o silêncio.

E entre uma e outra, as pequenas águas-vivas vinham abrir espaços de águas claras, algumas cheias de uma luz radiante, outras da escuridão de paz absoluta. Eu flutuava para cima e para baixo, suspensa entre a superfície e as profundezas, ao capricho de correntes desconhecidas.

— Médico, olhe. — Efervescência. Um movimento lá, alguma semente adormecida de consciência, perturbada por gás carbônico, lascas e florescências. Em seguida, uma estocada tão aguda quanto metal. Quem está me chamando?

— Médico, olhe.

Abri os olhos.

Não foi um grande choque, pois o aposento estava na penumbra, ainda claro, como estar debaixo da água, e não senti nenhuma sensação de ruptura.

— Oh, Senhor Jesus Cristo, oh grande médico: olhai com benevolência para este Teu servo; dai sabedoria e discrição àqueles que a assistem em sua doença; abençoai todos os meios usados em sua recuperação...

As palavras fluíam por mim num fluxo sussurrante, fresco em minha pele. Havia um homem diante de mim, a cabeça escura inclinada sobre um livro. A luz do aposento envolvia-o e ele parecia fazer parte do ambiente.

— Estendei Tua mão — ele sussurrou para as páginas do livro, em uma voz falhada e dissonante — e, de acordo com Tua vontade, restaure sua saúde e suas forças, para que ela possa viver para louvá-Lo por Tua graça e Tua bondade; para a glória de Teu santo nome. Amém.

— Roger? — eu disse, buscando seu nome. Minha própria voz estava rouca pela falta de uso, falar era um esforço intolerável.

Seus olhos estavam fechados em oração; arregalaram-se, incrédulos, e pensei em como eram vívidos, o verde da serpentina molhada e de folhas de verão.

— Claire? — Sua voz falhou como a de um adolescente e ele deixou cair o livro.

— Não sei — eu disse, sentindo a sensação irreal de submersão ameaçando engolfar-me outra vez. — Sou?

Eu podia erguer uma das mãos por um ou dois instantes, mas estava fraca demais para sequer erguer a cabeça, quanto mais para me sentar.

Roger, prestativamente, arrastou-me para uma posição quase sentada, recostada contra os travesseiros empilhados, e colocou a mão na minha nuca para impedir que eu oscilasse, levando uma caneca de água aos meus lábios secos. Foi a sensação estranha de sua mão na pele nua do meu pescoço que deu início a um turvo processo de percepção. Em seguida, senti o calor de sua mão, vívido e imediato, na minha nuca, e fiz um movimento brusco, como o de um salmão fogado, lançando a caneca no ar.

— O quê? O quê? — gaguejei, agarrando minha cabeça, chocada demais para formular uma frase inteira, e indiferente à água fria que atravessava os lençóis. — O QUÊ?

Roger parecia quase tão chocado quanto eu. Engoliu com força, buscando as palavras.

— Eu... eu... eu... pensei que soubesse — gaguejou, a voz falhando.

— Você não...? Quero dizer... olhe, vai crescer de novo!

Eu podia sentir minha boca trabalhando, tentando em vão formas diferentes que pudessem formular as palavras, mas não havia nenhuma conexão entre língua e cérebro — não havia espaço para mais nada além da compreensão de que o peso macio, farto, dos meus cabelos havia desaparecido, substituído por uma penugem espetada.

— Malva e a sra. Bug cortaram seu cabelo, anteontem — Roger disse, de um jato só. — Elas... nós não estávamos aqui, nem Bri nem eu, nós não teríamos deixado, claro que não, mas elas acham que é o que se deve fazer por alguém com muita febre, é o que as pessoas fazem agora. Bri ficou furiosa com elas, mas elas achavam, realmente achavam que estavam ajudando a salvar sua vida... oh, por Deus, Claire, não me olhe assim, por favor!



Seu rosto desaparecera em uma explosão de luz, uma cortina de água bruxuleante repentinamente descendo para me proteger do olhar do mundo.

Eu não estava absolutamente cônica de estar chorando. A tristeza simplesmente jorrava de mim, como vinho espirrando de um odre de vinho furado com uma faca. Vermelho-púrpura como medula óssea, borrifando e gotejando para todos os lados.

— Vou chamar Jamie! — ele disse com voz áspera.

— NÃO! — Agarrei-o pela manga, com mais força do que imaginava possuir. — Pelo amor de Deus, não! Não quero que ele me veja assim!

Seu silêncio momentâneo foi revelador, mas continuei a agarrar sua manga teimosamente, incapaz de pensar em outra maneira de impedir o impensável. Pestanejei, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto como um riacho por uma rocha, e Roger ondulou novamente no campo de visibilidade, indistinto nas bordas.

— Ele... hã... ele já viu você — Roger disse, roucamente. Abaixou os olhos, sem querer olhar-me de frente. — Viu... isto. Já. Quero dizer... — Abanou a mão vagamente na vizinhança de seus próprios cachos negros.

— Ele já viu.

— Viu? — Esse foi um choque quase tão grande quanto a descoberta inicial. — O que... o que ele disse?

Ele respirou fundo e olhou para cima, como alguém que temesse ver uma górgona. Ou a antigórgona, pensei amargamente.

— Ele não disse nada — Roger falou muito brandamente, colocando a mão em meu braço. — Ele... ele só chorou.

Eu também ainda chorava, porém agora de uma maneira mais ortodoxa. Com menos soluços. A sensação de frio nos ossos passara e minhas pernas e meus braços estavam aquecidos agora, embora eu ainda sentisse uma brisa fria desconcertante no meu

couro cabeludo. Meu coração desacelerava outra vez e uma leve sensação de que eu estava fora do meu corpo se apoderou de mim.

Choque? pensei, vagamente surpresa quando a palavra se formou em minha mente, sentindo-me desvanecer. Imagino que seja possível sentir um verdadeiro choque físico em consequência de traumas emocionais — claro que era possível, eu sabia disso...

— Claire! — Percebi que Roger chamava meu nome com crescente ansiedade, sacudindo meu braço. Com um tremendo esforço, obriguei meus olhos a se focalizarem nele. Ele parecia realmente alarmado e eu me perguntei» vagamente, se eu começara a morrer outra vez. Mas não, era tarde demais para isso.

— O quê? Ele suspirou — com alívio, pensei.

— Você ficou estranha por um momento. — Sua voz estava rouca e dissonante; soava como se sentisse dor ao falar. — Pensei... quer mais um gole de água? A sugestão pareceu tão incongruente que eu quase ri. Mas eu estava com muita sede — e repentinamente uma caneca de água fria pareceu a coisa mais desejável do mundo.

— Sim. — As lágrimas continuavam a escorrer pelo meu rosto, mas agora pareciam quase calmantes. Não fiz nenhuma tentativa de estancá-las — parecia difícil demais —, mas enxuguei o rosto com a ponta do lençol molhado.

Comecei a achar que eu podia não ter feito a escolha mais sábia — ou ao menos a mais fácil — quando decidi não morrer. A realidade fora dos limites e das preocupações do meu próprio corpo começava a retornar.

Problemas, dificuldades, perigos... tristeza. Escuridão, formas ameaçadoras, como um bando de morcegos. Eu não queria olhar bem para as imagens que jaziam em uma pilha desordenada no fundo do meu cérebro — coisas que eu havia alijado na luta para me manter à tona.

Mas se eu voltara, voltara para ser o que eu era — e eu era uma médica.

— A... doença. — Enxuguei as últimas lágrimas e deixei Roger envolver minhas mãos nas suas, ajudando-me a segurar a caneca. — Ainda está...?

— Não. — Falou brandamente e guiou a borda da caneca aos meus lábios. O que era aquilo?, perguntei-me vagamente. Água, mas com alguma outra coisa... hortelã e algo mais forte, mais amargo... angélica? — Parou. — Roger segurou a caneca, deixando que eu bebesse lentamente. — Ninguém adoeceu na última semana.

— Uma semana? — Balancei a xícara, derramando um pouco do líquido pelo queixo. — Quanto tempo eu...?

— Mais ou menos isso. — Limpou a garganta. Os olhos de Roger estavam fixos na caneca; passou o polegar rapidamente pelo meu queixo, removendo as gotas que eu derramara. — Você foi uma das últimas a adoecer.

Respirei fundo, depois bebi um pouco mais. O líquido também tinha um sabor adocicado, flutuando acima do travo amargo... mel. Minha mente localizou a palavra e eu senti uma sensação de alívio por ter encontrado esse pequeno pedaço de realidade que faltava.

Compreendi pela sua maneira que alguns dos doentes haviam morrido, mas não perguntei mais nada por enquanto. Decidir viver era uma coisa. Juntar-se novamente ao mundo dos vivos era um esforço que requeria uma força que eu não tinha no momento. Eu havia arrancado minhas raízes e jazia como uma planta murcha; enfiá-las de novo na terra estava além das minhas forças por enquanto.

Saber que pessoas que eu conhecia — talvez tivesse amado — haviam morrido parecia uma dor igual à perda dos meus cabelos — e ambas eram mais do que eu podia suportar.

Bebi mais duas canecas de água adoçada com mel, apesar do amargor subjacente, depois me deitei com um suspiro, sentindo o

estômago como um pequeno e frio balão.

— É melhor descansar um pouco — Roger aconselhou-me, colocando a caneca na mesa. — Vou chamar Brianna, sim? Mas durma, se quiser.

Não tive forças para balançar a cabeça, mas consegui torcer os lábios de alguma maneira que lembrasse um sorriso. Estendi a mão trêmula e passeia-a cuidadosamente pelo topo de minha cabeça pelada. Roger contraiu-se, quase imperceptivelmente.

Ele se levantou e eu vi como parecia magro e fatigado — deve ter ficado ajudando a cuidar dos doentes a semana inteira, não apenas de mim.

E a enterrar os mortos. Ele tinha permissão de conduzir funerais.

— Roger? — Falar era um terrível esforço; era terrivelmente difícil encontrar as palavras, separá-las da minha confusão mental. — Você comeu alguma coisa ultimamente? Seu rosto mudou, um ar de alívio iluminando as rugas de exaustão e preocupação.

— Não — ele disse, limpou a garganta outra vez e sorriu. — Não desde ontem à noite.

— Oh. Bem — eu disse, e levantei uma das mãos, pesada como chumbo. — Vá. Coma alguma coisa, sim?

— Sim — ele disse. — Vou, sim. — Em vez de sair, entretanto, ele hesitou, depois deu vários passos largos e rápidos de volta, inclinou-se sobre a cama e, segurando meu rosto entre as mãos, beijou-me na testa.

— Você é linda — ele disse enfaticamente, e com um derradeiro aperto em minhas faces saiu.

— O quê? — eu disse fracamente, mas a única resposta foi o enfunar da cortina quando a brisa entrou, carregando o aroma de maçãs.

Para dizer a verdade, eu parecia um esqueleto com um corte à escovinha particularmente degradante, como constatei quando

finalmente adquirir forças suficientes para obrigar Jamie a me trazer um espelho.

— Imagino que não pensa em usar uma touca, não é? — ele sugeriu, timidamente manuseando um espécime de musselina que Marsali trouxera Para mim. — Só até que ele cresça um pouco?

— De jeito nenhum.

Tive alguma dificuldade em dizer isso, chocada como estava pela apavorante visão no espelho. Na realidade, senti um forte impulso de arrancar a touca de suas mãos, colocá-la na cabeça e puxá-la até os ombros.

Eu rejeitara ofertas anteriores de uma touca feitas pela sra. Bug — que loquazmente se parabenizava pela minha sobrevivência como resultado óbvio de seu tratamento para sezão —, bem como de Marsali, Malva e de todas as outras mulheres que vieram me visitar.

Isso era simples rebeldia de minha parte; a visão de meus cabelos revoltos indignava sua noção escocesa do que era apropriado a uma mulher e há anos elas vinham tentando — com graus variados de sutileza — me forçar a usar uma touca. Macacos me mordessem se eu ia deixar que as circunstâncias conseguissem isso por elas.

Já tendo me visto no espelho, sentia-me um pouco menos inflexível a respeito. E eu realmente sentia um pouco de frio no meu couro cabeludo.

Por outro lado, percebi que, se eu cedesse, Jamie ficaria terrivelmente alarmado — e eu achava que já o havia assustado bastante, a julgar pelo rosto encovado e pelas olheiras debaixo de seus olhos.

Assim sendo, seu rosto se iluminou consideravelmente quando rejeitei a touca que ele segurava, e ele atirou-a para o lado.

Virei o espelho cuidadosamente para baixo e coloquei-o sobre a colcha, reprimindo um suspiro.

— Muito bom para risadas, imagino, vendo as expressões nos rostos das pessoas quando se deparam comigo.

Jamie olhou para mim, o canto da boca torcendo-se.

— Você está muito bonita, Sassenach — ele disse, gentilmente.

Então, desatou a rir, resfolegando e chiando.

Ergui uma das sobrancelhas para ele, peguei o espelho e olhei outra vez — o que o fez rir ainda mais.

Reclinei-me contra os travesseiros, sentindo-me um pouco melhor. A febre passara completamente, mas eu ainda me sentia fraca e abatida, quase incapaz de me sentar sozinha, e adormecia de repente, sem aviso prévio, após o menor esforço.

Jamie, ainda rindo, segurou minha mão, levou-a à boca e beijou-a. A proximidade quente e repentina do toque alastrou-se pelo meu braço e meus dedos fecharam-se involuntariamente ao redor dos seus.

— Eu a amo — ele disse, muito ternamente, os ombros ainda se sacudindo da risada.

— Oh — eu disse, sentindo-me repentinamente bem melhor. — Tudo bem. Eu também o amo. E ele vai crescer, afinal de contas.

— Sim, vai. — Beijou minha mão outra vez e colocou-a delicadamente sobre a colcha. — Já comeu? — Um pouco — respondi, com a pouca paciência que consegui reunir. — Comerei mais depois.

Eu percebera, havia muitos anos, por que "pacientes" tinham esse nome; é porque uma pessoa doente em geral está incapacitada e assim obrigada a aturar todo tipo de importunação e aborrecimento das pessoas que não estão doentes.

A febre cessara e eu recobrava a consciência havia dois dias; desde então, a invariável reação de todo mundo que me via era dar uma arfada diante da minha aparência, insistir ansiosamente para

que eu usasse uma touca — e depois tentar forçar comida pela minha goela abaixo. Jamie, mais sensível aos tons de minha voz do que a sra. Bug, Malva, Brianna ou Marsali, sabiamente desistia depois de olhar de relance para a bandeja junto à cama e ver que eu realmente havia comido alguma coisa.

— Conte-me o que aconteceu — eu disse, ajeitando-me e preparando-me para ouvir. — Quem ficou doente? Como estão? E quem... — Limpei a garganta. — Quem morreu? Ele estreitou os olhos para mim, obviamente tentando imaginar se eu iria desmaiar, morrer ou saltar da cama se me contasse.

— Tem certeza de que se sente bastante bem, Sassenach? — ele perguntou, em dúvida. — São notícias que podem esperar.

— Sim, mas vou ter que saber mais cedo ou mais tarde, não? E saber é melhor do que ficar preocupada com o que eu não sei.

Ele balançou a cabeça, entendendo meu argumento, e respirou fundo.

— Sim, bem. Padraic e sua filha estão se recuperando bem. Evan... ele perdeu o filho mais novo, o pequeno Bobby, e Grace ainda está doente, mas Hugh e Caitlin não adoeceram. — Engoliu em seco e continuou. — Três do grupo de pescadores morreram; deve haver ainda uns doze doentes, mas a maior parte está se recuperando. — Franziu a testa, pensando. — E depois há Tom Christie. Seu estado ainda é grave, pelo que eu soube.

— É mesmo?

Malva não disse nada. — De qualquer modo, Malva se recusara a me contar qualquer coisa quando lhe perguntei anteriormente, insistindo que eu deveria apenas descansar e não me preocupar com nada.

— E Allan?

— Não, ele está bem — Jamie garantiu-me.

— Há quanto tempo Tom está doente?

— Não sei. A filha dele pode lhe dizer.

Balancei a cabeça — um erro, já que a sensação de tontura ainda não me deixara, e fui obrigada a fechar os olhos e deixar a cabeça cair para trás, desenhos iluminados cintilando por trás de minhas pálpebras.

— Isso é muito estranho — eu disse, um pouco sem ar, ouvindo Jamie sobressaltar-se em reação ao meu pequeno colapso. — Quando fecho os olhos, geralmente vejo estrelas, mas não como as estrelas no céu.

Parecem as estrelas do forro de uma mala de boneca... aquelas altas, de casacos, que abrem no meio, quero dizer... que eu tinha quando criança. Por que você acha que isso acontece? — Não faço a menor ideia. — Ouviu-se um barulho arrastado quando ele se sentou no banco outra vez. — Você não está delirando ainda, está? — ele perguntou ironicamente.

— Acho que não. Eu estava delirando? — Respirando fundo e cuidadosamente, abri os olhos e exibi minha melhor tentativa de um sorriso.

— Estava, sim.

— Vou querer saber o que eu disse? O canto de sua boca torceu-se.

— Provavelmente não, mas eu lhe direi um dia, de qualquer modo.

Pensei em fechar os olhos e deixar-me levar pelo sono, em vez de contemplar constrangimentos futuros, mas me reanimei. Se eu pretendia viver — e pretendia —, precisava reunir os fios de vida que me prendiam à Terra e reatá-los.

— A família de Bri e a de Marsali, elas estão bem? — perguntei apenas por formalidade; tanto Bri quanto Marsali tinham vindo pairar ansiosamente sobre minha figura prostrada, e embora nenhuma das duas dissesse nada que achasse que pudesse me perturbar em meu estado de fraqueza, eu estava razoavelmente



certa de que nenhuma das duas teria podido esconder de mim se as crianças estivessem gravemente doentes.

— Sim — ele disse devagar —, sim, estão bem.

— O que foi? — eu disse, percebendo a hesitação em sua voz.

— Estão bem — ele repetiu rapidamente. — Ninguém adoeceu nem um pouco.

Lancei-lhe um olhar frio, embora com cuidado para não me mover muito enquanto o fazia.

— Pode me dizer — falei. — Vou saber pela sra. Bug, se você não me contar.

Como se a menção de seu nome a tivesse evocado, ouvi as batidas características dos tamancos da sra. Bug na escada, se aproximando. Ela movia-se mais devagar do que o normal e com um cuidado que sugeria que estava carregada com alguma coisa.

O que provou ser verdade; ela passou de lado pela porta, radiante, uma bandeja em uma das mãos, a outra segurando Henri-Christian, que se agarrava a ela, como um macaco.

— Trouxe-lhe algo para comer, a leannan — ela disse animadamente, empurrando a tigela de mingau quase intocado e o prato de torrada fria para o lado, a fim de abrir espaço para as novas provisões. — Você não está contagiosa, está?

Sem esperar que eu sacudisse a cabeça, inclinou-se sobre a cama e delicadamente colocou Henri-Christian nos meus braços.

Indiscriminadamente amistoso como sempre, ele enfiou a cabeça embaixo do meu queixo, fuçou o meu peito e colocou os nós dos meus dedos na boca, os dentinhos afiados deixando marcas na minha pele.

— Oi, o que aconteceu aqui? — Franzi a testa, afastando os cabelos castanhos macios da testa redonda, onde se via a mancha amarelada de uma feia contusão junto à raiz dos cabelos.

— Uns diabinhos tentaram matar o pobrezinho — a sra. Bug informou, a boca firmemente apertada. — E teriam conseguido, se não fosse por Roger Mac, que Deus o abençoe.

— É mesmo? Que diabinhos foram esses? — perguntei, familiarizada com os modos de descrição da sra. Bug.

— Uns filhos dos pescadores — Jamie disse. Estendeu um dedo e tocou o nariz de Henri-Christian, retirou-o quando o bebê tentou agarrá-lo, depois tocou seu nariz de novo. Henri-Christian deu uma risadinha e agarrou o próprio nariz, encantado com a brincadeira.

— Aquelas criaturas perversas tentaram afogá-lo — a sra. Bug amplificou. — Roubaram o menino em seu cesto e soltaram-no à deriva no riacho!

— Não creio que pretendessem afogá-lo — Jamie disse de forma conciliatória, ainda absorto na brincadeira. — Se quisessem, certamente não teriam se preocupado em pegar o cesto, é claro.

— Hum! — foi a resposta da sra. Bug a esse exemplo de lógica. — Não pretendiam lhe fazer nenhum bem — acrescentou sombriamente.

Eu andara fazendo um rápido inventário das condições físicas de Henri-Christian, encontrando várias outras manchas roxas esmaecidas, um pequeno corte quase cicatrizado no calcanhar e um joelho ralado.

— Bem, você andou batendo de um lado para o outro, hein? — eu disse a ele.

— Ump. Hihhi! — disse Henri-Christian, divertindo-se imensamente com minhas explorações.

— Roger o salvou? — perguntei, erguendo os olhos para Jamie.

Ele balançou a cabeça, um dos lados de sua boca curvando-se um pouco para cima.

— Sim. Eu não sabia o que estava acontecendo até que a pequena Joanie correu até mim, gritando que haviam levado seu irmão; mas cheguei a tempo de ver o fim da questão.

Os garotos haviam soltado o cesto do bebê flutuando no remanso de trutas, um local largo e fundo no riacho, onde a água era bastante calma.

Feito de fortes juncos entrelaçados, o cesto flutuara... tempo suficiente para a corrente empurrá-lo para a descarga do remanso, onde a água corria rapidamente através de um trecho de pedras, até mergulhar de uma altura de mais de um metro, dentro de um redemoinho borbulhante de água e pedras.

Roger estava construindo uma cerca, o ouvido ao alcance do riacho.

Ouvindo os garotos gritando e os berros agudos como os silvos de uma locomotiva a vapor de Félicité, largara a ripa que segurava e corra pela encosta abaixo, achando que ela estava sendo atormentada.

Em vez disso, ele saíra das árvores bem a tempo de ver Henri-Christian, em seu cesto, inclinar-se lentamente pela borda da descarga e começar a colidir loucamente de pedra em pedra, girando na corrente e recebendo água.

Descendo a margem correndo e lançando-se na água de qualquer jeito, Roger aterrissou com toda a extensão de seu corpo no riacho, logo abaixo da queda d'água, a tempo de Henri-Christian, berrando de terror, cair de seu cesto encharcado, ser lançado de cabeça pela queda d'água e aterrissar em cima de Roger, que o agarrou.

— Cheguei bem a tempo de ver a cena — Jamie me informou, rindo com a lembrança. — E depois ver Roger Mac erguer-se das águas como um Tritão, com algas presas nos cabelos, sangue escorrendo do nariz e o menino preso com força nos braços. Era uma visão assustadora.

Os endiabrados garotos haviam seguido a carreira do cesto, gritando ao longo da margem, mas agora haviam emudecido. Um deles fez menção de fugir, os outros começaram a segui-lo como um voo de pombos, mas Roger apontara um dedo acusador para ele e gritara "Sheas!" com uma voz alta o suficiente para ser ouvida acima do barulho do riacho.

Tal era a força de sua presença que os meninos realmente pararam, petrificados de terror.

Retendo-os com seu olhar de fúria, Roger vadeou até a margem. Ali, agachou-se e encheu as mãos em concha de água, que despejou sobre a cabeça do bebê aos berros — o qual prontamente parou de berrar.

— Eu o batizo, Henri-Christian — Roger berrara, em sua voz rouca e dissonante. — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Vocês me ouviram, seus fedelhos? O nome dele é Christian! Ele pertence ao Senhor! Perturbem-no de novo, seus patifes, e Satã aparecerá diante de vocês e os arrastará berrando diretamente para o INFERNO!

Lançou um dedo acusatório outra vez para os meninos, que desta vez realmente desataram a correr, fugindo precipitadamente pelo mato, empurrando-se e caindo em sua pressa de escapar.

— Oh, meu Deus! — exclamei, dividida entre a consternação e a vontade de rir. Abaixei os olhos para Henri-Christian, que recentemente descobrira as alegrias de chupar o dedo e estava absorto em novos estudos da arte. — Deve ter sido impressionante.

— Impressionou a mim, sem dúvida — Jamie disse, ainda rindo. — Eu não sabia que Roger Mac fosse capaz de pregar o fogo do inferno e a danação desse modo. Ele tem um vozeirão, apesar de rouco e tudo o mais. Ele poderia ter uma boa plateia, se pregasse em uma Assembleia, hein?

— Bem, isso explica o que aconteceu a sua voz — eu disse. — Eu me perguntava. Mas você acha que foi apenas traquinagem?

Colocarem o bebê no riacho?

— Oh, foi travessura, sem dúvida — ele disse e envolveu delicadamente a cabeça de Henri-Christian com sua grande mão. — Mas não apenas travessuras dos meninos.

Jamie pegara um dos garotos quando colidiram com ele na fuga, agarrando-o pelo pescoço e quase literalmente fazendo-o urinar de medo.

Conduzindo o garoto firmemente para dentro da floresta, prendera-o com força contra uma árvore e quis saber o motivo daquela tentativa de assassinato.

Tremendo e balbuciando, o garoto tentara se desculpar, dizendo que não pretendiam causar nenhum mal ao bebê, sinceramente! Só queriam vê-lo flutuar — pois todos os seus pais diziam que ele era filho do demônio e todos sabiam que os que nasciam de Satã flutuavam, porque a água rejeitava sua maldade. Haviam apanhado o bebê em seu cesto e o colocado na água, porque tinham medo de tocá-lo, com medo de que sua carne os queimasse.

— Eu disse a ele que eu mesmo iria queimá-lo — Jamie disse de maneira um tanto assustadora —, e o fiz. — Depois, mandara o garoto, ardendo da surra, ir embora, com instruções para ir para casa, trocar as calças e informar aos seus confederados que eles eram esperados no gabinete de Jamie antes do jantar para receber seu próprio quinhão de castigo — ou ele próprio iria até suas casas depois do jantar, para dar-lhes uma surra diante dos olhos de seus pais.

— Eles vieram? — perguntei, fascinada.

Ele me deu um olhar de surpresa.

— Claro. Tomaram seu remédio e depois fomos para a cozinha comer pão com mel. Eu dissera a Marsali para trazer o bebê e, depois de comermos, eu o sentei no meu colo e fiz todos eles virem tocá-lo, só para ver.

Sorriu de viés.

— Um dos garotos me perguntou se era verdade o que o sr. Roger dissera, sobre o bebê pertencer ao Senhor. Eu disse a ele que certamente não iria discutir com o sr. Roger sobre isso, mas não importava a quem mais ele pertencesse, Henri-Christian pertencia a mim também e era melhor que se lembrassem disso.

Passou o dedo devagar pela bochecha lisa e redonda de Henri-Christian. O bebê estava quase adormecido agora, as pálpebras pesadas se fechando, um polegar minúsculo, brilhando, metade para dentro, metade para fora de sua boca.

— Que pena que eu perdi essa — eu disse suavemente, para não acordá-lo. Ele ficara muito mais quente, como acontece com os bebês adormecidos, e pesado na curva do meu braço. Jamie viu que eu estava tendo dificuldade de segurá-lo e pegou-o de mim, entregando-o de volta à sra. Bug, que andara se movimentando silenciosamente pelo quarto, limpando e arrumando, o tempo todo ouvindo com aprovação o relato de Jamie.

— Oh, foi algo digno de se ver — garantiu-me em um sussurro, dando palmadinhas de leve nas costas de Henri-Christian enquanto o segurava. — E os garotos estendendo seus dedos para cutucar a barriguinha do bebê, como se examinassem uma batata quente, e ele contorcendo-se e rindo, como uma minhoca com um acesso de riso. Os olhos dos pequenos patifes estavam arregalados, do tamanho de moedas de seis pence.

— Imagino que sim! — eu disse, achando graça. — Por outro lado — observei baixinho para Jamie quando ela saiu com o bebê —, se seus pais acham que ele é filho do demônio, e você é seu avô...

— Bem, você é sua avó, Sassenach — Jamie disse secamente. — Podia ser você. Mas, sim, preferia que não se fixassem neste aspecto da questão.

— Não — concordei. — Mas... será que algum deles sabe que Marsali não é sua filha de sangue? Devem saber sobre Fergus.

— Não faria muita diferença — ele disse. — Eles acham que o pequeno Henri é uma criança trocada pelas fadas ao nascer, de qualquer modo.

— Como você sabe disso? — As pessoas falam — ele disse laconicamente. — Está se sentindo bem, Sassenach? Aliviada do peso do bebê, eu havia afastado um pouco as cobertas para deixar entrar o ar. Jamie olhou para mim com ar de desaprovação.

— Santo Deus, posso contar todas as suas costelas! Através da sua camisola! — Aproveite enquanto pode — eu o adverti irritadamente, embora tenha sentido uma pontada de mágoa. Ele pareceu pressentir, pois tomou minha mão, traçando as linhas das profundas veias azuis que percorriam suas costas.

— Não se preocupe, Sassenach — ele disse, mais gentilmente. — Não quis magoá-la. Veja, acho que a sra. Bug lhe trouxe alguma coisa gostosa. — Levantou a tampa de uma vasilha coberta, franziu a testa para a substância que havia dentro dela, depois enfiou o dedo cautelosamente e lambeu-o.

— Pudim de xarope de bordo — anunciou, parecendo feliz.

— Oh? — Eu ainda não tinha nenhum apetite, mas pudim de xarope de bordo soava no mínimo inócuo e não fiz nenhuma objeção quando ele pegou uma colherada, guiando-a para a minha boca com a concentração de um homem pilotando um avião.

— Eu posso me alimentar sozinha, as... — Ele enfiou a colher entre meus lábios e eu resignadamente engoli o pudim. Surpreendentes revelações de doçura cremosa imediatamente explodiram em minha boca e eu fechei os olhos em um pequeno êxtase, lembrando-me.

— Oh, meu Deus, eu havia me esquecido do gosto de uma boa guloseima.

— Eu sabia que você não tem comido nada — ele disse, satisfeito. — Tome, mais um pouco.

Insisti em segurar a colher eu mesma e consegui comer metade da tigelinha; Jamie comeu a outra metade, por insistência minha.

— Você pode não estar tão magro quanto eu — eu disse, virando minha mão e fazendo uma careta diante dos ossos protuberantes do meu pulso —, mas também não andou comendo muito.

— Creio que não. — Ele raspou a colher cuidadosamente ao redor da tigela, recuperando os últimos vestígios de pudim, e lambeu a colher. — Tem sido... movimentado.

Olhei-o atentamente. Ele estava sendo abertamente alegre, mas minha sensibilidade entorpecida estava começando a voltar. Por um período de tempo desconhecido, eu não tivera nem energia, nem atenção para nada que estivesse fora do âmbito do meu corpo devastado pela febre; agora, eu começava a ver as pequenas características familiares do corpo de Jamie, voz e maneira, e me sintonizando novamente com ele, como uma corda de violino frouxa que era apertada na presença de um diapasão.

Eu podia sentir a vibração de certa tensão nele e estava começando a achar que não se devia inteiramente ao meu quase falecimento.

— O que foi? — perguntei.

— O quê? — Ele ergueu as sobrancelhas interrogativamente, mas eu o conhecia muito bem para ele me enganar. Só a pergunta já me convenceu de que eu estava certa.

— O que você não está me contando? — perguntei, com toda a paciência que pude reunir. — É Brown outra vez? Teve notícias de Stephen Bonnet? Ou de Donner? Ou a porca branca comeu uma das crianças, engasgou-se e morreu entalada? Isso o fez rir, ao menos, embora apenas por um instante.



— Nada disso — ele disse. — Ela correu atrás de MacDonald, quando ele nos visitou alguns dias atrás, mas ele conseguiu alcançar a varanda a tempo. O major é muito ágil para um homem de sua idade.

— Ele é mais novo do que você — objetei.

— Bem, eu também sou ágil. A porca ainda não me pegou, não é? Senti uma vertigem de ansiedade à menção do major, mas não eram notícias de agitação política nem de escaramuças militares que perturbavam Jamie; ele teria me contado na mesma hora. Estreitei os olhos para ele novamente, mas não disse nada.

Ele suspirou profundamente.

— Estou pensando em mandá-los embora daqui — ele disse serenamente, e tomou minha mão outra vez.

— Mandar quem embora? — Fergus, Marsali e as crianças.

Senti um choque repentino, brusco, como se alguém tivesse me atingido na boca do estômago, e de repente senti dificuldade em respirar.

— O quê? Por quê? E... e para onde? — consegui perguntar.

Ele acariciou levemente os nós dos meus dedos com o polegar, de um lado para o outro, os olhos focalizados no pequeno gesto.

— Fergus tentou se matar, há três dias — ele disse, muito serenamente.

Minha mão agarrou a dele convulsivamente.

— Santo Deus — murmurei. Ele balançou a cabeça e vi que não conseguia falar por enquanto; seus dentes estavam cravados no lábio inferior.

Agora, fui eu quem tomou suas mãos entre as minhas, sentindo o frio se filtrar pela minha pele. Eu queria negar o fato, rejeitá-lo inteiramente, mas não podia. Ele estava lá entre nós dois, algo horripilante como um sapo venenoso em que nenhum de nós queria tocar.

— Como? — perguntei, finalmente. Minha voz pareceu ecoar pelo quarto. Eu queria dizer: "Tem certeza?", mas eu sabia que era verdade.

— Com uma faca — respondeu, literalmente. O canto de sua boca retorceu-se outra vez, mas não de humor. — Ele disse que teria se enforcado, mas não conseguiu amarrar a corda com uma só mão. Sorte, isso.

O pudim formara uma pequena bola dura, como borracha, no fundo do meu estômago.

— Você... o encontrou? Ou foi Marsali?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ela não sabe. Ou melhor, imagino que saiba, mas não admite, nem para si mesma.

— Ele não pode ter ficado gravemente ferido, então, ou ela certamente saberia. — Meu peito ainda doía, mas as palavras fluíam com mais facilidade.

— Não. Eu o vi passar, enquanto eu limpava o couro de um veado lá em cima da colina. Ele não me viu e eu não o chamei; não sei o que foi que me pareceu estranho a respeito dele... mas alguma coisa não estava certa.

Continuei com meu trabalho por mais algum tempo... eu não queria me afastar muito de casa, para o caso de... mas fiquei intrigado. — Ele soltou minha mão e esfregou os nós dos dedos sob o nariz. — Eu não conseguia deixar de pensar que alguma coisa estava errada e, finalmente, larguei o trabalho e fui atrás dele, me achando um tolo por causa disso.

Fergus ultrapassara o topo de Ridge e descera pela encosta de floresta do outro lado, que leva a White Spring, a Fonte Branca. Essa era a mais remota e isolada das três fontes de Ridge, chamada de "branca" por causa da enorme rocha clara que se projetava da cabeceira do lago formado pela fonte.

Jamie saíra do meio das árvores bem a tempo de ver Fergus deitar-se ao lado da fonte, a manga da camisa enrolada para cima e o casaco dobrado sob a cabeça, e submergir o braço esquerdo maneta na água.

— Talvez eu devesse ter gritado naquela hora — ele disse, passando a mão distraidamente pelos cabelos. — Mas eu não conseguia realmente acreditar, sabe? Págiina 169 Então, Fergus erguera uma pequena faca de desossar na mão direita, enfiou a mão dentro da água e com precisão cortou as veias de seu cotovelo esquerdo, o sangue aflorando em uma nuvem suave e escura ao redor da palidez de seu braço.

— Então, eu gritei — Jamie disse. Ele fechou os olhos e esfregou as mãos com força pelo rosto, como se tentasse apagar aquela lembrança.

Desceu correndo a encosta, agarrou Fergus, sacudiu-o, colocou-o de pé, e deu-lhe um soco.

— Você deu um soco nele? — Sim — respondeu laconicamente. — Teve sorte de eu não quebrar seu pescoço, o filho da mãe. — Ele começara« ficar corado conforme falava e cerrou os lábios com força.

— Isso foi depois que os garotos pegaram Henri-Christian? — perguntei, a lembrança da conversa que eu tivera com Fergus no estábulo ainda vívida em minha mente. — Quero dizer...

— Sim, sei o que quer dizer — ele interrompeu. — E foi no dia seguinte a que os garotos colocaram Henri-Christian no riacho, sim. Mas não foi apenas isso, nem somente todo o problema do menino ser um anão, quero dizer. — Olhou para mim, o rosto transtornado.

— Nós conversamos. Depois que enfaxeiei seu braço e o trouxe de volta. Disse que já vinha pensando nisso há algum tempo; o problema do filho apenas lhe deu um empurrão.

— Mas... como ele pôde? — eu disse, aflita. — Deixar Marsali e as crianças... como?

Jamie abaixou os olhos, as mãos apoiadas nos joelhos, e suspirou. A janela estava aberta e uma brisa suave entrava, levantando os cabelos do topo de sua cabeça como minúsculas chamas.

— Ele achava que ficariam melhor sem ele — disse francamente. — Se estivesse morto, Marsali poderia se casar outra vez, encontrar um homem que pudesse cuidar dela e das crianças. Prover a subsistência deles. Proteger o pequeno Henri.

— Ele acha... achava... que não podia?

Jamie olhou incisivamente para mim.

— Sassenach — ele disse —, ele sabe muito bem que não pode.

Inspirei fundo para protestar, mas em vez disso mordi o lábio, sem encontrar nenhuma refutação imediata.

Jamie levantou-se e moveu-se inquietamente pelo quarto, pegando os objetos e colocando-os outra vez no lugar.

— Você faria isso? — perguntei depois de algum tempo. — Nas mesmas circunstâncias, quero dizer.

Ele parou por um instante, de costas para mim, a mão na minha escova de cabelos.

— Não — respondeu suavemente. — Mas é difícil para um homem conviver com isso.

— Bem, compreendo... — comecei, devagar, mas ele virou-se para me olhar de frente. Seu próprio rosto estava exausto, pleno da fadiga que pouco tinha a ver com a falta de sono.

— Não, Sassenach — ele disse. — Não compreende. — Ele falou gentilmente, mas com um tom de tal desespero na voz que lágrimas afloraram aos meus olhos.

Tanto era pura fraqueza física quanto estresse emocional, mas eu sabia que, se cedesse, o final seria uma completa e

encharcada desintegração, e ninguém precisava disso agora. Mordi o lábio e limpei os olhos com a ponta do lençol.

Ouvi o baque surdo quando ele caiu de joelhos ao meu lado e estendi os braços cegamente para ele, puxando sua cabeça contra meu peito.

Ele passou os braços ao meu redor e suspirou profundamente, o hálito quente em minha pele, através do linho da minha camisola. Afaguei seus cabelos com a mão trêmula e o senti ceder subitamente, toda a tensão abandonando-o como água escorrendo de uma jarra.

Então, tive a mais estranha sensação — como se a força à qual ele se agarrara tivesse sido liberada naquele momento... e fluía para dentro de mim. Meu tênue domínio do meu próprio corpo tornou-se mais firme conforme eu o abraçava e meu coração parou de oscilar, assumindo um batimento normal, incansável e constante.

As lágrimas haviam recuado, embora se equilibrassem precariamente junto à superfície. Delineei os traços de seu rosto com meus dedos, bronze avermelhado e sulcado pelo sol e pela preocupação; a testa alta com as espessas sobrancelhas castanho-avermelhadas e as maçãs do rosto largas e planas, o nariz longo e reto, reto como uma lâmina. Os olhos fechados, rasgados e misteriosos, com aquelas suas estranhas pestanas, louras na raiz, um castanho tão escuro nas pontas que quase pareciam negras.

— Não sabe? — eu disse muito suavemente, traçando o contorno pequeno e perfeito de sua orelha. Minúsculos pelos louros brotavam em uma pequena espiral, fazendo cócegas em meu dedo. — Nenhum de vocês sabe? O que importa é você. Não o que possa dar ou fazer ou prover. Apenas você.

Ele respirou fundo, uma respiração trêmula, e balançou a cabeça, apesar de não abrir os olhos.

— Eu sei. Eu disse isso a ele, a Fergus — falou, muito suavemente. — Ou ao menos acho que disse. Eu disse um monte de coisas terríveis.

Haviam se ajoelhado junto ao riacho, abraçados, molhados de sangue e água, entrelaçados como se ele pudesse prender Fergus à Terra, à sua família, pela simples força de sua vontade, e não fazia a menor ideia do que dissera, as palavras perdidas na paixão do momento — até o final.

— Você tem que continuar, por eles, ainda que não por si mesmo — sussurrara, o rosto de Fergus pressionado em seu ombro, os cabelos negros molhados de suor e água, frios contra seu rosto. — Tu comprends, mon enfant, mott fils? Comprends, tu? Senti sua garganta se mover quando ele engoliu em seco.

— Veja bem, eu sabia que você estava morrendo — ele disse, muito suavemente. — Eu tinha certeza de que você já teria partido quando eu voltasse para casa, e eu ficaria sozinho. Eu falava mais para mim mesmo, na ocasião, do que para Fergus.

Levantou a cabeça e olhou para mim através de uma névoa de lágrimas e riso.

— Oh, meu Deus, Claire — ele disse —, eu teria ficado com tanta raiva se você tivesse morrido e me deixado! Eu mesma tinha vontade de rir ou chorar — ou ambos — e se eu ainda abrigasse algum pesar com relação à perda da paz eterna, eu o teria dispensado nesse momento sem nenhuma hesitação.

— Não morri — eu disse, e toquei seus lábios. — Não vou morrer.

Ou, ao menos, vou tentar. — Deslizei minha mão para trás de sua cabeça e puxei-o de novo para mim. Ele era bem maior e mais pesado do que Henri-Christian, mas eu sentia que poderia segurá-lo para sempre, se necessário.

Era início da tarde e a luz começava a mudar, entrando obliquamente através do topo das janelas que davam para oeste, de

modo que o quarto se enchia de uma luz límpida e brilhante, que reluzia nos cabelos de Jamie e no linho creme e desgastado de sua camisa. Eu podia sentir os nós nos seus músculos no topo da espinha e a carne flexível no estreito canal entre a omoplata e a coluna vertebral.

— Para onde vai mandá-los? — perguntei, tentando alisar os cabelos em redemoinho do topete no alto de sua cabeça.

— Para Cross Creek, talvez, ou para Wilmington — respondeu. Seus olhos estavam semicerrados, observando as sombras das folhas tremeluzirem no lado do armário que ele construía para mim. — Onde for melhor para o mercado de impressão.

Remexeu-se um pouco, apertou a mão em minhas nádegas, depois franziu a testa.

— Nossa, Sassenach, seu traseiro desapareceu completamente! — Bem, não faz mal — eu disse com resignação. — Tenho certeza de que isso Vai crescer bem rápido.



### MOMENTO DE DECLARAÇÃO

Jamie encontrou-se com eles perto de Woolam's Mill, cinco homens a cavalo. Dois eram desconhecidos; dois eram homens de Salisbury que ele conhecia — ex-reguladores chamados Green e Wherry; ávidos whigs. O último era Richard Brown, com uma expressão fria, a não ser pelos olhos.

Silenciosamente, amaldiçoou seu amor pela conversa. Se não fosse por isso, teria se despedido de MacDonald como sempre, em Coopersville. Mas falavam de poesia — poesia, pelo amor de Deus! —, divertindo-se com declamações. Agora, ali estava ele na estrada vazia, segurando dois cavalos, enquanto MacDonald, cujos intestinos estavam brigando com ele, saía correndo para dentro do mato.

Amos Green cumprimentou-o com um breve sinal da cabeça, mas Kitman Wherry freou o cavalo; os estranhos seguiram-no, fitando-o com curiosidade.

— Para onde se dirige, amigo James? — Wherry, um quaker, perguntou amavelmente. — Está indo para a reunião em Halifax? Se assim for, será bem-vindo em se juntar a nós.

Halifax. Sentiu um fio de suor escorrer pelo sulco das suas costas. A reunião do Comitê de Correspondência para eleger delegados para o Congresso Continental.

— Estou acompanhando um amigo nesta estrada — respondeu educadamente, com um sinal da cabeça para o cavalo de



MacDonald. — Mas eu os seguirei: talvez os alcance ao longo do caminho. — Bem pouco provável, pensou, tomando o cuidado de não olhar para Brown.

— Eu não teria tanta certeza de sua boa acolhida, sr. Fraser. — Green falou educadamente, mas com uma certa frieza em sua maneira que fez Wherry olhar para ele, surpreso. — Não depois do que aconteceu em Cross Creek.

— É mesmo? E você deixaria um homem inocente ser queimado vivo, ou coberto de alcatrão e penas? — A última coisa que ele desejava era uma discussão, mas alguma coisa precisava ser dita.

Um dos estranhos cuspiu na estrada.

— Não tão inocente, se for de Fogarty Simms que está falando. Um canalha tory — acrescentou como um pensamento posterior.

— Ele mesmo — Green disse, e cuspiu em concordância. — O comitê em Cross Creek pretendia lhe dar uma lição; parece que o sr. Fraser aqui não concordava. Um feito extraordinário, pelo que ouvi falar — disse com voz arrastada, inclinando-se um pouco para trás em sua sela, para examinar Jamie de sua altura superior. — Como eu disse, sr. Fraser, você não é muito popular no momento.

Wherry franzia o cenho, olhando de Jamie para Green e de volta.

— Salvar um homem do castigo de alcatrão e penas, independente de sua posição política, não parece mais do que simples gesto de humanidade — disse incisivamente.

Brown riu de maneira antipática.

— Pode lhe parecer assim, imagino. Não para as outras pessoas. Você conhece um homem pelas suas companhias. Além disso, há sua tia, hein? — ele disse, redirecionando sua fala para Jamie. — E a famosa sra. MacDonald. Eu li o discurso que ela fez,

na edição final do jornal de Simms — acrescentou, repetindo a risada desagradável.

— Os convidados de minha tia nada têm a ver comigo — Jamie disse, esforçando-se para não se alterar.

— Não? E quanto ao marido de sua tia, seu tio, não é? — Duncan? — Sua incredulidade obviamente transpareceu em sua voz, pois os estranhos trocaram olhares e relaxaram um pouco em sua postura. — Não, ele é o quarto marido de minha tia, e um amigo. Por que fala dele? — Ora, Duncan Innes é amigo íntimo de Farquard Campbell, e de muitos outros legalistas. Os dois têm colocado dinheiro suficiente para encher um navio de panfletos pregando reconciliação com a Inglaterra.

Surpreende-me que não saiba disso, sr. Fraser.

Jamie não estava apenas surpreso, mas estupefato com tal revelação, porém ocultou qualquer reação.

— As opiniões de um homem pertencem apenas a ele — disse, dando de ombros. — Duncan faz o que bem entender e eu também.

Wherry balançava a cabeça, concordando, mas os outros o olhavam com expressões que iam do ceticismo à hostilidade.

Wherry não ficou alheio à reação de seus companheiros.

— E qual é sua opinião, então, amigo? — perguntou educadamente.

Bem, ele sabia que esse momento chegaria. De vez em quando, tentara imaginar as circunstâncias de sua declaração, em situações que iam do vaidosamente heroico ao francamente perigoso, mas, como de costume em tais questões, o senso de humor de Deus supera qualquer imaginação. E assim ele se viu dando aquele passo final para o compromisso público e irrevogável com a causa rebelde — apenas incidentalmente tendo que se aliar com um inimigo mortal no processo — de pé, sozinho, em uma estrada empoeirada, com um oficial da Coroa uniformizado,

agachado no meio do mato diretamente atrás dele, as calças ao redor dos tornozelos.

— Sou a favor da liberdade — ele disse, em um tom que indicava um leve espanto de que houvesse qualquer dúvida em relação à sua posição.

— É mesmo? — Green olhou-o duramente, depois levantou o queixo na direção do cavalo de MacDonald, onde a espada do regimento de MacDonald pendurava-se da sela, brilhando ao sol. — Então, como está na companhia de um casaco-vermelho? — Ele é um amigo — Jamie respondeu sem se alterar.

— Um casaco-vermelho? — Um dos estranhos inclinou-se para trás em sua sela como se tivesse sido picado por uma abelha. — Como pode haver casacos-vermelhos aqui? — O homem pareceu estupefato e olhou apressadamente de um lado para o outro, como se esperasse que uma companhia dessas criaturas irrompesse da floresta, os mosquetes disparando.

— Apenas um, até onde eu sei — Brown assegurou-lhe. — O nome dele é MacDonald. Não é realmente um soldado; aposentado com meio-soldo, trabalha para o governador.

Seu companheiro não pareceu muito tranquilizado.

— O que faz com este MacDonald? — perguntou a Jamie.

— Como eu disse, é um amigo. — A atitude dos homens mudara em um instante, de ceticismo e leve hostilidade a afronta declarada.

— Ele é o espião do governador, é o que ele é — Green anunciou sem rodeios.

Isso não era mais do que a verdade e Jamie tinha quase certeza de que metade do interior da colônia sabia disso; MacDonald não fazia nenhum esforço para esconder nem sua aparência, nem suas missões. Negar o fato era pedir-lhes para acreditar que Jamie era um idiota, agia de má-fé, ou ambos.

Houve uma pequena agitação entre os homens, olhares foram trocados e pequenos movimentos esboçados, mãos tocando os cabos das facas e as coronhas das pistolas.

Muito bem, Jamie pensou. Não satisfeito com a ironia da situação, Deus agora decidira que ele deveria lutar até a morte contra os aliados a quem se declarara há poucos instantes, em defesa de um oficial da Coroa contra o qual acabara de se pronunciar.

Como seu genro gostava de observar: ótimo.

— Tragam-no para cá — Brown ordenou, conduzindo seu cavalo para frente. — Vejamos o que ele tem a dizer por si mesmo, esse seu amigo.

— E então pode ser que a gente lhe dê uma lição que ele poderá levar de volta para o governador, hein? — Um dos estranhos tirou o chapéu e enfiou-o cuidadosamente embaixo da borda da sela, preparando-se.

— Esperem! — Wherry empertigou-se, tentando acalmá-los com uma das mãos, embora Jamie pudesse lhe ter dito que ele estava atrasado e que já se passara, há vários minutos, o ponto em que tal tentativa pudesse ter tido algum efeito. — Não pode agir com violência...

— Não podemos? — Brown riu com um sorriso maligno, os olhos fixos em Jamie, e começou a desenrolar o chicote curto que trazia preso à sela. — Pena que não haja nenhum alcatrão à mão. Mas uma boa surra, digamos, e mandar os dois correndo e guinchando para casa, para o governador, completamente nus, isso já serviria.

O segundo estranho riu e cuspiu outra vez, de modo que a cusparada aterrissou aos pés de Jamie.

— Sim, já serviria. Ouvi dizer que você sozinho manteve um bando inteiro a distância em Cross Creek, Fraser. Somente cinco contra dois agora, o que acha das chances? Jamie não pensou duas

vezes. Largou as rédeas que segurava, virou-se e lançou-se entre os dois cavalos, gritando e batendo com força em seus flancos, depois mergulhou de cabeça no meio dos arbustos ao lado da estrada, avançando às apalpadelas em meio às raízes e pedras, de quatro, o mais rápido que conseguia.

Atrás dele, os cavalos empinavam-se e giravam, relinchando esganiçadamente e espalhando confusão e medo entre as montarias dos outros homens; podia ouvir gritos de raiva e susto, enquanto tentavam controlar os cavalos agitados.

Ele escorregou por um pequeno barranco, terra e plantas arrancadas saltando ao redor de seus pés, perdeu o equilíbrio e caiu no fundo, ficou de pé num salto e arremeteu-se para dentro de um bosque de carvalhos, parando atrás de uma cortina de árvores novas, respirando com força.

Alguém tivera a esperteza — ou a fúria — suficiente para saltar do cavalo e seguir a pé; ele podia ouvir estalos de galhos quebrados e imprecções bem próximos, acima dos gritos mais distantes da comoção na estrada. Olhando cautelosamente pelo meio das folhas, viu Richard Brown, desalinhado e sem chapéu, olhando desenfreadamente ao redor, a pistola na mão.

Qualquer pensamento que ele pudesse ter tido de confronto desapareceu; ele estava desarmado, a não ser por uma pequena faca em sua meia, e era evidente para ele que Brown atiraria assim que o visse, alegando legítima defesa quando os outros finalmente o alcançassem.

Acima do barranco, na direção da estrada, vislumbrou um lampejo vermelho. Brown, virando-se na mesma direção, também viu, e atirou.

Depois do que Donald MacDonald, tendo sensatamente pendurado seu casaco em uma árvore, saiu de seu esconderijo atrás de Richard Brown em mangas de camisa e golpeou Brown na cabeça com um sólido pedaço de galho de árvore.

Brown caiu de joelhos, momentaneamente atordado, e Jamie saiu sorrateiramente do bosque de carvalhos, fazendo sinal para MacDonald, que correu ao seu encontro. Juntos, penetraram mais fundo na floresta, esperando junto a um córrego até que o prolongado silêncio vindo da estrada indicou que seria seguro voltar para dar uma olhada.

Os homens haviam desaparecido. O cavalo de MacDonald também.

Gideon, o branco dos olhos à mostra e as orelhas abaixadas, rolou o lábio superior para cima e guinchou ferozmente para eles, exibindo os dentes grandes e amarelos, a baba voando. Brown e companhia haviam sabiamente pensado duas vezes antes de roubar um cavalo hidrofóbico, mas o haviam amarrado a uma árvore e conseguido estragar seus arreios, que se penduravam em frangalhos ao redor de seu pescoço. A espada de MacDonald jazia na terra, arrancada de sua bainha, a lâmina quebrada ao meio.

MacDonald pegou os pedaços, examinou-os por um instante, depois, sacudindo a cabeça, enfiou-os no cinto.

— Acha que Jones pode consertá-la? — perguntou. — Ou é melhor ir até Salisbury?

— Wilmington ou New Bern — Jamie disse, passando a mão pela boca. — Dai Jones não tem a habilidade necessária para emendar uma espada, mas você não vai encontrar muitos amigos em Salisbury, pelo que ouvi dizer. — Salisbury ficara no coração da Regulação, e o sentimento antigovernista ainda era forte lá. Seu próprio coração voltara ao batimento normal, mas ele ainda sentia os joelhos fracos em consequência da fuga e da raiva.

MacDonald balançou a cabeça melancolicamente, depois olhou para Gideon.

— Esse animal é seguro para montar?

— Não.

No estado atual de agitação de Gideon, Jamie não se arriscaria a montá-lo sozinho, muito menos com dois cavaleiros e nenhum arnês.

Haviam deixado a corda em sua sela, ao menos. Passou um laço pelo pescoço do animal sem ser mordido, e partiram sem comentários, retornando a Ridge a pé.

— Uma infelicidade — MacDonald observou pensativamente a determinada altura. — Que tenham nos encontrado juntos. Acha que isso eliminou suas chances de se infiltrar em seus conselhos? Daria minha bola esquerda para ter um olho e um ouvido nessa reunião que mencionaram, posso lhe garantir! Com uma vaga sensação de espanto, Jamie compreendeu que tendo feito sua grave declaração, ouvida pelo homem cuja causa pretendia trair» e depois quase ter sido morto pelos novos aliados cujo lado buscava apoiar — nenhum dos dois lados acreditara nele.

— Você já pensou como soa quando Deus ri, MacDonald? — perguntou, pensativamente.

MacDonald enrugou os lábios e olhou para o horizonte, onde nuvens negras encorpavam-se logo depois do topo da montanha.

— Como um trovão, imagino — ele disse. — Não acha? Jamie sacudiu a cabeça.

— Não. Acho que é um som muito pequeno, realmente pequeno.

*A ESCURIDÃO SE DISSIPA*

Eu ouvia todos os sons do andar térreo da casa e a ressonância da voz de Jamie do lado de fora, e me sentia completamente tranquila. Estava observando o sol se mover e iluminar as castanheiras amarelecidas lá fora, quando o som de passos firmes e determinados veio marchando pelas escadas.

A porta abriu-se e Brianna entrou, com os cabelos desgrenhados pelo vento e o rosto brilhante, e uma expressão revestida de coragem. Parou aos pés da cama, estendeu um longo indicador para mim e disse: — Você não tem permissão para morrer.

— É mesmo? — eu disse, pestanejando. — Não achei que iria.

— Você tentou! — ela disse, em tom acusador. — Sabe que sim! — Bem, não diria que tentei, precisamente... — comecei, de maneira débil. Se eu não havia exatamente tentado morrer, entretanto, era verdade que eu não lutara realmente para que isso não acontecesse, e devo ter parecido culpada, pois seus olhos estreitaram-se formando duas fendas azuis.

— Não se atreva a fazer isso de novo! — ela disse, e girando nos calcanhares, com um volteio de capa azul, saiu batendo os pés, parando à porta para dizer, com a voz estrangulada, antes de descer correndo pelas escadas: — Porque eu a amo e não posso viver sem você.



— Eu também a amo, querida! — gritei, as lágrimas sempre à superfície aflorando aos meus olhos, mas não houve resposta, a não ser pelo som da porta da frente se fechando.

Adso, cochilando em uma poça de sol na colcha aos meus pés, abriu os olhos uma fração de centímetro com o barulho, depois enfiou a cabeça novamente entre os ombros, ronronando ainda mais alto.

Permaneci recostada contra os travesseiros, sentindo-me bem menos tranquila, porém um pouco mais viva. Um instante depois, sentei-me, afastei as colchas e lancei as pernas para fora da cama. Adso parou abruptamente de ronronar.

— Não se preocupe — eu lhe disse. — Eu não vou emborcar; seu suprimento de leite e sobras está perfeitamente a salvo. Mantenha a cama quente para mim.

Eu já me levantara antes, é claro, e até me permiti excursões curtas, intensamente supervisionadas, lá fora. Mas ninguém me deixara ir a lugar algum sozinha desde que adoeci, e estava quase certa de que não deixariam agora.

Assim, desci as escadas sorrateiramente, de meias, os sapatos nas mãos, e em vez de sair pela porta da frente, cujas dobradiças rangiam, ou pela cozinha, onde a sra. Bug trabalhava, deslizei para dentro do meu consultório, abri a janela e — tendo o cuidado de me certificar de que a porca branca não estava por perto — escalei cuidadosamente a janela, e pulei para fora.

Senti-me completamente energizada com a minha fuga, uma descarga de ânimo que me sustentou durante boa parte do caminho. Dali em diante, fui obrigada a parar a cada cem metros aproximadamente, sentar-me e arquejar um pouco, enquanto minhas pernas recobravam as forças. Mas persisti e, finalmente, cheguei à cabana de Christie.

Não havia ninguém à vista, nem houve qualquer resposta ao meu "Olá!", mas quando bati na porta ouvi a voz de Tom Christie,

rouca e desanimada, dizendo-me para entrar.

Ele estava à mesa, escrevendo, mas, pela sua aparência, ainda devia estar na cama. Seus olhos arregalaram-se de surpresa ao me ver e apressadamente tentou arrumar o xale encardido ao redor dos ombros.

— Sra. Fraser! Você está... quero dizer... o que em nome de Deus... — Privado da fala, apontava para mim, os olhos redondos como dois pires.

Eu tirara meu chapéu de abas largas ao entrar, esquecendo-me momentaneamente de que eu mais parecia um pé de cavalinha animado.

— Oh — eu disse, passando a mão acanhadamente pela cabeça. — Isso. Devia estar satisfeito; não vou ficar andando por aí deixando o público indignado com uma exibição insolente dos meus cachos esvoaçantes.

— Parece uma condenada — ele disse sem rodeios. — Sente-se.

Sentei-me, estando mesmo necessitando do banco que ele me ofereceu, devido ao esforço da caminhada.

— Como vai? — perguntei, espreitando-o. A iluminação na cabana era muito precária; ele estivera escrevendo com uma vela e a apagara quando cheguei.

— Como vou? — Ele parecia tanto perplexo quanto desconcertado com a Pergunta. — Você caminhou até aqui, em um perigoso estado de debilidade, Para perguntar sobre a minha saúde? — Se prefere colocar assim — respondi, um pouco irritada com o "perigoso estado de debilidade". — Imagino que não se importe de sair para a luz, a fim de que eu possa dar uma boa olhada em você, não é? Ele cruzou as pontas do xale protetoramente sobre o peito.

— Por quê? — Franziu o cenho para mim, unindo as sobrancelhas pontudas, de modo que ficou parecendo uma coruja

zangada.

— Porque eu quero saber algumas coisas sobre o seu estado de saúde — respondi pacientemente — e examiná-lo é provavelmente a melhor forma de descobri-las, já que você não parece capaz de me dizer nada.

— A senhora é incorrigível, madame! — Não, sou médica — refutei. — E quero saber... — Uma breve tontura apoderou-se de mim e eu me apoiei na mesa, segurando-a até a sensação passar.

— A senhora é louca — declarou, depois de me examinar minuciosamente por um instante. — Acho que ainda está doente. Fique aí, vou chamar meu filho para ir buscar seu marido.

Abanei a mão para ele e respirei fundo. Meu coração batia acelerado e eu estava um pouco pálida e suada, mas basicamente estava bem.

— O fato, sr. Christie, é que embora eu tenha estado realmente doente, não tive a mesma doença que está afligindo as pessoas em Ridge, e pelo que Malva pôde me contar, acho que o senhor também não.

Ele havia se levantado para ir chamar Allan; com isso, parou, fitando-me com a boca aberta. Então, lentamente se deixou arriar em sua cadeira outra vez.

— O que quer dizer? Tendo finalmente conseguido sua atenção, tive o prazer de alinhar os fatos diante dele; eu os tinha na ponta da língua, tendo meditado bastante sobre eles nos últimos dias.

Enquanto várias famílias de Ridge haviam sofrido a devastação da disenteria amebiana, eu não. Eu tive uma febre perigosamente alta, acompanhada de uma terrível dor de cabeça e — até onde eu sabia pelo relato empolgado de Malva — convulsões. Mas certamente não era disenteria.

— Tem certeza? — Ele girava nos dedos a pena de escrever, o cenho franzido.

— É difícil confundir diarreia com febre e dor de cabeça — eu disse rispidamente. — Agora, você teve diarreia? Ele hesitou por um instante, mas a curiosidade o venceu.

— Não — respondeu. — Foi como você disse: uma dor de cabeça que parecia que ia rachar o crânio e febre. Uma terrível fraqueza e... e sonhos extraordinariamente desagradáveis. Eu não fazia a menor ideia de que não era a mesma doença que afligia os outros.

— Não há razão para que fizesse, imagino. Você não viu nenhum deles. A menos que... Malva descreveu a doença para você? — perguntei apenas por curiosidade, mas ele sacudiu a cabeça.

— Eu não quero ouvir falar dessas coisas; ela não me conta. Ainda assim, por que veio? — Inclinou a cabeça para o lado, estreitando os olhos. — Que diferença faz se você e eu tivemos uma febre, em vez de uma diarreia? Ou qualquer outra pessoa, aliás? — Ele pareceu um pouco agitado, levantou-se e começou a andar pela cabana de uma maneira desfocada, incerta, completamente diferente de seus movimentos decisivos de costume.

Suspirei, passando a mão pela testa. Eu já obtivera a informação básica que viera buscar; explicar por que eu a desejava seria um trabalho árduo. Já tivera bastante dificuldade de fazer Jamie, o Jovem Ian e Malva aceitarem a teoria dos germes da doença e isso com a prova visível através do microscópio bem à mão.

— A doença é contagiosa — eu disse, um pouco cansada. — Passa de uma pessoa para outra, às vezes diretamente, às vezes por meio da comida ou da água compartilhada entre a pessoa doente e a saudável. Todas as pessoas que tiveram diarreia viviam perto de uma determinada fonte.

Tenho motivos para acreditar que foi a água dessa fonte que transportava a ameba, que as deixou doentes.

— Mas você e eu... eu não a vejo há semanas. Nem estive perto de ninguém que tivesse tido sezão. Como podíamos ter adoecido da mesma coisa? Fitou-me, desconcertado e ainda de cenho franzido.

— Não vejo por que duas pessoas não possam adoecer sem ver uma à outra. Sem dúvida, já vi doenças como essas que descreve: tifo, por exemplo, espalha-se em lugares confinados, mas certamente nem todas as doenças se comportam do mesmo modo, não é? — Não — admiti. Também não estava em condições de tentar explicar as noções básicas de epidemiologia ou saúde pública. — É possível, por exemplo, que algumas doenças se espalhem através de mosquitos. Malária, para começar. — Algumas formas de meningite viral, também... minha melhor suposição para a doença da qual eu acabara de me recuperar.

— Recorda-se de ter sido mordido por mosquito há pouco tempo? Fitou-me espantado, depois emitiu uma espécie de latido que entendi como sendo uma risada.

— Minha cara, todo mundo neste clima empestado é mordido inúmeras vezes durante o tempo quente. — Coçou a barba, como por reflexo.

Era verdade. Todos, menos eu e Roger. De vez em quando, algum inseto desesperado se aventurava, mas, na maior parte das vezes, escapávamos sem nenhuma mordida, mesmo quando havia verdadeira pragas das criaturas e todo mundo à nossa volta estava se coçando. Como teoria, eu suspeitava de que mosquitos sugadores de sangue haviam evoluído tão de perto com a humanidade através dos anos que Roger e eu simplesmente não tínhamos o cheiro certo para eles, por termos vindo de muito longe no tempo. Brianna e Jemmy, que compartilhavam meu material genético, mas também o de Jamie, eram mordidos, mas não com a mesma frequência das outras Pessoas.

Eu não me recordava de ter sido mordida em nenhum momento recentemente, mas era possível que tivesse sido e simplesmente estivesse ocupada demais para notar.

— Por que isso é importante? — Christie perguntou, agora parecendo apenas desconcertado.

— Não sei. Eu simplesmente... preciso descobrir. — Eu também precisava tanto sair de casa quanto tomar alguma iniciativa para recuperar minha vida da maneira mais direta que conhecia: a prática da medicina.

Mas isso não era algo que eu gostaria de partilhar com Tom Christie.

— Hum — ele disse. Ficou parado, olhando para mim, hesitante e com uma carranca, depois repentinamente estendeu a mão... a que eu havia operado; o "Z" da incisão havia desbotado para um saudável tom rosado e os dedos estavam retos.

— Vamos lá fora, então — ele disse, resignado. — Eu a acompanharei até sua casa e se insistir em fazer perguntas desagradáveis e importunas com relação à minha saúde ao longo do caminho, imagino que não posso impedi-la.

Surpresa, apertei sua mão e encontrei um aperto sólido e firme, apesar da aparência abatida de seu rosto e dos ombros arriados.

— Não precisa me acompanhar até em casa — protestei. — Você devia estar na cama, a julgar pela sua aparência! — E você também — ele disse, conduzindo-me à porta com a mão no meu cotovelo. — Mas se prefere arriscar sua saúde e sua vida empreendendo tal esforço desaconselhável, ora, então eu também posso.

Embora deva — acrescentou severamente — colocar seu chapéu antes de irmos.

Voltamos para casa, parando várias vezes para descansar, e chegamos ofegantes, escorrendo suor e, de um modo geral,

empolgados com o esforço. Ninguém dera pela minha falta, mas o sr. Christie insistiu em entregar-me dentro de casa, o que significou que todos notaram minha ausência ex post facto e, da maneira irracional das pessoas, imediatamente ficaram muito aborrecidas.

Fui repreendida por todo mundo à vista, inclusive pelo Jovem Ian, levada para cima virtualmente pelo cangote e enfiada à força de volta na cama, onde, deixaram implícito, eu teria sorte de receber pão e leite como jantar. O aspecto mais irritante de toda a situação foi Thomas Christie, parado ao pé da escada com uma caneca de cerveja na mão, observando enquanto eu era tocada para o quarto, e exibindo o único sorriso que eu já vira em seu rosto barbudo.

— O que em nome de Deus deu em você, Sassenach? — Jamie puxou a coberta para trás com um safanão e indicou os lençóis autoritariamente.

— Bem, eu me sentia muito bem e...

— Bem! Você está da cor de leite estragado e tremendo tanto que mal... vamos, deixe que eu faço isso. — Bufando de raiva, ele afastou minhas mãos dos cadarços das minhas anáguas e num piscar de olhos as retirou de mim.

— Perdeu o juízo? — perguntou. — E ainda por cima sair assim às escondidas, sem dizer a ninguém! E se tivesse desmaiado? E se adoecesse outra vez? — Se eu tivesse dito a alguém, não me deixariam sair — eu disse docilmente. — E eu sou médica, sabe. Certamente, sou capaz de julgar meu próprio estado de saúde.

Lançou-me um olhar enviesado, sugerindo claramente que não confiaria em mim nem para julgar uma exposição de flores, mas meramente deu uma resfolegada mais alta do que o normal em resposta.

Em seguida, pegou-me no colo, carregou-me para a cama e depositou-me delicadamente no colchão macio — mas com

suficiente demonstração de força contida para que eu soubesse que ele teria preferido largar-me do alto.

Empertigou-se, então, lançando-me um olhar funesto.

— Se você não parecesse estar a ponto de desmaiar, Sassenach, juro que ia lhe dar umas boas palmadas.

— Não pode — eu disse, debilmente. — Não tenho mais bunda. — Eu estava de fato um pouco cansada... bem, para ser honesta, meu coração batia como um tímpano, meus ouvidos zumbiam e, se não me deitasse imediatamente, provavelmente iria desmaiar. Estendi-me na cama e fiquei quieta, com os olhos fechados, sentindo o quarto girar devagar ao meu redor, como um carrossel, completo, com as luzes piscando e a música de realejo.

Através dessa confusão de sensações, pressenti vagamente mãos nas minhas pernas, em seguida um agradável frescor no meu corpo aquecido.

Depois, algo quente e enevoado envolveu minha cabeça e eu agitei as mãos freneticamente, tentando arrancar aquilo antes que me sufocasse.

Emergi, pestanejando e ofegante, e descobri que estava nua. Olhei para o que restara do meu corpo, pálido, afundado e esquelético, e me cobri depressa com o lençol. Jamie inclinava-se para pegar meu vestido, anáguas, colete e casaco jogados no chão, acrescentando-os à combinação que ele dobrara sobre o braço. Pegou meus sapatos e meias e acrescentou-os também à sua saca.

— Você — ele disse, apontando um dedo longo e acusatório para mim — não vai a lugar nenhum. Você não tem permissão de se matar, fui bem claro? — Ah, então é daí que Brianna herdou isso — murmurei, tentando fazer minha cabeça parar de girar. Fechei os olhos novamente. — Estou me lembrando — eu disse — de uma certa abadia na França. E de um rapaz muito teimoso em péssimo estado de saúde. E de seu amigo Murtagh, que tirou suas roupas, a



fim de impedi-lo de se levantar e sair vagando por lá antes de estar recuperado.

Silêncio. Abri um olho. Ele estava parado, imóvel, a luz evanescente que vinha da janela acendendo fagulhas em seus cabelos.

— Depois do que — eu disse em tom de conversa —, se a memória não me falha, você prontamente pulou pela janela e fugiu. Nu. No meio do inverno.

Os dedos rígidos de sua mão direita tamborilaram duas vezes contra a perna.

— Eu tinha vinte e quatro anos — disse finalmente, soando um pouco rouco. — Não era de se esperar que tivesse juízo.

— Eu nem sonharia em argumentar com isso — assegurei-lhe. Abri o outro olho e fitei-o com ambos. — Mas você sabe por que eu fiz isso. Era necessário.

Ele inspirou fundo, suspirou e soltou minhas roupas. Veio sentar-se ao meu lado na cama, fazendo a estrutura de madeira ranger e estalar sob seu peso.

Pegou minha mão e segurou-a como se fosse algo precioso e frágil. E era mesmo — ou ao menos parecia frágil, algo delicado de pele transparente e sombras dos ossos por baixo. Ele passou o polegar delicadamente pelas costas da minha mão, traçando os ossos da falange à ulna, e eu senti um pequeno e estranho tinido de uma lembrança longínqua; a visão dos meus próprios ossos, brilhando azuis através da pele, e as mãos do mestre Raymond, segurando meu útero vazio e inflamado, dizendo-me através das névoas da febre: "Chame-o. Chame o homem ruivo." — Jamie — eu disse muito suavemente. A luz do sol reluziu na prata da minha aliança de casamento. Ele segurou-a entre o polegar e o indicador, deslizando o pequeno aro de metal delicadamente para cima e para baixo do meu dedo, tão largo que nem sequer esbarrava na articulação óssea.

— Tenha cuidado — eu disse. — Não quero perdê-la.

— Não vai perdê-la. — Ele dobrou meus dedos, fechando-os, sua própria mão fechando-se, grande e quente, ao redor da minha.

Permaneceu em silêncio por algum tempo e ficamos observando a faixa de sol esgueirar-se lentamente pela colcha. Adso a acompanhara, para permanecer em seu calor, e a luz tocava seu pelo com uma suave claridade prateada, e a penugem fina que circundava suas orelhas era minúscula e distinta.

— É um grande conforto — ele disse finalmente — ver o sol nascer e se pôr. Quando eu morava na caverna, quando estava na prisão, isso me dava esperança, ver a luz vir e ir, e saber que o mundo continuava em seu curso.

Ele olhava para fora da janela, para a distância azul onde o céu se escurecia em direção ao infinito. Sua garganta movia-se um pouco conforme engolia.

— Sinto a mesma sensação, Sassenach — ele disse —, ouvindo você circulando pelo seu consultório, fazendo barulho com seus vidrinhos e praguejando consigo mesma. — Virou a cabeça, então, para olhar para mim, e seus olhos continham as profundezas da noite que se avizinhava. — Se você não estivesse mais lá, ou em algum lugar — ele disse brandamente —, então o sol não se levantaria, nem se poria mais. — Levantou minha mão e beijou-a, muito ternamente. Descansou-a, fechada em torno de minha aliança, sobre meu peito, levantou-se e saiu.

Eu dormia superficialmente agora, não mais arremessada no mundo agitado de pesadelos febris, nem sugada para dentro do poço profundo de esquecimento enquanto meu corpo buscava a cura no sono. Eu não sabia o que me acordara, mas eu fui acordada, repentinamente, alerta e de olhos bem abertos, sem nenhum intervalo de sonolência.

As persianas estavam cerradas, mas era lua cheia; uma luz suave formava listras na cama. Passei a mão pelo lençol ao meu

lado, ergui a mão bem acima de minha cabeça. Meu braço era um talo pálido e delgado, exangue e frágil como uma haste de cogumelo chapéu-de-sapo; meus dedos flexionaram-se delicadamente e se estenderam, uma teia, uma rede para capturar a escuridão.

Eu podia ouvir Jamie respirando, em seu lugar de costume, no chão, ao lado da cama.

Abaixei meu braço, toquei meu corpo de leve com as duas mãos, avaliando-o. Um ligeiro volume de seios, costelas que eu podia contar, um, dois, três, quatro, cinco e a lisa cavidade do meu abdômen, curva como uma rede de dormir entre os ossos dos quadris. Pele e ossos. Pouca coisa mais.

— Claire? — Houve um movimento no escuro ao lado da cama e a cabeça de Jamie ergueu-se, uma presença mais pressentida do que vista, tão escuro era ali em contraste com o luar.

Sua mão grande e escura tateou pela colcha, tocou meu quadril.

— Está se sentindo bem, a nighean? — sussurrou. — Precisa de alguma coisa? Ele estava cansado; sua cabeça repousou na cama ao meu lado, seu hálito quente através da minha camisola. Se ele não estivesse quente, seu toque, seu hálito, talvez eu não tivesse a coragem, mas eu me sentia fria e sem corpo como o próprio luar, e assim fechei minha mão esquelética sobre a sua e sussurrei: — Eu preciso de você.

Ele ficou absolutamente imóvel por um instante, lentamente dando Sentido ao que eu acabara de dizer.

— Não vou perturbar seu sono? — ele disse, parecendo em dúvida.

Puxei seu pulso em resposta e ele veio, erguendo-se do lago de escuridão no assoalho, as linhas finas do luar ondeando sobre ele como água.

— Kelpie — eu disse suavemente.

Ele resfolegou brevemente em resposta e, desajeitadamente, cautelosamente, enfiou-se embaixo das cobertas, o colchão cedendo sob seu peso.

Permanecemos juntos muito timidamente, mal nos tocando. Ele respirava superficialmente, obviamente tentando tornar sua presença o menos importuna possível. Fora um leve farfalhar de lençóis, a casa estava em silêncio.

Finalmente, senti seu toque em minha coxa.

— Senti sua falta, Sassenach.

Virei-me de lado, de frente para ele, e beijei seu braço em resposta. Eu queria me aninhar mais contra ele, descansar a cabeça na curva de seu ombro, deitar-me na dobra de seu braço — mas a lembrança dos meus cabelos curtos, espetados, contra sua pele, me impedia.

— Eu também senti sua falta — eu disse, na solidez escura de seu braço.

— Posso tomá-la, então? — ele disse suavemente. — Você quer, realmente? — Uma de suas mãos acariciou meu braço; a outra desceu, iniciando o ritmo lento, regular, de se preparar.

— Deixe — murmurei, parando sua mão com a minha. — Fique deitado quieto.

Fiz amor com ele, primeiro furtivamente, como um ladrão, carícias apressadas e pequenos beijos, roubando seu cheiro, seu calor e seu gosto salgado. Então, ele colocou a mão em minha nuca, pressionando-me mais fundo.

— Não se apresse — ele disse em um sussurro rouco. — Eu não vou a lugar algum.

Deixei um tremor de silenciosa risada percorrer meu corpo e inspirei bem fundo, enquanto cerrava meus dentes muito delicadamente em volta dele e deslizava minha mão para cima, sob o peso quente e almiscarado de seus testículos.

Então, ergui-me para cima dele, zozza com o movimento repentino, desejando-o ardentemente. Nós dois suspiramos profundamente quando aconteceu e eu senti o ar de seu riso em meus seios quando me curvei sobre ele.

— Senti sua falta, Sassenach — ele murmurou outra vez.

Eu estava acanhada com seu toque, mudada como estava, e apoiei minhas mãos sobre seus ombros, impedindo-o de puxar-me para baixo sobre ele. Ele não tentou, mas deslizou sua mão curva entre nós.

Senti uma leve pontada à ideia de que meus pelos pubianos estavam mais longos do que os cabelos da minha cabeça, mas o pensamento foi desviado pela lenta pressão da junta de seu dedo fundo entre minhas pernas, movimentando-se devagar para frente e para trás.

Segurei sua outra mão e a levei à boca, suguei seus dedos com vigor, um por um, e estremeci, agarrando sua mão com todas as forças.

Eu ainda a agarrava algum tempo depois, deitada ao seu lado. Ou melhor, segurava-a, admirando suas formas invisíveis, complexas e graciosas na escuridão, e a camada lisa e dura, calosa, nas palmas e nas articulações dos dedos.

— Tenho as mãos de um pedreiro — ele disse, rindo um pouco, enquanto eu passava os lábios de leve sobre os nós dos dedos ásperos e as pontas ainda sensíveis de seus longos dedos.

— Calos nas mãos de um homem são profundamente eróticos — garanti-lhe.

— É mesmo? — Sua mão livre passou de leve pela minha cabeça tosada e ao longo de minhas costas. Estremeci e pressionei mais o corpo contra ele, o acanhamento começando a ser esquecido. Minha própria mão livre vagou por toda a extensão de seu corpo, brincando com a moita macia e enroscada de seus pelos e com o pênis macio, umedecido, parcialmente rígido.

Ele arqueou um pouco as costas, em seguida relaxou.

— Bem, vou lhe dizer, Sassenach — falou. — Se não tenho calos lá, não é por culpa sua, acredite-me.

*QUEM RI POR ÚLTIMO...*

Era um velho mosquete, feito talvez há uns vinte anos, mas bem conservado. A coronha estava polida pelo uso, a madeira bela ao toque e o metal do cano limpo e suavemente envelhecido.

Urso-em-Pé segurou-o em êxtase, correndo os dedos reverentemente para baixo e para cima do cano brilhante, levando-o ao nariz para sentir o perfume intoxicante de óleo e pólvora, depois acenando para seus amigos para que viessem e cheirassem a arma também.

Cinco cavalheiros receberam mosquetes da mão benévola de Pássaro-que-Canta-de-Manhã e uma sensação de deslumbramento percorria a casa, espalhando-se em ondas pela aldeia. O próprio Pássaro, ainda com vinte e cinco mosquetes para distribuir, estava embriagado com a sensação de incomensurável poder e riqueza, e assim com disposição para dar as boas-vindas a qualquer um ou qualquer coisa.

— Este é Hiram Crombie — Jamie disse a Pássaro, em tsalagi, indicando o sr. Crombie, que permanecera a seu lado, pálido de nervoso, durante toda a conversa preliminar, a apresentação dos mosquetes, a convocação dos guerreiros peles-vermelhas e a alegria geral em torno das armas. — Ele veio oferecer sua amizade e lhes contar histórias de Cristo.

— Oh, seu Cristo? O que foi para o outro mundo e voltou? Eu sempre quis saber, será que ele encontrou Mulher-do-Céu por lá,

ou Mole? Eu gosto de Mole; eu gostaria de saber o que ele disse. — Pássaro tocou a pedra pendente de seu pescoço, uma pequena escultura vermelha de Mole, o guia do outro mundo, segundo a lenda indígena.

As sobrancelhas de sr. Crombie estavam franzidas, mas felizmente ele ainda não desenvolvera nenhuma familiaridade com o tsalagi; ele ainda estava no estágio de mentalmente traduzir cada palavra para o inglês e Pássaro falava rápido. E Ian não encontrara a ocasião de ensinar a Hiram a palavra para Mole.

Jamie tossiu.

— Tenho certeza de que ele terá prazer em lhe contar todas as histórias que conhece — ele disse. — Sr. Crombie — disse, mudando momentaneamente para inglês —, Tsisqua lhe dá as boas-vindas.

As narinas de Penstemon, a mulher de Pássaro, alargaram-se delicadamente; Crombie suave de nervoso e cheirava a bode. Ele inclinou-se ansiosamente em uma mesura e entregou a Pássaro a faca que trouxera de presente, recitando devagar o discurso elogioso que decorara.

Aliás, bastante bem, Jamie pensou; só errara a pronúncia de uma ou duas palavras.

— Vim lhe trazer grande alegria — terminou, gaguejando e suando.

Pássaro olhou para Crombie — pequeno, vigoroso e encharcado de suor — por um longo e inescrutável instante, depois novamente para Jamie.

— Você é um homem engraçado, Matador-de-Urso — disse com resignação. — Vamos comer! Era outono; a colheita estava sendo farta e a caça era boa. Assim, a Festa das Armas era uma ocasião notável, com carnes de veado, de wapiti e de porco selvagem tiradas, fumegantes, das covas onde eram assadas lentamente e tostadas sobre enormes fogueiras, acompanhadas de



travessas transbordantes de milho e abóbora assados, e tigelas de feijões temperados com cebola e coentro, tachos de ensopados de carne e legumes e dúzias e dúzias de peixes pequenos passados na farinha de milho e fritos em gordura de urso, a carne crocante e adocicada.

O sr. Crombie, inicialmente muito reservado, começou a relaxar sob a influência da comida, da cerveja de abeto e da lisonjeira atenção que lhe era prestada. Parte da atenção, Jamie imaginou, devia-se ao fato de Ian, com um largo sorriso no rosto, ter permanecido ao lado de seu aluno por algum tempo, instigando-o e corrigindo-o, até Hiram se sentir com a língua mais solta e capaz de se virar sozinho. Ian era extremamente popular, particularmente com as jovens da aldeia.

Quanto a ele próprio, estava apreciando muito as festividades; aliviado de responsabilidade, não havia mais nada a fazer além de conversar, ouvir e comer — e pela manhã ele iria embora.

Era uma sensação estranha e que achava nunca ter sentido. Já tivera muitas despedidas, a maioria lamentável — algumas feitas com uma sensação de alívio, outras que arrancavam o coração do seu peito e o deixavam sofrendo. Não esta noite. Tudo parecia estranhamente cerimonioso, algo conscientemente feito pela última vez, e no entanto não havia nenhuma tristeza nesta despedida.

A sensação de missão cumprida, imaginava. Ele fizera o que lhe fora possível fazer, e agora devia deixar Pássaro e os outros definirem seu próprio caminho. Ele poderia voltar, mas nunca outra vez em uma missão, em seu Papel de agente do rei.

Esse, em si mesmo, era um pensamento peculiar. Ele nunca vivera sem a consciência de aliança — voluntária ou não, deliberada ou não — a um rei, fosse da casa alemã de Jorge, fosse dos Stuart. E agora vivia.

Pela primeira vez, vislumbrava o que sua filha e sua mulher tentaram lhe dizer.

Hiram tentava recitar um dos salmos, ele percebeu. Estava fazendo um bom trabalho, porque ele pedira a Ian para traduzi-lo e depois o decorara cuidadosamente. Entretanto...

— Óleo escorre pela cabeça e pela barba...

Penstemon lançou um olhar desconfiado ao pequeno pote de gordura de urso derretida que estavam usando como condimento e estreitou os olhos para Hiram, obviamente pretendendo arrancar o pote da mão dele, caso tentasse entornar a gordura sobre sua cabeça.

— É uma história de seus ancestrais — Jamie lhe disse, encolhendo ligeiramente os ombros. — Não é seu próprio costume.

— Oh. Hum. — Ela relaxou um pouco, embora continuando a manter Hiram sob vigilância. Ele era um hóspede, mas não se podia confiar que todos os hóspedes se comportassem bem.

Entretanto, Hiram não fez nada inconveniente e, com muitos protestos contra o excesso de comida e desajeitados elogios aos seus anfitriões, foi persuadido a comer até seus olhos se esbugalharem, o que os agradou.

Ian permaneceria na aldeia por alguns dias, para se certificar de que Hiram e o povo de Pássaro estavam de comum acordo. No entanto, Jamie não estava absolutamente certo de que o senso de responsabilidade de Ian fosse sobrepujar seu senso de humor — de certa forma, o senso de humor de Ian tendia para o lado dos índios. Uma palavra da parte de Jamie poderia, portanto, vir a calhar, só por precaução.

— Ele tem mulher — Jamie disse a Pássaro, indicando Hiram com um movimento da cabeça, o qual agora estava empenhado em uma conversa séria com dois dos índios mais velhos. — Acho que ele não gostaria de uma mulher em sua cama.

Ele pode ser indelicado com ela, não compreendendo o gesto de cortesia.

— Não se preocupe — Penstemon disse, ouvindo a conversa. Olhou para Hiram e seu lábio curvou-se com desdém. — Ninguém iria querer um filho dele. Agora, um filho seu, Matador-de-Urso... — Ela lhe lançou um longo olhar por baixo das pestanas e ele riu, saudando-a com um gesto de respeito.

Era uma noite perfeita, fria e revigorante, e a porta foi deixada aberta para que o ar pudesse entrar. A fumaça da fogueira erguia-se reta e branca, fluindo na direção do buraco no teto, seus fantasmas móveis parecendo espíritos ascendendo em alegria.

Todos haviam comido e bebido ao ponto de um agradável estupor, e houve um silêncio momentâneo e uma difusa sensação de paz e felicidade.

— É bom para os homens comerem como irmãos — Hiram observou para Urso-em-Pé, em seu titubeante tsalagi. Ou melhor, tentou.

E afinal, Jamie refletiu, sentindo suas costelas rangerem sob a tensão, era realmente uma diferença muito pequena entre "como irmãos" e "seus irmãos".

Urso-em-Pé deu um olhar pensativo a Hiram e afastou-se disfarçadamente para longe dele.

Pássaro observou isso e, após um momento de silêncio, virou-se parajamie.

— Você é um homem muito engraçado, Matador-de-Urso — ele repetiu, sacudindo a cabeça. — Você venceu.

*Ao sr. John Stuart,  
Superintendente Indigenista do Departamento do Sul  
De Fraser's Ridge, em 1º de novembro, Anno Domini 1774,  
James Fraser, esq.  
Prezado senhor,*

*Esta tem por objetivo notificá-lo de meu pedido de demissão como Agente Indigenista, uma vez que constato que minhas convicções pessoais não mais me permitirão realizar meu serviço como representante da Coroa em sã consciência.*

*Em agradecimento por sua generosa atenção e inúmeros favores, e desejando-lhe felicidades no futuro, subscrevo-me,*

*Seu mais humilde criado*

*J. Fraser*

# PARTE NOVE



*OSSOS DO TEMPO*

*SELVAGENS*

Restavam apenas duas. A poça de cera quente brilhava com a luz do pavio flamejante acima dela e as pedras preciosas surgiram lentamente diante de nossos olhos, uma verde, outra preta, brilhando com seu próprio fogo interior. Jamie mergulhou a ponta de uma pena de escrever delicadamente na cera derretida e pegou a esmeralda, erguendo-a à luz.

Ele deixou cair a pedra quente no lenço que eu segurava à espera e eu a esfreguei rapidamente, para retirar a cera antes que endurecesse.

— Nossas reservas estão ficando baixas — eu disse, em um gracejo nervoso.

— Esperemos que não haja mais nenhuma emergência cara.

— Não tocarei no diamante negro, independente do que possa acontecer — ele disse decisivamente, e apagou o pavio com um sopro. — Ela é para você.

Olhei-o fixamente.

— O que quer dizer com isso? Ele deu ligeiramente de ombros e estendeu a mão para pegar a esmeralda do lenço em minha mão.

— Se eu for assassinado — ele disse de maneira pragmática. — Pegue-a e vá embora. De volta através das pedras.

— Ah, é? Não sei se iria — eu disse. Eu não gostava de falar de nenhuma contingência que envolvesse a morte de Jamie, mas

não fazia sentido ignorar as possibilidades. Batalhas, doenças, prisão, acidentes, assassinato...

— Você e Bri andavam por aí proibindo a mim de morrer — eu disse.

— Eu faria o mesmo, se tivesse a mais leve esperança de você prestar um mínimo de atenção.

Ele sorriu.

— Eu sempre presto atenção às suas palavras, Sassenach — assegurou-me com ar sério. — Mas você sempre me diz que o homem propõe e Deus dispõe, e se Ele achar que deve dispor de mim... você volta.

— Por que eu o faria? — perguntei, irritada e preocupada. As lembranças de Jamie enviando-me de volta através das pedras na véspera de Culloden não eram lembranças que eu gostasse de reviver, e ali estava ele, abrindo à força a Porta dessa câmara hermeticamente fechada de minha mente. — Eu ficaria com Bri e Roger, não é? Jem, Marsali e Fergus, Germain e Henri-Christian e as meninas... todos estão aqui. O que haveria para eu voltar, afinal? Ele pegou a pedra do lenço, revirando-a entre os dedos, e olhou pensativamente para mim, como se decidisse se devia ou não me contar alguma coisa. Os cabelinhos da minha nuca começaram a se eriçar.

— Não sei — disse finalmente, sacudindo a cabeça. — Mas eu a vi lá.

O arrepio correu direto da minha nuca pela espinha dorsal e pelos dois braços.

— Me viu onde? — Lá. — Abanou a mão com um gesto vago. — Sonhei com você lá.

Não sei onde era; só sei que era lá, em sua própria época.

— Como sabe disso? — perguntei, o corpo todo arrepiado. — O que eu estava fazendo? Franziu a testa no esforço para recordar.

— Não me lembro exatamente — disse devagar. — Mas sei que era naquela época, pela luz. — Sua fronte se desanuviou repentinamente. — É isso. Você estava sentada a uma escrivaninha, com algo na mão, talvez escrevendo. E havia luz em toda a sua volta, iluminando seu rosto, seus cabelos. Mas não era luz de vela, nem de fogo, nem luz do sol. E lembro-me de pensar comigo mesmo quando a vi: Oh, então é assim que é a luz elétrica.

Fitei-o, estarecida.

— Como pode reconhecer algo em um sonho que nunca viu na vida real? Ele pareceu achar isso engraçado.

— Eu sonho o tempo todo com coisas que nunca vi, Sassenach. Você não? — Bem — disse, em dúvida. — Sim. As vezes. Monstros, plantas estranhas, imagino. Paisagens peculiares. E certamente pessoas que não conheço. Mas isso é diferente, não? Ver algo de que ouviu falar, mas nunca viu? — Bem, o que eu vi pode não ser exatamente como a luz elétrica — admitiu mas foi isso que eu disse a mim mesmo quando a vi. E eu tive certeza absoluta de que você estava em sua própria época. — E afinal — acrescentou de forma lógica —, se eu sonho com o passado, por que não sonharia com o futuro? Não havia nenhuma resposta realmente boa para uma observação de natureza tão celta quanto aquela.

— Bem, você sonharia, imagino — eu disse. Esfreguei meu lábio inferior, em dúvida. — Que idade eu tinha nesse seu sonho? Ele pareceu surpreso, depois em dúvida, e espreitou meu rosto cuidadosamente, como se tentasse compará-lo com alguma visão mental.

— Bem... não sei — ele disse, parecendo inseguro pela primeira vez.

— Não achei nada de extraordinário em você, não notei que tivesse cabelos brancos ou nada desse tipo... apenas, era você. — Encolheu os ombros, desconcertado, em seguida olhou para a pedra em minha mão.



— Você a sente quente ao toque, Sassenach? — perguntou com curiosidade.

— Claro que sim — eu disse, um pouco rispidamente. — Acaba de sair da cera quente, pelo amor de Deus. — No entanto, a esmeralda realmente parecia pulsar delicadamente em minha mão, quente como meu próprio sangue e batendo como um coração em miniatura. E quando a entreguei a ele, senti uma pequena e peculiar relutância, como se ela não quisesse me deixar.

— Dê para MacDonald — eu disse, esfregando a palma da mão na minha saia. — Ele está lá fora, conversando com Arch; deve estar querendo ir embora.

MacDonald chegara a Ridge no dia anterior debaixo de uma forte chuva, o rosto curtido pelo tempo quase roxo de frio, esforço e empolgação, para nos informar que encontrara uma gráfica à venda em New Bern.

— O proprietário já foi embora... um pouco contra a vontade — contou-nos, gotejando e soltando vapor junto à lareira. — Seus amigos procuram vender as instalações e os equipamentos imediatamente, antes que sejam confiscados ou destruídos, e assim obter fundos para que ele possa se reinstalar na Inglaterra.

Por "um pouco contra a vontade", constatou-se, ele quis dizer que o proprietário da gráfica era um legalista, que fora sequestrado na rua pelo Comitê de Segurança local e enfiado a contragosto em um navio de partida para a Inglaterra. Essa forma de deportação improvisada estava se tornando popular e, apesar de ser mais humana do que alcatrão e penas, na verdade significava que o tipógrafo chegaria à Inglaterra sem um tostão e, ainda por cima, devendo o dinheiro da passagem.

— Por acaso, encontrei alguns de seus amigos em uma taverna, arrancando os cabelos com seu destino cruel e bebendo ao seu bem-estar.

Então, eu lhes disse que talvez pudesse lhes dar uma boa solução — o major disse, inflando-se de satisfação. — Eles ouviram atentamente quando eu lhes disse que você talvez, veja bem, apenas talvez, tivesse dinheiro vivo.

— O que o faz pensar que eu tenha, Donald? — Jamie perguntou, uma das sobranceiras arqueada.

MacDonald pareceu surpreso, depois bem-informado. Piscou o olho e colocou o dedo ao lado do nariz.

— A gente ouve as conversas por aí. Corre o boato de que você possui uma pequena provisão de pedras preciosas. Ao menos, foi o que ouvi de um comerciante em Edenton cujo banco lidou com uma delas.

Jamie e eu trocamos um olhar.

— Bobby — eu disse, e ele balançou a cabeça, resignado.

— Bem, quanto a mim, bico calado — MacDonald disse, observando nossa reação. — Certamente, podem confiar em minha discrição. E duvido que a questão seja de conhecimento amplo. Por outro lado, um homem pobre não anda por aí comprando mosquetes às dúzias, não é mesmo? — Oh, pode ser que sim — Jamie disse, com resignação. — Você ficaria surpreso, Donald. Mas, assim sendo... imagino que possamos chegar a um acordo. O que os amigos do tipógrafo estão pedindo, e oferecem seguro em caso de incêndio? MacDonald fora autorizado a negociar em nome dos amigos do tipógrafo, estando eles ansiosos para vender a problemática propriedade antes que alguma alma patriótica a destruísse com um incêndio — e assim o negócio foi fechado na hora. MacDonald foi enviado apressadamente de volta pela montanha abaixo para trocar a esmeralda em dinheiro, concluir o pagamento da gráfica, deixando o restante do dinheiro com Fergus para despesas correntes — e que se espalhasse o mais rápido possível em New Bern a notícia de que a gráfica logo estaria sob nova administração.

— E se alguém perguntar sobre a posição política do novo proprietário... — Jamie disse. MacDonald meramente balançou a cabeça sensatamente e colocou o dedo novamente ao longo do nariz coberto de vasos capilares vermelhos.

Eu estava quase certa de que Fergus não tinha nenhuma posição política definida; além de sua família, sua única lealdade era para com Jamie. Entretanto, uma vez fechado o negócio, e o frenesi do empacotamento e da mudança ter começado — Marsali e Fergus teriam que partir imediatamente, para ter qualquer chance de chegar a New Bern antes do inverno rigoroso — Jamie tivera uma séria conversa com Fergus.

— Agora, não vai ser como em Edimburgo. Há somente um outro tipógrafo na cidade e, pelo que MacDonald diz, é um senhor de idade e com muito medo tanto do comitê quanto do governador. Ele não imprime nada além de livros de sermões e folhetos anunciando corridas de cavalo.

— Bon — Fergus disse, parecendo até mais feliz, se isso fosse possível. Ele andava aceso como uma lanterna chinesa desde que recebera a notícia.

— Teremos todo o negócio de jornais e cartazes, para não falar da impressão de panfletos e peças escandalosas. Não há nada como rebelião e agitação para o ramo da impressão, milorde, o senhor mesmo sabe disso.

— É verdade — Jamie disse, muito secamente. — E é por isso que pretendo enfiar em sua cabeça dura a necessidade de tomar cuidado. Não quero vir a saber que foi enforcado por traição, nem mesmo coberto de alcatrão e penas por não ter sido suficientemente traiçoeiro.

— Oh, la. — Fergus abanou o gancho no ar. — Conheço muito bem esse jogo, milorde.

Jamie balançou a cabeça, ainda parecendo em dúvida.

— Sim, conhece. Mas já faz alguns anos; pode estar sem prática. E você não vai saber quem é quem em New Bern; não vai querer se ver comprando carne à tarde do homem que você crucificou no jornal matutino, não é? — Vou ficar atenta, pai. — Marsali estava sentada junto ao fogo, amamentando Henri-Christian e prestando muita atenção. Na verdade, ela parecia ainda mais feliz do que Fergus, a quem olhava com adoração.

Desviou o olhar de adoração para Jamie e sorriu. — Tomaremos muito cuidado, prometo.

A testa franzida de Jamie se desanuviou um pouco ao olhar para ela.

— Vou sentir sua falta, menina — ele disse ternamente. O ar de felicidade de Marsali se turvou, mas não desapareceu inteiramente.

— Também vou sentir sua falta, papai. Todos nós. E Germain não quer deixar Jem, é claro. Mas... — Seus olhos desviaram-se novamente para Fergus, que fazia uma relação de suprimentos, assoviando "Alouette" baixinho; abraçou Henri-Christian com mais força, fazendo-o agitar as pernas em protesto.

— Sim, eu sei. — Jamie tossiu, para encobrir sua emoção, e passou a articulação de um dedo sob o nariz. — Muito bem, então, Fergus. Você terá um pequeno suprimento de dinheiro; não se esqueça de subornar o policial e o vigia antes de mais nada. MacDonald me deu os nomes do Conselho Real e dos principais membros da Assembleia; ele ajudará com o conselho, já que é um homem do governador. Tenha tato, hein? Mas não deixe de cuidar dele; MacDonald tem sido de grande ajuda na questão.

Fergus assentiu, a cabeça abaixada sobre o papel.

— Papel, tinta, chumbo, subornos, camurça, pincéis — disse, escrevendo atarefadamente, e retomou distraidamente sua canção: — Alouette, gentil Alouette...

Era impossível subir até Ridge de carroça; o único acesso era por uma estreita trilha que serpenteava encosta acima a partir de Coopersville — um dos fatores que levaram ao desenvolvimento daquela encruzilhada sem importância em um pequeno povoado, conforme mascates itinerantes e outros viajantes tendiam a parar ali, fazendo pequenas incursões a pé até o alto da montanha.

— O que é muito bom para desencorajar invasões hostis em Ridge — eu disse a Bri, arfando enquanto colocava no chão ao lado da trilha uma trouxa de lona cheia de velas, urinóis e outros utensílios domésticos. — Infelizmente, dificulta sair da maldita Ridge também.

— Imagino que nunca tenha ocorrido a papai que alguém fosse querer sair — Bri disse, grunhindo ao depositar seu próprio fardo no chão: o caldeirão de Marsali, carregado de queijos, sacos de farinha, de feijão e de arroz, além de uma caixa de madeira cheia de peixe seco e uma sacola de maçãs.

— Este negócio pesa uma tonelada.

Ela virou-se e berrou para a trilha acima de nós: — GERMAIN! Silêncio absoluto.

Germain e Jemmy deviam estar conduzindo Mirabel, a cabra, pela descida, até a carroça. Haviam deixado a cabana conosco, mas foram ficando cada vez mais para trás.

Nem um grito, nem um mééééé veio da trilha, mas a sra. Bug surgiu à vista, avançando lentamente sob o peso da roda de fiar de Marsali, que carregava nas costas, e segurando o cabresto de Mirabel em uma das mãos.

Mirabel, uma cabra pequena, branca com manchas cinzentas, baliu alegremente ao nos ver.

— Encontrei a pobrezinha amarrada a um arbusto — a sra. Bug disse, colocando a roca no chão com um chiado e enxugando o rosto com o avental.

— Nem sinal dos garotos, aqueles traquinas.

Brianna emitiu um rosnado surdo que pressagiava encrenca para Jemmy ou Germain, se ela os pegasse. Entretanto, antes que ela começasse a subir batendo os pés pesadamente encosta acima outra vez, Roger e o Jovem Ian começaram a descer, cada qual segurando em uma ponta do tear de Marsali, desmontado para a ocasião em um feixe de ripas pesadas.

No entanto, vendo o engarrafamento no caminho, pararam e colocaram seu fardo no chão com suspiros de alívio.

— O que houve? — Roger perguntou, olhando de um rosto para o outro e parando na cabra com o cenho franzido. — Onde estão Jem e Germain? — Aposto como os diabinhos estão escondidos em algum lugar — Bri disse, alisando para trás os cabelos ruivos caídos no rosto. Sua trança se desfizera e fios desgarrados de cabelos grudavam-se, úmidos, em seu rosto. Fiquei momentaneamente grata pela minha moita de cachos curtos; independentemente da aparência, sem dúvida era conveniente.

— Quer que eu vá procurá-los? — Ian perguntou, emergindo da tigela de madeira para pudim que vinha carregando, virada para baixo, sobre a cabeça.

— Não devem ter ido longe.

Ruídos de passos apressados vindos de baixo fizeram todos se virarem esperançosamente naquela direção — mas não eram os meninos, e sim Marsali, ofegante e com os olhos arregalados.

— Henri-Christian — disse, arquejando, os olhos saltando rapidamente pelo grupo. — Ele está com você, Claire? Bri? — Pensei que ele estivesse com você — Bri disse, contagiando-se com a sensação de urgência de Marsali.

— E estava. O pequeno Aidan McCallum tomava conta dele para mim, enquanto eu carregava as coisas na carroça. Quando parei para amamentá-lo — levou a mão rapidamente ao peito —, ambos haviam desaparecido! Achei que talvez... — Suas palavras

definharam quando começou a vasculhar pelo meio dos arbustos ao longo da trilha, as faces afogueadas do esforço e da contrariedade.

— Vou estrangulá-lo — ela disse entre dentes cerrados. — E onde está Germain? — gritou, vendo Mirabel, que aproveitara a parada para mordiscar as apetitosas plantas ao longo do caminho.

— Está começando a parecer que há um plano aqui — Roger observou, obviamente se divertindo. Ian também parecia estar achando graça na situação, mas olhares fulminantes das exaustas e irritadas mulheres presentes arrancaram o riso de seus rostos.

— Sim, por favor, vão procurá-los — eu disse, vendo que Marsali estava prestes a desfazer-se em lágrimas ou ter um acesso de fúria e começar a atirar coisas.

— Sim, façam isso — ela disse, sucintamente. — E aproveitem para lhes dar uns tapas.

— Sabe onde eles estão? — Ian perguntou, protegendo os olhos para olhar para cima, inspecionando um canal formado por pedras caídas.

— Sim, provavelmente. Por aqui. — Roger abriu caminho por um emaranhado de arbustos de chá-dos-apalaches e patas-de-vaca, com Ian seguindo-o, e saiu na margem de um córrego que corria em paralelo à trilha onde estavam. Lá embaixo, viu de relance o lugar de pesca favorito de Aidan, perto do vau, mas não havia nenhum sinal de vida ali.

Assim, virou-se para cima, avançando pelas pedras soltas e pelo mato seco e denso ao longo da margem do córrego. A maior parte das folhas das castanheiras e dos choupos havia caído, formando um tapete escorregadio marrom e dourado sob os pés.

Aidan lhe mostrara o local secreto havia algum tempo; uma caverna rasa, com pouco mais de um metro de altura, escondida no topo de um declive íngreme e encoberta por um bosque cerrado de carvalhos novos.

Os carvalhos estavam desfolhados agora e a entrada da caverna claramente visível para quem soubesse de sua existência. Estava particularmente perceptível agora, porque saía fumaça de lá, deslizando como um véu pela face da rocha acima e deixando um cheiro pronunciado no ar frio e seco.

Ian ergueu uma das sobancelhas. Roger balançou a cabeça e começou a subir a ladeira, não fazendo nenhum esforço para não ser ouvido. Houve uma agitada movimentação dentro da caverna, batidas e pequenos gritos. O véu de fumaça oscilou e parou, substituído por um ruído sibilante e uma lufada cinza-escura da boca da caverna quando alguém jogou água no fogo.

Ian, nesse ínterim, caminhara silenciosamente pelo lado da face da rocha acima da caverna, vendo uma pequena fresta de onde saía uma minúscula pluma de fumaça. Agarrando-se apenas com uma das mãos a um corniso que crescia da rocha, inclinou-se perigosamente para fora e, levando a mão em concha à boca, soltou um grito mohawk assustador, direcionado para dentro da fresta.

Gritos aterrorizados, muito mais agudos, saíram da caverna, seguidos imediatamente por um bando de garotinhos aos trambolhões, empurrando-se e tropeçando uns nos outros em sua afobação.

— Ei, você aí! — Roger agarrou seu próprio rebento pela gola quando ele passou correndo. — Acabou a farra, rapaz.

Germain, com a figura atarracada e robusta de Henri-Christian agarrada à sua cintura, tentava escapar ladeira abaixo, mas Ian, saltando pelas pedras como uma pantera, pulou à sua frente e agarrou o bebê, fazendo Germain parar abruptamente.

Somente Aidan permaneceu à solta. Vendo seus companheiros dominados, hesitou na beira do declive, obviamente querendo fugir, mas desistiu nobremente, voltando a passos arrastados para compartilhar o destino dos demais.



— Muito bem, rapazes, isso é inaceitável. — Roger falou com certa compaixão; Jemmy andava aborrecido há dias com a perspectiva da partida de Germain.

— Mas nós não queremos ir, tio Roger — Germain disse, usando seu mais eficaz olhar arregalado de súplica. — Nós vamos ficar aqui. Podemos viver na caverna e caçar para comer.

— Sim, senhor, e eu e Jem, nós vamos dividir nossa janta com eles — Aidan falou, elevando a voz, ansiosamente dando seu apoio.

— Eu trouxe alguns fósforos da mamãe, para que tenham uma fogueira para se esquentar — Jem apressou-se a acrescentar. — E um pão inteiro também! — Então, veja, tio — Germain espalmou as mãos graciosamente, para demonstrar nós não vamos dar trabalho a ninguém.

— Oh, nenhum trabalho, hein? — Ian disse, com não menos solidariedade. — Diga isso a sua mãe, sim? Germain levou as mãos às costas, agarrando as nádegas protetoramente, em reflexo.

— E o que você estava pensando, arrastando seu irmãozinho aqui para cima? — Roger disse, um pouco mais severamente. — Ele nem consegue andar ainda! Dois passos ali adiante e ele rolaria pelo riacho abaixo e quebraria o pescoço.

— Oh, não, senhor! — Germain disse, chocado. Remexeu no bolso e retirou um pedaço de corda. — Eu o amarraria quando eu não estivesse aqui, para ele não sair por aí ou cair. Mas eu não podia abandoná-lo; prometi a mamãe, quando ele nasceu, eu disse que nunca o abandonaria.

As lágrimas começaram a escorrer pelas faces de Aidan.

Henri-Christian, totalmente confuso, começou a berrar em solidariedade, o que fez o lábio inferior de Jem tremer também. Ele desvencillhou-se das mãos de Roger e correu para Germain, agarrando-o com força pela cintura.

— Germain não pode ir, papai, por favor, não faça ele ir! Roger esfregou o nariz, trocou um rápido olhar com Ian e suspirou.

Sentou-se em uma pedra e fez sinal para Ian, que estava tendo um certo grau de dificuldade em saber como segurar Henri-Christian. Ian entregou o bebê a Roger com um evidente ar de alívio, e Henri-Christian, sentindo necessidade de segurança, agarrou o nariz de Roger com uma das mãos e seu cabelo com a outra.

— Veja bem, a bhailach — disse, soltando as mãos de Henri-Christian com alguma dificuldade. — O pequeno Henri-Christian precisa de sua mãe para amamentá-lo. Ele quase nem tem dentes, pelo amor de Deus. Não pode viver aqui no mato com vocês, comendo carne crua, como selvagens.

— Ele tem dentes bons! — Aidan disse corajosamente, estendendo um dedo mordido como prova. — Olhe! — Ele come papinha — Germain disse, mas com alguma incerteza na voz. — Nós vamos amassar biscoitos com leite para ele.

— Henri-Christian precisa de sua mãe — Roger repetiu com firmeza — e sua mãe precisa de você. Não espera que ela possa conduzir uma carroça e duas mulas e suas irmãs, sozinha, até New Bern, não é? — Mas papai pode ajudar — Germain protestou. — As meninas obedecem a ele quando não obedecem a mais ninguém! — Seu pai já foi — Ian informou-o. — Foi na frente, para encontrar um lugar para vocês todos morarem, quando chegarem lá. Sua mãe segue atrás, com todas as suas coisas. Roger Mac tem razão, a bhailach, sua mãe precisa de você.

O rostinho de Germain empalideceu um pouco. Olhou desamparadamente para Jemmy, ainda agarrado a ele pela cintura, depois para cima da encosta, para Aidan, e engoliu em seco. O vento soprou com mais força e afastou a franja loura de sua testa, fazendo-o parecer muito pequeno e frágil.

— Está bem, então — disse, e parou, engolindo em seco outra vez.

Muito delicadamente, passou o braço ao redor dos ombros de Jemmy e beijou o topo de sua cabeça ruiva.

— Eu vou voltar, primo — ele disse. — E você irá me visitar perto do mar. Você vai também — assegurou a Aidan, erguendo os olhos. Aidan fungou, balançando a cabeça, e começou a descer o declive devagar.

Roger estendeu a mão livre e delicadamente desvencilhou Jemmy.

— Suba nas minhas costas, mo chuisle — ele disse. — É uma descida íngreme. Eu o levarei de cavalo.

Sem esperar que lhe pedissem, Ian abaixou-se e pegou Aidan, que enroscou as pernas na cintura de Ian, escondendo o rosto molhado de lágrimas na sua camisa de camurça.

— Quer cavalgar também? — Roger perguntou a Germain, levantando-se cuidadosamente sob o peso de seu fardo duplo. — Ian pode carregá-lo, se quiser.

Ian balançou a cabeça, confirmando, e estendeu a mão, mas Germain sacudiu a cabeça, os cabelos louros esvoaçando.

— Non, tio Roger — ele disse, quase baixinho demais para ser ouvido. — Vou andando. — E virando-se, começou a descer cuidadosamente a encosta íngreme.

*ESTOURO DE CASTORES*

*25 de outubro de 1774*

Já caminhavam havia uma hora quando Brianna começou a perceber que não estavam atrás de caça. Havia cruzado a trilha de um pequeno rebanho de veados, com fezes tão frescas que as pelotas ainda estavam úmidas, mas Ian ignorou a pista, continuando a subir a encosta com determinação inabalável.

Rollo fora com eles, mas, após várias tentativas infrutíferas de chamar a atenção de seu dono para cheiros promissores, abandonou-os decepcionado e partiu em meio a uma agitação da folhagem para fazer sua própria caçada.

A subida era íngreme demais para permitir conversas, ainda que Ian parecesse inclinado. Mentalmente dando de ombros, ela o seguiu, mas manteve a arma à mão e um olho no mato, por via das dúvidas.

Havia partido de Ridge ao amanhecer; já passava de meio-dia quando finalmente pararam, na margem de um riacho pequeno e anônimo. Uma videira selvagem enrolava-se em volta do tronco de um caquizeiro que se projetava sobre a margem; os animais já haviam tirado a maior parte das uvas, mas alguns cachos ainda penduravam-se acima da água, ao alcance somente dos esquilos mais corajosos — ou de uma mulher alta.

Ela tirou os mocassins e chapinhou para dentro do riacho, arquejando com o choque da água gelada em suas pernas. As uvas estavam arrebetando de tão maduras, de uma cor púrpura tão forte que pareciam pretas e grudentas de sumo. Os esquilos não as haviam alcançado, mas as vespas sim, e ela vigiava cautelosamente as saqueadoras de ferrão no abdômen enquanto torcia a haste dura de um cacho particularmente suculento.

— Então, vai me dizer o que estamos realmente procurando?  
— ela perguntou, de costas para o primo.

— Não — ele disse, um sorriso na voz.

— Oh, uma surpresa, hein? — Arrebentou a haste e virou-se para atirar as Uvas para ele.

Ele pegou o cacho com uma das mãos e colocou-o na margem ao lado da mochila surrada em que carregava as provisões.

— Algo assim.

— Desde que não estejamos só fazendo um passeio... — Ela torceu e arrancou outro cacho e voltou chafurdando para a margem, sentando-se ao lado de Ian.

— Não, de jeito nenhum. — Ele jogou duas uvas dentro da boca, esmagou-as e cuspiu as cascas e as sementes com a facilidade de um velho hábito. Ela apreciou a sua mais delicadamente, mordendo uma ao meio e retirando as sementes com a unha.

— Você deve comer as cascas, Ian. Têm vitaminas.

Ele levantou um ombro com ceticismo, mas não disse nada. Tanto ela quanto sua mãe haviam explicado o conceito de vitaminas — inúmeras vezes — com pouco ou nenhum resultado. Jamie e Ian haviam sido obrigados, com relutância, a admitir a existência de germes, porque Claire podia lhes mostrar mares fervilhantes de micro-organismos em seu microscópio. As vitaminas, entretanto, infelizmente eram invisíveis e, assim, podiam ser tranquilamente ignoradas.

— Está muito longe, essa surpresa? — As cascas das uvas eram, de fato, muito amargas. Sua boca contraiu-se involuntariamente quando mordeu uma. Ian, diligentemente comendo e cuspiendo, notou e riu para ela.

— Sim, um pouco mais longe.

Ela lançou um olhar ao horizonte; o sol descia no céu. Se voltassem agora, já estaria escuro antes de chegarem à casa.

— Quanto mais longe? — Cuspiu a casca da uva mastigada na mão e atirou-a no chão.

Ian olhou para o sol também e contraiu os lábios.

— Bem... creio que chegaremos lá mais ou menos ao meio-dia de amanhã.

— Nós o quê? Ian! Ele pareceu envergonhado e abaixou a cabeça.

— Desculpe, prima. Sei que deveria ter lhe contado antes... mas achei que talvez não quisesse vir, se eu dissesse como era longe.

Uma vespa pousou no cacho de uvas em sua mão e ela espantou-a, com um gesto irritado da mão.

— Você sabe que eu não viria. Ian, o que estava pensando? Roger vai ter um ataque! Seu primo pareceu achar a ideia engraçada; sua boca torceu-se para cima no canto.

— Um ataque? Roger Mac? Não acredito.

— Bem, tudo bem, ele não vai ter um ataque. Mas vai ficar preocupado. E Jemmy sentirá minha falta! — Não, eles vão ficar bem — Ian garantiu-lhe. — Eu disse ao tio Jamie que ficaríamos fora por três dias e ele disse que levaria Jemmy para a casa grande.

Com sua mãe, Lizzie e a sra. Bug para mimá-lo, o pequeno Jem nem vai notar a sua ausência.

Provavelmente, era verdade. Mas não contribuía em nada para mitigar seu aborrecimento.

— Você contou ao papai? E ele simplesmente disse que estava tudo bem e vocês dois acharam que era perfeitamente plausível me... me... arrastar para o mato por três dias, sem me dizer o que estava acontecendo? Vocês... vocês...

— Arrogantes, insuportáveis, abomináveis escoceses — Ian disse, em uma imitação tão perfeita do inglês britânico de sua mãe que ela desatou a rir, apesar de sua contrariedade.

— Sim — disse, limpando o sumo de uva que respingara em seu queixo. — Exatamente! Ele ainda sorria, mas sua expressão mudara; não estava mais de brincadeira.

— Brianna — ele disse suavemente, com aquela cadência das Highlands que fazia seu nome soar estranho e gracioso. — É importante, sabe? Ele já não sorria mais. Seus olhos estavam fixos nos de Brianna, calorosos, mas sérios. Seus olhos castanhos eram o único traço de beleza do rosto de Ian, mas tinham uma expressão de tal franqueza e ternura que você achava que ele havia deixado você olhar sua alma, apenas por um instante. Ela já se perguntara se ele tinha consciência desse efeito em particular, mas, ainda que tivesse, era difícil de resistir a ele.

— Está bem — ela disse, abanando uma vespa insistente, ainda contrariada, mas resignada. — Está bem. Mas ainda assim, você devia ter me dito. E não vai me dizer, nem agora? Ele sacudiu a cabeça, abaixando os olhos para a uva que arrancava do cacho.

— Não posso — disse simplesmente. Atirou a uva dentro da boca e virou-se para abrir sua mochila, a qual, agora que ela notara, estava estranhamente cheia. — Quer um pouco de pão, prima, ou um pedaço de queijo?

— Não. Vamos andando. — Levantou-se e sacudiu folhas mortas de suas calças. — Quanto mais depressa chegarmos lá, mais depressa estaremos de volta.

Pararam uma hora antes do pôr do sol, enquanto havia luz suficiente para apanhar lenha. A mochila cheia continha dois

cobertores, bem como comida e um jarro de cerveja — muito bem-vinda, depois de um dia de caminhada, a maior parte encosta acima.

— Oh, esta é de um lote muito bom — ela disse com aprovação, cheirando o gargalo do jarro depois de um gole longo, aromático e com um toque de lúpulo. — Quem fez?

— Lizzie. Ela pegou o jeito com Frau Ute. Antes que... hã... mmhum. — Um delicado ruído escocês abrangeu as dolorosas circunstâncias que cercaram a dissolução do noivado de Lizzie.

— Hum. Isso foi bem ruim, hein? — Ela abaixou as pestanas, observando-o disfarçadamente, para ver se ele iria dizer mais alguma coisa sobre Lizzie. Houve uma época em que Ian e Lizzie pareciam gostar um do outro — mas primeiro ele fora viver com os iroqueses e depois ela ficou noiva de Manfred McGillivray quando ele retornou. Agora que ambos estavam livres outra vez...

Mas ele descartou seu comentário a respeito de Lizzie apenas com um gesto do ombro em concordância, concentrando-se no tedioso processo de acender a fogueira. O dia fora quente e ainda restava uma hora de dia claro, mas as sombras sob as árvores já estavam azuis; a noite seria fria.

— Vou dar uma olhada no riacho — ela anunciou, pegando um rolo de linha e um anzol da pequena pilha de objetos que Ian retirara de sua mochila. — Parece que há um remanso de trutas logo depois da curva, e os insetos vão começar a revoar.

— Oh, sim. — Ele balançou a cabeça, mas não deu muita atenção a ela, pacientemente arrumando a pilha de gravetos um pouco mais alta antes de produzir a próxima chuva de faíscas de sua pederneira.

Ao dobrar a curva do riacho, ela viu que não se tratava apenas de um remanso de trutas — era uma represa de castores. O monte arqueado do depósito que construíram refletia-se na água estagnada e, na margem oposta, ela podia ver as vibrações e



sacudidas de dois salgueiros pequenos, evidentemente no processo de serem consumidos.

Avançou devagar, cautelosamente. Os castores não a perturbariam, mas certamente dariam uma corrida para a água se a vissem, não só espadanando a água, como revolvendo-a com suas caudas agitadas. Ela já ouvira isso antes; era incrivelmente alto, soando como uma descarga de tiros, o que certamente afugentaria os peixes num raio de quilômetros.

Galhos finos e corroídos entulhavam a margem próxima, a madeira branca do cerne esculpida com a precisão de um carpinteiro, mas nenhum era fresco, e ela não ouvia nada nas proximidades além do som do vento nas árvores. Os castores não eram criaturas furtivas; não havia nenhum por perto.

Sempre vigiando a margem oposta, ela colocou a isca, um pedacinho de queijo, no anzol, girou-o devagar acima da cabeça, aumentou a velocidade enquanto soltava a linha e deixou-o voar. O gancho aterrissou com um pequeno plop! no meio do laguinho, mas o barulho não foi suficiente para assustar os castores; as mudas de salgueiro na margem oposta continuavam a balançar e estremecer sob o ataque de dentes diligentes.

A nuvem de insetos da tarde começava a eclodir, exatamente como dissera a Ian. O ar soprava brando e fresco em seu rosto, e a superfície da água formava pontinhos e reluzia como seda cinzenta sacudida na luz.

Pequenas nuvens de mosquitinhos esvoaçavam no ar parado sob as árvores, presas para o acordar das carnívoras moscas d'água, moscas-da-pedra e donzelinhas erguendo-se da superfície, recém-eclodidas e famintas.

Era uma pena que ela não tivesse uma vara de pescar ou moscas secas como isca — mas ainda assim valia tentar. Moscas d'água não eram as únicas coisas a se erguerem famintas no crepúsculo e sabia-se que trutas vorazes eram capazes de atacar

praticamente qualquer coisa que flutuasse diante delas — seu pai certa vez pescara uma com um anzol adornado com nada além de alguns fios amarrados de seus próprios cabelos brilhantes.

Era uma ideia. Sorriu consigo mesma, afastando para trás uns fios de cabelos que haviam se soltado da trança, e começou a puxar a linha devagar de volta para a margem. Mas provavelmente havia mais do que truta ali, e queijo era...

Um forte puxão sacudiu a linha e ela teve um sobressalto de surpresa.

Teria ficado presa em algum galho submerso? A linha deu outro puxão e uma descarga de adrenalina das profundezas arremeteu-se pelo seu braço acima como eletricidade.

A próxima meia hora passou sem que ela percebesse, na obcecada perseguição de um peixe. Estava molhada até o meio das coxas, picada de mosquitos e seu pulso e ombro doíam, mas já tinha três gordos peixes brilhando na grama aos seus pés, a sensação de profunda satisfação de um caçador — e mais alguns pedacinhos de queijo no bolso.

Ela trazia o braço para trás para lançar o anzol outra vez quando um súbito coro de guinchos e chiados perturbou a calma da tarde; houve um estouro de castores irrompendo de seus esconderijos, pisoteando a margem oposta da represa como um pelotão de tanques pequenos e peludos. Ela fitou-os boquiaberta e recuou um passo em reflexo.

Então, algo grande e escuro surgiu entre as árvores atrás dos castores, e um novo reflexo lançou uma descarga de adrenalina pelas suas pernas, fazendo-a girar nos calcanhares para fugir. Em uma fração de segundo, ela já estaria no meio das árvores e longe dali, se não tivesse pisado em um dos seus peixes, que escorregou sob seu pé como manteiga e a fez cair sentada sem nenhuma cerimônia. E dessa posição, ela estava muito bem situada para ver Rollo surgir correndo das árvores em um traçado longo e baixo e

lançar-se em um arco Parabólico do alto da margem. Gracioso como um cometa, ele planou no ar e aterrissou na lagoa, no meio dos castores, levantando água como a queda de um meteoro.

Ian ergueu os olhos para ela, boquiaberto. Lentamente, seus olhos viajaram de seus cabelos pingando água para suas roupas ensopadas e sujas de lama, até os peixes — um ligeiramente amassado — pendurados de uma tira de couro em sua mão.

— Os peixes brigaram um bocado, hein? — ele perguntou, balançando a cabeça para a fieira. Os cantos de sua boca começaram a se torcer.

— Sim — ela disse, deixando-os cair no chão diante dele. — Mas não foi uma briga tão boa como a dos castores.

— Castores — ele disse. Esfregou o nó do dedo pensativamente pelo cavalete do nariz comprido e ossudo. — Sim, eu os ouvi se debatendo.

Andou lutando com castores? — Estava salvando seu maldito cachorro dos castores — ela disse e espirrou. Deixou-se cair de joelhos diante da fogueira que Ian acabara de acender e fechou os olhos em uma felicidade momentânea ao toque do calor em seu corpo trêmulo de frio.

— Oh, então Rollo está de volta? Rollo! Onde você está, companheiro? — O enorme cachorro saiu furtivamente do meio dos arbustos, o rabo mal se movendo em resposta ao chamado de seu dono.

— O que foi isso que ouvi sobre castores, a madadh? — Ian disse severamente. Em resposta, Rollo sacudiu-se, embora não mais do que uma fina névoa de gotículas de água se desprendesse de seus pelos. Ele suspirou, sentou-se sobre a barriga e, mal-humorado, colocou o focinho sobre as patas.

— Talvez só estivesse querendo pegar um peixe, mas os castores não entenderam dessa forma. Fugiram dele em terra, mas depois que ele se jogou na água... — Brianna sacudiu a cabeça e

torceu a fralda encharcada de sua camisa de caça. — Vou lhe dizer uma coisa, Ian: você limpa estes malditos peixes.

Ele já começara a limpá-los, estripando um deles com um único corte preciso ao longo da barriga e um rápido movimento do polegar. Atirou as entranhas para Rollo, que meramente deu outro suspiro e pareceu achatar-se contra as folhas mortas, ignorando a iguaria.

— Ele não está machucado, está? — Ian perguntou, franzindo o cenho.

Ela fitou-o furiosamente.

— Não, não está. Imagino que esteja envergonhado. Você podia perguntar se eu estou ferida. Você faz ideia do tipo de dentes que os castores possuem? A luz já quase se extinguiu, mas ela pôde ver seus ombros magros sacudirem-se.

— Sim — ele disse, soando um pouco engasgado. — Eu sei. Eles, hum, não morderam você, não é? Quero dizer... imagino que seria perceptível, se tivesse sido mordida. — Deixou escapar um leve chiado do riso reprimido e tentou disfarçar com um acesso de tosse.

— Não — ela disse, com certa frieza. O fogo estava indo bem, mas longe de ser suficiente. A brisa do final de tarde havia se intensificado e atravessava o tecido molhado da camisa e das calças para acariciar suas costas com dedos gelados.

— O problema não foi tanto os dentes quanto as caudas — ela disse, arrastando-se sobre os joelhos para virar as costas para o fogo. Esfregou a mão com cuidado pelo braço direito, onde uma das raquetes musculosas batera em cheio, deixando uma marca vermelha do pulso ao cotovelo. Por alguns instantes, ela pensou que o osso se quebrara.

— Foi como ser golpeada com um bastão de beisebol... hã, com um porrete, quero dizer — corrigiu-se. Os castores não a haviam atacado diretamente, é claro, mas estar na água com um

cachorro-lobo em pânico e meia dúzia de roedores de trinta quilos em um estado de extrema agitação fora mais ou menos como atravessar a pé uma lavadora automática de carros — um turbilhão de jatos de água cegantes e objetos sacudindo-se e debatendo-se. Um calafrio percorreu-a e ela apertou os braços em volta de si mesma, tremendo.

— Tome, prima. — Ian levantou-se e tirou a camisa de camurça pela cabeça. — Vista isso.

Ela estava com frio e cansada demais para recusar a oferta.

Retirando-se recatadamente para trás de uma moita, tirou as roupas molhadas e emergiu um instante depois, vestida com a camisa de camurça de Ian, um dos cobertores enrolado ao redor da cintura ao estilo sarongue.

— Você não come o suficiente, Ian — ela disse, sentando-se junto à fogueira outra vez e examinando-o com ar crítico. — Dá para ver todas as suas costelas.

Era verdade. Ele sempre fora magro, a ponto de ser quase esquelético, mas quando era mais novo, sua magreza de adolescente parecia perfeitamente normal, apenas o resultado de seus ossos ultrapassando o crescimento do resto de seu corpo.

Agora, ele atingira seu tamanho adulto e tivera um ou dois anos para que seus músculos se desenvolvessem de acordo. E haviam se desenvolvido — ela podia ver cada tendão em seus braços e ombros — mas as vértebras de sua coluna destacavam-se contra a pele bronzeada de suas costas, e ela podia ver as sombras das costelas como areia ondeada no fundo da água.

Ele levantou um dos ombros, mas não fez nenhum comentário, absorto em colocar o peixe limpo em espetos feitos de galhinhos de salgueiro descascados, para assar.

— E você também não dorme muito bem. — Ela estreitou os olhos para examiná-lo atentamente do outro lado da fogueira. Mesmo àquela luz, as olheiras e depressões em seu rosto eram

visíveis, apesar da distração oferecida pelas tatuagens mohawk, em arco pelas maçãs do rosto. As olheiras tinham sido notadas por todos durante meses; sua mãe quis dizer alguma coisa a Ian, mas Jamie dissera-lhe para deixá-lo; ele falaria quando estivesse pronto.

— Ah, o suficiente — murmurou, sem erguer os olhos.

Se ele estava pronto agora ou não, ela não sabia dizer. Mas ele a levava ali. Se não estivesse pronto, poderia muito bem ficar pronto em pouco tempo.

Ela, é claro, havia se perguntado o dia inteiro sobre o misterioso objetivo de sua viagem e por que ela era a companhia necessária. Se fosse para caçar, Ian teria levado um dos homens; apesar de hábil como era com uma arma, vários homens de Ridge eram melhores, inclusive seu pai. E qualquer um deles seria mais adequado do que ela para algo como escavar a toca de um urso ou empacotar carnes e couros para levar para casa.

No momento, estavam nas terras dos cherokees; ela sabia que Ian visitava os índios com frequência e tinha um bom relacionamento com várias aldeias. Mas, se fosse uma questão de algum acordo formal, sem dúvida ele teria pedido a Jamie para acompanhá-lo, ou Peter Bewlie, com sua mulher cherokee para servir de intérprete.

— Ian — ela disse, com aquele tom de voz capaz de fazer qualquer homem parar o que está fazendo e prestar atenção. — Olhe para mim.

Sua cabeça levantou-se abruptamente e ele pestanejou para ela.

— Ian — ela disse, um pouco mais brandamente —, isso tem a ver com sua mulher? Ele permaneceu paralisado por um instante, os olhos escuros e insondáveis. Rollo, nas sombras atrás dele, ergueu a cabeça bruscamente e deu um pequeno ganido investigativo. Isso pareceu despertar Ian; ele piscou e abaixou os olhos.

— Sim — ele disse, sem afetação. — Tem.

Ele ajustou o ângulo do espeto que enfiara na terra junto ao fogo; a carne branca do peixe curvou-se e crepitou, tostando no galho verde.

Ela esperou que ele continuasse, mas ele não disse mais nada — apenas tirou um pedaço do peixe parcialmente cozido e passou-o ao cachorro, estalando a língua em um convite. Rollo levantou-se e cheirou a orelha de Ian com ar preocupado, mas depois resolveu aceitar o peixe e deitou-se outra vez, lambendo o pedaço quente delicadamente antes de abocanhá-lo com a língua, adquirindo então ânimo suficiente para engolir as cabeças e entranhas descartadas também.

Ian contraiu um pouco os lábios e ela pôde ver os pensamentos atravessando seu rosto, antes de resolver falar.

— Um dia eu realmente pensei em me casar com você, sabe? Lançou-lhe um olhar rápido, direto, e ela sentiu um pequeno e estranho sobressalto de compreensão. Ele pensara nisso, é verdade. E embora ela não tivesse a menor dúvida de que sua proposta na ocasião havia sido feita com as mais puras intenções... ele era um rapaz. Ela não havia, até aquele instante, percebido que ele teria, obviamente, analisado cada detalhe do que essa proposta implicava.

Os olhos de Ian mantiveram-se fixos nos seus sem se desviarem, em um reconhecimento irônico do fato de que ele realmente contemplara os detalhes físicos de compartilhar sua cama — e não achara a ideia nem um pouco desagradável. Ela resistiu ao impulso de ruborizar e desviar o olhar; isso desacreditaria ambos.

De repente — e pela primeira vez — ela o percebeu como homem, em vez de um jovem e querido primo. E teve consciência do calor de seu corpo que havia permanecido na camurça macia quando a vestira.

— Não teria sido a pior coisa do mundo — ela disse, esforçando-se para igualar o tom prático da voz dele.

Ian riu e as linhas de pontos de suas tatuagens perderam sua severidade.

— Não — ele disse. — Talvez não o melhor, esse é Roger Mac, hein? Mas fico feliz em saber que eu também não teria sido o pior. Melhor do que Ronnie Sinclair, não? Ou pior do que Forbes, o advogado? — Ha, ha, ha. — Recusou-se a ficar constrangida com sua caçoada.

— Você teria sido no mínimo o terceiro na lista.

— Terceiro? — Isso chamou sua atenção. — O quê? Quem era o segundo? — Ele na verdade pareceu ofendido com a ideia de que alguém pudesse vir antes dele, e ela riu.

— Lorde John Grey.

— Ah, é? Oh, bem. Sim, suponho que ele serviria — Ian admitiu a contragosto. — Embora naturalmente ele... — Parou abruptamente e lançou um olhar cauteloso na direção dela.

Ela sentiu uma correspondente pontada de cautela. Ian saberia das preferências particulares de John Grey? Achou que devia — saber, pela expressão estranha em seu rosto — mas, se não soubesse, não cabia a ela revelar os segredos de lorde John.

— Você o conheceu? — ela perguntou, curiosa.

Ian fora com seus pais resgatar Roger dos iroqueses, antes de lorde John aparecer na fazenda de sua tia, onde ela própria conhecera o nobre.

— Oh, sim. — Ele ainda parecia cauteloso, embora tivesse relaxado um pouco. — Há alguns anos. Ele e seu... filho. Entendo, quero dizer. Eles vieram a Ridge, atravessando a Virgínia, e deram uma parada. Eu passei sarampo para ele. — Riu, repentinamente. — Ou ao menos ele teve sarampo. Tia Claire cuidou dele. Mas você o conheceu pessoalmente? — Sim, em River Run. Ian, o peixe está queimando.



Estava, e ele arrancou o espeto das chamas com uma pequena exclamação em gaélico, sacudindo os dedos chamuscados para esfriá-los.

Com o fogo apagado na grama, o peixe se mostrou bem palatável, ainda que um pouco crocante nas bordas, e o jantar razoavelmente bom, com o acréscimo de pão e cerveja.

— Você conheceu o filho de lorde John, então, em River Run? — ele perguntou, retomando a conversa. — Willie, é seu nome. Um bom garoto. Ele caiu na latrina — acrescentou pensativamente.

— Caiu na latrina? — ela disse, rindo. — Parece um idiota. Ou ele era muito pequeno?

— Não, de bom tamanho para sua idade. E bastante sensato, para um inglês. Não foi bem culpa dele. Estávamos olhando uma cobra e ela subiu pelo galho em nossa direção e... bem, foi um acidente — ele concluiu, dando um outro pedaço de peixe a Rollo. — Então, você não conheceu o garoto?

— Não, e acho que você está deliberadamente mudando de assunto.

— Sim, estou. Quer um pouco mais de cerveja?

Ela levantou uma das sobrancelhas para Ian — ele não devia achar que iria escapar tão facilmente —, mas assentiu, aceitando o jarro.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, tomando cerveja e observando os últimos raios de sol se desfazerem em escuridão enquanto as estrelas despontavam. O aroma dos pinheiros se intensificou, a resina aquecida com o calor do dia, e a distância ela ouviu uma ou outra batida de advertência da cauda de um castor na represa — evidentemente os castores haviam colocado sentinelas, para o caso de Rollo ou ela voltar sorrateiramente depois de anoitecer, pensou com ironia.

Ian enrolara o próprio cobertor em volta dos ombros, protegendo-se do frio cada vez mais intenso, e estava deitado de costas na grama, fitando a abóbada celeste acima.

Ela não fingiu não estar observando-o e tinha certeza de que ele sabia disso. Seu rosto ficou sereno por um instante, sem contar sua vitalidade de costume — mas não defensivo. Ele estava pensando e ela deixou que ele levasse o tempo que fosse preciso; era outono e a noite seria longa o suficiente para muitas coisas.

Lamentou não ter perguntado à sua mãe mais sobre a jovem que Ian chamava de Emily — o nome mohawk era polissilábico e impronunciável.

Pequena, sua mãe dissera. Bonita, de um jeito miúdo e gracioso, e muito inteligente.

Ela estaria morta, a Emily pequena e inteligente? Achava que não.

Estava nesta época tempo suficiente para ter visto muitos homens lidarem com a morte de suas mulheres. Eles demonstravam perda e dor — mas não faziam o que Ian andara fazendo.

Poderia ser que ele estivesse levando-a para conhecer Emily? Era um pensamento surpreendente, mas que ela rejeitou quase imediatamente.

Seria uma viagem de um mês, no mínimo, para alcançar o território mohawk — talvez mais. Por outro lado...

— Eu estava pensando, sabe? — ele disse repentinamente, ainda olhando para o céu. Às vezes, você se sente... errada? — Olhou para ela desamparadamente, sem certeza de ter dito o que pretendia, mas ela o compreendeu perfeitamente.

— Sim, o tempo todo. — Sentiu uma sensação instantânea, inesperada, de alívio com a admissão. Ele viu os ombros de Brianna relaxarem e sorriu um pouco, um sorriso enviesado.

— Bem... talvez não o tempo todo — ela corrigiu. — Quando estou na floresta, sozinha, está tudo bem. Ou com Roger, só nós dois. Embora mesmo assim... — Ela viu a sobrancelha de Ian se erguer e apressou-se a explicar. — Isso, não. Não estar com ele. É só que nós... nós conversamos sobre como era antes.

Ele lançou-lhe um olhar em que a solidariedade mesclava-se ao interesse. Obviamente, ele gostaria de saber "como era antes", mas deixou isso de lado por enquanto.

— A floresta, hein? — ele disse. — Compreendo. Quando estou acordado, ao menos. Mas dormindo... — Virou o rosto novamente para o céu vazio e as estrelas brilhantes.

— Você tem medo... quando a noite cai? — Ela sentia isso de vez em quando; um momento de profundo medo no crepúsculo, uma sensação de abandono e de solidão primária quando a noite se erguia sobre a Terra.

Uma sensação que às vezes não desaparecia mesmo depois de entrar na cabana e trancar bem a porta atrás de si.

— Não — ele disse, franzindo um pouco a testa. — Você tem? — Um pouco — ela disse, abanando a mão. — Não o tempo todo.

Não agora. Mas o que quis dizer sobre dormir na floresta? Ele sentou-se e balançou-se um pouco para frente e para trás, as mãos grandes entrelaçadas em torno de um dos joelhos, pensando.

— Sim, bem... — disse devagar. — As vezes, penso nas histórias antigas, da Escócia, sabe? E outras que ouvia às vezes, quando vivia com os kahnyen'kehakas. Sobre... coisas que podem assaltar um homem enquanto ele dorme. Roubar sua alma.

— Coisas? — Apesar da beleza das estrelas e da paz da noite, ela sentiu algo pequeno e frio deslizar pelas suas costas. — Que coisas? Ele respirou fundo e soltou o ar de repente, as sobrancelhas enrugadas.

— Nós as chamamos de sidhe em gaélico. Os cherokees chamam de nunnahee. E os mohawks também têm nomes para elas, inais de um. Mas quando ouvi Come Tartarugas falar delas, compreendi imediatamente o que eram. É a mesma coisa: o Povo Antigo.

— Fadas? — ela disse, e sua incredulidade deve ter ficado evidente em sua voz, porque ele levantou o rosto abruptamente para ela, um brilho de irritação nos olhos.

— Não, eu sei o que você quer dizer com isso. Roger Mac me mostrou o desenho que você fez para Jem, todas aquelas criaturas minúsculas como libélulas, embelezando-se nas flores... — Fez um ruído estranho no fundo da garganta. — Não. Essas coisas são... — Fez um gesto de desalento com uma das mãos, franzindo o cenho para a grama.

— Vitaminas — disse repentinamente, erguendo os olhos.

— Vitaminas — ela disse, e esfregou a mão entre as sobrancelhas.

Fora um longo dia; haviam provavelmente caminhado de vinte e cinco a trinta quilômetros e o cansaço se instalara em suas pernas e costas. Os machucados de sua luta com os castores começavam a latejar.

— Sei. Ian... tem certeza de que sua cabeça não está ainda um pouco rachada? — ela disse em tom de brincadeira, mas sua real ansiedade de que pudesse ser verdade deve ter transparecido em sua voz, pois ele deu uma risadinha baixa e melancólica.

— Não. Ou ao menos... eu acho que não. É só que... bem, sabe, é da mesma forma. Você não pode ver as vitaminas, mas você e tia Claire sabem muito bem que elas estão lá, e tio Jamie e eu temos que acreditar que vocês têm razão. Eu sei muito sobre os... Antigos. Não pode acreditar em mim a respeito disso? — Bem, eu... — ela começou a concordar, em prol da paz entre eles, mas um sentimento a dominou, repentino e frio como a sombra de uma

nuvem, de que ela não queria dizer nada que pudesse reconhecer a ideia.

Não em voz alta. E não ali.

— Oh — ele disse, vendo seu rosto. — Então, você sabe.

— Eu não sei, não — ela disse. — Mas também não posso afirmar que não sei. E não acho que seja uma boa ideia falar dessas coisas em uma floresta, à noite, a um milhão de quilômetros da civilização. Está bem? Ele sorriu ligeiramente e balançou a cabeça, assentindo.

— Sim. E, na verdade, não é o que eu pretendia dizer. É mais como...

— Suas sobrancelhas peludas cerraram-se em concentração.  
— Quando eu era pequeno, eu acordava na minha cama e sabia imediatamente onde estava.

Havia a janela — lançou a mão no ar — e havia a bacia e o jarro d'água sobre a mesa, com uma faixa azul em cima e lá — apontou na direção de uma moita de louro — ficava a cama grande onde Janet e Michael dormiam, e Jocky, o cachorro, ao pé da cama, roncando, e o cheiro de fumaça de turfa vindo da lareira e... bem, ainda que eu acordasse à meia-noite e a casa estivesse em completo silêncio ao meu redor, eu sabia imediatamente onde estava.

Ela balançou a cabeça, a própria lembrança de seu antigo quarto na casa da rua Furey erguendo-se ao seu redor, vívida como uma visão na fumaça. O cobertor listrado de lã, áspero sob seu queixo, e o colchão afundado no meio pelo peso de seu corpo, envolvendo-a como uma grande e quente mão. Angus, o cachorrinho de pelúcia com o surrado boné escocês tam o'shanter que compartilhava sua cama, e o zumbido reconfortante da conversa de seus pais na sala embaixo, pontuado pelo sax barítono do tema musical de Perry Mason.

Acima de tudo, a sensação de absoluta segurança.

Teve que fechar os olhos e engolir em seco duas vezes antes de responder.

— Sim. Sei o que quer dizer.

— Sim. Bem. Durante algum tempo depois que saí de casa, eu me vi dormindo mal, com tio Jamie no urzal ou aqui e ali em tavernas e estalagens. Eu acordava sem nenhuma noção de onde estava e, ainda assim, sabia que estava na Escócia. Estava tudo bem.

Parou, o lábio inferior preso entre os dentes enquanto buscava as palavras certas.

— Depois... aconteceram muitas coisas. Eu não estava mais na Escócia e minha casa havia... desaparecido. — Sua voz era suave, mas ela podia ouvir nela o eco da perda. — Eu acordava e não sabia onde estava, ou quem eu era.

Estava agachado agora, as mãos grandes pendendo, soltas, entre as coxas, enquanto fitava o fogo.

— Mas quando eu me deitava com Emily... desde a primeira vez. Eu soube. Soube quem eu era outra vez. — Olhou para ela então, os olhos escuros e sombreados pela perda. — Minha alma não vagava por aí enquanto eu dormia... quando eu dormia com ela.

— E agora? — ela perguntou serenamente, após alguns instantes.

Ele balançou a cabeça, sem dizer nada. O vento sussurrava no alto das árvores. Ela tentou ignorá-lo, obscuramente com medo de que, se escutasse atentamente, ouviria vozes.

— Ian — ela disse e tocou em seu braço, muito de leve. — Emily está morta? Ele permaneceu sentado, absolutamente imóvel por um instante, depois respirou fundo, uma respiração trêmula, e sacudiu a cabeça.

— Acho que não. — Mas ele pareceu muito em dúvida e ela pôde ver a expressão transtornada de seu rosto.

— Ian — ela disse muito suavemente. — Venha cá.

Ele não se moveu, mas quando ela se aproximou e passou os braços ao redor dele, ele não resistiu. Puxou-o para baixo com ela, insistindo que ele se deitasse ao seu lado, a cabeça aninhada na curva entre seu ombro e seu seio, o braço ao redor dele.

Instinto maternal, ela pensou, ironicamente. O que quer que haja de errado, a primeira coisa que você faz é pegá-los no colo e aconchegá-los nos braços. E se forem muito grandes para carregar... e se seu peso quente e o som de sua respiração em seu ouvido mantivessem as vozes no vento a distância, tanto melhor.

Brianna tinha uma lembrança fragmentada, uma imagem vívida e breve de sua mãe em pé atrás de seu pai na cozinha de sua casa em Boston.

Ele encostava-se para trás em uma cadeira de espaldar reto, a cabeça contra o abdômen de sua mãe, os olhos fechados de dor ou exaustão, enquanto ela massageava suas têmporas. O que era? Uma dor de cabeça? Mas o rosto de sua mãe era muito tranquilo, as marcas do estresse do seu próprio dia removidas pelo que estava fazendo.

— Sinto-me um tolo — Ian disse, parecendo envergonhado, mas não se afastou.

— Não, não é.

Ele respirou fundo, contorceu-se um pouco e acomodou-se cautelosamente na grama, o corpo mal tocando o dela.

— Sim, bem. Suponho que não, então — ele murmurou. Foi relaxando pouco a pouco, cautelosamente, a cabeça se tornando mais pesada no ombro dela, os músculos das costas cedendo devagar, a tensão neles acalmando-se sob sua mão. Devagar, como se esperasse que ela fosse lhe dar um tapa e afastá-lo, ele ergueu um braço e colocou-o sobre ela.

Parecia que o vento cessara. A luz da fogueira brilhava no rosto de Ian, as linhas escuras pontilhadas de suas tatuagens

destacando-se contra a pele jovem. Seus cabelos cheiravam a fumaça e poeira, macios contra sua face.

— Conte-me — ela disse.

Ele suspirou, profundamente.

— Ainda não — ele disse. — Quando chegarmos lá, sim? Ele não disse mais nada, e permaneceram assim, deitados juntos, quietos na grama, e seguros.

Brianna sentiu o sono chegar, suas ondas suaves, levantando-a para a paz, e não resistiu. A última coisa de que se lembrou foi do rosto de Ian, a face pesada em seu ombro, os olhos ainda abertos, fitando o fogo.

Alce Andarilho contava uma história. Era uma de suas melhores histórias, mas Ian não prestava atenção. Ele estava sentado do outro lado da fogueira, em frente a Alce Andarilho, mas eram as chamas que ele fitava, não o rosto de seu amigo.

Muito estranho, pensou. Observara o fogo durante toda a sua vida e nunca vira a mulher nele, até estes meses de inverno. Claro, fogueiras de turfa não tinham chamas fortes, embora fornecessem bastante calor e um cheiro delicioso... oh. Sim, então ela estava lá, afinal, a mulher. Ele balançou a cabeça ligeiramente, sorrindo. Alce Andarilho tomou isso como uma expressão de aprovação de seu desempenho e tornou-se ainda mais dramático nos gestos, fazendo uma horrenda carranca e arremetendo-se para frente e para trás com os dentes arreganhados, rosnando para ilustrar o carcaju que ele cuidadosamente seguira até sua toca.

O ruído distraiu Ian do fogo, atraindo sua atenção para a história outra vez. Bem a tempo, pois Alce Andarilho atingira o clímax e os rapazes acotovelavam-se, na expectativa. Alce Andarilho era baixo e truncado — não muito diferente do próprio carcaju, o que tornava sua imitação ainda mais divertida.

Ele virou a cabeça, enrugando o nariz e rosnando entre dentes, quando o animal sentiu o cheiro do caçador. Então, ele



mudou numa fração de segundo, tornou-se o caçador, rastejando cuidadosamente pelo mato, parando, agachando-se rente ao chão — e dando um salto para cima com um grito agudo, quando suas nádegas depararam-se com uma planta espinhosa.

Os homens ao redor da fogueira agitaram-se quando Alce Andarilho tornou-se o carcaju, que primeiro pareceu surpreso com o barulho e, depois, animado por ter visto sua presa. Ele saltou de sua toca, emitindo rosnados e ganidos agudos de raiva. O caçador caiu para trás, horrorizado, e virou-se para correr. As pernas atarracadas de Alce Andarilho martelaram o chão de terra batida da oca, correndo sem sair do lugar. Em seguida, atirou os braços para cima e estatelou-se para frente com um grito desesperado quando o animal atingiu-o nas costas.

Os homens gritaram para encorajá-lo, batendo a palma das mãos nas coxas, conforme o caçador encurralado conseguia rolar de costas, debatendo-se e praguejando, engalfinhando-se com o carcaju que ameaçava rasgar sua garganta.

A luz da fogueira brilhou nas cicatrizes que decoravam o peito e os ombros de Alce Andarilho — sulcos grossos e brancos que apareciam rapidamente pela gola aberta de sua camisa conforme ele contorcia-se teatralmente, os braços estendidos para cima contra o inimigo invisível.

Ian viu-se participando, inclinando-se para frente, a respiração entrecortada e seus próprios ombros contraídos com o esforço, embora ele soubesse o que viria em seguida.

Alce Andarilho já fizera isso inúmeras vezes, mas nunca falhava. O próprio Ian já tentara, mas não conseguia fazer o que ele fazia. O caçador fincou os calcanhares na terra, o corpo arqueado como um arco distendido. Suas pernas tremiam, seus braços sacudiam-se — sem dúvida, iriam desmoronar a qualquer instante. Os homens junto à fogueira prenderam a respiração.

Então, veio: um clique suave, repentino. Distinto e, de certa forma, abafado, era exatamente o som feito pela quebra de um pescoço. O estalido de osso e ligamento, abafado pela carne e pelos. O caçador permaneceu arqueado por alguns instantes, sem poder acreditar, e depois lentamente, muito lentamente, abaixou-se e sentou-se, fitando o corpo de seu inimigo, frouxo entre suas mãos.

Ergueu os olhos em um reverente agradecimento, depois parou, enrugando o nariz. Olhou para baixo, o rosto contraído numa careta, e esfregou com nojo suas perneiras, sujas da fétida evacuação do animal. A plateia rolou de rir.

Um pequeno balde de cerveja de abeto passava de mão em mão; Alce Andarilho sorria, radiante, o rosto brilhando de suor, e aceitou-o. Sua garganta grossa e curta trabalhou diligentemente, engolindo a bebida como se fosse água. Abaixou o balde finalmente e olhou ao redor, sonhadoramente satisfeito.

— Você, Irmão do Lobo. Conte-nos uma história! — Atirou o balde quase vazio por cima do fogo; Ian pegou-o, derramando apenas um pouco sobre o pulso. Chupou a bebida da manga de sua camisa, riu e sacudiu a cabeça. Tomou um rápido gole da cerveja e passou o balde para Dorme com Cobras, ao seu lado.

Come Tartarugas, do outro lado de Ian, cutucou-o nas costelas, querendo que ele falasse, mas ele sacudiu a cabeça outra vez e deu de ombros, indicando Cobra com um movimento do queixo.

Cobra, nem um pouco avesso à ideia, colocou o balde cuidadosamente no chão e inclinou-se para frente, a luz do fogo dançando em seu rosto quando começou a falar. Ele não era um ator como Alce Andarilho, mas era mais velho — talvez uns trinta anos — e viajara muito em sua juventude. Vivera com os assiniboins e com os cayugas, e aprendeu muitas histórias com eles, que contava com grande habilidade — embora com menos esforço.

— Vai falar mais tarde, então? — Tartaruga disse no ouvido de Ian.

— Quero ouvir mais histórias do grande mar e da mulher de olhos verdes.

Ian assentiu, com certa relutância. Ele estava muito bêbado na primeira vez ou jamais teria falado de Geillis Abernathy. É que tinham bebido rum e a sensação vertiginosa que a bebida provocara em sua cabeça era muito semelhante àquela causada pela substância que ela lhe dera para beber, embora o sabor fosse diferente. Aquela causava uma tontura que fazia seus olhos embaciarem, de modo que as chamas das velas deformavam-se e escorriam como água, e o fogo da lareira parecia transbordar e saltar de suas pedras, brilhando por todo o suntuoso quarto, pequenas chamas isoladas brotando de todas as superfícies arredondadas de prata e vidro, pedras preciosas e madeira polida — tremeluzindo ainda mais intensamente por trás dos olhos verdes.

Olhou à sua volta. Não havia nenhuma superfície brilhante ali. Potes de barro, lenha e as traves lisas das estruturas das camas, pedras de moer e cestos trançados; até mesmo os tecidos e peles de suas roupas eram de cores suaves e mortíferas que embaciavam a luz. Devia ter sido apenas a lembrança daquela época de vertigens que a trouxera à sua mente.

Ele raramente pensava na Madame — era assim que os escravos e os outros meninos a chamavam; ela não precisava de nenhum outro nome senão esse, pois ninguém poderia imaginar outra da sua espécie. Ele não dava valor às lembranças que tinha dela, mas seu tio Jamie dissera-lhe para não se esconder delas, e ele obedecera, achando que era um bom conselho.

Fitou intensamente o fogo, apenas em parte ouvindo Cobra recontar a história de Ganso e como ele havia enganado o Diabo e o convencido a trazer tabaco para o Povo e salvar a vida do Velho.

Seria ela, então, a bruxa Geillis, que ele via no fogo? Achava que não. A mulher no fogo, quando a via, transmitia-lhe uma sensação amigável, que corria de seu rosto aquecido para o peito e se enroscava, quente, em seu ventre. A mulher no fogo não tinha rosto; ele via seus membros, a curva de suas costas, os cabelos longos e macios, contorcendo-se para ele, desaparecendo instantaneamente na luz bruxuleante; ouvia sua risada, suave e arfante, distante — e não era a risada de Geillis Abernathy.

Ainda assim, as palavras de Tartaruga a trouxeram à sua lembrança e ele podia vê-la mentalmente. Respirou consigo mesmo e pensou em qual história poderia contar, quando chegasse sua vez. Talvez falasse dos escravos gêmeos da sra. Abernathy, os homens negros enormes que obedeciam a todas as suas ordens; certa vez, vira-os matar um crocodilo e carregá-lo do rio para depositá-lo aos pés de sua senhora.

Ele não se importava muito. Descobrira — após aquela primeira narração, bêbado — que falar sobre ela dessa maneira o fazia pensar nela da mesma forma — como se ela fosse apenas uma história, interessante, mas irreal. Talvez ela tivesse existido, como talvez Ganso tenha trazido tabaco para o Velho — mas não parecia que ela tivesse existido para ele.

E afinal, ele não tinha nenhuma cicatriz, como as de Alce Andarilho, que lembrasse a cada um de seus ouvintes ou a si mesmo que ele falava a verdade.

Na realidade, estava ficando entediado com a bebida e as histórias. A verdade é que queria fugir para o meio das peles e da fria escuridão da plataforma que era sua cama, tirar as roupas e enrolar sua quente nudez ao redor de sua mulher. Seu nome significava "trabalha com as mãos", mas na privacidade de sua cama ele a chamava de Emily.

O tempo deles estava se acabando; dali a dois meses, ela partiria, iria para a casa das mulheres, e ele não a veria. Outra lua

até a criança nascer, mais outra depois do nascimento, para limpeza... A ideia de dois meses com frio e sozinho, sem ela a seu lado à noite, foi suficiente para fazê-lo estender a mão para a cerveja quando ela foi passada, e beber um grande gole.

Mas o balde estava vazio. Seus amigos riram quando ele o virou sobre a boca aberta, uma única gota cor de âmbar respingando em seu nariz surpreso.

A mão delicada de alguém passou por cima de seu ombro e pegou o balde vazio, enquanto a parceira estendia um balde cheio por cima do outro ombro.

Ele pegou o balde e virou-se, sorrindo para ela. Trabalha Com as Mãos devolveu o sorriso complacientemente; Emily tinha grande satisfação em antecipar seus desejos. Ajoelhou-se atrás dele, a curva de sua barriga pressionando-se, quente, contra suas costas, e deu um tapa na mão de Tartaruga quando ele quis pegar a cerveja.

— Não, deixe para o meu marido! Ele conta histórias muito melhores quando está bêbado.

Tartaruga fechou um dos olhos, fitando-a com o outro. Cambaleou ligeiramente.

— Por que ele conta histórias melhores quando está bêbado? — perguntou. — Ou nós é que pensamos que são melhores porque nós estamos bêbados? Trabalha Com as Mãos ignorou a pergunta filosófica e continuou a abrir espaço para si mesma junto ao fogo, meneando o traseiro pequeno e sólido habilmente de um lado para o outro, como um socador. Instalou-se confortavelmente ao lado de Ian, cruzando os braços sobre o volume da barriga.

Outras jovens haviam chegado com ela, trazendo mais cerveja.

Acotovelaram-se entre os rapazes, murmurando, cutucando e rindo. Ele estava errado, Ian pensou, observando-as. A luz do fogo brilhava em seus rostos, reluzia em seus dentes, refletia-se no

brilho úmido de seus olhos e da mucosa escura e macia dentro de suas bocas, quando riam. O fogo brilhava em seus rostos mais do que jamais brilharam nas pratas e nos cristais de Rose Hall.

— Então, marido — Emily disse, abaixando as pálpebras recatadamente. — Conte-nos sobre essa mulher de olhos verdes.

Ele tomou um gole da cerveja, pensativo, depois outro.

— Oh — exclamou. — Ela era uma bruxa, uma mulher muito perversa... mas fazia uma boa cerveja.

Os olhos de Emily se arregalaram e todos riram. Ele fitou-a nos olhos e viu, com absoluta clareza; a imagem no fogo atrás dele, miúda e perfeita — acolhedora.

— Mas não tão boa quanto a sua — ele disse. Ergueu o balde em uma saudação e bebeu grandes goles.

*EMILY*

Brianna acordou de manhã com os músculos rígidos e doloridos, mas com um pensamento claro na mente. Ok, eu sei quem sou. Não fazia uma ideia clara de onde estava, mas isso não importava. Permaneceu deitada, imóvel, por algum tempo, sentindo-se estranhamente em paz, apesar da necessidade urgente de se levantar e urinar.

Quanto tempo fazia, perguntou-se, desde que acordara sozinha e em paz, sem nenhuma companhia além de seus próprios pensamentos? Na verdade, não desde que atravessara as pedras, pensou, em busca de sua família. E a encontrara.

— Sem dúvida — murmurou, espreguiçando-se devagar. Gemeu, pôs-se de pé cambaleante e afastou-se, arrastando os pés, até uma moita próxima para urinar e vestir novamente suas roupas antes de retornar para o círculo enegrecido da fogueira.

Soltou seus cabelos sujos e úmidos e começou a desembaraçá-los com os dedos, ainda zozna de sono. Não havia nenhum sinal de Ian ou do cachorro nas proximidades, mas não estava preocupada. A floresta ao seu redor estava animada com a algazarra dos pássaros, mas não chamados de alerta, apenas as atividades diárias de esvoaçar e se alimentar, um chilreado alegre que não se alterou quando ela se levantou. Os pássaros a observavam havia horas; também eles não estavam preocupados.

Ela nunca acordava com facilidade, mas o simples prazer de não ser arrastada da cama pelas insistentes exigências daqueles que acordavam cedo fazia o ar da manhã parecer particularmente agradável, apesar do cheiro ácido e penetrante das cinzas da fogueira extinta.

Praticamente acordada, limpou o rosto com um punhado de folhas de choupo úmidas como um arremedo de toalete matinal, depois se agachou junto ao círculo da fogueira e iniciou a tarefa de acender fogo. Não tinham café para preparar, mas Ian devia estar caçando. Com sorte, haveria alguma coisa para cozinhar; haviam comido tudo que havia na mochila, a não ser um pedaço de pão.

— Pro inferno com isso! — murmurou, atritando com força a pederneira e o aço pela duodécima vez, e vendo a chuva de faíscas cintilar e apagar, sem pegar. Se Ian tivesse ao menos lhe dito que iriam acampar, ela teria trazido seu acendedor, ou alguns fósforos — embora, pensando melhor, não tivesse certeza se seriam seguros. Podiam facilmente se incendiar em seu bolso.

— Como os gregos faziam isso? — disse em voz alta, franzindo a testa para o minúsculo pedaço de pano chamuscado no qual tentava fazer o fogo pegar. — Deviam ter algum modo.

— Os gregos tinham o quê? Ian e Rollo estavam de volta, tendo capturado, respectivamente, meia dúzia de batatas-doces e um tipo de pássaro aquático cinza-azulado — uma pequena garça? Rollo recusou-se a deixá-la examiná-lo e levou sua presa para devorar sob uma moita, as pernas amarelas, compridas e moles, arrastando-se no chão.

— Os gregos tinham o quê? — Ian repetiu, esvaziando um bolso cheio de castanhas, as cascas marrom-avermelhadas brilhando do que restava de seu invólucro espinhoso.

— Tinham uma coisa chamada fósforo. Já ouviu falar? Ian olhou-a inexpressivamente e sacudiu a cabeça.



— Não. O que é? — Uma substância — ela disse, sem encontrar uma palavra melhor.

— Lorde John me enviou um pouco, então pude fazer os palitos de acender fogo.

— Gravetos? — Ian perguntou, olhando-a sem compreender.

Ela fitou-o por um instante, sua mente embotada matinal não conseguindo dar sentido à conversa.

— Oh — disse, finalmente. — Não, não esse tipo de palito. Aqueles acendedores que eu fiz. O fósforo é inflamável. Vou lhe mostrar, quando chegarmos em casa. — Ela bocejou e gesticulou vagamente para a pequena pilha de galhos finos no círculo da fogueira.

Ian fez um ruído escocês de tolerância e pegou a pederneira e o aço.

— Deixe que eu faça isso. Cuide das castanhas, sim? — Ok. Tome, vista sua camisa outra vez. — Suas próprias roupas haviam secado e, embora sentisse falta do conforto da camurça de Ian, a lã grossa e surrada de sua camisa de caça, adornada de franjas, era macia e quente em sua pele. Era um dia luminoso, mas frio àquela hora da manhã.

Ian descartara seu cobertor enquanto acendia o fogo e a pele de seus ombros nus estava arrepiada.

Entretanto, ele sacudiu levemente a cabeça, indicando que logo vestiria a camisa. Por enquanto... a ponta de sua língua apareceu no canto da boca em concentração, enquanto atritava a pederneira e o aço outra vez, em seguida desapareceu, quando ele falou alguma coisa baixinho.

— O que você disse? — Ela parou, uma castanha parcialmente descascada entre os dedos.

— Oh, não é nada... — Ele havia feito nova tentativa e conseguira uma faísca, brilhando como uma pequena estrela no

pedaço de pano chamuscado. Apressadamente, levou uma lâmina de capim seco à fagulha, depois outra, e quando um fiapo de fumaça se levantou, colocou um pedacinho de casca de árvore, mais capim seco, um punhado de lascas de madeira e finalmente uma pequena pilha de minúsculos galhos de pinheiro cuidadosamente entrelaçados.

— É só um feitiço para o fogo — ele terminou, rindo por cima da pequena fogueira que se iniciara à sua frente.

Ela aplaudiu rapidamente e continuou a cortar em cruz a pele da castanha que segurava, para que ela não estourasse no fogo.

— Nunca ouvi falar — ela disse. — Diga de novo.

— Oh. — Ele não se ruborizava facilmente, mas a pele de seu pescoço escureceu-se um pouco. — Este... este não é em gaélico. É dos kahnyen'kehakas.

As sobranceiras de Brianna ergueram-se, tanto pela naturalidade com que a palavra era pronunciada por ele, quanto pelo que ele dissera.

— Você alguma vez pensa em mohawk, Ian? — ela perguntou, com curiosidade.

Ele lançou-lhe um olhar de surpresa, quase, ela pensou, de medo.

— Não — ele disse, laconicamente, e levantou-se dos calcanhares. — Vou buscar lenha.

— Eu tenho um pouco — ela disse, fazendo-o parar com um olhar.

Ela levou a mão às costas e atirou um galho caído de pinheiro no fogo de gravetos. As agulhas secas explodiram numa lufada de faíscas e desapareceram, mas a casca irregular começou a queimar nas pontas.

— O que foi? — ela perguntou. — Foi porque perguntei se pensava em mohawk? Ele cerrou os lábios, sem querer responder.

— Você me pediu para vir — ela disse, não rispivamente, mas com firmeza.

— É verdade. — Ele respirou fundo, depois abaixou os olhos para as batatas-doces que enterrava nas cinzas para assar.

Ela continuou trabalhando nas castanhas devagar, observando-o tomar uma decisão. Sonoros ruídos de mastigação e intermitentes lufadas de penas cinza-azuladas saíam de baixo da moita de Rollo, atrás de Ian.

— Você sonhou ontem à noite, Brianna? — ele perguntou repentinamente, os olhos ainda fixos no que estava fazendo.

Ela desejou que ele tivesse trazido alguma coisa semelhante a café, mas agora já estava suficientemente acordada para ser capaz de pensar e responder coerentemente.

— Sim — ela disse. — Eu sonho muito.

— Sim, eu sei disso. Roger Mac me disse que você às vezes os anota.

— Ele disse? — Foi uma sacudida, e maior do que uma xícara de café poderia causar. Ela nunca havia escondido seu livro de sonhos de Roger, mas tampouco haviam discutido o assunto. Quanto ele havia lido? — Ele não me contou nada sobre os seus sonhos — Ian assegurou-lhe, percebendo o tom de sua voz. — Apenas que você os anotava, às vezes. Assim, pensei que, talvez, esses fossem importantes.

— Só para mim — ela disse, mas com cautela. — Por que...?  
— Bem, veja, os kahnyen'kehakas dão grande importância aos sonhos. Mais ainda do que os escoceses das Highlands. — Ergueu os olhos com um breve sorriso, voltando-os novamente para as cinzas onde enterrara as batatas-doces. — Com o que você sonhou ontem, então? — Pássaros — ela disse, tentando se lembrar. — Um monte de pássaros. — Bastante lógico, pensou. A floresta ao seu redor estava animada com o canto dos pássaros bem antes do amanhecer; é claro que se infiltrariam em seus sonhos.

— É mesmo? — Ian pareceu interessado. — Os pássaros estavam vivos, então? — Sim — ela disse, intrigada. — Por quê? Ele balançou a cabeça e pegou uma castanha para ajudá-la.

— Isso é bom, sonhar com pássaros vivos, especialmente se cantarem. Pássaros mortos são mau agouro, em um sonho.

— Estavam vivos demais, e cantando — ela assegurou-lhe, com um olhar para o galho acima dele, onde um pássaro com o peito amarelo-vivo e asas pretas havia pousado, observando com interesse os preparativos deles para o café da manhã.

— Algum deles falou com você? Ela olhou fixamente para ele, mas sem dúvida ele falava sério. E afinal, ela pensou, por que um pássaro não poderia falar com a gente em um sonho? Mas ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eles eram... oh. — Ela riu, lembrando-se inesperadamente.

— Estavam construindo um ninho com papel higiênico. Eu sonho com papel higiênico o tempo todo. É um tipo de papel fino, macio, que se usa para limpar, hã, o traseiro — ela explicou, vendo que ele não compreendia.

— Você limpa seu traseiro com papel? — Olhou fixamente para ela, o queixo caído, horrorizado. — Nossa Senhora, Brianna! — Bem. — Ela esfregou a mão sob o nariz, tentando não rir diante da expressão de Ian. Ele devia mesmo ficar horrorizado; não havia fábricas de papel nas colônias e, fora as pequenas quantidades de papel feito à mão como os que ela fazia para si mesma, cada folha tinha que ser importada da Inglaterra. Papel era um artigo de luxo; seu pai, que escrevia frequentemente para a irmã na Escócia, escrevia uma carta normalmente, mas depois ele virava o papel de lado e escrevia novas linhas perpendicularmente, para economizar espaço. Não era de admirar que Ian ficasse chocado! — É muito barato na minha época — afirmou. — Verdade.

— Não tão barato quanto uma espiga de milho, posso garantir — ele disse, os olhos estreitados de desconfiança.

— acredite ou não, a maioria das pessoas da minha época não têm plantações de milho por perto — ela disse, ainda achando graça. — E vou lhe dizer mais, Ian: papel higiênico é muito melhor do que espiga de milho seca.

— Melhor — ele resmungou, obviamente ainda abalado. — Melhor.

Virgem Maria Santíssima! — Você estava me perguntando sobre sonhos — ela lembrou-o. — Você sonhou ontem à noite? — Oh. Ah... não. — Ele desviou sua atenção da escandalosa ideia do papel higiênico com alguma dificuldade. — Ou se sonhei, não me lembro.

Ocorreu-lhe repentinamente, olhando para o rosto dele encovado, que uma das razões para sua insônia podia ser que ele tivesse medo dos sonhos que pudessem sobrevir.

Na realidade, ele parecia com medo agora de que ela o pressionasse sobre o assunto. Sem fitá-la diretamente, ele pegou o jarro de cerveja vazio e estalou a língua chamando Rollo, que o seguiu, com penas cinza-azuladas grudadas nas mandíbulas.

Quando ele voltou, ela já havia cortado a pele das últimas castanhas e enterrado as brilhantes castanhas nas cinzas para cozinha-las junto com as batatas.

— Bem na hora — ela disse ao vê-lo. — As batatas estão prontas.

— Bem na hora mesmo — ele retrucou, sorrindo. — Vê o que eu trouxe? O que ele tinha era um bom pedaço de favo de mel, retirado da colmeia de uma árvore e ainda frio o suficiente para que o mel escorresse devagar e espesso, caindo sobre as batatas quentes em gloriosas bolhas doces e douradas. Acompanhadas de castanhas doces, assadas e descascadas, e da água fresca do riacho, ela pensou

que aquele era provavelmente o melhor café da manhã que já comera desde que deixara sua própria época.

Ela disse isso e Ian ergueu uma das sobrancelhas peludas zombeteiramente.

— Ah, é? E o que comeria na sua época que seria melhor? — Oooh... rosquinhas de chocolate, talvez. Ou chocolate quente, com marshmallows. Eu realmente sinto falta de chocolate. — Embora ao lambar mel dos dedos fosse difícil sentir falta de chocolate.

— Oh, vamos, o que é isso? Já tomei chocolate. — Ele contraiu os olhos e franziu os lábios, em uma careta de aversão. — Amargo, horrível.

Embora tivessem cobrado uma quantia enorme de dinheiro por uma pequena xícara, em Edimburgo — ele acrescentou de modo prático, desfazendo a expressão do rosto.

Ela riu.

— De onde eu venho, eles colocam açúcar — ela garantiu-lhe. — É doce.

— Açúcar no chocolate? É a coisa mais decadente que já ouvi — ele disse com severidade. — Pior do que limpar o traseiro com papel, hein? — Mas ela viu o brilho de caçoada em seu olhar e apenas resfolegou, mordiscando as últimas migalhas da polpa cor de laranja de batata-doce da casca enegrecida.

— Um dia vou arranjar chocolate, Ian — ela disse, jogando fora a casca e lambendo os dedos como um gato. — Colocarei açúcar e darei a você e então veremos o que vai achar! Foi a vez de Ian resfolegar desdenhosamente, com bom humor, mas não fez mais nenhum comentário, concentrando-se em lambar as próprias mãos.

Rollo se apropriara do restante do favo e ruidosamente mastigava e lambia a cera, com absoluto deleite.

— Este cachorro deve ter a digestão de um crocodilo — Brianna disse, sacudindo a cabeça. — Tem alguma coisa que ele não

coma? — Bem, eu ainda não o testei com pregos. — Ian sorriu ligeiramente, mas não estendeu a conversa. O desconforto que se apoderara dele ao falar de sonhos desaparecera durante a refeição, mas agora parecia ter retornado. O sol já estava alto no horizonte, mas ele não fez menção de se levantar. Apenas continuou sentado, os braços ao redor dos joelhos, fitando o fogo pensativamente enquanto o sol nascente roubava luz das chamas.

Ela própria sem pressa para retomar a jornada, Brianna esperou com paciência, observando-o fixamente.

— E o que você comia no jejum quando vivia com os mohawks, Ian? Então, ele olhou para ela e sua boca curvou-se para cima no canto.

Não era um sorriso, apenas uma expressão irônica. Suspirou e apoiou a cabeça nos joelhos, o rosto escondido. Permaneceu assim por alguns instantes, curvado, depois se endireitou devagar.

— Bem — ele disse, em um tom de voz inexpressivo. — Tinha a ver com meu cunhado. Ao menos, no começo.

Ian Murray achava que dentro de pouco tempo seria obrigado a fazer alguma coisa em relação a seu cunhado. Não que "cunhado" fosse exatamente a palavra certa. Ainda assim, Alce do Sol era o marido de Olhando Para o Céu, que por sua vez era irmã de sua própria mulher. Pela tradição dos kahnyen'kehaka, isso não implicava nenhum parentesco entre os dois homens, além de serem membros da mesma tribo, mas Ian mesmo assim pensava em Alce do Sol com a parte de homem branco de seu cérebro.

Essa era a parte secreta. Sua mulher sabia inglês, mas não falavam nessa língua, mesmo quando a sós. Ele não pronunciara nenhuma palavra de escocês ou inglês em voz alta, não ouvira nenhuma sílaba de nenhum dos dois idiomas no ano, desde que resolvera ficar para se tornar um kahnyen'kehaka. Presumia-se que ele houvesse esquecido quem era. Mas todos os dias ele encontrava algum momento consigo mesmo e, com medo de esquecer as

palavras, silenciosamente nomeava os objetos ao seu redor, ouvindo seus nomes em inglês ecoarem na parte branca e oculta de seu cérebro.

Panela, pensou consigo mesmo, estreitando os olhos para a vasilha de barro, enegrecida, esquentando nas cinzas. Na verdade, não estava sozinho no momento. No entanto, sentia-se distintamente forasteiro.

Milho, pensou, recostando-se no tronco de árvore polido que formava uma das pilastras da longa cabana. Vários fardos de milho seco penduravam-se acima dele, festivamente coloridos, em comparação com os sacos de grãos vendidos em Edimburgo — e ainda assim era também milho. Cebolas, pensou, os olhos correndo pela corrente trançada de bolas amarelas. Cama. Peles. Fogo.

Sua mulher inclinou-se para ele, sorrindo, e as palavras se uniram de repente em sua mente. Corvo negro cabelos negros brilhando mamilos coxas tão redondas ohsimohsimoh Emily...

Ela colocou uma cuia quente em sua mão e o aroma intenso e delicioso de coelho, milho e cebola elevou-se até seu nariz. Ensopado, pensou, o fluxo escorregadio de palavras interrompendo-se repentinamente quando se concentrou na comida. Sorriu para ela e colocou a mão sobre a sua, segurando-a por um instante, pequena e rija sob a dele, curvada em torno da cuia de madeira. O sorriso dela se ampliou; em seguida, afastou-se, levantando-se para ir buscar mais comida.

Observou-a sair, apreciando o balanço do seu jeito de andar. Então, seus olhos se depararam com Alce do Sol — observando, também, da porta de seu próprio cômodo.

Canalha, Ian pensou, com muita clareza.

— Veja, nós nos dávamos bem, no começo — Ian explicou.  
— Ele é um bom sujeito, em grande parte, Alce do Sol.

— Em grande parte — Brianna repetiu. Estava sentada, imóvel, observando-o. — E que parte era essa? Ian passou a mão



pelos cabelos, arrepiando-os como os espinhos de um ouriço.

— Bem... a parte da amizade. Nós éramos amigos, no começo, sabe? Irmãos, na verdade, pois éramos da mesma tribo.

— E vocês deixaram de ser amigos por causa de... de sua mulher? Ian suspirou profundamente.

— Bem, veja... os kahnyen'kehaka, eles têm uma ideia do casamento que... é como se vê muitas vezes nas Highlands. Ou seja, geralmente são arranjados pelos pais. Quase sempre, os pais já observaram as crianças conforme elas cresciam e procuraram ver se havia um rapaz ou uma moça que parecesse combinar. E se combinassem, e fossem da tribo adequada... agora, esta parte é diferente, sabe? — ele acrescentou, interrompendo-se.

— As tribos?

— Sim. Nas Highlands, normalmente as pessoas se casam dentro de seu próprio clã, a não ser para fazer uma aliança com outro clã. Entre as nações iroquesas, entretanto, você jamais pode se casar com alguém de sua própria tribo, e só pode se casar com alguém de determinadas tribos, não de qualquer outra.

— Mamãe disse que os iroqueses a faziam lembrar muito os escoceses das Highlands — Brianna disse, achando graça. — Brutais, mas divertidos, foi o que ela disse, eu acho. Fora as torturas, talvez, e o fato de queimarem os inimigos vivos.

— Então, sua mãe não ouviu algumas das histórias de tio Jamie sobre seu avô — ele respondeu com um sorriso irônico.

— Quem? Lorde Lovat? — Não, o outro, Seaumais Ruaidh, Jacob, o Ruivo, de quem tio Jamie recebeu o nome. Um patife cruel, minha mãe sempre disse. Ele suplantaria qualquer iroquês em pura maldade, pelo que ouvi dizer. — Mas ele descartou essa digressão com um gesto vago, voltando à sua explicação. — Bem, quando os kahnyen'kehaka me aceitaram e me deram um nome, eu fui adotado na tribo de Lobo — ele disse, com um sinal da cabeça

indicando Rollo, que já havia consumido o favo de mel, abelhas mortas e tudo, e agora lambia as patas pensativamente.

— Muito apropriado — ela murmurou. — De que tribo era Alce do Sol? — Lobo, é claro. E a mãe, avó e irmãs de Emily eram Tartaruga. Mas, como eu estava dizendo, se um rapaz e uma moça de tribos adequadamente diferentes parecessem combinar, então as mães se falavam. Eles chamam todas as tias de "mãe" também — acrescentou. — Então, deve haver um bom número de mães envolvidas na questão.

Assim, se todas as mães, avós e tias concordassem que seria um bom casamento... — encolheu os ombros — eles se casavam.

Brianna balançou-se um pouco para frente e para trás, os braços ao redor dos joelhos.

— Mas você não tinha sua mãe para falar por você.

— Bem, eu realmente me perguntei o que minha mãe teria dito, se estivesse lá — ele disse, e sorriu, apesar de sua seriedade.

Brianna, tendo conhecido a mãe de Ian, riu diante do pensamento.

— Tia Jenny enfrentaria qualquer mohawk, homem ou mulher — assegurou-lhe. — Mas o que aconteceu, então? — Eu amava Emily — ele disse com muita simplicidade. — E ela me amava.

Essa situação, que logo se tornou evidente para todos na aldeia, causou considerável comentário público, pois há muito se esperava que Wakyo'teyehehsnonhsa, Trabalha Com as Mãos, a jovem que Ian chamava de Emily, fosse se casar com Alce do Sol, que visitava sua família desde criança.

— Mas assim foi. — Espalmou as mãos e deu de ombros. — Ela me amava e afirmou isso.

Quando Ian foi adotado na tribo logo recebeu seus pais adotivos também — os pais do homem morto em cujo lugar ele fora adotado. Sua mãe adotiva ficou um pouco constrangida com a

situação, mas depois de discutir o assunto com as outras mulheres da tribo Lobo, fora falar formalmente com Tewaktenyonh, a avó de Emily — e a mulher mais influente da aldeia.

— E assim nos casamos. — Vestidos em seus melhores trajes e acompanhados por seus pais, os dois jovens sentaram-se juntos em um banco diante do povo da aldeia reunido e trocaram cestos — o dele contendo peles de marta e de castor, e uma boa faca, simbolizando sua disposição de caçar para ela e protegê-la; o cesto dela, cheio de grãos, frutas e legumes, simbolizando sua disposição de plantar, colher e alimentá-lo.

— E quatro luas depois — Ian acrescentou —, Alce do Sol casou-se com Céu, irmã de Emily.

Brianna ergueu uma das sobrancelhas.

— Mas...? — Sim, mas.

Ian tinha a arma que Jamie deixara com ele, um artigo raro e valioso entre os índios, e sabia usá-la. Ele também sabia rastrear a caça, ficar de emboscada, pensar como um animal — outros dons de valor que tio Jamie deixara com ele.

Em consequência, ele era um bom caçador e rapidamente ganhou respeito por suas habilidades de trazer carne. Alce do Sol era um bom caçador — não o melhor, mas capaz. Muitos rapazes faziam piadas e comentários, denegrindo as habilidades e caçoando uns dos outros; ele próprio fazia isso. Ainda assim, havia um tom nas brincadeiras de Alce do Sol com Ian que de vez em quando fazia um dos outros homens olhar severamente para ele, depois desviar o olhar com um leve movimento dos ombros.

Ele estava inclinado a ignorar o sujeito. Então, ele viu a maneira como Alce do Sol olhava para Wakyo'teyehehsnonhsa, e tudo se tornou imediatamente claro para ele.

Ela fora à floresta com algumas outras jovens, certo dia no fim do verão. Levavam cestos para colher; Wakyo'teyehehsnonhsa carregava um machado preso à cintura. Uma das outras jovens lhe

perguntou se ela pretendia encontrar madeira para fazer outra tigela como a que fizera para sua mãe; Trabalha Com as Mãos dissera — com um olhar terno, de relance, para Ian, que passava o tempo com outros rapazes ali perto — que não, ela queria achar um bom cedro vermelho, uma boa madeira para fazer um berço.

As jovens deram risadinhas e abraçaram Wakyo'teyehesnonhsa; os rapazes riram e cutucaram Ian nas costelas. E Ian viu de relance a expressão do rosto de Alce do Sol, os olhos ardentes fixos nas costas empertigadas de Emily, conforme ela se afastava.

Em uma lua, Alce do Sol se mudou para a cabana comunal, como marido da irmã de sua mulher, Olhando para o Céu. Os cômodos das irmãs ficavam um em frente ao outro; compartilhavam a mesma fogueira.

Ian raramente tornara a ver Alce do Sol olhar para Emily outra vez, mas o vira desviando o olhar cuidadosamente muitas vezes.

— Há uma pessoa que a deseja — ele disse a Emily certa noite. Há muito passara a hora do lobo e todos dormiam. A criança que ela esperava a obrigava a se levantar muitas vezes para urinar; ela voltara para nossas cobertas com a pele fria e com o cheiro fresco de pinho nos cabelos.

— Oh? Bem, por que não? Todo mundo está dormindo. — Ela se espreguiçou suntuosamente e beijou-o, o pequeno volume de sua barriga liso e rijo contra a dele.

— Não eu. Quero dizer, é claro que esta pessoa aqui a deseja também! — ele apressou-se a dizer, e ela recuou um pouco, ofendida. Ele abraçou-a em uma rápida demonstração. — Estou falando... de uma outra pessoa.

— Hum. — Sua voz era abafada, o hálito quente contra seu peito. — Há muitos que me desejam. Sou muito, muito boa com as

mãos. — Deu-lhe uma breve demonstração e ele arfou, fazendo-a rir de satisfação.

Rollo, que a acompanhara lá fora, arrastou-se para baixo da plataforma da cama e enroscou-se em seu lugar de sempre, se catando ruidosamente em um local que coçava perto da cauda.

Pouco depois, estavam deitados com as cobertas atiradas para trás. A pele de animal pendurada no vão da porta estava afastada, para que o calor da fogueira pudesse entrar, e ele pôde ver o brilho da lua na pele úmida e dourada de seu ombro, onde ela estava, virada de costas para ele. Ela estendeu o braço para trás e colocou uma de suas hábeis mãos sobre a dele, pegou a palma e pressionou-a sobre seu ventre. A criança começara a se mexer; ele sentiu um empurrão repentino e suave contra a palma de sua mão e sua respiração parou na garganta.

— Não se preocupe — Emily disse muito brandamente. — A minha pessoa deseja apenas você.

Ele dormiu bem.

Pela manhã, entretanto, sentava-se junto à fogueira comendo mingau de milho, quando Alce do Sol, que já comera, passou por ele. Parou e abaixou os olhos para Ian.

— Eu sonhei com você, Irmão do Lobo.

— É mesmo? — Ian disse amistosamente. Sentiu o calor subir à sua garganta, mas manteve o rosto relaxado. Os kahyen'kehaka dão grande importância aos sonhos. Um bom sonho era capaz de manter todos na cabana discutindo-o por dias a fio. A expressão no rosto de Alce do Sol não indicava que seu sonho sobre Ian tivesse sido bom.

— Esse cachorro... — balançou a cabeça, indicando Rollo, que se espalhava de modo muito inconveniente na soleira da porta do cômodo de Ian, roncando. — Sonhei que ele subiu na sua cama e agarrou-o pela garganta.

Era um sonho ameaçador. Um kahyen'kehaka que acreditasse nesse sonho poderia decidir matar o cachorro, com medo de que o sonho fosse uma profecia de mau agouro. Mas Ian não era, não totalmente, um kahyen'kehaka.

Ian ergueu as duas sobrancelhas e continuou comendo. Alce do Sol esperou um momento, mas, como Ian não disse nada, finalmente balançou a cabeça e virou-se para ir embora.

— Ahkote'ohskennonton — Ian disse, chamando-o pelo nome. O sujeito virou-se, na expectativa. — Eu também sonhei com você.

Alce do Sol lançou-lhe um olhar penetrante. Ian não disse mais nada, mas deixou que um sorriso lento e maligno tomasse seu rosto.

Alce do Sol olhou-o fixamente. Ele continuou sorrindo. O outro homem virou-se com um resfolegar de desprezo, mas não antes de Ian ter visto um leve lampejo de nervosismo nos olhos de Alce do Sol.

— Bem. — Ian respirou fundo. Fechou os olhos por um breve instante, depois os abriu. — Você sabe que a criança morreu, não? Ele falou sem nenhuma emoção na voz. Foi aquele tom seco, controlado, que cortou seu coração e fechou sua garganta de tal forma que ela não conseguiu fazer mais do que balançar a cabeça em resposta.

Entretanto, ele não conseguiu manter o controle. Abriu a boca como se fosse falar, mas as mãos grandes e ossudas agarraram os joelhos com força repentinamente e ele levantou-se abruptamente.

— Bem — ele disse. — Vamos. Eu... eu lhe contarei o resto enquanto andamos.

E contou, com as costas voltadas decididamente para ela, enquanto a conduzia cada vez mais para o alto da montanha, depois atravessando um cume estreito e finalmente descendo, seguindo o

curso de um córrego que formava uma série de pequenas e encantadoras quedas d'água, cada uma circundada por uma névoa de arco-íris em miniatura.

Trabalha Com as Mãos concebeu de novo. Essa criança foi perdida logo depois que sua barriga começou a crescer.

— Eles dizem, os kahnyen'kehaka — Ian explicou, a voz abafada enquanto abria caminho por uma cortina de trepadeira vivamente vermelha —, que para uma mulher conceber, o espírito do marido tem que lutar com o dela, e vencê-lo. Caso seu espírito não seja suficientemente forte — sua voz soou bem clara quando ele arrancou para baixo um punhado da trepadeira, quebrando o galho de onde ela se pendurava e atirando-o longe, com raiva —, a criança não consegue se fixar no útero.

Após essa segunda perda, a Sociedade dos Remédios levou os dois a uma cabana particular, para cantar e bater tambores e dançar, com enormes máscaras pintadas, destinadas a afugentar quaisquer entidades malignas que pudessem estar atrapalhando o espírito de Ian — ou indevidamente fortalecendo o de Emily.

— Eu tinha vontade de rir, vendo as máscaras — Ian disse. Não se virou; folhas amarelas decoravam os ombros de sua camisa de camurça e agarravam-se aos seus cabelos. — Eles a chamam também de a Sociedade das Caras Engraçadas, e não sem razão. Mas não ri.

— Eu suponho... que Em-Emily não tenha rido. — Ele estava andando tão depressa que ela era obrigada a se esforçar para acompanhá-lo, embora suas pernas fossem quase tão longas quanto as dele.

— Não — ele disse, com uma risada breve e amarga. — Ela não riu.

Ela entrara na cabana dos remédios ao lado dele, silenciosa e triste, mas saíra com um rosto tranquilo e procurou-o naquela noite na cama deles com amor. Por três meses, fizeram amor com

ternura e paixão. Por mais três, fizeram amor com uma sensação crescente de desespero.

— E então ela parou de menstruar outra vez.

Ele imediatamente parou de procurá-la, com medo de causar um novo aborto. Emily passara a se mover devagar e com cuidado, não mais indo aos campos para trabalhar, mas permanecendo na cabana, trabalhando, sempre trabalhando com as mãos. Tecendo, moendo, esculpindo, furando contas de conchas para colares, as mãos se movendo sem cessar, para compensar a imobilidade da espera.

— Sua irmã ia para os campos. São as mulheres que cuidam da lavoura, sabe? — Ele parou para cortar com sua faca um galho pontiagudo à sua frente, jogando-o para fora do caminho, para que ele não ricocheteasse e atingisse Brianna no rosto.

— Olhando Para o Céu nos trazia comida. Todas as mulheres traziam, mas ela principalmente. Era uma menina meiga, Karònya.

Sua voz soou embargada ao mencioná-la, a primeira vez naquela ríspida recitação dos fatos.

— O que aconteceu a ela? — Brianna apressou o passo um pouco quando emergiram no topo de um barranco gramado, de modo a quase alcançá-lo. Ele diminuiu um pouco o passo, mas não se virou para olhar para ela — continuou olhando para frente, o queixo erguido como se confrontasse inimigos.

— Foi levada. — Olhando Para o Céu adotara o hábito de permanecer no campo até mais tarde do que as outras mulheres, colhendo mais milho ou abóbora para sua irmã e Ian, embora nessa época ela já tivesse um filho. Certa noite, ela não voltou à cabana e quando o pessoal da aldeia saiu para procurá-la não encontrou nem ela, nem a criança. Haviam sumido, deixando apenas um mocassim claro para trás, preso nos pés de abóbora na borda da plantação.



— Abenakis — Ian disse laconicamente. — Encontramos o sinal no dia seguinte; já estava completamente escuro quando começamos a busca.

Fora uma longa noite de busca, seguida de uma semana da mesma forma — uma semana de medo e vazios crescentes — e Ian retornara para a sua fogueira, o seu lar, ao amanhecer do sétimo dia, e ficara sabendo que ela havia abortado novamente.

Parou. Ele suava copiosamente por andar tão rápido, e passou a manga pelo queixo. Brianna podia sentir o suor escorrer pelas suas próprias costas, molhando a camisa de caça, mas não deu importância. Ela tocou suas costas, muito delicadamente, mas não disse nada.

Ele soltou um profundo suspiro, quase de alívio, ela pensou — talvez porque a terrível história estivesse chegando ao fim.

— Continuamos tentando um pouco mais — ele disse, de volta ao tom impessoal. — Emily e eu. Mas ela perdera a fé. Não confiava mais em mim. E... Ahkote'ohskennonton estava lá. Comia em nossa fogueira. E ele a observava. Ela começou a devolver o olhar.

Certo dia, Ian estava dando forma a uma tigela, concentrado na madeira sob sua faca, tentando ver nos veios o que Emily via, ouvir a voz da árvore, como Emily lhe dissera. Mas não foi a árvore que falou atrás dele.

— Neto — disse uma voz seca, ligeiramente irônica.

Ele largou a faca, quase atingindo o próprio pé, e girou nos calcanhares, a tigela na mão. Tewaktenyongh estava a dois metros de distância, uma das sobranceiras erguida, com ar divertido, por ter conseguido aproximar-se dele sem ser ouvida.

— Avó — ele disse e balançou a cabeça em reconhecimento de sua habilidade. Ela podia ser muito idosa, mas ninguém se locomovia mais imperceptivelmente. Daí sua reputação; as crianças da aldeia viviam com um medo respeitoso de Tewaktenyongh, tendo

ouvido histórias de que ela podia desaparecer no ar, para se materializar novamente em algum lugar distante, bem diante dos olhos culpados dos malfeitores.

— Acompanhe-me, Irmão do Lobo — ela disse e virou-se, sem esperar sua resposta. Não se esperava nenhuma.

Ela já estava fora de vista quando ele acabou de colocar a tigela inacabada sob um arbusto, pegou a faca e assobiou para Rollo, mas alcançou-a sem dificuldade.

Tewaktenyonh o conduziu para fora da aldeia, através da floresta, para a cabeceira de uma trilha de veados. Ali, deu-lhe um saco de sal, um bracelete de contas de conchas e ordenou que ele fosse embora.

— E você foi? — Brianna perguntou, após um longo momento de silêncio. — Assim de repente? — Assim — ele disse, e olhou para ela pela primeira vez desde que deixaram seu acampamento naquela manhã. O rosto de Ian estava encovado, abatido com as lembranças. O suor brilhava nas maçãs do rosto, mas estava tão pálido que as linhas pontilhadas de suas tatuagens destacavam-se vividamente — perfurações, linhas ao longo das quais seu rosto poderia se desmoronar.

Ela engoliu em seco algumas vezes antes de conseguir falar, mas conseguiu um tom de voz muito semelhante ao dele quando o fez.

— Ainda está muito longe? — perguntou. — Para onde estamos indo.

— Não — ele respondeu suavemente. — Estamos quase chegando.

— E virou-se para continuar caminhando à sua frente.

Meia hora mais tarde, chegaram a um lugar onde o rio cortava fundo entre as margens, alargando-se em um pequeno desfiladeiro. Videiros prateados e bordos cresciam em profusão,

brotando das paredes rochosas, as raízes lisas contorcendo-se pelas pedras como dedos agarrando-se à terra.

A ideia provocou um ligeiro formigamento na nuca de Brianna. As quedas d'água estavam bem acima deles agora e o barulho da água diminuía, o riacho murmurando consigo mesmo conforme gorgolejava por cima das pedras e silenciava ao fluir por tapetes de agrião e lentilha d'água.

Ela achava que a caminhada seria mais fácil em cima, pela beira do desfiladeiro, mas Ian conduziu-a para baixo sem hesitação e ela seguiu-o da mesma forma, apoiando-se nas enormes pedras desmoronadas e nas raízes das árvores, atrapalhada pela arma longa. Rollo, desdenhando esse esforço desajeitado, mergulhou no rio, bastante fundo naquele trecho, e nadou, as orelhas para trás, grudadas na cabeça, parecendo uma lontra gigante.

Ian recuperara o autocontrole na concentração de navegar pelo terreno acidentado. Parava de vez em quando, voltando-se para ajudá-la a descer algum trecho particularmente traiçoeiro do declive pedregoso ou a transpor uma árvore arrancada em alguma inundação recente — mas não a fitava diretamente nos olhos e sua expressão velada nada deixava transparecer.

À curiosidade dela atingira o ponto de ebulição, mas evidentemente ele já encerrara a conversa por enquanto. Era pouco mais de meio-dia, embora a luz sob os vidoeiros fosse de um dourado sombreado, que fazia tudo parecer de certo modo silenciado, quase encantado. Ela não conseguia fazer nenhuma conjectura plausível quanto ao propósito desta expedição, à luz do que Ian lhe contara — mas o lugar era do tipo em que praticamente tudo parecia possível.

Pensou repentinamente em seu primeiro pai — Frank Randall — e sentiu uma pequena onda de ternura diante da lembrança. Gostaria muito de mostrar-lhe este lugar.

Eles frequentemente tiravam férias nas Adirondack; montanhas diferentes, árvores diferentes — mas algo da mesma quietude e mistério nos atalhos entre as árvores e na água corrente. Sua mãe fora com eles algumas vezes, mas geralmente eram apenas os dois, em longas caminhadas a pé até o alto pelo meio das árvores, sem falar muito, mas compartilhando uma profunda satisfação na companhia do céu.

De repente, o som das águas elevou-se outra vez; havia outra cachoeira por perto.

— Aqui, prima — Ian disse suavemente, e fez sinal com a cabeça para que ela o seguisse.

Saíram do meio das árvores e ela viu que o desfiladeiro caía abruptamente, a água lançando-se de mais de seis metros, dentro de um lago lá embaixo. Ian conduziu-a para além da cabeceira da queda d'água; ela podia ouvir a correnteza embaixo, mas o topo da margem era coberto de mato cerrado de carriço e tiveram que abrir caminho, cortando e pisoteando os talos amarelados da vara-de-ouro e esquivando-se do redemoinho de gafanhotos em pânico que subiam do solo como foguete.

— Olhe — Ian disse, virando-se rapidamente para trás, e estendeu a mão para afastar a cortina de loureiros diante dela.

— Nossa! Ela o reconheceu imediatamente. Não havia erro, apesar do fato de que a maior parte estivesse invisível, ainda enterrada sob os pedregulhos no pé do barranco da margem: coisas enormes, encaroçadas e contorcidas.

Podiam ser ossos ou apenas pedras arredondadas pela erosão — mas foi a presa que chamou sua atenção, projetando-se da margem do rio em uma curva maciça, intensamente familiar, e ainda mais surpreendente por essa mesma familiaridade.

— Você conhece isso? — Ian perguntou ansiosamente, observando sua expressão. — Já viu algo assim? — Oh, sim — ela disse e, embora o sol ardesse em suas costas, ela estremeceu, os

braços se arrepiando. Não de medo, mas de puro assombro diante daquela visão, e uma espécie de alegria incrédula. — Oh, sim. Já.

— O quê? — A voz de Ian ainda era baixa, como se a criatura pudesse ouvi-los. — O que é isso? — Um mamute — ela disse, e descobriu que também estava sussurrando. O sol ultrapassara o zênite; o leito do córrego já estava nas sombras. A luz batia na curva manchada do marfim antigo e lançava a câmara do crânio alto que o sustentava em nítido relevo. O crânio estava fixo no solo, um pouco inclinado, a única presa visível elevando-se no alto, a cavidade ocular negra como o mistério.

O estremecimento percorreu-a outra vez e ela encolheu os ombros.

Era fácil sentir que ele podia livrar-se do barro a qualquer momento e voltar aquela cabeça maciça para eles, as órbitas vazias, torrões de terra caindo das presas e das espátulas ossudas, conforme se sacudia e começava a andar, o solo vibrando quando os ossos longos das patas atingiam o solo lamacento e afundavam.

— É assim que chamam: mamute? Sim, bem... é muito grande. — A voz de Ian dissipou a ilusão de movimento e ela foi capaz, finalmente, de tirar os olhos da ossada, embora tivesse que lançar-lhe um olhar de relance de vez em quando para se certificar de que continuava lá.

— O nome em latim é Mammuthus — ela disse, limpando a garganta.

— Há um esqueleto completo em um museu em Nova York. Eu o vi muitas vezes. E vi ilustrações em livros. — Olhou novamente para a criatura na margem do rio.

— Um museu? Então, não é algo que você tem onde... quando... — tropeçou um pouco nas palavras — ...de onde você vem? Não é vivo, então, quero dizer? — Pareceu um pouco decepcionado.

Ela teve vontade de rir com a ideia de mamutes vagando por Boston Common ou chapinhando na margem do rio Cambridge. Na realidade, ela sentiu uma pontada momentânea de desapontamento por eles não estarem lá; teria sido tão maravilhoso vê-los.

— Não — disse, pesarosa. — Todos morreram há milhares e milhares de anos. Quando veio o gelo.

— Gelo? — Ian olhava de Brianna para o mamute, e novamente para ela, como se temesse que um ou outro fizesse alguma coisa inapropriada.

— A Idade do Gelo. O mundo foi ficando cada vez mais frio e camadas de gelo vieram se espalhando desde o norte. Muitos animais foram extintos. Quero dizer, não conseguiam encontrar alimento e todos morreram.

Ian estava pálido de empolgação.

— Sim. Sim, já ouvi essas histórias.

— Ouviu? — Ela ficou surpresa.

— Sim. Mas você diz que é real. — Girou a cabeça para olhar para os ossos do mamute outra vez. — Um animal, sim, como um urso ou um gambá? — Sim — ela disse, intrigada com sua atitude, que parecia se alternar entre ansiedade e consternação. — Maior, mas, sim. O que mais poderia ser? — Ah — ele disse e respirou fundo. — Bem, sabe, era isso que eu precisava que você me dissesse, prima. Veja, os kahnyen'kehaka... eles têm histórias de... coisas. Animais que na verdade são espíritos. E se eu já tivesse visto alguma coisa que pudesse ser um espírito... — Ele ainda olhava para o esqueleto, como se ele pudesse sair andando de dentro da terra, e ela viu um leve estremeamento percorrer seu corpo.

Não pôde evitar um tremor semelhante, olhando para a enorme criatura. Dominava-os do alto, sombria e terrível, e apenas o seu conhecimento do que ele de fato era a impedia de querer se agachar e fugir.

— Ele é real — ela repetiu, tanto para tranquilizar Ian quanto a si mesma.

— E está morto. Realmente morto.

— Como você sabe essas coisas? — ele perguntou, intensamente curioso.

— É antigo, você diz. Você estaria muito mais distante... disto — fez um movimento brusco com o queixo indicando o gigantesco esqueleto — em sua própria época do que estamos agora. Como pode saber mais sobre isso do que as pessoas sabem agora? Ela sacudiu a cabeça, sorrindo um pouco, e desarvorada para explicar.

— Quando você encontrou isto, Ian? — No mês passado. Eu subi o desfiladeiro — gesticulou com o queixo novamente — e lá estava ele. Quase me borrei todo.

— Posso imaginar — ela disse, reprimindo a vontade de rir.

— Sim — ele disse, sem notar que ela achava graça, em sua ânsia de explicar. — Eu teria certeza de que se tratava de Rawenniyo, um espírito, um deus, se não fosse por Rollo.

Rollo havia saído do rio e, tendo sacudido a água do pelo, contorcia-se, de costas, em uma área de plantas rasteiras, a cauda abanando de prazer e claramente alheio ao silencioso gigante no penhasco acima.

— O que quer dizer? Que Rollo não teve medo? Ian assentiu.

— Sim. Ele não se comportou como se houvesse qualquer coisa diferente ali. E entretanto... — hesitou, lançando-lhe um olhar rápido. — Às vezes, na floresta. Ele... ele vê coisas. Coisas que eu não consigo ver.

Sabe como é? — Sei — ela disse, sentindo novo estremecimento de inquietação. — Os cachorros realmente veem... coisas. — Lembrou-se de seus próprios cachorros; em particular, Smoky, o grande newfoundland, que às vezes, à noite, levantava a

cabeça repentinamente, ouvindo, os pelos da nuca eriçando-se conforme seus olhos seguiam... alguma coisa... que atravessava o quarto e desaparecia.

Ele balançou a cabeça, aliviado por ela compreender o que ele estava falando.

— É verdade. Eu corri, quando vi isso e me escondi atrás de uma árvore. Mas o cachorro continuou fazendo o que estava fazendo, sem dar nenhuma atenção ao esqueleto do mamute. Então, pensei, bem, talvez não seja o que estou pensando, afinal.

— E o que você pensou? — ela perguntou. — Um Rawenniyo, você disse? — A empolgação de ver o mamute começando a se apaciar, ela se lembrou do que eles teoricamente estavam fazendo ali. — Ian, você disse que o que queria me mostrar tinha a ver com sua mulher. Isto. — Ela gesticulou na direção do penhasco, as sobranceiras levantadas.

Ele não respondeu diretamente, mas inclinou a cabeça para trás, estudando a gigantesca presa.

— Eu ouvia histórias, de vez em quando. Entre os mohawks, quero dizer. Falavam de coisas estranhas que alguém encontrou ao caçar.

Espíritos presos em uma rocha e como foram parar ali. Coisas do mal, na maior parte. E eu pensei comigo mesmo, se esse for um deles...

Interrompeu-se e virou-se para ela, sério e decidido.

— Eu precisava que você me dissesse, compreende? Se isso é o que é ou não. Porque, se fosse, então talvez o que andei pensando esteja errado.

— Não é — ela assegurou-lhe. — Mas em que andou pensando? — Em Deus — ele disse, surpreendendo-a. Novamente. Ele umedeceu os lábios, sem saber ao certo como continuar.

— Yeksa'a, a criança. Eu não mandei batizá-la — ele disse. — Não pude. Ou talvez eu pudesse, você mesmo pode fazer isso se



não houver um padre. Mas não tive coragem de tentar. Eu... nunca a vi. Já a tinham embrulhado... Eles não teriam gostado, se eu tivesse tentado... — sua voz desapareceu.

— Yeksa'a — ela disse suavemente. — Esse era... o nome de sua filha? Ele sacudiu a cabeça, a boca torcendo-se ironicamente.

— Significa apenas "menina pequena". Os kahnyen'kehaka não dão um nome a uma criança quando ela nasce. Só bem mais tarde. Se... — sua voz definiu e ele clareou a garganta. — Se ela viver. Não pensariam jamais em dar nome a uma criança que ainda não nasceu.

— Mas você deu? — ela perguntou delicadamente.

Ele ergueu a cabeça e respirou fundo, com um som úmido, como ataduras molhadas arrancadas de uma ferida aberta.

— Iseabail — ele disse, e ela compreendeu que aquela era a primeira vez... talvez viesse a ser a única... que ele o dizia em voz alta. — Se fosse menino, eu o teria chamado de Jamie. — Olhou para ela, com um vago sorriso. — Somente em minha cabeça, sabe? Soltou todo o ar dos pulmões e abaixou o rosto sobre os joelhos, as costas curvadas.

— O que estou pensando — ele disse após um instante, a voz forçadamente controlada — é o seguinte. Fui eu? — Ian! Quer dizer, sua culpa que o bebê tenha morrido? Como poderia ser? — Eu fui embora — disse simplesmente, endireitando-se. — Virei as costas. Deixei de ser cristão, de ser escocês. Levaram-me para o rio, esfregaram-me com areia para retirar o sangue branco. Me deram meu nome, Okwaho'kenha, e disseram que eu era mohawk. Mas eu não era, na verdade, não.

Respirou fundo outra vez, e ela colocou a mão em suas costas, sentindo as protuberâncias de sua coluna vertebral pela camisa de camurça. Ele não comia nem de longe o suficiente, ela pensou.

— Mas eu também não era mais o que fora — ele continuou, soando quase inexpressivo. — Tentei ser o que queriam, sabe? Assim, parei de rezar a Deus ou à Virgem Maria, ou à santa Brígida. Eu ouvia o que Emily dizia, quando ela me falava de seus deuses, dos espíritos que habitam as árvores e tudo o mais. E quando eu ia para a tenda do suor com os homens ou me sentava ao redor da fogueira e ouvia histórias... pareciam tão verdadeiras para mim quanto Cristo e seus santos já haviam parecido.

Ele virou a cabeça e ergueu os olhos para ela repentinamente, em parte confusos e em parte desafiadores.

— Eu sou o Senhor teu Deus — ele disse. — Não deverás ter outros deuses diante de mim. Mas eu tive, não é? É um pecado mortal, não é? Ela quis dizer não, claro que não. Ou protestar debilmente afirmando que ela não era um padre, como poderia saber? Mas nada disso serviria; ele não buscava um consolo fácil, e uma tola negação de responsabilidade não o ajudaria em nada.

Ela inspirou fundo e soltou o ar abruptamente. Já fazia muitos anos que lhe ensinaram o catecismo de Baltimore, mas não era o tipo de coisa de que se esquece.

— As condições de pecado mortal são as seguintes — ela disse, recitando as palavras de cor com precisão: — Primeiro, que o ato seja um erro muito grave. Segundo, que você saiba que o ato é errado. E terceiro, que dê pleno consentimento a isso.

Ele a observava atentamente.

— Bem, era errado, e suponho que eu soubesse disso. Sim, eu sabia disso. Especialmente... — Seu rosto tornou-se ainda mais sombrio e ela se perguntou de que ele estaria se lembrando. — Mas... como eu poderia servir a um Deus que tiraria a vida de uma criança por causa dos pecados de seu Pai? — Sem esperar uma resposta, olhou para a face do penhasco, onde os restos do mamute permaneciam congelados no tempo. — Ou foram eles? E se não foi de forma nenhuma meu Deus, mas os espíritos iroqueses? Eles

saberiam que eu não era realmente mohawk, que eu escondia deles uma parte de mim mesmo? Olhou novamente para ela, muito sério.

— Os deuses são ciumentos, não é?

— Ian... — Ela engoliu em seco, desamparada. Mas precisava dizer alguma coisa. — O que você fez, ou deixou de fazer, não foi errado, Ian — ela disse com firmeza. — Sua filha... ela era metade mohawk. Não foi errado deixá-la ser enterrada segundo as crenças da mãe. Sua mulher, Emily, ela ficaria terrivelmente transtornada se você insistisse em batizar o bebê, não é?

— Sim, talvez. Mas... — Fechou os olhos, os punhos cerrados com força sobre as coxas. — Onde ela está, então? — ele sussurrou, e ela podia ver as lágrimas tremendo em suas pestanas. — Os outros... eles não chegaram a nascer; Deus os terá em suas mãos. Mas a pequena Iseabail... ela não deve estar no céu, não é? Não suporto a ideia de que ela... ela possa estar... perdida, em algum lugar. Vagando.

— Ian...

— Eu a ouço, chamando. À noite. — Sua respiração vinha em arfadas cada vez mais profundas e difíceis. — Eu não posso fazer nada, não consigo encontrá-la!

— Ian! — As lágrimas escorriam pelo seu próprio rosto. Ela agarrou seus punhos ferozmente, apertou com todas as forças. — Ian, ouça-me!

Ele inspirou, uma respiração entrecortada, a cabeça abaixada. Em seguida, assentiu, muito devagar.

Ela ficou de joelhos e apertou-o com força contra ela, a cabeça aninhada em seu peito. Pressionou a face no alto da cabeça dele, seus cabelos quentes e maleáveis em sua boca.

— Me escute — ela disse, brandamente. — Eu tive outro pai. O homem que me criou. Ele está morto agora. — Por muito tempo, o sentimento de desolação pela sua perda fora silenciado, abrandado por um novo amor, distraído por novas obrigações.

Agora, inundou-a, ressuscitado e agudo como uma facada em sua agonia. — Eu sei... eu sei que ele está no céu.

Estava? Ele podia estar morto e no céu, se ainda não nascera? No entanto, ele estava morto para ela e certamente o céu não dava importância ao tempo.

Ela ergueu o rosto para o penhasco, mas não falou nem para os ossos, nem para Deus.

— Papai — ela disse, e sua voz falhou na palavra, mas ela continuou abraçando seu primo com força. — Papai, eu preciso. — Sua voz soou fina e pateticamente insegura. Mas não havia mais ninguém a quem pedir ajuda. — Preciso que você encontre a menina de Ian — ela disse, com toda firmeza que pôde encontrar, tentando evocar o rosto de seu pai, vê-lo ali entre as folhas farfalhantes do alto do penhasco. — Encontre-a, por favor. Segure-a em seus braços e faça-a se sentir segura. Por favor... cuide dela.

Parou, sentindo obscuramente que deveria dizer mais alguma coisa, algo mais cerimonioso. Fazer o sinal da cruz? Dizer "amém"?

— Obrigada, papai — disse suavemente, e chorou como se seu pai tivesse acabado de morrer e ela estivesse desamparada, órfã, perdida e chorando na noite. Os braços de Ian a envolviam e eles se agarraram um ao outro, apertaram-se com força, o calor do sol de final de tarde quente em suas cabeças.

Ela permaneceu imóvel em seus braços quando parou de chorar, a cabeça pousada em seu ombro. Ele deu umas palmadinhas em suas costas, muito delicadamente, mas não a afastou.

— Obrigado — ele sussurrou em seu ouvido. — Você está bem, Brianna?

— Um-hum. — Endireitou-se e afastou-se dele, oscilando um pouco, como se estivesse embriagada. E de fato sentia-se embriagada, os ossos parecendo macios e maleáveis, tudo à sua

volta levemente fora de foco, salvo por algumas coisas que atraíam seu olhar: um canteiro brilhante de sapatinhos-de-vênus, uma pedra caída da face do penhasco, sua superfície listrada de vermelho com o ferro. Rollo, quase sentado no pé de Ian, a cabeça enorme pressionada ansiosamente contra a coxa de seu dono.

— Você está bem, Ian? — ela perguntou.

— Vou ficar. — Sua mão buscou a cabeça de Rollo e deu às orelhas pontudas um rápido afago para tranquilizá-lo. — Talvez. É que...

— O quê?

— Você... você tem certeza, Brianna? Ela sabia o que ele estava perguntando; era uma questão de fé.

Empertigou-se em toda a sua altura, enxugando o nariz na manga de sua camisa.

— Sou católica romana e acredito em vitaminas — ela declarou corajosamente. — E eu conhecia meu pai. Claro que tenho certeza.

Ele inspirou, com um suspiro longo e profundo, e seus ombros relaxaram quando soltou o ar. Balançou a cabeça e as rugas em seu rosto abrandaram-se um pouco.

Ela o deixou sentado na pedra e desceu até o rio para jogar água fria no rosto. A sombra do penhasco caía sobre o córrego e o ar era frio com os aromas de terra e pinheiros. Apesar do frio, permaneceu ali por alguns instantes, de joelhos.

Ainda podia ouvir as vozes murmurando nas árvores e na água, mas não prestou nenhuma atenção a elas. De quem quer que fossem, não representavam nenhuma ameaça para ela ou para os seus — e não estavam em desacordo com a presença que ela sentia tão próxima.

— Eu o amo, papai — ela murmurou, fechando os olhos, e se sentiu em paz.

Ian também deve estar se sentindo melhor, ela pensou, quando finalmente retomou seu caminho de volta pelas pedras para onde ele estava sentado. Rollo o deixara para investigar um buraco promissor ao pé de uma árvore, e ela sabia que o cachorro não teria deixado Ian se achasse que seu dono estava sofrendo.

Ela estava prestes a lhe perguntar se o que tinham a fazer ali havia acabado, quando ele se levantou, e ela viu que não.

— A razão de eu a ter trazido aqui — ele disse abruptamente. — Eu queria saber a respeito disso — indicou o mamute com um sinal da cabeça.

— Mas pretendia lhe fazer uma pergunta. Um conselho, na verdade.

— Conselho? Ian, eu não posso lhe dar nenhum conselho! Como eu poderia lhe dizer o que fazer?

— Acho que talvez você seja a única que pode — ele disse com um sorriso enviesado. — Você é da minha família, é mulher... e se preocupa comigo. No entanto, você sabe mais até mesmo do que tio Jamie, talvez por ser quem é, ou o que é.

— Eu não sei mais — ela disse e olhou para as ossadas na rocha. — Apenas... coisas diferentes.

— Sim — ele disse e respirou fundo.

— Brianna — ele disse, muito suavemente. — Nós não somos casados... nunca seremos. — Desviou os olhos por um instante, depois voltou a olhar para ela. — Mas, se tivéssemos sido casados, eu a teria amado e cuidado de você, da melhor forma possível. Eu confio em você, tenho certeza de que teria feito o mesmo por mim. Estou certo? — Oh, Ian. — Sua garganta ainda estava apertada, áspera de dor; as palavras saíram em um sussurro. Ela tocou o rosto dele, os ossos proeminentes, a pele fria, e traçou a linha dos pontos tatuados com o polegar. — Eu o amo agora.

— Sim, bem — ele disse, ainda suavemente. — Eu sei disso. — Ergueu a mão, grande e quente, e colocou-a sobre a dela.

Pressionou a palma dela contra sua face por um instante, depois seus dedos fecharam-se sobre os dela e ele trouxe suas mãos entrelaçadas para baixo, mas não as soltou.

— Então, diga-me — falou, os olhos fixos nos dela. — Se me ama, diga-me o que devo fazer. Devo voltar? — Voltar — ela repetiu, escrutinando seu rosto. — Voltar para os mohawks, você quer dizer?

Ele balançou a cabeça.

— Voltar para Emily. Ela me amava — ele disse, serenamente. — Eu sei disso. Agi errado, deixando a anciã me mandar embora? Eu deveria voltar, talvez lutar por ela, se fosse preciso? Ver talvez se ela iria querer vir embora comigo, vir para Ridge?

— Oh, Ian. — Sentiu a mesma sensação de desamparo de antes, embora desta vez sem o fardo de sua própria dor. Mas quem era ela para lhe dizer alguma coisa? Como poderia ser responsável em tomar essa decisão por ele? Em dizer-lhe fique, ou vá? Mas os olhos de Ian permaneciam fixos em seu rosto e compreendeu — ela era sua família. E, assim, a responsabilidade estava em suas mãos, quer ela se sentisse à altura ou não.

Sentiu um aperto no peito, como se fosse explodir se respirasse fundo. Mas o fez.

— Fique — ela disse.

Ele ficou olhando dentro de seus olhos por um longo instante, seus próprios olhos castanho-escuros, salpicados de dourado, e graves.

— Você poderia lutar com ele, Ahk... — gaguejou em busca das sílabas do nome mohawk. — Alce do Sol. Mas não pode lutar com ela. Se ela tomou a decisão de que não quer mais ficar com você... Ian, você não pode mudar isso.

Ele pestanejou, as pestanas escuras ocultando seu olhar, e manteve os olhos fechados, se em reconhecimento ou em negação

do que ela dissera, não sabia.

— Porém, é mais do que isso — ela disse, a voz mais firme.  
— Não se trata apenas dela, ou dele, não é? — Não — ele disse. Sua voz soava distante, quase indiferente, mas ela sabia que não era assim.

— São elas — ela disse, mais suavemente. — Todas as mães. As avós. As mulheres. As... as crianças. — Clã, família, tribo e nação; costume, espírito e tradição, os fios que envolviam Trabalha Com as Mãos e a prendiam à Terra, em segurança. E acima de tudo, crianças. Aquelas vozinhas estridentes que abafavam as vozes da floresta e impediam que uma alma vagasse pela noite.

Ninguém conhecia a força desses laços melhor do que aquele que houvesse passado pela Terra sem eles, proscrito e sozinho. Ela havia, e ele também, e ambos sabiam a verdade.

— São elas — ele repetiu baixinho e abriu os olhos. Estavam escuros do sentimento de perda, da cor das sombras mais profunda da floresta. — E eles. — Virou a cabeça, para olhar para cima, para as árvores além do córrego, acima dos ossos do mamute que jazia preso à terra, descarnado sob o céu e mudo a qualquer prece. Virou-se para ela novamente, ergueu a mão e tocou seu rosto.

— Ficarei, então.

Para passar a noite, acamparam do outro lado da represa dos castores.

Os restos de cavacos de madeira e mudas descascadas eram ótimo material para iniciar o fogo.

Havia pouco para comer; não mais do que um chapéu de uvas amargas e o pedaço restante do pão, tão duro a essa altura que tinha que ser molhado na água para poder ser mastigado. Não importava; nenhum dos dois estava com fome e Rollo desaparecera para caçar para si mesmo.

Permaneceram sentados em silêncio, observando o fogo definhar.



Não havia necessidade de mantê-lo aceso; a noite não estava fria e não iriam se demorar ali pela manhã — já estavam perto de casa.

Finalmente, Ian remexeu-se um pouco e Brianna olhou para ele.

— Qual era o nome de seu pai? — ele perguntou, muito formalmente.

— Frank... hã... Franklin. Franklin Wolverton Randall.

— Um inglês, então?

— Muito — ela disse, sorrindo contra a vontade.

Ele balançou a cabeça, murmurando "Franklin Wolverton Randall" consigo mesmo, como se quisesse decorá-lo, depois olhou para ela com ar grave.

— Se algum dia eu entrar em uma igreja outra vez, acenderei uma vela em sua lembrança.

— Creio... que ele vai gostar.

Ele balançou a cabeça e reclinou-se para trás, as costas apoiadas em um pinheiro. O chão ao redor estava coberto de pinhas; ele pegou um punhado e atirou-as, uma por uma, dentro do fogo.

— E quanto a Lizzie? — ela perguntou, depois de algum tempo. — Ela sempre gostou de você. — Para dizer o mínimo. Lizzie definhou e sofreu durante semanas quando o perderam para os iroqueses. — E agora que ela não vai se casar com Manfred...

Ele inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados, e recostou-a no tronco do pinheiro.

— Pensei nisso — admitiu.

— Mas...?

— Sim, mas. — Abriu os olhos e lançou-lhe um olhar irônico. — Eu saberia onde estava, se acordasse ao lado dela. Mas onde eu estaria era na cama de minha irmã. Acho que não estou tão desesperado assim. Ainda... — ele concluiu.

*CHOURIÇO*

Eu estava no meio do preparo de chouriço quando Ronnie Sinclair apareceu no pátio, carregando dois pequenos barris de uísque. Vários outros estavam amarrados em uma cascata perfeitamente corrugada pelas suas costas, o que o fazia parecer alguma forma exótica de lagarta, precariamente equilibrada em pé, no meio do processo de se transformar em pupa. Era um dia frio, mas ele suava copiosamente da longa caminhada encosta acima — e praguejava em igual estado de espírito.

— Por que, em nome de santa Brígida, ele construiu a maldita casa aqui em cima nessas nuvens esquecidas por Deus? — perguntou sem cerimônia. — Por que não onde uma maldita carroça pudesse alcançar o pátio? — Colocou os barris no chão cuidadosamente, em seguida abaixou a cabeça e passou-a pelas tiras do arnês para tirar sua carapaça de madeira.

Suspirou de alívio, esfregando os ombros onde as tiras se fincavam.

Ignorei as perguntas retóricas e continuei a mexer, inclinando a cabeça na direção da casa, em um convite.

— O café acabou de ser feito — eu disse. — E também tem pãezinhos com mel. — Meu próprio estômago contraiu-se um pouco à ideia de comer. Uma vez temperado, recheado, cozido e frito, o chouriço era delicioso. Os estágios preliminares, envolvendo

como envolviam enfiar o braço em um barril de sangue de porco parcialmente coagulado, eram bem menos apetitosos.

Sinclair, entretanto, pareceu mais feliz à menção de comida. Passou a manga da camisa pela testa suada e balançou a cabeça para mim, voltando-se para a casa. Então, parou e virou-se.

— Ah. Eu havia me esquecido, dona. Tenho um recado para a senhora, também. — Bateu de leve, cuidadosamente, no peito, depois mais embaixo, sondando as costelas, até que finalmente encontrou o que procurava e o extraiu das camadas de roupas encharcadas de suor. Retirou um rolo úmido de papel e estendeu-o para mim, ignorando o fato de que meu braço direito estava coberto de sangue até quase o ombro, e não se podia dizer que o esquerdo estivesse em melhores condições.

— Deixe na cozinha, sim? — sugeri. — Jamie está lá dentro. Irei assim que terminar esta parte. Quem... — comecei a perguntar de quem era a carta, mas diplomaticamente alterei a pergunta. — Quem a deu para você? — Ronnie não sabia ler, embora eu não tivesse visto nenhuma marca do lado de fora da carta, de qualquer modo.

— Foi um latoeiro a caminho de Belem's Creek — ele disse. — Não disse quem a deu para ele, apenas que era para a curandeira.

Ele franzia o cenho para o papel enrolado, mas vi seus olhos deslizarem de esguelha para as minhas pernas. Apesar do frio, eu estava descalça e apenas de combinação e espartilhos, não mais do que um avental sujo enrolado em torno da cintura. Ronnie andara procurando uma mulher há algum tempo, e em consequência adquirira o hábito inconsciente de avaliar os atributos físicos de toda mulher que encontrava, independentemente de idade ou disponibilidade. Ele viu que eu notei e apressadamente desviou os olhos.

— Só isso? — perguntei. — A curandeira? Não deu meu nome?

Sinclair esfregou a mão pelos cabelos claros cada vez mais ralos, de modo que duas mechas espetadas projetaram-se de suas orelhas avermelhadas, aumentando sua aparência naturalmente matreira e manhosa.

— Não era preciso, não é? — Sem mais tentativas de estabelecer uma conversa, desapareceu dentro de casa, em busca de comida e Jamie, deixando-me em meu trabalho sanguinário.



A pior parte era limpar o sangue: girar um braço pelas profundezas fétidas e escuras do barril para coletar os fios de fibrina que se formavam conforme o sangue começava a coagular. Eles agarravam-se ao meu braço e, assim, podiam ser tirados e descartados — repetidamente. Na verdade, era ligeiramente melhor do que o trabalho de lavar os intestinos, a fim de serem usados como invólucros das linguças; Brianna e Lizzie estavam fazendo isso, mais abaixo no riacho.

Examinei os últimos resultados; nenhuma fibra visível no líquido vermelho e límpido que pingava dos meus dedos. Enfiei o braço outra vez no tonel de água que estava ao lado do barril de sangue, equilibrado sobre tábuas colocadas em cima de um par de cavaletes, embaixo da enorme castanheira. Jamie, Roger e Arch Bug haviam arrastado o porco — não a porca branca, mas um de seus inúmeros rebentos de um ano anterior — até o meio do pátio, golpeado o animal entre os olhos com uma marreta, depois pendurado no meio dos galhos, cortado sua garganta e deixado o sangue drenar para dentro do barril.

Roger e Arch depois levaram a carcaça estripada para ser escaldada e as cerdas raspadas; a presença de Jamie foi solicitada para lidar com o major MacDonald, que aparecera repentinamente, esbaforido e chiando por causa da subida até Ridge. Se pudesse escolher, acho que Jamie teria preferido lidar com o porco.

Terminei de limpar meus braços e minhas mãos — trabalho perdido, mas necessário para a minha paz de espírito — e enxuguei-os em uma toalha de linho. Despejei dentro do barril grandes punhados duplos, com as mãos em concha, de cevada, de aveia e de arroz cozido das travessas já preparadas à espera, sorrindo levemente à lembrança do rosto vermelho-roxo do major e das queixas de Ronnie Sinclair. Jamie escolhera aquele local em Ridge para construir sua casa depois de muita reflexão — exatamente por causa das dificuldades em se chegar ali.

Passei a mão pelos cabelos, depois respirei fundo e mergulhei meu braço limpo novamente no barril. O sangue estava esfriando rapidamente.

Disfarçado pelos cereais, o cheiro era menos pungente agora do que o odor metálico de sangue fresco e quente. No entanto, a mistura ainda era quente ao toque e os grãos formavam graciosos volteios de branco e marrom, redemoinhos claros puxados para dentro do sangue conforme eu mexia.

Ronnie tinha razão; não era necessário mais do que "a curandeira" para me identificar. Não havia outra mais perto do que Cross Creek, a não ser que se contassem as xamãs entre os índios — o que a maioria dos europeus não faria.

Perguntei-me quem teria enviado o bilhete e se a questão seria urgente. Provavelmente, não — ao menos, não era provável que fosse uma questão de parto iminente ou de um acidente grave. A notícia de tais acontecimentos geralmente chegava pessoalmente, trazida por um amigo ou parente. Não se podia esperar que um recado escrito confiado a um latoeiro chegasse sem demora;

latoeiros vagavam ou permaneciam em um lugar, dependendo da quantidade de trabalho que encontravam.

Quanto a isso, latoeiros e andarilhos raramente vinham até Ridge, embora tivéssemos visto três no último mês. Eu não sabia se isso era resultado de nossa população crescente — Fraser's Ridge já abrigava quase sessenta famílias, apesar de as cabanas estarem espalhadas por dezesseis quilômetros de encostas de montanhas cobertas de floresta — ou de algo mais sinistro.

— É um dos sinais, Sassenach — Jamie me dissera, franzindo a testa para a figura do último desses hóspedes temporários que se afastava. — Quando há guerra no ar, os homens saem para as estradas.

Achei que ele tinha razão; lembrava-me de caminhantes, nômades, nas estradas das Highlands, levando boatos do Levante dos Stuart. Era como se os tremores da inquietação sacudissem e soltassem aqueles que não eram firmemente ligados a algum lugar por amor à terra ou à família, e o turbilhão das correntes da dissensão os levava para a frente, os primeiros fragmentos premonitórios de uma explosão em câmara lenta que estilhaçaria tudo. Estremeci, a brisa leve penetrando, fria, pela minha combinação.

A massa de mingau atingira a consistência necessária, algo como um creme vermelho-escuro, muito espesso. Retirei grumos de cereais embotados dos meus dedos e peguei, com a mão esquerda limpa, a tigela de madeira de cebolas picadas e refogadas, pronta à espera. O cheiro forte das cebolas dominou o ranço de carnificina, agradavelmente doméstico.

O sal estava moído, assim como a pimenta. Tudo que eu precisava agora... como se estivesse esperando a deixa, Roger materializou-se na esquina da casa, uma grande bacia nas mãos, cheia de toucinho bem cortado.

— Bem a tempo! — eu disse, indicando o barril com um movimento da cabeça. — Não, não despeje dentro do barril, tem que ser pesado, aproximadamente. — Eu havia usado dez grandes punhados duplos de aveia, dez de arroz, dez de cevada. Metade desse total, portanto... quinze.

Sacudi os cabelos para trás para tirá-los de cima dos olhos outra vez e cuidadosamente peguei um punhado duplo do conteúdo da bacia e o soltei dentro do barril com uma pancada na mistura.

— E você, como está? — perguntei. Indiquei um banquinho com o queixo, começando a trabalhar a gordura de porco na mistura com os dedos. Roger ainda estava um pouco pálido e com os lábios retesados, mas deu-me um sorriso irônico enquanto se sentava.

— Bem.

— Você não precisava fazer isso, sabe disso.

— Precisava, sim. — O tom de ironia em sua voz aprofundou-se. — Só queria ter feito melhor.

Dei de ombros e enfiei as mãos na bacia que ele segurava para mim.

— Requer prática.

Roger se oferecera para matar o porco. Jamie simplesmente lhe entregou a marreta e recuou alguns passos. Eu já vira Jamie matar porcos antes; ele dizia uma oração breve, abençoava o porco, depois esmagava o crânio com um único e tremendo golpe. Roger necessitara de três tentativas e a lembrança dos guinchos do animal fazia a pele dos meus ombros se arrepiarem mesmo agora. Depois, largara a marreta, fora para trás de uma árvore e vomitara violentamente.

Peguei mais um punhado com as mãos em concha. A mistura estava endurecendo, desenvolvendo uma textura gordurosa.

— Ele devia ter lhe mostrado como se faz.

— Não imaginei que pudesse haver nada tecnicamente difícil a respeito disso — Roger disse secamente. — Bastante simples, afinal, abater um animal golpeando-o na cabeça.

— Fisicamente, talvez — concordei. Peguei mais toucinho, trabalhando agora com as duas mãos. — Há uma prece para isso, sabe? Para abater um animal, quero dizer. Jamie devia ter lhe dito.

Ele pareceu levemente surpreso.

— Não, eu não sabia. — Sorriu, um pouco melhor agora. — A extrema-unção para os porcos, hein? — Não acho que seja em benefício do porco — eu disse, rispidamente. Ficamos em silêncio por alguns instantes, enquanto eu misturava o restante da gordura na mistura de sangue e cereais, parando para lançar fora um ou outro pedacinho de cartilagem. Eu podia sentir os olhos de Roger no barril, observando a curiosa alquimia da culinária, esse processo de tornar palatável a transferência de vida de um ser para outro.

— Tropeiros das Highlands às vezes colhem um ou dois copos de sangue de um de seus animais e misturam com aveia para comer no caminho — eu disse. — Nutritivo, imagino, porém menos saboroso.

Roger balançou a cabeça, distraído. Ele havia colocado no chão a bacia quase vazia e limpava o sangue seco de baixo de suas unhas com a ponta de sua adaga.

— É igual àquela para os cervos? — ele perguntou. — A oração. Já ouvi Jamie dizer essa outra, embora não tenha compreendido todas as palavras.

— A oração das entranhas dos cervos? Não sei. Por que não pergunta a ele? Roger continuou trabalhando diligentemente na unha de um polegar, os olhos fixos na mão.

— Eu não tinha certeza se ele achava certo que eu a soubesse. Por eu não ser católico, quero dizer.

Olhei para dentro da mistura, ocultando um sorriso.



— Não acho que fizesse diferença. Essa prece em particular é muito mais antiga do que a Igreja de Roma, se não me engano.

Um lampejo de interesse iluminou o rosto de Roger, o erudito soterrado vindo à superfície.

— Eu realmente achava que o gaélico era uma forma muito antiga, até mais antiga do que se ouve atualmente, quero dizer... agora. — Ruborizou-se um pouco, percebendo o que havia dito. Balancei a cabeça, mas não disse nada.

Eu me lembrava como era, aquela sensação de estar vivendo em um complexo faz de conta. A sensação de que a realidade existia em outra época, outro lugar. Eu me lembrava e, com um pequeno choque, compreendia que agora era apenas lembrança — para mim, o tempo havia mudado, como se minha doença tivesse me empurrado através de alguma barreira final.

Agora era a época, a realidade era raspar a madeira e esmagar a gordura sob meus dedos, o arco do sol que definia o ritmo dos dias, a proximidade de Jamie. O outro mundo, de carros e telefones tocando, de despertadores e hipotecas, é que parecia irreal e distante, matéria de sonhos.

Mas nem Roger, nem Bri haviam feito essa transição. Eu podia ver isso em sua maneira de agir, ouvir isso nos ecos de suas conversas particulares. Provavelmente, porque tinham um ao outro; podiam manter a outra época viva, um pequeno mundo compartilhado apenas pelos dois.

Para mim, a mudança era mais fácil. Eu já vivera aqui antes, viera intencionalmente desta vez, afinal — e eu tinha Jamie. Por mais que eu lhe falasse do futuro, ele jamais poderia vê-lo mais do que um conto de fadas.

Nosso pequeno mundo compartilhado era constituído de coisas diferentes.

Mas de vez em quando eu me preocupava com Bri e Roger. Era perigoso tratar o passado como eles às vezes o faziam — como

pitoresco e curioso, uma fase temporária da qual seria possível escapar. Não havia escapatória para eles — quer fosse por amor ou dever, Jemmy segurava a ambos, uma pequena âncora ruiva no presente. Seria melhor — ou, ao menos, mais seguro — se eles pudessem realmente aceitar esta época como a deles.

— Os índios também a têm — eu disse a Roger. — A prece das entranhas de cervo, ou algo parecido. Foi por isso que eu disse que achava que fosse mais antiga do que a Igreja.

Ele balançou a cabeça, interessado.

— Acho que esse tipo de coisa é comum em todas as culturas primitivas, em qualquer lugar em que os homens matam para comer.

Culturas primitivas. Prendi o lábio inferior entre os dentes, abstendo-me de ressaltar que primitivo ou não, se quisesse que sua família sobrevivesse, era muito provável que ele pessoalmente tivesse que matar por eles. Mas avistei sua mão, esfregando o sangue seco do meio dos dedos. Ele já sabia disso. Precisava, sim, ele dissera, quando eu disse que ele não precisava ter feito aquilo.

Ele ergueu os olhos, percebeu meu olhar e me deu um sorriso cansado. Ele compreendia.

— Acho que talvez... seja o fato de que abater o animal sem uma cerimônia pareça assassinato — ele disse devagar. — Se você tiver a cerimônia, algum tipo de ritual que reconheça sua necessidade...

— Necessidade e também sacrifício. — A voz de Jamie souou suavemente atrás de mim, assustando-me. Virei a cabeça bruscamente. Ele estava parado à sombra do grande abeto vermelho; imaginei por quanto tempo já estaria ali.

— Não o ouvi se aproximar — eu disse, virando a minha face para ser beijada quando ele veio até mim. — O major já foi embora?

— Não — ele disse e beijou minha testa, um dos únicos pontos ainda limpos. — Deixei-o com Sinclair por alguns instantes. Não para de falar sobre o Comitê de Segurança. — Fez uma careta, depois se voltou para Roger. — Sim, você compreendeu — ele disse. — Matar nunca é agradável, mas é necessário. No entanto, se tiver que derramar sangue, que seja com agradecimentos.

Roger assentiu, olhando para a mistura em que eu trabalhava, até os cotovelos em sangue derramado.

— Me ensina a prece para a próxima vez, então?

— Não é tarde demais para esta vez, é? — eu disse. Os dois homens pareceram ligeiramente surpresos. Ergui uma das sobancelhas para Jamie, depois para Roger. — Eu disse que não era para o porco.

Os olhos de Jamie encontraram os meus com um brilho de humor, mas ele balançou a cabeça com seriedade.

— Muito bem.

Ao meu comando, ele pegou o pesado jarro de temperos: a mistura moída de noz-moscada e manjerona, sálvia e pimenta, salsa e tomilho.

Roger estendeu as mãos, em concha, e Jamie encheu-as. Em seguida, Roger esfregou as ervas lentamente entre as palmas das mãos, deixando cair os farelos esverdeados, secos, dentro do barril, o aroma pungente misturando-se ao cheiro de sangue, enquanto Jamie dizia a oração devagar, em uma língua antiga, do tempo dos nórdicos.

— Diga em inglês — pedi, vendo pelo rosto de Roger que enquanto Jamie dizia as palavras ele não as reconhecia de modo algum.

— Oh, Senhor, abençoa o sangue e a carne desta criatura que o Senhor me deu — Jamie disse brandamente. Ele próprio pegou uma pitada das ervas e esfregou-a entre o polegar e o indicador, em uma chuva de poeira aromática. — Criada por Tua

mão como criaste o homem, Vida dada por vida. Que eu e os meus possamos comer dando graças por Teu próprio sacrifício de sangue e carne, Vida dada por vida.

Os últimos farelos de verde e cinza desapareceram na mistura sob minhas mãos, e o ritual da linguiça estava realizado.

— Foi muita bondade sua, Sassenach — Jamie disse mais tarde, secando meus braços e mãos limpos e molhados com a toalha. Ele balançou a cabeça na direção da quina da casa, por onde Roger desaparecera para ajudar com o resto da limpeza do porco, parecendo um pouco mais tranquilo. — Eu pensei em dizer-lhe antes, mas não sabia como.

Sorri e aconcheguei-me a ele. Era um dia frio, ventoso, e agora que eu Parara de trabalhar meu corpo buscava seu calor. Ele passou os braços ao meu redor e eu senti tanto o calor tranquilizante de seu abraço quanto o estalido de papel dentro de sua camisa.

— O que é isso? — Oh, uma cartinha que Sinclair trouxe — ele disse, afastando-se um pouco para enfiar a mão dentro da camisa. — Eu não quis abri-la enquanto Donald estava lá e não confiava em que ele não a leria quando eu saísse.

— Não é uma carta para você, de qualquer forma — eu disse, pegando o pedaço de papel sujo de sua mão. — É minha.

— Oh, é mesmo? Sinclair não disse nada, só a entregou para mim.

— Típico dele! — Como de costume, Ronnie Sinclair me via, e a todas as mulheres, como um mero apêndice sem importância de um marido. Eu tinha pena da mulher que ele pudesse um dia convencer a se casar com ele.

Desdobrei o bilhete com alguma dificuldade; fora guardado tanto tempo junto à pele suada que as bordas ficaram puídas e grudadas.

A mensagem era breve e enigmática, mas perturbadora. Fora rabiscada no papel com algo parecido a uma vareta afiada, usando uma tinta que se parecia com sangue seco, embora provavelmente fosse o sumo de uma frutinha silvestre.

— O que diz, Sassenach? — Vendo-me franzir a testa para o papel, Jamie moveu-se para o meu lado para ver. Estendi o bilhete para ele.

Embaixo, em um dos cantos, rabiscada em letras minúsculas e desbotadas, como se o remetente esperasse assim passar despercebido, estava a palavra " Faydree ". Acima, em rabiscos maiores, lia-se o recado: VOCÊ VEM — Deve ser ela — eu disse, tremendo e apertando mais o xale ao meu redor. Fazia frio no consultório, apesar do pequeno braseiro brilhando no canto, mas Ronnie Sinclair e MacDonald estavam na cozinha, tomando sidra e esperando enquanto as linguças cozinhavam. Estendi o bilhete na mesa do meu consultório, sua ameaçadora convocação sombria e autoritária acima da assinatura tímida. — Olhe. Quem mais poderia ser?

— Mas ela não sabe escrever, não é? — Jamie objetou. — Embora possa ser que alguém tenha escrito por ela — contrapôs, franzindo a testa.

— Não, eu acho que ela mesma poderia ter escrito isso. — Brianna e Roger também vieram ao consultório. Bri estendeu a mão e tocou no papel esfarrapado, um dedo longo traçando delicadamente as letras vacilantes. — Eu ensinei a ela.

— É mesmo? — Jamie pareceu surpreso. — Quando?

— Quando fiquei em River Run. Quando você e mamãe foram buscar Roger. — Sua boca larga pressionou-se em uma linha fina por um instante; não era uma ocasião que ela quisesse relembrar.

— Eu lhe ensinei o alfabeto; pretendia ensiná-la a ler e escrever.

Trabalhamos todas as letras, ela sabia como soavam e sabia desenhá-las.

Um dia, porém, disse que não podia continuar e se recusou a sentar-se ao meu lado e estudar. — Ergueu os olhos, as sobrancelhas ruivas e espessas cerradas em uma expressão preocupada. — Achei que talvez tia Jocasta tivesse descoberto e a impedido de continuar.

— Mais provável que fosse Ulysses. Jocasta teria impedido você, menina. — Jamie olhou para mim com a mesma expressão de Brianna. — Então, você realmente acha que é de Phaedre? A aia de minha tia? Assenti e mordi o canto do meu lábio, em dúvida.

— Os escravos em River Run realmente pronunciam seu nome assim, Faydree. E eu certamente não conheço mais ninguém com este nome.

Jamie interrogara Ronnie Sinclair — descontraidamente, para não dar motivo de alarme ou mexerico —, mas o tanoeiro não sabia mais nada além do que me contara: o bilhete lhe fora entregue por um latoeiro, com a indicação simples de que era "para a curandeira".

Inclinei-me por cima da mesa, erguendo a vela no alto para examinar outra vez o bilhete. O "F" da assinatura fora desenhado com um traço hesitante, repetitivo — mais de uma tentativa antes de o remetente decidir-se a assinar. Prova maior ainda, pensei, de sua origem. Eu não sabia se era contra a lei na Carolina do Norte ensinar um escravo a ler e escrever, mas sem dúvida isso não era incentivado. Apesar de haver exceções notáveis — escravos educados para os objetivos de seus próprios donos, como o próprio Ulysses —, em geral era uma habilidade perigosa e que um escravo se esforçaria em ocultar.

— Ela não teria se arriscado a enviar um recado assim se não fosse uma questão grave — Roger disse. Estava atrás de Bri, a mão em seu ombro, olhando para o bilhete que ela mantinha estendido

na mesa. — Mas qual? — Teve notícias de sua tia ultimamente? — perguntei a Jamie, mas eu sabia a resposta antes que ele sacudisse a cabeça. Qualquer notícia de River Run que chegasse a Ridge seria uma questão de conhecimento público em poucas horas.

Nós não havíamos comparecido à Assembleia em Mt. Helicon este ano; havia muito trabalho a ser feito em Ridge e Jamie queria evitar as acaloradas discussões políticas envolvidas. Ainda assim, Jocasta e Duncan tinham manifestado a intenção de ir. Qualquer coisa errada certamente teria sido matéria de mexerico geral, que há muito já teria chegado aos nossos ouvidos.

— Então, não só é sério, como um assunto particular para a escrava também — Jamie disse. — Caso contrário, minha tia teria escrito, ou Duncan mandado um recado. — Seus dois dedos rígidos tamborilaram uma vez, suavemente, contra a coxa.

Ficamos ao redor da mesa, fitando o bilhete como se fosse uma pequena prancha branca de dinamite. O cheiro de linguiças cozinhando encheu o ar frio, acolhedor e reconfortante.

— Por que você? — Roger perguntou, erguendo os olhos para mim.

— Acha que pode ser um problema médico? Se ela estivesse doente, digamos, ou grávida?

— Não é doença — eu disse. — Urgente demais. — Era uma viagem de no mínimo uma semana até River Run, com tempo bom e se não houvesse nenhum incidente. Só Deus sabia quanto tempo levaria para o bilhete chegar a Fraser's Ridge.

— Mas e se ela estivesse grávida? Talvez. — Brianna apertou os lábios, ainda franzindo a testa para o papel. — Eu acho que ela considera mamãe uma amiga. Acho que contaria a você antes de contar a tia Jocasta.

Balancei a cabeça, porém com certa relutância. Amizade era uma palavra muito forte; pessoas na posição de Phaedre e na minha não podiam ser amigas. A amizade era restringida por muitos

fatores: suspeita, desconfiança, o amplo abismo de diferenças que a escravidão impunha.

Entretanto, havia um certo sentimento de simpatia entre nós, isso era verdade. Eu trabalhara com ela, lado a lado, plantando ervas e colhendo-as, preparando poções para armazenar na despensa, explicando seus usos. Havíamos enterrado uma jovem juntas e conspirado para proteger um escravo fugitivo acusado de seu assassinato. Phaedre possuía um certo talento para tratar de doentes e algum conhecimento de ervas.

Qualquer questão mais simples, ela mesma poderia ter resolvido. Mas algo como uma gravidez inesperada...

— Mas o que será que ela acha que eu poderia fazer? — eu pensava em voz alta e as pontas dos meus dedos ficaram frias diante das possibilidades. Uma criança inesperada nascida de uma escrava não seria nenhum motivo de preocupação para um proprietário... ao contrário, seria bem recebida como um bem adicional; mas eu ouvira histórias de escravas que matavam o filho ao nascer, para que não fosse criado como escravo.

Mas Phaedre era uma escrava doméstica, bem tratada, e Jocasta não separava famílias de escravos, eu sabia. Se fosse isso, a situação de Phaedre certamente não era tão terrível... no entanto, quem era eu para julgar? Soltei uma nuvem de respiração, em dúvida.

— Eu não consigo compreender por quê, quero dizer, ela certamente não poderia esperar que eu fosse ajudá-la a se livrar da criança. E para qualquer outra coisa... por que eu? Há parteiras e curandeiras muito mais perto. Simplesmente, não faz sentido.

— E se... — Brianna começou a dizer e parou. Franziu os lábios em especulação, olhando de mim para Jamie e novamente para mim. — E se — disse cautelosamente — ela estivesse grávida, mas o pai fosse... alguém que não deveria ser?



Um ar de especulação cauteloso, mas bem-humorado, surgiu nos olhos de Jamie, aumentando a semelhança entre ele e Brianna.

— Quem, menina? — ele disse. — Farquard Campbel?

Ri alto diante da ideia e Brianna resfolegou com uma risadinha, filetes brancos de vapor de seu hálito flutuando ao redor de sua cabeça. A ideia do muito honrado — e bem idoso — Farquard Campbell seduzindo uma escrava doméstica era...

— Bem, não — Brianna disse. — Embora ele realmente tenha todos aqueles filhos. Mas pensei de repente... e se fosse Duncan?

Jamie limpou a garganta e evitou olhar-me nos olhos. Mordi o lábio, sentindo meu rosto começar a ficar vermelho. Duncan confessara sua impotência crônica a Jamie pouco antes de seu casamento com Jocasta, mas Brianna não sabia.

— Oh, não acho provável — Jamie disse, soando um pouco engasgado. Tossiu e abanou a fumaça do braseiro do seu rosto. — O que lhe dá essa ideia, menina? — Nada a respeito de Duncan — ela assegurou-lhe. — Mas tia Jocasta é... muito idosa. E você sabe como os homens podem ser.

— Não, o quê? — Roger perguntou, afavelmente, fazendo-me tossir no esforço de reprimir uma risada.

Jamie fitou-a com certa dose de cinismo.

— Bem melhor do que você, a nighean. E embora eu não ponha a mão no fogo por alguns homens, acho que posso assegurar que Duncan Innes não é o tipo de homem que quebraria seus votos matrimoniais com a escrava negra de sua mulher.

Emiti um pequeno ruído e Roger ergueu uma das sobrancelhas para mim.

— Você está bem?

— Estou — respondi, soando sufocada. — Muito... bem. — Coloquei uma ponta do meu xale sobre o rosto obviamente roxo e

tossi ostensivamente. — Está... cheio de fumaça aqui, não é? — Pode ser — Brianna admitiu, dirigindo-se a Jamie. — Pode não ser nada disso. Phaedre deve ter mandado o bilhete para "a curandeira" provavelmente porque não queria usar o nome de mamãe, caso alguém visse o bilhete antes de ser entregue aqui. Talvez não seja realmente mamãe quem ela esteja chamando, talvez seja você.

Ficamos subitamente sérios e nos entreolhamos. Certamente, era uma Possibilidade, e que não ocorrera a nenhum de nós dois.

— Ela não podia enviar um recado diretamente para você sem levantar todo tipo de curiosidade — Bri continuou, franzindo o cenho para o papel. .

Mas podia colocar "a curandeira" sem atribuir-lhe um nome. E ela sabia que, se mamãe fosse, provavelmente você iria com ela, nesta época do ano Ou se não fosse, mamãe poderia mandar chamá-lo abertamente.

— É uma ideia — Jamie disse devagar. — Mas por que, em nome de Deus ela poderia precisar de mim? — Só há uma maneira de saber — Roger disse, de modo prático.

Olhou para Jamie. — A maior parte do trabalho externo está feito; as colheitas e o feno já foram feitos, o abate está terminado. Podemos dar conta do trabalho aqui, se quiserem ir.

Jamie ficou imóvel por alguns instantes, franzindo a testa, pensativo, depois atravessou o aposento até a janela e levantou a guilhotina. Um vento frio soprou para dentro do consultório e Bri prendeu o papel à mesa para impedir que voasse. O carvão no pequeno braseiro soltou fumaça e incandesceu mais vivamente, e os molhes de ervas secas farfalharam agitadamente no alto.

Jamie enfiou a cabeça para fora da janela e respirou profundamente, os olhos fechados como alguém que aprecia o buquê de um bom vinho.

— Frio e límpido — anunciou, retirando a cabeça para dentro e fechando a janela. — Tempo bom por três dias, no mínimo. Poderíamos já ter saído da montanha a essa altura, se andarmos depressa. — Sorriu para mim; a ponta de seu nariz estava vermelha do frio. — Enquanto isso, você acha que aquelas linguiças já estão prontas?



## TRAIÇÕES

Uma escrava que eu não reconheci abriu a porta para nós, uma mulher corpulenta com um turbante amarelo. Examinou-nos com severidade, mas Jamie não lhe deu chance de falar, passando bruscamente por ela e entrando no vestíbulo.

— Ele é sobrinho da sra. Cameron — senti-me obrigada a explicar-lhe, enquanto o seguia.

— Estou vendo — ela murmurou, com um sotaque de Barbados.

Fitou-o, deixando claro que detectava uma semelhança familiar em termos de arrogância, bem como de físico.

— Sou sua mulher — acrescentei, vencendo o impulso reflexo de apertar sua mão e, em vez disso, fazendo uma pequena mesura. — Claire Fraser. Prazer em conhecê-la.

Ela pestanejou, desconcertada, mas antes que pudesse responder eu já passara por ela, seguindo Jamie para a pequena sala de estar onde Jocasta gostava de se sentar à tarde.

A porta da saleta estava fechada e quando Jamie colocou a mão na maçaneta um ganido agudo veio de dentro — o prelúdio de uma barragem de latidos frenéticos quando a porta se abriu de par em par.

Interrompido no meio da ação, Jamie parou, a mão na porta, franzindo o cenho para a trouxinha marrom que pulava de um lado

para o outro aos seus pés, os olhos esbugalhados de histeria, conforme latia desenfreadamente.

— O que é isso? — ele disse, deslizando junto à parede para dentro do aposento, enquanto a criatura fazia investidas malogradas às suas botas, sempre latindo esganiçadamente.

— É um cachorrinho, o que você acha? — Jocasta disse rispidamente.

Levantou-se da cadeira, franzindo o cenho na direção do barulho. — Sheas, Sansão.

— Sansão? Oh, claro, os pelos. — Sorrindo a despeito de si mesmo, Jamie agachou-se e estendeu o punho cerrado para o cachorro. Reduzindo o estardalhaço a um rosnado surdo, o cachorro esticou o focinho com desconfiança na direção dos nós dos dedos de Jamie.

— Onde está Delilah? — perguntei, deslizando para dentro da saleta atrás de Jamie.

— Ah, você veio também, Claire? — O rosto de Jocasta girou para mim, com um sorriso radiante. — Uma rara alegria ter vocês dois aqui.

Não creio que Brianna ou o menino tenham vindo também... não, eu os teria ouvido. — Descartando essa hipótese, sentou-se outra vez e abanou a mão na direção da lareira.

— Quanto a Delilah, a preguiçosa criatura está dormindo junto ao fogo. Posso ouvi-la roncando.

Delilah era uma cadela grande e esbranquiçada, de raça indeterminada, mas de pele abundante; pendia ao redor dela em dobras relaxadas quando ela se deitava de costas, as patas curvadas sobre uma barriga sardenta. Ouvindo seu nome, resfolegou brevemente, abriu uma fenda do olho e fechou-a outra vez.

— Estou vendo que fez algumas mudanças desde a última vez que estive aqui — Jamie observou, levantando-se. — Onde está Duncan? E Ulysses? — Partiram. A procura de Phaedre. — Jocasta

perdera peso; os ossos proeminentes das maçãs do rosto sobressaíam-se e sua pele parecia fina e enrugada.

— A procura dela? — Jamie ergueu os olhos abruptamente para Jocasta. — O que houve com a garota?

— Fugiu. — Falou com seu autocontrole de costume, mas sua voz estava desolada.

— Fugiu? Mas... tem certeza? — Sua caixa de costura estava virada, o conteúdo disperso pelo chão. Ajoelhei-me e comecei a arrumar a confusão, recolhendo os carretéis de linha espalhados.

— Bem, ela foi embora — Jocasta disse, com certa amargura. — Ou ela fugiu ou alguém a roubou. E não consigo imaginar quem teria a ousadia ou a capacidade de raptá-la da minha casa, e sem que ninguém visse.

Troquei um rápido olhar com Jamie, que sacudiu a cabeça, franzindo a testa. Jocasta alisava uma prega de sua saia entre o polegar e o dedo indicador; eu podia ver pequenos pontos desgastados na lanugem do tecido perto de sua mão, onde ela vinha fazendo isso repetidamente. Jamie também viu.

— Quando ela desapareceu, tia? — ele perguntou serenamente.

— Há quatro semanas. Duncan e Ulysses partiram há duas.

Isso se encaixava bastante bem com a chegada do bilhete. Não havia como saber há quanto tempo antes de seu desaparecimento o bilhete fora escrito, tendo em vista os caprichos da entrega.

— Estou vendo que Duncan procurou deixar-lhe alguma companhia — Jamie observou. Sansão abandonara seu papel de cão de guarda e cheirava diligentemente as botas de Jamie. Delilah rolou de lado com um gemido voluptuoso e abriu dois luminosos olhos castanhos, através dos quais me olhou com absoluta tranquilidade.

— Oh, sim, é para isso que servem. — A contragosto, ela inclinou-se de sua poltrona e localizou a cabeça de Delilah, afagando atrás de suas orelhas longas e moles. — Embora Duncan quisesse que fossem para minha proteção, ou assim ele disse.

— Uma precaução sensata — Jamie disse afavelmente. E era; não tivemos mais nenhuma notícia de Stephen Bonnet, nem Jocasta ouvira a voz do mascarado outra vez. Mas sem a prova concreta de um cadáver, um ou outro poderia surgir a qualquer momento.

— Por que a rapariga fugiria, tia? — Jamie perguntou. Seu tom de voz ainda era afável, mas insistente.

Jocasta sacudiu a cabeça, os lábios comprimidos.

— Não faço a menor ideia, sobrinho.

— Não aconteceu nada recentemente? Nada fora do comum? — ele pressionou.

— Você não acha que eu já teria dito? — ela perguntou rispidamente.

— Não. Acordei um dia de manhã e não a ouvi pelo meu quarto. Não havia nenhum chá ao lado da minha cama e o fogo da lareira se apagara; eu podia sentir o cheiro das cinzas. Chamei por ela e não houve resposta.

Tinha ido embora, desaparecido sem deixar vestígios. — Inclinou a cabeça para ele com uma expressão lúgubre do tipo "pronto, está vendo?" Ergui uma sobrancelha para Jamie e toquei a bolsinha que usava na cintura, onde o bilhete estava guardado. Deveríamos contar a ela? Ele assentiu e eu retirei o bilhete da bolsa, desdobrando-o sobre o braço da poltrona, como ele explicou.

A expressão de desagrado de Jocasta transformou-se em uma de perplexidade.

— Por que ela mandaria chamá-la, a nighean? — perguntou, virando-se para mim.

— Não sei. Será que ela estava grávida? — sugeri. — Ou tenha contraído... algum tipo de doença? — Eu não quis sugerir

sífilis abertamente, mas era uma possibilidade. Se Manfred tivesse infectado a sra. Sylvie e ela então tivesse passado a infecção a um ou mais de seus clientes em Cross Creek, que então visitaram River Run... mas isso significaria talvez que Phaedre tivesse tido algum tipo de relacionamento com um homem branco. Isso era algo que uma escrava faria de tudo para manter em segredo.

Jocasta, que não era tola, chegava rapidamente às mesmas conclusões, apesar de seus pensamentos correrem paralelos aos meus.

— Uma criança, isso não seria um grande problema — ela disse, abanando a mão. — Mas se ela tiver um amante... sim — disse, pensativamente. — Ela Pode ter fugido com um amante. Mas, então, por que mandar chamá-la? Jamie estava ficando inquieto, impaciente com tanta especulação improvável.

— Talvez ela tenha pensado que você tivesse a intenção de vendê-la, tia, se descobrisse.

— Vendê-la? Jocasta desatou a rir. Não sua risada social de costume, nem mesmo o som de quem está realmente achando graça; era uma risada chocante — alta e ríspida, quase maligna em sua hilaridade. Era a risada de seu irmão Dougal, e o sangue congelou momentaneamente em minhas veias.

Olhei para Jamie e vi que ele a fitava, o rosto repentinamente sem expressão. Não por perplexidade; era a máscara que ele usava para esconder sentimentos fortes. Então, ele também ouvira aquele eco medonho.

Ela parecia incapaz de parar. Suas mãos agarraram os braços da poltrona e ela inclinou-se para frente, o rosto ficando vermelho, arfando entre aquelas perturbadoras gargalhadas.

Delilah rolou sobre a barriga e emitiu um ganido surdo de mal-estar, olhando ansiosamente ao redor, sem saber qual era o problema, mas convencida de que havia alguma coisa errada.

Sansão refugiara-se embaixo do canapé, rosnando.



Jamie segurou-a pelos ombros — e não delicadamente.

— Fique calma, tia — ele disse. — Está assustando seus cachorrinhos.

Ela parou, abruptamente. Não havia mais nenhum som, exceto o débil chiado de sua respiração, quase tão assustador quanto as gargalhadas.

Ela permaneceu imóvel, absolutamente empertigada em sua poltrona, as mãos nos braços, o sangue paulatinamente abandonando seu rosto, os olhos tornando-se escuros e brilhantes, parecendo fixos em alguma coisa que somente ela podia ver.

— Vendê-la — murmurou, e sua boca se enrugou como se as gargalhadas estivessem prestes a irromper outra vez. Entretanto, ela não riu, mas se levantou repentinamente. Sansão deu um único latido esganiçado, atônito.

— Venham comigo.

Ela já atravessara a porta antes que qualquer um de nós pudesse dizer alguma coisa. Jamie ergueu uma sobrancelha para mim, mas fez sinal para que eu atravessasse a porta à sua frente.

Ela conhecia intimamente a casa; desceu o corredor na direção da porta que dava acesso aos estábulos com apenas um leve toque ocasional na parede para se orientar, andando rápido como se enxergasse. Lá fora, entretanto, ela parou, sondando com o pé estendido para encontrar a beirada do caminho de tijolos.

Jamie postou-se ao seu lado e segurou-a com firmeza pelo cotovelo.

— Aonde quer ir? — perguntou, com certa resignação na voz.

— À cocheira. — A risada estranha a havia abandonado, mas seu rosto ainda estava afogueado, o queixo forte erguido com um ar de desafio. Quem ela estaria desafiando?, perguntei a mim mesma.

A cocheira estava sombreada e tranquila, partículas de poeira douradas girando no ar agitado pela abertura das portas. Uma carroça, uma carruagem, um trenó e um coche elegante de duas rodas, assentados como animais grandes e plácidos sobre o assoalho coberto de palha. Olhei de relance para Jamie, cuja boca curvara-se um pouco para cima ao olhar para mim; nós havíamos nos refugiado temporariamente naquele coche, durante o caos do casamento de Jocasta com Duncan, havia quase quatro anos.

Jocasta parou na soleira da porta, uma das mãos apoiada no batente e respirando fundo, como se procurasse se orientar. Ela própria não fez nenhuma menção de entrar na cocheira, mas indicou o fundo da construção com um movimento da cabeça.

— Junto à parede dos fundos, an mhic mo peather. Há caixas lá; quero a arca grande, de vime, da altura dos seus joelhos, amarrada com uma corda.

Eu não havia realmente notado, durante nossa excursão anterior à cocheira, mas a parede dos fundos estava coberta por caixas, engradados e pacotes empilhados em fileiras de dois ou três. Entretanto, com instruções tão explícitas, Jamie não teve dificuldade em encontrar a caixa desejada, coberta de poeira e pedacinhos de palha, e arrastou-a para a luz.

— Quer que eu a carregue para dentro de casa para você, tia? — ele perguntou, esfregando o dedo sob o nariz que coçava.

Ela sacudiu a cabeça, inclinando-se e tateando para encontrar o nó da corda que fechava a arca.

— Não. Não a quero dentro de casa. Jurei que não a deixaria lá.

— Deixe que eu abra. — Coloquei a mão sobre a dela para fazê-la parar de tatear, em seguida eu mesma cuidei do nó. Quem quer que tivesse amarrado a arca fizera um trabalho cuidadoso, mas não muito hábil; eu desfiz o nó em um minuto e abri o trinco.

A arca de vime estava cheia de gravuras. Maços de desenhos, feitos a lápis, tinta e carvão, cuidadosamente amarrados com fitas desbotadas de seda colorida. Vários cadernos de desenho amarrados. E diversas pinturas; algumas telas grandes, quadradas, sem moldura, e duas caixas menores de miniaturas, todas emolduradas, empilhadas como um maço de cartas.

Ouvi Jocasta suspirar acima de mim e ergui os olhos. Ela permanecia imóvel, os olhos fechados, e eu pude ver que respirava fundo, inalando o cheiro das pinturas e desenhos — de óleos e carvão, gesso, papel, tela, óleo de linhaça e terebintina, um fantasma encorpado que flutuava para fora de seu caixão de vime, vívido e transparente contra o pano de fundo de cheiros de palha e poeira, madeira e vime.

Seus dedos se curvaram, o polegar esfregando as pontas dos outros dedos, inconscientemente enrolando um pincel entre eles. Eu já vira Bri fazer isso, às vezes, quando olhava para alguma coisa que gostaria de pintar. Jocasta suspirou outra vez, depois abriu os olhos e ajoelhou-se ao meu lado, estendendo a mão para correr os dedos de leve pelo esconderijo de arte enterrada buscando.

— As pinturas a óleo — ela disse. — Tire-as para fora.

Eu já tirara as caixas de miniaturas. Jamie agachou-se do outro lado da caixa, levantando os maços de esboços e cadernos de desenho soltos, de modo que eu pudesse retirar os quadros a óleo maiores e colocá-los em pé ao lado da arca.

— Um retrato — ela disse, a cabeça inclinada para o lado, a fim de ouvir o som oco e insípido produzido por cada tela que eu colocava apoiada na caixa de vime. — Um velho.

Era evidente à qual ela se referia. Duas das telas grandes eram paisagens, três, retratos. Reconheci Farquard Campbell, muito mais jovem, e o que deveria ser um autorretrato da própria Jocasta, feito provavelmente há uns vinte anos. Mas eu não tinha tempo para examiná-los agora, por mais interessantes que fossem.

O terceiro retrato parecia ter sido feito bem mais recentemente do que os outros e já mostrava os efeitos da visão deficiente de Jocasta.

As bordas eram indistintas, as cores turvas, as formas ligeiramente distorcidas, de modo que o cavalheiro idoso que olhava do óleo esfumado parecia, de certo modo, perturbador, como se ele pertencesse a uma raça não inteiramente humana, apesar da ortodoxia de sua peruca e do lenço de pescoço, alto e branco.

Ele usava casaco e colete pretos, de estilo antiquado, com as dobras de um tartã caindo de um dos ombros, presas com um broche cujo brilho dourado repetia-se no enfeite do cabo da adaga que ele segurava, os dedos curvos e nodosos de artrite. Reconheci aquela adaga.

— Então, este é Hector Cameron. — Jamie o reconheceu também.

Ele olhava fascinado para o quadro.

Jocasta estendeu a mão, tocando a superfície da pintura como se quisesse identificá-la pelo toque.

— Sim, é ele — disse secamente. — Nunca o viu em vida, não é, sobrinho? Jamie sacudiu a cabeça.

— Uma vez, talvez, mas eu era apenas um bebê na ocasião. — Seu olhar percorreu as feições do retratado com profundo interesse, como se buscasse pistas do caráter de Hector Cameron. Tais pistas eram evidentes; a força da personalidade do sujeito projetava-se da tela.

O homem no retrato possuía uma forte compleição, embora a carne pendesse, flácida, com a fraqueza da idade. Os olhos ainda eram vivos e penetrantes, mas um deles era parcialmente fechado — devia ser apenas uma pálpebra caída causada por um leve derrame cerebral, mas a impressão era a de um modo habitual de

olhar o mundo; um dos olhos sempre estreitado em uma avaliação cínica.

Jocasta remexia o conteúdo da arca, os dedos dardejando de leve de um lado para o outro, como mariposas caçando. Ela tocou uma das caixas de miniaturas e levantou-a com um pequeno grunhido de satisfação.

Correu o dedo devagar pela borda de cada miniatura e eu vi que as molduras eram diferentes umas das outras; quadradas e ovais, madeira lisa e dourada, prata escurecida em forma de corda, outra ornada com delicadas miniaturas de rosas. Encontrou uma que reconheceu e retirou-a da caixa, estendendo-a distraidamente para mim conforme retornava à sua busca.

A miniatura também era de Hector Cameron — mas este retrato havia sido feito muitos anos antes do outro. Cabelos escuros e ondedados soltos até os ombros, uma pequena trança ornamental de um lado, enfeitada com duas penas de tetraz, ao estilo antigo das Highlands. A mesma compleição sólida estava ali, mas a carne era firme; Hector Cameron fora um homem bonito.

Era de fato uma expressão habitual; se por inclinação ou traço de nascença, o olho direito também estava semicerrado, embora não tanto como no retrato posterior.

Meu escrutínio foi interrompido por Jocasta, que colocou a mão em meu braço.

— Essa é a menina? — ela perguntou, empurrando outra miniatura para mim.

Peguei-a, intrigada, e soltei uma arfada quando olhei o verso. Era Phaedre, no começo da adolescência. Não usava sua touca habitual; apenas um lenço simples nos cabelos, o que destacava os ossos proeminentes da face. Os ossos de Hector Cameron.

Jocasta cutucou a caixa de pinturas com o pé.

— Dê esses quadros para sua filha, sobrinho. Diga-lhe para usar a tela outra vez. Seria uma pena desperdiçá-las. — Sem esperar resposta, partiu de volta Para casa sozinha, hesitando apenas por um breve instante na bifurcação do caminho, orientando-se pelo cheiro e pela memória.

Fez-se um profundo silêncio no rastro da partida de Jocasta, quebrado apenas pelo canto de um sabiá em um pinheiro próximo.

— Inacreditável! — Jamie exclamou finalmente, tirando os olhos da figura de sua tia conforme ela desaparecia para dentro da casa, sozinha. Ele parecia mais perplexo do que chocado. — Acha que a menina sabia? — Provavelmente — eu disse. — Os escravos sem dúvida sabiam; alguns estariam aqui quando ela nasceu; devem ter lhe contado, se ela não tiver sido esperta o suficiente para descobrir por conta própria, o que eu acho que era.

Ele balançou a cabeça e recostou-se na parede da cocheira, olhando meditativamente para a arca de vime. Eu mesma sentia uma grande relutância em voltar para a casa. Os prédios eram belos, suavemente dourados à luz do sol poente, e o terreno tranquilo e bem-arrumado. Um som de vozes alegres vinha da horta, vários cavalos pastavam satisfeitos no curral próximo, e ao longe, no distante rio prateado, um barco pequeno se aproximava, os quatro remos golpeando a superfície em batidas rápidas e graciosas, como se a embarcação andasse sobre a água.

— "Onde qualquer perspectiva agrada e somente o homem é vil" — observei. Jamie lançou-me um rápido olhar de incompreensão, depois voltou aos seus pensamentos.

Portanto, Jocasta jamais venderia Phaedre e achava que Phaedre sabia disso. Eu me perguntava exatamente por quê. Porque sentia uma certa obrigação com a jovem, como filha de seu marido? Ou como uma forma sutil de vingança daquele marido havia muito tempo falecido, mantendo sua filha ilegítima como escrava, como sua criada particular? Imaginei que as duas razões não fossem, na

realidade, mutuamente excludentes — eu já conhecia Jocasta havia tempo suficiente para saber que seus motivos nunca eram simples.

Havia um frio no ar, com o sol baixo no céu. Recostei-me na parede da cocheira, ao lado de Jamie, sentindo o calor armazenado do sol fluir dos tijolos para dentro do meu corpo, e desejei que pudéssemos subir na velha carroça da fazenda e voltar rapidamente para Ridge, deixando River Run lidar com seu próprio legado de amarguras.

Mas o bilhete estava em meu bolso, estalando quando eu me movimentava. VOCÊ VEM. Não era um apelo que eu pudesse ignorar. E eu viera — e agora? Jamie empertigou-se subitamente, olhando na direção do rio. Olhei também e vi que a embarcação atracara na doca que havia ali. Uma figura alta saltou para a doca, depois se virou para ajudar uma outra a sair do barco. O segundo homem era mais baixo e movia-se de um jeito estranho, desequilibrado e fora de ritmo.

— Duncan-eu disse imediatamente, ao vê-los. — É Ulysses. Eles voltaram!

— Sim — Jamie disse, segurando meu braço e começando a voltar para a casa. — Mas não a encontraram.

*FUGIDA ou ROUBADA em 31 de outubro, uma negra, de vinte e dois anos de idade, altura acima da média e de boa aparência, com uma cicatriz no braço esquerdo, na forma oval, causada por uma queimadura.*

*Trajando vestido índigo, com avental de listras verdes, touca branca, meias marrons e sapatos de couro. Com todos os dentes. Conhecida pelo nome de "FAYDREE". Quem souber do seu paradeiro, comunicar a D. bines, fazenda River Run, nas vizinhanças de Cross Creek. Paga-se boa recompensa por informações relevantes.*

Alisei o cartaz amarrotado, que exibia um desenho tosco de Phaedre, parecendo ligeiramente vesga. Duncan esvaziara os bolsos

e largara um punhado desses cartazes na mesa do vestíbulo quando entrara na tarde do dia anterior, exausto e desanimado. Segundo ele, haviam pregado os cartazes em cada taverna e cervejaria entre Campbelton e Wilmington, investigando conforme viajavam — mas em vão. Phaedre desaparecera como o orvalho da manhã.

— Pode me passar a geleia, por favor? — Jamie e eu tomávamos o café da manhã sozinhos, já que nem Jocasta, nem Duncan haviam aparecido esta manhã. Eu saboreava a primeira refeição do dia, apesar da atmosfera sombria. O desjejum em River Run geralmente era um acontecimento farto, estendendo-se até mesmo a um bule de chá verdadeiro — Jocasta devia estar pagando uma fortuna por ele ao seu contrabandista de estimação; não se podia encontrar nenhum entre Virgínia e Geórgia, até onde eu soubesse.

Jamie franzia a testa para outro cartaz, pensativo. Não tirou os olhos dele, mas sua mão tateou vagamente pela mesa, parou na jarra de creme de leite e passou-a para mim.

Ulysses, não demonstrando praticamente nenhum vestígio de sua longa viagem além de um certo peso nas pálpebras, adiantou-se silenciosamente, pegou a jarra de creme, devolveu-a com precisão ao seu lugar e colocou o pote de geleia ao lado do meu prato.

— Obrigada — eu disse, e ele educadamente inclinou a cabeça.

— Aceita mais alguns arenques, madame? — perguntou. — Ou mais presunto? Sacudi a cabeça, a boca cheia de torrada, e ele se afastou silenciosamente, pegando uma travessa carregada junto à porta, provavelmente destinada a Jocasta, a Duncan ou a ambos.

Jamie observou-o enquanto se afastava, com uma expressão distraída.

— Andei pensando, Sassenach — ele disse.



— Eu jamais poderia imaginar — afirmei. — Sobre o quê? Ele pareceu momentaneamente surpreso, mas depois sorriu, compreendendo.

— Sabe o que eu lhe disse, Sassenach, sobre Brianna e a viúva McCallum? Que ela não demoraria a agir, se Roger Mac não tomasse cuidado? — Sei — respondi.

Ele balançou a cabeça, como se confirmasse algo para si mesmo.

— Bem, Brianna teve a quem puxar. Os MacKenzie de Leoch são orgulhosos como Lúcifer, todos eles, e roxos de ciúme ainda por cima.

Não é bom contrariar... muito menos trair um deles.

Fitei-o cautelosamente por cima de minha xícara de chá, imaginando aonde tudo aquilo iria levar.

— Eu achava que o traço mais característico deles era o charme, aliado à astúcia. Quanto à traição, seus dois tios eram especialistas nisso.

— Os dois combinam, não? — ele perguntou, estendendo a mão para mergulhar a colher na geleia. — Você tem que seduzir alguém antes de poder traí-lo, não é? E estou inclinado a pensar que um homem capaz de trair é mais rápido em se ressentir da traição. Ou uma mulher — acrescentou delicadamente.

— Oh, é mesmo? — eu disse, bebericando meu chá com prazer. — Jocasta, você quer dizer? — Colocado naqueles termos, eu podia entender.

Os Mackenzie de Leoch possuíam personalidade forte... eu realmente me perguntava como teria sido o avô materno de Jamie, o famoso Jacob, o Ruivo... e já havia observado pequenas semelhanças de comportamento entre Jocasta e seus irmãos mais velhos.

Colum e Dougal tinham uma lealdade inabalável um com o outro — porém com mais ninguém. E Jocasta era essencialmente

sozinha, separada da família desde o primeiro casamento aos quinze anos. Sendo mulher, era natural que a sedução fosse mais evidente nela — mas isso não significava que a astúcia não estivesse lá. Nem tampouco o ciúme, eu acreditava.

— Bem, obviamente ela sabia que Hector a traía, e me pergunto se ela pintou aquele retrato de Phaedre como uma forma de dizer ao mundo que ela sabia ou se foi meramente como um recado particular a Hector.

Mas o que isso tem a ver com a situação atual? Ele sacudiu a cabeça.

— Hector, não — ele disse. — Duncan.

Olhei estarrecida para ele, boquiaberta. Fora todas as demais considerações, Duncan era impotente; ele dissera isso a Jamie na véspera de seu casamento com Jocasta. Jamie sorriu de viés e, estendendo a mão por cima da mesa, colocou o polegar sob meu queixo e empurrou delicadamente, fechando a minha boca.

— É uma ideia, Sassenach, é tudo que estou dizendo. Mas acho que devo ir dar uma palavrinha com o sujeito. Você vem? Duncan estava no pequeno aposento que usava como escritório particular, escondido em cima dos estábulos, perto dos minúsculos quartos que abrigavam os cavaleiros e cocheiros. Estava afundado em uma poltrona, olhando com desalento as pilhas de papéis desarrumados e os empoeirados livros da contabilidade que haviam se acumulado por toda parte.

Parecia terrivelmente cansado e bem mais velho do que a última vez em que eu o vira, no churrasco de Flora MacDonald. Seus cabelos grisalhos estavam rareando e quando se virou para nos cumprimentar, a luz do sol incidiu sobre seu rosto, e eu vi a linha fina da cicatriz de lábio leporino que Roger havia mencionado, oculta no farto bigode.

Algo vital parecia ter abandonado seu corpo e quando Jamie delicadamente abordou o assunto que viera tratar, ele não esboçou

nenhuma tentativa de negar. Na realidade, ele parecia satisfeito, e não o contrário, que a verdade tivesse vindo à tona.

— Você realmente se deitava com a garota, então, Duncan?

— Jamie perguntou sem rodeios, desejando deixar o fato declarado.

— Bem, não — ele disse vagamente. — Eu bem que teria gostado, é claro, mas com ela dormindo no quarto de vestir de Jo...

— Diante dessa referência à sua mulher, ele corou, o rosto de um vermelho escuro e doentio.

— Quero dizer, você teve um relacionamento carnal com a mulher, não teve? — Jamie disse, tentando controlar sua impaciência.

— Oh, sim. — Engoliu em seco. — Sim. Tive.

— Como? — perguntei bruscamente.

O rubor se intensificou, a tal ponto que eu temi que ele pudesse ter uma apoplexia ali mesmo. Mas ele respirou como uma baleia por alguns instantes e finalmente a cor de sua pele esmaeceu para um tom mais normal.

— Ela me trazia comida — ele disse finalmente, esfregando a mão pelos olhos, exausto. — Todo dia.

Jocasta acordava tarde e tomava o café da manhã em sua sala de estar, servida por Ulysses, para fazer o planejamento do dia. Duncan, que acordara antes do amanhecer todos os dias de sua vida, em geral na expectativa de um pedaço de pão seco ou, na melhor das hipóteses, uns poucos gramas de mingau de água e aveia —, agora acordava e encontrava um bule de chá fumegante ao lado da cama, acompanhado de uma tigela de mingau cremoso, fartamente guarnecido de mel e creme, torradas besuntadas de manteiga, ovos fritos com presunto.

— Às vezes, um peixinho, passado na farinha de milho, crocante e fresco — acrescentou, em pesarosa reminiscência.

— Bem, isso é muito sedutor, sem dúvida, Duncan — Jamie disse, não sem compaixão. — Um homem fica vulnerável quando

tem fome. — Lançou-me um olhar irônico. — Mas ainda assim...

Duncan ficara agradecido a Phaedre por sua gentileza e — sendo homem, afinal de contas — admirara sua beleza, embora de uma maneira puramente desinteressada, ele nos assegurou.

— É claro — Jamie disse com acentuado ceticismo. — O que aconteceu? Duncan deixara cair a manteiga, foi a resposta, quando tentava passá-la na torrada com uma única mão. Phaedre apressara-se a recolher os cacos da vasilha que caíra e, em seguida, correu para buscar um pano e limpar a manteiga do chão — e depois, do peito de Duncan.

— Bem, eu estava de camisa de dormir — ele murmurou, começando a ficar vermelho outra vez. — E ela estava... tinha... — Sua mão ergueu-se e fez vários movimentos vagos nas vizinhanças do seu peito, que eu entendi indicarem que o corpete de Phaedre havia deixado seus seios à mostra enquanto ela estava tão perto dele.

— E? — Jamie insistiu, sem piedade.

E, ao que parece, a anatomia de Duncan tomou conhecimento do fato — uma circunstância admitida com tão estrangulado recato que mal pudemos ouvi-lo.

— Mas eu achava que você não podia... — comecei.

— Oh, eu não podia — assegurou-me apressadamente. — Somente à noite, quando estou sonhando. Mas não acordado, não desde o acidente.

Talvez por ser tão cedo de manhã, meu pau pensou que eu ainda estivesse dormindo.

Jamie emitiu um ruído escocês baixo expressando uma dúvida considerável quanto a tal suposição, mas mandou Duncan continuar, com uma certa impaciência.

Phaedre, por sua vez, também notara o que estava acontecendo, ele deixou transparecer.

— Ela só estava com pena de mim — Duncan disse com franqueza.

— Eu podia perceber. Mas ela colocou a mão suavemente sobre mim. Tão suavemente... — ele repetiu, quase inaudível.

Ele estava sentado na cama — e continuara sentado ali, em muda estupefação, quando ela retirou a bandeja, levantou sua camisa de dormir, subiu na cama com suas saias cuidadosamente presas acima das coxas redondas e morenas, e com grande cuidado e ternura trouxera sua virilidade de volta.

— Uma vez? — Jamie quis saber. — Ou você continuou a fazer isso? Duncan enfiou a cabeça na mão, um gesto de admissão bastante eloquente, nas circunstâncias.

— Por quanto tempo essa... hã... ligação continuou? — perguntei mais delicadamente.

Dois meses, talvez três. Não todos os dias, apressou-se a acrescentar, somente de vez em quando. E haviam tomado muito cuidado.

— Eu jamais iria querer envergonhar Jo — ele disse, ansiosamente.

— E eu sabia muito bem que não devia estar fazendo aquilo, foi um grande pecado, e no entanto eu não conseguia deixar de... — Interrompeu-se, engolindo em seco. — É tudo culpa minha, o que aconteceu, podem me culpar! Oh, minha pobre e querida garota...

Calou-se, sacudindo a cabeça como um cachorro velho, triste e pulguento. Senti muita pena dele, independentemente do aspecto moral da situação. A gola de sua camisa estava desajeitadamente virada para dentro, fios de cabelos grisalhos presos sob o casaco; puxei-os delicadamente para fora e alisei-os, embora ele não tenha prestado nenhuma atenção.

— Acha que ela está morta, Duncan? — Jamie perguntou serenamente, e Duncan empalideceu, a pele ficando cinzenta como seus cabelos.

— Não consigo pensar nisso, Mac Dubh — ele disse, e seus olhos encheram-se de lágrimas. — E... e ainda assim...

Jamie e eu trocamos um olhar de inquietação. E ainda assim. Phaedre não levava nenhum dinheiro quando desapareceu. Como uma escrava poderia viajar para longe sem ser detectada, anunciada e caçada, sem cavalo, dinheiro ou qualquer outra coisa além de um par de sapatos de couro? Um homem talvez conseguisse chegar às montanhas e sobreviver na floresta, se fosse resistente e engenhoso, mas uma jovem? Uma escrava doméstica? Alguém a levava — ou estava morta.

No entanto, nenhum de nós quis exprimir esse pensamento. Jamie soltou um profundo suspiro e, pegando um lenço limpo do bolso, colocou-o na mão de Duncan.

— Rezarei por ela, Duncan. Onde quer que esteja. E por você, a charaid... e por você.

Duncan balançou a cabeça, sem erguer o rosto, segurando o lenço com força. Era claro que qualquer tentativa de consolo seria em vão, e assim finalmente nós o deixamos lá sentado, em seu quartinho isolado e solitário.

Retomamos o caminho de volta para casa devagar, sem falar, mas de mãos dadas, sentindo a necessidade premente de nos tocar. O dia estava claro, mas uma tempestade se avizinhava; nuvens esparsas vinham do leste e a brisa soprava em lufadas que agitavam minhas saias, fazendo-as girar como uma ventoinha.

Ventava menos no terraço dos fundos, abrigado como era pelo seu muro na altura da cintura. Olhando dali de cima, eu podia ver a janela pela qual Phaedre olhava para fora quando eu a encontrei, na noite do churrasco.

— Ela me disse que alguma coisa estava errada — eu disse. — Na noite do churrasco da sra. MacDonald. Alguma coisa a perturbava naquela ocasião.

Jamie lançou-me um olhar interessado.

— Ah, é? Mas ela não se referia a Duncan, não é? — ele objetou.

— Eu sei. — Dei de ombros, sem saber o que dizer. — Ela mesma não parecia saber o que estava errado, ficava apenas repetindo: "Alguma coisa está errada." Jamie respirou fundo e soltou o ar de uma vez, sacudindo a cabeça.

— De certo modo, espero que o que quer que fosse tenha algo a ver com sua partida. Porque se não tinha a ver com ela e Duncan... — Sua voz se dissipou, mas não tive dificuldade em terminar o pensamento.

— Então, não tinha a ver com sua tia também — eu disse. — Jamie... você realmente acha que Jocasta pode ter mandado matá-la? Deveria ter soado ridículo, dito assim em voz alta. O fato terrível é que não soou.

Jamie fez o pequeno gesto com os ombros que costumava fazer quando se sentia extremamente desconfortável com alguma questão, como se seu casaco estivesse muito apertado.

— Se ela enxergasse, eu acharia que sim. Pelo menos, havia a possibilidade — ele disse. — Ser traída por Hector, e ela já o culpava pela morte de suas filhas. Assim, suas filhas estão mortas, mas há Phaedre, viva, todos os dias, uma lembrança permanente de insulto. E depois, ser traída novamente, por Duncan, com a filha de Hector? Esfregou o nó de um dedo sob o nariz.

— Imagino que qualquer mulher de fibra ficaria... abalada.

— Sim — eu disse, imaginando o que eu pensaria ou sentiria nas mesmas circunstâncias. — Sem dúvida. Mas assassinato... é disso que estamos falando, não é? Ela não podia simplesmente ter vendido a garota? — Não — ele respondeu pensativamente. — Não podia. Nós tomamos providências para resguardar seu dinheiro quando ela se casou, mas não a propriedade. Duncan é o proprietário de River Run, e de tudo que faz parte da fazenda.

— Inclusive Phaedre. — Senti-me oca, e um pouco nauseada.

— É como eu disse. Se ela tivesse sua visão, eu não ficaria nem um pouco surpreso com a ideia. Mas, sendo como é...

— Ulysses — eu disse, com certeza, e ele balançou a cabeça com relutância. Ulysses não só era os olhos de Jocasta, como as mãos também.

Eu não achava que ele teria assassinado Phaedre por ordem de sua patroa... mas se Jocasta tivesse envenenado a jovem, por exemplo, Ulysses certamente poderia ter ajudado a dispor do corpo.

Senti um estranho ar de irreabilidade — mesmo com o que eu sabia da família MacKenzie, estar calmamente discutindo a possibilidade de a idosa tia de Jamie ter assassinado alguém... mesmo assim... eu realmente conhecia os MacKenzie.

— Se é que minha tia teve alguma coisa a ver com isso — Jamie disse.

— Afinal, Duncan disse que eram discretos. E pode ser que a rapariga tenha sido levada, talvez pelo homem que minha tia se lembra de Coigach.

Talvez ele achasse que Phaedre poderia ajudá-lo a pegar o ouro, não? Essa era uma hipótese um pouco menos sombria. E de fato se encaixava na premonição de Phaedre — se fosse uma premonição — que aconteceu no mesmo dia em que o homem de Coigach apareceu na fazenda.

— Acho que tudo que podemos fazer é rezar por ela, coitada — eu disse. — Não acredito que haja um santo padroeiro dos raptados, há? — São Dagoberto — ele respondeu prontamente, fazendo-me olhar para ele com interesse.

— Você inventou isso.

— Não, é verdade — ele disse com dignidade. — Santa Athelais é outra, e talvez até melhor, agora que penso nisso. Ela era uma jovem romana, raptada pelo imperador Justiniano, que queria



tê-la para si, e ela havia jurado castidade. Mas ela conseguiu fugir e foi viver com seu tio em Benevento.

— Ainda bem. E são Dagoberto? — Uma espécie de rei... franco? De qualquer modo, seu tutor se opôs a ele desde quando ele era criança e mandou raptá-lo e trazer para a Inglaterra, para que o filho do guardião pudesse reinar em seu lugar.

— Onde você aprendeu essas coisas? — perguntei.

— Com o padre Policarpo, na Abadia de St. Anne — ele disse, o canto da boca arregaçando-se com um sorriso. — Quando eu não conseguia dormir, ele vinha e me contava histórias dos santos, horas a fio.

Nem sempre conseguia me fazer dormir, mas depois de mais ou menos uma hora ouvindo sobre mártires sagrados tendo os seios amputados ou sendo açoitados com ganchos de ferro, eu fechava os olhos e fingia de maneira bem convincente.

Jamie tirou minha touca e colocou-a sobre o trenó. O ar soprou através dos poucos centímetros do meu cabelo, despenteando-os como capim do prado, e ele sorriu ao olhar para mim.

— Você está parecendo um garoto, Sassenach — ele disse. — Mas garanto que nunca vi um menino com um traseiro como o seu.

— Muito obrigada — eu disse, absurdamente satisfeita. Eu havia comido como um cavalo nos últimos dois meses, havia dormido bem e profundamente todas as noites, e sabia que minha aparência melhorara muito, apesar dos cabelos. Mas não fazia nenhum mal ouvi-lo dizer isso.

— Eu a desejo muito, mo nighean donn — ele disse ternamente, fechando os dedos ao redor do meu pulso, deixando as pontas repousarem delicadamente sobre o local da minha pulsação.

— Então, os Mackenzie de Leoch são todos inclinados a um ciúme doentio — eu disse. Eu podia sentir meu pulso, firme e

regular, sob seus dedos. — Encantadores, astutos e propensos à traição. — Toquei seu lábio, tracei o contorno com o polegar, de leve, os pelos espinhosos da barba agradáveis ao toque. — Todos eles? Ele abaixou os olhos para mim, fitando-me repentinamente com um olhar azul-escuro em que o humor e a tristeza misturavam-se com muitos outros sentimentos que eu não conseguia ler.

— Acha que eu não sou? — ele disse, e sorriu um pouco melancolicamente. — Que Deus e a Virgem Maria a abençoem, Sassenach. — E inclinou-se para me beijar.

Não podíamos nos demorar em River Run. As plantações aqui embaixo ao sopé das montanhas já tinham sido colhidas e o solo revirado, os restos de talos secos salpicando a terra escura e fresca; logo a neve cairia nas montanhas.

Nós havíamos discutido a questão exaustivamente — sem chegar a nenhuma conclusão útil. Não havia nada mais que pudéssemos fazer para ajudar Phaedre — exceto rezar. Entretanto, além disso... tínhamos que pensar em Duncan.

Pois ocorreu a nós dois que, se Jocasta tivesse de fato descoberto a ligação dele com Phaedre, sua ira provavelmente não se limitaria à jovem escrava. Ela poderia aguardar o momento oportuno, mas não iria esquecer a ofensa. Nunca conheci um escocês que o fizesse.

Despedimo-nos de Jocasta após o café da manhã no dia seguinte, encontrando-a em sua saleta particular, bordando uma toalhinha de mesa.

A cesta de fios de seda repousava no colo, as cores cuidadosamente arrumadas em espiral, de modo que ela podia escolher a que queria pelo toque; o linho já bordado caía para o lado, um metro e meio de tecido ornado ao longo da borda com um desenho intrincado de maçãs, folhas e vinhas — ou não, percebi, quando peguei a ponta do tecido para admirá-lo. Não eram vinhas. Serpentes de olhos negros, enroscando-se dissimuladamente,

rastejantes, verdes e escamosas. Aqui e ali, uma delas de mandíbulas abertas, exibindo as presas, guardando frutas vermelhas espalhadas.

— O jardim do Eden — ela me explicou, esfregando o desenho de leve entre os dedos.

— Muito bonito — eu disse, perguntando-me há quanto tempo ela vinha trabalhando nele. Teria começado antes do desaparecimento de Phaedre? Um pouco de conversa informal e, em seguida, Josh, o cavaliço, apareceu para dizer que nossos cavalos estavam prontos. Jamie balançou a cabeça, liberando-o, e levantou-se.

— Tia — disse a Jocasta sem preâmbulos eu me sentiria muito ofendido se Duncan sofresse algum dano.

Ela enrijeceu-se, os dedos parando em seu trabalho.

— Por que ele sofreria algum dano? — ela perguntou, erguendo o queixo.

Jamie não respondeu de imediato, mas ficou parado, fitando-a, não sem compaixão. Então, inclinou-se, para que ela pudesse sentir sua proximidade, a boca junto ao seu ouvido.

— Eu sei, tia — ele disse brandamente. — E se não quiser que ninguém mais saiba disso... então, acho que encontrarei Duncan gozando de boa saúde quando eu retornar.

Ela permaneceu sentada como se tivesse se transformado em sal.

Jamie endireitou-se, balançando a cabeça na direção da porta, e nós partimos. Do corredor, olhei para trás e a vi ainda imóvel como uma estátua, o rosto tão branco quanto o linho em suas mãos, e os pequenos rolos de fios coloridos caídos de seu colo desenrolando-se pelo assoalho polido.

*TRANSAÇÃO DUPLA*

Com a partida de Marsali, a produção de uísque tornou-se mais difícil.

Bri, a sra. Bug e eu havíamos conseguido dar a partida em mais uma maltagem antes que o tempo ficasse frio e chuvoso demais, mas foi por pouco, e foi com grande alívio que vi as últimas porções de grãos maltados perfeitamente decantados dentro do alambique. A partir daí, a responsabilidade era de Jamie, já que ele não confiava a ninguém o trabalho delicado de avaliar gosto e prova.

No entanto, o fogo sob o alambique tinha que ser mantido exatamente no mesmo nível, para conservar a fermentação em andamento sem matar o mash, depois aumentado para as destilações, uma vez terminada a fermentação. Isso significava que ele vivia — e dormia — ao lado da destilaria durante os dias necessários para que cada lote fosse produzido. Em geral, eu lhe levava o jantar e ficava ali até escurecer, mas era solitário sem ele na cama e fiquei mais do que satisfeita quando finalmente despejamos a última produção nos pequenos barris.

— Oh, que cheiro bom. — Cheirei, inebradamente, o interior de um barril vazio; era um dos barris especiais que Jamie conseguira através dos amigos de lorde John na marinha mercante... tostado na parte interna como um barril de uísque normal, mas usado previamente para armazenar xerez. A alma

suave e doce do xerez misturada ao leve aroma de queimado e aos vapores brutos e fortes do uísque novo combinavam-se o suficiente para fazer minha cabeça girar agradavelmente.

— Sim, é um lote pequeno, mas nada mau — Jamie concordou, inalando o aroma como um connoisseur de perfume. Levantou a cabeça e examinou o céu acima; o vento começava a soprar com força e nuvens carregadas passavam velozmente, escuras e ameaçadoras.

— Há apenas os três barris pequenos — ele disse. — Se você conseguir carregar um, Sassenach, eu levarei os outros dois. Gostaria de guardá-los em lugar seguro, em vez de ter que cavar para tirá-los de um monte de neve na semana que vem.

Uma caminhada de oitocentos metros sob um vento tempestuoso, carregando ou rolando um barril de seis galões, não era uma brincadeira, mas ele tinha razão a respeito da neve. Ainda não fazia frio suficiente para nevar, mas logo ela chegaria. Suspirei, mas assenti, e conseguimos, com ajuda mútua, arrastar os barris lentamente para cima, para o esconderijo do uísque, oculto entre rochas cobertas de videiras.

Eu já havia recuperado as minhas forças, mas ainda assim, quando terminamos, cada músculo do meu corpo tremia e se contraía em protesto.

Assim sendo, não fiz absolutamente nenhuma objeção quando Jamie me fez sentar para descansar antes de tomarmos o caminho de volta para casa.

— O que pretende fazer com eles? — perguntei, indicando o esconderijo com um sinal da cabeça. — Guardar ou vender? Afastou uma mecha de cabelos esvoaçantes do rosto, apertando os olhos contra uma rajada de poeira e folhas mortas.

— Tenho que vender um, para as sementes da primavera.

Guardaremos um para envelhecer e acho que talvez possamos dar um bom destino ao último. Se Bobby Higgins

aparecer outra vez antes da neve, enviarei meia dúzia de garrafas a Ashe, Harnett, Howe e alguns outros. Um presentinho como prova de minha sincera estima, hein? — Riu ironicamente para mim.

— Bem, já soube de bondades piores — eu disse, achando graça.

Dera-lhe muito trabalho conseguir ficar novamente nas boas graças do Comitê de Correspondência da Carolina do Norte, mas vários membros começaram a responder suas cartas outra vez — cautelosamente, mas com respeito.

— Acho que nada de muita importância vai acontecer durante o inverno — ele disse, pensativamente, esfregando o nariz vermelho do frio.

— É provável que não. — Massachusetts, onde a maior parte dos tumultos estava ocorrendo, estava agora ocupada por um general Gage e a última notícia que tivemos foi a de que ele fortificara Boston Neck, a estreita faixa de terra que ligava a cidade à terra firme — o que significava que Boston agora estava isolada do resto da colônia, e sitiada.

Senti uma pequena pontada, ao pensar nisso; eu havia vivido em Boston durante quase vinte anos e gostava da cidade, embora soubesse que não a reconheceria agora.

— John Hancock, um comerciante de lá, está chefiando o Comitê de Segurança, segundo Ashe. Resolveram recrutar doze mil milicianos e estão querendo comprar cinco mil mosquetes. Com a dificuldade que eu tive para encontrar trinta, desejo-lhes boa sorte, é tudo que posso dizer.

Eu ri, mas antes que pudesse responder Jamie retesou-se.

— O que foi isso? — Sua cabeça virou-se abruptamente e ele colocou a mão em meu braço. Repentinamente silenciada, prendi a respiração, ouvindo. O vento agitou as folhas quase secas das vinhas silvestres com um farfalhar de papel amassado atrás de mim

e, ao longe, um bando de gralhas passou, com um alvoroço de gritos agudos.

Então, eu também ouvi: um som muito humano, baixo e desolado.

Jamie já estava de pé, caminhando cautelosamente pelo meio das pedras caídas. Agachou-se sob o lintel formado por uma placa inclinada de granito e eu fiz menção de segui-lo. Ele parou abruptamente, quase me fazendo colidir com ele.

— Joseph? — ele disse, incrédulo.

Espreitei de trás de Jamie da melhor forma que pude. Para minha igual estupefação, era o sr. Wemyss, sentado encurvado em uma rocha, uma jarra de cerâmica entre os joelhos ossudos. Ele estivera chorando; o nariz e os olhos estavam vermelhos, fazendo-o parecer ainda mais com um rato branco do que o habitual. Também estava extremamente bêbado.

— Oh — ele disse, piscando para nós, horrorizado. — Oh.

— Você está... bem, Joseph? — Jamie aproximou-se, estendendo a mão cautelosamente, como se receasse que o sr. Wemyss pudesse se desfazer em pedaços se fosse tocado.

Seu instinto era legítimo; quando tocou o homenzinho, o rosto do sr. Wemyss enrugou-se como papel e seus ombros magros começaram a sacudir-se incontrolavelmente.

— Lamento muito, senhor — ele não parava de dizer, desfeito em lágrimas. — Lamento muito! Jamie lançou-me um olhar suplicante de "Faça alguma coisa, Sassenach" e eu me ajoelhei rapidamente, passando os braços ao redor do sr. Wemyss, batendo de leve em suas costas delgadas.

— Ora, vamos — eu disse, devolvendo a Jamie um olhar que dizia "E agora?" por cima do ombro pequeno e frágil do sr. Wemyss. — Tenho certeza de que tudo vai ficar bem.

— Oh, não — ele disse, soluçando. — Oh, não, não é possível. — Virou um rosto angustiado para Jamie. — Eu não posso

suportar isso, senhor, realmente não posso.

Os ossos do sr. Wemyss pareciam finos e quebradiços, e ele tremia.

Usava apenas uma camisa fina e calças, e o vento começava a gemer pelo meio das rochas. As nuvens se adensavam no alto e a luz desapareceu do pequeno recôncavo repentinamente, como se uma cortina de blecaute tivesse sido puxada.

Jamie tirou a própria capa e colocou-a um pouco desajeitadamente ao redor do sr. Wemyss, depois se sentou com cuidado em outra pedra.

— Diga-me qual é o problema, Joseph — ele disse muito delicadamente. — Alguém morreu? O sr. Wemyss ocultou o rosto nas mãos, a cabeça sacudindo-se de um lado para o outro como um metrônomo. Murmurou alguma coisa, que eu entendi como: "Seria melhor se fosse isso." — Lizzie? — perguntei, trocando um olhar intrigado com Jamie. — Está falando de Lizzie? — Ela estava perfeitamente bem no café da manhã, o que poderia...

— Primeiro Manfred McGillivray — o sr. Wemyss disse, levantando o rosto das mãos — e depois Higgins. Como se um degenerado e um assassino já não fossem suficientes... e agora isto! As sobrelhas de Jamie ergueram-se subitamente e ele olhou para mim. Encolhi ligeiramente os ombros. Os cascalhos machucavam dolorosamente meus joelhos; levantei-me com os músculos rígidos e os sacudi.

— Está dizendo que Lizzie está... hã... apaixonada por alguém... inadequado? — perguntei cautelosamente.

O sr. Wemyss estremeceu.

— Inadequado — ele repetiu, em tom desolado. — Que diabo! Inadequado!

Eu nunca ouvira o sr. Wemyss blasfemar antes; era desconcertante.



Virou os olhos angustiados para mim, parecendo um pardal enlouquecido, encolhido nas profundezas da capa de Jamie.

— Eu desisti de tudo por ela! — ele disse. — Eu me vendi, e com prazer, para salvá-la da desonra. Deixei minha casa, deixei a Escócia, sabendo que jamais voltaria a vê-la, que deveria deixar meus ossos no solo de estranhos. No entanto, eu nunca lhe disse nem uma palavra de acusação, minha querida menina, pois como poderia ser culpa dela? E agora... — Voltou o olhar vazio, assombrado, para Jamie. — Meu Deus, meu Deus. O que devo fazer? — sussurrou. Uma rajada de vento ribombou pelas rochas e agitou a capa ao redor do sr. Wemyss, ocultando-o momentaneamente com uma mortalha cinzenta, como se a angústia o tivesse engolido por inteiro.

Prendi minha própria capa com força ao meu redor, para impedir que fosse arrancada de mim; o vento era tão forte que quase me derrubava.

Jamie apertava os olhos contra a névoa de poeira e de pó de cascalho que nos açoitava, cerrando os dentes com o desconforto. Cruzou os braços ao redor de si mesmo, tremendo.

— A menina está grávida, então, Joseph? — ele disse, obviamente querendo chegar logo ao fundo do problema e voltar para casa.

A cabeça do sr. Wemyss despontou das dobras da capa, os cabelos louros desgrenhados como uma vassoura de palha. Piscando os olhos vermelhos, ele balançou a cabeça, em seguida desencavou a jarra e, erguendo-a com mãos trêmulas, tomou vários goles. Eu vi a marca de um "X" na jarra; com sua característica modéstia, ele havia apanhado uma jarra do novo uísque bruto, e não o uísque envelhecido em barris, de melhor qualidade.

Jamie suspirou, estendeu a mão, e pegando a jarra da mão dele, ele mesmo tomou um bom gole.

— Quem? — ele disse, devolvendo a jarra. — Foi meu sobrinho?

O sr. Wemyss fitou-o espantado, os olhos arregalados.

— Seu sobrinho?

— Ian Murray — acrescentei prestativamente, para ajudá-lo a se lembrar. — Rapaz alto, de cabelos castanhos? Tatuagens?

Jamie lançou-me um olhar sugerindo que talvez eu não estivesse sendo tão prestativa quanto pensava, mas o sr. Wemyss continuou com um olhar desconcertado.

— Ian Murray? — Então, o nome pareceu penetrar através da névoa alcoólica. — Oh. Não. Santo Deus, quem dera! Eu abençoaria o rapaz — ele disse fervorosamente.

Troquei outro olhar com Jamie. Aquilo estava parecendo sério.

— Joseph — ele disse com um leve tom de ameaça. — Está frio. — Limpou o nariz nas costas da mão. — Quem engravidou sua filha? Me dê o nome dele e pela manhã ele estará casado com ela ou morto aos pés dela, como você quiser. Mas vamos fazer isso dentro de casa, junto à lareira, está bem?

— Beardsley — o sr. Wemyss disse, em um tom que sugeria visões de absoluto desespero.

— Beardsley? — Jamie repetiu. Ergueu uma das sobrancelhas para mim. Não era o que eu esperaria, mas ao ouvir o nome também não levei um choque.

— Qual dos Beardsley? — ele perguntou, com relativa paciência. — Jo? Ou Kezzie?

O sr. Wemyss soltou um suspiro profundo que parecia ter vindo das profundezas do seu ser.

— Ela não sabe — ele disse inexpressivamente.

— Santo Deus! — Jamie exclamou. Estendeu a mão para o uísque outra vez e bebeu vários goles.

— Ahã — pigarreei, lançando-lhe um olhar significativo quando ele abaixou a jarra. Entregou-a a mim sem comentários e endireitou-se em sua pedra, a camisa emplastada contra o peito pelo vento, que já soltara seus cabelos e os açoitava às suas costas.

— Muito bem, então — ele disse com firmeza. — Vamos chamar os dois e descobrir a verdade.

— Não — o sr. Wemyss disse —, não vamos. Eles também não sabem.

Eu havia enchido a boca com um gole do uísque bruto. Diante disso, engasguei, cuspiendo o uísque pelo queixo.

— Eles o quê?! — exclamei com um grasnido, limpando o rosto com a ponta da minha capa. — Quer dizer... os dois?

O sr. Wemyss olhou para mim. Em vez de responder, no entanto, ele piscou uma vez. Em seguida, seus olhos se reviraram para trás e ele caiu de cabeça da pedra onde estava, nocauteado.

Consegui restaurar o sr. Wemyss à semiconsciência, mas não a ponto de conseguir fazê-lo caminhar. Assim, Jamie foi obrigado a carregar o homenzinho sobre os ombros, como um veado morto; não era um feito menor, considerando-se o terreno acidentado que ficava entre o esconderijo do uísque e o novo chão de maltagem, e o vento que nos açoitava com pedacinhos de cascalhos, folhas e cones de pinheiros arremessados pelos ares. Nuvens ameaçadoras rolavam pelo alto da montanha, escuras e encrespadas como espuma de sabão da lavagem de roupas sujas, espalhando-se rapidamente pelo céu. Se não corrêssemos, iríamos ficar encharcados.

A caminhada ficou mais fácil quando chegamos ao caminho de casa, mas o humor de Jamie não melhorou com a súbita melhora do sr. Wemyss neste ponto e o subsequente vômito na frente de sua camisa. Após uma rápida tentativa de limpar a sujeira, reorganizamos nossa estratégia e continuamos com o sr. Wemyss precariamente equilibrado entre nós, cada qual agarrando-o

firmemente pelo cotovelo, enquanto ele escorregava e tropeçava, os joelhos ossudos cedendo em momentos inesperados, como Pinóquio com seus fios cortados.

Jamie tagarelava consigo mesmo sem parar, baixinho, em gaélico, nesta fase da caminhada, mas estancou abruptamente quando entramos no pátio. Um dos gêmeos Beardsley estava lá, pegando galinhas para a sra. Bug antes da tempestade; segurava duas delas pelas pernas, de cabeça para baixo, como um grotesco buquê marrom e amarelo. Parou ao nos ver e olhou curiosamente para o sr. Wemyss.

— O que... — o rapaz começou a dizer. Não foi além. Jamie largou o braço do sr. Wemyss, deu duas passadas e desfechou um soco no estômago do gêmeo, com força suficiente para fazê-lo se dobrar, largar as galinhas, cambalear para trás e estatelar-se no chão. As galinhas bateram em retirada, com uma nuvem de penas espalhadas, gritando esganiçadamente.

O rapaz contorceu-se pelo chão, a boca abrindo e fechando em uma busca infrutífera por ar, mas Jamie não lhe deu atenção. Abaixou-se, agarrou o rapaz pelos cabelos e falou alto e diretamente em seu ouvido — para o caso de ser Kezzie, imaginei.

— Vá chamar seu irmão. No meu escritório. Agora.

O sr. Wemyss ficara observando essa interessante cena, boquiaberto e com um braço sobre meus ombros para se apoiar. Continuou com a boca aberta enquanto virava a cabeça, acompanhando Jamie que voltava a passos largos em nossa direção. Depois, pestanejou e fechou-a, enquanto Jamie segurava seu braço e, removendo-o habilmente de mim, foi empurrando-o para dentro de casa sem olhar para trás.

Olhei com ar de reprovação para o Beardsley no chão.

— Como pôde fazer isso? Ele abriu e fechou a boca sem emitir nenhum som, como um peixinho de aquário, os olhos

arregalados, depois conseguiu produzir um longo chiado de inalação, o rosto roxo.

— Jo? Qual foi o problema, está ferido? — Lizzie saiu do meio das árvores, duas galinhas agarradas pelas pernas em cada mão. Olhava preocupadamente para... bem, eu achava que era Jo; se alguém soubesse distinguir um do outro, sem dúvida seria Lizzie.

— Não, ele não está ferido — afirmei. — Mas. — Apontei um dedo acusador para ela. — Você, mocinha, vá colocar estas galinhas no galinheiro e depois... — Hesitei, olhando para o garoto no chão, o qual recuperara suficientemente o fôlego para arquejar e cautelosamente procurava se sentar. Eu não creia levá-la ao meu consultório, não se Jamie e o sr. Wemyss estivessem estripando os Beardsley do outro lado do corredor.

— Eu vou com você — resolvi apressadamente, enxotando-a para longe de Jo. — Xô, xô.

— Mas... — Ela lançou um olhar desnorteado para Jo... sim, era Jo; ele passou a mão pelos cabelos para tirá-lo do rosto, e eu vi a cicatriz do polegar.

— Ele está bem — eu disse, virando-a na direção do galinheiro com um firme aperto da mão em seu ombro. — Ande.

Olhei para trás e vi que Jo Beardsley conseguira ficar em pé e, com a mão pressionando o estômago dolorido, partia na direção do estábulo, provavelmente para trazer seu irmão gêmeo, como lhe fora ordenado.

Olhei novamente para Lizzie, com os olhos estreitados. Se o sr. Wemyss tinha razão e ela estava mesmo grávida, evidentemente era uma dessas pessoas afortunadas que não sofrem de enjoos matinais ou dos sintomas digestivos comuns no começo da gravidez; ela estava, na verdade, com uma aparência muito saudável.

Isso, por si só, deveria ter me alertado, imaginei, já que normalmente ela era pálida e magra como uma vara. Agora que eu

olhava com mais atenção, parecia haver um brilho rosado em suas feições e os cabelos louro-claros eram brilhantes onde apareciam por baixo da touca.

— De quanto tempo você está? — perguntei, segurando um galho para ela passar. Ela lançou-me um olhar rápido, engoliu em seco visivelmente, depois se agachou e passou por baixo do galho.

— Quatro meses, eu acho — ela disse docilmente, sem olhar para mim. — Hum... papai lhe contou, não foi? — Sim. Seu pobre pai — eu disse com severidade. — Ele tem razão? Os dois Beardsley? Ela deu de ombros, a cabeça baixa, mas balançou-a quase imperceptivelmente, confirmando.

— O que... o que o patrão vai fazer com eles? — ela perguntou, a voz fraca e trêmula.

— Eu realmente não sei. — Eu duvidava que o próprio Jamie tivesse formado qualquer ideia específica, embora ele tivesse dito que colocaria o canalha responsável por sua gravidez morto aos pés dela se o pai quisesse.

Agora que eu pensava melhor, a alternativa — casá-la logo de manhã — provavelmente seria mais problemática do que simplesmente matar os gêmeos.

— Não sei — repeti. Havíamos chegado ao galinheiro, uma construção sólida, protegida sob a ampla copa de um bordo. Várias galinhas, um pouco menos estúpidas do que suas irmãs, empoleiravam-se como frutas enormes e maduras nos galhos mais baixos da árvore, a cabeça enterrada entre as penas.

Abri a porta, liberando um sopro de amônia do interior escuro, e prendendo a respiração por causa do mau cheiro, puxei as galinhas da árvore e as atirei bruscamente para dentro. Lizzie correu para o meio das árvores próximas, arrancando as galinhas do meio das moitas e correndo de volta para atirá-las dentro do galinheiro. Grossos pingos de chuva começavam a cair, pesados

como seixos, produzindo estalidos audíveis ao bater nas folhas acima.

— Depressa! — Bati a porta atrás das últimas galinhas esganiçadas, passei o ferrolho e agarrei Lizzie pelo braço. Carregadas pela ventania, corremos para casa, as saias girando ao nosso redor como asas de pombos.

A cozinha de verão era o lugar mais próximo; irrompemos pela porta exatamente quando a tempestade desabou com um grande estrondo, uma tromba d'água que bateu no telhado de zinco com um barulho ensurdecedor.

Ficamos paradas, arquejantes, dentro da cozinha. A touca de Lizzie caíra durante a corrida e sua trança se desfizera, de modo que seus cabelos espalhavam-se pelos ombros em mechas louras e brilhantes; uma mudança notável dos fios ralos e finos que ela geralmente compartilhava com o pai. Se eu a tivesse visto sem a touca, teria sabido imediatamente.

Levei algum tempo para recuperar o fôlego, tentando decidir o que dizer a ela.

Ela estava fazendo um grande estardalhaço em se arrumar, resfolegando e puxando o corpete, alisando as saias — o tempo inteiro evitando me olhar nos olhos.

Bem, havia uma pergunta que estava me incomodando desde a chocante revelação do sr. Wemyss; melhor resolver isso de uma vez por todas. O estrondo inicial da chuva havia se reduzido a uma batida de tambor regular; era um ruído alto, mas ao menos era possível conversar.

— Lizzie. — Ela ergueu os olhos da arrumação das saias, ligeiramente espantada. — Conte-me a verdade — eu disse. Coloquei as mãos dos dois lados de seu rosto, olhando intensamente dentro de seus olhos azul-claros.

— Foi estupro? Ela pestanejou, o olhar de absoluto assombro que tomou conta de suas feições mais eloquente do que

qualquer negação falada poderia ter sido.

— Oh, não, senhora! — ela disse, com igual intensidade. — Não pode pensar que Jo ou Kezzie fariam uma coisa dessas! — Seus pequenos lábios rosados torceram-se ligeiramente. — Está achando que talvez tenham se revezado em me subjugar?

— Não — eu disse asperamente, soltando-a. — Mas achei melhor perguntar, por precaução.

Eu realmente não achava que tivesse sido estupro. Mas os Beardsley eram uma mistura tão estranha de civilizado e selvagem que era impossível dizer com certeza o que eles podiam ou não fazer.

— Mas foi realmente... hã... com ambos? Foi o que seu pai disse. Pobre coitado — acrescentei, com um tom de censura.

— Oh. — Ela abaixou as pestanas claras, fingindo ter encontrado um fio solto em sua saia. — HUUUU... bem, sim, foi. Eu realmente me sinto muito mal por ter envergonhado papai desta maneira. E não foi realmente que a gente tenha feito de propósito...

— Elizabeth Wemyss — eu disse, não com pouca rispidez —, fora estupro, e nós já descartamos isso, não é possível ter relações sexuais com dois homens sem ter a intenção. Um, talvez, mas não dois. Por falar nisso... — hesitei, mas a curiosidade comum foi simplesmente incontrolável. — Os dois ao mesmo tempo? Ela realmente pareceu chocada diante disso, o que já era algum alívio.

— Oh, não, senhora! Foi... quero dizer, eu não sabia que... — sua voz sumiu e ela ficou vermelha.

Puxei dois banquinhos de baixo da mesa e empurrei um em sua direção.

— Sente-se — eu disse — e conte-me o que houve. Não vamos a lugar nenhum por enquanto — acrescentei, olhando pela porta entreaberta para o aguaceiro lá fora. Uma névoa prateada erguia-se até a altura dos joelhos sobre todo o pátio, conforme as



gotas de chuva batiam na grama em pequenas explosões de chuvisco, e o cheiro intenso de terra molhada inundava o aposento.

Lizzie hesitou, mas sentou-se no banquinho; eu podia ver que ela chegava à conclusão de que não havia mais nada a ser feito agora além de explicar — supondo-se que a situação pudesse ser explicada.

— Você, hum, disse que não sabia — eu disse, tentando lhe oferecer uma abertura. — Você quis dizer... você achou que fosse apenas um dos gêmeos, mas eles, hã, a enganaram?

— Bem, sim — ela disse, e inspirou o ar frio com sofreguidão. — Algo assim. Veja, foi quando a senhora e o patrão foram a Bethabara para comprar o novo bode. A sra. Bug estava acamada com lumbago e éramos apenas eu e papai na casa, mas então ele foi a Woolam buscar a farinha, e assim eu fiquei sozinha.

— A Bethabara? Isso foi há seis meses! E você está com quatro meses! Quer dizer que durante esse tempo todo você andou... bem, não importa, deixe pra lá. O que aconteceu, então?

— A febre — ela disse simplesmente. — A febre voltou.

Ela estava pegando lenha quando os primeiros calafrios da malária a atingiram. Reconhecendo o que a acometia, ela largara a lenha e tentara chegar em casa, mas caiu no meio do caminho, os músculos frouxos como uma corda.

— Fiquei caída no chão — ela explicou — e podia sentir a febre tomando conta de mim. É como uma grande besta, sabe? Posso senti-la me agarrando com suas mandíbulas e mordendo; meu sangue corre quente e depois gelado, e os dentes da besta fincam-se em meus ossos. Posso sentir sua força, tentando partir meus ossos ao meio e sugar o tutano. — Estremeceu com a lembrança.

Um dos Beardsley — ela achava que era Kezzie, mas não estava em condições de perguntar — a encontrou caída no pátio. Foi correndo buscar seu irmão e os dois juntos a levantaram e

carregaram para dentro de casa, levando-a para cima, para sua cama.

— Meus dentes batiam tanto que pensei que iriam se quebrar, mas eu disse a eles para irem buscar o unguento, aquele com gallberries, o unguento que você fez.

Eles vasculharam o armário do consultório até encontrarem a pomada, depois, como ela ficasse cada vez mais quente de febre, tiraram seus sapatos e meias, e começaram a esfregar a pomada em seus pés e mãos.

— Eu disse a eles... eu disse que tinham que passar a pomada em meu corpo todo — ela disse, as faces ficando da cor de peônias. Abaixou os olhos, brincando com uma mecha de cabelos. — Eu estava... bem, eu estava quase louca de febre, realmente estava. Mas eu sabia que precisava muito do remédio.

Balancei a cabeça, começando a compreender. Não a culpava; já vira a malária dominá-la. E quanto a isso, ela agira corretamente; ela realmente precisava do remédio e não poderia aplicá-lo ela mesma.

Desesperados, os dois rapazes fizeram o que ela disse, tiraram suas roupas desajeitadamente e esfregaram a pomada em cada centímetro de seu corpo nu.

— Eu perdia os sentidos de vez em quando — ela explicou —, com os delírios da febre saindo da minha cabeça e andando pelo quarto, de modo que é tudo meio confuso, o que eu me lembro. Mas eu acho que um deles disse ao outro que estava ficando todo sujo de pomada e iria estragar a camisa, que era melhor tirá-la.

— Sei — eu disse, a cena vívida diante de mim. — E então...

E então ela perdera inteiramente a consciência do que estava acontecendo, exceto que toda vez que vinha à superfície da febre, os rapazes ainda estavam lá, falando com ela e entre si, o murmúrio de suas vozes uma pequena âncora à realidade e suas mãos nunca abandonando seu corpo, alisando e afagando, e o cheiro forte de

gallberries penetrando pela fumaça do fogo da lareira e o cheiro de cera de abelha da vela.

— Eu me senti... segura — ela disse, esforçando-se para explicar. — Não me lembro muito bem de nada, apenas de abrir os olhos uma vez e ver o peito dele bem diante de meu rosto, e os pelos cacheados ao redor de seus mamilos, e eles pequenos, marrons e enrugados, como passas. — Virou o rosto para mim, os olhos ainda arregalados com a lembrança. — Ainda posso ver isso, como se estivesse diante de mim neste minuto. É estranho, não?

— Sim — concordei, embora de fato não fosse; havia alguma coisa a respeito de febre alta que embaçava a realidade, mas ao mesmo tempo podia gravar certas imagens tão profundamente na mente que jamais se apagavam. — E então...?

Então, ela começara a tremer violentamente com os calafrios, que nem mais cobertores nem uma pedra quente aos seus pés ajudaram.

Assim, um dos rapazes, desesperado, enfiara-se debaixo das cobertas ao seu lado e a abraçara, tentando afastar o frio de seus ossos com o próprio calor — o qual, pensei cinicamente, devia ser considerável a essa altura.

— Eu não sabia deles, nem se foi o mesmo a noite toda, ou se eles se revezavam de vez em quando, mas sempre que eu acordava, ele estava lá, com os braços ao meu redor. E às vezes, ele afastava as cobertas e esfregava mais pomada nas minhas costas e... e... ao redor... — Gaguejou, enrubescendo. — Mas quando acordei de manhã, a febre passara, como sempre acontece no segundo dia.

Olhou para mim, suplicando por compreensão.

— A senhora sabe como é, quando se tem uma febre muito alta? É sempre do mesmo jeito, então acho que deve ser assim com todo mundo.

Mas é... tranquilo. Suas pernas e braços ficam tão pesados que não se consegue nem pensar em movê-los, mas você não se

importa. E tudo que vê, todas as pequenas coisas que não se nota no dia a dia, você percebe, e são muito bonitas — ela disse simplesmente. — Às vezes, acho que será assim quando eu morrer. Eu simplesmente vou acordar e tudo será assim, belo e tranquilo... só que eu serei capaz de me mexer.

— Mas você acordou dessa vez e não pôde — eu disse. — E o rapaz, qualquer que tenha sido, ele ainda estava lá, com você?

— Era Jo — ela disse, balançando a cabeça. — Ele falou comigo, mas não prestei muita atenção no que ele disse, e acho que ele também não.

Ela mordeu o lábio inferior momentaneamente, os dentes pequenos, afiados e brancos.

— Eu... eu nunca tinha feito isso, senhora. Mas cheguei perto, uma ou duas vezes, com Manfred. E mais perto ainda com Bobby Higgins. Mas Jo nunca havia sequer beijado uma garota, nem tampouco seu irmão. Então, veja bem, na verdade foi culpa minha, pois eu sabia muito bem o que estava acontecendo, mas... nós dois estávamos escorregadios com o unguento, e ainda por cima nus embaixo das cobertas, e... aconteceu.

Balancei a cabeça, compreendendo perfeita e detalhadamente.

— Sim, compreendo bem como aconteceu. Mas depois, isso... hã... continuou acontecendo, não? Franziu os lábios e ficou vermelha outra vez.

— Bem... sim. Continuou. E... é tão bom, senhora — sussurrou, inclinando-se um pouco na minha direção, como se compartilhasse um importante segredo.

Passei o nó de um dedo com força sobre os lábios.

— Hum, sim. Muito. Mas...

Os Beardsley haviam lavado os lençóis segundo sua instrução e não havia mais nenhum vestígio incriminador quando seu pai retornou, dois dias mais tarde. As gallberries haviam feito

seu trabalho e, embora ainda estivesse fraca e cansada, ela disse ao sr. Wemyss apenas que tivera uma crise leve.

Enquanto isso, encontrava-se com Jo em cada oportunidade, no capim alto de verão atrás da leiteria, na palha fresca no estábulo — e quando chovia, de vez em quando na varanda da cabana dos Beardsley.

— Eu não entrava, por causa do mau cheiro das peles de animais — ela explicou. — Mas colocávamos uma colcha velha na varanda, para eu não ficar com farpas no traseiro, e a chuva caindo a apenas alguns passos...

— Olhou sonhadoramente pela porta entreaberta, para a chuva que abrandara e se transformara em um chuvisco constante, fazendo as agulhas dos pinheiros tremerem conforme caía.

— E quanto a Kezzie? Onde estava ele, enquanto tudo isso acontecia? — perguntei.

— Ah. Bem, Kezzie — ela disse, respirando fundo.

Haviam feito amor no estábulo e Jo a deixara deitada em sua capa na palha, observando-o enquanto ele se levantava e se vestia. Então, ele a beijara e se virara para a porta. Vendo que ele havia esquecido seu cantil, chamou-o baixinho.

— E ele não respondeu, nem se virou — ela disse. — E percebi de repente que ele não me ouvira.

— Ah, sei — eu disse baixinho. — Você, hã, não sabia distinguir um do outro?

Ela lançou-me um olhar franco e azul.

— Agora eu sei — ela disse.

No começo, entretanto, sexo era uma novidade tão grande — e os irmãos ambos inexperientes — que ela não notou nenhuma diferença.

— Quanto tempo...? — perguntei. — Quero dizer, você tem ideia de quando eles... hã...?

— Não com certeza — ela admitiu. — Mas se eu fosse adivinhar, acho que a primeira vez foi Jo... não, tenho certeza de que foi Jo, pois vi seu polegar, mas a segunda vez provavelmente foi Kezzie. Eles compartilham, sabe? Eles realmente compartilhavam — tudo. Assim, era a coisa mais natural do mundo — para os três, evidentemente — que Jo quisesse compartilhar essa nova maravilha com o irmão.

— Sei que parece... estranho — ela disse, estremeando um pouco. — E imagino que eu deveria ter dito alguma coisa, ou feito alguma coisa... mas eu não sabia o quê. E na verdade — ergueu os olhos para mim, desamparada —, não parecia nem um pouco errado. Eles são diferentes, sim, mas ao mesmo tempo são tão unidos... bem, é apenas como se eu estivesse tocando um dos rapazes, falando com ele, mas ele tivesse dois corpos.

— Dois corpos — eu disse, um pouco confusa. — Bem, sim. Há apenas uma dificuldade, sabe, os dois corpos se separam. — Olhei-a atentamente. Apesar do histórico de malária e de sua constituição delicada, ela havia definitivamente ganhado peso; os seios pequenos, mas rechonchudos avolumavam-se para fora do corpete e, embora estivesse sentada sobre ele de modo que eu não podia ter certeza, muito provavelmente um traseiro combinando. O que era realmente de admirar é que ela tivesse levado três meses para engravidar.

Como se lesse minha mente, ela disse: — Eu tomei as sementes, sabe? As que Bri e a senhora tomam. Eu tinha uma reserva guardada, de quando fiquei noiva de Manfred; a srta. Bri foi quem as deu para mim. Eu pretendia juntar mais, mas nem sempre me lembrava e... — Deu de ombros outra vez, colocando as mãos sobre a barriga.

— E com isso você continuou a não dizer nada — observei. — Seu pai descobriu por acaso? — Não, eu contei a ele — ela disse.

— Achei melhor, antes que começasse a aparecer. Jo e Kezzie foram comigo.

Isso explicava muito bem o fato de o sr. Wemyss ter recorrido à bebida forte. Talvez devêssemos ter trazido a jarra conosco.

— Seu pobre pai — eu disse outra vez, mas distraidamente.  
— Vocês três conseguiram formular algum tipo de plano? — Bem, não — ela admitiu. — Até hoje de manhã, eu também não tinha dito aos rapazes que estava de barriga. Eles pareceram um pouco desconcertados — ela acrescentou, mordendo o lábio outra vez.

— Imagino. — Olhei para fora; ainda chovia, mas o aguaceiro havia cedido momentaneamente, formando apenas furinhos nas poças do caminho. Passei a mão pelo rosto, sentindo-me repentinamente cansada.

— Qual você vai escolher? — perguntei.

Ela me lançou um olhar repentino, perplexo, o sangue fugindo de seu rosto.

— Não pode ter os dois, você sabe — eu disse afavelmente.  
— Não funciona assim.

— Por quê? — ela disse, tentando ser atrevida, mas sua voz tremia. — Não está prejudicando ninguém. E não é da conta de ninguém, só nossa.

Eu mesma comecei a sentir a necessidade de um drinque forte.

— Hoho — eu disse. — Tente dizer isso ao seu pai. Ou ao sr. Fraser.

Em uma cidade grande, talvez você pudesse se safar. Mas aqui? Tudo que acontece é da conta de todo mundo, e você sabe disso. Hiram Crombie mandaria apedrejá-la por fornicação assim que olhasse para você, se descobrisse. — Sem esperar uma resposta, levantei-me. — Bem. Vamos voltar para a casa e ver se os

dois ainda estão vivos. O sr. Fraser pode ter feito justiça com as próprias mãos e solucionado o problema para você.

Os gêmeos ainda estavam vivos, mas não pareciam particularmente felizes com esse fato. Estavam sentados lado a lado no meio do gabinete de Jamie, apertados um contra o outro como se tentassem se reunir em um único corpo.

Suas cabeças viraram-se bruscamente para a porta, em sincronia. Os olhares de temor e preocupação misturando-se com alegria em ver Lizzie.

Eu a conduzia pelo braço, mas quando ela viu os gêmeos, libertou-se e correu para eles com uma pequena exclamação, passando o braço pelo pescoço de cada um dos rapazes e puxando-os para seu peito.

Vi que um dos garotos tinha um olho roxo, apenas começando a inchar; achei que deveria ser Kezzie, embora eu não soubesse se isso se devia à noção de justiça de Jamie ou se era meramente um meio conveniente de garantir que ele pudesse diferenciar um gêmeo do outro enquanto falava com eles.

O sr. Wemyss também estava vivo, embora não parecesse mais satisfeito com isso do que os Beardsley. Estava pálido, com os olhos vermelhos, e ainda um pouco verde ao redor das narinas, mas ao menos estava ereto e razoavelmente sóbrio, sentado ao lado da mesa de Jamie.

Havia uma xícara de café de chicória diante dele — eu podia saber pelo cheiro — mas parecia intocado até então.

Lizzie ajoelhou-se no chão, ainda agarrada aos dois rapazes, as três cabeças unidas como os lóbulos de uma folha de trevo enquanto murmuravam entre si.

"Está ferido?", ela dizia, e "Você está bem?", eles perguntavam, um emaranhado absoluto de mãos e braços enquanto buscavam, Tateavam, acariciavam e se abraçavam. Faziam-me lembrar apenas de um polvo ternamente solícito.



Olhei para Jamie, que contemplava aquele comportamento com um olhar desconfiado. O sr. Wemyss emitiu um pequeno gemido e enterrou a cabeça nas mãos.

Jamie limpou a garganta com um ruído escocês grave, de extrema ameaça, e o rebuliço no meio do aposento parou como se os protagonistas tivessem sido atingidos por raios paralisantes. Muito devagar, Lizzie virou a cabeça para olhar para ele, o queixo erguido, os braços ainda protetoramente presos aos pescoços dos Beardsley.

— Sente-se, menina — Jamie disse com relativa afabilidade, indicando um banquinho vazio com um sinal da cabeça.

Lizzie levantou-se, virou-se, os olhos ainda fixos nele. Mas não fez nenhuma menção de sentar-se no banquinho. Em vez disso, deu a volta deliberadamente para trás dos gêmeos e ficou de pé entre eles, colocando as mãos no ombro de cada um.

— Vou ficar em pé, senhor — ela disse, a voz alta e fina de medo, mas cheia de determinação. Como um mecanismo de relógio, cada gêmeo estendeu o braço e segurou a mão em seu ombro, os rostos assumindo expressões simultâneas de apreensão e lealdade.

Jamie sabiamente resolveu não criar caso com isso. Em vez disso, balançou a cabeça para mim de um jeito espontâneo. Eu mesma sentei-me no banquinho, surpreendentemente feliz por me sentar.

— Os rapazes e eu estivemos conversando com seu pai — ele disse, dirigindo-se a Lizzie. — É verdade o que você disse a seu pai? Que está grávida e não sabe quem é o pai? Lizzie abriu a boca, mas não emitiu nenhuma palavra. Preferiu balançar a cabeça repetidamente, em uma confirmação embaraçosa.

— Sim. Muito bem, então você terá que se casar e quanto mais cedo melhor — ele disse, em um tom de voz impessoal. — Os rapazes não conseguiram decidir qual deles deveria ser, de modo

que cabe a você, menina. Qual dos dois? Todas as seis mãos se enrijeceram com um lampejo de nós dos dedos brancos. Era realmente fascinante — e não pude deixar de sentir pena dos três.

— Não posso — Lizzie sussurrou. Depois, limpou a garganta e tentou de novo. — Não posso — repetiu com mais força. — Eu não... não quero escolher. Eu amo os dois.

Jamie abaixou os olhos para suas mãos cruzadas por um instante, franzindo os lábios enquanto pensava. Em seguida, ergueu a cabeça e olhou para ela, muito diretamente, sem se alterar. Eu a vi empertigar-se, os lábios pressionados com força, trêmulos, mas decididos, determinada a enfrentá-lo.

Então, com um intervalo realmente diabólico, Jamie virou-se para o sr. Wemyss.

— Joseph? — ele disse, suavemente.

O sr. Wemyss permanecera sentado, petrificado, os olhos fincados na filha, as mãos pálidas em volta de sua xícara de café. Mas ele não hesitou, nem mesmo pestanejou.

— Elizabeth — ele disse, a voz muito suave —, você ama a mim? Sua fachada de desacato espatifou-se como um ovo caído, as lágrimas assomando aos seus olhos.

— Oh, papai! — ela disse. Ela largou os gêmeos e correu para o pai, que se levantou a tempo de prendê-la com força entre os braços, o rosto pressionado contra seus cabelos. Ela agarrou-se a ele, soluçando, e eu ouvi um pequeno suspiro de um dos gêmeos, embora eu não soubesse de qual.

O sr. Wemyss balançou-se suavemente com ela, dando-lhe tapinhas nas costas e tentando acalmá-la, as palavras que murmurava indistinguíveis dos soluços e das exclamações entrecortadas da filha.

Jamie observava os gêmeos — não sem compaixão. Suas mãos estavam entrelaçadas com força e os dentes de Kezzie estavam fincados no lábio inferior.

Lizzie se separou de seu pai, fungando e tateando vagamente por um lenço. Tirei um do bolso, levantei-me e o entreguei a ela. Lizzie assoou o nariz com força e enxugou os olhos, tentando não olhar para Jamie; ela sabia muito bem onde estava o perigo.

Era, no entanto, um aposento relativamente pequeno, e Jamie não era uma pessoa que pudesse ser facilmente ignorada, mesmo em um grande.

Ao contrário de meu consultório, as janelas do gabinete eram pequenas e altas nas paredes, o que dava ao aposento em circunstâncias normais uma agradável sensação de aconchego. No momento, com a chuva ainda caindo lá fora, uma luz cinzenta enchia o cômodo e o ar era frio.

— Agora não é mais uma questão de quem você ama, menina — Jamie disse muito delicadamente. — Nem mesmo seu pai. — Balançou a cabeça indicando sua barriga. — Você carrega uma criança no ventre.

Nada mais importa além de agir certo com ela. E isso não inclui retratar a mãe como uma prostituta, não é? Suas faces se afoguearam, roxas.

— Não sou uma prostituta! — Eu não disse que é — Jamie retrucou calmamente. — Mas as outras pessoas dirão e a notícia do que você andou fazendo corre depressa, menina. Abrindo as pernas para dois homens e sem ser casada com nenhum deles? E agora esperando um filho, sem saber o nome do pai? Ela desviou os olhos dele com raiva — e viu o próprio pai, a cabeça baixa e as próprias faces escurecendo-se de vergonha. Ela soltou um pequeno gemido, inconsolável, e enterrou o rosto nas mãos.

Os gêmeos remexeram-se desconfortavelmente, entreolhando-se, e Jo fez menção de se levantar — então, percebeu um olhar de magoada repreensão do sr. Wemyss e mudou de ideia.

Jamie suspirou ruidosamente e esfregou o nó de um dedo pelo cavalete do nariz. Levantou-se, então, inclinou-se junto à lareira e puxou dois talinhos do cesto de gravetos e palha para iniciar o fogo.

Segurando-os em seu punho cerrado, estendeu-os para os gêmeos.

— Quem tirar a palhinha mais curta se casa com ela — ele disse com resignação.

Os gêmeos olharam-no, boquiabertos. Então, Kezzie engoliu em seco, fechou os olhos e puxou uma palha, cuidadosamente, como se pudesse estar ligado a algum explosivo. Jo manteve os olhos abertos, mas não olhou para o talinho que puxou; seus olhos estavam fixos em Lizzie.

Todos pareceram soltar a respiração no mesmo instante, olhando para os talinhos de palha.

— Muito bem, então. Levante-se — Jamie disse a Kezzie, que segurava o talinho curto. Parecendo atordoado, ele obedeceu.

— Segure a mão dela — Jamie disse-lhe pacientemente. — Agora, jure diante destas testemunhas — balançou a cabeça, indicando a mim e ao sr. Wemyss — que você aceita Elizabeth Wemyss como sua esposa? Kezzie balançou a cabeça, depois limpou a garganta e empertigou-se.

— Sim, juro — disse com firmeza.

— E você, assanhada, aceita Keziah... Você é mesmo Keziah? — ele perguntou, estreitando os olhos, em dúvida, para o gêmeo. — Sim, muito bem, Keziah. Aceita-o como marido? — Sim — Lizzie disse, soando completamente confusa.

— Ótimo — Jamie disse, com vivacidade. — Estão comprometidos.

Assim que arranjarmos um padre, serão adequadamente abençoados, mas já estão casados. — Olhou para Jo, que se levantara.

— E você — ele disse com firmeza —, vai embora. Esta noite. Não voltará até a criança nascer.

Os lábios de Jo estavam exangues, mas ele assentiu. Ele mantinha as duas mãos pressionadas contra o corpo, não onde Jamie lhe dera um soco, porém mais acima, sobre o coração. Senti uma pontada de dor no mesmo lugar, ao ver o seu semblante.

— Muito bem, então. — Jamie respirou fundo, os ombros arriando-se ligeiramente. — Joseph, você ainda tem o contrato de casamento que redigiu para sua filha e o jovem McGillivray? Vá buscá-lo, sim?, e trocaremos o nome.

Parecendo um caracol colocando a cabeça para fora depois de uma tempestade, o sr. Wemyss balançou a cabeça cautelosamente. Olhou para Lizzie, ainda parada, de mãos dadas com o noivo, os dois parecendo Lot e a sra. Lot, respectivamente. O sr. Wemyss bateu de leve no ombro de Lizzie e saiu apressadamente, os pés ressoando nas escadas.

— Vai precisar de uma nova vela, não é? — eu disse a Jamie, inclinando a cabeça significativamente na direção de Lizzie e dos gêmeos.

O toco de vela em seu castiçal ainda tinha dois centímetros para queimar, mas achei justo dar-lhes alguns instantes de privacidade.

— Hein? Oh, sim — ele disse, percebendo o que eu queria dizer.

Tossiu. — Eu, ah, vou buscá-la.

Assim que entramos no consultório, ele fechou a porta, encostou-se nela e deixou a cabeça pender, sacudindo-a.

— Oh, meu Deus — exclamou.

— Pobrezinhos — eu disse, com compaixão. — Quer dizer... você tem que sentir pena deles.

— Tenho? — Cheirou a camisa, que secara, mas ainda exibia uma nítida mancha de vômito na frente, depois se endireitou,

esticando-se até suas costas estalarem. — Sim, creio que sim — admitiu. — Mas... oh, Santo Deus! Ela lhe contou como aconteceu?

— Sim. Eu lhe contarei os detalhes grotescos mais tarde. — Ouvi os passos do sr. Wemyss descendo as escadas. Peguei duas velas novas da fileira pendurada junto ao teto e segurei-as, esticando o longo pavio que as unia. — Tem uma faca à mão?

Sua mão dirigiu-se automaticamente à cintura, mas não estava carregando sua adaga.

— Não. Mas tenho um canivete em cima da escrivaninha.

Ele abriu a porta no exato momento em que o sr. Wemyss entrava no escritório. A exclamação de choque do sr. Wemyss me atingiu simultaneamente ao cheiro de sangue.

Jamie empurrou o sr. Wemyss para o lado sem a menor cerimônia e eu corri atrás dele, o coração na boca.

Os três estavam de pé junto à escrivaninha, bem juntos. Um jato de sangue fresco manchava a escrivaninha e Kezzie segurava meu lenço ensanguentado enrolado na mão. Ergueu os olhos para Jamie, o rosto pálido como o de um fantasma à luz bruxuleante da vela. Seus dentes estavam cerrados, mas ele conseguiu esboçar um sorriso.

Um pequeno movimento chamou minha atenção e eu vi Jo, cuidadosamente segurando a lâmina do canivete de Jamie sobre a chama da vela. Agindo como se não houvesse ninguém ali, pegou a mão de seu irmão, tirou o lenço, e pressionou o metal quente contra o oval em carne viva do ferimento no polegar de Kezzie.

O sr. Wemyss soltou um pequeno gemido sufocado e o cheiro de carne tostada misturou-se ao cheiro de chuva. Kezzie inspirou fundo, em seguida soltou a respiração, e sorriu tortuosamente para Jo.

— Boa sorte, irmão — ele disse, a voz um pouco alta demais e sem entonação.

— Muitas felicidades para você, irmão — Jo disse, no mesmo tom de voz.

Lizzie permaneceu entre eles, pequena e desarrumada, os olhos vermelhos fixos em Jamie. E sorriu.

*TÃO ROMÂNTICO*

Brianna conduziu o carrinho devagar pela ladeira da colcha sobre a perna de Roger, atravessou sua barriga e entrou no meio de seu peito, onde ele capturou tanto o carro quanto a mão de sua mulher, dando-lhe um sorriso enviesado.

— Este é um carro realmente bom — ela disse, libertando sua mão e deitando-se confortavelmente ao lado de Roger. — As quatro rodas giram.

De que tipo é? Um Morris Minor, como aquele carrinho cor de laranja que você tinha na Escócia? Era a coisa mais linda que eu já tinha visto, mas nunca compreendi como você conseguia se espremer ali dentro.

— Usando talco — ele afirmou. Levantou o brinquedo e fez girar uma das rodas da frente com um peteleco do polegar. — Sim, é um bom carro, não? Não pretende ser um modelo específico, mas acho que eu estava me lembrando daquele seu Ford Mustang. Lembra-se daquela vez que descemos as montanhas com ele? — Seus olhos se enterneceram com a lembrança, o verde da íris quase preto na luz turva do fogo abafado.

— Sim. Eu quase saí da estrada quando você me beijou a cento e trinta por hora.

Aproximou-se mais dele instintivamente, cutucando-o com um dos joelhos. Ele virou-se de lado para ficar de frente para ela e beijou-a outra vez, enquanto fazia o carro correr agilmente para trás



ao longo de sua espinha dorsal e pela curva de suas nádegas. Ela deu um gritinho e contorceu-se contra ele, tentando escapar das rodinhas que faziam cócegas, e depois o golpeou nas costelas.

— Pare com isso! — Pensei que você achasse a velocidade erótica. Vruuum — ele murmurou, fazendo o carrinho subir pelo seu braço e repentinamente deslizar por dentro da gola de sua camisola. Ela tentou agarrar o brinquedo, mas ele o retirou com um arranco, depois mergulhou a mão embaixo das cobertas, fazendo as rodinhas girarem por sua coxa abaixo — e logo loucamente para cima outra vez.

Seguiu-se uma furiosa luta livre pela posse do carro, que terminou com ambos no chão em um emaranhado de cobertas e roupas de dormir, ofegantes e rindo incontrolavelmente.

— Ssh! Vai acordar Jemmy! — Ela arquejava e se contorcia, tentando escapar do peso do corpo de Roger sobre ela. Seguro com sua vantagem de uns vinte e cinco quilos, ele meramente relaxou o corpo sobre o dela, prendendo-a no chão.

— Você não conseguiria acordá-lo nem com um tiro de canhão — Roger disse, com uma certeza nascida da experiência. Era verdade; uma vez passada a fase de acordar a intervalos para ser alimentado, Jem sempre dormira como uma pedra em estado de coma.

Ela se acalmou, soprando o cabelo para fora dos olhos e ganhando tempo.

— Você acha que algum dia irá a algum lugar a cento e trinta por hora outra vez? — Só se eu cair da beira de um desfiladeiro muito profundo. Você está nua, sabia? «« — Bem, você também! — Sim, mas eu já estava desde o começo. Onde está o carro? — Sei lá — ela mentiu. Na realidade, estava debaixo de suas costas, e muito desconfortável, mas não pretendia dar a ele nenhuma vantagem. — Para que você o quer? — Oh, eu pretendia explorar um pouco o terreno — ele disse, levantando-se sobre um

cotovelo e fazendo os dedos "caminharem" devagar pela curva superior de um seio. — Mas acho que posso fazer isso a pé. Leva mais tempo, mas você pode apreciar melhor a paisagem. Assim dizem.

— Hummm. — Ele podia prendê-la com seu peso, mas não podia conter seus braços. Ela estendeu um dedo indicador e colocou a unha bem em cima do mamilo de Roger, fazendo-o inspirar profundamente. — Você tem em mente uma longa caminhada? — Ela olhou para a pequena prateleira perto da cama, onde guardava seus anticoncepcionais.

— Bastante longa. — Ele seguiu o olhar de Brianna, depois voltou e a olhou nos olhos, uma pergunta estampada nos seus.

Ela contorceu-se para ficar mais confortável, disfarçadamente deslocando o carrinho.

— Dizem que uma jornada de mil quilômetros começa com um único passo — ela disse. Em seguida, levantando a cabeça, colocou a boca em seu mamilo e cerrou os dentes delicadamente. Um instante depois, soltou-o. — Não faça barulho — ela disse em tom de repreensão. — Vai acordar Jemmy.

— Onde está sua tesoura? Vou cortar as pontas.

— Não vou lhe dizer. Gosto dele comprido. — Ela afastou os cabelos escuros e macios do seu rosto e beijou a ponta do seu nariz, o que pareceu desconcertá-lo ligeiramente. Mas ele sorriu e beijou-a também, rapidamente, antes de se sentar, tirando os cabelos do rosto com uma das mãos.

— Isso não pode ser confortável — ele disse, olhando para o berço.

— Não acha que eu deveria levá-lo para sua própria cama? Brianna ergueu os olhos para o berço de sua posição no chão. Jemmy, com quatro anos, há muito passara a ocupar uma cama portátil, com rodinhas, mas de vez em quando insistia em dormir no berço, em nome dos velhos tempos, enfiando-se à força

teimosamente, apesar do fato de não conseguir manter as pernas e a cabeça dentro da armação de madeira ao mesmo tempo. No momento, ele estava invisível, salvo por duas pernas nuas e rechonchudas que se projetavam no ar em uma das extremidades.

Ele estava tão crescido, ela pensou. Ainda não sabia ler direito, mas conhecia todas as letras e sabia contar até cem e escrever seu nome. E sabia carregar uma arma; seu avô lhe ensinara.

— Vamos contar a ele? — ela perguntou repentinamente. — E se assim for, quando? Roger devia estar pensando algo na mesma linha, pois pareceu compreender exatamente o que ela queria dizer.

— Meu Deus, como se conta a uma criança algo assim? — ele disse.

Levantou-se e pegou um punhado de cobertas, sacudindo-as na esperança de achar a tira de couro com que prendia seus cabelos.

— Você não contaria a uma criança se ela fosse adotada? — ela objetou, sentando-se e passando as duas mãos pela própria cabeleira abundante. — Ou se houvesse algum escândalo familiar, como seu pai não estar morto, estar na prisão? Se você conta enquanto são pequenos, não faz muita diferença para eles, eu acho; sentem-se confortáveis com isso quando ficam mais velhos. Se descobrem mais tarde, é um choque.

Ele lançou-lhe um olhar irônico, de viés.

— Você deve saber.

— Você também. — Ela falou secamente, mas sentiu o eco da sensação, mesmo agora. Incredulidade, raiva, negação; e depois, o súbito colapso de seu mundo quando começou, a contragosto, a acreditar. A sensação de vazio e abandono; e a sensação de fúria e traição ao descobrir o quanto de tudo que acreditava como verdadeiro na realidade era mentira.

— Para você, ao menos, não foi uma escolha — ela disse, esgueirando-se em uma posição mais confortável contra a beirada

da cama. — Ninguém sabia a seu respeito; ninguém poderia ter lhe contado o que você era, mas não o fez.

— Oh, e você acha que eles deveriam ter lhe contado sobre a viagem no tempo quando era pequena? Seus pais? — Ele ergueu uma sobrancelha escura, cinicamente achando graça. — Posso até ver os bilhetes da escola que levaria para casa: Brianna possui uma imaginação muito fértil, mas deve ser encorajada a reconhecer situações em que não é adequado utilizá-la.

— Ha. — Ela chutou para o lado o emaranhado de roupas e cobertas que restava. — Eu estudava em uma escola católica. As freiras teriam chamado isso de mentira e colocado um ponto final na história. Onde está minha camisola? — Ela havia saído de dentro de suas roupas durante a luta, e embora ainda estivesse quente com o calor da batalha, sentia-se desconfortavelmente exposta, mesmo nas sombras turvas do aposento.

— Tome. — Ele pegou um chumaço de linho da confusão de panos e sacudiu-o. — E você acha? — ele repetiu, erguendo os olhos para ela com uma das sobrancelhas erguidas.

— Se eu acho que deveriam ter me contado? Sim. E não — admitiu relutantemente. Pegou a camisola e enfiou-a pela cabeça. — Quero dizer... compreendo por que eles não contaram. Para começar, meu pai não acreditava. E o que ele realmente acreditava... bem, o que quer que fosse, ele pediu à minha mãe que me deixasse pensar que ele era meu pai verdadeiro. Ela deu sua palavra; não acho que ela devesse quebrar sua promessa, não. — Até onde sabia, sua mãe só quebrara sua palavra uma vez, mas com um efeito espantoso.

Ela alisou o linho amassado sobre o corpo e procurou as pontas do cordão que fechava o decote. Estava coberta agora, mas se sentia igualmente exposta, como se ainda estivesse nua. Roger estava sentado no colchão, sacudindo metodicamente os cobertores, mas seus olhos ainda estavam fixos nela, verdes e inquiridores.

— Mas ainda era uma mentira — extravasou. — Eu tinha o direito de saber! Ele balançou a cabeça devagar.

— Mmmmhum. — Ele pegou uma corda de lençol enrolado e começou a desfazê-la. — Sim, bem. Posso compreender contar a uma criança que ela é adotada ou que seu pai está na prisão. Mas isso talvez seja mais parecido com dizer a uma criança que seu pai assassinou sua mãe quando a encontrou transando com o carteiro e mais seis amigos na cozinha. Talvez não signifique muito para ela se lhe contarem enquanto for pequena, mas certamente vai chamar a atenção de seus amigos quando ela começar a contar a eles.

Brianna mordeu o lábio, sentindo-se inesperadamente aborrecida e irritada. Ela não achava que seus próprios sentimentos ainda estivessem tão à flor da pele e também não gostava do fato de estarem — nem de que Roger pudesse ver que estavam.

— Bem... sim. — Olhou para o berço. Jem se mexera; agora, estava encolhido como um ouriço, com o rosto pressionado contra os joelhos, e nada visível, salvo a curva de seu traseiro sob a camisa de dormir, erguendo-se acima da beira do berço como a lua erguendo-se acima do horizonte.

— Tem razão. Devemos esperar até que ele tenha idade suficiente para compreender que não pode contar às pessoas; que é segredo.

A tira de couro caiu de uma colcha sacudida. Ele inclinou-se para pegá-la, os cabelos escuros caindo sobre seu rosto.

— Você iria querer dizer a Jem algum dia que não sou seu verdadeiro pai? — ele perguntou serenamente, sem olhar para ela.

— Roger! — Toda a sua irritação desapareceu em uma inundação de pânico. — Eu não faria isso nem em cem milhões de anos! Ainda que achasse que fosse verdade — acrescentou apressadamente e não acho.

Roger, eu não acho! Eu sei que você é o pai dele. — Sentou-se ao lado dele, agarrando seu braço ansiosamente. Ele sorriu, um

pouco obliquamente, e bateu de leve em sua mão, mas não olhou em seus olhos.

Ele esperou um instante, depois se moveu, desprendendo-se delicadamente a fim de amarrar os cabelos.

— Mas o que você disse. Ele não tem o direito de saber quem é? — Isso não... Isso é diferente. — E era; e, ainda assim, não era. O ato que resultara em sua concepção não fora estupro, mas fora igualmente sem intenção. Por outro lado, no seu caso também não houvera nenhuma dúvida: ambos, bem, seus três pais sabiam que ela era filha de Jamie Fraser, sem sombra de dúvida.

Com Jem... olhou novamente para o berço, instintivamente querendo encontrar algum selo, alguma pista inconfundível de sua paternidade. Mas ele se parecia com ela, e com seu próprio pai, tanto nas feições quanto na cor da pele e dos cabelos. Era grande para sua idade, de pernas e braços compridos e costas largas — mas assim também eram os dois homens que podiam ser seu pai. E ambos, desgraçados, tinham olhos verdes.

— Não vou lhe dizer isso — ela disse com firmeza. — Jamais, nem você. Você é o pai dele, de qualquer maneira que importe. E não haveria nenhuma razão para ele sequer saber da existência de Stephen Bonnet.

— Exceto o fato de que ele realmente existe — Roger ressaltou. — E ele acha que o filho é dele. E se um dia eles se encontrarem? Quando Jem for mais velho, quero dizer.

Ela não crescera com o hábito de se benzer em Momentos de estresse como seu pai e seu primo, mas fez o sinal da cruz naquele momento, fazendo-o rir.

— Não estou fazendo graça — ela disse, sentando-se ereta. — Não vai acontecer. E se acontecesse... se eu alguma vez vir Stephen Bonnet perto do meu filho, eu... bem, da próxima vez vou mirar mais alto, só isso.

— Está resolvida a dar ao menino uma boa história para seus colegas de escola, não é? — Falou descontraidamente, provocando-a, e ela relaxou um pouco, esperando ter conseguido aplacar qualquer dúvida que ele pudesse ter sobre o que ela contaria com relação à sua paternidade.

— Ok, mas ele tem que saber o resto, mais cedo ou mais tarde. Não quero que descubra por acaso.

— Você não descobriu por acaso. Sua mãe de fato lhe contou. — E olhe onde estamos agora. Essa parte não foi dita, mas ressoou bem alto dentro da cabeça de Brianna, quando ele lhe deu um olhar longo e franco.

Se ela não tivesse se sentido compelida a voltar no tempo, atravessar as pedras para encontrar seu verdadeiro pai, nenhum deles estaria ali agora.

Estariam a salvo no século XX, talvez na Escócia, talvez nos Estados Unidos, mas em um lugar onde as crianças não morriam de diarreia ou febres repentinas.

Em um lugar onde o perigo repentino não espreitava atrás de cada árvore e a guerra não se escondia sob os arbustos. Um lugar onde a voz de Roger ainda cantava límpida e forte.

Mas talvez — apenas talvez — ela não tivesse Jem.

— Sinto muito — ela disse, sentindo-se sufocada. — Sei que é minha culpa... tudo isso. Se eu não tivesse voltado... — Estendeu a mão e tocou a cicatriz irregular em sua garganta. Ele pegou sua mão e puxou-a para baixo.

— Meu Deus — disse baixinho. — Se eu pudesse ir a qualquer lugar para encontrar um de meus pais, inclusive o inferno, Brianna, eu teria ido.

— Ergueu os olhos, brilhantes e verdes, e apertou sua mão com força. — Se houver alguém no mundo capaz de entender isso, querida, sou eu.

Ela envolveu a mão dele com as suas e apertou-a também, com força.

O alívio por ele não a culpar afrouxou a tensão de seu corpo, mas a tristeza pelas próprias perdas de Roger — e suas — ainda enchia seu peito e sua garganta, pesada como penas molhadas, e doía respirar.

Jemmy se remexeu, sentou na cama de repente, depois desabou para trás, ainda profundamente adormecido, de modo que um dos braços caiu pesadamente para fora do berço, mole como um macarrão. Ela ficara paralisada com seu movimento súbito, mas depois relaxou e levantou-se para tentar ajeitar seu braço de volta para dentro. No entanto, antes que pudesse chegar ao berço, ouviu-se uma batida na porta.

Roger agarrou apressadamente sua camisa com uma das mãos, a faca na outra.

— Quem é? — ela perguntou, o coração disparado. As pessoas não faziam visitas depois de escurecer, a não ser em caso de emergência.

— Sou eu, srta. Bri — a voz de Lizzie disse através da madeira. — Nós podemos entrar, por favor? — Parecia agitada, mas não assustada.

Brianna esperou até Roger estar decentemente vestido e, em seguida, levantou a pesada tranca.

Seu primeiro pensamento foi que Lizzie também parecia agitada; as faces da pequena criada estavam vermelhas como duas maçãs, a cor visível mesmo na escuridão do alpendre.

"Nós" eram ela e os dois Beardsley, que se inclinavam e balançavam a cabeça, murmurando desculpas pelo inconveniente da hora.

— Não, de modo algum — Brianna disse automaticamente, olhando ao redor à procura de um xale. Não só sua camisola de linho era fina e amarfanhada, como exibia uma mancha



incriminadora na frente. — Hã, entrem! Roger aproximou-se para cumprimentar as visitas inesperadas, magnificamente desprezando o fato de que não estava usando nada além de uma camisa, e ela aproveitou para escapar apressadamente para o canto escuro atrás do tear, tateando para encontrar um velho xale que deixava ali para o conforto de suas pernas quando estava trabalhando.

Bem enrolada no xale, ela chutou uma tora de lenha para reavivar o fogo e abaixou-se para acender uma vela nas brasas da lareira. A luz bruxuleante da vela, pôde ver que os Beardsley estavam anormalmente bem-arrumados, os cabelos penteados e firmemente trançados, cada qual com uma camisa limpa e um colete de couro; não possuíam casacos. Lizzie também estava em seus melhores trajes — na realidade, ela usava o vestido de lã cor de pêssego que haviam feito para o seu casamento.

Alguma coisa estava acontecendo e era bem óbvio o que Lizzie sussurrava ansiosamente no ouvido de Roger.

— Quer que eu case vocês? — Roger disse, atônito. Olhou de um gêmeo para o outro. — Hã... com quem?

— Sim, senhor. — Lizzie balançou-se com uma respeitosa medida. — Eu e Jo, senhor, por gentileza. Kezzie veio ser testemunha.

Roger passou a mão pelo rosto, estupefato.

— Bem... mas... — Lançou um olhar suplicante para Brianna.

— Está com problemas, Lizzie? — Brianna perguntou diretamente, acendendo uma segunda vela e colocando-a no castiçal preso à parede junto à porta. Com mais luz, pôde ver que as pálpebras de Lizzie estavam vermelhas e inchadas, como se tivesse chorado — apesar de sua atitude ser de agitada determinação, e não de medo.

— Não exatamente problemas. Mas eu... eu estou grávida, sim. — Lizzie cruzou as mãos sobre a barriga, protetoramente. — Nós... nós queríamos nos casar antes de contar aos outros.

— Oh. Bem... — Roger lançou um olhar de reprovação a Jo, mas não pareceu convencido. — Mas seu pai... ele não...

— Papai iria querer que fôssemos casados por um sacerdote — Lizzie explicou ansiosamente. — E é o que faremos. Mas sabe, senhor, serão meses, talvez anos, até acharmos um. — Abaixou os olhos, corando. — Eu... eu gostaria de ser casada com os votos certos, antes do bebê chegar.

— Sim — ele disse, os olhos atraídos irresistivelmente para a cintura de Lizzie. — Compreendo. Mas não vejo por que tanta pressa, se entende o que quero dizer. Isto é, você não estará mais notoriamente grávida amanhã do que está hoje. Ou semana que vem.

Jo e Kezzie trocaram olhares por cima da cabeça de Lizzie. Em seguida, Jo colocou a mão na cintura de Lizzie e puxou-a delicadamente para si.

— Senhor, é que... é que nós queremos agir corretamente. Mas gostaríamos que fosse uma coisa particular, sabe? Somente eu e Lizzie, e meu irmão.

— Só nós — Kezzie fez eco, aproximando-se. Ele olhou ansiosamente para Roger. — Por favor, senhor? — Ele parecia ter machucado a mão de alguma forma; estava enfaixada com um lenço.

Brianna achou-os comoventes de uma forma quase irresistível; eram tão inocentes, e tão jovens, os três rostos mirrados voltados para Roger com ar suplicante. Aproximou-se e tocou o braço de Roger, quente através do tecido da manga.

— Faça isto por eles — disse suavemente. — Sim? Não é exatamente um casamento, mas você pode celebrar um compromisso formal entre eles.

— Sim, bem, mas deviam ser aconselhados... o pai dela... — Seus protestos se esvaeceram quando ele olhou dela para o trio, e ela pôde ver que ele estava tão comovido por sua inocência quanto

ela. E, pensou, internamente achando graça, sentia-se bastante atraído pela ideia de realizar seu primeiro casamento, por mais heterodoxo que fosse. As circunstâncias seriam românticas e memoráveis, ali na calada da noite, os votos trocados à luz de fogo e velas, com a lembrança, ainda suspensa nas sombras, do próprio ato de amor que haviam feito, uma criança adormecida como testemunha silenciosa, representando tanto bênção quanto esperança para o casamento a ser realizado.

Roger suspirou profundamente, depois sorriu para ela com resignação, e afastou-se.

— Sim, está bem, então. Mas me deixem vestir as calças. Não vou celebrar meu primeiro casamento seminu.

Roger segurou uma colher de geleia sobre a torrada, olhando fixamente para mim.

— Eles o quê? — exclamou, com uma voz estrangulada.

— Oh, ela não fez isso! — Bri tampou a boca com a mão, os olhos arregalados, retirando-a imediatamente para perguntar: — Os dois? — Evidentemente — eu disse, reprimindo uma deplorável necessidade de rir. — Você realmente casou-a com Jo ontem à noite? — Que Deus me ajude, foi o que fiz — Roger murmurou. Parecendo completamente abalado, colocou a colher na xícara de café e mexeu mecanicamente. — Mas ela também se comprometeu com Kezzie? — Diante de testemunhas — assegurei-lhe, com um olhar cauteloso para o sr. Wemyss, sentado do outro lado da mesa do café da manhã, a boca aberta e aparentemente transformado em pedra.

— Você acha... — Bri disse para mim — quero dizer... os dois ao mesmo tempo? — Hã... ela disse que não — retruquei, lançando um olhar de relance para o sr. Wemyss como indicação de que talvez aquela não fosse uma pergunta a ser considerada na presença dele, por mais fascinante que fosse.

— Oh, meu Deus — o sr. Wemyss disse, com uma voz que parecia saída do sepulcro. — Ela está desgraçada.

— Santa Maria, Mãe de Deus. — A sra. Bug, os olhos arregalados, se benzeu. — Que Deus tenha piedade! Roger tomou um gole de seu café, engasgou-se e abaixou a xícara, cuspidando café. Brianna bateu em suas costas prestativamente, mas ele fez sinal para ela se afastar, os olhos lacrimejando, e procurou recuperar o controle.

— Bem, talvez não seja tão ruim quanto parece — ele disse ao sr. Wemyss, tentando achar um lado bom na situação. — Quero dizer, talvez se possa dizer que os gêmeos são uma única alma que Deus colocou em dois corpos por desígnios que só Ele conhece.

— Sim, mas... dois corpos! — a sra. Bug disse. — Você acha... os dois ao mesmo tempo? — Não sei — eu disse, desistindo. — Mas imagino... — Olhei para a janela, onde a neve sussurrava nas persianas fechadas. Começara a nevar pesadamente na noite anterior, uma neve úmida e espessa; agora, já havia quase trinta centímetros de neve no chão, e eu tinha quase certeza de que todos à mesa estavam imaginando o mesmo que eu: uma visão de Lizzie e dos gêmeos Beardsley, confortavelmente enfiados em uma cama quente forrada de peles, junto ao fogo, desfrutando sua lua de mel.

— Bem, não creio que haja muita coisa que se possa fazer a respeito — Bri disse, de forma prática. — Se dissermos alguma coisa em público, os presbiterianos provavelmente vão apedrejar Lizzie como uma prostituta papista e...

O sr. Wemyss fez um som como o de uma bexiga de porco em que alguém tivesse pisado.

— Certamente ninguém vai dizer nada. — Roger olhou fixamente para a sra. Bug, com um ar severo. — Não é mesmo? — Bem, vou ter que contar ao Arch, se não vou explodir — ela disse francamente. — Porém, ninguém mais. Silenciosa como um túmulo, eu juro, que o diabo me carregue se estiver mentindo. —

Colocou as duas mãos sobre a boca para ilustrar e Roger balançou a cabeça.

— Acho — ele disse, em dúvida — que o casamento que eu realizei na verdade não tem validade. Mas...

— Tem tanta validade quanto o que Jamie fez — eu disse. — E além do mais, acho que é tarde demais para forçá-la a escolher. Quando o polegar de Kezzie sarar, ninguém vai conseguir distinguir...

— Exceto Lizzie, provavelmente — Bri disse. Ela lambeu um pouco de mel do canto da boca, olhando pensativamente para Roger. — Como seria se houvesse dois de você?

— Nós dois estaríamos igualmente com cara de palerma — ele garantiu-lhe. — Sra. Bug, tem mais café aí?

— Quem tem cara de palerma? — A porta da cozinha se abriu com um redemoinho de neve e ar gélido, e Jamie entrou com Jem, ambos acabando de voltar de uma viagem à latrina, as faces vermelhas e os cabelos e pernas cobertos de flocos de neve se dissolvendo.

— Você, por exemplo. Acabou de ser enganado por uma bígama de dezenove anos — eu informei a ele.

— O que é uma "bícama"? — Jem perguntou.

— Um bichinho sem-vergonha — Roger disse, pegando um pedaço de torrada com manteiga e enfiando-a na boca de Jem. — Tome. Por que não pega isso e... — Sua voz esvaiu-se quando ele percebeu que não podia mandar Jem lá para fora.

— Lizzie e os gêmeos procuraram Roger ontem à noite e ele a casou com Jo — eu disse a Jamie. Ele piscou, a água da neve derretida escorrendo pelo rosto.

— Inacreditável! — exclamou. Respirou fundo, depois percebeu que ainda estava coberto de neve e foi se sacudir perto da lareira, bocados de neve caindo dentro do fogo com um estalo e um chiado.

— Bem — ele disse, voltando para a mesa e sentando-se ao meu lado ao menos seu neto terá um nome, Joseph. De qualquer modo, é Beardsley.

Essa observação ridícula pareceu na realidade consolar um pouco o sr. Wemyss; uma leve coloração voltou às suas faces e ele deixou a sra. Bug colocar um novo pão em seu prato.

— Sim, creio que já é alguma coisa — ele disse. — E eu realmente não posso ver...

— Venha ver — Jemmy dizia, puxando Bri pelo braço com impaciência. — Venha ver, mamãe! — Ver o quê? — Escrevi meu nome! Vovô me ensinou! — Oh, é mesmo? Bem, parabéns! — Brianna sorriu radiante para ele, depois franziu a testa. — O que... agora mesmo? — É! Venha ver antes que seja coberto! Ela olhou para Jamie por baixo das sobrancelhas cerradas.

— Papai, diga que você não fez isso.

Ele pegou uma nova torrada da travessa e untou-a cuidadosamente com manteiga.

— Sim, bem — ele disse —, tem que haver alguma vantagem de ser homem ainda, mesmo que ninguém dê a menor importância ao que a gente fala. Pode me passar a geleia, Roger Mac?

*PIOLHOS*

Jem fincou os cotovelos na mesa, o queixo apoiado nos punhos fechados, seguindo o caminho da colher pela massa com a expressão atenta de um leão observando um apetitoso gnu a caminho de seu reservatório de água.

— Nem pense nisso — eu disse, com um olhar de relance a seus dedos rechonchudos. — Ficarão prontos em alguns minutos; então, poderá comer um.

— Mas eu gosto dele cru, vovó — ele protestou. Arregalou os olhos azul-escuros em uma súplica silenciosa.

— Você não deve comer coisas cruas — eu disse severamente. — Podem deixá-lo doente.

— Você come, vovó. — Cutucou minha boca, onde havia um resquício da massa escura. Pigarreei e limpei a prova incriminadora com uma toalha.

— Vai tirar sua fome para o jantar — eu disse, mas, com a perspicácia de qualquer fera da selva, ele pressentiu a fraqueza de sua presa.

— Prometo que não. Vou comer tudo! — ele disse, já estendendo a mão para a colher.

— Sim, é disso que tenho medo — disse, entregando-a com alguma relutância. — Só um bocadinho para provar, hein? Deixe um pouco para sua avó e seu avô.

Ele balançou a cabeça, sem dizer nada, e lambeu a colher com uma longa e demorada passada da língua, fechando os olhos em êxtase.

Peguei outra colher e comecei a despejar os biscoitos nos tabuleiros de lata que usava para assar. Terminamos ao mesmo tempo, os tabuleiros cheios e a tigela completamente vazia, exatamente quando o som de passos veio do corredor na direção da porta. Reconhecendo o andar de Brianna, arranquei a colher vazia de Jemmy e passei uma toalha rapidamente por sua boca lambuzada.

Bri parou na soleira da porta, o sorriso transformando-se em um olhar de suspeita.

— O que vocês estão fazendo? — Biscoitos de melado — eu disse, levantando os tabuleiros para provar, antes de enfiá-los dentro do forno de tijolos embutido na parede da lareira. — Jemmy estava me ajudando.

Uma sobrancelha ruiva e perfeitamente desenhada arqueou-se para cima. Brianna olhou de mim para Jemmy, que afetava um ar de sublime inocência. Imagino que minha própria expressão não era mais convincente.

— Estou vendo — ela disse secamente. — Quanto de massa você comeu, Jem? — Quem, eu? — Jemmy disse, os olhos se arregalando.

— Um-hum. — Ela inclinou-se para frente e tirou uma partícula de massa de biscoito de seus cabelos ruivos e cacheados. — O que é isso, então? Ele franziu a testa ao olhar, ficando ligeiramente vesgo na tentativa de focalizar.

— Um piolho grande mesmo, não é? — ele sugeriu inteligentemente.

— Acho que peguei de Rabbie McLeod.

— Rabbie McLeod? — eu disse, lembrando-me desconfortavelmente que Rabbie McLeod se enroscara no banco



comprido da cozinha há alguns dias, seus indomáveis cachos pretos flutuando para as madeixas brilhantes de Jemmy enquanto os meninos dormiam, esperando por seus pais. Lembro-me de pensar na ocasião o quanto os meninos eram encantadores, enroscados cabeça contra cabeça, os rostos angelicais em seu sono.

— Rabbie tem piolho? — Bri indagou, lançando a partícula de massa para longe como se fosse realmente um inseto nojento.

— Oh, sim, ele está cheio — Jemmy assegurou-lhe alegremente. — A mãe dele disse que vai pegar a navalha do pai e raspar toda a cabeça dele, dos irmãos e do pai e do tio Rufe também. Ela disse que tem piolho pulando por toda a cama e que está cansada de ser devorada viva. — Muito descontraidamente, ele levou a mão à cabeça e coçou, os dedos raspando pelo meio dos cabelos em um gesto característico que eu já vira muitas vezes antes.

Bri e eu trocamos um breve olhar horrorizado, depois agarramos Jemmy pelos ombros, arrastando-o até a janela.

— Venha cá! De fato. Exposta à luz brilhante que se refletia da neve, a pele delicada atrás de suas orelhas e na nuca exibia o rosado característico de quem andara se coçando por causa de piolhos e uma rápida inspeção de sua cabeça revelou o pior: minúsculas lêndeas agarradas ao couro cabeludo e alguns piolhos adultos marrom-avermelhados, da metade do tamanho de grãos de arroz, que fugiam desesperadamente para os tufos emaranhados.

Bri pegou um deles e estourou-o entre as unhas dos polegares, atirando os restos ao fogo.

— Cruzes! — Ela esfregou as mãos na saia, depois tirou a fita que amarrava seus cabelos para trás, coçando a cabeça violentamente. — Será que eu peguei também? — perguntou ansiosamente, arremetendo o topo da cabeça na minha direção.

Agitei rapidamente a espessa cabeleira ruiva e cor de canela, à cata das reveladoras lêndeas esbranquiçadas, em seguida dei um

passo para trás, abaixando minha própria cabeça.

— Não, e eu? A porta dos fundos se abriu e Jamie entrou, parecendo apenas ligeiramente surpreso ao ver Brianna catando meus cabelos como um babuíno maluco. Em seguida, virou a cabeça abruptamente, cheirando o ar.

— Alguma coisa está queimando? — Já peguei, vovô! A exclamação me alcançou juntamente com o cheiro de melado queimado. Endireitei-me bruscamente e bati com a cabeça na quina da prateleira de louças, com força suficiente para ver estrelas.

Essas desapareceram bem a tempo de eu ver Jemmy, na ponta dos pés, tentando enfiar a mão no forno fumegante na parede da lareira, bem acima de sua cabeça. Seus olhos estavam fechados com força em concentração, o rosto virado de lado para não receber diretamente as ondas de calor emanadas dos tijolos, e tinha uma toalha desajeitadamente enrolada ao redor da mão tateante.

Jamie alcançou o menino com duas passadas, puxando-o violentamente para trás pela gola. Enfiou a mão no forno sem nenhuma proteção e arrancou o tabuleiro de biscoitos fumegantes, atirando-o longe com tal força que ele bateu na parede. Pequenos discos marrons voaram e se espalharam pelo chão.

Adso, que estava empoleirado na janela, ajudando na caça aos piolhos, viu o que pareciam presas e atirou-se ferozmente sobre um biscoito voador, que prontamente queimou suas patas. Emitindo um uivo de surpresa, soltou-o e correu para baixo do banco.

Jamie, sacudindo os dedos chamuscados e proferindo observações extremamente vulgares em gaélico, agarrara um graveto de acender o fogo com a outra mão e cutucava dentro do forno, tentando extrair o tabuleiro restante do meio de nuvens de fumaça.

— O que está acontecendo... hei! — Jemmy! O grito de Roger coincidiu com o de Bri. Vindo nos calcanhares de Jamie, a

expressão de perplexidade de Roger mudara imediatamente para alarme ao ver seu rebento. Agachado no chão, diligentemente coletando biscoitos e alheio ao fato de que a toalha que arrastava estava queimando nas brasas do fogo.

Roger correu para Jemmy, colidindo com Bri na mesma trajetória. Os dois juntos foram arremessados contra Jamie, que acabara de conseguir manobrar o segundo tabuleiro para a borda do forno. Ele rodou, cambaleou, perdendo o equilíbrio, e o tabuleiro caiu com um estrondo dentro da lareira, espalhando pedaços fumegantes de carvão cheirando a melado. O caldeirão, atingido e virado de lado, balançava-se perigosamente em seu gancho, derramando sopa nas brasas e lançando nuvens de vapor chiante e aromático.

Eu não sabia se ria ou saía correndo pela porta, mas resolvi pegar a toalha, que estava em chamas, e batê-la nas lajes de pedra da lareira até apagar o fogo.

Levantei-me, arfando, e verifiquei que minha família conseguira se desvencilhar da frente da lareira. Roger agarrava Jemmy ferozmente contra o peito, Jemmy se debatia, procurando se desvencilhar, enquanto Bri examinava a criança em busca de queimaduras, chamas ou ossos quebrados. Jamie, parecendo um pouco aborrecido, sugava um dedo com bolhas de queimadura, enquanto abanava a fumaça de seu rosto com a mão livre.

— Água fria — eu disse, cuidando da urgência mais imediata. Agarrei Jamie pelo braço, puxei o dedo de sua boca e o enfiei na bacia de água.

— Jemmy está bem? — perguntei, voltando-me para o quadro da série de TV Famílias Felizes junto à janela. — Sim, estou vendo que está.

Coloque-o no chão, Roger, ele está com piolho.

Roger largou Jemmy como se fosse uma batata quente e — na reação costumeira de um adulto ao ouvir a palavra "piolho" —

coçou a cabeça.

Jemmy, sem se abalar com a recente comoção, sentou-se no chão e começou a comer um dos biscoitos que mantivera agarrado na mão durante todo o rebuliço.

— Vai tirar sua fo... — Brianna começou a dizer automaticamente, depois avistou o caldeirão derramado e a lareira ensopada, olhou para mim e deu de ombros. — Tem mais biscoitos aí? — perguntou a Jemmy. Com a boca cheia, ele balançou a cabeça, enfiou a mão dentro da camisa e deu-lhe um. Ela examinou-o com olhar crítico, mas deu uma mordida mesmo assim.

— Nada mau — ela disse, em meio aos farelos. — Hum? — Estendeu o pedaço restante para Roger, que o arrebatou com um movimento rápido de uma das mãos, usando a outra para remexer nos cabelos de Jemmy.

— Está se espalhando — ele disse. — Vimos pelo menos meia dúzia de garotos perto da casa dos Sinclair com a cabeça raspada como condenados. Vamos ter que raspar sua cabeça, então? — ele perguntou, sorrindo para Jemmy e agitando os cabelos do menino.

O rosto de Jemmy iluminou-se diante da ideia.

— Vou ficar careca como a vovó? — Sim, mais ainda — assegurei-lhe com azedume. Eu na verdade já tinha uns cinco centímetros de cabelos curtos no momento, embora o cacheado os fizesse parecer ainda mais curtos, ondas e cachinhos envolvendo as curvas do meu crânio.

— Raspar a cabeça dele? — Brianna pareceu horrorizada. Virou-se para mim. — Não existe nenhuma outra maneira de acabar com piolhos? Olhei especulativamente para a cabeça de Jemmy. Ele possuía os mesmos cabelos espessos, levemente ondedados de sua mãe e seu avô.

Olhei para Jamie, que riu para mim, uma das mãos dentro da bacia de água.

Ele sabia por experiência própria exatamente quanto tempo era necessário para tirar lêndeas com pente fino naquele tipo de cabelos; eu já fizera isso para ele muitas vezes. Ele sacudiu a cabeça.

— Raspe a cabeça dele — disse. — Não vai conseguir que um garoto desta idade fique sentado quieto o tempo necessário para passar o pente.

— Poderíamos usar gordura de porco — sugeri, em dúvida. — Você emplastra a cabeça com gordura de porco ou de urso e deixa alguns dias.

Isso sufoca os piolhos. Ou ao menos, espera-se que sim.

— Arrrh! — Brianna olhou para a cabeça do filho com desgosto, obviamente visualizando o caos que ele iria criar nas próprias roupas e nas roupas de cama, se pudesse andar por aí com a cabeça emplastrada de gordura.

— Vinagre e pente fino retiram os grandes — eu disse, aproximando-me para espreitar a linha branca fina onde os cabelos ruivos de Jemmy se repartiam —, mas não as lêndeas; tem que raspá-las com as unhas, ou então esperar até elas eclodirem e retirá-las com o pente fino.

— Raspe — Roger disse, sacudindo a cabeça. — Nunca se consegue tirar todas as lêndeas; tem que repetir todo o trabalho a intervalos de poucos dias e se deixa passar alguns grandes o suficiente para saltar... — Riu e, com um piparote, arremessou para longe um farelo de biscoito da unha de seu polegar; ele ricocheteou na saia de Bri e ela lançou-o fora com um tapa, olhando furiosamente para Roger.

— Você é mesmo uma grande ajuda! — Mordeu o lábio, franzindo a testa, depois balançou a cabeça com relutância. — Está bem, então, acho que não tem outro jeito.

— Vai crescer de novo — assegurei-lhe.

Jamie subiu para pegar sua navalha; eu fui ao consultório pegar minha tesoura cirúrgica e uma garrafa de óleo de lavanda

para o dedo queimado de Jamie. Mas quando voltei Bri e Roger estavam com as cabeças unidas acima do que parecia ser um jornal.

— O que é isso? — perguntei, espreitando por cima do ombro de Brianna.

— O trabalho inaugural de Fergus — Roger ergueu o rosto com um sorriso para mim e moveu o jornal para que eu pudesse ver. — Ele enviou por um mascate que o deixou na casa de Sinclair para Jamie.

— É mesmo? Que maravilha! Estiquei o pescoço para ler e uma pequena emoção me percorreu ao ver o cabeçalho no alto da primeira página: THE NEW BERN UNION Então, olhei mais de perto.

— THE ONION? — eu disse, piscando. — "A CEBOLA"?

— Bem, ele explica isso — Roger disse, apontando para a manchete floreada no centro da página: Observações do proprietário, o título ladeado por dois flutuantes querubins. — Tem a ver com o fato de as cebolas terem camadas... complexidade, sabe... e o... hã — seu dedo correu pela linha — "a pungência e o sabor do discurso fundamentado a ser sempre exercitado neste veículo para a completa informação e divertimento de nossos clientes e leitores".

— Vejo que ele faz uma distinção entre clientes e leitores — observei.

— É bem francês da parte dele!

— Bem, sim — Roger concordou. — Há um tom distintamente gaulês em algumas das matérias, mas dá para ver que Marsali deve ter dado uma contribuição. E obviamente a maioria dos anúncios foi escrita pelas pessoas que o publicaram. — Ele apontou para um pequeno anúncio intitulado: Perdido, chapéu. Se encontrado em boas condições, favor devolvê-lo ao signatário, S. Gowdy, New Bem. Se não estiver em boas condições, use-o você mesmo.

Jamie chegou com a navalha a tempo de ouvir isso e uniu-se à risada geral. Ele bateu o dedo mais embaixo na página, em outro texto.

— Sim, este é bom, mas acho que o "Cantinho do Poeta" é o meu preferido. Fergus não poderia tê-lo escrito, eu acho; ele não tem absolutamente nenhum ouvido para rimas. Vocês acham que poderia ter sido Marsali, ou outra pessoa?

— Leia em voz alta — Brianna disse, relutantemente cedendo o jornal para Roger. — Acho melhor eu cortar o cabelo de Jemmy antes que ele fuja e espalhe piolho por toda Fraser's Ridge.

Uma vez resignada com a perspectiva, Brianna não hesitou, mas amarrou uma toalha de pratos ao redor do pescoço de Jemmy e começou a usar a tesoura com determinação, lançando mechas ruivo-douradas e castanho-avermelhadas pelo chão como uma chuva cintilante. Enquanto isso, Roger lia em voz alta, com floreios dramáticos:

*Sobre a recente lei contra a revenda  
de bebidas alcoólicas etc. — diga-me:  
Deve-se entender que esta lei  
pretenda o bem do povo?  
Na verdade, não; pois se, como todos admitem,  
é melhor, entre dois males,  
escolher o menor. Então estou  
certo em minha opinião.  
Suponhamos que busque — ao que parece,  
todo ano, morrem dez bruacas indigentes  
por excesso de bebida, levando  
milhares de infelizes inocentes  
ao desespero e à perda de seu pão —  
Tal insensatez reparar?  
Longe de mim incentivar o pecado*

*Ou do gim ser advogado;  
Mas humildemente devo considerar:  
Este plano, embora bem-intencionado,  
Com a Justiça Divina não pode se alinhar  
Se nas Escrituras devemos acreditar.  
Quando o pecado de Sodoma por vingança clamou  
Dez justos de sua ruína foram poupados  
E até de Deus receberam piedade;  
Mas agora alguns epicuristas desagradam  
A dez libertinos descarados,  
E eles arruínam quase toda a cidade.*

— "Longe de mim incentivar o pecado! Ou do gim ser advogado"— Bri repetiu, com uma risadinha. — Notem que ele, ou ela, não menciona uísque. Mas o que é bruaca? Epa, fique quieto, menino! — Uma vadia — Jamie disse distraidamente, afiando sua navalha enquanto continuava a ler por cima do ombro de Roger.

— O que é uma vadia? — Jemmy perguntou, seu radar naturalmente pegando a única palavra indelicada na conversa. — É como a irmã de Richie?

A irmã de Richard Woolam, Charlotte, era uma jovem muito atraente; também era uma quaker muito devota. Jamie trocou um olhar com Roger e tossiu.

— Não, de maneira alguma, garoto — ele disse. — E pelo amor de Deus, não diga isso! Vamos, está pronto para ser raspado? — Sem esperar resposta, ele pegou o pincel de barbear e encheu de espuma a cabeça podada de Jemmy, ao acompanhamento de gritinhos de leite.

— "Barbeiro, barbeiro, raspe um porco" — Bri cantou a música infantil, observando a operação. — "Quantos cabelos para fazer uma peruca?"



— Muitos — retruquei, varrendo os cabelos no chão e atirando-os dentro do fogo, esperando destruir todos os piolhos residentes. Era realmente uma pena; os cabelos de Jemmy eram lindos. Mas voltariam a crescer, e o corte exibiu o lindo formato de seu crânio, perfeitamente redondo como um melão.

Jamie cantarolava baixinho, desafinado, deslizando a navalha pela pele da cabeça de seu neto tão delicadamente como se estivesse barbeando uma abelha.

Jemmy virou ligeiramente a cabeça, e eu preendi a respiração, fulminada por uma lembrança fugaz — Jamie, o cabelo cortado rente ao couro cabeludo, em Paris, preparando-se para ir ao encontro de Jack Randall; preparando-se para matar — ou ser morto. Então, Jemmy virou-se outra vez, remexendo-se em seu banquinho, e a visão desapareceu — substituída por outra.

— O que é isso? — Inclinei-me para olhar, enquanto Jamie deslizava a navalha para baixo com um floreio e lançava no fogo o último bocado de espuma.

— O quê? — Bri também se inclinou, ao meu lado, e seus olhos se arregalaram ao ver a pequena mancha marrom. Era mais ou menos do tamanho de uma moeda, bem redonda, logo acima da linha do cabelo na parte de trás da cabeça, atrás da orelha esquerda.

— O que é? — ela perguntou, franzindo o cenho. Tocou-a delicadamente, mas Jemmy nem notou; remexia-se mais ainda, querendo descer do banco.

— Tenho certeza de que não é nada demais — assegurei-lhe, após uma rápida inspeção. — Parece o que se chama de nevo; é algo como uma verruga plana, absolutamente inofensiva.

— Mas de onde veio? Ele não nasceu com ela, isso eu sei! — ela protestou.

— Os bebês muito raramente têm qualquer tipo de verruga — expliquei, desatando minha toalha de pratos do pescoço de Jemmy. — Muito bem, sim, já acabou! Vá e seja bonzinho. Vamos

jantar assim que eu conseguir preparar tudo. Não — acrescentei, voltando-me novamente para Bri —, as verrugas geralmente começam a se desenvolver por volta dos três anos, embora, é claro, as pessoas possam ter outras ao longo dos anos.

Livre de restrição, Jemmy esfregava a cabeça raspada com as duas mãos, parecendo satisfeito e cantarolando baixinho: "Charlotte vadia, Charlotte vadia." — Tem certeza de que não é nada demais? — Brianna ainda parecia preocupada. — Não é perigoso?

— Oh, tenho, sim, não é nada — Roger assegurou-lhe, erguendo os olhos do jornal. — Tenho uma exatamente como essa, desde criança. Bem... aqui. — Seu rosto se transformou abruptamente enquanto falava, e sua mão se ergueu, muito lentamente, para pousar na parte de trás de sua cabeça, logo acima da linha do cabelo, atrás da orelha esquerda.

Ele olhou para mim e eu vi sua garganta se mover ao engolir em seco, a cicatriz irregular da corda mais escura contra a palidez repentina de sua pele. As penugens dos meus braços se arrepiaram.

— Sim — eu disse, respondendo ao seu olhar e esperando que minha voz não tremesse perceptivelmente. — Esse tipo de marca é... geralmente hereditária.

Jamie não disse nada, mas sua mão fechou-se sobre a minha, apertando-a com força.

Jemmy estava de quatro no chão agora, tentando convencer Adso a sair de baixo do banco. Seu pescoço era pequeno e frágil e a cabeça raspada parecia absurdamente branca e horrivelmente nua, como um cogumelo projetando-se da terra. Os olhos de Roger pousaram nela por um instante; em seguida, ele se voltou para Bri.

— Acho que eu mesmo peguei alguns piolhos — ele disse, a voz um pouco alta demais. Levantou o braço, puxou a tira de couro que amarrava sua espessa cabeleira negra e coçou a cabeça vigorosamente com as duas mãos. Em seguida, pegou a tesoura,

sorrindo, e estendeu-a para ela. — Tal pai, tal filho, imagino. Dá uma mãozinha aqui, sim?

# PARTE DEZ



*ONDE ESTÁ PERRY MASON QUANDO SE PRECISA DELE?*



## CORRESPONDÊNCIA PERIGOSA

*De Mount Josiah Plantation na colônia de Virginia,  
Lorde John Grey para sr. James Fraser esq.,  
Fraser's Ridge, Carolina do Norte,  
Em 6 de março, Anno Domini 1775  
Caro sr. Fraser*

*O que em nome de Deus está pretendendo? Eu o vi ser muitas coisas no decorrer de nosso longo relacionamento — destemperado e teimoso sendo duas delas — mas sempre o considerei um homem honrado e inteligente.*

*Entretanto, apesar de avisos explícitos, encontro seu nome em mais de uma lista de suspeitos de traição e aliciamento, associado a assembleias ilegais, e assim sujeito à prisão. O fato de ainda estar em liberdade, meu amigo, reflete apenas a falta de tropas disponíveis no momento na Carolina do Norte — e isso pode mudar rapidamente. Josiah Martin tem implorado ajuda a Londres e logo ela chegará, eu lhe garanto.*

*Se Gage já não estivesse mais do que ocupado em Boston e as tropas da Virgínia de lorde Dunsmore ainda em processo de Assembleia, o exército estaria aí em poucos meses. Não se iluda; o rei pode estar enganado em seus atos, mas o Governo percebe — ainda que tardiamente*

— o nível de tumulto nas colônias, e está agindo rapidamente para suprimi-la, antes que ocorram maiores danos.

*Seja você o que for, não é nenhum tolo, e então devo presumir que conhece as consequências de seus atos. Mas eu não seria um verdadeiro amigo se não colocasse a questão com toda franqueza: você expõe sua família a extremo risco com suas ações e coloca a própria cabeça no laço da forca.*

*Em nome do afeto que ainda possa nutrir por mim e em nome das caras ligações entre sua família e eu mesmo — suplico-lhe que renuncie a essas associações extremamente perigosas enquanto ainda há tempo.*

*John*



Li a carta até o fim, em seguida ergui os olhos para Jamie. Ele estava sentado à sua escrivaninha, papéis espalhados em todas as direções, salpicados de pequenos fragmentos marrons de selos de cera quebrados.

Bobby Higgins trouxera um bom número de cartas, jornais e pacotes — Jamie deixara a leitura da carta de lorde John para o final.

— Ele teme por você — eu disse, colocando a folha única de papel em cima do resto da correspondência.

Jamie balançou a cabeça.

— Para um homem na posição dele dizer que o rei possa estar "enganado" em seus atos é muito próximo à traição, Sassenach — ele observou, embora eu achasse que ele estava pilheriando.

— Essas listas que ele menciona, você sabe alguma coisa a respeito? Ele deu de ombros e remexeu em uma das pilhas desarrumadas com um dedo indicador, retirando uma folha suja que obviamente caíra em uma poça em algum momento.

— Como esta, imagino — ele disse, entregando-a a mim. Não tinha assinatura e estava quase ilegível, uma denúncia odiosa, cheia de erros de ortografia, de vários Escândalos e Indivíduos Corruptos — ali listados — cujo discurso, ação e aparência eram uma ameaça a todos que davam valor à paz e à prosperidade. A esses indivíduos, segundo o redator, se deveria mostrar qual é a verdade, provavelmente espancando, esfolando vivo, rolando em alcatrão fervente e cobrindo de penas, ou em casos particularmente perniciosos, enforcados imediatamente nas vigas de seu próprio telhado.

— Onde você pegou isso? — Larguei a folha sobre a mesa, usando apenas dois dedos.

— Em Campbelton. Alguém a enviou a Farquard, como Juiz de Paz.

Ele a deu para mim, porque meu nome está na lista.

— Está? — Apertei os olhos para as letras irregulares. — Oh, é verdade. Frayzer. Tem certeza de que é você? Afinal, há muitos Frasers e não poucos chamados John, James, Jacob ou Joseph.

— Poucos que poderiam ser descritos como um filho da mãe ruivo, degenerado, bexiguento e usurante, que se esconde em bordéis quando não está bêbado ou fazendo baderna na rua, imagino.

— Oh, não li essa parte.

— Está na explicação no pé da página. — Lançou um olhar de relance, indiferente, ao papel. — Acho que foi o próprio Buchan, o açougueiro, quem escreveu isso.

— Mesmo presumindo que exista esta palavra "usurante", não sei de onde ele tirou isso. Você não tem nenhum dinheiro para emprestar.

— Não creio que seja estritamente necessária uma base de verdade, nas circunstâncias, Sassenach — ele disse muito secamente. — E graças a MacDonald e ao pequeno Bobby, há muita

gente que acha que eu realmente tenho dinheiro; e se não estou disposto a lhes emprestar, ora, é obviamente uma questão de eu ter colocado toda a minha fortuna nas mãos de judeus e especuladores whigs, já que estou determinado a estragar o comércio para lucro próprio.

— O quê?

— Este é um esforço um pouco mais literário — ele disse, remexendo na pilha de papéis e retirando uma elegante folha de pergaminho, escrita em letras de fôrma. Esta fora enviada a um jornal em Hillsboro, e estava assinada Um Amigo da Justiça; e apesar de não citar Jamie, era óbvio quem era o alvo da denúncia.

— É o cabelo — eu disse, olhando-o com ar crítico. A concepção comum de que cabelos ruivos são indício de mau caráter e barbárie, quando não absoluta possessão demoníaca, não se limitava a inimigos anônimos. O conhecimento dessa crença, juntamente com uma aversão natural, tinha muito a ver com o fato de que ele realmente nunca usava peruca ou talco, mesmo em situações onde um verdadeiro cavalheiro o faria.

Sem perguntar, peguei uma pilha dos papéis e comecei a folheá-los.

Ele não fez nenhum movimento para me impedir, mas continuou sentado em silêncio, observando, ouvindo o barulho da chuva.

Um forte aguaceiro de primavera caía lá fora e o ar estava frio e úmido, denso dos aromas verdes da floresta que se insinuavam através das frestas da porta e da janela. As vezes, eu tinha a sensação repentina, ao ouvir o vento através das árvores, de que a vida selvagem lá fora pretendia entrar, marchar pela casa e destruí-la, apagando qualquer vestígio de nossa existência.

As cartas eram sortidas. Algumas eram dos membros do Comitê de Correspondência da Carolina do Norte, com notícias, a maior parte do norte. Comitês de Associação Continental haviam



surgido como cogumelos em New Hampshire e New Jersey, esses organismos agora na prática assumindo as funções do Governo, conforme os governadores reais perdiam o controle sobre as assembleias, tribunais e alfândega, os resquícios de organização desmoronando-se cada vez mais.

Boston continuava ocupada pelas tropas de Gage, e algumas das cartas continuavam os apelos para que enviassem suprimentos em socorro dos cidadãos — nós havíamos enviado duzentos quintais de cevada durante o inverno, que um dos Woolam assumira a responsabilidade de fazer entrar na cidade, juntamente com três carroções de outros alimentos doados pelos habitantes de Ridge.

Jamie pegara sua pena de escrever e rabiscava alguma coisa, devagar, para acomodar a rigidez da mão.

A seguinte era um aviso de Daniel Putnam, que circulara por Massachusetts, alertando para o crescimento de companhias de milícia no interior e pedindo armas e pólvora. Estava assinado por doze homens, cada qual testemunhando a verdade da situação em seu próprio distrito.

Havia a proposta de um Segundo Congresso Continental, a se reunir na Filadélfia, sem data marcada ainda.

A Geórgia havia formado um Congresso da Província, mas, como o legalista redator da carta — obviamente presumindo que Jamie era da mesma opinião — triunfalmente observava, Não há nenhum ressentimento em relação à Grã-Bretanha por aqui, como em outras partes; o sentimento legalista é tão forte que somente cinco freguesias de doze enviaram representante a esse congresso ilegal e arrivista.

Um exemplar muito dilapidado do Massachusetts Gazette, datado de 6 de fevereiro, contendo uma carta, circulada a tinta e intitulada O Governo da Lei e o Governo dos Homens. Estava assinada Novanglus — que entendi como sendo uma espécie de

arremedo de latim para "novo inglês" — e deveria ser uma resposta a cartas anteriores de um tory que assinava Massachusettsis, por incrível que pareça.

Eu não fazia a menor ideia de quem podia ser Massachusettsis, mas reconheci algumas expressões da carta de Novanglus, de alguns antigos trabalhos escolares de Bri — John Adams, em boa forma.

— O Estado de Direito e não o governo dos homens — murmurei.

— Que espécie de pseudônimo você usaria, se fosse escrever esse tipo de coisas? — Erguendo os olhos, eu vi sua expressão, com um ar meio envergonhado.

— Você já está fazendo isso? — Bem, apenas uma ou outra cartinha aqui e ali — ele disse, na defensiva. — Nenhum panfleto.

— Quem é você? Ele deu de ombros, desdenhando.

— Scotus Americanus, mas somente até eu pensar em algo melhor.

Há alguns outros usando este nome, pelo que sei.

— Bem, isso já é alguma coisa. O rei vai ter mais trabalho para identificar você no meio da multidão. — Murmurando "Massachusettsis" comigo mesma, peguei o documento seguinte.

Um bilhete de John Stuart, muito indignado com o repentino pedido de demissão de Jamie, ressaltando que o mais ilegal e pródigo Congresso de Massachusetts, como o denominam, havia convidado formalmente os índios de Stockbridge para se alistarem a serviço da colônia, e informando a Jamie que se algum dos cherokees os seguisse, ele, John Stuart, teria o maior prazer em pessoalmente assegurar que ele, Jamie Fraser, fosse enforcado por traição.

— E imagino que John Stuart nem sabe que você possui cabelos ruivos — observei, colocando a carta de lado. Sentia-me um pouco abalada, apesar das minhas tentativas de pilheriar. Vendo

tudo colocado em preto e branco solidificava as nuvens que se avolumavam ao nosso redor, e eu senti a primeira gota de chuva gelada em minha pele, apesar do xale de lã ao redor dos meus ombros.

Não havia lareira no gabinete de Jamie; apenas um pequeno braseiro que usávamos para aquecer o aposento. Estava aceso agora, no canto, e Jamie levantou-se, pegou uma pilha de cartas e começou a lançá-las ao fogo, uma a uma.

Tive uma repentina sensação de déjà vu, e o vi de pé junto à lareira na sala de estar da casa de seu primo Jared em Paris, lançando cartas no fogo.

As cartas roubadas dos conspiradores jacobitas, erguendo-se em baforadas brancas de fumaça, formando as nuvens de uma tempestade muito antiga.

Lembrei-me do que Fergus dissera, em resposta às instruções de Jamie: "Conheço muito bem esse jogo, milorde." Eu também, e agulhões de gelo começaram a se formar em meu sangue.

Jamie soltou o último fragmento flamejante dentro do braseiro, em seguida espalhou areia na página que estivera escrevendo, sacudiu-a para retirar a areia, e entregou-a a mim. Ele usara uma das folhas do papel especial que Bri fizera pressionando uma polpa de plantas e trapos entre telas de seda. Era mais grosso do que o normal, com uma textura macia e lustrosa, e ela havia misturado frutas silvestres e minúsculas folhas na polpa, de modo que aqui e ali uma pequena mancha vermelha espalhava-se como sangue sob a sombra da silhueta de uma folha.

*De Fraser's Ridge, na colônia da Carolina do Norte,  
Em 16 de março, Anno Domini 1775,  
James Fraser para lorde John Grey, de Mount Josiah Plantation,  
Na colônia de Virginia.*

*Meu caro John,*

*É tarde demais.*

*Nossa troca habitual de correspondência só poderá representar um risco para você, mas é com grande pesar que eu corto este vínculo entre nós.*

*Sempre, creia-me,*

*Seu mais humilde e afetuoso amigo,*

*Jamie*

Li a nota em silêncio e a devolvi. Enquanto ele procurava aqui e ali a cera de selar cartas, notei um pequeno embrulho no canto de sua escrivaninha e que ficara escondido sob os papéis espalhados.

— O que é isto? — peguei-o; era surpreendentemente pesado para seu tamanho.

— Um presente do lorde para o pequeno Jemmy. — Acendeu a vela fina de cera de abelha no braseiro e segurou-a sobre a borda da carta dobrada. — Um conjunto de soldadinhos de chumbo, segundo Bobby.



*O 18 DE ABRIL*

Roger acordou repentinamente, sem saber o que o havia acordado.

Estava completamente escuro, mas o ar tinha a sensação plácida e secreta das altas horas da noite; o mundo prendendo a respiração, antes da chegada da aurora na garupa de um vento galopante.

Ele virou a cabeça no travesseiro e viu que Brianna também estava acordada; permanecia deitada de costas, olhando para cima, e ele percebeu a leve vibração de suas pálpebras quando ela piscou.

Estendeu a mão para tocá-la e a mão de Brianna fechou-se sobre a dele. Um apelo para que ficasse em silêncio? Ele permaneceu absolutamente quieto, ouvindo, mas não escutou nada. Uma brasa partiu-se na lareira com um estalido abafado e a mão dela apertou a sua ainda mais. Jemmy atirou-se sobre a cama com um farfalhar de cobertas, soltou um gritinho e ficou em silêncio. A noite continuava absolutamente serena.

— O que foi? — ele disse baixinho.

Ela não se virou para olhar para ele; seus olhos agora estavam fixos na janela, um retângulo cinza-escuro, quase invisível.

— Ontem foi 18 de abril — ela disse. — Começou. — Sua voz estava calma, mas havia algo no tom que o fez se aproximar

dela, de modo que ficaram estendidos lado a lado, tocando-se do ombro aos pés.

Em algum lugar ao norte dali, homens reuniam-se na fria noite de primavera. Oitocentos homens das tropas britânicas, resmungando e suspirando enquanto se vestiam à luz de velas. Os que haviam ido para a cama acordando ao som das batidas dos tambores passando pelas casas, armazéns e igrejas onde estavam aquartelados, os que não tinham ido dormir saíam cambaleando dos dados e da bebida, das salas aquecidas de tavernas, dos braços quentes de mulheres, caçando botas perdidas e pegando as armas, saindo em duplas, trios e quartetos, fazendo ruído e murmurando pelas ruas de lama congelada, em direção ao ponto de reunião para a revista da tropa.

— Eu cresci em Boston — ela disse, a voz baixa e suave, em tom de conversa. — Toda criança de Boston aprendeu essa odisseia em algum momento. Eu aprendi na quinta série.

— Escutem, meus filhos, e vocês ouvirão sobre a cavalgada da meia-noite de Paul Revere. — Roger sorriu, visualizando-a no uniforme da escola paroquial de Saint Finbar, com casaco azul, blusa branca e meias três-quartos. Certa vez ele vira a fotografia escolar da quinta série de Brianna. Ela parecia uma tigresa descabelada, pequena e feroz, que algum maníaco vestira com roupas de boneca.

— Essa mesma. No dezoito de abril de setenta e cinco. Quase não resta nenhum homem vivo que se lembre dessa famosa data.

— Quase nenhum homem — Roger repetiu baixinho. Alguém... quem? Um chefe de família, ouvindo atrás da porta a conversa de comandantes ingleses aquartelados em sua casa? Uma garçonete, levando canecas de rum quente a dois sargentos? Não havia como manter sigilo, não com oitocentos homens em circulação. Tudo era uma questão de tempo. Alguém enviara a

notícia da cidade ocupada, informando que os ingleses pretendiam se apropriar das armas e da pólvora armazenadas em Concord, e ao mesmo tempo prender Hancock e Samuel Adams — o fundador do Comitê de Segurança, o orador exaltado, os líderes desta rebelião de traidores... que diziam estar em Lexington.

Oitocentos homens para capturar dois? Grandes chances. E um artesão de pratas e seus amigos, alarmados com as notícias, saíram na noite fria. Bri continuou: — Ele disse a seu amigo: "Se os ingleses avançarem Por terra ou por mar da cidade esta noite, Pendure uma lanterna no alto do arco do campanário Da torre da Igreja do Norte como um sinal luminoso .

Uma se vierem por terra e duas se por mar; E eu estarei na costa do outro lado, Pronto para cavalgar e espalhar o aviso Por toda vila e fazenda de Middlesex, Para que a gente do campo Possa se rebelar e se armar." — Não se escrevem mais epopeias como essa — Roger disse. Mas apesar de seu cinismo, não podia deixar de visualizar a cena: o vapor do hálito de um cavalo, branco na escuridão, e do outro lado das águas escuras, a minúscula estrela de uma lanterna, bem acima da cidade adormecida. E depois mais uma.

— O que aconteceu depois? — ele disse.

— Então ele disse: "Boa-noite!" e com remos silenciosos Rumou para a costa de Charlestown, Enquanto a lua se erguia acima da baía, Onde oscilando em seu ancoradouro se via O Somerset, o navio de guerra inglês; Um navio-fantasma, com cada mastro e verga Cortando a lua como as barras de uma prisão, E um enorme casco preto, aumentado Por seu próprio reflexo na maré.

— Bem, nada mau — ele disse, criteriosamente. — Gosto da parte do Somerset. É a descrição de um pintor.

— Cale-se. — Ela o chutou, porém sem real violência. — Continua falando do amigo, que vagueia e vigia, com ouvidos ansiosos — Roger resfolegou com ironia e ela o chutou outra vez. —

Até que no silêncio ao seu redor ele ouve/agrupamento de homens à porta do quartel/O barulho de armas e de botas pesadas/E os passos sincopados dos granadeiros/Marchando para seus barcos na praia.

Ele a visitara em Boston na primavera. Em meados de abril, as árvores não exibiam mais do que uma névoa verde, os galhos ainda despídos em sua maior parte contra o céu pálido. As noites ainda eram geladas, mas de certa forma o frio tinha um toque de vida, um frescor que permeava o ar glacial.

— Depois vem uma parte maçante sobre o amigo subindo as escadas da torre da igreja, mas eu gosto do trecho seguinte. — Sua voz, já branda, diminuiu ainda mais, sussurrando: —

*Embaixo, no pátio da igreja, jaziam os mortos,  
Em seu acampamento noturno na colina,  
Envoltos em silêncio tão profundo e imóvel,  
Que ele podia ouvir, como os passos de uma sentinela,  
O vento noturno vigilante, conforme avançava  
Esgueirando-se de tenda em tenda,  
E parecendo sussurrar, "Está tudo bem!"  
Apenas por um instante, ele sente o feitiço  
Do lugar e da hora, e o temor secreto  
Do campanário deserto e dos mortos;  
Pois repentinamente todos os seus pensamentos se voltam  
Para algo sombreado a distância,  
Onde o rio se alarga para encontrar a baía .  
Uma fileira negra que se curva e flutua  
Na maré alta como uma ponte de barcos.*

— A seguir, vem uma longa história com o velho Paul matando o tempo à espera do sinal — ela disse, abandonando o



sussurro dramático por um tom mais normal de voz. — Mas finalmente ele aparece e então...

— Um estrépito de cascos em uma rua da vila, Uma figura ao luar, um vulto na escuridão, fugaz, uma centelha Acesa por um corcel destemido e rápido; Isso foi tudo! No entanto, através das trevas e da luz, O destino de uma nação cavalgava naquela noite; E a fagulha acesa por aquele corcel, em sua corrida, Ateou fogo à terra com seu calor.

— Isso é realmente muito bom. — A mão de Roger curvou-se sobre sua coxa, logo acima do joelho, para o caso de Brianna chutá-lo outra vez, mas ela não o fez. — Lembra-se do resto?

— E assim ele prossegue ao longo do rio Mystic — Brianna disse, ignorando-o — e então há mais três partes, quando ele atravessa as cidades: —

*Era meia-noite pelo relógio da vila,  
Quando ele atravessou a ponte e entrou na cidade de Medford.  
Ele ouviu o canto do galo  
E o latido do cão do fazendeiro,  
E sentiu a umidade da neblina do rio,  
Que se levanta depois que o sol se põe.  
Era uma hora pelo relógio da vila,  
Quando ele entrou em Lexington a galope.  
Viu o galo dourado da direção dos ventos  
Nadar ao luar enquanto ele passava,  
E as janelas da casa de assembleia, vazias e desnudas,  
Olharam para ele com um olhar espectral,  
Como se já horrorizadas  
Com a luta sangrenta que iriam testemunhar.*

— Eram duas horas pelo relógio da vila... E, sim, eu ouço o relógio tocando, nos primeiros versos, fique quieto! — Ele, na

verdade, havia inspirado fundo, mas não para interromper, apenas porque ele havia repentinamente percebido que estivera prendendo a respiração. — *Eram duas horas pelo relógio da vila* — ela repetiu, — *Quando chegou à ponte na cidade de Concord.*

*Ele ouviu os balidos do rebanho  
E o gorjeio dos pássaros nas árvores,  
E sentiu o hálito da brisa da manhã  
Soprando sobre a campina marrom.  
E alguém que estava seguro, dormindo em sua cama,  
Seria o primeiro a cair morto na ponte.  
E nesse dia estaria estendido, sem vida,  
Perfurado por uma bala de mosquete inglês.*

— Você sabe o resto. — Ela parou abruptamente, a mão apertando a dele com força.

De um momento para o outro, a natureza da noite mudara. A quietude das altas horas da noite cessara e um sopro de vento movia-se pelas árvores lá fora. De repente, a noite estava viva outra vez, mas morrendo agora, silenciando à medida que a aurora se aproximava.

Ainda que não gorjeassem, os pássaros estavam acordados; um deles chamou, repetidas vezes, da floresta próxima, em tom alto e melodioso. E acima do cheiro forte e viciado do fogo, ele respirou o ar fresco e límpido da manhã, sentindo seu coração bater com repentina urgência.

— Conte-me o resto — ele sussurrou.

Ele viu as sombras dos homens nas árvores, a batida furtiva nas portas, as reuniões em voz baixa, agitada — e durante todo o tempo, a luz aumentando a leste. O marulho das ondas e o rangido dos remos, o som das vacas inquietas mugindo para serem ordenhadas e, na brisa crescente, o cheiro rançoso de homens

sonolentos e de estômagos vazios, o cheiro pungente da pólvora negra e do aço.

E sem pensar, libertou-se do aperto da mão de sua mulher, virou-se sobre ela e, levantando sua camisola das coxas, possuiu-a com força e depressa, em um compartilhamento indireto daquela impensada urgência de procriar que ocorre na presença iminente da morte.

Permaneceu estendido sobre ela, trêmulo, o suor secando em suas costas na brisa que entrava pela janela, o coração martelando em seus ouvidos. Em nome daquele, pensou. Aquele que seria o primeiro a cair. O pobre infeliz que talvez não houvesse copulado com sua mulher na escuridão e aproveitado a chance de deixá-la grávida, porque não fazia a menor ideia do que estava a caminho no amanhecer. Este amanhecer.

Brianna permaneceu imóvel sob ele; podia sentir seu peito subir e descer com a respiração, costelas fortes que se erguiam mesmo sob seu peso.

— Você sabe o resto — ela sussurrou.

— Bri — ele disse, muito brandamente. — Eu venderia a alma para estar lá agora.

— Shh — ela disse, mas sua mão se ergueu e repousou nas costas de Roger como se fosse uma bênção. Permaneceram imóveis, observando a luz aumentar aos poucos, em silêncio.

Esse silêncio foi quebrado um quarto de hora mais tarde, pelo barulho de passos apressados e uma batida na porta. Jemmy saltou do meio de suas cobertas como um cuco de relógio, os olhos redondos, e Roger levantou-se, apressadamente alisando para baixo sua camisa de dormir.

Era um dos Beardsley, o rosto emaciado e branco à luz cinzenta. Ele não prestou nenhuma atenção a Roger, mas gritou para Brianna: — Lizzie está tendo a criança, venha rápido!

Imediatamente, partiu na direção da casa grande, onde a figura de seu irmão podia ser vista gesticulando freneticamente na varanda.

Brianna enfiou-se apressadamente nas roupas e irrompeu da cabana, deixando Jemmy a cargo de Roger. Encontrou-se com sua mãe, igualmente desgrenhada, mas com um estojo médico cuidadosamente arrumado pendurado no ombro, andando apressadamente na direção do caminho estreito que passava pela casinhola da fonte e pelo estábulo, entrando pela floresta distante onde ficava a cabana dos Beardsley.

— Ela devia ter descido para cá na semana passada — Claire disse, arfando. — Eu disse a ela...

— Eu também. Ela disse... — Brianna desistiu da tentativa de falar.

Os gêmeos Beardsley já as haviam deixado para trás havia muito tempo, saltando pela floresta como alces, resfolegando e gritando... se de absoluta agitação diante da iminente paternidade ou para informar Lizzie de que a ajuda estava a caminho, ela não sabia.

Ela sabia que Claire se preocupara com a malária de Lizzie. No entanto, a sombra amarela que tão frequentemente pairava sobre sua antiga criada simplesmente desaparecera durante a gravidez; Lizzie florescera.

Ainda assim, Brianna sentiu um aperto no estômago de medo ao avistar a cabana dos Beardsley. As peles de animais tinham sido removidas para fora, empilhadas ao redor da minúscula casa como uma barricada, e o cheiro das peles lhe deu por um instante a visão terrível da cabana dos MacNeill, impregnada de morte.

Mas a porta estava aberta e não havia moscas. Forçou-se a aguardar um pouco, a fim de deixar Claire entrar primeiro, mas seguiu em seus calcanhares — e descobriu que haviam chegado tarde demais.

Lizzie estava sentada em um canto recoberto de peles sujas de sangue, pestanejando estupefata para o bebê pequeno, redondo, lambuzado de sangue, que olhava para ela com a mesma expressão de boquiaberta perplexidade.

Jo e Kezzie agarravam-se com força, empolgados demais e com medo de falar. Pelo canto do olho, Brianna viu suas bocas se abrindo e fechando sincopadamente, e teve vontade de rir, mas apenas seguiu sua mãe até a cama.

— Ele simplesmente saltou para fora! — Lizzie dizia, olhando momentaneamente para Claire, mas no mesmo instante voltando bruscamente o olhar fascinado de novo para o bebê, como se esperasse que ele — sim, era um menino, Brianna notou — fosse desaparecer tão repentinamente quanto chegara.

— Minhas costas doeram terrivelmente a noite toda, nem consegui dormir, e os rapazes se alternaram me massageando, mas não adiantou muito; depois, quando me levantei para ir à latrina hoje de manhã, toda a água escorreu pelo meio das minhas pernas, exatamente como a senhora disse que aconteceria! — ela disse a Claire. — Então, eu disse a Jo e Kezzie que tinham que ir chamá-la, mas eu não sabia o que fazer em seguida.

Assim, comecei a preparar a massa para fazer panquecas para o café da manhã — abanou a mão indicando a mesa, onde se via uma tigela de farinha de trigo, um jarro de leite e dois ovos — e de repente senti essa vontade urgente de... de... — Enrubesceu, as faces da cor da peônia.

— Bem, nem consegui chegar ao urinol. Simplesmente agachei-me ali perto da mesa e... e... pop! Lá estava ele, bem no chão embaixo de mim!

Claire pegara o recém-chegado e arrulhava amorosamente para ele, enquanto habilmente verificava tudo que se costuma verificar em bebês recém-nascidos. Lizzie havia feito um cobertor, cuidadosamente tricotado em lã de cordeiro e tingido com índigo.

Claire olhou para a coberta imaculada, depois puxou um pedaço de flanela macia e descolorida de seu estojo. Envolvendo o bebê na flanela, entregou-o a Brianna.

— Segure-o por um instante, enquanto eu cuido do cordão umbilical, sim, querida? — ela disse, retirando tesouras e linha de seu estojo. — Depois, pode limpá-lo um pouco, tem um frasco de óleo aqui dentro, enquanto eu cuido de Lizzie. E vocês dois — ela acrescentou, olhando severamente para os Beardsley — vão lá para fora.

O bebê remexeu-se de repente dentro de seu invólucro, surpreendendo Brianna com a lembrança repentinamente vívida de membros minúsculos, fortes, empurrando de dentro: um chute no fígado, o movimento do líquido da bolsa, conforme a cabeça, ou as nádegas, pressionava em uma curva lisa e dura sob suas costelas.

— Olá, rapazinho — ela murmurou, aconchegando-o junto ao seu ombro. Ele cheirava forte e estranhamente a mar, ela pensou, e curiosamente fresco em contraste com a acre pungência das peles do lado de fora.

— Oooh! — Lizzie deu um grito agudo de surpresa, quando Claire massageou sua barriga, e ouviu-se uma espécie de ruído escorregadio e suculento Brianna lembrou-se vividamente disso também; a placenta, esse bilioso, liso produto secundário do nascimento, quase calmante enquanto resvalava pelos tecidos já muito maltratados com uma sensação de pacífico encerramento. Uma vez terminado, e a mente estupefata começava a compreender a sobrevivência.

Ouviu-se uma arfada da porta de entrada e ela ergueu os olhos, deparando-se com os Beardsley, lado a lado e com os olhos esbugalhados.

— Xô, xô! — ela disse com firmeza, abanando a mão para dispensá-los. Eles desapareceram prontamente, deixando-a com a divertida tarefa de limpar e passar óleo no corpo enrugado e nos

agitados bracinhos e pernas. Era um bebê pequeno, mas redondo: rosto redondo, olhos muito redondos para um recém-nascido... ele não havia chorado em momento algum, mas estava obviamente acordado e alerta... e com uma barriguinha igualmente redonda, de onde o toco de seu cordão umbilical se projetava, roxo e fresco.

Seu ar de assombro não desaparecera; olhava-a com os olhos arregalados, sisudo como um peixe, embora ela pudesse sentir o enorme sorriso em seu próprio rosto.

— Você é tão bonitinho! — ela lhe disse. Ele estalou os lábios de uma maneira pensativa e enrugou a testa. — Ele está com fome! — ela gritou por cima do ombro. — Está pronta?

— Pronta? — Lizzie exclamou, com um grasnido. — Mãe de Deus, como você pode estar pronta para algo assim? — o que fez Claire e Brianna rirem estrepitosamente.

No entanto, Lizzie estendeu os braços para a trouxinha enrolada em azul e colocou-o no peito de maneira hesitante. O bebê bateu, com grunhidos cada vez mais ansiosos, mas finalmente uma conexão adequada foi estabelecida, fazendo Lizzie proferir um breve gritinho de surpresa, e todos respiraram aliviados.

Nesse ponto, Brianna notou que há algum tempo havia uma conversa do lado de fora — um murmúrio de vozes masculinas, deliberadamente baixas, em uma confusão de especulação e perplexidade.

— Acho que pode deixá-los entrar agora. Depois, coloque a frigideira no fogo, por favor. — Claire, sorrindo radiante para mãe e filho, misturava a massa de panquecas abandonada.

Brianna enfiou a cabeça para fora da cabana e viu Jo, Kezzie, seu próprio pai, Roger e Jemmy aglomerados a certa distância. Todos ergueram os olhos ao vê-la, com expressões que iam do orgulho vagamente embaraçado à simples empolgação.

— Mamãe! O bebê chegou? — Jem correu para ela, empurrou-a para entrar na cabana e ela agarrou-o pela gola.

— Sim. Você pode vê-lo agora, mas tem que fazer silêncio. Ele é muito pequeno e você não vai querer assustá-lo, não é?

— Ele? — um dos Beardsley perguntou, empolgado. — É menino? Eu disse a você! — ele disse ao irmão, cutucando-o nas costelas. — Eu disse que vi um pau pequenininho!

— Não se diz coisas como "pau" na frente de senhoras — Jem informou-o severamente, virando-se para franzir a testa para ele. — E mamãe disse para fazer silêncio!

— Oh! — o gêmeo Beardsley exclamou, envergonhado. — Oh, sim, claro.

Movendo-se com uma cautela exagerada que lhe deu vontade de rir, os gêmeos entraram na ponta dos pés, seguidos de Jem, a mão de Jamie firme em seu ombro, e Roger.

— Lizzie está bem? — ele perguntou baixinho, parando para beijá-la rapidamente ao passar.

— Um pouco atônita, eu acho, mas está bem.

Lizzie estava, na verdade, sentada, os cabelos louro-claros agora penteados e brilhantes ao redor de seus ombros, irradiando felicidade para Jo e Kezzie, ajoelhados ao lado da cama, rindo de orelha a orelha.

— Que a bênção de Brígida e de Columba esteja com você, minha jovem — Jamie disse formalmente em gaélico, inclinando-se para ela —, e que o amor de Cristo a ampare sempre na maternidade. Que o leite brote de seus seios como água das pedras e que possa descansar em segurança nos braços de seu — ele tossiu brevemente, olhando de relance para os Beardsley — marido.

— Se a gente não pode dizer "pau", por que pode dizer "seios"? — Jemmy perguntou, interessado.

— Não pode, a menos que seja uma prece — seu pai informou-o. — Seu avô estava abençoando Lizzie.

— Oh. Há preces com a palavra "pau"?



— Tenho certeza que sim — Roger retrucou, evitando cuidadosamente o olhar de Brianna —, mas você não as diz em voz alta. Por que não vai ajudar a vovó com o café da manhã? A frigideira de ferro estava chiando com a gordura fervente e o aroma de massa de panquecas encheu o aposento quando Claire começou a despejar colheradas no metal quente.

Jamie e Roger, tendo apresentado suas felicitações a Lizzie, haviam recuado um pouco, para dar à pequena família um momento de privacidade, embora a cabana fosse pequena demais e quase não houvesse espaço para comportar todos ali dentro.

— Você é tão linda — Jo, ou talvez Kezzie, sussurrou enlevado, tocando seus cabelos com o dedo indicador. — Você parece a lua nova, Lizzie.

— Doeu muito, querida? — murmurou Kezzie, ou talvez Jo, afagando as costas de sua mão.

— Não muito — ela disse, acariciando a mão de Kezzie, em seguida erguendo a palma da mão e colocando-a na face de Jo. — Olhem. Ele não é a criaturinha mais linda que já viram? — O bebê se saciara e adormecera. Largou o mamilo com um sonoro pop! e enroscou-se no braço de sua mãe como um bichinho se preparando para hibernar, a boca semiaberta.

Os gêmeos emitiram idênticos sons de admiração, olhando com adoração para — bem, o que mais se poderia dizer? Brianna pensou — o filho deles.

— Oh, que dedinhos lindos! — Kezzie, ou Jo, murmurou, tocando o minúsculo punho cor-de-rosa com um indicador sujo.

— Ele está inteiro? — Jo, ou Kezzie, perguntou. — Você olhou?

— Olhei — Lizzie tranquilizou-o. — Tome... quer segurá-lo? — Sem esperar assentimento, ela colocou o embrulho nos braços dele. Qualquer que fosse dos gêmeos pareceu ao mesmo tempo

extasiado e aterrorizado, e virou-se para o irmão com ar assustado, em busca de apoio.

Brianna, apreciando a cena, sentiu Roger logo atrás dela.

— Não são uma gracinha? — ela sussurrou, estendendo a mão para trás para segurar a dele.

— Oh, sim — ele disse, um sorriso na voz. — O suficiente para fazer você querer outro, não?

Foi uma observação inocente; ela podia sentir que ele não tivera nenhuma segunda intenção — mas ele ouviu o eco, assim como Brianna, e tossiu, soltando sua mão.

— Tome, este é para Lizzie. — Claire entregava a Jem um prato de panquecas deliciosamente perfumadas com manteiga e mel. — Mais alguém com fome? A algazarra geral em resposta a essa pergunta permitiu a Brianna esconder seus sentimentos, mas eles ainda estavam lá — e dolorosamente nítidos, ainda que emaranhados.

Sim, ela realmente queria outro filho, obrigada, ela pensou iradamente para as costas distraídas de Roger. No instante em que segurou o recém-nascido, ela o desejou com uma ânsia física que ultrapassava a fome ou a sede. E ela adoraria culpá-lo pelo fato de ainda não ter acontecido.

Fora necessário um verdadeiro salto no escuro, pelo vertiginoso abismo do conhecimento, para ela deixar de lado as sementes de dauco, aquelas frágeis bolinhas de proteção. Mas ela o fizera. E nada.

Ultimamente, andara pensando apreensivamente no que Ian lhe dissera sobre sua mulher e a luta para conceber. Era verdade que ela não sofrera nenhum aborto, e sentia-se imensamente agradecida por isso. Mas a parte que ele lhe contara, que passaram a fazer amor cada vez mais mecânica e desesperadamente — isso começava a assomar como um fantasma a distância. Ainda não

chegara a esse ponto — porém de vez em quando, virava-se nos braços de Roger, pensando: Agora? Será desta vez? Mas nunca era.

Os gêmeos estavam ficando mais à vontade com seu rebento, as cabeças escuras unidas, percorrendo os contornos rechonchudos do rostinho adormecido e perguntando-se em voz alta com quem ele mais se parecia, como dois idiotas.

Lizzie devorava concentradamente seu segundo prato de panquecas, acompanhadas de linguiças fritas. O aroma era delicioso, mas Brianna não estava com fome.

Ainda bem que agora eles tinham certeza, disse a si mesma, observando Roger aceitar a vez de segurar o bebê, seu rosto magro e moreno se enternecendo. Se ainda houvesse alguma dúvida de que Jemmy era filho de Roger, ele teria culpado a si mesmo como Ian se culpou, teria achado que havia algo errado com ele. No entanto, do jeito que era...

Teria alguma coisa acontecido a ela?, perguntou-se apreensivamente.

O nascimento de Jemmy teria danificado alguma coisa? Jamie segurava o bebê agora, uma única mão enorme envolvendo a cabecinha redonda, sorrindo para baixo com aquela suave expressão de afeto tão peculiar — e cativante — aos homens. Ela realmente ansiava para ver aquela expressão no rosto de Roger, segurando seu próprio filho recém-nascido.

— Sr. Fraser. — Lizzie, finalmente saciada de linguiças, colocou de lado o prato vazio e inclinou-se para frente, erguendo os olhos ansiosamente para Jamie. — Meu pai. Ele... ele sabe? — Não pôde deixar de olhar para o vão da porta vazio atrás dele.

Jamie pareceu momentaneamente desconcertado.

— Ah — ele disse, entregando o bebê com cuidado a Roger, obviamente aproveitando a pausa para tentar pensar em algum modo menos doloroso de dizer a verdade. — Sim, ele sabe que o bebê estava a caminho — disse cautelosamente. — Eu contei a ele.

E ele não viera. Os lábios de Lizzie pressionaram-se e uma sombra de infelicidade atravessou o brilho de lua nova de seu rosto.

— Seria melhor que nós... eu... um de nós... fosse contar a ele? — um dos gêmeos perguntou, hesitante. — Que a criança chegou, quero dizer, e... e que Lizzie está bem.

Jamie hesitou, em dúvida se aquela seria uma boa ideia ou não. O sr. Wemyss, pálido e com aspecto doentio, nunca mais mencionara sua filha, seus supostos genros ou seu teórico neto desde o imbróglio em torno do casamento duplo de Lizzie. Mas agora que a criança era um fato concreto — O que quer que ele ache que deveria fazer — Claire disse, o rosto ligeiramente transtornado vai querer saber se eles estão bem, sem dúvida.

— Oh, sim — Jamie concordou. Olhou de forma incerta para os gêmeos — Só não sei ao certo se deveria ser Jo ou Kezzie a lhe contar.

Os gêmeos trocaram um longo olhar, no qual alguma decisão parecia ter sido tomada.

— É preciso, senhor — um deles disse com firmeza, virando-se para Jamie. — O bebê é nosso, mas é sangue dele também. Isso é uma ligação entre nós; ele deve saber disso.

— Não queremos que ele fique com raiva de Lizzie, senhor — seu irmão disse, mais brandamente. — Ela fica magoada. Talvez o bebê... facilitasse as coisas, não acha?

O rosto de Jamie não traía nada além de uma atenção estudada à questão em pauta, mas Brianna o viu lançar um olhar de relance a Roger antes de retorná-lo ao embrulhinho nos braços de Roger, e ela disfarçou um sorriso. Ele certamente não se esquecera de sua própria reação inicial a Roger, mas fora o fato de Roger reivindicar Jem que estabelecera o primeiro — e muito frágil — elo na cadeia de aceitação que ela achava que agora unia Roger quase tão próximo ao coração de Jamie quanto ela própria.

— Sim, bem — Jamie disse, ainda relutante. Desagradava-lhe muito se ver envolvido nessa situação, ela podia ver pelo seu semblante, mas ainda não conseguira encontrar um meio de lidar com ela. — Vá contar-lhe. Mas só um de vocês! E se ele vier, o outro fique bem longe de vista, me ouviram?

— Oh, sim, senhor — ambos asseguraram-lhe em uníssono. Jo, ou Kezzie, franziu um pouco a testa para o embrulho e hesitantemente estendeu os braços. — Devo...

— Não. — Lizzie estava sentada, empertigada, os braços sustentando o corpo para tirar o peso de suas sensíveis partes inferiores. A testa pequena e clara estava franzida com determinação. — Diga-lhe que estamos bem, sim. Mas se ele quiser ver o bebê, ele virá e será bem-vindo. Mas se ele não colocar o pé na soleira da minha porta... bem, ele não é bem-vindo para ver seu neto. Diga a ele — ela repetiu, recostando-se novamente sobre os travesseiros.

— Agora me dê meu filho. — Ela estendeu os braços e agarrou o bebê adormecido junto ao peito, fechando os olhos contra qualquer possibilidade de argumentação ou censura.



*A FRATERNIDADE UNIVERSAL DO HOMEM*

Brianna levantou o encerado que cobria uma das grandes bacias de barro e cheirou, apreciando o odor bolorento de terra revolvida. Ela mexeu a mistura pálida com uma vareta, erguendo-a periodicamente a fim de avaliar a textura da polpa que gotejava.

Nada má. Mais um dia e estaria suficientemente dissolvida para prensar. Ela considerou se deveria adicionar mais da solução de ácido sulfúrico diluído, mas resolveu não fazê-lo e, em vez disso, enfiou a mão na tigela ao seu lado, cheia de pétalas murchas das flores de corniso e de pata-de-vaca colhidas para ela por Jemmy e Aidan. Ela espalhou um punhado das pétalas delicadamente sobre a polpa acinzentada, mexeu a mistura para incorporá-las, depois cobriu a bacia outra vez. Até o dia seguinte, não seriam mais do que fracos esboços, mas ainda visíveis como sombras nas folhas de papel acabadas.

— Sempre ouvi dizer que fábricas de papel fedem. — Roger abriu caminho entre os arbustos em sua direção. — Talvez usem alguma outra coisa no processo? — Dê graças a Deus por eu não estar curtindo couro — ela avisou-o.

— Ian diz que as mulheres indígenas usam fezes de cachorro para isso.

— Os curtidores europeus também; só que chamam o material de "puro".

— Puro o quê? — Fezes puras, eu acho — respondeu, dando de ombros. — Como está indo? Surgindo ao lado dela, olhou com interesse para sua própria fabriqueta: uma dúzia de bacias grandes, de barro cozido, cada qual cheia de pedaços de papel usado, retalhos velhos de seda e algodão, fibras de linho, o miolo macio de talos de taboa e qualquer outra coisa em que ela conseguisse pôr as mãos que pudesse ser útil, retalhados ou triturados em um moedor. Ela havia cavado um vazadouro e colocado nele um de seus canos de água quebrado como um aparador, para prover um suprimento de água conveniente; próximo dali, ela construía uma plataforma de pedra e madeira, sobre a qual ficavam montadas as telas de seda emolduradas sobre as quais ela pressionava a polpa.

Havia uma mariposa morta flutuando na bacia seguinte e ele fez menção de tirá-la, mas ela abanou a mão, dissuadindo-o.

— Insetos se afogam na mistura o tempo todo, mas desde que sejam maleáveis, não tem importância. Com bastante ácido sulfúrico — com um movimento da cabeça, indicou a garrafa tampada com um trapo —, eles logo se tornam parte da polpa: mariposas, borboletas, formigas, mosquitos, bichos-lixeiros... as asas são as únicas partes que não se dissolvem inteiramente. Bichos-lixeiros ficam bonitos incrustados no papel, mas não baratas. — Ela pescou uma delas de dentro da bacia e atirou-a no meio dos arbustos, depois acrescentou um pouco mais de água com a concha de cabaça, mexendo.

— Não é de admirar. Pisei em uma delas hoje de manhã; ela achatou-se, depois se inflou de novo e saiu passeando, com um sorrisinho matreiro. — Ele parou um instante; queria lhe perguntar alguma coisa, ela podia ver, e olhou-o com um ar interrogativo, encorajando-o.

— Eu só estava pensando... você se importaria de levar Jem à casa grande depois do jantar? Talvez vocês dois passem a noite lá? Olhou para ele, espantada.

— O que está planejando fazer? Uma despedida de solteiro para Gordon Lindsay? — Gordon, um rapaz tímido de dezessete anos, estava noivo de uma jovem quaker de Woolam's Mill; ele estivera lá no dia anterior para "passar o chapéu" — pedir pequenos artigos domésticos para se preparar para o casamento.

— Não vai ter nenhuma mulher saindo do bolo — ele lhe garantiu —, mas certamente é um evento só para homens. É a primeira reunião da Loja de Fraser's Ridge.

— Loja... o quê? Maçons? — Ela estreitou os olhos com ar de dúvida para ele, mas ele confirmou. A brisa se intensificara e agitava seus cabelos negros; ele os alisou para trás com uma das mãos.

— Terreno neutro — ele explicou. — Não quis sugerir reuniões nem na casa grande, nem na casa de Tom Christie, para não favorecer nenhum dos dois lados, pode-se dizer.

Ela balançou a cabeça, compreendendo.

— Tudo bem. Mas por que maçons? — Ela não sabia nada a respeito de maçons, a não ser que eram uma espécie de sociedade secreta da qual os católicos não podiam fazer parte.

Mencionou esse ponto em particular a Roger, que riu.

— É verdade — ele disse. — O papa proibiu há cerca de quarenta anos.

— Por quê? O que o papa tem contra os maçons? — ela perguntou, interessada.

— É um organismo poderoso. Muitos homens de poder e influência pertencem a essa sociedade, e atravessa fronteiras internacionais. Imagino que a verdadeira preocupação do papa seja a concorrência pelo poder, embora, se me recordo bem, a razão alegada fosse de que a maçonaria parecia-se muito a uma religião. Oh, isso, e que eles são adoradores do Diabo.

Ele riu.



— Você sabe que seu pai fundou uma Loja na prisão de Ardsmuir, não sabe? — Acho que ele mencionou isso, não me lembro.

— Eu levantei a questão católica com ele. Ele me lançou um daqueles seus olhares e disse: "Sim, bem, o papa não estava na prisão de Ardsmuir, e eu estava." — Me parece bem razoável — ela disse, achando graça. — Mas, por outro lado, eu também não sou o papa. Ele disse por quê? Papai, quero dizer, não o papa.

— Claro. Era uma forma de unir os católicos e protestantes isolados no mesmo presídio. Já que um dos princípios da maçonaria é a fraternidade universal, hein? E outro é que não se fala de religião, nem de política em uma Loja.

— Oh, não? O que se faz em uma Loja, então? — Não sei lhe dizer. Mas não é culto ao Diabo.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele e ele deu de ombros.

— Não posso — ele repetiu. — Quando você se filia, faz um juramento de não falar fora da Loja sobre o que é feito lá.

Ela sentiu-se ligeiramente irritada com isso, mas logo afastou a questão da mente, voltando a acrescentar mais água a uma das bacias.

Parecia que alguém havia vomitado ali dentro, ela pensou com ar crítico, e pegou a garrafa de ácido.

— Parece-me bastante suspeito — ela observou. — E meio tolo. Não há alguma coisa sobre apertos de mão secretos, esse tipo de coisa? Ele apenas sorriu, sem se incomodar com seu tom de voz.

— Não estou dizendo que não haja um pouco de teatralidade envolvida. É de origem medieval e conserva muito dos paramentos originais... mais ou menos como a Igreja Católica.

— Sei — ela disse secamente, pegando uma bacia de polpa pronta. — Então, é ideia de papai começar uma Loja aqui? — Não, minha. — Sua voz perdeu o tom bem-humorado e ela olhou para ele incisivamente.

— Preciso de uma forma de dar a eles um denominador comum, Bri — ele disse. — As mulheres têm um: as mulheres dos pescadores costuram, fiam, tricotam e fazem colchas de retalhos com as outras, e se particularmente acham que você ou sua mãe ou a sra. Bug são hereges condenadas ao inferno, ou malditas whigs, ou o que quer que seja, parece não fazer grande diferença Mas não os homens.

Ela pensou em dizer alguma coisa sobre a inteligência e o bom-senso dos dois sexos, mas sentindo que isso poderia ser contraproducente no momento, simplesmente assentiu. Além do mais, ele não parecia ter a menor noção do tipo de mexerico que grassava nos círculos de costura.

— Segure esta tela bem firme, sim? Obediente, ele agarrou a armação de madeira, esticando as pontas do arame cuidadosamente entremeado, como instruído a fazer.

— Então — ela disse, despejando colheradas da papa fina sobre a seda quer que eu providencie leite e biscoitos para o encontro desta noite? — Sim, isso seria ótimo.

— Eu estava brincando! — Eu não estava. — Ele ainda sorria, mas com absoluta seriedade por trás dos olhos, e ela percebeu repentinamente que aquilo não era um capricho. Com uma estranha pontada no peito, ela viu seu pai ali de pé.

Um havia aprendido a cuidar de outros homens desde os primeiros anos, uma parte do dever de seu direito de nascença; o outro chegara a isso mais tarde, mas ambos sentiam esse fardo como a vontade de Deus, ela não tinha a menor dúvida — ambos aceitavam esse dever sem questionamento, o honrariam, ou morreriam tentando. Só esperava que não chegasse a esse ponto — para nenhum dos dois.

— Me dê um fio de seu cabelo — ela disse, abaixando os olhos para esconder seus sentimentos.

— Para quê? — ele perguntou, mas já arrancava um fio do cabelo enquanto perguntava.

— O papel. A polpa não deve ser espalhada com uma grossura maior do que a de um fio de cabelo. — Ela estendeu o fio negro na extremidade da tela de seda, depois espalhou o líquido cinzento em uma camada cada vez mais fina, de modo que ela fluiu pelo cabelo, mas não o cobriu. Ele flutuou com o líquido, uma linha preta e graciosa através do branco, como a minúscula rachadura na superfície de seu coração.



## ALARMES

L'OIGNON-INTELLIGENCER  
ANÚNCIO DE UM CASAMENTO.

O NEW BERNINTELLIGENCER, fundado por John Robinson, parou de ser publicado com a retirada de seu fundador para a Grã-Bretanha, mas asseguramos aos seus clientes que este jornal não desaparecerá, uma vez que suas instalações, estoques e listas de assinantes foram adquiridos pelos proprietários do ONION, esse estimado, popular e ilustre jornal. O novo periódico, aperfeiçoado e ampliado, daqui em diante aparecerá como LOIGNON-INTELLIGENCER, distribuído semanalmente, com edições extras sempre que os acontecimentos assim o exigirem, e fornecido ao modesto custo de um penny...



Ao sr. e sra. James Fraser,  
de Ridge, Carolina do Norte  
De sr. e sra. Fergus Fraser,  
Thorpe Street, New Bern

Querido pai e mãe Claire

*Escrevo-lhes para colocá-los a par da mais recente mudança de nossa sorte. O sr. Robinson, a quem pertencia o outro jornal da cidade, viu-se retirado para a Grã-Bretanha. Literalmente retirado, já que alguns desconhecidos, disfarçados de selvagens, invadiram seu estabelecimento nas primeiras horas da manhã, arrancaram-no de sua cama, levaram-no às pressas para o porto e lá o enfiaram em um navio, vestido apenas com suas roupas e touca de dormir.*

*O capitão prontamente soltou as amarras do navio e zarpou, deixando a cidade em grande alvoroço, como podem imaginar.*

*Entretanto, um dia após a repentina partida do sr. Robinson, fomos visitados por dois indivíduos distintos (não posso escrever seus nomes, sendo discreto como vocês concordarão que devo ser). Um desses era um membro local do Comitê de Segurança — que todos sabem que esteve por trás do afastamento do sr. Robinson, mas que ninguém diz. Foi muito educado em sua fala, mas não tanto em suas maneiras. Queria, ele disse, se certificar de que Fergus não compartilhava os sentimentos deliberadamente errôneos tão frequentemente expressos pelo sr. Robinson com relação aos recentes acontecimentos e particularidades.*

*Fergus disse-lhe, com uma expressão totalmente impassível, que ele não compartilharia nem uma taça de vinho com o sr. Robinson (o que ele não poderia fazer, o sr. Robinson sendo metodista e contrário a bebidas), e o cavalheiro entendeu isso como significando o que ele gostaria que significasse, e foi embora satisfeito, dando a Fergus uma bolsinha de dinheiro.*

*Em seguida, surgiu outro cavalheiro, gordo e muito importante nos assuntos da cidade, membro do Conselho Real, embora eu não soubesse disso na ocasião. Sua missão era a mesma — ou melhor, oposta: ele queria perguntar se Fergus estava inclinado a comprar os bens do sr. Robinson, de modo a continuar seu trabalho no interesse do rei — sendo isso a impressão de algumas cartas e a supressão de outras.*

*Fergus disse a esse cavalheiro, com ar muito sério, que ele sempre vira muita coisa a admirar no sr. Robinson (principalmente seu cavalo,*

*que é cinza e muito afável, e as curiosas fivelas de seus sapatos), mas acrescentou que nós mal tínhamos dinheiro para comprar tinta e papel, e assim ele temia que teríamos que nos resignar com a aquisição do estabelecimento do sr. Robinson por alguém de pouca sensibilidade para questões políticas.*

*Eu mesma fiquei aterrorizada, uma condição em nada atenuada quando o cavalheiro deu uma gargalhada e retirou uma estufada carteira do bolso, observando que "o barato pode sair caro". Ele pareceu achar isso muito divertido e riu desbragadamente, depois deu uns tapinhas na cabeça de Henri-Christian e foi embora.*

*Assim, nossas possibilidades são ao mesmo tempo maiores e mais assustadoras. Não consigo dormir, pensando no futuro, mas Fergus está tão mais animado que não posso lamentar nada.*

*Rezem por nós, como sempre rezamos por vocês, meus queridos pais.*

*Sua filha obediente e afetuosa,  
Marsali*



— Você o ensinou bem — observei, tentando manter a voz descontraída.

— Óbvio. — Jamie pareceu ligeiramente preocupado, porém achou graça. — Não se preocupe com isso, Sassenach. Fergus é hábil nesse jogo.

— Isso não é um jogo — eu disse, com tanta veemência que ele olhou para mim, surpreso. — Não é — repeti, um pouco mais serenamente.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim, retirou um maço de papéis da confusão sobre sua escrivaninha e estendeu-o para mim.



MANHÃ DE QUARTA-FEIRA  
QUASE DEZ HORAS — WATERTOWN

*A todos os amigos da liberdade americana faça-se saber que esta manhã, antes do raiar do dia, uma brigada, consistindo de cerca de 1.000 a 1.200 homens, desembarcou em Phip's Farm em Cambridge e marchou para Lexington, onde encontrou uma companhia de nossa milícia da colônia armada, sobre a qual abriu fogo sem nenhuma provocação, matando seis homens e ferindo outros quatro. Através de outro mensageiro de Boston, ficamos sabendo que outra brigada, supostamente com cerca de 1.000 homens, está agora partindo de Boston. O portador da notícia, Israel Bissell, está incumbido de alertar a região até Connecticut, e solicita-se que todas as pessoas lhe forneçam novos cavalos à medida que forem necessários. Conversei com diversas pessoas que viram os mortos e feridos. Rezo para que os delegados desta colônia até Connecticut vejam este aviso.*

*J. Palmer, membro do Comitê de Segurança.*

*Eles sabem que o coronel Foster, de Brookfield, é um dos delegados.*



Abaixo dessa mensagem havia uma lista de assinaturas, apesar de muitas terem a mesma caligrafia. A primeira dizia: Cópia fiel tirada do original por ordem do Comitê de Correspondência de Worcester — 19 de abril de 1775. Autenticada. Nathan Baldwin,

escrivão público. Todas as demais eram precedidas por declarações semelhantes.

— Macacos me mordam — eu disse. — E o Alerta de Lexington. — Ergui os olhos, arregalados, para Jamie. — Onde arranjou isso?

— Um dos homens do coronel Ashe trouxe. — Embaralhou os papéis até chegar à assinatura da última folha, apontando para o endosso de John Ashe. — O que é o Alerta de Lexington?

— Isso. — Olhei fascinada para o documento. — Após a batalha de Lexington, o general Palmer, ele é um general da milícia, escreveu isto e enviou por todo o interior por um mensageiro expresso, a cavalo, a fim de prestar testemunho dos acontecimentos; para notificar as milícias próximas de que a guerra havia começado.

"Os homens, ao longo do caminho, tiraram cópias, endossaram-nas para dar fé de que eram cópias autênticas e enviaram a mensagem a outras cidades e vilarejos; provavelmente foram feitas centenas de cópias na época, e muitas sobreviveram. Frank tinha uma que alguém lhe dera de presente. Ele a mantinha emoldurada, no hall de entrada de nossa casa em Boston."

Então, um estremelecimento extraordinário me percorreu, quando percebi que a carta familiar que eu estava vendo havia na verdade sido escrita há apenas uma ou duas semanas — não duzentos anos.

Jamie também parecia um pouco pálido.

— Isto... é o que Brianna me contou que aconteceria — ele disse, um tom de perplexidade na voz. Em 19 de abril, um combate em Lexington, o início da guerra. — Ele olhou diretamente para mim e eu vi que seus olhos estavam escuros, com uma combinação de assombro e inquietação.

— Eu realmente acreditei em você, Sassenach — ele disse.  
— Mas...



Não terminou a frase, mas sentou-se, estendendo a mão para a pena de escrever. Com lenta deliberação, assinou seu nome ao pé da página.

— Você faz uma boa cópia para mim, Sassenach? — ele disse. — Vou passá-la adiante.



### *O MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO*

Um enviado do coronel Ashe também trouxera a notícia de um congresso a ser realizado no condado de Mecklenberg, em meados de maio, com o objetivo de declarar a independência oficial do condado do rei da Inglaterra. Consciente do fato de que ele ainda era visto com ceticismo por não poucos líderes do que agora repentinamente se tornara "a rebelião", apesar do decidido apoio de John Ashe e alguns outros amigos, Jamie tomou a decisão de comparecer ao congresso e falar abertamente em apoio à medida.

Roger, absolutamente inflamado com um entusiasmo contido diante disso, sua primeira oportunidade de testemunhar a história sendo feita, iria com ele.

No entanto, poucos dias antes da programada partida, a atenção de todos foi desviada da perspectiva da história para o presente mais imediato: a família Christie inteira surgiu repentinamente na porta da frente, logo depois do café da manhã.

Alguma coisa acontecera. Allan Christie estava afogueado de agitação, Tom estava sombrio e carrancudo como um velho lobo. Malva obviamente andara chorando e seu rosto ficava sucessivamente vermelho e branco. Cumprimentei-a, mas ela desviou o olhar, os lábios trêmulos, enquanto Jamie convidava-os a entrar em seu gabinete e gesticulava para que se sentassem.

— O que foi, Tom? — Ele olhou rapidamente para Malva, obviamente ela era o foco desta emergência familiar, mas

concentrou sua atenção em Tom, como o patriarca.

A boca de Tom Christie estava pressionada com tanta força que mal era visível nas profundezas de sua barba cuidadosamente aparada.

— Minha filha está grávida — ele disse abruptamente.

— Oh? — Jamie lançou outro olhar de relance a Malva, que permanecia em pé, a cabeça, coberta por uma touca, abaixada, olhando para as mãos entrelaçadas, depois olhou para mim com uma sobrancelha erguida. — Ah. Bem... isso anda acontecendo com frequência por aí, sem dúvida — ele disse, e sorriu afavelmente, em um esforço para acalmar os Christie, todos os quais tremiam como contas em um arame esticado com força.

Eu mesma não fiquei admirada com a notícia, embora naturalmente preocupada. Malva sempre atraía muita atenção dos rapazes, e apesar de seu pai e seu irmão terem sido ambos muito vigilantes em impedir qualquer namoro às claras, a única maneira de manter os rapazes completamente distantes teria sido trancá-la em uma masmorra.

Quem teria sido o admirador bem-sucedido?, perguntei-me. Obadiah Henderson? Bobby, talvez? Um dos irmãos McMurchie? Não, por favor, meu Deus, os dois, eu esperava. Todos esses — e não poucos outros — haviam sido óbvios em sua admiração.

Tom Christie recebeu a tentativa de gracejo de Jamie com um silêncio sepulcral, embora Allan tenha feito uma fraca tentativa de sorrir. Estava quase tão pálido quanto a irmã.

Jamie tossiu.

— Muito bem. Posso ajudar de alguma forma, então, Tom?

— Ela diz — Christie começou bruscamente, com um olhar penetrante para sua filha — que não dirá o nome do homem, a não ser em sua presença. — Ele voltou o olhar para Jamie, cheio de ódio.

— Em minha presença? — Jamie tossiu outra vez, obviamente constrangido com a implicação óbvia de que Malva achava que os homens de sua família iriam surrá-la ou agredir seu amante, a menos que a presença do senhor da propriedade pudesse refreá-los. Pessoalmente, achei esse temor em particular bastante plausível e lancei eu mesma um olhar ameaçador a Tom Christie. Ele já teria tentado, e fracassado, arrancar a verdade de Malva? Ela não fazia nenhuma tentativa de divulgar o nome do pai de seu filho, apesar da presença de Jamie. Ela simplesmente ficava alisando uma prega de seu avental entre os dedos, os olhos fixos nas mãos.

Limpei a garganta delicadamente.

— De... hum... quanto tempo você está, querida? Ela não respondeu diretamente, mas pressionou as mãos, tremendo, contra a frente do avental, alisando a barriga de modo que o volume de sua gravidez tornou-se repentinamente visível, liso e redondo como um melão, surpreendentemente grande. Seis meses, talvez; fiquei surpresa.

Evidentemente, ela adiara o máximo possível a necessidade de contar a seu pai — e escondera bem o seu estado.

O pesado silêncio era cada vez mais constrangedor. Allan remexeu-se nervosamente em seu banco e inclinou-se para frente para murmurar de maneira tranquilizadora para sua irmã: — Vai ficar tudo bem, Mallie — ele sussurrou. — Mas você tem que dizer.

Com isso, ela tomou um grande gole de ar e levantou a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos, mas ainda muito bonitos, e arregalados de apreensão.

— Oh, senhor — ela disse, mas estancou repentinamente.

Jamie a essa altura estava quase tão constrangido quanto os Christie, mas fez o melhor possível para manter um ar amável.

— Não quer me dizer, então, menina? — ele disse, o mais delicadamente possível. — Prometo que não sofrerá por isso.

Tom Christie fez um ruído de irritação, como uma fera perturbada em sua refeição, e Malva ficou realmente muito pálida, mas seus olhos permaneceram fixos em Jamie.

— Oh, senhor — ela disse, e sua voz era fina, mas clara como um sino, ressoando de reprovação. — Oh, senhor, como pode dizer isso a mim, quando conhece a verdade tão bem quanto eu? — Antes que qualquer um pudesse reagir a isso, ela virou-se para seu pai e, erguendo a mão, apontou diretamente para Jamie.

— Foi ele — ela disse.

Nunca fiquei tão grata por nada na vida quanto pelo fato de estar olhando para o rosto de Jamie quando ela disse isso. Ele não teve nenhum aviso prévio, nenhuma oportunidade de controlar suas feições — e não o fez. Seu rosto não mostrou nem raiva, nem medo, negação ou surpresa; nada, a não ser a perplexidade boquiaberta da absoluta incompreensão.

— O quê? — ele disse, em um tom de voz que deveria ter feito a pequena vagabunda cair sentada em seu pequeno e mentiroso traseiro.

Então, foi ela quem piscou, e abaixou os olhos, a verdadeira imagem da virtude envergonhada. Virou-se, como se não fosse capaz de suportar o olhar de Jamie, e estendeu uma das mãos trêmulas para mim.

— Sinto muito, sra. Fraser — ela sussurrou, as lágrimas convenientemente trêmulas em suas pestanas. — Ele... nós... não queríamos magoá-la.

Observei com interesse de algum lugar fora do meu corpo enquanto meu braço ergueu-se para trás e senti uma vaga sensação de aprovação quando minha mão atingiu sua face com força suficiente para fazê-la cambalear para trás, tropeçar em um banquinho e cair, as anáguas embaralhadas até a cintura em uma efervescência de linho, as pernas cobertas com meias de lã projetando-se absurdamente para cima no ar.

— Receio que não possa dizer o mesmo. — Eu nem pensara em dizer alguma coisa e fiquei surpresa ao sentir as palavras em minha boca, frias e redondas como pedras de rio.

De repente, eu estava de volta ao meu corpo. Senti como se meus espartilhos tivessem se apertado durante minha ausência temporária; minhas costelas doíam com o esforço de respirar. Líquidos surgiam em todas as direções - sangue e linfa, suor e lágrimas — se eu realmente inspirasse com força minha pele cederia e deixaria tudo esguichar para fora, como o conteúdo de um tomate maduro atirado contra uma parede.

Sentia-me mole, sem ossos. Mas eu tinha determinação. Somente isso me manteve em pé e me levou porta afora. Não vi o corredor, nem percebi que havia empurrado a porta da frente da casa; tudo que vi foi um repentino clarão de luz e uma mancha verde no pátio da casa, e depois eu estava correndo, correndo como se todos os demônios do inferno estivessem nos meus calcanhares.

Na realidade, ninguém me perseguia. Ainda assim, corri, abandonando a trilha e mergulhando na floresta, os pés resvalando nas camadas de agulhas escorregadias pelos arroios entre as pedras, quase caindo pelo barranco da colina, batendo dolorosamente em troncos caídos, desvencilhando-me de galhos e espinhos.

Cheguei sem fôlego ao pé da colina e me vi em uma depressão pequena e escura, cercada por uma parede alta e compacta, verde-escura, de rododendros. Parei, arquejante, tentando recuperar o fôlego, depois me sentei abruptamente. Senti-me desfalecer e abandonei-me, terminando de costas entre as camadas poeirentas das folhas coriáceas de louros-da-serra.

Um débil pensamento ecoava em minha mente, sob o ruído da respiração arquejante. Os culpados fogem até quando ninguém os persegue. Mas certamente eu não era culpada. Nem Jamie, eu sabia. Sabia.

Mas Malva sem dúvida estava grávida. Alguém era culpado.

Meus olhos estavam embaciados da corrida e a luz do sol se fragmentava em raios coloridos — azul-escuro, azul-claro, branco e cinza, cataventos verdes e dourados, conforme o céu nublado e a encosta da montanha giravam em círculos acima de mim.

Pestanejei com força, lágrimas não derramadas escorrendo pelas minhas têmporas.

— Maldição do inferno! — disse baixinho. — E agora? Jamie inclinou-se sem pensar, segurou a jovem pelos cotovelos e a içou sem cerimônia, colocando-a de pé. Uma de suas faces exibia uma mancha vermelho-escura onde Claire a esbofeteara e, por um instante, ele sentiu a vontade premente de deixar a outra no mesmo estado.

Não teve chance nem de reprimir esse desejo, nem de colocá-lo em prática; alguém agarrou seu ombro para fazê-lo se virar e foi por puro reflexo que ele se esquivou quando o punho de Allan Christie zuniu como um clarão pelo lado de sua cabeça, atingindo de raspão e dolorosamente a ponta de sua orelha. Ele empurrou o rapaz violentamente no peito com as duas mãos, em seguida enganchou o calcanhar como por trás de seu joelho quando ele oscilou, e Allan caiu sentado, com um baque que sacudiu o aposento.

Jamie recuou um passo, a mão na orelha latejante, e olhou furiosamente para Tom Christie, que estava parado, fitando-o, como a mulher de Lot.

A mão esquerda de Jamie estava cerrada em punho e ele o ergueu um pouco, como um convite. Os olhos de Christie estreitaram-se ainda mais, mas ele não fez nenhum movimento na direção de Jamie.

— Levante-se — Christie disse a seu filho. — Guarde os punhos. Não há necessidade disso agora.

— Não? — gritou o rapaz, colocando-se de pé atabalhoadamente. — Ele fez de sua filha uma vagabunda e você vai deixar por isso mesmo? Bem, se você vai fazer papel de covarde, meu pai, eu não vou! Arremessou-se sobre Jamie, os olhos esbugalhados, as mãos estendidas para sua garganta. Jamie deu um passo para o lado, mudou o peso do corpo para a outra perna e desfechou um soco no fígado do rapaz com uma esquerda de ferro, fazendo sua barriga ir parar nas costas e ele se dobrar com um gemido. Allan ergueu os olhos espantados para ele, a parte branca visível a toda volta, a boca aberta, depois desmoronou de joelhos com um baque surdo, a boca abrindo-se e fechando-se como a de um peixe.

Teria sido cômico em outras circunstâncias, mas Jamie não tinha nenhuma disposição de rir. Não perdeu mais tempo com nenhum dos dois homens, virando-se bruscamente para Malva.

— Então, que intriga é essa que está armando, nighean na galladh? — disse a ela. Era um sério insulto e Tom Christie sabia o que significava, gaélico ou não; Jamie pôde ver Christie retesar-se, pelo canto do olho.

A própria jovem já se derramava em lágrimas e, com isso, desatou a soluçar.

— Como pode falar comigo assim? — choramingou, apertando o avental contra o rosto. — Como pode ser tão cruel?

— Oh, pelo amor de Deus — ele disse, irritado. Empurrou um banquinho em sua direção. — Sente-se, sua maluca, e ouviremos a verdade do que você pensa que está tramando. Sr. Christie. — Olhou para Tom, indicou outro banquinho com a cabeça e foi sentar-se em sua própria cadeira, ignorando Allan, que desmoronara no chão e estava curvado de lado como um gatinho, segurando a barriga.

— Senhor?



A sra. Bug, ouvindo o tumulto, viera da cozinha e estava parada à porta, os olhos arregalados sob a touca.

— Precisa... de alguma coisa, senhor? — ela perguntou, sem disfarçar seu olhar de Malva, com o rosto vermelho e soluçando em seu banco, para Allan, pálido e arquejante no assoalho.

Jamie achava que estava precisando de um trago forte — ou talvez dois — mas isso teria que esperar.

— Obrigado, sra. Bug — ele disse educadamente —, mas não. Mais tarde — Levantou os dedos, dispensando-a, e ela desapareceu relutantemente de vista. Não fora muito longe, ele sabia, apenas um pouco depois da porta.

Passou a mão pelo rosto, perguntando-se o que estaria acontecendo com as jovens ultimamente. Era noite de lua cheia; talvez elas realmente ficassem lunáticas.

Por outro lado, a pequena megera sem dúvida andara fazendo loucuras com alguém —, com seu avental levantado assim, via-se perfeitamente o volume da criança, duro e arredondado como uma cabaça sob sua anágua fina.

— Quanto tempo? — ele perguntou a Christie, com um sinal da cabeça na direção de Malva.

— Seis meses — Christie disse, deixando-se afundar com relutância no banco oferecido. Estava mais circunspecto do que Jamie jamais o vira, mas controlado, o que era um bom sinal.

— Foi quando houve aquela epidemia no final do verão; quando eu estava aqui ajudando a cuidar da mulher dele! — Malva prorrompeu impetuosamente, abaixando o avental e fitando seu pai com ar de reprovação, o lábio trêmulo. — E também não foi uma vez só! — Girou seu olhar novamente para Jamie, molhados e suplicantes. — Diga a eles, senhor, por favor, diga-lhes a verdade!

— Oh, eu pretendo fazer isso! — ele disse, lançando-lhe um olhar fulminante. — E você vai fazer o mesmo, menina, eu lhe garanto.

O choque da situação começava a se dissipar e embora seu senso de irritação permanecesse — na realidade, crescia a cada instante — ele começava a pensar, e furiosamente.

Ela estava grávida de alguém absolutamente inadequado; isso era claro. Quem? Santo Deus, queria que Claire tivesse permanecido ali; ela ouvia os mexericos de Ridge e se interessava pela garota; ela sabia quais rapazes eram os mais prováveis. Ele próprio raramente notara a jovem Malva, salvo o fato de estar sempre por perto, ajudando Claire.

— A primeira vez foi quando a sra. Claire estava tão doente que achávamos que fosse morrer — Malva disse, arrancando-o de seus pensamentos. — Eu lhe disse, papai. Não foi estupro... só que ele estava fora de si de tristeza por sua mulher, e eu também. — Ela piscou, uma lágrima como uma pérola descendo pela face lisa. — Eu descí do quarto dela tarde da noite e o encontrei aqui, sentado no escuro, sofrendo. Senti tanta pena dele... — Sua voz tremeu e ela parou, engolindo em seco. — Perguntei se eu poderia ir pegar alguma coisa para ele comer, ou beber, mas ele já havia bebido, havia uísque em um copo diante dele...

— E eu lhe disse não, muito obrigado, e que ficaria sozinho — Jamie interrompeu, sentindo o sangue começar a afluir às suas têmporas com o relato da jovem. — Você foi embora.

— Não, não fui. — Ela sacudiu a cabeça; a touca se deslocara quando ela caiu e ela não a ajeitara no lugar outra vez; cachos de cabelos escuros dependuravam-se, emoldurando seu rosto. — Ou melhor, o senhor realmente disse isso para mim, que ficaria sozinho. Não suportei vê-lo em tal estado e... sei que foi ousado e inadequado, mas tive muita pena do senhor! — ela irrompeu, erguendo os olhos e imediatamente em seguida abaixando-os outra vez. — Eu... eu me aproximei e toquei nele — ela sussurrou, tão baixo que ele teve dificuldade em ouvi-la. — Coloquei a mão em seu ombro, só para confortá-lo. Mas ele se virou e passou os braços à

minha volta, de repente, e me agarrou contra ele. E... e depois... — Engoliu em seco, de forma audível. — Ele... ele me possuiu. Bem... ali.

— A ponta de uma pequena bota apontou delicadamente para o tapete de tiras de pano diante da mesa. Onde havia, de fato, uma mancha marrom, pequena e antiga, que poderia ter sido sangue. Era sangue, de Jemmy, quando o menino tropeçara no tapete e batera o nariz, fazendo-o sangrar.

Abriu a boca para falar, mas estava tão sufocado de indignação e surpresa que nada emergiu, a não ser uma espécie de arfada.

— Então, não tem coragem de negar, não é? — O jovem Allan recuperara o fôlego; oscilava nos joelhos, os cabelos caídos no rosto, olhando furiosamente para Jamie. — Mas teve coragem para fazer o que fez! Jamie lançou a Allan um olhar esmagador, mas não se deu ao trabalho de responder. Em vez disso, voltou sua atenção para Tom Christie.

— Ela está louca? — ele perguntou. — Ou é apenas esperta?

O rosto de Christie parecia esculpido em pedra, a não ser pela bolsa trêmula sob os olhos, e pelos próprios olhos, injetados e apertados.

— Ela não é louca — Christie disse.

— Uma mentirosa esperta, então. — Jamie fitou-a, os próprios olhos apertados. — Esperta o suficiente para saber que ninguém acreditaria em uma história de estupro.

Malva abriu a boca, horrorizada.

— Oh, não, senhor — ela disse e sacudiu a cabeça com tanta força que os cachos escuros dançaram junto às suas orelhas. — Eu nunca diria isso do senhor, nunca! — Engoliu e timidamente levantou os olhos para fitar os dele... inchados de chorar, mas de um cinza suave, ingênuos e inocentes.

— O senhor precisava de consolo — ela disse, suavemente, mas com absoluta clareza. — Eu lhe dei isso.

Ele pinçou o cavalete do nariz com força entre o polegar e o dedo indicador, esperando que a sensação o acordasse daquilo que obviamente era um Pesadelo. Isso não ocorrendo, suspirou e olhou para Tom Christie.

— Ela está grávida de alguém, e não é de mim — disse, sem preâmbulos — Quem poderia ser?

— Foi você! — a jovem protestou, deixando o avental cair ao sentar-se empertigada em seu banco. — Não há mais ninguém!

Os olhos de Christie deslizaram relutantemente para sua filha, depois voltaram para fixar os de Jamie. Eram do mesmo tom de cinza, mas nunca possuíram nenhum traço de ingenuidade ou inocência.

— Não sei de ninguém — ele disse. Respirou fundo, endireitando os ombros truncudos. — Ela diz que não foi uma única vez. Que você a possuiu uma dúzia de vezes ou mais. — Sua voz era quase sem entonação, mas não por falta de emoção, e sim pelo controle rígido que ele mantinha sobre seus sentimentos.

— Então, ela mentiu uma dúzia de vezes ou mais — Jamie disse, mantendo a própria voz sob tanto controle quanto a de Christie.

— Sabe que não! Sua mulher acredita em mim — Malva disse, e um tom metálico surgira em sua voz. Ergueu a mão para o rosto, onde a cor flamejante se acalmara, mas onde a impressão dos dedos de Claire ainda era nítida, de contornos vívidos.

— Minha mulher tem mais juízo — ele disse friamente, mas teve consciência ainda assim de uma sensação desalentadora à menção de Claire. Qualquer mulher poderia achar uma acusação como essa suficientemente chocante para fazê-la fugir — mas ele realmente queria que ela tivesse ficado. Sua presença,

decididamente negando qualquer má conduta da parte dele e pessoalmente repudiando as mentiras de Malva, teria ajudado.

— É mesmo? — A cor vívida havia desaparecido inteiramente do rosto da jovem, mas ela parara de chorar. Estava lívida, os olhos enormes e brilhantes. — Bem, eu tenho juízo também, senhor. O suficiente para provar o que eu digo.

— Oh, sim? — ele disse com ceticismo. — Como?

— Vi as cicatrizes em seu corpo despido; posso descrevê-las.

Essa declaração pegou todos de surpresa. Fez-se silêncio por um instante, quebrado pelo grunhido de satisfação de Allan Christie. Ele se levantou, uma das mãos ainda pressionando o abdômen, mas com um sorriso malévolos no rosto.

— E então? — ele disse. — Não tem resposta para isso, não é?

A irritação há muito dera lugar a uma raiva monstruosa. Sob ela, entretanto, estava o mais débil fio de algo que ele não chamaria de medo, ainda não.

— Eu não coloco minhas cicatrizes em exposição — ele disse serenamente —, mas mesmo assim há muitas pessoas que as viram. Também não me deitei com nenhuma delas.

— Sim, as pessoas às vezes comentam sobre as cicatrizes em suas costas — Malva retrucou. — E todos conhecem a grande em sua coxa, que adquiriu em Culloden. Mas e aquela em forma de meia-lua nas suas costelas? Ou a pequena em sua nádega esquerda? — Ela levou a mão às costas, segurando a própria nádega para ilustrar. — Não é bem no centro... é um pouco para baixo, do lado externo. Do tamanho aproximado de uma moeda. — Ela não sorriu, mas uma espécie de triunfo inflamou seus olhos.

— Eu não tenho... — ele começou a dizer, depois parou, perplexo.

Santo Deus, tinha, sim. Uma mordida de aranha, ocorrida nas Antilhas, que inflamara por uma semana, se transformara em

um abscesso, depois estourara, para seu grande alívio. Uma vez cicatrizada, ele nunca mais pensara nisso outra vez, mas estava lá.

Tarde demais. Eles haviam lido a confirmação em seu rosto. Tom Christie fechou os olhos, o maxilar movendo-se sob a barba. Allan grunhiu outra vez de satisfação e cruzou os braços.

— Quer nos mostrar que ela está errada? — o rapaz perguntou sarcasticamente. — Abaixei as calças e deixe a gente dar uma olhada no seu traseiro, então! Com um grande esforço, ele se absteve de dizer a Allan Christie o que ele poderia fazer com seu próprio traseiro. Inspirou longa e lentamente, na esperança de que quando soltasse a respiração outra vez, alguma ideia útil já tivesse lhe ocorrido.

Não ocorreu. Tom Christie abriu os olhos com um suspiro.

— Então — ele disse, categoricamente. — Imagino que não pretenda deixar sua mulher e se casar com ela?

— Eu jamais faria tal coisa! — A sugestão encheu-o de fúria... e algo como pânico à mera ideia de viver sem Claire.

— Então, faremos um contrato. — Christie passou a mão pelo rosto, os ombros arriados de exaustão e desgosto. — Sustento dela e da criança.

Reconhecimento formal dos direitos da criança como um de seus herdeiros. Você pode decidir, imagino, se quer ficar com a criança para sua mulher criar, mas isso...

— Fora. — Ele levantou-se, muito devagar, e inclinou-se para frente, as mãos sobre a mesa, os olhos fixos nos de Christie. — Pegue a sua filha e saia da minha casa.

Christie parou de falar e olhou para ele, com um olhar ameaçador. A jovem começou a se lamentar outra vez, choramingando com o avental no rosto. Ele teve a estranha sensação de que o tempo havia parado, de alguma forma; eles simplesmente iriam ficar presos ali para sempre, ele e Christie encarando-se como cachorros, nenhum dos dois capaz de abaixar os

olhos, mas sabendo que o assoalho do aposento desaparecera sob seus pés e eles permaneciam suspensos acima de um terrível abismo, no momento infundável antes da queda.

Foi Allan Christie quem quebrou o encanto, naturalmente. O movimento da mão do rapaz dirigindo-se à sua faca libertou o olhar de Jamie do olhar de Christie, e seus dedos apertaram-se, fincando-se na madeira da mesa. Um instante antes, ele se sentira desprovido de corpo; agora, o sangue latejava em suas têmporas e pulsava através de seus membros, e seus músculos tremiam com uma necessidade urgente de causar algum dano a Allan Christie. E torcer o pescoço de sua irmã, para parar suas lamúrias também.

O rosto de Allan Christie estava roxo de raiva, mas ele teve senso suficiente — por pouco, Jamie pensou — para não sacar sua faca.

— Não há nada que eu mais gostaria agora, rapaz, do que lhe dar uma boa lição — ele disse, suavemente. — Saia agora, antes que eu o faça.

O jovem Christie umedeceu os lábios e retesou-se, os nós dos dedos empalidecendo sobre o cabo da adaga — mas seus olhos vacilaram. Olhou para seu pai, sentado como uma estátua de pedra, rígido e carrancudo. A luz mudara; iluminava lateralmente e através dos tufos grisalhos da barba de Christie, de modo que sua própria cicatriz se tornava visível, um cordão fino e rosado que se enroscava como uma cobra acima de seu maxilar.

Christie endireitou-se devagar, erguendo o corpo com as mãos apoiadas nas coxas, depois sacudiu a cabeça de repente, como um cachorro sacudindo a água dos pelos, e levantou-se. Agarrou Malva pelo braço, levantou-a de seu banco e empurrou-a à sua frente, chorando e tropeçando, para fora.

Allan seguiu-os, aproveitando a ocasião para passar tão perto de Jamie ao sair que Jamie pôde sentir o odor do rapaz, pungente de fúria. O jovem Christie lançou um único olhar furioso

para trás por cima do ombro, a mão ainda na faca — mas saiu. Os passos dos três no corredor faziam as tábuas do assoalho estremecerem sob os pés de Jamie, e a seguir ouviu-se a forte batida da porta ao ser fechada.

Ele abaixou os olhos, então, vagamente surpreso de ver a surrada superfície de sua mesa e suas próprias mãos ainda espalmadas ali como se tivessem adquirido raízes. Endireitou-se e seus dedos se curvaram, as juntas rígidas doendo quando ele cerrou os punhos. Estava encharcado de suor.

Passos mais leves desceram o corredor e a sra. Bug, então, entrou com uma bandeja. Colocou-a diante dele, fez uma medida e saiu. O único copo de cristal que ele possuía estava na bandeja, bem como a garrafa que continha o uísque especial.

Obscuramente, ele sentiu que tinha vontade de rir, mas não conseguia se lembrar como se ria. A luz iluminou a garrafa e a bebida dentro dela brilhou como uma alexandrita. Ele tocou no vidro delicadamente, em atenção à lealdade da sra. Bug, mas aquilo teria que esperar. O Diabo estava à solta no mundo e certamente as consequências seriam horrendas. Antes de mais nada, precisava encontrar Claire.

Após algum tempo, as nuvens à deriva enfureceram-se, transformando-se em nuvens escuras, tempestuosas, e uma brisa fria começou a soprar no alto da depressão do terreno onde eu me encontrava, sacudindo os loureiros acima com um ruído chocalhado, como o de ossos secos. Muito devagar, levantei-me e comecei a escalar a encosta.

Eu não tinha nenhum destino eminente; não me importava, na verdade, se estava molhada ou não. Sabia apenas que não podia voltar para casa. Assim, cheguei à trilha que levava à Fonte Branca, exatamente quando a chuva começou a cair. Gotas enormes espatifavam-se nas folhas de tintureira e bardana, e os abetos e



pinheiros soltavam seu hálito há tanto tempo retido em um fragrante suspiro.

O tamborilar das gotas nas folhas e galhos era pontuado pelo ruído surdo e abafado de gotas mais pesadas batendo com força na terra macia — havia granizo junto com a água da chuva, e repentinamente surgiram minúsculas partículas brancas de gelo ricocheteando loucamente dos maços de agulhas, salpicando meu rosto e meu pescoço com ferroadas frias.

Corri, então, e abriguei-me sob os ramos pendentes de um abeto balsâmico que se projetava sobre a fonte. Os granizos batiam na água e a faziam dançar, mas derretiam-se com o impacto, desaparecendo imediatamente na água escura. Permaneci sentada, imóvel, os braços ao meu redor, tremendo de frio.

Quase seria possível compreender, disse a parte de minha mente que começara a falar em algum momento da subida da colina. Todos achavam que você estava morrendo, inclusive você. Você sabe o que acontece... já viu isso. As pessoas sob a terrível tensão do luto, aquelas que lidam com a esmagadora presença da morte — eu já vira isso. Era uma busca de consolo natural; uma tentativa de se esconder, ainda que por alguns instantes, negar a frieza da morte buscando consolo no calor simples do contato corporal.

— Mas ele não fez isso — eu disse teimosamente, em voz alta. — Se tivesse feito, era isso... eu poderia perdoá-lo. Mas, droga, ele não fez!

Meu subconsciente se acalmou diante dessa certeza, mas eu tinha consciência de inquietações subterrâneas — não suspeitas, nada grave o suficiente para ser chamado de dúvidas. Apenas pequenas observações, que enfiavam a cabeça acima da superfície de meu próprio poço escuro como as rãs com seus assobios agudos, sibilantes, quase inaudíveis individualmente, mas que juntos por fim formavam uma algazarra de sons capaz de sacudir a noite.

Você é uma mulher velha.

Veja como as veias se destacam em suas mãos.

A carne despencou de seus ossos; seus seios estão caídos.

Se ele estivesse desesperado, precisando de consolo...

Talvez a rejeitasse, mas jamais viraria as costas a uma criança de seu sangue.

Fechei os olhos e lutei contra uma crescente sensação de náusea. A chuva de granizo passara, sucedida por uma chuvarada, e um vapor frio começava a se levantar do solo, névoa flutuando para cima, desaparecendo como fantasmas no aguaceiro.

— Não — exclamei em voz alta. — Não!

Parecia que eu tinha engolido vários pedregulhos, pontiagudos e cobertos de terra. Não era apenas a ideia de que Jamie poderia — mas de que Malva havia com toda certeza me traído. Havia me traído se fosse verdade — e mais ainda se não fosse.

Minha aprendiz. Minha filha do coração.

Eu estava a salvo da chuva, mas a umidade do ar era muito alta; minhas roupas ficaram úmidas e pesavam no meu corpo, grudadas em minha pele. Através da chuva, eu podia ver a enorme pedra branca que se erguia na cabeceira da fonte e dava seu nome à lagoa. Fora ali que Jamie derramara seu sangue em sacrifício e o lançara naquela pedra, pedindo a ajuda do parente que ele assassinara. E fora ali que Fergus se deitara, abrindo as veias, em desespero por seu filho, seu sangue aflorando escuro na água silenciosa.

E comecei a compreender por que eu fora para aquele mesmo lugar, por que ele me chamara. Era um lugar para encontrar a si mesmo, e descobrir a verdade.

A chuva cessou e as nuvens dispersaram-se. Lentamente, a luz começou a desaparecer.

Já era quase noite quando ele chegou. As árvores moviam-se, inquietas com a penumbra e sussurrando entre si; não ouvi seus passos na trilha encharcada. Ele simplesmente surgiu ali, de repente, na borda da clareira.

Ele procurava; vi sua cabeça se levantar quando me viu e, em seguida, deu a volta no pequeno lago, a passos largos, e agachou-se sob os galhos pendentes do meu abrigo. Vi que estava fora de casa havia algum tempo; seu casaco estava molhado e o tecido de sua camisa emplastado no peito com a chuva e o suor. Trouxera uma capa, enrolada sob o braço.

Desdobrou-a e colocou-a em volta dos meus ombros. Deixei que o fizesse.

Sentou-se bem perto de mim, os braços ao redor dos joelhos, fitando a lagoa da fonte, cada vez mais escura. A luz atingira aquele ponto de beleza que ocorre logo antes de todas as cores desaparecerem, e os pelos de suas sobrancelhas arqueavam-se ruivos e perfeitos sobre as bordas sólidas de sua fronte, cada qual absolutamente distinto, como os pelos mais curtos e mais escuros de sua barba.

Ele respirou longa e profundamente, como se estivesse caminhando há algum tempo, e limpou uma gota de umidade que escorreu na ponta de seu nariz. Uma ou duas vezes pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas não disse.

Os pássaros haviam saído de seus esconderijos por um breve espaço de tempo após a chuva. Agora recolhiam-se, piando baixinho nas árvores.

— Eu realmente espero que você esteja planejando dizer alguma coisa — eu disse por fim, educadamente. — Porque se não, eu provavelmente vou começar a gritar e talvez não consiga parar.

Ele fez um som entre divertimento e consternação, e enfiou o rosto nas palmas das mãos. Permaneceu assim por alguns

instantes, em seguida esfregou as mãos com força pelo rosto e sentou-se direito, suspirando.

— Fiquei pensando o tempo inteiro enquanto procurava por você, Sassenach, o que em nome de Deus eu deveria dizer quando a encontrasse. Pensei numa coisa e outra... e... não parecia haver nada que eu pudesse dizer. — Ele soou desamparado.

— Como assim? — perguntei, um tom cortante perceptível na voz.

— Eu poderia pensar em algumas coisas para dizer, sem dúvida.

Ele suspirou e fez um breve gesto de frustração.

— O quê? Dizer que lamento... não seria certo. Eu realmente sinto muito, mas dizer isso... soa como se eu tivesse feito algo do qual me arrependo, e isso eu não fiz. Mas pensei que começar assim talvez fizesse você pensar... — Olhou para mim. Eu mantinha um rígido controle tanto sobre meu rosto quanto sobre minhas emoções, mas ele me conhecia muito bem. No instante em que ele disse "Sinto muito", meu estômago pareceu mergulhar até os pés.

Ele desviou os olhos.

— Não há nada que eu possa dizer — ele disse serenamente — que não soe como se eu tentasse me defender ou me desculpar. E eu não vou fazer isso.

Emiti um pequeno ruído, como se alguém tivesse me dado um soco no estômago, e ele olhou incisivamente para mim.

— Não farei isso! — ele disse, impetuosamente. — Não há nenhum modo de negar uma acusação como essa que não carregue o cheiro da dúvida. E não há nada que eu possa dizer a você que não soe como desculpa por... Por... bem, eu não vou me desculpar por algo que não fiz, e se o fizesse, você duvidaria ainda mais de mim.

Eu começava a respirar um pouco melhor.

— Você não parece ter muita fé na minha fé em você.

Ele me lançou um olhar cauteloso.

— Se eu não tivesse muita fé em você, Sassenach, eu não estaria aqui agora.

Observou-me por um instante, em seguida estendeu o braço e tocou minha mão. Meus dedos viraram-se imediatamente e curvaram-se para se entrelaçarem aos dele, e nossas mãos se apertaram com força. Seus dedos eram longos e frios e seguravam os meus com tanta força que pensei que meus ossos se quebrariam.

Ele respirou fundo, quase um soluço, e seus ombros, apertados no casaco ensopado, relaxaram no mesmo instante.

— Você não achou que fosse verdade, não é? — ele perguntou. — Você fugiu.

— Foi um grande choque — eu disse. E pensei, obscuramente, que, se ficasse lá, eu poderia simplesmente matá-la.

— Sim, foi — ele disse, muito secamente. — Acho que eu também teria fugido... se pudesse.

Uma pequena pontada de culpa foi acrescentada à sobrecarga de emoções; imaginei que minha saída apressada não devia ter contribuído para melhorar a situação. No entanto, ele não me censurou, meramente dizendo outra vez: — Mas você não achou que fosse verdade, não é?

— Não acho.

— Não acha. — Seus olhos buscaram os meus. — Mas achou?

— Não. — Apertei mais a capa ao meu redor, ajeitando-a sobre os ombros. — Não achei. Mas não sabia por quê.

— E agora sabe.

Inspirei bem fundo por minha vez e soltei o ar devagar, depois me virei para encará-lo diretamente nos olhos.

— Jamie Fraser — eu disse, com grande deliberação. — Se você pudesse fazer algo assim, e não me refiro a deitar-se com uma mulher, refiro-me a fazer isso e mentir para mim a respeito, então

tudo que fiz e tudo que fui, minha vida inteira, foi uma mentira. E não estou preparada para admitir tal coisa.

Isso o surpreendeu um pouco; já estava quase escuro agora, mas eu vi suas sobrancelhas se erguerem.

— O que quer dizer com isso, Sassenach? Abanei a mão na direção da trilha, onde a casa ficava, invisível, acima de nós, depois na direção da fonte, onde ficava a pedra branca, agora não mais do que uma mancha pálida na escuridão.

— Eu não pertenco a este lugar — eu disse suavemente. — Brianna, Roger... eles também não. Jemmy não deveria estar aqui; devia estar vendo desenhos animados na televisão, desenhando carros e aviões com lápis de cor, e não aprendendo a atirar com uma arma do tamanho dele e a cortar as entranhas de um veado.

Ergui o rosto e fechei os olhos, sentindo a umidade assentar-se sobre minha pele pesada em minhas pestanas.

— Mas nós estamos aqui, todos nós. E estamos aqui porque eu o amava, mais do que à minha própria vida. Porque eu acreditava que você me amava da mesma forma.

Respirei fundo, para que minha voz não tremesse, abri os olhos e virei-me para ele.

— Vai me dizer que isso não é verdade? — Não — ele disse, após um instante, tão suavemente que mal pude ouvi-lo. Sua mão apertou a minha com mais força. — Não, não vou lhe dizer isso. Jamais, Claire.

— Muito bem, então — eu disse, e senti a ansiedade, a fúria e o medo da tarde esvair-se de mim como água. Descansei a cabeça em seu ombro, senti o cheiro de chuva e de suor em sua pele. Era um cheiro ácido, pungente com o almíscar do medo e da raiva azedada.



Já estava totalmente escuro agora. Podia ouvir sons a distância, a sra. Bug chamando Arch dos estábulos onde ela estivera ordenhando as cabras e sua voz rouca de velho respondendo. Um morcego esvoaçou por nós, silencioso, caçando.

— Claire? — Jamie disse suavemente.

— Hum? — Tenho que lhe dizer uma coisa.

Fiquei paralisada. Após um instante, afastei-me cuidadosamente dele e sentei-me ereta.

— Não faça isso — eu disse. — Me faz sentir como se tivesse levado um soco no estômago.

— Desculpe-me.

Passei os braços ao redor de mim mesma, tentando engolir a repentina sensação de náusea.

— Você disse que não ia começar pedindo desculpas, porque pareceria que havia alguma coisa da qual deveria se arrepender.

— Eu sei — ele disse e suspirou.

Senti o movimento entre nós quando os dois dedos rígidos de sua mão direita tamborilaram sobre sua perna.

— Não há nenhuma forma boa — ele disse finalmente — de dizer à sua mulher que você se deitou com outra pessoa. Independente das circunstâncias. Simplesmente não há.

Senti-me repentinamente tonta, e sem ar. Fechei os olhos por um momento. Ele não se referia a Malva; deixara isso bem claro.

— Quem? — eu disse, o mais calmamente possível. — E quando?

Ele remexeu-se com desconforto.

— Oh. Bem... quando você... quando você... tinha ido embora, sem dúvida.

Consegui inspirar um pouco de ar.

— Quem? — eu disse.

— Apenas uma vez — ele disse. — Quero dizer... eu não tinha a menor intenção de...

— Quem? Ele suspirou e esfregou a nuca com força.

— Santo Deus. A última coisa que eu quero é perturbá-la, Sassenach, fazendo parecer que... mas eu não quis falar mal da pobre mulher fazendo parecer que ela era...

— QUEM? — rosnei, agarrando-o pelo braço.

— Nossa! — ele disse, completamente surpreso. — Mary MacNab.

— Quem? — perguntei novamente, confusa desta vez.

— Mary MacNab — ele repetiu e suspirou. — Pode me soltar, Sassenach? Acho que está sangrando.

Estava. Minhas unhas cravaram-se em seu pulso com tanta força que perfuraram a pele. Larguei bruscamente sua mão e fechei as minhas em punhos, envolvendo os braços ao redor do meu corpo para não sucumbir à ânsia de estrangulá-lo.

— Quem. Diabos. É. Mary. MacNab? — eu disse, entre os dentes.

Meu rosto estava afogueado, mas um suor frio porejava ao longo do meu maxilar e rolava pelas minhas costelas.

— Você a conhece, Sassenach. Ela era mulher de Rab, aquele que morreu quando sua casa pegou fogo. Tinham um menino, Rabbie; ele era auxiliar de estrebaria em Lallybroch quando...

— Mary MacNab. Ela? — Pude ouvir o espanto em minha própria voz. Eu de fato me lembrava de Mary MacNab, porém muito pouco. Ela fora trabalhar como criada em Lallybroch depois da morte de seu marido canalha; uma mulher pequena, magra, mas vigorosa, desgastada pelo trabalho e pelo sofrimento, que raramente falava, mas fazia seu trabalho como uma sombra, quase despercebida no tumulto caótico da vida em Lallybroch.

— Eu mal a notei — eu disse, tentando em vão lembrar-me se ela estava lá em minha última visita. — Mas pelo jeito você a



notou, não?

— Não — ele disse e suspirou. — Não da maneira como você está dizendo, Sassenach.

— Não me chame assim — eu disse, minha voz soando baixa e perversa aos meus próprios ouvidos.

Ele fez um ruído escocês no fundo da garganta, de frustrada resignação, esfregando o pulso.

— Sim. Bem, veja, foi na noite antes de eu me entregar aos ingleses...

— Você nunca me contou isso!

— Nunca lhe contei o quê? — disse, parecendo confuso.

— Que você se entregou aos ingleses. Achávamos que você tinha sido capturado.

— Eu fui — ele disse laconicamente. — Mas foi tudo arranjado, pelo preço de minha cabeça. — Abanou a mão, descartando o assunto. — Não foi nada importante.

— Eles podiam ter enforcado você! — O que, aliás, não teria sido nada mau, disse a vizinha furiosamente ofendida dentro de mim.

— Não, não o fariam. — Um leve tom de divertimento transpareceu em sua voz. — Você tinha me dito isso, Sass... mmmhum. Mas eu realmente não me importava se o fizessem.

Eu não tinha a menor ideia do que ele queria dizer sobre eu o ter avisado, mas certamente eu não me importava nem um pouco no momento.

— Esqueça — eu disse, laconicamente. — Eu quero saber...

— Sobre Mary. Sim, eu sei. — Ele passou a mão devagar pelos cabelos. — Sim, bem. Ela veio até mim, na noite antes de eu... eu partir. Eu estava na caverna perto de Lallybroch, e ela me levou o jantar. E então ela... ficou.

Mordi a língua, para não interromper. Eu podia senti-lo reunindo seus pensamentos, buscando as palavras.

— Eu tentei mandá-la embora — ele disse por fim. — Ela... bem, o que ela me disse... — Ele olhou de relance para mim; eu vi o movimento de sua cabeça. — Ela disse que me vira com você, Claire... e que ela sabia reconhecer o amor verdadeiro quando o via, apesar de não ter vivido um ela mesma. E que ela não tinha a intenção de trair esse amor. Mas ela me daria... um presentinho. Foi o que ela me disse — ele contou, a voz tornando-se rouca — "um presentinho, que talvez possa usar".

— Foi... quero dizer, não foi... — Parou e fez aquele gesto peculiar que lhe era característico, como se sua camisa estivesse apertada nos ombros. Abaixou a cabeça por um instante sobre os joelhos, as mãos entrelaçadas ao redor deles.

— Ela me deu ternura — ele disse por fim, tão suavemente que eu quase não consegui ouvi-lo. — Espero... espero ter lhe dado o mesmo.

Minha garganta e meu peito estavam apertados demais para conseguir falar, e meus olhos marejaram de lágrimas. Lembrei-me, de repente, do que ele dissera para mim na noite em que operei a mão de Tom Christie, a respeito do Sagrado Coração — "tão carente, e ninguém para tocá-lo". E ele vivera em uma caverna, sozinho, por sete anos. Não havia mais do que trinta centímetros de distância entre nós, mas parecia um abismo intransponível.

Estendi o braço e coloquei minha mão na dele, as pontas dos meus dedos em suas articulações grandes e castigadas. Respirei fundo, depois outra vez, tentando firmar minha voz, mas mesmo assim soou rachada e entrecortada.

— Você lhe deu... ternura. Tenho certeza que sim.

Ele virou-se para mim, subitamente, e meu rosto estava pressionado contra seu casaco, o tecido úmido e áspero em minha pele, minhas lágrimas espalhando-se em pequenas manchas quentes que desapareciam imediatamente no tecido frio.

— Oh, Claire — ele sussurrou nos meus cabelos. Ergui a mão e senti sua face também molhada de lágrimas. — Ela disse... que queria manter você viva para mim. E ela falava com sinceridade; ela não queria tirar nada para si mesma.

Chorei, então, sem nenhuma restrição. Pelos anos vazios, ansiando pelo toque da mão de outro alguém. Anos ociosos, deitada ao lado de um homem que eu traíra, por quem eu não tinha nenhuma ternura. Pelos horrores e dúvidas e tristezas do dia. Chorei por ele, por mim e por Mary MacNab, que sabia o que era solidão — e o que era amor, também.

— Eu teria lhe contado antes — ele sussurrou, batendo em minhas costas como se eu fosse uma criança pequena. — Mas foi... foi aquela única vez. — Encolheu um pouco os ombros, indefeso. — E eu não conseguia imaginar como. Como dizer isso de uma maneira que você compreendesse.

Solucei, engoli um bocado de ar e finalmente sentei-me direito, limpando meu rosto em uma dobra da minha saia.

— Eu compreendo — eu disse. Minha voz estava embargada e rouca, mas razoavelmente firme. — Compreendo.

E era verdade. Não só a respeito de Mary MacNab e do que ela fizera, mas porque ele havia me contado agora. Não havia necessidade; eu jamais teria sabido. Nenhuma necessidade, a não ser a necessidade de absoluta honestidade entre nós — e que eu deveria saber que ela continuava ali.

Eu acreditara nele, com relação a Malva. Mas agora eu não só tinha certeza absoluta... mas paz no meu coração.

Permanecemos sentados juntos, as dobras da minha capa e das minhas saias esvoaçando sobre as pernas dele, a sua simples presença um consolo para mim. Em algum lugar próximo dali, um grilo precoce começou a trinar.

— A chuva passou — eu disse, ouvindo-o. Ele balançou a cabeça, com um pequeno ruído de concordância.

— O que vamos fazer? — eu disse finalmente. Minha voz soava calma.

— Descobrir a verdade... se eu puder.

Nenhum de nós dois mencionou a possibilidade de que talvez ele não conseguisse. Remexi-me, ajeitando as dobras da minha capa.

— Vamos para casa, então? Já estava escuro demais para eu vê-lo, mas senti que ele assentiu balançando a cabeça enquanto se levantava, estendendo a mão para me ajudar.

— Sim, vamos.

A casa estava vazia quando retornamos, mas a sra. Bug deixara uma travessa tampada de torta de carne e batata na mesa, o chão varrido e o fogo perfeitamente abafado. Tirei minha capa molhada e pendurei-a no gancho, mas depois fiquei parada, sem saber ao certo o que fazer em seguida, como se estivesse na casa de estranhos, em um país do qual eu não conhecia os costumes.

Jamie parecia sentir-se da mesma forma, após um instante, movimentou-se, pegou um castiçal da prateleira acima da lareira e acendeu a vela com uma brasa. A luz bruxuleante pareceu apenas enfatizar a atmosfera bizarra e ressonante da cozinha, e ele ficou parado por um instante segurando o castiçal, confuso, antes de finalmente colocá-lo com um baque no meio da mesa.

— Está com fome, S... Sassenach? — Ele começara a falar automaticamente, mas se interrompeu, levantando os olhos para se certificar de que o nome era novamente permitido. Fiz o melhor que pude para sorrir para ele, embora pudesse sentir os cantos de minha boca tremerem.

— Não. E você?

Ele sacudiu a cabeça, em silêncio, e deixou cair a mão. Olhando ao redor em busca de algo mais a fazer, pegou o atiçador e remexeu os pedaços de carvão, quebrando as brasas enegrecidas e lançando um redemoinho de faíscas e fuligem para a chaminé e

sobre as pedras da lareira. Iria estragar o fogo, que teria que ser feito antes de nos recolhermos, mas eu não disse nada — ele sabia disso.

— Parece que alguém morreu na família — eu disse finalmente. — Como se algo terrível tivesse acontecido, e esta é a parte do choque, antes que a gente comece a sair e contar aos vizinhos.

— Não será necessário. Todos já saberão muito bem o que aconteceu quando o dia amanhecer.

Levantando-me finalmente de minha imobilidade, sacudi minhas saias úmidas e fui ficar ao lado dele junto ao fogo. O calor atravessou instantaneamente o tecido úmido; deveria ser uma sensação reconfortante, mas havia um peso gélido em meu estômago que se recusava a derreter.

Coloquei a mão em seu braço, sentindo necessidade de tocá-lo.

— Ninguém vai acreditar — eu disse. Ele colocou a mão sobre a minha e esboçou um sorriso, os olhos fechados, mas sacudiu a cabeça.

— Todos vão acreditar, Claire — disse suavemente. — Sinto muito.

*BENEFÍCIO DA DÚVIDA*

Não é verdade, de jeito nenhum!

— Não, claro que não. — Roger observou sua mulher com cuidado; ela exibia os sintomas gerais de um grande dispositivo explosivo com um mecanismo de regulação instável, e ele tinha a clara sensação de que era perigoso ficar nas proximidades.

— A desgraçada! Tenho vontade de agarrá-la pelo pescoço e estrangulá-la, até ela dizer a verdade! — Sua mão fechou-se convulsivamente no gargalo da garrafa de xarope de bonio e ele estendeu a mão para pegá-la antes que Brianna a quebrasse.

— Eu compreendo o impulso — ele disse —, mas, pensando bem, é melhor.

Ela fuzilou-o com o olhar, mas soltou a garrafa.

— Você pode fazer alguma coisa? — ela disse.

Ele estivera se perguntando isso desde que soubera a notícia da acusação de Malva.

— Não sei — ele disse. — Mas pensei em ir falar com os Christie, ao menos. E se possível, falar com Malva a sós.

Pensando em seu último tête-à-tête com Malva Christie, no entanto, teve a sensação inquietante de que ela não seria facilmente dissuadida de sua história.

Brianna sentou-se, olhando com o cenho franzido para seu prato de panquecas de trigo-sarraceno, e começou a besuntá-las

generosamente de manteiga. Sua fúria estava começando a ceder lugar ao pensamento racional; ele podia ver as ideias passando como relâmpagos por trás dos olhos dela.

— Se conseguir fazê-la admitir que não é verdade — ela disse devagar é bom. Se não, o melhor a fazer é descobrir quem esteve com ela. Se algum sujeito admitir em público que ele podia ser o pai... isso pelo menos lançaria um bocado de dúvida sobre sua história.

— É verdade. — Roger derramou o xarope de bordo parcimoniosamente sobre suas próprias panquecas, mesmo em meio à incerteza e à ansiedade, apreciando o aroma do líquido espesso e escuro, na expectativa da doçura de seu sabor. — Mesmo assim, ainda haveria aqueles convencidos da culpa de Jamie. Tome.

— Eu a vi beijando Obadiah Henderson na floresta — Bri disse, aceitando a garrafa. — No final de agosto passado. — Estremeceu desdenhosamente. — Se foi ele, não é de admirar que ela não queira dizer.

Roger olhou-a com curiosidade. Ele conhecia Obadiah, um sujeito grandalhão e rude, mas não feio, nem estúpido. Algumas mulheres o considerariam um bom partido; ele possuía quinze acres, que cultivava com competência, e era um bom caçador. Mas ele nunca vira Bri sequer falar com ele.

— Pode pensar em alguém mais? — ela perguntou, a testa ainda franzida.

— Bem... Bobby Higgins — ele respondeu, ainda cauteloso. — Os gêmeos Beardsley costumavam olhar para ela de vez em quando, mas é claro... — Roger tinha a incômoda sensação de que esse rumo de questionamento iria culminar com ela intimando ele a ir fazer perguntas embaraçosas a vários pais em potencial... um processo que lhe parecia tanto inútil quanto perigoso.

— Por quê? — ela perguntou, cortando furiosamente sua pilha de panquecas. — Por que ela faria isso? Mamãe foi sempre tão

boa para ela! — Das duas, uma — Roger respondeu, e parou por um instante, fechando os olhos, para melhor saborear a decadência da manteiga derretida e a textura aveludada do xarope de bordo em panquecas quentes.

Engoliu e, relutantemente, abriu os olhos.

— Ou o pai verdadeiro é alguém com quem ela não quer se casar, por alguma razão, ou está decidida a tentar se apoderar do dinheiro ou da propriedade de seu pai, conseguindo uma soma de dinheiro para ela ou, se não, para a criança.

— Ou para ambos. Quero dizer, ela não quer se casar com ninguém e quer o dinheiro do papai, não que ele tenha.

— Ou para ambos — ele concordou.

Comeram em silêncio por alguns minutos, os garfos raspando os pratos de madeira, cada qual absorto em seus próprios pensamentos. Jem passara a noite na casa grande; depois do casamento de Lizzie, Roger sugerira que Amy McCallum assumisse o trabalho de Lizzie como criada, e já que ela e Aidan haviam se mudado para a casa, Jem passava mais tempo ainda por lá, consolando-se pela perda de Germain na companhia de Aidan.

— Não é verdade — ela repetiu teimosamente. Papai simplesmente jamais... — Mas ele viu uma sombra de dúvida no fundo de seus olhos e um leve brilho de pânico diante do pensamento.

— Não, ele jamais faria isso — ele disse com firmeza. — Brianna, você não pode pensar que exista alguma verdade nisso, não é?

— Não, claro que não! — Mas ela falou alto demais, com ênfase demais. Ele largou o garfo e olhou-a diretamente nos olhos.

— Qual o problema? Você sabe de alguma coisa? — Nada. — Ela passou o último pedaço de panqueca pelo prato, espetou-o e levou-o à boca.



Ele fez um som de ceticismo e ela franziu o cenho para a poça pegajosa que restou em seu prato. Ela sempre despejava mel ou xarope demais; ele mais parcimonioso, sempre terminava com o prato limpo.

— Não sei de nada — ela disse. Mas mordeu o lábio inferior e colocou a ponta do dedo na poça de xarope. — É só que...

— O quê? — Papai, não — ela disse devagar. Colocou a ponta do dedo na boca e lambeu o xarope. — E não tenho absoluta certeza a respeito de papai. É só que... olhando para trás, para coisas que eu não compreendia na época... agora eu vejo... — Parou abruptamente, e fechou os olhos, depois os abriu novamente, fitando-o diretamente. — Eu estava remexendo na carteira dele certa vez. Não bisbilhotando, apenas me divertindo, tirando todos os cartões e outras coisas para fora e devolvendo-as ao lugar outra vez. Havia um bilhete enfiado entre as notas de dólar. Pedia-lhe para se encontrar com alguém no almoço...

— Bastante inocente.

— Começava com Querido, e não era a letra de minha mãe — ela disse, secamente.

— Ah — ele disse, e após alguns instantes —, que idade você tinha? — Onze. — Ela desenhou pequenos arabescos no prato com a ponta do dedo. — Eu simplesmente devolvi o bilhete ao mesmo lugar e apaguei o assunto da minha mente. Eu simplesmente não queria pensar naquilo, e acho que não pensei mesmo, até hoje. Houve algumas outras coisas, que eu via e não compreendia; na maior parte, era algo entre eles, meus pais...

De vez em quando, alguma coisa acontecia, e eu nunca sabia o que era, mas percebia que havia alguma coisa realmente errada.

Sua voz definiu e ela suspirou profundamente, limpando o dedo no guardanapo.

— Bri — ele disse delicadamente. — Jamie é um homem honrado e ama profundamente sua mãe.

— Bem, veja, esse é o problema — ela disse suavemente. — Eu podia jurar que papai também era. E também amava.

Não era impossível. O pensamento continuava voltando, incomodando Roger como uma pedra no sapato. Jamie Fraser era um homem honrado, profundamente dedicado à mulher — e estivera nas profundezas do desespero e da exaustão durante a doença de Claire. Roger temera por ele quase tanto quanto temera por Claire; durante os dias quentes, intermináveis, cheirando a morte, ele não comia, não dormia, os olhos fundos e o semblante sombrio, sustentado apenas pela determinação.

Roger tentara falar com ele na ocasião, de Deus e eternidade, reconciliá-lo com o que parecia inevitável, apenas para ser rechaçado com uma fúria de olhos flamejantes à mera ideia de que Deus pudesse pensar em levar sua mulher — isso seguido por um completo desespero, conforme Claire resvalava para um estupor próximo à morte. Não era impossível que a oferta de um momento de conforto físico, feito naquele vácuo de desolação, tivesse ido mais longe do que qualquer um dos lados desejasse.

Mas era começo de maio agora e Malva Christie estava grávida de seis meses. O que significava que ela engravidara em novembro. A crise da doença de Claire fora no final de setembro; ele se lembrava vividamente do cheiro de campos queimados no quarto quando ela acordou do que parecia ser morte certa, os olhos enormes e brilhantes, extraordinariamente bonitos em um rosto parecido ao de um anjo andrógino.

Certo, então, era mesmo impossível. Nenhum homem era perfeito e qualquer homem pode ceder à beira da morte — uma vez. Mas não repetidamente. E não Jamie Fraser. Malva Christie era uma mentirosa.

Sentindo-se mais seguro, Roger desceu a margem do riacho, na direção da cabana dos Christie.

Você pode fazer alguma coisa?, Brianna lhe perguntara, angustiada.

Bem pouco, ele pensou, mas tinha que tentar. Era sexta-feira; ele podia — e iria — pregar um sermão de arder os ouvidos sobre os males do mexerico, no próximo domingo. No entanto, conhecendo o que conhecia da natureza humana, qualquer benefício daí obtido provavelmente teria vida curta.

Além disso — bem, a reunião da Loja era quarta-feira à noite. Elas vinham transcorrendo muito bem e ele detestaria pôr em risco a frágil cordialidade da Loja recém-criada causando uma situação desagradável em uma reunião... mas se houvesse uma possibilidade de isso ajudar... seria útil encorajar tanto Jamie quanto os dois Christie a comparecerem? A questão seria colocada em público e, por pior que fosse, o conhecimento público aberto era sempre melhor do que a erva daninha do escândalo sussurrado.

Ele achava que Tom Christie observaria as regras de convivência e seria civilizado, apesar da delicadeza da situação — mas não tinha a mesma certeza em relação a Allan. O filho compartilhava as feições do pai e seu senso de moralismo, mas não tinha o autocontrole e a vontade de ferro de Tom.

Mas agora ele estava na cabana, que parecia deserta. Ouviu o barulho de um machado, o lento estalido de lenha rachando, e foi até os fundos.

Era Malva, que se virou com o seu cumprimento, a expressão cautelosa. Havia olheiras azuladas sob seus olhos e o viço de sua pele estava embotado. Consciência culpada, ele esperava, ao cumprimentá-la cordialmente.

— Se veio tentar me fazer retirar o que disse, não vai conseguir — ela disse sem preâmbulos, ignorando seu cumprimento.

— Vim perguntar se queria conversar com alguém — ele disse. Isso a surpreendeu; deixou o machado de lado e limpou o

rosto com o avental.

— Conversar? — ela disse devagar, examinando-o. — Sobre o quê?

Ele deu de ombros e ofereceu-lhe um leve sorriso.

— Sobre o que quiser. — Ele afrouxou seu sotaque, ampliando-o para seu próprio matiz de Edimburgo. — Duvido que possa ter conversado com alguém ultimamente, salvo seu pai e seu irmão, e eles provavelmente não estão muito dispostos a ouvir no momento.

Um sorriso igualmente leve atravessou suas feições e desapareceu.

— Não, eles não ouvem — ela disse. — Mas tudo bem, não tenho muito a dizer, sabe? Sou uma vagabunda. O que mais há para ser dito?

— Não acho que seja uma vagabunda — Roger disse serenamente.

— Oh, não? — Ela balançou-se um pouco para trás sobre os calcanhares, examinando-o com ar de zombaria. — De que mais você chamaria uma mulher que abre as pernas para um homem casado? Adúltera, é claro, mas vagabunda também, ou assim me dizem.

Ele achou que ela queria chocá-lo com uma linguagem deliberadamente grosseira. E conseguiu, de certa forma, mas ele não deixou transparecer.

— Errada, talvez. Jesus não recriminou a mulher que, ela sim, era uma prostituta; não cabe a mim fazer isso a alguém que não é.

— E se veio citar a Bíblia para mim, não perca seu tempo — ela disse, uma expressão de asco puxando para baixo os cantos delicados de sua boca. — Já ouvi muito mais sobre isso do que poderia suportar.

Isso, ele refletiu, era provavelmente verdade. Tom Christie era a espécie de homem que conhecia uma passagem da Bíblia — ou dez — para cada ocasião, e se não bateu fisicamente em sua filha, com certeza andava fazendo isso verbalmente.

Sem saber o que dizer em seguida, ele estendeu a mão.

— Se me der a machadinha, farei o resto.

Com uma das sobrelanceiras erguidas, ela colocou a machadinha em sua mão e recuou. Ele preparou um pedaço de lenha e partiu-o perfeitamente ao meio, depois se abaixou para pegar outro. Ela observou-o por um instante, em seguida se sentou, devagar, em um toco de árvore.

A primavera na montanha ainda era fria, com um último sopro de inverno das neves altas, mas o trabalho o aquecia. Ele de modo algum se esqueceu de que ela estava ali, mas mantinha os olhos na madeira, nos veios brilhantes da lenha recém-cortada, sentindo o puxão quando libertava a lâmina da machadinha, e viu seus pensamentos recuando para sua conversa com Bri.

Então Frank Randall fora — talvez — infiel à sua mulher, de vez em quando. Com toda justiça, Roger não sabia se podia culpá-lo, conhecendo as circunstâncias do caso. Claire havia desaparecido por completo, sem deixar vestígios, deixando Frank procurando-a desesperadamente, lamentando sua perda, e depois, finalmente, começando a unir os cacos de sua vida outra vez e seguindo em frente. Quando, então, a mulher desaparecida ressurgiu, perturbada, maltratada — e grávida de outro homem.

Em vista disso, Frank Randall, se por um senso de honra, de amor ou simplesmente de — o quê? curiosidade? — a aceita de volta. Lembrava-se de Claire lhes contando a história, e era claro que ela particularmente não queria retomar o relacionamento. Isso deve ter ficado muito claro para Frank Randall também.

Não era de admirar, portanto, que tivesse se deixado levar pela indignação e pela rejeição uma vez ou outra — e não era de

admirar, tampouco, que os ecos do conflito secreto entre seus pais tivessem chegado a Brianna, como perturbações sísmicas que viajam quilômetros de terra e pedras, abalos de um afloramento de magma, a quilômetros de profundidade sob a crosta.

E não era de admirar, ele compreendeu com uma sensação de revelação, que ela tivesse ficado tão transtornada por sua amizade com Amy McCallum.

Percebeu, repentinamente, que Malva Christie estava chorando.

Silenciosamente, sem cobrir o rosto. As lágrimas escorriam pelas suas faces e seus ombros tremiam, mas o lábio inferior estava preso com força entre os dentes; ela não fazia nenhum ruído.

Ele largou a machadinha e aproximou-se dela. Colocou o braço gentilmente ao redor de seus ombros e embalou sua cabeça com touca, com umas pancadinhas.

— Ei — disse suavemente. — Não se preocupe, sim? Tudo vai dar certo.

Ela sacudiu a cabeça e as lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Não, não vai — sussurrou. — Não vai.

Sob a compaixão que sentia por ela, Roger percebeu uma crescente sensação de esperança. Qualquer relutância que ele pudesse ter em explorar seu desespero era bem superada pela determinação de chegar ao fundo do problema. Principalmente pelo bem de Jamie e sua família — mas pelo dela, também.

Mas ele não devia pressionar muito, não devia se apressar. Ela precisava confiar nele.

Assim, continuou a lhe dar palmadinhas, afagou suas costas como fazia com Jem quando ele acordava com um pesadelo, murmurou pequenas palavras de consolo, todas sem sentido, sentindo que ela começava a ceder. Ceder, mas de uma estranha

maneira física, como se sua carne estivesse de algum modo se abrindo, florescendo devagar sob o toque de sua mão.

Estranho, e ao mesmo tempo, bastante familiar. Ele sentira isso algumas vezes com Bri, quando se voltava para ela no escuro, quando ela não tinha tempo de pensar, mas reagia a ele apenas com o corpo. A lembrança física chocou-o e ele se afastou um pouco. Pretendia dizer alguma coisa a Malva, mas o som de uma passada o interrompeu; ergueu os olhos e se deparou com Allan Christie saindo do meio das árvores em sua direção, depressa com uma expressão assustadora.

— Afaste-se dela!

Roger endireitou-se, o coração batendo com força ao descobrir subitamente o que aquilo poderia parecer.

— O que pretende, insinuando-se como um rato atrás de uma casca de queijo? — Allan gritou. — Acha que porque ela está desgraçada é carne para qualquer filho da mãe se aproveitar? — Eu vim lhe oferecer conselho — Roger disse, com toda frieza que conseguiu reunir. — E consolo, se puder.

— Oh, sim. — O rosto de Allan Christie estava afogueado, os tufos de cabelos em pé como as cerdas de um porco prestes a atacar. — "Sustentai-me com uvas, revigorai-me com maçãs", hein? Pode enfiar seu consolo no cu, MacKenzie, e o seu maldito pau também!

Os punhos de Allan estavam cerrados ao lado do corpo, trêmulos de fúria.

— Você não é melhor do que o seu depravado sogro. Ou talvez — virou-se repentinamente para Malva, que parara de chorar, mas continuava sentada, paralisada e pálida, no toco de árvore —, talvez tenha sido ele também? É isso, vagabunda, se deitou com os dois? Responda-me! — Ergueu a mão para esbofeteá-la e Roger instintivamente agarrou seu pulso.

Roger estava tão furioso que mal conseguia falar. Christie era forte, mas Roger era maior; teria quebrado o pulso do rapaz, se pudesse. Em vez disso cravou os dedos com força no espaço entre os ossos e ficou satisfeito em ver os olhos de Christie se esbugalharem e lacrimejarem de dor.

— Não vai falar assim com sua irmã — ele disse, não em voz alta, mas com muita clareza. — Nem comigo. — Virou repentinamente a mão e dobrou o pulso de Christie com força para trás. — Ouviu bem?

O rosto de Allan ficou branco e ele soltou o ar dos pulmões com um silvo. Não respondeu, mas conseguiu balançar a cabeça. Roger soltou o pulso do rapaz, quase com um safanão, sentindo uma súbita sensação de repulsa.

— Não quero ouvir dizer que você maltratou sua irmã de forma alguma — ele disse, tão serenamente quanto possível. — Se o fizer, vai se arrepender. Bom-dia, sr. Christie. Srta. Christie — acrescentou para Malva, com um ligeiro cumprimento. Ela não respondeu, somente fitou-o com olhos cinzentos como nuvens tempestuosas, arregalados de choque.

A lembrança daqueles olhos seguiu-o conforme saiu da clareira a passos largos e mergulhou na escuridão da floresta, imaginando se ele teria melhorado a situação ou a tornado muito, muito pior.

A próxima reunião da Loja de Fraser's Ridge foi na quarta-feira.

Brianna foi como de costume para a casa grande, levando Jemmy e sua cesta de costura, e ficou surpresa ao encontrar Bobby Higgins sentado à mesa, terminando seu jantar.

— Dona Brianna! — Ele levantou-se parcialmente ao vê-la, radiante, mas ela fez sinal para que ele se sentasse e deslizou para o banco em frente a ele.



— Bobby! Que prazer ver você outra vez! Nós pensamos... bem, pensamos que você não voltaria mais.

Ele balançou a cabeça, com uma expressão contrita.

— Sim, pensei mesmo em não voltar, ao menos por algum tempo.

Mas milorde tinha algumas coisas para eu trazer, vindas da Inglaterra, e me disse que eu deveria trazê-las. — Passou um pedaço de pão cuidadosamente pelo fundo de sua tigela, recolhendo os últimos vestígios do molho de galinha da sra. Bug.

— E depois... bem, eu realmente queria vir por minha própria conta. Para ver a srta. Christie, sabe?

— Oh. — Ela ergueu a cabeça e seus olhos se encontraram com os da sra. Bug. A velha senhora revirou os olhos para cima, em um gesto de impotência, e sacudiu a cabeça. — Hum. Sim, Malva. Hã... minha mãe está lá em cima, sra. Bug? — Não, a nighean. Ela foi chamada à casa do sr. MacNeill. Ele está mal, com pleurite. — Mal parando para respirar, ela arrancou o avental e pendurou-o no gancho, ao mesmo tempo que estendia a outra mão para pegar a capa. — Já estou indo, então, a leannan. Arch deve estar querendo sua janta. Se precisar de alguma coisa, Amy está aí. — E com uma rápida despedida, desapareceu, deixando Bobby apalermado, olhando para a porta por onde ela saíra, perplexo com aquele comportamento atípico.

— Alguma coisa errada? — ele perguntou, virando-se novamente para Brianna com a testa franzida.

— Ahh... bem. — Com alguns pensamentos pouco benevolentes em relação à sra. Bug, Brianna contraiu os músculos em seu banco, preparando-se, e contou-lhe, fazendo uma careta no íntimo ao ver o rosto meigo e jovem de Bobby ficar branco e rígido à luz do fogo.

Ela não conseguiu mencionar a acusação de Malva, dizendo-lhe apenas que a jovem estava grávida. Ele iria ouvir sobre Jamie,

sem demora, mas por favor, meu Deus, que não fosse por ela.

— Compreendo, dona. Sim... compreendo. — Ficou imóvel por um instante, olhando fixamente para o pedaço de pão em sua mão. Em seguida deixou-o cair dentro da tigela, levantou-se subitamente e saiu correndo para fora; ouviu-o vomitar nas amoreiras silvestres ao lado da porta dos fundos. Ele não voltou.

Foi uma longa noite. Sua mãe obviamente passaria a noite com o sr. MacNeill e sua pleurite. Amy McCallum desceu por alguns instantes e conversaram embaraçosamente enquanto costuravam, mas logo a criada escapou para o andar superior. Aidan e Jemmy, com permissão para ficarem acordados até mais tarde brincando, cansaram-se e adormeceram no banco comprido.

Estava agitada e impaciente. Abandonou a costura e começou a andar de um lado para o outro, esperando a Loja terminar. Queria ir para sua própria cama, sua própria casa; a cozinha de seus pais, em geral tão acolhedora, parecia estranha e desconfortável, e ela uma estranha ali.

Depois de um tempo que lhe pareceu interminável, ouviu passos e o rangido da porta. Roger entrou, parecendo aborrecido.

— Aí está você — ela disse com alívio. — Como foi a Loja? Os Christie compareceram? Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Correu... tudo bem, eu acho. Um pouco embaraçoso, é claro, mas seu pai comandou os trabalhos da melhor maneira possível, nas circunstâncias.

Ela fez uma careta, imaginando.

— Onde ele está? — Ele disse que ia caminhar um pouco sozinho... talvez fazer um pouco de pesca noturna. — Roger passou os braços ao seu redor e apertou-a com força, suspirando. — Ouviu falar da arruaça?

— Não! O que aconteceu?

— Bem, acabávamos de falar da natureza universal do amor fraterno quando ouvimos um tumulto do lado de fora, perto do seu

forno. Bem, então todo mundo correu para fora para ver o que estava acontecendo e lá estava seu primo Ian e o pequeno Bobby Higgins, rolando na terra e tentando se matar.

— Oh, meu Deus. — Sentiu um espasmo de culpa. Provavelmente, alguém contara tudo a Bobby e ele saíra no encalço de Jamie, mas, em vez disso, encontrara-se com Ian e o confrontara com as acusações de Malva contra Jamie. Se ela mesma houvesse lhe contado...

— O que aconteceu?

— Bem, o maldito cão de Ian resolveu meter a colher, ou melhor, a pata. Seu pai conseguiu impedir por pouco que ele rasgasse a garganta de Bobby, mas isso parou a briga. Nós separamos os dois e Ian se desvencilhou e fugiu para a floresta, com o cachorro atrás dele. Bobby está... bem, eu o limpei um pouco, depois emprestei-lhe a caminha de Jemmy para ele passar a noite — ele disse em tom de desculpas. — Disse que não poderia ficar aqui em cima. — Olhou ao redor da cozinha imersa na penumbra; Brianna já havia abafado o fogo e levado os meninos para a cama, em cima. A cozinha estava vazia, iluminada apenas por uma fraca claridade da lareira.

— Sinto muito. Você vai dormir aqui, então?

Ela sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Com ou sem Bobby, quero ir para casa.

— Sim, está bem. Vá indo, então. Vou chamar Amy para vir colocar a trava na porta.

— Não, pode deixar — ela disse rapidamente. — Eu vou chamá-la.

— E antes que ele pudesse protestar, ela já descia o corredor e subia a escada, a casa vazia estranha e silenciosa embaixo.



## *NÃO É O FIM DO MUNDO*

Dá muita satisfação em arrancar ervas daninhas da terra. Por mais interminável e cansativa que a tarefa possa ser, há uma pequena, mas incontestável sensação de triunfo em sentir o solo ceder repentinamente, liberando a raiz teimosa, e ver o inimigo jazer derrotado em sua mão.

Havia chovido recentemente e a terra estava macia. Eu puxava e arrancava com uma concentração feroz: dentes-de-leão, epilóbio, brotos de rododendro, tufo de capim, sapé, bistorta e a rastejante malva conhecida localmente como "queijo". Parei por um instante, os olhos estreitados para um cardo-negro e extirpei-o da terra com um maligno golpe da minha faca de podar.

As videiras que subiam pela cerca haviam começado sua corrida de primavera e brotos e cacheados de um verde delicado manchados de cor de ferrugem caíam em cascatas das hastes lenhosas, anéis ansiosos enroscando-se como meus próprios cabelos novos — maldita, ela havia cortado meus cabelos de propósito para me desfigurar! A sobra que lançavam fornecia refúgio para enormes moitas frondosas da perniciosa praga que eu chamava de "joia", sem saber seu nome verdadeiro, por causa das pequenas flores brancas que cintilavam como aglomerados de diamantes nas plumas verdes das folhas. Provavelmente era um tipo de samambaia, mas não formava nem um bulbo útil, nem

sementes comestíveis; bonita, mas inútil — e assim o tipo de planta que se espalha como incêndio florestal.

Ouvi um pequeno som farfalhante e uma bola de pano rolou até meus pés. Seguiu-se imediatamente o súbito surgimento de um corpo muito maior e Rollo passou por mim a toda velocidade, agarrando a bola habilmente e partindo a todo galope, o deslocamento do ar com a sua passagem sacudindo minhas saias. Espantada, ergui os olhos e o vi saltando na direção de Ian, que entrara silenciosamente na horta.

Fez um pequeno gesto de desculpas, mas eu me sentei sobre os calcanhares e sorri para ele, esforçando-me para reprimir os sentimentos malignos que iam e vinham no meu peito.

Evidentemente, a repressão não foi muito bem-sucedida, pois eu o vi franzir um pouco a testa e hesitar, olhando-me diretamente nos olhos.

— Quer alguma coisa, Ian? — perguntei sucintamente, abandonando a fachada de boas-vindas. — Se esse seu cachorro derrubar uma de minhas colmeias, vou transformá-lo em tapete.

— Rollo! — Ian estalou os dedos para o cachorro, que saltou graciosamente por cima da fileira de colmeias em troncos ocos e cestos que ficava na extremidade oposta da horta, veio trotando até seu dono, largou a bola aos seus pés e ficou arfando alegremente, os olhos amarelos de lobo fixos em mim com evidente interesse.

Ian pegou a bola e, virando-se, atirou-a longe, através do portão aberto, e Rollo partiu atrás dela como a cauda de um cometa.

— Queria lhe perguntar uma coisa, tia — ele disse, virando-se novamente para mim. — Mas pode esperar.

— Não, tudo bem. Agora é uma hora tão boa quanto outra qualquer.

— Levantei-me desajeitadamente, fiz sinal para que fôssemos para o pequeno banco que Jamie fizera para mim em um

refúgio sombreado, sob um corniso em flor que se projetava sobre o canto da horta.

— Sim? — Sentei-me ao lado dele, limpando a terra da barra da minha saia.

— Mmmhum. Bem... — Olhou fixamente para as próprias mãos, entrelaçadas sobre o joelho, ossudas e de articulações salientes. — Eu... hã...

— Não se expôs à sífilis outra vez, não é? — perguntei, com uma lembrança vívida da minha última entrevista com um jovem constrangido nesta horta. — Porque se tiver, Ian, juro que usarei a seringa do dr.

Fentiman em você e não serei nem um pouco delicada. Você...

— Não, não! — ele disse apressadamente. — Não, claro que não, tia. É sobre... sobre Malva Christie. — Ficou tenso ao dizer isso, como se eu fosse me lançar sobre a faca de podar, mas eu apenas inspirei fundo e soltei o ar de novo, devagar.

— O que tem ela? — eu disse, a voz deliberadamente calma.

— Bem... não ela exatamente. Mais o que ela disse... sobre tio Jamie. — Ele parou, engolindo em seco, e eu inspirei devagar novamente.

Perturbada como eu própria estava com a situação, mal pensara sobre o impacto que ela podia ter causado em qualquer outra pessoa. Mas Ian idolatrava Jamie desde quando era pequeno; eu podia muito bem imaginar que as insinuações amplamente difundidas de que Jamie pudesse ter pés de barro fossem profundamente perturbadoras para ele.

— Ian, não deve se preocupar. — Coloquei a mão, suja de terra como estava, em seu braço para tranquilizá-lo. — Isso tudo... irá se resolver por conta própria, de algum modo. Sempre se resolve. — Era verdade, mas geralmente com o máximo de comoção e catástrofe. E se o filho de Malva, por alguma horrível piada

cósmica, viesse a nascer com cabelos ruivos... fechei os olhos Por um instante, sentindo uma onda de tontura.

— Sim, imagino que sim — Ian disse, parecendo em dúvida.

— É só que... o que estão dizendo, sobre tio Jamie. Até mesmo seus homens de Ardsmuir gente que devia conhecê-lo melhor! Que ele possa ter... bem, não vou repetir nada disso, tia... mas... também não suporto ouvir! Seu rosto comprido e simples estava contraído de desgosto e ocorreu-me repentinamente que ele podia estar tendo suas próprias dúvidas a respeito do assunto.

— Ian — eu disse, com toda a firmeza que pude reunir —, o filho de Malva não pode ser de Jamie de maneira nenhuma. Você acredita nisso, não é?

Ele balançou a cabeça, bem devagar, mas não me olhou nos olhos.

— Acredito — ele disse suavemente, em seguida engoliu em seco, com força. — Mas, tia... pode ser meu.

Uma abelha havia pousado no meu braço. Fitei-a, vendo os veios em suas asas vítreas, o pólen amarelo agarrado aos minúsculos pelos de suas pernas e abdômen, a delicada pulsação de seu corpo conforme ela respirava.

— Oh, Ian — eu disse tão suavemente quanto ele próprio havia falado. — Oh, Ian.

Ele estava retesado como uma marionete, mas quando eu falei, um pouco da tensão deixou o braço sob minha mão e eu vi que ele havia fechado os olhos.

— Sinto muito, tia — ele sussurrou.

Sem palavras, dei uns tapinhas em seu braço. A abelha voou para longe e desejei ardentemente que eu pudesse trocar de lugar com ela. Seria tão maravilhoso me ocupar simplesmente com a tarefa de colher pólen, voar ao sol com esse único propósito.

Outra abelha pousou na gola da camisa de Ian e ele afastou-a distraidamente.

— Bem — ele disse, respirando fundo e virando a cabeça para me olhar. — O que devo fazer, tia?

Seus olhos estavam escuros de sofrimento e preocupação — e algo muito parecido com medo, pensei.

— Fazer? — eu disse, soando tão perplexa quanto eu me sentia. — Jesus H. Roosevelt Cristo, Ian.

Eu não pretendia fazê-lo sorrir, e ele não o fez, mas pareceu relaxar um pouco.

— Sim, já fiz — ele disse, muito pesarosamente. — Mas... está feito, tia. Como posso reparar isso?

Esfreguei a testa, procurando pensar. Rollo trouxera sua bola de volta, mas, vendo que Ian não estava com a menor disposição para brincar, largou-a aos seus pés e recostou-se contra sua perna, arfando.

— Malva — eu disse finalmente. — Ela lhe contou? Antes, quero dizer.

— Acha que eu a desprezei e isso a fez acusar tio Jamie? — Lançou-me um olhar amargo, distraidamente afagando a cabeça de Rollo. — Bem, não poderia culpá-la se achasse, tia, mas não. Ela não me disse nem uma palavra sobre o assunto. Se tivesse falado, eu teria me casado com ela imediatamente.

Uma vez superado o obstáculo da confissão, ele falava com mais facilidade agora.

— Você não pensou em se casar com ela primeiro? — eu disse, com talvez um leve tom de acidez.

— Ah... não — ele disse, muito timidamente. — Não era exatamente uma questão de... bem, eu não pensei em nada, tia. Eu estava bêbado. Na primeira vez, de qualquer modo — acrescentou como um pensamento tardio.

— A primeira? Quantas... não, não me conte. Não quero saber dos detalhes sórdidos. — Eu o fiz se calar com um gesto



brusco e sentei-me ereta, acometida por um pensamento. — Bobby Higgins. Foi por isso...

Ele balançou a cabeça, abaixando as pestanas de modo que eu não podia ver seus olhos. O sangue afluera sob o bronzeado.

— Sim. Foi por isso... quero dizer, eu realmente não pretendia me casar com ela, para começar, mas ainda assim, eu a teria pedido em casamento, depois que nós... mas eu adiei isso um pouco e... — Passou a mão pelo rosto, desamparado. — Bem, eu não a queria como esposa, mas ainda assim não podia deixar de desejá-la, e sei muito bem como isso soa horrível... mas tenho que lhe dizer a verdade, tia, e essa é a verdade. — Inspirou fundo e continuou: — Eu costumava... esperar por ela. Na floresta, quando ela ia colher. Ela não dizia nada quando me via, apenas sorria, levantava um pouco a saia, depois se virava rapidamente e corria e... Deus, eu ia atrás dela como um cachorro atrás de uma cadela no cio — disse amargamente. — Mas um dia eu cheguei tarde e ela não estava lá onde costumávamos nos encontrar. Mas eu a ouvi rindo, ao longe, e quando fui ver...

Ele torceu as mãos com força suficiente para deslocar um dedo, o rosto contraído em um esgar, e Rollo choramingou baixinho.

— Digamos que a criança pode ser de Bobby Higgins também — ele disse, rispidamente.

De repente me senti exausta, como me sentia quando me recuperava de minha doença, como se o simples ato de respirar fosse demais para mim. Recostei-me na cerca, sentindo o farfalhar das folhas da parreira raspando meu pescoço, abanando suavemente minhas faces afogueadas.

Ian inclinou-se para frente, a cabeça nas mãos, as manchas de sombras das folhagens brincando sobre ele.

— O que devo fazer? — ele perguntou por fim, a voz abafada. Ele parecia tão cansado quanto eu. — Eu não me

importaria de dizer que eu... que a criança poderia ser minha. Mas acha que isso adiantaria?

— Não — eu disse, desolada. — Acho que não. — A opinião pública não iria mudar nem um pouco. Todos presumiriam simplesmente que Ian mentia para salvar seu tio. Ainda que ele se casasse com a jovem, isso não iria...

Um pensamento atingiu-me e eu endireitei-me no banco outra vez.

— Você disse que não queria se casar com ela, mesmo antes de saber a respeito de Bobby. Por quê? — perguntei, curiosa.

Ele ergueu a cabeça das mãos com um gesto indefeso.

— Não sei como explicar. Ela era... bem, muito bonita, sim, e inteligente também. Mas ela... não sei, tia. É que eu sempre tinha uma sensação, quando me deitava com ela... de que eu não ousaria adormecer ao lado dela.

Fitei-o, espantada.

— Bem, isso seria incômodo, imagino.

Mas ele já descartara o assunto e ficara parado, a testa franzida, fincando o calcanhar do mocassim na terra.

— Não há como saber qual de dois homens é o pai de uma criança, não é? — ele perguntou abruptamente. — Mas... se for meu, eu vou querê-lo. Eu me casaria com ela por causa da criança, independente do resto. Se for minha.

Bri me contara a história de Ian. Eu sabia sobre sua mulher mohawk, Emily, e sobre a morte de sua filha, e senti a pequena presença de minha própria filha, a primeira, Faith, natimorta, mas sempre comigo.

— Oh, Ian — eu disse suavemente, tocando em seus cabelos. — Você poderia saber, pela aparência da criança... mas provavelmente não, ou ao menos não de imediato.

Ele balançou a cabeça e suspirou. Após um instante, ele disse: — Se eu disser que é minha e me casar com ela... as pessoas

poderão continuar falando, mas depois de algum tempo... — Sua voz definhou.

Verdade, os mexericos por fim acabariam arrefecendo. Mas ainda haveria aqueles que achariam que Jamie era o responsável, outros que chamariam Malva de vagabunda, mentirosa ou ambos — o que ela certamente era, lembrei a mim mesma, mas não era algo que se gostaria de ouvir de sua mulher. E como seria a vida de Ian, casado em tais circunstâncias, com uma mulher em quem não podia confiar e, pensei, de quem não gostava muito.

— Bem — eu disse, levantando-me e espreguiçando-me não faça nada drástico por enquanto. Deixe-me falar com Jamie; não se importa se eu contar a ele? — Gostaria que contasse, tia. Eu achei que não conseguiria. — Ele ainda permanecia sentado no banco, os ombros ossudos arriados. Rollo deitava-se no chão junto aos seus pés, a enorme cabeça de lobo descansando sobre o pé calçado de mocassim de Ian. Com pena, abracei-o, e ele recostou a cabeça em mim, como uma criança.

— Não é o fim do mundo — eu disse.

O sol tocava as bordas da montanha e o céu flamejava, vermelho e dourado, sua luz recaindo em raios incandescentes através da cerca.

— Não — ele disse, mas não havia nenhuma convicção em sua voz.

*DECLARAÇÕES*

*Charlotte, Condado de Mecklenberg*  
*20 de maio de 1775*

A única coisa que Roger não havia previsto sobre o processo de fazer história foi a imensa quantidade de álcool envolvida. Devia, ele pensou; se havia alguma coisa que a carreira na academia lhe ensinara era que quase toda discussão importante era conduzida no bar.

Tavernas, pubs, pensões e espeluncas em Charlotte prosperavam, conforme delegados, espectadores e parasitas fervilhavam por eles, homens de sentimentos legalistas se reunindo no King's Arms, os de opinião radicalmente oposta no Blue Boar, com correntes alternadas de não alinhados e indecisos circulando de um lugar para o outro, cochichando pelo Goose and Oyster, Thomas's, Groats, Simon's, Buchanan's, Mueller's e dois ou três lugares anônimos que mal se classificavam como bares clandestinos.

Jamie visitou todos eles. E bebeu em todos, compartilhando cervejas as mais variadas, ponche de rum, shandy, cordial, sidra, conhaque, vinho de ruibarbo, de amora, de pera, licores e elixires. Nem todos eram alcoólicos, mas a grande maioria era.

Roger limitava-se à cerveja na maior parte do tempo e ficou satisfeito com sua restrição, quando por acaso se encontrou com Davy Caldwell na rua, saindo de uma barraca de frutas com um punhado de abricós prematuros.

— Sr. MacKenzie! — Caldwell gritou, o rosto se iluminando de satisfação em vê-lo. — Não imaginava que poderia encontrá-lo aqui, mas é uma bênção!

— É um grande prazer — Roger disse, apertando a mão do ministro com um fervor cordial. Caldwell realizara seu casamento com Brianna e o examinara na Academia Presbiteriana quando ele mesmo fora se preparar para sua vocação alguns meses atrás. — Como vai, sr. Caldwell?

— Oh, eu vou muito bem, mas meu coração teme pela sorte de meus pobres irmãos! — Caldwell sacudiu a cabeça, consternado, indicando um grupo de homens que se amontoavam no Simon's, rindo e conversando.

— Em que tudo isso vai dar, sr. MacKenzie, em quê?

Roger ficou, por um instante de instabilidade, tentado a lhe contar em que tudo aquilo iria dar. No entanto, gesticulou para Jamie — que fora parado por um conhecido na rua — indicando-lhe que prosseguisse sem ele, e virou-se para caminhar um pouco com Caldwell.

— Veio para a reunião, então, sr. Caldwell? — perguntou.

— Sim, sr. MacKenzie, vim. Tenho pouca esperança de que minhas palavras possam fazer a menor diferença, mas é meu dever pregar, e eu o farei.

O que Davy Caldwell encontrou foi uma condição chocante de indolência humana, pela qual ele culpava toda a situação atual, convencido de que a apatia irrefletida e "uma preocupação estúpida com conforto pessoal" por parte dos colonos tanto tentavam quanto provocavam o exercício de poderes tirânicos por parte da Coroa e do Parlamento.

— É um problema, sem dúvida — Roger disse, ciente de que os gestos inflamados de Caldwell chamavam uma certa atenção, mesmo entre a multidão na rua, ela própria já bastante altercada.

— Um problema! — Caldwell exclamou. — Sim, é o problema. A ignorância indiferente à obrigação moral e o amor supremo à vida mansa do preguiçoso servil correspondem exatamente ao apetite e cinismo de um tirano! Olhou furiosamente para um homem sentado e recostado ao lado de uma casa, com o chapéu sobre o rosto, fazendo uma pequena trégua do calor do meio-dia.

— O espírito de Deus tem que redimir o preguiçoso, encher a mente humana de atividade, atitude e consciência libertária! Roger se perguntou se Caldwell veria a guerra em ascensão como resultado da intervenção divina — mas depois de alguma reflexão achou que provavelmente veria. Caldwell era um pensador, mas um presbiteriano convicto, logo acreditava em predestinação.

— O indolente encoraja e facilita a opressão — Caldwell explicou, com um gesto de desdém para a família de funileiros desfrutando um almoço ao ar livre no quintal de uma casa. — Sua própria vergonha e falta de ânimo, sua própria patética complacência e submissão: isso se transforma em correntes de escravidão produzidas por eles mesmos!

— Oh, sim — Roger disse e tossiu. Caldwell era um famoso pregador e um pouco inclinado a aproveitar qualquer oportunidade para não perder a prática. — Aceita algo para beber, sr. Caldwell? — Era um dia quente e o rosto redondo e querubínico de Caldwell estava ficando muito vermelho.

Entraram no Thomas's, um lugar bastante respeitável, e sentaram-se com suas canecas de cerveja da casa — Caldwell, como a maioria das pessoas, não considerava a cerveja uma bebida alcoólica, como rum ou uísque. O que mais, afinal de contas, uma pessoa podia beber? Leite? Fora do sol e com uma cerveja

refrescante na mão, Davy Caldwell tornou-se menos inflamado em suas palavras, bem como em suas feições.

— Que sorte encontrá-lo aqui, sr. MacKenzie — ele disse, respirando fundo depois de pousar sua caneca sobre a mesa. — Eu lhe enviei uma carta mas certamente já havia saído de casa antes que ela pudesse chegar. Eu queria lhe dar as boas notícias: vai haver um tribunal eclesiástico.

O coração de Roger deu um salto.

— Quando? E onde?

— Edenton, no começo do mês que vem. O reverendo McCorkle está vindo da Filadélfia. Vai ficar durante algum tempo, antes de partir em sua jornada seguinte: ele vai para as Antilhas, encorajar os esforços da Igreja lá. Eu estou, é claro, supondo que conheço sua vontade. Desculpe-me pela minha presunção, sr. MacKenzie... mas ainda é seu desejo buscar a ordenação?

— De todo coração.

Caldwell ficou radiante e segurou sua mão com força.

— Que isso lhe dê grandes alegrias, meu caro, grandes alegrias.

Em seguida, ele mergulhou em uma detalhada descrição de McCorkle, que ele conhecera na Escócia, e em especulações concernentes à situação da religião na colônia — falou da Igreja Metodista com algum respeito, mas considerava os Batistas da Nova Luz "um pouco descontrolados" em suas efusões de devoção, embora sem dúvida bem-intencionadas — e sem dúvida a crença sincera era um avanço em relação à falta de fé, qualquer que seja a forma que assuma. No devido tempo, entretanto, ele voltou ao tema das circunstâncias atuais.

— Você veio com o seu sogro, não é? — ele perguntou. — Achei tê-lo visto na rua.

— Sim, e você o viu — Roger assegurou-lhe, tateando no bolso à cata de uma moeda. O bolso na verdade estava cheio de fios

de crina de cavalo enrolados; com sua experiência acadêmica como guia, ele se preparara contra o possível tédio trazendo o material necessário para fazer uma nova linha de pesca.

— Ah. — Caldwell olhou intensamente para ele.

— Andei ouvindo algumas coisas ultimamente... é verdade que ele se tornou um whig?

— Ele é um fiel amigo da liberdade — Roger disse, com cautela, e respirou fundo. — Assim como eu. — Ele não tivera ocasião de dizer isso em voz alta até então; isso lhe deu uma pequena sensação de falta de ar, logo abaixo do esterno.

— Aha, aha, muito bem! Eu ouvi isso, como disse... no entanto, há muitos que dizem o contrário: que ele é um tory, um legalista como seus parentes, e que essa alegação de apoio ao movimento pela independência não passa de um ardil. — Não foi colocado como uma pergunta, mas as sobrancelhas cabeludas de Caldwell, empinadas, deixavam claro que era.

— Jamie Fraser é um homem honesto — Roger disse e esvaziou sua caneca. — E honrado — acrescentou, colocando a caneca na mesa. — E por falar nele, acho que devo procurá-lo.

Caldwell olhou ao redor; havia um ar de inquietação em volta deles, homens pedindo a conta e pagando. A reunião oficial da convenção deveria começar às duas horas, na fazenda de MacIntyre. Já passava de meio-dia agora e delegados, oradores e espectadores já estariam se reunindo aos poucos, preparando-se para uma tarde de conflito e decisão.

A sensação de falta de ar voltou.

— Sim, claro. Por favor, mande minhas lembranças, embora talvez eu mesmo o encontre. E que o Espírito Santo penetre nas incrustações do hábito e da letargia e converta as almas e desperte a consciência daqueles que se reúnem aqui hoje! — Amém — Roger disse, sorrindo apesar dos olhares dos homens... e não poucas mulheres... à volta.



Encontrou Jamie no Blue Boar, na companhia de vários homens nos quais o Espírito Santo já vinha trabalhando com afinco nas incrustações, a julgar pelo volume das vozes. Mas a conversa próxima à porta definhou quando ele começou a atravessar o salão — não devido à sua própria presença, mas porque havia algo mais interessante acontecendo no centro.

A saber: Jamie Fraser e Neil Forbes, ambos vermelhos de furor, paixão e um ou dois galões de diversas bebidas alcoólicas, as cabeças unidas por cima da mesa e sibilando um para o outro, em gaélico, como duas cobras.

Somente alguns dos espectadores falavam gaélico; esses apressadamente traduziam os pontos principais do diálogo para o resto da multidão.

O insulto gaélico era uma arte e na qual seu sogro se distinguia, embora Roger fosse obrigado a admitir que o próprio advogado não era incompetente nisso. As traduções feitas pelos espectadores ficavam muito a dever ao original; entretanto, o salão da taverna estava arrebatado, com assobios ou gritos ocasionais de admiração, ou risadas quando ouviam uma tirada particularmente espirituosa.

Tendo perdido o começo, Roger não fazia a menor ideia de como o conflito começara, mas a julgar pelo calor dos ânimos, a discussão girava em torno de covardia e arrogância, as observações de Jamie dirigidas ao fato de Forbes ter sido quem liderou o ataque a Fogarty Simms como uma tentativa covarde e mesquinha de se engrandecer à custa da vida de um homem indefeso, Forbes — mudando para inglês aqui, ao perceber que haviam se tornado o foco de atração da taverna — assumindo o ponto de vista de que a presença de Jamie ali era uma afronta injustificável àqueles que realmente defendiam os ideais de liberdade e justiça, quando todos sabiam que ele na realidade era partidário do rei, mas ele, o arrogante que se julgava o mandachuva, achava que podia puxar a

venda sobre os olhos de todos o tempo suficiente para trair todo o movimento, mas se ele, Fraser, achava que ele, Forbes, era bastante tolo para se deixar enganar por truques antigos em via pública e muita conversa sem mais nenhuma substância do que os gritos das gaiivotas, ele, Fraser, devia pensar duas vezes! Jamie bateu na mesa com a mão espalmada, fazendo-a rugir como um tambor e chocalhando as canecas. Ele se levantou, olhando furiosamente para Forbes.

— Você calunia a minha honra, senhor? — ele gritou, também mudando para inglês. — Por que se é isso que está fazendo, vamos lá fora e resolvemos a questão agora mesmo, sim ou não? O suor escorria pelo rosto largo e afogueado de Forbes e seus olhos lançavam chispas, mas apesar de furioso como estava, Roger viu uma cautela tardia puxar a manga de sua camisa. Roger não vira a briga em Cross Creek, mas Ian contara-lhe os detalhes, rindo a bandeiras despregadas. A última coisa que Neil Forbes poderia desejar era um duelo.

— E o senhor tem honra para ser caluniada? — Forbes retrucou, também se levantando e empertigando-se como se falasse diante de um júri. — O senhor chega aqui como se fosse o maioral, farreando e se exibindo como um marinheiro que vem a terra firme com dinheiro de recompensa de pilhagem no bolso, mas temos alguma prova de que suas palavras são mais do que jactância? Jactância, estou lhe dizendo, senhor! Jamie permaneceu de pé, as duas mãos apoiadas sobre o tampo da mesa, examinando Forbes através dos olhos semicerrados. Roger um dia vira aquela mesma expressão focalizada sobre ele. Fora seguida rapidamente pelo tipo de desordem comum em um pub de Glasgow no sábado à noite — só que mais intensa. A única coisa a agradecer é que Forbes obviamente não ouvira qualquer boato da acusação de Malva Christie, ou já haveria sangue no chão da taverna.

Jamie empertigou-se devagar e sua mão esquerda dirigiu-se à cintura.

Ouviram-se várias arfadas e Forbes empalideceu. Mas Jamie buscara seu sporran, não sua adaga, e enfiou a mão dentro da bolsa.

— Quanto a isso... senhor... — ele disse numa voz baixa, regular, que alcançou todo o salão — eu já deixei bem claro. Sou a favor da liberdade e, para esse fim, eu penhoro meu nome, minha fortuna — neste ponto, ele retirou a mão do sporran e bateu-a na mesa; uma bolsinha, dois guinéus de ouro e uma pedra preciosa — e minha sagrada honra.

O salão ficou em silêncio, todos os olhos focalizados no diamante negro, que cintilava com uma luz sinistra. Jamie parou pelo espaço de tempo de três batidas do coração, em seguida inspirou fundo.

— Tem algum homem aqui que me chame de mentiroso? — ele disse.

A pergunta foi ostensivamente dirigida a todo o salão, mas seus olhos estavam fixos em Forbes. O advogado ficara cinza-pálido com manchas vermelhas, como uma ostra estragada, mas não disse nada.

Jamie fez nova pausa, olhou uma vez ao redor do aposento, depois pegou a bolsinha, o dinheiro e a pedra e saiu a passos largos. Do lado de fora, o relógio da cidade soou duas horas, as batidas lentas e pesadas no ar úmido.

### L'OIGNON-INTELLIGENCER

*No dia 20 do corrente mês, um congresso se reuniu em Charlotte, composto de representantes do condado de Mecklenberg, com o propósito de discutir a questão das relações atuais com a Grã-Bretanha.*

*Após as devidas deliberações, uma Declaração foi proposta e aceita, cujas cláusulas são publicadas a seguir: 1. Quem quer que direta*

*ou indiretamente auxiliie ou de qualquer outro modo, forma ou maneira estimule a violação perigosa e desenfreada de nossos direitos como exercida pela Grã-Bretanha é inimigo deste condado — da América e dos direitos inerentes e inalienáveis do homem.*

*2. Nós, cidadãos do condado de Mecklenburg, dissolvemos, por meio desta, os laços políticos que nos ligam à mãe-pátria, nos abstermos de toda fidelidade à Coroa Britânica e rejeitamos qualquer associação, contrato ou conexão política com aquela nação, que de forma arbitrária esmagou nossos direitos e liberdades, e de forma desumana derramou o sangue de patriotas americanos em Lexington.*

*3. Assim, por meio desta, nos declaramos um povo livre e independente — somos, e por direito devemos ser, uma associação soberana e autônoma, sob o controle de nenhum poder além do poder de nosso Deus e do governo geral do congresso, para manutenção de cuja independência civil e religiosa, nós solenemente penhoramos uns aos outros nossa cooperação mútua, nossas vidas, nossas fortunas e nossa mais sagrada honra.*

*4. Como agora não reconhecemos a existência e o controle de nenhuma lei ou instituição legal, civil ou militar, neste condado, por meio desta decretamos e adotamos como norma de vida todas e cada uma de nossas leis anteriores — onde, entretanto, a Coroa da Grã-Bretanha nunca poderá deter direitos, privilégios, imunidades ou autoridade.*

*5. Fica decretado, ainda, que todos e cada oficial militar neste condado estão, por meio desta, restabelecidos em seu antigo comando e autoridade, se agirem em conformidade com estes regulamentos. E que cada membro presente desta delegação deverá daqui por diante ser uma autoridade civil, ou seja, um juiz de paz na figura de um "membro do Comitê" para abrir processos, ouvir e determinar todas as questões de controvérsia segundo as ditas leis adotadas — para preservar a paz, a união e a harmonia no referido condado e para usar todo esforço para espalhar o amor pelo país e a paixão pela liberdade por toda a América até que um governo mais geral e organizado seja estabelecido nesta*

*província. Uma seleção dos membros presentes deverá constituir um Comitê de segurança pública para este condado.*

*6. Que uma cópia dessas resoluções seja transmitida por mensageiro expresso ao presidente do Congresso Continental reunido na Filadélfia, para que seja apresentada a esse organismo.*

*ENTRE AS ALFACES*

Algum idiota — ou uma criança — havia deixado o portão da minha horta aberto. Subi o caminho correndo, esperando que não estivesse assim há muito tempo. Se tivesse ficado aberto toda a noite, os veados teriam comido cada pé de alface, cebola e tubérculo no terreno, sem falar em terem arruinado os...

Dei um salto para trás, soltando um pequeno grito. Algo como um alfinete de chapéu em brasa havia espetado meu pescoço e eu, em reflexo, dei um tapa no local. Uma estocada elétrica em minha têmpora fez minha visão ficar branca, depois se turvar de água, e uma picada ardente na curva do meu cotovelo — abelhas.

Saí do caminho aos tropeções, repentinamente cônica de que o ar estava cheio delas, frenéticas, ferroando. Mergulhei no meio dos arbustos, mal conseguindo ver por causa dos olhos lacrimejantes, percebendo tardiamente o zumbido surdo de uma colmeia em guerra.

Urso! Droga, um urso entrara na horta! No meio segundo entre a primeira ferroadada e a seguinte, eu avistara de relance uma das colmeias tombada de lado na terra logo depois do portão, favos e mel derramando-se de dentro como entranhas.

Agachei-me sob os galhos e me atirei em um canteiro de tintureira, arfando e praguejando incoerentemente. A picada no meu pescoço latejava cruelmente e a da têmpora já estava inchando, puxando a pálpebra daquele lado. Senti uma delas rastejando em

meu tornozelo e, num reflexo, afastei-a com tapas antes que pudesse me picar.

Limpei as lágrimas, pestanejando. Algumas abelhas passaram pelo meio das hastes de flores amarelas acima de mim, agressivas como Spitfires. Agachei-me um pouco mais, tentando ao mesmo tempo fugir, bater nos meus cabelos e sacudir minhas saias, com medo de que outras tivessem ficado presas em minhas roupas.

Eu respirava como uma locomotiva a vapor, tremendo de adrenalina e fúria.

— Inferno... maldito urso... droga...

Tive o impulso quase incontrollável de entrar correndo e gritando na horta, batendo as minhas saias, na esperança de assustar o urso. Um impulso igualmente forte de autopreservação o sobrepujou.

Coloquei-me de pé atabalhoadamente e, mantendo-me um pouco abaixada para o caso de surgirem abelhas furiosas, comecei a abrir caminho pelo meio do mato encosta acima, pretendendo dar a volta na horta e sair do outro lado, longe das colmeias destruídas. Eu poderia voltar à trilha por lá e descer para a casa, onde poderia recrutar ajuda — de preferência, armada — para afugentar o monstro antes que ele destruísse o resto das colmeias.

De nada adiantava tentar não fazer barulho e eu irrompi através dos arbustos, tropeçando em troncos, arquejante de raiva. Tentei ver o urso, mas as videiras sobre a cerca estavam cerradas demais para eu poder ver mais do que folhas agitadas pela brisa e sombras do sol. O lado do meu rosto parecia estar pegando fogo e pontadas de dor disparavam pelo nervo trigêmeo a cada batimento cardíaco, fazendo os nervos crisparem-se e o olho lacrimejar terrivelmente.

Alcancei a trilha logo abaixo do local em que a primeira abelha havia me picado — meu cesto de jardinagem estava caído lá onde eu o largara, minhas ferramentas espalhadas. Agarrei a faca

que eu usava para tudo, desde podar até escavar raízes; era uma faca sólida, com uma lâmina de quinze centímetros e embora pudesse não intimidar o urso, eu me sentia melhor segurando-a.

Olhei para o portão aberto, pronta para correr, mas não vi nada. A colmeia destruída estava exatamente do mesmo jeito que eu a vira, os favos de cera quebrados e esmagados, o cheiro de mel denso no ar. Mas os favos não estavam espalhados; colunas de cera estilhaçadas ainda estavam grudadas na base exposta da colmeia.

Uma abelha zumbiu ameaçadoramente pela minha orelha e eu me abaixei, mas não corri. Tudo estava calmo. Tentei parar de arfar, procurando ouvir acima do troar da minha própria pulsação acelerada.

Ursos não eram silenciosos; não precisavam ser. Eu devia ouvir fungadas e ruídos de deglutição, pelo menos — farfalhar de folhagens esmagadas, o estalo de uma língua comprida. Não ouvi nada.

Cautelosamente, fui subindo a trilha de lado, um passo de cada vez, pronta para correr. Havia um carvalho de bom tamanho a cerca de seis metros de distância. Eu conseguiria chegar até lá, se o urso surgisse de repente? Ouvi com toda a atenção possível, mas não havia nenhum som além do farfalhar suave das vinhas e da zoadá de abelhas furiosas, agora reduzida a um zumbido queixoso, conforme se aglomeravam nos restos de seus favos.

Ele já fora embora. Era a única explicação. Ainda desconfiada, continuei avançando lentamente, a faca na mão.

Senti o cheiro de sangue e a vi no mesmo instante. Jazia no canteiro de verduras, a saia espalhada como alguma flor gigantesca e fora de época que se abrisse entre os pequenos pés de alface.

Eu já estava ajoelhada ao seu lado sem a menor ideia de como chegara lá. A carne de seu braço estava morna quando a agarrei pelo pulso — ossos tão frágeis e pequenos — mas frouxo, não havia nenhuma pulsação — Claro que não, disse o pequeno e



frio observador interior, sua garganta foi cortada, há sangue por toda parte, mas você pode ver que a artéria não está pulsando; ela está morta.

Os olhos cinzentos de Malva estavam abertos, perplexos, e sua touca caíra. Agarrei seu pulso com mais força, como se eu pudesse encontrar o pulso escondido, encontrar algum traço de vida... e encontrei. O volume de sua barriga moveu-se, muito sutilmente, e eu larguei o braço flácido imediatamente e agarrei minha faca, lutando para encontrar a barra de sua saia.

Agi sem pensar, sem medo, sem dúvida — não havia mais nada, além da faca e da pressão, a carne se abrindo e a débil possibilidade, o pânico da necessidade absoluta...

Cortei a barriga do umbigo ao púbis, fazendo força sobre o músculo frouxo, dei um talhe no útero, mas não importava, cortei rapidamente, mas com cuidado, a parede do útero, larguei a faca e enfiei as mãos nas entranhas de Malva Christie, ainda mornas, e segurei a criança, virando-a, puxando com força, em meu frenesi para liberá-la, arrancá-la da morte certa, trazê-la para o ar livre, ajudá-la a respirar... O corpo de Malva sacudia-se e arqueava-se conforme eu puxava aos safanões, as pernas e braços frouxos debatendo-se com a força dos meus puxões.

Ele se libertou com o mesmo movimento repentino de um parto e eu já estava limpando sangue e muco do rostinho cerrado, soprando em seus pulmões, delicadamente, é preciso soprar delicadamente, os alvéolos dos pulmões são como teias de aranha, tão pequenos, comprimindo o peito, não mais do que um palmo, dois dedos pressionando, não mais, e senti sua minúscula mola, delicada como a mola de um relógio de pulso. Senti o movimento, pequenas contorções, uma débil luta instintiva — e o senti se esvaír, aquela leve vibração, aquela minúscula centelha de vida, gritei de angústia e agarrei o corpinho de boneca junto ao meu peito, ainda quente, ainda quente.

— Não se vá — eu disse não se vá, não se vá, por favor, não se vá. — Mas o sopro de vida se esvaiu, um pequeno clarão azul que pareceu iluminar as palmas das minhas mãos por um instante, depois definhou como uma chama de vela, até restar apenas a brasa do pavio sem chama, depois o mais fraco vestígio de brilho... e então tudo ficou escuro.

Eu ainda estava sentada sob o sol luminoso, chorando e banhada em sangue, o corpo do menino no meu colo, o cadáver estropiado de minha Malva ao meu lado, quando me encontraram.

*A NOIVA ROUBADA*

Uma semana se passou depois da morte de Malva sem que houvesse a menor pista de quem a matara. Murmúrios, olhares de esguelha e uma névoa palpável de suspeita pairavam sobre Ridge, mas, apesar de todos os esforços de Jamie, ninguém pôde localizar quem soubesse — ou dissesse — absolutamente nada de útil.

Eu podia ver a tensão e a frustração se avolumando em Jamie, a cada dia, e sabia que ela teria que encontrar um escape. Mas não fazia ideia do que ele poderia fazer.

Após o café da manhã na quarta-feira, Jamie estava de pé à janela de seu gabinete, com uma expressão furiosa, depois bateu o punho cerrado na mesa, tão repentinamente que me fez dar um salto.

— Cheguei ao limite mortal de tolerância — ele me informou. — Mais um problema como esse e vou enlouquecer. Tenho que fazer alguma coisa, e vou fazer. — Sem esperar nenhuma resposta a essa declaração, deu largas passadas até a porta do gabinete, escancarou-a e berrou para dentro do corredor: — Joseph! O sr. Wemyss apareceu, vindo da cozinha, onde estava limpando a chaminé segundo instruções da sra. Bug, parecendo espantado, pálido, sujo de fuligem e descabelado.

Jamie ignorou as pegadas negras no assoalho do gabinete — ele havia queimado o tapete — e fixou um olhar autoritário no sr.

Wemyss.

— Você quer aquela mulher? — perguntou.

— Mulher? — O sr. Wemyss estava compreensivelmente desnortado. — Que... oh. Está... está se referindo a Fraulein Berrisch? — Quem mais? Você a quer? — Jamie repetiu.

Era óbvio que fazia muito tempo que ninguém perguntava ao sr. Wemyss o que ele queria e foi preciso algum tempo para ele se refazer do choque.

Uma incitação brutal de Jamie forçou o sr. Wemyss a se expressar além de murmúrios depreciativos sobre os amigos de Fraulein sem dúvida serem os melhores juízes da felicidade dela, de sua própria inadequação, pobreza e desmerecimento geral como marido, até — finalmente — a uma admissão afobada de que, bem, se Fraulein não fosse terrivelmente avessa à perspectiva, talvez... bem.... em uma palavra...

— Sim, senhor — ele disse, parecendo aterrorizado com sua própria ousadia. — Quero, sim. Muito mesmo! — deixou escapar de um só fôlego.

— Ótimo. — Jamie balançou a cabeça, satisfeito. — Nós vamos buscá-la, então.

O sr. Wemyss ficou boquiaberto de espanto; eu também. Jamie virou-se repentinamente para mim, emitindo ordens com a confiança e joie de vivre de um capitão de navio com uma gorda pilhagem à vista.

— Vá chamar o Jovem Ian para mim, sim, Sassenach? E diga à sra. Bug para preparar comida, suficiente para uma semana de viagem para quatro homens. E depois vá buscar Roger Mac. Vamos precisar de um ministro.

Esfregou as mãos de satisfação, depois deu um tapa amigável no ombro do sr. Wemyss, levantando uma pequena nuvem de fuligem de suas roupas.

— Vá se preparar, Joseph — ele disse. — E penteie os cabelos. Nós vamos roubar uma noiva pra você.

— ...e apontou uma pistola para seu peito, seu peito — o Jovem Ian cantava — Case-me, case-me, ministro, ou eu vou ser seu sacerdote, seu sacerdote... ou eu vou ser seu sacerdote! — Claro — Roger disse, interrompendo a canção, em que um rapaz corajoso chamado Willie cavalga com seus amigos para raptar e se casar à força com uma jovem que se mostra ainda mais corajosa —, esperamos ser um pouco mais eficientes do que Willie quando cair a noite, hein, Joseph?

O sr. Wemyss, escovado, bem-vestido e bastante animado, lançou-lhe um olhar de completa incompreensão. Roger riu, apertando a tira de seu alforje.

— O jovem Willie obriga um ministro a casá-lo com a jovem sob a mira de uma pistola — ele explicou ao sr. Wemyss —, mas depois, quando leva sua noiva roubada para a cama, ela não o aceita, e seus maiores esforços não conseguem forçá-la.

— E assim eu, Willie, retorno para minha casa, tão virgem quanto saí, saí... tão virgem quanto saí! — Ian cantarolou.

— Agora, veja bem — Roger disse em tom de aviso a Jamie, que içava seus próprios alforjes para cima de Gideon. — Se a Fraulein for totalmente contrária...

— O que, contrária a se casar com Joseph? — Jamie bateu cordialmente nas costas do sr. Wemyss, depois agachou-se para ajudá-lo a montar e praticamente içou o homenzinho para a sela. — Não posso imaginar nenhuma mulher de bom-senso que recuse esta oportunidade, não é, a charaid? Deu uma rápida olhada ao redor da clareira, para ver se estava tudo bem, depois subiu correndo os degraus e beijou-me em uma rápida despedida, antes de descer correndo outra vez, para montar Gideon, que ao menos uma vez parecia cordial e não fez nenhuma tentativa de mordê-lo.

— Cuide-se bem, mo nighean donn — ele disse, sorrindo para mim.

E partiram, abandonando a clareira em um tropel, como uma gangue de saqueadores das Highlands, os gritos animados e ensurdecedores de Ian ressoando nas árvores.

Estranhamente, a partida dos homens pareceu acalmar um pouco o ambiente. A tagarelice, é claro, continuou animadamente — mas, sem Jamie ou Ian ali para servir de para-raios, ela simplesmente crepitava de um lado para o outro, como fogo-de-santelmo, sibilando, cuspidando e fazendo os cabelos de todo mundo se arrepiarem, mas essencialmente um fenômeno inofensivo, a não ser que tocado diretamente.

A casa perdeu um pouco de seu ar de fortaleza preparada para o combate, e mais o olho de um furacão.

Além disso, com o sr. Wemyss longe de casa, Lizzie veio visitar, trazendo o pequeno Rodney Joseph, como o bebê se chamava — Roger tendo fincado o pé com firmeza contra as sugestões entusiásticas dos jovens pais de Tilgath-pileser e Ichabod. A pequena Rogerina se saíra bem, sendo agora comumente chamada de Rory, mas Roger não quis saber de nenhuma criança sendo batizada com algo que acabaria resultando em ser chamada por todo mundo de Icky.

Rodney parecia ser uma criança muito afável, em parte porque ele nunca perdera realmente aquele ar de perplexidade, os olhos redondos, que o fazia parecer ansioso para ouvir o que você tinha a dizer. A perplexidade de Lizzie com seu nascimento havia se transformado em um encantamento que poderia ter eclipsado Jo e Kezzie completamente, não fosse o fato de eles compartilharem esse mesmo encantamento.

Qualquer um dos dois era capaz de — a menos que forçosamente impedido — passar meia hora discutindo os hábitos intestinais de Rodney com a intensidade até aqui reservada a novas

armadilhas e às coisas peculiares encontradas no estômago dos animais que haviam matado. Os porcos, ao que parecia, eram realmente capazes de comer qualquer coisa; Rodney também.

Alguns dias após a partida dos homens em sua expedição para o rapto de uma noiva, Brianna veio de sua cabana com Jemmy para fazer uma visita e Lizzie também trouxe Rodney. As duas juntaram-se a Amy McCallum e eu na cozinha, onde passávamos uma noite agradável costurando à luz do fogo, admirando Rodney, mantendo um olho negligente em Jemmy e Aidan — e após uma boa dose de cautelosa exploração, dedicando-nos entusiasticamente a uma rápida revista da população masculina de Bridge, vista à luz de suspeitos.

Eu, naturalmente, tinha um interesse mais pessoal e doloroso no assunto, mas todas as três jovens colocavam-se unanimemente ao lado da justiça — isto é, o lado que se recusava sequer a contemplar a ideia de que Jamie ou eu pudéssemos ter qualquer coisa a ver com o assassinato de Malva Christie.

Quanto a mim, achava aquela especulação aberta bastante reconfortante. Particularmente, eu vinha, é claro, conjeturando o tempo inteiro — o que era fatigante demais. Não só era desagradável visualizar cada homem que eu conhecia no papel de um assassino frio e cruel, como o processo me obrigava a continuamente reimaginar o próprio assassinato e a reviver o momento em que eu a encontrei.

— Eu realmente detestaria pensar que pudesse ter sido Bobby — Bri disse, franzindo o cenho enquanto empurrava um ovo de madeira no calcanhar de um pé de meia. — Ele parece um rapaz tão amável.

Lizzie abaixou o queixo diante disso, franzindo os lábios.

— Oh, sim, ele é um rapaz meigo — ela disse. — Mas o que se poderia chamar de "sangue quente".

Todas nós olhamos para ela.

— Bem — ela disse docemente eu não permiti, mas ele tentou bastante. E quando eu disse não, ele saiu muito furioso e chutou uma árvore.

— Meu marido costumava fazer isso às vezes, se eu o recusava — Amy disse, pensativa. — Mas tenho certeza de que ele não cortaria a minha garganta.

— Bem, mas Malva não recusou essa pessoa — Bri salientou, estreitando os olhos enquanto enfiava a linha na agulha de cerzir. — Esse era o problema. Ele a matou porque ela ficou grávida e ele receava que ela fosse contar a todo mundo.

— Ho! — Lizzie disse, triunfante. — Bem, então não pode ter sido Bobby de maneira nenhuma, não é? Pois quando meu pai recusou sua proposta...

— Uma rápida sombra atravessou seu semblante à menção de seu pai, que ainda não lhe dirigira uma palavra, nem reconhecera o nascimento do pequeno Rodney. — Ele não pensou em pedir a mão de Malva Christie? Ian disse que ele pretendia. E se ela estivesse esperando um filho dele... bem, então, seu pai seria obrigado a aceitar, não é? Amy balançou a cabeça, achando a argumentação convincente, mas Bri tinha objeções.

— Sim, mas ela insistia que não era filho dele. E ele vomitou nas amoreiras quando soube que ela estava grávida. — Seus lábios comprimiram-se momentaneamente. — Bem, ele não ficou nem um pouco satisfeito. Assim ele pode tê-la assassinado por ciúmes, não acham?

Lizzie e Amy emitiram um "humm" duvidoso — ambas gostavam de Bobby, mas eram obrigadas a admitir a possibilidade.

— O que eu me pergunto — eu disse, um pouco hesitante — é sobre os homens mais velhos. Os casados. Todos sabem dos rapazes que estavam interessados nela, mas eu certamente vi mais de um homem casado lançar um olhar para ela de passagem.



— Eu cito Hiram Crombie — Bri disse imediatamente, enfiando a agulha no calcanhar da meia. Todas riram, mas ela sacudiu a cabeça.

— Não, estou falando sério. São sempre os muito religiosos, muito rigorosos que acabam tendo gavetas secretas cheias de roupas de baixo femininas e se esgueiram por aí molestando os garotos do coro.

Amy ficou literalmente boquiaberta.

— Gavetas cheias de roupas de baixo de mulher? — ela disse. — O que... combinações e espartilhos? O que fariam com elas?

Brianna enrubesceu diante da pergunta, tendo esquecido sua plateia.

Tossiu, mas não havia nenhuma escapatória possível.

— Hã... bem. Eu me referia mais à roupa de baixo de mulheres francesas — disse, debilmente. — Hum... essas coisas com rendas.

— Oh, francesas — Lizzie disse, balançando a cabeça sabiamente.

Todos sabiam da notória reputação das francesas, embora eu duvidasse que qualquer mulher em Fraser's Ridge exceto eu mesma já tivesse visto uma. No interesse de encobrir o lapso de Bri, entretanto, eu prestativamente contei-lhes sobre La Nestlé, a amante do rei da França, que mandara furar os mamilos e aparecera na corte com os seios à mostra, exibindo argolas de ouro neles.

— Mais alguns meses disto — Lizzie disse soturnamente, abaixando os olhos para Rodney, que mamava ferozmente em seu seio, os punhos pequeninos cerrados no esforço — e poderei fazer o mesmo. Direi a Jo e Kezzie para me trazerem algumas argolas quando venderem as peles, hein? Em meio à risada geral, uma batida na porta da frente passou despercebida — ou teria passado, se não fosse por Jemmy e Aidan, que estavam brincando no

gabinete de Jamie, que entraram correndo na cozinha para nos dizer.

— Eu atendo. — Bri deixou seu cerzimento de lado, mas na verdade eu já estava de pé.

— Não, eu vou. — Fiz sinal para ela permanecer onde estava, peguei uma vela e desci o corredor escuro, o coração acelerado. Visitas depois de escurecer em geral significavam algum tipo de emergência.

E assim era essa, embora um tipo que eu não esperava. Por um instante, eu nem sequer reconheci a mulher alta que oscilava na entrada, pálida e emaciada. Então, ela sussurrou: — Frau Fraser? Eu posso... posso entrarr?

E caiu nos meus braços.

O barulho fez todas as mulheres acorrerem para ajudar e nós colocamos Mônica Berrisch — pois na verdade era a suposta noiva do sr. Wemyss — deitada no banco comprido, a cobrimos com colchas e cobertores e a tratamos com uma forte bebida quente.

Ela recuperou-se rapidamente — não havia nada de errado com ela, na verdade, salvo exaustão e fome — ela disse que não comia há três dias — e em pouco tempo, já era capaz de sentar-se e tomar sopa, explicando sua surpreendente presença.

— Foi o marido de minha irmã — ela disse, fechando os olhos em um êxtase momentâneo com o aroma de sopa de ervilha com presunto. — Ela não me queria mais lá e quando seu marido sofreu um grave acidente e perdeu a carroça, não havia mais dinheiro para manter todos nós, e ela não me quis mais.

Ela havia, segundo disse, sofrido muito com a falta de Joseph, mas não tivera nem as forças, nem os meios para enfrentar a oposição de sua família e insistir em voltar para ele.

— Oh? — Lizzie examinava-a atentamente, mas de uma maneira afável. — O que aconteceu, então? Fraulein Berrisch voltou

os olhos grandes e meigos para ela.

— Eu não pude mais suportar a situação — ela disse simplesmente.

— Eu queria muito ficar com Joseph. O marido de minha irmã queria muito que eu fosse embora, então ela vai me dar um pouco de dinheiro.

Assim, eu vim — ela concluiu, dando de ombros, e tomou outra ávida colherada da sopa.

— Você... veio andando? — Brianna perguntou. — De Halifax? Fraulein Berrisch balançou a cabeça, lambendo a colher, e estendeu um dos pés de baixo das cobertas. As solas de seus sapatos haviam se desgastado completamente; ela os envolveu com restos de couro e tiras de pano rasgadas de sua combinação, de modo que seus pés pareciam trouxas de trapos imundos.

— Elizabeth — ela disse, olhando ansiosamente para Lizzie. — Espero que você não se importe que eu venha. Seu pai... ele está aqui? Também espero que ele não se importe.

— Humm, não — eu disse, trocando um olhar com Lizzie. — Ele não está aqui... mas tenho certeza de que ficará encantado de vê-la!

— Oh? — Seu rosto esquelético, que demonstrara susto ao saber que o sr. Wemyss não estava, ficou radiante quando lhe contamos onde ele estava.

— Oh — suspirou, agarrando a colher junto ao peito, como se fosse a cabeça do sr. Wemyss. — Oh, mein Kavalieri — Exultante, ela olhou ao redor para todas nós e, pela primeira vez, notou Rodney, dormindo em seu cesto aos Pés de Lizzie.

— Mas quem é este? — gritou, inclinando-se para frente para ver melhor. Não inteiramente adormecido, Rodney abriu os olhos redondos e escuros e olhou para ela com um interesse solene e sonolento.

— É meu bebê. Chama-se Rodney Joseph... por causa do meu pai, sabe? — Lizzie tirou-o do cesto, os joelhos roliços puxados para cima até o queixo, e colocou-o delicadamente nos braços de Monika.

Ela ficou arrulhando para ele em alemão, o rosto iluminado.

— Desejo de avó — Bri murmurou para mim, pelo canto da boca, e eu senti o riso borbulhar sob meus espartilhos. Eu não ria desde a morte de Malva e achei a oportunidade um bálsamo para a alma.

Lizzie explicava ansiosamente para Monika o afastamento de seu pai em consequência de seu casamento inortodoxo, enquanto Monika sacudia a cabeça, estalando a língua em solidária compreensão — e eu me perguntei o quanto ela entendera da história — e ao mesmo tempo balbuciando para Rodney em uma língua de bebês.

— Duvido que o sr. Wemyss continue afastado — eu disse também pelo canto da boca. — Manter a nova esposa longe do novo neto? Ha! — Sim, que diferença faz ter dois genros? — Bri concordou.

Amy observava a delicada cena com uma leve nostalgia. Ela estendeu o braço e envolveu os ombros esqueléticos de Aidan.

— Bem, sempre dizem, quanto mais, melhor — ela disse.

*PRIORIDADES*

Três camisas, um par extra de calças boas, dois pares de meias, um de lila, um de seda... espere, onde estão as meias de seda? Brianna dirigiu-se à porta e chamou seu marido, que laboriosamente instalava segmentos de canos de barro cozido na trincheira que cavara, ajudado por Aidan e Jemmy.

— Roger! O que fez com suas meias de seda? Ele parou, franzindo a testa, e esfregou a cabeça. Em seguida, entregando a pá a Aidan, veio para a casa, pulando por cima da trincheira aberta.

— Eu as usei no domingo passado para o culto, não foi? — ele perguntou, alcançando-a. — O que eu... oh.

— Oh? — ela disse desconfiada, vendo seu rosto mudar de perplexidade para culpa. — O que é "oh"? — Ahh... bem, você ficou em casa com Jem por causa da dor de estômago que ele teve — uma indisposição taticamente conveniente, enormemente exagerada a fim de impedir que ela tivesse que ficar sentada durante duas horas fitando e sussurrando —, então quando Jocky Abernathy me perguntou se eu queria ir pescar com ele...

— Roger MacKenzie — ela disse, fitando-o com ar de fúria —, se você colocou suas meias de seda boas em um balaio de peixes fedorentos e as esqueceu...

— Vou dar um pulo na casa e pedir emprestado um par de seu pai, está bem? — ele disse, apressadamente. — Tenho certeza de que o meu vai aparecer, em algum lugar.

— Sua cabeça também — ela disse. — Provavelmente embaixo de uma pedra! Isso o fez rir, que não fora o que ela pretendia, mas que teve o efeito de abrandar sua fúria.

— Desculpe-me — ele disse, inclinando-se para frente para beijar sua testa. — Provavelmente é freudiano.

— Oh? E o que deixar suas meias enroladas em uma truta morta simboliza? — ela perguntou.

— Culpa generalizada e lealdades divididas, imagino — ele disse, ainda brincando, mas nem tanto. — Bri... estive pensando. Eu acho que não devia ir. Eu não preciso...

— Precisa, sim — ela disse, com toda firmeza possível. — Papai diz isso, mamãe diz isso e eu também.

— Oh, está bem, então. — Ele sorriu, mas ela pôde sentir a inquietação sob o humor... mais ainda porque ela compartilhava o sentimento. O assassinato de Malva Christie causara um grande alvoroço em Ridge: susto, histeria, desconfiança e dedos apontando em todas as direções. Vários jovens — Bobby Higgins entre eles — simplesmente desapareceram de Ridge, fosse por sentimento de culpa ou meramente para salvar a própria pele.

Houve acusações suficientes para atingir a todos; até ela própria tivera seu quinhão de suspeita e mexericos, algumas de suas observações descuidadas sobre Malva Christie sendo repetidas. Mas de longe o maior peso das suspeitas recaía diretamente sobre seus pais.

Ambos estavam fazendo o melhor possível para tocar sua rotina, sombriamente ignorando os mexericos e os olhares acusadores, mas estava ficando cada vez mais difícil; qualquer um podia ver isso.

Roger fora imediatamente visitar os Christie — fora todos os dias desde a morte de Malva, salvo durante sua apressada expedição a Halifax — enterrara a jovem com simplicidade e lágrimas — e desde então empregava todas as suas forças para ser

sensato, tranquilizador e firme com todas as demais pessoas em Ridge. Imediatamente, deixara de lado seus planos de ir a Edenton para sua ordenação, mas Jamie, ao saber, insistira que ele fosse.

— Você já fez tudo que poderia fazer aqui — Brianna disse, pela centésima vez. — Não há mais nada que possa fazer para ajudar, e pode ser que outra chance só surja daqui a anos.

Ela sabia a urgência com que ele queria ser ordenado e faria qualquer coisa para realizar esse desejo. Quanto a ela, queria poder estar presente nesta ocasião; porém, depois de muita conversa, concordaram que seria melhor para ela e Jem irem para River Run e esperarem lá até que Roger terminasse sua viagem a Edenton e retornasse. Não faria bem a nenhum candidato à ordenação aparecer com uma mulher e um filho católicos.

A culpa de partir, entretanto, deixando seus pais no olho do furacão...

— Você tem que ir — ela repetiu. — Mas talvez eu...

Ele a interrompeu com um olhar.

— Não, já fizemos isso. — O argumento dele era de que sua presença não poderia afetar a opinião pública, o que provavelmente era verdade. Ela compreendeu que a sua verdadeira razão — compartilhada pelos seus pais — era o desejo de afastar Jem e ela da situação em Ridge, longe do alvoroço e a salvo, de preferência antes que Jem percebesse que muitos vizinhos achavam que um de seus avós, senão ambos, era um assassino sanguinário.

E, para sua própria vergonha, ela estava ansiosa para ir.

Alguém matara Malva — e seu filho. Toda vez que pensava nisso, as possibilidades se avolumavam diante dela, uma ladainha de nomes. E toda vez era forçada a ver o nome de seu primo entre eles. Ian não fugira, e ela não podia — não podia — pensar que tivesse sido ele. E no entanto todo dia era obrigada a ver Ian e a contemplar a possibilidade.

Ficou olhando fixamente para a bolsa que estava arrumando, dobrando e desdobrando a camisa nas mãos, buscando razões para partir, razões para ficar — e sabendo que nenhuma razão tinha nenhum poder, não agora.

Um baque surdo lá fora a fez acordar de seu atoleiro de indecisão.

— O que... — Alcançou a porta em dois passos, rápido o suficiente para ver Jem e Aidan desaparecerem no mato como um par de coelhos. Na borda da trincheira, jaziam os fragmentos do pedaço de cano que haviam acabado de deixar cair.

— Moleques desastrados! — ela berrou, agarrando uma vassoura — sem saber o que pretendia exatamente, mas a violência parecia o único escape para a frustração que acabara de irromper como um vulcão, queimando-a por dentro.

— Bri — Roger disse suavemente, colocando a mão em suas costas.

— Não é importante.

Ela livrou-se bruscamente e voltou-se para ele, o sangue latejando em seus ouvidos.

— Você faz ideia de quanto tempo leva para fazer uma dessas peças? Quantas fornadas até conseguir uma que não esteja rachada? Como...

— Sim, eu sei — ele disse, a voz serena. — E ainda assim não é importante.

Ela permaneceu parada, trêmula, respirando com força. Muito delicadamente, ele estendeu a mão e pegou a vassoura, colocando-a de volta em seu lugar.

— Eu preciso... ir — ela disse, quando conseguiu formular as palavras outra vez, e ele assentiu, os olhos com um quê da tristeza que ele carregava desde o dia da morte de Malva.

— Sim, precisa, sim — ele disse baixinho.



Aproximou-se por trás dela e passou os braços ao seu redor, o queixo pousado em seu ombro, e gradativamente ela parou de tremer. Do outro lado da clareira, ela viu a sra. Bug descendo o caminho da horta com o avental cheio de repolhos e cenouras; Claire não colocara mais os pés na horta desde...

— Será que eles vão ficar bem? — Vamos rezar para que fiquem — ele disse, abraçando-a com mais força. Ela sentiu-se reconfortada e não foi senão mais tarde que notou que ele na verdade não afirmara que seus pais ficariam bem.



*A JUSTIÇA É MINHA, DIZ O SENHOR*

Remexi o último pacote de lorde John, tentando reunir entusiasmo suficiente para abri-lo. Era um pequeno engradado de madeira; talvez mais ácido sulfúrico. Eu achava que devia fazer um novo lote de éter — mas, por outro lado, para quê? As pessoas haviam deixado de procurar meu consultório, até mesmo para o tratamento de pequenos cortes e contusões, quanto mais para uma ocasional extração de apêndice.

Corri o dedo pela poeira sobre a bancada e achei que devia ao menos cuidar disso; a sra. Bug mantinha o resto da casa impecável, mas se recusava a entrar no consultório. Acrescentei a tarefa de tirar o pó à longa lista de coisas que devia fazer, mas não fiz nenhuma menção de ir buscar um pano de pó.

Suspirando, levantei-me e atravessei o corredor. Jamie estava sentado à escrivaninha, brincando com uma pena de escrever e olhando fixamente para uma carta iniciada. Ele largou a pena ao me ver, sorrindo.

— Como vai, Sassenach?

— Tudo bem — eu disse, e ele balançou a cabeça, aceitando sem questionar. Seu rosto exibia rugas de tensão e eu sabia que ele não estava melhor do que eu. — Não vi Ian o dia inteiro. Ele disse que estava indo? — Para os cherokees, era o que eu queria dizer. Não era de admirar que ele quisesse fugir de Ridge; eu achava que fora necessária muita coragem para ele ter permanecido tanto

tempo quanto permaneceu, suportando os olhares e murmúrios... e as acusações diretas.

Jamie balançou a cabeça outra vez e recolocou a pena em sua jarra.

— Sim, eu disse a ele para ir. De nada adianta ele ficar mais tempo; só haveria mais brigas. — Ian não havia contado nada sobre as brigas, porém mais de uma vez aparecera para o jantar com marcas de luta.

— Certo. Bem, é melhor eu dizer à sra. Bug antes que ela comece a fazer o jantar. — Ainda assim, não fiz nenhuma menção de me levantar, encontrando um pouco de consolo na presença de Jamie, uma pequena trégua da constante lembrança do peso, pequeno e ensanguentado, em meu colo, inerte como um pedaço de carne... e a visão dos olhos de Malva, tão surpresos.

Ouvi cavalos no pátio, vários. Olhei para Jamie, que sacudiu a cabeça, as sobrancelhas erguidas, levantando-se em seguida para ir ao encontro dos visitantes, quem quer que fossem. Eu o segui pelo corredor, limpando as mãos no avental e revisando mentalmente o cardápio do jantar para acomodar o que parecia ser ao menos uma dúzia de hóspedes, a julgar pelos relinchos e murmúrios que eu ouvia no pátio.

Jamie abriu a porta e estancou. Olhei por cima de seu ombro e senti o terror tomar conta de mim. Cavaleiros, negros contra o sol poente, e naquele instante me senti de volta na clareira do uísque, molhada de suor e vestindo apenas minha combinação. Jamie ouviu minha arfada e colocou a mão para trás para me manter distante.

— O que você quer, Brown? — ele disse, de forma bem pouco amistosa.

— Viemos buscar sua mulher — Richard Brown disse. Havia um inconfundível tom de triunfo em sua voz e, ao ouvi-lo, a penugem do meu corpo eriçara-se de frio e pontos negros

flutuaram no meu campo de visão. Recuei um passo, mal sentindo meus pés, e me segurei no batente da porta do meu consultório, agarrando-a com força para me apoiar.

— Bem, então pode dar meia-volta e ir embora — Jamie retrucou, com o mesmo tom de poucos amigos. — Você não tem nada a ver com minha mulher, nem ela com você.

— Ah, nisso você está errado, senhor Fraser. — Minha visão clareara e eu o vi conduzir o cavalo para mais perto da varanda. Ele se abaixou na sela, olhando para dentro de casa, pela porta, e evidentemente me viu, pois sorriu, de uma maneira repulsiva.

— Viemos prender sua mulher, pelo crime covarde de assassinato.

A mão de Jamie retesou-se onde ele segurava a porta e, devagar, empertigou-se em toda a sua altura, parecendo se expandir enquanto o fazia.

— Saia das minhas terras, senhor — ele disse, e sua voz havia caído para um nível logo acima dos ruídos de cavalos e arreios. — E saia agora.

Eu senti, mais do que ouvi, passos atrás de mim. A sra. Bug, que viera ver o que estava acontecendo.

— Que Brígida nos proteja — ela murmurou, ao ver os homens.

Então, desapareceu, voltando apressadamente pelo corredor, os passos leves como os de um alce. Eu devia segui-la, eu sabia, fugir pela porta dos fundos, correr para dentro da floresta, me esconder. Porém minhas pernas pareciam paralisadas. Eu mal conseguia respirar, quanto mais me mover.

E Richard Brown olhava para mim por cima do ombro de Jamie, ódio misturado a triunfo.

— Oh, nós vamos embora — ele disse, endireitando-se. — Entregue-a e iremos embora. Desapareceremos como o sereno da noite — ele disse e riu. Eu me perguntei se ele estaria bêbado.

— Com que direito vocês vêm aqui? — Jamie indagou. Sua mão esquerda ergueu-se, pousou no cabo de sua adaga em uma clara ameaça. A visão desse gesto me estimulou, finalmente, e eu desci atabalhoadamente o corredor, para a cozinha, onde as armas ficavam guardadas.

— ...Comitê de Segurança. — Apreendi essas palavras na voz de Brown, em tom de ameaça, e então já atravessava a cozinha. Agarrei a espingarda de seus ganchos acima da lareira e, abrindo com um safanão a gaveta do aparador, apressadamente enfiei as três pistolas que ficavam ali nos bolsos amplos do meu avental cirúrgico, feitos para manter os instrumentos enquanto eu trabalhava.

Minhas mãos tremiam. Hesitei — as pistolas estavam preparadas e carregadas; Jamie verificava-as toda noite — eu deveria levar a bolsa de munição, o chifre de pólvora? Não havia tempo. Ouvi a voz de Jamie e de Richard Brown, gritando agora na frente da casa.

Com o som da porta de trás se abrindo, levantei bruscamente a cabeça e vi um homem desconhecido parar na soleira da porta, olhando ao redor.

Ele me viu e começou a vir na minha direção, rindo, a mão estendida para segurar meu braço.

Levantei uma pistola do meu avental e atirei nele, à queimadura. O riso não desapareceu de seu rosto, mas assumiu um ar de perplexidade. Ele pestanejou uma ou duas vezes, depois colocou a mão no lado do corpo, onde uma mancha vermelha começava a se espalhar em sua camisa. Ele olhou para seus dedos sujos de sangue e seu queixo caiu.

— Droga! — ele disse. — Você atirou em mim!

— Atirei — eu disse, sem ar. — E certamente farei isso de novo, se você não sair daqui agora! — Larguei a pistola vazia no chão com um estrondo e vasculhei o bolso do meu avental com uma

das mãos à cata da outra pistola, ainda segurando a espingarda com todas as forças.

Ele não esperou para ver se eu falava a sério, mas girou nos calcanhares e foi de encontro ao batente da porta, depois saiu aos tropeções, deixando uma mancha de sangue na madeira.

Filetes de fumaça do disparo flutuavam no ar, misturando-se estranhamente ao cheiro de peixe assado, e eu pensei por um instante que fosse vomitar, mas consegui, apesar da náusea, deixar de lado a espingarda por um instante e trancar a porta, minhas mãos tremendo tanto que foram necessárias várias tentativas.

Sons repentinos da frente da casa afastaram o nervosismo e tudo o mais da minha mente, e eu já estava correndo pelo corredor, a arma na mão, antes de tomar a decisão consciente de me mover, as pistolas pesadas no meu avental batendo contra as minhas coxas.

Haviam arrastado Jamie da varanda; avistei-o de relance no meio de uma agitada miscelânea de corpos. Haviam parado de gritar. Não se ouvia absolutamente nenhum ruído, salvo pequenos grunhidos e o impacto de socos, o arrastar de muitos pés na terra batida. Era uma luta mortal e eu compreendi no mesmo instante que pretendiam matá-lo.

Mirei a espingarda na borda da multidão o mais longe possível de Jamie e puxei o gatilho. O estrondo da arma e os gritos de surpresa pareceram ocorrer simultaneamente, e a cena diante de mim se desfez, o grupo de homens dissolvendo-se, alvejado por uma chuva de chumbinhos. Jamie mantinha sua adaga na mão; com um pouco de espaço ao seu redor agora, eu o vi dar uma estocada na lateral de um dos homens, arrancar a adaga de volta e desfechar um golpe para o lado no mesmo movimento, cortando um enorme corte na testa de um homem que recuara um pouco.

Em seguida, avistei um brilho de metal para um dos lados e, em reflexo, gritei "Abaixa-se!", um instante antes da pistola de Brown disparar. Houve um pequeno chiado pela minha orelha e eu

percebi, de uma maneira muito calma, que Brown atirara em mim, não em Jamie.

Mas Jamie havia de fato se abaixado. Assim como todos no pátio, e em seguida os homens se levantavam atabalhoadamente, confusos, o ímpeto do ataque desfeito. Jamie arremetera-se na direção da varanda; estava de pé e avançando aos tropeções em minha direção, atacando violentamente com o cabo da adaga um homem que o agarrara pela manga, fazendo-o cair para trás com um grito.

Parecia que havíamos ensaiado aquilo uma dúzia de vezes. Ele subiu os degraus para a varanda com um único salto e atirou-se sobre mim, carregando nós dois pela porta para dentro, em seguida girou nos calcanhares e bateu a porta, atirando-se contra ela e mantendo-a fechada contra o impacto frenético de corpos pelo instante que levei para largar a espingarda, agarrar a trava da porta e levantá-la para a tranca.

Ela encaixou-se em seus ganchos com um baque surdo.

A porta vibrava com os golpes de socos e ombros, e a gritaria recomeçara, mas com um som diferente. Não se ouvia mais o exultante tom de triunfo, nem de provocação. Praguejando ainda, mas com uma intenção maligna, determinada.

Nenhum dos dois parou para ouvir.

— Travei a porta da cozinha — disse, arquejante, e Jamie balançou a cabeça, mergulhando para dentro do meu consultório para trancar os ferrolhos das venezianas internas. Ouvei o barulho de vidraças quebradas no consultório atrás de mim conforme corria para o gabinete; as janelas ali eram menores, altas na parede, e não tinham vidraças. Bati as venezianas e tranquei os ferrolhos, depois corri de volta para o corredor repentinamente escuro para pegar a arma.

Jamie já a segurava; ele estava na cozinha, pegando munição, e quando comecei a me dirigir à porta da cozinha ele saiu

de lá, carregando bolsas de munição, chifres de pólvora e outros apetrechos, a espingarda na mão, e com um movimento brusco da cabeça fez sinal para eu subir as escadas para o andar de cima à sua frente.

Os quartos em cima ainda estavam iluminados; era como emergir de repente de debaixo d'água, e eu tomei um gole de luz como se fosse ar, atordoada e com os olhos lacrimejando, enquanto corria para trancar as persianas no quarto de depósito e no quarto de Amy McCallum. Eu não sabia onde Amy e seus filhos estavam; só podia ser grata por não estarem na casa no momento.

Corri para o quarto de dormir, arquejando. Jamie estava de joelhos junto à janela, metodicamente carregando as armas e resmungando alguma coisa baixinho em gaélico — rezando ou praguejando, eu não sabia.

Não perguntei se ele estava ferido. Seu rosto estava machucado, o lábio partido, o sangue escorria pelo queixo e caía na camisa, estava todo sujo de terra e do que pareciam ser manchas de sangue dos adversários, e a orelha do lado voltado para mim estava inchada. Mas seus movimentos eram firmes e qualquer coisa que não uma fratura de crânio teria que esperar.

— Eles pretendem nos matar — eu disse, e não era uma pergunta.

Ele balançou a cabeça, os olhos no que estava fazendo, depois me deu uma das pistolas para eu carregar.

— Sim, pretendem. Ainda bem que as crianças estão a salvo longe daqui, hein? — Sorriu repentinamente para mim, os dentes ensanguentados e um ar feroz, e eu me senti mais firme do que há muito tempo não me sentia.

Ele deixara uma parte da veneziana aberta. Coloquei-me cuidadosamente por trás dele e espreitei para fora, a pistola carregada na mão.



— Não há nenhum corpo estendido no pátio — relatei. — Acho que você não matou nenhum deles.

— Não foi por falta de tentar — ele retrucou. — Meu Deus, o que eu não daria por um rifle! — Ergueu-se cautelosamente sobre os joelhos, o cano da espingarda projetando-se do parapeito, e examinou o estado do ataque.

Eles haviam batido em retirada por enquanto; via-se um pequeno grupo sob as castanheiras na outra extremidade da clareira, e haviam levado os cavalos para baixo, na direção da cabana de Bri e Roger, a salvo do alcance dos tiros. Brown e seus asseclas estavam obviamente planejando os próximos passos.

— O que acha que teriam feito se eu tivesse concordado em ir com eles? — Eu podia sentir meu coração outra vez, ao menos. Estava a um quilômetro por minuto, mas eu conseguia respirar e alguma sensibilidade retornava às minhas extremidades.

— Eu jamais deixaria você ir — ele respondeu sucintamente.

— E na certa Richard Brown sabia disso — eu disse. Ele assentiu; ele pensava da mesma forma. Brown nunca pretendeu realmente me prender; apenas provocar um incidente em que nós dois poderíamos ser mortos em circunstâncias suficientemente duvidosas para evitar uma retaliação maciça por parte dos colonos de Jamie.

— A sra. Bug saiu, não é? — ele perguntou.

— Sim. Se não a pegaram do lado de fora da casa. — Estreitei os olhos contra o brilhante sol da tarde, procurando uma figura corpulenta, baixa, de saias, entre o grupo embaixo das castanheiras, mas vi apenas homens.

Jamie balançou a cabeça outra vez, sibilando baixinho através dos dentes posteriores, enquanto girava o cano da arma devagar através de um arco que cobria todo o pátio.

— Veremos, então — foi tudo que ele disse. — Aproxime-se um pouco, meu caro — ele sussurrou, quando um dos homens

começou a atravessar o pátio cautelosamente em direção à casa. — Um único tiro; é tudo que eu peço. Tome, Sassenach, fique com isso. — Enfiou a espingarda em minhas mãos e selecionou sua pistola favorita, um modelo das Highlands, de cano longo, com uma espiral na coronha.

O homem — era Richard Brown, eu vi — parou a uma determinada distância, tirou um lenço do cós de suas calças e acenou-o devagar acima da cabeça. Jamie resfolegou desdenhosamente, mas deixou que ele se aproximasse.

— Fraser! — ele chamou, parando a uma distância de aproximadamente quarenta metros. — Fraser! Está me ouvindo? Jamie mirou cuidadosamente e atirou. A bala atingiu o solo a alguns passos à frente de Brown, levantando uma nuvem repentina de poeira, e Brown deu um salto no ar como se tivesse sido picado por uma abelha.

— Qual é o seu problema? — ele gritou, indignado. — Nunca ouviu falar em bandeira de trégua, escocês ladrão de cavalos.

— Se eu quisesse você morto já estaria esfriando a essa altura! — Jamie gritou de volta. — Diga o que tem a dizer. — O que ele realmente queria era evidente: queria que tivessem medo de se aproximar mais da casa; era impossível atingir alguma coisa com precisão com uma pistola a quarenta metros de distância, e nada fácil com um mosquete.

— Você sabe o que eu quero! — Brown gritou. Tirou o chapéu, limpando suor e poeira do rosto. — Quero essa sua maldita bruxa assassina.

A resposta a isso foi outro tiro de pistola cuidadosamente dirigido.

Brown pulou de novo, mas não tão alto.

— Olhe — ele tentou outra vez, com um tom conciliatório na voz. — Não vamos feri-la. Pretendemos levá-la a julgamento em Hillsboro. Um julgamento justo. Só isso.

Jamie entregou-me a segunda pistola para recarregar, pegou outra e atirou.

Tinha-se que dar crédito a Brown por sua persistência, pensei. Claro, ele provavelmente percebera que Jamie não podia ou não queria realmente atingi-lo, e ele obstinadamente manteve-se na posição por mais dois tiros, berrando que pretendiam me levar para Hillsboro e que juravam por Deus que, se eu fosse inocente, Jamie iria querer um julgamento, não? Estava quente ali em cima e o suor escorria entre meus seios.

Enxuguei o peito com o tecido da minha combinação.

Sem nenhuma resposta senão o zumbido de projéteis de pistola, Brown lançou as mãos para cima em uma pantomima exagerada de um homem razoável posto à prova além dos limites da tolerância e voltou a passos largos para seus homens sob as castanheiras. Nada mudara, mas ver suas costas estreitas me fez respirar com mais facilidade.

Jamie continuou agachado à janela, a pistola à mão, mas, vendo Brown voltar, relaxou e recostou-se para trás, sentando-se sobre os calcanhares, com um suspiro.

— Tem água aqui, Sassenach?

— Sim. — A jarra do quarto estava cheia; servi-lhe um copo, que ele esvaziou avidamente. Tínhamos comida, água e uma boa quantidade de pólvora e cartuchos. No entanto, eu não previa um longo período de cerco.

— O que acha que irão fazer? — Não me aproximei da janela, mas ficando de lado eu podia vê-los claramente, reunidos em confabulação sob as árvores. O ar estava parado e pesado, e as folhas acima deles pendiam como trapos úmidos.

Jamie veio se posicionar atrás de mim, tocando o lábio de leve com a fralda de sua camisa.

— Incendiar a casa assim que escurecer, imagino — ele disse, de modo prático. — É o que eu faria. Embora eu imagine que

possam tentar arrastar Gideon para fora e ameaçar colocar uma bala em sua cabeça, se eu não a entregar. — Ele parecia achar esta última parte algum tipo de piada, mas eu não consegui ver humor nela.

Ele viu meu rosto e colocou a mão nas minhas costas, puxando-me para perto por um instante. O ar estava quente e pegajoso, e ambos estávamos molhados de suor, mas a proximidade dele era um consolo, mesmo assim.

— Bem — eu disse, respirando fundo. — Tudo vai depender de a sra. Bug ter conseguido escapar... e a quem ela contou.

— Ela foi procurar Arch, antes de mais nada. — Jamie bateu de leve em minhas costas e sentou-se na cama. — Se ele estiver em casa, correrá para Kenny Lindsay; é o mais próximo. Depois disso... — Deu de ombros e fechou os olhos, e eu vi que seu rosto estava pálido sob o bronzeado e as manchas de sangue e poeira.

— Jamie... você está ferido? Ele abriu os olhos e me deu um sorriso breve, de lado, tentando não distender o lábio ferido.

— Não, eu quebrei meu maldito dedo outra vez, só isso. — Ergueu um dos ombros, querendo dizer que não tinha importância, mas deixou que eu pegasse sua mão direita para examinar.

Era uma fratura bem precisa, era tudo que se podia dizer a respeito. O quarto dedo era rígido, as articulações fundidas quando foram esmagadas havia muito tempo, na prisão de Wentworth. Ele não conseguia dobrá-lo e, portanto, esse dedo ficava estranhamente projetado para fora; não era a primeira vez que o quebrava.

Ele engoliu quando eu tateei delicadamente em busca da fratura e fechou os olhos novamente, suando.

— Tenho láudano no consultório — eu disse. — Ou uísque. — No entanto, eu sabia que ele iria recusar, e ele o fez.

— Quero ficar com a mente clara — ele disse —, aconteça o que acontecer. — Abriu os olhos e esboçou um débil sorriso. O aposento estava abafado, apesar da persiana aberta. O sol já descia

no horizonte e as primeiras sombras formavam-se nos cantos do quarto.

Fui ao consultório pegar uma tala e ataduras; não ajudaria muito, mas era algo que eu podia fazer.

O consultório estava às escuras, com as persianas fechadas, mas com as janelas quebradas, o ar atravessava-as, fazendo o aposento se tornar estranhamente exposto e vulnerável. Entrei como um camundongo, silenciosa, parando abruptamente, à escuta de sinais de perigo, o bigode se agitando. No entanto o silêncio era completo.

— Quietos demais — eu disse em voz alta, e ri. Movendo-me com determinação e ignorando o barulho, pisei com firmeza e abri armários com despreocupação, chocalhando instrumentos e batendo garrafas, enquanto procurava o que precisava.

Parei e entrei na cozinha, antes de voltar para o andar de cima. Em parte para me certificar de que a porta dos fundos estivesse firmemente trancada e em parte para ver o que a sra. Bug poderia ter deixado de comida. Ele não dissera nada, mas eu sabia que a dor do dedo quebrado estava deixando Jamie ligeiramente nauseado — e para ele, o alimento geralmente acalmava esse tipo de distúrbio e o fazia se sentir melhor.

O caldeirão ainda estava sobre as brasas, mas o fogo, sem ninguém para atiçá-lo, havia diminuído tanto que a sopa felizmente não fervera e transbordara.

Aticei as brasas e coloquei três bons pedaços de pinheiro, tanto para menosprezar os sitiadores lá fora quanto pelo hábito arraigado de nunca deixar um fogo morrer. Que vejam as fagulhas saindo pela chaminé, pensei e nos imaginem calmamente sentados para comer junto à nossa lareira. Ou melhor ainda, nos imaginem sentados à beira do fogo, derretendo chumbo e moldando balas.

Com esse desafiador estado de espírito, voltei para o andar de cima, equipada com suprimentos médicos, um lanche e uma

garrafa grande de cerveja preta. No entanto, não pude deixar de notar o eco de meus passos na escada e o silêncio que rapidamente retornava aos lugares às minhas costas, como água quando se pisa fora dela.

Ouvi um tiro, quando me aproximava do topo da escada, e dei os últimos passos tão depressa, que tropecei e teria caído de cabeça, se não tivesse batido na parede.

Jamie surgiu do quarto do sr. Wemyss, espingarda na mão, parecendo assustado.

— Você está bem, Sassenach?

— Sim — eu disse, irritada, limpando sopa entornada em minha mão com o avental. — Em que em nome de Deus você está atirando? — Nada. Eu só queria deixar claro que a parte de trás da casa não é mais segura do que a da frente, caso pensassem em vir sorrrateiramente por lá. Só para garantir que realmente tenham que esperar escurecer antes de agir.

Enfaixei seu dedo, o que pareceu ajudar um pouco. A comida, como eu esperava, ajudou bem mais. Ele comeu como um lobo e, para minha surpresa, eu também.

— Os condenados comeram uma lauta refeição — observei, pegando farelos de pão e queijo. — Sempre achei que em caso de risco de morte uma pessoa ficasse nervosa demais para comer, mas aparentemente não.

Ele sacudiu a cabeça, tomou um gole de cerveja e me passou a garrafa.

— Um amigo uma vez me disse: "O corpo não tem nenhuma consciência." Eu não sabia como isso era verdade, mas de fato o corpo geralmente não admite a possibilidade de não existência. E se você existe... bem, precisa de comida, isso é tudo. — Riu com a boca torta para mim e rasgando o último pão doce ao meio, me deu um pedaço.

Peguei o pão, mas não o comi imediatamente. Não havia nenhum som do lado de fora, exceto o canto de cigarras, apesar de a densidade opressiva do ar ser em geral um prenúncio de chuva. Ainda era cedo para tempestades de verão, mas eu torcia para que fosse verdade.

— Você também pensou nisso, não foi? — perguntei serenamente.

Ele não fingiu não me entender.

— Bem, hoje é dia vinte e um do mês — ele disse.

— É junho, pelo amor de Deus! E o ano errado também. Aquela notícia de jornal dizia janeiro de 1776! — Eu estava absurdamente indignada, como se de alguma forma eu tivesse sido enganada.

Ele achou engraçado.

— Eu já imprimi jornais, Sassenach — ele disse, rindo com a boca cheia de pão doce. — Não acredita em tudo que lê nos jornais, não é? Quando olhei para fora outra vez, viam-se apenas alguns homens sob as castanheiras. Um deles viu meu movimento; ele ergueu o braço devagar acima da cabeça e em seguida passou a mão esticada de um lado para o outro da garganta.

O sol estava logo acima das copas das árvores; mais duas horas, talvez, para o cair da noite. Duas horas certamente era tempo suficiente para a sra. Bug ter convocado ajuda — presumindo-se que ela encontrasse alguém disposto a vir ajudar. Arch poderia ter ido a Cross Creek — ele ia uma vez por mês; Kenny podia estar caçando. Quanto aos colonos mais novos... sem Roger para mantê-los em ordem, suas desconfianças e antipatia por mim haviam se tornado flagrantes. Eu tinha a sensação de que eles poderiam vir se convocados, mas apenas para dar vivas enquanto eu era arrastada para longe.

Se alguém realmente viesse — e então? Eu não queria ser levada, muito menos levar um tiro ou ser queimada viva nas cinzas

da minha casa, mas também não queria ninguém mais ferido ou morto em um esforço para evitar isso.

— Afaste-se da janela, Sassenach — Jamie disse. Estendeu a mão para mim e eu fui, sentando-me na cama ao lado dele. Senti-me imediatamente exausta, a adrenalina da emergência tendo se dissipado, deixando meus músculos parecendo borracha amolecida.

— Deite-se, a Sorch — ele disse suavemente. — Descanse a cabeça em meu colo.

Apesar de quente como estava, obedeci, achando um conforto poder me esticar, ainda mais ouvindo seu coração, batendo devagar e sólido acima do meu ouvido, e sentindo sua mão, leve em minha cabeça.

Todas as armas estavam arrumadas, dispostas no assoalho uma ao lado da outra perto da janela, todas carregadas e prontas para uso. Ele tirara sua espada do armário; estava junto à porta, um último recurso.

— Não há mais nada que possamos fazer agora, não é? — eu disse, após alguns instantes. — Nada, a não ser esperar.

Seus dedos moviam-se preguiçosamente pelos cachos úmidos dos meus cabelos; estavam na altura dos ombros agora, bastante longos — ou quase — para amarrá-los na nuca ou fazer um coque para cima.

— Bem, podemos fazer um Ato de Contrição — ele disse. — Nós sempre fazíamos isso na noite anterior a uma batalha. Por precaução — ele acrescentou, sorrindo para mim.

— Está bem — eu disse, após uma pausa. — Por precaução.

Estendi o braço e sua mão fechou-se sobre a minha.

— Mon Dieu, je regrette... — ele começou, e eu me lembrei de que ele havia feito essa oração em francês, na época em que era mercenário na França; quantas vezes ele a repetira desde então, uma precaução necessária, limpando a alma à noite na expectativa da possibilidade de morte pela manhã? Eu a disse também, em



inglês, e ficamos em silêncio. As cigarras haviam parado. Muito ao longe, achei ouvir um barulho que parecia trovoada.

— Sabe — eu disse após um longo tempo —, lamento muitas coisas e por muitas pessoas. Rupert, Murtagh, Dougal... Frank, Malva — acrescentei à meia-voz, com um nó na garganta. — Mas falando apenas por mim mesma... — Limpei a garganta. — Não me arrependo de nada — eu disse, observando as sombras se adensarem dos cantos do aposento. — Absolutamente nada.

— Nem eu, mo nighean donn — ele disse, e seus dedos pararam, quentes contra minha pele. — Nem eu.

Acordei de um cochilo com o cheiro de fumaça nas narinas. Estar em estado de graça é muito bom, mas imagino que até Joana D'Arc teve ansiedade quando acenderam o primeiro tição. Sentei-me de um salto, o coração martelando, e vi Jamie à janela.

Ainda não estava totalmente escuro; faixas douradas, cor-de-rosa e laranja iluminavam o céu a oeste e acendiam em seu rosto uma luz de fogo.

Seu perfil era feroz, o nariz longo e reto, as rugas de exaustão profundas.

— O pessoal está vindo — ele disse. Sua voz era prática, mas a mão boa estava agarrada à borda da persiana, como se ele tivesse vontade de batê-la e trancá-la.

Levantei-me e fui ficar ao seu lado, penteando apressadamente os meus cabelos com os dedos. Eu ainda podia divisar figuras sob as árvores, embora agora não passassem de silhuetas prateadas. Havia feito uma fogueira lá, na margem oposta do pátio; esse era o cheiro que eu sentira.

Mas havia mais pessoas entrando no pátio; tive certeza de ter visto a figura atarracada da sra. Bug entre eles. O som de vozes fluía até nós, mas não falavam alto o suficiente para que pudéssemos distinguir as palavras.

— Pode trançar meus cabelos, Sassenach? Eu não consigo, com o dedo assim. — Lançou um olhar apressado ao seu dedo quebrado.

Acendi uma vela e ele puxou um banquinho para a janela, para poder continuar vigiando enquanto eu penteava e trançava seus cabelos em um grosso e apertado rabo de cavalo, que amarrei perfeitamente na nuca com uma fita preta.

Eu sabia que suas razões eram duplas: não só para parecer bem-arrumado como um cavalheiro, mas para estar pronto para lutar, se necessário. Eu estava menos preocupada que alguém me agarrasse pelos cabelos enquanto eu tentava reparti-los ao meio com uma espada, mas pensava que se aquela fosse minha última aparição como senhora de Ridge, não deveria estar desarrumada.

Eu o ouvi murmurar alguma coisa consigo mesmo, enquanto eu escovava meus próprios cabelos à luz da vela, e virei-me no banquinho para olhar para ele.

— Hiram veio — ele me informou. — Ouço a voz dele. Isso é bom.

— Se você o diz — falei, em dúvida, lembrando-me das denúncias de Hiram Crombie na igreja na semana anterior — observações veladas, claramente dirigidas a nós. Roger não as mencionara; fora Amy McCallum quem me contara.

Jamie virou a cabeça para olhar para mim e sorriu, uma expressão de extraordinária ternura tomando conta de seu rosto.

— Você é linda, Sassenach — ele disse, como se estivesse surpreso.

— Mas, sim, é bom. O que quer que ele pense, ele não iria compactuar com Brown para nos enforcar no pátio, nem incendiar a casa para nos obrigar a sair.

Ouviram-se mais vozes do lado de fora; o grupo aumentava rapidamente.

— Sr. Fraser! Ele respirou fundo, pegou a vela da mesa e abriu a veneziana, segurando a vela junto ao rosto para que pudessem vê-lo.

Era quase noite fechada, mas diversas pessoas seguravam tochas, o que me deu visões inquietantes do bando vindo queimar o monstro do dr.

Frankenstein — mas ao menos isso permitia que eu identificasse as figuras embaixo. Havia pelo menos trinta homens — e não poucas mulheres — ali, além de Brown e seus comparsas. Hiram Crombie estava realmente lá, de pé ao lado de Richard Brown, como alguém saído do Velho Testamento.

— Queremos que desça, sr. Fraser — ele gritou. — E sua mulher também, por favor.

Jamie portava sua adaga e sua espada, e não trocara de roupa. Ficou parado na varanda da frente, sujo e manchado de sangue, e desafiou-os a nos causar mais danos.

— Você levará minha mulher por cima do meu cadáver — ele disse, erguendo sua voz poderosa o suficiente para ser ouvido do outro lado da clareira.

Eu receava que eles fossem capazes de fazer isso. Ele estava certo — até agora — sobre Hiram não apoiar linchamento, mas era evidente que a opinião pública não estava a nosso favor.

— "Não permitirás que uma bruxa viva!" — alguém gritou de trás da multidão, e uma pedra zuniu pelo ar, quicando na parede da frente da casa com um forte estampido, como um tiro de arma de fogo. Bateu a menos de trinta centímetros de minha cabeça, e eu me encolhi, instantaneamente me arrependendo.

Murmúrios raivosos elevaram-se assim que Jamie abriu a porta, e isso os encorajou. Houve gritos de "Assassinos!" e "Sanguinários! Sanguinários!", além de inúmeros insultos em gaélico que eu não tentei compreender.

— Se não foi ela, breugaire, quem foi? — alguém berrou. Significava "mentiroso".

O homem cujo rosto Jamie cortara com a adaga estava na frente da multidão; o ferimento aberto, ainda sangrando, e o rosto coberto com uma máscara de sangue seco.

— Se não foi ela, foi ele! — ele gritou, apontando para Jamie. — Fearsiürsachd! — Libertino.

Houve um enfurecido rumor em concordância, e eu vi Jamie endireitar-se e levar a mão à espada, pronto para sacá-la, caso o atacassem.

— Fiquem quietos! — A voz de Hiram soou um pouco estridente, mas penetrante. — Quietos, já disse! — Ele empurrou Brown para o lado e subiu os degraus, com muita determinação. Na varanda, lançou-me um olhar de repulsa, mas depois se voltou para a multidão.

— Justiça! — um dos homens de Brown gritou. — E justiça teremos, pela pobre garota violentada e seu filho morto! Um urro de satisfação saudou essas palavras e um terror glacial desceu pelas minhas pernas, fazendo-me temer que meus joelhos cedessem.

— Justiça! Justiça! — Diversas pessoas juntaram-se aos brados, mas Hiram os calou, erguendo as duas mãos como se o maldito fosse Moisés partindo o mar Vermelho.

— Ajustiça é minha, diz o Senhor — Jamie observou, em uma voz alta apenas o suficiente para ser ouvido. Hiram, que evidentemente estivera prestes a dizer o mesmo, lançou-lhe um olhar furioso, mas não podia, é claro, contradizê-lo.

— E justiça o senhor terá, sr. Fraser! — Brown gritou. Ele ergueu o rosto, os olhos apertados e maliciosos de triunfo. — Quero levá-la a julgamento. Qualquer pessoa acusada tem direito a isso, não é? Se ela for inocente, se vocês forem inocentes, como pode se recusar? — É, sem dúvida, um bom argumento — Hiram observou, secamente. — Se sua mulher estiver livre do crime, não tem o que

temer. O que diz, senhor? — Eu digo que se eu a entregasse nas mãos deste homem, ela não sobreviveria para ser levada a julgamento — Jamie respondeu, enfurecido.

— Ele me culpa pela morte do irmão, e alguns de vocês aqui sabem muito bem a verdade desse caso! — acrescentou, erguendo o queixo para a multidão.

Aqui e ali, algumas cabeças balançaram, mas poucas. Não mais do que uma dúzia de seus homens de Ardsmuir estiveram na expedição que me resgatou; no rastro dos boatos que se seguiram ao episódio, muitos dos novos colonos sabiam apenas que eu fora sequestrada, atacada de uma maneira escandalosa e que muitos homens morreram por minha causa. A mentalidade da época sendo o que era, eu tinha plena consciência de que um obscuro senso de culpa era atribuído à vítima de qualquer crime sexual — a menos que a mulher morresse, quando então se tornava instantaneamente um anjo sem mácula.

— Ele vai assassiná-la brutalmente, para se vingar de mim — Jamie disse, erguendo a voz. Mudou abruptamente para gaélico, apontando para Brown. — Olhem para esse homem e vejam a verdade estampada em sua cara! Ele não tem nada a ver com justiça, nem com honra, e seria incapaz de reconhecer a honra pelo cheiro de sua bunda! Isso fez alguns deles rirem, com absoluta surpresa. Brown, desconcertado, olhou ao redor para ver de que eles riam, o que fez mais alguns deles rirem também.

O clima da multidão ainda estava contra nós, mas ainda não estava com Brown — que era, afinal de contas, um estranho. A testa estreita de Hiram franziu-se, refletindo.

— O que você ofereceria como forma de garantia pela segurança da mulher? — Hiram perguntou a Brown.

— Doze barris de cerveja e três dúzias de peles de primeira qualidade — Brown respondeu prontamente. — Quatro dúzias! — Sua avidez refletia-se em seus olhos e isso era tudo que ele

conseguia fazer para impedir que sua voz tremesse com o desejo de se apossar de mim. Tive a repentina e desagradável convicção de que, embora minha morte fosse seu objetivo final, não pretendia que fosse rápida, a menos que as circunstâncias assim o exigissem.

— Valeria muito mais do que isso para você, breugaire, se vingar de mim com a morte dela — Jamie disse, sem se alterar.

Hiram olhava de um para o outro, sem saber ao certo o que fazer.

Olhei para a multidão, mantendo o rosto impassível. Na verdade, não era difícil; sentia-me completamente entorpecida.

Havia alguns poucos rostos afáveis olhando ansiosamente para Jamie, para ver o que fazer. Kenny e seus irmãos, Murdo e Evan permaneciam juntos, as mãos nas adagas e os rostos concentrados. Eu não sabia se Richard Brown havia escolhido o momento ou se meramente tivera sorte. Ian estava fora, caçando com seus amigos cherokees. Arch obviamente estava fora também, ou estaria ali — Arch e seu machado seriam extremamente oportunos no momento, pensei.

Fergus e Marsali haviam partido — eles, também, teriam ajudado a conter os ânimos. Mas a ausência mais importante era a de Roger. Ele sozinho vinha mantendo os presbiterianos mais ou menos sob controle desde o dia da acusação de Malva, ou ao menos mantendo a tampa no caldeirão fervente de mexericos e animosidade. Talvez ele conseguisse intimidá-los agora — se estivesse ali.

A conversa regredira de um grande drama a uma discussão entre Jamie, Brown e Hiram, os dois primeiros irredutíveis em suas posições e o pobre Hiram, absolutamente inadequado para a tarefa, tentando bancar o juiz. Até onde eu ainda podia sentir compaixão, tive pena dele.

— Prendam ele! — uma voz berrou de repente. Allan Christie abriu caminho até a frente da multidão e apontou para

Jamie. Sua voz estava trêmula e embargada de emoção. — Foi ele quem desonrou minha irmã, ele que a matou! Se forem levar alguém a julgamento, levem ele! Houve um rumor subterrâneo de concordância e eu vi John MacNeill e o jovem Hugh Abernathy se aproximarem um do outro, olhando ansiosamente de Jamie para os três irmãos Lindsay, e novamente para Jamie.

— Não, é ela! — a voz de uma mulher objetou, alta e estridente. Uma das mulheres dos pescadores; apontou o dedo em riste para mim, o rosto contraído malignamente. — Um homem pode matar uma garota que ele engravidou, mas nenhum homem faria uma coisa tão cruel como roubar um bebê do útero! Só uma bruxa faria isso, e ela foi achada com o pobre corpinho nas mãos! Um sussurro mais alto de condenação saudou essas palavras. Os homens podiam me dar o benefício da dúvida — nenhuma mulher o faria.

— Em nome do Todo-Poderoso! — Hiram estava perdendo o controle da situação e entrando em pânico. A situação estava perigosamente perto de se degenerar em um motim; qualquer um podia sentir as correntes de histeria e violência no ar. Ele lançou os olhos para o céu, em busca de inspiração — e encontrou alguma.

— Levem os dois! — ele disse repentinamente. Olhou para Brown, depois para Jamie. — Levem os dois — repetiu, testando a ideia e achando-a boa. — Você vai junto para garantir que nenhum mal seja feito à sua mulher — ele disse sensatamente para Jamie. — E se ficar provado que ela é inocente...

— Sua voz definhou, quando compreendeu que na verdade estava dizendo que, se eu fosse considerada inocente, Jamie devia ser culpado, e que boa ideia seria tê-lo ali mesmo para ser enforcado no lugar dela.

— Ela é inocente; e eu também. — Jamie falou desapaixonadamente, obstinadamente repetindo suas palavras. Ele não tinha nenhuma esperança real de convencer ninguém; a única

dúvida entre a multidão era se eu ou ele éramos o culpado... ou se havíamos arquitetado juntos o plano de destruir Malva Christie.

Virou-se repentinamente para encarar a multidão e gritou em gaélico: — Se vocês nos entregarem nas mãos do estranho, então nosso sangue se derramará sobre suas cabeças e vocês responderão por isso no dia do Juízo Final! Um súbito silêncio recaiu sobre a multidão. Os homens olhavam em dúvida para seus vizinhos, avaliavam Brown e seu bando com dúvida nos olhos.

Eram conhecidos da comunidade, mas eram estranhos — sassenachs — no sentido escocês. Como eu também, e ainda por cima uma bruxa.

Libertino, estuprador papista e assassino ele podia ser, mas Jamie ao menos não era um estranho.

O homem em quem eu havia atirado ria diabolicamente para mim por cima do ombro de Brown; evidentemente, eu só o atingira de raspão, infelizmente. Devolvi o olhar, o suor escorrendo entre meus seios, escorregadio e quente sob o véu dos meus cabelos.

Um murmúrio se elevava na multidão; debate e discussão, e eu podia ver os homens de Ardsmuir começarem a se aproximar lentamente da varanda, abrindo caminho na multidão. Os olhos de Kenny Lindsay estavam fixos no rosto de Jamie, e eu senti Jamie respirar fundo ao meu lado.

Eles lutariam ao seu lado, se ele os chamasse. Mas eram bem poucos, e mal armados, ao contrário da turba de Brown. Não venceriam — e havia mulheres e crianças na multidão. Convocar seus homens iria apenas provocar um tumulto sangrento e deixar as mortes de inocentes em nossa consciência. Esse não era um fardo que ele pudesse suportar; não agora.

Eu o vi chegar a essa conclusão e sua boca se apertar. Eu não fazia a menor ideia do que ele estava prestes a fazer, mas ele foi



impedido. Houve uma perturbação perto da aglomeração; as pessoas viravam-se para olhar e ficavam paralisadas, mudas.

Thomas Christie atravessou a multidão; apesar da escuridão e da luz bruxuleante das tochas, eu percebi imediatamente que era ele. Caminhava como um velho, curvado e claudicante, sem olhar para ninguém. A multidão abriu caminho para ele imediatamente, profundamente respeitosa por seu luto.

A dor de Thomas Christie estava claramente marcada em seu rosto.

Deixara de aparar a barba e os cabelos, deixara de se pentear, e ambos estavam desgrenhados. Seus olhos estavam inchados e injetados, as rugas do nariz e da boca eram sulcos negros através da barba. Seus olhos, entretanto, estavam vivos, alertas e inteligentes. Ele atravessou a multidão, passou por seu filho, como se estivesse sozinho, e subiu os degraus até a varanda.

— Irei com eles a Hillsboro — disse serenamente a Hiram Crombie.

— Que ambos sejam levados, se assim quiserem, mas eu viajarei com eles, como garantia de que nenhum mal seja feito. Certamente, se a justiça for de alguém, ela é minha.

Brown pareceu muito contrariado com essa declaração; obviamente, não era de maneira alguma o que ele tinha em mente. Mas a multidão gostou da ideia no mesmo instante, murmurando sua concordância com a solução proposta. Todos tinham a maior compaixão e respeito por Tom Christie por causa do assassinato de sua filha, e o sentimento geral parecia ser de que este gesto era de grande magnanimidade.

E era, de fato, já que provavelmente ele acabara de salvar nossas vidas, pelo menos por enquanto. Pela expressão em seus olhos, Jamie teria preferido simplesmente se arriscar a matar Richard Brown, mas compreendeu que a cavalo dado não se olha os

dentes e aquiesceu o mais educadamente possível com um sinal da cabeça.

O olhar de Christie pousou em mim por um instante, depois se voltou para Jamie.

— Se for conveniente para o senhor, sr. Fraser, poderemos partir pela manhã? Não há nenhuma razão para que o senhor e sua mulher não possam descansar em suas camas.

Jamie fez um sinal com a cabeça para ele, em agradecimento.

— Obrigado, senhor — ele disse com grande formalidade. Christie também balançou a cabeça, depois se virou e desceu as escadas, ignorando completamente Richard Brown, que parecia ao mesmo tempo confuso e irritado.

Vi Kenny Lindsay fechar os olhos, relaxando os ombros com alívio.

Em seguida, Jamie segurou-me pelo cotovelo e nos viramos, entrando em nossa casa pelo que parecia ser a última noite sob seu teto.



## NO RASTRO DE UM ESCÂNDALO

A chuva que ameaçara chegou à noite e o dia amanheceu cinzento, triste e úmido. A sra. Bug estava em estado semelhante, fungando em seu avental e repetindo sem parar: — Ah, se ao menos Arch estivesse aqui! Mas não consegui encontrar ninguém, a não ser Kenny Lindsay, e quando ele finalmente trouxe MacNeill e Abernathy...

— Não se preocupe com isso, a leannan — Jamie disse, beijando-a afetuosamente na testa. — Pode ter sido para melhor. Ninguém foi ferido, a casa ainda está de pé. — Lançou um olhar melancólico para o teto, cada viga cortada e assentada com suas próprias mãos. — E pode ser que tenhamos essa horrível questão resolvida logo, se Deus quiser.

— Se Deus quiser — ela repetiu fervorosamente, fazendo o sinal da cruz. Fungou e enxugou os olhos. — E eu preparei um pouco de comida, para não passarem fome no caminho, senhor.

Richard Brown e seus homens haviam se acomodado debaixo das árvores da melhor forma que conseguiram; ninguém lhes ofereceu hospitalidade, que era o maior indicador possível de sua impopularidade, sendo o que eram os padrões das Highlands a esse respeito. E uma clara indicação de nossa própria impopularidade que Brown pudesse ter permissão de nos levar em custódia.

Como consequência, os homens de Brown estavam encharcados, mal-alimentados, sem dormir e irritados. Eu também não havia dormido, mas ao menos tomara um bom café da manhã, estava aquecida e — por enquanto — seca, o que me fez sentir um pouco melhor, embora meu coração parecesse oco e meus ossos cheios de chumbo quando alcançamos a cabeça da trilha e eu olhei para trás, pela clareira, para a casa, com a sra. Bug acenando da varanda. Acenei também e em seguida meu cavalo mergulhou na escuridão das árvores gotejantes da chuva.

Foi uma jornada lúgubre e silenciosa na maior parte do tempo. Jamie e eu cavalgávamos juntos, mas não conseguíamos conversar sobre nada importante, ao alcance dos ouvidos dos homens de Brown. Quanto a Richard Brown, ele estava seriamente desconcertado.

Era bastante claro que ele nunca pretendia me levar a lugar algum para julgamento, mas apenas se aproveitara do pretexto como um meio de se vingar de Jamie pela morte de Lionel — e só Deus sabe o que ele teria feito refleti, se soubesse o que realmente acontecera a seu irmão, e a sra. Bug ali ao seu alcance. Na companhia de Tom Christie, entretanto, não havia nada que ele pudesse fazer; era obrigado a nos levar a Hillsboro, e o fazia de má vontade.

Tom Christie cavalgava como um sonâmbulo em um pesadelo, o rosto fechado e introspectivo, sem falar com ninguém.

O homem que Jamie cortara no rosto não estava ali; imaginei que tivesse voltado para Brownsville. Mas o sujeito em quem eu atirara ainda estava conosco.

Eu não sabia qual a gravidade do ferimento, nem se a bala penetrara em seu corpo ou passara de raspão. Ele não estava incapacitado, mas era óbvio pelo modo como se inclinava para o lado, o rosto contorcendo-se de vez em quando, que ele estava com dor.

Hesitei durante algum tempo. Eu havia levado um pequeno estojo médico comigo, assim como alforjes e saco de dormir. Naquelas circunstâncias, eu sentia relativamente pouca compaixão pelo sujeito. Por outro lado, o instinto era forte — e como eu disse a Jamie baixinho quando paramos para acampar e passar a noite, não iria ajudar nada se ele morresse de infecção.

Revesti-me de coragem para me oferecer para examinar e fazer um curativo em seu ferimento assim que surgisse uma oportunidade. O homem — seu nome parecia ser Ezra, embora naquelas circunstâncias não tenha havido nenhuma apresentação formal — era encarregado de distribuir as tigelas de comida no jantar, e eu esperei embaixo do pinheiro onde eu e Jamie havíamos nos refugiado, pretendendo falar amavelmente com ele quando trouxesse nossa comida.

Ele se aproximou, uma tigela em cada mão, os ombros curvados sob um casaco de couro para se proteger da chuva. Antes que eu pudesse falar, entretanto, ele sorriu asquerosamente, cuspiu em uma das tigelas e entregou-a a mim. A outra ele deixou cair aos pés de Jamie, respingando suas pernas com ensopado de carne de veado seca.

— Epa — disse suavemente e girou nos calcanhares.

Jamie se contraiu abruptamente, como uma enorme cobra preparando-se para dar o bote, mas eu segurei seu braço antes que ele pudesse desfechar o golpe.

— Não tem importância — eu disse, e erguendo a voz apenas um pouco disse. — Deixe que ele apodreça.

A cabeça do sujeito virou-se bruscamente, os olhos arregalados.

— Deixe que ele apodreça — repeti, fitando-o. Eu vira o rubor da febre em seu rosto quando ele se aproximou e senti o cheiro levemente adocicado de pus.

Ezra pareceu completamente desnorteado. Correu de volta para a fogueira e recusou-se a olhar em minha direção.

Eu ainda segurava a tigela que ele me dera e fiquei surpresa ao vê-la ser retirada da minha mão. Tom Christie atirou o conteúdo da tigela em uma moita e me deu a dele, depois se virou sem dizer nada.

— Mas... — comecei a dizer às suas costas, pretendendo entregá-la de volta. Nós não íamos passar fome, graças à comida providenciada pela sra. Bug, que enchia um alforje inteiro. Mas a mão de Jamie no meu braço me impediu.

— Coma, Sassenach — ele disse suavemente. — Foi com boa intenção.

Mais do que isso, eu supunha. Havia percebido os olhares hostis sobre mim, do grupo ao redor da fogueira. Minha garganta estava apertada e eu não tinha nenhum apetite, mas tirei minha colher do bolso e comi.

Embaixo de uma cicuta, Tom Christie havia se enrolado em um cobertor e deitado sozinho, o chapéu puxado sobre o rosto.

Choveu durante todo o dia para Salisbury. Encontramos abrigo em uma hospedaria ali e nunca uma lareira pareceu tão bem-vinda. Jamie trouxera o pouco dinheiro que tínhamos e, ainda assim, pudemos pagar um quarto só para nós. Brown colocou uma sentinela na escada, mas isso era apenas para constar; afinal, aonde iríamos? Fiquei parada diante do fogo, de combinação, minha capa e meu vestido molhados estendidos sobre um banco para secar.

— Sabe — observei —, Richard Brown não tem nada planejado. — O que não era de admirar, já que ele não pretendia realmente me levar, ou a nós, a julgamento. — A quem, exatamente, ele pretende nos entregar?

— Ao xerife do condado — Jamie respondeu, soltando os cabelos e sacudindo-os junto ao fogo, de modo que gotículas de

água chiaram e saltaram no fogo. — Ou na falta desse, um juiz de paz, talvez.

— Sim, mas e daí? Ele não tem nenhuma prova, nenhuma testemunha. Como pode haver qualquer coisa que se assemelhe a um julgamento? Jamie olhou para mim com curiosidade.

— Você nunca foi julgada por nada, não é, Sassenach?

— Sabe que não.

Ele balançou a cabeça.

— Eu fui. Por traição.

— Sim? E o que aconteceu?

Ele passou a mão pelos cabelos úmidos, refletindo.

— Me mandaram ficar em pé e perguntaram meu nome. Eu disse, o juiz confabulou com seu amigo por algum tempo, depois disse: "Condenado. Prisão perpétua. Prendam-no." E eles me levaram para o pátio e fizeram um ferreiro colocar correntes nos meus pulsos. No dia seguinte, começamos a caminhar para Ardsmuir.

— Fizeram você caminhar até lá? De Inverness?

— Eu não tinha nenhuma pressa, Sassenach.

Respirei fundo, tentando conter a sensação de desfalecimento na boca do estômago.

— Sei. Bem... mas certamente... assassinato — eu quase não consegui dizer isso sem gaguejar — não seria uma questão de julgamento por um júri? — Sim, e certamente insistirei nisso... se as coisas chegarem a esse ponto. O sr. Brown parece pensar que devem chegar; está contando a história a todos no salão da taverna, nos pintando como monstros de depravação. Que devo dizer não é um grande feito — acrescentou melancolicamente —, considerando-se as circunstâncias.

Pressionei os lábios com força, para evitar uma resposta apressada.

Eu sabia que ele sabia que eu não tivera escolha — ele sabia que eu sabia que ele não tivera nada a ver com Malva, para começar — mas não pude deixar de sentir uma sensação de culpa em ambas as direções, por essa desesperadora confusão em que nos encontrávamos. Tanto pelo que acontecera depois, quanto pela própria morte de Malva — embora Deus soubesse que eu daria qualquer coisa para vê-la com vida outra vez.

Ele tinha razão sobre Brown, eu percebi. Molhada e com frio, eu prestara pouca atenção aos barulhos que vinham do salão embaixo, mas pude ouvir a voz de Brown, ecoando pela chaminé, e pelas palavras aleatórias que chegavam até nossos ouvidos, era evidente que ele estava fazendo exatamente o que Jamie disse — denegrindo nosso caráter, fingindo que ele e seu Comitê de Segurança haviam assumido a ignóbil, mas necessária, tarefa de nos apreender e nos levar à justiça. E, com isso, cuidadosamente manipulando a opinião de qualquer membro potencial de júri, certificando-se de que a história se espalhasse em todos os seus detalhes escandalosos.

— Há alguma coisa que possamos fazer? — perguntei, após ouvir o máximo de bobagens que eu podia suportar.

Ele balançou a cabeça e retirou uma camisa limpa de seu alforje.

— Descer para jantar e parecer o menos possível com assassinos depravados, a nighean.

— Certo — eu disse e, com um suspiro, tirei do alforje a touca debruada de fitas que eu trouxera.

Eu não devia ter me surpreendido. Eu já vivera o suficiente para ter uma visão razoavelmente cínica da natureza humana — e vivido o suficiente nesta época para saber o quanto a opinião pública se expressava diretamente. Mesmo assim, eu ainda fiquei chocada quando a primeira pedra me atingiu na coxa.



Estávamos a alguma distância ao sul de Hillsboro. O tempo continuava chuvoso, as estradas, enlameadas, e a viagem, difícil. Acho que Richard Brown teria ficado feliz em nos entregar ao xerife do condado de Rowan — se tal pessoa estivesse disponível. O cargo, disseram-lhe, estava vago atualmente, o último ocupante tendo fugido apressadamente durante uma noite e ainda não haviam encontrado ninguém disposto a substituí-lo.

Uma questão de política, percebi; o xerife mais recente se inclinara para a independência, enquanto a maioria das pessoas no condado ainda era fortemente legalista. Não fiquei sabendo dos detalhes do incidente que havia desencadeado a partida apressada do xerife, mas as estalagens e tavernas próximas a Hillsboro fervilhavam de boatos como ninhos de vespas no rastro dessa fuga.

O Tribunal Itinerante cessara de se reunir havia alguns meses, informaram a Brown, os juízes que o compunham achando que era perigoso demais aparecer nas localidades no presente estado conturbado de coisas. O único juiz de paz que ele conseguiu descobrir sentia-se da mesma maneira e recusou-se terminantemente a assumir nossa custódia, informando a Brown que isso era mais do que valia a sua vida, se envolver em qualquer caso ainda que ligeiramente polêmico no momento.

— Mas não tem nada a ver com política! — Brown gritara com ele, frustrado. — Trata-se de assassinato, pelo amor de Deus, assassinato macabro! — Qualquer coisa é política ultimamente, senhor — o juiz de paz, um tal de Harvey Mickelgrass, informou-o tristemente, sacudindo a cabeça. — Eu não me arrisco nem a tratar de um caso de bebedeira e desordem, por medo de ver minha casa derrubada ao meu redor e minha mulher ficar viúva. O xerife tentou vender seu cargo, mas não conseguiu encontrar ninguém disposto a comprá-lo. Não, senhor, vai ter que ir a outro lugar.

Brown não nos levaria de forma alguma a Cross Creek ou Campbelton, onde a influência de Jocasta Cameron era forte e onde

a justiça local era representada por seu velho amigo Farquard Campbell. E assim dirigimo-nos para o sul, em direção a Wilmington.

Os homens de Brown estavam desanimados; esperavam um simples linchamento e incêndio da casa, talvez com um pouco de saque — não esta longa, arrastada e tediosa peregrinação de um lado para o outro.

Ficaram ainda mais arrasados quando Ezra, que se agarrava ao seu cavalo em um torpor obstinado de febre, caiu de repente na estrada e eles o levantaram já morto.

Não pedi para examinar o corpo — e não teria obtido licença para isso — mas achei por sua aparência relaxada que ele havia simplesmente perdido a consciência, caído e quebrado o pescoço.

Entretanto, não poucos dos outros lançaram olhares de puro medo em minha direção no rastro dessa ocorrência, e o entusiasmo pela empreitada arrefeceu visivelmente.

Richard Brown não se deixou desanimar; ele já teria, eu tinha certeza, nos matado a tiros há muito tempo, se não fosse por Tom Christie, silencioso e lúgubre como a neblina da manhã nas estradas. Falava pouco, apenas o mínimo necessário. Eu acharia que ele se movia mecanicamente, no torpor de seu luto — se eu não tivesse me virado uma noite quando acampávamos junto à estrada e visto seus olhos fixos em mim, com uma expressão de tão absoluta angústia que eu desviei os meus apressadamente, apenas para ver Jamie, sentado ao meu lado, observando Tom Christie com uma expressão muito pensativa.

De um modo geral, entretanto, ele mantinha o rosto impassível — o que podia ser visto dele. Sob a sombra de seu chapéu de couro de abas. E Richard Brown, impedido pela presença de Christie de nos causar qualquer mal, aproveitava qualquer oportunidade para espalhar sua versão da história do assassinato

de Malva — talvez tanto para atormentar Tom Christie, obrigado a ouvir, repetidamente, quanto pelo seu efeito sobre nossa reputação.

De qualquer forma, eu não deveria ter me surpreendido quando nos apedrejaram, em um minúsculo vilarejo sem nome, ao sul de Hillsboro — mas fiquei. Um garoto nos vira na estrada, ficou nos observando quando passamos a cavalo e depois desapareceu como uma raposa, correndo ladeira abaixo com a notícia. Dez minutos mais tarde, dobramos uma curva da estrada e ficamos sob uma saraivada de pedras e gritos estridentes.

Uma atingiu a égua que eu montava e ela recuou violentamente. Mal consegui me manter na sela, mas me desequilibrei; outra me atingiu na coxa e outra no peito, tirando o fôlego dos meus pulmões, e quando outra quicou dolorosamente da minha cabeça perdi o controle das rédeas.

Quando a égua, em pânico, saltou e girou, fui lançada para fora, aterrissando no chão com um baque que sacudiu todos os meus ossos.

Eu deveria ter ficado aterrorizada; na verdade, fiquei furiosa.

A pedra que me atingira na cabeça havia ricocheteadado — graças à espessura dos meus cabelos e à touca que eu usava — mas com uma irritante aguilhoadada de um tapa ou um beliscão, em vez de um verdadeiro impacto. Fiquei de pé por reflexo, cambaleando, mas avistei um garoto zombando, em cima do barranco na margem da estrada, logo acima de mim, vaiando e dançando em triunfo. Lancei-me para frente, agarrei-o pelo pé e puxei com um safanão.

Ele soltou um grito, escorregou e caiu em cima de mim. Batemos juntos no chão e rolamos em um emaranhado de saias e capa. Eu era mais velha, mais pesada e estava completamente alucinada. Todo o medo, sofrimento e incerteza das últimas semanas ferveram em um instante e eu soquei seu rosto debochado, duas vezes, com todas as minhas forças. Senti alguma

coisa se quebrar em minha mão e uma dor aguda subiu como um raio pelo meu braço.

Ele berrou e contorceu-se para escapar — ele era menor do que eu, mas forte, por causa do pânico. Lutei para mantê-lo preso, segurei-o pelos cabelos — ele tentou me atingir, abanando as mãos, e arrancou minha touca, metendo uma das mãos nos meus cabelos e puxando com força.

A dor reacendeu minha fúria e enfiei o joelho nele com força, em qualquer lugar que pude, repetidas vezes, cegamente tentando atingir suas partes mais sensíveis. Sua boca se abriu em um "O" mudo e seus olhos se arregalaram; afrouxou os dedos e soltou meus cabelos, eu montei nele e esbofetei-o com todas as forças que pude reunir.

Uma pedra grande atingiu meu ombro com um golpe anestesiante e eu fui jogada de lado com o impacto. Tentei golpeá-lo outra vez, mas não consegui erguer o braço. Arquejando e soluçando, ele se contorceu para fora de minha capa e saiu se arrastando de quatro, o nariz sangrando. Girei sobre os joelhos para olhar para ele e me deparei diretamente com os olhos de um rapaz, o rosto afogueado de adrenalina, uma pedra na mão.

Ela me atingiu na maçã do rosto e eu cambaleei, minha visão embaciando. Então, algo muito grande atingiu-me pelas costas e eu caí de cara no chão, pressionada para dentro da terra, o peso de um corpo em cima do meu. Era Jamie; soube pela exclamação "Santa Mãe de Deus", sem fôlego. Seu corpo sacudia-se conforme as pedras o atingiam; eu podia ouvir o terrível baque surdo de cada uma delas em sua carne.

Havia muita gritaria. Ouvi a voz rouca de Tom Christie, depois o disparo de um único tiro. Mais gritaria, mas de um tipo diferente. Um ou dois baques suaves, pedras atingindo a terra perto de nós, um último grunhido de Jamie quando uma delas o atingiu.

Permanecemos estatelados no chão por alguns momentos e eu tomei consciência da desconfortável planta espinhosa esmagada sob meu rosto, o cheiro de suas folhas pungente e acre em meu nariz.

Então, Jamie sentou-se, devagar, inspirando entrecortadamente, e eu por minha vez também me levantei, apoiada em um braço trêmulo, quase caindo. Minha face estava inchada, minha mão e ombro latejavam, mas eu não podia dispensar atenção a isso agora.

— Você está bem? — Jamie estava a meio caminho de se levantar, mas sentou-se outra vez, repentinamente. Estava pálido e um fio de sangue escorria pelo lado de seu rosto de um corte no couro cabeludo, mas ele balançou a cabeça, uma das mãos pressionando o lado do corpo.

— Sim, estou bem — ele disse, mas com uma falta de ar que me disse que ele provavelmente tinha costelas quebradas. — Você está bem, Sassenach? — Sim. — Consegui ficar de pé, trêmula. Os homens de Brown haviam se espalhado, alguns correndo atrás dos cavalos que haviam fugido durante a confusão, outros xingando, recolhendo seus pertences espalhados na estrada. Tom Christie vomitava nos arbustos junto à estrada. Richard Brown estava embaixo de uma árvore, observando, o rosto branco. Olhou para mim agressivamente e desviou o olhar.

Não paramos em mais nenhuma taverna no caminho.

*UMA FUGA AO LUAR*

Quando for bater em alguém, Sassenach, tem que atingir as partes macias. O rosto tem muitos ossos. E ainda tem que tomar cuidado com os dentes.

Jamie abriu os dedos da mão de Claire, delicadamente pressionando as juntas raladas e inchadas, e o ar sibilou pelo meio dos dentes de sua mulher.

— Muito obrigada pelo conselho. E você quebrou sua mão quantas vezes, batendo em pessoas? Ele teve vontade de rir; a visão de Claire socando o garotinho com fúria insana, os cabelos esvoaçando e um olhar sanguinário, ele jamais esqueceria. Mas não riu.

— Sua mão não está quebrada, a nighean. — Ele dobrou os dedos de Claire e envolveu o punho frouxo com suas mãos.

— Como pode saber? — ela retrucou asperamente. — Eu sou a médica aqui.

Ele desistiu de tentar esconder o sorriso.

— Se estivesse quebrada, você estaria lívida e vomitando, não afogueada e ranzinza.

— Ranzinza uma ova! — Libertou a mão com um puxão, fitando-o furiosamente enquanto afagava-a contra o peito. Ela estava na realidade apenas um pouco acalorada, e muito atraente, com os cachos loucamente desgovernados ao redor de sua cabeça. Um dos homens de Brown pegara sua touca depois do ataque,

timidamente oferecendo-a a ela. Furiosa, ela a arrancara da mão dele e a enfiara violentamente dentro de um alforje.

— Está com fome, menina? — Estou — admitiu de má vontade, tão ciente quanto ele de que as pessoas com ossos quebrados geralmente perdiam o apetite logo depois, embora comessem avidamente depois que a dor diminuía um pouco.

Ele remexeu no alforje, abençoando a sra. Bug ao retirar um punhado de damascos secos e uma grande fatia embrulhada de queijo de cabra. Os homens de Brown cozinhavam alguma coisa na fogueira, mas ele e Claire não haviam mais tocado em qualquer alimento que não os seus próprios, não desde a primeira noite.

Até quando essa farsa iria continuar?, ele se perguntou, partindo um pedaço de queijo e entregando-o à sua mulher. Tinham comida para talvez uma semana, com comedimento. Suficiente, talvez, para alcançar a costa se o tempo permanecesse bom. E depois? Era claro para ele desde o início que Brown não tinha nenhum plano e estava tentando lidar com a situação que saía de seu controle desde o primeiro instante. Brown tinha ambição, ganância e um respeitável sentimento de vingança, mas quase nenhuma capacidade de raciocínio, isso ficara bem claro.

Agora, ali estava ele, atrelado aos dois, forçado a continuar viajando indefinidamente, a responsabilidade indesejada arrastada como um sapato velho amarrado ao rabo de um cachorro. E Brown era o cachorro em dificuldade, rosnando e girando em círculos, tentando agarrar o objeto que o atrapalhava e mordendo a própria cauda em vez disso. Metade de seus homens foi ferida pelas pedras arremessadas contra eles. Jamie pensativamente tocou uma mancha roxa grande e dolorida em seu cotovelo.

Ele próprio não tivera escolha. Agora, Brown também não tinha. Seus homens estavam ficando inquietos; tinham lavouras para cuidar e não haviam barganhado pelo que agora deviam ver como uma missão idiota.

Seria simples fugir sozinho. Mas e depois? Não podia deixar Claire nas mãos de Brown e ainda que ele conseguisse tirá-la dali em segurança, não podiam retornar a Ridge com as coisas conforme estavam; fazer isso seria se jogar diretamente no fogo outra vez.

Suspirou, depois prendeu a respiração e soltou-a cuidadosamente.

Não achava que tinha costelas fraturadas, mas elas doíam.

— Tem um pouco de unguento? — ele disse, indicando a bolsa em que ela carregava seus remédios.

— Sim, claro. — Ela engoliu seu pedaço de queijo, estendendo a mão para a sacola. — Passarei um pouco neste corte em sua cabeça.

Ele deixou que ela fizesse isso, mas depois insistiu em massagear o remédio na mão dela em seguida. Ela objetou, insistindo que estava perfeitamente bem, não precisava disso, deviam economizar o unguento para uma necessidade futura — mas mesmo assim deixou que ele tomasse sua mão e massageasse o creme de aroma suave em suas articulações, os ossos pequenos e finos de sua mão rígidos sob seus dedos.

Ela detestava se sentir impotente de qualquer maneira possível, mas a armadura de justa fúria estava desaparecendo, e embora ela mantivesse uma expressão feroz para Brown e o resto, ele sabia que ela estava com medo. E não sem razão.

Brown estava desassossegado. Movia-se de um lado para o outro, conversando sem nenhum objetivo com um ou outro homem, desnecessariamente verificando os cavalos amarrados, servindo-se de uma xícara de café de chicória e segurando-a sem beber até ele ficar frio, depois o atirando no mato. E durante todo o tempo, seu olhar inquieto retornava para eles.

Brown era apressado, impetuoso e simplório. Não inteiramente tolo, Jamie pensou. E obviamente ele havia percebido que sua estratégia de espalhar boatos e escândalo em relação aos



seus prisioneiros a fim de colocá-los em risco tinha falhas graves, enquanto ele próprio tivesse que ficar em grande proximidade dos ditos prisioneiros.

Sua refeição simples terminou, Jamie deitou-se, com cuidado, e Claire curvou-se contra ele, como uma colher, em busca de conforto.

Lutar era uma atividade exaustiva, assim como o medo; ela adormeceu em poucos segundos. Jamie sentiu a atração do sono, mas não quis se entregar a ele por enquanto. Ocupou-se, em vez disso, em recitar algumas das histórias que Brianna lhe contara — ela gostava principalmente de uma sobre o prateiro de Boston, cavalgando para espalhar o aviso até Lexington, que ele considerava uma bela epopeia.

O grupo começava a se preparar para a noite. Brown ainda estava irrequieto, sentado, fitando o chão com ar ameaçador, em seguida colocando-se em pé de repente, para andar com grandes passadas de um lado para o outro. Em contraste, Christie mal se mexera, embora não tivesse feito menção de ir dormir. Estava sentado em uma pedra, o jantar quase intocado.

Um rápido movimento junto ao pé de Christie; um ratinho, simulando ataques na direção de um prato abandonado no chão, cheio de recompensa.

Havia ocorrido a Jamie há uns dois dias, da maneira vaga com que se reconhece um fato inconscientemente conhecido há algum tempo, que Tom Christie estava apaixonado por sua mulher.

Pobre coitado, pensou. Certamente, Christie não acreditava que Claire tivesse tido nada a ver com a morte de sua filha; se assim fosse, ele não estaria ali. Mas, por outro lado, acharia que Jamie...

Ele permanecia deitado no refúgio da escuridão, observando o fogo brincar pelas feições emaciadas de Christie, os olhos semicerrados, não dando nenhuma pista de seus pensamentos. Havia homens que podiam ser lidos como livros abertos; Tom

Christie não era um deles. Mas se algum dia ele já vira um homem ser devorado vivo diante de seus olhos...

Seria apenas o destino de sua filha — ou também a necessidade desesperadora de uma mulher? Ele já vira essa necessidade antes, capaz de devorar a alma, e conhecia-a pessoalmente. Ou será que Christie pensava que Claire realmente havia assassinado a pequena Malva ou estivesse de algum modo envolvida? Seria um dilema para um homem honrado.

A necessidade de uma mulher... o pensamento o trouxe de volta para o momento e a consciência de que os ruídos que ele andara ouvindo na floresta atrás dele agora estavam ali bem próximos. Ele sabia que há dois dias vinham sendo seguidos, mas na noite anterior haviam acampado em um prado descampado, sem nenhum abrigo.

Movendo-se devagar, mas sem nenhuma tentativa de agir furtivamente ele se levantou, cobriu Claire com sua capa e entrou na floresta, como se fosse se aliviar.

A lua estava pálida, minguante, e havia pouca luz sob as árvores. Ele fechou os olhos para amortecer a imagem do fogo e abriu-os novamente para o mundo escuro, aquele lugar de formas desprovidas de dimensão e de ar que abriga espíritos.

Mas não foi nenhum espírito que saiu de trás do vulto indistinto de um pinheiro.

— Que o bem-aventurado Miguel nos proteja — ele disse suavemente.

— A abençoada legião de anjos e arcanjos estejam contigo, tio — Ian disse, no mesmo tom suave. — Embora eu esteja achando que alguns tronos e dominações viriam a calhar.

— Bem, eu não discutiria se a intervenção divina quisesse dar uma mãozinha — Jamie disse, extraordinariamente reanimado com a presença de seu sobrinho. — Tenho certeza de que não tenho

nenhuma ideia de que outro modo poderemos escapar deste novelo idiota.

Ian emitiu um grunhido; Jamie viu a cabeça de seu sobrinho virar, verificando a fraca claridade do acampamento. Sem discussão, afastaram-se mais para dentro da floresta.

— Não posso me ausentar por muito tempo sem que venham atrás de mim — ele disse. — Primeiro, então. Está tudo bem em Ridge? Ian ergueu um dos ombros.

— Há muita conversa — ele disse, o tom da voz indicando que "conversa" cobria tudo desde mexericos de velhas ao tipo de insulto que devia ser resolvido com violência. — Mas ninguém foi morto ainda. O que devo fazer, tio Jamie? — Richard Brown. Ele está pensando e só Deus sabe aonde isso pode levar.

— Ele pensa demais; homens assim são perigosos — Ian disse, e riu.

Jamie, que nunca vira seu sobrinho ler um livro por vontade própria, lançou um olhar de descrença a seu sobrinho, mas dispensou questionamentos em favor das preocupações mais prementes do momento.

— Sim, ele é — disse secamente. — Ele anda espalhando a história pelas tavernas e estalagens pelo caminho. Creio que na esperança de provocar a indignação pública a ponto de que algum pobre policial idiota se sinta forçado a nos tirar das mãos dele ou, melhor ainda, que uma turba possa ser incitada a nos pegar e enforcar na mesma hora, assim resolvendo o seu problema.

— Ah, é? Bem, se era isso que ele tinha em mente, tio, está funcionando. Não imagina algumas das coisas que andei ouvindo enquanto seguia os seus passos.

— Eu sei. — Jamie espreguiçou-se levemente, aliviando suas costelas doloridas. Somente pela mercê de Deus não tinha sido pior... isso e a fúria de Claire, que interrompera o ataque, conforme

todos pararam para observar o fascinante espetáculo dela sovando seu agressor como se fosse um feixe de fibras de linho.

— Mas ele viu que se você pretende pregar um alvo em alguém, é melhor afastar-se rapidamente depois. Ele está pensando, como eu disse.

Portanto, se ele se afastar ou enviar alguém...

— Eu o seguirei, sim, e verei o que ele está tramando.

Ele sentiu, mais do que viu, Ian balançar a cabeça; permaneceram na total escuridão, a claridade etérea do luar como um nevoeiro no espaço entre as árvores. O rapaz moveu-se, como se fosse embora, depois hesitou.

— Tem certeza, tio, de que não seria melhor esperar um pouco, depois fugir furtivamente? Não há mato alto, mas há bons esconderijos nas colinas próximas. Poderíamos estar escondidos, a salvo, ao amanhecer.

Era uma grande tentação. Ele sentiu a atração da floresta escura e selvagem, e acima de tudo, a sedução da liberdade. Se ele pudesse simplesmente se afastar para dentro da floresta e ficar lá... Mas ele sacudiu a cabeça.

— Não adiantaria, Ian — ele disse, embora deixasse o pesar transparecer em sua voz. — Seríamos fugitivos, e provavelmente com a cabeça a prêmio. Com o interior já incitado contra nós... cartazes, panfletos? O povo faria o trabalho de Brown prontamente. Além do mais, fugir pareceria uma confissão de culpa.

Ian suspirou, mas balançou a cabeça, concordando.

— Muito bem, então — disse. Deu um passo à frente e abraçou Jamie, apertando-o com força por um instante, e depois desapareceu.

Jamie soltou o ar devagar diante da dor em suas costelas machucadas.

— Que Deus o acompanhe, Ian — ele disse para a escuridão, e voltou para o acampamento.

Quando se deitou novamente ao lado de sua mulher, o acampamento estava em silêncio. Os homens dormiam como pedras, enrolados em seus cobertores. Duas figuras, no entanto, permaneciam junto às brasas do fogo minguante: Richard Brown e Thomas Christie, cada qual sozinho em uma rocha com seus pensamentos.

Deveria acordar Claire, contar-lhe? Refletiu por um instante, a face contra a quente maciez de seus cabelos, e relutantemente decidiu que não.

Poderia animá-la um pouco saber da presença de Ian, mas ele não se arriscava a levantar a suspeita de Brown; e se Brown percebesse por qualquer mudança no estado de espírito ou no rosto de Claire que alguma coisa havia acontecido... não, melhor não. Ao menos, ainda não.

Ele relanceou o olhar pelo chão aos pés de Christie e viu o leve corre-corre no escuro. O rato trouxera amigos para compartilhar o banquete.



### *UMA VANTAGEM DE QUARENTA E SEIS FEIJÕES*

Quando amanheceu, Richard Brown havia desaparecido. O resto dos homens pareceu desgostoso, mas resignado, e sob o comando de um sujeito rabugento e atarracado chamado Oakes, retomamos nossa jornada para o sul.

Algo mudara durante a noite; Jamie perdera um pouco da tensão que se infiltrara nele desde nossa partida de Ridge. Dolorida e desanimada como eu estava, achei essa mudança alentadora, embora me perguntasse o que a teria causado. Teria sido a mesma coisa que fizera Richard Brown partir em sua misteriosa missão? Mas Jamie não disse nada, além de perguntar sobre minha mão — que estava sensível e tão rígida que eu não conseguia flexionar os dedos facilmente. Ele continuava a vigiar nossos acompanhantes, mas a diminuição da tensão os afetara também; comecei a perder o medo de que eles pudessem repentinamente perder a paciência e nos enforcar, independentemente da presença austera de Christie.

Como em concordância com essa atmosfera mais relaxada, o tempo clareou repentinamente, o que animou todos ainda mais. Seria exagero dizer que houvesse qualquer sinal de reconciliação, mas sem a constante maldade de Richard Brown, os demais homens ao menos se tornaram mais um pouco corteses.

E como sempre acontecia, tédio e dificuldades de viagem deixavam todos exauridos, de modo que rolávamos pelas estradas sulcadas como um monte de bolas de gude, de vez em quando

ricocheteando uns nos outros, empoeirados, silenciosos e unidos na exaustão, se não por qualquer outra coisa, ao fim de cada dia.

Esse estado de coisas neutro mudou abruptamente em Brunswick.

Por um ou dois dias, Oakes obviamente vinha na expectativa de alguma coisa e, quando alcançamos as primeiras casas, pude vê-lo começar a respirar fundo de alívio.

Não foi, portanto, nenhuma surpresa quando paramos para descansar em uma pensão à beira do minúsculo e quase abandonado povoado e encontramos Richard Brown à nossa espera. Mas foi uma surpresa quando, sem mais do que uma palavra apenas murmurada por Brown, Oakes e dois outros repentinamente agarraram Jamie, derrubando a caneca de água de sua mão e atirando-o contra a parede do prédio.

Deixei minha própria caneca cair e me atirei sobre eles, mas Richard Brown agarrou meu braço como um tomilho e me arrastou na direção dos cavalos.

— Solte-me! O que está fazendo? Solte-me, já disse! — Chutei-o e consegui arranhar seus olhos, mas ele agarrou meus dois pulsos e chamou um dos outros homens para ajudar. Os dois juntos conseguiram me colocar, ainda berrando a plenos pulmões, em um cavalo, na frente de outro dos homens de Brown. Havia uma grande gritaria na direção de onde Jamie estava e um alvoroço geral quando algumas pessoas saíram da pensão, olhando assustadas. Mas nenhuma delas parecia disposta a interferir em um grande grupo de homens armados.

Tom Christie protestava aos berros; eu o vi de relance batendo nas costas de um dos homens, em vão. O homem atrás de mim agarrou-me pela cintura com um safanão, tirando o ar que restava em meus pulmões.

Logo estávamos descendo a estrada a galope, Brunswick — e Jamie — desaparecendo na poeira.

Meus furiosos protestos, minhas exigências e perguntas não tiveram nenhuma resposta, é claro, além de uma ordem para ficar quieta, acompanhada de outro apertão de advertência do braço que me segurava.

Tremendo de raiva e terror, me acalmei e, nessa hora, vi que Tom Christie ainda estava conosco, parecendo abalado e perturbado.

— Tom! — gritei. — Tom, volte! Não deixe que o matem! Por favor!

Ele olhou em minha direção, espantado, levantou-se nos estribos e olhou para trás, na direção de Brunswick, depois se virou para Richard Brown gritando alguma coisa.

Brown sacudiu a cabeça, freou sua montaria para que Christie pudesse alcançá-lo e, inclinando-se, gritou algo como uma explicação para ele.

Christie claramente não estava gostando da situação, mas após algumas trocas de palavras menos inflamadas ele se acalmou, o cenho franzido, e deixou-se ficar para trás. Puxou a cabeça de seu cavalo para o lado e deu a volta para ficar a uma pequena distância de mim, para que eu pudesse ouvi-lo.

— Não vão matá-lo, nem feri-lo — ele disse, elevando a voz para ser ouvido acima do barulho dos cascos e dos arreios. — Brown deu sua palavra de honra.

— E você acredita nele, pelo amor de Deus? Ele pareceu desconcertado diante disso, olhou novamente para Brown que havia esporeado o cavalo para cavalgar à frente, depois novamente para trás, para Brunswick. A indecisão atravessou seu rosto, mas depois cerrou os lábios com firmeza e sacudiu a cabeça.

— Vai ficar tudo bem — ele disse. Mas se recusou a me olhar nos olhos e, apesar das minhas continuadas súplicas para que ele voltasse, para impedi-los, ele afrouxou o passo, ficando tão longe para trás que eu não podia mais vê-lo.



Minha garganta estava esfolada de tanto gritar e meu estômago doía, machucado e contraído em um nó de medo. Nossa velocidade diminuiu, agora que deixáramos Brunswick para trás, e eu me concentrei em respirar; não falaria enquanto não tivesse certeza de que poderia fazê-lo sem que minha voz tremesse.

— Para onde está me levando? — perguntei finalmente. Sentei-me rigidamente na sela, aturando uma intimidade indesejada com o homem atrás de mim.

— New Bern — ele disse, com um tom de satânica satisfação. — E depois, graças a Deus, ficaremos finalmente livres de você.

A viagem para New Bern transcorreu em uma névoa de medo, agitação e desconforto físico. Embora eu me perguntasse o que iria acontecer a mim, todas as especulações eram sobrepujadas pela minha ansiedade em relação a Jamie.

Tom Christie era obviamente minha única esperança de descobrir alguma coisa, mas ele me evitava, mantendo-se a distância — e eu achei isso tão alarmante quanto tudo o mais. Ele estava obviamente transtornado, ainda mais do que estivera desde a morte de Malva, mas já não tinha uma expressão de embotado sofrimento; estava ativamente agitado. Eu temia horrivelmente que ele soubesse ou suspeitasse que Jamie estava morto, mas se recusava a admitir — para mim ou para si mesmo.

Todos os homens claramente compartilhavam a urgência do meu captor em se ver livre de mim o mais rápido possível; paramos apenas por alguns instantes, quando absolutamente necessário para os cavalos descansarem. Ofereceram-me comida, mas não consegui comer. Quando chegamos a New Bern, eu estava completamente exausta pelo puro esforço físico da viagem, porém muito mais pela constante tensão da apreensão.

A maioria dos homens ficou em uma taverna na periferia da cidade; Brown e um dos outros homens conduziram-me pelas ruas, acompanhados por um silencioso Tom Christie, chegando finalmente a uma casa grande de tijolos caiados. A casa, como Brown me informou com uma sensação de animado prazer, do xerife Tolliver, e também a cadeia da cidade.

O xerife, um tipo bonito e moreno, olhou-me com uma espécie de interessada especulação, misturada a uma crescente aversão conforme ouvia o crime do qual eu era acusada. Não fiz nenhum esforço de negar ou me defender; a sala entrava e saía de foco, e eu precisava de toda a minha atenção para impedir que meus joelhos cedessem.

Eu mal ouvi a maior parte da conversa entre Brown e o xerife. No entanto, por fim, pouco antes de eu ser levada para dentro da casa, repentinamente vi Tom Christie ao meu lado.

— Sra. Fraser — ele disse, a voz muito baixa. — Acredite-me, ele está a salvo. Eu não aceitaria ter a morte dele em minha consciência... nem a sua. — Ele olhava diretamente para mim pela primeira vez em... dias? semanas?... e achei a intensidade de seus olhos cinza tanto desconcertante quanto estranhamente reconfortante.

— Acredite em Deus — ele sussurrou. — Ele livrará os justos de todos os perigos. — E com um repentino aperto firme e inesperado em minha mão, foi embora.

Do jeito que eram os cárceres do século XVIII, este poderia ser pior.

A ala das mulheres consistia em um pequeno quarto nos fundos da casa do xerife, que provavelmente fora algum tipo de depósito originalmente. As paredes eram toscamente emboçadas, embora alguma antiga ocupante determinada a fugir tivesse escavado um bom pedaço do emboço, antes de descobrir que sob ele havia uma camada de ripas e sob esta uma parede impenetrável

de tijolos de barro cozido, que imediatamente me confrontou com sua fria resistência quando a porta foi aberta.

Não havia janela, mas uma lamparina a óleo queimava em uma pequena prateleira junto à porta, lançando um fraco círculo de lua que iluminava o assustadoramente árido espaço de tijolos, mas deixava os cantos do aposento mergulhados em sombras profundas. Eu não podia ver o balde para as necessidades noturnas, mas sabia que havia um; seu cheiro acre e denso penetrou em minhas narinas e eu automaticamente comecei a respirar pela boca quando o xerife me empurrou para dentro do quarto.

A porta fechou-se firmemente atrás de mim e uma chave rangeu na fechadura.

Havia um único e estreito catre nas sombras, ocupado por um grande volume sob um cobertor surrado. O volume levou algum tempo, mas finalmente mexeu-se e sentou-se, revelando uma mulher pequena e gorda, sem touca e desgrenhada do sono, que piscava para mim como uma ratazana.

Ela balbuciou alguma coisa e esfregou os olhos com os punhos, como uma criança pequena.

— Desculpe perturbá-la — eu disse educadamente. Meu coração desacelerara um pouco a essa altura, embora eu ainda tremesse e sentisse falta de ar. Pressionei minhas mãos espalmadas contra a porta para fazê-las parar de tremer.

— Não foi nada — ela disse, e bocejou repentinamente, como um hipopótamo, exibindo um conjunto de molares gastos, mas úteis.

Pestanejando e estalando os lábios distraidamente, estendeu a mão para baixo e pegou um velho par de óculos, colocando-o firmemente no nariz.

Seus olhos eram azuis e imensamente ampliados pelas lentes, enormes de curiosidade.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou.

— Claire Fraser — eu disse, espreitando-a, no caso de ela também já ter ouvido falar do meu suposto crime. A mancha roxa em meu peito deixada pela pedra que me atingira era visível, começando a amarelar acima da borda do meu vestido.

— Oh? — Ela apertou os olhos, como se tentasse me classificar, mas evidentemente não conseguiu, pois deu de ombros, abandonando o esforço. — Tem dinheiro? — Um pouco. — Jamie me obrigara a pegar quase todo o dinheiro; não era muito, mas havia um pequeno peso em moedas no fundo de cada um dos bolsos amarrados à minha cintura, e duas das chamadas notas da proclamação enfiadas em meus espartilhos.

A mulher era bem mais baixa do que eu, e parecendo um travesseiro, com seios grandes e caídos e vários rolos confortáveis corrugando a região da cintura; estava de combinação, com o vestido e os espartilhos pendurados em um prego na parede. Parecia inofensiva e eu comecei a respirar com um pouco mais de facilidade, começando a apreender o fato de que ao menos eu estava a salvo por enquanto, não mais correndo perigo de violência repentina e aleatória.

A outra prisioneira não fez nenhum movimento ofensivo em minha direção, mas saltou da cama, os pés descalços batendo suavemente no que então percebi ser uma camada de palha mofada.

— Bem, chame a velha bruaca e mande comprar uma bebida, então, por que não faz isso? — ela sugeriu alegremente.

— Quem? Em vez de responder, dirigiu-se à porta e começou a bater nela, gritando: — Sra. Tolliver! Sra. Tolliver!

A porta abriu quase que imediatamente, revelando uma mulher alta, magra, parecendo uma cegonha aborrecida.

— Francamente, sra. Ferguson — ela disse. — A senhora é mesmo um flagelo. Mas eu estava mesmo vindo cumprimentar a sra. Fraser, de qualquer modo. — Ela deu as costas à sra. Ferguson

com magistral dignidade e inclinou a cabeça apenas alguns centímetros na minha direção.

— Sra. Fraser. Sou a sra. Tolliver.

Tive uma fração de segundo para decidir como reagir, e escolhi o caminho prudente — ainda que irritante — da submissão refinada, fazendo uma mesura para ela como se ela fosse a mulher do governador.

— Sra. Tolliver — murmurei, com cuidado para não fitá-la nos olhos.

— É muita gentileza sua.

Ela virou-se, o olhar penetrante, como um pássaro observando o avanço furtivo de uma minhoca pela grama — mas eu já tinha completo controle de minhas feições a essa altura e ela relaxou, não detectando nenhum sarcasmo.

— Não há de quê — ela disse, com fria cortesia. — Sou encarregada do seu bem-estar e devo colocá-la a par de nossas normas. Você receberá uma refeição por dia, a menos que queira pedir comida da pensão, à sua própria custa. Eu lhe trarei uma bacia com água para sua higiene uma vez por dia. Você despejará seus próprios dejetos. E...

— Oh, meta suas normas naquele lugar, Maisie — disse a sra. Ferguson, interrompendo o discurso preparado da sra. Tolliver com a confortável presunção de longo conhecimento. — Ela tem algum dinheiro. Mande buscar uma garrafa de gim. Seja uma boa garota e depois, se é isso que você tem que fazer, pode lhe explicar as normas.

O rosto estreito da sra. Tolliver contraiu-se em desaprovação, mas seus olhos viraram-se para mim, brilhantes na luz turva da lamparina.

Iniciei um gesto hesitante na direção do meu bolso e ela mordeu o lábio inferior. Olhou por cima do ombro, em seguida deu um passo rápido em minha direção.

— Um xelim, então — ela sussurrou, a mão estendida e aberta entre nós. Depositei a moeda na palma de sua mão e ela desapareceu imediatamente sob seu avental.

— Você perdeu o jantar — ela anunciou em seu tom normal de desaprovação, dando um passo para trás. — Entretanto, como acaba de chegar, farei uma concessão e lhe trarei alguma coisa.

— É muita gentileza sua — eu disse outra vez.

A porta fechou-se com firmeza atrás dela, bloqueando o ar e a luz, e a chave girou na fechadura.

Aquele som desencadeou uma minúscula centelha de pânico e eu a apaguei com força. Sentia-me como uma pele seca, entulhada até os olhos com o material inflamável do medo, da incerteza e da perda. Não seria necessário mais do que uma faísca para incendiá-lo e me reduzir a cinzas — e nem eu, nem Jamie podíamos nos dar a esse luxo.

— Ela bebe? — perguntei, virando-me novamente para a minha nova companheira de quarto, fingindo frieza.

— Conhece alguém que não beba, se tiver uma chance? — a sra. Ferguson perguntou com raciocínio lógico. Ela coçou as costelas. — Fraser, ela disse. Você não é...

— Sou — eu disse, um pouco bruscamente. — Não quero falar sobre isso.

Suas sobrancelhas se ergueram e ela balançou a cabeça mecanicamente.

— Como quiser — ela disse. — Sabe jogar cartas?

— Loo ou whist? — perguntei cautelosamente.

— Conhece um jogo chamado brag?

— Não. — Jamie e Brianna jogavam brag de vez em quando, mas eu nunca tentara aprender as regras.

— Tudo bem, eu lhe ensino. — Enfiando a mão embaixo do colchão, retirou um baralho de papelão, um pouco murcho, e abriu-

o habilmente em leque, abanando-o delicadamente sob o nariz enquanto sorria para mim.

— Não me diga que está aqui por trapacear nas cartas — eu falei.

— Trapacear? Eu? Nada disso — ela disse, evidentemente sem se ofender. — Falsificação.

Para minha própria surpresa, eu ri. Eu ainda me sentia abalada, mas a sra. Ferguson definitivamente estava sendo uma bem-vinda distração.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntei.

Ela coçou a cabeça, percebeu que não estava usando touca e virou-se para retirar uma do meio da roupa de cama amontoada.

— Oh, um mês, mais ou menos. — Colocando na cabeça a touca amarrotada, balançou a cabeça para o batente da porta ao meu lado.

Virando-me para olhar, vi que estava cruzado com dezenas de pequenas marcas, algumas antigas e escurecidas de sujeira, algumas feitas recentemente, revelando a madeira amarela. A visão das marcas fez meu coração desfalecer outra vez, mas respirei fundo e dei as costas a elas.

— Você já teve um julgamento? Ela sacudiu a cabeça, a luz refletindo em seus óculos.

— Não, graças a Deus. Soube pela Maisie que o tribunal está fechado.

Todos os juízes se esconderam. Ninguém foi julgado nos últimos dois meses.

Essa não era uma boa notícia. Evidentemente, o pensamento transpareceu em meu rosto, pois ela inclinou-se para frente e deu um tapinha no meu braço em solidariedade.

— Eu não teria pressa, queridinha. Se fosse você, não teria. Se não a julgaram, não podem enforcá-la. E embora eu tenha conhecido quem dissesse que a espera era capaz de matá-las, nunca

vi ninguém morrer disso. E eu tenho visto muita gente morrer na ponta de uma corda. É uma coisa horrível! Ela falava quase despreocupadamente, mas sua própria mão ergueu-se, como por vontade própria, e tocou a carne branca e macia de seu pescoço. Ela engoliu em seco, fazendo subir e descer o minúsculo pomo de adão.

Eu também engoli em seco, uma desagradável sensação de aperto em minha própria garganta.

— Mas sou inocente — eu disse, perguntando-me, ainda enquanto falava, como eu podia soar tão insegura.

— Claro que é — ela disse de forma decisiva, dando um aperto em meu braço. — Continue afirmando isso, queridinha. Não deixem que a obriguem a admitir a menor coisinha! — Não deixarei — assegurei-lhe secamente.

— Qualquer dia desses, é capaz de um bando invadir isso aqui — ela disse, balançando a cabeça. — Enforcar o xerife, se ele não ficar esperto.

Ele não é popular, o Tolliver.

— Não sei por que não, um sujeito tão encantador. — Eu não sabia como eu me sentia em relação à perspectiva de um bando desordeiro invadir a casa. Enforcar o xerife Tolliver, tudo bem, desde que parassem por aí, mas com a lembrança da população hostil em Salisbury e Hillsboro fresca em minha mente, eu não acreditava que parariam no xerife. Morrer nas mãos de um bando de linchadores não era de modo algum preferível ao tipo mais lento do assassinato judicial que eu provavelmente enfrentaria. Embora eu imagine que sempre haveria a possibilidade de fuga durante a baderna.

E para onde iria, se fugisse?, perguntei a mim mesma.

Sem nenhuma resposta boa para isso, empurrei a questão para o fundo da mente e voltei minha atenção de novo para a sra. Ferguson, que ainda segurava as cartas convidativamente.

— Muito bem — eu disse. — Mas não a dinheiro.



— Ah, não — a sra. Ferguson me tranquilizou. — Nem pensar. Mas temos que apostar alguma coisa para o jogo ficar interessante. Jogaremos com feijões, está bem? — Ela largou as cartas e, enfiando a mão embaixo do travesseiro, retirou uma bolsinha, da qual despejou um punhado de feijões-brancos.

— Ótimo — eu disse. — E quando terminarmos, nós os plantaremos e torceremos para que dê um pé bem alto que atravesse o telhado, de modo que a gente possa subir por ele e fugir.

Ela desatou a rir, o que de certa forma me fez sentir ligeiramente melhor.

— Que assim seja, queridinha! — ela disse. — Eu começo, está bem? Brag parecia uma espécie de pôquer. E embora eu tivesse vivido com um trapaceiro em jogo de cartas tempo suficiente para reconhecer um quando o visse, a sra. Ferguson parecia estar jogando honestamente, por enquanto. Eu estava com quarenta e seis feijões de vantagem, quando a sra. Tolliver retornou.

A porta abriu-se sem cerimônia e ela entrou, segurando um banquinho de três pernas e um pedaço de pão. Este último tanto parecia ser o meu jantar quanto sua desculpa ostensiva para visitar a cela, pois ela o entregou a mim com um sonoro aviso: — Isto vai ter que mantê-la até amanhã, sra. Fraser! — Obrigada — eu disse suavemente. Estava fresco e parecia ter sido passado apressadamente em gordura de toucinho, em vez de manteiga. Eu dei uma mordida sem hesitação, tendo me recobrado suficientemente do choque a esta altura para me sentir realmente faminta.

A sra. Tolliver, olhando por cima do ombro para se certificar de que não havia ninguém por perto, fechou a porta silenciosamente, colocou o banquinho no chão e retirou do bolso uma garrafa achatada, de vidro azul, cheia de um líquido transparente.

Ela tirou a rolha, inclinou-a e bebeu um grande gole, o pescoço magro e comprido movendo-se convulsivamente.

A sra. Ferguson não disse nada, mas observou o processo com uma espécie de atenção analítica, a luz refletindo em seus óculos, como se comparasse o comportamento da sra. Tolliver com o de ocasiões anteriores.

A sra. Tolliver abaixou a garrafa e ficou parada por um instante, segurando-a, depois a entregou abruptamente para mim e sentou-se de repente no banquinho, respirando pesadamente.

Limpei a boca da garrafa o mais discretamente possível em minha manga, depois tomei um pequeno gole. Era gim, sem dúvida — fortemente aromatizado com zimbro para disfarçar a má qualidade, porém muito forte em termos de álcool.

A sra. Ferguson, por sua vez, tomou um gole voraz, e assim continuamos, passando a garrafa de mão em mão e trocando pequenas cordialidades enquanto o fazíamos. Saciada a sede inicial, a sra. Tolliver tornou-se quase afável, sua maneira glacial descongelando-se substancialmente. Mesmo assim, esperei até a garrafa estar quase vazia antes de fazer a pergunta mais premente em minha cabeça.

— Sra. Tolliver, os homens que me trouxeram... por acaso ouviu-os dizer alguma coisa sobre meu marido? Ela levou o punho fechado à boca para reprimir um arroteo.

— Dizer alguma coisa? — Sobre onde ele está — acrescentei. Ela pestanejou um pouco, parecendo confusa.

— Não ouvi nada — ela disse. — Mas imagino que tenham dito a Tolly.

A sra. Ferguson entregou a garrafa a ela — estávamos sentadas lado a lado em cima da cama, sendo este o único lugar no pequeno quarto onde se podia sentar — e quase caindo da cama no processo.

— Imagino que poderia perguntar a ele, não é, Maisie? — ela disse.

Um ar de inquietação surgiu nos olhos da sra. Tolliver, apesar de vidrados como estavam.

— Oh, não — ela disse, sacudindo a cabeça. — Ele não conversa comigo sobre esses assuntos. Não são da minha conta.

Troquei um olhar com a sra. Ferguson e ela sacudiu a cabeça ligeiramente; era melhor não insistir na questão agora.

Preocupada como estava, achei difícil abandonar o assunto, mas obviamente não havia nada a ser feito. Reuni os restos de paciência que ainda tinha, calculando quantas garrafas de gim eu poderia comprar antes de ficar sem dinheiro — e o que eu poderia conseguir com elas.

Permaneci deitada imóvel essa noite, respirando o ar abafado e úmido, com seus cheiros de mofo e urina. Eu podia sentir o cheiro de Sadie Ferguson ao meu lado, também: um leve miasma de suor rançoso, revestido com um forte perfume de gim. Tentei fechar os olhos, mas sempre que o fazia pequenas ondas de claustrofobia me inundavam; eu podia sentir as paredes úmidas fecharem-se sobre mim e agarrei o pano de algodão listrado do colchão para não me jogar contra a porta trancada.

Tive uma terrível visão de mim mesma, socando a porta e gritando estridentemente, as unhas quebradas e sangrando de tanto arranhar a madeira dura, meus gritos inaudíveis na escuridão — e ninguém nunca aparecendo.

Eu achava que essa era uma possibilidade real. Eu ouvira mais da sra. Ferguson sobre a impopularidade do xerife Tolliver. Se ele fosse atacado e arrastado de sua casa por uma multidão enfurecida — ou perdesse a calma e fugisse — as chances de ele ou sua mulher se lembrarem dos prisioneiros eram remotas.

Uma turba poderia nos encontrar — e nos matar, na loucura do momento. Ou não nos encontrar e incendiar a casa. O depósito

era de tijolos, mas a cozinha ao lado era de madeira; úmido ou não, o lugar arderia como uma tocha, não deixando nada em pé além da maldita parede de tijolos.

Inspirei fundo, apesar do mau cheiro, expirei e fechei os olhos decididamente.

Basta a cada dia o seu mal. Era uma das expressões favoritas de Frank e, de modo geral, um bom sentimento.

Mas depende um pouco do dia, não é?, pensei em sua direção.

É mesmo? Diga-me você. O pensamento estava lá, tão vívido que eu poderia tê-lo ouvido — ou apenas imaginado. Mas se eu o tivesse imaginado também teria imaginado um tom seco de divertimento que era particularmente próprio de Frank.

Ótimo, pensei. Reduzida a discussões filosóficas com um fantasma.

Foi um dia pior do que eu imaginara.

Imaginação ou não, o pensamento conseguira arrancar minha atenção da obcecada trilha da preocupação. Senti uma sensação de convite — ou tentação, talvez. A necessidade de falar com ele. A necessidade de fugir para uma conversa, ainda que de mão única... e imaginária. Não. Não vou usá-lo dessa forma, pensei, com certa tristeza. Não é certo que eu só pense em você quando preciso de uma distração, e não por você mesmo.

*E você nunca pensa em mim, por mim mesmo?* A pergunta flutuou na escuridão das minhas pálpebras. Podia ver seu rosto, com muita clareza, as rugas acentuadas com um sorriso, uma das sobrancelhas escuras arqueada. Fiquei levemente surpresa; fazia tanto tempo desde que eu pensara nele de uma forma tão focalizada que há muito eu deveria ter esquecido como ele era. Mas não esquecera.

Imagino, então, que isso responde a sua pergunta, pensei silenciosamente para ele. Boa-noite, Frank.

Virei de lado, olhando para a parede. Sentia-me um pouco mais calma agora. Podia apenas divisar os contornos da porta e ser capaz de vê-la diminuiu a sensação de estar enterrada viva.

Fechei os olhos outra vez e tentei me concentrar nos processos do meu próprio corpo. Isso geralmente ajudava, trazendo-me uma sensação de tranquilidade, ouvindo o fluxo ressonante do sangue através dos meus vasos sanguíneos e o gorgolejo subterrâneo dos órgãos, todos continuando a funcionar pacificamente sem a menor necessidade de meu comando consciente. Mais ou menos como sentar-se no jardim, ouvindo as abelhas zumbirem nas colmeias...

Interrompi essa linha de pensamento abruptamente, sentindo meu coração dar um salto com a lembrança, uma descarga elétrica, como a picada de uma abelha.

Pensei com sofreguidão no meu coração, o órgão em si, suas câmaras espessas e macias, suas válvulas delicadas — mas o que senti foi uma dor ali. Havia lugares vazios em meu coração.

Jamie. Um vão aberto, ressonante, frio e profundo como uma fenda em uma geleira. Bri. Jemmy. Roger. E Malva, como um ponto dolorido, minúsculo, fundo, uma úlcera que não se curaria.

Até então, eu conseguira ignorar a respiração pesada e o ruje-ruje da minha companheira. Não pude ignorar a mão que roçou meu pescoço, em seguida deslizou pelo meu peito e repousou de leve, envolvendo meu seio.

Parei de respirar. Em seguida, muito devagar, soltei o ar. Inteiramente sem minha intenção, meu seio se acomodou na curva da palma de sua mão. Senti um toque nas minhas costas; um polegar, delicadamente percorrendo o sulco da minha espinha dorsal por cima de minha combinação.

Eu compreendia a necessidade de conforto humano, a ânsia pelo toque de outra pessoa. Eu o recebera, muitas vezes, e dera também, parte da frágil teia de humanidade, constantemente

esgarçada, constantemente refeita. Mas havia algo no toque de Sadie Ferguson que falava de mais do que simples calor humano, ou da necessidade de companhia no escuro.

Peguei sua mão e, levantando-a do meu seio, fechei seus dedos delicadamente e a afastei com firmeza, dobrando seu braço para trás e colocando sua mão contra o próprio peito.

— Não — eu disse suavemente.

Ela hesitou, moveu os quadris de modo que seu corpo se curvasse atrás do meu, as coxas quentes e redondas contra as minhas, oferecendo abraço e refúgio.

— Ninguém ficaria sabendo — ela sussurrou, ainda esperançosa. — Eu poderia fazê-la esquecer... por alguns momentos. — Sua mão tocou meu quadril, de leve, insinuante.

Se ela pudesse, pensei com ironia, talvez eu me sentisse tentada. Mas este não era um caminho que eu pudesse trilhar.

— Não — eu disse com mais firmeza, e mudei de posição, deitando-me de costas, o mais longe possível — o que era aproximadamente quatro centímetros. — Sinto muito... mas, não.

Ela ficou em silêncio por um instante, depois suspirou pesadamente.

— Oh, bem. Talvez um pouco mais tarde.

— Não! Os ruídos da cozinha haviam cessado e a casa estava em silêncio. Mas não era o silêncio das montanhas, aquele berço de galhos e ventos sussurrantes, e o céu estrelado, amplo e profundo. Era o silêncio de uma cidade, perturbada pela fumaça e a claridade turva e enevoadas de lareiras e velas; cheio de pensamentos sonolentos, liberados da razão do estado de vigília, errantes e incômodos na escuridão.

— Posso abraçá-la? — ela perguntou carinhosamente, e seus dedos roçaram meu rosto. — Só isso.

— Não — repeti. Mas procurei sua mão e a segurei. Assim adormecemos, as mãos castas... e firmemente... entrelaçadas entre

nós.

Fomos acordadas pelo que inicialmente eu pensei que fosse o vento, gemendo na chaminé cuja parte posterior avolumava-se para dentro de nosso cubículo. O gemido, porém, tornou-se mais alto, irrompeu em um grito lancinante, depois parou abruptamente.

— Santo Deus e Virgem Maria! — Sadie Ferguson sentou-se na cama, os olhos arregalados e piscando, tateando em busca de seus óculos. — O que foi isso? — Uma mulher em trabalho de parto — eu disse, já tendo ouvido aquele padrão particular de gritos muitas vezes. Os gemidos recomeçaram.

— E muito perto de sua hora. — Deslizei para fora da cama e sacudi meus sapatos, desalojando uma pequena barata e duas traças que haviam se alojado no lugar dos dedos.

Ficamos sentadas durante quase uma hora, ouvindo os gemidos e gritos alternados.

— Já não deveria ter parado? — Sadie disse, engolindo em seco nervosamente. — A criança já não deveria ter nascido? — Talvez — eu disse distraidamente. — Alguns bebês demoram mais do que outros. — Eu colara o ouvido à porta, tentando discernir o que estava acontecendo do outro lado. A mulher, quem quer que fosse, estava na cozinha, e a menos de dez passos distante de mim. Ouvi a voz de Maisie Tolliver de vez em quando, abafada e parecendo em dúvida. Mas, na maior parte das vezes, apenas uma respiração ofegante e rítmica, gemidos e gritos.

Mais uma hora do mesmo e meus nervos estavam começando a se desgastar. Sadie estava na cama, o travesseiro pressionado com força sobre a cabeça, na esperança de bloquear o som.

Basta disso, pensei, e quando tornei a ouvir a voz da sra. Tolliver, bati na porta com o salto do meu sapato, chamando-a o

mais alto que eu podia, para ser ouvida acima do barulho.

Ela realmente me ouviu e, após alguns instantes, a chave rangeu na fechadura e uma onda de luz e ar entrou na cela. Fiquei momentaneamente cega com a luz do dia, mas pisquei e divisei a figura de uma mulher apoiada nas mãos e nos joelhos, junto à lareira, de frente para mim. Era negra, banhada em suor, e erguendo a cabeça uivou como um lobo. A sra. Tolliver sobressaltou-se como se tivessem lhe enfiado um alfinete nas costas.

— Com licença — eu disse, passando por ela. Ela não fez nenhum movimento para me impedir e eu senti uma forte baforada de gim aromatizado com zimbro quando passei por ela.

A mulher negra deixou-se cair sobre os cotovelos, arquejando, o traseiro nu empinado no ar. Sua barriga pendia como uma goiaba madura, pálida na combinação encharcada de suor agarrada a ela.

Fiz perguntas incisivas no curto intervalo antes do próximo uivo e fiquei sabendo que aquele era seu quarto filho e que ela estava em trabalho de parto desde que sua bolsa se rompeu na noite anterior. A sra. Tolliver contribuiu com a informação de que ela também era uma prisioneira, e uma escrava. Eu teria imaginado isso pelas marcas de chicote azuladas em suas costas e nádegas.

A sra. Tolliver não tinha nenhuma outra utilidade, oscilando com os olhos vidrados acima de mim, mas conseguira providenciar uma pequena pilha de trapos e uma bacia de água, que eu usei para limpar o rosto suado da mulher. Sadie Ferguson enfiou o nariz encimado pelos óculos para fora da cela, cautelosamente, mas voltou apressadamente para dentro quando o uivo seguinte irrompeu.

Era um parto pélvico, o que explicava a dificuldade, e o quarto de hora seguinte foi de arrepiar para todos os presentes.



Finalmente, porém, consegui trazer um bebê pequeno ao mundo, os pés primeiro, viscoso, imóvel e com o mais terrível tom azulado.

— Oh — a sra. Tolliver exclamou, parecendo decepcionada.  
— Está morta.

— Ótimo — disse a mãe, com uma voz rouca e profunda, e fechou os olhos.

— De jeito nenhum — eu disse, virando a criança apressadamente para baixo e batendo em suas costas. Nenhum movimento. Trouxe o rosto cerrado, pegajoso, até o meu, cobri a boca e o nariz com minha própria boca, e suguei com força, virando a cabeça em seguida para cuspir o muco e o fluido. Com o rosto grudado e gosto de prata na boca, soprei delicadamente em seus pulmões, parei, segurando-o, flácido e escorregadio como um peixe fresco, soprei outra vez — e vi seus olhos se abrirem, um azul mais escuro do que sua pele, vagamente interessado.

Ele respirou de uma maneira assustada, entrecortada, e eu ri, uma repentina fonte de alegria aflorando das minhas entranhas à superfície. O pesadelo da lembrança de outra criança, um estremecimento de vida se apagando em minha mão, se esvaiu. Esta criança estava muito bem acesa, ardendo como uma vela, com uma chama clara e suave.

— Oh! — exclamou a sra. Tolliver outra vez. Inclinou-se para frente para olhar e um enorme sorriso espalhou-se em seu rosto. — Oh, oh.

O bebê começou a chorar. Cortei o cordão umbilical, enrolei-o em um dos panos e, com alguma reserva, entreguei-o à sra. Tollyver, esperando que ela não o deixasse cair no fogo. Em seguida, voltei minha atenção para a mãe, que bebia avidamente da bacia, a água derramando-se pela frente de seu corpo e encharcando ainda mais a combinação molhada.

Deitou-se de costas e deixou que eu cuidasse dela, mas sem falar, revirando os olhos de vez em quando na direção da criança

com um olhar hostil e ressentido.

Ouvi passos atravessando a casa e o xerife apareceu, parecendo surpreso — Oh, Tolly! — A sra. Tolliver, lambuzada de fluidos do parto e fedendo a gim, virou-se para ele radiante, segurando o bebê. — Olhe, Tolly, está vivo! O xerife pareceu totalmente desconcertado e franziu o cenho ao olhar para sua mulher, mas depois pareceu sentir o cheiro de sua felicidade, acima do cheiro de gim. Inclinou-se para frente e tocou a pequenina trouxa delicadamente, o rosto severo relaxando.

— Que bom, Maisie — ele disse. — Olá, garotinho. — Então, ele me viu, ajoelhada nas pedras da lareira, fazendo o possível para limpar tudo com um trapo e o que restara da água.

— A sra. Fraser fez o parto — a sra. Tolliver explicou ansiosamente.

— A criança estava virada, mas ela foi tão hábil, e o fez respirar... nós achávamos que ele estava morto, estava tão imóvel, mas não estava morto! Não é maravilhoso, Tolly? — Maravilhoso — o xerife repetiu um pouco confuso. Lançou-me um olhar severo, depois transferiu o mesmo olhar para a nova mãe, que devolveu o olhar com uma tristonha indiferença. Em seguida, ele fez sinal para que eu me levantasse e, com uma breve inclinação, fez sinal para que eu voltasse para a cela e fechou a porta.

Somente então me lembrei do que ele achou que eu tinha feito. Não era de admirar que minha presença ao lado de um recém-nascido o tivesse deixado um pouco nervoso, imaginei. Eu estava molhada e imunda, e a cela parecia particularmente quente e abafada. No entanto, o milagre do nascimento ainda tinha pelas minhas sinapses, e eu me sentei na cama, ainda sorrindo, um trapo molhado na mão.

Sadie olhava-me com respeito, misturado a uma ligeira repugnância.

— Essa foi a coisa mais nojenta que eu já vi — ela disse. — Santo Deus, é sempre assim? — Mais ou menos. Nunca viu uma criança nascer? Nunca teve um filho, você mesma? — perguntei, curiosa. Ela sacudiu a cabeça vigorosamente, e fez o sinal do chifre, o que me fez rir, eufórica como estava.

— Se algum dia eu tivesse me disposto a deixar um homem chegar perto de mim, a ideia disso teria me dissuadido — assegurou-me fervorosamente.

— Oh, é mesmo? — eu disse, tardiamente lembrando-me de suas propostas na noite anterior. Não era mero conforto que ela estivera oferecendo, então. — E quanto ao senhor Ferguson? Ela me deu um olhar recatado, piscando através dos óculos.

— Oh, ele era um fazendeiro... muito mais velho do que eu. Morreu de pleurite, há cinco anos.

É totalmente fictício, eu estava inclinada a achar. Mas uma viúva tinha muito mais liberdade do que uma criada ou uma mulher casada, e se eu já vira uma mulher capaz de cuidar de si mesma...

Eu não estivera prestando nenhuma atenção aos sons vindos da cozinha, mas neste ponto ouviu-se um estrondo e a voz do xerife, praguejando. Nenhum som da criança ou da sra. Tolliver.

— Levando a megera negra de volta ao seu alojamento — Sadie disse, com uma entonação tão hostil que eu olhei para ela, espantada.

— Não sabia? — ela disse, vendo minha surpresa. — Ela matou seus bebês. Eles podem enforcá-la, agora que deu à luz esse aí.

— Oh — exclamei, um pouco atordoada. — Não, eu não sabia. — Os barulhos na cozinha cessaram e eu fiquei sentada, fitando a chama da lamparina, a sensação de vida ainda se mexendo em minhas mãos.

*UM PLANO DANADO DE BOM*

A água batia logo abaixo da orelha de Jamie, o mero barulho do movimento da água fazendo-o se sentir enjoado. O mau cheiro de lama podre e de peixe morto não ajudava, nem o golpe que sofrera quando caiu contra a parede.

Remexeu-se, tentando encontrar uma posição que aliviasse a cabeça e o estômago. Eles o haviam amarrado como uma ave cozida, mas ele conseguira com algum esforço virar de lado e trazer os joelhos para cima, o que ajudou um pouco.

Ele estava em uma espécie de barracão para barco, em ruínas; ele o vira na última luz do crepúsculo, quando o trouxeram para a praia — no começo, pensara que pretendiam afogá-lo — e o levaram para dentro, largando-o no chão como um saco de farinha.

— Ande depressa, Ian — murmurou, remexendo-se outra vez, com crescente desconforto. — Estou velho demais para esse tipo de maluquice.

Só esperava que seu sobrinho estivesse por perto quando Brown partiu para poder segui-lo e ter alguma noção de onde ele estava agora; sem dúvida, o garoto estaria observando. A praia onde ficava o barracão era descampada, não havia como se esconder, mas havia muita vegetação abaixo do Fort Johnston, que assomava no promontório acima dele.

A parte de trás de sua cabeça latejava forte, dando-lhe um gosto ruim no fundo da garganta e um inquietante eco das

devastadoras dores de cabeça que ele costumava ter em consequência de um ferimento com machado que rachara seu crânio há muitos anos. Estava chocado com a facilidade com que a recordação dessas dores de cabeça voltara; ocorreram havia uma eternidade e ele achava que até mesmo a lembrança disso já estivesse morta e enterrada. Entretanto, seu crânio evidentemente tinha sua própria memória, muito mais vívida, e estava determinado a deixá-lo doente como vingança por seu esquecimento.

A lua ia alta no céu, e brilhante; a claridade suave do luar atravessava as fendas entre as tábuas rústicas da parede. Apesar de turva, parecia mudar, oscilando de uma maneira perturbadoramente nauseante, e ele fechou os olhos, concentrando-se ferozmente no que faria a Richard Brown se encontrasse o sujeito sozinho um dia.

Para onde, em nome de Miguel e de todos os santos, ele teria levado Claire, e por quê? O único consolo de Jamie era que Tom Christie fora com eles. Estava quase certo de que Christie não deixaria que a matassem — e se Jamie pudesse encontrá-lo, ele o levaria até ela.

Um ruído chegou até ele, acima das batidas nauseantes da maré. Um leve assovio — depois uma canção. Ele mal conseguia distinguir a letra, e sorriu um pouco, apesar de tudo.

— Case-me, case-me, ministro, ou eu vou ser seu sacerdote, seu sacerdote... ou eu vou ser seu sacerdote! Gritou, apesar de doer sua cabeça, e dali a pouco Ian, seu querido sobrinho, estava ao seu lado, cortando as cordas. Ele rolou sobre o corpo, incapaz por alguns instantes de fazer seus músculos funcionarem, depois conseguiu colocar as mãos sob o corpo e erguer-se o suficiente para vomitar.

— Está bem, tio Jamie? — Ian parecia estar achando graça, o desgraçado.

— Vou ficar. Sabe onde Claire está? — Levantou-se, oscilando e remexendo em suas calças; seus dedos pareciam salsichas e o dedo quebrado latejava, os alfinetes e as agulhas do retorno da circulação golpeando através das pontas dos ossos quebrados. Mas todo o desconforto foi esquecido em um instante, na precipitação do alívio incontrolável.

— Santo Deus, tio Jamie — Ian disse, impressionado. — Sim, sei.

Levaram-na para New Bern. Há um xerife lá que Forbes disse que podia ficar com ela.

— Forbes? — Girou nos calcanhares em seu assombro e quase caiu, amparando-se com uma das mãos na parede de tábuas rachadas. — Neil Forbes? — Esse mesmo. — Ian segurou-o pelo cotovelo para ele recuperar o equilíbrio; a tábua frágil cedera sob seu peso. — Brown foi aqui e ali, conversou com um e com outro, mas foi com Forbes que ele negociou finalmente, em Cross Creek.

— Ouviu o que disseram? — Ouvi. — A voz de Ian era casual, mas uma empolgação subliminar revelava o orgulho por sua façanha.

O objetivo de Brown era simples a essa altura — livrar-se do estorvo em que os Fraser haviam se tornado. Ele sabia de Forbes e sua relação com Jamie, devido a todos os boatos após o incidente do alcatrão no verão do ano anterior e do confronto em Mecklenberg em maio. E assim ele se ofereceu para entregar os dois a Forbes, para que o advogado fizesse o que bem entendesse com a situação.

— Assim, ele ficou andando para baixo e para cima, pensando...

Forbes, quero dizer. Estavam no armazém dele, junto ao rio, e eu escondido atrás dos barris de alcatrão. Então, ele riu, como se tivesse acabado de ter uma grande ideia.

A sugestão de Forbes foi que os homens de Brown levassem Jamie, devidamente amarrado, para um pequeno ancoradouro que ele possuía, perto de Brunswick. De lá, ele seria levado para um navio de partida para a Inglaterra, e assim impossibilitado de qualquer interferência nos negócios de Forbes ou de Brown — e, portanto, impossibilitado de defender sua mulher.

Claire, nesse ínterim, ficaria à mercê da lei. Se fosse julgada culpada, bem, seria seu fim. Se não, o escândalo inerente a um julgamento iria tanto ocupar a atenção de qualquer pessoa ligada a ela quanto destruir qualquer influência que ambos pudessem ter — assim deixando Fraser's Ridge desprotegida e pronta para ser pilhada, e o terreno livre para Neil Forbes reivindicar a liderança dos whigs escoceses na colônia.

Jamie ouviu tudo isso em silêncio, dividido entre a raiva e uma relutante admiração.

— Um plano bastante bom — ele disse. Sentia-se mais firme agora, a tontura desaparecendo com o fluxo revigorante da raiva através de seu sangue.

— Oh, mas fica melhor, tio — Ian assegurou-lhe. — Lembre-se de um sujeito chamado Stephen Bonnet? — Sim. O que tem ele? — É o navio do sr. Bonnet, tio, que deverá levá-lo à Inglaterra. — O humor começava a transparecer na voz de seu sobrinho outra vez. — Parece que o advogado Forbes tem uma parceria muito lucrativa com Bonnet há algum tempo, ele e alguns amigos comerciantes de Wilmington.

Têm participação tanto no navio, quanto nos carregamentos. E desde o bloqueio inglês, os lucros têm sido ainda maiores; pelo que entendi, o nosso sr. Bonnet é um contrabandista muito experiente.

Jamie disse um palavrão em francês e saiu rapidamente para olhar fora do barracão. A água estava plácida e bela, a lua formando um caminho prateado em direção ao mar aberto. Havia

um navio ao longe; pequeno, negro e perfeito como uma aranha em uma folha de papel. Seria o navio de Bonnet? — Santo Deus — ele disse. — Quando você acha que eles virão? — Não sei — Ian disse, parecendo inseguro pela primeira vez. — Acha que a maré está subindo, tio? Ou descendo? Jamie olhou para as pequenas ondas batendo embaixo do barracão, como se pudesse oferecer alguma pista.

— Como eu poderia saber, pelo amor de Deus? E que diferença faria? Passou a mão com força pelo rosto, tentando pensar. Haviam levado sua adaga, é claro. Ele tinha uma sgiandhu dentro da meia, mas duvidava que sua lâmina de sete centímetros seria de muita ajuda na presente situação.

— Você tem alguma arma, Ian? Não trouxe seu arco com você, não é? Ian sacudiu a cabeça pesarosamente. Ele fora se postar ao lado de Jamie, na entrada do barracão, e a lua mostrava a ânsia ardente em seu rosto enquanto ele observava o navio.

— Tenho duas boas facas, uma adaga e uma pistola. Tem o meu rifle, mas o deixei com o cavalo. — Sacudiu a cabeça indicando a linha escura da floresta distante. — Devo ir buscá-la? Podem me ver.

Jamie pensou por um instante, tamborilando os dedos no batente da porta até a dor no dedo quebrado o fazer parar. A ânsia de ficar à espreita, à espera de Bonnet, e pegá-lo era uma necessidade física; ele compreendia a ânsia de Ian, e compartilhava dela. Mas sua mente racional estava ocupada avaliando as chances e ele insistia em apresentá-las, por menos que sua parte vingativamente animal quisesse considerá-las.

Ainda não havia nenhum sinal de um barco vindo do navio na direção da praia. Sempre presumindo que o barco ao largo seria realmente de Bonnet — e disso eles não tinham certeza — poderiam ainda se passar horas até alguém vir pegá-lo. E quando o fizessem, quais as chances de que o próprio Bonnet viesse? Ele era o



capitão do navio; ele viria pessoalmente em uma missão como essa, ou enviaria seus subordinados? Com um rifle, se Bonnet estivesse no barco, Jamie apostaria qualquer valor de que seria capaz de acertar o sujeito em uma emboscada. Se ele estivesse no barco. Se fosse possível reconhecê-lo no escuro. E ainda que pudesse atingi-lo, poderia não conseguir matá-lo.

Mas se Bonnet não estivesse no barco... então, seria o caso de esperar até o barco se aproximar bastante, subir a bordo e dominar quem quer que estivesse lá — quantos viriam em uma missão como essa? Dois, três, quatro? Poderiam ser todos eles mortos ou incapacitados, e depois seria uma questão de remar o maldito barco até o navio — onde todos a bordo teriam sem dúvida notado o tumulto ocorrido na praia, e se preparado para afundar o barco com um tiro de canhão ou esperar até eles abordarem o navio e então os fazer voar do parapeito com armas pequenas, como um alvo fácil.

E caso conseguissem de alguma forma subir a bordo sem serem notados — revistar o navio à cata do próprio Bonnet, caçá-lo e matá-lo, sem atrair a indesejada atenção da tripulação...

Essa laboriosa análise percorreu sua mente no espaço de tempo que ele levou para respirar uma vez, e foi rapidamente descartada. Se eles fossem capturados ou mortos, Claire ficaria sozinha e indefesa. Não podia correr esse risco. Ainda assim, pensou, tentando se consolar. Ele poderia encontrar Forbes — e o faria, quando chegasse a hora.

— Sim, muito bem, então — ele disse, virando-se com um suspiro. — Você só tem um cavalo, Ian? — Sim — Ian disse com um suspiro semelhante. — Mas sei onde talvez possamos roubar outro.

*AMANUENSE*

Dois dias se passaram. Dias quentes, úmidos, na escuridão abafada; eu podia sentir diversos tipos de mofo, fungos e podridão tentando se instalar nas dobras da minha pele — sem falar nas onipresentes e onívoras baratas, que pareciam dispostas a mordiscar minhas sobrançelas assim que a luz era apagada. O couro dos meus sapatos estava pegajoso e mole, meus cabelos pendiam sujos e sem vida e, como Sadie Ferguson, comecei a passar a maior parte do tempo de combinação.

Quando a sra. Tolliver apareceu e nos mandou ir ajudar na lavagem de roupas, abandonamos o mais recente jogo de Ico — ela estava vencendo — e quase nos atropelamos, na pressa de obedecer à ordem.

Estava muito mais quente no pátio, com o fogo para a fervura das roupas rugindo e tão úmido quanto na cela, com as espessas nuvens de vapor subindo do enorme caldeirão de roupas e grudando mechas de cabelos em nossos rostos. Com nossa combinação já grudada no corpo, o linho sujo quase transparente de suor — a lavagem de roupas era trabalho pesado. No entanto, não havia insetos e, se o sol brilhava a ponto de cegar, forte o suficiente para deixar meus braços e meu nariz vermelhos... bem, ao menos ele brilhava e isso era uma bênção que devíamos agradecer.

Perguntei à sra. Tolliver sobre minha ex-paciente e seu filho, mas ela meramente pressionou os lábios com força e sacudiu a cabeça, parecendo perturbada e severa. O xerife estivera ausente na noite anterior; não se ouviu nenhum barulho de sua voz estrondosa na cozinha. E pelo aspecto esverdeado da própria Maisie Tolliver, diagnostiquei uma noite longa e solitária com a garrafa de gim, seguida de um horrível despertar.

— Vai se sentir muito melhor se for se sentar à sombra e tomar pequenos goles de... água — eu disse. — Muita água. — Chá ou café seria melhor, mas tais substâncias eram mais valiosas do que ouro na colônia, e eu duvidava de que a mulher de um xerife tivesse algum. — Se tiver um pouco de ipecacuanha... ou talvez de hortelã...

— Obrigada por sua valiosa opinião, sra. Fraser! — ela retrucou rispidamente, embora cambaleasse um pouco e suas faces estivessem pálidas e brilhantes de suor.

Dei de ombros e voltei minha atenção para a tarefa de levantar um monte de roupas encharcadas e fumegantes da imunda água de sabão com uma pá de lavanderia, de um metro e meio, de madeira tão polida pelo uso que minhas mãos suadas escorregavam na superfície lisa.

Penosamente, conseguimos lavar, enxaguar, torcer e pendurar em um varal o lote de roupas escaldantes, depois desmoronamos, arquejantes, na estreita faixa de sombra ao lado da casa, e nos revezamos passando de uma para a outra um grande caneco de lata, tomando grandes goles de água morna do balde do poço. A sra. Tolliver, deixando de lado sua elevada posição social, sentou-se, também, de repente.

Virei-me para oferecer-lhe a caneca, a tempo de ver seus olhos se revirarem para trás em sua cabeça. Ela mais se dissolveu para trás do que caiu, desfazendo-se lentamente em um monte úmido de pano de algodão xadrez.

— Ela está morta? — Sadie Ferguson perguntou com interesse.

Olhou de um lado para o outro, obviamente avaliando as chances de fuga.

— Não. Uma forte ressaca, provavelmente agravada por uma leve insolação. — Tomei seu pulso, que estava fraco e acelerado, mas bastante regular. Eu mesma debatia a conveniência ou não de abandonar a sra. Tolliver aos perigos de aspirar seu próprio vômito e fugir, mesmo descalça e de combinação, mas fui interrompida por vozes masculinas que vinham do outro lado da casa.

Dois homens — um deles era o policial de Tolliver, que eu vira rapidamente quando os homens de Brown me entregaram na cadeia. O outro era um estranho, muito bem-vestido, com botões de prata no casaco e um colete de seda, prejudicado pelas manchas de suor. Esse cavalheiro, um tipo corpulento de cerca de quarenta anos, franziu a testa diante da cena de dissipação à sua frente.

— Estas são as prisioneiras? — ele perguntou, em tom de asco.

— Sim, senhor — o policial respondeu. — As duas de combinação. A outra é a mulher do xerife.

As narinas de Botões de Prata contraíram-se brevemente ao receber tal informação, depois se alargaram.

— Qual é a parteira?

— Sou eu — disse, endireitando-me e tentando exibir um ar digno. — Sou a sra. Fraser.

— É você — ele disse, o tom de voz indicando que eu poderia ter dito que era a rainha Charlotte, no que lhe dizia respeito. Olhou-me de cima a baixo com ar de menosprezo, sacudiu a cabeça, depois se virou para o policial suado.

— De que ela é acusada?

O policial, um rapaz meio obtuso, franziu os lábios, olhando em dúvida de uma para a outra.

— Ahh... bem, uma delas é uma falsificadora, a outra é uma assassina Mas qual é qual...

— Eu sou a assassina — Sadie disse corajosamente, acrescentando com lealdade: — Ela é uma parteira excelente! — Olhei para ela surpresa, mas ela sacudiu ligeiramente a cabeça e cerrou os lábios com força, me intimando a ficar calada.

— Oh. Humm. Está bem, então. Tem um vestido... senhora? — Diante do meu aceno de cabeça, ele disse secamente: — Vista-se. — Em seguida, virou-se para o policial, tirando um amplo lenço de seda do bolso, com o qual enxugou seu rosto largo e rosado. — Eu a levarei, então. Diga ao sr. Tolliver.

— Direi, senhor — o policial assegurou-lhe, com uma ligeira mesura.

Ele olhou para a inconsciente sra. Tolliver, depois franziu a testa para Sadie.

— Você, aí. Leve-a para dentro e cuide dela. Ande!

— Oh, sim, senhor — Sadie disse e, com ar sério e usando o dedo indicador, empurrou para cima os óculos embaçados de vapor. — Agora mesmo, senhor! Não tive nenhuma chance de falar com Sadie e mal tive tempo de me enfiar no meu dilapidado vestido e espartilhos, e agarrar minha bolsinha, antes de ser escoltada até uma carruagem — ela própria um tanto dilapidada, mas outrora de boa qualidade.

— Poderia me dizer quem é e para onde está me levando? — perguntei, depois de termos chocalhado por dois ou três cruzamentos, meu acompanhante olhando para fora da janela com uma carranca distraída.

Minha pergunta o despertou e ele pestanejou para mim, somente então parecendo perceber que eu não era de fato um objeto inanimado.

— Oh, perdão, madame. Estamos indo ao Palácio do Governo. A senhora não tem uma touca? — Não.

Ele fez uma careta, como se não esperasse outra coisa, e retomou seus pensamentos particulares.

Haviam terminado o prédio, que por sinal estava muito bonito.

William Tryon, o governador anterior, construía o Palácio do Governo, mas fora mandado para Nova York antes de a obra terminar. Agora, o enorme edifício de tijolos, com suas graciosas alas espaiadas, estava pronto, até mesmo os gramados e canteiros de heras que ladeavam o caminho de entrada, embora as árvores majestosas que por fim iriam circundá-lo ainda não passassem de pequenas mudas. A carruagem parou no caminho, mas nós, é claro, não entramos pela imponente entrada da frente. Em vez disso, demos a volta apressadamente para os fundos da casa e descemos as escadas para as dependências dos criados no subsolo.

Ali, fui empurrada para um quarto de empregada, entregaram-me um pente, bacia e jarro d'água, e uma touca emprestada, instando-me a me fazer mais apresentável o mais rápido possível.

Meu guia — seu nome era sr. Webb, como fiquei sabendo pelo cumprimento respeitoso da cozinheira — esperava com óbvia impaciência enquanto eu fazia rápidas abluções, depois segurou meu braço com força e me empurrou escadas acima. Subimos por uma escada estreita nos fundos da casa para o segundo andar, onde uma criada muito jovem e com ar assustado nos esperava.

— Oh, o senhor veio, finalmente! — Inclinou-se em uma mesura para o sr. Webb, lançando-me um olhar de curiosidade. — Esta é a parteira? — Sim. Sra. Fraser. Dilman. — Ele balançou a cabeça indicando a jovem e dando apenas o seu sobrenome, a moda inglesa para criadas domésticas. Ela, por sua vez, fez uma mesura para mim, depois fez sinal para que eu a seguisse em direção a uma porta, aberta de par em par.

O quarto era espaçoso e bonito, mobiliado com uma cama de dossel, uma cômoda de nogueira, armário e poltrona, embora o ar de elegante refinamento estivesse um pouco prejudicado por um monte de roupas para remendar, um cesto de costura caindo aos pedaços, virado, os novelos derramados, e um cesto de brinquedos infantis. Na cama, havia um enorme monturo que — segundo todas as evidências — imaginei que deveria ser a sra. Martin, a mulher do governador.

Isso se confirmou quando Dilman fez nova medida, murmurando meu nome para ela. Ela era redonda — muito redonda, devido ao avançado estado de gravidez — com um nariz pequeno e arrebitado, e uma maneira míope de espreitar que me fez lembrar irresistivelmente da sra. Tiggy-Winkle, de Beatrix Potter. Em termos de personalidade, nem tanto.

— Quem diabos é esta? — ela perguntou, enfiando uma cabeça desgrenhada, de touca, para fora das cobertas.

— Parteira, madame — Dilman disse, inclinando-se outra vez. — Dormiu bem, madame? — Claro que não — a sra. Martin disse irritadamente. — Esta criança desgraçada quicou meu fígado até ficar preto e azul, vomitei a noite toda, encharquei os lençóis de suor e tenho uma tremedeira de cão.

Disseram-me que não se conseguia encontrar nenhuma parteira no condado. — Lançou-me um olhar dispéptico. — Onde você descobriu esta pessoa? Na prisão local? — Na verdade, sim — eu disse, tirando minha bolsa do ombro. — De quantos meses está, há quanto tempo se sente doente e quando foi a última vez que evacuou? Ela pareceu um pouco mais interessada e abanou a mão, dispensando Dilman.

— Como é mesmo o seu nome? — Fraser. Está experimentando algum sintoma de parto prematuro? Cãibras? Sangramento? Dores intermitentes nas costas? Ela lançou-me um olhar de esguelha, mas começou a responder as minhas perguntas.

Através das quais, com o tempo, consegui por fim diagnosticar um caso agudo de intoxicação alimentar, provavelmente causada por uma sobra de torta de ostra, consumida — com muitos outros petiscos — em um ataque de fome induzida pela gravidez no dia anterior.

— Não tenho sezão? — Colocou para dentro a língua que permitira que eu examinasse, franzindo a testa.

— Não, não tem. Pelo menos, ainda não — a franqueza me impeliu a acrescentar. Não era de admirar que achasse que tinha; eu soubera, durante o exame, que um tipo de febre particularmente virulenta estava grassando pela cidade... e no palácio. A secretária do governador morrera disso há dois dias e Dilman era a única criada no andar de cima ainda em pé.

Eu a tirei da cama e ajudei-a a se sentar na poltrona, onde ela se deixou afundar, parecendo um bolo de creme achatado. O quarto estava quente e abafado, e eu abri a janela na esperança de uma brisa.

— Pelo amor de Deus, sra. Fraser, pretende me matar? — Ela agarrou seu roupão com força ao redor da barriga, encolhendo os ombros como se eu tivesse deixado entrar uma uivante nevasca.

— Provavelmente, não.

— Mas o miasma! — Abanou a mão para a janela, escandalizada. Para dizer a verdade, os mosquitos eram um perigo real. Mas ainda faltavam várias horas para o pôr do sol, quando eles começam a se levantar.

— Logo vamos fechá-la outra vez. Por enquanto, você precisa de ar.

E provavelmente alguma coisa leve. Acha que conseguiria comer um pouco de torrada simples? Ela ficou pensativa, tentando sentir os cantos da boca com a ponta da língua.

— Talvez — decidiu. — E uma xícara de chá. Dilman! Depois que Dilman saiu para ir buscar chá com torradas — há quanto



tempo eu havia sequer visto chá verdadeiro? sentei-me para fazer um exame médico mais completo.

Quantas gestações anteriores? Seis, mas uma sombra atravessou suas feições e eu a vi olhar involuntariamente para um boneco de madeira, jogado perto da lareira.

— Seus filhos estão no palácio? — perguntei, curiosa. Eu não ouvira nenhum sinal de criança e mesmo em um lugar do tamanho do palácio seria difícil esconder seis de uma vez.

— Não — ela disse com um suspiro, e colocou as mãos na barriga, segurando-a quase distraidamente. — Enviamos as meninas para a casa de minha irmã em Nova Jersey, há algumas semanas.

Mais algumas perguntas e o chá com torradas chegou. Eu deixei que ela comesse em paz e fui sacudir as roupas de cama úmidas e amarrotadas.

— É verdade? — a sra. Martin perguntou repentinamente, surpreendendo-me.

— O quê? — Dizem que você assassinou a jovem amante grávida de seu marido e cortou o bebê para fora do útero. É verdade? Coloquei a base de minha mão contra a testa e pressionei, cerrando os olhos. Como foi que ela ficou sabendo disso? Quando achei que conseguiria falar, abaixei a mão e abri os olhos.

— Ela não era amante dele e eu não a matei. Quanto ao resto... sim, fiz — eu disse, o mais calmamente possível.

Ela me fitou por um instante, a boca aberta. Em seguida, fechou-a com um estalo e cruzou os braços sobre a barriga.

— Confiar em George Webb para me arranjar uma parteira adequada! — ela disse, e para minha grande surpresa, desatou a rir.

— Ele não sabe, não é? — Presumo que não — eu disse, secamente.

— Eu não contei a ele.

Quem contou a você? — Oh, você é bem famosa, sra. Fraser — assegurou-me. — Todo mundo só fala nisso. George não tem

tempo para mexericos, mas até mesmo ele deve ter ouvido falar. Mas ele nunca se lembra de nomes. Eu me lembro.

Um pouco de cor voltava às suas faces. Ela mordiscou a torrada outra vez, mastigou e engoliu cuidadosamente.

— Mas eu não tinha certeza de que era você — ela admitiu. — Não até perguntar. — Fechou os olhos, fazendo uma careta, em dúvida, mas era evidente que a torrada chegara ao fundo, pois ela abriu-os e voltou a morder a torrada.

— Então, agora que você realmente sabe...? — perguntei delicadamente.

— Não sei. Nunca conheci uma assassina antes. — Engoliu o último pedacinho de torrada e lambeu as pontas dos dedos antes de limpá-los no guardanapo.

— Eu não sou uma assassina — eu disse.

— Bem, é claro que você diria isso — ela concordou. Pegou a xícara de chá, inspecionando-me acima dela com interesse. — Você não parece depravada, embora eu deva dizer que também não parece respeitável. — Ela ergueu a xícara aromática e bebeu, com um ar de êxtase que me deixou consciente de que não comera nada desde a parca tigela de mingau sem sal e sem manteiga fornecida como café da manhã pela sra. Tolliver.

— Vou ter que pensar sobre isso — a sra. Martin disse, abaixando a xícara no pires com um estalido. — Leve isso de volta para a cozinha — ela disse abanando a mão para a bandeja — e mande me trazer um pouco de sopa e talvez alguns sanduíches. Acho que meu apetite voltou! Bem, e agora? Eu fora tão rapidamente deslocada de uma cadeia para um palácio que me sentia como um marinheiro passado à terra firme após meses no mar, zozzo e oscilante. Desci obedientemente para a cozinha, como fora instruída, consegui uma bandeja — com uma tigela de sopa deliciosamente fragrante — e a levei de volta para a sra. Martin, andando como um autômato. Quando ela finalmente me

dispensou, meu cérebro começara a funcionar outra vez, ainda que não em sua capacidade máxima.

Eu estava em New Bern. E, graças a Deus e a Sadie Ferguson, longe da incômoda prisão do xerife Tolliver. Fergus e Marsali estavam em New Bern. Por conseguinte, a óbvia — na verdade, a única — atitude a tomar era logicamente fugir e encontrá-los. Poderiam me ajudar a encontrar Jamie. Eu me agarrava firmemente à promessa de Tom Christie de que Jamie não estava morto e à ideia de que seria possível encontrá-lo, porque nada mais seria tolerável.

Fugir do Palácio do Governo, entretanto, mostrou-se mais difícil do que eu havia previsto. Havia guardas postados em todas as portas e minha tentativa de convencer um deles a me deixar passar fracassou inteiramente, levando à aparição abrupta do sr. Webb, que me pegou pelo braço e me escoltou com firmeza escada acima, para um sótão quente e abafado, onde me trancafiou.

Era melhor do que a cela na cadeia, mas isso era tudo que se podia dizer a seu favor. Havia um catre, um urinol, uma bacia, uma jarra d'água e uma cômoda com gavetas, a última contendo algumas poucas peças de roupa. O quarto mostrava sinais de ocupação recente — mas não imediatamente recentes. Uma película fina de poeira de verão cobria tudo e embora a jarra estivesse cheia de água, obviamente já estava lá havia algum tempo; várias mariposas e outros pequenos insetos haviam se afogado nela e uma película da mesma poeira fina flutuava na superfície.

Havia também uma pequena janela, firmemente fechada, mas com muitas batidas e empurrões consegui abri-la, e enchi os pulmões com uma inebriante baforada de ar quente e úmido.

Despi-me, retirei os insetos mortos da água e me lavei, uma experiência deliciosa que me fez sentir imensamente melhor, após a última semana de pura imundície e suor. Após um instante de hesitação, resolvi pegar uma combinação de linho usada da gaveta

da cômoda, incapaz de suportar a ideia de vestir novamente minha própria combinação imunda e suada.

Era o máximo que eu poderia conseguir sem sabonete ou xampu, mas mesmo assim senti-me muito melhor, e fiquei parada à janela, penteando meus cabelos molhados — havia um pente de madeira na cômoda, embora nenhum espelho — e analisando o que podia ver do meu posto.

Havia mais guardas, posicionados em toda a orla da propriedade. Isso seria normal?, me perguntei. Achei que provavelmente não era; pareciam inquietos e muito alertas. Vi um deles interpelar um homem que se aproximara do portão, segurando sua arma de uma maneira um tanto beligerante. O homem pareceu assustado e recuou, depois se virou e se afastou rapidamente, olhando para trás enquanto corria.

Havia muitos guardas uniformizados — achei que talvez fossem fuzileiros navais, embora eu não estivesse suficientemente familiarizada com uniformes para ter certeza — amontoados ao redor de seis canhões, estes situados numa leve rampa na frente do palácio, dominando a cidade e o porto.

Havia dois homens sem uniforme entre eles; inclinando-me um pouco para fora, divisei a figura alta e corpulenta do sr. Webb, e a de um homem mais baixo ao seu lado. O homem mais baixo andava devagar ao longo da fileira de canhões, as mãos entrelaçadas às costas, sob as abas de sua casaca, e os fuzileiros navais, ou quem quer que fossem, o saudavam.

O meu palpite, então, é que aquele era o governador Josiah Martin.

Observei por mais algum tempo, mas nada de interessante aconteceu e eu me vi de repente dominada por um sono repentino, vencida pela tensão do último mês e pelo ar quente e parado que parecia me pressionar para baixo como a mão de alguém.

Estendi-me no catre com minha combinação emprestada e adormeci instantaneamente.

Dormi até o meio da noite, quando fui novamente chamada para cuidar da sra. Martin, que parecia estar tendo uma recaída de suas dificuldades digestivas. Um homem ligeiramente rechonchudo, de nariz comprido, em sua touca e camisa de dormir, espreitou na porta com uma vela, parecendo preocupado; imaginei que fosse o governador. Olhou severamente para mim, mas não fez nenhuma menção de interferir, e eu não tive tempo de prestar muita atenção nele. Quando a crise passou, o governador — e de fato era ele — já havia desaparecido. Com a paciente agora adormecida, deitei-me como um cachorro no tapete ao lado de sua cama, com uma anágua dobrada como travesseiro, e voltei a dormir.

Já era pleno dia quando acordei outra vez, e o fogo já se extinguiu. A sra. Martin estava fora da cama, gritando irritadamente para o corredor, chamando Dilman.

— Garota desgraçada — ela disse, voltando enquanto eu me levantava desajeitadamente. — Imagino que esteja com maleita, como todo o resto. Ou que tenha fugido.

Eu percebi que, embora vários criados estivessem de cama com febre, muitos dos outros haviam simplesmente fugido, por medo de contágio.

— Tem absoluta certeza de que eu não peguei a febre terçã, sra. Fraser? — A sra. Martin estreitou os olhos para seu reflexo no espelho, colocando a língua para fora e examinando-a criticamente. — Eu realmente acho que estou amarela.

Na verdade, sua compleição era de um suave rosado inglês, embora um pouco pálida pelos constantes vômitos.

— Mantenha-se longe dos bolos com creme e das tortas de ostra no tempo quente, não coma nada maior do que sua cabeça de uma só vez e ficará perfeitamente bem — eu disse, reprimindo um bocejo. Vi meu próprio reflexo no espelho, por cima do ombro dela

e estremeci. Eu estava quase tão pálida quanto ela, com olheiras sob os olhos, e meus cabelos... bem, estavam quase limpos, isso era tudo que podia ser dito em seu favor.

— Eu devia ser sangrada — a sra. Martin declarou. — Esse é o tratamento adequado para pletora. O querido dr. Sibelius sempre diz isso.

Três ou quatro porções, talvez, seguido de um purgante. O dr. Sibelius diz que acha que o purgante responde bem nesses casos. — Dirigiu-se a uma poltrona e reclinou-se, a barriga volumosa sob o roupão. Ela puxou a manga do roupão para cima, estendendo o braço langorosamente. — Há uma lanceta e uma tigela na gaveta de cima à esquerda, sra. Fraser. Poderia me fazer o favor? A simples ideia de realizar uma sangria logo de manhã foi suficiente para fazer com que eu também tivesse vontade de vomitar. Quanto ao purgante do dr. Sibelius, era láudano — uma tintura alcoólica de ópio, e não era meu tratamento preferido para uma mulher grávida.

A subsequente discussão áspera sobre as virtudes da sangria — e eu comecei a pensar, pelo brilho de expectativa em seus olhos, que a emoção de ter a veia aberta por uma assassina era o que ela realmente queria — foi interrompida pela entrada, sem a menor cerimônia, do sr. Webb.

— Eu a incomodo, madame? Minhas desculpas. — Fez uma reverência superficial para a sra. Martin, em seguida voltou-se para mim.

— Você, coloque sua touca e venha comigo.

Obedeci sem protestar, deixando a sra. Martin indignadamente sem a sua perfuração.

Desta vez, Webb me fez descer pela lustrosa escada da frente e entrar em um aposento amplo, elegante, com as paredes cobertas de livros. O governador, agora adequadamente bem-vestido, usando peruca e talco, estava sentado atrás de uma

escrivaninha transbordando de papéis, pastas de arquivos, penas de escrever espalhadas, mata-borrões, frascos de areia, cera para selos e todos os demais apetrechos de um burocrata do século XVIII. Ele parecia afogueado, aborrecido e tão indignado quanto sua mulher.

— O que é isto, Webb? — ele perguntou, franzindo o cenho para mim. — Eu preciso de uma secretária e você me traz uma parteira? — Ela é uma falsificadora — Webb disse corajosamente. Isso fez cessar qualquer queixa que o governador pensava em apresentar. Ele parou, a boca ligeiramente aberta, ainda com a testa franzida para mim.

— Oh — ele disse, em um tom de voz alterado. — Deveras!

— Acusada de falsificação — eu disse educadamente. — Não fui julgada, muito menos condenada.

As sobrancelhas do governador levantaram-se, ao ouvir meu educado sotaque.

— Deveras! — ele repetiu, mais devagar. Olhou-me de cima a baixo, apertando os olhos, em dúvida. — Onde você foi arranjà-la, Webb?

— Na cadeia. — Webb lançou-me um olhar indiferente, como se eu pudesse ser um mero, porém útil, item do mobiliário, como um urinol. — Quando andei perguntando sobre uma parteira, alguém me disse que esta mulher fizera prodígios com uma escrava, outra prisioneira, com um parto difícil. E como a questão era urgente e não havia nenhuma outra mulher hábil... — Ele deu de ombros, com uma leve careta.

— Hummmm. — O governador retirou um lenço da manga e enxugou delicadamente a papada sob o queixo. — Tem uma boa caligrafia? Imagino que seria uma péssima falsificadora se não tivesse, mas me contentei em dizer que sim. Felizmente, era verdade; em minha própria época, eu rabiscava receitas com canetas esferográficas, mas agora eu havia me treinado a escrever com clareza com uma pena, de modo que meus registros médicos e

as anotações de casos pudessem ser legíveis, em benefício de quem quer que os lesse depois de mim. Mais uma vez, senti uma dolorosa pontada à lembrança de Malva — mas não havia tempo para pensar nela.

Ainda me examinando especulativamente, o governador balançou a cabeça para uma cadeira de espaldar reto e uma mesinha em um dos lados do aposento.

— Sente-se. — Ele se levantou, remexeu nos papéis em sua escrivaninha e colocou um diante de mim. — Deixe-me ver se consegue fazer uma boa cópia disto, por favor.

Era uma carta breve para o Conselho Real, delineando as preocupações do governador com relação às recentes ameaças àquela instituição e adiando a próxima reunião marcada do conselho. Escolhi uma pena do pote de vidro lapidado sobre a escrivaninha, peguei um canivete de prata ao lado, aparei a ponta da pena de escrever segundo o meu gosto, destampeei o tinteiro e comecei a fazer a cópia, profundamente consciente do escrutínio dos dois homens.

Eu não sabia por quanto tempo minha impostura se sustentaria — a mulher do governador poderia destruir a farsa a qualquer momento — mas por enquanto, achei que eu provavelmente teria uma chance melhor de fuga como acusada de falsificação do que como acusada de assassinato.

O governador pegou minha cópia terminada, examinou-a e colocou-a sobre a escrivaninha com um pequeno resmungo de satisfação.

— Muito bom — ele disse. — Faça mais oito cópias dessa e depois pode continuar com estas. — Virando-se para sua própria escrivaninha, ajuntou um maço de correspondências e o depositou diante de mim.

Os dois homens — eu não fazia a menor ideia do cargo de Webb, mas certamente era amigo íntimo do governador —



retornaram a uma discussão sobre assuntos atuais, ignorando-me completamente.

Continuei mecanicamente a tarefa que me foi designada, achando relaxante o arranhar da pena, o ritual de espalhar areia, secar, sacudir.

Copiar era uma atividade que ocupava uma parte muito pequena da minha mente; o resto estava livre para se preocupar com Jamie e pensar em encontrar a melhor maneira de fugir.

Eu poderia — e certamente deveria — pedir licença após alguns instantes para ir ver como estava a sra. Martin. Se eu pudesse conseguir fazê-lo sem escolta, teria alguns minutos de liberdade não vigiada, durante os quais poderia correr furtivamente para a saída mais próxima. Até o momento, entretanto, toda porta que eu vira estava guardada. O Palácio do governador tinha uma despensa muito bem abastecida de ervas medicinais; seria difícil inventar uma necessidade de alguma coisa do boticário — e mesmo assim era improvável que me deixassem ir sozinha buscá-la.

O melhor parecia ser esperar anoitecer; ao menos, se eu conseguisse sair do palácio, teria várias horas até minha ausência ser notada. Mas se me trancassem no sótão outra vez...

Continuei escrevendo persistentemente, ponderando vários planos insatisfatórios e tentando com todas as forças não visualizar o corpo de Jamie girando lentamente ao vento, pendurado de uma árvore em algum recôncavo solitário. Christie me dera sua palavra; eu me agarrava a isso, não tendo nada mais a que me agarrar.

Webb e o governador falavam baixinho, mas sua conversa girava em torno de assuntos dos quais eu não fazia a menor ideia e, na maior parte do tempo, banhava-me como o som do mar, sem sentido e calmante. Após algum tempo, entretanto, Webb se aproximou para me instruir no modo de selar e endereçar as cartas a serem enviadas. Pensei em perguntar por que ele próprio não

auxiliava nesta emergência burocrática, mas depois vi suas mãos — ambas muito retorcidas de artrite.

— Sua caligrafia é muito bonita, sra. Fraser — ele endireitou-se o suficiente para dizer, em determinado momento, e me deu um sorriso breve e frio. — É uma pena que você seja a falsificadora, e não a assassina.

— Por quê? — perguntei, um pouco espantada.

— Ora, obviamente você é uma pessoa instruída — ele disse, surpreso, por sua vez, com meu espanto. — Se condenada por assassinato, poderia apelar para o direito de foro privilegiado, pelo qual os criminosos alfabetizados são tratados como membros do clero e conseguem se safar apenas com açoite público e marca na face. Falsificação, entretanto... — Ele sacudiu a cabeça, enrugando os lábios. — Crime capital, não há perdão possível. Se condenada por falsificação, sra. Fraser, receio que tenha que ser enforcada.

Meus sentimentos de gratidão em relação a Sadie Ferguson sofreram uma brusca reavaliação.

— De fato — eu disse o mais friamente possível, embora meu coração tivesse dado um salto convulsivo e agora tentasse sair do meu peito. — Bem, vamos esperar que a justiça seja feita então, e eu seja libertada, certo? Ele fez um som engasgado, que achei ser uma risada reprimida.

— Claro. Ao menos, para o bem do governador.

Depois disso, retomamos o trabalho silenciosamente. O relógio dourado atrás de mim bateu o meio-dia e, como se convocado pelo som, um criado, que achei ser o mordomo, entrou para perguntar se o governador receberia uma delegação de cidadãos locais.

O governador apertou um pouco os lábios, mas assentiu, resignado, e um grupo de seis ou sete homens entrou, todos em

seus melhores casacos, mas obviamente comerciantes, e não mercadores ou advogados. Não reconheci nenhum, graças a Deus.

— Nós viemos, senhor — disse um deles, que se apresentou como George Herbert —, para perguntar sobre essa movimentação dos canhões.

Webb, sentado ao meu lado, retesou-se um pouco, mas o governador pareceu estar preparado para a pergunta.

— Os canhões? — ele disse, com toda evidência de uma inocente surpresa. — Ora... os suportes estão sendo consertados. Vamos disparar uma salva real, como sempre, em homenagem ao aniversário da rainha, no final do mês. Mas ao fazermos uma inspeção dos canhões como preparação para isso, descobriu-se que a madeira das carretas de munição havia apodrecido em diversos pontos. Disparar os canhões, obviamente, é impossível, até que os reparos tenham sido efetuados. Gostariam de inspecionar os suportes pessoalmente senhores? Ele ergueu-se parcialmente de sua cadeira ao dizer isso, como se fosse escoltá-los pessoalmente até lá fora, mas falou em um tom de tanta ironia que eles enrubesceram, murmurando recusas.

Houve mais umas trocas de palavras, em nome da cortesia, depois a delegação partiu, demonstrando apenas um pouco menos de desconfiança do que aquela com que haviam entrado. Webb fechou os olhos e bufou de alívio, quando a porta se fechou atrás deles.

— Desgraçados — disse o governador baixinho. Achei que ele não pretendia ser ouvido e fingi que não ouvira, ocupando-me com os documentos e mantendo a cabeça baixa.

Webb levantou-se e dirigiu-se à janela que dava para o gramado, provavelmente para se certificar de que os canhões estivessem onde ele achava que deveriam estar. Esticando um pouco o pescoço, pude ver além dele; de fato, os seis canhões

havam sido retirados de seus suportes e depositados no gramado, inofensivos troncos de bronze.

Pela conversa subsequente, apimentada com fortes observações referentes a miseráveis rebeldes que tinham a ousadia de questionar um governador real como se ele fosse um engraxate, pelo amor de Deus! — compreendi que na realidade os canhões haviam sido removidos por causa de um temor muito real de que os cidadãos pudessem se apoderar deles e voltá-los para o próprio palácio.

Percebi, de repente, ouvindo tudo isso, que o descontentamento geral tinha se agravado ainda mais e avançava mais rápido do que eu esperava.

Era meado de julho, mas de 1775 — quase um ano antes de que uma versão maior e mais contundente da Declaração de Mecklenberg desabrochasse em uma declaração oficial de independência das colônias unidas. Entretanto, ali estava o governador real obviamente temeroso de uma revolta declarada.

Se o que nós havíamos visto em nossa viagem para o sul desde Ridge não fosse suficiente para me convencer de que a guerra estava próxima, um dia com o governador Martin não deixava nenhuma dúvida.



Eu realmente me levantei à tarde — mas acompanhada do vigilante Webb — para verificar o estado de minha paciente e fazer perguntas a mais alguém que pudesse estar doente. A sra. Martin estava apática e deprimida, queixando-se do calor e do maldito clima pestilento, reclamando da falta de suas filhas e sofrendo gravemente de falta de serviços pessoais, tendo sido obrigada a

escovar os próprios cabelos na ausência de Dilman, que havia desaparecido.

No entanto, ela gozava de boa saúde, como pude informar o governador, que me perguntou sobre isso quando retornei.

— Acha que ela aguentaria uma viagem? — ele perguntou, franzindo um pouco a testa.

Refleti por um instante, depois balancei a cabeça.

— Creio que sim. Ela ainda está um pouco instável por causa do distúrbio digestivo, mas deverá estar perfeitamente bem até amanhã. Não vejo nenhuma dificuldade com a gravidez. Digame, ela já teve algum problema em partos anteriores? O rosto do governador ficou vermelho, mas ele sacudiu a cabeça.

— Muito obrigada, sra. Fraser — ele disse, com uma leve inclinação da cabeça. — Com licença, George, preciso ir falar com Betsy.

— Ele está pensando em mandar a mulher para longe? — perguntei a Webb, no rastro da partida do governador. Apesar do calor, um pequeno desfalecimento de inquietação agitou-se sob minha pele.

Ao menos desta vez, Webb parecia bastante humano; franzia a testa na direção em que o governador saía e balançou a cabeça distraidamente.

— Ele tem família em Nova York e em Nova Jersey. Ela estará segura lá, com as meninas. Suas três filhas — ele explicou, observando meu olhar.

— Três? Ela disse que teve seis... ah. — Ela disse que dera à luz seis crianças, não que tivesse seis filhos vivos.

— Eles perderam três meninos para as febres aqui — Webb disse, ainda olhando para onde seu amigo saía. Sacudiu a cabeça, suspirando. — Não tem sido um lugar feliz para eles.

Pareceu, então, se recobrar, e o homem desapareceu de novo por trás da máscara do burocrata frio. Entregou-me outro maço de

papéis e saiu, sem se dar ao trabalho de fazer uma mesura.



### *PERSONIFICANDO UMA DAMA*

Jantei sozinha no meu quarto; a cozinha parecia ainda estar funcionando, ao menos, embora o ambiente de desordem na casa fosse palpável. Eu podia sentir o nervosismo, beirando o pânico — e achei que não era medo de febre ou maleita que fizera com que os criados fossem embora, mas provavelmente aquela sensação de autopreservação que faz os ratos fugirem de um navio que está indo a pique.

Da minha minúscula janela, podia ver uma pequena parte da cidade, aparentemente serena na penumbra do crepúsculo. A luz ali era muito diferente do que era nas montanhas — uma luz sem dimensões, sem brilho, que desenhava as casas e os barcos de pesca no porto com clareza e nitidez, mas que se desbotava em uma névoa que encobria completamente a margem oposta, de modo que eu olhava da vista imediata para o infinito sem traços distintos.

Afastei o pensamento e tirei do bolso o tinteiro, a pena de escrever e o papel que pegara na biblioteca anteriormente. Eu não sabia se ou como eu poderia enviar um bilhete para fora do palácio, mas eu ainda tinha um pouco de dinheiro e se a oportunidade surgisse...

Escrevi rapidamente para Fergus e Marsali, contando-lhes em poucas palavras o que acontecera, instando Fergus a perguntar por Jamie em Brunswick e Wilmington.

Eu achava que, se Jamie estivesse vivo, o mais provável é que estivesse na cadeia de Wilmington. Brunswick era um povoado pequeno, dominado pela presença altaneira do Fort Johnston, uma construção de toras de madeira, mas o forte era uma guarnição de milícia; não haveria nenhuma boa razão para levarem Jamie para lá — embora, se o tivessem feito... o forte estava sob o comando de um capitão Collet, um emigrante suíço que o conhecia. Ao menos, ele estaria a salvo ali.

Quem mais ele conhecia? Ele tinha muitos conhecidos no litoral, da época da Regulação. John Ashe, por exemplo; haviam marchado lado a lado para Alamance, e a companhia de Ashe acampara ao lado da nossa todas as noites; nós o havíamos recebido em nossa fogueira muitas vezes.

E Ashe era de Wilmington.

Eu acabara de terminar uma breve súplica a John Ashe, quando ouvi passos vindos pelo corredor em direção ao meu quarto. Dobrei o bilhete rapidamente, sem me preocupar com a possibilidade de a tinta borrar, e enfiei-o, juntamente com o outro bilhete, no meu bolso. Não havia tempo de fazer nada com o papel e o tinteiro contrabandeados, a não ser empurrá-los para baixo da cama.

Era Webb, é claro, meu carcereiro de costume. Evidentemente, eu agora era considerada a serviçal-mor do estabelecimento; fui escoltada ao quarto da sra. Martin e instruída a empacotar seus pertences.

Eu esperava queixas ou histeria, mas na realidade ela não só estava vestida, como pálida e controlada, dirigindo e até ajudando no processo com uma noção de ordem bastante clara.

A razão do seu autocontrole era o governador, que apareceu no meio da arrumação das malas, o rosto tenso de preocupação. Ela dirigiu-se imediatamente para ele e colocou as mãos afetuosamente em seus ombros.



— Pobre Jo — disse suavemente. — Já jantou?

— Não. Não tem importância. Comerei alguma coisa mais tarde. — Beijou-a rapidamente na testa, seu ar de preocupação amenizando-se um pouco ao olhar para ela. — Está se sentindo completamente bem agora, Betsy? Tem certeza? — Percebi repentinamente que ele era irlandês — anglo-irlandês, ao menos; não possuía o menor vestígio de sotaque, mas sua fala descuidada possuía uma leve cadência.

— Completamente recuperada — ela assegurou-lhe. Ela pegou sua mão e pressionou-a contra a barriga, sorrindo. — Está vendo como ele chuta? Ele devolveu o sorriso, levou a mão dela aos lábios e beijou-a.

— Vou sentir sua falta, querido — ela disse muito suavemente. — Promete que tomará muito cuidado?

Ele pestanejou rapidamente e baixou os olhos, engolindo em seco.

— Claro — disse, rispidamente. — Querida Betsy. Você sabe que eu não suportaria ficar longe de você, a menos que...

— Eu sei. É por isso que temo tanto por você. Eu... — Nesse ponto, ela olhou para cima e percebeu repentinamente que eu estava lá. — Sra. Fraser — ela disse, em um tom de voz completamente diferente. — Vá à cozinha, por favor, e prepare uma bandeja para o governador. Pod levar para a biblioteca.

Assenti brevemente e saí. Seria esta a chance que eu esperava? Os corredores e as escadas estavam desertos, iluminados apenas por bruxuleantes castiçais de latão — queimando óleo de peixe, a julgar pelo cheiro. A cozinha de paredes de tijolos ficava, é claro, no subsolo, e o estranho silêncio no que normalmente deveria ser uma colmeia em atividade fazia as escadas não iluminadas para a cozinha parecerem a descida para uma masmorra.

Não havia nenhuma luz na cozinha a não ser a claridade do fogo da lareira, bem baixo — mas estava aceso, três criados

amontoados ali perto, apesar do calor sufocante. Viraram-se ao ouvir meus passos, surpresos em suas feições contra a luz. Com o vapor subindo do caldeirão às suas costas, eu tive a ilusão momentânea de estar diante das três bruxas de Macbeth, encontradas em terrível profecia.

— "Duplos, trabalho duro e problemas duplos" — eu disse afavelmente, embora meu coração batesse um pouco mais rápido ao me aproximar deles.

— "Queimadura e bolha de caldeirão." — Trabalho duro e problemas, sem dúvida — disse uma suave voz feminina, e riu. Mais perto agora, pude ver que pareciam sem rosto nas sombras porque eram todas negras; escravas, provavelmente, e assim impossibilitadas de fugir da casa.

Impossibilitadas também de levar um recado para mim. Ainda assim, mal não fazia ser amistosa, e sorri para elas.

Elas devolveram o sorriso timidamente, olhando para mim com curiosidade. Eu nunca vira nenhuma delas antes — nem elas a mim, embora o "subsolo" sendo o que era, achei provável que soubessem quem eu era.

— O governador está mandando a mulher dele para longe daqui? — perguntou a que tinha rido, movendo-se para pegar uma bandeja de uma prateleira, em atendimento ao meu pedido de uma refeição leve.

— Sim — eu disse. Percebi o valor dos mexericos como moeda de troca e relatei tudo que me era decentemente possível, conforme as três moviam-se eficientemente de um lado para o outro, escuras como sombras, as mãos rápidas fatiando, espalhando, arrumando.

Molly, a cozinheira, sacudiu a cabeça, a touca branca como uma nuvem ao pôr do sol no clarão do fogo.

— Tempos ruins, tempos ruins — ela disse, estalando a língua, e as outras duas murmuraram em concordância. Achei, pela

atitude das escravas, que elas gostavam do governador... mas, como escravas, seus destinos estavam inextricavelmente vinculados ao dele, independentemente de seus sentimentos.

Ocorreu-me, enquanto conversávamos, que ainda que não pudessem fugir da casa completamente, deveriam poder ao menos deixar as dependências de vez em quando; alguém tinha que ir ao mercado e não parecia restar mais ninguém. Na verdade, verifiquei que de fato era esse o caso; Sukie, a que tinha rido, saía para comprar legumes e peixe fresco de manhã e, abordada com tato, não se mostrou avessa a entregar meus bilhetes na gráfica — ela disse que sabia onde ficava o lugar com todos aqueles livros na janela — por uma pequena quantia.

Ela enfiou os papéis e o dinheiro entre os seios, dando-me um olhar de cumplicidade, e piscou. Só Deus sabe o que ela pensou que fosse, mas pisquei também e, levantando a bandeja pesada, refiz meu caminho de volta para o fétido reino da luz.

Encontrei o governador sozinho na biblioteca, queimando papéis.

Balançou a cabeça distraidamente para a bandeja que depus sobre a escrivaninha, mas não a tocou. Fiquei sem saber o que fazer e, após um embaraçoso momento de pé aqui e ali, sentei-me no meu lugar de costume.

O governador atirou um último maço de papéis ao fogo, depois recuou e ficou observando desoladamente enquanto enegreciam e se enroscavam, consumidos pelas chamas. O aposento havia refrescado um pouco, com o pôr do sol, mas as janelas estavam completamente fechadas — é claro — e filetes de umidade condensada rolavam pelas vidraças ornamentais. Enxugando uma condensação similar de minhas faces e nariz, levantei-me e abri a janela mais próxima a mim, absorvendo um grande gole do ar da noite, bastante pesado, porém mais fresco, e

perfumado de madressilvas e rosas do jardim, com um traço subjacente de musgos da praia distante.

Fumaça de madeira queimando também; havia fogueiras ardendo lá fora. Os soldados que guardavam o palácio mantinham fogueiras sinalizadoras, a intervalos regulares, ao redor do perímetro do terreno.

Bem, isso ajudaria com os mosquitos — e não seríamos pegos inteiramente de surpresa se ocorresse um ataque.

O governador veio se postar atrás de mim. Esperava que fosse me dizer para fechar a janela, mas ele simplesmente ficou ali de pé, olhando pela janela para seus amplos gramados e o longo caminho de entrada de cascalhos. A luz já nascera e os canhões desmontados eram quase invisíveis, deitados nas sombras como uma fileira de homens mortos.

Após um instante, o governador retornou à sua escrivaninha e, chamando-me, entregou-me um maço de correspondências oficiais para copiar, outro para separar e arquivar. Deixou a janela aberta; achei que ele queria ouvir, se alguma coisa acontecesse.

Perguntei-me onde estaria o onipresente Webb. Não havia nenhum som de qualquer outro lugar do palácio; provavelmente a sra. Martin terminara de fazer as malas sozinha e fora dormir.

Continuamos a trabalhar, através das badaladas intermitentes do carrilhão, o governador levantando-se de vez em quando para lançar novo maço de papéis ao fogo, pegando minhas cópias e guardando-as em grandes pastas de couro que ele fechava com fitas, empilhando-as sobre a escrivaninha. Ele tirara a peruca; seus cabelos eram castanhos, curtos, mas encaracolados — mais ou menos como os meus próprios, depois da febre.

De vez em quando ele parava, a cabeça virada, ouvindo com atenção.

Eu havia enfrentado uma turba violenta e sabia o que ele estava tentando ouvir. A essa altura, eu não sabia o que esperar, ou

temer. Assim, continuei trabalhando, satisfeita com o trabalho pela distração entorpecente que oferecia, embora sentisse terríveis câibras na mão e tivesse que parar de vez em quando para massageá-la.

O governador escrevia agora; remexeu-se em sua cadeira, fazendo uma careta de desconforto apesar da almofada. A sra. Martin dissera-me que ele sofria com uma fístula. Eu duvidava muito que ele me deixasse tratá-la.

Ele procurou aliviar a dor apoiando-se em apenas uma das nádegas e esfregou a mão pelo rosto. Era tarde e ele obviamente estava cansado, bem como sentindo desconforto. Eu também estava cansada, reprimindo bocejos que ameaçavam deslocar meu maxilar e deixavam meus olhos lacrimejando. Mas ele continuava a trabalhar obstinadamente, lançando olhares ocasionais para a porta. Quem ele estava esperando? A janela às minhas costas ainda estava aberta e a brisa suave me acariciava, quente como sangue, mas movendo-se o suficiente para agitar os fios de cabelos no meu pescoço e fazer a chama da vela estremecer violentamente. Ela inclinou-se para o lado e bruxuleou, como se fosse apagar, e o governador estendeu o braço rapidamente para protegê-la com a mão em concha.

A brisa se foi e o ar ficou imóvel outra vez, exceto pelo som de grilos lá fora. A atenção do governador parecia concentrada no trabalho à sua frente, mas de repente ele virou a cabeça, como se tivesse visto alguma coisa passar pela porta aberta.

Ficou olhando por um instante, depois piscou, esfregou os olhos e retornou a atenção para o papel. Mas não conseguiu mantê-la ali. Olhou novamente para o vão da porta vazio — não pude deixar de olhar também — depois de volta, piscando.

— A senhora... viu alguém passar, sra. Fraser? — ele perguntou.

— Não, senhor — eu disse, reprimindo um bocejo.

— Ah. — Parecendo, de certa forma, desapontado, pegou sua pena, mas não escreveu nada, ficou apenas segurando-a entre os dedos, como se tivesse esquecido que ela estava ali.

— Estava esperando alguém, Excelência? — perguntei educadamente e sua cabeça ergueu-se bruscamente, surpreso por eu estar lhe dirigindo a palavra diretamente.

— Oh. Não. Quer dizer... — Sua voz definiu quando ele relanceou o olhar outra vez pela porta que levava para os fundos da casa.

— Meu filho — ele disse. — Nosso querido Sam. Ele... morreu aqui, sabe... no final do ano passado. Apenas oito anos de idade. Às vezes... às vezes acho que o vejo — ele concluiu serenamente, abaixando a cabeça para o papel outra vez, os lábios cerrados com força.

Movi-me impulsivamente, pretendendo tocar em sua mão, mas sua expressão com os lábios apertados me impediu.

— Sinto muito — eu disse serenamente, em vez disso. Ele não disse nada, mas fez um breve sinal com a cabeça em agradecimento, sem levantar os olhos. Seus lábios apertaram-se ainda mais e ele voltou a escrever, assim como eu.

Um pouco mais tarde, o relógio soou uma hora, depois duas. A música do carrilhão era melodiosa e o governador parou para ouvir, um olhar distante nos olhos.

— Tão tarde — ele disse, quando o último repique se extinguiu. — Eu a mantive acordada até muito tarde, sra. Fraser. Queira me perdoar. — Fez sinal para que eu largasse os papéis em que estava trabalhando e eu me levantei, com os músculos enrijecidos e doloridos de ficar tanto tempo sentada.

Ajeitei um pouco minhas saias e virei-me para ir embora, somente então percebendo que ele não fizera menção de guardar as penas e o tinteiro.

— O senhor também deveria ir para a cama — eu disse a ele, virando-me e parando à porta.

O palácio estava em completo silêncio. Até os grilos haviam parado e apenas o ronco suave de um soldado adormecido no corredor perturbava a quietude.

— Sim — ele disse, com um sorriso ligeiro e cansado. — Em breve.

— Mudou o peso para a outra nádega e pegou sua pena, abaixando a cabeça novamente sobre os papéis.

Ninguém veio me acordar pela manhã e o sol já estava alto quando despertei por conta própria. Prestando atenção ao silêncio, tive o medo momentâneo de que todos houvessem batido em retirada durante a noite, deixando-me trancada para morrer à míngua. Levantei-me apressadamente e olhei para fora. Os soldados de casacos vermelhos continuavam a patrulhar o terreno, como sempre. Eu podia ver pequenos grupos de cidadãos fora do perímetro, a maioria caminhando em grupos de dois ou três, mas às vezes parando para olhar para o palácio.

Então, comecei a ouvir pequenas batidas e sons caseiros no andar de baixo e me senti aliviada; não estava completamente abandonada. Estava, entretanto, com muita fome quando o mordomo veio me deixar sair.

Ele levou-me ao quarto de dormir da sra. Martin, mas para minha surpresa estava vazio. Deixou-me lá e em poucos instantes Merilee, uma das escravas da cozinha, entrou, parecendo apreensiva por estar naquela parte pouco conhecida da casa.

— O que está acontecendo? — perguntei-lhe. — Onde está a sra. Martin, você sabe? — Bem, o que eu sei é o seguinte — ela disse, em tom de dúvida, indicando que era a única coisa que sabia com certeza. — Ela partiu pouco antes de amanhecer. O sr. Webb, foi ele quem a levou, às escondidas, em uma carruagem, com suas caixas.

Balancei a cabeça, perplexa. Era sensato que ela partisse discretamente. Eu imaginava que o governador não quisesse dar nenhuma indicação de que se sentia ameaçado, por medo de provocar exatamente a violência que temia.

— Mas se a sra. Martin foi embora — eu disse por que estou aqui? Por que você está aqui? — Oh. Eu sei isso também — Merilee disse, adquirindo um pouco de confiança. — Devo ajudá-la a se vestir, madame.

— Mas não preciso de nenhum... — comecei a dizer, e então vi as roupas estendidas na cama: um dos vestidos da sra. Martin, um bonito tecido de algodão com estampa floral, segundo a recentemente popular moda "polonesa", e os complementos: volumosas anáguas, meias de seda e um grande chapéu de palha para sombrear o rosto.

Evidentemente, eu deveria personificar a mulher do governador. Não adiantava protestar; eu podia ouvir o governador e o mordomo conversando no corredor e, afinal, se isso me tirasse do palácio, tanto melhor.

Eu era apenas seis ou sete centímetros mais alta do que a sra. Martin e a ausência de uma barriga fazia o vestido ficar mais longo. Não havia a menor possibilidade de um dos seus sapatos me servir, mas os meus próprios não estavam totalmente arruinados, apesar de todas as minhas aventuras desde que saíra de casa. Merilee limpou-os e esfregou o couro com um pouco de gordura para lustrar; pelo menos, não eram tão rústicos a ponto de chamar atenção imediatamente.

Com o chapéu de abas largas inclinado para frente a fim de esconder meu rosto e os cabelos amarrados para cima e firmemente presos sob uma touca, a semelhança provavelmente era razoável, ao menos para as pessoas que não conheciam a sra. Martin muito bem. O governador franziu a testa ao me ver e caminhou lentamente ao meu redor, puxando aqui e ali para ajeitar o traje, mas depois



balançou a cabeça e, com uma pequena mesura, ofereceu-me o braço.

— Seu criado, madame — ele disse educadamente. E comigo ligeiramente agachada para disfarçar minha altura, saímos pela porta da frente, ao encontro da carruagem do governador, à espera no caminho de entrada.

*FUGA PRECIPITADA*

Jamie Fraser observou a quantidade e a qualidade dos livros na vitrine da gráfica — F. Fraser, proprietário — e permitiu-se um momentâneo sentimento de orgulho de Fergus; o estabelecimento, embora pequeno, aparentemente estava indo muito bem. O tempo, entretanto, era curto e ele atravessou a porta sem parar para ler os títulos.

Havia uma sineta acima da porta na entrada e Germain surgiu atrás do balcão como um boneco de molas, sujo de tinta, saindo de dentro de uma caixa, emitindo um gritinho de prazer ao ver o avô e seu tio Ian.

— Grandpère, grandpère! — gritou, depois mergulhou por baixo da aba móvel do balcão, agarrando Jamie pelos quadris, em êxtase. Ele havia crescido; o topo de sua cabeça agora alcançava as costelas de Jamie. Jamie afagou os cabelos louros delicadamente, depois soltou Germain e disse-lhe que fosse chamar seu pai.

Não foi necessário; atraída pelos gritos, a família inteira surgiu esfuziante de suas acomodações atrás da loja, exclamando, gritando, berrando e de um modo geral procedendo como um bando de lobos, como Ian lhes disse, Henri-Christian montado em seus ombros em radiante triunfo, agarrado aos seus cabelos.

— O que aconteceu, milorde? Por que está aqui? — Fergus desvencilhou Jamie facilmente da confusão e puxou-o para o lado,

para a alcova onde os livros mais caros ficavam guardados — e os que não eram adequados para exposição ao público.

Ele pôde ver pela expressão no rosto de Fergus que algumas notícias haviam descido das montanhas; embora surpreso em vê-lo, Fergus não estava assombrado, e sua satisfação sobrepujava a mente preocupada.

Explicou a situação o mais rápido possível, tropeçando nas palavras de vez em quando com a pressa e o cansaço; um dos cavalos havia sucumbido a uns sessenta quilômetros da cidade e, como não puderam encontrar outro, haviam caminhado duas noites e um dia, revezando-se na montaria, o outro caminhando ao lado, segurando as rédeas.

Fergus ouviu com atenção, limpando a boca com o lenço que tirara da gola; eles haviam chegado no meio do jantar.

— O xerife... o sr. Tolliver — ele disse. — Eu o conheço. Vamos...

Jamie fez um gesto abrupto, interrompendo-o.

— Nós fomos lá, antes de mais nada — ele disse. O xerife havia desaparecido e não havia ninguém na casa, exceto uma mulher muito bêbada com o rosto de um pássaro infeliz, desmoronada e roncando no banco com um bebê negro agarrado nos braços.

Ele pegara o bebê e o atirara nos braços de Ian, ordenando-lhe que cuidasse dele enquanto ele tentava tornar a mulher suficientemente sóbria para falar. Então, arrastou a mulher para o meio do pátio e despejou baldes de água do poço sobre ela, até ela arquejar e piscar, em seguida arrastou-a, encharcada e tropeçando, de volta para casa, onde a obrigou a beber água despejada sobre o resíduo preto e queimado de café de chicória que ele encontrara no bule. Ela vomitou profusa e asquerosamente, mas recuperou uma vaga noção da fala.

No começo, tudo que ela conseguiu dizer foi que todas as prisioneiras tinham ido embora — fugiram ou foram enforcadas. Ele não disse nada sobre o pavor que perfurara sua barriga diante dessa última informação.

Entretanto, ele sacudira a mulher violentamente, exigindo detalhes, e por fim, após mais aplicações de água e do terrível café, conseguiu-os.

— Um homem apareceu lá, anteontem, e a levou embora. Era tudo que sabia, ou tudo de que se lembrava. Eu a fiz me dizer tudo o que podia sobre a aparência desse sujeito, e não era Brown, nem Neil Forbes.

— Sei. — Fergus olhou para trás dele; sua família estava toda reunida ao redor de Ian, importunando-o e acariciando-o. Marsali, entretanto, olhava na direção da alcova, uma expressão preocupada no rosto, obviamente querendo ir se juntar à conversa, mas retida por Joan, que puxava sua saia.

— Quem iria levá-la? — Joanie, a chuisle, não pode me soltar? Ajude Félicité por um instante, sim? — Mas, mamãe...

— Agora, não. Em um instante, sim? — Não sei — Jamie disse, a frustração da impotência avolumando-se como bÍlis no fundo de sua garganta. Um pensamento repentino, mais horrível, atingiu-o. — Meu Deus, você acha que pode ter sido Stephen Bonnet? A descrição arrastada e quase ininteligível da mulher não parecia corresponder ao pirata, mas ela estava longe de ter certeza. Teria Forbes ficado sabendo de sua própria fuga e simplesmente resolvido inverter os papéis no drama que ele havia concebido — deportar Claire à força para a Inglaterra e tentar atribuir a culpa do assassinato de Malva Christie ao próprio Jamie? Sentia dificuldade em respirar e teve que forçar a entrada de ar nos pulmões. Se Forbes houvesse entregado Claire a Bonnet, ele abriria o advogado do pescoço ao pênis, arrancaria suas entranhas e o estrangularia com elas. E o mesmo para o irlandês, quando pusesse as mãos nele.

— Papai, papai... — a voz cantarolada de Joan penetrava difusamente através da nuvem vermelha que enchia sua cabeça.

— O que foi, chérie? — Fergus pegou-a no colo com a facilidade de longa prática, equilibrando seu traseiro gordinho no braço esquerdo, para deixar a mão direita livre.

Ela passou os braços ao redor de seu pescoço e sussurrou alguma coisa em seu ouvido.

— Oh, é mesmo? — ele disse, obviamente distraído. — Bien. Onde você o colocou, chérie? — Com as figuras das senhoras assanhadas.

Apontou para a prateleira mais alta, onde se viam vários volumes, encadernados em couro, mas discretamente sem título. Olhando na direção que ela indicou, Jamie viu um papel sujo aparecendo entre dois dos livros.

Fergus estalou a língua, contrariado, e deu um tapinha em seu pequeno traseiro.

— Você sabe muito bem que não deve subir lá! Jamie estendeu o braço e puxou o papel. E sentiu todo o sangue fugir de sua cabeça, à vista da caligrafia familiar.

— O que foi? — Fergus, alarmado com sua aparência, colocou Joan no chão. — Sente-se, milorde! Corra, chérie, traga o frasco de sais.

Jamie abanou a mão, sem fala, tentando indicar que estava bem e finalmente conseguiu recuperar a voz.

— Ela está no Palácio do governador — ele disse. — Que Deus seja louvado, ela está a salvo.

Vendo um banquinho empurrado sob a prateleira, ele puxou-o para fora e sentou-se, sentindo o cansaço pulsar pelos músculos trêmulos das coxas e das panturrilhas, ignorando a confusão de perguntas e explicações, como Joanie encontrara o bilhete enfiado sob a porta — contribuições anônimas para o jornal

geralmente eram submetidas dessa forma e as crianças sabiam que deveriam levá-las para seu pai...

Fergus leu o bilhete, os olhos escuros assumindo a expressão de interessada atenção que sempre apresentava ao contemplar a abstração de alguma coisa difícil e valiosa.

— Bem, isso é bom — ele disse. — Vamos buscá-la. Mas acho que primeiro deve comer um pouco, milorde.

Ele queria recusar, dizer que não havia um minuto a perder, que de qualquer forma não conseguiria comer nada; sentia um nó no estômago, doendo Mas Marsali já apressava as meninas de volta para a cozinha, falando de café quente e pão, Ian a seguia, Henri-Christian ainda amorosamente envolvendo suas orelhas, Germain dando gritinhos e pulos ansiosos em seus calcanhares. E ele sabia que se houvesse uma luta, ele não tinha nada com que lutar. Então, o suculento chiado e o cheiro de ovos fritando na manteiga o alcançaram e logo ele já estava em pé e se dirigindo aos fundos da loja, como ferro atraído por um ímã.

Durante a apressada refeição, vários planos foram oferecidos e rejeitados. Por fim, ele relutantemente aceitou a sugestão de Fergus de que Fergus ou Ian deveriam ir abertamente ao palácio e pedir para ver Claire, dizendo que era um parente, querendo se assegurar de seu bem-estar.

— Não têm nenhum motivo para negar sua presença, afinal — Fergus disse, encolhendo os ombros. — Se pudermos vê-la, tanto melhor; mas mesmo que não, saberemos se ela ainda está lá e talvez onde é provável que ela esteja no palácio.

Fergus obviamente queria assumir a tarefa, mas cedeu quando Ian ressaltou que Fergus era muito conhecido em New Bern e poderiam suspeitar de que ele só estivesse atrás de um escândalo para o seu jornal.

— Pois lamento dizer, milorde — Fergus disse em tom de desculpas —, que a questão, o crime, já é conhecido aqui. Há

cartazes... as bobagens de sempre. LOignon foi obrigado a publicar alguma coisa sobre o assunto, é claro, para manter as aparências, mas o fizemos da maneira mais restrita possível, mencionando apenas os fatos da questão. — Sua boca larga e móvel apertou-se por um instante, ilustrando a natureza contida de seu artigo, e Jamie esboçou um sorriso.

— Sim, compreendo — ele disse. Afastou-se da mesa empurrando seu banco para trás, satisfeito em sentir as forças retornarem às suas pernas e novamente animado pela comida, o café e o reconfortante conhecimento do paradeiro de Claire. — Bem, então, Ian, penteie os cabelos. Não vai querer que o governador ache que você é um selvagem.

Jamie insistiu em ir com Ian apesar do perigo de ser reconhecido. Seu sobrinho olhou para ele com os olhos estreitados.

— Você não vai fazer nenhuma tolice, tio Jamie? — Quando foi a última vez que você me viu fazer alguma tolice? Ian lançou-lhe um olhar de esguelha, ergueu uma das mãos e começou a dobrar os dedos para baixo, um de cada vez.

— Oh, bem, deixe-me ver, então... Simms, o gráfico? Lambuzar Forbes de alcatrão? Roger Mac me contou o que você fez em Mecklenberg. E depois houve...

— Você teria deixado que eles matassem o pequeno Fogarty? — Jamie perguntou. — E já que estamos mencionando tolos, quem foi que teve o traseiro perfurado por se refestelar em pecado mortal com...

— O que eu quero dizer — Ian interpôs com severidade — é que você não vai entrar no Palácio do Governo e tentar tirá-la de lá à força, aconteça o que acontecer. Vai esperar quieto, com o seu chapéu na cabeça, até eu voltar, e então veremos, sim? Jamie puxou a aba de seu chapéu para baixo — um espécime de feltro, surrado e desabado, como o chapéu de um criador de porcos — com os cabelos enfiados para dentro.

— O que o faz pensar o contrário? — ele perguntou, tanto por curiosidade, quanto por argumentação natural.

— A expressão em seu rosto — Ian respondeu, de forma sucinta. — Eu a quero de volta tanto quanto você, tio Jamie... bem — emendou, com um sorriso irônico —, talvez não exatamente tanto quanto você. Mas eu a quero de volta, de qualquer modo. Você — cutucou o tio enfaticamente no peito — espere o momento oportuno.

E deixando Jamie de pé sob um olmo assolado pelo calor, saiu a passos determinados em direção aos portões do palácio.

Jamie respirou fundo várias vezes, tentando manter uma noção de contrariedade em relação a Ian como antídoto à ansiedade que se enrolara ao redor de seu peito e o apertava como uma cobra. Como a contrariedade fora meramente fabricada, ela evaporou como vapor de uma chaleira, deixando a ansiedade contorcendo-se e esmagando-o.

Ian alcançara o portão e falava com o guarda que estava lá, o mosquete engatilhado. Jamie pôde ver o homem sacudir a cabeça enfaticamente.

Isso era tolice, ele pensou. A necessidade que tinha de Claire era física, como a sede de um marinheiro parado há semanas no mar. Já sentira essa necessidade antes, repetidas vezes, nos anos em que estiveram separados.

Mas por que agora? Ela estava a salvo; sabia onde ela estava — seria apenas a exaustão das últimas semanas ou talvez a fraqueza da idade que fazia seus ossos doerem, como se ela de fato tivesse sido arrancada de seu corpo, como Deus fez Eva da costela de Adão? Ian discutia, fazendo gestos persuasivos na direção do guarda. O som de rodas nos cascalhos desviou sua atenção deles; uma carruagem descia o caminho, um veículo pequeno e aberto, com duas pessoas e um condutor, puxado por uma parrelha de bonitos cavalos baios.



O guarda empurrara Ian para trás com o cano de seu mosquete, fazendo sinal para que ele se afastasse enquanto o guarda e seu companheiro abriam os portões. A carruagem passou por eles sem parar, ganhou a rua e veio em sua direção.

Ele nunca vira Josiah Martin, mas achou que o cavalheiro gordo, com ar arrogante, devia sem dúvida ser... Seus olhos vislumbraram a mulher de relance e seu coração se apertou como um punho cerrado. Sem parar um segundo para pensar, ele já corria atrás da carruagem, com todas as suas forças.

Nem no auge de seu vigor ele conseguiria ultrapassar uma carruagem.

Mesmo assim, chegou a poucos passos do veículo, teria chamado, mas não teve fôlego, nem visão, e então tropeçou em uma pedra solta do pavimento e precipitou-se no chão.

Ficou aturdido, sem ar, a visão escura e os pulmões ardendo, ouvindo apenas o barulho dos cascos e das rodas da carruagem se afastando, até que a mão forte de alguém agarrou seu braço e o puxou.

— Ele mesmo disse que deveríamos evitar chamar atenção — Ian murmurou, inclinando-se para colocar o ombro sob o braço de Jamie. — Seu chapéu voou, notou isso? Não, claro que não, nem a rua inteira olhando, seu maluco cabeça de bagre! Santo Deus, você pesa tanto quanto um boi de três anos! — Ian — ele disse, parando para recuperar o fôlego.

— Sim? — Você parece sua mãe falando. Pare. — Outro gole de ar. — E solte meu braço, eu posso andar.

Ian resfolegou sonoramente, soando ainda mais como Jenny, mas parou e o soltou. Jamie pegou seu chapéu e saiu mancando em direção à gráfica, Ian seguindo-o em um silêncio insistente através das ruas, as pessoas fitando-os com curiosidade.

Longe do palácio sem nenhum incidente, trotamos serenamente através das ruas de New Bern, provocando apenas um

leve interesse dos cidadãos, alguns dos quais acenaram, alguns poucos gritaram palavras vagamente hostis, a maioria apenas os fitou. Na saída da cidade, o cocheiro virou os cavalos para a estrada principal e prosseguimos sacolejando agradavelmente, aparentemente saindo para um passeio no campo, uma ilusão reforçada pelo cesto de vime de piquenique visível atrás de nós.

Uma vez ultrapassado o congestionamento de carroças pesadas, gado, ovelhas e todo o variado tráfego de comércio, no entanto, o cocheiro açoitou os cavalos e começamos a correr outra vez.

— Para onde estamos indo? — gritei acima do barulho dos animais e do veículo, segurando meu chapéu para impedir que voasse. Eu pensara que iríamos apenas distrair a atenção do povo, para que ninguém notasse a silenciosa retirada da sra. Martin até que ela estivesse em segurança fora da colônia. Evidentemente, entretanto, não estávamos apenas saindo para um piquenique.

— Brunswick! — o governador gritou em resposta.

— Onde? — Brunswick — ele repetiu. Parecia amargurado, e mais ainda quando lançou um último olhar na direção de New Bern. — Malditos — disse, embora eu tivesse certeza de que ele falava apenas consigo mesmo.

Virou-se novamente e acomodou-se no banco, inclinando-se ligeiramente para frente, como se quisesse apressar a carruagem, e não disse mais nada.

*O CRUISER*

Eu acordava todas as manhãs pouco antes do amanhecer. Exausta de preocupação e dos hábitos tardios do governador, eu dormia como uma pedra, sem me incomodar com os baques, ruídos chacoalhantes e toques de sinetas da guarda noturna, gritos de barcos próximos, um ou outro disparo de mosquete da praia e o queixume do vento em alto-mar conforme passava pelo cordame. Mas naquele momento antes de clarear, o silêncio me acordou.

Hoje? Era o único pensamento em minha mente e senti como se estivesse flutuando sem corpo por um instante, logo acima de meu catre sob o castelo de proa. Então, respirei fundo, ouvi meu coração batendo e senti o suave subir e descer do convés embaixo de mim. Virei o rosto para o litoral, observando, enquanto a luz começava a tocar as ondas e avançar para a terra firme. Inicialmente, fomos para Fort Johnston, mas só ficamos lá o tempo suficiente para o governador se encontrar com os legalistas locais, que lhe asseguraram o quanto era inseguro, antes de recuarmos ainda mais. Estávamos a bordo da corveta Cruiser de Sua Majestade havia quase uma semana, ancorados ao largo de Brunswick. Sem outras tropas além dos fuzileiros navais a bordo da corveta, o governador Martin estava impossibilitado de recuperar o controle da colônia e estava reduzido a escrever cartas frenéticas, tentando manter alguma aparência de um governo em exílio.

Sem mais ninguém para preencher o cargo, continuei em meu papel como secretária ad hoc, embora eu tivesse sido promovida de mera escrevente para amanuense, redigindo algumas cartas que me eram ditadas quando Martin ficava cansado demais para escrevê-las ele mesmo. E desligada da terra firme e de qualquer informação, eu passava cada momento livre observando a costa.

Hoje um barco se aproximava, saindo da escuridão evanescente.

Uma das sentinelas o saudou e ouviu-se um "Olá" em resposta, em um tom de tamanha agitação que eu me sentei abruptamente, tateando em busca dos meus espartilhos.

Hoje haveria notícias.

O mensageiro já estava na cabine do governador e um dos fuzileiros navais barrou minha entrada — mas a porta estava aberta e a voz do homem era perfeitamente audível.

— Ashe começou a agir, senhor, está marchando contra o forte! — Bem, que seja amaldiçoado como um covarde traidor! Ouviram-se passos e o fuzileiro naval saiu do caminho apressadamente, bem a tempo de evitar o governador, que saiu de repente de sua cabine como um boneco de uma caixa de mola, ainda vestido com uma ondulante camisa de dormir e sem a sua peruca. Ele agarrou a escada e galgou-a rapidamente como um macaco, proporcionando-me uma visão de baixo indesejada de suas nádegas gorduchas e nuas. Os olhos do fuzileiro naval depararam-se com os meus e rapidamente se desviaram.

— O que estão fazendo? Você os vê? — Ainda não. — O mensageiro, um homem de meia-idade vestido como um fazendeiro, seguira o governador pela escada; suas vozes flutuavam para baixo vindas da amurada.

— O coronel Ashe ordenou que todos os navios no porto de Wilmington embarcassem as tropas ontem e rumou para Brunswick.

Estavam passando as tropas em revista na periferia da cidade hoje de manhã; ouvi as chamadas enquanto ordenava as vacas hoje cedo; devem ter cerca de quinhentos homens. Quando vi isso, senhor, saí furtivamente na direção da praia e encontrei o barco. Achei que devia saber, Excelência.

— A voz do homem perdera sua agitação e assumira um tom um pouco farisaico.

— Oh, sim? E o que espera que eu faça a respeito? — o governador soou distintamente mal-humorado.

— Como eu poderia saber? — disse o mensageiro, respondendo no mesmo tom. — Não sou eu o governador, não é mesmo? A resposta do governador a isso foi abafada pelas batidas do sino do navio. Quando pararam de soar, ele passou a passos largos pela escada de escotilha e, olhando para baixo, me viu.

— Oh, sra. Fraser. Poderia me trazer um pouco de chá da cozinha? Eu não tinha muita escolha, embora tivesse preferido ficar e ouvir às escondidas. O fogo na cozinha fora abafado para a noite em seu pequeno pote de ferro e o cozinheiro ainda estava na cama. Quando finalmente consegui avivar o fogo, ferver a água, coar um bule de chá e preparar uma bandeja com bule, xícara, pires, leite, torradas, manteiga, pãezinhos e geleia, o informante do governador já fora embora; vi seu barco dirigindo-se para a praia, uma ponta de flecha escura contra a superfície cada vez mais brilhante do mar.

Parei por um instante no convés e apoiei minha bandeja de chá na amurada, olhando para a terra firme. O dia acabara de clarear e era possível divisar o Fort Johnston, um prédio maciço de toras de madeira, que se erguia completamente exposto, no topo de um promontório baixo, cercado por um aglomerado de casas e anexos. Havia bastante movimento ao redor do forte; homens iam e vinham como uma trilha de formigas. Mas nada que se parecesse a uma invasão iminente. Ou o comandante, capitão Collet, decidira

evacuar — ou os homens de Ashe ainda não haviam iniciado sua marcha de Brunswick.

Teria John Ashe recebido meu recado? Se tivesse... teria agido? Não seria algo popular a fazer; não poderia censurá-lo se ele tivesse decidido que simplesmente não podia se dar ao luxo de ser visto ajudando um homem notoriamente suspeito de ser um legalista — quanto mais alguém acusado de crime tão hediondo.

Mas deve ter agido. Com o governador abandonado no mar, o Conselho debandado e o judiciário evaporado, não havia nenhuma lei em vigor na colônia agora — salvo as milícias. Se Ashe tivesse resolvido invadir a prisão de Wilmington e retirar Jamie, teria enfrentado bem pouca oposição.

E se tivesse feito isso... e Jamie estivesse livre, estaria procurando por mim. E certamente em pouco tempo ele ficaria sabendo onde eu estava. Se John Ashe tiver vindo para Brunswick e Jamie estiver livre, certamente estaria com os homens de Ashe. Olhei na direção da costa, procurando identificar algum movimento, mas vi apenas um garoto conduzindo uma vaca preguiçosamente ao longo da estrada para Brunswick. Mas as sombras da noite ainda estavam frias ao redor dos meus pés; acabara de amanhecer.

Respirei fundo e notei um agradável aroma de chá, misturado à brisa matinal da costa — o cheiro de bancos de areia da maré e vegetação mirrada dos baixios. Há meses eu não tomava chá, se não há anos.

Pensativamente, servi uma xícara e tomei-a devagar, observando a praia.

Quando cheguei à cabine do cirurgião, que o governador transformara em seu escritório, ele estava vestido, e sozinho.

— Sra. Fraser. — Balançou a cabeça brevemente para mim, mal erguendo os olhos. — Preciso de um favor. Poderia escrever para mim? Ele próprio já estivera escrevendo; penas, areia e mata-

borrão espalhavam-se pela escrivaninha e o tinteiro estava aberto. Peguei uma boa pena e uma folha de papel, e comecei a escrever o que ele ditava, com uma sensação de crescente curiosidade.

O bilhete — ditado entre mordidas de torradas — era para um general Hugh MacDonald e fazia referência à chegada do general, são e salvo, à terra firme, com um coronel McLeod. Ele acusava o recebimento do relatório do general e solicitava continuidade das informações. Também fazia menção à solicitação de reforços do governador — o que eu já sabia — e às confirmações que ele havia recebido com relação à chegada de tais reforços — o que eu não sabia.

— Anexo, uma carta de crédito... não, espere. — O governador lançou um rápido olhar na direção da praia, em vão, porque a cabine do cirurgião não possuía nenhuma portinhola, e franziu a testa, concentrado.

Evidentemente, ocorrera-lhe que, tendo em vista os recentes acontecimentos, uma carta de crédito emitida pelo gabinete do governador provavelmente valia menos do que uma das falsificações da sra. Ferguson.

— Anexo, vinte xelins — ele se corrigiu, com um suspiro. — Poderia passar a limpo agora mesmo, sra. Fraser? Estas a senhora pode fazer quando tiver tempo. — Empurrou uma pilha desordenada de papéis por cima da mesa, em sua própria caligrafia de difícil leitura.

Em seguida, levantou-se, gemendo enquanto se espreguiçava, e subiu, sem dúvida para espreitar o forte novamente da amurada.

Fiz a carta, sequei com areia e deixei-a de lado, imaginando quem seria este MacDonald e o que ele estaria fazendo. A menos que o major MacDonald tivesse sofrido uma mudança de nome e uma extraordinária promoção recentemente, não podia ser ele. E pelo tom das observações do governador, parecia que o general

MacDonald e seu amigo McLeod viajavam sozinhos — e em alguma missão particular.

Folheei rapidamente a pilha de anotações à minha espera, mas não vi mais nada de interesse; apenas a papelada administrativa de costume. O governador havia deixado sua escrivaninha portátil — um estojo contendo material de escritório e cuja superfície ainda servia de suporte para escrever — em cima da mesa, mas estava fechada. Considerei a possibilidade de forçar a fechadura e explorar sua correspondência particular, mas havia muita gente por perto: marujos, fuzileiros navais, ajudantes de bordo, visitantes — o lugar fervilhava.

Também havia uma sensação de tensão nervosa a bordo. Eu havia notado muitas vezes antes como uma noção de perigo se comunica entre as pessoas em um ambiente confinado: salas de emergência de hospitais, alas de cirurgia, vagões de trem, navios; a ansiedade passa como um relâmpago de uma pessoa a outra sem que se diga nada, como o impulso pelo axônio de um neurônio para os dendritos de outro. Eu não sabia se alguém além do governador e de mim mesma sabia sobre os movimentos de John Ashe — mas o Cruiser sabia que alguma coisa estava acontecendo.

A sensação de nervosa expectativa também estava me afetando. Eu estava irrequieta, o pé balançando distraidamente, os dedos movendo-se agitadoamente para cima e para baixo no cabo da pena, incapaz de me concentrar o suficiente para escrever com ela.

Levantei-me, sem saber o que pretendia fazer; apenas com a ideia fixa de que iria sufocar de impaciência se ficasse ali embaixo mais tempo.

Na prateleira ao lado da porta da cabine ficava o costumeiro amontoado desordenado de objetos de navegação, comprimidos atrás de uma grade: um castiçal, velas extras, uma caixa de isca e pederneira, um cachimbo quebrado, uma garrafa fechada com



fibras de linho retorcidas, um pedaço de madeira que alguém tentara esculpir e só fizera estragos. E uma caixa.

O Cruiser não tinha cirurgião a bordo. E os cirurgiões tendiam a levar seus apetrechos pessoais com eles, a não ser que morressem. Aquele devia ser um estojo pertencente ao próprio navio.

Olhei para fora da porta; havia vozes próximas, mas ninguém à vista.

Apressadamente, abri a tampa da caixa, torcendo o nariz diante do cheiro de sangue seco e tabaco velho. Não havia muita coisa ali e o que havia estava desarrumado, enferrujado, coberto de crostas e era de pouca utilidade. Uma latinha de Pílulas Azuis, assim dizia o rótulo, e uma garrafa, sem rótulo, mas reconhecível, de láudano. Uma esponja ressecada e um pano pegajoso manchado de uma substância amarela. E o que não podia faltar no estojo de um cirurgião da época — lâminas.

Ouvi passos descendo a escada de escotilha e a voz do governador, falando com alguém. Sem parar para considerar o bom-senso da minha conduta, agarrei uma pequena faca para articulações e enfiei-a pela frente do meu espartilho.

Fechei bruscamente a tampa da caixa. Entretanto, não havia tempo para eu me sentar outra vez, antes que o governador chegasse, com outro visitante a reboque.

Meu coração martelava em minha garganta. Pressionei as palmas das mãos, úmidas de suor, contra minha saia, e balancei a cabeça para o visitante, que me olhava boquiaberto, atrás do governador.

— Major MacDonald — eu disse, esperando que minha voz não tremesse. — Imagine encontrar o senhor aqui! MacDonald fechou a boca com um estalido e empertigou-se com mais firmeza.

— Sra. Fraser — ele disse, cumprimentando-me cautelosamente com uma reverência. — Seu criado, madame.

— Você a conhece? — O governador Martin olhou de MacDonald para mim e de novo para ele, franzindo o cenho.

— Já fomos apresentados — eu disse, assentindo educadamente.

Ocorreu-me que talvez não fosse bom para nenhum de nós dois que o governador achasse que havia alguma ligação entre nós — se é que de fato havia.

O mesmo pensamento havia obviamente acometido MacDonald; seu semblante não deixou transparecer nada além de leve cortesia, embora eu pudesse ver os pensamentos disparando de um lado para o outro por trás de seus olhos como um enxame de mosquitinhos. Eu mesma entretinha um enxame semelhante — e sabendo que meu próprio rosto era naturalmente revelador, abaixei os olhos modestamente e, a pretexto de um lanche, pedi licença e saí em direção à cozinha do navio.

Fui costurando meu caminho pelo meio de grupos de marinheiros e fuzileiros, mecanicamente retribuindo seus cumprimentos, a mente trabalhando furiosamente.

Como? Como eu poderia conversar com MacDonald a sós? Eu tinha que descobrir o que ele sabia sobre Jamie — se é que sabia alguma coisa.

Ele me diria, se soubesse? Mas sim, pensei, diria; ele podia ser um soldado, mas MacDonald era também um renomado mexeriqueiro — ele obviamente estava morrendo de curiosidade por me ver ali.

O cozinheiro, um jovem rechonchudo, negro e livre, chamado Tinsdale, que usava os cabelos em três tranças curtas e grossas, projetando-se de sua cabeça como os chifres de um tricératope, estava trabalhando na cozinha, sonhadoramente tostando pão sobre o fogo.

— Oh, olá — ele disse amistosamente ao me ver. Sacudiu o garfo de tostar pão. — Quer umas torradas, sra. Fraser? Ou é a água

quente, outra vez? — Adoraria umas torradas — eu disse, tomada de inspiração. — Mas o governador tem companhia; quer que mandem café. E se você tiver alguns daqueles deliciosos biscoitos de amêndoas para acompanhar...

Equipada com uma bandeja de café carregada, dirigi-me à cabine do cirurgião alguns minutos mais tarde, o coração martelando. A porta estava aberta para permitir a entrada de ar; evidentemente não era um encontro secreto.

Eles estavam debruçados, próximos um do outro, sobre a pequena escrivaninha, o governador franzindo a testa para um maço de papéis, estes obviamente tendo viajado uma longa distância na pasta de MacDonald, a julgar por suas dobras e manchas. Pareciam ser cartas, escritas em diferentes caligrafias e tintas.

— Oh, café — o governador disse, erguendo os olhos. Pareceu vagamente satisfeito, obviamente nem se lembrando de que não havia pedido café algum. — Esplêndido. Obrigado, sra. Fraser.

MacDonald apressadamente pegou os papéis, abrindo espaço para eu colocar a bandeja na mesa. O governador tinha um deles na mão; segurava-o, e eu o olhei de relance quando me abaixei para colocar a bandeja diante dele. Era uma espécie de lista — nomes com números ao lado.

Consegui deixar uma colher cair no chão, permitindo-me uma visão melhor ao me abaixar para pegá-la. H. Bethune, Cook's Creek, Boone, Jno.

McManus, Boone, 3, F. Campbell, Campbelton, 24? Lancei um rápido olhar a MacDonald, que tinha os olhos fixos em mim. Deixei a colher sobre a mesa e recuei um passo apressadamente, de modo a ficar diretamente atrás do governador. Apontei um dedo para MacDonald, depois em rápida sucessão agarrei minha garganta, a língua para fora, segurei meu estômago com os braços

cruzados, em seguida aponte o dedo enfaticamente para ele outra vez, depois para mim mesma, o tempo inteiro lançando-lhe um olhar fixo de alerta.

MacDonald observou essa pantomima com um fascínio calado, mas — com um olhar velado ao governador, que mexia o café com uma das mãos, franzindo o cenho para o papel que segurava com a outra — fez um sinal quase imperceptível com a cabeça.

— De quantos o senhor pode ter certeza? — o governador dizia, quando eu fiz uma medida e me afastei para sair.

— Oh, pelo menos quinhentos homens, senhor, mesmo agora — MacDonald respondeu com confiança. — Muitos mais virão, à medida que a notícia se espalhar. Devia ver o entusiasmo com que o general tem sido recebido até agora! Não posso falar pelos alemães, é claro, mas se dependermos disso, senhor, teremos todos os escoceses das Highlands do interior da colônia e não poucos dos irlandeses-escoceses também.

— Deus sabe que espero que o senhor tenha razão — o governador disse, parecendo esperançoso, mas ainda em dúvida. — Onde está o general agora? Eu gostaria de ter ouvido a resposta a isso — e muitas outras coisas — mas o tambor soava acima de nossas cabeças anunciando a hora do rancho e o barulho retumbante de pés já se fazia ouvir pelos conveses e escadas. Eu não podia ficar me escondendo e ouvindo conversas secretamente à vista de todos e, assim, fui obrigada a voltar para cima, esperando que MacDonald tivesse realmente compreendido a mensagem.

O capitão do Cruiser estava parado junto à amurada, seu imediato ao lado, ambos esquadrinhando a praia com seus telescópios.

— Está acontecendo alguma coisa? — Eu podia ver mais atividade perto do forte, pessoas indo e vindo, mas a estrada litorânea continuava vazia.

— Não sei, madame. — O capitão Follard sacudiu a cabeça, depois abaixou o telescópio e fechou-o, com relutância, como se tivesse medo de que alguma coisa pudesse acontecer se ele não mantivesse os olhos fixos na praia. O imediato não se moveu, ainda observando o forte em seu penhasco, os olhos estreitados.

Fiquei lá ao seu lado, olhando fixamente, em silêncio, para a praia. A maré mudou; eu já estava havia bastante tempo no navio para sentir isso, uma pausa quase imperceptível, o mar parando para respirar enquanto a lua invisível exercia sua força.

Há uma maré nos assuntos dos homens... Certamente Shakespeare ficara parado em um convés, ao menos uma vez, e sentira na carne, profundamente, o mesmo tipo de mudança sutil. Um professor dissera-me certa vez, na faculdade de medicina, que os navegantes polinésios ousavam fazer suas imensas viagens pelos mares desconhecidos porque haviam aprendido a sentir as correntes do oceano, as mudanças dos ventos e das marés, registrando essas mudanças com o mais delicado de seus instrumentos — os testículos.

Não era necessário um escroto para sentir as correntes que giravam agora ao nosso redor, refleti, com um olhar de esguelha às calças brancas bem fechadas do imediato. Podia senti-las na boca do meu estômago, na umidade das palmas das minhas mãos, na tensão dos músculos na minha nuca. O imediato abaixara seu telescópio, mas continuava olhando na direção da costa, quase distraidamente, as mãos apoiadas na balaustrada.

Ocorreu-me repentinamente que se alguma coisa drástica viesse a acontecer em terra, o Cruiser iria imediatamente içar velas e zarpar para alto-mar, levando o governador para lugar seguro — e eu cada vez mais para longe de Jamie. Onde iríamos acabar? Charlestown? Boston? Ambos eram destinos prováveis. E ninguém naquela costa fervilhante teria a menor noção de para onde tínhamos ido.

Eu conhecera deslocados de guerra — a minha guerra. Pessoas afugentadas ou retiradas de suas casas, as famílias desmembradas, suas cidades destruídas, elas enchiam campos de refugiados, permaneciam em filas sitiando embaixadas e postos de ajuda, perguntando, sempre perguntando pelos nomes dos desaparecidos, descrevendo os rostos dos entes queridos e perdidos, agarrando-se a qualquer fragmento de informação que pudesse levá-las de volta ao que quer que restasse. Ou, isso falhando, preservar por mais um instante o que haviam sido um dia.

O dia estava quente, mesmo na água, e minhas roupas grudavam-se em meu corpo, úmidas, mas meus músculos sacudiram-se em convulsão e minhas mãos na balaustrada tremeram com um frio repentino.

Eu podia ter visto todos eles pela última vez, sem o saber: Jamie, Bri, Jemmy, Roger, Ian. Foi assim que acontecera: eu nem havia me despedido de Frank, não tivera a menor indicação, quando ele saiu naquela última noite, de que jamais voltaria a vê-lo vivo outra vez. E se...

Mas não, pensei, agarrando a balaustrada de madeira com mais força para me firmar. Nós nos acharíamos outra vez. Tínhamos um lugar para onde retornar. Lar. E se eu continuasse viva — como eu certamente pretendia — eu iria voltar para casa.

O imediato fechara seu telescópio e fora embora; eu não notara sua saída, absorta em meus mórbidos pensamentos, e levei um susto quando o major MacDonald surgiu ao meu lado.

— É uma pena que o Cruiser não tenha armas de longo alcance — ele disse, balançando a cabeça na direção do forte. — Poria um obstáculo nos planos daqueles bárbaros, hein? — Quaisquer que esses planos possam ser — retruquei. — E por falar em planos...

— Sinto um aperto no estômago — ele interrompeu delicadamente.

— O governador sugeriu que talvez a senhora tenha algum remédio para aliviar isso.

— É mesmo? — eu disse. — Bem, vamos à cozinha. Vou preparar-lhe um chá que vai curá-lo, espero.

— Sabia que ele pensava que você era uma falsificadora? — MacDonald, as mãos envolvendo uma caneca de chá, sacudiu a cabeça na direção da cabine principal. Não se via o governador por perto e a porta da cabine estava fechada.

— Sim, sabia. Agora ele já está mais bem-informado? — perguntei com resignação.

— Bem, sim. — MacDonald pareceu se desculpar. — Pensei que ele já soubesse, ou eu não teria dito nada. Mas se eu não dissesse — acrescentou —, ele ficaria sabendo mais cedo ou mais tarde. A história já se espalhou até Edenton a essa altura, e os cartazes...

Abanei a mão, descartando o assunto.

— Viu Jamie?

— Não. — Olhou para mim, a curiosidade guerreando com a cautela.

— Ouvi dizer... bem, já ouvi dizer muitas coisas, e todas diferentes. Mas o resumo da história é que ambos foram presos, não é? Pelo assassinato da srta. Christie.

Balancei a cabeça levemente. Imaginei se algum dia eu me acostumaria com essa palavra. O som dela era como um soco no estômago, rápido e brutal.

— Preciso lhe dizer que não há nenhuma verdade nisso? — perguntei sem rodeios.

— Não há a menor necessidade, madame — ele me assegurou, com uma boa dose aparente de confiança. Mas eu senti uma certa hesitação nele e vi o olhar fugidio, curioso e de certa

forma ávido. Talvez algum dia eu me acostumassem com isso também.

Minhas mãos estavam frias; envolvi minha própria caneca com elas, reconfortando-me com o calor.

— Preciso mandar um recado ao meu marido — eu disse. — Sabe onde ele está?

Os olhos azul-claros de MacDonald estavam fixos em meu rosto, o seu agora não mostrando mais do que uma atenção educada.

— Não, madame. Mas a senhora sabe, não?

Lancei-lhe um olhar incisivo.

— Não seja evasivo — eu o adverti em poucas palavras. — Sabe tão bem quanto eu o que está acontecendo na praia, provavelmente muito melhor.

— Evasivo. — Seus lábios finos enrugaram-se com um leve ar divertido. — Não creio que ninguém já tenha dito isso de mim antes. Sim, eu sei. E então?

— Acho que ele pode estar em Wilmington. Tentei enviar um recado a John Ashe, pedindo-lhe para tirar Jamie da cadeia de Wilmington, se possível, caso ele esteja lá, e dizer-lhe onde eu estou. Mas não sei... — Abanei a mão em direção à costa em um gesto de frustração.

Ele balançou a cabeça, a cautela natural se digladiando com o óbvio desejo de me perguntar os detalhes sangrentos da morte de Malva.

— Devo voltar por Wilmington. Farei todas as averiguações que puder. Se eu encontrar o sr. Fraser... devo lhe dizer alguma coisa, além de sua situação atual? Hesitei, pensando. Eu andara mantendo uma conversa constante com Jamie, desde que o afastaram de mim. Mas nada do que eu lhe dissera nas longas noites negras ou nos dias solitários parecia apropriado para



confidenciar a MacDonald. No entanto... eu não podia perder a oportunidade; só Deus sabe quando poderia ter outra.

— Diga-lhe que eu o amo — eu disse suavemente, os olhos presos ao tampo da mesa. — Sempre o amarei.

MacDonald emitiu um pequeno som que me fez erguer os olhos para ele.

— Mesmo ele tendo... — começou a dizer, depois parou abruptamente.

— Ele não a matou — eu disse rispidamente. — E nem eu. Eu lhe disse isso.

— Claro que não — ele disse apressadamente. — Ninguém poderia imaginar... eu só quis dizer... mas é claro, um homem é apenas um homem e... mmmhum. — Interrompeu-se e desviou o olhar, ruborizado.

— Ele também não fez isso — eu disse entre os dentes.

Houve um silêncio pesado, durante o qual evitamos o olhar um do outro.

— O general MacDonald é parente seu? — perguntei repentinamente, precisando mudar o rumo da conversa ou ir embora.

O major ergueu os olhos, surpreso — e aliviado.

— Sim, um primo distante. O governador o mencionou?

— Sim — eu disse. Era verdade, afinal de contas; Martin simplesmente não havia mencionado o general para mim. — Você está, hum, dando-lhe assistência? Pareceu-me que está sendo bem-sucedido.

Aliviado por ter escapado do constrangimento social de lidar com a questão de eu ser uma assassina, e Jamie apenas um mulherengo, ou ele um assassino e eu a ingênua menosprezada e enganada, MacDonald estava ansioso por morder a isca oferecida.

— De fato, muito bem-sucedido — ele disse animadamente.

— Recolhi promessas de lealdade de muitos dos mais

proeminentes homens da colônia. Estão prontos a atender as ordens do governador ao menor chamado!

Por acaso, eu conhecia Jonathan McManus, cujos dedos gangrenados dos pés eu removera no inverno passado. Provavelmente, ele era a pessoa mais proeminente de Boone, se com isso MacDonald queria dizer que todos os outros vinte habitantes o conheciam como um bêbado e um ladrão.

Provavelmente também era verdade que ele tinha três homens que iriam lutar com ele, se chamados: seu irmão perneto e seus dois filhos retardados. Tomei um gole de chá para ocultar minha expressão. Ainda assim, MacDonald tinha Farquard Campbell em sua lista; teria Farquard realmente assumido um compromisso formal? — Mas imagino que o general não esteja no momento em nenhum lugar próximo a Brunswick — eu disse — considerando-se, hã, as presentes circunstâncias, não é?

— Se estivesse, o governador estaria bem menos nervoso do que estava.

MacDonald sacudiu a cabeça.

— Não. Mas ele ainda não está pronto para reunir suas forças; ele e McLeod acabaram de descobrir que os escoceses das Highlands já estão prontos para a rebelião. Eles não vão convocar suas tropas enquanto os navios não chegarem.

— Navios? — deixei escapar, surpresa. — Que navios?

Ele sabia que não devia dizer mais nada, mas não pôde resistir. Eu vi em seus olhos; afinal, que perigo poderia haver em me contar? — O governador havia pedido ajuda à Coroa para dominar as facções e focos de rebelião que grassam na colônia. E recebeu garantias de que já está por vir, caso ele consiga levantar apoio suficiente no local para reforçar as tropas governamentais que chegarão de navio.

"Esse é o plano, sabe — ele continuou, animando-se. — Nós fomos notificados — *Oh, nós, deveras!*, pensei — que lorde

Cornwallis começa a reunir tropas na Irlanda, que logo embarcarão. Deverão chegar no início do outono e se juntar à milícia do general. Entre Cornwallis na costa e o general descendo das montanhas... — Ele apertou o polegar e o indicador em um movimento de beliscar. — Eles vão esmagar os malditos whigs como uma penca de piolhos!" — É mesmo? — eu disse, esforçando-me para parecer impressionada. Talvez, sim; eu não fazia a menor ideia, nem me importava muito, não estando em posição de ver muito além do momento atual. Se em algum momento eu conseguisse sair daquele maldito navio e da sombra de um laço de força, eu me preocuparia com isso.

O som da porta da cabine principal se abrindo me fez levantar os olhos. O governador fechava-a atrás de si. Virando-se, ele nos viu e veio perguntar sobre a suposta indisposição de MacDonald.

— Oh, estou muito melhor — o major assegurou-lhe, a mão pressionando o colete de seu uniforme. Arrotou, para ilustrar. — A sra. Fraser é magnífica nessas coisas. Magnífica! — Oh, ótimo — Martin disse. Parecia um pouco menos perturbado do que antes. — Vai querer voltar, então. — Fez sinal para o fuzileiro de prontidão ao pé da escada de escotilha, que bateu continência em obediência e desapareceu imediatamente escada acima.

— Seu barco estará pronto em alguns instantes. — Com um sinal da cabeça indicando a caneca de chá inacabada de MacDonald e uma meticulosa medida para mim, o governador virou-se e entrou na cabine do cirurgião, onde pude vê-lo de pé ao lado da escrivaninha, franzindo a testa para um monte de papéis amassados.

MacDonald apressadamente engoliu o restante do chá e, erguendo as sobrancelhas, convidou-me para acompanhá-lo ao convés superior.

Estávamos no convés, esperando enquanto o barco de pesca local vinha da costa para o Cruiser, quando ele subitamente colocou a mão em meu braço.

Isso me espantou; MacDonald não era o tipo de pessoa de tocar em outra casualmente.

— Farei todo o possível para descobrir o paradeiro de seu marido, madame — ele disse. — Entretanto, me ocorre... — Hesitou, os olhos no meu rosto.

— O quê? — perguntei cautelosamente.

— Eu disse que tinha ouvido muitas especulações... — ele disse delicadamente. — Com relação... hã... ao infeliz fim da srta. Christie. Não seria... desejável... que eu soubesse a verdade sobre a questão, para poder dar um basta a rumores maldosos, caso venha a encontrá-los? Fiquei dividida entre a raiva e a vontade de rir. Eu deveria saber que a curiosidade seria demais para ele. Mas ele tinha razão; considerando-se os rumores que eu ouvira — e eu sabia que não passavam de uma fração do que estavam circulando — a verdade sem dúvida seria mais desejável. Por outro lado, eu tinha absoluta certeza de que contar a verdade de nada adiantaria para sufocar os rumores.

Ainda assim... A ânsia de que houvesse justiça era forte; eu compreendia os pobres coitados que ficavam gritando sua inocência das celas da prisão — e realmente esperava que não viesse a ser uma delas.

— Ótimo — eu disse, vividamente. O imediato estava de volta à amurada, vigiando o forte, e ao alcance de nossa voz, mas imaginei que não tinha importância que ele ouvisse.

— A verdade é a seguinte: Malva Christie ficou grávida de alguém, mas em vez de revelar o verdadeiro pai, insistiu que tinha sido meu marido. Eu sei que isso é falso — acrescentei, fixando nele um olhar penetrante. Ele balançou a cabeça, a boca um pouco aberta.

— Alguns dias mais tarde, fui à minha horta e encontrei a pequena... a srta. Christie deitada no meu canteiro de alfaces com a garganta recém-cortada. Pensei... que havia alguma chance de que eu pudesse salvar a criança... — Apesar da minha presunção de bravata, minha voz tremeu um pouco. Parei, limpando a garganta. — Não consegui. A criança nasceu morta.

Muito melhor não dizer como ela nasceu; aquela imagem confusa de carne cortada e lâmina suja de sangue e terra não era algo que eu quisesse que o major tivesse na mente, se fosse possível evitar. Eu não contara a ninguém — nem mesmo a Jamie — sobre o débil tremor de vida, aquela frágil palpitação que eu ainda mantinha em segredo nas palmas das minhas mãos. Dizer que a criança nascera viva era levantar a imediata suspeita de que eu a matara, e eu sabia disso. Alguns pensariam assim, de qualquer forma; a sra. Martin obviamente pensara.

A mão de MacDonald ainda descansava em meu braço, o olhar em meu rosto. Pela primeira vez, abençoei a transparência do meu semblante; ninguém que observasse meu rosto jamais duvidaria do que eu dizia.

— Compreendo — ele disse serenamente, e apertou meu braço com delicadeza.

Respirei fundo e contei-lhe o resto — detalhes circunstanciais poderiam convencer alguns ouvintes.

— Sabia que havia colmeias na entrada da minha horta? O assassino chutou duas delas ao fugir; ele deve ter sido picado várias vezes; eu fui, quando entrei na horta. Jamie... Jamie não tinha nenhuma picada de abelha. Não foi ele. — E, naquelas circunstâncias, não fui capaz de descobrir que homem... ou mulher? Pela primeira vez, ocorreu-me que poderia ter sido uma mulher... tinha sido picado.

Com isso, ele emitiu um grave "hum!" de interesse. Ficou parado um instante, em contemplação, em seguida sacudiu a

cabeça, como se acordasse de um sonho, e soltou meu braço.

— Muito obrigado, madame, por me contar — ele disse formalmente, e fez uma reverência para mim. — Tenha certeza de que falarei em sua defesa sempre que tiver oportunidade.

— Eu lhe agradeço, major. — Minha voz estava rouca e eu engoli em seco. Eu não sabia o quanto ainda era doloroso tocar no assunto.

O vento se agitou ao nosso redor e as velas enrizadas farfalharam em suas cordas no alto. Um grito vindo de baixo anunciou a presença do barco que levaria MacDonald de volta à praia.

Fez uma profunda reverência sobre a minha mão, o hálito quente nas juntas dos meus dedos. Por um instante, meus dedos apertaram os dele; eu estava surpreendentemente relutante em deixá-lo partir. Mas deixei, e fiquei observando-o durante todo o trajeto até a praia; uma silhueta cada vez menor contra a claridade da água, as costas empertigadas com determinação. Ele não olhou para trás.

O imediato moveu-se junto à amurada, suspirando, e eu olhei para ele, depois para o forte.

— O que estão fazendo? — perguntei. Algumas das formas semelhantes a formigas pareciam estar lançando cordas dos muros para seus companheiros no chão; eu vi as cordas, finas como fios de teias de aranha a distância.

— Eu acredito que o comandante do forte está se preparando para retirar o canhão, madame — ele disse, fechando seu telescópio de latão com um estalido. — Se me dá licença, preciso ir informar o capitão.



## *PÓLVORA, TRAIÇÃO E CONSPIRAÇÃO*

Se a atitude do governador em relação a mim alterou-se com a notícia de que eu na realidade não era uma falsificadora, mas uma notória — ainda que meramente acusada — assassina, não tive oportunidade de descobrir.

Ele, como o resto dos oficiais e metade dos homens a bordo, acorreram à balaustrada e o resto do dia passou-se numa agitação de observação, especulação e atividade em grande parte inútil.

O vigia no mirante no topo do mastro de vez em quando gritava para baixo, informando o que observava — homens deixavam o forte, levando material... as armas do forte, ao que parecia.

— São homens de Collet? — o governador berrou, protegendo os olhos para olhar para o topo do mastro.

— Não sei dizer, senhor — veio a resposta de cima.

Por fim, dois botes do Cruiser foram enviados à costa, com ordens de obter todas as informações que pudessem. Voltaram várias horas mais tarde, com a notícia de que Collet abandonara o forte, diante de ameaças, mas tomara o cuidado de retirar de lá as armas e a pólvora, com receio de que caíssem nas mãos dos rebeldes.

Não, senhor, eles não haviam falado com o coronel Collet, que estava — segundo os boatos — subindo o rio com suas forças milicianas.

Haviam enviado dois homens pela estrada, em direção a Wilmington; era verdade que uma grande tropa se reunia nos campos na periferia da cidade, sob o comando dos coronéis Robert Howe e John Ashe, mas ninguém sabia o que planejavam.

— Ninguém sabe, uma ova! — murmurou o governador, tendo sido cerimoniosamente informado pelo capitão Follard. — Eles pretendem incendiar o forte, o que mais Ashe estaria planejando, pelo amor de Deus? Seus instintos estavam corretos; pouco antes do pôr do sol, o cheiro de fumaça alcançou o navio e pudemos apenas divisar o corre-corre dos homens, como formigas, formando pilhas de escombros inflamáveis em torno da base do forte. Era um edifício simples, quadrado, feito de toras de madeira. Apesar da umidade do ar, ele por fim arderia.

Não levaram muito tempo para iniciar o incêndio, mesmo sem pólvora ou óleo para apressar a queima; quando a noite caía, podíamos ver claramente tochas flamejantes, ondeando pela brisa conforme eram carregadas de um lado para o outro, passadas de mão em mão, mergulhando para acender uma pilha de gravetos, voltando alguns minutos mais tarde, quando os gravetos se apagavam.

Por volta das nove horas, alguém encontrou alguns barris de terebintina e subitamente as chamas dominaram os muros do forte de uma forma letal. Lençóis de chamas ondulantes elevavam-se puros e brilhantes, vagalhões vermelhos e cor de laranja contra a escuridão do céu, e ouvimos fragmentos de vivas e incitações, e trechos de canções irreverentes, trazidos com o cheiro de fumaça e o odor pungente de terebintina pela brisa terral.

— Ao menos, não teremos que nos preocupar com os mosquitos — observei, abanando uma nuvem de fumaça esbranquiçada do meu rosto.

— Obrigado, sra. Fraser — disse o governador. — Eu não havia considerado esse aspecto positivo particular da questão. —



Falou com alguma amargura, os punhos cerrados apoiados impotentemente sobre a balaustrada.

Entendi a ironia e não disse mais nada. Quanto a mim, as chamas ondulantes e a coluna de fumaça que se erguia tremulante em direção às estrelas eram motivo de celebração. Não por qualquer benefício que o incêndio de Fort Johnston pudesse trazer à causa rebelde, mas porque Jamie devia estar lá, junto a uma das fogueiras de acampamento que haviam surgido na praia abaixo do forte.

E se ele estivesse... ele viria amanhã.

Ele veio. Eu já estava acordada bem antes do amanhecer — na verdade, nem havia dormido — e em pé junto à balaustrada. Havia pouco do costumeiro tráfego de barcos nesta manhã, em decorrência do incêndio do forte; o cheiro amargo de cinzas de madeira misturava-se ao odor de pântano dos baixios lamacentos das proximidades, e a água estava parada e com aspecto oleoso. Era um dia cinzento, de nuvens carregadas, e uma profunda barreira de névoa pairava sobre a água, ocultando a praia.

Entretanto, continuei observando, e quando um pequeno barco saiu da névoa, soube no mesmo instante que era Jamie. Ele estava sozinho.

Fiquei olhando o alcance longo e suave de seus braços e o movimento dos remos, e senti uma repentina felicidade, profunda e serena. Eu não fazia a menor ideia do que poderia acontecer — e todo o horror e a raiva ligados à morte de Malva ainda espreitavam do fundo de minha mente, um grande vulto escuro sob uma fina camada de gelo. Mas ele estava ali. Perto o suficiente agora para eu ver seu rosto, conforme ele olhava para trás por cima do ombro, na direção do navio.

Ergui a mão para acenar; seus olhos já estavam fixos em mim. Ele não parou de remar, mas virou-se e continuou. Permaneci agarrada à balaustrada, esperando.

O barco a remo passou e ficou fora de vista por um instante, a sotavento do Cruiser, e eu ouvi o vigia gritar para ele, a resposta forte, mas parcialmente inaudível, e senti o nó que estava apertado havia muito tempo dentro de mim se desfazer ao som de sua voz.

No entanto, permanecia paralisada onde estava, incapaz de me mover. Então, houve passos no convés e um murmúrio de vozes — alguém indo chamar o governador — e eu me virei às cegas, para dentro dos braços de Jamie — Sabia que você viria — sussurrei no linho de sua camisa. Ele cheirava a incêndio: fumaça, resina de pinheiro, tecido queimado e o odor penetrante de terebintina. Fedia a suor rançoso e cavalos, a exaustão de um homem que não dormiu, que trabalhou a noite toda, ao leve cheiro fermentado de longa fome.

Ele me abraçou com força, costelas, hálito, calor e músculos, depois me afastou um pouco dele e olhou dentro dos meus olhos. Ele estava sorrindo desde que eu o avistei. Isso iluminava seus olhos e, sem dizer uma palavra, tirou a touca da minha cabeça e atirou-a pela amurada. Mergulhou as mãos nos meus cabelos, soltando-os, depois segurou meu rosto entre as mãos e me beijou, os dedos enfiados em meu couro cabeludo. Tinha uma barba de três dias, que raspou minha pele como uma lixa, e sua boca transmitia a sensação de lar e segurança.

Em algum lugar atrás dele, um fuzileiro tossiu e disse em voz alta: — Deseja ver o governador, não é, senhor?

Ele me soltou, devagar, e virou-se.

— Sim, de fato — ele disse, estendendo a mão para mim. — Sassenach?

Segurei-a e segui o fuzileiro em direção à escada de escotilha. Olhei para trás, por cima da balaustrada, e vi minha touca balançando nas ondas, inflada de ar e tranquila como uma água-viva.

Entretanto, a momentânea ilusão de paz desapareceu assim que chegamos embaixo.

O governador também estivera de pé a maior parte da noite e não tinha uma aparência muito melhor do que a de Jamie, embora não estivesse, é claro, sujo de fuligem. Mas estava, ainda assim, barbado, com os olhos injetados e sem nenhuma disposição para se preocupar com ninharias.

— Sr. Fraser — ele disse com um rápido cumprimento da cabeça. — O senhor é James Fraser, não? E mora nas montanhas no interior?

— Sou Fraser, de Fraser's Ridge — Jamie disse, educadamente. — E vim buscar minha mulher.

— Oh, é mesmo? — O governador lançou-lhe um olhar irritado e sentou-se, indicando um banco com indiferença. — Lamento informá-lo, senhor, que sua mulher é uma prisioneira da Coroa. Embora talvez o senhor já soubesse disso, não é?

Jamie ignorou o tom de sarcasmo e aceitou o banco oferecido.

— Na verdade, ela não é — ele disse. — Não é verdade que o senhor declarou lei marcial na colônia da Carolina do Norte?

— Sim, é — Martin respondeu laconicamente. Era um assunto um pouco delicado, já que embora ele tivesse declarado lei marcial, não estava em condições de impor seu cumprimento, mas era obrigado a ficar flutuando impotentemente em mar alto, furioso, até que a Inglaterra resolvesse lhe mandar reforços.

— Então, na realidade, todo sistema legal está suspenso — Jamie ressaltou. — Somente o senhor tem controle sobre a custódia e a disposição de qualquer prisioneiro, e minha mulher tem estado, de fato, sob sua custódia por algum tempo. O senhor, portanto, também tem o poder de libertá-la.

— Hum — o governador disse.

Obviamente, ele não havia pensado nisso, nem tinha certeza de seus desdobramentos. Ao mesmo tempo, a ideia de que ele estivesse no controle de qualquer coisa no momento provavelmente tranquilizava seu inflamado estado de espírito.

— Ela não foi levada a julgamento e, na realidade, não existe nenhuma prova citada contra ela — Jamie disse com firmeza.

Eu me vi fazendo uma prece silenciosa de agradecimento por ter contado a MacDonald os detalhes sangrentos somente após sua visita ao governador — podia não ser o que um tribunal moderno chamaria de prova, mas ter sido encontrada com uma faca nas mãos e dois corpos ensanguentados e ainda quentes era certamente circunstancial.

— Ela é acusada, mas não existe nenhum mérito na acusação. Sem dúvida, tendo convivido com ela ainda que por tão pouco tempo, o senhor já tirou suas próprias conclusões quanto ao seu caráter, não? — Sem esperar uma resposta, ele continuou a pressionar. — Quando a acusação foi feita, não resistimos à tentativa de trazer minha mulher, ou eu mesmo, pois também fui acusado no caso, a julgamento. Que melhor indicação pode haver de que devíamos ter tanta confiança em sua inocência a ponto de desejar um julgamento rápido para deixar isso claro? O governador estreitara os olhos e parecia estar pensando intensamente.

— Seus argumentos não são totalmente desprovidos de virtude, senhor — ele disse, finalmente, com uma cortesia formal. — Entretanto, entendo que o crime do qual sua mulher é acusada foi um crime hediondo. A sua libertação pode causar um clamor público, e eu já tenho o suficiente de agitação pública — acrescentou, com um olhar frio para os punhos chamuscados do casaco de Jamie.

Jamie respirou fundo e fez nova tentativa.

— Compreendo perfeitamente as reservas de Vossa Excelência — ele disse. — Talvez alguma... fiança possa ser

oferecida que as supere?

Martin empertigou-se com um salto em sua cadeira, lançando para fora o maxilar recuado.

— O que está sugerindo, senhor? Tem a impertinência, a... a... desfaçatez inominável de tentar me subornar? — Bateu as duas mãos espalmadas na escrivaninha e olhou furiosamente de Jamie para mim e novamente para Jamie. — Que diabos, eu deveria mandar enforcar vocês dois imediatamente!

— Muito bem, sr. Ohnat — murmurei baixinho para Jamie. — Ao menos, já estamos casados.

— Oh, ah — ele respondeu, lançando-me um rápido olhar de incompreensão antes de retornar sua atenção ao governador, que murmurava: — Pendurá-los do maldito cais de verga... a audácia das criaturas! — Não tive essa intenção, senhor. — Jamie manteve a voz inalterada, os olhos francos e diretos. — O que eu ofereço é uma fiança, garantindo a presença de minha mulher no tribunal para responder à acusação contra ela. Quando ela aparecesse, a fiança me seria devolvida.

Antes que o governador pudesse responder a isso, ele enfiou a mão no bolso e retirou algo pequeno e escuro, que colocou em cima da escrivaninha. O diamante negro.

A visão da pedra preciosa fez Martin parar no meio da frase. Piscou uma vez, o rosto de nariz comprido tornando-se quase comicamente perplexo. Ele esfregou o dedo devagar pelo lábio superior, refletindo.

Tendo visto grande parte das contas e da correspondência particular do governador a essa altura, eu sabia muito bem que ele tinha poucos recursos próprios e era obrigado a viver muito acima de sua modesta renda, a fim de manter as aparências necessárias a um governador real.

O governador, por sua vez, estava plenamente consciente de que no atual estado de revolta havia poucas chances de eu ser

levada a julgamento.

Meses — e talvez anos — poderiam se passar antes que o sistema jurídico fosse restabelecido a qualquer coisa que se assemelhasse a um funcionamento de rotina. E por quanto tempo demorasse, ele teria o diamante. Ele não poderia honradamente vendê-lo — mas certamente poderia solicitar um vultoso empréstimo tendo a pedra como garantia, na expectativa razoável de que poderia saldá-lo mais tarde.

Eu vi seus olhos saltarem para as marcas de fuligem no casaco de Jamie, estreitando-se em especulação. Havia também uma boa possibilidade de Jamie ser morto ou preso por traição — e eu vi o impulso de fazer exatamente isso atravessar momentaneamente sua mente — o que deixaria o diamante provavelmente em um limbo legal, mas certamente na posse de Martin. Tive que fazer força para continuar respirando.

Mas Martin não era estúpido — nem venal. Com um pequeno suspiro, empurrou a pedra de volta para Jamie.

— Não, senhor — ele disse, embora sua voz agora tivesse perdido a indignação inicial. — Não aceitarei isso como fiança por sua mulher. Mas a ideia de garantia... — Seu olhar dirigiu-se à pilha de papéis em sua escrivaninha e retornaram a Jamie. — Vou lhe fazer uma proposta, senhor — ele disse abruptamente. — Tenho uma ação em andamento, uma operação pela qual pretendo levantar uma tropa considerável de escoceses das Highlands, que marcharão do interior para a costa, para lá se encontrar com tropas enviadas da Inglaterra e, no processo, dominar o interior em nome do rei.

Ele parou para respirar, observando Jamie atentamente para avaliar o efeito de suas palavras. Eu estava de pé logo atrás de Jamie e não podia ver seu rosto, mas não precisava. Bri, brincando, chamava-a de "cara de jogador de pôquer"; quem quer que olhasse para ele jamais saberia se ele tinha quatro ases, um full-hand ou um

par de três. Eu mesma estava apostando em um par de três — mas Martin não o conhecia nem de longe tão bem quanto eu.

— O general Hugh MacDonald e o coronel Donald McLeod vieram para a colônia algum tempo atrás e têm cruzado o interior da colônia, arregimentando apoio, que conseguiram em número considerável, folgo em dizer. — Seus dedos tamborilaram rapidamente sobre as cartas, depois pararam abruptamente quando ele se inclinou para frente. — O que eu proponho, então, senhor, é o seguinte: o senhor voltará para o interior e reunirá tantos homens quanto puder. Em seguida, se apresentará ao general MacDonald e reunirá suas tropas à campanha dele. Quando eu receber notícias de MacDonald de sua chegada... com, digamos, duzentos homens... então, senhor, eu libertarei sua mulher para você.

Meu pulso estava acelerado, assim como o do governador; eu podia vê-lo pulsando em seu pescoço. Definitivamente, um par de três.

Obviamente, MacDonald não tivera tempo de contar ao governador — ou não sabia — o quanto era cáustica e difundida a reação à morte de Malva Christie. Ainda havia homens em Ridge que seguiriam Jamie, eu tinha certeza, mas muitos mais que não o fariam, ou somente se ele me repudiasse.

Eu tentava raciocinar com alguma lógica sobre a situação, como uma maneira de me distrair da decepção esmagadora de ver que o governador não iria me deixar partir. Jamie teria que ir sem mim, deixar-me ali. Por um instante incontrolável, achei que não iria suportar; iria enlouquecer, gritar e saltar por cima da escrivaninha para arrancar os olhos de Josiah Martin.

Ele ergueu os olhos, vislumbrou meu rosto e sobressaltou-se, começando a se levantar de sua cadeira.

Jamie estendeu a mão para trás e agarrou meu antebraço, com força.

— Fique quieta, a nighean — ele disse suavemente.

Eu estivera prendendo a respiração, sem perceber. Soltei-a nesse momento com uma arfada e me obriguei a respirar pausadamente.

Igualmente devagar, o governador — um olhar cauteloso ainda fixo em mim — sentou-se novamente em sua cadeira. Obviamente, a acusação contra mim acabara de se tornar muito mais plausível em sua mente.

Ótimo, pensei ferozmente, para me impedir de chorar. — Veja se vai conseguir dormir estando eu a apenas alguns passos de você.

Jamie inspirou profundamente e seus ombros retesaram-se sob o casaco em frangalhos.

— Me dê licença, então, senhor, para considerar sua proposta — ele disse formalmente e, soltando meu braço, levantou-se.

— Não se desespere, mo chridhe — ele disse para mim em gaélico. — Eu a verei ao amanhecer.

Levou minha mão aos lábios e beijou-a. Em seguida, com o mais breve dos cumprimentos para o governador, saiu com grandes passadas, sem olhar para trás.

Houve um silêncio repentino na cabine e eu ouvi seus passos se afastarem, subindo a escada da escotilha. Não parei para considerar, mas enfiei a mão em meus espartilhos e retirei a pequena faca que pegara no estojo do cirurgião. Golpeei-a na mesa com todas as minhas forças, de modo que ela ficou presa na madeira da escrivaninha, tremendo diante dos olhos atônitos do governador.

— Seu maldito desgraçado — eu disse calmamente, e saí.



*SACRIFÍCIO*

Eu aguardava junto à balaustrada outra vez antes do alvorecer do dia seguinte. O cheiro de cinzas era forte e pungente no vento, mas a fumaça cessara. No entanto, uma névoa matinal ainda encobria a praia, e eu senti uma pequena sensação de déjà-vu, misturada a esperança, quando vi um bote sair da neblina, avançando lentamente na direção do navio.

A medida que se aproximava, entretanto, minhas mãos apertaram a balaustrada com força. Não era Jamie. Por alguns instantes, tentei me convencer de que era, de que ele havia apenas trocado de casaco — mas a cada golpe dos remos tornava-se mais evidente que não era ele. Fechei os olhos, rasos d'água, o tempo inteiro dizendo a mim mesma que era absurdo estar tão perturbada; isso não significava nada.

Jamie viria; ele dissera isso. O fato de outra pessoa estar vindo bem cedo ao navio nada tinha a ver com ele ou comigo.

Mas tinha, sim. Abrindo os olhos e limpando-os no pulso, olhei novamente para o barco e fiquei perplexa. Não era possível. Mas era. Ele ergueu os olhos ao grito da sentinela e me viu na amurada. Nossos olhos se encontraram por um instante, em seguida ele abaixou a cabeça, pegando os remos. Tom Christie.

O governador não ficou satisfeito em ser tirado da cama ao amanhecer pelo terceiro dia consecutivo; eu podia ouvi-lo embaixo, ordenando a um dos fuzileiros que dissesse ao sujeito, quem quer

que fosse, que esperasse uma hora mais razoável — ao que se seguiu uma batida violenta da porta da cabine.

Eu também não estava satisfeita e nem um pouco disposta a esperar.

Mas o fuzileiro no topo da escada da escotilha recusou-se a me deixar descer. Com o coração batendo forte, então, eu me virei e me dirigi à popa, onde haviam colocado Christie para esperar a boa vontade do governador.

O fuzileiro que estava ali hesitou, mas afinal não havia ordens para me impedir de falar com visitantes; ele me deixou passar.

— Sr. Christie. — Ele estava parado junto à amurada, olhando para a praia, mas virou-se ao me ouvir.

— Sra. Fraser. — Ele estava muito pálido. A barba grisalha destacava-se quase negra. Ele a havia aparado, assim como os cabelos.

Embora ainda parecesse uma árvore atingida por um raio, havia vida em seus olhos outra vez quando ele olhou para mim.

— Meu marido... — comecei, mas ele me interrompeu.

— Ele está bem. Espera pela senhora na praia. Logo se unirá a ele.

— Oh? — O caldeirão fervente de fúria e medo dentro de mim abrandou-se um pouco, como se alguém tivesse diminuído a chama, mas uma sensação de impaciência ainda fumegava. — Bem, o que diabos está acontecendo, pode me dizer? Ele olhou para mim por um longo tempo em silêncio, em seguida umedeceu os lábios rapidamente e virou-se para olhar por cima da balaustrada, para as ondas cinzentas e suaves. Olhou novamente para mim e respirou fundo, obviamente preparando-se para alguma coisa.

— Eu vim confessar o assassinato de minha filha.

Eu simplesmente fitei-o, incapaz de dar sentido às suas palavras.

Depois, consegui reuni-las em uma frase, li-a na tabuleta da minha mente e finalmente a compreendi.

— Não, você não fez isso — eu disse.

O leve esboço de um sorriso agitou-se em sua barba, embora desaparecesse quase antes que eu pudesse notá-lo.

— Você continua do contra, pelo que vejo — ele disse secamente.

— Não importa o que eu continuo sendo — eu disse, um pouco rudemente. — Está louco? Ou este é o plano mais recente de Jamie? Porque se for...

Ele me fez parar com a mão no meu pulso e sobressaltei-me com o toque inesperado de sua mão.

— É a verdade — ele disse muito suavemente. — E eu vou jurar pelas Escrituras Sagradas.

Fiquei parada, olhando para ele, sem me mover. Ele enfrentou meu olhar, diretamente, e eu percebi de repente que ele quase nunca me encarara nos olhos. Durante todo o tempo em que nos conhecemos, ele desviara o olhar, evitara meus olhos, como se quisesse escapar de qualquer reconhecimento verdadeiro da minha pessoa, mesmo quando obrigado a falar comigo.

Agora isso havia desaparecido e a expressão em seus olhos não se parecia a nada que eu já tivesse visto antes. As rugas de dor e sofrimento cortavam fundo ao redor deles e as pálpebras estavam pesadas de tristeza — mas os olhos propriamente ditos eram profundos e calmos como o mar abaixo de nós. Aquela sensação que ele carregara consigo durante todo o trajeto de nossa tenebrosa jornada para o sul, aquela atmosfera de horror mudo, de dor entorpecida, o havia abandonado, substituída por determinação e algo mais — algo que queimava nas profundezas do seu ser.

— Por quê? — eu disse finalmente, e ele soltou meu pulso, recuando um passo.

— Lembra-se de uma vez — pelo tom de reminiscência em sua voz, poderia ter sido décadas atrás — em que me perguntou se eu achava que você era uma bruxa?

— Lembro-me — respondi, cautelosamente. — Você disse... — Agora eu me lembrava dessa conversa, e uma sensação leve e gélida tremulou na base de minha espinha. — Você disse que acreditava em bruxas, mas não acreditava que eu fosse uma.

Ele assentiu, os olhos cinza-escuros fixos em mim. Perguntei-me se ele estaria prestes a rever essa opinião, mas aparentemente não.

— Eu acredito em bruxas — ele disse com uma seriedade totalmente prosaica. — Porque eu as conheci. A menina era uma delas, como a mãe antes dela. — O tremor glacial intensificou-se.

— A menina — eu disse. — Quer dizer, sua filha? Malva?

Ele sacudiu levemente a cabeça e seus olhos adquiriram um tom mais escuro.

— Não era minha filha — ele disse.

— Não... não era sua? Mas... seus olhos. Ela tinha seus olhos. — Eu ouvi minha voz dizer isso e no mesmo instante poderia ter mordido a língua. Ele apenas sorriu, porém, melancolicamente.

— E os do meu irmão. — Ele virou-se para a balaustrada, colocou as mãos sobre ela e olhou a extensão do mar, na direção da terra. — Seu nome era Edgar. Quando houve o Levante e eu me declarei a favor dos Stuart, ele não quis saber, dizendo que era loucura. Ele me implorou para não ir. — Sacudiu a cabeça devagar, vendo alguma coisa na lembrança, que eu sabia que não era a costa coberta de floresta. — Eu pensei... bem, não importa o que eu pensei, mas eu fui. E pedi a ele que tomasse conta de minha mulher e do menino. — Ele inspirou fundo e soltou o ar devagar. — E ele o fez.

— Compreendo — eu disse, muito suavemente. Ele virou a cabeça abruptamente ao som de minha voz, os olhos cinzentos

penetrantes.

— Não foi culpa dele! Mona era uma bruxa, uma feiticeira.  
— Seus lábios comprimiram-se diante da expressão em meu rosto.  
— Não acredita em mim, pelo que estou vendo. É a verdade; mais de uma vez, eu a flagrei trabalhando com seus amuletos, observando determinadas horas.

Certa vez, subi ao telhado de casa à meia-noite, à sua procura. Eu a vi lá, completamente nua e fitando as estrelas, no centro de um pentagrama que ela desenhara com o sangue de um pombo estrangulado, e seus cabelos esvoaçantes, soltos, enlouquecidos ao vento.

— Seus cabelos... — eu disse, buscando um fio condutor ao qual me apegar, e repentinamente compreendendo. — Tinha cabelos como os meus, não é? Ele assentiu, desviando o olhar, e vi sua garganta se mover quando engoliu em seco.

— Ela era... o que ela era — ele disse suavemente. — Tentei salvá-la, através da oração, através do amor. Não consegui.

— O que aconteceu a ela? — perguntei, mantendo a voz tão baixa quanto a dele. Com o vento que soprava, havia pouca chance de sermos ouvidos, mas esse não era o tipo de coisa que eu achasse que alguém deveria ouvir.

Ele suspirou e engoliu outra vez.

— Ela foi enforcada — ele disse, soando quase trivial a respeito. — Pelo assassinato do meu irmão.

Isso, ao que parecia, acontecera enquanto Tom estava preso em Ardsmuir; ela lhe mandara a notícia, pouco antes da execução, falando-lhe do nascimento de Malva e que ela estava confiando as crianças aos cuidados da mulher de Edgar.

— Imagino que ela achasse isso engraçado — ele disse, parecendo distraído. — Mona possuía o mais estranho senso de humor que eu já vi.

Senti frio, além da friagem da brisa matinal, e abracei meus cotovelos.

— Mas você os recuperou: Allan e Malva.

Ele balançou a cabeça; fora exilado, mas teve a sorte de ter seu contrato de trabalho comprado por um homem bondoso e rico, que lhe deu o dinheiro para as passagens dos filhos para as colônias. Depois, entretanto, tanto seu patrão quanto a mulher com quem ele se casara aqui morreram de uma epidemia de febre amarela e, à cata de uma nova oportunidade, ele ouvira falar do assentamento de Jamie Fraser na Carolina do Norte e que ele ajudaria os homens que ele conhecera em Ardsmuir a cultivarem a própria terra.

— Juro por Deus que eu cortaria a própria garganta antes de procurar Jamie — ele disse, virando-se bruscamente para mim outra vez. — acredite-me.

Ele parecia totalmente sincero. Eu não sabia o que dizer em resposta, mas ele não parecia esperar nenhuma e continuou: — A menina... ela não tinha mais do que cinco anos quando a vi pela primeira vez, mas já tinha o mesmo mal: a mesma timidez, o mesmo encanto, a mesma escuridão na alma.

Ele fizera tudo que lhe era possível para salvar Malva também — surrava-a, para arrancar a maldade de dentro dela, para refrear o veio de selvageria e, acima de tudo, para impedir que ela exercesse seus artifícios sobre os homens.

— Sua mãe era assim também. — Seus lábios cerraram-se diante do pensamento. — Qualquer homem. Era a maldição de Lilith que elas tinham, ambas.

Senti um vazio na boca do meu estômago, quando ele voltou à questão de Malva.

— Mas ela estava grávida... — eu disse.

Seu rosto empalideceu ainda mais, mas sua voz era firme.

— Sim, estava. Não acho errado impedir que outra bruxa venha a este mundo.

Vendo meu rosto, ele continuou antes que eu pudesse interromper.

— Sabe que ela tentou matá-la? Você e eu, nós dois.

— O que quer dizer? Tentou me matar, como?

— Quando você lhe falou das coisas invisíveis, os... os germes. Ela se interessou muito por isso. Ela me disse, quando a flagrei com os ossos.

— Que ossos? — perguntei, uma lasca de gelo escorrendo pelas minhas costas.

— Os ossos que ela tirou da sepultura de Efraim, para fazer seus feitiços sobre seu marido. Ela não usou todos eles e eu os encontrei em sua cesta de costura mais tarde. Eu bati muito nela e ela me contou, então.

Acostumada a vagar sozinha pela floresta em busca de ervas e comestíveis ela fazia isso durante o auge da epidemia de disenteria. E em suas andanças, ela se deparou com a cabana isolada do comedor-de-pecados, aquele homem estranho, avariado. Ela o encontrou à morte, ardendo em febre e em coma profundo, e enquanto estava lá tentando decidir se corria em busca de ajuda ou simplesmente corria, ele de fato morreu. Diante disso, tomada de inspiração — e tendo em mente meus cuidadosos ensinamentos — ela pegou muco e sangue do corpo e colocara em uma pequena garrafa com um pouco de caldo de carne da chaleira acima do fogo, acalentando a mistura dentro do seu espartilho com o calor do próprio corpo.

E despejara algumas gotas dessa infusão mortal em minha comida e na do pai, na esperança de que, se nós ficássemos doentes, nossas mortes seriam vistas como parte da doença que assolava Ridge.

Senti meus lábios dormentes e exangues.

— Tem certeza disso? — sussurrei.

Ele balançou a cabeça, não fazendo nenhum esforço para me convencer e somente isso me deu a convicção de que ele falava a verdade.

— Ela queria... Jamie? — perguntei.

Ele fechou os olhos por um instante; o sol subia no céu e, apesar do seu brilho estar atrás de nós, o reflexo na água era ofuscante como uma placa de prata.

— Ela... queria — ele disse finalmente. — Ela desejava. Desejava riqueza, posição social, aquilo que ela considerava liberdade, sem nunca ver como licença... nunca! — Ele falou com uma violência repentina e eu pensei que não era apenas Malva que nunca vira as coisas como ele via.

Mas ela desejava Jamie, quer por ele mesmo, ou apenas por sua propriedade. E quando seu feitiço de amor fracassou e sobreveio a epidemia da doença, tomou um caminho mais direto na direção daquilo que desejava. Eu ainda não conseguia compreender bem tudo aquilo — no entanto, sabia que era verdade.

Então, vendo-se inconvenientemente grávida, arquitetara um novo plano.

— Sabe quem era realmente o pai? — perguntei, minha garganta fechando-se outra vez... achei que para sempre isso aconteceria... à lembrança da horta banhada de sol e dos dois corpos pequenos e destruídos. Uma grande perda.

Ele sacudiu a cabeça, mas recusou-se a olhar para mim e eu soube que ele fazia ideia, ao menos. Mas não iria me dizer e imaginei que não importava no momento. E o governador subiria a qualquer momento, pronto para recebê-lo.

Ele também ouviu a movimentação embaixo e respirou fundo.

— Eu não podia deixá-la destruir tantas vidas, não podia deixá-la continuar. Pois ela era uma bruxa, não se engane. O fato de



ter fracassado em me matar e a você não passou de sorte. Ela teria matado alguém, antes de terminar. Talvez você, se seu marido se apegasse a você. Talvez ele, na esperança de herdar sua propriedade para a criança. — Respirou fundo, uma respiração dolorida e entrecortada. — Ela não nasceu de mim, mas... era minha filha, meu sangue. Eu não podia... não podia permitir... eu era responsável. — Parou, incapaz de terminar. Nisso, pensei, ele disse a verdade. No entanto...

— Thomas — eu disse com firmeza —, isso é tolice, e você sabe disso.

Ele olhou para mim, surpreso, e vi que seus olhos estavam rasos d'água.

Ele pestanejou para reprimi-las e respondeu ferozmente.

— É o que diz?. Não sabe de nada, nada!

Ele me viu encolher e abaixou os olhos. Em seguida, desajeitadamente, estendeu o braço e tomou minha mão. Senti as cicatrizes da cirurgia que eu realizara, a força flexível dos dedos que me apertavam.

— Esperei toda a minha vida, em uma busca... — Abanou vagamente a mão esquerda, depois fechou os dedos, como se agarrasse o pensamento, e continuou com mais segurança. — Não. Na esperança. Na esperança de algo que não conseguia nomear, mas que eu sabia que devia existir.

Seus olhos examinaram meu rosto, atentamente, como se memorizasse minhas feições. Ergui a mão, desconfortável sob aquele escrutínio, pretendendo, imagino, arrumar meus cabelos desalinhados — mas ele pegou minha mão e segurou-a, surpreendendo-me.

— Deixe-os — ele disse.

Com as duas mãos nas dele, eu não tinha escolha.

— Thomas — eu disse, hesitante. — Sr. Christie...

— Convenci-me de que era Deus que eu procurava. Talvez fosse.

Mas Deus não é de carne e osso, e só o amor de Deus não pôde me suster.

Eu já escrevi minha confissão. — Soltou minhas mãos e remexeu no bolso, tateando um pouco, e retirou uma folha de papel dobrada, que agarrou nos dedos curtos e sólidos. — Eu jurei aqui que fui eu que matei minha filha, pela vergonha que ela trouxe sobre mim com seus caprichos. — Falou com voz bastante firme, mas pude ver o movimento de sua garganta acima do lenço murcho.

— Você não fez isso — eu disse com firmeza. — Eu sei que não fez.

Ele pestanejou, olhando para mim.

— Não — ele disse, sem emoção. — Mas talvez devesse ter feito. Eu fiz uma cópia dessa confissão — ele disse, enfiando o documento dentro do casaco outra vez — e a deixei na sede do jornal de New Bern. Eles vão publicá-la. O governador a aceitará... como poderia ser diferente?... e você ficará livre.

Estas últimas palavras me deixaram muda. Ele ainda segurava minha mão direita; seu polegar afagava as articulações dos meus dedos delicadamente. Eu queria retirá-la, mas me obriguei a permanecer imóvel, compelida pela expressão de seus olhos, cinza-claros e completamente vulneráveis agora, sem disfarces.

— Sempre ansiei — ele disse baixinho — por um amor dado e retribuído; passei a vida em uma tentativa de dar meu amor àqueles que não o mereciam. Permita-me isso: dar minha vida por alguém que o merece.

Senti como se alguém tivesse me dado um soco e tirado o ar de meus pulmões. Não conseguia respirar, mas esforcei-me para formar as palavras.

— Sr. Chr... Tom — eu disse. — Não deve fazer isso. Sua vida tem... tem valor. Não pode jogá-la fora assim! Ele balançou a cabeça, paciente.

— Eu sei disso. Se não tivesse, isso não valeria nada.

Passos subiam as escadas da escotilha e eu ouvi a voz do governador embaixo, em animada conversa com o capitão dos fuzileiros.

— Thomas! Não faça isso!

Ele apenas olhou para mim e sorriu — eu alguma vez o vira sorrir? — mas não falou. Ergueu minha mão e curvou-se sobre ela; senti as alfinetadas de sua barba e o calor de seu hálito, a suavidade de seus lábios.

— Sou seu criado, madame — ele disse muito suavemente. Apertou minha mão e soltou-a, depois se virou e olhou na direção da praia. Um pequeno barco vinha em nossa direção, escuro contra o brilho do mar prateado. — Seu marido está vindo buscá-la. Adieu, sra. Fraser.

Ele virou-se e se afastou, as costas firmes apesar das vagas que subiam e desciam sob nós.

# PARTE ONZE



*NO DIA DA VINGANÇA*



*PARA MANTER LONGE UM FANTASMA*

Jamie gemeu, espreguiçou-se e sentou-se pesadamente na cama.

— Sinto-me como se alguém tivesse pisado no meu pau.

— Oh? — Abri um olho para espreitá-lo. — Quem?

Ele me deu um olhar injetado.

— Não sei, mas parece que foi alguém pesado.

— Deite-se — eu disse, bocejando. — Não precisamos ir embora agora mesmo; pode descansar mais um pouco.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, quero chegar em casa. Já estamos fora há muito tempo. — No entanto, ele não se levantou e não terminou de se vestir, mas continuou sentado na cama vergada da estalagem, de camisa, as mãos grandes caídas preguiçosamente entre as coxas.

Ele parecia muito cansado, apesar de ter acabado de acordar, e não era de admirar. Devia ter passado vários dias sem dormir, entre a procura por mim, o incêndio de Fort Johnston e os acontecimentos referentes à minha libertação do Cruiser. Lembrando-me, senti um desânimo estender-se sobre meu próprio estado de espírito, apesar da alegria com que havia acordado, percebendo que estava livre, em terra e com Jamie.

— Deite-se — repeti. Rolei na cama para perto dele e coloquei a mão em suas costas. — Mal acaba de amanhecer. Ao

menos, espere pelo café da manhã. Não pode viajar sem descanso ou comida.

Ele olhou para a janela, ainda com as persianas fechadas; as frestas haviam começado a esbranquiçar com a luz crescente, mas eu tinha razão; não havia nenhum barulho embaixo de fogo sendo atizado, panelas batendo, anunciando os preparativos. Capitulando repentinamente, ele deixou-se cair devagar de lado, incapaz de reprimir um suspiro quando a cabeça assentou-se novamente no travesseiro.

Não protestou quando atirei a colcha puída sobre ele, nem quando me curvei para encaixar meu corpo no dele, passando um braço pela sua cintura e repousando minha face em suas costas. Ele ainda cheirava a fumaça, apesar de nós dois termos nos lavado apressadamente na noite anterior, antes de cair na cama e mergulhar em um muito merecido esquecimento.

Eu podia sentir o quanto ele estava cansado. Minhas próprias juntas ainda doíam de fadiga — e por causa do colchão de lã, achatado e cheio de grumos. Ian esperava com cavalos quando chegamos à praia e havíamos cavalgado o máximo possível antes do cair da noite, finalmente parando em uma estalagem caindo aos pedaços, no meio do nada, uma rústica acomodação à beira da estrada para carroceiros a caminho da costa.

— Malcolm — ele dissera, com uma breve hesitação, quando o estalajadeiro perguntou seu nome. — Alexander Malcolm.

— E Murray — Ian dissera, bocejando e coçando as costelas. — John Murray.

O estalajadeiro balançou a cabeça, sem dar muita importância. Não havia nenhum motivo para ele associar três viajantes sujos e desinteressantes com um caso notório de assassinato — e ainda assim, eu sentira o pânico se avolumar sob meu diafragma quando ele olhou para mim.

Eu pressentira a hesitação de Jamie em dar o nome, sua aversão a retomar uma das muitas alcunhas sob as quais vivera um dia. Mais do que a maioria dos homens, ele dava valor ao seu nome — eu só esperava que, com o tempo, ele voltasse a ter valor.

Roger poderia ajudar. Ele devia ser um ministro plenamente habilitado a essa altura, pensei, sorrindo diante da ideia. Ele possuía um verdadeiro dom para acalmar as divisões entre os habitantes de Ridge, acalmando as animosidades — e com a autoridade adicional de ser um ministro ordenado, sua influência seria aumentada.

Seria bom tê-lo de volta. E ver Bri e Jemmy outra vez — tive um momento de saudade deles, embora fôssemos nos ver em breve; pretendíamos atravessar Cross Creek e pegá-los no trajeto. Mas obviamente, nem Bri nem Roger sabiam do que acontecera nas últimas três semanas — nem o que a vida poderia ser agora, em decorrência disso.

Os passarinhos cantarolavam alegremente nas árvores lá fora; após os constantes gritos de gaivotas e andorinhas-do-mar que formavam o pano de fundo da vida no Cruiser, o canto dos pássaros era suave, uma conversa familiar que me fez ansiar repentinamente por Ridge. Eu compreendia a urgente necessidade de Jamie de voltar para casa — mesmo sabendo que o que encontraríamos lá não seria a mesma vida que deixáramos para trás.

Os Christie teriam ido embora, para começar.

Eu não tivera a chance de perguntar a Jamie as circunstâncias de meu resgate; eu fora finalmente levada à praia pouco antes do pôr do sol e havíamos partido imediatamente, Jamie desejando colocar a maior distância possível entre mim e o governador Martin — e, talvez, Tom Christie.

— Jamie? — eu disse suavemente, meu hálito quente nas dobras de sua camisa. — Você o obrigou a isso? Tom?

— Não. — Sua voz também era suave. — Ele foi à gráfica de Fergus no dia em que você deixou o palácio. Ele ouviu dizer que a cadeia tinha sido incendiada...

— O quê? A casa do xerife Tolliver? Ninguém me disse isso! Ele virou-se de costas, olhando para mim.

— Não creio que ninguém com quem você tivesse falado nos últimos dias soubesse disso — ele disse calmamente. — Ninguém morreu, Sassenach. Eu perguntei.

— Tem certeza? — perguntei, preocupada com Sadie Ferguson. — Como aconteceu? Uma turba de arruaceiros?

— Não — ele disse, bocejando. — Pelo que ouvi dizer, a sra. Tolliver ficou totalmente bêbada, atijou demais o fogo da lavagem de roupas, depois se deitou na sombra e adormeceu. A lenha ruiu, as brasas incendiaram a grama, o fogo espalhou-se até a casa e... — Abanou a mão, ilustrativamente. — O vizinho sentiu o cheiro de fumaça e correu a tempo de arrastar a sra. Tolliver e a criança para fora. Disse que não havia mais ninguém na casa.

— Oh. Bem... — Eu o deixei me persuadir a me deitar novamente, a cabeça descansando na curva de seu ombro. Eu não podia me sentir estranha com ele, não depois de passar a noite pressionada contra seu corpo em uma cama estreita, cada qual consciente de qualquer pequeno movimento do outro. Ainda assim, eu me sentia muito cônica de sua presença.

E ele da minha; seu braço estava ao meu redor, seus dedos inconscientemente explorando minhas costas, lendo de leve minhas formas como se fossem em braille enquanto conversávamos.

— Então, Tom. Ele sabia do L'Onion, é claro, e assim foi lá, quando soube que você havia desaparecido da prisão. A essa altura, você já tinha saído do palácio também. Ele levou algum tempo para se afastar de Richard Brown, sem levantar suas suspeitas. — Mas ele nos encontrou lá e me disse o que pretendia fazer. — Seus dedos afagavam a minha nuca e eu senti a rigidez dos músculos ali



começar a relaxar. — Eu disse a ele para aguardar, pois queria fazer uma tentativa de resgatá-la por minha conta, mas se eu não conseguisse...

— Então você sabe que ele não fez isso. — Falei com certeza.  
— Ele lhe disse que tinha sido ele?

— Ele disse apenas que mantivera silêncio enquanto havia uma possibilidade de você ser julgada e inocentada, mas se você parecesse em perigo imediato, então ele pretendia se apresentar e confessar imediatamente; foi por isso que ele insistiu em vir conosco. Eu, ah, não quis lhe fazer perguntas — ele disse delicadamente.

— Mas não foi ele, Tom não fez isso — insisti. — Jamie, você sabe que ele não fez isso!

Senti seu peito se elevar sob minha face quando ele respirou.

— Eu sei — ele disse suavemente.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Ouviu-se uma sequência de pancadas breves e secas do lado de fora e eu me sobressaltei, mas era apenas um pica-pau caçando insetos nas vigas da estalagem.

— Acha que vão enforcá-lo? — perguntei finalmente, fitando as vigas rachadas no alto.

— Acredito que sim. — Seus dedos haviam retomado seu movimento quase inconsciente, alisando fios dos meus cabelos para trás da orelha. Permaneci imóvel, ouvindo a batida surda de seu coração, sem querer fazer a pergunta seguinte. Mas era preciso.

— Jamie, diga-me que ele não fez isso, não fez essa confissão, por mim. Por favor. — Eu achava que não suportaria isso, não depois de tudo o mais.

Seus dedos pararam, apenas tocando minha orelha.

— Ele a ama. Sabe disso, não? — Ele falou muito serenamente; ouvi a reverberação das palavras em seu peito, assim

como as próprias palavras.

— Ele disse isso. — Senti um aperto na garganta, lembrando-me daquele olhar franco e cinzento. Tom Christie era um homem que dizia o que pensava e acreditava no que dizia... um homem como Jamie, nesse aspecto, ao menos.

Jamie permaneceu em silêncio por um longo tempo. Depois suspirou e virou a cabeça, sua face repousando em meus cabelos; ouvi o leve arranhar de sua barba.

— Sassenach... eu teria feito o mesmo e acharia que minha vida tinha valido a pena, se isso a salvasse. Se ele sente o mesmo, então você não fez nada de errado em relação a ele, tirar sua vida das mãos dele.

— Oh, meu Deus — exclamei. — Oh, meu Deus. — Eu não queria pensar em nada daquilo. Nem no olhar cinza-claro de Tom, nem nos gritos das gaivotas, nem nas rugas de aflição que retalhavam seu rosto, nem na ideia do que ele sofrera, em perda, em culpa, em suspeita... em medo. Nem queria pensar em Malva, dirigindo-se para aquela morte inadvertida no meio das alfices, seu filho pesado e tranquilo no útero.

Nem no sangue escuro, cor de ferrugem, secando em poças e gotas entre as folhas das parreiras.

Acima de tudo, eu não queria pensar que eu tivera qualquer coisa a ver com a tragédia — mas isso era inevitável.

Engoli em seco, com força.

— Jamie... algum dia tudo ficará bem outra vez?

Ele segurou minha mão, afagando delicadamente com o polegar, de um lado para o outro, a base dos meus dedos.

— A garota está morta, mo chridhe.

Fechei meus dedos sobre seu polegar, fazendo-o parar.

— Sim, e alguém a matou, e não foi Tom. Oh, meu Deus, Jamie... quem? Quem foi?

— Não sei — ele disse, e seus olhos ficaram escuros de tristeza. — Ela era uma jovem que ansiava por amor, eu acho... e tomou-o. Mas ela não sabia como devolvê-lo.

Respirei fundo e fiz a pergunta que ficara pairando entre nós desde o assassinato.

— Você não acha que foi Ian, não é?

Ele quase sorriu.

— Se tivesse sido ele, a nighean, nós saberíamos. Ian poderia matar, mas não deixaria você ou eu sofrermos por isso.

Suspirei, remexendo os ombros para aliviar a tensão que os contraía.

Ele tinha razão, e eu me senti reconfortada em relação a Ian — e ainda mais culpada, em relação a Tom Christie.

— O homem que a engravidou... se não foi Ian, e espero que não tenha sido... ou alguém que a queria e a matou por ciúmes quando descobriu que ela estava grávida...

— Ou alguém já casado. Ou uma mulher, Sassenach.

Isso me deixou paralisada.

— Uma mulher?

— Ela tomou o amor de alguém — ele repetiu e sacudiu a cabeça. — O que a faz pensar que foi apenas dos rapazes que ela o fez?

Fechei os olhos, visualizando as possibilidades. Se ela tivesse tido um caso com um homem casado — e eles a olhavam, também, apenas um pouco mais discretamente — sim, ele podia tê-la assassinado para não ser descoberto. Ou uma mulher ultrajada... Tive uma visão breve e assustadora de Murdina Bug, o rosto contorcido no esforço enquanto pressionava o travesseiro no rosto de Lionel Brown. Arch? Santo Deus, não. Mais uma vez, com uma sensação de completo desamparo, eu me afastei da questão, vendo mentalmente os muitos rostos de Fraser's Ridge — um deles escondendo a alma de um assassino.

— Não, eu sei que nada pode ser feito por eles: nem por Malva, nem por Tom. Nem mesmo por Allan. — Pela primeira vez, pensei no filho de Tom, tão repentinamente privado de sua família e em circunstâncias tão terríveis. — Mas o resto...

— Ridge, eu queria dizer. Nosso lar. A vida que havíamos tido. Nós.

Começara a ficar quente debaixo da colcha, deitados juntos — quente demais, e eu senti uma onda de calor se apoderar de mim. Sentei-me abruptamente, retirando a colcha, e me inclinei para frente, erguendo os cabelos da minha nuca na esperança de um instante de frescor.

— Levante-se, Sassenach.

Jamie virou-se na cama, levantou-se e tomou-me pela mão, ajudando-me a levantar. O suor começara a porejar pelo meu corpo como sereno e minhas faces estavam afogueadas. Ele inclinou-se, pegando a bainha da minha combinação com as duas mãos, e retirou-a pela minha cabeça.

Ele sorriu debilmente, olhando para mim, depois se inclinou e soprou suavemente os meus seios. O frescor era um pequeno, mas abençoado alívio, e meus mamilos ergueram-se em silenciosa gratidão.

Ele abriu as persianas para deixar entrar mais ar, depois recuou e tirou a própria camisa. Já havia amanhecido completamente e a inundação da pura luz da manhã cintilou nos contornos de seu torso pálido, na teia prateada de suas cicatrizes, nos pelos ruivo-dourados de seus braços e pernas, nos pelos hirsutos e prateados de sua barba. Igualmente na pele escuramente coberta de seus genitais em seu estado matinal; duros contra sua barriga e passando à cor suave e macia que se encontra no âmago de uma rosa sombreada.

— E quanto a endireitar as coisas — ele disse —, eu não sei... mas pretendo tentar. — Seus olhos percorreram meu corpo,

inteiramente nu, ligeiramente salpicado de sal e visivelmente sujo nos pés e tornozelos. Ele sorriu. — Devemos começar, Sassenach?

— Você está tão cansado que mal consegue ficar em pé — protestei.

— Hum... com algumas exceções — acrescentei, olhando para baixo. Era verdade; havia olheiras sob seus olhos e, apesar das linhas de seu corpo ainda serem longas e graciosas, também eram eloquentes de profunda fadiga. Eu mesma me sentia como se tivesse sido atropelada por um rolo compressor e eu não estive acordada a noite inteira incendiando fortes.

— Bem, considerando que temos uma cama à disposição, não pretendo ficar de pé para isso — ele respondeu. — Veja bem, eu posso jamais ficar em pé outra vez, mas acho que posso me manter acordado pelos próximos dez minutos, ao menos. Pode me beliscar se eu adormecer — ele sugeriu, sorrindo.

Revirei os olhos para ele, mas não argumentei. Deitei-me sobre os lençóis encardidos, mas agora frescos, e com um pequeno tremor na boca do estômago, abri as pernas para ele.

Fizemos amor como se estivéssemos submersos na água, com os membros pesados e lentos. Mudos, capazes de falar apenas através de um arremedo de pantomima. Mal havíamos nos tocado assim desde a morte de Malva — e sua lembrança continuava conosco.

E não somente a lembrança dela. Durante algum tempo, tentei me concentrar apenas em Jamie, focalizando minha atenção nas pequenas intimidades de seu corpo, tão conhecido — a minúscula marca branca da cicatriz triangular em sua garganta, as espirais de pelos ruivos e a pele bronzeada embaixo — mas eu estava tão cansada que minha mente recusava-se a cooperar e insistia em me mostrar fragmentos aleatórios de lembranças ou, mais perturbador ainda, imaginação.

— Não adianta — eu disse. Meus olhos estavam fechados com força e eu agarrava as cobertas da cama com as duas mãos, o lençol amarrotado entre meus dedos. — Não consigo.

Ele fez um pequeno ruído de surpresa, mas imediatamente se afastou, deixando-me suada e trêmula.

— O que foi, a nighean? — ele perguntou suavemente. Não me tocou, mas aproximou-se de mim.

— Não sei — eu disse, quase em pânico. — Eu não paro de ver... desculpe-me, desculpe-me, Jamie. Eu vejo outras pessoas; é como se eu estivesse fazendo amor com outros homens.

— Ah, é? — Ele pareceu cauteloso, mas não aborrecido.

Houve um farfalhar de tecidos e ele me cobriu com o lençol. Isso ajudou um pouco, mas não muito. Meu coração batia com força no peito, sentia-me zozna e não parecia conseguir respirar; minha garganta se fechava.

*Bolus hystericus*, pensei, com toda calma. Pare com isso, Beauchamp.

Mais fácil dizer do que fazer, mas realmente parei de me preocupar que estivesse tendo um ataque cardíaco.

— Ah... — A voz de Jamie era cautelosa. — Quem? Hodgepile e...

— Não! — Meu estômago contraiu-se de repugnância à ideia. Engoli. — Não, eu... eu nem havia pensado nisso.

Ele permaneceu silencioso ao meu lado, respirando. Senti-me como se estivesse literalmente me partindo em pedaços.

— Quem é que você vê, Claire? — ele sussurrou. — Pode me dizer?

— Frank — eu disse, depressa, antes que pudesse mudar de ideia. — E Tom. E... e Malva. — Meu peito subia e descia, e eu sentia que nunca mais conseguiria respirar normalmente outra vez. — Eu podia... de repente, eu podia sentir todos eles — falei sem parar para pensar. — Tocando-me. Querendo entrar. — Rolei na cama,

enterrando o rosto no travesseiro, como se quisesse bloquear tudo fora de mim.

Jamie ficou em silêncio por um longo tempo. Eu o teria magoado? Lamentei ter lhe contado — mas eu não tinha mais defesas. Eu não podia mentir, nem pela melhor das razões; simplesmente não havia nenhum lugar para onde ir, nenhum lugar para me esconder. Sentia-me assediada por fantasmas sussurrantes, suas perdas, suas necessidades, seu amor desesperado me dilacerando. Separando-me de Jamie, separando-me de mim mesma.

Todo o meu corpo estava contraído e rígido, tentando evitar uma dissolução, e meu rosto estava tão enterrado no travesseiro, tentando fugir, que eu achei que fosse sufocar, e tive que virar a cabeça, arfando, tentando respirar.

— Claire. — A voz de Jamie era suave, mas senti seu hálito em meu rosto e meus olhos se abriram instantaneamente. Seus olhos eram ternos, sombreados de tristeza. Muito devagar, ele ergueu a mão e tocou meus lábios.

— Tom — falei abruptamente. — Sinto como se ele já estivesse morto, por minha causa, e isso é terrível. Não posso suportar isso, Jamie, realmente não posso!

— Eu sei. — Ele mexeu a mão, hesitou. — Pode suportar que a toque?

— Não sei. — Engoli o bolo em minha garganta. — Experimente e veremos.

Isso o fez sorrir, embora eu tivesse falado sério. Ele colocou a mão delicadamente em meu ombro e me virou, depois me apertou contra ele, movendo-se devagar, de modo que eu pudesse me afastar. Não me afastei.

Deixei-me afundar contra seu corpo e agarrei-me a ele como se fosse uma tábua de salvação, a única coisa que me impedia de afogar. E era.

Abraçou-me, afagando meus cabelos, por um longo tempo.

— Pode chorar por eles, mo nighean donn? — sussurrou em meus cabelos finalmente. — Deixe-os entrar.

A simples ideia me fez enrijecer de pânico outra vez.

— Não posso.

— Chore por eles — ele sussurrou, e sua voz penetrou-me mais fundo do que seu pênis. — Não se consegue manter um fantasma a distância.

— Não posso. Tenho medo — eu disse, mas já soluçava de pesar, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Não posso!

No entanto, eu o fiz. Deixei de lutar e me abri, à lembrança e à tristeza. Solucei como se meu coração fosse se partir — e deixei-o se partir, por eles, e por tudo que não pude salvar.

— Deixe-os vir e chore por eles, Claire — ele sussurrou. — E quando eles tiverem ido embora, eu a levarei de volta para casa.



*O VELHO AMO**River Run*

Tinha chovido muito na noite anterior e apesar de o sol ter saído brilhante e forte, a terra estava encharcada e parecia exalar um vapor, tornando o ar ainda mais pesado. Brianna prendera os cabelos para cima, para deixar a nuca livre, mas os fios escapavam constantemente, agarrando-se, úmidos, à sua testa e faces, sempre caindo em seus olhos. Afastou uma mecha irritadamente com as costas das mãos; seus dedos estavam sujos do pigmento que ela moía — e a umidade não estava ajudando em nada, fazendo o pó formar grumos e aderir às paredes do almofariz.

Mas ela precisava dele; tinha uma nova encomenda, que deveria começar esta tarde.

Jem rondava por perto, também entediado e enfiando os dedos em tudo. Cantarolava consigo mesmo, baixinho; ela não prestava nenhuma atenção, até por acaso apreender algumas palavras da letra.

— O que foi que você disse? — ela perguntou, aproximando-se dele, incrédula. Ele não podia estar cantando "Folsom Prison Blues"... podia? Ele pestanejou para ela, enfiou o queixo no peito e disse — na voz mais grave que conseguiu produzir: — "Olá. Eu sou

Johnny Cash." Quase não conseguiu conter uma risada, sentindo as faces ficarem ruborizadas com o esforço de se conter.

— Onde aprendeu isso? — ela perguntou, embora soubesse muito bem. Havia apenas uma maneira de Jem ter aprendido aquilo, e seu coração se animou com o pensamento.

— Papai — ele disse, sério.

— Papai andou cantando? — ela perguntou, tentando parecer descontraída. Tinha que ser. E, igualmente óbvio, devia estar seguindo o conselho de Claire, mudar o registro de sua voz de modo a soltar suas cordas vocais paralisadas.

— Hum-hum. Papai canta sempre. Ele me ensinou a canção sobre a manhã de domingo, outra sobre Tom Dooley e... e muitas outras — ele terminou, um pouco perdido.

— É mesmo? Bem, isso é... Largue isso! — ela disse, quando ele preguiçosamente pegou a bolsinha aberta de pigmento de garança.

— Xi. — Ele olhou com ar de culpa para o borrão de tintura que fora expelido do saquinho de couro e aterrissara em sua camisa, depois para ela e fez um movimento experimental na direção da porta.

— E ele só diz "Xi" — ela disse ameaçadoramente. — Não se mexa' — Estendendo a mão, agarrou-o pela gola e aplicou um pano embebido em terebintina vigorosamente na frente de sua camisa, conseguindo apenas produzir uma grande mancha cor-de-rosa, em vez de uma linha vermelho-viva.

Jem permaneceu em silêncio durante essa experiência penosa, a cabeça balançando para frente e para trás, conforme ela o puxava, esfregando.

— Aliás, o que você está fazendo aqui dentro? — ela perguntou, irritada — Já não lhe disse para ir arranjar alguma coisa para fazer? — Afinal, não havia falta do que fazer em River Run.

Ele abaixou a cabeça e murmurou alguma coisa, na qual ela distinguiu a palavra "medo".

— Medo? De quê? — Um pouco mais delicadamente, ela retirou sua camisa pela cabeça.

— Do fantasma.

— Que fantasma? — ela perguntou cautelosamente, sem saber ao certo como lidar com isso. Ela sabia que todos os escravos de River Run acreditavam em fantasmas, como se fossem um fato da vida. Como praticamente todos os colonos escoceses de Cross Creek, Campbelton e Ridge. E os alemães de Salem e Bethania. Aliás, quanto a isso, seu próprio pai.

Ela não podia simplesmente dizer a Jem que fantasmas não existiam, até porque ela própria não estava inteiramente convencida disso.

— O fantasma de Maighistear Arsaidh — ele disse, erguendo os olhos para ela pela primeira vez, os olhos azul-escuros perturbados. — Josh diz que ele anda por aí.

Algo correu pelas suas costas como uma centopeia. Maighistear Arsaidh queria dizer Velho Amo — Hector Cameron. Involuntariamente, ela olhou na direção da janela. Estavam em um quartinho em cima do estábulo, onde ela fazia a parte mais suja da preparação de tintas, e o mausoléu de mármore branco de Hector Cameron era claramente visível dali, brilhando como um dente ao lado do gramado embaixo.

— Por que será que Josh diz isso? — ela perguntou, procurando ganhar tempo. Seu primeiro impulso foi explicar que fantasmas não andavam em plena luz do dia, mas o óbvio resultado disso era que eles realmente andavam por aí à noite, e a última coisa que ela queria fazer era provocar pesadelos em Jem.

— Ele disse que Angelina o viu, anteontem à noite. Um fantasma velho ande — ele disse, esticando-se, as mãos em garras, e arregalando os olhos em óbvia imitação do relato de Josh.

— É mesmo? E o que ele estava fazendo? — Ela manteve o tom de voz descontraído, apenas ligeiramente interessado, e pareceu funcionar; Jem estava mais interessado do que com medo, por enquanto.

— Andando — Jem disse com um pequeno estremecimento. — O que mais fantasmas faziam, afinal? — Ele estava fumando um cachimbo? — Ela tinha visto um cavalheiro alto caminhando entre as árvores do gramado embaixo e teve uma ideia.

Jem pareceu um pouco desconcertado com a ideia de um fantasma que fumava cachimbo.

— Não sei — disse, em dúvida. — Fantasmas fumam cachimbo?

— Duvido — ela disse. — Mas o sr. Buchanan fuma. Está vendo ele lá embaixo no gramado? — Ela se afastou para o lado, gesticulando na direção da janela com o queixo, e Jem ergueu-se na ponta dos pés para olhar por cima do parapeito. O sr. Buchanan, um conhecido de Duncan que estava hospedado na casa, estava de fato fumando cachimbo neste exato momento; o leve aroma de seu tabaco chegava até eles pela janela aberta.

— Acho que Angelina provavelmente viu o sr. Buchanan andando por aí no escuro — ela disse. — Talvez ele estivesse com seu camisão de dormir, tendo ido à latrina, e ela simplesmente viu o vulto branco e pensou que ele fosse um fantasma.

Jem deu uma risadinha diante da ideia. Ele parecia disposto a acreditar, mas arqueou os ombros magros, espreitando o sr. Buchanan atentamente.

— Josh disse que Angelina falou que o fantasma estava saindo do túmulo do velho sr. Hector — ele disse.

— Imagino que o sr. Buchanan simplesmente deu a volta nele e ela o viu vindo pelo lado, e achou que ele estava saindo de dentro do túmulo — ela disse, cuidadosamente evitando qualquer pergunta sobre o motivo de um cavalheiro escocês de meia-idade

estar dando voltas em um túmulo em sua camisa de dormir; obviamente, essa não era uma ideia que tenha parecido estranha a Jemmy.

Entretanto, ocorreu a ela perguntar exatamente o que Angelina estava fazendo lá fora no meio da noite vendo fantasmas, mas pensando melhor, resolveu não perguntar. A razão mais provável para uma criada sair furtivamente à noite não era algo que um menino da idade de Jem precisasse saber.

Seus lábios apertaram-se um pouco à lembrança de Malva Christie, que talvez tivesse ido a um encontro na horta de Claire. Com quem?, perguntou-se, pela milésima vez, ao mesmo tempo que automaticamente fazia o sinal-da-cruz com uma breve oração pelo descanso da alma de Malva. Quem teria sido? Se houvesse um fantasma que caminhava...

Um pequeno tremor percorreu-a, mas isso por sua vez lhe deu uma nova ideia.

— Acho que foi o sr. Buchanan que Angelina viu — ela disse com firmeza.

— Mas se um dia você tiver medo de fantasmas, ou de qualquer outra coisa, você simplesmente faça o sinal da cruz e diga uma pequena prece ao seu anjo da guarda.

As palavras lhe deram uma leve sensação de tontura — talvez fosse uma sensação de déjà-vu. Ela achava que alguém — sua mãe? seu pai? — havia lhe dito exatamente a mesma coisa, em algum momento no passado distante de sua infância. De que ela tivera medo? Não se lembrava mais, mas lembrou-se da sensação de segurança que a oração lhe dera.

Jem franziu a testa, em dúvida; ele sabia o sinal da cruz, mas não tinha tanta certeza sobre a oração para o anjo. Ela a ensaiou com ele, sentindo-se ligeiramente culpada ao fazê-lo.

Era apenas uma questão de tempo até ele fazer alguma coisa claramente católica — como o sinal da cruz — em frente de alguém

importante para Roger. De um modo geral, as pessoas ou assumiam que a mulher de um ministro também fosse protestante, ou sabiam a verdade, mas não estavam em posição de discutir o assunto. Ela sabia que havia rumores entre o rebanho de Roger, particularmente depois da morte de Malva e dos mexericos sobre seus pais — sentiu os lábios se apertarem com força outra vez e tentou relaxá-los — mas Roger recusava-se terminantemente a ouvir tais observações.

Sentiu uma profunda pontada de saudades de Roger, mesmo com a preocupante ideia de potenciais complicações religiosas frescas em sua mente. Ele havia escrito; Élder McCorkle se atrasara, mas deveria estar em Edenton em uma semana. Mais uma semana, talvez, antes da reunião da Sessão do Presbitério — e então ele viria a River Run buscá-los.

Ele estava extremamente feliz com a ideia de sua ordenação; sem dúvida, uma vez ordenado, eles não poderiam destituí-lo — se era isso que acontecia com ministros infiéis — por ter uma mulher católica, não é? Ela se converteria, se fosse necessário, para que Roger pudesse ser o que ele tão claramente desejava — e precisava — ser? O pensamento a fez sentir um grande vazio e ela abraçou Jem para se reconfortar. Sua pele era úmida e ainda macia como a de um bebê, mas podia sentir a dureza dos ossos pressionando a carne, com a promessa de um tamanho que um dia provavelmente igualaria o do pai e do avô. Seu pai — lá estava um pensamento pequeno e brilhante que acalmava todas as suas ansiedades e até amenizava a dor da falta de Roger.

Os cabelos de Jemmy há muito haviam crescido de novo, mas ela beijou o local atrás de sua orelha esquerda onde ficava a marca de nascença, fazendo-o encolher os ombros e dar uma risadinha com a cócega do hálito de sua mãe em seu pescoço.

Em seguida, ela o mandou levar a camisa manchada para Matilda, a lavadeira, para ver o que podia ser feito, voltando então

para sua moagem.

O cheiro mineral da malaquita em seu almofariz parecia vagamente errado; levantou-o e cheirou, consciente de que aquilo era ridículo, mesmo enquanto o fazia: pedra moída não podia estragar. Talvez a mistura de terebintina e os vapores do cachimbo do sr. Buchanan estivessem afetando seu olfato. Sacudiu a cabeça e raspou o pó verde cuidadosamente para dentro de um frasco, para ser misturado com óleo de noqueira ou usado em uma têmpera de ovo mais tarde.

Ela lançou um olhar apreciativo sobre a seleção de caixas e saquinhos — alguns fornecidos por tia Jocasta, outros cortesia de John Grey, enviados especialmente de Londres — e os frascos e bandejas de secagem dos pigmentos que ela própria havia moído, para ver o que mais seria necessário.

Esta tarde ela fazia apenas esboços preliminares — a encomenda era de um retrato da idosa mãe do sr. Forbes — mas ela talvez tivesse apenas uma ou duas semanas para terminar o trabalho antes da volta de Roger; não podia desperdiçar...

Uma onda de vertigem a fez sentar-se repentinamente e pontos negros flutuaram pela sua visão. Ela colocou a cabeça entre os joelhos, respirando fundo. Não ajudou; o ar estava acre de solventes e pesado com os cheiros pútridos dos animais no estábulo embaixo.

Levantou a cabeça e agarrou a borda da mesa. Suas entranhas pareciam ter se liquefeito repentinamente em uma substância que se movia com ela como água em uma tigela, sacolejando da barriga à garganta e de volta, deixando o cheiro amargo de bílis no fundo do seu nariz.

— Oh, meu Deus.

O líquido em sua barriga subiu à garganta e ela mal teve tempo de agarrar a bacia de lavar as mãos da mesa e jogar a água no

chão, antes de seu estômago virar do lado do avesso no esforço frenético de se esvaziar.

Ela largou a bacia, com muito cuidado, e ficou sentada, arquejante, fitando a mancha de água no assoalho, enquanto o mundo sob ela girou sobre o próprio eixo e assentou-se em um ângulo novo e desconfortável.

— Parabéns, Roger — ela disse em voz alta, a voz parecendo fraca e trêmula no ar úmido e abafado. — Eu acho que você vai ser papai. De novo.

Permaneceu sentada, imóvel, por algum tempo, cautelosamente explorando as sensações de seu corpo, buscando uma certeza. Ela não tivera enjoos com Jemmy — mas lembrava-se da estranha alteração de seus sentidos; aquele estado peculiar chamado sinestesia, em que a visão, o olfato, o gosto e até mesmo às vezes a audição de vez em quando e estranhamente assumiam características uns dos outros.

Passara tão repentinamente quanto acontecera; o odor pungente do tabaco do sr. Buchanan estava muito mais forte, mas agora era apenas a queima adocicada de folhas curadas, não uma coisa manchada de verde e marrom que se contorcia pelas suas cavidades nasais e chocalhava as membranas de seu cérebro como um telhado de zinco em uma tempestade de granizo.

Ela estava tão concentrada nas sensações do seu corpo e o que elas podiam ou não significar que na verdade não notara as vozes no aposento ao lado. Era o modesto escritório de Duncan, onde ele guardava os livros da contabilidade e os documentos da propriedade e — ela achava — onde ele se escondia, quando a grandiosidade da casa se tornava demais para ele.

O sr. Buchanan estava com Duncan lá agora e o que havia começado como um murmúrio de conversa cordial agora mostrava sinais de tensão.



Ela se levantou, aliviada por sentir apenas uma leve umidade residual agora, e pegou a bacia. Ela possuía a inclinação natural do ser humano de ouvir a conversa alheia, mas ultimamente tomava o cuidado de não ouvir nada além do que deveria.

Duncan e sua tia Jocasta eram ferrenhos legalistas, e nada do que ela pudesse dizer na forma de argumento lógico ou diplomática insistência era capaz de dissuadi-los. Ela ouvira mais de uma das conversas particulares de Duncan com tories locais que fizeram seu coração apertar-se de apreensão, sabendo, como sabia, qual seria o desfecho dos acontecimentos atuais.

Ali no sopé das montanhas, no coração do distrito de Cape Fear, a maioria dos cidadãos sólidos era legalista, convencidos de que a violência que ocorria no norte era uma desordem exagerada e desnecessária, e se não fosse, pouco tinha a ver com eles — e que o que era mais necessário ali era mão firme para conter os whigs radicais, antes que seus excessos provocassem uma desastrosa retaliação. Saber que exatamente uma desastrosa retaliação estava a caminho — e para pessoas de quem ela gostava e até amava — dava-lhe o que seu pai chamava de monstro do pavor: uma sensação fria de horror opressivo, enroscando-se pelo seu sangue.

— Quando, então? — A voz de Buchanan veio com clareza quando ela abriu a porta, parecendo impaciente. — Eles não vão esperar, Duncan.

Preciso do dinheiro até quarta-feira ou Dunkling venderá as armas em outro lugar; você sabe que o mercado é vendedor agora. Por ouro, ele esperará, mas não por muito tempo.

— Sim, sei disso muito bem, Sawny. — Duncan parecia impaciente, e muito constrangido, Brianna pensou. — Se puder ser feito, será.

— Se? — Buchanan gritou. — Que "se" é esse? Até agora, tem sido, oh, sim, Sawny, nenhum problema, claro, Sawny, diga a Dunkling que está feito, oh, é claro, Sawny...

— Eu disse, Alexander, que se puder ser feito, será. — A voz de Duncan era baixa, mas de repente tinha um veio metálico que ela nunca ouvira antes.

Buchanan disse algo rude em gaélico e de repente a porta do escritório de Duncan escancarou-se e o sujeito apareceu, com tal pressa que mal a viu, dando nada mais do que um brusco cumprimento com a cabeça ao passar.

Ainda bem, ela pensou, já que estava ali de pé, segurando uma bacia de vômito.

Antes que pudesse ir se desfazer da bacia, Duncan também saiu.

Parecia afogueado, irritado — e extremamente preocupado. No entanto, ele a notou.

— Como está passando, menina? — perguntou, estreitando os olhos para ela. — Está um pouco esverdeada. Comeu alguma coisa estragada?

— Acho que sim. Mas estou bem agora — ela disse, virando-se apressadamente para colocar a bacia no quarto atrás dela. Colocou-a no chão e fechou a porta. — Você, hã, está bem, Duncan?

Ele hesitou por um instante, mas o que quer que estivesse incomodando-o era inquietante demais para ele se manter calado. Olhou ao redor, mas nenhum dos escravos ficava por ali naquela hora do dia. Ainda assim, ele se aproximou e abaixou a voz.

— Por acaso... você viu alguma coisa peculiar, a nighean?

— Peculiar, como? Ele esfregou o nó de um dedo sob o bigode caído e olhou à volta outra vez.

— Perto do túmulo de Hector Cameron, hein? — ele perguntou, a voz pouco mais do que um sussurro.

Seu diafragma, ainda dolorido das ânsias de vômito, contraiu-se bruscamente diante disso e ela colocou a mão na barriga.

— Notou, então? — A expressão de Duncan aguçou-se.

— Eu, não — ela disse e explicou sobre Jemmy, Angelina e o suposto fantasma.

— Achei que talvez fosse o sr. Buchanan — ela concluiu, balançando a cabeça na direção das escadas por onde Alexander Buchanan havia desaparecido.

— Bem, é uma ideia — Duncan murmurou, esfregando distraidamente a têmpora grisalha. — Mas não... claro que não. Ele não poderia... mas é uma ideia.

Brianna achou que ele pareceu um pouco mais esperançoso.

— Duncan, pode me dizer o que está acontecendo?

Ele inspirou fundo, sacudindo a cabeça — não em recusa, mas de perplexidade — e soltou o ar novamente, os ombros se arriando.

— O ouro — ele disse simplesmente. — Desapareceu.

Sete mil libras em barras de ouro eram uma quantia substancial, em todos os sentidos da palavra. Ela não fazia a menor ideia de quanto uma quantia como essa poderia pesar, mas havia forrado completamente o caixão de Jocasta, castamente ao lado do caixão de Hector Cameron no mausoléu da família.

— O que quer dizer com "desapareceu"? — ela falou, atônita. — Tudo?

Duncan agarrou seu braço, as feições contorcidas na urgência de fazê-la se calar.

— Sim, tudo — ele disse, olhando ao redor outra vez. — Pelo amor de Deus, menina, fale baixo!

— Quando foi isso? Ou melhor, quando você descobriu que havia desaparecido?

— Ontem à noite. — Ele tornou a olhar em volta e sacudiu o queixo, indicando seu escritório. — Entre, menina. Vou lhe contar.

A agitação de Duncan diminuiu um pouco ao lhe contar a história; quando terminou, havia recuperado uma certa dose de calma aparente.

As sete mil libras eram o que restava das dez mil originais, que por sua vez eram um terço das trinta mil enviadas — tarde demais, mas enviadas ainda assim — por Luís de França em apoio à tentativa fracassada de Carlos Stuart de tomar os tronos da Inglaterra e da Escócia.

— Hector foi cuidadoso, hein? — Duncan explicou. — Vivia como um homem rico, mas sempre dentro dos recursos que um lugar como este — abanou a mão em um gesto largo, indicando as terras e instalações de River Run — poderia proporcionar. Gastou mil libras adquirindo as terras e construindo a casa, depois, ao longo dos anos, mais mil em escravos, gado e outros bens. E mil libras ele colocou nos bancos. Jo disse que não podia suportar a ideia de todo esse dinheiro parado, sem render nenhum dividendo — ele deu um sorriso melancólico — embora ele fosse inteligente demais para atrair atenção aplicando-o. Imagino que ele pretendesse talvez investir o resto, um pouco de cada vez, mas morreu antes de fazê-lo.

Deixando Jocasta como uma viúva muito rica — mas ainda mais cautelosa do que seu marido fora sobre atrair uma atenção indesejável. E assim o ouro ficara guardado, seguro em seu esconderijo, salvo pelo único lingote gradualmente desbastado e negociado por Ulysses. Que havia desaparecido, ela se lembrou com apreensão. Alguém sabia que havia ouro aqui.

Talvez quem quer que tivesse pegado aquele lingote tenha imaginado que deveria haver mais — e procurou, silenciosa e pacientemente, até encontrar. Mas agora...

— Ouviu falar no general MacDonald? Ela ouvira o nome com frequência ultimamente, em conversas — ele era um general escocês, mais ou menos aposentado, ela presumira —, que ficava aqui e ali, hóspede de várias famílias proeminentes. Mas não ouvira sobre seus propósitos.

— Ele pretende reunir homens, três mil, quatro, entre os escoceses, para marchar para a costa. O governador pediu ajuda. Navios de guerra estão sendo enviados. Assim, os homens do general descerão pelo vale de Cape Fear — ele fez um gracioso gesto de descida com a mão — se encontrarão com o governador e suas tropas e esmagarão as milícias rebeldes que estão se formando.

— E você pretendia lhe dar o ouro... ou não — ela se corrigiu. — Você pretendia lhe dar armas e pólvora.

Ele balançou a cabeça e mordeu o bigode, com um ar infeliz.

— Um homem chamado Dunkling; Alexander o conhece. Lorde Dunsmore está fazendo um grande estoque de pólvora e armas na Virgínia e Dunkling é um dos seus tenentes, disposto a abrir mão de uma parte desse estoque em troca de ouro.

— Que agora está desaparecido. — Ela respirou fundo, sentindo o suor escorrer entre seus seios, umedecendo ainda mais sua combinação.

— Que agora está desaparecido — ele concordou, tristemente. — E eu fico pensando quem seria esse fantasma do pequeno Jem, hein? Fantasma, deveras. Para alguém ter entrado em um lugar como River Run, fervilhante de gente, e ter removido um grande peso em ouro, sem ser notado...

O som de passos na escada fez Duncan virar a cabeça bruscamente na direção da porta, mas era apenas Josh, um dos cavaleiros negros, o chapéu na mão.

— É melhor irmos agora, sra. Bri — ele disse, inclinando-se respeitosamente. — Se ainda quiser a luz.

Para seus desenhos, ele queria dizer. Era uma boa hora de viagem até a casa do advogado Forbes em Cross Creek, e o sol já ia alto no céu.

Olhou para seus dedos sujos de verde e lembrou-se dos cabelos despencando do seu coque improvisado; teria que se

arrumar um pouco antes.

— Vá, menina. — Duncan abanou a mão indicando a porta, o rosto magro ainda enrugado de tensão, porém um pouco mais aliviado por ter compartilhado suas preocupações.

Ela beijou-o afetuosamente na testa e desceu atrás de Josh. Estava preocupada e não apenas com o ouro roubado e fantasmas à solta.

General MacDonald Pois se ele pretendia reunir homens para lutar entre os escoceses das Highlands, um dos que ele iria procurar naturalmente seria seu pai.

Como Roger ressaltara havia algum tempo: Jamie pode andar na corda bamba entre os whigs e os tories melhor do que qualquer outro homem que eu conheça, mas quando chegar a hora... ele terá que pular.

A hora chegara em Mecklenberg e agora com MacDonald.

*UMA VIAGEM AO LITORAL*

Neil Forbes, achando prudente se ausentar de seus costumeiros redutos por algum tempo, retirara-se para Edenton, com a desculpa de levar sua idosa mãe para visitar sua ainda mais idosa irmã. Ele aproveitara a longa viagem, apesar das queixas de sua mãe sobre as nuvens de poeira levantadas por outra carruagem que os precedia.

Ele relutara em sacrificar sua visão daquela carruagem — um veículo pequeno, de bom molejo, cujas janelas estavam trancadas e fechadas com cortinas pesadas. Mas ele sempre fora um filho dedicado e, na próxima parada, foi falar com o cocheiro. A outra carruagem educadamente deixou-se ficar para trás, seguindo-os a uma distância conveniente.

— O que você está olhando, Neil? — sua mãe perguntou, erguendo os olhos depois de prender seu broche de granada favorito. — É a terceira vez que olha pela sua janela.

— Nada, mamãe — ele disse, inspirando profundamente. — Apenas apreciando o dia. O tempo está ótimo, não é? A sra. Forbes fungou, mas cortesmente colocou seus óculos no nariz e inclinou-se para olhar para fora.

— Sim, bem, está muito bom — admitiu, de modo dúbio. — Mas está quente e tão úmido que se pode torcer a camisa.

— Não se preocupe, a leannan — ele disse, batendo delicadamente em seu ombro vestido de preto. — Estaremos em Edenton antes que você se dê conta. E mais fresco lá. Nada como a brisa do mar, segundo dizem, para um ar saudável!



*RONDA NOTURNA**Edenton*

A casa do reverendo Mcmillan ficava à beira d'água. Uma bênção naquele clima quente e abafado. A brisa do mar à noite varria tudo — calor, fumaça das lareiras, mosquitos. Os homens sentavam-se na enorme varanda depois do jantar, fumando seus cachimbos e apreciando o descanso.

O prazer de Roger era perturbado pela consciência culpada de que a mulher do reverendo Mcmillan e suas três filhas iam e vinham, lavando louça, tirando a mesa, varrendo o chão, aferventando as sobras dos ossos do presunto do jantar com lentilhas para a sopa do dia seguinte, colocando as crianças na cama e de um modo geral trabalhando arduamente dentro de casa, no seu interior sufocante. Em casa, ele teria se sentido obrigado a ajudar nesse trabalho ou enfrentar a ira de Brianna; ali, uma oferta de ajuda seria recebida com uma incredulidade boquiaberta, seguida de profunda desconfiança. Assim, ele sentava-se pacificamente na fresca brisa da noite, observando os barcos de pesca atravessando a água de volta para o estreito e bebericando algo que passava por café, enquanto entabulava uma agradável conversa masculina.

De vez em quando, ele pensou, até que era bom o modelo de papéis sexuais do século XVIII.

Conversavam sobre as notícias do sul: a fuga do governador Martin de New Bern, o incêndio de Fort Johnston. O clima político de Edenton era fortemente a favor dos whigs e o grupo era em grande parte clerical — reverendo dr. McCorkle, seu secretário Warren Lee, reverendo Jay Mcmillan, reverendo Patrick Dugan e quatro "pretendentes" aguardando ordenação como Roger — mas ainda havia correntes de divergências políticas fluindo sob a superfície aparentemente cordial da conversa.

O próprio Roger falava pouco; não queria ofender a hospitalidade de Mcmillan contribuindo com qualquer argumento — e algo dentro dele ansiava por quietude, pela contemplação do amanhã.

Então, a conversa tomou um novo rumo e ele se viu prestando grande atenção. O Congresso Continental se reunira na Filadélfia havia dois meses e dera ao general Washington o comando do exército Continental. Warren Lee estava na Filadélfia na ocasião e fez um vívido relato da batalha de Breed's Hill, à qual estivera presente.

— O general Putnam trouxe cargas de terra e galhos para o gargalo da península de Charlestown. O senhor disse que sabia disso? — ele perguntou, cortesmente virando-se para Roger. — Bem, o coronel Prescott já está lá, com duas milícias de Massachusetts e parte de uma outra de Connecticut. Talvez uns mil homens ao todo e, valha-me Deus, que fedor aqueles acampamentos! Seu suave sotaque sulista — Lee era da Virginia — tinha um ligeiro tom de humor, mas este desapareceu quando ele continuou.

— O general Ward deu ordens para fortificar essa colina, Bunker Hill, como é chamada, por causa de um velho reduto no alto. Mas o coronel Prescott subiu a colina e não gostou muito do

que viu, ele e o sr. Gridley, o engenheiro. Assim, deixaram um destacamento lá e foram para Breed's Hill, que acharam que talvez fosse melhor para os propósitos, por ficar mais perto do porto.

"Agora, vejam bem, tudo isso aconteceu à noite. Eu estava com uma das companhias de Massachusetts e marchamos para lá, depois passamos a noite toda, de meia-noite ao amanhecer, cavando trincheiras e levantando muros de quase dois metros em todo o perímetro. Quando amanheceu, nós nos escondemos atrás de nossas fortificações, e bem a tempo, aliás, porque havia um navio inglês no porto, Lively, disseram, que abriu fogo assim que o sol surgiu. Foi uma bela visão, porque a neblina ainda estava sobre a água e o tiro de canhão iluminava-a com clarões vermelhos. Mas não fizeram nenhum estrago, a maioria das balas caiu no porto. Mas na verdade eu vi um baleeiro nas docas ser atingido. Incendiou-se como um graveto. A tripulação começou a pular fora do barco como pulgas quando o Lively iniciou os disparos. De onde eu estava, podia vê-los, pulando nas docas, brandindo os punhos cerrados. Então, o Lively soltou uma nova descarga e todos eles se atiraram no chão ou saíram correndo como coelhos." A luz já havia quase desaparecido e o rosto jovem de Lee estava invisível nas sombras, mas o divertimento em sua voz fez um surdo rumor de risada percorrer os outros homens.

— Houve alguns disparos de uma bateria de cima de Copp's Hill e um ou dois dos outros navios deram uns tiros, mas viram que de nada adiantaria e pararam. Então, chegaram uns sujeitos de New Hampshire para se juntar a nós e isso deixou todo mundo animado. Mas o general Putnam enviou muitos homens de volta para trabalhar nas fortificações em Bunker e o pessoal de New Hampshire acampou bem para baixo à esquerda, onde não há nenhuma proteção, salvo cercas empalhadas de capim moído. Olhando para eles lá embaixo, fiquei satisfeito de ter mais de um

metro de trincheira sólida diante de mim, vou lhes dizer, cavalheiros.

As tropas britânicas começaram a atravessar audaciosamente o rio Charles sob o sol de meio-dia, com os navios de guerra atrás deles e as baterias em terra lhes dando cobertura.

— Não revidamos os tiros, é claro. Não tínhamos nenhum canhão — Lee disse, dando de ombros.

Roger, ouvindo atentamente, não pôde deixar de fazer uma pergunta nesse momento.

— É verdade que o coronel Stark disse: "Não atirem enquanto não virem o branco dos olhos deles"? Lee tossiu discretamente.

— Bem, senhor. Não sei dizer se alguém disse isso, mas eu mesmo não ouvi. Veja bem, o que eu ouvi foi um coronel gritar: "Qualquer filho da mãe que desperdiçar sua pólvora antes dos desgraçados estarem suficientemente perto para matar vai ter o mosquete enfiado no cu com a coronha primeiro." O grupo irrompeu em uma estrondosa gargalhada. Mas uma pergunta da sra. Mcmillan, que viera oferecer mais refrescos, sobre o motivo da graça os fez se calarem subitamente e eles se esforçaram para ouvir com sóbria atenção o resto do relato de Lee.

— Bem, aí eles começaram a avançar e, vou lhes dizer, era uma visão assustadora. Tinham vários regimentos e cada qual com uma cor diferente, fuzileiros e granadeiros, fuzileiros navais reais e uma boa infantaria leve, todos avançando como uma horda de formigas, e com a mesma ferocidade.

"Não vou alegar bravura para mim mesmo, cavalheiros, mas eu diria que os companheiros que estavam ao meu lado tinham muita coragem.

Nós os deixamos se aproximarem e as primeiras fileiras estavam a não mais do que dez passos de distância quando nossa rajada de projéteis os atingiu.

"Eles se reorganizaram, voltaram e nós os derrubamos outra vez, como pinos de boliche. E os oficiais, havia um bando de oficiais, eles estavam a cavalo. Eu derrubei um deles. Ele emborcou para frente, mas não caiu do cavalo, pois seu cavalo o levou embora. Bamboleando, com a cabeça solta. Mas ele não caiu." A voz de Lee havia perdido um pouco de seu colorido e Roger viu a forma corpulenta do reverendo McCorkle inclinar-se para seu secretário, tocando seu ombro.

— Eles se reorganizaram uma terceira vez e atacaram. E... a maioria de nós não tinha mais munição. Eles ultrapassaram as barreiras e cercas.

Com as baionetas em riste.

Roger estava sentado nos degraus da varanda, Lee acima dele e a vários passos de distância, mas pôde ouvir o jovem engolir em seco.

— Nós batemos em retirada. É como eles dizem. Nós corremos, isso foi o que fizemos. E eles também.

Engoliu outra vez.

— Uma baioneta... faz um som terrível quando penetra em um homem. Simplesmente... terrível. Não sei dizer como é, não sei descrevê-lo adequadamente. Mas eu ouvi, e mais de uma vez. Muitos foram atravessados pelas baionetas naquele dia, espetados, e em seguida o aço era retirado, e eles ficavam lá para morrer no chão, debatendo-se como peixes.

Roger vira — manuseara — baionetas do século XVIII, inúmeras vezes. Lâmina triangular de quarenta e três centímetros, pesada e brutal, com um sulco para o sangue em um dos lados. Ele pensou, subitamente, na cicatriz sulcada que subia pela coxa de Jamie Fraser e levantou-se.

Murmurando uma breve desculpa, deixou a varanda e começou a caminhar pela praia, parando apenas por um instante para tirar os sapatos e as meias.

Era maré vazante; areia e seixos estavam molhados e frios sob seus pés descalços. A brisa fazia as folhas das palmeiras às suas costas farfalharem e uma fileira de pelicanos voou pela praia, solenes diante dos últimos resquícios de luz. Ele entrou um pouco na água, pequenas ondas batendo em seus calcanhares, sugando a areia de baixo dos seus pés, fazendo-o mudar de posição e cambalear para manter o equilíbrio.

Lá longe, nas águas do estreito de Albermale, ele podia ver luzes; barcos de pesca, com pequenas fogueiras acesas em caixas de areia a bordo, para acender as tochas que os pescadores penduravam ao lado da embarcação. Elas pareciam flutuar no ar, balançando de um lado para o outro, seus reflexos na água piscando devagar, como vaga-lumes.

As estrelas começavam a surgir. Ficou parado, olhando para o céu, tentando esvaziar a mente, o coração, abrir-se para o amor de Deus.

Amanhã ele seria um ministro. Tu és um sacerdote para sempre, dizia o serviço de ordenação, citando a Bíblia, pela Ordem de Melquisedeque.

"Está com medo?", Brianna lhe perguntara, quando ele lhe disse.

— Sim — disse suavemente, em voz alta.

Ficou parado até a linha da arrebentação se afastar dele, depois a seguiu, entrando na água, desejando o toque rítmico das ondas.

"E o fará, ainda assim?" — Sim — ele disse, ainda mais suavemente. Não sabia com o que estava concordando, mas concordava, mesmo assim. De longe na praia, atrás dele, a brisa trazia-lhe de vez em quando um fragmento de risada, algumas palavras da varanda do reverendo Mcmillan. Eles haviam, portanto, mudado do assunto de guerra e morte.

Algun deles já teria matado um homem? Lee, talvez. O reverendo McCorkle? Resfolegou com um pouco de ceticismo diante da ideia, mas não a descartou. Virou-se e caminhou mais um pouco, até os únicos sons serem os das ondas e do vento.

Busca da alma. Era o que os escudeiros costumavam fazer, ele pensou sorrindo um pouco ironicamente diante do pensamento. Na noite anterior a ser consagrado cavaleiro, um jovem fazia vigília em uma igreja ou capela de guarda durante todas as horas da noite, iluminado apenas pela claridade de uma lanterna do santuário, rezando.

Para quê?, ele se perguntou. Pureza da mente, firmeza de propósito.

Coragem? Ou talvez perdão? Ele não pretendia matar Randall Lillington; fora quase um acidente, e também legítima defesa. Mas ele estava caçando quando o fez, saía à procura de Stephen Bonnet, pretendendo matá-lo a sangue-frio. E Harley Boble; ele ainda podia ver o brilho nos olhos do caçador de recompensas, sentir o eco do golpe, os cacos do crânio do sujeito reverberando pelos ossos de seu próprio braço. Ele tivera a intenção de matar, sim. Poderia ter parado. Não o fez.

Amanhã iria jurar perante Deus que acreditava na doutrina da predestinação, que ele estava destinado a fazer o que fez. Talvez.

Talvez eu não acredite nisso tanto assim, pensou, a dúvida insinuando-se. Mas talvez eu acredite. Santo Cristo, oh, sinto muito — desculpou-se mentalmente —, posso ser um ministro verdadeiro, com dúvidas? Acho que todos as têm, mas se eu tiver demasiadas talvez seja melhor deixar-me saber agora, antes que seja tarde demais.

Seus pés haviam ficado dormentes e o céu estava flamejante com um esplendor de estrelas, densas no veludo negro da noite. Ouviu o rangido de passos entre os seixos e os refugos do mar próximos.

Era Warren Lee — alto e desengonçado à luz das estrelas, o secretário do reverendo McCorkle, ex-miliciano.

— Pensei em tomar um pouco de ar — Lee disse, a voz quase inaudível acima do barulho do mar.

— Sim, bem, há em abundância, e é grátis — Roger disse no tom mais amistoso possível. Lee deu uma risadinha em resposta, mas felizmente não parecia inclinado a conversar.

Ficaram parados por algum tempo, observando os barcos de pesca.

Então, por consentimento mútuo e tácito, viraram-se para ir embora. A casa estava às escuras, a varanda deserta. Entretanto, uma única vela queimava na janela, para orientá-los no caminho de volta.

— Aquele oficial, aquele em quem atirei — Lee falou subitamente. — Eu rezo por ele. Toda noite.

Lee calou-se de repente, embaraçado. Roger respirou fundo e devagar, sentindo o salto de seu coração. Ele havia alguma vez rezado por Lillington, ou Bobble?

— Rezarei também — disse.

— Obrigado — Lee disse baixinho. Lado a lado, fizeram o caminho de volta pela praia, parando para pegar seus sapatos, voltando descalços, a areia secando em seus pés.

Haviam sentado nos degraus para limpar a areia dos pés antes de entrar, quando a porta atrás deles se abriu.

— Sr. MacKenzie? — disse o reverendo McMillan, e algo em sua voz fez Roger ficar de pé com um salto, o coração batendo forte. — O senhor tem visita.

Ele viu a silhueta alta atrás de McMillan e soube, antes mesmo que o rosto pálido e feroz de Jamie Fraser aparecesse, os olhos negros à luz da vela.

— Ele levou Brianna — Jamie disse sem preâmbulos. — Vamos.



*ANEMONE*

Pés soavam de um lado para outro acima de sua cabeça e ela podia ouvir vozes, mas a maior parte das palavras era muito abafada para se poder distingui-las. Havia um coro de gritos joviais do lado voltado para a praia e alegres gritinhos femininos em resposta.

A cabine possuía uma janela ampla e envidraçada — seria chamada de janela em um navio, ela se perguntou, ou teria algum nome náutico especial? — que se estendia atrás da cama embutida, inclinada para trás com o ângulo da popa. Era feita de painéis pequenos e grossos, embutidos em chumbo. Nenhuma esperança de fugir por ali, mas oferecia a possibilidade de ar fresco e talvez informações referentes ao local onde se encontravam.

Reprimindo uma náusea de repugnância, ela subiu pelos lençóis amarrotados e manchados da cama. Encostou-se na janela e enfiou o rosto em um dos painéis abertos, respirando fundo várias vezes para fugir dos odores da cabine, embora o cheiro do porto não fosse muito melhor, denso como estava do odor de peixe morto, esgoto e lama endurecida.

Ela podia ver um pequeno ancoradouro e figuras se movendo nele.

Uma fogueira queimava na praia, na frente de um prédio baixo, caiado de branco, com telhado de folhas de palmeiras. Estava

escuro demais para ver o que havia além do prédio, se é que havia alguma coisa. No entanto, devia haver pelo menos um vilarejo, a julgar pelo barulho das pessoas no cais.

Ouviam-se vozes perto da porta da cabine, aproximando-se.

— ...encontrá-lo em Ocracoke, na lua nova — disse um deles, ao que o outro respondeu com um murmúrio indistinto antes de a porta escancarar-se.

— Gostaria de se juntar à festa, querida? Ou já começou sem mim? Ela girou sobre os joelhos, o coração martelando na garganta.

Stephen Bonnet entrara na cabine, uma garrafa na mão e um ligeiro sorriso no rosto. Ela respirou fundo para aplacar o choque e quase se engasgou com o cheiro rançoso de sexo que bafejava dos lençóis sob seus joelhos.

Arrastou-se para fora da cama, sem se preocupar com suas roupas, e sentiu um rasgo na cintura quando seu joelho prendeu na saia.

— Onde estamos? — perguntou. Sua voz soou estridente, em pânico, aos próprios ouvidos.

— No Anemone — ele disse pacientemente, ainda sorrindo.

— Sabe muito bem que não é isso que quero dizer! — A gola do seu vestido e combinação havia se rasgado na luta quando os homens puxaram-na de seu cavalo e a maior parte de um de seus seios estava exposta; ela levantou a mão, puxando o tecido de novo no lugar.

— Sei? — Ele colocou a garrafa sobre a mesa e tirou o lenço que vestia em volta do pescoço. — Ah, assim está melhor. — Esfregou a linha vermelho-escura em sua garganta e ela teve uma visão repentina e vívida da garganta de Roger, com sua cicatriz irregular.

— Quero saber como se chama esta cidade — ela disse, tornando a voz mais grave e fitando-o com um olhar perfurante. Não esperava que o que funcionava com os arrendatários de seu pai

funcionaria com ele, mas o fato de assumir um ar de comando ajudou-a um pouco a se controlar.

— Bem, esse é um desejo facilmente satisfeito, sem dúvida.

— Ele apontou displicentemente na direção da praia. — Roanoke.

— Tirou o casaco, jogando-o sobre o banco. O linho de sua camisa estava amarrotado e grudado de suor em seu peito e ombros.

— É melhor tirar o vestido, querida. Está muito quente.

Ele estendeu a mão para os fios que amarravam sua camisa e ela afastou-se abruptamente da cama, olhando ao redor da cabine, vasculhando as sombras por algo que pudesse ser usado como arma.

Banco, lampião, livro de contabilidade, garrafa... lá. Um pedaço de madeira aparecia no meio da bagunça em sua mesa, a ponta rombuda de uma espicha náutica.

Ele franziu o cenho, a atenção concentrada por um instante em um nó no fio da camisa. Ela deu duas passadas largas e apoderou-se da espicha, arrancando-a de cima da escrivaninha com uma chuva de quinquilharias ressonantes.

— Para trás. — Ela segurou o objeto como um bastão de beisebol, agarrado com as duas mãos. O suor escorria pelo sulco de suas costas, mas sentia as mãos frias e seu rosto ficava quente, frio e quente outra vez, ondas de calor e terror rolando pela sua pele.

Bonnet olhou para ela como se ela tivesse enlouquecido.

— O que acha que está fazendo com isso, mulher? — Parou de ocupar-se com a camisa e deu um passo na direção de Brianna. Ela deu um passo para trás, erguendo o porrete.

— Nem pense em me tocar! Ele olhou para ela espantado, os olhos arregalados, verde-claros e destemidos acima de um sorrisinho estranho. Ainda sorrindo, deu mais um passo em sua direção. Depois mais outro, e o medo extravasou em um surto de raiva. Seus ombros juntaram-se e ergueram-se, prontos.

— Estou falando sério! Para trás ou eu o mato. Saberei quem é o pai desta criança, ainda que eu morra por causa disso! Ele havia erguido a mão, como se fosse agarrar o porrete e arrancá-lo de sua mão, mas parou abruptamente diante de suas palavras.

— Criança? Você está grávida? Ela engoliu em seco, a respiração ainda presa na garganta. O sangue martelava em seus ouvidos e a madeira lisa estava escorregadia de suor das palmas de suas mãos. Ela apertou mais o cabo, tentando manter a fúria acesa mas ela já se esvaía.

— Sim. Acho que sim. Saberei ao certo em duas semanas.

As sobancelhas ruivas de Bonnet se ergueram.

— Hum! — Com um breve grunhido, ele recuou, examinando-a com interesse. Devagar, seus olhos viajaram pelo seu corpo, avaliando seu seio quase nu.

A súbita explosão de cólera havia se exaurido, deixando-a sem ar e com uma sensação de vazio no estômago. Continuou brandindo a espicha, mas seus pulsos tremiam e ela a abaixou.

— Então, é assim, hein? Ele inclinou-se para frente e estendeu a mão, inteiramente sem intenção lasciva agora. Surpresa, ela ficou paralisada por um instante, e ele pesou seu seio com uma das mãos, massageando-o pensativamente, como se fosse uma maçã que ele pretendesse comprar no mercado. Ela arquejou e golpeou-o com a espicha em apenas uma das mãos, mas ela já perdera o ímpeto anterior e o golpe resvalou no ombro dele, desequilibrando-o, mas sem causar nenhum outro efeito. Ele resmungou e recuou um passo, esfregando o ombro.

— Pode ser. Muito bem, então. — Franziu a testa e puxou a frente de suas calças, ajustando-se sem o menor constrangimento. — Ainda bem que estamos no porto, imagino.

Ela não entendeu a observação, mas não se importou; aparentemente, ele mudara de ideia ao ouvir sua revelação, e a sensação de alívio fez seus joelhos ficarem fracos e sua pele pinicar

de suor. Sentou-se, subitamente, no banco, o porrete caindo com um baque metálico ao seu lado.

Bonnet enfiara a cabeça no corredor e gritava por alguém chamado Orden. Quem quer que fosse Orden, ele não entrou na cabine, mas em poucos instantes uma voz murmurou interrogativamente do lado de fora.

— Traga-me uma puta lá das docas — Bonnet disse, com um tom de voz descontraído de alguém que pede mais um caneco de cerveja. — Limpa, veja bem, e bastante nova.

Ele fechou a porta depois disso e virou-se para a mesa, mexendo desordenadamente no entulho, até desencavar um caneco de estanho.

Serviu um drinque, bebeu quase a metade e depois — parecendo perceber tardiamente que ela continuava ali — ofereceu-lhe a garrafa com um vago "Ei?" convidativo.

Ela sacudiu a cabeça, calada. Uma ligeira esperança surgira no fundo de sua mente. Ele realmente tinha algum frágil veio de cavalheirismo, ou ao menos de decência; ele voltara para resgatá-la do armazém em chamas e deixara com ela a pedra para aquele que ele julgava ser seu filho. Agora ele abandonara seus avanços, ao saber que ela estava grávida outra vez.

Talvez, então, ele a deixasse ir, particularmente se ela não tinha nenhuma serventia imediata para ele.

— Então... não me quer? — ela disse, sorrateiramente levando os pés para baixo do banco, pronta para saltar e sair correndo, assim que a porta abrisse para admitir sua substituta. Esperava poder correr; seus joelhos ainda estavam trêmulos. f Bonnet olhou para ela, surpreso.

— Já te abri uma vez, querida — ele disse e riu. — Lembrome dos pelos ruivos; uma bela visão, sem dúvida, mas não uma experiência tão memorável que esteja ansioso para repetir. Temos muito tempo, querida, muito tempo. — Tocou-a negligentemente

sob o queixo e tomou mais um grande gole de sua bebida. — Mas, por enquanto, LeRoi precisa galopar um pouco.

— Por que estou aqui? — ela perguntou.

Distraído, ele remexeu novamente na frente de suas calças, completamente alheio à presença dela.

— Aqui? Ora, porque um cavalheiro me pagou para levá-la a Londres, querida. Não sabia? Sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago e sentou-se na cama, cruzando os braços protetoramente sobre a cintura.

— Que cavalheiro? E pelo amor de Deus, por quê? Ele refletiu por um instante, mas evidentemente concluiu que não havia nenhuma razão para não lhe contar.

— Um homem chamado Forbes — ele disse, tomando o resto da bebida. — Conhece o sujeito, não? — É claro que o conheço — ela disse, a surpresa rivalizando com a fúria.

— Aquele maldito filho da mãe!

Então, eles eram homens de Forbes, os bandidos mascarados que os haviam parado, a ela e Josh, arrancando-os de seus cavalos e empurrando-os para uma carruagem fechada, sacolejando por estradas invisíveis dias a fio até chegarem ao litoral. Depois foram tirados da carruagem, desarrumados e fétidos, e despachados para o navio.

— Onde está Joshua? — ela perguntou repentinamente. — O rapaz negro que estava comigo?

— Estava? — Bonnet pareceu intrigado. — Se o trouxeram a bordo, imagino que o tenham colocado no porão com o resto da carga. Um bônus, suponho — acrescentou e deu uma risada.

Sua fúria contra Forbes tinha um toque de alívio ao descobrir que era ele o motivo por trás do rapto. Forbes podia ser um canalha, um patife ordinário, mas não pretenderia matá-la. A risada de Stephen Bonnet, entretanto, causou-lhe uma náusea repentina e ela sentiu-se subitamente zozna.

— O que quer dizer com "um bônus"?

Bonnet coçou o rosto, os olhos vermelhos percorrendo-a com aprovação.

— Ora, bem. O sr. Forbes só queria você fora do caminho, foi o que ele disse. O que você fez ao sujeito, querida? Mas ele já pagou sua passagem e tenho a impressão de que não tem muito interesse em saber onde você vai parar.

— Onde eu vou parar? — Sua boca estivera seca; agora a saliva fluía de suas membranas, obrigando-a a engolir seguidamente.

— Bem, afinal, querida, para que me dar ao trabalho de levá-la até Londres, onde não seria de nenhuma utilidade para ninguém? Além do mais, chove muito em Londres. Tenho certeza de que você não iria gostar de lá.

Antes que ela pudesse tomar fôlego para fazer outra pergunta, a porta abriu e uma jovem entrou, fechando-a atrás de si.

Devia ter vinte e poucos anos, embora lhe faltasse um molar, o que era visível quando ela sorria. Era gorda e com um rosto comum, de cabelos castanhos; parecia asseada, pelos padrões locais, embora o cheiro de seu suor e os vapores de colônia barata recém-aplicada dominassem a cabine, fazendo Brianna ter ânsias de vômito outra vez.

— Olá, Stephen — a recém-chegada disse, ficando na ponta dos pés para beijar o rosto de Bonnet. — Vamos tomar uma bebida para começar, hein? Bonnet agarrou-a, deu-lhe um longo beijo, depois a soltou e pegou a garrafa.

Descendo sobre seus saltos outra vez, olhou para Brianna com um distante interesse profissional, depois novamente para Bonnet, e coçou o pescoço.

— Vai ficar com nós duas, Stephen, ou seremos eu e ela para começar? De qualquer forma, é mais uma libra.

Bonnet não se deu ao trabalho de responder, mas enfiou a garrafa na mão dela, arrancou o lenço que cobria o volume de seus fartos seios e começou imediatamente a abrir a braguilha. Deixou as calças arriarem no chão e, sem mais cerimônias, agarrou a mulher pelos quadris e pressionou-a contra a porta.

Bebendo avidamente da garrafa que segurava em uma das mãos, a mulher arregaçou as saias com a outra, agilmente tirando saia e anáguas do caminho com um movimento prático que a desnudou até a cintura.

Brianna vislumbrou coxas robustas e uma mancha de pelos escuros, antes de serem obscurecidos pelas nádegas de Bonnet, de penugem loura e contraídas com o esforço.

Ela desviou o rosto, as faces queimando, mas um fascínio mórbido a compeliu a olhar de novo. A prostituta estava equilibrada na ponta dos pés, ligeiramente agachada para acomodá-lo, olhando placidamente por cima do ombro de Bonnet, enquanto ele investia e grunhia. Uma das mãos ainda segurava a garrafa; a outra afagava os ombros de Bonnet de maneira prática. Ela viu o olhar de Brianna sobre ela e piscou, ainda sussurrando no ouvido de seu cliente: — Ooh, sim... Isso é gostoso, amor, tão gostoso...

A porta da cabine estremecia a cada golpe carnudo das nádegas da prostituta e Brianna podia ouvir as risadas no corredor do lado de fora, tanto masculinas quanto femininas; evidentemente, Orden trouxera o suficiente para suprir tanto a tripulação quanto o capitão.

Bonnet arquejou e grunhiu por um ou dois minutos, depois emitiu um alto gemido, os movimentos repentinamente espasmódicos e descoordenados. A prostituta colocou a mão prestimosamente nas nádegas dele, puxando-o para si, depois relaxou a mão quando o corpo dele relaxou, apoiando-se pesadamente sobre ela. Ela aguentou-o por um instante, dando uns



tapinhas práticos em suas costas, como uma mãe fazendo seu bebê arrotar, depois o empurrou para fora.

O rosto e o pescoço de Bonnet estavam vermelho-escuros e ele respirava pesadamente. Balançou a cabeça para a prostituta e agachou-se, tateando em busca de suas calças. Levantou-se com elas e acenou para a escrivaninha entulhada.

— Pegue aí o seu pagamento, querida, mas me dê a garrafa de volta, sim? A prostituta ensaiou um beicinho, mas tomou um último e grande gole da bebida e devolveu-lhe a garrafa, agora com menos de um quarto do líquido. Ela retirou um pano embolado de dentro do bolso em sua cintura e enfiou-o entre as pernas, em seguida sacudiu as saias para baixo e andou afetadamente em direção à escrivaninha, cutucando delicadamente a bagunça em busca de moedas espalhadas, que ela apanhou com dois dedos, deixando-as cair, uma a uma, nas profundezas de seu bolso.

Bonnet, novamente vestido, saiu sem sequer um olhar para as duas mulheres. O ar na cabine estava quente e pesado com o cheiro de sexo.

Brianna sentiu seu estômago contrair-se. Não de repugnância, mas de pânico. O forte cheiro masculino desencadeara uma onda instintiva de calor que formigava em seus seios e agarrava suas entranhas; por um breve e desnorteante momento, sentiu a pele de Roger, escorregadia de suor contra sua própria pele, e seus seios se intumesceram de desejo.

Cerrou tanto os lábios quanto as pernas com força e as mãos em punhos, respirando superficialmente. A última coisa que poderia suportar naquele momento, ela pensou — a última coisa mesmo — era pensar em Roger e em sexo, enquanto estivesse em qualquer lugar a quilômetros de distância de Stephen Bonnet. Resolutamente, afastou o pensamento e aproximou-se da prostituta, buscando algum comentário que lhe permitisse iniciar uma conversa.

A prostituta percebeu o movimento e olhou para Brianna, avaliando tanto o vestido rasgado quanto sua qualidade, mas depois a preteriu em prol de novas moedas. Uma vez coletado seu pagamento, a mulher iria embora, voltando para as docas. Era uma oportunidade de enviar um recado a Roger e a seus pais. Não era muito, mas era uma chance.

— Você... hum... o conhece bem? — ela disse.

A prostituta olhou para ela, as sobrancelhas erguidas.

— Quem? Oh, Stephen? Sim, é um bom cliente. — Deu de ombros. — Não leva mais do que dois ou três minutos, não se aporrinha com dinheiro, nunca quer nada além de uma trepada simples. De vez em quando ele é bruto, mas não bate em você, a menos que o irrite, e ninguém é idiota de fazer isso. Não mais do que uma vez, de qualquer modo. — Seu olhar demorou-se no vestido rasgado de Brianna, uma das sobrancelhas erguidas sarcasticamente.

— Vou me lembrar disso — Brianna disse secamente, puxando a beira de sua combinação rasgada mais para cima. Ela viu uma garrafa de vidro no meio do entulho sobre a escrivaninha, cheia de um líquido transparente, contendo um pequeno objeto redondo. Aproximou-se para verificar, o cenho franzido. Não podia ser... mas era. Um objeto redondo, carnudo, semelhante a um ovo cozido, de cor cinza-rosada — com um perfeito furo redondo atravessando-o de lado a lado.

Ela se benzeu, sentindo uma vertigem.

— Fiquei muito surpresa — a prostituta continuou, examinando Brianna com franca curiosidade. — Ele nunca teve duas meninas ao mesmo tempo, que eu saiba, e não é do tipo que quer alguém olhando enquanto está se satisfazendo.

— Eu não sou... — Brianna começou a dizer, mas parou subitamente, não querendo ofender a mulher.

— Não é uma vagabunda? — A jovem exibiu um largo sorriso, expondo a lacuna negra do dente que faltava. — Eu já imaginava, garota.

Não que isso fizesse qualquer diferença para Stephen. Ele come quem ele quer, e posso ver como ele poderia gostar de você. A maioria dos homens gostaria. — Examinou Brianna de maneira apática, balançando a cabeça para seus cabelos desgrenhados, rosto afogueado e figura bem delineada.

— Imagino que gostem de você também — Brianna disse educadamente, com uma ligeira sensação de surrealismo. — Hã... qual é o seu nome? — Hepzibah — a mulher disse com um ar de orgulho. — Ou Eppie, como apelido.

Ainda havia moedas sobre a escrivantina, mas a prostituta deixou-as ali. Bonnet podia ser generoso, mas evidentemente a prostituta não queria tirar proveito dele — talvez fosse mais um sinal de medo do que de amizade, Brianna pensou. Respirou fundo e prosseguiu.

— Bonito nome. Prazer em conhecê-la, Eppie. — Estendeu a mão.

— Meu nome é Brianna Fraser MacKenzie. — Deu os três nomes, na esperança de que a prostituta se lembrasse ao menos de um deles.

A mulher olhou para a mão estendida estupefata, depois cuidadosamente a apertou, soltando-a como um peixe morto. Ela puxou as saias para cima e começou a se limpar com o pano, meticulosamente eliminando qualquer vestígio do recente encontro.

Brianna inclinou-se mais para perto, preparando-se contra os odores do pano manchado, do corpo da mulher e de seu hálito quente de bebida.

— Stephen Bonnet raptou-me — ela disse.

— Ah, é mesmo? — disse a prostituta, indiferente. — Bem, ele pega o que gosta, o Stephen.

— Eu quero escapar daqui — Brianna disse, mantendo a voz baixa e olhando de relance para a porta da cabine. Podia ouvir o barulho de passos no convés acima e esperava que vozes não pudessem ser ouvidas através das tábuas grossas.

Eppie embolou o pano e largou-o sobre a escrivaninha. Remexeu em seu bolso, retirando dali uma garrafinha tampada com uma rolha de cera.

Ainda mantinha as saias para cima e Brianna pôde ver as estrias prateadas, marcas de distensão da pele, em sua barriga gorda.

— Bem, dê a ele o que ele quer, então — a prostituta aconselhou, retirando a tampa e entornando um pouco do conteúdo da pequena garrafa... um perfume surpreendentemente suave de água de rosas... na mão. — É provável que ele enjoje de você em alguns dias e a deixe na praia.

— Ela passou a água de rosas abundantemente em seus pelos púbicos, depois cheirou a mão com ar crítico e fez uma careta.

— Não, quero dizer, não foi por isso que ele me raptou. Eu acho — ela acrescentou.

Eppie tampou a garrafinha outra vez e jogou tanto ela quanto o pano de volta dentro do bolso.

— Oh, ele pretende pedir um resgate? — Eppie olhou para ela com um pouco mais de interesse. — Ainda assim, nunca vi escrúpulos interferirem com o apetite de um homem. Ele comeria uma virgem e depois a venderia de volta a seu pai antes que a barriga dela começasse a crescer. — Franziu os lábios, um pensamento tardio ocorrendo-lhe.

— Então, como você o convenceu a não comê-la? Brianna colocou a mão no ventre.

— Eu disse a ele que estava grávida. Isso o fez parar. Eu não imaginaria... um homem como ele... mas foi o que ele fez. Talvez ele seja melhor do que você pensa? — ela perguntou com um fio de esperança.

Eppie deu uma risada, os olhos pequenos apertando-se com a hilaridade diante da ideia.

— Stephen? Oh, por Deus, não! — Fungou, achando graça, e alisou suas saias para baixo. — Não — continuou, de maneira mais pragmática —, mas é a melhor história que você poderia contar se não quisesse ele em cima de você. Ele me chamou aqui uma vez, depois me mandou embora quando viu que eu tinha uma batata assando no forno. Quando brinquei com ele sobre isso, ele disse que uma vez possuía uma prostituta com a barriga do tamanho de uma bola de canhão e bem no meio do ato ela deu um gemido e o sangue começou a jorrar dela como se fosse inundar o quarto. Isso o esfriou na hora, ele disse, e não é de admirar. Deixou Stephen com horror de meninas prenhes. Ele não quer correr nenhum risco, sabe?

— Sei. — Um fio de suor escorreu pelo rosto de Brianna e ela o limpou com as costas da mão. Sentiu a boca seca e sugou a parte interna da bochecha para umedecê-la. — A mulher... o que aconteceu com ela?

Hepzibah pareceu não compreender por um instante.

— Oh, a prostituta? Ora, ela morreu, é claro, pobre vaca. Stephen contou como ele lutava para enfiar as calças molhadas, encharcadas de sangue como estavam, e levantou os olhos e viu a mulher deitada, imóvel como pedra, no chão, mas com a barriga ainda se contorcendo e se contraindo como um saco cheio de cobras. Disse que de repente ele achou que o bebê pretendia sair e se vingar dele, e ele fugiu da casa, só de camisa, deixando as calças para trás.

Ela deu uma gargalhada com essa divertida visão, depois resfolegou e acalmou-se, alisando as saias para baixo.

— Por outro lado, Stephen é irlandês — ela acrescentou tolerantemente. — Têm fantasias mórbidas, os irlandeses, especialmente quando bebem demais. — A ponta de sua língua surgiu e deslizou evocativamente sobre o lábio inferior, saboreando os resquícios da bebida de Bonnet.

Brianna inclinou-se para mais perto, estendendo a mão.

— Olhe.

Hepzibah olhou dentro de sua mão, depois olhou novamente, fascinada. O grosso anel de ouro com o enorme cabochão de rubi cintilou com um vermelho incandescente à luz do lampião.

— Eu o dou a você — Brianna disse, abaixando a voz —, se você fizer uma coisa para mim.

A prostituta lambeu os lábios outra vez, um repentino ar de alerta no rosto pesado.

— Sim? Fazer o quê?

— Dar um recado ao meu marido. Ele está em Edenton, na casa do reverendo McMillan, qualquer pessoa vai saber onde é. Diga-lhe onde estou e diga-lhe... — Hesitou. O que deveria dizer? Não havia como saber quanto tempo o Anemone ficaria ali ou onde Bonnet resolveria ir em seguida. A única pista que tinha era o que ouvira da conversa de Bonnet com seu comparsa, pouco antes de entrar na cabine. — Diga-lhe que eu acho que eles têm um esconderijo em Ocracoke. Ele pretende se encontrar com alguém lá na lua nova. Diga-lhe isso.

Hepzibah lançou um olhar nervoso para a porta da cabine, mas ela continuou fechada. Olhou de novo para o anel, o desejo de pegá-lo lutando em seu rosto com um medo evidente de Bonnet.

— Ele não vai ficar sabendo — Brianna pressionou. — Não vai descobrir. E meu pai a recompensará.

— É um homem rico, então, seu pai? — Brianna viu o olhar avaliativo nos olhos da prostituta e sentiu um instante de temor — e se ela simplesmente pegasse o anel e a delatasse para Bonnet? No entanto, ela não pegara mais dinheiro do que o que lhe era devido; talvez ela fosse honesta. E, afinal, não havia escolha.

— Muito rico — respondeu com firmeza. — O nome dele é Jamie Fraser. Minha tia é rica também. Ela possui uma fazenda chamada River Run, logo acima de Cross Creek, na Carolina do Norte. Pergunte pela sra. Innes, Jocasta Cameron Innes. Sim, se você não encontrar Ro... meu marido, mande avisar lá.

— River Run. — Hepzibah repetiu obedientemente, os olhos ainda cravados no anel.

Brianna depositou o anel na palma da mão da prostituta antes que ela mudasse de ideia. A mão da mulher fechou-se com força sobre ele.

— O nome do meu pai é Jamie Fraser. Meu marido é Roger MacKenzie — ela repetiu. — Na casa do reverendo McMillan. Consegue se lembrar?

— Fraser e MacKenzie — Hepzibah repetiu em dúvida. — Oh, sim, claro. — Já se dirigia à porta.

— Por favor — Brianna disse, ansiosamente.

A prostituta assentiu a cabeça, mas sem olhar para ela, depois se esgueirou pela porta, fechando-a atrás de si.

O navio rangia e oscilava sob ela, e ela ouviu o barulho do vento nas árvores na praia, acima dos gritos de homens bêbados. Então, seus joelhos cederam e ela sentou-se na cama, alheia aos lençóis.

Partiram com a maré; ela ouviu o barulho da corrente da âncora e sentiu navio despertar, adquirindo vida conforme as velas se enfunavam.

Grudada à janela, ela observou a mancha verde-escura de Roanoke recuar.

Cem anos antes, a primeira colônia inglesa aportara ali — e desapareceu sem deixar vestígios. O governador da colônia, retornando da Inglaterra com suprimentos, não encontrara ninguém, haviam desaparecido sem deixar pistas, salvo a palavra "croatan" — o nome de uma tribo indígena — entalhado no tronco de uma árvore.

Ela não estava deixando nem sequer isso. Com um aperto no coração, ficou observando até a ilha afundar no mar.

Ninguém apareceu durante muitas horas. Com o estômago vazio, ela começou a ficar enjoada e vomitou no urinol. Não suportava a ideia de deitar-se naqueles lençóis nojentos e assim tirou-os, refez a cama apenas com as colchas e deitou-se.

As janelas estavam abertas e o ar fresco do mar agitava seus cabelos e evaporava a umidade de sua pele, fazendo-a se sentir um pouco melhor.

Ela estava insuportavelmente cônica de seu útero, um peso pequeno, sensível, e do que provavelmente estava acontecendo em seu interior: aquela dança ordenada de células se dividindo, uma espécie de violência pacífica, implacavelmente criando vida à força e arrebatando corações.

Quando aconteceu? Tentou recapturar, lembrar-se. Devia ter sido na noite anterior à partida de Roger para Edenton. Ele estava excitado, quase exaltado, e haviam feito amor com uma prolongada alegria, apimentada pela nostalgia, pois ambos sabiam que o dia seguinte traria a separação. Ela adormecera em seus braços, sentindo-se amada.

Mas acordou sozinha, no meio da noite, encontrando-o sentado junto à janela, banhado na claridade de uma lua crescente. Relutara em perturbar sua contemplação particular, mas ele se virara, sentindo os olhos dela sobre ele, e algo em seu olhar a fez sair da cama e dirigir-se a ele, apertando sua cabeça contra o peito, embalando-o.



Ele se levantara, deitara-a no chão e fizeram amor de novo, com urgência e sem palavras.

Sendo católica, achara extremamente erótica a ideia de seduzir um sacerdote na véspera de sua ordenação, roubando-o — ainda que apenas por um instante — de Deus.

Engoliu em seco, as mãos agarradas ao ventre. Cuidado com o que você pede em suas orações. As freiras na escola sempre diziam isso às crianças.

O vento estava ficando frio e ela puxou a beira de uma colcha — a mais limpa — e se cobriu. Em seguida, concentrando-se ferozmente, começou, com muito cuidado, a rezar.

*INTERROGATÓRIO*

Neil Forbes estava sentado na sala de estar da King's Inn, apreciando um copo de sidra forte e a seriação de que tudo ia bem no mundo. Tivera uma reunião muito proveitosa com Samuel Iredell e seu amigo, dois dos mais proeminentes líderes rebeldes de Edenton — e uma reunião ainda mais proveitosa com Gilbert Butler e William Lyons, contrabandistas locais.

Ele tinha uma grande fraqueza por joias e, em uma comemoração particular pela elegante eliminação da ameaça de Jamie Fraser, comprara um novo alfinete para o lenço do pescoço, encimado por um belo rubi.

Contemplou-o com silenciosa satisfação, observando as lindas sombras que a pedra lançava no franzido da seda do seu lenço.

Sua mãe estava instalada em segurança na casa da irmã, ele tinha um almoço marcado com uma dama local e uma hora de adiantamento para esperar. Talvez um passeio a pé para estimular o apetite; estava um lindo dia.

Ele já havia, na realidade, empurrado sua cadeira para trás e começado a se levantar quando a mão grande e forte de alguém plantou-se no meio de seu peito e o empurrou de volta na cadeira.

— O que...? — Levantou os olhos, indignado... e tomou grande cuidado em manter essa expressão no rosto, apesar de uma

repentina sensação de desmaio. Um homem alto e moreno estava de pé acima dele, com uma expressão nada amistosa. MacKenzie, o marido daquela atrevida. — Como ousa, senhor? — disse, em tom beligerante. — Exijo que se desculpe! — Pode exigir o que quiser — MacKenzie disse. Estava pálido sob o bronzeado e irado. — Onde está minha mulher? — Como eu poderia saber? — O coração de Forbes batia acelerado, mas tanto de regozijo quanto de apreensão. Levantou o queixo e fez menção de se levantar. — Com licença, senhor.

Outra mão em seu braço o impediu, e ele se virou, dando de cara com o sobrinho de Fraser, Ian Murray. Murray sorriu e a sensação de júbilo de Forbes diminuiu sensivelmente. Diziam que o rapaz vivera com os mohawks, se tornara um deles — que ele morava com um lobo feroz que falava com ele e obedecia a seus comandos, que ele havia cortado fora o coração de um homem e o comido em um ritual pagão.

No entanto, olhando para o rosto comum do rapaz e suas roupas sujas e amarrotadas, Forbes não ficou impressionado.

— Retire sua mão de minha pessoa, senhor — disse com dignidade, empertigando-se em sua cadeira.

— Não, acho que não — Murray disse. A mão apertou-se em seu braço como a mordida de um cavalo, e a boca de Forbes se abriu, embora ele não emitisse nenhum som.

— O que fez com minha prima? — Murray disse.

— Eu? Ora, eu... eu não tenho nada a ver com a sra. MacKenzie.

Solte-me, desgraçado! O aperto da mão relaxou e ele ficou sentado, respirando pesadamente. MacKenzie puxara uma cadeira e sentou-se diante dele.

Forbes alisou a manga de seu casaco, evitando o olhar fixo de MacKenzie e pensando rapidamente. Como haviam descoberto?

Ou teriam descoberto mesmo? Talvez estivessem apenas jogando verde, sem nenhuma certeza.

— Lamento muito saber que qualquer infortúnio possa ter acometido a sra. MacKenzie — disse educadamente. — Devo entender que, de alguma forma, o senhor a perdeu? Mackenzie olhou-o de cima a baixo por um instante sem responder, depois emitiu um pequeno som de desprezo.

— Eu o ouvi falar em Mecklenberg — ele disse, o tom de voz coloquial. — Você foi muito loquaz. Falando de justiça, da proteção de nossas mulheres e crianças. Quanta eloquência! — Bela conversa — Ian Murray interpôs — para um homem capaz de raptar uma mulher indefesa. — Ele continuava agachado no chão como um selvagem, mas movera-se um pouco ao redor da cadeira de Forbes, de modo a fitá-lo diretamente nos olhos. O advogado achou a atitude ligeiramente intimidante e preferiu fitar os olhos de MacKenzie, de homem para homem.

— Lamento profundamente sua desgraça, senhor — ele disse, esforçando-se para manter um tom convincente de preocupação. — Teria satisfação em ajudar, de qualquer modo possível, é claro. Mas eu não...

— Onde está Stephen Bonnet? A pergunta atingiu Forbes como um soco no fígado. Ele ficou um instante boquiaberto, pensando no erro que cometera em preferir encarar MacKenzie; aquele olhar verde e implacável parecia o de uma cobra.

— Quem é Stephen Bonnet? — perguntou, umedecendo os lábios.

Sua boca estava seca, mas o resto dele estava totalmente molhado; podia sentir o suor acumulando-se nas dobras de seu pescoço, empapando a cambraia de sua camisa nas axilas.

— Eu o ouvi, sabe — Murray observou afavelmente. — Quando fez o acordo com Richard Brown. Foi em seu armazém.

A cabeça de Forbes virou-se bruscamente. Ficou tão chocado que levou um instante até ele perceber que Murray estava segurando uma faca, displicentemente apoiada no joelho.

— O quê? Você diz... o quê? Vou lhe dizer, senhor, está enganado...

enganado! — Ele levantou-se um pouco, gaguejando. MacKenzie pôs-se de pé com um salto e agarrou-o pela frente da camisa, torcendo-a.

— Não, senhor — ele disse muito suavemente, o rosto tão perto que Forbes sentiu o calor de seu hálito. — É você mesmo quem está enganado. Lamentavelmente enganado, em escolher minha mulher para servir seus propósitos malignos.

Ouviu-se um som rascante quando o fino tecido de cambraia se rasgou. MacKenzie empurrou-o violentamente de volta na cadeira, em seguida inclinou-se para frente, agarrando-o pelo lenço do pescoço de tal forma que ameaçava estrangulá-lo ali mesmo. Ele abriu a boca, arquejando, e pontos negros flutuaram em sua visão, mas não o suficiente para obscurecer aqueles olhos verdes frios e brilhantes.

— Para onde ele a levou? Forbes agarrou os braços da cadeira, respirando pesadamente.

— Não sei nada sobre sua mulher — ele disse, a voz baixa e maligna.

— O senhor está incorrendo em grave delito. Como ousa me atacar? Vou processá-lo por isso, garanto-lhe! — Oh, atacá-lo, vejam só — Murray disse, zombando. — Nós não fizemos isso. Ainda. — Sentou-se novamente sobre os calcanhares, batendo com a faca pensativamente na unha do polegar e olhando para Forbes com um ar de avaliação, como alguém planejando como vai fatiar um leitãozinho em uma travessa.

Forbes trancou a mandíbula e olhou furiosamente para MacKenzie, que ainda estava de pé, assomando acima dele.

— Este é um lugar público — ele destacou. — Não pode me ferir sem que percebam. — Olhou para trás de MacKenzie, na esperança de que alguém entrasse na sala e interrompesse aquele tete-à-tête extremamente desagradável, mas era uma manhã tranquila e todas as arrumadeiras e cavaleiros cuidavam de seus afazeres em outro lugar.

— Nós nos importamos que alguém note, acharaid? — Murray perguntou, erguendo os olhos para MacKenzie.

— Na verdade, não. — Contudo, MacKenzie retomou seu lugar e seu olhar fixo em Forbes. — Mas podemos esperar um pouco. — Olhou para o relógio de parede junto ao consolo da lareira, o pêndulo movendo-se com um sereno tiquetaque. — Não vai demorar muito.

Tardiamente, ocorreu a Forbes indagar-se onde estaria Jamie Fraser.

Elsbeth Forbes balançava-se suavemente na varanda da casa de sua irmã, desfrutando o frescor do ar da manhã, quando uma visita foi anunciada.

— Ora, sr. Fraser! — ela exclamou, sentando-se. — O que o traz a Edenton? Está à procura de Neil? Ele foi a...

— Ah, não, sra. Forbes. — Inclinou-se numa ampla reverência, o sol da manhã brilhando em seus cabelos como se fossem de cobre. — É com a senhora que vim falar.

— Oh? Oh! — Ela endireitou-se em sua cadeira de balanço, apressadamente abanando algumas migalhas de torrada de sua manga e esperando que sua touca estivesse arrumada no lugar. — Ora, senhor, o que poderia desejar de uma velha mulher? Ele sorriu — que belo rapaz ele era, tão elegante em seu casaco cinzento, e aquele olhar maroto nos olhos — e inclinou-se mais perto para sussurrar em seu ouvido.

— Eu vim raptá-la, madame.

— Oh, não brinque! — Abanou a mão para ele, rindo, e ele a segurou, beijando os nós dos seus dedos.

— Não aceito um "não" como resposta — ele assegurou-lhe e apontou para a beira da varanda, onde deixara uma cesta grande e convidativa, coberta com uma toalha de xadrez. — Pretendo apreciar meu almoço no campo, sob uma árvore. Sei perfeitamente qual árvore, muito alta e frondosa, mas seria uma refeição triste sem companhia.

— Certamente você poderia encontrar companhia melhor do que a minha, rapaz — ela disse, encantada. — E onde está sua querida esposa? — Ah, ela me deixou — ele disse, fingindo tristeza. — Aqui estou eu, com um maravilhoso piquenique planejado, e ela viajando para cuidar de um parto. Então, eu disse a mim mesmo, bem, Jamie, é uma vergonha desperdiçar tal banquete. Quem poderia estar livre para compartilhá-lo com você? E o que vejo em seguida senão sua elegante pessoa, tranquilamente descansando? Na verdade, uma resposta às minhas preces.

Certamente a senhora não iria contra os desígnios dos céus, não é, sra. Forbes? — Humm — ela disse, tentando não sorrir para ele. — Oh, está bem.

Se é para não desperdiçar...

Antes que ela dissesse mais alguma coisa, ele já se inclinara e a tirara de sua cadeira, carregando-a nos braços. Ela soltou uma exclamação de surpresa.

— Se se trata de um rapto, tenho que carregá-la, não é? — ele disse, sorrindo para ela.

Para sua humilhação, o som que ela fez não era outro senão uma risadinha contida. Mas ele não pareceu notar e, abaixando-se para pegar a cesta em uma das mãos, carregou-a como se fosse uma pluma para a sua carruagem.

— Não podem me manter prisioneiro aqui! Deixe-me passar ou gritarei pedindo ajuda!

Eles de fato o mantinham ali havia mais de uma hora, bloqueando todas as tentativas da parte dele de se levantar e ir embora. Mas ele tinha razão, Roger pensou; o movimento começava a aumentar na rua lá fora e ele podia ouvir — assim como Forbes — os ruídos de uma criada arrumando as mesas para o almoço no salão ao lado.

Ele olhou para Ian. Haviam discutido isso; se não recebessem nenhuma notícia em uma hora, iriam ter que retirar Forbes da estalagem, levá-lo a um lugar mais privado. Isso podia ser uma tarefa arriscada; o advogado estava intimidado, mas teimoso como uma mula. E sem dúvida pediria socorro.

Ian enrugou os lábios pensativamente e passou a faca com a qual estivera brincando no lado de suas calças, polindo a lâmina.

— Sr. MacKenzie? — Um menino despontou ao seu lado como um cogumelo, o rosto redondo e sujo.

— Sou eu — ele disse, uma onda de gratidão banhando-o de cima a baixo. — Tem alguma coisa para mim?

— Sim, senhor. — O moleque entregou-lhe um pequeno embrulho de papel, aceitou uma moeda em pagamento e desapareceu, apesar do grito de Forbes para que ele esperasse.

O advogado levantara-se parcialmente de seu assento com a agitação.

Entretanto, Roger fez um movimento brusco em sua direção e ele afundou na cadeira imediatamente outra vez, sem esperar para ser empurrado. Ótimo, Roger pensou com uma carranca, ele está aprendendo.

Abrindo o pequeno embrulho, viu-se segurando um grande broche na forma de um buquê de flores, de granadas e prata. Era um bom trabalho de joalheria, mas não era bonito. Seu efeito em Forbes, entretanto, foi considerável.

— Você não faria isso. Ele não faria isso. — O advogado fitava o broche na mão de Roger, o rosto grosseiro subitamente



pálido.

— Oh, acho que faria, se está se referindo a tio Jamie — Ian Murray disse. — Ele gosta da filha dele, sabe?

— Bobagem. — O advogado tentava fazer uma bravata, mas não conseguia tirar os olhos do broche. — Fraser é um cavalheiro.

— Ele é um escocês das Highlands — Roger disse bruscamente. — Como seu pai, hein? — Ele ouvira histórias sobre o velho Forbes, que segundo a opinião geral fugira da Escócia com um carrasco em seus calcanhares.

Forbes mordeu o lábio inferior.

— Ele não machucaria uma senhora idosa — ele disse, com toda a pretensa valentia que conseguiu reunir.

— Não? — As sobrancelhas irregulares de Ian se ergueram. — Sim, talvez não. Mas pode ser que ele simplesmente a mande embora... para o Canadá talvez? Parece conhecê-lo muito bem, sr. Forbes. O que acha?

O advogado tamborilou os dedos no braço da cadeira, respirando entre dentes, evidentemente repassando o que sabia do caráter e da reputação de Jamie Fraser.

— Está bem — disse repentinamente. — Está bem!

Roger sentiu a tensão que o percorria estalar como um fio elétrico cortado. Estava tenso como um boneco de marionete desde que Jamie fora buscá-lo na noite anterior.

— Onde? — ele disse, sentindo o ar faltar. — Onde ela está?

— Está a salvo — Forbes disse roucamente. — Eu não mandaria machucá-la. — Ergueu os olhos, apavorado. — Pelo amor de Deus, eu não lhe faria nenhum mal!

— Onde? — Roger fechou a mão com força sobre o broche, sem se importar que suas pontas penetrassem em sua mão. — Onde ela está?

O advogado deixou-se desabar como um saco vazio.

— A bordo de um navio chamado Anemone, capitão Bonnet.  
— Engoliu com dificuldade, incapaz de afastar os olhos do broche.  
— Ela... eu disse... estão indo para a Inglaterra. Mas ela está segura, já lhe disse!

O choque fez a mão de Roger apertar com mais força o broche e ele sentiu a repentina sensação escorregadia de sangue em seus dedos. Lançou o broche no chão, limpando as mãos nas calças, sem conseguir encontrar palavras. O choque fechara sua garganta também; sentia como se estivesse sendo estrangulado.

Vendo sua dificuldade, Ian levantou-se abruptamente e pressionou a faca na garganta do advogado.

— Quando partiram?

— Eu... eu... — A boca do advogado abria e fechava aleatoriamente, e ele olhava desamparadamente de Ian para Roger, os olhos esbugalhados.

— Para onde? — Roger forçou as palavras a atravessarem o bloqueio em sua garganta, e Forbes encolheu-se ao ouvi-las.

— Ela... ela foi levada a bordo aqui. Em Edenton. Há... há dois dias.

Roger sacudiu a cabeça abruptamente. Segura, ele disse. Nas mãos de Bonnet. Dois dias, nas mãos de Bonnet. Mas ele navegara com Bonnet, pensou, tentando se acalmar, manter a racionalidade. Ele sabia como o sujeito operava. Bonnet era um contrabandista; não partiria para a Inglaterra sem uma carga completa. Ele poderia — poderia — estar descendo a costa, pegando pequenas cargas antes de retornar ao mar alto e à longa viagem à Inglaterra.

Se não — ele ainda podia ser alcançado, com um barco veloz.

Não havia tempo a perder; as pessoas nas docas poderiam saber para onde o Anemone iria em seguida. Virou-se e deu um passo em direção à porta. Então, uma onda de fúria dominou-o e ele

girou nos calcanhares, desfechando um soco no rosto de Forbes com todo o peso de seu corpo por trás.

O advogado deu um grito agudo e levou as duas mãos ao nariz. Todos os ruídos na estalagem e na rua pareceram parar; o mundo ficou em suspenso. Roger respirou fundo, uma respiração curta, esfregando os nós dos dedos, e balançou a cabeça outra vez.

— Vamos — disse a Ian.

— Oh, sim.

Roger estava a meio caminho da porta quando percebeu que Ian não estava com ele. Olhou para trás, bem a tempo de ver seu primo segurar Forbes delicadamente por uma das orelhas e cortá-la fora.

*DORMINDO COM UM CANALHA*

Stephen Bonnet era um homem fiel a sua palavra — se assim se poderia dizer. Não fez nenhum avanço sexual em direção a ela, mas insistiu que dividisse a cama com ele.

— Gosto de um corpo quente à noite — ele disse. — E acho que você vai preferir a minha cama ao porão de carga, querida.

Ela enfaticamente teria preferido o porão, embora suas explorações — uma vez longe da terra firme, teve permissão para sair da cabine — tivessem revelado o porão como um buraco escuro e sem nenhum conforto, onde vários infelizes escravos estavam acorrentados entre uma grande quantidade de caixas e barris, correndo o constante risco de serem esmagados caso a carga se movesse.

— Para onde estamos indo, senhora? E o que acontecerá quando chegarmos lá? — Josh falou em gaélico, seu bonito rosto pequeno e amedrontado nas sombras do porão.

— Acho que estamos indo para Ocracoke — ela disse, na mesma língua. — Além disso, não sei. Você ainda tem seu rosário? — Oh, sim, senhora. — Tocou o peito, onde o crucifixo estava pendurado. — É a única coisa que me impede de me desesperar.

— Ótimo. Continue rezando. — Olhou para os outros escravos: duas mulheres, dois homens, todos de corpo esbelto e delicado, rosto bem delineado. Ela trouxera comida para Josh de

seu próprio jantar, mas não tinha nada a lhes oferecer, e ficou perturbada.

— Eles trazem comida para vocês aqui? — Sim, senhora. Suficiente — ele assegurou-lhe.

— Eles — ela moveu levemente o queixo, delicadamente indicando os outros escravos — sabem alguma coisa? Sobre para onde estamos indo? — Não sei, senhora. Não posso falar com eles. São africanos, fulanis, sei disso pela aparência deles, mas é tudo que sei.

— Sei. Bem... — Ela hesitou, ansiosa para sair do porão escuro e pegajoso, mas relutante em deixar o jovem cavaliariço lá.

— Vá, senhora — ele disse serenamente em inglês, vendo sua dúvida.

— Vou ficar bem. Nós todos vamos ficar bem. — Tocou em seu rosário e fez o melhor possível para lhe dar um sorriso, embora os cantos de sua boca estremecessem. — Nossa Senhora nos protegerá.

Sem nenhuma palavra de conforto para oferecer, ela balançou a cabeça e subiu as escadas para a luz do sol, sentindo cinco pares de olhos sobre ela.

Bonnet, graças a Deus, passava a maior parte do tempo no convés durante o dia. Podia vê-lo agora, descendo pelo cordame como um ágil macaco.

Ela permaneceu quieta, nenhum movimento além dos cabelos esvoaçando ao vento, de saias contra suas pernas paralisadas. Ele era tão sensível aos movimentos do seu corpo quanto Roger — mas a seu próprio modo. Do modo de um tubarão, avisado e atraído pelo deslocamento de sua presa.

Ela passara uma única noite em sua cama até agora, sem dormir. Ele a puxara descontraidamente para ele, murmurando "Boa-noite, querida", e adormecera instantaneamente. No entanto,

toda vez que tentara se mexer, livrar-se do seu abraço, ele se movera com ela, para mantê-la firmemente junto a ele.

Ela era obrigada a uma indesejável intimidade com o corpo dele, uma experiência que acordava lembranças que conseguira apagar de sua mente a duras penas — a sensação do joelho dele abrindo suas coxas, a rude jovialidade de seu toque entre suas pernas, os pelos louros, descorados do sol, que se encrespavam em suas coxas e antebraços, seu cheiro masculino, suado e almiscarado. A zombeteira presença de LeRoi, levantando-se a intervalos durante a noite, pressionado com um desejo firme e irrefletido contra suas nádegas.

Ela teve um momento de intensa gratidão, tanto por sua atual gravidez — pois agora não tinha mais dúvidas disso — e pela certeza de que Stephen Bonnet não era o pai de Jemmy.

Ele saltou do cordame com um baque surdo, viu-a e sorriu. Não disse nada, mas beliscou sua nádega com intimidade ao passar, fazendo-a cerrar os dentes e agarrar a balaustrada.

Ocracoke, na lua nova. Ergueu os olhos para o céu brilhante, agitado com bandos de gaivotas e andorinhas-do-mar; não podiam estar longe da costa. Quanto tempo ainda faltava, meu Deus, até a lua nova?

*O PRÓDIGO*

Não tiveram nenhuma dificuldade em encontrar pessoas familiarizadas com o Anemone e seu capitão. Stephen Bonnet era muito conhecido nas docas de Edenton, embora sua reputação variasse, dependendo de suas ligações. Um capitão honesto era a opinião geral, mas difícil em suas negociações. Um furador de bloqueios navais, um contrabandista, diziam outros — e se isso era bom ou ruim dependia da política da pessoa que falava. Ele conseguia qualquer coisa que você quisesse, diziam — por um bom preço.

Pirata, diziam poucos. Mas esses poucos falavam em voz baixa, olhando frequentemente por cima do ombro e fazendo questão de não ser identificado.

O Anemone partira de maneira absolutamente franca, com uma carga inocente de arroz e cinquenta barris de peixe defumado. Roger encontrara um homem que se lembrava de ter visto uma mulher jovem subir a bordo com um dos ajudantes de Bonnet.

— Uma mulherona, de cabelos flamejantes, soltos, esvoaçando até as nádegas — o homem dissera, estalando os beijos. — Mas o próprio sr. Bonnet também é de bom tamanho. Acho que consegue dar conta dela.

Somente a mão de Ian em seu braço o impediu de dar um soco no sujeito.

O que ainda não haviam encontrado era alguém que soubesse com certeza para onde o Anemone se dirigia.

— Londres, eu acho — disse o capitão do porto, em dúvida.  
— Mas não direto; ele ainda não está com a carga completa. É provável que esteja descendo a costa, fazendo negócios aqui e ali. Talvez siga para a Europa a partir de Charleston. Mas, por outro lado — o capitão continuou, esfregando o queixo —, pode ser que esteja indo para a Nova Inglaterra. É um negócio terrivelmente arriscado levar qualquer coisa para Boston atualmente, mas vale a pena se você conseguir. Arroz e peixe defumado valem seu peso em ouro por lá, se você conseguir desembarcar a mercadoria sem que os navios de guerra da marinha o mandem pelos ares.

Jamie, um pouco pálido, agradeceu ao capitão. Roger, impossibilitado de falar com o nó que tinha na garganta, meramente balançou a cabeça e seguiu seu sogro para fora do escritório do capitão do porto, de volta ao sol das docas.

— E agora? — Ian perguntou, reprimindo um arrote. Ele fizera uma varredura pelas tavernas da zona portuária, pagando cerveja para um ou outro estivador que pudesse ter ajudado a carregar o Anemone, ou que pudesse ter falado com um dos ajudantes de bordo a respeito de seu próximo destino.

— O melhor que posso pensar é que talvez você e Roger Mac possam pegar um barco e descerem a costa — Jamie disse, franzindo o cenho para os mastros das embarcações oscilando no ancoradouro. — Claire e eu podemos subir, em direção a Boston.

Roger assentiu, ainda impossibilitado de falar. Estava longe de ser um bom plano, particularmente à luz da desordem que a guerra não declarada estava causando na marinha mercante, mas a necessidade de fazer alguma coisa era premente. Ele sentiu como se a medula de seus ossos estivesse pegando fogo; somente a ação poderia extingui-lo.



Alugar um pequeno barco — ainda que um veleiro de pesca — ou comprar passagem em um pacote, mas era caro.

— Sim, bem. — Jamie enfiou a mão no bolso, onde ainda estava o diamante negro. — Vou procurar o juiz Iredell. Talvez ele possa me colocar em contato com um banqueiro honesto que me adiante dinheiro da venda da pedra. Primeiro, vamos dizer a Claire o que pretendemos fazer.

Quando saíam da zona portuária, entretanto, uma voz chamou Roger.

— Sr. MacKenzie! Ele se virou e se deparou com o reverendo McCorkle, seu secretário e o reverendo McMillan, carregando malas, todos olhando para ele.

Houve uma breve confusão de apresentações — eles já haviam, é claro, conhecido Jamie quando ele foi buscar Roger, mas não Ian — e em seguida uma pausa ligeiramente embaraçosa.

— O senhor... — Roger limpou a garganta, dirigindo-se ao homem mais velho. — Está de partida, então, senhor? Para as Antilhas? McCorkle assentiu, uma expressão preocupada no rosto grande e bondoso.

— Estou, senhor. Lamento muito ter que partir... e que o senhor não tenha podido... bem. — Tanto McCorkle quanto o reverendo McMillan haviam tentado persuadi-lo a retornar para eles no dia anterior, para assumir seu lugar na cerimônia de ordenação. Mas ele não poderia. Não poderia se dar ao luxo de perder horas preciosas, certamente não poderia comprometer-se com nada que não fosse sua única preocupação no momento — e embora só houvesse uma única determinação em sua mente agora, ela não era relativa a Deus. No momento, só havia espaço em seu coração para uma coisa — Brianna.

— Bem, certamente é a vontade de Deus — McCorkle disse com um suspiro. — E sua esposa, sr. MacKenzie? Teve notícias de seu paradeiro?

Ele sacudiu a cabeça e murmurou um agradecimento pela preocupação deles, pelas promessas de oração por ele e pelo retorno de sua mulher sã e salva. Ele estava preocupado demais para encontrar muito conforto nisso, mas ainda assim ficou sensibilizado com a bondade daqueles homens e despediram-se com muitos votos de felicidade em ambas as direções.

Roger, Jamie e Ian retornaram em silêncio na direção da estalagem onde haviam deixado Claire.

— Só por curiosidade, Ian, o que fez com a orelha de Forbes? — Jamie perguntou, quebrando o silêncio quando entraram na rua larga onde ficava a hospedaria.

— Oh, está bem guardada, tio — Ian assegurou-lhe, dando uns tapinhas na bolsinha de couro presa em seu cinto.

— O que em nome de D... — Roger parou bruscamente, depois retomou. — O que pretende fazer com isso?

— Guardá-la comigo até encontrarmos minha prima — Ian disse, parecendo surpreso de que aquilo não fosse óbvio. — Vai ajudar.

— Vai? Ian balançou a cabeça, sério.

— Quando você tem uma tarefa difícil pela frente, quero dizer, se você for um kahnyen'kehaka, geralmente você se ausenta por um tempo, para jejuar e rezar pedindo ajuda. Não temos tempo para isso agora, é claro. Mas muitas vezes, ao fazer isso, você escolhe um talismã, ou melhor dizendo, ele o escolhe. — Roger notou que ele parecia inteiramente pragmático sobre esse procedimento.

— E você o carrega consigo durante toda a busca, para manter a atenção do espírito nesse desejo e garantir seu sucesso.

— Compreendo. — Jamie esfregou o cavalete do nariz. Pareceu... assim como Roger... estar se perguntando o que os espíritos mohawks fariam com a orelha de Neil Forbes. Ao menos,

certamente iria garantir sua atenção. — A orelha... você a envolveu em sal, não? Ian sacudiu a cabeça.

— Não, eu a defumei no fogo da cozinha na estalagem ontem à noite.

Não se preocupe, tio Jamie. Ela vai ficar conservada.

Roger encontrou uma perversa espécie de consolo nessa conversa.

Com as preces dos clérigos presbiterianos e o apoio dos espíritos mohawks, talvez tivessem uma chance, mas era a presença de seus dois parentes, fortes e determinados, a seu lado que mantinha sua esperança.

Eles não desistiriam enquanto Brianna não fosse encontrada, custasse o que custasse.

Engoliu o bolo que se formara em sua garganta pela milésima vez desde que tivera a notícia, pensando em Jemmy. O menino estava a salvo em River Run, mas como ele poderia contar a Jem que sua mãe desaparecera? Bem... não o faria, simplesmente. Eles iriam encontrá-la.

Nesse estado de espírito decidido, ele atravessou na frente dos outros dois a porta de entrada da estalagem e novamente ouviu seu nome.

— Roger! Desta vez, era a voz de Claire, aguda de empolgação. Ele virou-se imediatamente e a viu se levantar de um banco no bar. Sentada do outro lado da mesa, à sua frente, estavam uma jovem gorda e um jovem de compleição esbelta e cabelos curtos, negros e encaracolados. Manfred McGillivray.

— Eu vi vocês antes, há dois dias. — Manfred balançou a cabeça com um sinal de desculpas para Jamie. — Eu... hã... bem, eu me escondi, senhor, e lamento muito. Mas, é claro, eu não tinha como saber, até que Eppie voltou de Roanoke e me mostrou o anel...

O anel estava sobre a mesa, o cabochão de rubi lançando uma tranquila e minúscula mancha de luz rubra nas tábuas. Roger

pegou-o e revirou-o nos dedos. Mal ouviu as explicações — que Manfred vivia com a prostituta, que fazia expedições periódicas aos portos perto de Edenton, e ao ver o anel superou seu sentimento de vergonha e veio procurar Jamie — impressionado demais com aquela prova pequena, dura e tangível de Brianna.

Roger fechou os dedos sobre o anel, encontrando consolo em seu calor, e voltou a si a tempo de ouvir Hepzibah dizer ansiosamente: — Ocracoke, senhor. Na lua nova. — Tossiu modestamente, abaixando a cabeça. — A madame realmente disse, senhor, que ficaria grato pelas notícias sobre seu paradeiro...

— Você será recompensada, e muito bem recompensada — Jamie garantiu-lhe, embora obviamente não estivesse lhe dando senão uma ínfima fração de sua atenção. — Na lua nova — ele disse, virando-se para Ian. — Dez dias? Ian assentiu, o rosto brilhando de entusiasmo.

— Sim, aproximadamente. Ela não sabia exatamente onde na ilha de Ocracoke? — ele perguntou à prostituta.

Eppie sacudiu a cabeça.

— Não, senhor. Sei que Stephen tem uma casa lá, uma casa de fazenda, escondida no meio das árvores, mas isso é tudo.

— Nós a acharemos. — A própria voz de Roger o surpreendeu; não pensara em falar em voz alta.

Manfred parecia inquieto o tempo todo. Inclina-se para frente, colocando a mão sobre a de Eppie.

— Senhor... quando a encontrar... não vai dizer a ninguém que foi Eppie quem lhe contou, não é? O sr. Bonnet é um homem perigoso e não gostaria de vê-la correndo o risco. — Olhou para a jovem, que ficou ruborizada e sorriu para ele.

— Não, não diremos nada sobre ela — Claire assegurou-lhe. Ela andara examinando tanto Manfred quanto Hepzibah cuidadosamente enquanto conversavam e agora se inclinou sobre a

mesa para tocar a testa de Manfred, coberta de pontinhos vermelhos, em uma espécie de erupção.

— Por falar em perigo... ela está correndo um risco muito maior de você, meu rapaz, do que de Stephen Bonnet. Você contou a ela? Manfred ficou um pouco mais pálido e, pela primeira vez, Roger notou que o rapaz parecia realmente doente, o rosto magro e sulcado de rugas profundas.

— Conte, Frau Fraser. Desde a primeira vez.

— Oh, a respeito da sífilis? — Hepzibah afetou pouco caso, embora Roger visse sua mão apertar a de Manfred. — Sim, ele me disse. Mas eu disse a ele que não faz nenhuma diferença. Devo dizer que já tive alguns homens com sífilis antes, sem saber. Se eu tivesse que pegar... bem. É a vontade de Deus, não?

— Não — Roger disse a ela com muita delicadeza. — Não é. Mas acompanhe a sra. Claire, tanto você quanto Manfred, e faça exatamente o que ela disser. Você ficará bem e ele também. Não é mesmo? — ele disse, voltando-se para Claire, repentinamente um pouco em dúvida.

— Sim, ficarão — ela disse secamente. — Felizmente, tenho bastante penicilina comigo.

O rosto de Manfred era o retrato da confusão.

— Mas... quer dizer, meine Frau, que você pode... pode curar isso?

— É exatamente o que quero dizer — Claire garantiu-lhe —, como eu tentei lhe dizer antes de você fugir.

Ele ficou de boca aberta, piscando. Em seguida, virou-se para Hepzibah, que o fitava, perplexa.

— Liebchen! Posso voltar para casa! Nós podemos voltar para casa — ele consertou rapidamente, vendo seu rosto se transformar. — Nós nos casaremos. Voltaremos para casa — ele repetiu, no tom de alguém tendo uma visão abençoada, mas ainda sem poder acreditar inteiramente que fosse real.

Eppie franzia a testa, em dúvida.

— Sou uma prostituta, Freddie — ela ressaltou. — E pelas histórias que você conta sobre sua mãe...

— Eu acho que Frau Ute ficará tão feliz em ter Manfred de volta que não estará disposta a fazer muitas perguntas — Claire disse, com um olhar a Jamie.

— O Filho Pródigo, sabe?

— Você não terá mais que ser uma prostituta — Manfred assegurou-lhe. — Eu sou armeiro, posso ganhar a vida. Agora que sei que poderei ter uma vida e trabalhar! — Seu rosto magro ficou repentinamente banhado de alegria, e ele lançou os braços ao redor de Eppie e a beijou.

— Oh — ela disse, afogueada, mas parecendo satisfeita. — Bem.

Hum. Esta peni...? — Olhou interrogativamente para Claire.

— Quanto mais cedo, melhor — Claire disse, levantando-se. — Venham comigo. — Seu próprio rosto estava um pouco afogueado, Roger viu, e ela estendeu a mão rapidamente para Jamie, que a segurou e apertou com força.

— Nós vamos fazer os preparativos — ele disse, olhando por sua vez para Ian e Roger. — Com sorte, partiremos esta noite.

— Oh! — Eppie já havia se levantado para seguir Claire, mas diante desse lembrete virou-se para Jamie, levando a mão à boca. — Oh. Me lembrei de outra coisa. — Seu afável rosto redondo estava crispado em concentração. — Há cavalos selvagens que correm perto da casa. Em Ocracoke. Eu ouvi Stephen falar deles uma vez. — Olhou de um homem para outro. — Isso pode ajudar?

— Pode, sim — Roger disse. — Obrigado, e que Deus a abençoe.

Somente quando estavam do lado de fora, dirigindo-se novamente para as docas, é que ele percebeu que o anel ainda estava agarrado com força em sua mão. O que foi que Ian dissera?

"Você escolhe um talismã, ou melhor dizendo, ele o escolhe." Suas mãos eram ligeiramente maiores do que as de Brianna, mas ele forçou o anel em seu dedo e fechou a mão sobre ele.

Ela acordou de um sono agitado e molhado de suor, o sentido maternal imediatamente alerta. Já estava quase fora da cama, movendo-se por instinto na direção da caminha de Jemmy, quando a mão de alguém a agarrou pelo pulso, um gesto convulsivo, como a mordida de um crocodilo.

Ela virou-se com um movimento brusco, zozza de sono e assustada.

Ouviu o som de passos no convés em cima e percebeu tardiamente que o som de aflição que a acordara não viera de Jemmy, mas da escuridão ao seu lado.

— Não vá — ele sussurrou, e os dedos penetraram fundo na carne macia do interior de seu pulso.

Incapaz de se libertar, ela tentou empurrá-lo com a outra mão. Tocou em cabelos úmidos e pele quente — e um fio de suor, frio e surpreendente em seus dedos.

— O que foi? — sussurrou por sua vez, inclinando-se para ele instintivamente. Estendeu a mão outra vez, tocou sua cabeça, alisou seus cabelos, tudo que acordara preparada para fazer. Sentiu a mão descansar sobre ele e pensou em parar, mas não o fez. Era como se o ímpeto de conforto maternal, uma vez desencadeado, não pudesse ser pressionado de volta dentro dela, não mais do que o jorro de leite materno evocado pelo choro de uma criança não podia ser chamado de volta à sua fonte.

— Você está bem? — Ela manteve a voz baixa e tão impessoal quanto as palavras o permitiam. Ergueu a mão e ele se mexeu, virando-se para ela, pressionando a cabeça com força contra a curva de sua coxa.

— Não vá — ele repetiu, e prendeu a respiração com uma arfada, no que pareceu um soluço. Sua voz era baixa e rouca, mas de

um jeito diferente, como nunca ouvira antes.

— Estou aqui. — Seu pulso preso estava ficando dormente. Ela colocou a mão livre no ombro dele, esperando que ele a soltasse se ela parecesse disposta a ficar.

De fato, ele relaxou a mão em seu pulso, mas apenas para estendê-la e agarrá-la pela cintura, puxando-a de volta para a cama. Ela cedeu, porque não havia escolha, e ficou deitada em silêncio, a respiração de Bonnet quente e áspera em sua nuca.

Por fim, ele a soltou e virou-se de costas com um suspiro, permitindo que ela se movesse. Ela também se virou de costas, cautelosamente, tentando manter alguns centímetros entre eles. O luar penetrava pelas janelas de popa em um dilúvio prateado e ela pôde ver a silhueta de seu rosto, ver o brilho em sua testa e face quando ele virou a cabeça.

— Pesadelo? — ela arriscou-se. Pretendera dar um tom sarcástico à sua pergunta, mas seu próprio coração ainda estava acelerado com o susto da forma que acordara, e as palavras pareceram hesitantes.

— Sim, sim — ele disse, com um suspiro estremecido. — O mesmo.

Esse pesadelo sempre se repete, sabe? É de se pensar que eu saberia o que era e acordaria, mas nunca acordo. Não até as águas se fecharem sobre a minha cabeça. — Esfregou a mão sob o nariz, fungando como uma criança.

— Oh. — Ela não queria perguntar os detalhes, não queria encorajar nenhuma ideia de intimidade. Mas o que ela queria já não tinha muito a ver com os acontecimentos.

— Desde criança que eu sonho que estou me afogando — ele disse, e sua voz, normalmente tão segura, vacilava. — O mar sobe e eu não consigo sair do lugar, fico paralisado. A maré está subindo e eu sei que vou me afogar, mas não consigo me mover. — Sua mão agarrou o lençol convulsivamente, tirando-o de cima dela.



— É uma água cinzenta, cheia de lama, e há coisas escuras nadando nela. Elas aguardam no mar para acabar comigo... e depois continuarem a fazer o que têm que fazer.

Ela pôde ouvir o horror na voz dele e sentiu-se dividida entre querer ir sorratamente se afastando dele e o hábito arraigado de oferecer consolo.

— Foi apenas um sonho — ela disse finalmente, olhando para cima, para as tábuas do convés, não mais do que um metro acima de sua cabeça.

Se ao menos isto fosse um pesadelo! — Ah, não — ele disse, e sua voz transformara-se quase em um sussurro na escuridão ao seu lado. — Ah, não. É o próprio mar. Me chamando, sabe? Subitamente, ele rolou sobre o corpo, virando-se para ela, agarrando-a e pressionando-a com força contra si. Ela arquejou, enrijecendo-se, e ele apertou com mais força, reagindo, como um tubarão, aos seus esforços.

Para seu próprio horror, ela sentiu LeRoi levantando-se e esforçou-se para ficar imóvel. O pânico e a necessidade de fugir de seu sonho poderiam muito bem fazê-lo se esquecer de sua aversão a fazer sexo com mulheres grávidas, e isso era a última coisa, a última coisa...

— Sshh — ela disse com firmeza, passando o braço por trás de sua cabeça e forçando seu rosto a se aninhar em seu ombro, dando palmadinhas, afagando suas costas. — Ssh. Tudo vai ficar bem. Foi apenas um sonho. Não vou deixar que o machuquem. Não vou deixar nada ferir você. Quietos, quietos, agora.

Ela continuou dando uns tapinhas em suas costas, os olhos fechados, tentando imaginar a si mesma segurando Jemmy depois de um pesadelo, silêncio em sua cabana, o fogo baixo na lareira, o corpinho de Jemmy relaxando-se com confiança, o cheiro suave dos cabelos do menino junto ao seu rosto...

— Não deixarei você se afogar — ela murmurou. — Prometo. Não deixarei que se afogue.

Ficou repetindo essas palavras sem cessar e lentamente a respiração de Bonnet se acalmou e ele afrouxou o braço que a apertava, à medida que o sono se apoderava dele. Ela continuou repetindo as palavras de conforto, em um murmúrio suave, hipnótico, suas palavras em parte perdendo-se no som das águas, que sibilavam pela lateral do navio, e ela já não falava mais para o homem ao seu lado, mas para a criança sonolenta dentro dele.

— Não deixarei que nada o machuque. Nada vai machucá-lo. Eu prometo.

*LOCAL DE ENCONTRO*

Roger parou para limpar o suor dos olhos. Havia amarrado um lenço dobrado em volta da cabeça, mas a umidade na floresta cerrada na zona da maré era tão alta que o suor se formava nas órbitas, pinicando e toldando sua visão.

Em um salão de bar em Edenton, o conhecimento de que Bonnet estava — ou iria estar — em Ocracoke parecera uma inebriante convicção; a busca se estreitara repentinamente para um único e minúsculo banco de areia, contra os milhões de outros lugares em que o pirata poderia estar; que dificuldade poderia haver nisso? Uma vez no maldito banco de areia, a perspectiva se alterara. A maldita ilha era estreita, mas com vários quilômetros de extensão, com amplas áreas de vegetação cerrada e a maior parte de sua linha costeira cheia de barreiras ocultas e redemoinhos perigosos.

O capitão do barco de pesca que alugaram os levou lá com bastante rapidez; depois, passaram dois dias velejando para cima e para baixo ao longo de toda a extensão da ilha, procurando possíveis locais de atracação, como esconderijos de piratas, e manadas de cavalos selvagens. Até então, nada disso fora encontrado.

Tendo passado tempo suficiente vomitando por cima da amurada — Claire não trouxera suas agulhas de acupuntura, não tendo previsto sua necessidade —, Jamie insistira em ser deixado

em terra firme. Ele caminharia por toda a extensão da ilha, disse, atento a qualquer problema.

Poderiam pegá-lo ao pôr do sol.

— E se você der de frente com Stephen Bonnet, sozinho? — Claire perguntara, quando ele se recusou a deixar que ela o acompanhasse.

— Prefiro morrer de uma estocada do que vomitar até à morte — foi a elegante resposta de Jamie — e além do mais, Sassenach, preciso que você fique aqui para se certificar de que este capitão desgraçado filho da mãe não vá embora sem mim, certo? Assim, o levaram de bote a remo até a praia e o deixaram lá, observando enquanto ele se afastava a passos largos, hesitando apenas ligeiramente conforme entrava no bosque emaranhado de pinheiros e palmeiras.

Mais um dia de frustração, velejando para baixo e para cima da costa, sem ver nada além de uma ou outra cabana de pesca desmantelada, e Roger e Ian também começaram a ver a sabedoria da decisão de Jamie.

— Vê aquelas casas? — Ian apontou para um minúsculo aglomerado de choças na praia.

— Se quer chamá-las assim, sim. — Roger protegeu os olhos com a mão para olhar melhor, mas as cabanas pareciam desertas.

— Se conseguem tirar barcos de lá, podemos colocar um lá dentro.

Vamos desembarcar e ver se o pessoal de lá nos diz alguma coisa.

Deixando Claire olhando fixamente para as palhoças, remaram para a praia para fazer perguntas — em vão. Os únicos habitantes do minúsculo assentamento eram algumas mulheres e crianças, todas as quais, ao ouvir o nome "Bonnet", saíram correndo para dentro de suas casas, como mariscos se enfiando na areia.

Ainda assim, tendo sentido o chão firme embaixo dos pés, não estavam nem um pouco ansiosos em admitir a derrota e voltar para o barracão de pesca.

— Vamos dar uma procurada, então — Ian dissera, olhando pensativamente para a floresta ensolarada. — Vamos esquadrinhar a área de forma cruzada, certo? — Desenhou uma série de Xs na areia para ilustrar. — Assim, cobriremos mais terreno e de vez em quando nos encontraremos. Quem chegar à praia primeiro, de cada vez, espera pelo outro.

Roger assentiu e, com um aceno alegre para o veleiro de pesca e a pequena e indignada figura na proa, voltaram-se para o interior da ilha.

O ar estava quente e parado sob os pinheiros e seu progresso era dificultado por todo tipo de arbustos raquíticos, trepadeiras, áreas inteiras de capim espinhoso e outras plantas grudentas. O avanço era um pouco mais fácil perto da praia, uma vez que a floresta ficava mais rala e dava lugar a longas extensões de ásperas gramíneas das dunas, com dezenas de pequenos caranguejos que saíam correndo do seu caminho — ou de vez em quando eram esmagados sob seus pés.

Ainda assim, era um alívio estar em movimento, sentir que de alguma forma estava fazendo alguma coisa, estava fazendo progresso para encontrar Bri — embora admitisse para si mesmo que não sabia ao certo exatamente o que estavam procurando. Ela estaria ali? Bonnet já teria chegado à ilha? Ou chegaria dentro de um ou dois dias, na lua nova, como Hepzibah dissera? Apesar da preocupação, do calor e dos milhões de mosquitinhos e pernilongos — não mordiam, de um modo geral, mas insistiam em entrar em seus ouvidos, olhos, nariz e boca —, sorriu ao se lembrar de Manfred.

Rezava pelo rapaz desde seu desaparecimento de Ridge, para que ele fosse devolvido à família. É bem verdade que encontrá-

lo firmemente ligado a uma ex-prostituta provavelmente não era exatamente a resposta às suas orações que Ute McGillivray esperava, mas ele já havia aprendido que Deus tem seus próprios métodos.

Deus, proteja-a. Não se importava com a maneira como essa oração fosse atendida, desde que fosse. Traga-a de volta para mim, por favor.

Já passava do meio-dia e suas roupas grudavam-se no corpo com o suor, quando ele chegou a um dos inúmeros estreitos formados pela maré que perfuravam a ilha como os buracos de um queijo suíço. Era largo demais para ele saltá-lo, e ele então desceu o barranco arenoso da margem e entrou na água. Era mais fundo do que imaginara — estava com água até o pescoço no meio do canal e teve que dar algumas braçadas antes de encontrar base firme para apoiar os pés no outro lado.

A água formava uma correnteza que o puxava na direção do mar; a maré começara a virar. Era provável que o estreito ficasse muito mais raso quando a maré baixasse, mas ele achava que um barco poderia subir o estreito com facilidade na maré cheia.

Isso era animador. Encorajado, arrastou-se para fora da água do outro lado e começou a seguir o canal para o interior da ilha. Em poucos minutos, escutou um som a distância e parou instantaneamente, ouvindo.

Cavalos. Ele poderia jurar que era o som de relinchos, embora tão distante que ele não podia ter certeza. Andou em círculo, tentando localizá-lo, mas o som desaparecera. Ainda assim, parecia um sinal e ele prosseguiu com renovado vigor, afugentando uma família de guaxinins que lavava sua refeição na água do canal.

Em seguida, porém, o canal começou a se estreitar, o nível da água caindo para menos de trinta centímetros — e depois menos ainda, apenas alguns centímetros de água clara corrente sobre a areia escura. No entanto, ele não queria desistir e correu para o

abrigo de uma copa baixa de pinheiros e carvalhos raquíticos e retorcidos. Então, parou abruptamente, a pele formigando do couro cabeludo à sola dos pés.

Quatro pilares de pedra bruta, pálidos à sombra das árvores. Um deles, na verdade, erguia-se da água do canal, inclinado pela ação da água.

Outro, no barranco de areia, tinha entalhes na face, símbolos abstratos que ele não reconheceu. Ficou paralisado, como se fossem criaturas vivas que pudessem vê-lo, caso ele se mexesse.

Parecia anormalmente silencioso; até mesmo os insetos pareciam tê-lo abandonado temporariamente. Ele não tinha dúvida de que se tratava do círculo de pedras que o sujeito chamado Donner descrevera para Brianna. Ali os cinco homens haviam cantado, caminhado sobre um desenho e se virado, passando para a esquerda da pedra com inscrições. E ali pelo menos um deles morrera. Um profundo estremeamento percorreu-o, apesar do calor opressivo.

Moveu-se finalmente, com muito cuidado, recuando aos poucos, como se as pedras pudessem acordar, mas não virou as costas para elas até estar a uma boa distância — tão distante que perdeu as pedras de vista, enterradas na mata fechada. Somente então virou-se e caminhou de volta para o mar, depressa, depois ainda mais depressa, até o ar queimar em sua garganta, sentindo como se olhos invisíveis estivessem cravados em suas costas.

Sentei-me na sombra do castelo de proa, bebericando cerveja fresca e observando a praia. Bem típico dos malditos homens, pensei, franzindo o cenho para a tranquila extensão de areia. Atacar obstinadamente, deixando as mulheres tomando conta do depósito. Ainda assim... não tinha tanta certeza de que preferia me arrastar por toda a extensão da abominável ilha a pé. Dizia a lenda que Barba Negra e um grande número de aliados usaram o

local como covil, e a razão era óbvia. Raramente eu vira um lugar tão inóspito.

A chance de encontrar qualquer coisa naquele lugar sigiloso, coberto de vegetação cerrada, aleatoriamente explorando tocas, era baixa. Ainda assim, ficar sentada no traseiro em um barco enquanto Brianna estava às voltas com Stephen Bonnet estava me fazendo estremecer de ansiedade e da necessidade urgente de fazer alguma coisa.

Mas não havia realmente nada a fazer e a tarde lentamente se consumia. Eu observava a praia todo o tempo; de vez em quando, eu via Roger ou Ian surgir do mato, os dois confabulavam rapidamente e infiltravam-se na vegetação outra vez. De vez em quando, eu olhava para o norte, mas não havia nenhum sinal de Jamie.

O capitão Roarke, que realmente era um maldito filho da puta, como ele próprio admitia alegremente, sentou-se ao meu lado por algum tempo e aceitou uma garrafa de cerveja. Felicitei-me pela precaução de ter trazido algumas dezenas, algumas das quais eu colocara para fora em uma rede para manter resfriadas; a cerveja estava me ajudando bastante a acalmar minha impaciência, embora ainda sentisse um nó de preocupação no estômago.

— Nenhum dos seus homens é o que se pode chamar de homem do mar, não é? — o capitão Roarke observou, após um silêncio contemplativo.

— Bem, o sr. MacKenzie passou algum tempo em barcos pesqueiros na Escócia — eu disse, deixando cair uma garrafa vazia dentro da rede. — Mas não diria que ele é um marinheiro experiente, não.

— Ah. — Ele tomou outro gole.

— Muito bem — eu disse finalmente. — Por quê?

Ele abaixou sua garrafa e arrotou de forma audível, depois pestanejou.



— Oh. Bem, madame, acho que ouvi um dos rapazes dizer que iria haver uma reunião, na lua nova? — Sim — eu disse, em guarda. Nós contáramos o mínimo possível ao capitão, por não saber se ele teria alguma associação com Bonnet. — A lua nova é amanhã, certo? — É — ele concordou. — Mas o que quero dizer é que quando alguém diz "lua nova", provavelmente se refere ao período da noite, certo? — Ele espreitou dentro do gargalo vazio de sua garrafa, em seguida ergueu-a e soprou cuidadosamente por ele, produzindo um som cavernoso.

Compreendi a insinuação e dei-lhe outra.

— Muito obrigado, madame — ele disse, parecendo feliz. — Veja bem, a maré vira por volta das onze e meia, nesta época do mês... e é vazante — acrescentou com ênfase.

O olhar que lhe dirigi deixava claro que eu não havia entendido.

— Bem, se olhar com cuidado, madame, verá que a maré vazante está a meio caminho agora — ele apontou para o sul. — Entretanto, há águas razoavelmente profundas perto da praia ao longo de toda a costa aqui.

Quando chegar a noite, não haverá.

— Sim? — Eu ainda não sabia onde ele queria chegar, mas ele era paciente.

— Bem, com a maré baixa, é mais fácil ver as barreiras e estreitos, sem dúvida, e se você viesse em um barco com um calado raso, esta seria a melhor hora. Mas se essa reunião fosse com algo maior, talvez um barco com mais de um metro e vinte de calado... bem. — Tomou um gole e apontou o fundo de sua garrafa para um ponto bem mais abaixo na praia.

— A água lá é funda, madame. Está vendo a cor? Se eu tivesse um barco de qualquer tamanho, aquele seria o local mais seguro para ancorar na maré baixa.

Olhei para o ponto que ele indicou. A água realmente era perceptivelmente mais escura naquele lugar, um cinza-azulado mais escuro do que as ondas ao redor.

— Podia nos ter dito isso antes — eu disse, com um tom de reprovação.

— Podia, madame — ele concordou cordialmente —, mas não sabia se a senhora gostaria de ouvir. — Levantou-se, então, e dirigiu-se sem pressa para a popa, uma garrafa vazia na mão, distraidamente soprando e produzindo seu som oco e surdo, como uma distante buzina de neblina.

Quando o sol desaparecia no mar, Roger e Ian surgiram na praia e o ajudante do sr. Roarke, Moses, foi pegá-los no bote a remo. Então, içamos vela e começamos a subir lentamente a costa de Ocracoke, até encontrarmos Jamie, acenando de uma minúscula restinga.

Ancorados ao largo para passar a noite, trocamos informações sobre nossas descobertas — ou falta de. Todos os homens estavam exaustos, do calor e da busca, com pouco apetite para o jantar, apesar do desgaste físico.

Roger, em particular, estava abatido e pálido, e quase não disse nada.

A última lasca de lua minguante elevou-se no céu. Com um mínimo de conversa, os homens pegaram seus cobertores e deitaram-se no convés, adormecendo em poucos minutos.

Apesar da quantidade de cerveja, eu estava completamente acordada.

Sentei-me ao lado de Jamie, meu próprio cobertor enrolado em volta dos ombros por causa do vento frio da noite, observando o mistério negro e baixo da ilha. O ancoradouro que o capitão Roarke me mostrara estava invisível na escuridão. Nós saberíamos, eu me perguntei, se um barco chegasse amanhã à noite? De fato, ele veio naquela noite. Acordei na primeira hora da manhã, sonhando com

cadáveres. Sentei-me abruptamente, o coração martelando, e vi Roarke e Moses na amurada, e um terrível cheiro no ar. Não era um cheiro que se pudesse esquecer, e quando me levantei e me dirigi à balaustrada para olhar, não fiquei nem um pouco surpresa de ouvir Roarke murmurar "navio negreiro", fazendo um sinal com a cabeça na direção sul.

O navio estava ancorado a cerca de oitocentos metros, os mastros negros contra o céu pálido. Não era um navio enorme, mas definitivamente grande demais para se aventurar nos pequenos canais da ilha. Observei-o por um longo tempo, ao lado de Jamie, Roger e Ian, que vieram se juntar a mim conforme acordavam. No entanto, nenhum bote foi baixado.

— O que você acha que ele está fazendo ali? — Ian perguntou. Falou em voz baixa; o navio de escravos deixava todos nervosos.

Roarke sacudiu a cabeça; ele também não estava gostando do que via.

— Não sei — respondeu. — Não esperaria isso em um lugar como este. De jeito nenhum.

Jamie passou a mão pelo queixo não barbeado. Há dias ele não se barbeava e, pálido e com olheiras — ele havia vomitado por cima da balaustrada poucos minutos após o içamento das velas, apesar das ondas estarem calmas —, parecia ainda mais infame do que o próprio Roarke.

— Pode nos emparelhar com ele, sr. Roarke? — ele disse, os olhos fixos no navio negreiro. Roger olhou para ele incisivamente.

— Não acha que Brianna esteja a bordo, não é? — Se estiver, descobriremos. Se não estiver, talvez a gente descubra o que este navio está fazendo aqui.

Era dia alto quando nos posicionamos ao longo do navio e havia inúmeros marujos no convés, todos nos espreitando da amurada com curiosidade.

Roarke saudou-os, pedindo permissão para subir a bordo. Não houve resposta imediata, mas após alguns minutos um homem corpulento com ar de autoridade e mau gênio apareceu.

— O que querem? — gritou para baixo.

— Subir a bordo — Roarke berrou em resposta.

— Não. Saíam daqui.

— Estamos à procura de uma jovem! — Roger gritou. — Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas! — Qualquer mulher neste navio é minha — o capitão, se era isto que ele era, disse com determinação. — Caiam fora daqui. — Virou-se e fez um gesto para seus ajudantes, que imediatamente desapareceram, reaparecendo com mosquetes.

Roger levou as mãos em concha à boca.

— BRIANNA! — berrou. — BRIANNAAAA!

Um dos homens ergueu a arma e disparou, a bala zunindo acima de suas cabeças e rasgando a vela mestra.

— Ei! — Roarke gritou, enfurecido. — Qual é o problema de vocês? A única resposta a isso foi uma fuzilaria de novos tiros, seguida da abertura das escotilhas mais próximas a nós e o repentino aparecimento de longos canos negros de vários canhões, juntamente com outra baforada mais intensa de mau cheiro.

— Santo Deus! — disse Roarke, atônito. — Bem, se é assim que você se sente... bem, vá para o inferno, desgraçado! — ele gritou, brandindo o punho cerrado. — Desgraçado! Moses, menos interessado em retórica, começara a partir com o primeiro tiro e já estava na cana do leme; passamos pelo navio negreiro e entramos em águas seguras em poucos minutos.

— Bem, alguma coisa está acontecendo — observei, olhando para trás, para o navio. — Quer tenha a ver com Bonnet ou não.

Roger agarrava-se à balaustrada, os nós dos dedos brancos.

— Tem a ver — Jamie disse. Passou a mão pela boca e fez uma careta.

— Consegue mantê-lo à vista, mas fora de alcance, sr. Roarke? — Uma nova onda de fedor de esgoto, corrupção e desesperança nos atingiu e ele ficou da cor de toucinho rançoso. — E talvez contra o vento também? Fomos obrigados a navegar até alto-mar e mudar várias vezes de direção para atender a essas várias condições, mas finalmente fizemos o caminho de volta e ancoramos a uma distância segura, o navio negreiro quase invisível. Ali permanecemos pelo resto do dia, revezando-nos para vigiar o estranho navio através do telescópio do capitão Roarke.

Entretanto, nada aconteceu; nenhum barco veio do navio, nem da praia. E enquanto permanecíamos sentados em silêncio no convés, observando as estrelas surgirem em um céu sem lua, o navio foi engolido pela escuridão.



## VIDA NOVA

Ancoraram bem antes do amanhecer e um pequeno barco os levava à praia. — Que lugar é esse? — ela perguntou, a voz rouca por falta de uso.

Bonnet a acordara quando ainda era noite. Haviam feito três paradas ao longo do caminho, em enseadas anônimas, de onde homens misteriosos surgiam do mato, rolando barris ou carregando fardos, mas ela não fora levada à terra em nenhuma delas. Esta era uma ilha baixa e comprida, coberta por uma floresta densa e raquítica, e por uma névoa fina, parecendo mal-assombrada sob a lua minguante.

— Ocracoke — ele respondeu, inclinando-se para frente e espreitando a névoa. — Um pouco mais para bombordo, Denys. — O marinheiro nos remos inclinou-se com mais força para o lado e a ponta do barco virou-se devagar, aproximando-se mais da praia.

Fazia frio no mar; sentia-se grata pela capa pesada com que ele a envolvera antes de fazê-la descer ao barco. Ainda assim, a friagem da noite e do mar aberto pouco tinha a ver com o estremecimento constante que fazia suas mãos tremerem e deixava seus pés e dedos dormentes.

Alguns murmúrios suaves entre os piratas, novas instruções. Bonnet saltou do barco e, com água lamacenta até a cintura, vadeou para dentro das sombras, afastando a espessa

vegetação, de modo que a água do estreito oculto surgiu repentinamente, um brilho liso e escuro diante deles.

O barco foi abrindo caminho sob os galhos pendentes das árvores, depois parou, para que Bonnet pudesse içar-se por cima da beirada do barco, escorrendo água.

Um grito lancinante eclodiu perto deles, tão perto que ela se sobressaltou, o coração batendo com força, antes de perceber que era apenas um pássaro em algum lugar do pântano ao redor deles. Fora isso, a noite estava silenciosa, salvo pelo barulho dos remos batendo na água.

Haviam colocado Josh e os fulanis no barco também; Josh sentou-se aos seus pés, um vulto negro arqueado. Ele tremia; ela podia sentir.

Soltando uma ponta de sua capa, colocou-a sobre ele e colocou a mão em seu ombro sob ela, tentando lhe dar o pouco conforto que lhe era possível.

Ele ergueu a mão e colocou-a suavemente sobre a dela, apertando-a, e assim unidos, prosseguiram para dentro da escuridão desconhecida sob as árvores gotejantes.

O céu já clareava quando o barco alcançou um pequeno ancoradouro e veios de nuvens tingidas de rosa estendiam-se pelo horizonte. Bonnet saltou do barco e inclinou-se para baixo para segurar a mão dela.

Relutantemente, ela se soltou de Josh e se levantou.

Havia uma casa, parcialmente escondida entre as árvores. Feita de tábuas cinzentas, parecia misturar-se aos resquícios da neblina, como se não fosse real e pudesse desaparecer a qualquer momento.

O fedor trazido pelo vento, no entanto, era bastante real. Ela mesma nunca o sentira antes, mas ouvira a vívida descrição de sua mãe e reconheceu-o imediatamente — o cheiro fétido de um navio negreiro, ancorado ao largo. Josh o reconheceu também; ela ouviu

quando ele arfou, prendendo a respiração, e em seguida um murmúrio apressado — ela rezava a ave-maria em gaélico, o mais depressa que podia.

— Leve-os para o barracão — Bonnet disse ao marinheiro, empurrando Josh na direção dele e acenando para os fulanis. — Depois volte para o navio. Diga ao sr. Orden que partimos para a Inglaterra dentro de quatro dias. Ele cuidará do restante das providências. Venha me buscar no sábado, uma hora antes da maré alta.

— Josh! — ela o chamou e ele olhou para trás, os olhos arregalados de medo, mas o marinheiro empurrou-o para que andasse depressa e Bonnet a arrastou na direção contrária, subindo o caminho que levava à casa.

— Espere! Onde ele o está levando? O que vai fazer com ele? — Ela enfiou os calcanhares na lama e agarrou-se a uma planta do manguezal, recusando-se a se mover.

— Vendê-lo, o que mais? — Bonnet mostrou-se pragmático em relação a isso e também ao fato de Brianna se recusar a seguir em frente.

— Vamos, querida. Sabe que posso obrigá-la e sabe que você não vai gostar, se eu o fizer. — Estendeu o braço, jogou para trás a ponta de sua capa e beliscou seu mamilo com força, para ilustrar.

Fervendo de raiva, puxou a capa de volta para o lugar com um safanão e apertou-a ao seu redor, como se isso pudesse amenizar a dor. Ele já se virara e subia o caminho, certo de que ela o seguiria. Para sua eterna vergonha, ela o fez.

A porta foi aberta por um negro, quase tão alto quanto o próprio Bonnet e até mais largo no peito e nos ombros. Uma grossa cicatriz vertical entre seus olhos ia desde a linha dos cabelos até o cavalete do nariz, mas tinha a aparência nítida de uma marca tribal deliberada, não o resultado de um acidente.



— Emmanuel, meu caro! — Bonnet cumprimentou o sujeito alegremente e empurrou Brianna à sua frente para dentro da casa. — Veja o que o gato trouxe pra dentro, hein?

O negro examinou Brianna de cima a baixo com uma expressão de dúvida.

— Ela é um bocado alta — ele disse, com uma voz que guardava uma cadência africana. Segurou-a pelos ombros e virou-a, correndo a mão pelas suas costas e agarrando sua nádega brevemente através da capa. — Mas um belo traseiro — admitiu contra a vontade.

— Não é mesmo? Bem, cuide dela, depois venha me contar como vão as coisas por aqui. O porão está quase cheio. Oh, eu peguei mais quatro, não, cinco negros. Os homens podem ir para o capitão Jackson, mas as mulheres... ah, essas são algo especial. — Piscou para Emmanuel. — Gêmeas.

O rosto do negro se endureceu.

— Gêmeas? — disse, em um tom horrorizado. — Vai trazê-las para dentro de casa?

— Vou — Bonnet disse com firmeza. — São fulanis, e maravilhosas.

Nada de inglês, nada de treinamento, mas são especiais, acredite. Por falar nisso, tivemos notícia do signor Ricasoli? Emmanuel balançou a cabeça, apesar de sua testa estar franzida; a cicatriz puxava as rugas da testa em um profundo "V.

— Estará aqui na quinta-feira. Monsieur Houvener também virá na quinta. Mas o sr. Howard estará aqui amanhã.

— Esplêndido. Agora quero meu café da manhã, e imagino que também esteja com fome, não é, querida? — ele perguntou, virando-se para Brianna.

Ela balançou a cabeça, dividida entre medo, indignação e enjoo matinal. Precisava comer alguma coisa, e depressa.

— Muito bem, então. Leve-a para algum lugar — apontou na direção do teto, indicando quartos no andar de cima — e dê comida a ela. Eu comerei no meu escritório. Vá se encontrar lá comigo.

Sem nenhum comentário, Emmanuel prendeu a mão como um tomilho na sua nuca e empurrou-a na direção das escadas.

O mordomo — se fosse possível descrever alguém como Emmanuel com tal termo doméstico — empurrou-a para dentro de um quartinho e fechou a porta. Era mobiliado, mas de forma escassa; uma cama com um colchão sem cobertas, um cobertor de lã e um urinol. Fez uso do último com grande alívio, depois fez um rápido reconhecimento do quarto propriamente dito.

Havia uma única janela, pequena, com barras de ferro. Não havia vidros, apenas persianas internas, e o cheiro do mar e do manguezal enchia o aposento, competindo com a poeira e o cheiro rançoso do colchão manchado.

Emmanuel podia ser um faz-tudo, mas não era um bom zelador doméstico ela pensou, tentando manter o estado de ânimo elevado.

Um som familiar chegou até ela; esticou o pescoço para ver. Não dava para ver muita coisa da janela — apenas as conchas brancas esmagadas e a lama arenosa que rodeava a casa, e o topo das árvores anãs. Mas se pressionasse o rosto contra a lateral da janela, podia ver uma pequena fatia de uma praia distante, com vagalhões brancos na arrebentação. Enquanto observava, três cavalos galoparam por ela, desaparecendo de seu campo de visão — mas com o som de relinchos trazido pelo vento, vieram mais cinco, depois outro grupo de sete ou oito. Cavalos selvagens, os descendentes dos pôneis espanhóis deixados ali havia um século.

A vista dos cavalos encantou-a e ficou observando por um longo tempo, na esperança de que voltassem, mas não voltaram; apenas um bando de pelicanos passou voando, e algumas gaivotas, mergulhando para pegar peixes.

A visão dos cavalos a fizera se sentir menos sozinha por alguns instantes, mas não menos vazia. Estava no quarto havia meia hora e não se ouvia nenhum som de passos no corredor do lado de fora, trazendo comida. Cautelosamente, experimentou a porta, e surpreendeu-se de encontrá-la destrancada.

De fato, havia sons no andar de baixo; havia alguém ali. E os aromas reconfortantes de mingau e pão assando flutuavam no ar.

Engolindo para acalmar seu estômago, avançou o mais silenciosamente possível pelo corredor e pelas escadas para o térreo.

Ouviam-se vozes masculinas em um aposento na frente da casa — Bonnet e Emmanuel. Suas vozes fizeram seu diafragma contrair-se, mas a porta estava fechada e ela passou na ponta dos pés.

A cozinha era um barracão, uma pequena construção separada do lado de fora e ligada à casa por uma curta passagem coberta e rodeada por um quintal cercado que também fechava os fundos da casa. Deu uma olhada na cerca — muito alta e pontiaguda —, mas uma coisa de cada vez: precisava comer.

Havia alguém na cozinha; podia ouvir o barulho de panelas e uma voz de mulher, murmurando alguma coisa. O cheiro de comida era forte. Ela empurrou a porta e entrou, parando para que a cozinheira a visse. Então, ela viu a cozinheira.

A essa altura, estava tão esgotada pelas circunstâncias que apenas piscou, certa de que estava vendo coisas.

— Phaedre? — ela disse, hesitante.

A jovem girou nos calcanhares, com os olhos arregalados e a boca aberta de choque.

— Oh, Santo Deus! — Em seguida, olhou horrorizada para trás de Brianna e, vendo que ela estava sozinha, agarrou-a pelo braço e puxou-a para fora, para o quintal.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, ferozmente. — Como veio parar aqui?

— Stephen Bonnet — Brianna disse sucintamente. — Como você... ele a raptou? De River Run? — Não conseguia imaginar como, ou por que, mas tudo, desde o momento em que soubera que estava grávida, tivera a sensação surrealista de alucinação, e o quanto disso se devia apenas à gravidez ela não fazia a menor ideia.

Mas Phaedre sacudia a cabeça.

— Não, senhora. Esse Bonnet, ele me comprou há um mês. De um homem chamado Butler — ela acrescentou, a boca se torcendo em uma expressão que deixava claro seu ódio a Butler.

O nome pareceu vagamente familiar a Brianna. Ela achava que era o nome de um contrabandista; nunca o vira, mas ouvira seu nome uma vez ou outra. Mas ele não era o contrabandista que fornecia chá e outros luxos contrabandeados a sua tia — esse ela havia conhecido, um cavalheiro decadente e caprichoso chamado Wilbraham Jones.

— Não compreendo. Mas... espere, tem alguma coisa para comer? — ela perguntou, sentindo um vazio no estômago novamente.

— Oh. Claro. Espere aqui. — Phaedre desapareceu novamente dentro da cozinha, ágil, e voltou em um instante com metade de um pão e uma vasilha de barro com manteiga.

— Obrigada. — Agarrou o pão e comeu um pouco apressadamente, sem se preocupar em passar manteiga, em seguida colocou a cabeça entre os joelhos e respirou por alguns minutos, até a náusea passar.

— Desculpe — ela disse, finalmente levantando a cabeça. — Estou grávida.

Phaedre balançou a cabeça, obviamente sem surpresa.

— De quem? — ela perguntou.

— Meu marido — Brianna respondeu. Falara asperamente, mas depois percebeu, com uma pequena sacudidela em suas entranhas já reviradas, que facilmente poderia não ter sido. Phaedre desaparecera de River Run havia meses, só Deus sabia o que acontecera com ela nesse intervalo de tempo.

— Não faz muito tempo que ele a raptou, então. — Phaedre olhou para a casa.

— Não. Você disse um mês... já tentou fugir? — Uma vez. — A boca da jovem torceu-se outra vez. — Você viu o homem chamado Emmanuel?

Brianna balançou a cabeça.

— Ele é um ibo. Persegue um fugitivo por um pântano de ciprestes e o faz se arrepender quando o encontra. — Passou os braços ao redor de si mesma, embora o dia estivesse quente.

O quintal era cercado com estacas pontiagudas de pinheiro, de dois metros e meio de altura, entrelaçadas com corda. Talvez conseguisse saltar por ela, com a ajuda de Phaedre... mas depois viu o vulto de um homem passar pelo outro lado, uma arma sobre o ombro.

Já teria imaginado isso, se estivesse em condições de pensar logicamente. Aquele era o esconderijo de Bonnet — e a julgar pelas pilhas de caixas, pacotes e barris empilhados aqui e ali no quintal, era também onde ele guardava cargas valiosas antes de vendê-las. Obviamente, estaria bem protegido.

Uma leve brisa soprava através das estacas da cerca, carregando o mesmo cheiro fétido que ela sentira ao chegar a terra firme. Comeu mais um pedaço do pão, forçando-o a descer como um lastro para seu estômago embrulhado.

As narinas de Phaedre alargaram-se, em seguida se contraíram com o mau cheiro.

— É um navio negreiro, ancorado depois da arrebentação — ela disse muito serenamente, engolindo em seco. — O capitão veio

ontem ver se o sr. Bonnet tinha alguma coisa para ele, mas ele ainda não tinha chegado. O capitão Jackson disse que virá novamente amanhã.

Brianna podia sentir o medo de Phaedre, como um pálido miasma amarelo pairando sobre sua pele, e deu mais uma mordida no pão.

— Ele não vai... ele não venderia você a esse Jackson? — Ela não descartaria nada em relação a Bonnet. Mas agora ela já entendia a questão da escravidão. Phaedre era artigo de primeira: pele clara, jovem, bonita e com treinamento de criada pessoal. Bonnet poderia conseguir um bom preço por ela em qualquer lugar e, do pouco que sabia de navios negreiros, eles lidavam com escravos brutos trazidos da África.

Phaedre sacudiu a cabeça, os lábios pálidos.

— Creio que não. Ele diz que eu sou o que ele chama de "especial". É por isso que me detém há tanto tempo; tem uns homens que ele conhece, vêm das Antilhas esta semana. Donos de plantações. — Engoliu novamente, parecendo doente. — Eles compram mulheres bonitas.

O pão que Brianna comera derreteu-se subitamente em uma massa viscosa e empapada em seu estômago, e com uma certa sensação de fatalidade levantou-se e se afastou alguns passos antes de vomitar sobre um pacote de algodão cru.

A voz de Stephen Bonnet ecoou em sua cabeça, alegremente jovial.

"Para que me dar ao trabalho de levá-la até Londres, onde não seria de nenhuma utilidade para ninguém? Além do mais, chove muito em Londres. Tenho certeza de que você não iria gostar de lá." — "Eles compram mulheres bonitas" — sussurrou, recostando-se contra a paliçada, esperando a sensação úmida e pegajosa passar. Mas mulheres brancas? Por que não?, disse a parte friamente lógica de seu cérebro. Mulheres são propriedade, brancas

ou negras. Se alguém pode ser dono de uma mulher, também pode vendê-la. Ela própria fora dona de Lizzie, durante algum tempo.

Passou a manga do vestido sobre a boca e retornou para junto de Phaedre, sentada em um rolo de cobre, o rosto bem delineado magro e abatido de preocupação.

— Josh, ele pegou Josh também. Quando desembarcamos, ele mandou que levassem Josh para o barracão de escravos.

— Joshua? — Phaedre empertigou-se, os olhos arregalados. — Joshua, o cavaliço de dona Jocasta? Ele está aqui? — Sim. Onde fica esse barracão, você sabe? Phaedre pusera-se de pé num salto e andava de um lado para o outro, agitada.

— Não sei ao certo. Eu faço comida para os escravos que ficam lá, mas um dos marujos leva a comida. Mas não pode ser longe da casa.

— É grande?

Phaedre sacudiu a cabeça enfaticamente a isso.

— Não, madame. O sr. Bonnet, ele na verdade não está no negócio de escravos. Ele pega alguns aqui e ali; é quando pega suas "especiais" — ela fez uma careta ao pronunciar a palavra —, mas não deve haver mais de uma dúzia aqui, pela quantidade de comida que comem. Há três garotas na casa, cinco se contarmos com as fulanis que ele disse que está trazendo.

Sentindo-se melhor, Brianna começou a andar pelo quintal, em busca de qualquer coisa que pudesse ser útil. Era uma miscelânea de produtos valiosos — tudo, desde peças de seda chinesa, enroladas em linho e oleados, engradados de porcelanas, rolos de cobre, barris de conhaque, garrafas de vinho embaladas em palha, até baús de chá. Abriu um desses, inspirando o suave perfume das folhas, sentindo-o maravilhosamente calmante para seu distúrbio interno. Daria qualquer coisa por uma xícara de chá quente naquele momento.

No entanto, mais interessante ainda eram vários barris pequenos, de paredes grossas e bem vedados, contendo pólvora.

— Se eu ao menos tivesse alguns fósforos — murmurou consigo mesma, olhando-os. — Ou um acendedor. — Mas fogo era fogo, e sem dúvida havia um na cozinha. Olhou para a casa com atenção, imaginando onde exatamente deveria colocar os barris, mas não podia explodir o lugar completamente, não com os outros escravos dentro da casa e não sem saber o que iria fazer em seguida.

O som da porta se abrindo paralisou-a; quando Emmanuel olhou para fora, ela já dera um salto para longe da pólvora e examinava uma enorme caixa que envolvia um relógio de parede, o mostrador dourado — decorado com três veleiros em um mar de prata — espreitando por trás de ripas protetoras pregadas por cima.

— Você, garota — ele disse a Brianna, sacudindo o queixo. — Venha se lavar — Lançou um olhar severo para Phaedre. Brianna viu que ela não olhava diretamente para ele, mas apressadamente começou a catar gravetos para acender o fogo.

A mão fechou-se com força em sua nuca outra vez e ela foi ignominiosamente conduzida de volta ao interior da casa.

Desta vez, Emmanuel realmente trancou a porta. Trouxe-lhe uma bacia e uma jarra de água, uma toalha e uma combinação limpa. Bem mais tarde, ele voltou com uma bandeja de comida. Mas ignorou todas as perguntas e trancou a porta novamente ao sair.

Ela puxou a cama para perto da janela e ajoelhou-se nela, os cotovelos enfiados entre as barras de ferro. Não havia nada a fazer, senão pensar — e isso era algo que ela preferia adiar um pouco mais. Observou a floresta e a praia distante, as sombras dos pinheiros raquíticos rastejando sobre a areia, um relógio de sol muito antigo, marcando o lento progresso das horas.

Após um longo tempo, seus joelhos ficaram dormentes e seus cotovelos doloridos. Estendeu a capa sobre o imundo colchão,



tentando não dar atenção às inúmeras manchas sobre ele, nem ao cheiro. Deitada de lado, observava o céu pela janela, as mudanças infinitesimais da luz de um momento para outro, e considerou detalhadamente os pigmentos específicos e as pinceladas exatas que usaria para pintá-lo. Em seguida, levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro, contando os passos, calculando a distância.

O quarto tinha cerca de dois metros e meio por três. Umas cento e sessenta voltas por quilômetro. Esperava que o escritório de Bonnet ficasse bem embaixo do quarto.

Nada, entretanto, a acalmava, e quando o quarto ficou escuro e ela completou três quilômetros viu que tinha Roger em sua mente — onde estivera o tempo inteiro, sem que ela percebesse.

Deixou-se afundar na cama, afogueada do exercício, e observou as últimas cores flamejantes desaparecerem no céu.

Teria sido ordenado, como tanto queria? Ele se preocupava com a questão da predestinação, em dúvida se ele poderia receber o sacramento das Ordens Sagradas que desejava, se não fosse capaz de comprometer-se inteiramente com essa ideia — bem, ela chamava isso de ideia; para os presbiterianos, era um dogma. Sorriu melancolicamente, pensando em Hiram Crombie.

Ian lhe contara sobre Crombie tentando ardentemente explicar a doutrina da predestinação aos cherokees. A maioria ouviu educadamente, depois o ignorou. A mulher de Pássaro, Penstemon, entretanto, mostrara-se interessada e seguia Crombie para toda parte durante o dia, empurrando-o de brincadeira, depois gritando: "Seu Deus sabia que eu ia fazer isso? Como ele poderia saber se eu mesma não sabia que iria fazer isso!" ou, em um estado de espírito mais pensativo, tentando fazê-lo explicar como a ideia de predestinação funcionaria em termos de jogo; como a maioria dos índios, Penstemon era capaz de apostar em quase qualquer coisa.

Ela achava que Penstemon provavelmente tivera muito a ver com a brevidade da visita inicial de Crombie aos índios. Mas tinha que lhe dar crédito: ele voltara. E voltara outra vez. Ele acreditava no que estava fazendo.

Assim como Roger. Droga, pensou com tristeza, lá estava ele outra vez, aqueles seus meigos olhos verde-musgo, sombrios com seus pensamentos, correndo o dedo devagar pelo cavalete do nariz.

— Realmente importa? — ela dissera por fim, cansada da discussão sobre predestinação e particularmente satisfeita com o fato de os católicos não precisarem acreditar nisso, contentando-se em deixar Deus agir por seus meios misteriosos. — Não é mais importante poder ajudar as pessoas do que lhes oferecer consolo? Estavam na cama naquela hora, a vela apagada, conversando à claridade da lareira. Ela podia sentir o movimento de seu corpo quando ele se mexia, sua mão brincando com uma mecha dos seus cabelos, enquanto ele considerava a questão.

— Não sei — ele dissera finalmente. E com um leve sorriso erguera os olhos para ela.

— Mas você não acha que qualquer viajante do tempo deve ter um pouco de teólogo? Ela respirara fundo, martirizada, e ele rira, deixando o assunto de lado e beijando-a, voltando-se para questões muito mais terrenas.

Mas ele estava certo. Ninguém que tivesse viajado através das pedras podia deixar de se perguntar: por que eu? E quem iria responder essa pergunta, se não Deus? Por que eu? E os que não conseguiram — por que eles? Sentiu um ligeiro calafrio ao pensar neles. Os corpos anônimos, relacionados no caderno de anotações de Geillis Duncan; os companheiros de Donner, mortos ao chegar. E por falar em Geillis Duncan... o pensamento sobreveio-lhe de repente; a bruxa morrera aqui, fora de sua própria época.

Deixando a metafísica de lado e olhando a questão puramente em termos de ciência — e deve ter uma base científica,

argumentou obstinadamente, não era mágica, independente do que Geilie Duncan pensara — as leis da termodinâmica afirmavam que nem a massa nem a energia podiam ser criadas ou destruídas. Apenas modificadas.

Mas como? O movimento através do tempo constituiria mudança? Um mosquito zumbiu pela sua orelha e ela abanou a mão para afastá-lo.

Era possível ir e voltar; eles sabiam disso com certeza. A implicação óbvia — que nem Roger, nem sua mãe mencionaram, talvez por não terem percebido — era que uma pessoa podia viajar ao futuro a partir de determinado ponto, em vez de apenas viajar ao passado e voltar.

Assim, talvez se alguém viajasse para o passado e morresse lá, como comprovadamente acontecera com Geillis Duncan e Dente-de-Lontra... talvez isso pudesse ser equilibrado com alguém viajando para o futuro e morrendo lá? Fechou os olhos, incapaz — ou se recusando — a continuar seguindo essa linha de raciocínio. Muito ao longe, podia ouvir o barulho da arrebentação, batendo repetidamente na areia, e pensou no navio negreiro.

Então, percebeu que o cheiro dele estava ali, e levantando-se subitamente, aproximou-se da janela. Mal podia ver a ponta extrema do caminho que levava à casa; enquanto observava, um homem corpulento, de casaco azul-marinho e chapéu, saiu a passos rápidos e pesados do meio das árvores, seguido por dois outros, humildemente vestidos. Marinheiros, ela pensou, vendo seu modo característico de caminhar.

Esse deve ser o capitão Jackson, portanto, que veio fazer negócios com Bonnet.

— Oh, Josh — disse em voz alta, e teve que sentar na cama, uma onda de vertigem dominando-a.

Quem havia sido? Uma das santas Teresas — Teresa de Ávila? Quem havia dito, exasperada com Deus: "Bem, se é assim

que você trata seus amigos, não é de admirar que tenha tão poucos!" Adormecera pensando em Roger. Acordou de manhã pensando no bebê. Pela primeira vez, a náusea e a sensação estranha de deslocamento estavam ausentes. Tudo que sentia era uma profunda paz e uma sensação de... curiosidade? Você está aí?, pensou, as mãos no ventre. Nada tão definido quanto uma resposta, mas o conhecimento estava lá, tão certo quanto as batidas de seu próprio coração.

Ótimo, ela pensou, e adormeceu outra vez.

Barulhos vindos de baixo a acordaram algum tempo depois.

Sentou-se abruptamente na cama, ouvindo vozes alteradas, depois oscilou, sentindo-se zozza, e deitou-se outra vez. A náusea retornara, mas se fechasse os olhos e ficasse absolutamente quieta, ela permanecia latente, como uma cobra adormecida.

As vozes continuavam, erguendo-se e abaixando-se, pontuadas por um ou outro baque surdo, como se um punho cerrado golpeasse uma parede ou mesa. Após alguns instantes, entretanto, as vozes cessaram e ela não ouviu mais nada, até que passos leves aproximaram-se de sua porta. A fechadura se abriu e Phaedre entrou, com uma bandeja de comida.

Brianna sentou-se, tentando não respirar; o cheiro de qualquer coisa frita...

— O que está acontecendo lá embaixo? — perguntou.

Phaedre fez uma careta.

— Esse Emmanuel não está satisfeito com as mulheres fulanis. Os ibos acham que gêmeos dão azar; qualquer mulher que dá à luz gêmeos leva-os para a floresta e os abandona lá para morrerem. Emmanuel quer mandar as fulanis embora com o capitão Jackson agora mesmo, tirá-las da casa, mas o sr. Bonnet diz que está esperando os cavalheiros das Antilhas e que conseguirá um preço muito melhor.

— Cavalheiros das Antilhas... que cavalheiros? Phaedre deu de ombros.

— Não sei. Senhores para quem ele costuma vender coisas. Plantadores de cana-de-açúcar, imagino. Coma isso, voltarei mais tarde.

Phaedre virou-se para ir embora, mas Brianna, subitamente, a chamou.

— Espere! Você não me disse ontem. Quem tirou você de River Run?

A jovem virou-se, parecendo relutar.

— O sr. Ulysses.

— Ulysses? — Brianna disse, sem conseguir acreditar. Phaedre percebeu a dúvida em sua voz e lançou-lhe um olhar direto e irritado.

— O quê? Não acredita em mim?

— Não, não — Brianna apressou-se em assegurar. — Eu acredito em você. É só que... por quê?

Phaedre inspirou profundamente pelo nariz.

— Porque eu sou uma maldita negra estúpida — disse com amargura. — Minha mãe me avisou, ela dizia: nunca, nunca, contrarie Ulysses. Mas eu lhe dei ouvidos?

— Contrariá-lo — Brianna disse cautelosamente. — Como você o contrariou? — Gesticulou na direção da cama, convidando Phaedre a se sentar. A jovem hesitou por um instante, mas depois aceitou, passando a mão para alisar o pano branco amarrado em volta de sua cabeça, repetidamente, enquanto procurava as palavras.

— O sr. Duncan — ela disse finalmente, e seu rosto suavizou-se um pouco. — Ele é um homem muito, muito bom. Sabe que ele nunca esteve com uma mulher? Levou um coice de cavalo quando era pequeno, e feriu as bolas. Achava que não conseguia fazer nada nesse sentido.

Brianna assentiu; ela ouvira alguma coisa de sua mãe sobre o problema de Duncan.

— Bem — Phaedre disse com um suspiro. — Ele estava errado. — Olhou para Brianna, para ver como essa confissão seria recebida. — Ele não pretendia magoar ninguém, nem a mim. Apenas... aconteceu. — Ela deu de ombros. — Mas Ulysses descobriu. Ele descobre qualquer coisa que aconteça em River Run, mais cedo ou mais tarde. Talvez uma das garotas tenha dito a ele, talvez de outra forma, mas ele soube. E ele me disse que isso não era certo, que eu parasse com aquilo imediatamente.

— Mas você não parou? — Brianna adivinhou.

Phaedre sacudiu a cabeça devagar, os lábios repuxados.

— Eu disse a ele que pararia quando o sr. Duncan não quisesse mais continuar, que não era da conta dele. Veja bem, eu achava que o sr. Duncan fosse o patrão... Mas não é verdade. Ulysses é o senhor de River Run.

— Então... ele a levou embora... ele a vendeu?... para que parasse de dormir com Duncan? — Por que ele se importaria?, perguntou-se. Teria medo de que Jocasta descobrisse o caso e ficasse magoada? — Não, ele me vendeu porque eu disse a ele que se não deixasse o sr. Duncan e eu em paz, eu contaria sobre ele e a dona Jo.

— Ele e... — Brianna pestanejou, sem acreditar no que ouvia.

Phaedre olhou para ela e deu um sorrisinho irônico.

— Ele partilha a cama da sra. Jo há mais de vinte anos. Desde antes de o Velho Amo morrer, minha mãe me disse. Todos os escravos lá sabem disso. Ninguém é estúpido de dizer isso na cara dele, exceto eu.

Brianna sabia que estava abrindo e fechando a boca como um peixe de aquário, mas não conseguia se conter. Centenas de pequenas coisas que vira em River Run, miríades de pequenas intimidades entre sua tia e o mordomo repentinamente adquiriram

um novo significado. Não era de admirar que sua tia tivesse se esforçado tanto para tê-lo de volta depois da morte do tenente Wolff E também não era de admirar que Ulysses tivesse entrado rapidamente em ação. Podiam acreditar em Phaedre ou não; a simples acusação o teria destruído.

Phaedre suspirou e passou a mão pelo rosto.

— Ele não perdeu tempo. Naquela noite mesmo, ele e o sr. Jones me tiraram da cama, me enrolaram em um cobertor e me levaram embora em uma carroça. O sr. Jones disse que não é dono de escravos, mas que fazia um favor para o sr. Ulysses. Assim, ele não ficou comigo, mas me levou rio abaixo, me vendeu em Wilmington, para um dono de restaurante. Não foi muito ruim, mas uns dois meses depois o sr. Jones veio e me levou de volta.

Wilmington não era bastante longe para satisfazer Ulysses. Assim, ele me deu para o sr. Butler, e o sr. Butler me levou para Edenton.

Ela abaixou os olhos, dobrando uma prega na colcha entre dedos longos e graciosos. Cerrou os lábios e seu rosto ficou ligeiramente ruborizado. Brianna absteve-se de perguntar o que ela fez para o sr. Butler em Edenton, achando que provavelmente ela fora empregada em um bordel.

— E... hã... Stephen Bonnet a encontrou lá? — arriscou.

Phaedre balançou a cabeça, sem levantar os olhos.

— Me ganhou em um jogo de cartas — disse sucintamente.

Levantou-se.

— Tenho que ir. Não quero mais saber de irritar homens negros, não vou me arriscar a novas surras desse Emmanuel.

Brianna começava a emergir do choque de saber de sua tia e Ulysses.

Um pensamento repentino lhe ocorreu e ela saltou da cama, correndo para alcançar Phaedre antes que ela chegasse à porta.

— Espere, espere! Só mais uma coisa... Você... os escravos de River Run... sabem alguma coisa sobre o ouro? — O quê? No túmulo do Velho Amo? Claro. — O rosto de Phaedre expressou uma surpresa cínica de que pudesse haver alguma dúvida sobre isso.

— Mas ninguém tocará nele. Todo mundo sabe que é amaldiçoado.

— Sabe alguma coisa sobre seu desaparecimento? O rosto de Phaedre ficou perplexo.

— Desaparecimento? — Oh, espere... não, você não saberia. Você... foi embora, muito antes de desaparecer. Eu só me perguntava se Ulysses teria alguma coisa a ver com isso.

Phaedre sacudiu a cabeça.

— Não sei nada sobre isso. Mas não duvidaria de que tivesse sido Ulysses, com ou sem maldição.

Ouviram-se passos pesados na escada e ela empalideceu. Sem nenhuma palavra ou gesto de despedida, deslizou pela porta e fechou-a.

Brianna ouviu o manuseio nervoso da chave do outro lado e o clique da fechadura ao se fechar.

Emmanuel, silencioso como um lagarto, trouxe-lhe um vestido à tarde. Ficou bastante curto e muito apertado no peito, mas era de chamalote azul-escura e muito bem-feito. Era óbvio que já fora usado antes; tinha manchas e cheiro de suor — de medo, ela pensou, reprimindo um estremecimento enquanto se esforçava para entrar no vestido.

Ela própria suava quando Emmanuel a levou para baixo, apesar da brisa agradável que corria pelas janelas abertas, agitando as cortinas. A casa era muito simples, em sua maior parte, com assoalho de tábuas simples e pouco além de bancos e camas como mobília. A sala no andar térreo para a qual Emmanuel a conduziu



era um contraste tão grande que parecia pertencer a outra casa inteiramente diferente.

Suntuosos tapetes persas cobriam o assoalho em uma confusão de cores sobrepostas e a mobília, apesar dos vários estilos diferentes, era toda ela pesada e elaborada, madeira entalhada e estofamento de seda. Pratas e cristais brilhavam de cada superfície disponível, e um candelabro — grande demais para o aposento — de pingentes de cristais salpicava a sala com minúsculos arco-íris. Era a ideia que um pirata fazia de uma sala de um homem rico — suntuosidade e abundância, exibidas sem nenhuma noção de estilo ou bom gosto.

Mas o homem rico sentado junto à janela parecia não prestar atenção ao ambiente ao seu redor. Um homem magro, de peruca, com um proeminente pomo de adão, parecendo ter trinta e poucos anos, embora tivesse a pele enrugada e amarelada por alguma doença tropical. Olhou incisivamente para a porta quando ela entrou, em seguida levantou-se.

Bonnet estivera recepcionando seu convidado; havia copos e uma garrafa de bebida sobre a mesa, e o ar estava impregnado do cheiro doce e forte de conhaque. Brianna sentiu o estômago revolver-se de enjoo e imaginou o que eles fariam se ela vomitasse no tapete persa.

— Aí está você, querida — Bonnie disse, vindo pegá-la pela mão. Ela puxou a mão, afastando-a dele, mas ele fingiu não notar e, em vez disso, empurrou-a na direção do homem magro, a mão nas suas costas. — Venha cumprimentar o sr. Howard, querida.

Ela empertigou-se em toda a sua altura — era uns dez centímetros mais alta do que o sr. Howard, cujos olhos arregalaram-se ao vê-la — e fitou-o com asco.

— Estou sendo mantida aqui contra minha vontade, sr. Howard. Meu marido e meu pai vão... ai! — Bonnet agarrara seu pulso e o torcera, com força.

— Linda, não é? — ele disse em tom de conversa, como se ela não tivesse falado nada.

— Oh, sim. Sim, de fato. Mas muito alta... — Howard circundou-a, examinando-a com ar de dúvida. — E cabelos ruivos, sr. Bonnet? Eu realmente prefiro loiras.

— Oh, é mesmo, seu vermezinho! — ela retrucou, apesar do aperto da mão de Bonnet em seu braço. — Onde pensa que vai, preferindo coisas? — Com um safanão, desvencilhou-se de Bonnet e rodeou o sr. Howard.

— Agora, preste atenção — ela disse, tentando soar de modo razoável. Ele piscava para ela, ligeiramente atordoado. — Sou uma mulher de boa, excelente!, família, e fui raptada. O nome do meu pai é James Fraser, meu marido é Roger MacKenzie e minha tia é a sra. Hector Cameron, fazendeira de River Run.

— Ela é mesmo de boa família? — Howard dirigiu essa pergunta a Bonnet, parecendo mais interessado.

Bonnet balançou ligeiramente a cabeça, confirmando.

— Oh, é sim, senhor. Da mais fina elite! — Hummm. E boa saúde também, pelo que vejo. — Howard retomara seu exame, inclinando-se mais para perto para poder examiná-la melhor. — Já procriou?

— Sim, senhor, um filho saudável.

— Bons dentes? — Howard ergueu-se na ponta dos pés, curioso, e Bonnet obsequiosamente puxou seu braço com força para as costas para mantê-la imóvel, depois pegou um punhado de seus cabelos e puxou sua cabeça para trás, fazendo-a arquejar.

Howard segurou seu queixo em uma das mãos e inspecionou o canto de sua boca com a outra, cutucando seus molares.

— Muito bons — ele disse, com aprovação. — E eu diria que ela tem uma pele muito delicada. Mas...

Ela arrancou o queixo de sua mão e mordeu o polegar de Howard com todas as forças, sentindo a carne rasgar entre seus molares com um repentino gosto de cobre de sangue.

Ele deu um grito agudo e tentou golpeá-la; ela soltou seu dedo e desviou-se, o suficiente para a mão dele resvalar apenas de leve pelo seu rosto. Bonnet soltou-a e ela deu dois passos rápidos para trás, vomitando com toda força contra a parede.

— Ela arrancou meu dedo fora, a desgraçada! — Com os olhos lacrimejando de agonia, o sr. Howard cambaleava de um lado para o outro, segurando a mão ferida contra o peito. A fúria tomou conta de seu rosto e ele arremeteu-se contra ela, a mão livre levantada para trás, mas Bonnet agarrou-o pelo pulso e puxou-o para o lado.

— Ora, vamos, senhor — ele disse. — Certamente, não posso permitir que a danifique. Ela ainda não é sua, certo?

— Não me interessa se é minha ou não — Howard gritou, o rosto congestionado de sangue. — Vou matá-la de pancada!

— Oh, não, certamente não pretende fazer isso, sr. Howard — Bonnet disse, a voz jovialmente calmante. — Seria um terrível desperdício. Deixe-a comigo, sim? — Sem esperar uma resposta, puxou Brianna atrás dele, arrastando-a aos tropeções pela sala, e atirou-a para o silencioso faz-tudo, que esperara imóvel junto à porta durante toda a conversa.

— Leve-a, Manny, e dê-lhe uma lição, sim? E amordace-a antes de trazê-la de volta.

Emmanuel não sorriu, mas uma débil luz parecia arder nas profundezas negras de seus olhos sem pupila. Seus dedos cravaram-se entre os ossos de seu pulso e ela soltou uma arfada de dor, puxando com força na tentativa vã de se libertar. Com um único e rápido movimento, o ibo girou-a e torceu seu braço para trás, inclinando-a da cintura para frente. Uma dor lancinante subiu pelo seu braço quando sentiu os tendões de seu ombro começarem

a romper. Ele puxou com mais força e uma onda escura encobriu sua visão. Em meio a isso, ela ouviu a voz de Bonnet gritando atrás deles enquanto Emmanuel empurrava-a pela porta: — Não no rosto, veja bem, Manny, e sem nenhuma marca permanente.

A voz de Howard perdera totalmente o tom engasgado de fúria.

Ainda estava engasgada, mas com alguma coisa mais parecida a deslumbramento.

— Meu Deus — ele disse. — Oh, meu Deus.

— Uma visão encantadora, não é? — Bonnet concordou cordialmente.

— Encantadora — Howard repetiu. — Oh, a coisa mais encantadora que já vi. Que tom de pele! Posso... — O desejo na voz dele era evidente e Brianna sentiu a vibração de seus passos no tapete, um milésimo de segundo antes de suas mãos agarrarem-se com força às suas nádegas. Ela gritou por trás da mordação, mas estava inclinada sobre a mesa, com a borda cortando seu diafragma, e o som saiu apenas como um grunhido.

Howard riu alegremente e soltou-a.

— Oh, veja — ele disse, fascinado. — Olhe, está vendo? A mais perfeita impressão de minhas mãos... tão brancas no vermelho... ela é tão quente... oh, estão desaparecendo. Deixe-me apenas...

Ela trincou as pernas e enrijeceu-se, enquanto ele afagava seu traseiro nu, mas logo o toque desapareceu e Bonnet tirou a mão de seu pescoço, afastando seu cliente dali.

— Ah, bem, já chega, senhor. Afinal, ela não é propriedade sua... ainda não. — O tom de voz de Bonnet era jovial, mas firme. A reação de Howard foi oferecer uma quantia que a fez arquejar por trás da mordação, mas Bonnet apenas riu.

— É generoso, senhor, sem dúvida, mas não seria justo com meus outros clientes, não é?, aceitar sua proposta sem deixá-los dar

seus lances? Não, senhor, eu agradeço, mas pretendo leiloar esta aí. Receio que tenha que esperar este dia.

Howard estava disposto a protestar, oferecer mais — estava ansioso, dizia que não podia esperar, estava ardendo de desejo, excitado demais para aguentar a demora... mas Bonnet apenas objetou e, em poucos instantes, o conduziu para fora da sala. Brianna ouviu seus protestos, desaparecendo conforme Emmanuel o levava.

Ela se levantara assim que Bonnet tirou a mão de seu pescoço, contorcendo-se loucamente para abaixar suas saias. Emmanuel amarrara suas mãos às costas, além de amordaçá-la. Se não o tivesse feito, ela teria tentado matar Stephen Bonnet com as próprias mãos.

Esse pensamento devia estar visível em seu rosto, pois Bonnet olhou para ela, olhou novamente, e riu.

— Você se saiu muito bem, querida — ele disse e, inclinando-se, negligentemente puxou a mordaca de sua boca. — Esse homem será capaz de esvaziar o bolso para poder colocar as mãos em seu traseiro outra vez.

— Seu desgraçado... você... — Ela tremia de raiva e com a inutilidade de encontrar qualquer epíteto que chegasse perto de descrevê-lo. — Eu vou matá-lo Ele riu outra vez.

— Ora, vamos, querida. Por causa de um traseiro dolorido? Considere isso uma retribuição, em parte, pela minha bola esquerda. — Tocou de leve em seu queixo e dirigiu-se à mesa onde ficava a bandeja com as garrafas de bebidas. — Você fez por merecer um drinque.

Conhaque ou cerveja preta? Ela ignorou a oferta, tentando conter a raiva. Suas faces ardiavam, queimando como fogo, assim como seu vilipendiado traseiro.

— O que quer dizer com "leilão"? — ela perguntou.

— Achei que fui bastante claro, querida. Já ouviu a palavra, sem dúvida. — Bonnet lançou-lhe um olhar divertido e, servindo-se de uma dose de conhaque, sorveu-a em dois goles. — Hah. — Expirou, pestanejando, e sacudiu a cabeça.

— Huu. Tenho mais dois clientes no mercado para alguém como você, querida. Estarão aqui amanhã ou depois de amanhã para dar uma olhada. Então, pedirei os lances e você já terá partido para as Antilhas até sexta-feira, espero.

Falou descontraidamente, sem a menor sugestão de zombaria. Isso, mais do que tudo, fez suas entranhas revolverem-se. Ela era uma questão de negócios, uma mercadoria. Para ele e seus malditos clientes também — o sr. Howard deixara isso bem claro. Não importava o que ela dissesse; não estavam nem um pouco interessados em quem ela era ou no que pudesse querer.

Bonnet observava seu rosto, os olhos verde-claros avaliando-a. Ele estava interessado, ela percebeu, e sentiu um nó no estômago.

— O que você usou nela, Manny? — ele perguntou.

— Uma colher de madeira — o criado disse, com indiferença. — O senhor disse sem marcas.

Bonnet balançou a cabeça, pensativo.

— Nada permanente, eu disse — ele corrigiu. — Nós a deixaremos assim como está para o sr. Ricasoli, eu acho, mas o sr. Houvener... bem, vamos esperar para ver.

Emmanuel apenas assentiu, mas seus olhos pousaram em Brianna com repentino interesse. Seu estômago deu uma reviravolta e ela vomitou, estragando definitivamente o belo vestido de seda.

O barulho de relinchos agudos chegou até ela; cavalos selvagens correndo pela praia. Se isto fosse um romance, ela pensou amargamente, ela faria uma corda com as roupas de cama, desceria pela janela, encontraria a manada de cavalos e, exercendo

suas habilidades místicas com cavalos, persuadiria um deles a levá-la a lugar seguro.

Na realidade, não havia roupas de cama, apenas um colchão caindo aos pedaços, feito de pano rústico, listrado, de algodão, estofado com ervas marinhas — e quanto a chegar a um quilômetro de cavalos selvagens... Teria dado qualquer coisa por Gideon e sentiu os olhos lacrimejarem ao pensar nele.

— Oh. Agora você realmente está enlouquecendo — disse em voz alta, enxugando os olhos. — Chorando por causa de um cavalo. — Especialmente aquele cavalo. Mas era muito melhor do que pensar em Roger... ou Jem. Não, ela absolutamente não podia pensar em Jemmy, nem na possibilidade de ele crescer sem ela, sem saber por que ela o abandonara. Ou no bebê... e o que seria a vida para o filho de uma escrava.

Mas ela estava pensando neles, e o pensamento foi suficiente para superar seu desespero momentâneo.

Muito bem, então. Ia sair dali. De preferência antes que o sr. Ricasoli e o sr. Houvener, quem quer que fossem, aparecessem. Pela milésima vez, andou sem sossego pelo quarto, forçando-se a se mover devagar, a ver o que havia ali.

Muito pouco, e o que havia, era maciço, foi a resposta desencorajadora. Haviam lhe dado comida, água para se lavar, uma toalha de linho e uma escova para se pentear. Pegou-a, avaliando seu potencial como arma, em seguida largou-a outra vez.



A chaminé atravessava o quarto, mas não havia lareira aberta. Bateu nos tijolos, testando, e cutucou a argamassa com o cabo da colher que viera com a comida. Encontrou um lugar onde a argamassa estava suficientemente rachada para enfiar a colher, mas

depois de um quarto de hora tentando, conseguiu apenas alguns centímetros de abertura; os tijolos permaneciam firmemente assentados. Com um pouco mais de um mês, talvez valesse a pena tentar — embora as chances de alguém do seu tamanho conseguir se espremer pelo vão de uma chaminé do século XVIII...

A chuva estava se formando; podia ouvir o farfalhar agitado das folhas de palmeiras conforme o vento soprava, impregnado do cheiro de chuva. Ainda não era hora do crepúsculo, mas as nuvens haviam escurecido o céu, deixando o quarto na penumbra. Não tinha vela; ninguém esperava que ela fosse ler ou costurar.

Lançou todo o seu peso contra as barras de ferro da janela pela duodécima vez, e pela duodécima vez elas se mantiveram solidamente no lugar. Novamente, em um mês, ela poderia conseguir afiar a ponta do cabo da colher lixando-a nos tijolos da chaminé, depois tentar tirar pedacinhos da moldura da janela, o suficiente para deslocar uma ou duas barras. Mas ela não tinha um mês.

Eles haviam levado o vestido sujo, deixando-a de combinação e espartilho. Bem, era alguma coisa. Tirou o espartilho e, abrindo as pontas da costura, extraiu a barbatana — uma haste de marfim chata, de trinta centímetros, que sustentava o espartilho do esterno ao umbigo. Uma arma melhor do que uma escova de cabelos, pensou. Levou-a à chaminé e começou a afiar a ponta no tijolo.

Poderia apunhalar alguém com aquilo? Oh, sim, pensou ferozmente.

E que seja Emmanuel.



*DANADA DE ALTA*

Roger esperou no abrigo dos densos arbustos de louro-bravo perto da praia; um pouco além, Ian e Jamie também aguardavam. O segundo navio chegara pela manhã, ancorando a uma cuidadosa distância do navio negreiro. Lançando redes pela borda do barco de Roarke, disfarçados de pescadores, puderam observar quando o capitão do navio negreiro desembarcou e, depois, horas mais tarde, um barco do segundo navio foi abaixado e remou para a praia, levando dois homens e uma pequena arca.

— Um cavalheiro — Claire anunciara, examinando-os pelo telescópio. — Peruca, bem-vestido. O outro é um tipo de criado. Acha que o cavalheiro é um dos clientes de Bonnet?

— Creio que sim — Jamie dissera, observando o barco dirigir-se para a praia. — Leve-nos um pouco para o norte, por favor, sr. Roarke. Nós vamos para terra.

Os três desembarcaram a oitocentos metros da praia e começaram a descer pelo bosque. Em seguida, assumiram suas posições no matagal, à espera. O sol estava quente, mas perto da praia havia uma brisa fresca e não era muito desconfortável à sombra, exceto pelos insetos. Pela centésima vez, Roger afastou alguma coisa subindo pelo seu pescoço.

A espera deixava-o nervoso. Sua pele pinicava do sal, e o cheiro da floresta de maré, com sua peculiar mistura de pinheiros

aromáticos e distantes algas marinhas, o triturar de conchas e agulhas de pinheiros sob os pés, traziam-lhe de volta, nitidamente, o dia em que matara Lillington.

Ele fora, na época — como agora —, com a intenção de matar Stephen Bonnet. Mas o escorregadio pirata fora avisado e armaram uma emboscada. Foi somente por vontade de Deus — e a habilidade de Jamie Fraser — que ele não deixara a própria carcaça em uma floresta semelhante, os ossos espalhados por porcos selvagens, branqueando entre o brilho de agulhas secas e o branco de conchas vazias.

Sua garganta estava apertada outra vez, mas não podia gritar ou cantar para afrouxá-la.

Deveria rezar, pensou, mas não podia. Até mesmo a ladainha constante que ecoara pelo seu coração desde a noite em que soubera que Brianna fora levada — Senhor, fazei com que ela esteja a salvo — até mesmo esse pequeno pedido havia, de algum modo, estancado. Seu pensamento atual — Senhor, fazei com que eu consiga matá-lo —, ele não podia enunciar, nem para si mesmo.

O desejo e a intenção deliberada de matar — certamente, ele não podia esperar que uma prece como essa fosse atendida.

Por um instante, invejou a fé de Jamie e de Ian em deuses da ira e da vingança. Enquanto Roarke e Moses traziam o barco de pesca, ele ouvira Jamie murmurar para Claire e segurar suas mãos. E a ouviu, então, abençoá-lo em gaélico, com a invocação de Miguel do reino vermelho, a bênção de um guerreiro a caminho da batalha.

Ian meramente permanecera sentado, de pernas cruzadas, em silêncio, observando a praia se aproximando, o rosto distante. Se rezava, não dava para saber a quem. Quando desembarcaram, no entanto, ele parara na margem de um dos inúmeros canais formados pelas marés, e pegando lama nos dedos, cuidadosamente pintara o rosto, desenhando uma linha da testa ao queixo, depois

quatro linhas paralelas na face esquerda, um círculo grosso e escuro ao redor do olho direito. Era extremamente perturbador.

Obviamente, nenhum dos dois tinha o menor escrúpulo com respeito à missão, nem a menor hesitação em pedir a ajuda de Deus. Ele os invejava.

Permaneceu sentado em obstinado silêncio, os portões do céu fechados para ele, a mão no cabo do seu punhal e uma pistola carregada na cintura, planejando assassinar.

Um pouco depois do meio-dia, o corpulento capitão do navio negreiro voltou, os passos esmagando indiferentemente a camada de agulhas secas de pinheiros. Deixaram-no passar, esperando.

No final da tarde, começou a chover.

Ela havia cochilado outra vez, de puro tédio. Começou a chover; o som da chuva despertou-a momentaneamente, depois a levou a uma sonolência mais profunda, as gotas batendo suavemente no telhado de folhas de palmeiras. Acordou abruptamente quando uma gota fria caiu em seu rosto, seguida por outras companheiras.

Ergueu-se de um salto, piscando, momentaneamente desorientada.

Passou a mão pelo rosto e olhou para cima; havia uma pequena mancha úmida no teto de argamassa, cercada por uma mancha muito maior de vazamentos anteriores, e gotas formavam-se em seu centro como por mágica, cada conta perfeita caindo uma após a outra, para se espatifarem no tecido do colchão.

Levantou-se para empurrar a cama para fora do vazamento, e parou.

Devagar, endireitou-se e colocou a mão na área molhada. O teto era da altura normal da época, cerca de dois metros; ela podia alcançá-lo com facilidade.

— "Ela é danada de alta" — Brianna disse em voz alta, repetindo o comentário do sr. Howard. — Pode crer que sou mesmo! Espalmou a mão na área úmida e empurrou-a com todas as forças. A argamassa molhada cedeu no mesmo instante, assim como os sarrafos apodrecidos por trás dela. Ela retirou a mão bruscamente, arranhando o braço nas farpas pontiagudas das ripas, e uma pequena cascata de água suja, centopeias, fezes de ratos e fragmentos de folhas de palmeira despejou-se pelo buraco que ela fizera.

Limçou a mão na combinação, estendeu os braços para cima, agarrou a borda do buraco e puxou, arrancando pedaços de argamassa e sarrafos, até fazer um buraco por onde pudesse passar sua cabeça e os ombros.

— OK — murmurou para o bebê, ou para si mesma. Olhou ao redor do quarto, vestiu o espartilho por cima da combinação, depois enfiou a barbatana de marfim afiada na frente.

Em seguida, em pé sobre a cama, respirou fundo, enfiou as mãos para cima como se fosse dar um mergulho e agarrou o que pôde encontrar que fosse firme o suficiente para servir de alavanca. Pouco a pouco, ela se içou, suando e grunhindo, para o telhado quente, de folhas pontiagudas, os dentes cerrados com força e os olhos fechados contra a poeira e os insetos mortos.

Sua cabeça despontou ao ar livre e ela arquejou em busca de ar. Com um dos cotovelos enganchado em uma viga, usando-a como alavanca, içou o corpo mais para fora. Suas pernas chutavam em vão, no ar, tentando impulsioná-la para cima, e ela sentiu os músculos dos ombros se estirarem, mas o puro desespero a empurrou para cima — isso e a visão aterradora de Emmanuel entrando no quarto e vendo a metade inferior de seu corpo pendurada do teto.

Com uma chuva dilacerante de folhas, ergueu-se totalmente para fora, deitando-se por extenso sobre o telhado de palha

molhada da chuva. A chuva ainda caía forte e em poucos instantes ficou encharcada. Um pouco adiante, viu uma espécie de estrutura projetando-se do meio das folhas de palmeira do telhado e avançou, contorcendo-se cautelosamente, em sua direção, sempre temendo que o telhado cedesse sob seu peso, explorando com as mãos e os cotovelos, em busca da firmeza das vigas embaixo das folhas de palmeira.

A estrutura era uma pequena plataforma, firmemente erguida sobre as vigas, com um corrimão de um dos lados. Rapidamente, arrastou-se para a plataforma e agachou-se, arfando. Ainda chovia em terra, mas no mar o céu estava limpo em sua maior parte, e o sol poente por trás dela lançava um tom laranja-avermelhado no céu e na água, através de faixas escuras de nuvens despedaçadas. Parecia o fim do mundo, ela pensou, as costelas subindo e descendo por baixo de seu espartilho.

Da posição vantajosa do telhado, ela podia ver por cima da vegetação; a fatia de praia que avistara da janela era claramente visível agora — e ao largo, dois navios ancorados.

Havia dois barcos a remo parados na praia, embora bem separados um do outro — provavelmente um para cada navio, pensou. Um dos navios deve ser o de escravos, o outro provavelmente era de Howard.

Uma onda de ódio e humilhação percorreu-a — surpreendeu-se de a chuva não se transformar em vapor ao bater em sua pele. Mas não havia tempo para ficar remoendo isso.

Algumas vozes atravessaram fracamente o tamborilar da chuva e ela agachou-se, depois percebeu que provavelmente ninguém iria olhar para cima e vê-la ali. Erguendo a cabeça para espreitar através da balaustrada, viu algumas figuras saírem do meio das árvores para a praia — uma fila indiana de homens acorrentados, com dois ou três guardas.

— Josh! — Apertou os olhos para ver melhor, mas na luz fantasmagórica do crepúsculo as figuras não passavam de silhuetas. Achou ter divisado as figuras longilíneas e altas dos dois homens fulanis — talvez o mais baixo atrás deles fosse Josh, mas não podia ter certeza.

Seus dedos fecharam-se com força no corrimão, impotentes. Ela nada podia fazer para ajudar, sabia disso, mas ser obrigada a simplesmente observar... Enquanto observava, um grito agudo veio da praia e uma figura menor saiu correndo do bosque, as saias voando. Os guardas viraram-se, estupefatos; um deles agarrou Phaedre — tinha que ser ela; Brianna podia ouvi-la gritando: "Josh! Josh!". O som áspero como o grito de uma gaivota distante.

Ela lutava com o guarda — alguns dos homens acorrentados viraram-se abruptamente, arremetendo-se contra o outro. Um amontoado de homens engalfinhados caiu na areia. Alguém vinha correndo do barco na direção deles, algo na mão...

A vibração em seus pés arrancou sua atenção da cena na praia.

— Droga! — ela disse involuntariamente. A cabeça de Emmanuel surgiu na beira do telhado, com um olhar incrédulo. Em seguida, seu rosto se contorceu e ele içou-se para cima do telhado — devia haver uma escada ao lado da casa, ela pensou, bem, claro que sim, seria a única maneira de usar a plataforma de observação.

Enquanto sua mente se ocupava com essa tolice, seu corpo dava passos mais concretos. Ela havia retirado a barbatana afiada do espartilho e estava agachada na plataforma, a mão abaixada como Ian lhe ensinara.

Emmanuel fez um ar de menosprezo para o objeto em sua mão e agarrou-a.

Puderam ouvir o cavalheiro se aproximando bem antes de poder vê-lo. Ele cantarolava consigo mesmo algum tipo de canção francesa.

Estava sozinho. O criado devia ter voltado para o navio enquanto eles abriam caminho na floresta.

Roger levantou-se silenciosamente e agachou-se atrás do arbusto que escolhera para se esconder. Suas pernas estavam dormentes, e ele alongou-se discretamente.

Quando o cavalheiro passou por ele, Jamie saiu para o caminho parando à sua frente. O sujeito — um tipo miúdo e vaidoso, um almofadinha — deu um gritinho efeminado de susto. Mas antes que pudesse sair correndo Jamie deu um passo e o agarrou pelo braço, sorrindo amavelmente.

— Seu criado, senhor — disse cortesmente. — Estava visitando o sr. Bonnet por acaso? O homem pestanejou para ele, confuso.

— Bonnet? Ora, ora... sim.

Roger sentiu o aperto no peito relaxar subitamente. Graças a Deus.

Haviam encontrado o lugar certo.

— Quem é o senhor? — o homenzinho perguntou, tentando tirar o braço da mão de Jamie, em vão.

Não havia mais necessidade de se manterem escondidos agora. Roger e Ian saíram do meio dos arbustos e o cavalheiro soltou uma arfada ao ver Ian com sua pintura de guerra, depois olhou, apavorado, de Jamie para Roger e vice-versa.

Como Roger era a pessoa de aparência mais civilizada dos três, o sujeito apelou para ele.

— Eu lhe suplico, senhor... Quem são e o que desejam? — Estamos à procura de uma jovem raptada — Roger disse. — Uma mulher jovem muito alta, de cabelos ruivos. Você... — Antes que pudesse terminar, ele viu os olhos do sujeito esbugalharem-se de pânico. Jamie também viu e torceu o pulso do homenzinho, obrigando-o a se ajoelhar, a boca torcida de dor.

— Eu acho, senhor — Jamie disse, com impecável cortesia, segurando-o com força —, que devemos obrigá-lo a nos dizer o que sabe.

Não podia deixar que ele a agarrasse. Este era seu único pensamento consciente. Ele agarrou seu braço desarmado e ela livrou-se com um safanão, a pele escorregadia da chuva, golpeando-o no mesmo movimento. A ponta da barbatana deslizou pelo braço dele, deixando um sulco vermelho, mas ele simplesmente o ignorou e arremeteu-se sobre ela.

Ela caiu para trás, por cima do corrimão, aterrissando desajeitadamente sobre as mãos e os joelhos nas folhas de palmeira, mas ele não conseguira agarrá-la; ele caíra sobre os próprios joelhos na plataforma, com uma pancada surda que balançou todo o telhado.

Ela se arrastou freneticamente para a beira do telhado, mãos e joelhos sondando a cobertura de folhas secas, e lançou as pernas por cima da borda, para o espaço vazio, tentando achar os degraus da escada.

Ele veio em seu encalço, agarrou seu pulso como a mordida de uma enguia, içou-a de volta para cima do telhado. Ela lançou para trás a mão livre e golpeou-o com força na face com a barbatana. Ele rugiu e afrouxou a mão que a prendia; ela se desvencilhou e caiu.

Estatelou-se na areia de costas com um baque que chacoalhou seus ossos e ficou parada, paralisada, incapaz de respirar, a chuva caindo torrencialmente em seu rosto. Um urro de triunfo veio do telhado e, em seguida, um rosnado de exasperado assombro. Ele pensara que a havia matado.

Ótimo, pensou, atordoada. Continue pensando assim. O choque do impacto começava a passar, seu diafragma entrou em ação e um fluxo glorioso de ar inundou seus pulmões. Poderia se mover? Não sabia e não ousava tentar. Através das pestanas



pesadas de chuva, viu o vulto volumoso de Emmanuel deslizar com cuidado pela beira do telhado, o pé procurando os rudimentares degraus da escada que ela agora podia ver, pregados na parede.

Perdera a barbatana quando caiu, mas vislumbrou seu brilho turvo, a uns trinta centímetros de sua cabeça. Com as costas de Emmanuel momentaneamente viradas para ela, agarrou a haste de marfim com um movimento rápido da mão e voltou a ficar imóvel, fingindo-se de morta.

Já estavam quase chegando à casa quando sons da floresta próxima os fizeram parar. Roger estancou, depois agachou-se para fora da trilha. Jamie e Ian já haviam se misturado à vegetação. Mas os sons não vinham do caminho, mas de algum lugar à esquerda — vozes, vozes de homens, gritando ordens, barulho de pés, chacoalhar de correntes.

Uma sensação de pânico percorreu-o. Estariam levando-a embora? Ele já estava encharcado de chuva, mas sentiu um afluxo de suor frio cobrir seu corpo, mais frio do que a chuva.

Howard, o homem que haviam detido na floresta, assegurara a eles que Brianna estava a salvo na casa, mas o que poderia ele saber? Ouviu com atenção, buscando identificar o som de voz de uma mulher, e o ouviu, um grito alto e agudo.

Arremeteu-se na direção do grito, mas Jamie surgiu ao seu lado, segurando seu braço com força.

— Não é Brianna — seu sogro disse-lhe com urgência. — Ian irá.

Você e eu para a casa! Não havia tempo para argumentação. Os sons de violência na praia chegavam debilmente até eles — gritos e exclamações — mas Jamie tinha razão, aquela voz não era de Brianna. Ian corria na direção da praia, agora sem fazer nenhum esforço para não ser ouvido.

Um instante de hesitação, o instinto instigando-o a correr atrás de Ian, e logo Roger estava no caminho, correndo atrás de

Jamie em direção à casa.

Emmanuel inclinou-se sobre ela; ela sentiu sua figura corpulenta e arremeteu-se para cima como o bote de uma cobra, a barbatana afiada como uma presa. Ela direcionara o golpe para a cabeça, esperando atingir um olho ou a garganta, mas contando ao menos em que ele daria um salto para trás em reflexo, colocando-o em desvantagem.

Ele de fato lançou-se para trás com um movimento brusco, mas foi muito mais rápido do que ela imaginara. Golpeou-o com toda força e a barbatana enfiou-se sob seu braço com um choque elástico. Ele ficou paralisado por um instante, a boca aberta de incredulidade, olhando para a haste de marfim que se projetava de sua axila. Em seguida, arrancou-a e lançou-se na direção de Brianna com um berro furioso.

Mas ela já estava de pé e correndo para o bosque. De algum lugar à frente, ela ouviu mais gritaria — e um grito agudo de congelar o sangue.

Outro, depois outros, esses vindos da frente da casa.

— Costeai DHUUUUUUIN! Papai, ela pensou, absolutamente perplexa, em seguida tropeçou em um galho no chão e se estatelou no chão, aterrissando em um amontoado confuso.

Levantou-se atabalhoadamente, pensando de modo absurdo, Isso não pode ser bom para o bebê, enquanto tateava em busca de outra arma.

Seus dedos tremiam, recusavam-se a obedecer. Remexeu pelo chão, sem sucesso. Então, Emmanuel surgiu ao seu lado como o próprio Demon King, agarrando seu braço com um triunfante "HA!" O choque a fez cambalear, a visão escurecendo nas bordas. Ainda podia ouvir gritos lancinantes na praia distante, porém mais nenhum grito na casa. Emmanuel dizia alguma coisa, cheio de satisfação e ameaça, mas ela não estava ouvindo.

Parecia haver alguma coisa errada no rosto dele; entrava e saía de foco, e ela piscou com força, sacudindo a cabeça para clarear a visão. Mas não eram seus olhos — era ele. Seu rosto se desfez lentamente de uma máscara ameaçadora com os dentes à mostra a uma expressão de leve surpresa. Ele franziu o cenho, os lábios enrugados de modo que ela via a membrana rósea do interior de sua boca, e pestanejou duas ou três vezes. Então, ele emitiu um pequeno som engasgado, colocou a mão no peito e caiu de joelhos, ainda segurando seu braço.

Ele emborcou para frente e ela caiu em cima dele. Deu um puxão para se libertar — os dedos dele cederam facilmente, agora sem forças — e ela levantou-se com dificuldade, arfando e tremendo.

Emmanuel estava deitado de costas, as pernas dobradas sob o corpo em um ângulo torturante, se ele estivesse vivo. Ela arfava, tentando recobrar o ar, tremendo, com medo de acreditar. Mas ele estava morto; não havia dúvida.

Sua respiração se acalmou e ela começou a tomar consciência dos cortes e das contusões em seus pés descalços. Ainda se sentia estupefata, incapaz de decidir o que fazer em seguida.

A decisão foi tomada por ela no instante seguinte, quando Stephen Bonnet partiu como uma flecha de dentro do mato em sua direção.

Ela deu um salto de surpresa e girou nos calcanhares para fugir. Não deu mais do que seis passadas antes que ele passasse o braço por sua garganta, levantando-a do chão.

— Quieta, agora, querida — ele disse em seu ouvido, arquejando. Sua pele estava quente e a barba por fazer raspava a face de Brianna. — Não pretendo lhe fazer nenhum mal. Vou deixá-la a salvo na praia. Mas você é a única coisa que eu tenho no momento para impedir que seus homens me matem.

Ele ignorou inteiramente o corpo de Emmanuel. O braço pesado deixou seu pescoço e ele agarrou o braço dela, tentando arrastá-la na direção contrária à praia — evidentemente, ele pretendia se dirigir para o estreito oculto do outro lado da ilha, onde haviam aportado no dia anterior.

— Depressa, querida. Vamos.

— Solte-me! — Ela cravou os pés no chão, dando safanões com o braço preso. — Não vou a lugar algum com você. SOCORRO! — gritou o mais alto que pôde. — SOCORRO! ROGER!

Ele pareceu espantado e ergueu o braço livre para limpar a chuva que escorria pelos seus olhos. Havia algo em sua mão; a última luz do dia cintilou cor de laranja em um vidro. Santo Deus, ele havia trazido seu testículo! — Bri! Brianna! Onde você está? — A voz de Roger, desesperada, e um jato de adrenalina percorreu-a ao som de sua voz, injetando-lhe a força necessária para dar um safanão e libertar seu braço da mão de Bonnet.

— Aqui! Estou aqui! Roger! — gritou a plenos pulmões.

Bonnet olhou por cima do ombro; as moitas sacudiam-se, ao menos dois homens vinham em sua direção. Não perdeu tempo, lançando-se como um dardo para dentro da floresta, abaixando-se para evitar um galho e desaparecendo.

No instante seguinte, Roger emergiu do meio do mato e abraçou-a, esmagando-a contra si.

— Você está bem? Ele a feriu? — Largara a faca e segurava-a pelos braços, os olhos tentando olhar por toda parte ao mesmo tempo — seu rosto, seu corpo, seus olhos...

— Estou bem — ela disse, sentindo-se tonta. — Roger, eu...

— Para onde ele foi? — Era seu pai, encharcado e tenebroso como a própria morte, a adaga na mão.

— Para... — Ela virou-se para apontar, mas ele já partira, correndo como um lobo. Ela viu as marcas da passagem de Bonnet, as impressões embaralhadas de pegadas bem visíveis na areia

lamacenta. Antes que pudesse se virar novamente, Roger já corria atrás dele.

— Esperem! — ela gritou, mas não houve nenhuma resposta, salvo o farfalhar rapidamente decrescente da folhagem conforme corpos pesados arremetiam-se pelo meio das moitas sem hesitar.

Ela permaneceu imóvel por um instante, a cabeça pendendo enquanto respirava. A chuva acumulava-se nas órbitas dos olhos abertos de Emmanuel; a luz cor de laranja brilhava em seus olhos, fazendo-os parecer os olhos de um monstro do cinema japonês.

Esse pensamento sem sentido atravessou sua mente, desaparecendo em seguida e deixando-a entorpecida e perplexa. Não sabia ao certo o que fazer naquele momento. Não havia mais nenhum som vindo da praia; os ruídos da fuga de Bonnet há muito haviam desaparecido.

A chuva continuava a cair, mas os últimos raios de sol brilhavam através da floresta, longos e quase horizontais, preenchendo o espaço entre as sombras com uma luz estranha e cambiante que parecia tremeluzir conforme ela observava, como se o mundo ao seu redor estivesse prestes a desaparecer. No meio de tudo, como em um sonho, viu as mulheres aparecerem, as gêmeas fulanis. Voltaram as faces de corças idênticas para ela, os olhos imensos negros de terror, e correram para dentro do mato.

Brianna chamou-as, mas elas desapareceram. Sentindo-se esgotada, saiu andando pesadamente atrás delas.

Não as encontrou. Nem havia sinal de mais ninguém. A luz começou a desaparecer e ela voltou, mancando, na direção da casa. Todo o seu corpo doía, e ela começou a sofrer a ilusão de que não restara mais ninguém no mundo além dela. Nada, além da luz incandescente aos poucos se transformando em cinzas.

Então, ela se lembrou do bebê em seu ventre e sentiu-se melhor.

Fosse como fosse, ela não estava sozinha. Ainda assim, manteve uma grande distância do lugar onde achava que estava o corpo de Emmanuel. Pensara em dar a volta por trás da casa, mas foi longe demais. Quando se virou para voltar, avistou-os de relance, juntos no abrigo das árvores do outro lado de um córrego.

Os cavalos selvagens, tranquilos como as árvores à sua volta, os flancos brilhando, baios, castanhos e negros da chuva. Levantaram a cabeça, sentindo seu cheiro, mas não fugiram, apenas ficaram observando-a com olhos grandes e meigos.

A chuva havia parado quando chegou à casa. Ian estava sentado na varanda, torcendo a água de seus cabelos compridos.

— Está com lama no rosto, Ian — ela disse, deixando-se cair sentada ao seu lado.

— Oh, estou? — ele disse, esboçando um sorriso. — Como está, então, prima?

— Oh. Eu... acho que estou bem. O que...? — gesticulou para sua camisa, manchada de sangue aguado. Algo parecia tê-lo atingido no rosto, além das manchas de lama, o nariz estava inchado, havia um calombo logo acima de sua sobrancelha e suas roupas estavam rasgadas, além de encharcadas.

Ele respirou fundo e suspirou, como se estivesse tão cansado quanto ela.

— Trouxe de volta a moça negra — ele disse. — Phaedre.

Aquilo penetrou na névoa de irrealidade que enchia sua cabeça, mas apenas um pouco.

— Phaedre — ela repetiu, parecendo o nome de alguém que conhecera um dia, há muito tempo. — Ela está bem? Onde...

— Lá dentro. — Ian indicou a casa com um movimento da cabeça e ela percebeu que aquilo que pensava que fosse o som do mar era, na verdade, alguém chorando, os pequenos soluços que já chorara à exaustão, mas que não conseguia parar.

— Não, deixe-a sozinha, prima. — A mão de Ian em seu braço a impediu de se levantar. — Você não pode fazer nada.

— Mas...

Ele a interrompeu enfiando a mão dentro da camisa. Tirou um surrado rosário de madeira do pescoço e entregou-o a ela.

— Provavelmente ela vai querer isso... mais tarde. Peguei-o na areia, depois que o navio... partiu.

Pela primeira vez desde sua fuga, a náusea voltou, uma sensação de vertigem que ameaçava lançá-la na escuridão.

— Josh — ela murmurou. Ian balançou a cabeça silenciosamente, confirmando, apesar de não ter sido uma pergunta.

— Sinto muito, prima — ele disse, a voz muito baixa.

Já estava praticamente escuro quando Roger apareceu na borda da floresta. Ela não se preocupara, simplesmente porque estivera em um estado de choque profundo demais até mesmo para pensar no que estava acontecendo. Ao vê-lo, entretanto, pôs-se de pé e correu para ele, todos os temores que havia reprimido irrompendo finalmente em lágrimas, escorrendo pelo seu rosto como a chuva.

— Papai — ela disse, engasgada e fungando em sua camisa molhada.

— Ele está... está...

— Ele está bem. Bri... pode vir comigo? Pode ser forte... só mais um pouco? Engolindo em seco e limpando o nariz na manga ensopada de sua combinação, ela assentiu e, apoiando-se em seu braço, seguiu mancando para a escuridão sob as árvores.

Bonnet jazia encostado em uma árvore, a cabeça caída para o lado.

Havia sangue em seu rosto, escorrendo sobre sua camisa. Ela não sentiu nenhuma sensação de vitória ao vê-lo, apenas um asco infinitamente saturado.

Seu pai estava parado em silêncio sob a mesma árvore. Ao vê-la, deu um passo à frente e envolveu-a silenciosamente em seus braços. Ela fechou os olhos por um abençoado instante, não querendo nada além de abandonar tudo, deixar que ele a pegasse no colo como uma criança e a levasse para casa. Mas eles a haviam trazido até ali por uma razão; com imenso esforço, ergueu a cabeça e olhou para Bonnet.

Eles queriam congratulações, ela se perguntou confusamente. Mas logo se lembrou do que Roger lhe dissera, descrevendo seu pai conduzindo a mãe pelo cenário de matança, fazendo-a olhar, para que ela soubesse que seus algozes estavam mortos.

— Tudo bem — ela disse, oscilando um pouco. — Está bem, quero dizer. Eu... eu compreendo. Ele está morto.

— Bem... não. Na verdade, não está. — A voz de Roger tinha um estranho tom de tensão, e ele tossiu, com um olhar que lançava chispas a seu pai.

— Você o quer morto, menina? — Seu pai tocou seu ombro, delicadamente. — É seu direito.

— Se eu... — Ela olhou impetuosamente de um para outro rosto sombrio e grave, depois para Bonnet, percebendo pela primeira vez que o sangue estava realmente escorrendo de seu rosto. Mortos, como sua mãe tantas vezes explicara, não sangram.

Eles haviam encontrado Bonnet, Jamie explicou, derrubaram-no como uma raposa e começaram a atacá-lo. Fora uma briga feia, de perto, com facas, já que as pistolas estavam inúteis com a chuva. Sabendo que ele lutava pela própria vida, Bonnet revidara violentamente — havia um corte manchado de vermelho no ombro do casaco de Jamie, um arranhão no alto da garganta de Roger, onde a lâmina de uma faca por pouco não cortara sua jugular. Mas Bonnet lutava para escapar, não para matar —



recuando para um espaço entre árvores onde somente um podia atacá-lo, ele se atracara com Jamie, empurrara-o e fugira.

Roger perseguiu-o e, fervendo de adrenalina, havia se atirado de corpo inteiro sobre Bonnet, derrubando o pirata que bateu de cabeça na árvore contra a qual ele agora jazia.

— Portanto, aí está ele — Jamie disse, lançando um olhar impassível a Bonnet. — Eu esperava que ele quebrasse o pescoço, mas não aconteceu, infelizmente.

— Mas ele está inconsciente — Roger disse, e engoliu.

Ela compreendeu e, em seu estado de espírito atual, essa particularidade masculina de honra parecia razoável. Matar um homem em uma luta justa — ou mesmo injusta — era uma coisa; cortar sua garganta enquanto ele estava inconsciente aos seus pés era outra.

Mas ela não havia entendido nada. Seu pai limpou a adaga nas calças e entregou-a a ela, o cabo à frente.

— O que... eu? — Estava chocada demais até mesmo para sentir espanto. A faca parecia pesada em sua mão.

— Se você quiser — seu pai lhe disse, com circunspecta cortesia. — Se não, Roger Mac ou eu faremos isso. Mas a escolha é sua, a nighean.

Agora ela entendia o olhar de Roger — andaram discutindo sobre isso antes de Roger ir buscá-la. E ela entendia exatamente por que seu pai lhe ofereceu a escolha. Fosse vingança ou perdão, a vida do sujeito estava em suas mãos. Respirou fundo, a consciência de que não escolheria a vingança dominando-a com uma sensação de alívio.

— Brianna — Roger disse suavemente, tocando em seu braço. — Basta dizer e o terá morto; eu farei isso.

Ela balançou a cabeça e respirou fundo. Podia ouvir o desejo selvagem em sua voz. Também podia ouvir o som engasgado de sua voz na lembrança, quando ele lhe contou que matara Boble —

quando ele acordava dos pesadelos que tinha com isso, molhado de suor.

Olhou para o rosto de seu pai, quase imerso na escuridão. Sua mãe contara-lhe apenas um pouco dos violentos sonhos que o assombravam desde Culloden — mas esse pouco já era suficiente. Não podia pedir a seu pai que fizesse isso — poupar Roger do que ele mesmo sofria.

Jamie ergueu a cabeça, sentindo os olhos dela sobre ele, e fitou-o nos olhos, diretamente. Jamie Fraser nunca fugira de uma luta que ele considerava sua, mas aquela não era sua luta, e ele sabia disso. Teve um súbito lampejo de percepção; não era uma luta de Roger também, embora ele estivesse disposto a assumir o peso, tirando-o dos ombros dela, e com satisfação.

— Se você... se nós... não o matarmos aqui e agora... — Seu peito estava apertado e ela parou para respirar. — O que faremos com ele? — Levaremos para Wilmington — seu pai disse de modo prático. — O Comitê de Segurança de lá é forte e sabem que ele é um pirata; a lei, ou o que passa por lei agora, cuidará dele.

Ele seria enforcado; estaria morto de qualquer modo, mas seu sangue não estaria nas mãos de Roger, nem em seu coração.

A luz se fora. Bonnet não passava de um vulto inerte e escuro no solo arenoso. Talvez morresse de seus ferimentos, ela pensou, e sombriamente desejou que assim fosse — pouparia muito trabalho. Mas se o levassem para sua mãe, Claire se sentiria impelida a tentar salvá-lo. Ela, tampouco, jamais dera as costas a uma luta que era dela, Brianna pensou ironicamente, e surpreendeu-se ao sentir um pequeno alívio em sua alma com esse pensamento.

— Deixe-o viver para ser enforcado, então — disse serenamente, e tocou o braço de Roger. — Não por ele. Por você e por mim. Pelo nosso bebê.

Por um instante, lamentou ter-lhe contado agora, no bosque escuro.

Teria gostado muito de ver seu rosto.



*TODAS AS NOTÍCIAS PRÓPRIAS PARA PUBLICAÇÃO*

*De L'OIGNON-INTELLIGENCER, 25 de setembro de 1775*

PROCLAMAÇÃO REAL

Uma Proclamação foi expedida em Londres, no dia 23 de agosto, em que Sua Majestade Jorge III proclama as Colônias Americanas em "estado de franca e confessa rebelião".

"NADA SENÃO NOSSO PRÓPRIO EMPENHO PODE  
DERROTAR A SENTENÇA DE MORTE MINISTERIAL OU A  
ABJETA SUBMISSÃO"

— O Congresso Continental na Filadélfia acaba de rejeitar as questionáveis propostas apresentadas por lorde North, com o intuito de promover o objeto da reconciliação. Os delegados deste Congresso declaram inequivocamente o direito das Colônias Americanas de levantarem fundos de reserva e de terem voz no desembolso dos mesmos. A Declaração dos Delegados diz: "Como o Ministério Britânico tem perseguido seus propósitos e promovido hostilidades com pesados armamentos e grande crueldade, pode o mundo ser enganado à opinião de que somos irracionais ou pode hesitar em acreditar conosco que nada senão nosso próprio

empenho pode derrotar a sentença de morte ministerial ou a abjeta submissão?"



UM FALCÃO ATACA, MAS É PRIVADO DA PRESA — No dia 9 de agosto, o navio de Sua Majestade Falcão, comandado pelo capitão John Linzee, perseguiu duas escunas americanas, que retornavam das Antilhas para Salem, Massachusetts. Uma das escunas foi capturada pelo capitão Linzee, que em seguida perseguiu a outra até o porto de Gloucester. Tropas em terra firme dispararam contra o Falcão, que revidou o ataque, mas foi forçado a se retirar, perdendo ambas as escunas, duas barcaças e trinta e cinco homens.



NOTÓRIO PIRATA CONDENADO — Stephen Bonnet, notório pirata e contrabandista, foi julgado diante do Comitê de Segurança de Wilmington e, após o testemunho de seus crimes ter sido apresentado por várias pessoas, foi condenado e sentenciado à morte por afogamento.



ALERTA foi expedido referente a bandos de negros à solta, que saquearam diversas fazendas perto de Wilmington e Brunswick. Armados apenas com porretes, os bandidos roubaram animais domésticos, alimentos e quatro barris de rum.



O CONGRESSO CONCEBE UM PLANO PARA O RESGATE DA MOEDA — Dois milhões de dólares espanhóis em Notas de Crédito estão sendo emitidos pela imprensa oficial, com mais um milhão de dólares autorizado pelo Congresso, que agora anuncia um plano para o resgate da moeda, a saber, que cada Colônia deve assumir responsabilidade por sua parcela da dívida e deve resgatá-la em quatro parcelas, a serem pagas no último dia de novembro dos anos de 1779, 1780, 1781 e 1782...

*CHEIRO DE LUZ*

*2 de outubro de 1775*

Era impensável devolver Phaedre a River Run, embora tecnicamente ela continuasse a ser propriedade de Duncan Cameron. Discutíramos a questão exaustivamente e por fim resolvemos não dizer a Jocasta que sua escrava fora recuperada, embora enviássemos um breve recado através de Ian, quando ele foi buscar Jemmy, falando do retorno de Brianna, sã e salva, e lamentando a perda de Joshua — omitindo um bom número de detalhes referentes a todo o caso.

— Devemos lhes contar de Neil Forbes? — eu perguntara, mas Jamie sacudira a cabeça.

— Forbes não vai mais perturbar nenhum membro da minha família outra vez — ele disse categoricamente. — E contar à minha tia ou a Duncan a respeito disso... acho que Duncan já tem muitos problemas nas mãos; ele iria se sentir obrigado a pedir satisfações a Forbes e essa é uma briga que ele não precisa iniciar agora. Quanto a minha tia...

Ele não completou a frase, mas a desolação de seu semblante era bem eloquente. Os MacKenzie de Leoch eram vingativos, e nem ele nem eu duvidaríamos de que Jocasta fosse capaz de convidá-lo para jantar e envenená-lo.

— Isso presumindo que o sr. Forbes esteja aceitando convites para jantar ultimamente — pilheriei nervosamente. — Você sabe o que Ian fez com a... hã...

— Disse que ia dar ao cachorro para comer — Jamie respondeu pensativamente. — Mas não sei se ele falava sério.

Phaedre ficara muito abalada, tanto por suas experiências quanto pela perda de Josh, e Brianna insistiu que a levássemos de volta a Ridge conosco para se recuperar, até podermos encontrar um lugar satisfatório para ela.

— Temos que conseguir que tia Jocasta a liberte — Bri argumentara.

— Acho que será difícil — Jamie lhe assegurara com um sorriso amargo. — Não sabendo o que sabemos. Mas espere um pouco, até encontrarmos um lugar para ela, então eu cuidarei disso.

Na verdade, essa questão se resolveu por si mesma com surpreendente brusquidão.

Abri a porta a uma batida certa tarde de outubro, deparando-me com três cavalos cansados e um burro de carga no quintal, e Jocasta, Duncan e o mordomo negro Ulysses parados na varanda.

A visão deles ali era tão completamente despropositada que eu meramente fiquei parada, fitando-os boquiaberta, até Jocasta dizer acidamente: — Bem, menina, pretende nos deixar aqui até derretermos como açúcar em uma xícara de chá? Estava, de fato, chovendo copiosamente e eu recuei tão rapidamente para deixá-los entrar que pisei na pata de Adso. Ele emitiu um miado lancinante, que atraiu Jamie de seu gabinete, a sra. Bug e Amy da cozinha — e Phaedre do consultório, onde estava triturando ervas para mim.

— Phaedre! — Duncan ficou boquiaberto e deu dois passos em sua direção. Parou abruptamente, antes de tomá-la nos braços, mas seu rosto encheu-se de alegria.



— Phaedre? — Jocasta disse, soando completamente atônita. Seu rosto ficara branco do choque.

Ulysses não disse nada, mas a expressão em seu rosto foi de puro terror. Em um segundo, ela desapareceu, substituída por sua costumeira expressão austera de dignidade, mas eu a vi — e fiquei de olho nele durante a subsequente confusão de exclamações e constrangimento.

Finalmente, tirei todos eles do vestíbulo. Jocasta sofreu uma dor de cabeça diplomática — embora vendo seu rosto abatido, achei que não fosse inteiramente fingida — e foi escoltada para cima por Amy, que a colocou na cama com uma compressa fria. A sra. Bug voltou para a cozinha, nervosamente revisando o cardápio do jantar. Phaedre, amedrontada, desapareceu, certamente para se refugiar na cabana de Brianna e contar-lhe tudo sobre a inesperada visita — o que significava que haveria mais três para o jantar.

Ulysses foi tratar dos cavalos, deixando Duncan finalmente sozinho para explicar a situação a Jamie em seu gabinete.

— Estamos emigrando para o Canadá — ele disse, fechando os olhos e inalando o aroma do copo de uísque em sua mão como se fossem sais para cheirar. Parecia estar precisando deles; estava esquelético e seu rosto quase tão cinzento quanto seus cabelos.

— Canadá? — Jamie exclamou, tão surpreso quanto eu. — Pelo amor de Deus, Duncan, o que andou fazendo?

Duncan sorriu com ar exausto, abrindo os olhos.

— Seria mais o que eu não fiz, Mac Dubh — ele disse. Brianna tinha falado sobre o desaparecimento do tesouro secreto em ouro e mencionou alguma coisa sobre os negócios de Duncan com lorde Dunsmore na Virgínia, mas fora vaga a respeito — o que era compreensível, já que seria raptada horas depois e não tinha detalhes.

— Eu nunca poderia acreditar que a situação chegasse ao ponto que chegou, e tão rapidamente — ele disse, sacudindo a

cabeça. Os legalistas haviam passado repentinamente de maioria na região ao pé das montanhas a uma minoria ameaçada e amedrontada. Algumas pessoas foram literalmente escorraçadas de suas casas, refugiando-se nos pântanos e nas florestas; outras foram espancadas e gravemente feridas.

— Até mesmo Farquard Campbell — Duncan disse, esfregando a mão fatigadamente pelo rosto. — O Comitê de Segurança o convocou diante deles, sob a acusação de ser leal à Coroa, e ameaçou confiscar sua fazenda. Ele entregou uma fortuna, como fiança por seu bom comportamento, e o deixaram ir, mas foi por pouco.

O suficiente para ter assustado Duncan terrivelmente. O desastre das armas e munição prometidas privara-o de qualquer influência junto aos legalistas locais e o deixou completamente isolado, vulnerável à próxima onda de hostilidades — que qualquer idiota podia ver que não demoraria a chegar.

Assim, ele rapidamente procedeu à venda de River Run a um bom preço, antes que fosse confiscada. Ele havia conservado um ou dois armazéns no rio e alguns outros bens, mas se desfizera da fazenda, dos escravos e dos animais, propondo-se a se mudar imediatamente com sua mulher para o Canadá, como muitos outros legalistas estavam fazendo.

— Hamish MacKenzie está lá, sabe — ele explicou. — Ele e alguns outros de Leoch assentaram-se na Nova Escócia, quando deixaram a Escócia depois de Culloden. Ele é sobrinho de Jocasta e nós temos dinheiro suficiente. — Olhou vagamente na direção do corredor, onde Ulysses deixara os alforjes. — Ele nos ajudará a encontrar um lugar.

Esboçou um sorriso enviesado.

— E se as coisas não derem certo... bem, dizem que lá a pescaria é boa.

Jamie sorriu com a fraca piada e serviu-lhe mais uísque, mas ele sacudiu a cabeça quando veio se juntar a mim no consultório, antes do jantar.

— Eles pretendem viajar por terra até a Virgínia e com sorte pegar um navio lá, rumo à Nova Escócia. Talvez possam partir de Newport News; é um porto pequeno e o bloqueio britânico não é tão apertado lá, ou assim Duncan espera.

— Oh, meu Deus. — Seria uma dura jornada, e Jocasta não era jovem. E o estado de seus olhos... Eu não gostava de Jocasta, a luz do que ficáramos sabendo a seu respeito recentemente, mas imaginá-la arrancada de sua casa, forçada a emigrar sofrendo uma dor excruciante... bem, fazia pensar que havia algo como castigo divino, afinal.

Abaixei a voz, olhando por cima do ombro para ter certeza de que Duncan de fato subira para o quarto.

— E quanto a Ulysses? E Phaedre?

Jamie cerrou os lábios com força.

— Ah. Bem, quanto à rapariga, pedi a Duncan para vendê-la para mim. Eu a libertarei assim que puder. Talvez a mande para Fergus, em New Bern. Ele concordou imediatamente e redigiu uma fatura de venda na mesma hora. — Balançou a cabeça na direção do escritório. — Quanto a Ulysses... — Seu rosto pareceu soturno. — Acho que essa questão se resolverá por si mesma, Sassenach.

A sra. Bug veio agitadamente pelo corredor anunciar que o jantar estava na mesa e eu não tive chance de lhe perguntar o que ele queria dizer com essa observação.

Espremi a cataplasma de hamamélis e calicanto e coloquei-a delicadamente sobre os olhos de Jocasta. Eu já havia lhe dado chá de casca de salgueiro para a dor e a cataplasma não faria nada pelo glaucoma sob ela — mas seria calmante e, ao menos, era um alívio tanto para a paciente quanto para a médica poder fazer alguma coisa, ainda que pudesse ser meramente um paliativo.

— Quer dar uma olhada em meus alforjes, menina? — ela perguntou, esticando-se um pouco para se acomodar melhor na cama. — Há um pacotinho lá de uma erva que talvez você ache interessante.

Encontrei-o imediatamente — pelo cheiro.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei, achando graça.

— Farquard Campbell — ela respondeu, sem se fazer de rogada. — Quando você me disse qual era o problema dos meus olhos, perguntei a Fentiman se conhecia alguma coisa que pudesse ajudar e ele me disse que ouvira dizer que maconha poderia ser útil. Farquard Campbell tem uma plantação disso, assim achei que poderia experimentar. De fato, parece ajudar. Poderia colocá-lo em minha mão, sobrinha? Fascinada, coloquei o pacotinho de maconha e a pequena pilha de papéis na mesa ao lado dela e guiei sua mão para ele. Virando-se cuidadosamente de lado para que a cataplasma não caísse, ela pegou uma boa pitada da erva aromática, salpicou-a pelo centro do papel e enrolou o cigarro de maconha mais perfeito que eu já vira em Boston.

Sem comentários, estendi a chama da vela para ela acendê-lo e ela deixou-se relaxar no travesseiro, as narinas alargando-se enquanto enchia os pulmões da fumaça.

Ela fumou em silêncio durante algum tempo e eu me ocupei arrumando o quarto, não querendo deixá-la sozinha, com receio de que adormecesse e incendiasse a cama — ela estava claramente exausta e relaxando mais a cada instante.

O cheiro inebriante e pungente da fumaça trouxe lembranças imediatamente de volta, ainda que fragmentadas. Vários estudantes de medicina mais novos fumavam maconha nos fins de semana e iam para o hospital com o cheiro em suas roupas. Algumas pessoas levadas à emergência tinham esse cheiro. De vez em quando, eu sentia uma leve sugestão em Brianna, mas nunca perguntei.

Eu mesma nunca havia experimentado, mas agora achei o cheiro da fumaça aromática bastante relaxante. Talvez um pouco relaxante demais, e fui me sentar à janela, abrindo uma fresta para deixar entrar o ar fresco.

Estivera chovendo intermitentemente o dia inteiro e o ar estava carregado de ozônio e resinas das árvores, agradavelmente frio contra meu rosto.

— Você sabe, não é? — a voz de Jocasta soou suavemente atrás de mim. Virei-me; ela não se mexera, permanecendo deitada na cama, esticada, como uma escultura de túmulo. A cataplasma em seus olhos a fazia parecer a imagem da Justiça... o que era irônico, pensei.

— Sei — eu disse, com o mesmo tom calmo de voz. — Não foi muito justo com Duncan, não é? — Não. — A palavra se esvaiu com a fumaça, quase inaudível. Ela levantou o cigarro preguiçosamente e tragou-o, deixando a ponta incandescente. Fiquei observando com atenção, mas ela parecia ter percepção da cinza, batendo-a de vez em quando no pires que servia de base para a vela.

— Ele também sabe — ela disse, quase negligentemente. — Sobre Phaedre. Eu lhe contei, finalmente, para que ele parasse de procurar por ela. Tenho certeza de que ele também sabe a respeito de Ulysses, mas ele não comenta nada.

Ela estendeu a mão, certa, e sacudiu a cinza do cigarro com perfeição dentro do pires.

— Eu disse a ele que não o culparia se ele me deixasse, sabe. — Sua voz era muito suave, quase sem emoção. — Ele chorou, mas depois parou e me disse que ele jurara "para o melhor e para o pior". "E você também, não?" Respondi que sim e ele disse: "Muito bem, então." E aqui estamos nós. — Ela estremeceu um pouco, ajeitando-se mais confortavelmente, e ficou em silêncio, fumando.

Virei o rosto novamente para a janela e recostei a testa no batente.

Embaixo, vi um repentino derrame de luz quando a porta se abriu e uma figura escura saiu rapidamente. A porta se fechou e eu o perdi de vista na escuridão por um instante; depois meus olhos se adaptaram e eu o vi outra vez, pouco antes de desaparecer no caminho para o estábulo.

— Ele foi embora, não foi? Surpresa, virei-me para olhar para ela, percebendo que ela devia ter ouvido a porta se fechar embaixo.

— Ulysses? Sim, acho que sim.

Ela ficou imóvel por um bom tempo, o cigarro queimando, esquecido, entre seus dedos. Logo antes de eu achar que deveria me levantar e ir tomá-lo de sua mão, ela levantou-o outra vez e levou-o aos lábios.

— Seu verdadeiro nome era Joseph — ela disse suavemente, soltando a fumaça. Filetes dela giraram lentamente em uma espiral ao redor de sua cabeça. — Tão adequado, sempre achei... pois ele foi vendido para a escravidão por seu próprio povo.

— Você algum dia viu o rosto dele? — perguntei repentinamente. Ela sacudiu a cabeça e apagou o toco de cigarro.

— Não, mas sempre soube como ele era — disse muito suavemente. — Ele cheirava a luz.

Jamie Fraser esperava pacientemente sentado na escuridão de seu estábulo. Era pequeno, com baias para apenas meia dúzia de animais, mas solidamente construído. A chuva batia com força no telhado e o vento uivava como uma bansidhe pelas quinas, mas nem sequer uma gota caía pelo telhado de tábuas de madeira, e o ar ali dentro era quente com o calor de animais sonolentos. Até mesmo Gideon estava com a cabeça inclinada sobre a manjedoura, um pouco de feno mastigado pendurado do canto da boca.

Passava da meia-noite e ele já estava esperando havia mais de duas horas, a pistola carregada e engatilhada, pousada sobre o joelho.

Lá estava; acima do barulho da chuva, ouviu o grunhido baixinho de alguém forçando a porta e o ruído da porta se abrindo, deixando entrar um sopro de chuva fria para se misturar com os cheiros mais quentes de feno e esterco.

Continuou quieto, sem se mover.

Pôde ver uma figura alta parar contra o cinza-escuro da noite encharcada de chuva, esperando seus olhos se adaptarem à escuridão de dentro, depois atirar seu peso contra a porta pesada para abri-la o suficiente para ele deslizar para dentro.

O homem trouxera uma lanterna de luz oculta, não confiando que conseguiria encontrar todas as peças dos arreios e colocá-los no animal na escuridão. Ele retirou a tampa que encobria a luz e virou a lanterna devagar, deixando o fecho de luz viajar pelas baias, uma por uma. Os três cavalos que Jocasta trouxera estavam ali, mas muito cansados. Jamie ouviu o homem estalar a língua baixinho, considerando, virando a luz de um lado para o outro entre a égua, Jerusha e Gideon.

Tomando uma decisão, Ulysses colocou a lanterna no chão e fez menção de puxar o pino que prendia a porta da baia de Gideon.

— Seria bem feito para você se eu o deixasse levá-lo — Jamie disse, em tom de conversa.

O mordomo soltou um grito agudo e girou nos calcanhares, os olhos arregalados, os punhos cerrados. Ele não podia ver Jamie na escuridão, mas seus ouvidos o localizaram um segundo depois e ele respirou profundamente, abaixando os punhos, ao perceber de quem se tratava.

— Sr. Fraser — ele disse. Seus olhos estavam alertas à luz da lanterna, e cautelosos. — O senhor me pegou de surpresa.

— Bem, era o que eu pretendia — Jamie retrucou, sem alterar o tom da voz. — Pretende ir embora, imagino.

Ele podia ver os pensamentos voarem pelos olhos do mordomo, rápidos como libélulas, especulando, calculando. Mas Ulysses não era nenhum tolo e chegou à conclusão certa.

— A garota lhe contou, então — ele disse, muito calmamente. — O senhor deve me matar... pela honra de sua ti? — Tivessem as últimas palavras sido ditas com qualquer vestígio de escárnio, Jamie poderia realmente ter matado o mordomo... ele não se decidira sobre a questão enquanto esperava. Mas foi dito com simplicidade e o dedo de Jamie afrouxou o gatilho.

— Se eu fosse mais jovem, eu o faria — ele disse, no mesmo tom de Ulysses. E se eu não tivesse uma mulher e uma filha que um dia consideraram um negro um amigo. — No entanto — continuou abaixando a pistola —, ultimamente eu tento não matar, a menos que seja imprescindível. — Ou até que seja imprescindível.

— Você nega? Porque eu acho que não pode haver defesa.

O mordomo sacudiu levemente a cabeça. A luz brilhou em sua pele, escura, com um tom avermelhado que o fez parecer esculpido em cinábrio antigo.

— Eu a amava — ele disse à meia-voz, espalmando as mãos. — Mate-me.

— Ele estava vestido para viajar, de capa e chapéu, com uma bolsa e um cantil pendurados na cintura, mas nenhuma faca. Escravos, mesmo os de confiança, não ousavam andar armados.

A curiosidade digladiava-se com a aversão e — como sempre acontece em tais casos — a curiosidade venceu.

— Phaedre disse que você se deitava com minha tia antes mesmo de o marido dela morrer. É verdade?

— É — Ulysses disse baixinho, o rosto inescrutável. — Eu não justifico o que fiz. Não posso. Mas eu a amava e se tiver que morrer por isso...



Jamie acreditou no sujeito; sua sinceridade era evidente na voz e nos gestos. E conhecendo sua tia como conhecia, estava menos inclinado a culpar Ulysses do que as pessoas de um modo geral estariam. Ao mesmo tempo, não baixava a guarda. Ulysses era de bom tamanho, e ágil. E um homem que achava que não tinha mais nada a perder era realmente muito perigoso.

— Para onde pretendia ir? — perguntou com um movimento da cabeça indicando os cavalos.

— Virgínia — o negro respondeu com uma hesitação quase imperceptível. — Lorde Dunsmore ofereceu liberdade a qualquer escravo que se junte ao seu exército.

Ele não pretendia perguntar, embora tivesse sido uma questão que se levantou em sua mente no momento em que ouviu a história de Phaedre. Com esta abertura, no entanto, ele não pôde resistir.

— Por que ela não o libertou? — ele perguntou. — Depois que Hector Cameron morreu?

— Ela me libertou — foi a resposta surpreendente. O mordomo tocou o peito de seu casaco. — Ela redigiu os papéis de alforria há quase vinte anos; dizia que não suportava pensar que eu fosse para sua cama por obrigação. Mas uma requisição de alforria deve ser aprovada pela Assembleia, o senhor sabe. E se eu fosse abertamente livre, eu não poderia permanecer para servi-la como fiz. — Isso era verdade. Um escravo liberto era obrigado a deixar a colônia no prazo de dez dias ou se arriscava a ser escravizado outra vez por qualquer pessoa que quisesse levá-lo. A visão de grandes bandos de negros libertos vagando pelo interior da Colônia fazia o Conselho e a Assembleia se borrar de medo.

O mordomo olhou para baixo por um instante, os olhos protegidos contra a luz.

— Eu poderia escolher Jo... ou a liberdade. Eu escolhi Jo.

— Sim, muito romântico — Jamie disse com extrema secura, embora, na realidade, não tivesse ficado insensível à declaração. Jocasta MacKenzie se casara por obrigação, depois novamente por obrigação — e ele pensara que ela tinha encontrado pouca felicidade em qualquer de seus casamentos, até encontrar alguma satisfação com Duncan. Ficou chocado com sua escolha, desaprovando seu adultério, e realmente furioso por ter enganado Duncan, mas uma parte dele — a parte MacKenzie, sem dúvida — só podia admirar sua ousadia e coragem em encontrar felicidade onde lhe fosse possível.

Suspirou fundo. A chuva amainara agora; o barulho no telhado se reduzira a um suave tamborilar.

— Muito bem, então. Tenho mais uma pergunta.

Ulysses abaixou a cabeça solenemente, em um gesto que Jamie vira mil vezes. A seu serviço, senhor, dizia — e isso foi feito com mais ironia do que havia em qualquer coisa que o sujeito tivesse dito.

— Onde está o ouro? A cabeça de Ulysses ergueu-se bruscamente, os olhos arregalados de espanto. Pela primeira vez, Jamie teve uma sombra de dúvida.

— Acha que eu o peguei? — o mordomo perguntou, incrédulo. Mas logo sua boca curvou-se para um lado. — Suponho que deva achar, afinal de contas.

— Passou a mão sob o nariz, parecendo preocupado e infeliz — como certamente deveria se sentir, Jamie refletiu.

Ficaram se entreolhando por algum tempo em silêncio, em um impasse. Jamie não achava que o mordomo estivesse tentando enganá-lo — e Deus sabia que o sujeito era bom nisso, pensou cinicamente.

Por fim, Ulysses ergueu os ombros largos e deixou-os cair desamparadamente.

— Não posso provar que não o roubei — ele disse. — Não posso oferecer nada além de minha palavra de honra... e não tenho direito a isso.

— Pela primeira vez, a amargura ressoou em sua voz.

Jamie sentiu-se muito cansado de repente. Os cavalos e as mulas há muito haviam retornado ao seu sono e ele não queria nada além de sua própria cama, e de sua mulher ao seu lado. Também queria que Ulysses partisse logo, muito antes de Duncan descobrir sua perfídia. E embora Ulysses fosse certamente a pessoa mais óbvia a ter pego o ouro, o fato é que ele podia tê-lo feito em qualquer momento nos últimos vinte anos, com muito menos riscos. Por que agora? — Você jura pela minha tia? — ele perguntou abruptamente. Os olhos de Ulysses eram incisivos, brilhando na escuridão, mas não vacilaram.

— Sim — ele disse por fim, serenamente. — Eu juro.

Jamie estava prestes a dispensá-lo, quando um último pensamento lhe ocorreu.

— Você tem filhos? — ele perguntou.

A indecisão atravessou seu rosto cinzelado; surpresa e cautela, misturados a mais alguma coisa.

— Nenhum que eu reclame — ele disse finalmente, e Jamie viu o que era: desprezo, misturado a vergonha. Seu maxilar retesou-se e o queixo levantou-se ligeiramente. — Por que me pergunta isso? Jamie fitou-o por um instante, pensando em Brianna cada vez mais pesada com a gravidez.

— Porque — ele disse finalmente — é somente a esperança de dias melhores para meus filhos, e os filhos deles, que me dá coragem de fazer o que tem que ser feito. — O rosto de Ulysses ficou sem expressão; brilhava, negro e impassível, à luz da lanterna.

— Se você não tem nenhum interesse no futuro, não tem interesse de sofrer por ele. Os filhos que você possa ter...

— São escravos, nascidos de escravas. O que podem ser para mim? — As mãos de Ulysses estavam cerradas, pressionadas contra as coxas.

— Vá, então — Jamie disse suavemente, afastando-se para o lado e indicando a porta com o cano da pistola. — Morra livre, ao menos.



## VINTE E UM DE JANEIRO

*21 de janeiro de 1776*

Vinte e um de janeiro era o dia mais frio do ano. A neve caíra havia alguns dias, mas agora o ar parecia cristal lapidado, o céu da aurora tão claro que parecia branco e a neve compacta trinava como grilos sob nossas botas. Neve, árvores recobertas de neve, os pingentes de gelo que se dependuravam das calhas dos telhados — o mundo inteiro parecia azul de frio. Todos os animais domésticos haviam sido guardados na noite anterior no estábulo ou celeiro, com a exceção da porca branca, que parecia estar hibernando embaixo da casa.

Espreitei em dúvida pelo buraco pequeno e derretido na crosta de neve que marcava a entrada da porca; roncos longos e estertorosos podiam ser ouvidos lá de dentro e um leve calor emanava do buraco.

— Venha, mo nighean. Essa criatura nem notaria se a casa desabasse em cima dela. — Jamie voltava depois de ter alimentado os animais no estábulo e pairava impacientemente atrás de mim, atritando as mãos nas grandes luvas azuis que Bri tricotara para ele.

— O que, nem se pegasse fogo? — eu disse, pensando no "Ensaio sobre Porco Assado", de Lamb. Mas virei-me obsequiosamente para segui-lo pelo caminho pisoteado que descia

pelo lado da casa, depois devagar, pelas escorregadias placas de gelo e através da ampla clareira, na direção da cabana de Bri e Roger.

— Tem certeza de que o fogo da lareira está apagado? — Jamie perguntou pela terceira vez. Seu hálito condensava-se numa coroa ao redor de sua cabeça como um véu enquanto olhava por cima do ombro para mim. Ele perdera seu gorro de lã enquanto caçava e por isso trazia um cachecol branco e peludo enrolado ao redor das orelhas e amarrado no alto da cabeça, as longas pontas balançando-se, o que o tornava absurdamente parecido a um enorme coelho.

— Está — assegurei-lhe, reprimindo a ânsia de rir ao olhar para ele.

Seu nariz longo e reto estava vermelho do frio e torcia-se desconfiadamente, e eu tive que enterrar o rosto no meu próprio cachecol, emitindo pequenos ruídos resfolegantes que emergiam como baforadas brancas, como uma máquina a vapor.

— E a vela do quarto? A lamparina no seu consultório?

— Sim — assegurei-lhe, emergindo das profundezas do meu cachecol. Meus olhos lacrimejavam e eu gostaria de poder enxugá-los, mas carregava uma enorme trouxa em um dos braços e um cesto coberto pendurado no outro. Este continha Adso, que fora removido da casa à força e não estava nem um pouco satisfeito; pequenos rosnados emergiam do cesto, que oscilava e batia contra a minha perna.

— E também o lume da despensa e a vela no castiçal no corredor e o braseiro no seu gabinete e o lampião de óleo de peixe que você usa nos estábulos. Eu verifiquei toda a casa. Nem uma fagulha em lugar nenhum.

— Muito bem, então — ele disse, mas sem se conter em dar uma última olhada ansiosa para a casa. Olhei também; parecia fria

e abandonada, o branco das tábuas um pouco sujo em contraste com a brancura imaculada da neve.

— Não vai ser um acidente — eu disse. — A menos que a porca branca esteja brincando com fósforos em seu esconderijo.

Isso o fez sorrir, apesar das circunstâncias. Francamente, no momento, as circunstâncias me pareciam ligeiramente absurdas; o mundo inteiro parecia deserto, congelado e imóvel sob um céu de inverno. Nada parecia mais improvável do que a ocorrência de um cataclismo que viesse destruir a casa com um incêndio. Ainda assim... melhor prevenir do que remediar. E como Jamie havia observado mais de uma vez ao longo dos anos desde que Roger e Bri trouxeram a notícia do sinistro recorte de jornal: "Se você sabe que a casa está fadada a pegar fogo em determinado dia, por que ficar dentro dela?" Assim, não ficamos parados dentro dela. Dissemos à sra. Bug que ficasse em casa e Amy McCallum e seus dois garotos já estavam na cabana de Brianna — intrigados, mas obedientes. Se o patrão disse que ninguém deveria pôr os pés na casa até a manhã do dia seguinte... bem, então não havia mais nada a ser dito, havia? Ian acordara antes do amanhecer e passara o dia cortando galhos e transportando a lenha do barracão; todos ficariam bem aquecidos.

O próprio Jamie ficara acordado a noite toda, cuidando dos animais, dispersando seu arsenal — também não havia nenhum grão de pólvora em qualquer lugar da casa — e vagando agitadamente pela casa, para cima e para baixo, alerta para qualquer estalo de brasa na lareira, cada chama de vela, qualquer leve ruído lá fora que pudesse anunciar a aproximação de um inimigo. A única coisa que não fizera fora se sentar no telhado com um pano molhado, de olho em algum possível raio — e isso apenas porque era uma noite límpida, as estrelas imensas e brilhantes no alto, ardendo no vazio enregelado.

Eu também não dormira muito, perturbada tanto pelas andanças de Jamie quanto pelos vívidos sonhos de incêndio.

No entanto, o único incêndio visível era o que lançava uma chuva de fumaça e fagulhas da chaminé de Brianna em boas-vindas, e abrimos a porta para o agradável calor de uma lareira vibrante e muitos corpos.

Aidan e Orrie, acordados ainda enquanto estava escuro e arrastados pelo frio, haviam prontamente subido na cama de Jemmy e os três meninos dormiam profundamente, enroscados como ouriços sob suas colchas. Amy ajudava Bri com o café da manhã; aromas apetitosos de mingau e bacon elevavam-se da lareira.

— Está tudo bem, madame? — Amy aproximou-se rapidamente para pegar a enorme trouxa que eu havia trazido, a qual continha meu baú médico, as ervas mais raras e mais valiosas do meu consultório, e a jarra lacrada com a mais recente remessa de fósforo branco que lorde John enviara a Brianna como presente de despedida.

— Está — assegurei-lhe, colocando o cesto de Adso no chão. Bocejei e olhei aneladamente para a cama, mas fui guardar meu baú na despensa, onde as crianças não mexeriam. Coloquei o fósforo na prateleira mais alta, bem para trás, e puxei um enorme queijo para sua frente, só por precaução.

Jamie se desfizera de sua capa e orelhas de coelho, e entregando a Roger a espingarda, a bolsa de munição e o chifre de pólvora que carregava, batia a neve das suas botas. Eu o vi olhar ao redor da cabana, contando cabeças, depois, finalmente, respirar fundo, balançando a cabeça para si mesmo. Todos a salvo, até agora.

A manhã transcorreu pacificamente. Uma vez terminado o café da manhã e tudo limpo e guardado, Amy, Bri e eu nos sentamos junto à lareira com uma enorme pilha de roupas para



remendar. Adso, a cauda ainda se revirando de indignação, assumira um lugar em uma prateleira alta, de onde olhava furiosamente para Rollo, que se apoderara da cama de Jemmy quando os meninos saíram.

Aidan e Jemmy, cada qual agora o orgulhoso possuidor de dois vruuuns, guiavam-nos sobre as pedras da lareira, embaixo da cama e pelo meio de nossos pés, mas na maior parte do tempo não se socavam, nem pisavam em Orrie, que estava placidamente sentado embaixo da mesa mastigando um pedaço de pão. Jamie, Roger e Ian revezavam-se em ir lá fora, ficar andando para cima e para baixo, fitando a casa grande, deserta à sombra do abeto salpicado de neve.

Quando Roger voltou de uma dessas expedições, Brianna ergueu os olhos repentinamente da meia que estava cerzindo.

— O que foi? — ele disse, ao ver seu rosto.

— Oh. — Ela parou, a agulha no meio da meia, em seguida olhou para baixo, completando o ponto. — Nada. Só... só um pensamento.

O tom em sua voz fez Jamie, que se concentrava com a testa franzida em um velho exemplar de Evelina, erguer os olhos.

— Que tipo de pensamento, a nighean? — ele perguntou, seu radar tão bom quanto o de Roger.

— Hã... bem. — Ela mordeu o lábio inferior, mas resolveu falar: — E se for esta casa?

Isso deixou todos paralisados, exceto os meninos, que continuaram engatinhando diligentemente pelo aposento e por cima da cama e da mesa, guinchando freios e roncando motores.

— Poderia ser, não? — Bri olhou ao redor, das vigas do teto à lareira.

— Tudo que... a profecia... dizia — fez um rápido sinal com a cabeça na direção de Amy McCallum — era que a casa de James Fraser seria destruída por um incêndio. Mas no começo, esta era a

sua casa. E provavelmente não há um endereço de rua. Dizia apenas *Em Fraser's Ridge*.

Todos a fitaram e ela ficou profundamente ruborizada, abaixando os olhos para a meia.

— Quero dizer... não é como se eles... hã, profecias... sempre acertem, não é? Podem ter errado os detalhes.

Amy balançou a cabeça com seriedade; evidentemente, a imprecisão na questão dos detalhes era uma característica aceita das profecias.

Roger limpou a garganta ruidosamente; Jamie e Ian trocaram olhares, depois olharam para o fogo, saltando sobre a lareira e a enorme pilha de lenha seca ao lado, o cesto de gravetos transbordando... Todos os olhares se voltaram para Jamie na expectativa e seu semblante era um tratado de emoções conflitantes.

— Imagino — ele disse devagar — que possamos nos transferir para a cabana de Arch.

Comecei a contar nos dedos: — Você, eu, Roger, Bri, Ian, Amy, Aidan, Orrie, Jemmy, mais o sr. e a sra. Bug são onze pessoas. Em uma cabana de um aposento só, que mede dois metros e meio por três? — Cerrei os punhos e olhei para eles. — Ninguém teria que atear fogo ao lugar; metade de nós já estaria sem vida dentro da lareira, bem acesos.

— Mmmmhum. Bem, então... a cabana dos Christie está vazia.

Os olhos de Amy arregalaram-se de horror e todos desviaram os olhos uns dos outros. Jamie inspirou fundo e soltou o ar ruidosamente.

— Talvez a gente apenas deva ter... muito cuidado — sugeri. Todos respiraram aliviados e retomamos nossas ocupações, embora sem nossa sensação anterior de aconchegante segurança.

O almoço ocorreu sem incidentes, mas no meio da tarde ouviu-se uma batida na porta. Amy deu um grito e Brianna deixou cair no fogo a camisa que estava remendando. Ian deu um salto e abriu a porta de par em par; Rollo foi arrancado de seu cochilo e passou por Ian como uma flecha, rosnando.

Jamie e Roger colidiram com a porta — e um contra o outro — simultaneamente, pararam por um instante e caíram por ela. Todos os meninos soltaram gritinhos e correram para suas respectivas mães, que batiam freneticamente na camisa em combustão, como se fosse uma cobra viva.

Eu ficara de pé num salto, mas fui imprensada contra a parede, sem poder passar por Bri e Amy. Adso, assustado com o tumulto e com a minha súbita presença ao seu lado, sibilou e lançou a pata, tentando me arranhar e por pouco não atingindo meu olho.

Uma série de imprecações em uma mistura de línguas vinha da entrada da cabana, acompanhada dos latidos agudos de Rollo. Todos pareciam extremamente aborrecidos, mas não havia sons de conflito. Fui deslizando de lado para passar pelo aglomerado de mães e filhos, e espreitei para fora.

O major MacDonald, molhado até as sobrancelhas e coberto de grumos de neve e de lama, gesticulava energicamente para Jamie, enquanto Ian repreendia Rollo, e Roger — pela expressão de seu rosto — tentava com todas as forças não cair na gargalhada.

Jamie, compelido por seu próprio senso de dignidade, mas olhando para o major com profunda desconfiança, convidou-o a entrar. O interior da cabana cheirava a tecido queimado, mas ao menos a balbúrdia se acalmara e o major nos cumprimentou com uma boa pretensão de cordialidade. Seguiu-se uma grande confusão, despindo-o de suas roupas encharcadas, secando-o e — por falta de alternativa melhor — vestindo-o temporariamente com uma camisa e um par de calças de Roger, nas quais ele parecia estar

se afundando, já que era uns quinze centímetros mais baixo do que Roger.

Depois de uísque e comida terem sido cerimoniosamente oferecidos, e aceitos, todos lançaram um olhar coletivo e fixo ao major, esperando para ouvir o que o trouxera às montanhas em pleno inverno.

Jamie trocou um rápido olhar comigo, indicando que ele podia arriscar um palpite. Eu também.

— Eu vim, senhor — MacDonald disse formalmente, suspendendo a camisa para que ela não escorregasse de seu ombro —, para lhe oferecer o comando de uma companhia de milícia, sob as ordens do general Hugh MacDonald. As tropas do general estão se reunindo, neste exato momento, e iniciarão sua marcha para Wilmington no final do mês.

Senti uma profunda sensação de desfalecimento ao ouvir isso. Eu estava acostumada com o otimismo crônico e a tendência ao exagero do major MacDonald, mas não havia nenhum excesso em sua declaração. Isso significaria que a ajuda que o governador Martin solicitara, as tropas da Irlanda, estariam aportando em breve para se encontrarem com as tropas do general MacDonald no litoral? — As tropas do general — Jamie disse, aticando o fogo. Ele e MacDonald haviam se apropriado do lugar junto à lareira, com Roger e Ian ao lado de cada um deles, como cães da chaminé. Bri, Amy e eu nos dirigimos para a cama, onde nos enfileiramos como galinhas empoleiradas, acompanhando a conversa com um misto de interesse e alarme, enquanto os meninos se retiraram para baixo da mesa.

— Quantos homens você acha que ele tem, Donald? Vi MacDonald hesitar, dividido entre a verdade e o desejo. Mas ele tossiu e disse simplesmente: — Ele tinha pouco mais de mil quando o deixei. Mas você sabe como é, quando começarmos a nos mover, outros virão se juntar a nós. Muitos outros. Principalmente —

acrescentou enfaticamente — se pessoas como você estiverem no comando.

Jamie não respondeu no mesmo instante. Pensativamente, empurrou um pedaço de madeira em brasa de volta para dentro do fogo com o pé.

— Pólvora e munição? — ele perguntou. — Armas? — Sim, bem, ficaríamos um pouco decepcionados nesse aspecto. — MacDonald tomou um gole de seu uísque. — Duncan Innes nos prometera muito em armas e munição, mas por fim foi obrigado a voltar atrás em sua promessa. — Os lábios do major pressionaram-se com força e achei pela expressão do seu rosto que talvez Duncan não tivesse reagido de forma exagerada em sua decisão de se mudar para o Canadá.

— Ainda assim — MacDonald continuou mais alegremente —, não estamos destituídos nesse aspecto. E aqueles valentes cavalheiros que debandaram para a nossa causa, e que virão se juntar a nós, trazem com eles tanto suas próprias armas quanto sua coragem. Você, mais do que ninguém, pode avaliar a força do ataque dos escoceses das Highlands! Jamie ergueu os olhos diante dessas palavras e fitou MacDonald por um longo instante antes de responder.

— Sim, bem. Você estava atrás dos canhões em Culloden, Donald.

Eu estava na frente deles. Com uma espada na mão. — Pegou seu próprio copo e esvaziou-o, em seguida levantou-se e foi se servir de nova dose, deixando MacDonald recuperar a compostura.

— Touché, major — Brianna murmurou num sussurro. Acho que Jamie jamais se referira ao fato de que o major lutara com as forças do governo durante o Levante, mas não fiquei surpresa por ele não ter se esquecido.

Com um breve cumprimento da cabeça para o grupo, Jamie saiu da cabana — ostensivamente para visitar a latrina, mais provavelmente para verificar a situação da casa. Mais provavelmente ainda para dar a MacDonald um pouco de espaço para respirar.

Roger, com a cortesia de um anfitrião — e o entusiasmo reprimido de um historiador — fazia perguntas a MacDonald com relação ao general e às suas atividades. Ian, impassível e atento, permanecia sentado aos seus pés, uma das mãos afagando o pescoço de Rollo.

— Mas certamente o general está um pouco velho para esta campanha, não? — Roger pegou novo pedaço de lenha e enfiou-o no fogo. — Ainda mais uma campanha de inverno.

— Ele é, de fato, um pouquinho encatarrado — MacDonald admitiu singelamente. — Mas quem não é, neste clima? E Donald McLeod, seu substituto, é um homem vigoroso. Asseguro-lhe, senhor, de que se em algum momento o general se sentir indisposto, o coronel McLeod é mais do que capaz de liderar as tropas à vitória! Continuou por algum tempo discorrendo sobre as virtudes — tanto pessoais, quanto militares — de Donald McLeod. Parei de ouvir, minha atenção atraída por um movimento furtivo na prateleira acima de sua cabeça. Adso.

O casaco vermelho de MacDonald estava estendido sobre uma cadeira para secar, soltando vapor no calor. Sua peruca, molhada e desfeita com o ataque de Rollo, pendurava-se do gancho de casacos logo acima.

Levantei-me apressadamente e apoderei-me da peruca, para grande espanto do major e um olhar verde e hostil de Adso, que obviamente considerava uma ignomínia de minha parte arrebatá-la dessa desejável presa para mim mesma.

— Hã... só vou... hum... colocá-la em lugar seguro, está bem?  
— Agarrando a massa úmida de cabelos de crina de cavalo junto ao

peito, dei a volta pelo lado da casa em direção à despensa, onde guardei a peruca em segurança, atrás do queijo, com o fósforo.

Ao sair, encontrei Jamie, o nariz vermelho do frio, voltando de uma ronda da casa grande.

— Está tudo bem — ele me garantiu. Ergueu os olhos para a chaminé acima de nós, expelindo nuvens de fumaça espessa e cinzenta. — Você não acha que a menina possa ter razão, acha? — Falou como se estivesse pilheriando, mas não estava.

— Só Deus sabe. Quanto tempo falta até o nascer do sol amanhã? — As sombras já se alongavam, violetas e frias, pela neve.

— Muito tempo. — Havia sombras violeta em seu rosto também, de uma noite sem dormir; esta seria outra. Mas ele me apertou contra o peito por um instante, quente, apesar de não estar usando nada sobre a camisa além do casaco rústico que usava no trabalho pesado.

— Você não acha que MacDonald vai voltar e incendiar a casa se eu recusar sua proposta, acha? — ele perguntou, soltando-me com o esboço de um sorriso.

— O que quer dizer com "se"? — perguntei, mas ele já estava voltando para dentro da cabana.

MacDonald levantou-se respeitosamente quando Jamie entrou, esperando até ele se sentar outra vez antes de voltar ao seu banco.

— Teve um instante, então, para pensar na minha oferta, sr. Fraser? — ele perguntou formalmente. — Sua presença seria de grande valor, e muito apreciada pelo general MacDonald e pelo governador, além de mim mesmo.

Jamie ficou em silêncio por um instante, olhando fixamente para o fogo.

— Lamento muito, Donald, que a gente se encontre assim, em lados opostos — disse finalmente, erguendo os olhos. — Mas

você certamente não ignora minha posição nesta questão. Eu já me pronunciei a respeito.

MacDonald assentiu, os lábios apertando-se um pouco.

— Sei o que fez. Mas não é tarde demais para remediar isso. Você ainda não fez nada irrevogável, e um homem certamente pode admitir um erro.

A boca de Jamie torceu-se um pouco.

— Oh, sim, Donald. Você pode admitir seu erro, então, e se unir à causa da liberdade? MacDonald empertigou-se.

— Você pode querer brincar, sr. Fraser — ele disse, obviamente tentando manter a calma — mas minha proposta é feita a sério.

— Sei disso, major. Minhas desculpas por uma indevida leviandade. E também pelo fato de não poder lhe proporcionar uma boa recompensa pelos seus esforços, depois de vir tão longe neste tempo.

— Recusa-se, então? — Manchas vermelhas ardiam nas faces de MacDonald e seus olhos azul-claros haviam ficado da cor do céu de inverno. — Vai abandonar seus parentes, seu próprio povo? Trairia seu próprio sangue, assim como seu juramento? Jamie abriu a boca para responder, mas parou diante disso. Pude sentir algo se processando dentro dele. Choque, diante dessa brusca — e muito precisa — acusação? Hesitação? Ele nunca discutira a situação nestes termos, mas deve ter compreendido. A maioria dos escoceses das Highlands na colônia ou já havia se aliado aos legalistas — como Duncan e Jocasta — ou provavelmente o faria.

Sua declaração havia lhe custado muitos amigos — e poderia muito bem isolá-lo do remanescente de sua família no Novo Mundo também.

Agora MacDonald segurava a maçã da tentação, o chamado do clã e do sangue.



Mas ele tivera anos para pensar nisso, para se preparar.

— Já disse o que tinha a dizer, Donald — falou, serenamente. — Eu me comprometi e a minha casa com aquilo que julgo ser certo. Não posso agir de outra forma.

MacDonald permaneceu sentado por um instante, olhando-o atentamente. Em seguida, sem dizer uma palavra, levantou-se e tirou a camisa de Roger pela cabeça. Seu torso era pálido e magro, mas com uma certa maciez de meia-idade ao redor da cintura, e exibia várias cicatrizes brancas, marcas de ferimentos a tiro e cortes de baioneta.

— Certamente não pretende ir embora agora, não é, major? Está congelando lá fora, e quase escuro! — Fui colocar-me ao lado de Jamie, e Roger e Bri também se levantaram, acrescentando seus protestos aos meus. MacDonald, entretanto, estava obstinado, meramente sacudindo a cabeça enquanto vestia o próprio casaco ainda molhado, abotoando-o com dificuldade, já que as casas dos botões estavam duras de gelo.

— Não vou aceitar hospitalidade das mãos de um traidor, madame — ele disse muito brandamente, com uma reverência para mim. Em seguida, endireitou-se, fitou Jamie nos olhos, de homem para homem.

— Não nos encontraremos mais como amigos, sr. Fraser — ele disse.

— Lamento muito.

— Então, esperemos que nós nunca mais nos encontremos, major — Jamie disse. — Eu também lamento muito.

MacDonald inclinou-se outra vez, para o resto dos presentes, e enfiou o chapéu na cabeça. Sua expressão mudou quando o fez e sentiu o frio úmido do chapéu em sua cabeça descoberta.

— Oh, sua peruca! Só um momento, major, vou buscá-la. — Saí às pressas e dei a volta para a despensa — bem a tempo de

ouvir o barulho de alguma coisa que caiu lá dentro. Abri a porta com um safanão, deixada entreaberta desde a minha última visita, e Adso passou como um foguete por mim, a peruca do major na boca. Dentro, a meia-água ardia em chamas azuis e brilhantes.



Inicialmente, eu havia me perguntado como conseguiria ficar acordada a noite inteira. Como se verificou, não seria absolutamente difícil. Em consequência do incêndio, eu achava que jamais voltaria a dormir.

Poderia ter sido muito pior; o major MacDonald, apesar de agora ser um inimigo declarado, viera nobremente em nosso socorro, correndo e atirando sua capa ainda molhada sobre as chamas, evitando assim a completa destruição da despensa — e, sem dúvida, da cabana. Mas a capa não havia extinguido inteiramente o fogo e apagar as chamas que brotavam aqui e ali provocou grande agitação e correria, no curso do que Orrie McCallum se perdeu, saiu caminhando em seus passinhos incertos e caiu no buraco do forno, onde foi encontrado — muitos desvairados minutos mais tarde — por Rollo.

Ele foi fígado sem danos, mas o tumulto fez Brianna sentir o que ela pensou se tratar de trabalho de parto prematuro. Felizmente, verificou-se que não passava de um caso grave de soluços, causados pela combinação de tensão nervosa e a ingestão em quantidades excessivas de Sauerkraut e torta de maçã seca, para os quais ela desenvolvera um desejo recente.

— Inflamável — ela disse. Jamie olhou para os remanescentes carbonizados do chão da despensa, em seguida para Brianna, que havia, apesar das minhas recomendações para que ela

fosse se deitar, saído para ver o que podia ser salvo dos destroços fumegantes. Ele sacudiu a cabeça.

— É um milagre que você já não tivesse incendiado a casa toda há muito tempo, menina.

Ela emitiu um reprimido "hic!" e olhou-o furiosamente, uma das mãos na barriga protuberante.

— Eu? Seria melhor você não tentar, hic!, fazer parecer que tenha sido minha, hic!, culpa. Por acaso fui eu que coloquei a peruca, hic!, do major ao lado do...

— BUU! — Roger berrou, lançando a mão na direção de seu rosto.

Ela deu um gritinho agudo e golpeou-o. Jemmy e Aidan, correndo para fora para ver a causa da comoção, começaram a dançar em volta dela, gritando em êxtase, "Buu! Buu!, como um bando de fantasmas lunáticos em miniatura.

Bri, os olhos brilhando perigosamente, abaixou-se e pegou um punhado de neve. Em um instante, já a moldara em uma bola, que atirou na cabeça do marido com pontaria certa. A bola de neve atingiu-o bem entre os olhos, explodindo em uma chuva que deixou grânulos brancos agarrados às suas sobrancelhas e grumos de neve derretendo-se e escorrendo pelas suas faces.

— O quê?! — exclamou, incrédulo. — Para que isso? Eu só estava tentando... Ei! — Desviou-se da seguinte, mas foi atingido nos joelhos e na cintura por punhados de neve lançados de perto por Jemmy e Aidan, completamente frenéticos a essa altura.

Modestamente aceitando congratulações pelo seu desempenho anterior, o major foi persuadido — não menos pelo fato de que já era noite e começara a nevar outra vez — a aceitar a hospitalidade da cabana, com o acordo de que era Roger, e não Jamie, quem a estava oferecendo.

Observando seus anfitriões saltando e sacudindo-se de soluços enquanto se emplastavam um ao outro de neve, ele parecia

arrependido de ter sido tão correto a ponto de se recusar a jantar com um traidor, mas inclinou-se, um tanto rigidamente, em resposta quando Jamie e eu nos despedimos dele, em seguida entrou na cabana com passos decididos, os restos enlameados que Adso deixara de sua peruca agarrados na mão.

Parecia extremamente — e muito agradavelmente — silencioso enquanto caminhávamos pela neve em direção à nossa própria casa, sozinhos. O céu ficara de uma cor lavanda rosada e os flocos de neve flutuavam à nossa volta, sobrenaturais em seu silêncio.

A casa assomava diante de nós, seu volume silencioso de certa forma nos dando as boas-vindas, apesar das janelas às escuras. A neve girava na varanda em pequenos redemoinhos, acumulando-se nos parapeitos das janelas.

— Imagino que seria mais difícil um incêndio se alastrar se estiver nevando, não acha?

Jamie inclinou-se para destrancar a porta da frente.

— Não me importo se toda a casa pegar fogo por combustão espontânea, Sassenach, desde que eu jante primeiro.

— Um jantar frio, é o que está pensando? — perguntei, em dúvida.

— Não — ele respondeu com firmeza. — Pretendo acender um fogaréu na lareira da cozinha, fritar doze ovos na manteiga e comer todos eles, depois deitá-la no tapete da lareira e fazer amor com você até... está bem assim? — ele perguntou, notando meu olhar.

— Até o quê? — perguntei, fascinada com sua descrição da programação da noite.

— Até você se incendiar de repente e me levar com você, imagino — ele disse e, inclinando-se, pegou-me nos braços e atravessou a soleira escura.

*QUEBRA DE PROMESSAS**2 de fevereiro de 1776*

Ele chamou todos eles juntos, e eles vieram. Os jacobitas de Ardsmuir, os pescadores de Thurso, os párias e oportunistas que tinham vindo se estabelecerem Ridge nos últimos seis anos. Ele chamara os homens, e a maioria veio sozinha, atravessando os bosques molhados, escorregando em pedras cobertas de musgo e trilhas lamacentas. Mas algumas das mulheres vieram, também, curiosas, desconfiadas, embora tenham se deixado ficar humildemente para trás e permitido que Claire as conduzisse para dentro da casa, uma a uma.

Os homens permaneceram no pátio na frente da casa, e ele lamentou isso; a lembrança da última vez que haviam se reunido ali estava fresca demais na mente de todos. Mas não havia escolha; eram muitos, não seria possível acomodá-los dentro de casa. E agora era em plena luz do dia, não era noite — embora ele tenha visto mais de um homem virar a cabeça abruptamente para olhar para as castanheiras, como se visse o fantasma de Tom Christie lá, parado mais uma vez para atravessar a multidão.

Fez o sinal da cruz e disse uma breve oração, como sempre fazia quando pensava em Tom Christie, em seguida saiu para a varanda. Eles conversavam entre si — meio sem jeito, porém

fingindo-se à vontade — mas a conversa estancou de repente quando ele apareceu.

— Recebi uma convocação para ir para Wilmington — disse-lhes sem preâmbulo. — Vou me juntar às milícias de lá e levarei comigo aqueles que, por vontade própria, desejarem ir.

Fitaram-no, boquiabertos, como ovelhas perturbadas durante o pastoreio. Ele teve uma vontade súbita e perturbadora de rir, imediatamente contida.

— Iremos como milícia, mas eu não os comandarei. — Particularmente, ele duvidava que pudesse comandar mais do que um punhado deles agora, mas podia mostrar que concordava com isso.

A maioria ainda piscava para ele, sem compreender, mas um ou dois conseguiu recobrar o domínio próprio.

— Você se declara um rebelde, Mac Dubh? — Era Murdo, que Deus o abençoasse. Fiel como um cachorro, mas de raciocínio muito lento.

Com ele, era preciso que as coisas fossem colocadas da maneira mais simples possível, mas, uma vez compreendido, lidava tenazmente com o assunto.

— Sim, Murdo. Eu sou um rebelde. Assim como será qualquer homem que marche comigo.

Isso causou uma grande dose de murmúrios, olhares de dúvida. Aqui e ali na multidão, ele ouviu a palavra "juramento" e preparou-se para a pergunta óbvia.

Mas ficou surpreso ao ver quem levantara a questão. Arch Bug empertigou-se, alto e severo.

— Você fez um juramento ao rei, Seaumais mac Brian — ele disse, a voz inesperadamente aguda. — Assim como todos nós.

Houve um murmúrio de concordância e os rostos voltaram-se para ele, os cenhos franzidos, inquietos. Ele respirou fundo e sentiu um nó no estômago. Mesmo agora, sabendo o que sabia, e

ciente também da imoralidade de um juramento forçado, quebrar sua palavra abertamente fazia-o sentir como se tivesse pisado em um degrau que não estava lá.

— Assim como todos nós — ele concordou. — Mas foi um juramento a que fomos obrigados como prisioneiros, não foi a palavra de honra de um homem.

Isso era evidentemente verdade; ainda assim, era um juramento, e os escoceses das Highlands não tratavam nenhum juramento levianamente.

Que eu possa morrer e ser enterrado longe dos meus... Juramento ou não, pensou implacavelmente, essa era provavelmente a sorte que teriam.

— Mas mesmo assim era um juramento, senhor — disse Hiram Crombie, os lábios apertados. — Nós juramos perante Deus. Está nos pedindo para deixar isso de lado? — Diversos presbiterianos murmuraram em aquiescência, aproximando-se de Crombie em demonstração de apoio.

Ele respirou fundo novamente, sentindo sua barriga se contrair.

— Não peço nada. — E sabendo muito bem o que sabia, de certa forma desprezando-se por isso, recorreu às antigas armas da retórica e do idealismo. — Eu disse que o juramento de lealdade ao rei foi um juramento extorquido, não dado. Tal juramento não tem valor, pois nenhum homem jura livremente se ele próprio não for livre.

Ninguém gritou em protesto, de modo que ele continuou, a voz alta para ser ouvida, mas sem gritar.

— Vocês conhecem a Declaração de Arbroath, não? Há quatrocentos anos, foram nossos antepassados que juraram sobre estas palavras: "... ainda que só restem cem de nós vivos, nunca, sob nenhuma condição, aceitaremos o domínio inglês." — Parou para firmar a voz, depois continuou. "Não lutamos por glórias, riquezas

ou honrarias, mas pela liberdade — apenas por ela um homem honesto só desiste com sua própria vida." Parou de repente. Não pelo efeito de suas palavras sobre os homens a quem se dirigia, mas por causa das próprias palavras — pois, ao pronunciá-las, ele se vira inesperadamente cara a cara com sua própria consciência.

Até este ponto, ele tivera dúvidas sobre as justificativas da revolução, e mais ainda de seus propósitos; ele fora compelido ao palanque dos rebeldes por causa do que Claire, Brianna e Roger Mac haviam lhe contado. Mas, ao proferir as palavras antigas, encontrou a convicção que achava fingir — e foi fulminado pelo pensamento de que ele realmente iria lutar por algo mais do que o bem-estar de sua própria família.

E vocês vão acabar igualmente mortos no final, ele pensou, resignado.

Não suponho que doa menos saber que é por uma boa causa — mas talvez assim seja.

— Partirei em uma semana — ele disse serenamente, e deixou-os fitando suas costas.

Ele esperava que seus homens de Ardsmuir viessem: os três irmãos Lindsay, Hugh Abernathy, Padraic MacNeill e o resto. Não esperados, mas alegremente recebidos, foram Robin McGillivray e seu filho, Manfred.

Ute McGillivray o perdoara, ele viu, achando graça. Além de Robin e Freddie, quinze homens das proximidades de Salem tinham vindo, todos parentes da terrível Frau.

No entanto, uma grande surpresa foi Hiram Crombie, o único da comunidade de pescadores que decidira se unir a ele.

— Rezei muito para decidir — Hiram informou-o, conseguindo parecer mais piedosamente amargo do que o normal — e acredito que você tenha razão em relação ao juramento. Acho que vai fazer todos nós sermos enforcados e nossas casas incendiadas, mas irei mesmo assim.



O resto, com muitos resmungos e discussões, não veio. Não os censurava. Tendo sobrevivido às consequências de Culloden, à perigosa viagem para as colônias e às privações do exílio, a última coisa que uma pessoa sensata poderia querer seria pegar em armas contra o rei.

Entretanto, a maior surpresa esperava-o quando sua pequena companhia atravessou Cooperville e entrou na estrada que levava para o sul.

Uma companhia de mais de quarenta homens aguardava na encruzilhada. Ele aproximou-se cautelosamente e um único homem destacou-se do grupo e emparelhou com ele — Richard Brown, pálido e sombrio.

— Ouvi dizer que está indo para Wilmington — Brown disse sem preâmbulos. — Se estiver de acordo, meus homens e eu iremos com você.

— Tossiu e acrescentou: — Sob seu comando, sem dúvida.

Atrás dele, ouviu um pequeno "Hum!" de Claire, e reprimiu um sorriso. Ele tinha plena consciência da falange de olhos estreitados às suas costas. Seus olhos encontraram os de Roger Mac e seu genro fez um pequeno sinal de aprovação com a cabeça. A guerra fazia estranhos companheiros; Roger Mac sabia disso tanto quanto ele — e quanto a ele próprio, havia lutado com gente pior do que Brown, durante o Levante.

— Sejam bem-vindos, então — ele disse, com uma ligeira inclinação em sua sela. — Você e seus homens.

Encontramos outra unidade de milícia perto de um lugar chamado Moore's Creek e acampamos com eles sob os pinheiros. Tinha havido uma forte chuva de granizo no dia anterior e o chão estava coberto de galhos caídos, alguns do diâmetro da minha cintura. Tornava a viagem mais difícil, mas tinha suas vantagens, no que dizia respeito a fazer fogueiras.

Eu atirava uma vasilha apressadamente montada de ingredientes na panela para um ensopado — lascas de presunto, com ossos, feijões, arroz, cebolas, cenouras, pão dormido esfarelado — e ouvia o comandante da outra milícia, Robert Borthy, relatar a Jamie — com considerável frivolidade — a situação do Regimento de Emigrantes das Highlands, como nossos adversários eram formalmente conhecidos.

— Não pode haver mais do que quinhentos ou seiscentos, ao todo — ele dizia com desdém. — O velho MacDonald e seus auxiliares têm tentado arrebanhá-los do interior da colônia há meses e acho que o esforço tem sido como pegar água com uma peneira.

Em certa ocasião, Alexander McLean, um dos ajudantes do general, marcara um local de encontro, convocando todos os escoceses das Highlands e os irlandeses-escoceses das vizinhanças a comparecerem — astutamente providenciando um barril de bebida como meio de persuasão.

De fato, cerca de quinhentos homens compareceram — mas assim que a bebida acabou, dispersaram-se outra vez, deixando McLean sozinho, e completamente perdido.

— O pobre homem ficou vagando por quase dois dias, procurando a estrada, até alguém ter pena dele e o levar de volta à civilização. — Borthy, um caipira alegre e cordial com uma espessa barba castanha, riu desbragadamente com a história e aceitou uma caneca de cerveja com muitos agradecimentos antes de prosseguir viagem.

— Só Deus sabe onde o resto deles está agora. Ouvi dizer que a maior parte das tropas que o Velho MacDonald tem agora é formada principalmente de emigrantes recém-chegados, o governador os fez jurar pegar em armas para defender a colônia antes de lhes conceder terras. A maioria dos coitados acabou de sair

do navio da Escócia e não sabem onde é o norte ou o sul, muito menos onde é que estão.

— Oh, eu sei onde eles estão, ainda que eles não saibam. — Ian entrou na luz da fogueira, sujo, mas alegre. Ele andara levando comunicados oficiais de uma para outra das diversas companhias de milícias que convergiam para Wilmington, e sua declaração causou uma onda de grande interesse.

— Onde? — Richard Brown inclinou-se para frente na luz do fogo, o rosto estreito ávido e astuto.

— Eles estão descendo a estrada Negro Head Point, marchando como um regimento de verdade — Ian disse, deixando-se cair com um pequeno gemido sobre um toco rapidamente oferecido. — Tem alguma coisa quente aí para eu beber, tia? Estou gelado e com sede.

Havia um líquido escuro horrível chamado de "café" por cortesia, e feito da fervura de bolotas de carvalho queimadas. Servi-lhe uma caneca, um pouco em dúvida, mas ele consumiu a bebida com aparente prazer, enquanto narrava os resultados de suas expedições.

— Eles pretendiam dar a volta pelo oeste, mas os homens do coronel Howe chegaram lá primeiro e barraram a passagem deles. Assim, eles seguiram em frente, pretendendo cruzar o rio no vau, mas o coronel Moore acelerou seus homens e marcharam a noite inteira para impedi-los.

— Eles não tentaram entrar em combate nem com Howe, nem com Moore? — Jamie perguntou, franzindo o cenho. Ian sacudiu a cabeça e engoliu o resto do seu café de bolotas de carvalho.

— Nem chegaram perto. O coronel Moore disse que não pretendiam entrar em combate enquanto não chegassem a Wilmington; estão esperando reforços lá.

Troquei um olhar com Jamie. Os reforços esperados eram provavelmente as tropas regulares britânicas, prometidas pelo general Gage. Mas um cavaleiro de Brunswick que encontráramos na noite anterior nos dissera que nenhum navio havia chegado quando ele saiu da costa, há quatro dias. Se houvesse reforços aguardando-os, teriam que vir dos legalistas locais, e pelos diversos boatos e relatos que havíamos ouvido até então, os legalistas locais eram uma vara fraca na qual se apoiar.

— Muito bem, então. Eles estão interceptados dos dois lados, certo? Estão avançando diretamente pela estrada... devem chegar à ponte amanhã à noite.

— A que distância fica, Ian? — Jamie perguntou, estreitando os olhos pela paisagem de pinheiros. As árvores eram muito altas e as savanas sob eles descampadas... bastante boas para cavalgar.

— Talvez meio dia a cavalo.

— Ótimo. — Jamie relaxou um pouco e pegou sua própria caneca da vil infusão. — Temos tempo para dormir primeiro, então.

Alcançamos a ponte de Moore's Creek por volta do meio-dia no dia seguinte e nos juntamos à companhia comandada por Richard Caswell, que cumprimentou Jamie com satisfação.

O regimento das Highlands não estava à vista, mas emissários chegavam regularmente, informando seu movimento resolutivo pela estrada Negro Head Point — uma larga via de carroças que levava diretamente à sólida ponte de tábuas sobre o Widow Moore's Creek.

Jamie, Caswell e vários outros comandantes caminhavam para cima e para baixo ao longo da margem do rio, apontando para a ponte e outros pontos da borda. O riacho atravessava uma área de terreno pantanoso e traiçoeiro, com ciprestes erguendo-se da água e da lama. Mas o riacho propriamente dito aprofundava-se, à medida que se estreitava — um fio de prumo que alguma alma curiosa soltara na água a partir da ponte dizia que ele tinha quatro metros e

meio de profundidade naquele ponto — e a ponte era o único lugar viável para um exército de qualquer tamanho atravessar.

O que explicava muito do silêncio de Jamie durante o jantar. Ele ajudara a erguer uma pequena fortificação de terra na outra extremidade do riacho, e suas mãos estavam sujas de barro — e gordura.

— Caswell e os outros têm canhões — ele disse serenamente, vendo-me olhar para a sujeira em suas mãos. Limpou-as distraidamente nas calças, já bastante imundas. — Dois pequenos, da cidade, mas canhões ainda assim. — Olhou na direção da ponte e fez uma leve careta.

Eu sabia o que ele estava pensando — e por quê.

Você estava atrás dos canhões em Culloden, Donald, ele dissera ao major. Eu estava na frente deles. Com uma espada na mão. As espadas eram as armas naturais dos escoceses das Highlands — e para a maioria, provavelmente a única. Pelo que soubemos, o general MacDonald conseguira reunir apenas uma pequena quantidade de mosquetes e pólvora; a maior parte de suas tropas estava armada com espadas de lâmina larga e escudos. E estavam marchando diretamente para uma emboscada.

— Oh, meu Deus — Jamie disse, tão baixinho que eu mal pude ouvi-lo. — Os pobres tolos. Os pobres tolos valentes.

A situação tornou-se ainda pior — ou muito melhor, dependendo do ponto de vista — quando a noite começou a cair. A temperatura se elevara desde a chuva de granizo, mas o terreno estava encharcado; a umidade erguia-se dele durante o dia, mas quando a noite chegava, se condensava como uma névoa tão densa que até mesmo as fogueiras do acampamento mal eram visíveis, cada qual brilhando como uma brasa quase extinta na bruma.

A agitação percorria a milícia como uma febre transmitida por mosquito, conforme as novas condições ensejavam novos planos.

— Agora — Ian disse suavemente, surgindo do nevoeiro como um fantasma ao lado de Jamie. — Caswell está pronto.

Nossos suprimentos já estavam empacotados; carregando armas, pólvora e alimentos, oitocentos homens, juntamente com uma quantidade não contabilizada de pessoas que acompanham uma unidade militar, como eu mesma, seguiram silenciosamente pela névoa na direção da ponte, deixando as fogueiras acesas atrás de nós.

Eu não sabia exatamente onde as tropas de MacDonald estavam neste momento — podiam ainda estar na estrada de carroças ou podiam ter cautelosamente feito um desvio, vindo para a beira do pântano para fazer um reconhecimento do território. Boa sorte para eles nesse caso, pensei.

Minhas próprias entranhas estavam apertadas de tensão quando atravessei cautelosamente a ponte; era tolice andar na ponta dos pés, mas eu relutava em pisar com firmeza — o nevoeiro e o silêncio transmitiam uma necessidade de discrição e dissimulação.

Dei uma topada em uma tábua irregular e me projetei para frente, mas Roger, caminhando ao meu lado, segurou-me pelo braço e me endireitou.

Apertei seu braço e ele sorriu debilmente, o rosto quase invisível através da névoa, embora não estivesse a mais do que um passo de distância.

Ele sabia quase tanto quanto Jamie, o resto fazia o que era decidido.

Entretanto, eu sentia uma enorme agitação nele, misturada a pavor. Era, afinal, sua primeira batalha.

Uma vez do outro lado, dispersamo-nos para fazer novos acampamentos na colina acima da proteção de terra que os homens haviam erguido a cem metros do rio. Passei suficientemente perto dos canhões para ver seus canos longos, enfiando-se

inquisitivamente pela neblina: Mãe Covington e sua filha, era como os homens chamavam os canhões — perguntei-me absortamente qual seria a mãe e qual seria a filha, e quem deveria ter sido a mãe Covington original. Uma senhora assustadora, eu presumia — ou possivelmente a proprietária do bordel local.

Era fácil encontrar lenha para as fogueiras; a chuva de granizo havia se estendido aos pinheiros perto do rio também. Estava, entretanto, terrivelmente úmida, e eu não estava disposta a passar uma hora de joelhos com uma caixa de pederneira e isca. Felizmente, ninguém podia ver o que eu estava fazendo naquele nevoeiro denso e eu furtivamente retirei uma latinha com os fósforos de Brianna de meu bolso.

Eu soprava os gravetos quando ouvi uma série de rangidos estranhos e lacerantes da direção da ponte. Ajoelhei-me, ereta, olhando para baixo da colina. Não podia ver nada, é claro, mas compreendi quase imediatamente que era o som de pregos cedendo conforme as tábuas eram arrancadas — estavam retirando a ponte.

Pareceu que muito tempo se passou até Jamie vir ao meu encontro.

Ele recusou comida, mas sentou-se apoiado contra uma árvore e fez sinal para eu ir me juntar a ele. Sentei-me entre seus joelhos e apoiei-me nele, satisfeita com seu calor; a noite estava fria, com uma umidade que penetrava até os ossos.

— Certamente verão que não há mais ponte, não? — eu disse, após um longo silêncio repleto da miríade de ruídos dos homens trabalhando lá embaixo.

— Não se a névoa durar até o amanhecer, e vai durar. — Jamie parecia resignado, porém mais sereno do que antes. Ficamos sentados juntos por algum tempo, observando as chamas brincarem no nevoeiro... uma visão estranha, já que o fogo parecia tremeluzir e misturar-se à névoa, as chamas estendendo-se

estranhamente para o alto, desaparecendo em um redemoinho branco.

— Acredita em fantasmas, Sassenach? — Jamie perguntou de repente.

— Hã... bem, sem querer exagerar, sim — eu disse.

Ele sabia que eu acreditava porque eu lhe contara meu encontro com o índio que tinha o rosto pintado de preto. Eu sabia que ele também acreditava... ele era das Highlands. — Por quê? Viu algum?

Sacudiu a cabeça, envolvendo-me mais fortemente em seus braços.

— Não posso dizer que "vi" — ele disse, pensativo. — Mas aposto como ele está lá.

— Quem? — eu disse, um pouco espantada.

— Murtagh — ele disse, surpreendendo-me ainda mais. Ajeitou-se mais confortavelmente, encaixando-me melhor contra ele. — Desde que o nevoeiro começou, tenho tido a estranha sensação de que ele está por perto, ao meu lado.

— É mesmo? — Isso era fascinante, mas me deixava inquieta.

Murtagh, o padrinho de Jamie, tinha morrido em Culloden e, até onde eu soubesse, não se manifestara desde então. Eu não duvidava de sua presença; ele possuía uma personalidade extremamente forte, ainda que austera, e se Jamie dizia que ele estava ali, era muito provável que estivesse.

O que me deixava inquieta era a contemplação do motivo para ele estar ali.

Concentrei-me por algum tempo, mas não senti a presença do pequeno e severo escocês. Evidentemente, ele só estava interessado em Jamie. Isso me assustava.

Embora a conclusão da batalha do dia seguinte estivesse decidida de antemão, uma batalha era uma batalha e homens



podiam ser mortos no lado vencedor também. Murtagh fora o padrinho de Jamie e levava a sério seu dever como tal. Eu sinceramente esperava que ele não tivesse ouvido falar que Jamie estava prestes a ser morto e aparecera para conduzi-lo ao céu — visões na véspera de uma batalha eram um ocorrência bem comum no folclore das Highlands, mas Jamie dissera que ele não vira Murtagh. Já era alguma coisa, eu imaginava.

— Ele, hã, não disse nada a você, disse?

Jamie sacudiu a cabeça, parecendo não ter se deixado abalar por essa visita espectral.

— Não, ele simplesmente... está presente. — Ele na realidade parecia achar essa presença um conforto, e assim não externei minhas próprias dúvidas e temores. Mas eu os tinha, ainda assim, e passei o resto da curta noite abraçada ao meu marido, como se desafiasse Murtagh ou qualquer outra pessoa a tirá-lo de mim.

*OS FANTASMAS DE CULLODEN*

Quando amanheceu, Roger se postou atrás da baixa fortificação de terra, ao lado de seu sogro, mosquete na mão, franzindo os olhos para ver através da névoa. Os sons de um exército chegavam até ele com clareza; sons carregados através do nevoeiro. As batidas compassadas de pés, embora não estivessem marchando sincronizadamente. O clangor de metais e o farfalhar de roupas. Vozes — os gritos de oficiais, pensou, começando a reorganizar as tropas.

A essa altura, já teriam encontrado os acampamentos abandonados; saberiam que o inimigo agora estava do outro lado do rio.

O cheiro de sebo era forte no ar; os homens de Alexander Lillington haviam engordurado as vigas de suporte, depois que as tábuas foram removidas. Parecia que agarrava sua arma há horas, mas o metal ainda estava frio em sua mão — seus dedos estavam rígidos.

— Está ouvindo os gritos? — Jamie balançou a cabeça na direção da névoa que escondia a margem oposta. O vento mudara de direção; não mais do que expressões desconexas em gaélico vinham do outro lado dos fantasmagóricos troncos de ciprestes, e eu não conseguia entender nada.

Jamie, sim.

— Quem quer que os esteja liderando, e acho que é McLeod, pela voz, pretende avançar pelo riacho — ele disse.

— Mas isso é suicídio! — Roger exclamou. — Certamente eles sabem... certamente alguém viu a ponte? — São homens das Highlands — Jamie disse, ainda serenamente, os olhos fixos na vareta de sua arma. — Eles seguirão o homem a quem juraram lealdade, mesmo que ele os conduza para a morte.

Ian estava ali perto; olhou rapidamente para Roger, depois por cima do ombro dele, onde estavam Kenny e Murdo Lindsay com Ronnie Sinclair e os McGillivray. Permaneciam descontraidamente juntos, mas cada mão tocava um mosquete ou rifle, e a cada instante seus olhos dardejavam na direção de Jamie.

Eles haviam se juntado aos homens do coronel Lillington neste lado do riacho; Lillington andava entre os homens, os olhos correndo de um lado para o outro, avaliando o estado de prontidão da tropa.

Lillington parou bruscamente ao ver Jamie e Roger sentiu um aperto na boca do estômago. Randall Lillington fora primo em segundo grau do coronel.

Alexander Lillington não era um homem de esconder seus pensamentos; ele obviamente percebera que seus próprios homens estavam a doze metros de distância e que os homens de Jamie estavam entre ele e seus homens. Seus olhos dardejaram na direção da névoa, onde os gritos de Donald McLeod eram respondidos por crescentes urros dos escoceses que o acompanhavam, depois novamente para Jamie.

— O que ele diz? — Lillington quis saber, erguendo-se na ponta dos pés e franzindo a testa na direção da margem distante, como se a concentração pudesse lhe dar o significado.

— Ele diz a eles que a coragem triunfará. — Jamie olhou para o topo da elevação atrás deles. A tromba longa e negra de Mãe

Covington mal podia ser vislumbrada através da névoa. Gostaria que assim fosse, disse baixinho em gaélico.

Alexander Lillington estendeu o braço subitamente e agarrou o pulso de Jamie.

— E o senhor? — ele disse, a desconfiança clara nos olhos e na voz.

— O senhor também não é escocês das Highlands?

A outra mão de Lillington estava na pistola em seu cinto. Roger sentiu a conversa descontraída entre os homens atrás dele parar de repente e olhou para trás. Todos os homens de Jamie observavam, com expressão de grande interesse, mas de nenhum alerta em especial. Evidentemente, achavam que Jamie podia lidar com Lillington sozinho.

— Eu lhe pergunto, senhor: a quem pertence sua lealdade?

— Onde estou posicionado, senhor? — Jamie disse com elaborada educação. — Neste lado do riacho, ou naquele? Alguns homens esboçaram um sorriso, mas se abstiveram de rir acintosamente; a questão da lealdade ainda era delicada e nenhum homem a colocaria em risco sem necessidade.

A mão de Lillington em seu pulso relaxou, mas ainda não o soltou, embora aceitasse a declaração de Jamie com um sinal da cabeça.

— Muito bem. Mas como vamos saber que não pretende se voltar contra nós no meio da batalha? Porque você é das Highlands, não é? E seus homens? — Sim, sou um escocês das Highlands — Jamie disse sem se alterar.

Olhou mais uma vez para a margem distante, onde lampejos ocasionais de tartãs apareciam através da neblina, e depois novamente para ele. Os gritos ecoavam da névoa. — E sou pai e senhor de americanos. — Retirou seu pulso da mão de Lillington.

— E lhe dou licença, senhor — continuou no mesmo tom, erguendo seu rifle e colocando-o de pé sobre a coronha —, para ficar atrás de mim e atravessar meu coração com sua espada se eu atingir o alvo errado.

Com isso, deu as costas a Lillington e carregou sua arma, calcando a bala, a bucha e a pólvora com grande precisão.

Uma voz gritou da névoa e cem outras gargantas repetiram o grito em gaélico. — REI JORGE E ESPADAS LARGAS!

O último ataque dos homens das Highlands havia começado.



Eles irromperam do meio da neblina a uns cem metros da ponte, urrando, e seu coração deu um salto no peito. Por um instante — apenas por um instante — sentiu que corria com eles e o vento batia em sua camisa, frio em seu corpo.

Mas ele permaneceu imóvel, Murtagh a seu lado, olhando cinicamente. Roger Mac tossiu e Jamie levou o rifle ao ombro, aguardando.

— Fogo! — A saraivada de balas atingiu-os antes de alcançarem a ponte destruída; meia dúzia tombou na estrada, mas os outros continuaram em frente. Em seguida, os canhões dispararam do alto da colina, primeiro um, depois o outro, e o abalo da descarga foi como um empurrão em suas costas.

Ele atirara com a saraivada, mirando acima de suas cabeças. Agora, girou o rifle para baixo e puxou a vareta. Havia gritaria dos dois lados, os gritos agudos dos feridos e os berros mais fortes da batalha.

— A righ! A righ! — O rei!

O rei! McLeod estava na ponte; ele fora atingido, havia sangue em seu casaco, mas ele brandiu a espada e o escudo, correndo pela ponte, fincando a espada na madeira para se firmar.

O canhão disparou outra vez, mas foi apontado muito para cima; a maior parte dos adversários havia descido e se amontoado na margem do rio — alguns estavam na água, agarrados aos esteios da ponte, avançando pouco a pouco. Outros estavam nas vigas, escorregando, usando a espada como McLeod para manter o equilíbrio.

— Fogo! — e ele disparou, fumaça de pólvora misturando-se ao nevoeiro. O canhão tinha alcance, primeiro um, depois o outro, e ele sentiu a explosão empurrá-lo, como se o disparo o tivesse atravessado. A maioria dos que estavam na ponte agora estava na água, outros se atiraram deitados sobre as vigas, tentando atravessar se arrastando pelas vigas da ponte, apenas para serem atirados para fora pelos mosquetes, cada homem disparando da fortificação segundo sua vontade.

Ele carregou, e disparou.

Lá está ele, disse uma voz, desapaixonada; não tinha nenhuma ideia se a voz era dele ou de Murtagh.

McLeod estava morto, seu corpo flutuando no rio por um instante antes do peso da água negra puxá-lo para baixo. Muitos homens se debatiam naquelas águas — o rio era fundo ali, e mortalmente frio. Poucos sabiam nadar.

Avistou Allan MacDonald, marido de Flora, pálido e olhando fixamente para a multidão em terra.

O major Donald MacDonald debatia-se, erguendo-se parcialmente para fora da água. Sua peruca se fora e sua cabeça estava desprotegida e ferida, o sangue escorrendo do couro cabeludo pelo seu rosto. Seus dentes estavam à mostra, cerrados de dor ou ferocidade, não dava para saber.

Outro tiro atingiu-o e ele caiu espadanando água — mas ergueu-se outra vez, devagar, e em seguida lançou-se para frente em águas profundas demais para alguém ficar em pé, mas se levantou mais uma vez, espalhando água freneticamente, borrifando sangue de sua boca ferida no esforço para respirar.

Que seja você, então, rapaz, disse a voz desapaixonada. Ele ergueu o rifle e atirou em MacDonald certamente na garganta. Ele caiu para trás e afundou no mesmo instante.

Tudo terminou em alguns minutos, o nevoeiro denso de fumaça de pólvora, o riacho negro asfixiado de mortos e moribundos.

— Rei Jorge e espadas largas, hein? — Caswell disse, impassivelmente inspecionando os estragos. — Espadas largas contra canhões. Pobres coitados.

Do outro lado, tudo era confusão. Os que não haviam caído da ponte fugiam. Os homens neste lado do rio já carregavam as madeiras para consertar a ponte. Os que batiam em retirada não iriam muito longe.

Ele devia ir também, convocar seus homens para ajudar a perseguição. Mas permaneceu onde estava como se tivesse se transformado em pedra, o vento frio zumbindo em seus ouvidos.

Jack Randall permanecia imóvel. Sua espada estava na mão, mas ele não fazia nenhum esforço para erguê-la. Apenas ficou ali parado, aquele estranho sorriso nos lábios, os olhos escuros fixos nos de Jamie.

Se ele pudesse quebrar aquele olhar... mas não podia, e assim percebeu um movimento atrás de Randall. Murtagh, correndo, levantando tufos de grama como um carneiro. E o brilho da espada de seu padrinho — ele vira isso ou simplesmente imaginara? Não importava; soubera sem sombra de dúvida pela inclinação do braço de Murtagh, e vira antes de acontecer o golpe

fatal elevar-se na direção das costas vestidas de vermelho do capitão.

Mas Randall girou nos calcanhares, avisado talvez por alguma mudança em meus olhos, o soluço da respiração de Murtagh — ou apenas pelo instinto de um soldado. Tarde demais para evitar a estocada, mas a tempo de fazer a adaga errar o alvo fatal de seu rim. Randall soltara um grunhido com o golpe — Deus, ele podia ouvi-lo — e saltara abruptamente para o lado, cambaleando, mas virando-se enquanto caía, agarrando o pulso de Murtagh, arrastando-o para baixo com uma chuva de borrifos da tojeira molhada onde caíram.

Haviam rolado para dentro de um barranco, engalfinhados, lutando, e ele se atirara pelo meio das plantas aderentes atrás deles, uma arma — o que, o que ele segurava? — na mão.

Mas a sensação da arma desaparecia contra sua pele; sentia o peso da arma em sua mão, mas não sentia a forma do cabo ou do gatilho para lembrá-lo, e ela desapareceu de sua mente outra vez.

Deixando-o com aquela única imagem: Murtagh. Murtagh, os dentes cerrados e arreganhados enquanto golpeava. Murtagh, correndo, vindo salvá-lo.

Aos poucos, percebeu onde se encontrava. A mão de alguém tocava seu braço — Roger Mac, lívido, mas firme.

— Vou cuidar deles — Roger Mac disse, com um breve sinal da cabeça na direção do riacho. — Você está bem? — Sim, claro — ele disse, embora com a sensação que tão frequentemente sentia ao acordar de um sonho... como se ele na realidade não fosse inteiramente real.

Roger Mac balançou a cabeça e virou-se para se afastar. Então, repentinamente, virou-se e, colocando a mão novamente no braço de Jamie, disse à meia-voz: — Ego te absolvo.

Em seguida, virou-se outra vez e saiu resolutamente para cuidar dos que estavam à morte e abençoar os mortos.



# PARTE DOZE



*O TEMPO NÃO SERÁ NOSSO PARA SEMPRE*



AMANDA

*De I'OIGNON-INTELLIGENCER, 15 de maio de 1776*

**INDEPENDENCE!**

*Na esteira da famosa vitória na ponte de Moore's Creek, o IV Congresso da Província da Carolina do Norte votou pela adoção das Resoluções de Halifax. Tais resoluções autorizam delegados do Congresso Continental a cooperar com os outros delegados das outras colônias na declaração de Independência e formação de alianças estrangeiras, reservando a esta colônia o direito único e exclusivo de formar uma constituição e leis para esta colônia, e, pela aprovação das Resoluções de Halifax, a Carolina do Norte se torna a primeira colônia a oficialmente endossar a Independência.*



*O PRIMEIRO NAVIO de uma frota comandada por sir Peter Parker chegou à foz do rio Cape Fear, no dia 18 de abril. A frota consiste em nove navios no total e traz tropas britânicas*

*para pacificar e unir a colônia, segundo o governador Josiah Martin.*



*ROUBADOS: Bens no valor total de vinte e seis libras, dez xelins e quatro pennies, retirados do armazém do sr. Neil Forbes em Water Street.*

*Os ladrões abriram um buraco nos fundos do armazém durante a noite de 12 de maio e levaram as mercadorias em uma carroça. Dois homens, um branco e um negro, foram vistos se afastando em uma carroça puxada por mulas baias. Qualquer notícia referente a esse crime atroz será generosamente recompensada. Procurar o sr. W. Jones, aos cuidados de Gaivota e Ostra, na Praça do Mercado.*



*NASCEU a filha do capitão Roger MacKenzie de Fraser's Ridge, e sua esposa, no dia 21 de abril. Mãe e filha passam bem, tendo a criança recebido o nome de Amanda Claire Hope MacKenzie.*



Roger nunca se sentira tão aterrorizado como no momento em que sua filha recém-nascida foi colocada nos seus braços pela primeira vez.

Com apenas alguns minutos de vida, a pele macia e perfeita como a de uma orquídea, ela era tão delicada que ele temia deixar marcas de seus dedos nela — mas tão sedutora que ele precisava

tocá-la, passando as costas da articulação de seu dedo delicadamente, muito delicadamente, pela curva perfeita de sua bochechinha gorducha, afagando a teia sedosa e negra de seus cabelos com o indicador, incrédulo.

— Ela se parece com você. — Brianna, suada, desalinhada, esvaziada, e tão bela que ele quase não conseguia suportar olhar para ela, recostava-se nos travesseiros com um sorriso que ia e vinha como o do gato de Cheshire: nunca inteiramente ausente, apesar de desvanecer de vez em quando, de cansaço.

— É mesmo? — Estudava o rostinho com absoluta concentração.

Não em busca de nenhum traço de si mesmo, mas apenas porque não conseguia tirar os olhos dela.

Ele passara a conhecê-la profundamente durante os meses em que era subitamente acordado por chutes e empurrões, em que observava o volume líquido da barriga de Brianna, sentia o bebê intumescer e retrair-se sob suas mãos enquanto permanecia deitado ao lado de sua mulher, segurando seu ventre e pilheriando.

Mas ele a conhecia como Pequeno Otto, o nome que haviam dado à criança antes de nascer. Otto tinha uma personalidade distinta e, por um instante, sentiu uma ridícula pontada de sensação de perda, ao perceber que Otto se fora. Este ser minúsculo, delicado, era alguém inteiramente novo.

— Ela é Marjorie, você acha? — Bri erguia a cabeça, espreitando a trouxinha enrolada em um cobertor. Haviam discutido nomes durante meses, fazendo listas, argumentando, rindo das escolhas um do outro, escolhendo coisas ridículas como Montgomery ou Agatha. Por fim, decidiram que se fosse um menino o nome seria Michael; se fosse menina, Marjorie, como a mãe de Roger.

Sua filha abriu os olhos de repente e olhou para ele. Eram olhos rasgados; imaginou se continuariam assim, como os da mãe.

Uma espécie de azul suave, como o céu no meio da manhã; nada extraordinário, olhando-se de relance, mas quando olhava diretamente dentro deles... vastos, ilimitados.

— Não — ele disse suavemente, fitando aqueles olhos. Ela já conseguiria vê-lo?, perguntava-se.

— Não — disse outra vez. — O nome dela é Amanda.

No começo, eu não disse nada. Era algo comum em recém-nascidos — especialmente bebês nascidos um pouco prematuramente, como Amanda nascera — nada com que se preocupar.

O ductus arteriosus é um pequeno vaso sanguíneo que no feto liga a aorta com a artéria pulmonar. Os bebês têm pulmões, é claro, mas antes do nascimento não os usam; todo o seu oxigênio vem da placenta, via cordão umbilical. Por conseguinte, não há necessidade de o sangue circular para os pulmões, a não ser para nutrir o tecido em desenvolvimento — e assim o ductus arteriosus se desvia da circulação pulmonar.

Ao nascer, entretanto, o bebê respira pela primeira vez e os sensores de oxigênio nesse pequeno vaso o fazem se contrair — e se fechar permanentemente. Com o ductus arteriosus fechado, o sangue parte do coração para os pulmões, recolhe oxigênio e volta para ser bombeado para o resto do corpo. Um sistema perfeito e sofisticado — salvo que nem sempre funciona adequadamente.

O ductus arteriosus nem sempre se fecha. Se isso acontece, o sangue continua a fluir para os pulmões, é claro, mas o desvio continua lá. Em alguns casos, vai sangue demais para os pulmões, inundando-os. Os pulmões incham, ficam congestionados e, com fluxo de sangue desviado para o corpo, há problemas de oxigenação — que podem se tornar agudos.

Movi meu estetoscópio sobre o minúsculo peito, o ouvido pressionado contra ele, ouvindo atentamente. Era meu melhor estetoscópio, um modelo do século XIX chamado Pinard — um

sino com um disco achatado em uma das extremidades, ao qual eu pressionava meu ouvido. Eu tive um de madeira; este era feito de estanho; Brianna o fizera para mim, fundido em molde de areia.

Entretanto, na realidade, o murmúrio era tão distinto que eu achava que nem precisaria de um estetoscópio. Não um estalido ou uma batida irregular, não uma pausa longa demais ou o sussurro de um vazamento — havia inúmeros sons estranhos que um coração podia fazer e a auscultação era o primeiro passo do diagnóstico. Defeitos auriculares, defeitos abdominais, válvulas defeituosas — todos têm murmúrios específicos, alguns ocorrendo entre os batimentos cardíacos, outros se misturando aos sons do coração.

Quando o ductus arteriosus não fecha, diz-se que está "patente" — aberto. Um ductus arteriosus patente produz um contínuo murmúrio suave, mas audível com uma pequena concentração, particularmente nas regiões cervical e supraclavicular.

Pela centésima vez em dois dias, inclinei-me bem perto, o ouvido pressionado ao Pinard enquanto o movia pelo peito e pescoço de Amanda, esperando que o som tivesse desaparecido.

Não tinha.

— Vire a cabeça, amorzinho, sim, isso mesmo... — falei num sussurro, delicadamente virando sua cabeça, o Pinard pressionado contra o lado de seu pescoço. Era difícil colocar o estetoscópio em seu pescoço minúsculo e rechonchudo... pronto. O murmúrio aumentou. Amanda fez um ruído que soou como uma risadinha. Virei sua cabeça para o outro lado — o som diminuiu.

— Oh, maldição — eu disse baixinho, para não assustá-la. Larguei o Pinard e peguei-a no colo, aconchegando-a contra meu ombro.

Estávamos sozinhas; Brianna subira para o meu quarto para tirar um cochilo, e todos os demais estavam fora.

Carreguei-a para a janela do consultório e olhei para fora; era um belo dia de primavera na montanha. As cambaxirras estavam fazendo ninhos sob o beiral do telhado outra vez; podia ouvi-las acima de mim, remexendo-se com pauzinhos, conversando em trinados curtos e nítidos.

— Passarinho — eu disse, os lábios junto à minúscula orelha em forma de concha. — Passarinho barulhento. — Ela contorceu-se preguiçosamente e soltou gases em resposta.

— Certo — eu disse, sorrindo a despeito de mim mesma. Segurei-a um pouco para fora, para poder ver melhor seu rosto. Adorável, perfeito, mas não tão rechonchudo como no dia em que nascera, há uma semana.

Era perfeitamente normal que os bebês perdessem um pouco de peso no começo, eu disse a mim mesma. Era.

Um ductus arteriosus patente pode não apresentar nenhum sintoma além daquele murmúrio estranho e contínuo. Mas pode apresentar. Um caso grave priva a criança do oxigênio necessário; os principais sintomas são pulmonares — respiração sibilante; respiração rápida, superficial; cor doentia — e desenvolvimento ruim, por causa da energia despendida no esforço de obter oxigênio suficiente.

— Deixe a vovó ouvir outra vez — eu disse, deitando-a sobre a colcha que eu estendera sobre a mesa de cirurgia. Ela gorgolejou e chutou quando eu pegava o Pinard e o coloquei sobre seu peito outra vez, movendo-o sobre pescoço, ombro, braço...

— Oh, meu Deus — murmurei, fechando os olhos. — Não permita que seja grave. — Mas o som do murmúrio parecia cada vez mais alto, abafando minhas preces.

Abri os olhos e vi Brianna, parada na porta do consultório.

— Eu sabia que havia alguma coisa errada — ela disse com firmeza, limpando o traseiro de Mandy com um pano úmido antes de colocar outra fralda. — Ela não mama como Jemmy fazia. Age

como se estivesse com fome, mas mama apenas por alguns minutos antes de adormecer. Alguns minutos depois, acorda querendo mamar outra vez.

Sentou-se e ofereceu o peito a Mandy, como se quisesse ilustrar a dificuldade. De fato, o bebê começou a mamar com toda a evidência de que estava faminto. Enquanto Brianna a amamentava, peguei um dos punhos pequeninos, abrindo seus dedos. As unhas tão pequenas estavam levemente tingidas de azul.

— Então — Brianna disse com calma o que acontece agora?  
— Não sei. — Essa era a resposta na maioria dos casos, para dizer a verdade, mas sempre era insatisfatória, e obviamente não menos agora. — Às vezes, não há sintomas, ou apenas alguns insignificantes — eu disse, tentando amenizar a situação. — Se a abertura for muito grande e houver sintomas pulmonares, e nós temos, então... ela pode ficar bem, apenas não se desenvolver direito, não crescer adequadamente, por causa dos problemas de alimentação. Ou — respirei fundo, retesando-me —, ela pode desenvolver insuficiência cardíaca. Ou hipertensão pulmonar, que é a pressão sanguínea muito alta nos pulmões...

— Eu sei o que é — Bri disse, a voz tensa. — Ou?

— Ou endocardite infecciosa. Ou... não.

— Ela vai morrer? — Brianna perguntou diretamente, erguendo os olhos para mim. Seus maxilares estavam cerrados, mas eu vi a maneira como segurou Amanda mais junto ao peito, aguardando uma resposta. Eu não podia lhe dar nada além da verdade.

— Provavelmente. — A palavra pairou no ar entre nós, hedionda. — Não posso dizer com certeza, mas...

— Provavelmente — Brianna repetiu, e eu balancei a cabeça, virando-me, incapaz de olhar seu rosto. Sem recursos modernos como um ecocardiograma, eu obviamente não podia avaliar a extensão do problema.



Mas eu não tinha apenas a prova dos meus olhos e ouvidos, mas o que eu sentira passar de sua pele para a minha... aquela sensação de que havia algo errado, aquela convicção estranha que me domina de vez em quando.

— Você pode operar? — Ouvi o tremor na voz de Brianna e fui imediatamente envolvê-la em meus braços. Sua cabeça estava inclinada sobre Amanda e eu vi as lágrimas caírem, uma, depois outra, escurecendo os cachos ralos no topo da cabeça do bebê.

— Não — sussurrei abraçando as duas ao mesmo tempo. O desespero tomava conta de mim, mas apertei-as com mais força, como se eu pudesse manter o tempo e o sangue a distância. — Não, não posso.

— Bem, não há escolha, há? — Roger sentia-se prematuramente calmo, reconhecendo-a como a calma artificial produzida pelo choque, mas querendo agarrar-se a ela o maior tempo possível. — Você tem que ir.

Brianna olhou-o diretamente nos olhos, mas não respondeu. Sua mão vagou pelo bebê, adormecido em seu colo, alisando o cobertor de lã incessantemente.

Claire lhe explicara tudo, mais de uma vez, pacientemente, vendo que ele não conseguia assimilar. Ele ainda não conseguia acreditar — mas a visão daquelas unhas minúsculas, ficando azuis conforme Amanda se esforçava para sugar, cravou-se nele como as garras de uma coruja.

Era, ela dissera, uma operação simples — em uma sala de cirurgia moderna.

— Você não pode...? — ele perguntara, com um breve gesto na direção do consultório. — Com o éter? Ela fechara os olhos e sacudira a cabeça, com uma expressão quase tão acabrunhada quanto a dele.

— Não. Posso fazer apenas operações simples: hérnias, apêndices, amídalas, e mesmo essas são um risco. Mas algo tão

invasivo, em um corpo tão pequenino... não — ela repetiu, e ele viu resignação em seus olhos quando ela o fitou. — Não. Se ela tiver que viver... vocês têm que levá-la de volta.

E assim começaram a discutir o inconcebível. Porque havia escolhas — e decisões a serem tomadas. Mas o fato básico inalterável era claro.

Amanda tinha que atravessar as pedras — se pudesse.

Jamie Fraser pegou o anel de rubi de seu pai e segurou acima do rosto de sua neta. Os olhos de Amanda fixaram-se instantaneamente na joia e ela colocou a língua para fora com interesse. Ele sorriu, apesar do peso em seu coração, e abaixou o anel para que ela pudesse pegá-lo.

— Ela certamente gosta dele — disse, retirando o anel de sua mãozinha antes que Mandy o levasse à boca. — Vamos experimentar a outra.

A outra era o amuleto de Claire — a minúscula e surrada bolsinha de couro que lhe fora dada por uma índia curandeira havia muitos anos.

Continha uma miscelânea de bugigangas, ervas, ele achava, e penas, talvez os ossos minúsculos de um morcego. Mas no meio deles havia uma pedra bruta, nada extraordinária de se ver, mas uma pedra preciosa verdadeira, uma safira bruta.

Amanda virou a cabeça instantaneamente, mais interessada na bolsinha do que estivera no brilhante anel. Ela arrulhava e batia as mãozinhas freneticamente, tentando alcançá-la.

Brianna inspirou fundo, uma respiração entrecortada.

— Talvez — ela disse, na voz de alguém que tanto espera quanto teme. — Mas não podemos saber ao certo. E se eu... a levo, e eu atravesso, mas ela não consegue? Todos se entreolharam em silêncio, visualizando a possibilidade.

— Você voltaria — Roger disse com voz rouca, e colocou a mão em seu ombro. — Você voltaria imediatamente.

A tensão em seu corpo diminuiu um pouco com o toque de sua mão.

— Eu tentaria — ela disse, forçando um sorriso.

Jamie limpou a garganta.

— O pequeno Jem está por aí? Claro que estava; ele raramente se afastava de casa ou de Brianna ultimamente, parecendo pressentir que alguma coisa estava errada. Foi encontrado no gabinete de Jamie, onde estivera soletrando palavras em...

— Minha Nossa Senhora da Misericórdia! — sua avó exclamou, arrancando o livro de suas mãos. — Jamie! Como pôde? Jamie sentiu um forte rubor assomar ao seu rosto. Como pôde, de fato? Ele recebera o exemplar surrado de Fanny Hill em uma troca, parte de um pacote de livros usados comprado de um latoeiro. Ele não verificara os livros antes de comprá-los e quando realmente foi examiná-los... Bem, era totalmente contrário aos seus instintos jogar fora um livro — qualquer livro.

— O que é F-A-L-O? — Jemmy perguntava a seu pai.

— Outra palavra para pênis — Roger disse rapidamente. — Não use essa palavra. Ouça, você escuta alguma coisa quando ouve essa pedra? — Ele indicou o anel de Jamie que estava sobre a mesa. O rosto de Jem se iluminou ao vê-la.

— Claro — respondeu.

— O que, daí de onde está? — Brianna perguntou, incrédula. Jem olhou ao redor do círculo de pais e avós, surpreso com o interesse deles.

— Claro — repetiu. — Ela canta.

— Acha que Mandy pode ouvi-la cantar também? — Jamie perguntou cuidadosamente. Seu coração batia com força, com medo de saber, de um jeito ou de outro.

Jemmy pegou o anel e inclinou-se sobre o cesto de Mandy, segurando-o diretamente sobre o rosto dela. Ela começou a chutar

energicamente e a fazer uns ruídos — mas se por causa do anel ou meramente por ver seu irmão...

— Ela pode ouvir o anel — Jem disse, sorrindo para sua irmã.

— Como você sabe? — Claire perguntou, curiosa. Jem ergueu os olhos para ela, surpreso.

— É o que ela diz.

Nada ficou resolvido. No entanto, tudo estava resolvido. Eu não tinha a menor dúvida sobre o que meus ouvidos e meus dedos me diziam — o estado de Amanda estava piorando lentamente. Muito lentamente — podia levar um ano, dois anos, até que danos graves começassem a surgir — mas estavam a caminho.

Jem podia estar certo; e podia não estar. Mas tínhamos que prosseguir com a suposição de que estivesse.

Houve brigas, discussões — lágrimas. Ainda não havia nenhuma decisão sobre quem deveria tentar a viagem através das pedras. Brianna e Amanda tinham que ir; isso era certo. Mas Roger deveria ir com elas? Ou Jemmy? — Não vou deixar você ir sem mim — Roger disse entre os dentes.

— Eu não quero ir sem você! — Bri gritou, parecendo exasperada. — Mas como poderíamos deixar Jemmy aqui, sem nós? E como podemos fazê-lo ir? Um bebê... achamos que possa funcionar, por causa das lendas, mas Jem... como ele irá conseguir? Não podemos correr o risco de que seja morto! Olhei para as pedras sobre a mesa — o anel de Jamie, minha bolsinha com a safira.

— Eu acho — disse cuidadosamente — que temos que encontrar mais duas pedras. Só por precaução.

E assim, no final de junho, descemos da montanha, para o meio da turbulência.

*DEDO NO NARIZ*

*4 de julho de 1776*

Estava quente e abafado no quarto da estalagem, mas eu não podia sair; a pequena Amanda finalmente conseguira dormir — a coitadinha tinha brotoeja no traseiro — e estava encolhida em seu cesto, o minúsculo polegar na boca e o rosto franzido.

Desdobrei o mosquiteiro de gaze e o estendi cuidadosamente sobre o cesto, depois abri a janela. O ar do lado de fora também estava quente, porém fresco e em movimento. Tirei minha touca — sem ela, Mandy gostava de agarrar meus cabelos com as duas mãos e puxá-los; ela possuía muita força, para uma criança com problemas cardíacos. Pela milionésima vez, perguntei-me se eu podia estar errada.

Mas não estava. Ela dormia agora, com o rosado delicado de um bebê sadio nas faces; acordada e debatendo-se, aquele rosado suave desbotava e um tom azulado, igualmente belo, mas espectral, surgia de vez em quando em seus lábios e nas minúsculas unhas. Ela ainda era cheia de vida — mas pequena. Bri e Roger eram ambos grandes e corpulentos; Jemmy ganhara peso como um pequeno hipopótamo nos primeiros anos de sua vida.

Mandy pesava pouco mais do que ao nascer.

Não, eu não estava errada. Levei seu cesto para a mesa, onde a brisa agradável poderia brincar sobre ela e sentei-me ao seu lado,

colocando os dedos delicadamente sobre seu peito.

Eu podia sentir. Exatamente como no começo, porém mais forte agora que eu sabia o que era. Se eu tivesse instalações adequadas de cirurgia, as transfusões de sangue, a anestesia calibrada e cuidadosamente administrada, a máscara de oxigênio, as enfermeiras ágeis e treinadas...

Nenhuma cirurgia do coração é insignificante e cirurgia em um bebê é sempre um grande risco, mas eu poderia ter feito. Podia sentir nas pontas dos meus dedos exatamente o que precisava ser feito, podia ver no fundo dos meus olhos o coração, menor do que meu punho fechado, o músculo elástico, escorregadio, bombeando e o sangue fluindo pelo ductus arteriosus, um pequeno vaso, pouco mais de três milímetros de circunferência. Uma pequena pinçada no vaso auxiliar, uma rápida ligação do ductus propriamente dito com uma ligadura de seda número 8. Pronto.

Eu sabia. Mas saber nem sempre é poder. Nem a vontade. Não seria eu quem iria salvar esta preciosa neta.

Alguém o faria?, me perguntei, dando vazão momentaneamente aos pensamentos obscuros que eu lutava para manter a distância quando havia mais alguém por perto. Jemmy podia estar errado. Qualquer bebê tentaria agarrar algo brilhante e colorido como um anel de rubi — mas, então, lembrei-me dos seus arrulhos, agitando as mãozinhas para meu surrado amuleto com a safira bruta em seu interior.

Talvez. Eu não queria pensar nos riscos da travessia — ou na certeza da permanente separação, independentemente de a jornada através das pedras ser bem-sucedida ou não.

Havia vozes do lado de fora; olhei na direção do porto e vi os mastros de um grande navio, ao largo. Outro, ainda mais distante. Meu coração deu um pequeno salto.

Eram embarcações de navegação oceânica, não os pequenos paquetes e veleiros de pesca que subiam e desciam a costa.

Poderiam ser parte da frota enviada em resposta ao pedido de ajuda do governador Martin para ajudar a debelar, subjugar e recuperar a colônia? O primeiro navio dessa frota chegara a Cape Fear no final de abril, mas as tropas que transportava mantiveram-se quietas, esperando pelo restante dos homens.

Observei durante algum tempo, mas os navios não se aproximaram.

Talvez estivessem aguardando o resto da frota? Talvez não fossem navios britânicos, mas americanos, navegando rumo ao sul para fugir do bloqueio britânico na Nova Inglaterra.

Fui afastada dos meus pensamentos pelo barulho de passos masculinos na escada, acompanhados de roncões de deboche e aquele tipo de risadinha peculiarmente escocesa geralmente descrita na imprensa, mas de modo algum adequadamente, como "Hór, hór, hór!" Obviamente, eram Jamie e Ian, embora eu não pudesse entender o motivo de tanta hilaridade, já que, quando vistos pela última vez, dirigiam-se às docas, encarregados de despachar uma remessa de folhas de tabaco, obtendo pimenta, sal, açúcar, canela — se fosse possível encontrar — e alfinetes — um pouco mais raros do que canela — para a sra. Bug, e comprar um peixe grande de algum tipo comestível para o nosso jantar.

Eles haviam conseguido o peixe, ao menos: uma cavala grande. Jamie carregava-o pelo rabo. Qualquer que tenha sido o invólucro, evidentemente fora perdido em algum acidente. Sua trança se desfizera, de modo que longas madeixas ruivas espalhavam-se pelo ombro de seu casaco, que por sua vez tinha uma das mangas parcialmente arrancada, uma prega da camisa branca saindo pela costura rasgada. Estava coberto de poeira, assim como o peixe, e embora os olhos deste último estivessem acusadoramente esbugalhados, um dos dele estava inchado e quase fechado.

— Oh, meu Deus — exclamei, escondendo o rosto com uma das mãos. Ergui os olhos para ele através dos dedos afastados. — Não me diga! Neil Forbes?

— Ah, não — ele disse, largando o peixe com uma pancada na mesa à minha frente. — Uma pequena divergência de opinião com a Chowder and Marching Society de Wilmington.

— Uma diferença de opinião — repeti.

— Sim, acharam que iam nos atirar no porto, e nós achávamos que não. — Rodopiou uma cadeira com a bota e sentou-se ao contrário, os braços cruzados sobre o espaldar. Parecia matreiramente alegre, o rosto afogueado do sol e das risadas.

— Não quero nem saber — eu disse, embora, é claro, quisesse. Olhei para Ian, que ainda reprimia o riso, e observei que, apesar de menos surrado do que Jamie, ele mantinha um dedo enfiado até quase a metade no nariz.

— Seu nariz está sangrando, Ian?

Ele sacudiu a cabeça, ainda dando risadinhas.

— Não, tia. Mas os de alguns da sociedade estão.

— Bem, então por que está com o dedo enfiado no nariz? Pegou algum carrapato ou algo assim?

— Não, ele está impedindo que seu cérebro caia pelo nariz — Jamie disse e desatou em novo ataque de riso. Olhei para o cesto, mas Mandy continuava a dormir pacificamente, completamente acostumada com algazarra.

— Bem, talvez fosse melhor enfiar seus dedos nas duas narinas — sugeri. — Iria mantê-lo longe de confusão por alguns instantes, ao menos. — Inclinei o queixo de Jamie para cima, para ver seu olho melhor. — Você bateu em alguém com este peixe, não foi? As risadinhas haviam amortecido para uma vibração subterrânea entre os dois, mas diante disso ameaçavam irromper novamente.



— Gilbert Butler — Jamie disse com um supremo esforço de autocontrole. — Um tapa no meio da cara. Ele voou pelo cais e aterrissou na água.

Os ombros de Ian sacudiram-se com a lembrança.

— Nossa, que banho! Oh, foi uma bela briga tia! Pensei que tivesse quebrado a mão no queixo de um sujeito, mas está boa agora que a dormência passou. Só um pouco entorpecida e latejando. — Sacudiu os dedos da mão livre para mim como demonstração, contraindo-se apenas um pouco ao fazê-lo.

— Faça o favor de tirar o dedo do nariz, Ian — eu disse, a ansiedade sobre o estado deles transformando-se em aborrecimento por terem ficado naquele estado. — Parece um retardado.

Por alguma razão, ambos acharam isso histericamente engraçado e gargalharam como dois lunáticos. Ian, no entanto, finalmente tirou o dedo do nariz, com uma expressão de grande cautela, como se realmente esperasse que seus miolos viessem em seguida. Mas nada emergiu dali, nem mesmo os desagradáveis fragmentos comuns de secreção nasal ressecada que se poderia esperar de tal manobra.

Ian pareceu intrigado, depois ligeiramente alarmado. Fungou, tocando de leve o seu nariz, em seguida enfiou o dedo novamente na narina, escavando vigorosamente.

Jamie continuou rindo, mas começou a se preocupar quando as explorações de Ian ficaram mais frenéticas.

— O quê? Você não a perdeu, não é, rapaz?

Ian sacudiu a cabeça, a testa franzida.

— Não, eu posso senti-la. Está... — Parou, lançando um olhar apavorado para Jamie, por cima do dedo embutido. — Está presa, tio Jamie! Não consigo tirá-la!

Jamie ficou de pé no mesmo instante. Puxou o dedo de seu encaixe com um barulho úmido de sucção, em seguida virou a

cabeça de Ian para trás, espreitando ansiosamente pelo seu nariz com seu olho bom.

— Traga uma luz, Sassenach, sim?

Havia uma vela na mesa, mas eu sabia por experiência que o único efeito provável em usar uma vela para olhar o nariz de alguém era atear fogo nos pelos das narinas. Em vez disso, inclinei-me e tirei meu estojo médico de baixo do banco onde eu o guardava.

— Deixe-me tirar — eu disse, com a confiança de alguém que já removeu tudo, de caroços de cereja a insetos vivos das cavidades nasais de crianças pequenas. Peguei o fórceps mais fino e comprido e cliquei as lâminas finas em sinal de confiança. — Seja o que for. Apenas fique absolutamente imóvel, Ian.

O branco dos olhos de Ian apareceu rapidamente, de pavor, ao ver o metal brilhante do fórceps, e ele olhou para Jamie com ar suplicante.

— Espere. Tive uma ideia melhor. — Jamie colocou a mão em meu braço por um instante, depois desapareceu pela porta. Desceu as escadas estrondosamente e eu ouvi uma gargalhada repentina vinda lá de baixo, quando a porta do salão do bar se abriu. O som foi rapidamente silenciado quando a porta se fechou, como a válvula de uma torneira.

— Você está bem, Ian? — Havia uma mancha vermelha em seu lábio superior; e um sangramento incipiente em seu nariz, agravado pelas cutucadas violentas.

— Bem, espero que sim, tia. — Seu júbilo inicial começava a ser substituído por uma certa apreensão. — Não acha que eu possa ter empurrado para dentro do meu cérebro, não é?

— Acho isso muito improvável. O que...

Mas a porta embaixo havia sido aberta e fechada outra vez, derramando novo jato de conversas e risos no vão da escada. Jamie subiu a escada de dois em dois degraus e irrompeu novamente no

quarto, cheirando a pão quente e cerveja, e segurando uma caixa de rapé pequena e surrada.

Ian agarrou-a com satisfação e, salpicando uma pitada do pó preto nas costas da mão, inalou-o apressadamente.

Por um instante, nós três prendemos a respiração — e então sobreveio, um espirro de proporções colossais, que sacudiu o corpo de Ian de volta no banco ao mesmo tempo em que sua cabeça voava para a frente — e um objeto pequeno e duro bateu na mesa com um aing! e ricocheteou para dentro da lareira. Ian continuou a espirrar, em uma fuzilaria de infelizes roncos e explosões, mas Jamie e eu estávamos de joelhos, remexendo as cinzas, alheios à sujeira.

— Achei! Eu acho — acrescentei, sentando-me sobre os calcanhares e espreitando o punhado de cinzas que segurava, no meio do qual havia um objeto pequeno, redondo, coberto de cinzas.

— Sim, é ela. — Jamie agarrou o fórceps abandonado sobre a mesa, pinçou o objeto delicadamente da minha mão e deixou-o cair dentro do meu copo de água. Uma delicada pluma de cinzas e fuligem flutuou para cima através da água para formar um filme de pó cinzento na superfície.

Embaixo, o objeto brilhava para nós, sereno e cintilante, sua beleza finalmente revelada. Uma pedra transparente e lapidada, da cor dourada de xerez, do tamanho da metade da minha unha do polegar.

— Alexandrita — Jamie disse à meia-voz, a mão em minhas costas.

Olhou para o cesto de Mandy, os sedosos cachos negros erguendo-se suavemente com a brisa. — Acha que servirá?

Ian, ainda espirrando e com os olhos lacrimejando, e com um lenço manchado de vermelho pressionado contra seu muito maltratado nariz, veio olhar por cima do meu outro ombro.

— Retardado, hein? — ele disse, em tom de profunda satisfação. — Ha!

— Onde foi que conseguiu isto? Ou melhor — eu me corrigi —, de quem roubaram isto?

— Neil Forbes. — Jamie pegou a pedra semipreciosa, girando-a delicadamente nos dedos. — O pessoal da sociedade era muito mais numeroso do que nós, então descemos correndo a rua, viramos a esquina, descendo para os armazéns de lá.

— Sim, eu sabia qual era o armazém de Forbes, porque eu já estive lá antes — Ian interpôs. Um dos pés de Mandy projetava-se para fora do cesto; ele tocou a sola do pezinho com a ponta do dedo e sorriu ao ver seus dedos se abrirem em reflexo. — Havia um grande buraco nos fundos, onde alguém havia quebrado a parede, coberto apenas com um pedaço de lona pregada. Assim, arrancamos a lona e entramos.

Ali, viram-se ao lado do pequeno espaço fechado que Forbes usava como escritório, e que no momento estava deserto.

— Ela estava em uma caixinha sobre a escrivaninha — Ian disse, aproximando-se para dar uma olhada de proprietário na alexandrita. — Simplesmente lá! Eu acabara de pegá-la para examinar, quando ouvimos o vigia se aproximar. Assim... — Ele deu de ombros e sorriu para mim, a felicidade momentaneamente transformando suas feições sem graça.

— E você acha que o vigia não vai dizer a ele que você esteve lá? — perguntei ceticamente. Os dois dificilmente poderiam ser mais ostensivos.

— Oh, imagino que sim. — Jamie inclinou-se sobre o cesto de Mandy segurando a pedra entre o polegar e o indicador. — Veja o que o vovô e o tio Ian trouxeram para você, a muirinn — ele disse suavemente.

— Decidimos que era uma recompensa bem pequena a pagar pelo que fez com Brianna — Ian disse, ficando momentaneamente sério. — Espero que o sr. Forbes também ache bem razoável. E se não achar... — Sorriu outra vez, embora não com

humor, e colocou a mão na faca. — Afinal de contas, ele tem outra orelha.

Muito devagar, um minúsculo punho ergueu-se através do mosquiteiro, os dedos flexionando-se ao agarrar a pedra.

— Ela ainda está dormindo? — sussurrei. Jamie balançou a cabeça e delicadamente retirou a pedra.

Do outro lado da mesa, o peixe olhava austeramente para o teto, alheio a tudo.

*O NONO CONDE DE ELLESMERE*

*9 de julho de 1776*

A água não estará fria.

Ela falou automaticamente, sem pensar.

— Acho que isso não fará muita diferença. — Um nervo saltou na face de Roger e ele virou-se abruptamente. Ela estendeu a mão, tocando-o delicadamente, como se ele fosse uma bomba que poderia explodir se agitada. Ele olhou para ela, hesitou, depois tomou a mão que ela lhe oferecia, com um sorriso débil e enviesado.

— Sinto muito — ele disse.

— Eu também sinto muito — ela disse suavemente. Permaneceram juntos, os dedos entrelaçados, observando a maré recuar pela praia estreita, um centímetro descoberto a cada marulho das pequenas ondas.

Os baixios estavam cinzentos e desertos na luz do final de tarde, salpicados de pedras e manchados de ferrugem das águas de turfa do rio.

Com a maré vazante, a água do porto ficava marrom e imunda, a mancha estendendo-se além dos navios ancorados, quase até o mar aberto.

Quando virava, a água cinza transparente do oceano entrava, varrendo Cape Fear, apagando os baixios de lama e tudo que havia

neles.

— Lá — ela disse, ainda baixinho, embora não houvesse ninguém perto o suficiente para ouvi-los. Ela inclinou a cabeça, indicando um grupo de desbotados mourões de atracação profundamente enfiados na lama. Um esquife estava amarrado a um deles; duas das embarcações de quatro remos que percorriam regularmente o porto, a outro.

— Tem certeza? — Ele remexeu-se, olhando para cima e para baixo da praia.

A praia estreita desaparecia em cascalhos frios, expostos e brilhando com a maré vazante. Pequenos caranguejos moviam-se rapidamente entre eles, para não perder nem um instante de catar alimento.

— Tenho. As pessoas no Blue Boar estavam falando sobre isso. Um viajante perguntou onde e a sra. Smoots disse que era nos antigos postes de atracação, perto dos armazéns. — Um linguado despedaçado jazia morto entre as pedras, a carne branca lavada e sem vestígios de sangue. As pequenas garras ocupadas picavam e rasgavam, minúsculas mandíbulas abriam-se e engoliam, beliscando os pedaços. Sentiu o estômago revirar-se diante da visão e engoliu com força. Não importaria o que viesse depois; ela sabia disso. Ainda assim...

Roger balançou a cabeça distraidamente. Seus olhos estreitaram-se contra o vento do porto, calculando distâncias.

— Haverá uma multidão, eu creio.

A multidão já se formava; a virada da maré seria apenas dali a uma hora ou mais, mas as pessoas encaminhavam-se para o porto em grupos de dois, três ou quatro, parando ao abrigo do vento junto à fábrica de velas para fumar seus cachimbos, sentando-se nos barris de peixes salgados para conversar e gesticular. A sra. Smoots tinha razão; várias pessoas apontavam para os postes de atracação, esclarecendo os companheiros menos informados.

Roger sacudiu a cabeça.

— Terá que ser daquele lado. A melhor visão é de lá. — Indicou com a cabeça o outro lado do arco interno do porto, na direção de três navios que oscilavam no cais principal. — De um dos navios? O que acha? Brianna remexeu no bolso amarrado à sua cintura e retirou seu pequeno telescópio de latão. Franziu o cenho, concentrada, os lábios enrugados enquanto inspecionava os navios — um brigue de pesca, do sr. Chester, e uma embarcação maior, parte da frota britânica, que entrara no porto no começo da tarde.

— Pare, Nellie — ela murmurou, interrompendo a varredura de seu telescópio quando a mancha clara de uma cabeça encheu as lentes. — Aquele é quem... caramba, é, sim! — Uma minúscula chama de alegria acendeu-se em seu peito, aquecendo-a.

— Quem? — Roger estreitou os olhos, esforçando-se para enxergar sem ajuda de um telescópio.

— É John! Lorde John! — Lorde John Grey? Tem certeza? — Sim! No brigue. Ele deve ter vindo da Virgínia. Epa, ele sumiu agora... ah, lá está ele, eu o vi! — Virou-se para Roger, empolgada, fechando seu telescópio enquanto o segurava pelo braço. — Vamos! Vamos ao encontro dele! Ele nos ajudará.

Roger seguiu-a, embora com bem menos entusiasmo.

— Você vai contar a ele? Acha conveniente?

— Não, mas não importa. Ele me conhece.

Roger olhou incisivamente para ela, mas o olhar sombrio em seu rosto desfez-se em um sorriso relutante.

— Quer dizer, ele sabe que não adianta tentar impedi-la de fazer o que quer que sua maldita mente decidiu, não é?

Ela devolveu o sorriso, agradecendo-lhe com o olhar. Ele não gostava disso — na realidade, detestava, e ela não o culpava — mas não iria tentar impedi-la. Ele também a conhecia.

— Sim. Vamos, antes que ele desapareça!



Era um lento progresso pela curva do porto, abrindo caminho pelos amontoados de espectadores que se reuniam ali. Do lado de fora do The Breakers, um grupo condensou-se subitamente. Um aglomerado de soldados britânicos permanecia de pé ou sentado desordenadamente pela calçada, sacos de viagem e baús espalhados ao redor, em número grande demais para caber dentro da taverna. Jarros de cerveja e canecos de sidra eram passados de mão em mão do interior do bar, respingando livremente nas cabeças sobre as quais passavam.

Um sargento, apoquentado, mas competente, apoiava-se na parede de madeira da estalagem, folheando um maço de papéis, dando ordens e comendo uma torta de carne ao mesmo tempo. Brianna torceu o nariz quando atravessaram cuidadosamente o percurso de obstáculos de homens e bagagens espalhados; um fedor de enjoo do mar e corpos sujos erguia-se das fileiras comprimidas.

Alguns observadores sussurravam à vista dos soldados; vários outros saudavam e acenavam ao passar, recebendo alegres gritos em resposta.

Recém-libertados das entranhas do Scorpion, os soldados estavam entusiasmados demais com sua liberdade e com o gosto de bebida e comida fresca para se importar com o que quer que dissessem ou fizessem.

Roger andava à sua frente, abrindo caminho pela multidão com os ombros e os cotovelos. Exclamações e assobios apreciativos erguiam-se dos soldados ao vê-la, mas ela mantinha a cabeça baixa, os olhos fixos nos pés de Roger conforme ele empurrava e avançava.

Ela soltou um suspiro de alívio quando emergiram da multidão na cabeceira do cais. O equipamento dos soldados estava sendo descarregado do Scorpion na outra extremidade da doca, mas havia poucos pedestres perto do brigue. Ela parou, olhando de um

lado para o outro, tentando avistar a inconfundível cabeça loura de lorde John.

— Lá está ele! — Roger puxou-a pela manga do vestido e ela girou na direção que ele indicava, colidindo fortemente contra ele quando ele recuou um passo repentinamente.

— O que... — ela começou, irritada, mas parou de repente, sentindo como se tivesse levado um soco no peito.

— Quem em nome de Deus é aquele? — Roger falou suavemente, fazendo eco aos seus pensamentos.

Lorde John Grey estava na outra extremidade do cais, em uma conversa animada com um dos soldados de casaco vermelho. Um oficial; trança loura brilhando no ombro e carregando um tricórnio agalado embaixo do braço. Mas não foi o uniforme do rapaz que chamou a atenção de Brianna.

— Jesus H Roosevelt Cristo — ela sussurrou, sentindo os lábios dormentes.

Ele era alto — muito alto — com uma largura de ombros e uma extensão de pernas em meias brancas que atraíam olhares admiradores de um grupo de vendedoras de ostras. Mas era algo além de altura ou postura que fazia a pele se arrepiar ao longo de sua espinha dorsal; era o seu porte, sua silhueta, um jeito de inclinar a cabeça e um ar de autoconfiança que atraíam olhares como um ímã.

— É papai — ela disse, sabendo, mesmo enquanto falava, que isso era ridículo. Ainda que Jamie, por alguma razão inimaginável, resolvesse se disfarçar no uniforme de soldado e vir para as docas, aquele homem era diferente. Quando ele se virou para olhar alguma coisa do outro lado do porto, ela viu que ele era diferente — esguio, como seu pai, e musculoso, mas ainda com a esbelteza da juventude. Elegante — como Jamie — mas com a leve hesitação da timidez adolescente não muito distante no passado.

Ele virou-se ainda mais, iluminado por trás pelo reflexo da luz na água, e ela sentiu seus joelhos enfraquecerem. Um nariz longo e reto, a testa alta... a curva repentina de uma larga maçã do rosto viking... Roger segurou seu braço com força, mas sua atenção estava tão fixa no jovem quanto a dele.

— Macacos... me... mordam — ele disse.

Ela engoliu ar, tentando recuperar o fôlego.

— E a mim também. A ele!

— Ele? — Ele, ele e ele! — Lorde John, o misterioso e jovem soldado... e acima de tudo, seu pai. — Vamos. — Desvencilhou-se dele e saiu a passos largos pelo cais, sentindo-se estranhamente fora de seu corpo, como se observasse a si mesma a distância.

Era como observar-se vindo para uma casa de espelhos de um parque de diversões, vendo a si mesma — seu rosto, sua altura, seus gestos — repentinamente transpostos para dentro de um casaco vermelho e calças de lã. Os cabelos dele eram escuros, castanhos, não ruivos, mas eram fartos como os dela, com a mesma leve ondulação, o mesmo redemoinho que os levantava na testa.

Lorde John virou ligeiramente a cabeça e avistou-a. Seus olhos arregalaram-se e uma expressão de absoluto horror empalideceu suas feições. Ele agitou debilmente uma das mãos, tentando impedi-la de se aproximar, mas seria mais fácil ele tentar parar um trem expresso.

— Olá! — ela disse animadamente. — Que prazer encontrá-lo aqui, lorde John! Lorde John emitiu um ruído fraco e esganiçado, como o de um pato pisoteado, mas ela não estava prestando atenção. O rapaz virou-se para ela, sorrindo cordialmente.

Santo Deus, ele também tinha os olhos de seu pai. Pestanas escuras, e tão jovem que a pele ao redor era fresca e clara, sem nenhuma ruga — mas os mesmos olhos de gato dos Fraser, rasgados e azuis.

Seu coração batia com tanta força no peito que tinha certeza de que poderiam ouvir. Mas o rapaz não parecia achar nada estranho; ele inclinou-se para ela, sorrindo, mas com absoluta educação.

— Seu criado, madame — ele disse. Ele olhou para lorde John, obviamente esperando uma apresentação.

Lorde John se recobrou com um óbvio esforço e fez-lhe uma reverência.

— Minha cara. Como... encantado em reencontrá-la. Eu não fazia ideia...

Sim, aposto que não, ela pensou, mas continuou sorrindo cordialmente.

Podia sentir Roger ao seu lado, balançando a cabeça e dizendo alguma coisa em resposta ao cumprimento do lorde, fazendo o melhor que podia para não ficar olhando fixamente para o jovem soldado.

— Meu filho — lorde John dizia. — William, lorde Ellesmere. — Ele olhou para ela com os olhos estreitados, como se a desafiasse a dizer alguma coisa.

— Posso apresentar-lhe o sr. Roger MacKenzie, William? E sua esposa.

— Senhor. Sra. MacKenzie. — O rapaz pegou sua mão antes que ela percebesse o que ele pretendia fazer e fez uma profunda mesura, plantando um pequeno beijo formal em seus dedos.

Ela quase arfou com o inesperado toque de seu hálito em sua pele, mas, em vez disso, agarrou sua mão, com muito mais força do que pretendia. Ele pareceu momentaneamente desconcertado, mas desvencilhrou-se com razoável cortesia. Ele era muito mais jovem do que ela imaginara à primeira vista; era o uniforme e o ar de autoconfiança que o faziam parecer mais velho. Ele olhava para ela com a testa ligeiramente franzida em suas feições bem delineadas, como se tentasse situá-la.

— Acho... — começou, hesitante. — Já nos conhecemos, sra. MacKenzie?

— Não — ela disse, admirada de ouvir sua voz emergir com um som normal. — Não, receio que não. Eu me lembraria. — Lançou um olhar penetrante a lorde John, que ficara ligeiramente verde ao redor das narinas.

Mas lorde John também já fora um soldado. Recompôs-se com visível esforço, colocando a mão no braço de William.

— É melhor ir e ter com seus homens, William — ele disse. — Vamos jantar juntos mais tarde?

— Tenho compromisso para jantar com o coronel, papai — William disse. — Tenho certeza de que ele não se oporia se se juntasse a nós. Mas pode ser bem tarde — ele acrescentou. — Pelo que sei, deverá haver uma execução de manhã e minhas tropas deverão ficar de prontidão, em caso de distúrbio na cidade. Vai ser necessário algum tempo para acomodar e organizar tudo.

— Distúrbio. — Lorde John examinava-a por cima do ombro de William. — Estão esperando um distúrbio, então?

William deu de ombros.

— Não sei dizer, papai. Aparentemente, não se trata de uma questão política, apenas de um pirata. Não creio que haja nenhum problema.

— Atualmente, tudo é uma questão política, William — seu pai disse, um pouco incisivamente. — Nunca se esqueça disso. E é sempre mais prudente esperar problemas do que ser pego despreparado.

O rapaz enrubescou levemente, mas manteve a compostura.

— Sem dúvida — ele disse, sucintamente. — Tenho certeza de que o senhor tem familiaridade com as condições locais que eu não tenho. Agradeço-lhe muito pelo seu conselho, pai. — Relaxou ligeiramente e virou-se, fazendo uma mesura para Brianna.

— Muito prazer em tê-la conhecido, sra. MacKenzie. Seu criado, senhor. — Cumprimentou Roger com um sinal da cabeça, virou-se e partiu a passos largos e firmes pelo cais, ajustando o tricórnio no ângulo adequado de uma autoridade.

Brianna inspirou profundamente, esperando que até ter expirado completamente já tivesse palavras na ponta da língua. Lorde John foi mais rápido do que ela.

— Sim — ele disse simplesmente. — É claro que ele é.

Em meio à confusão de pensamentos, reações e emoções que obstruíam seu cérebro, ela se apegou àquele que momentaneamente lhe pareceu mais importante.

— Minha mãe sabe?

— Jamie sabe? — Roger perguntou no mesmo instante. Ela olhou para ele surpresa e ele ergueu uma das sobrancelhas para ela. Sim, um homem certamente podia gerar um filho sem o saber. Acontecera com ele.

Lorde John suspirou. Com a partida de William, ele relaxou um pouco e a cor natural começava a retornar ao seu rosto. Ele tinha sido soldado por tempo suficiente para reconhecer o inevitável quando o via.

— Ambos sabem, sim.

— Que idade ele tem? — Roger perguntou abruptamente. Lorde John lançou-lhe um olhar penetrante.

— Dezoito. E para poupar-lhe o trabalho de calcular, era 1758. Em um lugar chamado Helwater, em Lake District.

Brianna respirou fundo outra vez, agora um pouco mais facilmente.

— Então... ele... foi antes de minha mãe... voltar.

— Sim. Da França, supostamente. Onde, pelo que sei, você nasceu e foi criada. — Seu olhar perfurou-a como uma verruma; ele sabia que ela falava um péssimo francês.

Ela pôde sentir o sangue subir às suas faces.

— Isso não é hora para segredos — ela disse. — Se quer saber a respeito de minha mãe e de mim, eu lhe contarei, mas você vai me contar a respeito dele. — Virou a cabeça bruscamente para trás, na direção da taverna. — Sobre meu irmão!

Lorde John franziu os lábios, fitando-a através de olhos semicerrados, enquanto pensava. Finalmente, assentiu.

— Não vejo saída. Mas diga-me, seus pais estão aqui, em Wilmington?

— Sim. Na verdade... — Ela olhou para cima, tentando divisar a posição do sol através da camada de névoa costeira. Estava logo acima do horizonte, um disco flamejante — ...íamos nos encontrar com eles para o jantar.

— Aqui?

— Sim.

Lorde John virou-se abruptamente para Roger.

— Sr. MacKenzie. Ficarei imensamente agradecido, senhor, se for agora mesmo ao encontro de seu sogro e informá-lo da presença do nono conde de Ellesmere. Diga-lhe que confio em que seu discernimento demandará uma saída imediata de Wilmington, tão logo receba esta notícia.

Roger fitou-o por um instante, as sobrancelhas erguidas com interesse.

— Conde de Ellesmere? Como foi que ele conseguiu isso?

Lorde John recuperara toda a sua cor natural, e mais um pouco. Seu rosto estava visivelmente rosado.

— Não importa! Poderia ir? Jamie deve sair da cidade, imediatamente, antes que se encontrem por acaso, ou antes que alguém veja os dois separadamente e comece a especular em voz alta.

— Duvido que Jamie vá embora — Roger disse, ele mesmo olhando para lorde John com um certo grau de especulação. — Não antes de amanhã, de qualquer forma.

— Por que não? — lorde John indagou, olhando de um para o outro. — Por que estão todos aqui, para começar? Não é a exe... Oh, santo Deus, não me diga. — Plantou a mão no rosto e arrastou-a lentamente para baixo, olhando pelo meio dos dedos como um homem levado além de seus limites.

Brianna mordeu o lábio inferior. Quando avistou lorde John, ficara não só satisfeita, como aliviada de um pouco do seu fardo de preocupação, contando com ele para ajudá-la em seu plano. No entanto, com esta nova complicação, sentia-se dividida, incapaz de lidar com qualquer das duas situações ou mesmo pensar nelas com coerência. Olhou para Roger, em busca de sua opinião.

Seus olhos se encontraram em uma dessas longas trocas conjugais, sem palavras. Então, ele balançou a cabeça, tomando a decisão por ela.

— Vou procurar Jamie. Você converse um pouco com o lorde, sim?

Inclinou-se e beijou-a, com força, depois se virou e saiu pisando firme pela doca, caminhando com tanta decisão que as pessoas inconscientemente se afastavam, abrindo passagem.

Lorde John fechara os olhos e parecia estar rezando — provavelmente pedindo forças. Ela agarrou-o pelo braço e seus olhos se arregalaram, espantado como se tivesse sido mordido por um cavalo.

— É tão evidente quanto eu acho? — ela disse. — Ele e eu? — A palavra soou estranha aos seus ouvidos. Ele.

Lorde John olhou para ela, as sobrancelhas louras unidas em perturbada concentração, enquanto ele examinava seu rosto, traço por traço.

— Creio que sim — disse devagar. — Para mim, certamente. Para um observador casual, talvez bem menos. Há a diferença de coloração, sem dúvida, e de sexo; o uniforme dele... mas, minha



cara, você sabe que sua própria aparência é tão extraordinária... — Tão esquisita, ele queria dizer.

Ela suspirou, compreendendo o que ele queria dizer.

— As pessoas me encaram, de qualquer forma — ela concluiu por ele.

Puxou a aba de seu chapéu para baixo, o suficiente para esconder não só seus cabelos, como também o rosto, e olhou-o com um ar carregado de baixo de sua sombra. — Então, é melhor irmos onde ninguém que o conheça me veja, não é? O cais e as ruas do mercado estavam apinhados. Todas as estalagens da cidade — e não poucas casas particulares — logo estariam repletas de soldados alojados. Seu pai e Jem estavam com Alexander Lillington, sua mãe e Mandy no dr. Fentiman, ambos os locais centros de negócios e mexericos, e ela declarara que não tinha nenhuma intenção de se aproximar de nenhum de seus pais, de qualquer forma — não até saber tudo que houvesse para saber. Lorde John achava que isso era mais do que ele próprio estava preparado para lhe contar, mas não era hora de se esquivar.

Ainda assim, as exigências de privacidade deixavam-lhes a escolha do cemitério ou da deserta pista de corrida de cavalos, e Brianna disse, com um tom cortante na voz que, naquelas circunstâncias, ela não queria nenhum opressivo lembrete de mortalidade.

— Essas circunstâncias mortais — ele disse cuidadosamente, fazendo-a desviar de uma grande poça. — Refere-se à execução de amanhã? É Stephen Bonnet, não? — Sim — respondeu, distraída. — Mas isso pode esperar. Não tem compromisso para jantar, tem? — Não. Mas...

— William — ela disse, os olhos nos sapatos enquanto caminhavam devagar pela pista oval de areia. — William, nono conde de Ellesmere, você disse? — William Clarence Henry George

— lorde John concordou. — Visconde Ashness, senhor de Helwater, barão Derwent e, sim, nono conde de Ellesmere.

Ela franziu os lábios.

— O que indica que o mundo em geral pensa que o pai dele é outra pessoa. Não Jamie Fraser, quero dizer.

— Foi outra pessoa — ele corrigiu. — Um homem chamado Ludovic, oitavo conde de Ellesmere, para ser preciso. Pelo que sei, o oitavo conde infelizmente morreu no dia que seu... hã... herdeiro nasceu.

— Morreu de quê? Choque? — Ela obviamente estava em um estado de humor perigoso; ele notou com interesse tanto os modos de seu pai, com uma ferocidade controlada, quanto a língua ferina de sua mãe em ação; a combinação era ao mesmo tempo fascinante e alarmante. Mas ele não tinha a menor intenção de deixá-la conduzir aquela conversa.

— Tiro — ele disse com afetada animação. — Seu pai atirou nele.

Ela fez um pequeno ruído engasgado e estancou.

— Isso não é, aliás, de conhecimento geral — ele disse, fingindo não notar sua reação. — O tribunal de homicídios deu o veredito de morte por acidente, o que não foi incorreto, acredito.

— Não foi incorreto — ela murmurou, soando um pouco atordoada.

— Imagino que levar um tiro seja mesmo por azar.

— Claro que houve comentários — ele disse, descontraidamente, segurando seu braço e conduzindo-a em frente outra vez. — Mas a única testemunha, fora os avós de William, foi um cocheiro irlandês, que rapidamente recebeu uma pensão e foi levado para o condado de Sligo, em seguida ao incidente. A mãe do menino tendo morrido nesse dia também, os rumores tendiam a considerar a morte do lorde como...

— A mãe dele também morreu? — Desta vez ela não parou, mas virou-se para lhe lançar um olhar penetrante daqueles olhos azul-escuros.

Lorde John já tinha prática em sustentar olhares felinos dos Fraser e não se deixou abalar.

— Seu nome era Geneva Dunsany. Ela morreu logo após o nascimento de William, de uma hemorragia inteiramente natural — ele assegurou.

— Inteiramente natural — ela murmurou, baixinho. Lançou-lhe outro olhar. — Essa Geneva... era casada com o conde? Quando ela e papai... — As palavras pareceram ficar presas em sua garganta; ele podia ver dúvida e repugnância lutando com suas lembranças do rosto inegável de William, e com o conhecimento do caráter de seu pai.

— Ele não me disse e em nenhuma circunstância eu lhe perguntaria — ele disse com firmeza.

Ela deu outro daqueles olhares, que ele devolveu com interesse. — Qualquer que tenha sido a natureza das relações de Jamie com Geneva Dunsay, não posso imaginá-lo cometendo um ato de tal desonra como enganar outro homem em seu casamento.

Ela relaxou um pouco, embora continuasse a agarrar seu braço.

— Nem eu — ela disse, com certa relutância. — Mas... — Seus lábios se comprimiram, depois relaxaram. — Acha que ele estava apaixonado por ela? — perguntou.

O que o surpreendeu não foi a pergunta, mas a percepção de que nunca lhe ocorrera perguntar isso, não a Jamie, é claro, mas nem mesmo a si próprio. Por que não?, imaginou. Ele não tinha nenhum direito a ciúmes e se tivesse sido tolo o suficiente para sentir ciúmes, teria sido consideravelmente *ex post fado* no caso de Geneva Dunsany; ele não teve nenhuma pista das origens de William senão vários anos após a morte da jovem.

— Não faço a menor ideia — disse, laconicamente.

Os dedos de Brianna tamborilavam irrequieta mente em seu braço; ela teria se desvencilhado dele, mas ele colocou a mão sobre a dela para acalmá-la.

— Droga — ela murmurou, mas parou de se agitar e continuou andando, acompanhando o tamanho de seus passos mais curtos. Havia ervas daninhas no oval, surgiam através da areia da pista. Ela chutou uma moita de joio silvestre, lançando uma chuva de sementes secas no ar.

— Se estavam apaixonados, por que ele não se casou com ela? — ela perguntou finalmente.

Ele riu, absolutamente incrédulo com a ideia.

— Casar com ela! Minha jovem, ele era o cavaliariço da família!

Um olhar de perplexidade atravessou seu semblante — ele poderia jurar que, se ela tivesse falado, teria dito: E daí?

— Onde, em nome de Deus, você foi criada? — ele perguntou, parando subitamente.

Ele podia ver movimentos nos olhos dela; ela possuía o truque de Jamie de manter o rosto impassível como uma máscara, mas a transparência de sua mãe ainda brilhava em seu íntimo. Ele viu a decisão nos olhos dela, um momento antes de o lento sorriso tocar seus lábios.

— Boston — ela disse. — Sou americana. Mas você já sabia que eu era uma selvagem, não é?

Ele resmungou em resposta.

— Isso explica muito de suas atitudes notavelmente republicanas — ele respondeu muito secamente. — Embora eu deva lhe sugerir enfaticamente que você disfarce esses sentimentos perigosos, pelo bem de sua família. Seu pai já está em grandes dificuldades por conta própria. Entretanto, tem que aceitar minha afirmação de que não seria possível para a filha de um baronete se

casar com um cocheiro, por mais premente que fosse a natureza de suas emoções.

Foi a vez de Brianna resmungar; um som muito expressivo, ainda que bem pouco feminino. Ele suspirou e pegou sua mão novamente, enfiando-a na curva de seu braço para mantê-la bem guardada.

— E ele ainda era um prisioneiro em liberdade condicional, um jacobita, um traidor. Acredite-me, o casamento não teria passado pela cabeça de nenhum dos dois.

A umidade do ar estava se depositando em sua pele, grudando em suas faces.

— Mas isso foi em outro país — ela citou à meia-voz. — E, além do mais, a prostituta está morta.

— É bem verdade — ele disse, à meia-voz.

Caminharam silenciosamente pela areia úmida por mais alguns instantes, cada qual com seus pensamentos. Finalmente, Brianna soltou um suspiro, tão profundo que ele o sentiu e ouviu.

— Bem, ela está morta, de qualquer forma, e o conde... sabe por que papai o matou? Ele lhe contou isso? — Seu pai nunca falou sobre esse assunto: sobre Geneva, o conde ou mesmo diretamente da paternidade de William... para mim. — Ele falou com muita precisão, os olhos fixos em um par de gaiotas sondando a areia perto de uma moita de caniço. — Mas eu sei, sim.

Olhou para ela.

— William é meu filho, afinal. No sentido comum da palavra, ao menos. — Em muito mais do que isso, mas essa não era uma questão que ele quisesse discutir com a filha de Jamie.

Brianna ergueu as sobrancelhas.

— Sim. Como isso aconteceu? — Como eu lhe disse, os pais de William, seus supostos pais, morreram no dia de seu nascimento. Seu pai, o conde, quero dizer, não tinha parentes próximos, de modo que o menino foi deixado sob a guarda do avô,

lorde Dunsany. A irmã de Geneva, Isobel, tornou-se a mãe de William em todos os aspectos, embora não o fosse de fato. E eu... — Ele deu de ombros. — Eu me casei com Isobel. Tornei-me o guardião de William, com o consentimento de Dunsany, e ele me considera seu padrasto desde os seis anos de idade, ele é meu filho.

— Você? Você se casou? — Ela o olhava com os olhos arregalados e um ar de incredulidade que ele considerou ofensivo.

— Você tem ideias muito peculiares em relação ao casamento — ele disse, contrariado. — Foi um casamento de pura conveniência.

Uma sobancelha ruiva ergueu-se em um trejeito idêntico ao de Jamie.

— Sua mulher também achava? — ela perguntou, em uma estranha reprodução da voz de sua mãe, fazendo a mesma pergunta. Quando sua mãe fizera essa pergunta, ele ficara embaraçado. Desta vez, estava preparado.

— Isso — respondeu laconicamente — foi em outro país. E Isobel... — Como esperava, isso a silenciou.

Uma fogueira ardia na outra extremidade do oval de areia, onde viajantes haviam improvisado um acampamento. Pessoas que desciam o rio para ver a execução?, ele se perguntou. Homens querendo se alistar nas milícias rebeldes? Uma figura se moveu, obscuramente vista através da fumaça, e ele se virou, conduzindo Brianna de volta pelo caminho que haviam percorrido. Aquela conversa já estava bem estranha, sem o risco de interrupção.

— Você perguntou sobre Ellesmere — ele disse, assumindo o controle da conversa novamente. — A história apresentada ao tribunal por lorde Dunsany foi de que Ellesmere estava lhe mostrando uma pistola nova, que disparou por acidente. É o tipo da história que é contada para não ser acreditada, dando a impressão

de que na realidade o conde atirara em si mesmo, sem dúvida de dor pela morte da esposa, mas que os Dunsany queriam evitar o estigma de suicídio, pelo bem da criança. O investigador naturalmente percebeu tanto a falsidade da história quanto a sabedoria de permitir que fosse considerada válida.

— Não foi isso que perguntei — ela disse, um tom de impaciência na voz. — Eu perguntei por que meu pai atirou nele.

Ele suspirou. Ela poderia ter achado um emprego lucrativo na Inquisição Espanhola, ele pensou pesarosamente; sem chance de fuga ou evasivas.

— Pelo que sei, o lorde, percebendo que o recém-nascido de fato não era de seu sangue, teve a intenção de apagar a mancha em sua honra atirando a criança pela janela, nas pedras do pátio dez metros abaixo — ele disse bruscamente.

O rosto de Brianna empalideceu visivelmente.

— Como ele descobriu? — ela quis saber. — E se papai era o cavaliço, por que estava lá? O conde sabia que ele era... responsável? — Ela estremeceu, obviamente visualizando uma cena em que Jamie foi convocado à presença do conde, para testemunhar a morte de seu filho ilegítimo antes de ele mesmo enfrentar destino semelhante. John não teve dificuldade em discernir sua imaginação; ele próprio visualizara uma cena como essa, mais de uma vez.

— Uma escolha precisa de palavras — ele retrucou secamente. — Jamie Fraser é "responsável" por mais do que qualquer outro homem que eu conheça. Quanto ao resto, não faço a menor ideia. Sei os fatos essenciais do que aconteceu, porque Isobel sabia; sua mãe estava presente e provavelmente relatou o incidente apenas em linhas gerais.

— Hum. — Ela chutou uma pequena pedra, deliberadamente. A pedra quicou pela areia batida à sua frente, parando a alguns passos adiante. — E você nunca perguntou ao papai sobre isso? A pedra ficara na direção dos pés de lorde John;

ele chutou-a com precisão enquanto caminhava, fazendo-a girar de volta ao caminho de Brianna.

— Nunca conversei com seu pai sobre Geneva, Ellesmere ou o próprio William, a não ser para informá-lo do meu casamento com Isobel e para assegurar-lhe de que eu cumpriria minhas responsabilidades como guardião de William da melhor maneira que me fosse possível.

Ela colocou o pé sobre a pedra, enfiando-a na areia, e parou.

— Você nunca disse nada a ele? O que ele disse a você? — perguntou.

— Nada. — Ele devolveu seu olhar fixo.

— Por que se casou com Isobel?

Ele suspirou, mas não adiantava tentar se esquivar.

— A fim de tomar conta de William.

As espessas sobrancelhas ruivas quase tocaram a linha de seus cabelos.

— Então você se casou, apesar de... quero dizer, você virou sua vida de pernas para o ar apenas para tomar conta do filho ilegítimo de Jamie Fraser? E nenhum dos dois jamais conversou sobre isso?

— Não — ele disse, estupefato. — Claro que não.

Devagar, as sobrancelhas voltaram à posição normal e ela sacudiu a cabeça.

— Homens — disse, enigmaticamente. Olhou para trás, na direção da cidade. O ar estava tranquilo e uma névoa das chaminés de Wilmington estendia-se pesadamente acima das árvores. Não se via nenhum telhado; podia ser um dragão dormindo na praia, de tudo que se podia ver. Mas o ronco baixo não era da respiração de um réptil; um fluxo pequeno, mas constante, de pessoas passara pela pista de corridas, na direção da cidade, e as reverberações de uma multidão cada vez maior eram claramente audíveis, sempre que o vento soprava a favor.



— Já é quase noite. Preciso voltar. — Virou-se para a travessa que levava à cidade e ele a seguiu, aliviado por enquanto, mas sem a ilusão de que a inquisição tivesse terminado.

No entanto, ela só tinha mais uma pergunta.

— Quando vai contar a ele? — ela perguntou, virando-se para encará-lo ao atingir a beira do bosque.

— Contar o que a quem? — ele retrucou, espantado.

— A ele. — Franziu a testa, irritada. — William. Meu irmão. — A irritação desapareceu quando ela sentiu a palavra. Ainda estava pálida, mas uma espécie de emoção começara a brilhar sob sua pele. Lorde John sentiu como se tivesse comido algo que violentamente lhe fez mal. Um suor frio irrompeu ao longo de seu maxilar e ele sentiu suas entranhas se contraírem em nós. Seus joelhos amoleceram.

— Ficou inteiramente louca? — Ele agarrou seu braço, tanto para se equilibrar quanto para impedir que ela se fosse.

— Pelo que entendi, ele não sabe quem é seu verdadeiro pai — ela disse com certa aspereza. — Como nem você, nem papai nunca falaram sobre isso um com o outro, provavelmente também não viram necessidade de falar com ele. Mas ele já é adulto agora, certamente tem o direito de saber.

Lorde John fechou os olhos com um gemido surdo.

— Você está bem? — ela perguntou. Ele sentiu que ela se inclinava para inspecioná-lo mais de perto. — Não parece muito bem.

— Sente-se. — Ele próprio se sentou, as costas apoiadas em uma árvore, e puxou-a para baixo, no chão ao seu lado. Respirou profundamente, mantendo os olhos fechados enquanto sua mente trabalhava freneticamente. Ela só podia estar brincando. Claro que não, seu eu cinicamente observador assegurou-lhe. Ela possuía um acentuado senso de humor, mas não estava em evidência no momento.

Ela não podia. Ele não podia permitir. Era inconcebível que ela... mas como poderia impedi-la? Se ela não o ouvisse, talvez Jamie ou sua mãe...

A mão de Brianna tocou em seu ombro.

— Sinto muito — ela disse suavemente. — Não parei para pensar.

Uma sensação de alívio se apoderou dele. Sentiu suas entranhas começarem a relaxar e abriu os olhos para vê-la olhando para ele com um tipo peculiar de tranquila empatia, que ele absolutamente não compreendeu. Seus intestinos logo contraíram-se violentamente outra vez, fazendo-o temer que estivesse prestes a sofrer uma embaraçosa crise de flatulência ali mesmo.

Seus intestinos a haviam lido melhor do que ele mesmo.

— Eu devia ter pensado — ela se repreendeu. — Eu devia saber como você devia se sentir a respeito. Você mesmo disse: ele é seu filho. Você o criou todo esse tempo, posso ver o quanto o ama. Deve se sentir terrivelmente mal só de pensar em William descobrir a respeito de papai e talvez culpá-lo por não ter lhe contado há mais tempo. — Sua mão massageava sua clavícula no que ele presumia que fosse um gesto tranquilizador. Se essa era sua intenção, o movimento havia fracassado inteiramente.

— Mas... — ele começou a dizer. No entanto, ela tomara sua mão entre as dela e apertava-a ansiosamente, os olhos azuis cintilando de lágrimas.

— Ele não o fará — ela assegurou-lhe. — William jamais deixaria de amá-lo. acredite-me. Foi o mesmo comigo, quando descobri sobre papai. No começo, não quis acreditar; eu tinha um pai, e eu o amava, e não queria outro. Mas depois conheci papai e foi... ele era... quem ele é. — Encolheu ligeiramente os ombros e ergueu uma das mãos para limpar os olhos na renda no punho de sua manga. — E não esqueci meu outro pai — ela disse, muito suavemente. — Jamais esquecerei. Jamais.

Sensibilizado, apesar da seriedade geral da situação, lorde John clareou a garganta.

— Sim. Bem. Tenho certeza de que seus sentimentos a honram, minha cara. E embora eu igualmente espere desfrutar a afetuosa estima de William no presente e continuar a desfrutá-la no futuro, este não é realmente o ponto onde eu queria chegar.

— Não? — Ela ergueu os olhos, arregalados, as lágrimas grudando suas pestanas em escuros espinhos. Ela era realmente uma linda jovem e ele sentiu uma pequena pontada de ternura.

— Não — ele disse, muito delicadamente, nas circunstâncias. — Ouça, minha querida. Eu contei a você quem William é, ou quem ele pensa que é.

— Visconde não-sei-quê, você quer dizer? Ele suspirou profundamente.

— Perfeitamente. As cinco pessoas que sabem a respeito de seu verdadeiro pai despenderam um esforço considerável nos últimos dezoito anos com o propósito de que ninguém, William inclusive, jamais tivesse motivo para duvidar de que ele é o nono conde de Ellesmere.

Ela abaixou os olhos, as sobrancelhas franzidas, os lábios comprimidos. Santo Deus, esperava que o marido dela tivesse conseguido localizar Jamie Fraser a tempo. Jamie Fraser era a única pessoa que se podia esperar que fosse mais teimosa do que sua filha.

— Você não compreende — ela disse, finalmente. Levantou os olhos e ele viu que ela chegara a uma decisão. — Nós estamos de partida — ela disse, repentinamente. — Roger, eu e as duas crianças.

— Oh? — ele disse cautelosamente. Aquilo devia ser uma boa notícia, sob vários aspectos. — Para onde pretendem ir? Vão se mudar para a Inglaterra? Ou Escócia? Se Inglaterra ou Canadá, tenho vários contatos sociais que poderiam ser...

— Não. Não para lá. Nenhum lugar onde você tenha "contatos". — Sorriu dolorosamente para ele, depois engoliu em Seco antes de continuar. — Mas, veja bem... nós teremos ido embora. Para... para sempre. Eu não vou... acho que nunca mais o verei outra vez. — Ela acabara de compreender isso; ele viu isso no rosto dela e, apesar da pontada de dor que isso lhe dava, ficou sensibilizado pela visível angústia da jovem diante da ideia.

— Vou sentir muito a sua falta, Brianna — ele disse delicadamente.

Fora um soldado durante a maior parte de sua vida, e depois um diplomata. Aprendera a conviver com separação e ausência, com a morte de um ou outro amigo deixado para trás. Mas a ideia de nunca mais ver aquela estranha jovem outra vez causava-lhe um inesperado grau de tristeza. Quase, pensou com surpresa, como se ela fosse sua própria filha.

Mas ele também tinha um filho e suas palavras seguintes o fizeram retornar bruscamente ao completo estado de alerta.

— Portanto, veja bem — ela disse, inclinando-se para ele com uma intensidade que em outras circunstâncias ele teria achado encantadora —, eu preciso falar com William e contar a ele. Nunca mais teremos outra oportunidade. — Então, seu rosto mudou e ela levou a mão ao peito.

— Tenho que ir — disse abruptamente. — Mandy... Amanda, minha filha, ela precisa ser alimentada.

E com isso, já havia se levantado e partido, deslizando pela areia da pista de corrida como uma nuvem de tempestade, deixando para trás a ameaça de destruição e revolta em sua esteira.



*CERTAMENTE A JUSTIÇA E A MISERICÓRDIA ME  
ACOMPANHARÃO*

*10 de julho de 1776*

A maré começou a subir pouco antes das cinco horas da manhã. O céu já estava completamente claro, uma cor límpida e pálida, sem nuvens, e os baixios pantanosos além do cais estendiam-se cinzentos e brilhantes, a superfície lisa perturbada aqui e ali por plantas daninhas e renitentes gramíneas, brotando da lama como tufos de cabelos.

Todos se levantaram com o amanhecer; havia muita gente no cais para ver a pequena procissão sair, dois agentes do Comitê de Segurança de Wilmington, um representante da Associação Mercantil, um ministro carregando uma Bíblia e o prisioneiro, uma figura alta, de ombros largos, caminhando de cabeça descoberta pelo lodaçal. Atrás de todos, vinha um escravo, carregando as cordas.

— Não quero ver isso — Brianna disse num sussurro. Estava muito pálida, os braços cruzados contra o meio do corpo como se tivesse dor de estômago.

— Vamos embora, então. — Roger tomou seu braço, mas ela desvencilhou-se.

— Não. Eu preciso.

Ela arriou os braços e empertigou-se, observando. As pessoas ao redor acotovelavam-se para obter uma visão melhor, zombando e vaiando tão alto que tudo que estava sendo dito se tornava inaudível. Não levou muito tempo. O escravo, um homem alto e forte, agarrou o poste de atracação e sacudiu-o, testando sua firmeza. Em seguida, recuou, enquanto os dois agentes conduziam Stephen Bonnet para a estaca e enrolavam seu corpo com cordas do peito aos joelhos. O desgraçado não iria a parte alguma.

Roger achou que deveria estar buscando compaixão em seu coração, rezando pelo condenado. Não conseguiu. Tentou perdoar e também não conseguiu. Algo como um bolo de vermes remexia-se em sua barriga.

Sentia como se ele próprio estivesse amarrado a uma estaca, esperando para morrer afogado.

O ministro de casaco preto aproximou-se, os cabelos agitando-se na brisa do começo da manhã, a boca se movendo. Roger achou que Bonnet não disse nada, mas não sabia ao certo. Após alguns instantes, os homens tiraram o chapéu, ficaram parados enquanto o ministro orava, depois recolocaram os chapéus e retornaram para a praia, as botas chafurdando, atolados até o tornozelo na lama arenosa.

No instante em que os agentes desapareceram, uma torrente de pessoas despejou-se na lama: visitantes, crianças saltitando... e um homem com um bloco e um lápis, que Roger reconheceu como Amos Crupp, o atual proprietário do Wilmington Gazette.

— Bem, isso vai ser um "furo" de reportagem, não? — Roger murmurou. Independentemente do que Bonnet tenha dito — ou não — certamente haveria um volante apregoado pelas ruas amanhã, contendo ou uma fantástica confissão ou relatórios piegas de remorsos, talvez ambos.

— Ok, eu realmente não consigo ver isso. — Abruptamente, Brianna virou-se, tomando-lhe o braço.

Ela conseguiu passar pela fileira de armazéns antes de virar-se repentinamente para ele e enterrar o rosto em seu peito, irrompendo em lágrimas.

— Sssh. Está tudo certo, tudo vai ficar bem. — Deu uns tapinhas reconfortantes em Brianna, tentou infundir convicção em suas palavras, mas havia um bolo obstruindo sua própria garganta. Ele finalmente tomou-a pelos ombros e afastou-a de si, de modo a poder olhar dentro de seus olhos.

— Você não tem que fazer isso — ele disse.

Ela parou de chorar e fungou, limpando o nariz na manga como Jemmy — mas se recusando a olhá-lo nos olhos.

— É que... Estou bem. Nem é por causa dele. É só que... é tudo.

MMandy — sua voz tremeu com a palavra — e conhecer meu irmão... Oh, Roger, se não posso contar-lhe, ele nunca saberá, e eu nunca mais o verei, nunca mais verei lorde John. Nem mamãe... — Novas lágrimas assomaram aos seus olhos, mas ela engoliu repetidas vezes, forçando-as a recuar.

— Não é por causa dele — ela disse, em uma voz embargada, exausta.

— Talvez não seja — ele disse, brandamente. — Mas ainda assim, você não precisa fazer isso. — Seu estômago ainda se revirava e sentia as mãos trêmulas, mas a determinação começava a dominá-lo.

— Eu devia ter matado Bonnet em Ocracoke — ela disse, fechando os olhos e afastando para trás os fios soltos de seus cabelos. O sol estava mais alto agora, e brilhante. — Fui covarde. Achei que seria mais fácil deixar... deixar a lei cuidar disso. — Abriu os olhos e desta vez realmente fitou-o diretamente, os olhos

vermelhos, mas límpidos. — Não posso deixar que aconteça desta forma, mesmo que eu não tivesse dado minha palavra.

Roger compreendia; sentira o terror da maré subindo, aquele avanço inexorável da água, elevando-se em seus ossos. Levaria quase nove horas para a água alcançar o queixo de Bonnet; ele era um homem alto.

— Eu farei isso — ele disse com decisão. Ela fez uma pequena tentativa de sorrir, mas abandonou-a.

— Não — ela disse. — Não fará. — Ela parecia, e soava, completamente exaurida; nenhum dos dois havia dormido muito na noite anterior. Mas também soava determinada, e ele reconheceu o sangue obstinado de Jamie Fraser.

— Bem, droga, ele também tinha um pouco desse sangue.

— Eu já lhe disse — ele falou. — O que seu pai disse, naquela vez. "SOU eu que mato por ela." Se tem que ser feito — e ele era obrigado a concordar com ela; também ele não podia suportar aquilo —, então eu o farei.

Ela estava recobrando o autocontrole. Limpou o rosto com uma prega da saia e respirou fundo antes de olhá-lo nos olhos outra vez. Eram olhos de um azul vívido e escuro, muito mais escuro do que o céu.

— Você me contou. E também me contou por que ele disse isso, o que ele disse para Arch Bug: "Ela fez um voto." Ela é médica, ela não mata pessoas.

Pois sim que não, Roger pensou, mas achou melhor não expressar essa opinião. Antes que pudesse pensar em algo mais diplomático, ela continuou, espalmando as mãos abertas em seu peito.

— Você também fez um — ela disse. Isso o deixou paralisado.

— Não, não fiz.



— Oh, sim, fez. — Falou com serenidade, mas foi enfática.  
— Talvez ainda não seja oficial, mas não precisa ser. Talvez nem tenha palavras formais, o voto que você fez; mas eu sei que fez.

Ele não podia negar e ficou emocionado que ela realmente soubesse.

— Sim, bem... — Colocou as mãos sobre as dela, envolvendo seus dedos longos e fortes. — E também fiz um a você, quando lhe contei. Eu disse que nunca colocaria Deus antes do meu... do meu amor por você. — Amor. Não acreditava que pudesse estar discutindo tal coisa em termos de amor. No entanto, tinha a mais estranha sensação de que era exatamente assim que ela via a questão.

— Eu não fiz esse tipo de voto — ela disse com firmeza, e retirou as mãos das suas. — E eu dei minha palavra.

Ela fora com Jamie, depois que escurecera na noite anterior, ao lugar onde o pirata estava sendo mantido. Roger não faz a menor ideia do tipo de suborno ou força de personalidade que foram empregados, mas foram admitidos. Jamie a trouxera de volta ao seu quarto muito tarde da noite, pálida, com um maço de papéis que entregou a seu pai. Declarações juramentadas, ela disse. Depoimentos juramentados de negócios de Stephen Bonnet com vários comerciantes acima e abaixo do litoral.

Roger lançara a Jamie um olhar fulminante e recebera outro de volta, com lucro. Isso é guerra, os olhos estreitados de Fraser diziam. E usarei qualquer arma ao meu alcance. Mas tudo que ele disse foi "Boa-noite, então, a nighean", e tocou seus cabelos com ternura antes de ir embora.

Brianna sentara-se com Mandy e a amamentara, os olhos fechados, recusando-se a falar. Após algum tempo, as linhas de tensão em seu rosto pálido se relaxaram e ela fez o bebê arrotar e colocou-o, dormindo, no cesto. Então, veio para a cama e fez amor

com ele com uma silenciosa ferocidade que o surpreendeu. Mas não tanto quanto o surpreendia agora.

— E há mais uma coisa — ela disse, sóbria e ligeiramente triste. — Sou a única pessoa no mundo para quem isto não é assassinato.

Com isso, virou-se e afastou-se rapidamente, na direção da estalagem onde Mandy aguardava para ser amamentada. Dos baixios pantanosos, ele ainda podia ouvir o som de vozes empolgadas, estridentes como gaivotas.

As duas horas da tarde, Roger ajudou sua mulher a subir em um pequeno barco a remo, amarrado ao cais perto da fileira de armazéns. A maré subira lentamente o dia todo; a água já estava com mais de um metro e meio de profundidade. Do meio da névoa brilhante e cinzenta divisava-se o aglomerado de mourões de amarração — e a pequena cabeça escura do pirata.

Brianna estava distante como uma estátua pagã, o rosto sem expressão. Ela ergueu as saias para entrar no barco e sentou-se, o peso em seu bolso batendo contra a tábua do banco.

Roger pegou os remos e começou a remar, dirigindo-se aos mourões.

Não levantariam nenhum interesse em particular; havia barcos saindo desde o meio-dia, carregando turistas que queriam ver o rosto do condenado, gritar insultos ou cortar uma mecha de seu cabelo como souvenir.

Ele não conseguia ver para onde estava indo; Brianna direcionava-o para a esquerda ou para a direita com uma inclinação silenciosa da cabeça.

Ela podia ver; sentava-se empertigada e alta, a mão direita escondida na saia.

Então, ela ergueu a mão esquerda repentinamente e Roger parou os remos e usou um deles para empurrar, fazendo a minúscula embarcação dar meia-volta.

Os lábios de Bonnet estavam rachados, o rosto com fissuras e crostas de sal, as pálpebras tão vermelhas que ele mal conseguia abrir os olhos.

Mas sua cabeça se ergueu quando eles se aproximaram, e Roger viu um homem devastado, impotente e aterrorizado com o iminente abraço do mar — tanto assim que ele anseia por seu toque sedutor, cedendo seu corpo aos dedos frios e ao beijo irresistível que rouba sua respiração.

— Você demorou muito, querida — ele disse a Brianna, e os lábios rachados apartaram-se em um sorriso que abriu as rachaduras e deixou sangue em seus dentes. — Mas eu sabia que você viria.

Roger trabalhava com um dos remos, mantendo o barco perto do poste, depois ainda mais perto. Ele olhava por cima do ombro quando Brianna tirou a pistola de cabo dourado de seu bolso e colocou o cano no ouvido de Stephen Bonnet.

— Vá com Deus, Stephen — ela disse claramente, em gaélico, e puxou o gatilho. Em seguida, largou a pistola na água e virou-se para seu marido.

— Vamos para casa — ela disse.

*ARREPENDIMENTO*

Lorde John entrou em seu quarto na hospedaria e ficou surpreso — estupefato, na verdade — ao descobrir que tinha visita.

— John. — Jamie Fraser virou-se da janela e deu-lhe um pequeno sorriso.

— Jamie. — Ele devolveu o sorriso, tentando controlar a repentina sensação de júbilo que sentia. Ele chamara Jamie pelo primeiro nome talvez três vezes nos últimos vinte e cinco anos; a intimidade disso era exultante, mas ele não devia demonstrar.

— Devo pedir bebidas? — perguntou educadamente. Jamie não se afastara da janela; olhou para fora, depois novamente para John e sacudiu a cabeça, ainda sorrindo ligeiramente.

— Não, obrigado. Somos inimigos, não é? — Lamentavelmente, encontramo-nos em lados opostos do que julgo será um conflito de vida curta — lorde John corrigiu.

Fraser olhou para ele, com uma expressão estranha e pesarosa.

— Não de vida curta — ele disse. — Mas lamentável, sim.

— De fato. — Lorde John limpou a garganta e aproximou-se da janela, tomando o cuidado para não roçar no visitante. Olhou para fora e viu a razão provável da visita de Fraser.

— Ah — disse, ao ver Brianna Fraser MacKenzie no passeio de tábuas embaixo. — Oh! — disse, em um tom diferente. Pois

William Clarence Henry George Ransom, nono conde de Ellesmere, acabara de sair da hospedaria e fazia uma mesura para ela.

— Santo Deus — ele disse, a apreensão fazendo seu couro cabeludo se arrepiar. — Ela vai contar a ele?

Fraser sacudiu a cabeça, os olhos nos dois jovens embaixo.

— Não, não vai — ele disse serenamente. — Ela me deu sua palavra.

O alívio percorreu suas veias como água.

— Obrigado — ele disse. Fraser deu de ombros em resposta. Era, afinal, o que ele queria também... ou assim lorde John presumia.

Os dois conversavam — William disse alguma coisa e Brianna riu, atirando os cabelos para trás. Jamie observava fascinado. Santo Deus, eles eram iguais! Os pequenos truques de expressão, de postura, os gestos...

Devia ser evidente até para o mais desavisado observador. Na realidade, ele viu um casal passar por eles e a mulher sorrir, satisfeita de ver uma dupla tão bonita e parecida.

— Ela não vai lhe contar — lorde John repetiu, um pouco consternado diante da visão. — Mas ela se exhibe para ele. Será que ele... não. Creio que não.

— Espero que não — Jamie disse, os olhos ainda fixos neles. — Mas se ele perceber... ainda assim ele não saberá. E ela insistiu que precisava vê-lo mais uma vez, este foi o preço de seu silêncio.

John balançou a cabeça, em silêncio. O marido de Brianna se aproximava agora, trazendo seu menino pela mão, os cabelos tão chamejantes quanto os de sua mãe no brilhante sol de verão. Ele segurava um bebê no braço. Brianna pegou o bebê, abrindo um pouco o cobertor para mostrar a criança a William, que o inspecionou com toda educação.

Olhou para Jamie e percebeu de repente que cada fragmento de seu ser estava concentrado na cena lá fora. Claro; ele

não via William desde que o menino tinha doze anos. E ver os dois juntos — sua filha e o filho com quem nunca podia falar ou reconhecer. Teve vontade de tocar em Fraser, colocar a mão em seu braço em solidariedade, mas, conhecendo o provável efeito de seu toque, absteve-se.

— Eu vim — Fraser disse repentinamente — lhe pedir um favor.

— Seu criado, senhor — lorde John disse, extremamente satisfeito, mas refugiando-se na formalidade.

— Não para mim mesmo — Fraser disse com um olhar para ele. — Para Brianna.

— Terei grande prazer — John assegurou-lhe. — Gosto imensamente de sua filha, apesar de suas semelhanças de temperamento com o pai.

O canto da boca de Jamie torceu-se no esboço de um sorriso e ele voltou o olhar para a cena embaixo.

— De fato — ele disse. — Muito bem, então. Não posso lhe dizer para que, mas eu preciso de uma joia.

— Uma joia? — A voz de lorde John soou perplexa, até para seus próprios ouvidos. — Que tipo de joia?

— Qualquer tipo. — Fraser deu de ombros, impaciente. — Não importa, desde que tenha uma pedra preciosa. Certa vez, lhe dei uma pedra assim. — Sua boca torceu-se diante disso; ele entregara a pedra, uma safira, sob pressão, como prisioneiro da Coroa. — Embora eu não creia que ainda a tenha com você.

Na verdade, ele tinha. Aquela safira em particular viajara com ele durante os últimos vinte e cinco anos e neste momento estava no bolso de seu casaco.

Ele olhou para sua mão esquerda, que ostentava um largo anel de ouro com uma brilhante safira incrustada. O anel de Hector. Dado a ele pelo seu primeiro amante, aos dezesseis anos. Hector morrera em Culloden — no dia seguinte ao que John conhecera

James Fraser, na escuridão de um desfiladeiro numa montanha escocesa.

Sem hesitar, mas com alguma dificuldade — o anel tinha sido usado durante muito tempo e estava um pouco fincado na carne de seu dedo — ele girou-o, conseguiu tirá-lo e colocou-o na mão de Jamie.

A sobancelha de Jamie ergueu-se, assombrado.

— Este? Tem certeza...

— Fique com ele. — Estendeu a mão e fechou os dedos de Jamie ao redor do anel com a sua própria. O contato foi passageiro, mas sua mão latejou, e ele cerrou o próprio punho na esperança de guardar a sensação.

— Obrigado — Jamie disse outra vez, num sussurro.

— E... um grande prazer para mim. — O grupo embaixo se separava... Brianna se despedia, o bebê nos braços, seu marido e filho já descendo pelo passeio. William fez uma reverência, tirando o chapéu, o formato de sua cabeça castanha tão semelhante à ruiva...

Repentinamente, lorde John não pôde suportar vê-los se separar. Ele queria guardar aquela cena também — todos eles juntos. Fechou os olhos e ficou parado, as mãos no parapeito da janela, sentindo o movimento da brisa em seu rosto. Algo tocou em seu ombro, muito levemente, e sentiu o movimento do ar ao seu lado.

Quando abriu novamente os olhos, todos os três haviam desaparecido.

*RELUTÂNCIA EM PARTIR*

*Setembro de 1776*

Roger estava assentando os últimos canos de água quando Aidan e Jemmy surgiram ao seu lado, repentinos como um par de bonecos de mola saindo da caixa.

— Papai, papai, Bobby está aqui!

— Quem? Bobby Higgins? — Roger endireitou-se, sentindo os músculos das costas protestarem, e olhou na direção da casa grande, mas não viu nenhum sinal de um cavalo. — Onde ele está?

— Ele foi ao cemitério — Aidan disse, com ar importante. — Acha que ele foi procurar o fantasma?

— Duvido — Roger disse calmamente.

— Que fantasma?

— O de Malva Christie — Aidan disse prontamente. — Ele anda por aí. É o que todo mundo diz. — Falava corajosamente, mas passou os braços ao redor de si mesmo. Jemmy, que obviamente não ouvira essa história antes, arregalou os olhos.

— Por que ele anda? Aonde vai?

— Porque ela foi asssssasssinaaada, bobo — Aidan disse. — As pessoas que foram assassinadas sempre saem andando por aí. Estão procurando a pessoa que os matou.



— Bobagem — Roger disse com firmeza, vendo o olhar de inquietação no rosto de Jemmy. Jem sabia que Malva Christie estava morta, é claro; ele fora ao seu funeral, juntamente com todas as demais crianças de Ridge. Mas ele e Brianna apenas disseram ao menino que Malva havia morrido, não que fora assassinada.

Bem, Roger pensou sombriamente, pouca chance de manter segredo de algo assim. Esperava que Jem não tivesse pesadelos.

— Malva não está andando por aqui à procura de ninguém — ele disse, com tanta convicção quanto pôde infundir em sua voz. — Sua alma está no céu com Jesus, onde está feliz e em paz. E seu corpo... bem, quando as pessoas morrem, não precisam mais de seus corpos, e assim nós os enterramos, e eles ficam lá, bem arrumados em suas sepulturas, até o dia do Juízo Final.

Aidan, patentemente, não parecia convencido.

— Joey McLaughlin viu o fantasma dela, duas semanas atrás, numa sexta-feira — ele disse, balançando-se para cima e para baixo na ponta dos pés. — Um vulto na floresta, ele disse, toda vestida de preto, e uivando de tristeza! Jemmy começava a ficar realmente perturbado. Roger largou a pá e pegou Jem nos braços.

— Imagino que Joey McLaughlin tenha bebido um pouco demais — ele disse. Os dois garotos estavam familiarizados com a ideia de embriaguez. — Se estava se movendo rápido pelo bosque, uivando, provavelmente foi Rollo que ele viu. Venham, vamos encontrar Bobby, e verão a sepultura de Malva por si mesmos.

Estendeu a mão para Aidan, que a segurou alegremente e continuou tagarelando durante todo o trajeto morro acima.

E o que Aidan faria quando ele fosse embora? A ideia de partir, no começo tão abrupta a ponto de parecer completamente irreal, impensável, infiltrara-se em sua consciência, dia após dia. Enquanto trabalhava na fazenda, cavava as trincheiras para os canos de água de Brianna, carregava feno, cortava lenha, tentava pensar: não falta muito. E no entanto, parecia impossível que um dia ele

não estaria em Ridge, não abriria a porta da cabana para encontrar Brianna envolvida em algum experimento diabólico na mesa da cozinha, Jem e Aidan acelerando seus carrinhos loucamente ao redor de seus pés.

A sensação de irrealidade era ainda mais pronunciada quando ele pregava em um domingo ou fazia visitas como ministro — ainda que sem ministério — para ver os doentes ou aconselhar os aflitos. Olhando todos aqueles rostos — atentos, entusiasmados, entediados, circunspectos ou preocupados — ele simplesmente não podia acreditar que pretendia ir embora, insensivelmente abandonando todos eles. Como iria lhes contar?, perguntava-se, com uma espécie de angústia diante do pensamento.

Especialmente aqueles pelos quais se sentia mais responsável — Aidan e sua mãe.

Ele rezara por causa disso, buscando forças, buscando orientação.

Entretanto... entretanto, a visão das pequeninas unhas azuis de Amanda, o leve assobio de sua respiração, nunca o abandonavam. E as pedras verticais, assomando junto ao riacho em Ocracoke, pareciam se aproximar, mais sólidas, a cada dia.

Bobby Higgins realmente estava no cemitério, o cavalo amarrado sob os pinheiros. Estava sentado na sepultura de Malva, a cabeça baixa em contemplação, embora tenha erguido os olhos assim que Roger e os meninos apareceram. Parecia pálido e melancólico, mas levantou-se e apertou a mão de Roger.

— Estou feliz em vê-lo de volta, Bobby. Meninos, vocês vão brincar, sim? — Colocou Jemmy no chão e ficou satisfeito ao ver que, após um olhar desconfiado para a sepultura de Malva — enfeitada com um ramalhete de flores silvestres murchas — Jemmy partiu alegremente com Aidan para caçar esquilos no bosque.

— Eu... hã... não esperava vê-lo de novo — acrescentou, um pouco constrangido. Bobby abaixou os olhos, lentamente retirando

agulhas de pinheiro de suas calças.

— Bem, senhor... o fato é que eu vim para ficar. Se estiverem de acordo — acrescentou apressadamente.

— Para ficar? Mas... é claro que está bem — Roger disse, recobrando-se de sua surpresa. — Você... quero dizer... não brigou com o lorde, não é?

Bobby pareceu atônito diante da ideia e sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Oh, não, senhor! O lorde sempre foi muito bom para mim, desde que me aceitou. — Hesitou, mordendo o lábio inferior. — É só que... bem, sabe, senhor, tem muita gente que se hospeda com o lorde ultimamente. Políticos e... e militares.

Involuntariamente, ele tocou a marca em sua face, que agora já havia desbotado para uma cicatriz rosada, mas ainda visível — e sempre o seria.

Roger compreendia.

— Imagino que já não se sentisse à vontade lá, não?

— Isso mesmo, senhor. — Bobby deu-lhe um olhar agradecido. — Houve uma época em que eram apenas o lorde, eu e Manoke, o cozinheiro. As vezes, aparecia um convidado para jantar ou para ficar alguns dias, mas tudo era fácil e o que se pode dizer simples. Quando comecei a sair para entregar correspondências ou fazer outros serviços para o lorde, as pessoas me olhavam, mas apenas na primeira ou segunda vez; depois disso, se acostumavam comigo — tocou o rosto outra vez — e tudo ficava bem. Mas agora... — Sua voz desapareceu com um tom pesaroso, deixando a Roger imaginar a provável reação dos oficiais do exército britânico, engomados, lustrados e abertamente contrários àquela nódoa em serviço ou dolorosamente educados. — Lorde John percebeu a dificuldade, ele é bom nisso. E ele disse o quanto sentiria minha falta, mas, se eu preferisse aventurar a sorte em outro lugar, ele me daria dez libras e me desejaria boa sorte.

Roger assobiou em deferência. Dez libras era uma soma muito respeitável. Não era uma fortuna, porém mais do que suficiente para Bobby trilhar o seu próprio caminho.

— Muito bem — ele disse. — Ele sabia que você pretendia vir para cá?

Bobby sacudiu a cabeça.

— Eu mesmo não tinha certeza — ele admitiu. — Em outra época, eu poderia... — Interrompeu-se abruptamente, relanceando um olhar para o túmulo de Malva, e em seguida deu as costas a Roger, clareando a garganta. — Achei melhor conversar com o sr. Fraser, antes de me decidir. Pode ser que não haja mais nada para mim aqui, de qualquer forma. — Isto foi dito como uma afirmação, mas a pergunta era clara. Todos em Ridge conheciam Bobby e o aceitavam, esta não era a dificuldade. Mas com Lizzie casada e Malva morta... Bobby queria uma esposa.

— Oh... acho que será muito bem-vindo — Roger disse com um olhar significativo a Aidan, pendurado de cabeça para baixo, pelos joelhos, de um galho de árvore, enquanto Jemmy escorava-o com cones de pinheiro. Uma sensação muito peculiar o percorreu... algo entre gratidão e ciúme... mas ele afastou este último sentimento com firmeza.

— Aidan! — ele gritou. — Jem! Hora de ir! — E virou-se descontraidamente para Bobby outra vez, dizendo: — Acho que você talvez não tenha conhecido a mãe de Aidan, Amy McCallum. É uma jovem viúva, sabe, com uma casa e um pedacinho de terra. Ela veio trabalhar na casa grande; se quiser vir jantar conosco lá...

— Já pensei nisso uma vez ou outra — Jamie admitiu. — Fiquei imaginando, sabe? E se eu pudesse? Como seria?

Olhou para Brianna, sorrindo, mas um pouco desamparado, e deu de ombros.

— O que acha, menina? O que eu faria lá? Como seria?

— Bem... — ela começou e parou, tentando visualizá-lo naquele mundo... atrás do volante de um carro? Indo para o escritório, de terno e gravata? Esta ideia era tão absurda que ela riu. Ou sentado em um cinema às escuras, vendo filmes de Godzilla com Jem e Roger? — Como é Jamie de trás pra frente? — ela perguntou.

— Eimaj, imagino — ele respondeu, intrigado. — Por quê?

— Acho que você se sairia bem — ela disse, sorrindo. — Não importa. Você... bem, imagino que você pudesse... publicar jornais. As gráficas são maiores e mais rápidas, e é preciso muito mais gente para colher as notícias, mas fora isso... não acho que seja muito diferente do que é agora. Você sabe fazer isso.

Ele balançou a cabeça, uma ruga de concentração formando-se entre as sobrancelhas espessas tão iguais às dela.

— Suponho que sim — ele disse, um pouco em dúvida. — Você acha que eu poderia ser um fazendeiro? Sem dúvida, as pessoas ainda comem, alguém tem que alimentá-las.

— Poderia. — Olhou ao redor, novamente registrando todos os detalhes tão familiares do lugar: as galinhas ciscando pacificamente na terra; as tábuas lisas e desbotadas do estábulo; a terra atirada para fora perto do alicerce da casa onde a porca branca havia escavado. — Há pessoas que ainda possuem fazendas exatamente como esta; lugares pequenos, no alto das montanhas. É uma vida dura. — Ela o viu sorrir e riu em resposta. — Tudo bem, não é mais difícil do que agora, mas a vida é muito mais fácil nas cidades.

Ela parou, pensando.

— Você não teria que lutar — ela disse, finalmente.

Ele pareceu surpreso com isso.

— Não? Mas você disse que há guerras.

— Sim, sem dúvida há — ela disse, pontadas gélidas perfurando sua barriga, conforme as imagens perfuravam sua

mente: campos de papoulas, campos de cruces brancas, um homem em chamas, uma criança nua fugindo, com a pele queimada, o rosto contorcido de um homem no instante antes de uma bala penetrar seu cérebro. — Mas... mas na minha época somente os jovens vão lutar. E nem todos, apenas alguns.

— Mmmmhum. — Ele pensou por um instante, a testa franzida, depois levantou os olhos, investigando seu rosto.

— Este seu mundo, estes Estados Unidos — ele disse finalmente, de modo pragmático. — A liberdade para a qual você vai. Haverá um terrível preço a ser pago. Você acha que valerá a pena? Foi a vez de Brianna ficar em silêncio e pensar. Finalmente, ela colocou a mão em seu braço — sólido, quente, firme como uma rocha.

— Por quase nada valeria a pena perder você — ela sussurrou. — Mas talvez isso chegue perto.

Conforme o mundo gira na direção do inverno e as noites se tornam mais longas, as pessoas começam a acordar no escuro. Permanecer muito tempo na cama dá cãibra nos membros e sonhos muito longos voltam-se para dentro de si mesmos, grotescos como as unhas de um mandarim. De modo geral, o corpo humano não está adaptado para mais de sete ou oito horas de sono — mas o que acontece quando as noites são mais longas do que isso? O que acontece é o segundo sono. Você adormece de cansaço, logo depois que escurece — mas depois acorda, subindo à superfície de seus sonhos como uma truta subindo para se alimentar. E caso seu parceiro de sono venha a acordar nesse momento também — e as pessoas que dormem juntas há muitos anos sabem de imediato quando o outro acorda — você tem um pequeno lugar particular para compartilhar, no meio da noite. Um lugar onde levantar-se, espreguiçar-se, trazer uma succulenta maçã para a cama, compartilhar cada fatia, os dedos roçando os lábios. Ter o luxo da

conversa, não interrompida pela azáfama do dia. Fazer amor devagar à luz de uma lua de outono.

E depois, deitados juntos, deixar os sonhos de seu amante acariciarem sua pele conforme você começa a afundar novamente sob as ondas da consciência, feliz de saber que a aurora está muito distante — este é o segundo sono.

Eu subi muito lentamente à superfície do meu primeiro sono, descobrindo que o sonho altamente erótico que eu tivera tinha algum fundamento na realidade.

— Nunca me imaginei como o tipo de pessoa que molestaria um cadáver, Sassenach. — A voz de Jamie fez cócegas na pele sensível abaixo de minha orelha, murmurando. — Mas eu diria que a ideia tem mais apelo do que eu imaginava.

Eu não estava suficientemente acordada para responder a isso, mas atirei meus quadris para trás em sua direção de uma forma que ele pareceu achar um convite tão eloquente quanto um escrito à mão em pergaminho.

Ele respirou fundo, segurou minhas nádegas com força e me fez acordar de uma maneira que podia ser chamada de rude em diversos aspectos da palavra.

Contorci-me como uma minhoca espetada em um anzol, emitindo pequenos ruídos urgentes, que ele interpretou corretamente, virando-me de bruços e procedendo de modo a não me deixar nenhuma dúvida de que eu não só estava viva e acordada, mas em funcionamento.

Emergi finalmente de um ninho de travesseiros amassados, molhada, arquejante, com todos os terminais nervosos trêmulos, e totalmente acordada.

— O que provocou isso? — perguntei. Ele não se afastara; permanecemos unidos, banhados pelo luar de uma meia-lua grande e dourada, baixa no céu acima das castanheiras. Ele fez um pequeno som, em parte achando graça, em parte consternado.

— Não posso olhar para você dormindo sem querer acordá-la, Sassenach. — Sua mão envolveu meu seio, agora delicadamente. — Acho que me sinto sozinho sem você.

Havia um tom estranho em sua voz e eu virei a cabeça para ele, mas não podia vê-lo na escuridão atrás de mim. Assim, estendi a mão para trás e toquei sua perna ainda parcialmente envolvendo a minha. Mesmo relaxada, era rígida, o longo sulco do músculo gracioso sob meus dedos.

— Estou aqui — eu disse, e seu braço apertou-se repentinamente ao meu redor.

Ouvi sua respiração prender-se na garganta e minha mão apertou sua coxa com mais força.

— O que foi? — eu disse.

Ele inspirou, mas não respondeu imediatamente. Eu o senti recuar um pouco e remexer embaixo do travesseiro. Então, sua mão veio para mim novamente, desta vez buscando a mão que estava em sua perna. Seus dedos entrelaçaram-se aos meus e eu senti um objeto arredondado, duro e pequeno ser enfiado em minha mão.

Eu o ouvi engolir em seco.

A pedra, qualquer que fosse, parecia ligeiramente quente ao toque.

Passei o polegar lentamente sobre ela; uma pedra bruta de algum tipo, mas grande, do tamanho de um dos nós dos meus dedos.

— Jamie... — eu disse, sentindo minha garganta se fechar.

— Eu a amo — ele disse, tão suavemente que eu mal o ouvi, apesar de estarmos tão próximos.

Permaneci imóvel por um instante, sentindo a pedra ficar cada vez mais quente na palma da minha mão. Certamente seria minha imaginação que fazia a pedra parecer latejar no mesmo ritmo do meu coração. Onde ele a teria conseguido? Então eu me movi — não repentinamente, mas com determinação, meu corpo se



afastando lentamente do dele. Levantei-me, sentindo-me zozna, e atravessei o quarto. Abri a janela para sentir o toque penetrante do vento de outono na minha pele nua e aquecida da cama, e levando meu braço para trás atirei o minúsculo objeto na noite.

Depois voltei para a cama, vi a mancha escura de seus cabelos no travesseiro e o brilho de seus olhos ao luar.

— Eu o amo — murmurei, e deslizei para baixo do lençol ao seu lado, passando os braços ao redor dele, abraçando-o junto a mim, mais quente do que a pedra — tão mais quente — e seu coração batia no mesmo ritmo que o meu.

— Já não sou tão corajoso quanto eu era antes, sabe? — ele disse, muito brandamente. — Não o suficiente para viver sem você outra vez.

Mas bastante corajoso para tentar.

Puxei sua cabeça para mim, afagando seus cabelos soltos, ao mesmo tempo ásperos e macios, vivos sob meus dedos.

— Descanse, homem — eu disse suavemente. — Ainda falta muito até o amanhecer.

*AINDA QUE SOMENTE POR MIM*

O céu era de um cinza-chumbo, liso, ameaçando chuva, e o vento soprava em rajadas pelas palmeiras, agitando as folhas como sabres. Nas profundezas da floresta de maré, os quatro monólitos assomavam ao lado do riacho.

— Eu sou a mulher do senhor de Balnain — Brianna sussurrou, ao meu lado. — As fadas me roubaram outra vez. — Seus lábios estavam brancos, Amanda agarrada com força ao peito.

Havíamos nos despedido — vínhamos nos despedindo, eu achava, desde o dia em que eu pressionei o estetoscópio no coração de Mandy.

Mas Brianna virou-se e se atirou — com o bebê e tudo — sobre Jamie, que a apertou com tanta força contra o coração que eu temi que um dos dois fosse se quebrar.

Em seguida, ela se lançava sobre mim, uma nuvem de capa e cabelos soltos, e seu rosto estava frio contra o meu, suas lágrimas e as minhas misturando-se em minha pele.

— Eu a amo, mamãe! Eu a amo! — ela disse, em desespero, depois se virou e, sem olhar para trás, começou a caminhar no padrão que Donner descrevera, cantarolando serenamente à meia-voz. Um círculo para a direita, entre duas pedras, um círculo para a esquerda, e de volta pelo centro; então, para a esquerda da pedra maior.

Eu já esperava por isso; quando ela começou a andar no padrão, eu corri para longe das pedras, parando no que achei que deveria ser uma distância segura. Não era. O som das pedras — um rugido desta vez, em vez de um som estridente — trovejou através de mim, parando minha respiração e quase meu coração também. Um círculo de dor apertou meu peito e eu caí de joelhos, cambaleando, impotente.

Elas se foram. Pude ver Jamie e Roger correndo para verificar — aterrorizados de encontrar corpos, ao mesmo tempo desolados e aliviados de não encontrarem nenhum. Eu não conseguia enxergar direito — minha visão flutuava, clareando e escurecendo — mas não era necessário. Eu sabia que elas haviam partido, por causa do vazio em meu coração.

— Menos dois — Roger sussurrou. Sua voz não era mais do que um sussurro áspero e ele limpou a garganta, com força. — Jeremiah. — Olhou para Jem, que pestanejou e fungou, depois se empertigou ao ouvir seu nome formal.

— Sabe o que pretendemos fazer agora, não é? — Jemmy balançou a cabeça, embora relanceasse um olhar assustado na direção da pedra alta por onde sua mãe e sua irmãzinha haviam acabado de desaparecer.

Engoliu em seco, com força, e limpou as lágrimas do rosto.

— Muito bem, então. — Roger estendeu a mão e pousou-a delicadamente na cabeça de Jemmy. — Saiba disso, mo mac: eu o amarei a minha vida inteira e nunca o esquecerei. Mas o que estamos fazendo é algo extraordinário e você não precisa vir comigo. Pode ficar com seu avô e com a vovó Claire; tudo bem.

— Eu não vou... não vou ver mamãe de novo? — Os olhos de Jemmy estavam arregalados e ele não conseguia desviar os olhos da pedra.

— Não sei — Roger disse, e eu pude ver as lágrimas que ele próprio estava reprimindo, e ouvi-las em sua voz embargada. Ele

próprio não sabia se jamais veria Brianna outra vez, ou Mandy. — Provavelmente... provavelmente, não.

Jamie abaixou os olhos para Jem, que se agarrava à sua mão, olhando do pai para o avô, confusão, medo e ansiedade no rosto.

— Se um dia, a bhailach — Jamie disse em tom de conversa — você encontrar um camundongo muito grande chamado Mickey, diga-lhe que seu avô mandou lembranças. — Abriu a mão, então, soltando-o e fez um sinal com a cabeça para Roger.

Jem ficou olhando fixamente por um instante, depois fincou os pés no chão e correu na direção de Roger, levantando areia de baixo dos sapatos. Pulou nos braços do pai, agarrando-o ao redor do pescoço, e com um último olhar para trás Roger virou-se e deu um passo para trás da pedra, e o interior de minha cabeça explodiu em fogo.

Muito tempo mais tarde, eu lentamente recobri os sentidos, descendo das nuvens aos pedaços, como pedras de granizo. E me vi deitada, com a cabeça no colo de Jamie. E o ouvi dizer baixinho, para si mesmo e para mim: — Por você, eu continuarei. Se fosse apenas por mim... eu não o faria.

*DO OUTRO LADO DO ABISMO*

Três noites mais tarde, acordei de um sono agitado em uma hospedaria em Wilmington, a garganta seca do bacon salgado que comera no ensopado do jantar. Sentando-me para pegar água, vi que estava sozinha — o luar que entrava pela janela iluminava, branco, o travesseiro vazio ao meu lado.

Encontrei Jamie do lado de fora, atrás da hospedaria, sua camisa de dormir uma mancha pálida na escuridão do pátio. Estava sentado no chão, com as costas apoiadas contra um toco de cortar lenha, os braços ao redor dos joelhos.

Não falou quando me aproximei, mas virou a cabeça, o corpo movendo-se em um sinal silencioso de boas-vindas. Sentei-me sobre o toco atrás dele, e ele recostou a cabeça em minha coxa, com um suspiro longo e profundo.

— Não conseguia dormir? — Toquei-o delicadamente, alisando seus cabelos para trás. Ele dormia com os cabelos soltos e eles caíam, espessos e desordenados pelos ombros, emaranhados da cama.

— Não, eu dormi — ele disse, serenamente. Seus olhos estavam abertos, olhando para a enorme lua dourada, quase cheia acima dos choupos próximos à hospedaria. — Tive um sonho.

— Um pesadelo? — Ele quase não os tinha mais, mas às vezes retornavam: as malditas lembranças de Culloden, da morte

inútil, do massacre; sonhos da prisão, de fome e confinamento — e às vezes, muito raramente, Jack Randall retornava a ele durante seu sono, com amorosa crueldade. Tais sonhos sempre o tiravam da cama para caminhar de um lado para o outro, durante horas. Até que a exaustão o livrava de suas visões. Mas ele não sonhava assim desde a ponte de Moore's Creek.

— Não — ele disse, parecendo um pouco surpreso. — Absolutamente. Sonhei com ela, com nossa menina, e as crianças.

Meu coração deu um estranho salto, a consequência do espanto e do que podia quase ser inveja.

— Você sonhou com Brianna e as crianças? O que aconteceu? Ele sorriu, o rosto tranquilo e absorto ao luar, como se ele ainda visse parte do sonho à sua frente.

— Está tudo bem — ele disse. — Estão sãos e salvos. Eu os vi em uma cidade, parecia Inverness, mas era diferente, de certa forma. Eles subiram os degraus de entrada de uma casa, Roger Mac estava com eles — acrescentou, despreocupadamente. — Bateram na porta e uma mulher pequenina, de cabelos castanhos, abriu a porta para eles. Ela riu de alegria ao vê-los e mandou-os entrar, eles percorreram um corredor, com coisas estranhas como tigelas penduradas do teto.

"Depois estavam em uma sala, com sofás e cadeiras, e a sala tinha janelas enormes cobrindo toda uma parede, do chão ao teto, e o sol da tarde entrava por ela, incendiando os cabelos de Brianna e fazendo a pequena Mandy chorar quando a luz bateu em seus olhos." — A... Algum deles chamou a mulher de cabelos castanhos pelo nome? — perguntei, meu coração batendo rápido, de uma maneira estranha.

Ele franziu a testa, o luar fazendo uma cruz de luz sobre o nariz e as sobrancelhas.

— Sim, chamaram — ele disse. — Não consigo... oh, sim... Roger Mac chamou-a Fiona.

— Foi mesmo? — eu disse. Minhas mãos pousaram em seu ombro e minha boca estava cem vezes mais seca do que estivera quando acordei. A noite estava fria, mas não o suficiente para explicar a temperatura de minhas mãos.

Eu contara a Jamie inúmeras coisas do meu tempo ao longo dos anos de nosso casamento. Sobre trens e aviões e automóveis e guerras e encanamento doméstico. Mas tinha quase certeza de que nunca havia lhe contado como era o gabinete da residência do ministro presbiteriano onde Roger crescera com seu pai adotivo.

O aposento com a parede envidraçada, feita para atender o hobby de pintura do reverendo. A residência, com seu longo corredor, mobiliada com móveis e luminárias antigas, na forma de tigelas penduradas. E eu sabia que jamais havia lhe falado sobre a última governanta do reverendo, uma jovem com cabelos curtos e cacheados, chamada Fiona.

— Eles estavam felizes? — perguntei por fim, muito serenamente.

— Sim. Brianna e o marido... eles tinham umas sombras no rosto, mas pude ver que estavam felizes mesmo assim. Todos se sentaram para comer, Brianna e seu marido juntos, apoiando-se um no outro, e o pequeno Jem encheu a boca de bolo e creme. — Sorriu diante da imagem, os dentes um breve lampejo na escuridão.

— Oh, e por fim, logo antes de eu acordar... o pequeno Jem estava remexendo nas coisas, pegando objetos e recolocando-os no lugar, como ele costumava fazer. Havia... algo... sobre a mesa. Não sei dizer ao certo o que era; nunca vi nada parecido.

Ele estendeu as mãos afastadas cerca de quinze centímetros, franzindo a testa.

— Tinha talvez esta largura e só um pouco mais comprida... algo como uma caixa, talvez, só que... arqueada.

— Arqueada? — eu disse, intrigada com o que poderia ser.

— Sim, e tinha algo em cima como uma pequena alça com uma bola em cada ponta, e isso estava ligado à caixa por uma espécie de corda preta, enrolada como o rabinho de um porco. Jem o viu, estendeu a mão e disse: "Quero falar com o vovô." E então eu acordei.

Ele inclinou a cabeça mais para trás, de modo a erguer os olhos para o meu rosto.

— Você sabe o que isso poderia ser, Sassenach? Não se parecia com nada que eu já tivesse visto.

O vento de outono veio sussurrando pela colina abaixo, folhas secas correndo em seu rastro, rápidas e leves como os passos de um fantasma, e eu senti meus braços e minha nuca se arrepiarem.

— Sim, eu sei — eu disse. — Tenho certeza de que já lhe falei sobre eles. — Não achava, entretanto, que já descrevera um deles para Jamie, em mais do que termos gerais. Clareei a garganta. — Chama-se telefone.



*O GUARDIÃO*

Era novembro; não havia flores. Mas os azevinhos brilhavam, verde-escuros e os frutos silvestres haviam começado a amadurecer.

Cortei um galho, tomando cuidado com os espinhos, acrescentei um ramo novo de abeto para dar fragrância e subi a trilha íngreme que levava ao pequeno cemitério.

Eu ia lá todas as semanas, para deixar algum símbolo de minha presença no túmulo de Malva e fazer uma prece. Ela e seu filho não haviam sido sepultados com um marco de pedras — seu pai não quisera tal costume pagão — mas as pessoas vinham e deixavam pequenas pedras lá como lembrança. Elas me davam um certo conforto; havia outras pessoas que se lembravam dela.

Parei abruptamente na cabeceira da trilha; alguém estava ajoelhado junto à sua sepultura — um rapaz. Ouvi o murmúrio de sua voz, baixo e em tom de conversa, e me preparava para dar meia-volta e ir embora quando ele ergueu a cabeça e o vento agitou seus cabelos, curtos e espetados, como as penas de uma coruja. Allan Christie.

Ele também me viu e empertigou-se. Não restava nada a fazer senão ir falar com ele, e foi o que fiz.

— Sr. Christie — eu disse, as palavras parecendo estranhas em minha boca. Era assim que eu chamava seu pai. — Sinto muito

por sua perda.

Ele ergueu os olhos para mim, sem expressão; então, uma certa consciência pareceu assomar aos seus olhos. Olhos cinzentos, orlados com pestanas negras, tão iguais aos do seu pai e de sua irmã. Vermelhos de choro e falta de sono, a julgar pelas impressionantes olheiras sob eles.

— Sim — ele disse. — Minha perda. Sim.

Dei a volta por ele para colocar o buquê de azevinho na sepultura e, com um pequeno susto, vi que havia uma pistola no chão ao lado dele, preparada e engatilhada.

— Por onde tem andado? — eu disse, o mais descontraidamente possível, nas circunstâncias. — Sentimos sua falta.

Ele deu de ombros, como se na realidade não importasse por onde ele andara — talvez não mesmo. Ele já não olhava mais para mim, mas para a pedra que havíamos colocado na cabeceira do túmulo.

— Por aí — disse vagamente. — Mas eu tinha que voltar. — Virou-se um pouco, obviamente indicando que queria que eu fosse embora. Em vez disso, segurei minhas saias e ajoelhei-me cuidadosamente ao seu lado. Eu não achava que ele estouraria os miolos na minha frente. Eu não sabia o que deveria fazer, além de tentar fazê-lo conversar comigo e esperar que surgisse mais alguém.

— Ficamos contentes que esteja de volta — eu disse, tentando um tom descontraído de conversa.

— Sim — ele disse vagamente. E novamente seus olhos se voltaram para a lápide. — Eu tinha que voltar. — Sua mão vagou na direção da pistola e eu a agarrei, surpreendendo-o.

— Sei que amava muito sua irmã — eu disse. — Foi... foi um choque terrível para você, eu sei. — O que uma pessoa deveria dizer? Havia alguma coisa que se devia dizer a uma pessoa que

estivesse pensando em suicídio, eu sabia disso, mas o quê? Sua vida tem valor, eu dissera isso a Tom Christie, que apenas respondeu: Se não tivesse, isto não teria nenhuma importância. Mas como eu iria convencer seu filho disso? — Seu pai amava vocês dois — eu disse, perguntando-me ao mesmo tempo se ele saberia o que seu pai fizera. Seus dedos estavam muito frios e eu os envolvi nos meus, tentando lhe oferecer um pouco de calor, esperando que o contato humano o ajudasse.

— Não como eu a amava — ele disse baixinho, sem olhar para mim.

— Eu a amei a minha vida inteira, desde o dia em que ela nasceu e me deram para eu segurar. Não houve mais ninguém, para nenhum de nós dois. Papai estava preso, e minha mãe... ah, minha mãe. — Seus lábios se repuxaram para trás, como se ele fosse rir, mas não houve som algum.

— Eu sei sobre sua mãe — eu disse. — Seu pai me contou.

— É mesmo? — Sua cabeça ergueu-se repentinamente para olhar para mim, os olhos límpidos e graves. — Ele lhe disse que levaram a mim e Malva para assistir a sua execução?

— Eu... não. Acho que ele não sabia, não é? — Meu estômago contraiu-se.

— Sabia. Eu lhe contei, mais tarde, quando ele mandou nos buscar, nos trouxe para cá. Ele disse que isso foi bom, nós vimos com nossos próprios olhos o resultado da maldade. Mandou que eu não esquecesse a lição... e eu esqueci — acrescentou mais serenamente.

— Que idade... que idade você tinha? — perguntei, horrorizada.

— Dez. Malva não tinha mais do que dois anos; não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Ela gritava, chamando por mamãe, quando a levaram para o verdugo, berrando e esperneando, querendo correr para ela.

Ele engoliu em seco e desviou o rosto.

— Tentei pegá-la, empurrar seu rostinho no meu peito, para ela não ver... mas não me deixaram pegá-la. Seguraram sua cabecinha e a fizeram assistir, e tia Daria dizendo em seu ouvido que era aquilo que acontecia com bruxas, e beliscando sua perna até ela gritar. Vivemos com tia Daria mais seis anos depois disso — ele disse, o rosto distante. — Ela não estava satisfeita com isso, mas dizia que conhecia seus deveres de cristã. A velha maldita quase não nos dava de comer e era eu quem cuidava de Malva.

Ficou em silêncio por um instante, e eu também, pensando em que a melhor coisa — a única — que eu podia lhe oferecer agora era a oportunidade de falar. Ele retirou a mão da minha, inclinou-se para frente e tocou na lápide. Não era mais do que um bloco de granito, mas alguém se dera ao trabalho de gravar seu nome nela — uma única palavra, MALVA, em letras maiúsculas, brutas. Fazia-me lembrar dos memoriais que pontuavam Culloden, as lápides dos clãs, cada qual com um único nome.

— Ela era perfeita — ele sussurrou. — Tão perfeita. Suas pequenas partes pareciam uma flor em botão e sua pele era fresca e macia...

Uma sensação de frio cresceu na boca do meu estômago. Ele queria dizer... sim, claro que sim. Uma sensação de inevitável desespero começou a crescer dentro de mim.

— Ela era minha — ele disse, e erguendo a cabeça para se deparar com meus olhos fixos nele, repetiu ainda mais alto: — Ela era minha!

Baixou os olhos, então, para a sepultura, e cerrou a boca, os lábios virados para dentro, de raiva e dor.

— O velho nunca soube... nunca suspeitou o que éramos um para o outro.

Será que não?, pensei. Tom Christie poderia ter confessado o crime para salvar alguém que amava... mas ele amava mais de

uma pessoa. Tendo perdido uma filha — ou melhor, uma sobrinha — ele não teria feito todo o possível para salvar o filho que era o último remanescente de seu sangue?

— Você a matou — eu disse serenamente. Eu não tinha nenhuma dúvida e ele não demonstrou nenhuma surpresa.

— Ele a teria vendido, entregado a qualquer fazendeiro idiota. — A mão de Allan crispou-se sobre a coxa. — Eu pensava nisso, enquanto ela crescia, e às vezes, quando nos deitávamos juntos, eu não podia suportar a ideia, e a esbofeteava, só de raiva de pensar nisso.

Respirou fundo, uma respiração entrecortada.

— Não foi culpa dela, nada do que aconteceu. Mas eu achava que era. Então, eu a peguei com aquele soldado e depois com aquele imundo Henderson. Eu bati nela por isso, mas ela gritou que não podia fazer nada pois estava grávida.

— De você?

Ele assentiu, devagar.

— Nunca pensei nisso. Devia ter pensado, é claro. Mas nunca pensei. Ela era sempre a pequenina Malva, uma menininha. Vi seus seios crescerem, sim, e os pelos virem manchar sua carne macia... mas eu simplesmente nunca pensei...

Sacudiu a cabeça, incapaz de lidar com a ideia, mesmo agora.

— Ela disse que tinha que casar... e que devia haver razão para que seu marido pensasse que o filho era dele, independente de com quem ela se casasse. Se não conseguisse fazer o soldado casar-se com ela, então tinha que ser outra pessoa. Então, ela teve tantos amantes quanto pôde, rapidamente.

"Mas eu dei um basta nisso — assegurou-me, um tom levemente nauseante de falso moralismo em sua voz. — Eu lhe disse que não iria aceitar isso... eu iria pensar em outra solução." — E então você a fez dizer que o filho era de Jamie. — Meu horror

diante da história e minha raiva com o que ele nos fizera foram incorporados em uma inundação de tristeza. Oh, Malva, pensei em desespero. Oh, minha querida Malva. Por que não me contou? Mas é claro que não me contaria. Seu único confidente era Allan.

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão para tocar a lápide outra vez.

Uma rajada de vento estremeceu o azevinho, agitando as folhas duras.

— Isso explicaria a criança, mas ela não teria que se casar com ninguém. Eu pensei, o patrão lhe daria dinheiro para ela ir embora e eu iria com ela. Poderíamos ir para o Canadá, talvez, ou para as Antilhas. — Sua voz soou sonhadora, como se ele visualizasse alguma vida idílica, onde ninguém soubesse.

— Mas por que a matou? — falei em um rompante. — Por que foi fazer isso? — A tristeza e o absurdo eram devastadores; crispei as mãos no meu avental, para não agredi-lo.

— Eu tive que fazer isso — ele disse, com dificuldade. — Ela disse que não podia levar aquilo adiante. — Ele pestanejou, abaixando os olhos, e vi que eles estavam cheios de lágrimas. — Ela disse... que amava você — ele acrescentou, a voz baixa e rouca. — Não podia magoá-la tanto. Ela pretendia dizer a verdade. Nada do que eu lhe dizia adiantava, ela continuava repetindo que amava você e que iria contar a verdade.

Ele fechou os olhos, os ombros caídos. Duas lágrimas rolaram em suas faces.

— Por que, por quê? — ele chorava, cruzando os braços sobre a barriga em um espasmo de dor. — Por que me obrigou a fazer isso? Você não devia amar mais ninguém, só a mim.

Soluçava, como uma criança, e dobrou-se sobre si mesmo, sacudindo-se com o choro. Eu chorava também, pela perda e pela inutilidade, pelo absoluto e terrível desperdício de tudo aquilo. Mas estendi a mão e peguei a arma do chão. Com as mãos trêmulas,

joguei fora o cartucho de pólvora e sacudi a bala do cano, depois coloquei a pistola no bolso do meu avental.

— Vá embora — eu disse, a voz embargada. — Vá embora outra vez, Allan. Já há gente morta demais.

Ele estava transtornado demais para me ouvir; eu o sacudi pelos ombros e repeti, com mais ênfase.

— Você não pode se matar. Eu o proíbo, está me ouvindo?

— E quem é você para dizer? — ele gritou, virando-se para mim. Seu rosto estava crispado de angústia. — Eu não posso continuar vivendo, não posso!

Mas Tom Christie dera a própria vida pelo filho, assim como por mim; eu não podia deixar que esse sacrifício tivesse sido em vão.

— Você precisa — eu disse e me levantei, sentindo-me zozona, sem saber se meus joelhos me sustentariam. — Está me ouvindo? Você precisa!

Ele levantou a cabeça, os olhos ardendo através das lágrimas, mas não falou. Ouviu-se um som sibilante, como o zumbido de um mosquito e um baque surdo, repentino. Sua expressão não se alterou, mas seus olhos lentamente morreram. Permaneceu de joelhos por alguns instantes, depois se inclinou para frente, como uma flor curvando-se sobre sua haste, e eu vi a flecha projetando-se do meio de suas costas. Ele tossiu, uma vez, cuspidando sangue, e caiu de lado, curvado sobre o túmulo de sua irmã. Suas pernas agitaram-se espasmodicamente, grotescamente como as de uma rã.

Depois, ficou imóvel.

Fiquei parada olhando estupidamente para ele por um espaço de tempo infinitamente longo, somente aos poucos tomando consciência de que Ian saíra da floresta e estava de pé ao meu lado, o arco sobre o ombro.

Rollo fuçou o corpo com curiosidade, choramingando.

— Ele tem razão, tia — Ian disse serenamente. — Ele não pode.



*A VOLTA DO NATIVO*

A velha vovó Abernathy parecia ter no mínimo cento e dois anos. Ela — admitia — sob pressão — ter noventa e um. Estava quase cega e quase surda, enroscada como um pretzel da osteoporose e com a pele tão frágil que o menor arranhão rasgava-a como papel.

— Não passo de um saco de ossos — ela dizia toda vez que eu a via, sacudindo a cabeça que tremia com uma disfunção neurológica. — Mas pelo menos ainda tenho quase todos os meus dentes! Por incrível que pudesse parecer, ela os tinha; eu achava que essa era a única razão para ela ter chegado à idade que chegou — ao contrário de muitas pessoas com metade de sua idade, ela não estava reduzida a viver de mingau, mas ainda conseguia comer carne e legumes. Talvez fosse uma boa nutrição que a mantivesse viva, talvez fosse apenas teimosia. Seu nome de casada era Abernathy, mas ela nascera, confidenciou, uma Fraser.

Sorrindo com a ideia, terminei de enrolar a atadura em volta de sua tíbia, que parecia uma vara. Suas pernas e os pés quase não tinham mais nenhuma carne e pareciam duros e frios como madeira. Ela batera a tíbia na perna da mesa e arrancara uma tira de pele da largura de um dedo; um ferimento tão pequeno que uma pessoa jovem não lhe daria a menor atenção, mas sua família se preocupava com ela e mandara me chamar.

— Vai demorar a sarar, mas se mantiver o ferimento limpo... e por favor não a deixe colocar gordura de porco nisso!... acho que vai dar tudo certo. — A sra. Abernathy mais jovem, conhecida como Vovó Nova, ela mesma com cerca de setenta anos, lançou-me um olhar severo; como sua sogra, ela colocava muita fé em gordura de porco e terebintina como cura-tudo, mas assentiu, a contragosto. Sua filha, cujo nome pomposo de Arabella fora encurtado para o mais simpático Vovó Belly, riu para mim por trás das costas de Vovó Nova. Fora menos afortunada na questão dos dentes, seu sorriso exibia grandes lacunas, mas era alegre e bem-humorada.

— Willie B. — ela instruiu um neto adolescente —, desça ao porão e traga uma pequena saca de nabos para a senhora.

Fiz os protestos de costume, mas todas as partes envolvidas estavam confortavelmente cientes do protocolo adequado em tais questões e, dali a poucos minutos, eu estava a caminho de casa, mais rica de dois quilos e meio de nabos.

Vinham em boa hora. Eu me forçara a voltar à minha horta na primavera depois da morte de Malva — era preciso; os sentimentos eram compreensíveis, mas precisávamos comer. Os distúrbios subsequentes da vida e minhas longas ausências, no entanto, haviam resultado em um terrível abandono da colheita de outono. Apesar dos melhores esforços da sra. Bug, os nabos haviam sucumbido a insetos e fungos.

Nossas provisões de um modo geral estavam tristemente depauperadas. Com Jamie e Ian ausentes com tanta frequência, não estando lá para colher ou caçar, e sem Bri e Roger, as plantações de grãos produziram a metade do que era comum e somente um único e melancólico quarto traseiro de veado estava pendurado no barraco de defumação. Precisávamos de quase todo o grão para nosso próprio consumo; não sobrava nada para trocar ou vender, e havia somente algumas poucas sacas de cevada sob a lona, perto do barracão de maltagem — onde provavelmente iriam apodrecer,

pensei sombriamente, já que ninguém tivera tempo de cuidar da maltagem de um novo lote antes que o inverno começasse.

A sra. Bug estava lentamente refazendo seu bando de galinhas, após um desastroso ataque de uma raposa que entrou no galinheiro — mas estava indo devagar e somente de vez em quando podíamos nos dar ao luxo de comer ovo no café da manhã.

Por outro lado, refleti mais animadamente, nós tínhamos presunto.

Muito presunto. Igualmente, enormes quantidades de toucinho, linguiça, costeletas de porco, lombo de porco... para não falar de sebo e gordura de porco purificada.

O pensamento levou-me de volta à gordura de porco e ao aconchego familiar esfuziante e transbordante do aglomerado de cabanas dos Abernathy — e ao contraste com o terrível vazio na casa grande.

Em um lugar com tantas pessoas, como a perda de apenas quatro podia ser tão importante? Tive que parar e me recostar em uma árvore, deixar a tristeza tomar conta de mim, sem fazer nenhuma tentativa de impedi-la. "Você não pode manter um fantasma a distância", Jamie me dissera. "Deixe-os entrar." Eu os deixei entrar — nunca conseguiria mantê-los a distância. E me consolei esperando — não, eu não esperava, disse a mim mesma furiosamente, eu sabia que na verdade não havia fantasmas. Não estavam mortos, mas apenas... em outro lugar.

Após alguns instantes, a tristeza devastadora começou a ceder, recuando aos poucos como a maré vazante. As vezes, revelava um tesouro: pequenas imagens esquecidas do rosto de Jemmy, lambuzado de mel, a risada de Brianna, as mãos de Roger, hábeis com um canivete, esculpindo um de seus carrinhos de madeira — a casa ainda estava cheia deles — depois se inclinando para espetar um bolinho de uma travessa que passava. E se olhar para isso renovava a dor, ao menos eu tinha essas imagens e podia

guardá-las em meu coração, sabendo que com o tempo elas trariam consolação.

Respirei fundo e senti o aperto em meu peito e em minha garganta relaxar. Amanda não era a única que poderia se beneficiar das cirurgias modernas, pensei. Eu não saberia dizer o que poderia ser feito pelas cordas vocais de Roger, mas talvez... no entanto, sua voz agora era boa. Cheia e ressonante, ainda que rouca. Talvez ele preferisse mantê-la como estava — ele lutara por ela e a merecera.

A árvore na qual eu me apoiava era um pinheiro; as agulhas ondularam suavemente no alto, depois se acomodaram, como se concordassem comigo. Eu precisava ir; já era fim do dia e o ar estava cada vez mais frio.

Enxugando os olhos, coloquei o capuz da minha capa e retomei o caminho. Era uma longa caminhada da casa dos Abernathy — eu realmente deveria ter vindo com Clarence, mas a mula estava mancando no dia anterior e eu a deixei descansar. Mas eu teria que me apressar, se quisesse chegar em casa antes de escurecer completamente.

Lancei um olhar cauteloso para cima, avaliando as nuvens, que tinham aquele cinza uniforme e suave da neve iminente. O ar estava frio e denso de umidade; quando a temperatura caísse com a noite, nevaria.

O céu ainda estava claro, mas já turvo, quando eu passei pela casinhola da fonte e entrei no quintal dos fundos. Mas havia luz suficiente para eu notar que havia alguma coisa errada — a porta dos fundos estava aberta.

Isso disparou campainhas de alarme e eu me virei para voltar correndo para a floresta. Virei-me e dei de encontro com um homem que saíra das árvores atrás de mim.

— Quem é você? — perguntei, recuando apressadamente.

— Não se preocupe com isso, dona — ele disse, e agarrando-me pelo braço, gritou na direção da casa: — Ei, Donner! Peguei a

madame! O que quer que Wendigo Donner tenha feito no último ano, não fora lucrativo, a julgar pela sua aparência. Nunca bem-vestido nos bons tempos, ele agora estava tão esfarrapado que seu casaco estava literalmente caindo aos pedaços, e uma fatia de nádega magra aparecia por um rasgão em suas calças. A juba de sua cabeleira estava ensebada e emaranhada, e ele fedia.

— Onde estão eles? — perguntou com voz rouca.

— Onde está o quê? — Girei nos calcanhares e me deparei com seu comparsa, que parecia em condições ligeiramente melhores. — E onde estão minha criada e seus filhos? — Estávamos na cozinha e o fogo da lareira estava apagado; a sra. Bug não viera esta manhã e onde quer que Amy e os garotos estivessem, já fazia algum tempo que não vinham ali.

— Não sei. — O homem deu de ombros, indiferente. — Não havia ninguém em casa quando chegamos.

"Onde estão as joias? — Donner agarrou meu braço, fazendo-me girar para encará-lo. Seus olhos estavam fundos e a mão quente; ele ardia em febre."

— Não tenho nenhuma — disse laconicamente. — Você está doente. Devia...

— Tem, sim! Sei que tem! Todo mundo sabe! Isso me fez parar por um instante. Os mexericos sendo como eram, provavelmente todo mundo achava que sabia que Jamie tinha um pequeno tesouro em joias. Não era de admirar que a notícia desse hipotético tesouro tivesse chegado a Donner — e pouca probabilidade de que eu pudesse convencê-lo do contrário. No entanto, eu não tinha escolha senão tentar.

— Acabaram — eu disse simplesmente.

Algo cintilou em seus olhos. — Como? — perguntou.

Ergui uma das sobrancelhas na direção de seu cúmplice. Ele queria que o sujeito soubesse? — Vá atrás de Richie e Jed — Donner disse sucintamente para o bandido, que deu de ombros e

saiu. Richie e Jed? Quantas pessoas afinal ele havia trazido? Passado o choque inicial de vê-lo, percebi agora que havia barulho de pés no andar de cima e o som de portas de armários batendo impaciente mais abaixo no corredor.

— Meu consultório? Tire-os de lá! — Lancei-me para a porta que dava para o corredor, pretendendo fazer isso eu mesma, mas Donner agarrou-me pela capa para me impedir.

Eu já estava cansada de ser tratada com grosseria e não tinha medo daquele arremedo de ser humano.

— Solte-me! — exclamei, chutando-o energicamente na rótula do joelho, para dar ênfase. Ele gritou, mas me soltou; podia ouvi-lo praguejando atrás de mim conforme eu me lançava pelo corredor.

Papéis e livros do gabinete de Jamie haviam sido atirados no corredor e uma poça de tinta espalhara-se sobre eles. A explicação da tinta ficou evidente quando vi o patife pilhando meu consultório — ele tinha uma grande mancha de tinta na frente da camisa, onde aparentemente escondera o tinteiro de estanho que roubara.

— O que está fazendo, seu idiota? — eu disse. O bandido, um garoto de uns dezesseis anos, pestanejou para mim, a boca aberta. Segurava na mão um dos perfeitos globos de vidro do sr. Blogweather; com isso, riu maliciosamente e deixou-o cair no chão, onde se espatifou com uma chuva de estilhaços. Um dos cacos que voaram lancetou sua face, abrindo-a; ele não sentiu nada, até o sangue começar a jorrar. Então, colocou a mão no ferimento, franzindo a testa, perplexo, e começou a berrar, apavorado com o sangue em sua mão.

— Droga — Donner exclamou, atrás de mim. Passou o braço em volta de mim e arrastou-me de volta à cozinha.

— Olhe — ele disse ansiosamente, soltando-me. — Eu só quero duas. Pode ficar com o resto. Preciso de uma para pagar estes caras e outra para... para viajar.

— Mas é verdade — insisti, sabendo que ele não acreditaria.  
— Não temos mais nenhuma. Minha filha e sua família... foram embora. Voltaram. Usaram todas que tínhamos. Não sobrou nenhuma.

Ele ficou me olhando, perplexo, a incredulidade visível em seus olhos ardentes.

— Sobrou, sim — ele disse, categoricamente. — Tem que haver mais. Tenho que ir embora daqui!

— Por quê?

— Não interessa. Tenho que ir, e rápido. — Ele engoliu em seco, os olhos dardejando pela cozinha, como se as pedras preciosas pudessem estar negligentemente soltas sobre a bancada.  
— Onde estão? Um terrível estrondo vindo do consultório, seguido de um ataque de impropérios, impediu qualquer resposta que eu pudesse ter dado.

Movi-me por reflexo na direção da porta, mas Donner postou-se à minha frente.

Eu estava furiosa com esta invasão e começando a ficar alarmada.

Apesar de nunca ter visto nenhuma indicação de violência por parte de Donner, eu não tinha tanta certeza em relação aos homens que ele trouxera. Eles podiam finalmente desistir e ir embora, quando ficasse claro que de fato não havia pedras preciosas nas dependências — ou podiam tentar arrancar de mim o lugar das supostas pedras.

Enrolei minha capa com mais força ao redor do corpo e sentei-me em um banco, tentando pensar com calma.

— Olhe — eu disse a Donner. — Você já colocou a casa abaixo... — Um estrondo do andar de cima sacudiu a casa, e eu dei um salto. Meu Deus, parecia que haviam derrubado o guarda-roupa. — Já desmantelaram a casa — repeti, entre dentes — e não

encontraram nada. Eu não daria as pedras a você, se tivesse alguma, para impedir que destruíssem a casa?

— Não, acho que não. Eu não daria, se fosse você. — Passou a mão pela boca. — Você sabe o que está acontecendo... a guerra e tudo o mais. — Sacudiu a cabeça, confuso. — Eu não sabia que seria assim. Juro por Deus, metade das pessoas que encontro não sabe mais qual o lado que está ganhando. Achei que seriam os casacos-vermelhos e bastava ficar longe de qualquer um de uniforme, ficar longe das batalhas, e tudo daria certo. Mas eu não vi um casaco-vermelho em lugar algum, e as pessoas, as pessoas comuns, estão se matando e correndo por aí, incendiando as casas umas das outras....

Fechou os olhos por um instante. Suas faces passavam de vermelhas em um momento para brancas no seguinte; eu podia ver que ele estava muito doente. Podia ouvi-lo também; a respiração ruidosa, com secreção, em seu peito, assobiando baixinho, ofegante. Se ele desmaiasse, como eu iria me livrar de seus comparsas?

— De qualquer forma — ele disse, abrindo os olhos. — Vou embora. Vou voltar. Não me interessa como são as coisas lá; é muito melhor do que aqui.

— E os índios? — perguntei, com uma ponta de sarcasmo. — Vai abandoná-los à própria sorte, então?

— Sim — ele disse, sem perceber o sarcasmo. — Para dizer a verdade, também já não gosto tanto de índios. — Ele coçou distraidamente a parte superior do peito e eu vi uma cicatriz grande, enrugada, através de um rasgão na camisa. — Caramba — ele disse, a nostalgia clara na voz —, o que eu não daria por uma cerveja gelada e um jogo de beisebol na TV. — Em seguida, sua atenção divagante voltou bruscamente para mim. — Portanto — ele disse em um tom mais sensato —, eu preciso desses diamantes. Ou o que sejam. Entregue-os para mim e iremos embora.



Eu estivera pensando em vários planos para me livrar deles, em vão, e estava ficando mais nervosa a cada instante. Tínhamos bem pouca coisa que valesse a pena roubar e, olhando para a bancada dos rifles, já haviam se apoderado do pouco que havia — inclusive, notei, com nova pontada de alarme, as pistolas e a pólvora. Dentro de pouco tempo, começariam a ficar impacientes.

Alguém deveria chegar — Amy e os garotos provavelmente estavam na cabana de Brianna, para onde estavam se mudando; podiam voltar a qualquer momento. Alguém poderia vir procurando por Jamie, ou mesmo por mim — embora as chances diminuíssem a cada instante, com o anoitecer. Mesmo que alguém viesse, o efeito provavelmente seria desastroso.

Então, ouvi vozes na varanda da frente e o barulho de pés, e fiquei de pé com um salto, o coração na boca.

— Quer parar de fazer isso? — Donner disse, irritado. — Você é a pessoa mais nervosa que eu já vi.

Ignorei-o, tendo reconhecido uma das vozes. De fato, no instante seguinte, dois dos canalhas, brandindo pistolas, empurraram Jamie para dentro da cozinha.

Ele estava alerta e desgrenhado, mas seus olhos dirigiram-se imediatamente para mim, percorrendo meu corpo, para se assegurar de que eu estava bem.

— Estou bem — eu disse, sucintamente. — Esses idiotas acham que temos pedras preciosas, e eles as querem.

— Foi o que disseram. — Ele empertigou-se, encolhendo os ombros para ajeitar o casaco, e olhou para os armários, abertos, e a bancada saqueada. Até mesmo a arca de tortas tinha sido virada e o que restava de uma torta de passas jazia esmagada no chão, com a marca de um grande calcanhar. — Estou vendo que já procuraram.

— Olhe, amigo — disse um dos bandidos, procurando ser razoável —, tudo que queremos são as coisas de valor. Apenas diga onde estão e nós vamos embora, ninguém sai ferido, certo?

Jamie esfregou o cavalete do nariz, examinando o homem que falara.

— Imagino que minha mulher já tenha lhes dito que não temos pedra alguma, não é?

— Bem, é o que ela diria, não é? — disse o bandido, tolerantemente. — Mulheres, sabe como são. — Ele parecia achar que, agora que Jamie chegara, podiam continuar de uma maneira mais prática, de homem para homem.

Jamie suspirou e sentou-se.

— Por que acha que eu teria alguma? — ele perguntou, com certa afabilidade. — Já tive, admito, porém não tenho mais. Foram vendidas.

— Onde está o dinheiro, então? — O segundo bandido obviamente estava disposto a se satisfazer com o dinheiro, independentemente do que Donner pudesse pensar.

— Foi gasto — Jamie disse sucintamente. — Sou um coronel da milícia, certamente sabem disso, não é? É um negócio dispendioso, manter uma unidade de milícia. Comida, armas, pólvora, sapatos... sai caro, sabe? Ora, só o custo de sapatos de couro... e depois, sem falar em ferraduras para os cavalos! Carroças, também; vocês não acreditariam no custo escandaloso das carroças....

Um dos assaltantes franziu o cenho, mas balançando a cabeça, seguindo essa exegese lógica. Mas Donner e seu outro companheiro estavam notoriamente agitados.

— Pare de falar nessas malditas carroças — Donner disse rudemente e, inclinando-se, pegou uma das facas de carne da sra. Bug do chão. — Agora, olhe — ele acrescentou, fazendo uma careta e tentando parecer ameaçador. — Já estou farto dessa lenga-lenga. Diga-me onde estão ou... ou eu... eu vou cortá-la! Sim, vou cortar a garganta dela. Juro que vou. — Com isso, agarrou-me pelo ombro e colocou a faca na minha garganta.

Já tinha ficado claro para mim que Jamie estava realmente procurando ganhar tempo, o que significava que ele esperava que alguma coisa acontecesse. O que, por sua vez, significava que estava esperando que alguém chegasse. Isso era reconfortante, mas achei que o aparente pouco caso de seu comportamento diante da minha morte teoricamente iminente já fosse talvez levar as coisas um pouco longe demais.

— Oh — ele disse, coçando o lado do pescoço. — Bem, eu não faria isso se fosse você. É ela quem sabe onde as pedras estão, hein?

— Eu o quê? — gritei indignada.

— Ela sabe? — Um dos outros bandidos animou-se.

— Oh, sim — Jamie assegurou-lhe. — Da última vez que eu viajei com a milícia, ela as escondeu. Não quis me dizer onde as colocou.

— Espere. Achei que tinha dito que vendeu e gastou o dinheiro — Donner disse, obviamente confuso.

— Eu estava mentindo — Jamie explicou, paciente.

— Oh.

— Mas se vai matar minha mulher, então é claro que isso muda as coisas.

— Oh — Donner disse, parecendo um pouco mais feliz. — Sim. Exatamente!

— Acredito que não fomos apresentados, senhor — Jamie disse educadamente, estendendo a mão. — Sou James Fraser. E o senhor é...?

Donner hesitou por um instante, sem saber o que fazer com a faca na mão direita, mas depois a transferiu desajeitadamente para a mão esquerda e inclinou-se para frente para apertar a mão de Jamie rapidamente.

— Wendigo Donner — ele disse. — Ótimo, agora estamos chegando a algum lugar.

Dei um grunhido de raiva, mas foi abafado por uma série de estrondos e o barulho de vidros se quebrando no consultório. O estúpido que estava lá devia estar limpando as prateleiras por atacado, atirando frascos e jarros no chão. Agarrei a mão de Donner e afastei a faca da minha garganta, fiquei de pé com um salto, no mesmo estado de fúria insana em que certa vez eu havia carbonizado uma plantação cheia de gafanhotos.

Desta vez, foi Jamie que me agarrou pela cintura quando me arremessei na direção da porta, girando-me fora do chão.

— Solte-me! Vou acabar com o desgraçado! — eu disse, esperneando loucamente.

— Bem, isso pode esperar um pouco, Sassenach — ele disse, a voz baixa, e me arrastou de volta para a mesa, onde se sentou com os braços ao meu redor, segurando-me com firmeza no seu colo. Novos sons de depredação vieram do corredor: madeira rachada e vidro esmigalhado sob o salto de uma bota. Evidentemente, o jovem idiota desistira de procurar qualquer coisa e estava simplesmente destruindo tudo por diversão.

Respirei fundo, me preparando para emitir um grito de frustração, mas parei.

— Santo Deus — Donner disse, torcendo o nariz. — Que cheiro é esse? Alguém soltou um peido? — Olhou acusadoramente para mim, mas não lhe dei atenção. Era éter, pesado e enjoativamente adocicado.

Jamie endireitou-se ligeiramente. Ele também sabia o que era e o que causava.

Em seguida, ele respirou fundo e cuidadosamente tirou-me de seu colo, colocando-me no banco ao seu lado. Vi seus olhos se dirigirem para a faca frouxamente segura na mão de Donner e ouvi o que seus ouvidos mais apurados já haviam captado. Alguém se aproximava.

Ele se moveu um pouco para frente, posicionando os pés para baixo do banco para saltar, e relanceou os olhos para a lareira fria, onde um pesado tacho de ferro com tampa estava pousado sobre as cinzas. Balancei a cabeça, quase imperceptivelmente, e quando a porta dos fundos se abriu, arremessei-me para o outro lado da cozinha.

Donner, com uma rapidez inesperada, estendeu a perna e me fez tropeçar. Caí de cabeça e deslizei pelo chão, batendo contra o banco com uma pancada que fez meus ouvidos zumbirem. Gemi e permaneci imóvel por alguns instantes, os olhos fechados, sentindo de repente que eu já estava velha demais para esse tipo de coisa. Abri os olhos relutantemente e muito rigidamente consegui ficar de pé, deparando-me com a cozinha agora cheia de gente.

O comparsa original de Donner retornara com mais dois, provavelmente Richie e Jed, e com eles, os Bug, Murdina parecendo alarmada e Arch, friamente furioso.

— A leannan! — a sra. Bug gritou, correndo para mim. — Está ferida?

— Não, não — eu disse, ainda atordoada. — Só quero... sentar-me por um instante. — Olhei para Donner, mas ele já não segurava a faca.

Estava olhando para o chão com a testa franzida; evidentemente, deixara a faca cair quando me fez tropeçar, mas levantou a cabeça abruptamente quando viu os recém-chegados.

— O quê? Encontrou alguma coisa? — perguntou ansiosamente, pois tanto Richie quanto Jed estavam radiantes e presunçosos.

— Sem dúvida — um deles lhe assegurou. — Olhe aqui! — Ele segurava a cesta de costura da sra. Bug e, ao dizer isso, virou-a e sacudiu-a, despejando o conteúdo sobre a mesa, onde um bolo de lã tricotada caiu com um baque surdo. Mãos ansiosas arrancaram a lã, revelando um lingote de ouro de vinte centímetros de

comprimento, o metal raspado em uma das pontas e gravado no centro com a flor de lis da realeza francesa.

Um silêncio estupefato seguiu-se diante dessa visão. Até Jamie parecia completamente confuso.

A sra. Bug estava pálida quando entraram; agora, ficara da cor de giz e seus lábios haviam desaparecido. Os olhos de Arch fitavam diretamente os de Jamie, escuros e desafiadores.

A única pessoa que não ficou impressionada com a visão do metal brilhante foi Donner.

— Bem, impressionante — ele disse. — E as joias? Não percam nosso objetivo de vista aqui, pessoal! Seus comparsas, entretanto, haviam perdido o interesse em supostas joias, com o ouro concreto de fato nas mãos, e simultaneamente discutiam a possibilidade de haver mais e brigando sobre quem deveria ficar com o presente lingote.

Minha própria cabeça girava: da pancada, do surgimento repentino do lingote e suas revelações em relação aos Bug — e particularmente dos vapores do éter, cada vez mais fortes. Ninguém na cozinha notara, mas todo o barulho no consultório cessara; o pequeno idiota que estava lá certamente já desmaiara.

A garrafa de éter estava quase cheia; suficiente para anestésiar uma dúzia de elefantes — pensei, atordoada — ou uma casa cheia de gente. Eu já podia ver Donner lutando para manter a cabeça em pé. Mais alguns minutos e todos os bandidos provavelmente já teriam sucumbido a um estado inofensivo de inércia — mas nós também.

O éter é mais pesado do que o ar; a substância cairia para o chão, onde gradualmente ficaria pairando ao redor de nossos joelhos. Levantei-me, respirando rapidamente o ar mais puro no alto. Eu tinha que conseguir abrir a janela.

Jamie e Arch falavam em gaélico entre si, depressa demais para eu poder acompanhar, ainda que minha cabeça estivesse em

estado normal de funcionamento. Donner franzia o cenho para eles, a boca aberta como se pretendesse mandar que se calassem, mas não conseguisse encontrar as palavras.

Tateei com a trava das persianas internas, tendo que me concentrar muito para fazer meus dedos me obedecerem. Finalmente, a tranca abriu-se e eu escancarei as persianas — revelando o rosto malicioso de um índio desconhecido na penumbra do lado de fora da janela.

Soltei um grito agudo e cambaleei para trás. Em seguida, a porta dos fundos abriu-se bruscamente e uma criatura atarracada, barbuda, entrou correndo, berrando em alguma língua incompreensível, seguido de Ian, seguido de um outro índio desconhecido, gritando e golpeando a torto e a direito com... um tacape? Porrete? Eu não conseguia fazer meus olhos se focalizarem o suficiente para saber.

Tudo virou um pandemônio, visto através de olhos vidrados.

Agarrei-me ao peitoril da janela para não deslizar para o chão, mas não consegui reunir a presença de espírito necessária para abrir a maldita janela. Todos lutavam e se engalinhavam, mas faziam isso em câmara lenta, gritando e cambaleando como bêbados. Enquanto eu observava, a boca desagradavelmente aberta, Jamie penosamente retirou a faca de Donner de baixo de suas nádegas, levantou-a em um arco lento e gracioso, e enterrou-a sob o osso esterno de Donner.

Alguna coisa passou zunindo pela minha orelha e atravessou a janela, destruindo o que deveria ser a última vidraça intata que sobrara na casa.

Engoli grandes goles de ar fresco, tentando clarear a cabeça, e comecei a agitar freneticamente as mãos, gritando — ou tentando gritar: — Saiam! Para fora! Saiam! A sra. Bug tentava fazer exatamente isso, rastejando de quatro na direção da porta entreaberta. Arch bateu contra a parede e deslizou devagar para

baixo, caindo ao lado dela, inerte. Donner caíra de cara sobre a mesa, o sangue escorrendo horrivelmente sobre as tábuas do assoalho; outro bandido jazia na lareira apagada, o crânio esmagado. Jamie ainda estava de pé, oscilando, e a figura barbuda e atarracada estava de pé ao seu lado, sacudindo a cabeça e parecendo confuso, enquanto os vapores do éter começavam a afetá-lo.

— O que está acontecendo? — eu o ouvi perguntar.

A cozinha estava quase às escuras agora, as figuras ondulando como folhas de algas em alguma floresta submersa.

Fechei os olhos por um segundo. Quando os abri outra vez, Ian dizia, com um dos fósforos de Brianna na mão, a isca na outra: — Espere, vou acender uma vela.

— IAN! — gritei, e então ele acendeu o fósforo.

Ouviu-se um ruído suave, huuuf!, seguido de outro mais alto, huump!, quando o éter no consultório inflamou-se e repentinamente estávamos no meio de uma poça de fogo. Por uma fração de segundo, não senti nada, mas, em seguida, uma explosão abrasadora de calor. Jamie agarrou meu braço e arrastou-me na direção da porta; saí cambaleando, caí nas moitas de amoras silvestres e rolei pelo meio das folhagens, batendo e sovando minhas saias fumegantes.

Em pânico e ainda com os movimentos descoordenados por causa do éter, lutei com os cadarços do meu avental, finalmente conseguindo desamarrá-los e me desvencilhar dele. Minhas anáguas de linho ficaram chamuscadas, mas não tostadas. Agachei-me, ofegante, no capim seco do quintal, incapaz de fazer qualquer coisa no momento além de tentar respirar. O cheiro de fumaça era forte e penetrante.

A sra. Bug estava no alpendre dos fundos, de joelhos, arrancando a touca, que pegava fogo.



Homens irrompiam pela porta dos fundos, batendo nas roupas e nos cabelos. Rollo estava no pátio, latindo histericamente, e do outro lado da casa eu podia ouvir os gritos dos cavalos assustados. Alguém tirara Arch Bug de dentro da casa — estava esticado no capim seco, sem a maior parte de seus cabelos e sobrancelhas, mas evidentemente ainda vivo.

Minhas pernas estavam vermelhas e com bolhas, mas eu não estava gravemente queimada — graças a camadas e camadas de linho e algodão, que queimam devagar, pensei sonolentemente. Se estivesse usando algo moderno como raio, teria me incendiado como uma tocha.

O pensamento me fez virar e olhar para a casa. A noite já havia caído inteiramente agora e todas as janelas do andar térreo estavam iluminadas.

As chamas dançavam pela porta aberta. O lugar inteiro parecia uma enorme lanterna de abóbora do dia das Bruxas.

— É a sra. Fraser, não é? — O homem atarracado, de barba, inclinou-se sobre mim, falando com um suave sotaque escocês.

— Sim — eu disse, recobrando-me gradualmente. — Quem é você? E onde está Jamie?

— Aqui, Sassenach. — Jamie saiu cambaleando da escuridão e sentou-se pesadamente ao meu lado. Abanou a mão para o escocês. — Quero lhe apresentar o sr. Alexander Cameron, mais conhecido como Scotchee.

— Seu criado, madame — ele disse, educadamente.

Eu passava a mão cautelosamente pelos meus cabelos. Alguns tufos tinham sido chamuscados, transformando-se em fiapos encrespados, mas ao menos ainda restavam alguns.

Senti, mais do que vi, Jamie erguer os olhos para a casa. Segui a direção de seu olhar e vi uma figura escura na janela em cima, emoldurada na claridade turva do andar térreo em chamas.

Ela gritou alguma coisa em uma língua incompreensível e começou a atirar coisas pela janela.

— Quem é aquele? — perguntei, com uma sensação de irrealidade.

— Oh. — Jamie passou a mão pelo rosto. — Aquele é Ganso.

— Claro que sim — eu disse, balançando a cabeça. — Se continuar lá em cima, logo vai ser um ganso assado. — Isso me pareceu incrivelmente hilariante e eu dobrei-me sobre mim mesma, rindo incontrolavelmente.

Evidentemente, não foi tão engraçado quanto eu supunha; ninguém mais parecia achar graça. Jamie levantou-se e gritou alguma coisa para a figura escura, que acenou sem preocupação e voltou para dentro do quarto.

— Há uma escada no celeiro — Jamie disse calmamente para Scotchee e desapareceram na escuridão.

A casa ardeu bem devagar por algum tempo; não havia muitos objetos facilmente inflamáveis embaixo, salvo os livros e documentos no gabinete de Jamie. Uma figura alta lançou-se pela porta dos fundos, puxando a camisa sobre o nariz com uma das mãos, a fralda da camisa segurada para cima com a outra, formando uma bolsa.

Ian parou perto de mim, deixou-se cair de joelhos, arquejando, e largou a ponta de sua camisa, soltando uma pilha de pequenos objetos.

— Foi tudo que consegui salvar. Sinto muito, tia. — Tossiu algumas vezes, abanando a mão diante do rosto. — Sabe o que aconteceu?

— Não tem importância — eu disse. O calor estava ficando mais intenso e eu me esforcei para ficar de joelhos. — Vamos, temos que levar Arch para mais longe.

Os efeitos do éter haviam praticamente se evaporado, mas eu ainda tinha consciência de uma forte sensação de irrealidade. Eu

não tinha nada além da água fria do poço para tratar queimaduras, mas molhei as mãos e o pescoço de Arch, gravemente queimados. Os cabelos da sra. Bug tinham ficado chamuscados, mas ela, como eu, tinha sido bem protegida pelas amplas saias.

Nem ela, nem Arch disseram uma palavra.

Amy McCallum veio subindo a colina correndo, o rosto pálido na claridade do fogo; eu disse a ela para levar os Bug para a cabana de Brianna — agora dela — e pelo amor de Deus para manter as crianças a salvo, longe dali. Ela assentiu e se foi, ela e a sra. Bug amparando a figura alta de Arch entre as duas.

Ninguém fez nenhum esforço para trazer para fora os corpos de Donner e seus comparsas.

Pude ver quando o fogo tomou conta do vão da escada; houve uma claridade forte e repentina nas janelas de cima; pouco tempo depois, pude ver as chamas no coração da casa.

A neve começou a cair em flocos pesados, espessos e silenciosos. Em meia hora, o solo, as árvores e os arbustos já estavam salpicados de branco.

As chamas brilhavam vermelhas e douradas, e a neve branca refletia uma suave claridade avermelhada; toda a clareira parecia iluminada pela luz do incêndio.

Por volta da meia-noite, o teto desabou, com um estrondo de vigas brilhando e uma enorme chuva de faíscas que se projetou bem alta no céu noturno. A visão foi tão bonita que todos que observavam involuntariamente soltaram exclamações de pasmo e assombro.

O braço de Jamie apertou-se à minha volta. Não conseguíamos desviar os olhos.

— Que dia é hoje? — perguntei repentinamente.

Ele franziu a testa por um instante, pensando, depois disse:  
— Vinte e um de dezembro.

— E também não estamos mortos. Malditos jornais — eu disse. — Nunca dão nenhuma notícia direito.

Por alguma razão, ele achou isso realmente muito engraçado e riu tanto que teve que se sentar no chão.

*PROPRIEDADE DO REI*

Passamos o resto da noite dormindo — ou ao menos deitados — no chão da cabana, com os Bug, Ganso e seu irmão, Luz — que me confundiram inicialmente ao se referirem a si próprios como "filhos" de Jamie —, Scotchee e Ian. A caminho de uma visita à aldeia de Pássaro, os índios — pois Alexander Cameron era tão índio quanto os outros, pensei — haviam encontrado Jamie e Ian, caçando, e aceitaram a hospitalidade de Jamie.

— Embora tenha sido uma recepção mais calorosa do que imaginávamos, Matador-de-Urso! — Ganso disse, rindo.

Não perguntaram quem era Donner, nem fizeram qualquer referência aos homens cujos corpos arderam na pira funerária da casa — só fizeram perguntas admiradas sobre o éter, sacudindo a cabeça, pasmados, observando o fogo.

Da parte de Jamie, notei que ele não perguntou por que estavam indo à aldeia de Pássaro — e concluí que ele não queria saber que alguns cherokees haviam resolvido apoiar o rei. Ele ouvia a conversa, mas falava pouco, passando o tempo examinando a pilha de objetos salvos do incêndio. Havia pouca coisa de valor ali — algumas páginas soltas, chamuscadas, do meu livro de casos médicos, algumas colheres de titânio, um molde para balas de armas de fogo. Mas quando ele finalmente adormeceu ao meu lado, vi que sua mão estava fechada ao redor de alguma coisa e olhando

mais de perto no escuro, divisei a cabeça da pequena cobra esculpida em cerejeira.

Acordei logo após o amanhecer, deparando-me com Aidan olhando para mim, Adso nos braços.

— Encontrei seu gatinho na minha cama — Aidan sussurrou. — Você quer ficar com ele? Eu estava prestes a recusar, mas então vi a expressão nos olhos de Adso. Normalmente, ele era muito tolerante com crianças pequenas, mas Aidan segurava-o pelo meio do corpo como uma saca de roupas sujas, as pernas pretas ridiculamente penduradas.

— Sim — eu disse, a voz rouca da fumaça. — Me dê ele aqui.

Sentei-me, mas tendo aceito o gato, vi que a maior parte da casa ainda dormia, enrolada em cobertores no chão. Duas notáveis exceções: Jamie e Arch Bug. Levantei-me e, pegando a capa de Amy emprestada do gancho ao lado da porta, saí.

A neve parara durante a noite, mas havia quase dez centímetros de neve no chão. Coloquei Adso sob a beirada do telhado, onde o terreno estava seco, e em seguida — após respirar fundo para me acalmar — virei-me para olhar para a casa.

O vapor erguia-se dos restos carbonizados, que se destacavam como uma mancha de tinta preta contra as árvores cobertas de branco por trás.

Somente cerca de metade da casa se queimara completamente; a parede oeste ainda estava de pé, assim como a chaminé de pedra. O resto era uma confusão de vigas carbonizadas e montes de brasas, já ficando cinzentas.

O andar superior desaparecera inteiramente e quanto ao meu consultório...

Virei-me, ouvindo vozes atrás da cabana. Jamie e Arch estavam na meia-água, mas a porta estava aberta; eu podia vê-los ali dentro, de frente um para o outro. Jamie me viu rondando por ali e fez sinal com a cabeça para eu entrar.

— Bom-dia, Arch — eu disse, espreitando nosso ex-capataz.  
— Como vai? — Já estive melhor, a nighean, obrigado — ele disse, e tossiu. Sua voz não passava de um sussurro rouco, danificada pela fumaça, e havia enormes bolhas, cheias de líquido, em ambas as mãos e no rosto. No entanto, fora a perda de cabelos e das sobrancelhas, achei que ele não estava muito mal.

— Arch estava justamente prestes a me explicar isso, Sassenach. — Com a ponta do sapato, apontou para o brilhante lingote de ouro na serragem e cavacos aos seus pés. — Não é, Arch? Sua voz era aparentemente agradável, mas ouvi o tom frio e cortante tão bem quanto Arch. No entanto, Arch Bug não era nenhum ingênuo, com ou sem sobrancelhas.

— Eu não lhe devo explicações de nada, Seaumais mac Brian — ele disse com igual afabilidade.

— Eu lhe dou a oportunidade de se explicar, homem, não a escolha.

— Abandonara o tom amável. Jamie estava sujo de fuligem e chamuscado pelas pontas, mas suas sobrancelhas estavam intatas e sendo bem usadas.

Voltou-se para mim, indicando o ouro.

— Já viu isso antes, não? — Claro. — A última vez que o vira estava brilhando à luz do lampião, empilhado com seus companheiros, no fundo de um caixão no mausoléu de Hector Cameron, mas o formato dos lingotes e a flor de lis eram inconfundíveis. — A menos que Luís de França tenha mandado a mais alguém grandes quantidades de ouro, isso faz parte do tesouro de Jocasta.

— Não faz, nem nunca fez — Arch me corrigiu com firmeza.

— É mesmo? — Jamie arqueou uma das grossas sobrancelhas para ele. — A quem pertence, então, se não a Jocasta Cameron? Alega que pertence a você? — Não. — Ele hesitou, mas a necessidade de falar foi mais forte. — É propriedade do rei — ele

disse, e sua boca envelhecida fechou-se com força sobre a última palavra.

— O que, o rei da... oh — eu disse, compreendendo finalmente. — Esse rei.

— Le roi, c'est mort — Jamie disse suavemente, como se falasse consigo mesmo, mas Arch virou-se ferozmente para ele.

— A Escócia está morta? Jamie inspirou fundo, mas não falou imediatamente. Em vez disso, gesticulou, indicando-me um lugar para sentar em uma pilha de lenha cortada e fez sinal com a cabeça para Arch para que se sentasse também, antes de ele próprio se sentar ao meu lado.

— A Escócia morrerá quando o último de seus filhos morrer, a charaid — ele disse, e abanou a mão na direção da porta, abrangendo as montanhas e os vales à nossa volta, e todas as pessoas que ali viviam. — Quantos estão aqui? Quantos estarão? A Escócia vive... mas não na Itália. — Em Roma, ele queria dizer, onde Carlos Stuart prolongava com dificuldade o que lhe restara de vida, afogando na bebida seus sonhos frustrados de uma coroa.

Arch estreitou os olhos diante disso, mas manteve um silêncio obstinado.

— Você era o terceiro homem, não era? — Jamie perguntou, sem se alterar. — Quando o ouro da França foi trazido para terra firme. Dougal MacKenzie pegou um terço e Hector Cameron outro terço. Não sei dizer o que Dougal fez com a parte dele. Deu para Carlos Stuart, muito provavelmente, e que Deus tenha piedade de sua alma por isso. Você era um arrendatário de Malcolm Grant; ele o enviou, não foi? Você pegou um terço do ouro como representante dele. Você o entregou a ele? Arch balançou a cabeça, devagar.

— Foi entregue em confiança — ele disse e sua voz falseou. Limpou a garganta e cuspiu, o muco enegrecido. — A mim e depois a Grant, que por sua vez devia tê-lo entregado ao filho do rei.



— Ele entregou? — Jamie perguntou, interessado. — Ou ele achou, como Hector Cameron, que já era tarde demais?

De fato, era; a causa já estava perdida a essa altura. Nenhum ouro teria feito diferença. Os lábios de Arch pressionaram-se com tanta força a ponto de quase se tornarem invisíveis.

— Ele fez o que fez — disse laconicamente. — O que achou que era certo. Esse dinheiro foi gasto no bem-estar do clã. Mas Hector Cameron foi um traidor, e sua mulher também.

— Foi você que falou com Jocasta na tenda dela — eu disse de repente, compreendendo. — Na Assembleia em que você encontrou Jamie. Você tinha ido lá para encontrá-la, não é?

Arch pareceu surpreso por eu ter falado, mas inclinou levemente a cabeça, confirmando. Perguntei-me se ele havia aceitado — buscado? — um lugar com Jamie por causa de seu parentesco com Jocasta.

— E este — toquei o lingote raspado com a ponta do pé — você encontrou na casa de Jocasta, quando foi com Roger e Duncan para trazer para cá o povo de pescadores. — Prova, se é que precisava de alguma, de que Jocasta de fato ainda possuía a parte de Hector do ouro francês.

— O que eu estou me perguntando — Jamie disse, esfregando um dedo pelo cavalete longo e reto do nariz — é como você encontrou o resto do ouro e conseguiu tirá-lo de lá.

Os lábios de Arch enrugaram-se por um instante, depois se abriram relutantemente.

— Não foi nenhuma façanha. Eu vi o sal no túmulo de Hector, o modo que os escravos mantêm os espíritos afastados. Se ele não descansava em paz, não era de admirar, mas em que lugar melhor o ouro estaria, a não ser com ele? — Uma luz de inverno brilhou em seus olhos desbotados. — Eu conhecia um pouco Hector Cameron. Não era homem de abrir mão de nada, só pelo fato de estar morto.

Como capataz, Arch fez frequentes viagens a Cross Creek, para comprar e trocar. Nem sempre ele se hospedava em River Run, mas estivera lá o suficiente para se familiarizar com a propriedade. Se alguém via uma figura perto do mausoléu à noite... bem, todo mundo sabia que o fantasma de Hector Cameron "caminhava", confinado a um lugar apenas pelas linhas de sal; ninguém jamais chegaria perto para investigar. E assim ele havia simplesmente retirado uma barra de ouro a cada viagem — e não em todas as viagens — finalmente removendo todo o tesouro, antes que Duncan Innes desse pela falta do ouro.

— Eu não devia ter ficado com aquele primeiro lingote, eu sei disso — ele disse, balançando a cabeça melancolicamente. — No começo, entretanto, eu achei que poderíamos precisar, Murdina e eu. E então, quando ela foi obrigada a matar aquele Brown...

A cabeça de Jamie levantou-se abruptamente e nós dois olhamos fixamente para ele. Arch tossiu.

— A maldita criatura melhorou o suficiente para ficar vasculhando a cabana quando ela não estava; ele encontrou isso — balançou a cabeça indicando o lingote — em seu cesto de costura, onde ela o escondera. Ele não podia saber, é claro, o que era, mas sabia muito bem que gente pobre como nós não devia ter algo assim. — Seus lábios finos pressionaram-se com força outra vez e eu me lembrei de que ele fora o principal administrador de Grant, do clã Grant... um homem de valor. No passado.

— Ele perguntou sobre isso e ela não lhe disse nada, é claro. Depois, quando ele conseguiu se arrastar até sua casa, ela teve medo de que ele fosse contar o que vira. E assim ela deu um fim nele.

Foi dito calmamente; afinal, o que mais ela poderia ter feito? Não pela primeira vez, eu me perguntei que outras coisas os Bug teriam feito — ou sido forçados a fazer — nos anos pós-Culloden.

— Bem, você ao menos manteve o ouro fora das mãos do rei Jorge — Jamie disse, um certo tom de frieza na voz. Achei que ele estivesse pensando na batalha da ponte de Moore's Creek. Se Hugh MacDonald tivesse tido esse ouro, com o qual comprar armas e pólvora, a vitória não teria sido tão fácil. Nem os escoceses das Highlands teriam sido massacrados — novamente — atacando de espada em punho contra a boca de canhões.

— Arch — eu disse, quando o silêncio ameaçava se tornar opressivo —, o que, exatamente, você planejava fazer com ele? Ele pestanejou e abaixou os olhos para o lingote.

— No começo, eu... eu pretendia apenas ver se era verdade o que eu ouvira dizer: que Hector Cameron levara sua parte do ouro com ele, usou-o para si próprio. Então, encontrei Hector morto, mas ficou claro pela maneira como sua mulher vivia que ele realmente tinha se apoderado do ouro. Então, eu me perguntei: teria sobrado algum? Uma de suas mãos ergueu-se lentamente, massageando sua garganta dolorida.

— Para lhe dizer a verdade, madame... o que eu queria era principalmente tirá-lo de Jocasta Cameron. Mas, tendo feito isso...

— Sua voz definiu, mas em seguida ele se sacudiu.

— Sou um homem de palavra, Seaumais mac Brian. Fiz um juramento ao meu senhor e o mantive até ele morrer. Fiz um juramento ao rei do outro lado do oceano — James Stuart, ele queria dizer —, mas agora ele também está morto. E depois... jurei lealdade ao rei Jorge da Inglaterra quando vim para esta terra. Então, me diga, a quem devo minha lealdade agora?

— Você também fez um juramento a mim, Archibald mac Donagh — Jamie disse.

Arch sorriu diante disso, uma expressão irônica, mas ainda assim um sorriso.

— É por causa desse juramento que você ainda está vivo, Seaumais mac Brian — ele disse. — Eu podia tê-lo matado ontem à

noite durante seu sono e já estar longe agora.

A boca de Jamie torceu-se em uma expressão que denotava uma dúvida considerável quanto a essa declaração, mas absteve-se de contradizer.

— Você está livre do seu juramento a mim — ele disse formalmente em gaélico. — Tire sua vida das minhas mãos. — E inclinando a cabeça na direção da barra de ouro, disse: — Pegue isso... e vá embora.

Arch fitou-o por um instante, sem pestanejar. Em seguida, abaixou-se, pegou a barra de ouro e foi embora.

— Você não perguntou a ele onde o ouro está agora — observei, vendo o homem velho e alto dar a volta na cabana para ir acordar sua mulher.

— Acha que ele teria me dito? — Levantou-se, então, e se espreguiçou. Em seguida, sacudiu-se como um cão molhado e postou-se no vão da porta da despensa, os braços firmados nos batentes, olhando para fora. Começara a nevar outra vez.

— Vejo que não são somente os Fraser que são teimosos como rochas — eu disse, indo ficar ao seu lado. — A Escócia está viva, sem dúvida. — Isso o fez rir.

Passou um dos braços ao meu redor e eu recostei a cabeça em seu ombro.

— Seus cabelos estão cheirando a fumaça, Sassenach — ele disse brandamente.

— Tudo está cheirando a fumaça — respondi também brandamente.

As ruínas carbonizadas da casa ainda estavam quentes demais para a neve se acumular sobre elas, mas isso passaria. Se continuasse a nevar, amanhã a casa teria desaparecido, branca como as pedras e as árvores. Nós também — por fim.

Pensei em Jocasta e Duncan, retirados para a segurança do Canadá, para o aconchego de parentes. Para onde os Bug iriam?

Voltar para a Escócia? Por um instante, eu também desejei voltar. Ir para longe da perda e da desolação. Para casa.

Mas, então, me lembrei.

— "Desde que cem de nós permaneçam vivos..." — citei.

Jamie inclinou a cabeça contra a minha por um instante, depois a levantou e virou-se para olhar para mim.

— E quando você vai para a cabeceira de um homem doente, Sassenach, um ferimento ou um parto, como é, então, que você pode se levantar de sua própria cama, mesmo que esteja morta de cansaço, e sair na escuridão, sozinha? Por que será que você não se demora, não diz não, nunca? Por que será que você não se abstém, mesmo quando sabe que o caso é perdido? — Não consigo. — Mantive o olhar fixo nas ruínas da casa, as cinzas esfriando diante dos meus olhos. Eu sabia o que isso significava, a indesejável verdade que ele me forçaria a falar, mas a verdade estava entre nós, e devia ser dita. — Não posso... não consigo... admitir... que haja qualquer outra hipótese que não seja vencer.

Ele segurou meu queixo e inclinou meu rosto para cima, de modo que eu fosse obrigada a olhá-lo nos olhos. Seu próprio rosto mostrava sinais de cansaço, as rugas profundas junto aos olhos e à boca, mas os olhos em si estavam límpidos, calmos e insondáveis como as águas de uma fonte oculta.

— Eu também não — ele disse.

— Eu sei.

— Você pode ao menos me prometer a vitória — ele disse, mas sua voz trazia o murmúrio de uma dúvida.

— Sim — eu disse, e toquei em seu rosto. Minha voz soava embargada e minha visão era turva. — Sim, eu posso lhe prometer isso.

Desta vez. — Nenhuma menção feita ao que essa promessa não abrangia, ao que eu não podia garantir. Não a vida, não a

segurança. Não o lar, nem família; nem lei, nem legado. Apenas uma única coisa — ou talvez duas.

— A vitória — eu disse. — E que eu estarei com você até o fim.

Ele fechou os olhos por um instante. Flocos de neve precipitavam-se com força, derretendo-se quando batiam no rosto, grudando-se por um instante, brancos, nas pestanas. Então, ele abriu os olhos e olhou para mim.

— Basta isso — ele disse suavemente. — Não peço mais nada.

Tomou-me em seus braços, segurou-me com força por um instante, o sopro de neve e cinzas frio à nossa volta. Então, ele me beijou, me soltou e eu inspirei profundamente o ar frio, pungente com o cheiro de queimado.

Limpei uma mancha de fuligem do meu braço.

— Bem... ótimo. Excelente. O que sugere que a gente faça agora? Ele ficou parado, olhando as ruínas carbonizadas, os olhos apertados, depois ergueu os ombros e os deixou cair novamente.

— Eu acho — ele disse devagar — que deveríamos ir... — Parou repentinamente, franzindo o cenho. — O que em nome de Deus...? Algo se movia ao lado da casa. Pestanejei para me livrar dos flocos de neve, ficando na ponta dos pés para ver melhor.

— Oh, não pode ser! — eu disse, mas era. Com um tremendo levantamento de neve, terra e madeira carbonizada, a porca branca abriu caminho para a luz do dia. Uma vez completamente do lado de fora, sacudiu as espáduas maciças, o focinho rosado torcendo-se com irritação, e começou a andar com determinação na direção da floresta. Um instante depois, uma versão menor também emergiu... depois outra e mais outra...

e oito porquinhos, alguns brancos, alguns malhados e um tão preto quanto as madeiras da casa, saíram andando em fila, seguindo a mãe.

— A Escócia vive — eu disse outra vez, rindo incontrolavelmente. — Hã... para onde você disse que iríamos? — Para a Escócia — ele disse, como se fosse óbvio. — Vou procurar minha gráfica.

Ele ainda olhava para a casa, mas seus olhos estavam fixos em algum lugar além das cinzas, muito além do presente momento. Uma coruja piou no meio da floresta, despertada de seu sono. Ele permaneceu em silêncio por um instante, depois se livrou de seus devaneios e sorriu para mim, a neve derretendo em seus cabelos.

— Depois então — ele disse simplesmente — voltaremos para lutar.

Tomou minha mão e começou a afastar-se da casa na direção do estábulo, onde os cavalos esperavam pacientemente no frio.

# EPÍLOGO



*LAUYBROCH*

O facho da pequena lanterna movia-se devagar pelas grossas vigas de carvalho, parou em um buraco suspeito e continuou. O homem corpulento tinha a testa franzida de escrupulosa concentração, os lábios franzidos como alguém esperando uma desagradável surpresa a qualquer momento.

Brianna permanecia ao lado dele, olhando os recessos escuros do teto do vestíbulo com uma expressão semelhante de concentração. Ela não reconheceria cupins ou brocas a menos que uma viga de fato caísse sobre ela, pensou, mas parecia educado se comportar como se estivesse prestando atenção.

Na realidade, sua atenção estava apenas parcialmente focalizada nos comentários sussurrados do homem corpulento à sua auxiliar, uma jovem miúda, em um macacão grande demais para ela, com mechas cor-de-rosa nos cabelos. A outra metade estava concentrada nos barulhos que vinham de cima, onde as crianças estavam teoricamente brincando de esconde-esconde entre a confusão de caixas de embalagem. Fiona trouxera sua prole de três diabinhos e em seguida, astuciosamente, os abandonara, saindo às pressas para resolver alguma coisa, prometendo retornar na hora do chá.

Brianna olhou para seu relógio, ainda surpresa em vê-lo ali. Ainda faltava meia hora. Se pudessem evitar derramamento de



sangue até...

Um grito lancinante vindo de cima e ela fez uma careta. A ajudante, menos preparada, deixou cair sua prancheta de anotações com um gritinho.

— MAMÃE! — Jem, em tom de queixa.

— O QUE FOI? — ela rugiu em resposta. — Estou OCUPADA!

— Mas mamãe! Mandy me bateul — veio o relato indignado do alto da escada. Erguendo os olhos, ela podia ver a parte de cima de sua cabeça, a luz da janela brilhando em seus cabelos.

— É mesmo? Bem...

— Com uma varinha!

— Que tipo de...

— De propósito.

— Bem, não acho...

— E... — uma pausa antes do desfecho incriminador — ELA NÃO PEDIU DESCULPAS!

O construtor e sua ajudante desistiram de procurar larvas de caruncho para acompanhar a emocionante narrativa, e agora ambos olhavam para Brianna, sem dúvida esperando algum decreto salomônico.

Brianna fechou os olhos por um instante.

— MANDY — ela berrou. — Peça desculpas!

— Não! — veio uma recusa estridente de cima.

— Sim, tem que pedir! — veio a voz de Jem, seguida de ruídos de luta.

Brianna dirigiu-se às escadas, com um olhar assassino. Assim que botou o pé no degrau, Jem emitiu um grito agudo.

— Ela me MORDEU! — Jeremiah MacKenzie, nem pense em devolver a mordida! — gritou. — Vocês dois, parem com isso agora mesmo! Jem enfiou uma cabeça desgrenhada pelo corrimão, os cabelos arrepiados. Usava uma brilhante sombra azul nos olhos e

alguém aplicara batom cor-de-rosa em uma forma tosca de boca de uma orelha à outra.

— Ela é uma pestinha — ele informou furiosamente aos fascinados espectadores embaixo. — Meu avô disse.

Brianna não sabia se ria, chorava ou soltava um berro, mas com um gesto apressado da mão para o construtor e sua assistente, subiu correndo as escadas para resolver a briga.

Foi preciso mais tempo do que ela esperava, já que descobriu no processo que as três meninas de Fiona, tão comportadas durante a última altercação, estavam tão quietas porque — tendo pintado Jem, Mandy e a si mesmas — estavam ocupadas em desenhar caras nas paredes do banheiro com a nova maquilagem de Brianna.

Descendo quinze minutos depois, descobriu que o construtor estava pacientemente sentado em um balde para carvão virado para baixo, fazendo um intervalo para tomar seu chá, enquanto a ajudante vagava boquiaberta pelo vestíbulo, um pãozinho pela metade em uma das mãos.

— Todas essas crianças são suas? — ela perguntou a Brianna, arqueando uma sobrancelha enfeitada com um piercing.

— Não, graças a Deus. Tudo parece bem aqui embaixo? — Um pouco de infiltração — o construtor disse alegremente. — Mas é de se esperar, sendo um lugar antigo como é. Quando foi construído, garota, você sabe?

— Em 1721, pateta — a ajudante disse, com visível menosprezo. — Você não viu isso esculpido no lintel, lá, quando entramos?

— Não, é mesmo? — O construtor pareceu interessado, mas não o suficiente para se levantar e ir olhar por si mesmo. — Vai custar uma fortuna para reformar, não é? — Indicou a parede com a cabeça, onde um dos painéis de carvalho mostrava os danos de

botas e sabres, com cortes em cruz, escurecidos pelo tempo, mas ainda perfeitamente visíveis.

— Não, não vamos consertar isso — Brianna disse, um nó na garganta. — Isso foi feito logo depois de 1745. Vai ficar do jeito que está. Nós o mantemos assim, seu tio lhe dissera, para sempre nos lembrarmos o que são os ingleses.

— Oh, tem valor histórico, não? Tem razão, então — o construtor disse, balançando a cabeça sabiamente. — Os americanos nem sempre se importam muito com o passado, não é? Querem tudo moderno, fogões elétricos, malditas bugigangas automáticas. Aquecimento central! — Vou me contentar com privadas e descargas — ela lhe garantiu. — Isso e água quente. Por falar nisso, poderia dar uma olhada na caldeira? Fica em um barracão no quintal e tem cinquenta anos. E vamos querer substituir o aquecedor do banheiro de cima também.

— Oh, sim. — O construtor limpou os farelos de sua camisa, fechou sua garrafa térmica e levantou-se pesadamente de seu assento. — Vamos, Angie, vamos dar uma olhada, então.

Brianna ficou rondando desconfiadamente ao pé da escada, tentando ouvir algum sinal de rebelião antes de segui-los, mas tudo parecia bem no andar de cima; podia ouvir o barulho de blocos de madeira, evidentemente sendo atirados contra as paredes, mas nenhum grito de indignação.

Virou-se para prosseguir, bem a tempo de ver o construtor, que parara para olhar o lintel.

— O Levante de 45, hein? Já pensou o que teria sido? — ele dizia. — Se Carlos tivesse vencido, quero dizer.

— Oh, nem em sonhos, Stan! Ele nunca teve chance, o maldito cafetão italiano.

— Não, não, ele teria conseguido, claro, se não fosse pelos malditos Campbell. Traidores, hein? De um homem. E de uma mulher também, imagino — acrescentou, rindo, de onde Brianna

deduziu que o sobrenome da ajudante era provavelmente Campbell.

Dirigiram-se ao barracão, a discussão cada vez mais acalorada, mas ela parou, não querendo ir atrás deles até que ela própria tivesse se controlado.

Oh, Senhor, rezou apaixonadamente, oh, Senhor, que eles possam estar sãos e salvos! Por favor, por favor, fazei com que estejam em segurança! Não importa o quanto fosse ridículo rezar pela segurança de pessoas que estavam — tinham que estar — mortas havia mais de duzentos anos. Era a única coisa que podia fazer e o fazia várias vezes por dia, sempre que pensava neles. Muito mais frequentemente agora que tinham vindo para Lallybroch.

Ela pestanejou para conter as lágrimas e viu o Mini Cooper de Roger descendo o sinuoso caminho de entrada da casa. O banco de trás estava abarrotado de caixas; ele estava finalmente tirando os últimos remanescentes do entulho da garagem do reverendo, salvando os objetos que pudessem ter valor para alguém — uma porcentagem impressionantemente alta da totalidade de objetos.

— Bem a tempo — ela disse, um pouco abalada, conforme ele subia a calçada sorrindo, uma grande caixa embaixo do braço. Ela ainda se admirava com seu cabelo curto. — Mais dez minutos e eu certamente mataria alguém. Provavelmente Fiona, para começar.

— Oh, é mesmo? — Inclinou-se e beijou-a com especial entusiasmo, indicando que ele provavelmente não ouvira o que ela dissera. — Tenho uma coisa aqui comigo.

— Estou vendo. O que...

— Não faço a menor ideia.

A caixa que ele colocou sobre a antiga mesa de jantar também era de madeira; uma peça de bom tamanho feita de bordo, escurecida pelos anos, fuligem e manipulação, mas com a beleza do trabalho feito à mão ainda visível para seu olho treinado. Era linda

e primorosa, os encaixes perfeitos, com uma tampa de correr — mas a tampa não corria mais, tendo sido em algum momento selada com um espesso cordão do que parecia ser cera de abelha derretida, enegrecida pelo tempo.

O mais impressionante, entretanto, era a tampa. Gravado na madeira, via-se um nome: Jeremiah Alexander Ian Fraser MacKenzie.

Sentiu um aperto na barriga ao vê-lo e ergueu os olhos para Roger, que estava tenso com alguma emoção reprimida; podia senti-la vibrando pelo seu corpo.

— O quê? — sussurrou. — Quem é esse? Roger sacudiu a cabeça e retirou um envelope muito sujo do bolso.

— Estava com isto, pregado na lateral. É a caligrafia do reverendo, uma das pequenas anotações que ele às vezes colocava junto com alguma coisa para explicar seu significado, por precaução. Mas não sei dizer se isso é exatamente uma explicação.

A nota era breve, meramente declarando que a caixa viera de um banco extinto de Edimburgo. Havia instruções guardadas com a caixa, declarando que não deveria ser aberta, a não ser pela pessoa cujo nome estava inscrito na tampa. As instruções originais haviam desaparecido, mas foram passadas verbalmente pela pessoa de quem ele obteve a caixa.

— E quem era essa pessoa? — ela perguntou.

— Sei lá. Tem uma faca? — Se eu tenho uma faca — ela murmurou, enfiando a mão no bolso de suas calças jeans. — E alguma vez eu não tenho uma faca? — Foi uma pergunta retórica — ele disse, beijando sua mão e pegando o brilhante canivete vermelho do exército suíço que ela lhe ofereceu.

A cera de abelha estalou e quebrou-se facilmente; a tampa da caixa, no entanto, estava emperrada depois de tantos anos. Foi preciso o esforço de ambos — um segurando a caixa, o outro

puxando a tampa — mas finalmente ela se soltou com um pequeno rangido.

O fantasma de um perfume flutuou para fora; algo indiscernível, mas originário de alguma planta.

— Mamãe — ela disse involuntariamente. Roger olhou para ela, perplexo, mas ela gesticulou para ele com urgência para que continuasse.

Ele enfiou a mão cuidadosamente dentro da caixa e retirou seu conteúdo: uma pilha de cartas, dobradas e seladas com cera, dois livros — e uma pequena cobra de cerejeira, muito polida pela long» manipulação.

Ela emitiu um som baixo e inarticulado, e agarrou a carta de cima, pressionando-a com tanta força contra o peito que o papel estalou e o selo de cera quebrou e caiu. O papel grosso, macio, cujas fibras exibiam as manchas fracas do que um dia haviam sido flores.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto, e Roger dizia alguma coisa, mas ela não ouvia as palavras e as crianças estavam fazendo um tumulto no andar de cima, os construtores ainda discutiam do lado de fora e a única coisa no mundo que ela conseguia ver eram as palavras desbotadas na folha, escritas em uma caligrafia difícil, esparramada.



*31 de dezembro de 1776*

*Minha querida filha,*

*Como pode ver, se algum dia receber esta carta, estamos vivos...*



# EPÍLOGO II



## *O DIABO ESTÁ NOS DETALHES*

O que é isso, então? — Amos Crupp estreitou os olhos para a página estendida na prensa, lendo-a de trás para frente, com a facilidade de uma longa experiência. — "É com pesar que recebemos a notícia das mortes por incêndio..." De onde veio isso?

— Uma nota de um assinante — disse Sampson, ou diabo, como eram chamados os aprendizes de tipógrafo, encolhendo os ombros enquanto passava tinta na chapa. — Boa para preencher um espaço em branco ali, eu pensei, pois o discurso do general Washington para as tropas não preencheu toda a página.

— Hum. Imagino. Mas são notícias muito velhas — Crupp disse, olhando a data. — Janeiro?

— Bem, não — o diabo admitiu, pressionando a alavanca que abaixava a página para a chapa de tipos com tinta. A prensa subiu outra vez, as letras úmidas e negras sobre o papel, e ele pegou a folha agilmente com as pontas dos dedos, pendurando-a para secar. — Foi em dezembro, pela nota. Mas eu havia montado a página em Baskerville, corpo 12, e as linhas-blocos para novembro e dezembro estão faltando nessa fonte. Não havia espaço para fazer em letras separadas e não valia a pena o trabalho de remontar toda a página.

— Sem dúvida — Amos disse, perdendo interesse no assunto, enquanto lia atentamente os últimos parágrafos do

discurso de Washington. — Não faz diferença, de qualquer modo.  
Afinal, estão todos mortos, não estão?

**FIM**

